GEORGE R.R.
MARTIN
A FÚRIA DOS REIS
AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO DOIS
LeYa

SHOUT
SHARE
IT

- George R. R. Martin
  - Prólogo
  - Arya
  - Sansa
  - Tyrion
  - Bran
  - Arya
  - Jon
  - Catelyn
  - Tyrion
  - Arya
  - Davos
  - Theon
  - Jon
  - Arya
  - Tyrion
  - Bran
  - Tyrion
  - Sansa
  - Arya
  - Tyrion
  - Bran
  - Catelyn
  - Jon
  - Theon
  - Tyrion
  - Arya
  - Daenerys
  - Bran
  - Tyrion
  - Arya
  - Catelyn
  - Sansa
  - Catelyn
  - Jon
  - Bran
  - Tyrion
  - Theon
  - Arya
  - Catelyn
  - Daenerys
  - Tyrion
  - Davos

- Jon
- Tyrion
- Catelyn
- Bran
- Arya
- Daenerys
- Tyrion
- Theon
- Jon
- Sansa
- Jon
- Tyrion
- Catelyn
- Theon
- Sansa
- Davos
- Tyrion
- Sansa
- Tyrion
- Sansa
- Daenerys
- Arya
- Sansa
- Theon
- Tyrion
- Jon
- Bran
- Apêndice
  - Os reis e suas cortes
    - O Rei no Trono de Ferro
    - O Rei no Mar Estreito
    - O Rei em Jardim de Cima
    - O Rei no Norte
    - A Rainha no Outro Lado do Mar
  - Outras Casas, grandes e pequenas
    - Casa Arryn
    - Casa Florent
    - Casa Frey
    - Casa Greyjoy
    - Casa Lannister
    - Casa Martell
    - Casa Tyrell
  - Os Homens da Patrulha da Noite
- Agradecimentos

George R. R. Martin
A Fúria dos Reis

Prólogo

A cauda do cometa espraiava-se pela madrugada, um corte vermelho que sangrava por cima dos penhascos da Pedra do Dragão como uma ferida num céu cor-de-rosa e púrpura.

O meistre estava em pé, na varanda varrida pelo vento, do lado de fora dos seus aposentos. Era ali que chegavam os corvos, depois de longos voos. Os excrementos das aves salpicavam as gárgulas, que se erguiam a uma altura de três metros e meio, de ambos os lados; um mastim do inferno e uma serpe,1 dois dos mil exemplares que se empoleiravam nas muralhas da antiga fortaleza. Quando chegara à Pedra do Dragão, o exército de grotescas esculturas de pedra costumava deixá-lo incomodado, mas, com a passagem dos anos, foi se acostumando. Agora, pensava nelas como em velhas amigas. Os três observaram juntos o céu, tomados por pressentimentos.

O meistre não acreditava em presságios. E, no entanto… Apesar de ser tão velho, Cressen nunca vira um cometa com metade do brilho daquele, nem daquela cor, aquela cor terrível, do sangue, da chama e dos crepúsculos. Perguntou a si mesmo se suas gárgulas já teriam visto algo parecido. Já estavam ali muito tempo antes de ele chegar, e ainda lá permaneceriam muito depois de ele partir. Se línguas de pedra falassem…

Que tolice. Encostou-se nas ameias, com o mar batendo lá embaixo e a pedra negra áspera sob os seus dedos. Gárgulas falantes e profecias no céu. *Sou um velho acabado que se tornou de novo leviano como uma criança*. Teria a sabedoria duramente conquistada ao longo de uma vida inteira fugido com a saúde e a força? Era um meistre, treinado e acorrentado na grande Cidadela de Vilavelha. A que ponto chegara, se a superstição lhe enchia a cabeça como se fosse um camponês ignorante?

E no entanto… No entanto… Agora, o cometa brilhava até durante o dia, enquanto o vapor cinza-claro se erguia da cratera quente do Monte Dragão, atrás do castelo. E na manhã anterior, um corvo branco tinha trazido notícias da própria Cidadela, há muito esperadas, mas não menos temíveis por isso, notícias do fim do verão. Tudo presságios. Demasiados para ser negados. *Que significa tudo isso?*, ele quis gritar.

– Meistre Cressen, temos visitantes – Pylos falou suavemente, como se estivesse relutante em perturbar as meditações solenes de Cressen. Se soubesse dos disparates que lhe enchiam a cabeça, teria gritado. – A princesa deseja ver o corvo branco.

Sempre correto, Pylos a chamava agora *princesa*, visto que o senhor seu pai era um rei. Rei de um rochedo fumegante no grande

mar salgado, mas ainda assim rei.

– O bobo veio junto.

O velho virou as costas à alvorada, mantendo uma mão pousada sobre a serpe a fim de se equilibrar.

– Ajude-me a chegar até a cadeira e mande-os entrar.

Tomando seu braço, Pylos o levou para dentro. Na juventude, Cressen caminhara com vigor, mas agora não estava longe do octogésimo dia do seu nome, e tinha as pernas frágeis e instáveis. Há dois anos um tombo lhe causara fratura de um lado da bacia, da qual nunca chegou a ficar curado totalmente. No ano anterior, quando tinha adoecido, a Cidadela enviara Pylos de Vilavelha, apenas dias antes de Lorde Stannis ter fechado a ilha… para ajudá-lo nas suas tarefas, tinham dito, mas Cressen sabia a verdade. Pylos viera para substituí-lo quando morresse. Não se importava. Alguém teria de ocupar seu lugar, e em menos tempo do que teria gostado…

Deixou que o homem mais novo o acomodasse atrás dos seus livros e papéis.

– Vá buscá-la. É feio deixar uma senhora esperando.

O meistre acenou, um frágil gesto de pressa de um homem que já não era capaz de se apressar. Tinha a pele enrugada e manchada, tão fina como papel, de modo que se podia ver a teia de veias e a forma dos ossos por baixo. E agora tremiam, aquelas suas mãos que tempos atrás tinham sido tão seguras e hábeis…

Quando Pylos voltou, a garota veio com ele, tímida como sempre. Atrás dela, arrastando os pés e saltitando daquele seu estranho jeito torto, veio o bobo. Trazia na cabeça uma imitação de elmo, feito de um velho balde de estanho, com um par de chifres de veado atado ao topo e decorado com guizos que a cada passo deslizante soavam, cada um num tom diferente, *clang-a-dang*, *bong-dong*, *ring-a-ling*, *clong-clong-clong*.

– Quem vem nos visitar tão cedo, Pylos? – Cressen perguntou.

– Sou eu e o Malhas, Meistre.

Olhos azuis sinceros piscaram na sua direção. Infelizmente, o rosto dela não era belo. A menina possuía o queixo quadrado e projetado do senhor seu pai e as infelizes orelhas da mãe, bem como uma deformação só sua, o legado do ataque de um escamagris, um tipo de crocodilo, que quase a matara quando bebê. Da metade inferior de uma bochecha até bem abaixo no pescoço, tinha a carne rígida e morta, com a pele rachada e escamando, manchada de negro e cinza, lembrando pedra ao toque.

– Pylos disse que podíamos ver o corvo branco.

– Realmente podem – respondeu Cressen. Como se alguma vez pudesse lhe negar algo. A menina tinha enfrentado negativas demais na vida. Chamava-se Shireen. Faria dez anos no próximo dia do seu

nome, e era a criança mais triste que Meistre Cressen conhecera. *Sua tristeza é a minha vergonha*, pensou o velho, *outro sinal do meu fracasso*. – Meistre Pylos, faça-me a gentileza de trazer a ave do viveiro para mostrar à Senhora Shireen.

– Será um prazer.

Pylos era um jovem educado, com não mais de vinte e cinco anos, mas era solene como um homem de sessenta. Se ao menos houvesse nele mais humor, mais *vida*; era isso que fazia falta ali. Os lugares sombrios precisavam de vivacidade, não de solenidade, e Pedra do Dragão era indubitavelmente um lugar sombrio, uma cidadela solitária no deserto de água, rodeada por tempestades e sal, com a sombra fumegante da montanha às suas costas. Um meistre tinha de ir para onde era enviado, e Cressen acompanhara seu senhor havia cerca de doze anos, e bem lhe servira. Mas nunca tinha amado Pedra do Dragão, nem se sentia verdadeiramente em casa ali. Nos últimos tempos, quando acordava de sonhos inquietos, nos quais a mulher vermelha tinha uma participação perturbadora, era frequente não saber onde estava.

O bobo virou sua cabeça manchada e malhada para observar Pylos subindo os íngremes degraus de ferro que levavam ao viveiro. Seus guizos soaram com o movimento.

– Debaixo do mar, as aves têm escamas em lugar de penas – ele disse, clangorejando. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Mesmo para um bobo, o Cara-Malhada era digno de pena. Talvez em outros tempos tivesse sido capaz de arrancar gargalhadas com uma frase de efeito, mas o mar lhe tinha roubado esse poder, juntamente com metade da imaginação e toda a memória. Mole e obeso, vítima de convulsões e tremores, era mais comum mostrar-se incoerente do que o contrário. A garota era a única que agora ria dele, a única que se importava com ele estar vivo ou morto.

Uma menininha feia e um bobo triste, e com o meistre faz três… eis uma história boa para fazer os homens chorar.

– Sente-se comigo, filha – Cressen fez-lhe sinal para se aproximar. – É cedo para vir me visitar, o dia mal amanheceu. Você deveria estar aconchegada na cama.

– Tive pesadelos – Shireen respondeu. – Com os dragões. Vinham me comer.

Cressen se lembrava de a criança sofrer com pesadelos desde muito pequena.

– Já conversamos sobre isso – ele disse com gentileza. – Os dragões não podem ganhar vida. São feitos de pedra, filha. Antigamente, nossa ilha era o posto avançado mais ocidental da grande Cidade Franca de Valíria. Foram os valirianos que ergueram esta cidadela, e eles tinham maneiras de esculpir a pedra que desde

então se perderam. Um castelo tem de ter torres sempre que duas muralhas se encontrem num ângulo, para defendê-las. Os valirianos deram forma de dragões a estas torres para fazer com que sua fortaleza parecesse mais temível, tal como coroaram as muralhas com mil gárgulas, em vez de simples ameias.

O meistre tomou a pequena mão cor-de-rosa da menina na sua, manchada e frágil, e deu um apertão suave.

– Viu só? Não há nada a temer.

Shireen não estava convencida.

– Mas... E a coisa no céu? Dalla e Matrice estavam conversando perto do poço, e Dalla disse que ouviu a mulher vermelha dizer à mãe que aquilo é respiração de dragão. Se os dragões estão respirando, não quer dizer que estão ganhando vida?

A mulher vermelha, pensou amargamente Meistre Cressen. *Já é ruim o bastante que tenha enchido a cabeça da mãe com as suas loucuras, terá de envenenar também os sonhos da filha?* Teria uma conversa severa com Dalla, para que não ficasse espalhando essas histórias.

– A coisa no céu é um cometa, minha doce menina. Uma estrela com uma cauda, perdida nos céus. Desaparecerá em breve, para não voltar a ser vista enquanto estivermos vivos. Espere e verá.

Shireen fez um pequeno, mas corajoso aceno com a cabeça.

– A mãe diz que o corvo branco quer dizer que já não é verão.

– É verdade, senhora. Os corvos brancos só voam da Cidadela.

Os dedos de Cressen alcançaram a corrente que rodeava seu pescoço; cada um de seus elos havia sido forjado com um metal diferente, cada um simbolizando o seu domínio de mais um ramo do conhecimento; o colar de meistre, a marca da sua ordem. No orgulho da juventude, usara-o com facilidade, mas agora parecia-lhe pesado, e o metal era frio no contato com sua pele.

– São maiores do que os outros corvos, mais inteligentes, e criados apenas para transportar as mensagens mais importantes. Este veio nos dizer que o Conclave se reuniu, avaliou os relatórios e as medições feitas pelos meistres de todo o reino e declarou que este longo verão finalmente terminou. Durou dez anos, duas rotações e dezesseis dias, o mais longo verão já registrado.

– Agora vai ficar frio?

Shireen era uma criança do verão, e nunca tinha experimentado o verdadeiro frio.

– A seu tempo – Cressen respondeu. – Se os deuses forem bondosos, oferecerão um Outono quente e colheitas abundantes para que possamos nos preparar para o inverno que virá depois – o povo dizia que um verão longo significava um inverno ainda mais longo, mas o meistre não tinha por que assustar a criança com histórias como essa.

Cara-Malhada fez soar seus guizos.

– É *sempre* verão debaixo do mar – entoou. – As sereias casadas usam enfeites no cabelo e cosem vestidos de algas prateadas. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Shireen soltou um risinho.

– Eu gostaria de ter um vestido de algas prateadas.

– Debaixo do mar, neva para cima – disse o bobo –, e a chuva é seca como um osso. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

– Vai mesmo nevar? – ela perguntou.

– Vai – Cressen confirmou. *Mas espero que ainda demore anos, e que não neve por muito tempo*. – Ah, ali vem Pylos com a ave.

Shireen soltou um grito de alegria. Até Cressen tinha de admitir que a ave era impressionante, branca como a neve e maior do que qualquer falcão, com os brilhantes olhos negros que significavam não se tratar de uma ave albina, mas sim de um corvo branco puro-sangue da Cidadela.

– Aqui – chamou o meistre. O corvo abriu as asas, deu um salto e bateu-as ruidosamente pela sala até pousar na mesa ao lado dele.

– Vou agora tratar do seu café da manhã – Pylos anunciou, e Cressen anuiu com a cabeça.

– Esta é a Senhora Shireen – disse ao corvo. A ave balançou a cabeça para cima e para baixo, como se a estivesse reverenciando. *"Senhora"*, crocitou. *"Senhora."*

A criança ficou de queixo caído.

– Ele *fala*!

– Algumas palavras. Como eu disse, estas aves são espertas.

– Ave esperta, homem esperto, bobo esperto, esperto – cantarolou Cara-Malhada com uma voz desagradável. – Oh, bobo esperto, esperto, esperto – e começou a cantar: – *As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor* – cantou, saltitando de um pé para outro. – *As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor*.

Inclinava a cabeça a cada palavra, fazendo ressoar os guizos presos aos chifres.

O corvo branco soltou um grito e voou para longe, indo empoleirar-se no corrimão de ferro das escadas do viveiro. Shireen pareceu encolher-se.

– Ele canta isso o tempo todo. Disse-lhe para parar, mas ele não para. Ele me assusta. Faça-o parar.

E como faço isso?, perguntou-se o velho. *Em outros tempos poderia tê-lo silenciado para sempre, mas agora…*

Cara-Malhada chegara até eles ainda jovem. Lorde Steffon, de boa lembrança, encontrara-o em Volantis, do outro lado do mar estreito. O rei, o antigo rei, Aerys II Targaryen, que não era tão louco assim naqueles tempos, enviara sua senhoria em busca de uma noiva para o

Príncipe Rhaegar, que não tinha irmãs com quem casar. “Encontramos o mais magnífico dos bobos”, escrevera a Cressen, uma quinzena antes da hora de regressar da infrutífera missão. “É ainda jovem, mas ágil como um macaco, e espirituoso como uma dúzia de cortesãos. Sabe malabarismo, adivinhas e magia, e é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas. Compramos a sua liberdade e esperamos trazê-lo conosco para casa. Robert vai adorá-lo; com o tempo, o bobo talvez até consiga ensinar Stannis a rir.”

Recordar aquela carta enchia Cressen de tristeza. Ninguém conseguira ensinar Stannis a rir, muito menos o jovem Cara-Malhada. A tempestade chegara de repente, uivando, e a Baía dos Naufrágios provara a verdade do seu nome. A galé de dois mastros do senhor, *Orgulho do Vento*, quebrara-se à vista do castelo. Das varandas, os dois filhos mais velhos tinham observado o navio do pai ser esmagado de encontro aos rochedos e engolido pelas águas. Uma centena de remadores e marinheiros afundaram com Lorde Steffon Baratheon e a senhora sua esposa, e ao longo de vários dias cada maré deixava uma nova colheita de cadáveres inchados na costa de Ponta Tempestade.

O rapaz chegara à costa no terceiro dia. Meistre Cressen tinha descido com os outros, a fim de ajudar a reconhecer os mortos. Quando encontraram o bobo, estava nu, com a pele branca, enrugada e cheia de areia molhada. Cressen julgou que se tratava de mais um cadáver, mas, quando Jommy o agarrou pelos tornozelos a fim de arrastá-lo para o carro fúnebre, o rapaz tossiu água e se sentou. Até o dia da sua morte, Jommy jurou que a pele de Cara-Malhada estava fria e pegajosa.

Ninguém jamais conseguiu explicar aqueles dois dias que o bobo passou perdido no mar. Os pescadores gostavam de dizer que uma sereia havia lhe ensinado a respirar água em troca de seu sêmen. O próprio Cara-Malhada nada disse. O jovem espirituoso e inteligente nunca chegou a Ponta Tempestade; o rapaz que encontraram era outra pessoa, quebrado de corpo e de mente, quase incapaz de falar, muito menos de gracejar. Mas sua cara de bobo não deixava dúvidas sobre quem era. Era costume da Cidade Livre de Volantis tatuar o rosto dos escravos e dos servos; do pescoço ao couro cabeludo, a pele do rapaz tinha sido marcada com quadrados vermelhos e verdes.

– O desgraçado está louco, e com dores, e não presta para ninguém, nem para si mesmo – tinha declarado o velho Sor Harbert, naqueles tempos castelão de Ponta Tempestade. – A coisa mais bondosa que se pode fazer com esse tipo é encher sua taça com o leite da papoula. Um sono sem dor, e acaba tudo. Ele iria abençoá-lo se tivesse esperteza para isso.

Mas Cressen se recusou e acabou vencendo. Não saberia dizer se Cara-Malhada tinha sido feliz com essa vitória, nem mesmo agora,

tantos anos depois.

– *As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor* – continuou o bobo a cantar, balançando a cabeça e fazendo os guizos ressoar. *Bong-dong, ring-a-ling, bong-dong.*

"*Senhor*", guinchou o corvo branco. "*Senhor, senhor, senhor*."

– Um bobo canta o que quer – disse o meistre à sua ansiosa princesa. – Não deve levar suas palavras a sério. De manhã, ele poderá se lembrar de outra canção, e esta nunca mais será ouvida.

"Ele é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas", escrevera Lorde Steffon…

Pylos entrou a passos largos:

– Meistre, as minhas desculpas.

– Você se esqueceu do mingau – Cressen completou, rindo. Aquilo não era do feitio de Pylos.

– Meistre, Sor Davos regressou ontem à noite. Estavam falando disso na cozinha. Achei que gostaria de saber de imediato.

– Davos… Ontem à noite, você diz? Onde está ele?

– Com o rei. Passaram juntos a maior parte da noite.

Em tempos passados, Lorde Stannis teria mandado acordá-lo a qualquer hora, para tê-lo junto a si, a fim de aconselhá-lo.

– Eu devia ter sido informado – queixou-se Cressen. – Devia ter sido acordado – desprendeu seus dedos dos de Shireen: – As minhas desculpas, senhora, mas tenho de falar com o senhor seu pai. Pylos, dê-me o braço. Há degraus demais neste castelo, e parece-me que acrescentam uns tantos todas as noites, só para me aborrecer.

Shireen e Cara-Malhada seguiram-nos, mas a menina rapidamente se cansou do passo rastejante do velho e correu na frente, com o bobo a balançar atrás dela, fazendo os guizos tinir loucamente.

Enquanto descia a escada em espiral da Torre do Dragão Marinho, Cressen percebeu, mais uma vez, que os castelos não são lugares amigáveis para homens frágeis. Lorde Stannis deveria estar na Sala da Mesa Pintada, no topo do Tambor de Pedra, a fortaleza central de Pedra do Dragão, assim chamada devido ao modo como suas paredes antigas estrondeavam e ressoavam durante as tempestades. Para chegar até ele, teria de cruzar a galeria, atravessar as muralhas intermediária e interna, com as suas gárgulas de guarda e portões de ferro negro, e subir mais degraus do que queria imaginar. Os jovens subiam degraus de dois em dois; para velhos com quadris em mau estado, cada degrau era um tormento. Mas Lorde Stannis não pensaria em encontrá-lo; então, o meistre resignava-se à provação. Pelo menos tinha Pylos para ajudá-lo, e sentia-se grato por isso.

Arrastando os pés ao longo da galeria, passaram na frente de uma fileira de altas janelas arqueadas com uma vista privilegiada sobre a muralha exterior e a aldeia de pescadores, que se erguia mais adiante.

No pátio, arqueiros disparavam contra alvos de treino aos gritos de "Encaixar, puxar, largar". As flechas faziam um som que era como o de um bando de pássaros levantando voo. Guardas caminhavam sobre as muralhas, espreitando, por entre as gárgulas, a tropa acampada lá fora. O ar da manhã estava enevoado com a fumaça de fogueiras para cozinhar, num momento em que três mil homens se sentavam para quebrar o jejum sob os estandartes dos seus senhores. Para lá do acampamento, o ancoradouro encontrava-se repleto de navios. Nenhuma embarcação que tivesse sido avistada da Pedra do Dragão ao longo do último semestre fora autorizada a partir de novo. A *Fúria* de Lorde Stannis, uma galé de guerra com três conveses e trezentos remos, quase parecia pequena ao lado de alguns dos galeões e pesqueiros de casco largo que a rodeavam.

Os guardas à porta do Tambor de Pedra conheciam o meistre e o deixaram entrar.

– Espere aqui – disse Cressen a Pylos, já dentro da sala. – É melhor que eu fale com ele a sós.

– É uma longa subida, meistre.

Cressen sorriu:

– Pensa que me esqueci? Subi tantas vezes estes degraus que conheço cada um pelo nome.

No meio da subida, arrependeu-se da decisão. Tinha parado, para recuperar o fôlego e aliviar a dor na bacia, quando ouviu o raspar de botas na pedra e ficou cara a cara com Sor Davos Seaworth, que descia.

Davos era um homem franzino; a origem plebeia estava escrita em seu rosto comum. Um manto verde puído, manchado de sal e maresia, e desbotado pelo sol, envolvia seus ombros estreitos, por cima de um gibão e uns calções castanhos que combinavam com os cabelos e olhos da mesma cor. Uma bolsa de couro gasto pendia de uma correia passada em volta do pescoço. Sua barba curta estava bem salpicada de cinza, e usava uma luva de couro na mão esquerda mutilada. Quando viu Cressen, interrompeu a descida.

– Sor Davos – cumprimentou-o o meistre. – Quando retornou?

– Na escuridão da madrugada. A minha hora preferida.

Dizia-se que ninguém jamais manobrara um navio de noite com metade da destreza de Davos Mão-Curta. Antes de Lorde Stannis tê-lo armado cavaleiro, Sor Davos era o mais notório e esquivo contrabandista de todos os Sete Reinos.

– E?

O homem balançou a cabeça.

– É como o preveni. Não se levantarão, Meistre. Por ele, não. Não gostam dele.

Não, pensou Cressen. *Nem nunca gostarão. Ele é forte, capaz,*

mesmo… sim, mesmo para além da sabedoria… Mas não basta. Nunca bastou.

– Falou com todos?

– Todos? Não. Só os que quiseram se encontrar comigo. Aqueles bem-nascidos também não gostam de mim. Para eles serei sempre o Cavaleiro das Cebolas.

A mão esquerda fechou-se, com os dedos curtos formando um punho; Stannis cortara suas pontas, exceto a do polegar.

– Dividi a mesa com Guilan Swann e o velho Penrose, e os Tarth consentiram num encontro à meia-noite num bosque. Os outros… Bem, Beric Dondarrion desapareceu, alguns dizem que está morto, e Lorde Caron está com Renly. Bryce, o Laranja, da Guarda Arco-Íris.

– A Guarda Arco-Íris?

– Renly criou sua própria Guarda Real – explicou o ex-contrabandista –, mas esses sete não usam o branco. Cada um tem a sua cor. Loras Tyrell é o seu Senhor Comandante.

Era justamente o tipo de ideia que atrairia Renly Baratheon; uma magnífica nova ordem de cavalaria, com maravilhosos novos trajes para proclamá-la. Ainda quando garoto, Renly já adorava cores brilhantes e tecidos belos, e também os seus jogos. "Olhem para mim!", ele gritava enquanto corria às gargalhadas pelos salões de Ponta Tempestade. "Olhem, sou um dragão", ou "Olhem, sou um feiticeiro", ou "Olhem, olhem, sou o deus das chuvas".

O ousado rapazinho com cabelo negro bagunçado e risada nos olhos era agora um marmanjo, com vinte e um anos, e ainda jogava seus jogos. *Olhem, sou um rei*, pensou Cressen tristemente. *Ah, Renly, Renly, querido filho, sabe o que está fazendo? E se importaria se soubesse? Haverá alguém que se preocupe com ele além de mim?*

– Que motivos deram os senhores para as recusas? – perguntou a Sor Davos.

– Bem, quanto a isso, alguns usaram palavras suaves, e outros, rudes; alguns arranjaram desculpas, outros fizeram promessas; outros limitaram-se a mentir – e encolheu os ombros. – No fim das contas, as palavras não passam de vento.

– Não poderia lhe trazer alguma esperança?

– Só do tipo falso, e eu não faria isso – Davos respondeu. – De mim, ouviu a verdade.

Meistre Cressen recordou o dia em que Davos fora feito cavaleiro, depois do cerco a Ponta Tempestade. Lorde Stannis e uma pequena guarnição defenderam o castelo durante quase um ano contra a grande tropa dos senhores Tyrell e Redwyne. Até o mar lhes estava bloqueado, vigiado noite e dia por galés dos Redwyne, que ostentavam as bandeiras bordô da Árvore. Dentro de Ponta Tempestade, os cavalos há muito tinham sido comidos, os cães e os

gatos desaparecido, e a guarnição, limitada a raízes e ratazanas. Então, chegou uma noite em que a lua era nova e nuvens negras escondiam as estrelas. Envolto nessa escuridão, Davos, o contrabandista, desafiou o bloqueio Redwyne e os rochedos da Baía dos Naufrágios. Seu pequeno navio tinha casco, velas e remos negros e um porão apinhado de cebolas e peixe salgado. Era pouco, mas manteve a guarnição viva durante tempo suficiente para que Eddard Stark chegasse a Ponta Tempestade e quebrasse o cerco.

Lorde Stannis recompensou Davos com terras de boa qualidade em Cabo da Fúria, uma pequena fortaleza e o título de cavaleiro… Mas também decretou que perdesse uma falange de todos os dedos da mão esquerda, a fim de pagar por todos seus anos de contrabando. Davos aceitou se submeter, com a condição de que o próprio Stannis manejasse a faca; não aceitaria nenhuma punição vinda de mãos menores. O senhor usou um cutelo de açougueiro, a fim de fazer um corte limpo e completo. Depois, Davos escolheu o nome Seaworth para sua nova casa, e tomou como estandarte um navio negro em fundo cinza-claro… com uma cebola desenhada nas velas. O antigo contrabandista gostava de dizer que Lorde Stannis lhe fizera um favor, dando-lhe quatro unhas a menos para cortar e limpar.

Não, pensou Cressen, *um homem assim não daria falsas esperanças, nem suavizaria uma verdade dura*.

– Sor Davos, a verdade pode ser uma bebida amarga, mesmo para um homem como Lorde Stannis. Ele só pensa em retornar a Porto Real investido de todo o seu poder, a fim de derrubar os inimigos e reclamar o que é seu de direito. Mas agora…

– Se levar sua tropa minguada para Porto Real, será apenas para morrer. Não tem homens em número suficiente. Disse-lhe isso, mas conhece o orgulho dele – Davos ergueu a mão enluvada. – Meus dedos voltarão a crescer antes que aquele homem se vergue ao bom-senso.

O velho soltou um suspiro:

– O senhor fez tudo o que podia. Agora devo somar a minha voz à sua – e, fatigadamente, retomou a subida.

O refúgio de Lorde Stannis Baratheon era uma grande sala redonda com paredes de pedra negra nua e quatro janelas altas e estreitas, que se abriam para as quatro pontas da bússola. No centro do aposento encontrava-se a grande mesa que lhe dava o nome, uma enorme prancha de madeira esculpida às ordens de Aegon Targaryen nos dias anteriores à Conquista. A Mesa Pintada tinha mais de quinze metros de comprimento, talvez metade dessa medida no ponto mais largo, mas menos de um metro e vinte no mais estreito. Os carpinteiros de Aegon tinham lhe dado a forma das terras de Westeros, serrando cada baía e península até que em nenhuma parte a mesa estivesse reta. Na sua superfície, escurecida pelo verniz de quase

trezentos anos, estavam pintados os Sete Reinos tal como tinham sido na época de Aegon; rios e montanhas, castelos e cidades, lagos e florestas.

Havia uma única cadeira na sala, cuidadosamente posicionada no local preciso que Pedra do Dragão ocupava em relação à costa de Westeros, e levantada a fim de fornecer uma boa visão do tampo da mesa. Sentado na cadeira encontrava-se um homem vestido com um gibão de couro bem apertado e calções de grosseira lã marrom. Quando Meistre Cressen entrou, o lorde olhou de relance para cima.

– Eu sabia que *você* viria, velho, fosse convocado ou não – não havia sinal de calor na sua voz; raramente havia.

Stannis Baratheon, Senhor de Pedra do Dragão e pela graça dos deuses o legítimo herdeiro do Trono de Ferro dos Sete Reinos de Westeros, tinha ombros largos e membros fortes, com o rosto e a pele tão tensos que lembravam couro curado ao sol até ficar duro como aço. A palavra que os homens usavam quando falavam de Stannis era *duro*, e ele de fato o era. Embora ainda não tivesse trinta e cinco anos, só lhe restava na cabeça uma orla de fino cabelo negro, rodeando a parte de trás das orelhas como a sombra de uma coroa. Seu irmão, o falecido Rei Robert, tinha deixado crescer uma barba nos seus últimos anos. Meistre Cressen nunca a vira, mas dizia-se que era uma coisa emaranhada, espessa e feroz. Como que em resposta, Stannis mantinha suas suíças bem aparadas. Espalhavam-se como uma sombra negro-azulada pelo maxilar quadrado e pelas bochechas secas e ossudas. Seus olhos eram feridas abertas sob as pesadas sobrancelhas, de um azul tão escuro como o do mar à noite. A boca teria levado ao desespero o mais bufão dos bobos; era uma boca feita para ser franzida e apertada, e para ordens ríspidas, toda ela lábios finos e pálidos e músculos contraídos, uma boca que tinha se esquecido de como se sorria e que nunca soube como era rir. Por vezes, quando o mundo ficava muito quieto e silencioso de noite, Meistre Cressen imaginava que conseguia ouvir Lorde Stannis rangendo os dentes a meio castelo de distância.

– Em outros tempos o senhor teria mandado me acordar – disse o velho.

– Em outros tempos o meistre foi novo. Agora é velho e doente e precisa dormir – Stannis nunca aprendera a suavizar o discurso, disfarçar ou lisonjear; dizia o que pensava, e quem não gostasse que se danasse. – Eu sabia que você descobriria em breve o que Davos tinha a dizer. É sempre assim, não é?

– Eu não lhe teria nenhuma utilidade se assim não fosse – Cressen respondeu. – Encontrei Davos na escada.

– E ele contou tudo, suponho. Devia ter encurtado a língua do homem junto com os dedos.

– Assim teria sido um enviado inútil.

– De qualquer forma foi um enviado inútil. Os senhores da tempestade não se levantarão por mim. Parece que não simpatizam comigo, e a justiça da minha causa não significa nada para eles. Os covardes ficarão quietos atrás das suas muralhas, esperando ver como se ergue o vento e quem tem mais chances de triunfar. Os corajosos já se declararam por Renly. Por *Renly*! – cuspiu o nome como se fosse veneno que tivesse na língua.

– Seu irmão tem sido senhor de Ponta Tempestade ao longo destes últimos treze anos. Esses senhores são vassalos juramentados dele…

– *Dele* – interrompeu Stannis. – Quando de direito deveriam ser meus. Nunca pedi Pedra do Dragão. Nunca quis este castelo. Tomei-o porque os inimigos de Robert estavam aqui, e ele me ordenou que os escorraçasse. Construí sua frota e fiz o seu trabalho, obediente como um irmão mais novo deve ser a um mais velho, como Renly devia ser a mim. E como Robert me agradeceu? Nomeou-me Senhor de Pedra do Dragão e deu Ponta Tempestade e seus rendimentos a *Renly*. Ponta Tempestade pertenceu à Casa Baratheon durante trezentos anos; de direito devia ter passado para mim quando Robert tomou o Trono de Ferro.

Era uma velha ofensa, profundamente sentida, e nunca antes tanto como agora. Ali estava o cerne da fraqueza do seu senhor; Pedra do Dragão, embora antiga e forte, detinha a lealdade de apenas um punhado de pequenos senhores, cujos domínios pedregosos e insulares tinham uma população escassa demais para fornecer os homens de que Stannis necessitava. Mesmo com os mercenários que trouxera do outro lado do mar estreito, das Cidades Livres de Myr e Lys, a hoste acampada junto às suas muralhas era muito menor do que necessitava ser para derrubar o poderio da Casa Lannister.

– Robert foi injusto com o senhor – respondeu cuidadosamente Meistre Cressen –, mas tinha bons motivos. Pedra do Dragão era há muito a sede da Casa Targaryen. Ele precisava da força de um homem para governar aqui, e Renly era apenas uma criança.

– Ele ainda é uma criança – declarou Stannis, com a ira ressoando alto no salão vazio –, uma criança ladra que pensa em surrupiar a coroa da minha cabeça. Que fez Renly para ganhar um trono? Senta-se no conselho e troca gracejos com Mindinho, e nos torneios enverga sua magnífica armadura e permite que um homem melhor o derrube do cavalo. Meu irmão Renly é isto, o meu irmão que pensa que deveria ser um rei. Pergunto-lhe, por que os deuses me puniram com *irmãos*?

– Não posso responder pelos deuses.

– Pois me parece que hoje em dia é raro que responda a qualquer coisa. Quem é o meistre de Renly? Talvez deva mandar buscá-lo,

talvez eu venha a gostar mais dos seus conselhos. Que acha que esse meistre disse quando meu irmão decidiu roubar minha coroa? Que conselho terá o seu colega oferecido àquele traiçoeiro sangue do meu sangue?

– Eu ficaria surpreso se Lorde Renly procurasse conselhos, Vossa Graça.

O mais novo dos três filhos de Lorde Steffon havia se tornado um homem corajoso, mas impetuoso, que agia por impulso, e não por cálculo. Nisso, tal como em muitas outras coisas, Renly era como o irmão Robert, e completamente diferente de Stannis.

– *Vossa Graça* – Stannis rebateu amargamente. – Zomba de mim com o tratamento devido a um rei, mas sou rei de quê? Pedra do Dragão e um punhado de rochedos no mar estreito, eis o meu reino.

Desceu os degraus da cadeira e parou junto da mesa, fazendo sombra sobre a foz da Torrente de Água Negra e sobre a floresta pintada onde agora se erguia Porto Real. Ficou ali, pairando sobre o território que pretendia reclamar, tão perto, e no entanto tão longe.

– Esta noite devo jantar com os senhores meus vassalos, aqueles que tenho. Celtigar, Velaryon, Bar Emmon, todo o insignificante bando. Colheita fraca, pra dizer a verdade, mas são aquilo que meus irmãos me deixaram. Aquele pirata liseno, Salladhor Saan, estará lá com a fatura mais recente do que lhe devo, e Morosh, o mirano, vai me advertir com histórias sobre marés e ventanias de Outono, enquanto Lorde Sunglass resmunga piedosamente sobre a Fé dos Sete. Celtigar quererá saber quantos dos senhores da tempestade irão se juntar a nós. Velaryon ameaçará levar seus recrutas para casa a menos que ataquemos de imediato. Que hei de dizer a eles? Que devo fazer agora?

– Seus verdadeiros inimigos são os Lannister, senhor – foi a resposta de Meistre Cressen. – Se você e seu irmão se unissem contra eles…

– Não negociarei com Renly – respondeu Stannis num tom que não admitia discussão. – Pelo menos enquanto ele se disser rei.

– Nesse caso, com Renly não – cedeu o meistre. Seu senhor era teimoso e orgulhoso; quando se decidia por alguma coisa, não havia jeito de fazê-lo mudar de ideia. – Outros poderão também servir às suas necessidades. O filho de Eddard Stark foi proclamado Rei no Norte e conta com todo o poderio de Winterfell e Correrrio.

– Um jovenzinho verde – Stannis ironizou. – E outro falso rei. Devo aceitar um reino mutilado?

– Certamente metade de um reino é melhor do que nada – Cressen observou. – E se ajudar o rapaz a vingar o assassinato do pai…

– Por que eu deveria vingar Eddard Stark? O homem não era nada

para mim. Ah, *Robert* adorava-o, com certeza. Adorava-o como a um irmão, quantas vezes ouvi isso? *Eu* é que era o irmão dele, não Ned Stark, mas, pela maneira como me tratava, nunca ninguém adivinharia. Defendi Ponta Tempestade em seu nome, vendo bons homens passar fome, enquanto Mace Tyrell e Paxter Redwyne se banqueteavam à vista das minhas muralhas. E por acaso Robert me agradeceu? Não. Agradeceu ao *Stark*, por romper o cerco quando estávamos reduzidos a ratazanas e rabanetes. Construí uma frota às ordens de Robert, tomei Pedra do Dragão em seu nome. Por acaso ele pegou minha mão e disse "Muito bem, irmão, o que eu faria sem você?" Não. Culpou-me por ter deixado que Willem Derry raptasse Viserys e o bebê, como se eu tivesse podido impedi-lo. Fiz parte de seu conselho durante quinze anos, ajudando Jon Arryn a governar o reino, enquanto Robert bebia e visitava prostitutas, mas, quando Jon morreu, será que meu irmão me nomeou sua Mão? Não. Partiu a galope atrás do seu querido amigo Ned Stark e lhe ofereceu essa honra. Que de pouco valeu para ambos.

– Seja como for, senhor – Meistre Cressen disse gentilmente. – Grandes injustiças foram cometidas contra você, mas o passado é poeira. O futuro ainda pode ser conquistado, caso se junte aos Stark. Há outros que também poderia sondar. E a Senhora Arryn? Se a rainha assassinou seu marido, ela certamente desejará obter justiça. Tem um filho novo, herdeiro de Jon Arryn. Se prometesse Shireen ao rapaz…

– O rapaz é fraco e doente – retrucou Lorde Stannis. – Mesmo seu pai sabia como ele era quando me pediu para criá-lo em Pedra do Dragão. O serviço como escudeiro poderia ter-lhe feito bem, mas aquela maldita Lannister mandou envenenar Lorde Arryn antes de o trato ser fechado, e agora Lysa esconde-o no Ninho da Águia. Nunca se separará do rapaz, garanto.

– Então, terá de enviar Shireen para o Ninho da Águia – sugeriu o meistre. – Pedra do Dragão é um lar lúgubre para uma criança. Deixe que o bobo vá com ela, para que tenha por perto um rosto familiar.

– Familiar e medonho – Stannis franziu a testa enquanto refletia. – Mesmo assim… Talvez valha a pena tentar…

– Deverá o senhor de direito dos Sete Reinos suplicar a ajuda de viúvas e usurpadores? – perguntou rispidamente uma voz de mulher.

Meistre Cressen virou-se e inclinou a cabeça.

– Minha senhora – disse, desgostoso por não tê-la ouvido entrar.

Lorde Stannis carregou o olhar.

– Eu não suplico. De ninguém. Tente se lembrar disso, mulher.

– Agrada-me ouvir isso, senhor.

A Senhora Selyse era tão alta como o marido, com corpo e feição magros, orelhas proeminentes, o nariz afilado e a mais leve sugestão

de um bigode sobre o lábio superior. Arrancava os pelos todos os dias e os amaldiçoava regularmente, mas eles nunca deixavam de voltar. Seus olhos eram claros; a boca, severa; a voz, um chicote. Agora, fazia-o estalar.

– A Senhora Arryn deve-lhe lealdade, tal como os Stark, seu irmão Renly e todos os outros. O senhor é o verdadeiro rei deles. Não seria adequado argumentar e negociar com eles aquilo que é seu por direito, pela graça de Deus.

Deus, ela disse, e não *deuses*. A mulher vermelha tinha conquistado Selyse de alma e coração, afastando-a dos deuses dos Sete Reinos, tanto os velhos como os novos, para que adorasse aquele a quem chamavam Senhor da Luz.

– Seu deus pode ficar com a sua graça – Lorde Stannis desdenhou; não partilhava a fervorosa nova fé da mulher. – É de espadas que preciso, não de bênçãos. Teria escondido em algum lugar um exército de que não me falou antes?

Não havia afeto no seu tom de voz. Stannis sempre se sentira desconfortável junto das mulheres, até mesmo da sua própria esposa. Quando partiu para Porto Real a fim de integrar o conselho de Robert, deixou Selyse em Pedra do Dragão com a filha. As cartas tinham sido escassas, as visitas mais ainda; cumpria seu dever de marido na cama uma ou duas vezes por ano, mas não retirava disso nenhum prazer, e os filhos homens que no passado esperara nunca vieram.

– Meus irmãos, tios e primos têm exércitos – ela disse. – A Casa Florent vai se juntar à sua bandeira.

– A Casa Florent pode pôr em campo, no máximo, duas mil espadas – dizia-se que Stannis conhecia a força de cada casa dos Sete Reinos –, e você tem bem mais fé nos seus irmãos e tios do que eu, minha senhora. As terras dos Florent ficam próximas demais de Jardim de Cima para que o senhor seu tio se arrisque a despertar a ira de Mace Tyrell.

– Há outra forma – disse a Senhora Selyse, aproximando-se. – Olhe pelas suas janelas, senhor. Ali está o sinal que esperava, estampado no céu. É vermelho, o vermelho da chama, o vermelho do coração flamejante do verdadeiro deus. É o estandarte *dele*… e o seu! Veja como se desenrola pelos céus como o sopro quente de um dragão, e você é Senhor de Pedra do Dragão. Significa que a sua hora chegou, Vossa Graça. Nada é mais certo do que isso. Está destinado a zarpar deste rochedo desolado como Aegon, o Conquistador, zarpou um dia, para varrer todos à sua frente como ele o fez. Basta dizer a palavra e acolher o poder do Senhor da Luz.

– Quantas espadas porá o Senhor da Luz nas minhas mãos? – Stannis a desafiou novamente.

– Quantas forem necessárias – prometeu a mulher. – As espadas

de Ponta Tempestade e de Jardim de Cima, para começar, e de todos os senhores seus vassalos.

– Davos discordaria – Stannis retrucou. – Essas espadas estão juramentadas a Renly. Adoram o meu encantador e jovem irmão, como anteriormente adoravam Robert… e como nunca me adoraram.

– Sim – ela respondeu. – Mas, e se Renly morresse…

Stannis olhou sua senhora estreitando os olhos, até que Cressen não conseguiu dominar a língua.

– Não se deve pensar em tal coisa. Vossa Graça, sejam quais forem as loucuras que Renly cometeu…

– *Loucuras*? Eu chamo de traições – então, Stannis voltou-se para a mulher. – Meu irmão é jovem e forte e tem um vasto exército ao seu redor, e aqueles seus cavaleiros do arco-íris.

– Melisandre estudou as chamas e o viu morto.

Cressen ficou horrorizado.

– Fratricídio… Senhor, isso é uma *maldade*, impensável… Por favor, escute-me.

A Senhora Selyse olhou-o fixamente.

– E o que lhe diria, Meistre? Como ele poderá conquistar metade de um reino se for até os Stark de joelhos e vender nossa filha a Lysa Arryn?

– Já ouvi os seus conselhos, Cressen – Lorde Stannis os interrompeu. – Agora ouvirei os dela. Está dispensado.

Meistre Cressen dobrou o joelho rígido. Conseguia sentir os olhos da Senhora Selyse nas suas costas enquanto se arrastava lentamente até a saída da sala. Quando chegou ao fim da escada, só com muito esforço conseguia se manter em pé.

– Ajude-me – pediu a Pylos.

Depois de estar de novo a salvo nos seus aposentos, Cressen mandou o jovem embora e coxeou até a varanda novamente, para observar o mar junto de suas gárgulas. Um dos navios de guerra de Salladhor Saan passava pelo castelo, com o casco pintado com cores alegres, abrindo as águas cinza-esverdeadas enquanto os remos subiam e desciam. Ficou olhando-o até que desapareceu atrás de um promontório. *Gostaria que os meus temores desaparecessem assim tão facilmente*. Teria vivido tanto tempo para isso?

Quando um meistre colocava seu colar, punha de lado a esperança de ter filhos; apesar disso, Cressen sentira-se frequentemente como um pai. Robert, Stannis, Renly… Três filhos que acabou educando depois de o mar em fúria ter reclamado Lorde Steffon para si. Teria feito um trabalho tão ruim, para agora ser forçado a ver um deles matar o outro? Não poderia permitir isso, não permitiria isso.

A mulher era a chave. Não a Senhora Selyse, a *outra*. A mulher

vermelha, como os criados a apelidaram, com medo de dizer seu nome.

– Eu direi seu nome – disse Cressen ao seu mastim do inferno de pedra. – Melisandre. *Ela*.

Melisandre de Asshai, feiticeira, umbromante e sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração de Fogo, o Deus da Chama e da Sombra. Melisandre, cuja loucura não se podia deixar espalhar para lá de Pedra do Dragão.

Os aposentos pareciam sombrios e lúgubres depois do brilho da manhã. Com mãos desajeitadas, o velho acendeu uma vela e a levou para a sala de trabalho sob a escada do viveiro, onde seus unguentos, poções e medicamentos estavam bem-organizados nas estantes. Na prateleira de baixo, atrás de uma fileira de bálsamos guardados em atarracadas vasilhas de barro, encontrou um frasco de vidro anil que não era maior do que seu dedo mindinho. Chocalhava quando o balançava. Cressen soprou uma camada de pó e o levou para a mesa. Deixando-se cair na cadeira, tirou a rolha do vidro e despejou o conteúdo do frasco. Um punhado de cristais, de tamanho próximo ao de sementes, tamborilou no pergaminho que ele acabara de ler. Brilhavam como joias à luz da vela, tão purpúreos que o meistre pensou jamais ter realmente visto aquela cor antes.

A corrente em torno do pescoço parecia-lhe muito pesada. Tocou ligeiramente em um dos cristais com a ponta do mindinho. *Que coisa pequena para conter o poder da vida e da morte*. Era feito de uma certa planta que crescia apenas nas ilhas do Mar de Jade, a meio mundo de distância. As folhas tinham de ser envelhecidas e embebidas numa loção de visgo, água de açúcar e certas especiarias raras vindas das Ilhas do Verão. Depois, podiam ser descartadas, mas a poção tinha de ser engrossada com cinzas e deixada cristalizar. O processo era lento e trabalhoso, e os ingredientes, caros e difíceis de adquirir. Mas os alquimistas de Lys conheciam-no, bem como os Homens Sem Cara de Bravos… E os meistres da sua ordem, apesar de não se tocar nesse assunto para lá das muralhas da Cidadela. O mundo inteiro sabia que um meistre forjava seu elo de prata quando aprendia a arte de curar… Mas o mundo preferia esquecer que os homens encarregados de curar também sabiam matar.

Cressen já não se lembrava do nome que os Asshai'i davam à folha, ou os envenenadores de Lys ao cristal. Na Cidadela, era simplesmente chamado "o estrangulador". Dissolvido em vinho, fazia os músculos da garganta de um homem se fechar com mais força do que qualquer punho, obstruindo a traqueia. Dizia-se que o rosto da vítima ficava tão roxo como a pequena semente de cristal de onde tinha nascido sua morte, mas o mesmo acontecia com um homem que sufocasse com uma garfada de comida.

Naquela mesma noite, Lorde Stannis iria oferecer um banquete aos seus vassalos, à senhora sua esposa… E à mulher vermelha, Melisandre de Asshai.

Tenho de descansar, disse Meistre Cressen para si mesmo. *Tenho de estar na posse de todas as minhas forças quando a noite chegar. Minhas mãos não podem tremer, minha coragem não pode fraquejar. É uma coisa horrível, mas tem de ser feita. Se existirem deuses, certamente me perdoarão*. Andava dormindo tão mal ultimamente, que uma soneca seria restauradora para a provação que o esperava. Exausto, cambaleou até a cama. Porém, quando fechou os olhos, ainda conseguia ver a luz do cometa, vermelha, fogosa e vívida por entre a escuridão dos seus sonhos. *Talvez seja o meu cometa*, pensou, por fim, sonolentamente, momentos antes de ser tomado pelo sono. *Um presságio de sangue, predizendo o homicídio… sim…*

Quando acordou, era noite fechada, o quarto estava negro, e cada articulação do seu corpo doía. Cressen sentou-se com esforço, sentindo a cabeça latejar. Agarrando a bengala com força, pôs-se em pé, cambaleante. *É tão tarde*, pensou. *Não me chamaram*. Era sempre chamado para os banquetes, e sentava-se perto do sal, ao lado de Lorde Stannis. O rosto do seu senhor oscilou na sua frente, não o do homem que era, mas o do jovem que havia sido, sempre no frio da sombra, enquanto o sol jorrava sobre o irmão mais velho. Fizesse o que fizesse, Robert havia feito primeiro, e melhor. Pobre rapaz… Tinha de se apressar, para o bem *dele*.

O meistre encontrou os cristais onde os tinha deixado e os recolheu de cima do pergaminho. Cressen não tinha anéis ocos, daqueles que se dizia que os envenenadores de Lys preferiam, mas uma miríade de bolsos, grandes e pequenos, tinham sido costurados do lado de dentro das grandes mangas da sua toga. Escondeu as sementes de estrangulador num deles, escancarou a porta e chamou:

– Pylos? Onde está você? – diante da falta de resposta, voltou a chamar, mais alto: – Pylos, preciso de ajuda.

Continuou a não haver resposta. Era estranho; a cela do jovem meistre ficava apenas meia-volta da escada abaixo, bem ao alcance da sua voz. Por fim, Cressen foi forçado a chamar os criados.

– Apressem-se – disse-lhes. – Dormi demais. A esta altura já estão no banquete… bebendo… Deviam ter me acordado – que teria acontecido ao Meistre Pylos? Realmente não compreendia.

De novo teve de atravessar a longa galeria. Um vento noturno sussurrava através das grandes janelas, trazendo o cheiro vivo do mar. Tochas tremeluziam ao longo das muralhas de Pedra do Dragão, e no acampamento, que se estendia para lá delas, era possível ver centenas de fogueiras de cozinhar ardendo, como se um campo de estrelas tivesse caído sobre a terra. No alto, o cometa brilhava, vermelho e

malévolo. *Sou velho e sábio demais para temer esse tipo de coisa*, disse o meistre para si mesmo.

As portas que abriam para o Grande Salão ficavam na boca de um dragão de pedra. Disse aos criados para que o deixassem do lado de fora. Seria melhor entrar sozinho; não devia aparentar fraqueza. Apoiando-se pesadamente na bengala, Cressen subiu os últimos degraus e coxeou por baixo dos dentes da entrada. Um par de guardas abriu as pesadas portas vermelhas à sua frente, libertando uma súbita explosão de som e de luz. Cressen penetrou no estômago do dragão.

Por sobre o tinir de facas e pratos, e o profundo burburinho das conversas de mesa, ouviu Cara-Malhada cantando "… *dançar, senhor, dançar, senhor*", acompanhado por guizos dissonantes. A mesma canção horrível que cantara de manhã. "*As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor*." As mesas inferiores estavam apinhadas de cavaleiros, arqueiros e capitães mercenários, que desfaziam nacos de pão preto para ensopar nos seus guisados de peixe. Ali não havia risos sonoros nem gritos obscenos, como os que acabavam com a dignidade dos banquetes de outros homens, Lorde Stannis não permitia tais coisas.

Cressen abriu caminho na direção da plataforma elevada onde os senhores se sentavam com o rei. Teve de fazer um desvio em volta de Cara-Malhada. Dançando, com os guizos tocando, o bobo não o viu nem ouviu seus passos. Enquanto saltitava de uma perna para outra, guinou sobre Cressen, chutando a bengala em que o meistre se apoiava. No meio da afobação, caíram juntos, num emaranhado de braços e pernas, enquanto uma súbita explosão de risos se ergueu à volta deles. Não havia dúvida de que o espetáculo era cômico.

Cara-Malhada estatelou-se meio por cima do meistre, com a sua cara tatuada de bobo comprimida contra a de Cressen. Tinha perdido o elmo de latão com chifres e guizos.

– Debaixo do mar, caímos para *cima* – declarou. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Aos risinhos, o bobo rolou para longe, pôs-se em pé de um salto e fez uma pequena dança.

Tentando tirar o melhor proveito da situação, o meistre deu um frágil sorriso e esforçou-se para se erguer, mas sua bacia doía tanto que, por um momento, chegou a temer que a tivesse quebrado de novo. Sentiu-se sendo agarrado por baixo dos braços por mãos fortes que o puseram em pé.

– Obrigado, sor – murmurou, virando-se para ver qual dos cavaleiros tinha vindo ajudá-lo…

– Meistre – disse a Senhora Melisandre, com a voz profunda temperada com a música do mar de Jade. – Deveria tomar mais cuidado.

Como sempre, trajava vermelho dos pés à cabeça, com um longo vestido solto de seda esvoaçante, brilhante como fogo, com longas mangas pendentes e profundos cortes no corpete, pelos quais se entrevia um tecido mais escuro, vermelho-sangue, que usava por baixo. Tinha em torno da garganta uma gargantilha de ouro vermelho, mais apertada do que qualquer corrente de meistre, ornamentada com um único grande rubi. O cabelo não era de tom alaranjado ou cor de morango dos ruivos comuns, mas de um profundo acobreado lustroso que brilhava à luz das tochas. Até seus olhos eram vermelhos… Mas a pele era lisa e branca, imaculada, clara como leite. E era esguia, graciosa, mais alta que a maior parte dos cavaleiros, com seios fartos, cintura estreita e um rosto em forma de coração. Os olhos dos homens que a encontravam não se afastavam facilmente, nem mesmo os de um meistre. Muitos diziam que era bela. Mas não era. Era vermelha, e terrível, e vermelha.

– Eu… lhe agradeço, senhora.

– Um homem da sua idade deve ver onde pisa – Melisandre disse cortesmente. – A noite é escura e cheia de terrores.

Ele conhecia a frase, uma prece qualquer da fé dela. *Não importa, tenho minha própria fé.*

– Só as crianças temem a escuridão – Cressen respondeu. Mas, mesmo enquanto proferia aquelas palavras, ouviu Cara-Malhada retomar sua canção "*As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor*".

– Eis um mistério – disse Melisandre. – Um bobo esperto e um sábio tolo.

Dobrando-se, pegou do chão o elmo de Cara-Malhada e o colocou na cabeça de Cressen. Os guizos ressoaram suavemente quando o balde de latão deslizou sobre suas orelhas.

– Uma coroa para combinar com a sua corrente, Senhor Meistre – ela anunciou. Por todos os lados, os homens riam.

Cressen apertou os lábios e lutou para controlar a ira. Ela o via como frágil e impotente, mas aprenderia que não era assim, antes de a noite acabar. Podia ser velho, mas ainda era um meistre da Cidadela.

– Não necessito de coroa alguma além da verdade – ele respondeu, tirando o elmo do bobo da cabeça.

– Há verdades neste mundo que não se ensinam em Vilavelha.

Melisandre virou as costas num redemoinho de seda vermelha e abriu caminho de volta à mesa elevada, onde se encontravam o Rei Stannis e sua rainha. Cressen entregou o balde de latão com chifres a Cara-Malhada e fez menção de segui-la.

Meistre Pylos estava sentado no seu lugar.

O velho só conseguiu ficar parado, encarando-o.

– Meistre Pylos – disse por fim. – Você… você não me acordou.

– Sua Graça ordenou-me que o deixasse repousar – Pylos teve pelo menos a cortesia de corar. – Disse-me que sua presença aqui não era necessária.

Cressen examinou por cima os cavaleiros, capitães e senhores que se sentavam em silêncio. Lorde Celtigar, idoso e amargo, vestia um manto com um padrão de caranguejos vermelhos realçados com granadas. O belo Lorde Velaryon tinha escolhido seda verde-mar, e o cavalo-marinho de ouro branco que trazia à garganta combinava com seus longos cabelos claros. Lorde Bar Emmon, um roliço rapaz de catorze anos, estava coberto de veludo roxo debruado com pele de foca branca; Sor Axell Florent permanecia modesto, mesmo vestido de cor ferrugem e pele de raposa. O piedoso Lorde Sunglass usava selenite na garganta, no pulso e nos dedos, e o capitão liseno Salladhor Saan era um esplendor de cetim escarlate, ouro e joias. Só Sor Davos vestia-se de forma simples, com um gibão marrom e um manto de lã verde, e só ele enfrentou seu olhar, com piedade nos olhos.

– Está doente e confuso demais para me ser útil, velho – soava tanto como a voz de Lorde Stannis, mas não podia ser, não podia. – Daqui em diante, Pylos irá me aconselhar. Já cuida dos corvos, uma vez que você já não é capaz de subir até o viveiro. Não deixarei que se mate a meu serviço.

Meistre Cressen pestanejou. *Stannis, meu senhor, meu triste rapaz carrancudo, filho que nunca tive, não pode fazer isso. Não sabe como me preocupei com você, vivi para você, amei você apesar de tudo? Sim, amei-o, mais até do que a Robert, ou a Renly, pois você era o mal-amado, aquele que mais precisava*. Mas tudo o que disse foi:

– Às suas ordens, senhor, mas… Tenho fome. Poderia ocupar um lugar à sua mesa? – *ao seu lado, o meu lugar é ao seu lado*…

Sor Davos levantou-se do banco.

– Ficaria honrado se o meistre se sentasse aqui ao meu lado, Vossa Graça.

– Como quiser – Lorde Stannis respondeu e se virou para dizer qualquer coisa a Melisandre, que tinha se sentado do seu lado direito, lugar de grande honra. A Senhora Selyse estava à sua esquerda, ostentando um sorriso tão brilhante e anguloso como as suas joias.

Longe demais, pensou Cressen, atordoado, olhando para onde Sor Davos estava sentado. Metade dos senhores vassalos separava o contrabandista da mesa elevada. *Tenho de ficar mais perto dela se quiser pôr o estrangulador na sua taça. Mas como?*

Cara-Malhada dava piruetas por ali, enquanto o meistre fazia seu lento trajeto em volta da mesa até Davos Seaworth.

– Aqui comemos peixe – declarou o bobo em tom feliz, brandindo um bacalhau como se fosse um cetro. – Debaixo do mar, os peixes nos

comem. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Sor Davos afastou-se para o lado, a fim de arranjar espaço no banco.

– Hoje devíamos estar todos vestidos de bufões – ele disse lugubremente quando Cressen se sentou –, pois o que estamos fazendo é coisa de bobo. A mulher vermelha viu vitória nas suas chamas; portanto, Stannis deseja insistir na sua pretensão, sem se importar com os números. Receio que, antes de ela terminar, é provável que todos vejamos o que o Cara-Malhada viu… o fundo do mar.

Cressen enfiou as mãos nas mangas, como se procurasse aquecê-las. Os dedos encontraram os caroços que os cristais faziam na lã.

– Lorde Stannis.

Stannis afastou o olhar da mulher vermelha, mas foi Selyse quem respondeu.

– *Rei* Stannis. Esqueceu-se do seu lugar, meistre.

– Ele é velho, sua mente divaga – disse-lhe o rei num tom rabugento. – Que foi, Cressen? Diga o que está pensando.

– Visto que pretende zarpar, é vital que faça causa comum com Lorde Stark e a Senhora Arryn…

– Não faço causa comum com ninguém – Stannis Baratheon respondeu.

– Assim como a luz não faz causa comum com a escuridão – a Senhora Selyse tomou sua mão.

Stannis concordou com a cabeça.

– Os Stark tentam roubar metade do meu reino, tal como os Lannister me roubaram o trono e o meu querido irmão, as espadas, servidores e fortalezas, que são meus de direito. São todos usurpadores, e são todos meus inimigos.

Perdi-o, Cressen pensou, desesperando-se. Se ao menos conseguisse, de algum modo, se aproximar de Melisandre sem ser visto… Não precisava de mais do que um instante de proximidade da sua taça.

– O senhor é o herdeiro legítimo do seu irmão Robert, o verdadeiro Senhor dos Sete Reinos, e Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens – Cressen disse, desesperadamente. – Mas, mesmo assim, não pode crer em um triunfo sem aliados.

– Ele tem um aliado – interveio a Senhora Selyse. – R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração do Fogo, o Deus da Chama e da Sombra.

– Os deuses são, na melhor das hipóteses, aliados incertos – insistiu o velho. – E *esse* não tem poder nenhum aqui.

– Acredita que não?

O rubi preso ao pescoço de Melisandre capturou a luz quando ela virou a cabeça, e por um instante pareceu brilhar tão luminoso como o cometa.

– Se acredita em tal besteira, Meistre, deveria voltar a colocar sua coroa.

– Sim – concordou a Senhora Selyse. – O elmo do Malhada. Cai bem em você, velho. Volte a colocá-lo, eu ordeno.

– Debaixo do mar ninguém usa chapéus – cantarolou Cara-Malhada. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Os olhos de Lorde Stannis estavam na sombra das suas pesadas sobrancelhas, sua boca, apertada, enquanto o maxilar trabalhava em silêncio. Rangia os dentes sempre que se zangava.

– Bobo – ele rosnou por fim –, a senhora minha esposa ordena. Dê o elmo a Cressen.

Não, pensou o velho meistre, *este não é você, não é o seu jeito, sempre foi justo, sempre duro, mas nunca cruel, nunca, não compreendia a gozação, assim como não compreendia o riso.*

Cara-Malhada se aproximou dançando, fazendo soar os guizos, *clang-a-clang*, *ding-ding*, *clinc-clanc-clinc-clanc*. O meistre ficou sentado, em silêncio, enquanto o bobo punha o balde com chifres na sua cabeça. Cressen abaixou a cabeça com o peso. Os sinos ressoaram.

– Talvez ele deva, daqui para a frente, cantar os seus conselhos – disse a Senhora Selyse.

– Foi longe demais, mulher – repreendeu-a Lorde Stannis. – É um velho, e serviu-me bem.

E servirei até o fim, meu querido senhor, meu pobre filho solitário, pensou Cressen. E, de repente, descobriu um jeito. A taça de Sor Davos estava na sua frente, ainda com tinto amargo pela metade. Encontrou uma dura lasca de cristal na manga, apertou-a bem entre o indicador e o polegar enquanto estendia a mão para a taça. *Movimentos suaves, hábeis, agora não posso me atrapalhar*, rezou, e os deuses mostraram-se bondosos. Num piscar de olhos, os dedos ficaram vazios. Havia anos que suas mãos não tinham estado tão firmes, nem com metade daquela leveza. Davos viu, mas mais ninguém, tinha certeza. De taça na mão, levantou-se.

– Talvez tenha sido um tolo. Senhora Melisandre, quer partilhar comigo uma taça de vinho? Uma taça em honra do seu deus, do seu Senhor da Luz? Uma taça para brindar ao poder dele?

A mulher vermelha o estudou.

– Se quiser...

Podia sentir que todos o observavam. Davos agarrou-o quando se levantou do banco, prendendo sua manga com os dedos que Lord Stannis tinha encurtado.

– O que está fazendo? – sussurrou.

– Uma coisa que tem de ser feita – respondeu meistre Cressen. – Para o bem do reino e da alma do meu senhor – sacudiu a mão de Davos, derramando uma gota de vinho nas esteiras.

Encontraram-se sob a mesa elevada, com os olhos de todos os homens sobre eles. Mas Cressen só via a mulher. Seda vermelha, olhos vermelhos, o rubi vermelho no pescoço, lábios vermelhos encurvados num tênue sorriso quando colocou a mão sobre a dele, em torno da taça. A pele dela pareceu-lhe quente, febril.

– Não é tarde demais para jogar o vinho fora, meistre.

– Não –murmurou roucamente. – Não.

– Como quiser.

Melisandre de Asshai tirou a taça de suas mãos e bebeu, longa e profundamente. Quando a devolveu, restava apenas meio gole de vinho no fundo.

– E agora você.

As mãos de Cressen tremiam, mas obrigou-se a ser forte. Um meistre da Cidadela não devia ter medo. Sentiu o vinho amargo na língua. Deixou a taça vazia cair dos seus dedos e se estilhaçar no chão.

– Ele *tem* poder aqui, senhor – disse a mulher. – E o fogo purifica – na sua garganta, o rubi cintilava, vermelho.

Cressen tentou responder, mas as palavras ficaram presas na garganta. Sua tosse transformou-se num terrível assobio agudo quando tentou inspirar. Dedos de ferro apertaram-se em torno do seu pescoço. Quando caiu de joelhos, ainda balançava a cabeça, negando-a, negando seu poder, sua magia, negando o seu deus. E os guizos tiniam nos chifres, cantando *tolo*, *tolo*, *tolo,* enquanto a mulher vermelha o olhava com piedade, e as chamas das velas dançavam nos seus olhos tão... tão vermelhos.

1 Serpe: criatura mitológica semelhante a um dragão, mas de porte menor e mais longilíneo, com apenas duas patas. (N. E.)

Arya

Em Winterfell tinha sido chamada “Arya Cara de Cavalo”, e Arya pensara, então, que nada poderia ser pior. Mas isso foi antes de o órfão Lommy Mãos-Verdes tê-la apelidado de “Cabeça de Caroço”.

Sua cabeça *parecia* ter caroços quando a tocava. Quando Yoren a arrastara para aquele beco, Arya achou que quisesse matá-la, mas o amargo velho limitou-se a segurá-la firme, abrindo caminho com o punhal pelas suas madeixas emaranhadas. Lembrava-se de como a brisa tinha soprado os punhados de cabelo castanho sujo sobre as pedras do pavimento, em direção ao septo onde o pai morrera.

– Estou levando homens e rapazes da cidade – Yoren tinha resmungado, enquanto o aço afiado raspava sua cabeça. – Agora fica quieto, *rapaz*.

Quando ele terminou, não havia nada na cabeça além de tufos de cabelos cortados curtos. Mais tarde, Yoren disse que dali até Winterfell ela seria Arry, o órfão.

– O portão não deve ser difícil, mas a estrada é outra coisa. Tem muito chão pela frente com más companhias. Desta vez tenho trinta, homens e garotos, todos a caminho da Muralha, e não pense que são como aquele seu irmão bastardo – ele a sacudiu. – Lorde Eddard me deixou escolher nas masmorras, e lá embaixo não encontrei nenhum cavalheiro. Desses aí, metade entregava você pra rainha num piscar de olhos em troca de um perdão e, de quebra, umas moedas de prata. A outra metade fazia o mesmo, só que te estuprava primeiro. Por isso, fique quieta e só tire água do joelho na floresta, sozinha. Isso deve ser o mais difícil, o xixi, então, não beba mais do que precisa.

Deixar Porto Real foi fácil, como ele tinha dito. Os guardas Lannister no portão mandavam parar todo mundo, mas Yoren chamou um deles pelo nome, e com um gesto mandaram as carroças em que seguiam avançar. Ninguém olhou sequer de relance para Arya. Estavam à procura de uma moça bem-nascida, filha da Mão do Rei, não de um rapaz magricela com o cabelo cortado. Arya não olhou para trás. Gostaria que a Torrente transbordasse e levasse a cidade inteira, o Baixio das Pulgas, a Fortaleza Vermelha, o Grande Septo, *tudo*, e *todos* também, especialmente o Príncipe Joffrey e a mãe dele. Mas sabia que isso não aconteceria, e, de qualquer modo, Sansa ainda estava na cidade, e seria levada também. Quando se lembrou disso, Arya decidiu que o melhor era desejar chegar a Winterfell.

Mas Yoren tinha se enganado sobre o xixi. Não era a parte mais difícil, mas, sim Lommy Mãos-Verdes e o Torta Quente. Órfãos. Yoren pescara alguns das ruas, prometendo comida para as barrigas e sapatos para os pés. Os demais, tinha encontrado acorrentados.

– A Patrulha precisa de bons homens – ele lhes disse quando se puseram a caminho –, mas vocês terão que servir.

Yoren também tirara marmanjos das masmorras, ladrões, caçadores furtivos, estupradores e afins. Os piores eram os três que tinha encontrado nas celas negras, que até a ele deviam assustar, porque os mantinha acorrentados pelos pés e pelas mãos na parte de trás de uma carroça, e garantia que os manteria presos ao longo de todo o caminho até a Muralha. Um deles não tinha nariz, mas apenas um buraco onde ele havia sido cortado, e o careca gordo com dentes pontiagudos e feridas úmidas nas bochechas tinha olhos nada humanos.

Saíram de Porto Real com cinco carroças carregadas com abastecimento para a Muralha: peles e rolos de tecido, barras de ferro-gusa, uma gaiola de corvos, livros, papel e tinta, um fardo de folhamarga, vasilhas de óleo e baús de medicamentos e especiarias. Parelhas de cavalos de tração puxavam as carroças, e Yoren comprou dois corcéis e meia dúzia de burros para os rapazes. Arya teria preferido um cavalo verdadeiro, mas o burro era melhor do que seguir numa carroça.

Os homens não prestavam atenção nela, mas não teve a mesma sorte com os garotos. Era dois anos mais nova do que o órfão mais jovem, sem contar que também era menor e mais magra, e Lommy e Torta Quente julgavam que seu silêncio significava que estava assustada, ou que era estúpida ou surda.

– Olha aquela espada que o Cabeça de Caroço tem – disse Lommy uma manhã, enquanto abriam seu penoso caminho por entre pomares e campos de trigo. Tinha sido aprendiz de tintureiro antes de ser apanhado roubando, e seus braços eram salpicados de verde até o cotovelo. Quando ria, zurrava como os burros que montavam. – Onde é que um rato de esgoto como o Cabeça de Caroço arranjou uma espada?

Arya mordeu o lábio, carrancuda. Podia ver as costas do manto negro desbotado de Yoren à frente das carroças, mas estava decidida a não ir implorar por sua ajuda.

– Talvez seja um escudeirozinho – sugeriu Torta Quente. Sua mãe tinha sido padeira até morrer, e ele tinha passado dias inteiros empurrando o carrinho de mão pelas ruas, gritando "*Tortas quentes! Tortas quentes!*". – Um escudeirozinho de um senhorzinho de nada, é isso.

– Escudeiro, nada, olha pra ele. Aposto que aquilo nem é uma espada de verdade. Aposto que é uma espada de brincar feita de latão.

Arya detestava que zombassem de Agulha.

– É aço forjado em castelo, seu estúpido – exclamou, virando-se na sela para encará-los. – E é melhor que cale a boca.

Os órfãos vaiaram.

– Onde arranjou uma arma dessas, Cara de Caroço? – quis saber Torta Quente.

– É *Cabeça* de Caroço – Lommy corrigiu. – Deve ter roubado.

– Não roubei *nada*! – Arya gritou. Jon Snow tinha lhe dado Agulha. Talvez tivesse de deixar que a chamassem Cabeça de Caroço, mas não ia deixar que chamassem Jon de ladrão.

– Se roubou a espada, podíamos pegá-la dele – Torta Quente sugeriu. – De qualquer maneira, não é dele. Eu não me importava de ter uma dessas na mão.

Lommy o incitou.

– Vai lá, duvido que pegue.

Torta Quente enfiou os calcanhares no burro, aproximando-se.

– Ei, Cabeça de Caroço, me dá essa espada – seu cabelo era cor de palha e a cara gorda, queimada pelo sol, descamava. – Você não sabe usá-la.

Sei, sim, Arya podia ter dito. *Matei um garoto, um garoto gordo como você. Dei uma estocada na barriga dele e ele morreu, e mato você também se não me deixar em paz.* Mas não se atreveu. Yoren não sabia nada sobre o cavalariço, e ela tinha medo do que pudesse fazer se descobrisse. Arya tinha certeza de que alguns dos outros homens também eram assassinos, os três das algemas com certeza, mas a rainha não estava à procura *deles*, então não era a mesma coisa.

– Olha pra ele – zurrou Lommy Mãos-Verdes. – Aposto que vai começar a chorar. Quer chorar, Cabeça de Caroço?

Arya tinha chorado durante o sono na noite anterior, sonhando com o pai. Ao amanhecer, acordou de olhos vermelhos e secos, e não teria conseguido derramar nem mais uma lágrima, nem que sua vida dependesse disso.

– Vai molhar as calças – sugeriu Torta Quente.

– Deixem-no em paz – disse o rapaz com o cabelo preto crespo, que cavalgava atrás. Lommy lhe dera o apelido de Touro, por causa do elmo com cornos que tinha e que polia o tempo todo, mas nunca usava. Lommy não se atrevia a caçoar do Touro. Era mais velho, e grande para a idade, com um peito largo e braços de aspecto forte.

– É melhor dar a espada ao Torta Quente, Arry – Lommy disse. – O Torta Quente a quer muito. Matou um rapaz a chutes. Aposto que vai fazer o mesmo com você.

– Atirei-o ao chão e chutei suas bolas, e continuei a chutá-lo até estar morto – vangloriou-se Torta Quente. – Estraçalhei o cara a pontapés. Ficou com as bolas estouradas, sangrando, e o pinto preto. É melhor me dar a espada.

Arya puxou a espada de treino do cinto.

– Pode ficar com esta – ela respondeu, sem querer lutar.

– Isso é só um pau qualquer.

O rapaz se aproximou e tentou alcançar o cabo da Agulha.

Arya fez o pau assobiar ao bater com a madeira nas ancas do burro dele. O animal soltou um zurro e deu um salto, arqueando o dorso e atirando Torta Quente no chão. Arya fez seu próprio burro dar meia-volta e espetou o pau na barriga do rapaz quando tentava se levantar, obrigando-o a se sentar de novo com um grunhido. Então, bateu na sua cara, e o nariz dele estalou como um galho quando se quebra. Sangue escorreu de suas narinas. Quando Torta Quente começou a gemer, Arya virou-se para Lommy Mãos-Verdes, que continuava montado no burro, de boca aberta:

– Também quer provar um pouco da espada? – ela gritou, mas ele não queria. Ergueu as mãos tingidas de verde na frente da cara e guinchou que ela se afastasse.

Touro gritou:

– Atrás de você!

Arya rodopiou. Torta Quente estava de joelhos, com o punho fechado segurando uma grande pedra irregular. Arya deixou que a atirasse, abaixando a cabeça quando a pedra passou. Depois, saltou para cima dele. Ele levantou uma mão, e Arya bateu nela, e depois na cara, e depois no joelho. Ele tentou agarrá-la, mas ela se afastou, dançando, e deu com a madeira na nuca dele. Ele caiu, se levantou e tropeçou ao ir atrás dela, com a cara vermelha toda manchada de terra e sangue. Arya adotou uma pose de dançarina de água e esperou. Quando ele chegou suficientemente perto, lançou uma estocada, bem no meio das pernas, com tanta força que, se a espada de madeira tivesse uma ponta, teria saído por entre as nádegas dele.

Quando Yoren a puxou para cima, Torta Quente estava estatelado no chão, com os calções marrons e fedidos, chorando, enquanto Arya batia e voltava a bater.

– *Basta* – rugiu o irmão negro, arrancando a espada de madeira dos dedos dela. – Quer matar esse babaca? – quando Lommy e alguns dos outros começaram a chiar, o velho virou-se também para eles. – Calem a boca vocês também, senão vou fazer com que se calem. Se continuarem com isso, amarro todos atrás das carroças e *arrasto vocês* até a Muralha – Yoren cuspiu. – E isso vale em dobro para você, Arry. Anda comigo, rapaz. *Já.*

Estavam todos olhando para ela, até os três acorrentados e algemados na parte de trás da carroça. O gordo bateu os dentes pontiagudos uns nos outros e *silvou*, mas Arya o ignorou.

O velho a arrastou até bem longe, num emaranhado de árvores longe da estrada, praguejando e resmungando o tempo inteiro.

– Se eu tivesse um pingo de juízo, tinha deixado você em Porto Real. Está me ouvindo, *rapaz*? – Yoren rosnava sempre aquela palavra,

dando-lhe peso para que ela não deixasse de ouvi-la. – Desamarre o calção e abaixe-o. Vai, aqui não tem ninguém vendo. Faz o que eu digo.

Carrancuda, Arya fez o que ele dizia.

– Ali, junto do carvalho. Isso, assim mesmo – Arya abraçou o tronco e comprimiu a cara contra a madeira rugosa. – Agora grita. Grita com força.

Não gritarei, pensou Arya teimosamente, mas, quando Yoren bateu com o pau na parte de trás das suas coxas nuas, o guincho saiu, mesmo sem permissão.

– Acha que isso doeu? – ele perguntou. – Experimenta isto.

O pau caiu assobiando. Arya voltou a guinchar, agarrando-se à árvore para não cair.

– Mais uma vez.

Ela se agarrou mais, mordendo o lábio, estremecendo quando ouviu o pau chegando. A pancada fez Arya saltar e uivar. *Não chorarei*, pensou, *não farei isso. Sou uma Stark de Winterfell, nosso símbolo é o lobo gigante, e os lobos gigantes não choram*. Sentia um estreito fio de sangue escorrendo pela perna esquerda. Suas coxas e nádegas ardiam de dor.

– Pode ser que agora eu tenha a sua atenção – disse Yoren. – Da próxima vez que levantar o pau contra um dos seus irmãos, levará o dobro do que der, está me ouvindo? Agora, vista-se.

Eles não são meus irmãos, Arya pensou, enquanto se dobrava para puxar os calções, mas sabia que não devia dizer aquilo. As mãos atrapalharam-se com o cinto e os cordões.

Yoren estava olhando para ela:

– Tá sentindo dor?

Calma como águas paradas, disse ela a si mesma, como Syrio Forel lhe ensinara.

– Um pouco.

Ele cuspiu.

– Aquele menino das tortas sentiu mais. Não foi ele que matou seu pai, menina, nem o ladrão do Lommy. Bater neles não vai trazê-lo de volta.

– Eu sei – Arya resmungou, carrancuda.

– Mas tem uma coisa que você não sabe. Aquilo não deveria ter acontecido como aconteceu. Tava pronto para ir embora, com as carroças compradas e carregadas, e chega um homem com um rapaz pra mim, uma bolsa de dinheiro e uma mensagem, não me pergunte de quem. "O Lorde Eddard deve vestir o negro", ele me disse, "espera, ele vai contigo". Por que você acha que eu tava lá? Só que alguma coisa deu errado.

– *Joffrey* – Arya exclamou. – Alguém deveria matá-*lo*!

– Alguém vai matar, mas não será você nem eu – Yoren jogou de volta para ela a espada de madeira. – Tem folhamarga nas carroças – ele disse, enquanto voltavam à estrada. – Mastiga um pouco, vai ser bom para a dor.

De fato foi bom, um pouco, embora o gosto fosse ruim e deixasse seu cuspe parecido com sangue. Mesmo assim, seguiu o resto do dia a pé, e o dia seguinte, e o outro depois *desse*, dolorida demais para se sentar num burro. Torta Quente estava pior. Yoren teve de mudar algumas barricas de lugar para que ele pudesse deitar na parte de trás de uma carroça, em cima de umas sacas de cevada, e choramingava cada vez que as rodas batiam numa pedra. Lommy Mãos-Verdes não estava sequer machucado, mas mantinha-se o mais longe possível de Arya.

– Sempre que olha para ele, ele se encolhe – Touro disse a Arya enquanto caminhava ao lado do seu burro. Ela não respondeu. Parecia ser mais seguro não falar com ninguém.

Naquela noite, ficou deitada na sua manta fina no chão duro, fitando o grande cometa vermelho. Era magnífico e assustador ao mesmo tempo. "A Espada Vermelha", assim Touro o chamara; dizia que parecia uma espada, com a lâmina ainda incandescente da forja. Quando Arya o olhava de soslaio, da maneira certa, também conseguia ver a espada, mas não era uma espada nova, era Gelo, a espada longa do pai, toda feita de aço valiriano ondulado, e o vermelho era o sangue de Lorde Eddard na lâmina depois de Sor Ilyn, o Magistrado do Rei, ter cortado sua cabeça. Yoren a obrigara a afastar o olhar quando aquilo aconteceu, mas ela acreditava que o aspecto do cometa devia ser como o que a espada deve ter tomado depois.

Quando por fim adormeceu, sonhou com seu lar. A estrada do rei serpenteava ao longo de Winterfell a caminho da Muralha, e Yoren havia prometido que a deixaria lá sem que ninguém ficasse sabendo nada sobre quem era. Ansiava por voltar a ver a mãe, e Robb, Bran e Rickon… mas era em Jon Snow que mais pensava. Desejava que de algum modo pudessem chegar à Muralha *antes* de Winterfell, para que Jon pudesse despentear seu cabelo e chamá-la de "irmãzinha". Diria "tive saudades de você", e ele diria a mesma coisa no mesmo instante, do modo como costumavam sempre dizer as coisas juntos. Ela gostaria disso. Gostaria mais disso do que de qualquer outra coisa.

Sansa

O dia do nome do Rei Joffrey amanheceu claro e ventoso, com a longa cauda do grande cometa visível por entre nuvens altas e rápidas. Sansa a observava da janela de sua torre quando Sor Arys Oakheart chegou para escoltá-la até o campo de torneios.

– O que você acha que significa? – ela lhe perguntou.

– Glória para o seu prometido – Sor Arys respondeu de imediato. – Veja como flameja pelo céu hoje, no dia do nome de Sua Graça, como se os próprios deuses tivessem içado um estandarte em sua honra. O povo o chamou Cometa do Rei Joffrey.

Sem dúvida era isso que diziam a Joffrey, mas Sansa não tinha tanta certeza de que fosse verdade.

– Ouvi criados chamarem de Cauda do Dragão.

– Rei Joffrey ocupa o lugar que antigamente foi de Aegon, o Dragão, no castelo construído por seu filho – disse Sor Arys. – É ele o herdeiro do dragão… E o carmim é a cor da Casa Lannister, outro sinal. Este cometa foi enviado para anunciar a ascensão de Joffrey ao trono, não tenho qualquer dúvida. Significa que triunfaremos sobre os seus inimigos.

Será verdade?, perguntou Sansa a si mesma. *Seriam os deuses tão cruéis assim?* Sua mãe era agora um dos inimigos de Joffrey, e seu irmão Robb, outro. Seu pai tinha morrido por ordem do rei. Deveriam Robb e sua mãe morrer em seguida? O cometa *era* vermelho, mas Joffrey era tanto Baratheon como Lannister, e o símbolo Baratheon era um veado negro em fundo dourado. Não deveriam os deuses ter mandado a Joff um cometa dourado?

Sansa fechou as venezianas e deu as costas à janela bruscamente.

– Está adorável hoje, minha senhora – Sor Arys a elogiou.

– Obrigada, sor.

Sabendo que Joffrey exigiria que ela comparecesse ao torneio organizado em sua honra, Sansa tinha tomado especial cuidado com seu rosto e suas roupas. Usava um vestido de seda lilás e uma rede de selenitas para o cabelo, presente de Joffrey. O vestido tinha mangas compridas para esconder os hematomas que trazia nos braços. Estes também presentes de Joffrey. Quando lhe disseram que Robb tinha sido proclamado Rei no Norte, sua ira havia sido terrível, e mandara Sor Boros bater nela.

– Vamos? – Sor Arys ofereceu o braço, e Sansa deixou que a levasse dos seus aposentos. Se tinha de ter um membro da Guarda Real seguindo seus passos, preferia que fosse ele. Sor Boros tinha um temperamento irritável, Sor Meryn era frio, e os estranhos olhos mortos de Sor Mandon deixavam-na pouco à vontade, enquanto Sor

Preston a tratava como uma criança estúpida. Arys Oakheart era cortês e falava com ela cordialmente. Uma vez até questionou quando Joffrey lhe ordenara que batesse nela. Acabou batendo, mas não com tanta força como Sor Meryn ou Sor Boros teriam feito, e pelo menos discutira. Os outros obedeciam sem questionar… Exceto Cão de Caça, mas Joff nunca pedia a ele para puni-la. Para isso usava os outros cinco.

Sor Arys tinha cabelo castanho-claro e um rosto que não era desagradável de contemplar. Hoje, estava um tanto elegante, com o manto de seda branca preso ao ombro por uma folha dourada, e um grande carvalho bordado no peito da sua túnica em brilhante fio de ouro.

– Quem acha que conquistará as honras do dia? – Sansa perguntou, enquanto desciam os degraus de braços dados.

– Eu – Sor Arys respondeu, sorrindo. – Mas temo que o triunfo não tenha sabor. Esta será uma competição pequena e pobre. Não mais de duas vintenas entrarão na arena, incluindo escudeiros e cavaleiros livres. Pouca honra se conquista derrubando garotinhos inexperientes.

Sansa lembrou-se de que o último torneio tinha sido diferente. O Rei Robert organizara-o em honra a seu pai. Grandes senhores e campeões famosos tinham vindo de todo o reino para competir, e a cidade inteira apareceu para assistir. Recordava o esplendor. O parque de pavilhões ao longo do rio, com o escudo de um cavaleiro pendurado na frente de cada porta, as longas fileiras de flâmulas de seda esvoaçando ao vento, o brilho do sol em aço cintilante e esporas douradas. Os dias ressoaram ao som das trombetas e de cascos de cavalos, e as noites tinham se enchido de banquetes e canções. Aqueles tinham sido os dias mais mágicos da sua vida, mas agora pareciam a recordação de uma outra era. Robert Baratheon estava morto, e seu pai também, decapitado como traidor nos degraus do Grande Septo de Baelor. Agora havia três reis na nação, e a guerra assolava o Tridente, enquanto a cidade se enchia de homens desesperados. Não surpreendia que tivessem tido de montar o torneio de Joff atrás das espessas muralhas de pedra da Fortaleza Vermelha.

– Acha que a rainha comparecerá? – Sansa sentia-se sempre mais segura quando Cersei estava presente para refrear o filho.

– Temo que não, senhora. O conselho está reunido, algum assunto urgente – Sor Arys baixou a voz. – Lorde Tywin instalou-se em Harrenhal, em vez de trazer seu exército para a cidade, como a rainha ordenou. Sua Graça está furiosa.

Ele ficou em silêncio, enquanto uma coluna de guardas Lannister passava por eles marchando, vestidos com mantos carmesim e elmos encimados por leões. Sor Arys adorava fofocar, mas só quando tinha

certeza de que ninguém o estava ouvindo.

Os carpinteiros tinham erigido uma galeria e uma arena entre as muralhas. Era, de fato, uma coisa medíocre, e a magra afluência de pessoas que tinha vindo assistir ao torneio não enchia mais do que metade dos lugares. A maior parte dos espectadores era de guardas de mantos dourados da Patrulha da Cidade, ou de mantos carmesim da Casa Lannister; senhores e senhoras não eram mais do que um punhado insignificante, os poucos que permaneciam na corte. Lorde Gyles Rosby, com sua cara cinzenta, tossia em um quadrado de seda cor-de-rosa. A Senhora Tanda estava rodeada pelas filhas, a plácida e aborrecida Lollys, e a mordaz Falyse. Jalabhar Xho, de pele de ébano, era um exilado que não tinha nenhum outro refúgio, a Senhora Ermesande, e um bebê, sentado no colo da ama de leite. Segundo se dizia, ela deveria ser casada em breve com um dos primos da rainha, para que os Lannister pudessem reclamar as suas terras.

O rei estava protegido do sol por uma abóbada carmesim, com uma perna jogada negligentemente sobre o braço de madeira esculpida da cadeira. A Princesa Myrcella e o Príncipe Tommen estavam sentados atrás dele. No fundo do camarote real, Sandor Clegane montava guarda, descansando as mãos no cinto da espada. Tinha o manto branco da Guarda Real enrolado sobre os ombros largos e preso com um broche cravejado de joias. O pano, branco como a neve, parecia de certo modo pouco natural sobre sua túnica marrom de tecido grosseiro e justilho de couro com rebites.

– Senhora Sansa – anunciou secamente Cão de Caça quando a viu. Sua voz era áspera como o som de uma serra na madeira. As cicatrizes de queimaduras no seu rosto faziam com que um dos lados da boca se torcesse quando falava.

A Princesa Myrcella fez um tímido aceno de saudação ao ouvir o nome de Sansa, mas o pequeno e roliço Príncipe Tommen saltou, cheio de entusiasmo.

– Sansa, já te disseram? Hoje devo participar do torneio. A mãe disse que eu podia.

Tommen não tinha mais do que oito anos. Fazia Sansa lembrar-se do irmão mais novo, Bran. Eram da mesma idade. Bran estava em Winterfell, aleijado, mas em segurança, e ela daria qualquer coisa para estar com ele.

– Temo pela vida do seu oponente – ela lhe disse solenemente.

– O oponente dele estará estofado com palha – disse Joff a se colocar de pé. O rei trajava uma placa de peito dourada com um leão rugindo gravado, como se esperasse que a guerra o tragasse a qualquer momento. Fazia naquele dia treze anos, e era alto para a idade, com os olhos verdes e o cabelo dourado dos Lannister.

– Vossa Graça – disse ela, fazendo uma reverência.

Sor Arys também fez uma reverência.

– Peço que me perdoe, Vossa Graça. Tenho de ir me equipar para a arena.

Joffrey o mandou embora com um aceno brusco, enquanto estudava Sansa da cabeça aos pés.

– Fico contente que tenha usado as minhas pedras.

Então, o rei decidira desempenhar hoje um papel galante. Sansa sentiu-se aliviada.

– Agradeço-lhe por elas… e pelas suas ternas palavras. Desejo-lhe um afortunado dia do seu nome, Vossa Graça.

– Sente-se – Joffrey ordenou, indicando-lhe com um gesto a cadeira vazia ao lado da sua. – Já lhe informaram? O Rei Pedinte está morto.

– Quem? – por um momento, Sansa sentiu receio de que ele se referisse a Robb.

– Viserys. O último filho do Rei Louco Aerys. Esteve andando pelas Cidades Livres desde antes do meu nascimento, chamando a si próprio rei. Bem, a mãe diz que os dothrakis finalmente o coroaram. Com ouro derretido – soltou uma gargalhada. – É engraçado, não é? O dragão era o seu símbolo. É quase tão bom como se um lobo qualquer matasse o traidor do seu irmão. Talvez eu o dê de comida aos lobos depois de capturá-lo. Já lhe disse que pretendo desafiá-lo para um duelo?

– Gostaria de assistir a isso, Vossa Graça – *mais do que você pensa*. Sansa manteve o tom calmo e educado, mas mesmo assim os olhos de Joffrey estreitaram-se enquanto tentava decidir se estaria caçoando dele. – Vai participar da justa hoje? – ela perguntou rapidamente.

O rei franziu a testa.

– A senhora minha mãe disse que não seria adequado, pois o torneio é em minha honra. De outro modo, eu seria o campeão. Não é verdade, Cão?

A boca do Cão de Caça retorceu-se.

– Contra esses aí? E por que não?

Sansa lembrou-se de que *ele* tinha sido campeão no torneio do pai.

– Irá competir hoje, senhor? – ela lhe perguntou.

A voz de Clegane soou repleta de desprezo.

– Nem valeria o esforço de me armar. Isto é um torneio de mosquitos.

O rei soltou uma gargalhada.

– Meu cão ladra ferozmente. Talvez eu deva lhe ordenar que combata o campeão do dia. Até a morte – Joffrey gostava de obrigar os homens a lutar até a morte.

– Ficaria com um cavaleiro a menos.

Cão de Caça nunca tinha prestado juramento de cavalaria. O irmão era um cavaleiro, e ele o odiava.

Soou um toque de trombeta. O rei voltou a se instalar na sua cadeira e tomou a mão de Sansa na sua. Em outros tempos, aquilo teria feito seu coração disparar, mas isso havia sido antes de ele ter respondido à sua súplica por misericórdia apresentando-lhe a cabeça do pai. Agora, aquele toque enchia-a de repulsa, mas sabia que não devia demonstrá-la. Obrigou-se a ficar sentada, muito quieta.

– *Sor Meryn Trant, da Guarda Real* – gritou um arauto.

Sor Meryn entrou, vindo do lado ocidental do pátio, usando uma placa de cintilante aço branco com filetes dourados, montando um cavalo branco leitoso com uma crina cinza esvoaçante. O manto fluía atrás dele como um campo de neve. Portava uma lança de três metros e meio.

– *Sor Hobber, da Casa Redwyne, da Árvore* – cantou o arauto. Sor Hobber surgiu a trote, vindo do leste, montando um garanhão negro coberto de tecido borgonha e azul. Sua lança era listrada nas mesmas cores, e o escudo ostentava o símbolo do cacho de uvas da sua Casa. Os gêmeos Redwyne eram hóspedes involuntários da rainha, tal como Sansa. Perguntou a si mesma de quem teria sido a ideia da sua participação no torneio de Joffrey. *Deles, aposto que não*, pensou.

A um sinal do mestre das festividades, os combatentes assentaram as lanças e esporearam as montarias. Ouviram-se gritos vindos da assistência de guardas e de senhores e senhoras na galeria. Os cavaleiros chocaram-se no centro do pátio com um grande estrondo de madeira e aço. As lanças branca e a listrada explodiram em lascas com um segundo de diferença uma da outra. Hobber Redwyne oscilou com o impacto, mas de algum modo conseguiu se manter montado. Dando a volta com os cavalos na extremidade da arena, os cavaleiros jogaram fora as lanças quebradas e receberam substitutas das mãos dos escudeiros. Sor Horas Redwyne, irmão gêmeo de Sor Hobber, gritou incentivos ao irmão.

Mas, na segunda passagem, Sor Meryn balançou a ponta da sua lança para atingir Sor Hobber no peito, derrubando-o da sela e fazendo-o estatelar-se com um retumbante estrondo no chão. Sor Horas soltou uma praga e correu para ajudar o irmão exaurido a sair do campo.

– Cavalo mal montado – Rei Joffrey declarou.

– *Sor Balon Swann, de Pedrelmo, na Atalaia Vermelha* – soou o grito do arauto. Grandes asas brancas ornamentavam o elmo de Sor Balon, e cisnes negros e brancos lutavam no seu escudo. – *Morros, da Casa Slynt, herdeiro de Lorde Janos de Harrenhal*.

– Olhe para aquele arrivista imbecil – exclamou Joff, alto o suficiente para que metade do pátio o ouvisse. Morros, um mero

escudeiro, e ainda por cima novato nessa posição, tinha dificuldade em manejar a lança e o escudo. Sansa sabia que a lança era uma arma de cavaleiro, e os Slynt eram homens de baixo nascimento. Lorde Janos não havia sido mais do que comandante da Patrulha da Cidade antes de Joffrey tê-lo trazido para o conselho e lhe ter dado Harrenhal.

Espero que caia e se envergonhe, pensou com amargura. *Espero que Sor Balon o mate*. Quando Joffrey proclamou a morte do pai, foi Janos Slynt quem agarrou a cabeça cortada de Lorde Eddard pelo cabelo e a ergueu bem alto para que o rei e a multidão a contemplassem, enquanto Sansa chorava e gritava.

Morros usava uma capa com xadrez preto e dourado sobre uma armadura negra, incrustada de arabescos dourados. O escudo exibia a lança ensanguentada que o pai havia escolhido como símbolo da sua nova casa. Mas ele parecia não saber o que fazer com o escudo, enquanto incitava o cavalo a avançar, e a ponta de Sor Balon atingiu o brasão em cheio. Morros soltou a lança, lutou para manter o equilíbrio, mas perdeu. Um pé ficou preso no estribo quando caiu, e o cavalo em fuga arrastou o jovem até o fim da arena, com a cabeça quicando no chão. Joff soltou gritos de escárnio. Sansa ficou aterrorizada, perguntando-se se os deuses teriam escutado sua prece vingativa. Porém, quando desprenderam Morros Slynt do cavalo, encontraram-no coberto de sangue, mas vivo.

– Tommen, escolhemos o adversário errado para você – disse o rei ao irmão. – O cavaleiro de palha compete melhor do que aquele ali.

Em seguida, chegou a vez de Sor Horas Redwyne. Esteve melhor do que o irmão, vencendo um cavaleiro idoso, cuja montaria estava adornada com grifos de prata sobre fundo listrado de azul e branco. Apesar da magnificência que ostentava, o velho foi um oponente frágil. Joffrey franziu o lábio.

– Este espetáculo está medíocre.

– Eu o preveni – disse Cão de Caça. – Mosquitos.

O rei estava ficando entediado, o que deixava Sansa ansiosa. Abaixou os olhos e decidiu manter-se em silêncio, acontecesse o que acontecesse. Quando o humor de Joffrey Baratheon se fechava, qualquer palavra à toa podia disparar uma das suas iras.

– *Lothor Brune, cavaleiro livre ao serviço de Lorde Baelish* – gritou o arauto. – *Sor Dontos, o Vermelho, da Casa Hollard.*

O cavaleiro livre, um homem pequeno numa armadura amassada e sem símbolos, surgiu como devia ser, na extremidade ocidental do pátio, mas do seu oponente não havia sinal. Por fim, um garanhão alazão surgiu trotando no meio de um redemoinho de sedas carmim e escarlate, mas Sor Dontos não se encontrava sobre ele. O cavaleiro apareceu um momento mais tarde, praguejando e cambaleando,

equipado com a placa de peito e o elmo com plumas, mas nada mais. Suas pernas eram brancas e magras, e o membro balançava obscenamente enquanto perseguia o cavalo. A audiência rugiu e berrou insultos. Apanhando o cavalo pelo freio, Sor Dontos tentou montar, mas o animal não ficava quieto, e o cavaleiro estava tão bêbado que o pé descalço não acertava o estribo.

Então, a multidão já uivava de rir… Todos, menos o rei. Joffrey tinha uma expressão nos olhos de que Sansa se lembrava bem, a mesma que mostrara no Grande Septo de Baelor no dia em que sentenciou Lorde Eddard Stark à morte. Por fim, Sor Dontos, o Vermelho, desistiu, sentou-se na terra e tirou o elmo emplumado.

– Perdi – gritou. – Tragam-me vinho.

O rei se levantou.

– Um casco da adega! Quero vê-lo afogado nele.

Sansa ouviu-se arquejar.

– *Não*, não pode.

Joffrey virou a cabeça.

– O que você disse?

Sansa não conseguia acreditar que havia falado. Estaria louca? Dizer-lhe *não* na frente de metade da corte? Não pretendera dizer nada, mas… Sor Dontos estava bêbado, bobo e incapaz, mas não tinha sido mal-intencionado.

– Você disse que *não posso*? Disse?

– Por favor – disse Sansa. – Eu só quis dizer… seria má sorte, Vossa Graça… Matar um homem no dia do seu nome.

– Está mentindo – disse Joffrey. – Deveria afogá-la também, se você se preocupa tanto com ele.

– Eu não me preocupo com ele, Vossa Graça – as palavras saíram aos trancos, desesperadamente. – Afogue-o, ou mande cortar sua cabeça, mas… Mate-o amanhã, se quiser, mas, por favor… hoje não, não no dia do seu nome. Não poderia suportar que tivesse má sorte… Uma sorte terrível, mesmo para reis. Todos os cantores o dizem…

Joffrey franziu o cenho. Ele sabia que ela estava mentindo, percebeu. Faria Sansa sangrar por aquilo.

– A moça diz a verdade – Cão de Caça interveio. – O que um homem semeia no dia do seu nome, colhe ao longo do ano – a voz era monocórdica, como se não lhe importasse nem um pouco se o rei acreditava ou não. Poderia ser *verdade*? Sansa não sabia. Tinha sido apenas algo que dissera, desesperada por evitar uma punição.

Pouco feliz, Joffrey moveu-se na cadeira e fez um gesto brusco com os dedos na direção de Sor Dontos.

– Levem-no. Mandarei matar esse tolo amanhã.

– E é o que ele é – disse Sansa. – Um tolo. Um bobo. Você é tão inteligente por ver isso. Ele fica melhor como bobo do que como

cavaleiro, não fica? Deveria vesti-lo com retalhos e fazer dele seu palhaço. Não merece a piedade de uma morte rápida.

O rei a estudou por um momento.

– Talvez não seja tão estúpida como a mãe diz – e levantou a voz: – Ouviu a minha senhora, Dontos? Deste dia em diante, é o meu novo bobo. Pode dormir com o Rapaz-Lua e vestir-se de retalhos.

Sor Dontos, tornado sóbrio depois de roçar a morte de perto, caiu de joelhos.

– Agradeço-lhe, Vossa Graça. E a você também, minha senhora. Obrigado.

Enquanto um par de guardas Lannister o levava, o mestre de cerimônias aproximou-se do camarote:

– Vossa Graça – disse –, deverei chamar um novo adversário para Brune ou prosseguir com a próxima justa?

– Nem uma coisa nem outra. Esses aí são mosquitos, e não cavaleiros. Teria condenado todos à morte se não fosse o dia do meu nome. O torneio acabou. Leve todos para longe da minha vista.

O mestre de cerimônias fez uma reverência, mas o Príncipe Tommen foi menos obediente.

– Eu ia enfrentar o homem de palha.

– Hoje não.

– Mas eu quero.

– Não me interessa o que você quer.

– A mãe *disse* que eu podia.

– É verdade – concordou a Princesa Myrcella.

– A mãe *disse* – zombou o rei. – Não seja infantil.

– Somos crianças – Myrcella declarou com altivez. – *Espera-se* que sejamos infantis.

Cão de Caça soltou uma gargalhada:

– Ela pegou você.

Joffrey aceitou a derrota.

– Muito bem. Nem meu irmão poderá combater pior que os outros. Mestre, traga o manequim. Tommen quer ser um mosquito.

Tommen soltou um grito de alegria e correu para ser preparado, com as pequenas pernas roliças batendo com força no chão.

– Boa sorte – Sansa gritou para ele.

Colocaram o manequim na extremidade mais distante da arena, enquanto o pônei do príncipe era selado. O oponente de Tommen era um guerreiro de couro do tamanho de uma criança, estofado com palha e montado num eixo, com um escudo numa mão e uma maça acolchoada na outra. Alguém tinha prendido um par de chifres de veado na cabeça do cavaleiro. Sansa lembrava-se que o pai de Joffrey, o Rei Robert, usava chifres no elmo, mas também os usava Lorde Renly, irmão de Robert, que tinha se tornado traidor e se coroado rei.

Um par de escudeiros afivelou no príncipe sua ornamentada armadura prateada e carmim. Uma grande crista de penas vermelhas brotava do topo do seu elmo, e o leão de Lannister e o veado coroado de Baratheon brincavam juntos no seu escudo. Os escudeiros ajudaram-no a montar, e Sor Aron Santagar, mestre de armas da Fortaleza Vermelha, avançou e entregou a Tommen uma espada prateada, sem fio, com uma lâmina em forma de folha, concebida para se ajustar a uma mão de oito anos.

Tommen ergueu a lâmina bem alto.

– Rochedo Casterly – gritou, numa aguda voz de garoto, ao bater com os calcanhares no pônei e começar a investida contra o manequim. A Senhora Tanda e Lorde Gyles soltaram vivas desencontrados, e Sansa juntou sua voz às deles. O rei caiu no silêncio.

Tommen fez o pônei seguir a trote ligeiro, brandiu vigorosamente a espada e deu um golpe sólido no escudo do cavaleiro quando passou por ele. O manequim rodopiou, a maça voou e foi dar uma poderosa cacetada na nuca do príncipe. Tommen caiu da sela, fazendo sua armadura nova retinir como um saco de penicos velhos ao atingir o chão. A espada voou para longe, o pônei fugiu a meio galope pelo pátio afora, e uma grande rajada de escárnio agitou o ar. Rei Joffrey foi, de todos, quem riu mais e durante mais tempo.

– Oh – gritou a Princesa Myrcella. Saltou do camarote e correu até o irmão mais novo.

Sansa deu por si possuída por uma estranha e leviana coragem.

– Devia ir com ela – disse ao rei. – Seu irmão pode estar ferido.

Joffrey encolheu os ombros.

– E se estiver?

– Devia ajudá-lo a ficar em pé e lhe dizer que montou bem – Sansa parecia não conseguir se conter.

– Foi derrubado do cavalo e caiu no chão – ressaltou o rei. – Isso não é montar bem.

– Olhe – Cão de Caça os interrompeu. – O rapaz tem coragem. Vai tentar novamente.

Estavam ajudando o Príncipe Tommen a montar no seu pônei. *Se ao menos Tommen fosse o mais velho em vez de Joffrey*, pensou Sansa. *Não me importaria de me casar com Tommen.*

Os sons vindos da guarita apanharam-nos de surpresa. Correntes retiniram quando a porta levadiça foi içada, e os grandes portões abriram-se entre rangidos de dobradiças de ferro.

– Quem lhes disse para abrir o portão? – Joff exigiu saber. Com a agitação na cidade, os portões da Fortaleza Vermelha estavam fechados havia dias.

Uma coluna de homens a cavalo emergiu por baixo da porta

levadiça, com tinidos de aço e ruídos de cascos. Clegane se aproximou do rei, com uma mão no cabo da espada. Os visitantes vinham descompostos, rotos e empoeirados, mas o estandarte que transportavam era o leão de Lannister, dourado no seu fundo carmesim. Alguns usavam os mantos vermelhos e a cota de malha dos soldados Lannister, mas a maioria era de cavaleiros livres e mercenários, com armaduras desemparelhadas e eriçados com seu aço afiado… E havia outros, selvagens monstruosos saídos de uma das histórias da Velha Ama, aquelas assustadoras que Bran antes adorava. Trajavam peles puídas e couro fervido e usavam cabelo comprido e barbas ferozes. Alguns tinham ataduras manchadas de sangue na testa ou enroladas nas mãos e braços, e a outros faltavam olhos, orelhas e dedos.

No meio dos homens, montado num grande cavalo vermelho com uma estranha sela alta que o embalava para trás e para a frente, estava o irmão anão da rainha, Tyrion Lannister, aquele a quem chamavam Duende. Deixara a barba crescer até deixar sua cara enterrada e se transformar num hirsuto emaranhado de pelos amarelos e negros, duros como arame. Às suas costas, caía um manto de pele de gato-das-sombras, de pelo negro rajado de branco. As rédeas estavam na mão esquerda, e o braço direito vinha enfiado numa tira de seda branca, mas, fora isso, parecia tão grotesco como Sansa recordava da época de sua visita a Winterfell. Com sua testa proeminente e olhos de cores diferentes, ainda era o homem mais feio que já vira na vida.

Mas Tommen espetou as esporas no pônei e galopou precipitadamente pelo pátio afora, gritando de alegria. Um dos selvagens, um homem enorme e desajeitado, tão peludo que a cara quase desaparecia no meio da barba, puxou o rapaz da sela, com armadura e tudo, e depositou-o no chão ao lado do tio. O riso sem fôlego de Tommen ecoou nas muralhas quando Tyrion lhe deu uma palmada na placa das costas, e Sansa espantou-se ao notar que os dois eram da mesma altura. Myrcella veio correndo atrás do irmão, e o anão pegou-a pela cintura e fez a princesa rodopiar, gritando.

Quando a devolveu ao chão, o pequeno homem deu um beijo leve na sua testa e bamboleou através do pátio, na direção de Joffrey. Dois dos seus homens seguiram-no de perto; um mercenário de cabelo e olhos negros, que se movia como um gato caçando, e um jovem magro com uma órbita vazia no local onde um olho deveria estar. Tommen e Myrcella vieram atrás deles.

O anão caiu sobre um joelho em frente do rei.

– Vossa Graça.

– Você – disse Joffrey.

– Eu – concordou o Duende –, se bem que uma saudação mais cortês talvez fosse mais apropriada para um tio e um homem mais

velho.

– Dizia-se que estava morto – disse Cão de Caça.

O pequeno homem lançou um olhar ao grande. Um dos seus olhos era verde, o outro, negro, e ambos eram frios.

– Falava com o rei, não com o cachorro dele.

– *Eu* estou feliz por não estar morto – disse a Princesa Myrcella.

– Compartilhamos essa opinião, querida filha.

Tyrion virou-se para Sansa.

– Minha senhora, lamento as suas perdas. Os deuses são realmente cruéis.

Sansa não conseguiu encontrar uma só palavra para lhe dizer. Como podia ele lamentar as suas perdas? Estaria caçoando dela? Não eram os deuses que eram cruéis, era Joffrey.

– Lamento também a sua perda, Joffrey – disse o anão.

– Que perda?

– O seu real pai? Um homem grande e impetuoso com uma barba negra; recordará dele se fizer um esforço. Foi rei antes do senhor.

– Ah, *ele*. Sim, foi muito triste, um javali o matou.

– É isso *o que se* diz, Vossa Graça?

Joffrey franziu a testa. Sansa sentiu que devia dizer qualquer coisa. O que a Septã Mordane costumava lhe dizer? *A armadura de uma senhora é a cortesia*, era isso. Colocou sua armadura e disse:

– Lamento que a senhora minha mãe o tenha tomado prisioneiro, senhor.

– Há muitas pessoas que lamentam isso – Tyrion respondeu. – E antes que eu termine o que tenho a fazer, algumas poderão lamentá-lo um pouco mais… No entanto, agradeço o sentimento. Joffrey, onde poderei encontrar sua mãe?

– Ela está com o conselho – o rei respondeu. – Seu irmão Jaime anda só perdendo batalhas – lançou a Sansa um olhar zangado, como se fosse culpa *dela*. – Foi capturado pelos Stark e perdemos Correrrio. Agora o estúpido irmão dela intitula-se rei.

O anão deu um sorriso torto.

– Nos dias que correm todo tipo de gente se intitula rei.

Joff não soube o que pensar daquilo, embora tivesse uma expressão de suspeita e insatisfação.

– Sim. Bem. Fico feliz que não esteja morto, tio. Trouxe-me algum presente para o dia do meu nome?

– Sim. A minha inteligência.

– Preferiria a cabeça de Robb Stark – Joff rebateu, com um relance maldoso para Sansa. – Tommen, Myrcella, venham.

Sandor Clegane deixou-se ficar um momento para trás:

– Eu teria cuidado com essa sua língua, homenzinho – preveniu-o, antes de se afastar a passos largos atrás do seu senhor.

Sansa foi deixada com o anão e seus monstros. Tentou pensar no que poderia dizer mais.

– Está com o braço ferido – ela disse, por fim.

– Um dos seus nortenhos atingiu-me com uma maça de guerra durante a batalha no Ramo Verde. Escapei dele caindo do cavalo – seu sorriso malicioso transformou-se em algo mais suave enquanto estudava o rosto dela. – É o pesar pelo senhor seu pai que a deixa tão triste?

– Meu pai era um traidor – Sansa respondeu imediatamente. – E meu irmão e a senhora minha mãe são também traidores – tinha aprendido depressa aquele reflexo. – Eu sou leal ao meu amado Joffrey.

– Sem dúvida. Tão leal como uma corça rodeada de lobos.

– Leões – sussurrou ela, sem pensar. Olhou em volta nervosamente, mas ninguém estava suficientemente perto para ouvir.

O Lannister estendeu a mão, tomou a dela na sua e a apertou.

– Eu sou só um pequeno leão, filha, e juro que não a morderei – e, com uma reverência, disse: – Mas agora deve me desculpar. Tenho assuntos urgentes a tratar com a rainha e o conselho.

Sansa ficou vendo o anão afastar-se, com o corpo oscilando pesadamente de um lado para o outro a cada passo, como algo saído de um circo de aberrações. *Fala com mais gentileza do que Joffrey*, pensou, *mas a rainha também falou comigo com gentileza. É ainda um Lannister, irmão dela e tio de Joff, e não é amigo*. Antes, tinha amado o Príncipe Joffrey de todo o coração e admirara e confiara em sua mãe, a rainha. Tinham lhe devolvido esse amor e confiança com a cabeça do seu pai. Sansa nunca mais voltaria a cometer o mesmo erro.

Tyrion

No gelado traje branco da Guarda Real, Sor Mandon Moore parecia um cadáver envolto numa mortalha.

– Sua Graça deixou ordens; a sessão do conselho não deverá ser perturbada.

– Eu seria apenas uma pequena perturbação, sor – Tyrion tirou o pergaminho da manga. – Trago uma carta do meu pai, Lorde Tywin Lannister, a Mão do Rei. Aqui está o seu selo.

– Sua Graça não deseja ser perturbada – repetiu lentamente Sor Mandon, como se Tyrion fosse um bronco e não o tivesse ouvido da primeira vez.

Jaime, certa vez, tinha lhe dito que Moore era o mais perigoso membro da Guarda Real, além dele próprio, naturalmente, porque sua cara não revelava nenhum sinal do que poderia fazer a seguir. Tyrion teria acolhido bem algum sinal. Bronn e Timett teriam boas chances de matar o cavaleiro caso se chegasse a cruzar espadas, mas dificilmente seria bom presságio começar assassinando um dos protetores de Joffrey. E no entanto, se deixasse que o homem o mandasse embora, onde estaria sua autoridade? Obrigou-se a sorrir.

– Sor Mandon, não conhece os meus companheiros. Este é Timett, filho de Timett, Mão Vermelha dos Homens Queimados. E este é Bronn. Lembra-se de Sor Vardis Egen, que era capitão da guarda doméstica de Lorde Arryn?

– Conheço o homem.

Os olhos de Sor Mandon eram cinza-claros, estranhamente descorados e sem vida.

– Conhecia – corrigiu Bronn, com um fino sorriso.

Sor Mandon não se rebaixou a mostrar que o tinha ouvido.

– Que seja – disse Tyrion com certa inconsequência. – Eu realmente preciso encontrar minha irmã e lhe apresentar a carta, sor. Teria a bondade de abrir a porta para nos deixar entrar?

O cavaleiro branco não respondeu. Tyrion estava quase a ponto de tentar forçar passagem, quando Sor Mandon se afastou abruptamente:

– Você pode entrar. Eles não.

Uma pequena vitória, pensou, *mas saborosa*. Tinha passado pelo primeiro teste. Tyrion Lannister atravessou a porta, sentindo-se quase alto. Cinco membros do pequeno conselho do rei interromperam subitamente uma discussão.

– Você – disse sua irmã Cersei, num tom que incluía partes iguais de descrença e desagrado.

– Estou vendo com quem Joffrey aprendeu a boa educação –

Tyrion fez uma pausa para admirar o par de esfinges valirianas que guardavam a porta, aparentando um ar de confiança casual. Cersei conseguia farejar fraqueza tão bem como um cão farejava o medo.

– O que você está fazendo aqui? – os belos olhos verdes da irmã estudavam-no sem o menor sinal de afeto.

– Sou portador de uma carta do senhor nosso pai.

Deslocou-se vagarosamente até a mesa e depositou o pergaminho bem enrolado entre ele e a irmã. O eunuco Varys pegou a carta e a revirou nas mãos delicadas e empoadas.

– Que gentileza da parte de Lorde Tywin. E a cera do seu selo é de um tom dourado tão delicado – Varys inspeccionou o selo de perto. – Tem todo o jeito de ser genuíno.

– Claro que é genuíno – Cersei arrancou a carta das mãos do eunuco, quebrou a cera e desenrolou o pergaminho.

Tyrion observou-a enquanto lia. A irmã tinha ocupado a cadeira do rei. Tyrion concluiu que Joffrey não se importava, tanto quanto Robert, em estar presente nas reuniões do conselho, e subiu na cadeira da Mão. Parecia apropriado.

– Isto é absurdo – a rainha disse por fim. – O senhor meu pai enviou meu irmão para ocupar o seu lugar neste conselho. Pede-nos para aceitar Tyrion como Mão do Rei até o momento em que possa se juntar a nós.

O Grande Meistre Pycelle afagou sua longa barba branca e fez um aceno solene:

– Aparentemente, temos que lhe dar as boas-vindas.

– Realmente – Janos Slynt, com seu grande queixo e falta de cabelo, assemelhava-se bastante a uma rã, uma rã presunçosa que tinha subido muito mais alto do que deveria. – Sentimos grandemente a sua falta, senhor. A rebelião grassa por todo o lado, há este sinistro presságio no céu, tumultos nas ruas da cidade…

– E de quem é a culpa disso, Lorde Janos? – atacou Cersei. – Seus homens de manto dourado estão encarregados de manter a ordem. Quanto a você, Tyrion, poderia nos servir melhor no campo de batalha.

Tyrion soltou uma gargalhada:

– Não, chega de campos de batalha para mim, muito obrigado. Sento-me melhor numa cadeira do que num cavalo, e gosto mais de segurar uma taça de vinho do que um machado de batalha. Toda aquela conversa a respeito do rufar dos tambores, da luz do sol brilhando nas armaduras, de magníficos corcéis de batalha resfolegando e empinando? Pois bem, os tambores me dão dor de cabeça, a luz do sol brilhando na minha armadura me cozinha como se fosse um ganso no dia da colheita, e esses magníficos corcéis cagam *por todo lado*. Não que esteja me queixando. Comparando com a

hospitalidade de que desfrutei no Vale de Arryn, tambores, cocô de cavalo e picadas de moscas são as minhas coisas favoritas.

Mindinho soltou uma gargalhada.

– Bem dito, Lannister. Um homem que partilha dos meus sentimentos.

Tyrion sorriu, lembrando-se de um certo punhal com um cabo de osso de dragão e uma lâmina de aço valiriano. *Teremos de ter uma conversa sobre isso, e em breve*. Perguntou a si mesmo se Lorde Petyr também acharia esse assunto divertido.

– Por favor – disse-lhes então. – Deixem-me ser útil, de qualquer *pequeno* modo que me seja possível.

Cersei voltou a ler a carta.

– Quantos homens trouxe consigo?

– Algumas centenas. Principalmente homens meus. Meu pai se mostrou renitente em se separar de alguns dos seus. Afinal de contas, ele *está* travando uma guerra.

– De que servirão algumas centenas de homens se Renly marchar sobre a cidade, ou se Stannis zarpar de Pedra do Dragão? Peço um exército, e meu pai me manda um anão. O *rei* nomeia a Mão, com o consentimento do conselho. Joffrey nomeou o senhor nosso pai.

– E o senhor nosso pai me nomeou.

– Ele não pode fazer isso. Não sem o consentimento de Joffrey.

– Lorde Tywin está em Harrenhal com a sua tropa, se quiser levar o assunto à sua consideração – disse Tyrion amavelmente. – Senhores, queiram me permitir uma palavra a sós com minha irmã?

Varys pôs-se em pé com um movimento deslizante, exibindo aquele seu sorriso engordurado.

– Como deve ter ansiado pelo som da voz da sua doce irmã. Senhores, por favor, vamos lhes dar uns instantes. As desgraças do nosso perturbado reino esperarão.

Janos Slynt levantou-se com hesitação, e o Grande Meistre Pycelle com solenidade, mas levantaram-se. Mindinho foi o último.

– Devo ordenar ao intendente que prepare aposentos na Fortaleza de Maegor?

– Agradeço, Lorde Petyr, mas ocuparei os antigos aposentos de Lorde Stark na Torre da Mão.

Mindinho soltou uma gargalhada.

– É um homem mais corajoso do que eu, Lannister. *Conhece* o destino dos dois últimos Mãos?

– Dois? Se deseja me assustar, por que não dizer quatro?

– Quatro? – Mindinho ergueu uma sobrancelha. – Os Mãos anteriores a Lorde Arryn tiveram algum terrível fim na Torre? Creio que era jovem demais para prestar muita atenção neles.

– O último Mão de Aerys Targaryen foi morto durante o saque a

Porto Real, embora eu duvide de que tenha tido tempo para se instalar na Torre. Só foi Mão durante uma quinzena. Seu antecessor foi queimado vivo. E antes desse houve outros dois, que morreram sem terras e sem dinheiro no exílio, e ainda consideravam-se sortudos. Creio que o senhor meu pai foi o último Mão a abandonar Porto Real com seu nome, propriedades e corpo intactos.

– Fascinante – Mindinho respondeu. – Mais uma razão para que eu prefira passar as noites na masmorra.

Talvez se possa satisfazer esse seu desejo, Tyrion pensou, mas disse:

– A coragem e a loucura são primas, ou pelo menos foi o que ouvi dizer. Seja qual for a praga que paira sobre a Torre da Mão, rezo para ser suficientemente pequeno para não chamar sua atenção.

Janos Slynt riu, Mindinho sorriu, e o Grande Meistre Pycelle os seguiu para fora da sala, com uma reverência grave.

– Espero que nosso pai não tenha feito você percorrer toda esta distância para me atormentar com lições de história – disse a irmã quando ficaram sós.

– Como ansiei pelo som da sua doce voz – Tyrion suspirou.

– Como ansiei por arrancar a língua daquele eunuco com tenazes em brasa – Cersei respondeu. – Nosso pai perdeu o juízo? Ou será que você falsificou esta carta? – voltou a lê-la, com um aborrecimento crescente. – Por que ele me imporia a *sua* presença? Queria que viesse em pessoa – amarrotou a carta de Lorde Tywin nas mãos. – Sou regente de Joffrey e dei a ele uma *ordem* real!

– E ele a ignorou – Tyrion observou. – Tem um exército bastante grande, pode fazer isso. E não é o primeiro. Ou é?

A boca de Cersei apertou-se. Tyrion viu sua cor mudando.

– Se eu declarar que esta carta é uma falsificação e lhes disser para atirá-lo em uma masmorra, ninguém ignorará *isso*, garanto.

Tyrion sabia que agora caminhava sobre gelo quebradiço. Um passo em falso, e perderia o apoio.

– Ninguém – concordou amigavelmente –, muito menos nosso pai. Aquele que tem o exército. Mas, por que haveria de querer me atirar em uma masmorra, querida irmã, quando percorri todo este caminho para ajudá-la?

– Não pedi *sua* ajuda. Foi a presença do nosso pai que exigi.

– Sim – Tyrion disse em voz baixa. – Mas quem você quer é Jaime.

Sua irmã achava que era sutil, mas eles tinham crescido juntos. Podia ler seu rosto como se fosse um dos seus livros preferidos, e aquilo que lia agora era raiva, medo e desespero.

– Jaime…

– … é tanto meu irmão como seu – Tyrion interrompeu. – Apoie-me, e prometo que obteremos a libertação e devolução de Jaime, são e

salvo.

– Como? – Cersei quis saber. – O rapaz Stark e a mãe não esquecerão facilmente que decapitamos Lorde Eddard.

– É verdade – concordou Tyrion –, mas ainda tem suas filhas, não tem? Vi a menina mais velha no pátio com o Joffrey.

– Sansa – disse a rainha. – Divulguei que também tenho a fedelha mais nova, mas é mentira. Mandei Meryn Trant capturá-la quando Robert morreu, mas o maldito do seu mestre de dança interferiu e a garota fugiu. Nunca mais ninguém a viu. Provavelmente está morta. Morreu muita gente naquele dia.

Tyrion esperava ter ambas as meninas Stark, mas supunha que uma teria de servir.

– Fale dos nossos amigos no conselho.

Sua irmã lançou um relance para a porta.

– Que tem eles?

– Nosso pai parece que ganhou antipatia por eles. Quando o deixei, estava pensando sobre o aspecto que aquelas cabeças teriam na muralha ao lado da cabeça de Lorde Stark – inclinou-se para a frente, por cima da mesa. – Está certa da lealdade deles? Confia neles?

– Não confio em ninguém – Cersei exclamou. – Preciso deles. Meu pai acredita que estejam nos enganando?

– Não acredita, suspeita.

– Por quê? Ele sabe alguma coisa?

Tyrion encolheu os ombros:

– Sabe que o curto reinado do seu filho tem sido uma longa parada de loucuras e desastres. Isso sugere que alguém está dando a Joffrey conselhos muito ruins.

Cersei sondou-o com o olhar.

– Não faltaram bons conselhos a Joff. Sempre foi obstinado. Agora que é o rei, acha que deve fazer o que bem entende, não o que lhe é pedido.

– As coroas fazem coisas estranhas às cabeças que estão por baixo delas – concordou Tyrion. – Esta história do Eddard Stark… Foi obra de Joffrey?

A Rainha fez uma careta.

– Ele foi instruído a perdoar o Stark, a deixá-lo vestir o negro. O homem ficaria para sempre fora do nosso caminho, e poderíamos ter feito a paz com aquele seu filho, mas Joff resolveu dar à multidão um espetáculo melhor. O que eu poderia fazer? Ele exigiu a cabeça de Lorde Eddard na frente de metade da cidade. Janos Slynt e Sor Ilyn avançaram alegremente, e encurtaram o homem sem uma palavra minha! – sua mão fechou-se num punho. – O Alto Septão afirma que profanamos o Septo de Baelor com sangue, depois de termos mentido a ele quanto às nossas intenções.

– E parece que tem razão – Tyrion disse. – Quer dizer então que este *Lorde* Slynt fez parte da coisa? Diga-me, de quem foi a magnífica ideia de lhe dar Harrenhal e o nomear para o conselho?

– Foi Mindinho quem arranjou tudo. Precisávamos dos homens de manto dourado de Slynt. Eddard Stark estava conspirando com Renly, e tinha escrito a Lorde Stannis, oferecendo-lhe o trono. Se Sansa não tivesse vindo até mim e contado todos os planos do pai…

Tyrion estava surpreso.

– Ah, é? Sua própria filha? – Sansa sempre lhe parecera uma doce menina, terna e delicada.

– A garota estava louca de amor. Teria feito *qualquer coisa* por Joffrey, até que ele cortou a cabeça do seu pai, e chamou o ato de misericórdia. Isso pôs fim ao romance.

– Sua Graça tem um modo único de conquistar os corações dos súditos – Tyrion observou com um sorriso torto. – Foi também por desejo de Joffrey que Sor Barristan Selmy foi demitido da Guarda Real?

Cersei suspirou.

– Joff queria culpar alguém pela morte de Robert. Varys sugeriu Sor Barristan. E por que não? Isso dava a Jaime o comando da Guarda Real e um lugar no pequeno conselho e permitia que Joff atirasse um osso ao seu Cão. Gosta muito de Sandor Clegane. Estávamos preparados para oferecer a Selmy algumas terras e uma fortaleza, mais do que o inútil velho tolo merecia.

– Ouvi dizer que esse inútil velho tolo matou dois dos homens de mantos dourados de Slynt quando tentaram capturá-lo no Portão da Lama.

Sua irmã fez uma expressão muito infeliz.

– Janos devia ter enviado mais homens. Não é tão competente como seria desejável.

– Sor Barristan era Senhor Comandante da Guarda Real de Robert Baratheon – Tyrion lembrou contundentemente à irmã. – Ele e Jaime são os únicos sobreviventes dos sete de Aerys Targaryen. O povo fala dele da mesma forma que se referem a Serwyn do Escudo de Espelhos ou ao Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão. O que imagina que eles pensarão quando virem Barristan, o Ousado, cavalgando ao lado de Robb Stark ou de Stannis Baratheon?

Cersei afastou o olhar.

– Não tinha levado isso em conta.

– Nosso pai levou – Tyrion rebateu. – Foi por isso que me enviou. Para pôr fim a essas loucuras e obrigar seu filho a nos obedecer.

– Joff não será mais tratável por você do que por mim.

– Poderá ser.

– Por quê?

– Sabe que você nunca lhe faria mal.

Os olhos de Cersei estreitaram-se.

– Se acha que eu permitiria que fizesse mal ao meu filho, você está doente e com febre.

Tyrion suspirou. Ela não tinha entendido, como acontecia frequentemente.

– Joffrey está tão seguro comigo como está com você – assegurou-lhe –, mas, desde que se *sinta* ameaçado, vai ficar mais disposto a escutar – tomou a mão dela. – Eu *também* sou seu irmão, sabe? Precisa de mim, quer queira admitir isso quer não. Seu filho precisa de mim, se quiser ter alguma esperança de conservar aquela feia cadeira de ferro.

Sua irmã pareceu chocada por ele tê-la tocado.

– Sempre foi astuto.

– Ao meu pequeno modo – Tyrion deu um sorriso.

– Talvez valha a pena tentar… Mas não se iluda, Tyrion. Se aceitá-lo, será Mão do Rei no título, mas, na verdade, a *minha* Mão. Dividirá comigo todos os seus planos e intenções antes de agir e não fará *nada* sem o meu consentimento. Compreende?

– Ah, sim.

– Concorda?

– Com certeza – ele mentiu. – Sou seu, mana – *durante o tempo que tiver de ser*. – Então, agora que temos os mesmos propósitos, não devíamos ter mais segredos entre nós. Você diz que Joffrey mandou matar Lorde Eddard, que Varys demitiu Sor Barristan, e que Mindinho nos deu de presente Lorde Slynt. Quem assassinou Jon Arryn?

Cersei atirou a cabeça para trás.

– Como hei de saber?

– A viúva de luto no Ninho da Águia parece pensar que fui eu. Pergunto-me de onde ela tirou tal ideia…

– Posso garantir que não sei. Aquele imbecil do Eddard Stark me acusou da mesma coisa. Sugeriu que Lorde Arryn suspeitava ou… bem, acreditava…

– Que andava fodendo o nosso querido Jaime?

Ela o esbofeteou.

– Achava que eu era tão cego como nosso pai? – Tyrion esfregou a bochecha. – Com quem você se deita não é problema meu… Se bem que não pareça muito justo que abra as pernas a um irmão e não ao outro.

Ela o esbofeteou novamente.

– Seja gentil, Cersei. Só estou brincando com você. A bem da verdade, preferiria ter uma boa vadia. Nunca entendi o que Jaime via em você, além do seu próprio reflexo.

Mais uma bofetada.

Tyrion tinha as bochechas vermelhas e ardendo, mas sorria, e disse:

– Se continuar a fazer isso, pode ser que me irrite.

Então, ela conteve sua mão.

– Por que deveria ligar para isso?

– Tenho alguns amigos novos – Tyrion confessou. – Não vai gostar nada deles. Como matou Robert?

– Isso ele fez por conta própria. Nós só ajudamos. Quando Lancel viu que Robert ia atrás do javali, deu-lhe vinho forte. Seu tinto azedo preferido, mas fortificado, três vezes mais potente do que ele estava habituado. O bobalhão fedorento adorou. Podia ter parado de engolir o vinho em qualquer momento, mas não, entornou um odre e disse a Lancel para ir buscar outro. O javali fez o resto. Devia ter estado no banquete, Tyrion. Nunca houve javali mais delicioso. Cozinharam-no com cogumelos e maçãs, e tinha sabor de triunfo.

– A verdade, minha irmã, é que você nasceu para viúva – Tyrion gostava bastante de Robert Baratheon, por mais que se tratasse de um grande idiota fanfarrão… Sem dúvida, em parte porque a irmã o desprezava tanto. – Bom, se já parou de me esbofetear, vou embora – virou as pernas e desceu desajeitadamente da cadeira.

Cersei franziu a testa.

– Não te dei licença para sair. Quero saber como pretende libertar Jaime.

– Direi quando souber. As intrigas são como a fruta, requerem um certo amadurecimento. Agora, tenho em mente percorrer as ruas a cavalo e tomar o pulso desta cidade – Tyrion pousou a mão na cabeça da esfinge ao lado da porta. – Um pedido de despedida. Faça o favor de se assegurar de que nenhum mal aconteça a Sansa Stark. Não seria bom perder *ambas* as filhas.

Fora da sala do conselho, Tyrion fez um aceno de cabeça a Sor Mandon e seguiu pelo longo átrio abobadado. Bronn pôs-se a seu lado. De Timett, filho de Timett, não havia sinal.

– Onde está a nossa Mão Vermelha? – Tyrion perguntou.

– Sentiu vontade de explorar. Não é o tipo de homem feito para esperar em salões.

– Espero que não mate ninguém importante.

Os homens dos clãs que Tyrion havia trazido dos seus baluartes nas Montanhas da Lua eram leais, à sua maneira feroz, mas também orgulhosos e brigões, dados a responder com aço a insultos, reais ou imaginários.

– Tente encontrá-lo. E, enquanto isso, certifique-se de que os outros foram aquartelados e alimentados. Quero-os na caserna sob a Torre da Mão, mas não deixe que o intendente instale os Corvos de Pedra perto dos Irmãos da Lua, e diga-lhe que os Homens Queimados

precisam ter um salão somente para si.

– Onde você estará?

– Vou voltar para a Bigorna Quebrada.

Bronn exibiu um sorriso insolente.

– Precisa de escolta? Segundo se diz, as ruas estão perigosas.

– Chamarei o capitão da guarda doméstica da minha irmã e vou lembrá-lo de que sou tão Lannister quanto ela. Ele tem de se lembrar de que prestou juramento a Rochedo Casterly, e não a Cersei ou a Joffrey.

Uma hora mais tarde, Tyrion saía da Fortaleza Vermelha acompanhado por uma dúzia de guardas Lannister usando mantos carmesim e meios-elmos com leões em cima. Quando passaram por baixo da porta levadiça, ele reparou nas cabeças espetadas no topo das muralhas. Negras de podridão e alcatrão, já tinham se tornado irreconhecíveis há muito tempo.

– Capitão Vylarr – Tyrion chamou –, quero aquilo tirado dali de manhã. Entregue-as às irmãs silenciosas para que as limpem.

Supunha que seria um inferno fazê-las corresponder aos corpos, mas isso tinha de ser feito. Mesmo no meio de uma guerra, uma certa decência tinha de ser mantida.

Vylarr mostrou-se hesitante.

– Sua Graça disse-nos que deseja que as cabeças dos traidores permaneçam nas muralhas até encher aqueles três últimos espigões que estão ali, na ponta.

– Deixe-me adivinhar. Um é para Robb Stark, e os outros para os Lordes Stannis e Renly. Estou certo?

– Sim, senhor.

– Meu sobrinho fez hoje treze anos, Vylarr. Tente se lembrar disso. Quero aquelas cabeças tiradas dali de manhã; caso contrário, um daqueles espigões poderá ter um inquilino diferente. Compreende aonde quero chegar, capitão?

– Vou me assegurar pessoalmente de que sejam tiradas, senhor.

– Ótimo – Tyrion encostou os calcanhares no cavalo e afastou-se a trote, obrigando os homens de manto vermelho a segui-lo o melhor que pudessem.

Tinha dito a Cersei que pretendia tomar o pulso da cidade. Não era uma mentira completa. Tyrion Lannister não ficou satisfeito com muito do que viu. As ruas de Porto Real sempre tinham sido lugares apinhados, desagradáveis e ruidosos, mas agora fediam a perigo, de um modo que ele não recordava de visitas anteriores. Um cadáver nu estava estatelado na sarjeta perto da Rua dos Teares, e era devorado por uma matilha de cães ferozes, mas ninguém parecia se importar. A patrulha estava bem evidente, deslocando-se aos pares pelas vielas, com seu manto dourado e camisas de cota de malha negra, as mãos

sempre perto dos porretes. Os mercados encontravam-se repletos de homens esfarrapados, que vendiam os bens das suas casas por qualquer preço que conseguissem alcançar… e notoriamente vazios de fazendeiros vendendo alimentos. Os poucos produtos que via eram três vezes mais caros do que tinham sido um ano antes. Um vendedor ambulante anunciava ratazanas assadas no espeto. "*Ratazanas frescas*", gritava o homem sonoramente, "*ratazanas frescas*". Não restavam dúvidas de que ratazanas frescas eram preferíveis a velhas ratazanas fedidas e podres. O que era assustador era que as ratazanas pareciam mais apetitosas do que a maior parte daquilo que os açougueiros vendiam. Na Rua da Farinha, Tyrion viu guardas porta sim porta não. Quando as vacas estão magras, até os padeiros acham mercenários mais baratos do que pão, refletiu.

– Não há comida chegando à cidade, não é? – disse a Vylarr.

– Muito pouca – admitiu o capitão. – Com a guerra nas terras fluviais e Lorde Renly recrutando rebeldes em Jardim de Cima, as estradas estão fechadas para sul e para oeste.

– E o que fez minha boa irmã quanto a isso?

– Está tomando medidas para restaurar a paz do rei – assegurou-lhe Vylarr. –Lorde Slynt triplicou o tamanho da Patrulha da Cidade, e a rainha pôs mil artesãos para trabalhar nas nossas defesas. Os pedreiros estão reforçando as muralhas, os carpinteiros constroem balistas e catapultas às centenas, fabricantes de flechas as produzem, ferreiros forjam lâminas e a Guilda dos Alquimistas prometeu dez mil frascos de fogovivo.

Tyrion remexeu-se desconfortavelmente na sela. Agradava-lhe ver que Cersei não tinha ficado de braços cruzados, mas o fogovivo era um material traiçoeiro, e dez mil frascos eram o suficiente para transformar Porto Real inteiro em brasas.

– Onde minha irmã achou dinheiro para pagar por tudo isso?

Não era segredo para ninguém que Rei Robert deixara a coroa muito endividada, e os alquimistas não costumavam ser confundidos com altruístas.

– Lorde Mindinho sempre acha uma maneira, senhor. Criou um imposto sobre todos aqueles que desejem entrar na cidade.

– Sim, isso deve funcionar – Tyrion respondeu, pensando: *Esperto. Esperto e cruel.* Dezenas de milhares tinham fugido da luta em troca da suposta segurança de Porto Real. Vira-os na estrada do rei, grupos de mães, filhos e pais ansiosos, que olhavam para os seus cavalos e carroças com olhos cobiçosos. Quando chegassem à cidade, não havia dúvida de que pagariam tudo o que possuíam para colocar aquelas muralhas altas e reconfortantes entre eles e a guerra… Embora, talvez, pensassem duas vezes se tivessem conhecimento do fogovivo.

A estalagem que ficava por baixo do letreiro da Bigorna Quebrada

erguia-se à vista dessas muralhas, perto do Portão dos Deuses, por onde tinham entrado nessa manhã. Quando adentraram o pátio, um rapaz correu a fim de ajudar Tyrion a desmontar do cavalo.

– Leve seus homens de volta para o castelo – disse a Vylarr. – Passarei a noite aqui.

O capitão parecia em dúvida.

– Ficará a salvo, senhor?

– Bem, quanto a isso, capitão, quando deixei a estalagem, esta manhã, estava cheia de Orelhas Negras. Nunca se está propriamente a salvo quando Chella, filha de Cheyk, se encontra por perto – Tyrion bamboleou na direção da porta, deixando Vylarr sozinho, tentando compreender aquela resposta.

Uma rajada de alegria o acolheu quando entrou na sala comum da estalagem. Reconheceu o riso gutural de Chella, e a música mais leve da risada de Shae. A moça estava sentada perto da lareira, bebendo vinho, em uma mesa redonda de madeira, com três dos Orelhas Negras, que Tyrion havia deixado guardando-a, e um homem rechonchudo que estava de costas para a porta. Pensou que fosse o estalajadeiro… Até que Shae chamou Tyrion pelo nome, e o intruso se ergueu.

– Meu bom senhor, estou *tão* contente por ver você – disse efusivamente o homem, com um suave sorriso de eunuco no rosto empoado.

Tyrion tropeçou.

– Lorde Varys. Não esperava encontrar você aqui – *que os Outros o carreguem. Como os encontrara tão depressa?*

– Perdoe-me a intromissão – disse Varys. – Fui tomado por uma súbita vontade de conhecer sua jovem senhora.

– Jovem senhora – repetiu Shae, saboreando as palavras. – Está meio certo, senhor. Sou jovem.

Dezoito anos, pensou Tyrion. *Dezoito anos e uma prostituta, mas com uma inteligência rápida, ágil como uma gata entre os lençóis, com grandes olhos escuros, um belo cabelo negro e uma boquinha doce, suave e faminta… E é minha! Maldito seja, eunuco.*

– Receio que seja eu o intruso, Lorde Varys – disse com uma cortesia forçada. – Quando entrei, estavam no meio de algo muito divertido.

– O senhor Varys elogiou Chella pelas orelhas e disse que deve ter matado muitos homens para ter um colar tão bonito – Shae explicou. Tyrion ficou irritado ao ouvi-la chamar Varys de *senhor* naquele tom; era como o chamava entre os travesseiros. – E Chella disse que só covardes matam os vencidos.

– É mais valente deixar o homem vivo, com chance de lavar a humilhação se reconquistar a orelha – explicou Chella, uma pequena

mulher escura, cujo macabro colar pendia sob o peso de nada menos que quarenta e seis orelhas secas e enrugadas. Tyrion contara-as uma vez. – Só assim pode provar que não teme os seus inimigos.

Shae soltou uma gargalhada.

– E, então, o senhor diz que se fosse um Orelha Negra nunca dormiria, por causa dos sonhos com homens sem uma orelha.

– Um problema que eu nunca precisarei encarar – Tyrion retrucou. – Os meus inimigos me aterrorizam, portanto mato todos.

Varys soltou um risinho.

– Toma um pouco de vinho conosco, senhor?

– Tomo um pouco de vinho.

Tyrion sentou-se ao lado de Shae. Compreendia o que estava acontecendo ali, ainda que Chella e a moça não. Varys entregava uma mensagem. Quando disse: *Fui tomado por uma súbita vontade de conhecer sua jovem senhora*, quis na verdade dizer: *Tentou escondê-la, mas eu sabia onde ela estava e quem era, e aqui estou*. Perguntou-se quem o teria traído. O estalajadeiro, o cavalariço, um guarda no portão… Ou algum dos seus?

– Gosto sempre de voltar à cidade pelo Portão dos Deuses – disse Varys a Shae, enquanto enchia as taças de vinho. – As esculturas na guarita são magníficas, fazem-me chorar sempre que as vejo. Os olhos… tão expressivos, não acha? Quase parecem nos seguir quando passamos por baixo da porta levadiça.

– Nunca reparei, senhor – Shae respondeu. – De manhã volto a olhar, se quiser.

Não se incomode, querida, Tyrion pensou, girando o vinho na taça. *Ele não está nem aí para esculturas. Os olhos de que se orgulha são os dele. O que quer dizer é que* ele *estava observando, que soube que estávamos aqui no momento em que atravessamos o portão.*

– Tenha cuidado, menina – advertiu Varys. – Porto Real não está totalmente seguro nos dias que correm. Conheço bem estas ruas, e, no entanto, quase tive medo de vir hoje até aqui, só e desarmado como estou. Há homens sem lei por todo lado nesses tempos escuros, ah, sim. Homens com aço frio e corações mais frios ainda – *onde eu posso ir só e desarmado, outros podem ir com espadas nas mãos*, ele estava dizendo.

Shae limitou-se a rir.

– Se tentarem me incomodar, ficarão com uma orelha a menos quando Chella botá-los para correr.

Varys riu como se aquilo fosse a coisa mais divertida que já tivesse ouvido, mas não havia riso nos seus olhos quando os virou para Tyrion.

– Sua jovem senhora tem um jeitinho tão agradável. Se fosse você, tomaria conta dela muito bem.

– É o que pretendo fazer. Qualquer homem que tente machucá-la… Bem, eu sou pequeno demais para ser um Orelha Negra, e não me considero valente – *vê? Falo a mesma língua que você, eunuco. Se lhe fizer mal, sua cabeça será minha.*

– Vou deixá-lo – Varys se levantou. – Sei como deve estar cansado. Só quis lhe dar as boas-vindas, senhor, e dizer como me sinto feliz pela sua chegada. Precisamos demais de você no conselho. Viu o cometa?

– Eu sou baixo, mas não cego – Tyrion devolveu.

Na estrada do rei, parecia cobrir metade do céu, superando em brilho o crescente da lua.

– Nas ruas é chamado de Mensageiro Vermelho – Varys continuou. – Dizem que chegou como um arauto perante um rei, a fim de prevenir do sangue e fogo que estão para vir – o eunuco esfregou as mãos empoadas. – Posso deixá-lo com um pequeno enigma, Lorde Tyrion? – não esperou resposta. – Numa sala estão sentados três grandes homens, um rei, um sacerdote e um homem rico com o seu ouro. Entre eles está um mercenário, um homem pequeno, de nascimento comum e sem grande inteligência. Cada um dos grandes pede a ele para matar os outros dois. "Faça isso", diz o rei, "pois eu sou seu governante por direito". "Faça isso", diz o sacerdote, "pois estou ordenando em nome dos deuses". "Faça isso", diz o rico, "e todo este ouro será seu". Agora, diga-me: Quem sobrevive e quem morre?

Com uma profunda reverência, o eunuco apressou-se em sair da sala comum, os pés com chinelos macios.

Depois de ele sair, Chella fungou, e Shae franziu seu lindo rosto.

– O rico sobrevive, não é?

Tyrion bebericou o vinho, pensativo.

– Talvez. Ou talvez não. Parece que dependeria do mercenário – ele pousou a taça. – Anda, vamos para cima.

Ela teve de esperá-lo no topo da escada, pois tinha pernas magras e flexíveis, ao passo que as dele eram curtas, deformadas e cheias de dores. Mas sorria quando Tyrion a alcançou.

– Sentiu a minha falta? – ela brincou quando pegou a mão dele.

– Desesperadamente – admitiu Tyrion. Shae tinha pouco mais de um metro e meio, e mesmo assim ele era obrigado a olhar para cima… Mas, no caso dela, descobriu que não se importava. Era um motivo lindo para se erguer o olhar.

– Vai sentir a minha falta durante todo o tempo que passar na sua Fortaleza Vermelha – ela disse enquanto o levava para o quarto. – Sozinho, na sua cama fria, na sua Torre da Mão.

– É bem verdade.

Tyrion teria levado Shae junto de bom grado, mas o senhor seu pai o proibira. *Não vai levar a prostituta para a corte*, ordenara Lorde

Tywin. Trazê-la para a cidade era o máximo de desafio que ousava. Toda sua autoridade derivava do pai, e a moça teria de compreendê-lo.

– Não estará longe – prometeu. – Terá uma casa, com guardas e criados, e visitarei você tantas vezes quantas conseguir.

Shae fechou a porta com um chute. Através da moldura enevoada da estreita janela, conseguia ver o Grande Septo de Baelor coroando a Colina de Visenya, mas Tyrion estava distraído por uma vista diferente. Dobrando-se, Shae pegou o vestido pela bainha, despiu-o pela cabeça e o atirou para o lado. Não acreditava em roupa de baixo.

– Nunca vai conseguir descansar – ela disse, em pé, à sua frente, cor-de-rosa, nua e adorável, com uma mão apoiada no quadril. – Vai pensar em mim sempre que for para a cama. Depois, ficará duro, e não terá ninguém para ajudá-lo, e nunca será capaz de dormir, a não ser que… – e sorriu aquele sorriso malicioso de que Tyrion tanto gostava. – É por *isso* que a chamam de Torre da Mão, senhor?

– Cale a boca e me beije – ele ordenou.

Saboreou o vinho nos seus lábios e sentiu aqueles pequenos seios apertados contra ele, enquanto as mãos dela desciam até o cordão dos seus calções.

– Meu leão – Shae sussurrou quando ele interrompeu o beijo para se despir. – Meu querido senhor, meu gigante de Lannister.

Tyrion empurrou-a sobre a cama. Quando a penetrou, ela gritou alto o suficiente para acordar Baelor, o Abençoado, na sepultura, e as unhas deixaram marcas nas costas dele. Ele nunca sentira uma dor de que gostasse tanto.

Idiota, disse depois a si mesmo, enquanto descansavam no meio do colchão afundado, entre lençóis amarrotados. *Nunca aprenderá, anão? Ela é uma prostituta, maldito seja, é o seu dinheiro que ama, não o seu pau. Lembra de Tysha?* Mas quando seus dedos roçaram levemente por um mamilo, este endureceu, e Tyrion viu seu seio marcado onde a mordera durante o ato.

– Então, o que vai fazer senhor, agora que é a Mão do Rei? – Shae perguntou, enquanto ele enchia a mão com aquela carne quente e adorável.

– Uma coisa que Cersei jamais esperará – murmurou Tyrion suavemente contra seu pescoço magro. – Vou fazer… justiça.

Bran

Bran preferia a pedra dura do banco junto à janela aos confortos do seu colchão de penas e dos cobertores. Na cama, as paredes apertavam-no e o teto caía, pesado, sobre ele; na cama, o quarto era sua cela, e Winterfell, uma prisão. Mas do outro lado da janela, o grande mundo ainda o chamava.

Não podia andar, nem escalar, nem caçar, nem lutar com uma espada de madeira como antigamente, mas ainda podia *olhar*. Gostava de observar as janelas que começavam a cintilar por toda Winterfell, à medida que velas e lareiras eram acesas atrás das vidraças em forma de losango de torres e salões, e adorava escutar o canto dos lobos gigantes sob as estrelas.

Nos últimos tempos, sonhava frequentemente com lobos. *Estão falando comigo, de irmão para irmão*, dizia consigo mesmo quando os lobos gigantes uivavam. Quase conseguia compreendê-los… Não conseguia de verdade, não propriamente, mas *quase*… Como se cantassem numa língua que ele tivesse conhecido em outros tempos e de algum modo esquecera. Os Walder podiam ter medo deles, mas os Stark tinham sangue de lobo. Foi a Velha Ama quem lhe dissera.

– Mas é mais forte em alguns do que em outros – ela o prevenira.

Os uivos de Verão eram longos e tristes, cheios de dor e saudade. Os de Cão Felpudo eram mais selvagens. Suas vozes ecoavam pelos pátios e salões, até todo o castelo ressoar e parecer que uma grande matilha de lobos selvagens assombrava Winterfell, em vez de serem apenas dois… dois, onde antes tinham existido seis. *Será que eles também sentem falta dos irmãos e irmãs?*, perguntava-se Bran. *Será que estão chamando Vento Cinzento e Fantasma, Nymeria e a Sombra de Lady? Será que querem que venham para casa e formem uma matilha, todos juntos?*

– Quem pode saber o que pensa um lobo? – tinha dito Sor Rodrik Cassel quando Bran lhe perguntou por que uivavam. A senhora sua mãe nomeara-o castelão de Winterfell na sua ausência, e os deveres do velho cavaleiro deixavam-lhe pouco tempo para perguntas inúteis.

– É pela liberdade que chamam – declarara Farlen, que era mestre dos canis e tinha tão pouca afeição aos lobos gigantes quanto aos seus cães. – Eles não gostam de estar cercados por muros, e quem pode culpá-los? O lugar das coisas selvagens é a natureza, não um castelo.

– Querem caçar – concordara o cozinheiro Gage, enquanto despejava cubos de sebo numa grande caldeira de guisado. – Um lobo tem o olfato melhor que qualquer homem. O mais certo é que tenham sentido cheiro de presa.

Meistre Luwin tinha outra opinião.

– Os lobos uivam frequentemente à lua. Esses estão uivando para o cometa. Vê como é brilhante, Bran? Talvez pensem que *é* a lua.

Quando Bran repetiu esta ideia a Osha, ela riu com gosto.

– Seus lobos têm mais juízo do que seu meistre – tinha dito a selvagem. – Conhecem verdades que o homem cinzento esqueceu – a maneira como ela dissera aquilo tinha feito Bran estremecer, e, quando perguntou o que significava o cometa, ela respondeu: – Sangue e fogo, rapaz, e nada de bom.

Bran tinha perguntado ao Septão Cheyle sobre o cometa, enquanto organizavam alguns rolos salvos do incêndio da biblioteca.

– É a espada que mata a estação – o septão respondera, e pouco tempo depois chegava o corvo branco de Vilavelha, trazendo a notícia sobre o Outono, portanto ele tinha razão.

Mas a Velha Ama achava que não, e ela vivera mais tempo do que qualquer um dos outros.

– Dragões – ela disse, erguendo a cabeça e fungando. Estava quase cega, e não conseguia ver o cometa, mas se dizia capaz de *cheirá-lo*. – São dragões, menino – insistiu. Bran não ouvia *príncipes* da Ama, não como antigamente.

Hodor disse apenas "Hodor". Era o que ele dizia sempre.

E, contudo, os lobos gigantes uivavam. Os guardas nas muralhas praguejavam, os cães, nos canis, latiam furiosamente, nos estábulos, os cavalos escoiceavam, os Walder estremeciam junto à lareira, e até Meistre Luwin se queixava de noites sem dormir. Só Bran não se importava. Sor Rodrik tinha confinado os lobos no bosque sagrado depois de Cão Felpudo ter mordido o Pequeno Walder, mas as pedras de Winterfell faziam estranhos truques com o som, e às vezes os animais pareciam estar no pátio logo abaixo da sua janela. Em outras, poderia jurar que eles estavam na muralha exterior, trotando em voltas, como sentinelas. Gostaria de conseguir vê-los.

Conseguia ver o cometa que pairava sobre o Salão dos Guardas, a Torre do Sino e a Primeira Fortaleza, que ficava mais além, atarracada e redonda, com as gárgulas transformadas em silhuetas negras contra o crepúsculo purpúreo ferido. Bran conhecera cada pedra daqueles edifícios, por dentro e por fora; escalara todos, correndo parede acima com a mesma facilidade com que outros rapazes corriam escada abaixo. Aqueles telhados tinham sido seus esconderijos, e os corvos que viviam no topo da torre em ruínas, seus amigos especiais.

E então caíra.

Bran não se lembrava de ter caído, mas diziam que sim, então supunha que fosse verdade. Quase morrera. Quando viu as gárgulas desgastadas pelas intempéries no topo da Primeira Fortaleza, onde tudo tinha acontecido, sentiu um estranho aperto na barriga. E agora não podia escalar, nem caminhar, nem correr, nem lutar com uma

espada, e os sonhos de cavalaria que sonhara tinham se azedado na sua cabeça.

Verão tinha uivado no dia em que Bran caiu, e durante muito tempo depois, enquanto ele jazia inconsciente na cama; Robb tinha lhe contado antes de partir para a guerra. Verão velou por ele, e Cão Felpudo e Vento Cinzento tinham se juntado na dor. E na noite em que o corvo ensanguentado trouxe a notícia da morte do pai, os lobos também souberam. Bran estava no torreão do meistre com Rickon, conversando sobre os filhos da floresta, quando Verão e Cão Felpudo abafaram a voz de Luwin com seus uivos.

Por quem eles estão de luto agora? Teria algum inimigo matado o Rei do Norte, que antes havia sido seu irmão Robb? Teria o irmão bastardo Jon caído da Muralha? Teria a mãe, ou uma das suas irmãs, morrido? Ou teria sido outra coisa, como pareciam pensar o meistre, o septão e a Velha Ama?

Se eu fosse mesmo um lobo gigante, compreenderia a canção, Bran pensou com melancolia. Nos seus sonhos de lobo, conseguia correr pelas vertentes de montanhas, recortadas cobertas de neve, mais altas do que qualquer torre, e erguer-se no cume, sob a lua cheia, com todo o mundo a seus pés, como costumava acontecer.

– *Uuuuu* – gritou Bran experimentalmente. Pôs as mãos em torno da boca e ergueu a cabeça para o cometa. – *Uuuuuuuuuuuuuuu, ahuuuuuuuuuuuuu* – uivou. Soava estúpido, agudo, vazio e inseguro, o uivo de um garotinho, não de um lobo. Mas Verão respondeu, com sua profunda voz sobrepondo-se ao timbre fino de Bran, e Cão Felpudo juntou-se ao coro. Bran voltou a soltar um a*huuuu*. Uivaram juntos, os últimos da matilha.

O barulho trouxe um guarda à sua porta, Hayhead, com seu quisto no nariz. Espreitou para dentro, viu Bran uivando na janela e disse:

– O que é isso, meu príncipe?

Bran sentia-se estranho quando o chamavam de príncipe, embora ele *fosse* herdeiro de Robb, e Robb fosse agora Rei do Norte. Virou a cabeça para uivar ao guarda.

– *Uuuuuuu. Uu-uu-uuuuuuuuuuu.*

Hayhead contraiu o cenho.

– Pare já com isso.

– *Uuu-uuu-uuuuuu. Uuu-uuu-uuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu.*

O guarda retirou-se. Quando voltou, trazia consigo Meistre Luwin, todo de cinza, com a corrente apertada em volta do pescoço.

– Bran, aqueles animais já fazem barulho suficiente sem a sua ajuda – atravessou a sala e pôs a mão na testa do rapaz. – Está ficando tarde, devia estar dormindo.

– Estou falando com os lobos – Bran afastou a mão.

– Devo mandar que Hayhead leve você para a cama?

– Consigo ir para a cama sozinho – Mikken tinha pregado uma fileira de barras de ferro na parede, para que Bran fosse capaz de se deslocar pelo quarto apoiando-se nos braços. Era lento e duro, e fazia seus ombros doer, mas detestava ser transportado. – Seja como for, não tenho de dormir se não quiser.

– Todos os homens têm de dormir, Bran. Até os príncipes.

– Quando durmo, me transformo num lobo – Bran afastou o rosto e devolveu o olhar à noite. – Os lobos sonham?

– Todas as criaturas sonham, penso eu, mas não como os homens.

– Os homens mortos sonham? – o menino quis saber, pensando no pai, cujo retrato um pedreiro esculpia, em granito, nas criptas escuras por baixo de Winterfell.

– Alguns dizem que sim, outros que não – respondeu o meistre. – Os próprios mortos não se manifestam sobre o assunto.

– As árvores sonham?

– As árvores? Não…

– Sonham – Bran o corrigiu com uma certeza súbita. – Sonham sonhos de árvore. Eu sonho às vezes com uma árvore. Um represeiro, como aquele que há no bosque sagrado. Ele me chama. Os sonhos de lobo são melhores. Farejo coisas, e às vezes consigo sentir o gosto de sangue.

Meistre Luwin puxou a corrente que incomodava seu pescoço.

– Se ao menos passasse mais tempo com as outras crianças…

– Detesto as outras crianças – Bran retrucou, referindo-se aos Walder. – Exigi que você as mandasse embora.

Luwin mostrou-se severo.

– Os Frey são protegidos da senhora sua mãe e foram mandados para cá para serem criados sob ordens expressas dela. Não cabe a você expulsá-los, nem seria educado fazer isso. Se os mandássemos embora, para onde iriam?

– Para casa. É culpa deles que não me deixe ter o Verão.

– O garoto Frey não pediu para ser atacado – respondeu o meistre –, e eu também não.

– Mas isso foi o Cão Felpudo – o grande lobo negro de Rickon era tão selvagem que às vezes assustava até Bran. –Verão nunca mordeu ninguém.

– Verão rasgou a garganta de um homem neste exato aposento, ou será que você se esqueceu? A verdade é que esses adoráveis filhotes que você e seus irmãos encontraram na neve cresceram e se transformaram em animais perigosos. Os rapazes Frey são sensatos por terem cuidado com eles.

– Deveríamos pôr os Walder no bosque sagrado. Poderiam brincar de senhor da travessia o quanto quisessem, e Verão poderia voltar a

dormir comigo. Se eu sou o príncipe, por que não me obedece? Quis montar a Dançarina, mas Alebelly não me deixou atravessar o portão.

– E com razão. A mata de lobos está cheia de perigos. Sua última cavalgada deveria lhe ter ensinado isso. Gostaria que algum fora da lei o capturasse e o vendesse aos Lannister?

– Verão me salvaria – Bran insistiu teimosamente. – Os príncipes deviam ser autorizados a velejar pelos mares, a caçar javalis na mata de lobos e a justar com lanças.

– Bran, meu filho, por que se aflige assim? Um dia poderá fazer algumas dessas coisas, mas agora é apenas um garoto de oito anos.

– Preferia ser um lobo. Assim, eu poderia viver na floresta e dormir quando quisesse, e poderia encontrar Arya e Sansa. *Farejaria* onde elas estavam e iria salvá-las, e quando Robb partisse para a batalha, lutaria a seu lado, como Vento Cinzento. Rasgaria a garganta do Regicida com os dentes, *zás*, e depois a guerra chegaria ao fim e todo mundo voltaria a Winterfell. Se eu fosse um lobo… – o menino voltou a uivar. – *Uuu-uu-uuuuuuuuuuuu.*

Luwin levantou a voz.

– Um verdadeiro príncipe daria as boas-vindas…

– *AAHUUUUUU* – Bran uivou, com mais força. – *UUUUUUU-UUUUUU*.

O meistre se rendeu:

– Como quiser, menino – com um olhar que era em parte tristeza e em parte aborrecimento, saiu do quarto.

Uivar perdeu a graça depois que Bran ficou sozinho. Algum tempo depois, aquietou-se. *Eu dei as boas-vindas a eles*, disse a si mesmo, com ressentimento. *Fui senhor de Winterfell, um verdadeiro senhor, ele não pode dizer que não*. Quando os Walder tinham chegado das Gêmeas, fora Rickon quem quis que fossem embora. Rickon, um garotinho de quatro anos, gritou que queria a mãe, o pai e Robb, não aqueles estranhos. Bran teve de acalmá-lo e desejar as boas-vindas aos Frey. Ofereceu-lhes comida e bebida, e uma cadeira junto ao fogo, e até Meistre Luwin dissera, depois, que ele se portara bem.

Só que isso tinha sido antes do jogo.

Para o jogo, eram necessários um tronco, um bastão, um curso d'água e muitos gritos. A água era o mais importante, asseguraram Walder e Walder a Bran. Podia-se usar uma prancha, ou até uma série de pedras, e um galho podia servir de bastão. Não era *preciso* gritar. Mas, sem água, não havia jogo. Como Meistre Luwin e Sor Rodrik não iam deixar as crianças vaguear pela mata de lobos em busca de um riacho, tinham de se virar com uma das lagoas sombrias que havia no bosque sagrado. Walder e Walder nunca antes tinham visto água quente sair do chão borbulhando, mas ambos acharam que tornaria o jogo ainda melhor.

Ambos se chamavam Walder Frey. O Grande Walder dizia que havia vários Walder nas Gêmeas, todos batizados em homenagem ao avô dos rapazes, Lorde Walder Frey.

– Em Winterfell, temos os *nossos* nomes – disse-lhes Rickon, com altivez, quando ouviu a história.

Para jogar, punha-se o tronco atravessando a água e um jogador ia para o meio com o bastão. Era o senhor da travessia, e, quando um dos outros jogadores se aproximava, ele tinha de dizer: "Eu sou o senhor da travessia, quem vem lá?". E o outro jogador tinha de inventar um discurso sobre quem era e o motivo pelo qual devia ser autorizado a atravessar. O senhor podia obrigá-los a prestar juramento e a responder a perguntas. Não tinham de dizer a verdade, mas os juramentos deviam ser cumpridos, a não ser que incluíssem a palavra "talvez". Portanto, o truque era dizer essa palavra sem que o senhor da travessia notasse. Então, podia-se tentar atirá-lo na água, e quem conseguisse passaria a ser o senhor da travessia, mas só se tivesse dito "talvez". Caso contrário, ficaria fora do jogo. O senhor podia atirar qualquer um na água sempre que quisesse, e era o único que podia usar um bastão.

Na prática, o jogo parecia resumir-se a empurrões, pancadas e quedas na água, acompanhados de sonoras discussões sobre se alguém tinha ou não dito "talvez". Normalmente, era o Pequeno Walder o senhor da travessia.

Apesar do nome, Pequeno Walder era alto e troncudo, com uma cara vermelha e uma grande barriga redonda. Já Grande Walder tinha feições angulosas, era magro, e quinze centímetros mais baixo.

– Ele é cinquenta e dois dias mais velho que eu – explicou Pequeno Walder –, e por isso, a princípio, era maior, mas eu cresci mais depressa.

– Nós somos primos, não irmãos – acrescentou Grande Walder, o menor. – Eu sou Walder, filho de Jammos. Meu pai é filho de Lorde Walder e da sua quarta esposa. Ele é Walder, filho de Merrett. A avó dele era a terceira esposa de Lorde Walder, a Crakehall. Ele está na minha frente na linha de sucessão, apesar de eu ser mais velho.

– Só por cinquenta e dois dias – retrucou Pequeno Walder. – E nenhum de nós jamais ficará com as Gêmeas, seu estúpido.

– Eu ficarei – declarou Grande Walder. – E não somos os únicos Walder. Sor Stevron tem um neto, Walder Negro, que é o quarto na linha de sucessão; e há o Walder Vermelho, filho de Sor Emmon; e Walder Bastardo, que não está na linha. Chama-se Walder Rivers, e não Walder Frey. Além disso, há meninas chamadas Walda.

– E o Tyr. Você esquece sempre do Tyr.

– Ele é Wal*tyr*, não Walder – Grande Walder respondeu com rapidez. – E está depois de nós, portanto não importa. Seja como for,

nunca gostei dele.

Sor Rodrik decretou que os protegidos dividiriam o antigo quarto de Jon Snow, já que este estava na Patrulha da Noite e nunca voltaria. Bran detestou a ideia; sentia que era como se os Frey estivessem roubando o lugar de Jon.

Bran observava, tristonho, enquanto os Walder lutavam com Nabo, o filho do cozinheiro, e as filhas de Joseth, Bandy e Shyra. Os donos do jogo tinham decretado que Bran seria o juiz e decidiria se os jogadores tinham dito "talvez", mas, assim que começaram a jogar, esqueceram-no por completo.

Os ruídos e espirros d'água em breve atraíram outros: Palla, a moça do canil; o filho de Cayn, Calon; e também Tom, cujo pai, Gordo Tom, tinha morrido com o pai de Bran em Porto Real. Não demorou muito tempo até ficarem todos encharcados e enlameados. Palla estava marrom da cabeça aos pés, com musgo no cabelo, sem fôlego, de tanto rir. Bran não ouvia tantas gargalhadas desde a noite em que chegara o corvo ensanguentado. *Se tivesse as minhas pernas, atiraria todos na água*, pensou amargamente. *Ninguém seria senhor da travessia, a não ser eu.*

Por fim, Rickon chegou correndo ao bosque sagrado, com Cão Felpudo logo atrás. Ficou vendo Nabo e o Pequeno Walder lutarem pelo bastão, até que Nabo se desequilibrou e caiu, provocando um grande esguicho de água, balançando os braços. Rickon gritou:

– Eu! Agora eu! Quero jogar! – Pequeno Walder fez sinal para ele subir, e Cão Felpudo começou a segui-lo. – Não, Felpudo – mandou o irmão. – Os lobos não podem brincar. Fica com Bran.

E o lobo ficou…

… até o momento em que o Pequeno Walder bateu com o bastão em Rickon, bem em cheio, na barriga. Antes que Bran piscasse os olhos, o lobo negro voou sobre a prancha. Havia sangue na água, e os Walder guinchavam como se fosse o fim do mundo. Rickon sentou-se na lama, rindo, e Hodor chegou pisando pesado, gritando "Hodor! Hodor! Hodor!".

Depois daquilo, estranhamente, Rickon decidiu que *gostava* dos Walder. Não voltaram a brincar de senhor da travessia, mas jogavam outros jogos – monstros e donzelas, gatos e ratos, entra-no-meu-castelo, todo o tipo de coisas. Com Rickon a seu lado, os Walder saqueavam as cozinhas em busca de tortas e favos de mel, faziam corridas em volta das muralhas, atiravam ossos aos cachorros nos canis e treinavam com espadas de madeira sob o olhar atento de Sor Rodrik. Rickon até lhes mostrou as profundas abóbadas debaixo da terra onde o pedreiro esculpia a sepultura do pai.

– Você não tinha o direito! – gritou Bran ao irmão quando soube. – Aquele lugar é nosso, dos *Stark*!

Mas Rickon não tinha se importado.

A porta do seu quarto abriu-se. Meistre Luwin entrou, carregando um bule verde, e desta vez Osha e Hayhead vinham com ele.

– Fiz uma poção para você dormir, Bran.

Osha pegou-o com seus braços ossudos. Era muito alta para uma mulher, e forte como metal, e o levou sem esforço para a cama.

– Isto vai lhe dar um sono sem sonhos – disse Meistre Luwin, tirando a rolha do bule. – Um bom sono sem sonhos.

– Vai? – Bran perguntou, querendo acreditar.

– Sim. Beba.

Bran bebeu. A poção era espessa e calcária, mas continha mel, e desceu facilmente.

– Quando chegar a manhã, vai se sentir melhor.

Luwin deu a Bran um sorriso e uma palmadinha antes de se retirar.

Osha ficou por ali.

– São os sonhos do lobo de novo?

Bran confirmou com a cabeça.

– Não devia lutar tanto, rapaz. Vejo você falando com a árvore-coração. Talvez os deuses estejam tentando responder.

– Os deuses? – ele murmurou, já sonolento. A cara de Osha ficou embaçada e cinzenta. *Um bom sono sem sonhos*, Bran pensou.

Mas, quando a escuridão se fechou ao seu redor, deu por si no bosque sagrado, movendo-se em silêncio sob árvores-sentinela cinza-esverdeadas e carvalhos nodosos, velhos como o tempo. *Estou andando*, pensou, exultante. Parte dele sabia que era apenas um sonho, mas mesmo o sonho de andar era melhor do que a verdade do seu quarto, com as paredes, o teto e a porta.

Estava escuro entre as árvores, mas o cometa iluminava seu caminho, e seus pés eram firmes. Deslocava-se em quatro boas pernas, fortes e rápidas, e conseguia sentir o chão debaixo das patas, o suave crepitar das folhas caídas, as grossas raízes e as pedras duras, as profundas camadas de húmus. Era uma sensação boa.

Os cheiros enchiam sua cabeça, vivos e inebriantes; o fedor verde e lamacento das lagoas quentes, o perfume da rica terra que apodrecia sob as suas patas, os esquilos no topo dos carvalhos. O cheiro de esquilo fez com que recordasse o sabor do sangue quente e o jeito como os ossos estalariam entre os seus dentes. Sua boca encheu-se de saliva. Não comia há mais de meio dia, mas não havia qualquer graça na carne morta, mesmo que fosse de veado. Era capaz de ouvir os esquilos pipilando e sussurrando por cima da sua cabeça, em segurança entre as suas folhas, mas eram suficientemente prudentes para não descer até onde ele e o irmão rondavam.

Também cheirava o irmão, um odor familiar, forte e terroso, um

odor tão negro como a sua pelagem. O irmão rondava ao redor dos muros, cheio de fúria. Dava voltas e mais voltas, noite e dia, incansável, à procura… de uma presa, de uma saída, da mãe, dos companheiros de ninhada, da matilha… à procura, à procura, sem nunca encontrar.

Atrás das árvores erguiam-se os muros, pilhas de rocha-de-homem morta que apareciam ao redor de toda aquela mancha de bosque vivo. Erguiam-se manchadas de cinza e salpicadas de musgo, mas espessas, fortes e mais altas do que qualquer lobo pudesse imaginar saltar. Ferro frio e madeira lascada fechavam os únicos buracos que havia entre as pedras empilhadas que os encerravam. O irmão parava junto a cada buraco e mostrava as presas, tomado de fúria, mas os caminhos permaneciam fechados.

Ele tinha feito o mesmo na primeira noite, e descobriu que não valia a pena. Ali, rosnados não abriam caminhos. Dar a volta junto aos muros não os faria recuar. Levantar uma pata e demarcar as árvores não manteria nenhum homem afastado. O mundo apertara-se em volta deles, mas para lá do bosque murado ainda se estendiam as grandes cavernas cinzentas da rocha-de-homem. *Winterfell*, lembrou-se, com o som chegando subitamente. E para lá das suas falésias altas como o céu, o verdadeiro mundo chamava, e ele sabia que tinha de responder, ou morreria.

Arya

Viajaram do nascer ao pôr do sol, passando por florestas, pomares e campos bem-cuidados, atravessando pequenas aldeias, vilas livres cheias de gente e robustos castros. Quando a noite chegava, montavam o acampamento e comiam à luz da Espada Vermelha. Os homens faziam turnos de guarda. Arya vislumbrava as fogueiras dos acampamentos de outros viajantes tremeluzindo por entre as árvores. Parecia haver mais acampamentos todas as noites, e mais tráfego na estrada do rei durante o dia.

Chegavam de manhã, à tarde e à noite, velhos e crianças, homens grandes e pequenos, garotas de pés descalços e mulheres com bebês no peito. Alguns conduziam carroças de campo ou eram sacudidos na parte de trás de carros de bois. Um número maior vinha montado em cavalos de tração, pôneis, mulas, burros, em qualquer coisa capaz de andar, correr ou rolar. Uma mulher puxava uma vaca leiteira com uma menininha no lombo. Arya viu um ferreiro que empurrava um carro de mão com suas ferramentas lá dentro, martelos e tenazes, e até uma bigorna, e pouco depois via outro homem com outro carro de mão, dessa vez contendo dois bebês enrolados numa manta. A maior parte vinha a pé, com as posses sobre os ombros e expressões muito, muito cansadas nos rostos. Caminhavam para o sul, na direção da cidade, para Porto Real, e só um em cem chegava a dirigir uma palavra a Yoren e àqueles que estavam sob sua responsabilidade, viajando para o norte. Perguntou a si mesma por que é que mais ninguém seguia na mesma direção que eles.

Muitos dos viajantes vinham armados; Arya viu punhais e adagas, foices e machados, e aqui e ali uma espada. Alguns tinham feito tacapes de galhos de árvore, ou esculpido bastões nodosos. Passavam os dedos pelas armas e lançavam olhares demorados às carroças que por eles passavam, mas, no fim, deixavam a coluna avançar. Contavam-se trinta, seja lá o que fosse que transportavam naquelas carroças.

Olha com os olhos, dizia Syrio, *escuta com os ouvidos*.

Um dia, uma louca desatou a gritar para eles da beira da estrada.

– Doidos! Eles matam vocês, doidos! – era magra como um espantalho, com olhos vazios e pés ensanguentados.

Na manhã seguinte, um mercador de rosto liso montado numa égua cinzenta parou ao lado de Yoren e ofereceu-se para comprar as carroças e tudo o que continham por um quarto do seu valor.

– É a guerra, eles levam o que quiserem, seria melhor se vendesse para mim, meu amigo.

Yoren lhe deu as costas com um giro dos ombros encurvados, e

cuspiu.

Arya reparou na primeira sepultura nesse mesmo dia; um pequeno monte ao lado da estrada, escavado para uma criança. Um cristal tinha sido depositado na terra fofa, e Lommy insistiu para ficar com ele, até que o Touro lhe disse que faria melhor em deixar os mortos em paz. Algumas léguas mais à frente, Praed apontou para mais sepulturas, uma fileira inteira recém-cavada. Depois disso, quase não se passou um dia sem verem outras.

Certa vez, Arya acordou no escuro, assustada por algo que não conseguia definir. No alto, a Espada Vermelha dividia o céu com meio milhar de estrelas. A noite lhe parecia estranhamente silenciosa, embora conseguisse ouvir os roncos resmungados de Yoren, o crepitar do fogo e até os movimentos abafados dos burros. Mas, de algum modo, sentia-se como se o mundo inteiro estivesse segurando a respiração, e o silêncio a fazia tremer. Voltou ao sono agarrada à Agulha.

Ao chegar a manhã, quando Praed não acordou, Arya compreendeu que aquilo de que sentira falta tinha sido a tosse do homem. Então, cavaram eles mesmos a sepultura de Praed, enterrando o mercenário no local onde dormira. Yoren despiu-o das coisas de valor que possuía antes de jogarem terra sobre ele. Um homem ficou com suas botas, outro, com o punhal. A cota de malha e o elmo foram distribuídos. A espada longa foi entregue por Yoren a Touro.

– Pode ser que braços como os seus aprendam a usar isso – disse-lhe.

Um menino chamado Tarber atirou um punhado de bolotas sobre o corpo de Praed, para que um carvalho pudesse nascer e marcar o lugar em que jazia.

Naquela noite, pararam em uma aldeia, numa estalagem coberta de hera. Yoren contou as moedas que trazia na bolsa e decidiu que tinham o suficiente para uma refeição quente.

– Vamos dormir aqui fora, como sempre, mas eles têm uma casa de banhos aqui, se algum de vocês estiver sentindo falta de água quente e de uma esfregadinha com sabão.

Arya não se atreveu, embora já cheirasse tão mal como Yoren, toda ela acre e fedorenta. Algumas das criaturas que viviam na sua roupa a acompanhavam desde a Baixada das Pulgas; não parecia certo afogá-las. Tarber, Torta Quente e Touro juntaram-se à fila de homens que se dirigiam para as tinas. Outros instalaram-se na frente da casa de banhos. O resto amontoou-se na sala comum. Yoren até mandou Lommy levar canecas de cerveja aos três homens presos que tinham sido deixados acorrentados na parte de trás da carroça.

Os lavados e os por se lavar jantaram empadões quentes de porco e maçãs cozidas. O estalajadeiro ofereceu-lhes uma rodada de cerveja

por conta da casa.

– Tive um irmão que vestiu o negro, há anos. Era criado de refeições, esperto, mas um dia foi visto surrupiando pimenta da mesa do senhor. Gostava do sabor, nada mais. Só uma pitada de pimenta, mas Sor Malcolm era um homem duro. Tem pimenta na Muralha? – quando Yoren balançou a cabeça, o homem soltou um suspiro. – Que pena. Lync adorava pimenta.

Arya bebericou cautelosamente da caneca, entre uma e outra colherada de empadão ainda quente do forno. Lembrou-se de que o pai, às vezes, os deixava beber uma taça de cerveja. Sansa costumava fazer uma careta, dizendo que o vinho era muito melhor, mas Arya gostava bastante. Pensar em Sansa e no pai deixava-a triste.

A estalagem estava cheia de gente que rumava para o sul, e a sala comum irrompeu em escárnio quando Yoren disse que viajavam na direção oposta.

– Voltará em breve – garantiu o estalajadeiro. – Não há como ir para o norte. Metade dos campos está queimada, e as pessoas que restam estão trancadas dentro das muralhas dos seus castros. Um grupo afasta-se de madrugada, e outro aparece ao anoitecer.

– Isso não é nada pra nós – Yoren insistiu teimosamente. – Tully ou Lannister, não importa. A Patrulha não participa.

Lorde Tully é meu avô, pensou Arya. A *ela* importava, mas mordeu o lábio e ficou quieta, ouvindo.

– É mais do que Lannister e Tully – rebateu o estalajadeiro. – Há selvagens das Montanhas da Lua. Tente lhes dizer que não participa. E os Stark também estão metidos no assunto, o jovem senhor desceu, o filho do Mão morto…

Arya endireitou-se no lugar, esforçando-se para ouvir. Estaria ele se referindo a *Robb*?

– Ouvi dizer que o rapaz monta um lobo nas batalhas – disse um homem de cabelo amarelo, com uma caneca na mão.

– Conversa de gente imbecil – Yoren cuspiu.

– O homem que me disse isso viu com seus próprios olhos. Um lobo grande como um cavalo, ele jurou.

– Jurar não torna isso verdade, Hod – disse o estalajadeiro. – Você anda sempre jurando que vai pagar o que me deve, e ainda não vi um único vintém.

A sala comum explodiu em gargalhadas, e o homem de cabelo amarelo ficou vermelho.

– Tem sido um ano ruim para lobos – interveio um homem pálido com seu manto verde manchado pela viagem. – Nas redondezas do Olho de Deus, as matilhas tornaram-se mais ousadas do que se tem registro. Ovelhas, vacas, cães, não importa, matam o que bem quiserem, e não têm medo dos homens. Entrar naqueles bosques

durante a noite é arriscar a vida.

– Ah, isso são mais histórias, e são tão pouco reais quanto a outra.

– Eu ouvi o mesmo da minha prima, e ela não é do tipo que mente – disse uma velha. – Diz que há uma grande matilha, com centenas de lobos, matadores de homens. O animal que os lidera é uma loba, uma cadela do sétimo inferno.

Uma loba. Arya bebeu sua cerveja, refletindo. Será que Olho de Deus ficava perto do Tridente? Gostaria de ter um mapa. Tinha sido perto do Tridente que deixara Nymeria. Não queria fazê-lo, mas Jory disse que não tinha alternativa, que se a loba voltasse com eles seria morta por ter mordido Joffrey, apesar de ele ter merecido. Tinham tido de gritar, e berrar, e atirar pedras, e só depois de ser atingida por algumas delas, atiradas por Arya, é que a loba gigante deixou de segui-los. *Ela provavelmente nem me reconheceria agora*, Arya pensou. *Ou, se reconhecesse, iria me odiar.*

O homem do manto verde disse:

– Ouvi falar de como esta cadela do inferno entrou um dia numa aldeia… Um dia de mercado, com gente por todo o lado, e ela entrou, na cara dura, e arrancou um bebê dos braços da mãe. Quando Lorde Mooton ouviu a história, ele e os filhos juraram que acabariam com ela. Seguiram-na até a toca com uma matilha de lobeiros, e foi por pouco que conseguiram salvar a própria pele. Nem um dos cães voltou, nem um.

– Isso é só uma história – Arya exclamou, antes de conseguir se controlar. – Os lobos não comem bebês.

– E o que você sabe disso, moço? – perguntou o homem do manto verde.

Antes que Arya conseguisse pensar numa resposta, Yoren agarrou seu braço.

– O rapaz tem cerveja na cabeça, é só isso.

– Não tenho nada. Eles *não* comem bebês…

– Lá pra fora, *rapaz*… E vê se fica lá até aprender a calar a boca quando os homens estão conversando – Yoren deu-lhe um empurrão firme, na direção da porta lateral que levava de volta aos estábulos. – Vá. E veja se o cavalariço deu água aos cavalos.

Arya saiu, dura de fúria.

– *Não comem* – resmungou, chutando uma pedra no momento em que saía. A pedra foi rolando, e só parou debaixo das carroças.

– Menino – chamou uma voz amistosa. – Menino adorável.

Um dos homens presos estava falando com ela. Cuidadosamente, Arya aproximou-se da carroça, com uma mão no cabo da Agulha.

O prisioneiro ergueu uma caneca vazia, tilintando as correntes.

– Um homem faria bom proveito de outro gole de cerveja. Um homem tem muita sede quando usa essas pulseiras pesadas.

Era o mais novo dos três, esguio, com traços delicados, sempre a sorrir. Tinha o cabelo vermelho de um lado e branco do outro, todo embaraçado e sujo da cadeia e da viagem.

– Um homem também não se importaria com um banho – ele disse quando viu o modo como Arya o olhava. – Um garoto poderia fazer um amigo.

– Já tenho amigos – ela respondeu.

– Nenhum que eu consiga ver – disse o que não tinha nariz. Era atarracado e troncudo, com umas mãos enormes. Pelos negros cobriam seus braços, pernas, peito e até mesmo as costas. Fazia Arya lembrar-se de um desenho que tinha visto num livro, de um macaco das Ilhas do Verão. O buraco no seu rosto tornava difícil olhá-lo durante muito tempo.

O careca abriu a boca e *silvou,* como se fosse um imenso lagarto branco. Quando Arya vacilou para trás, sobressaltada, ele abriu a boca e sacudiu a língua na sua direção, mas aquilo era mais um coto que uma língua.

– Para com isso! – ela exclamou.

– Um homem não escolhe os companheiros nas celas negras – disse o bonito, com o cabelo vermelho e branco. Qualquer coisa no jeito como falava lembrou-lhe Syrio; era o mesmo, mas ao mesmo tempo diferente. – Estes dois não têm educação. Um homem tem de pedir perdão. Chamam você de Arry, não é verdade?

– Cabeça de Caroço – disse o que não tinha nariz. – Cabeça de Caroço, Cara de Caroço, Rapaz Pau. Toma cuidado, Lorath, que ele bate em você com o pau.

– Um homem tem de sentir vergonha das companhias que tem, Arry – voltou a falar o bonito. – Este homem tem a honra de ser Jaqen H'ghar, antigamente habitante da Cidade Livre de Lorath. Bem que gostaria de estar em casa. Os malcriados companheiros de cativeiro deste homem chamam-se Rorge – indicou com a caneca o homem sem nariz – e Dentadas – Dentadas voltou a *silvar* para ela, mostrando uma boca cheia de dentes amarelos, limados até ficar pontiagudos. – Um homem tem de ter algum nome, não é? O Dentadas não pode falar, e nem sabe escrever, mas seus dentes são muito afiados, e por isso um homem o chama de Dentadas, e ele sorri. Está encantado?

Arya afastou-se da carroça.

– Não – *eles não podem me fazer mal*, disse a si mesma, *estão todos acorrentados*.

Ele virou a caneca ao contrário.

– Um homem tem de lamentar.

Rorge, o que não tinha nariz, atirou a caneca nela com uma praga. As algemas o atrapalhavam, mas mesmo assim a teria acertado em cheio na cabeça com a pesada caneca de estanho se Arya não

tivesse saltado para o lado.

– Traga-nos cerveja, seu bolha. *Já*!

– Cala boca! – Arya tentou imaginar o que Syrio teria feito. Puxou a espada de treino, de madeira.

– Chegue perto – disse Rorge –, e eu enfio esse pau pelo seu rabo acima, até ver você sangrar.

O medo golpeia mais profundamente do que as espadas. Arya obrigou-se a se aproximar da carroça. Cada passo era mais difícil que o anterior. *Feroz como um glutão, calma como águas paradas*. As palavras cantavam na sua cabeça. Syrio não teria medo.

Estava quase perto o suficiente para tocar a roda, quando Dentadas se pôs em pé de um salto, e tentou agarrá-la, fazendo os ferros tinir e chocalhar. As algemas cortaram seu movimento a quinze centímetros da cara dela. O homem silvou.

Arya o atingiu. Com força, bem entre seus pequenos olhos.

Gritando, Dentadas cambaleou para trás e depois atirou todo seu peso contra as correntes. Os aros deslizaram, torceram-se e se retesaram, e Arya ouviu o ranger de madeira velha e seca quando os grandes anéis de ferro forçaram as pranchas do chão da carroça. Enormes mãos brancas tentaram agarrá-la, enquanto veias se projetavam ao longo dos braços de Dentadas, mas os grilhões aguentaram, e, por fim, o homem caiu para trás. Escorria sangue das feridas úmidas que tinha no rosto.

– Um rapaz tem mais coragem do que bom-senso – observou aquele que tinha se identificado como Jaqen H'ghar.

Arya afastou-se da carroça, andando de costas. Quando sentiu uma mão no ombro, rodopiou, voltando a erguer a espada de pau, mas era apenas Touro.

– O que você está fazendo?

Ele ergueu as mãos em defesa.

– Yoren disse que nenhum de nós devia se aproximar daqueles três.

– Eles não me assustam – ela respondeu.

– Então você é estúpido, porque eles *me* assustam – a mão de Touro caiu sobre o punho da espada, e Rorge desatou a rir. – Vamos sair de perto deles.

Arya o seguiu, arrastando os pés pelo chão, e deixou que Touro a conduzisse ao redor da estalagem até a parte da frente. O riso de Rorge e os silvos do Dentadas seguiram-nos.

– Quer lutar? – Arya perguntou a Touro. Queria bater em qualquer coisa.

Ele olhou para ela, piscando, surpreso. Madeixas de espesso cabelo negro, ainda úmido do banho, caíam sobre seus olhos profundamente azuis.

– Eu machucaria você.

– Não machucaria nada.

– Você não conhece a minha força.

– Você não conhece a minha rapidez.

– Está pedindo, Arry – ele puxou a espada de Praed. – Isto é aço barato, mas é uma espada verdadeira.

Arya desembainhou Agulha.

– Esta é de bom aço, e por isso é mais verdadeira do que a sua.

Touro balançou a cabeça:

– Promete que não chora se eu te ferir?

– Prometo, se você também prometer – Arya virou-se de lado, adotando a pose de dançarina de água, mas Touro não se mexeu. Estava olhando para qualquer coisa atrás dela. – Que foi?

– Homens de manto dourado – ele fechou a cara.

Não pode ser, Arya pensou, mas, quando olhou para trás, viu os homens cavalgando pela estrada do rei, seis, usando a cota de malha negra e os mantos dourados da Patrulha da Cidade. Um deles era um oficial, usava uma placa peitoral esmaltada preta, ornamentada com quatro discos dourados. Pararam os cavalos em frente à estalagem. *Olha com os olhos*, pareceu sussurrar-lhe a voz de Syrio. Seus olhos viram espuma branca debaixo das selas; os cavalos tinham corrido durante muito tempo, e duramente. Calma como águas paradas, pegou Touro pelo braço e o puxou para trás de uma cerca viva alta e florida.

– O que é isso? – ele perguntou. – O que está fazendo? Me larga.

– Silencioso como uma sombra – ela sussurrou, puxando-o para baixo.

Alguns dos outros a cargo de Yoren estavam sentados em frente à casa de banhos, esperando sua vez de entrar numa tina.

– Vocês, homens – gritou um dos de manto dourado. – São os que partiram para vestir o negro?

– Talvez sejamos – foi a resposta cautelosa.

– Preferíamos nos juntar a vocês, rapazes – disse o velho Reysen. – Ouvimos dizer que faz *frio* naquela Muralha.

O oficial de manto dourado desmontou.

– Tenho um mandado a respeito de um certo rapaz…

Yoren saiu da estalagem, afagando sua emaranhada barba negra.

– Quem é que quer esse rapaz?

Os outros homens de manto dourado estavam desmontando e colocando-se ao lado dos cavalos.

– Por que nós estamos escondidos? – Touro sussurrou.

– Sou eu que eles querem – Arya respondeu, também sussurrando. A orelha dele cheirava a sabão. – Fica quieto.

– É a rainha quem o quer, velho, não que isso te diga respeito – disse o oficial, tirando uma faixa do cinto. – Aqui está, o selo e

mandado de Sua Graça.

Atrás da cerca viva, Touro balançou a cabeça, duvidando.

– Por que motivo a rainha haveria de te querer, Arry?

Ela esmurrou seu ombro.

– Fica *quieto*!

Yoren passou os dedos pela faixa do mandado com a gota de cera dourada.

– Bonito – cuspiu. – Acontece que o rapaz está agora na Patrulha da Noite. O que ele fez lá na cidade não importa mais.

– A rainha não está interessada nas suas opiniões, velho, e eu também não – disse o oficial. – Vou levar o rapaz.

Arya pensou em fugir, mas sabia que não iria longe no seu burro quando os homens de manto dourado tinham cavalos. E estava tão cansada de fugir. Tinha fugido quando Sor Meryn havia ido buscá-la e voltou a fugir quando tinham matado seu pai. Se fosse uma verdadeira dançarina de água, sairia dali com a Agulha na mão, mataria todos, e nunca mais fugiria de ninguém.

– Não vai levar ninguém – Yoren respondeu teimosamente. – Há leis sobre essas coisas.

O homem do manto dourado puxou uma espada curta.

– Aqui está a sua lei.

Yoren olhou para a lâmina:

– Isso não é lei nenhuma, é só uma espada. Acontece que eu também tenho uma.

O oficial sorriu.

– Velho tonto. Eu tenho cinco homens comigo.

Yoren cuspiu.

– Acontece que eu tenho trinta.

O homem de manto dourado soltou uma gargalhada.

– Esses aí? – disse um grandalhão desajeitado com o nariz quebrado. – Quem é o primeiro? – gritou, mostrando o aço.

Tarber puxou uma forquilha de uma pilha de feno.

– Sou eu.

– Não, sou eu – gritou Cutjack, o pedreiro rechonchudo, tirando o martelo do avental de couro que usava sempre.

– Eu – Kurz surgiu com sua faca de esfolar na mão.

– Eu e ele – Koss retesou a corda do seu arco.

– Todos nós – disse Reysen, agarrando o grande bastão de madeira dura em que se apoiava ao caminhar.

Dobber saiu nu da casa de banhos com as roupas numa trouxa, viu o que estava acontecendo e deixou tudo cair, menos a adaga.

– É uma luta? – ele quis saber.

– Parece que sim – disse Torta Quente, caindo de quatro à procura de uma pedra que pudesse atirar. Arya não acreditava no que

estava vendo. *Odiava* Torta Quente! Por que motivo se arriscaria por ela?

O homem do nariz quebrado ainda achava aquilo engraçado.

– Ponham de lado essas pedras e paus, *meninas*, antes que apanhem. Nenhum de vocês sabe por qual lado se pega numa espada.

– Eu sei! – Arya não os deixaria morrer por ela, como Syrio. Não deixaria! Abrindo caminho através da cerca viva com a Agulha na mão, adotou a pose da dançarina de água.

O de nariz quebrado soltou uma gargalhada roufenha. O oficial olhou-a de cima a baixo.

– Guarde a espada, menininha, ninguém quer machucar você.

– *Não sou* uma menina! – Arya gritou, furiosa. Qual era o problema deles? Tinham percorrido todo aquele caminho à sua procura, ali estava ela, e limitavam-se a sorrir para ela. – Sou eu quem procuram.

– É *a ele* que procuramos – o oficial indicou Touro com a espada, que tinha avançado para se colocar ao lado de Arya, com o aço barato de Praed na mão.

Mas foi um erro o oficial tirar os olhos de Yoren, mesmo que por um instante. Foi o tempo que a espada do irmão negro demorou para ser pressionada contra seu pomo de adão.

– Não vai ficar com nenhum deles, a não ser que queira que eu veja se o seu pomo já está maduro. Tenho mais dez ou quinze irmãos naquela estalagem, se ainda precisa ser convencido. Se fosse você, largava esse corta-tripas, botava as bochechas em cima daquele cavalinho gordo e galopava de volta à cidade – Yoren cuspiu, e fez mais pressão com a ponta da espada. – Já.

Os dedos do oficial abriram-se. A espada caiu na poeira.

– Nós ficamos com isso – disse Yoren. – Bom aço sempre faz falta na Muralha.

– Como quiser. Por enquanto. Homens – os homens de manto dourado embainharam as armas e montaram. – É melhor que galope em disparada até essa sua Muralha, velho. Da próxima vez que o apanhar, creio que sua cabeça terá o mesmo destino da do jovem bastardo.

– Homens melhores que você já tentaram.

Yoren bateu na garupa do cavalo do oficial com o lado da espada, fazendo-o desembestar pela estrada do rei afora, enquanto os outros o seguiram.

Quando os perderam de vista, Torta Quente começou a gritar, mas Yoren pareceu mais zangado que nunca.

– Idiota! Acha que estamos livres dele? Da próxima vez, ele não vai se pavonear nem me dar nenhuma faixa maldita. Tirem os outros do banho, temos de ir andando. Cavalgando a noite toda, talvez

possamos ficar à frente deles por um tempo – Yoren apanhou a espada que o oficial deixara cair. – Quem quer isto?

– Eu! – Torta Quente berrou.

– Não use no Arry – Yoren entregou a espada ao rapaz, com o cabo para a frente, e dirigiu-se a Arya, mas foi com Touro que falou. – A rainha o quer muito, rapaz.

Arya não entendia nada.

– Por que *ele*?

Touro olhou bravo para ela.

– E por que iria querer *você*? Não passa de um ratinho de sarjeta!

– Bom, e você não passa de um garoto bastardo! – ou talvez apenas *fingisse* ser um rapaz bastardo. – Qual é o seu nome de verdade?

– Gendry – ele respondeu, como se não estivesse muito certo daquilo.

– Não vejo por que alguém haveria de querer algum de vocês – Yoren os interrompeu. – Mas não podem ficar com vocês de qualquer jeito. Montem aqueles dois corcéis. Ao primeiro sinal de um manto dourado, sigam para a Muralha como se um dragão os perseguisse. O resto de nós não têm importância para eles.

– Menos você – Arya o corrigiu. – Aquele homem disse que também queria sua cabeça.

– Bem, quanto a isso, se conseguir arrancá-la dos meus ombros, que faça bom proveito.

Jon

–Sam? – Jon chamou em voz baixa.

O ar tinha cheiro de papel, de pó e dos anos. À sua frente, altas estantes de madeira erguiam-se até desaparecer nas sombras, entulhadas de livros encadernados em couro e caixas de antigos rolos. Um tênue brilho amarelo era filtrado pelas pilhas de livros, vindo de uma lâmpada escondida. Jon apagou com um sopro a vela que trazia, preferindo não correr o risco de uma chama livre no meio de tanto papel velho e seco. E seguiu a luz, ziguezagueando pelas estreitas passagens sob a abóbada cilíndrica do teto. Todo vestido de preto, era uma sombra entre as sombras, com seu cabelo escuro, rosto longo e olhos cinzentos. Luvas negras de pele de toupeira cobriam suas mãos; a direita porque estava queimada, a esquerda porque um homem se sentia meio tolo usando apenas uma luva.

Samwell Tarly estava debruçado sobre uma mesa num nicho esculpido na pedra da parede, iluminado pelo brilho que vinha da lâmpada pendurada sobre sua cabeça. Ergueu o olhar ao ouvir os passos de Jon.

– Passou a noite toda aqui?

– Passei? – Sam pareceu surpreso.

– Não esteve conosco no desjejum, e ninguém dormiu na sua cama.

Rast sugeriu que Sam talvez tivesse desertado, mas Jon nunca acreditou na ideia. A deserção requeria um tipo diferente de coragem, e isso era algo que Sam possuía em quantidade insuficiente.

– Já é de manhã? Aqui embaixo não há como saber.

– Sam, você é um bobo, mas simpático. Vai sentir falta daquela cama quando estivermos dormindo no chão frio e duro, garanto.

Sam bocejou.

– Meistre Aemon mandou-me encontrar mapas para o Senhor Comandante. Nunca pensei… Jon, os *livros*, já viu alguma coisa assim? Há *milhares*!

Jon olhou em volta.

– A biblioteca em Winterfell tem mais de cem. Encontrou os mapas?

– Ah, sim – Sam passou a mão, com dedos grossos como salsichas, por sobre a mesa, indicando o amontoado de livros e rolos à sua frente. – Pelo menos uma dúzia – ele desenrolou um pergaminho quadrado. – A tinta desbotou, mas ainda se vê onde o cartógrafo assinalou os locais de aldeias selvagens, e há outro livro… Onde está? Eu o estava lendo agora mesmo – Sam afastou alguns rolos para o lado, revelando um volume poeirento, com uma encadernação em

couro apodrecido. – Este – ele exclamou com reverência – é o relato de uma viagem desde a Torre Sombria até o Cabo Desolado, na Costa Gelada, escrito por um patrulheiro chamado Redwyn. Não está datado, mas menciona um Dorren Stark como Rei do Norte. Portanto, deve ter sido escrito antes da Conquista. Jon, eles lutaram com *gigantes*! Redwyn até comerciou com os filhos da floresta, está tudo aqui – com toda delicadeza, Sam virou as páginas com um dedo. – Também desenhou mapas, veja…

– Talvez escreva um relato da nossa patrulha, Sam.

Pretendia soar encorajador, mas aquilo tinha sido a coisa errada a dizer. Tudo o que Sam menos precisava era ser lembrado do que os esperava na manhã seguinte. Então, pensativo, Sam moveu os rolos de um lado para o outro, sem propósito.

– Há mais mapas. Se tivesse tempo de procurar… Está tudo uma confusão. Mas *eu* poderia pôr tudo em ordem; sei que poderia, mas levaria tempo… Bem, na verdade, levaria *anos*.

– Mormont gostaria de ter esses mapas um pouco mais depressa do que isso – Jon tirou um rolo de uma caixa e soprou o grosso da poeira. Um canto desprendeu-se entre os seus dedos quando o desenrolou. – Olha, este está se desfazendo – disse, franzindo a testa diante das letras desbotadas.

– Tome cuidado – Sam rodeou a mesa e tirou o rolo da sua mão, pegando-o como se fosse um animal ferido. – Os livros importantes costumavam ser copiados quando precisavam deles. Alguns dos mais velhos foram copiados meia centena de vezes, provavelmente.

– Bem, não perca tempo copiando esse. Vinte e três barricas de bacalhau em conserva, dezoito jarras de óleo de peixe, uma pipa de sal…

– Um inventário – Sam concluiu. – Ou talvez uma conta de venda.

– Quem se importa com quanto bacalhau em conserva comeram há seiscentos anos? – Jon perguntou.

– Eu – Sam devolveu cuidadosamente o rolo à caixa de onde Jon o tirara. – Pode-se aprender muitas coisas com registros como este. É sério. Eles podem te dizer quantos homens havia na Patrulha da Noite nessa época, como viviam, o que comiam…

– Comiam comida – Jon rebateu. – E viviam como nós vivemos.

– Talvez você se surpreendesse. Esta galeria é um tesouro, Jon.

– Se você diz...

Jon tinha dúvidas. Tesouro queria dizer ouro, prata e joias, não poeira, aranhas e couro apodrecido.

– Digo sim – exclamou o gordo rapaz. Era mais velho do que Jon, legalmente um homem-feito, mas era difícil pensar nele como algo mais que um garoto. – Encontrei desenhos de caras nas árvores, e um livro a respeito da língua dos filhos da floresta… Trabalhos que nem a

Cidadela possui, pergaminhos da antiga Valíria, contagens das estações feitas por meistres mortos há mil anos…

– Os livros ainda estarão aqui quando voltarmos.

– *Se* voltarmos…

– O Velho Urso vai levar duzentos homens experimentados, e três quartos deles são patrulheiros. Qhorin Halfhand trará mais cem irmãos da Torre Sombria. Estará tão seguro como estava no castelo do senhor seu pai, em Monte Chifre.

Samwell Tarly conseguiu dar um sorrisinho triste.

– Também nunca estive muito seguro, lá, no castelo do meu pai.

Os deuses fazem brincadeiras cruéis, Jon pensou. Pyp e Sapo, todos ansiosos por participar da grande patrulha, iam ficar em Castelo Negro. Era Samwell Tarly, o autoproclamado covarde, extremamente gordo, tímido. e quase tão ruim em montar a cavalo como com uma espada na mão, que teria de enfrentar a floresta assombrada. O Velho Urso ia levar duas gaiolas de corvos para que pudessem ir enviando notícias à medida que avançassem. Meistre Aemon era cego e frágil demais para ir com eles, portanto, seu intendente tinha de seguir no seu lugar.

– Precisamos de você para os corvos, Sam. E alguém terá de me ajudar a manter Grenn no seu devido lugar.

Os queixos de Sam estremeceram.

– Você poderia cuidar dos corvos, ou Grenn, ou *qualquer um* – ele disse com uma ponta de desespero na voz. – Eu poderia ensiná-lo como se faz. Você também conhece as letras, poderia escrever as mensagens de Lorde Mormont tão bem quanto eu.

– Eu sou o intendente do Velho Urso. Terei de ser seu escudeiro, cuidar do seu cavalo, montar sua tenda; não terei tempo para também vigiar pássaros. Sam, você pronunciou as palavras. Agora é um irmão da Patrulha da Noite.

– Um irmão da Patrulha da Noite não deveria estar tão assustado.

– Estamos todos assustados. Seríamos loucos se não estivéssemos.

Muitos patrulheiros tinham se perdido nos últimos dois anos, até Benjen Stark, tio de Jon. Tinham encontrado dois dos homens do tio na floresta, mortos, mas os cadáveres haviam se levantado na noite gelada. Os dedos queimados de Jon se contraíam quando se lembrava daquilo. Ainda via a criatura nos seus sonhos. Othor morto, com seus ardentes olhos azuis e frias mãos negras. Mas esta era a última coisa que ele deveria fazer Sam se lembrar.

– Meu pai ensinou-me que não há vergonha no medo, o que importa é o modo como o enfrentamos. Venha, eu ajudo você a reunir os mapas.

Sam fez um aceno infeliz. As estantes estavam tão próximas umas das outras, que tiveram de sair um atrás do outro. A galeria dava para

um dos túneis, que os irmãos chamavam caminhos de minhoca, sinuosas passagens subterrâneas que ligavam as fortalezas e torres de Castelo Negro por baixo da terra. No verão, os caminhos de minhoca raramente eram usados, exceto por ratazanas e outras pragas, mas no inverno era diferente. Quando a neve chegava a dez ou quinze metros de altura, e os ventos gelados uivavam do norte, os túneis eram tudo o que mantinha Castelo Negro em funcionamento.

Em breve, Jon pensou, enquanto subiam. Tinha visto o mensageiro que chegara a Meistre Aemon com a notícia do fim do verão, o grande corvo da Cidadela, branco e silencioso como o Fantasma. Jon já vivera um inverno, quando era muito novo, mas todos concordavam que aquele tinha sido curto e suave. Este seria diferente. Conseguia senti-lo nos ossos.

Os íngremes degraus de pedra deixaram Sam bufando como um fole de ferreiro quando chegaram à superfície. Depararam-se com um vento fresco, que fez o manto de Jon rodopiar e esvoaçar. Fantasma estava adormecido junto à parede de taipa do celeiro, mas acordou quando Jon apareceu, mantendo a felpuda cauda branca rigidamente erguida enquanto trotava na direção deles.

Sam olhou a Muralha de canto de olho. Erguia-se acima das suas cabeças, uma escarpa gelada com duzentos metros de altura. Às vezes, parecia a Jon quase uma coisa viva, dotada de humores próprios. A cor do gelo tinha o costume de mudar a cada alteração da luz. Ora era o azul-profundo, dos rios gelados, ora o branco sujo da neve antiga, e quando uma nuvem passava à frente do sol, escurecia até o cinza-claro de pedra quebrada. A Muralha estendia-se para leste e para oeste, até tão longe quanto o olhar alcançava; tão imensa, que reduzia à insignificância as fortalezas de madeira e torres de pedra do castelo. Era o fim do mundo.

E nós vamos para além dela.

O céu da manhã estava riscado por finas nuvens cinzentas, mas a clara linha vermelha estava lá, por trás delas. Os irmãos negros tinham apelidado o cometa de Archote de Mormont, dizendo (só em parte de brincadeira) que os deuses deviam tê-lo enviado para iluminar o caminho do velho através da floresta assombrada.

– O cometa está tão brilhante que já é visível durante o dia – Sam disse, protegendo os olhos do sol com um punhado de livros.

– Não se preocupe com cometas, o que o Velho Urso quer são mapas.

Fantasma trotava à frente deles. A região parecia deserta naquela manhã, com tantos patrulheiros fora, no bordel de Vila Toupeira, escavando tesouros enterrados e embebedando-se até cair. Grenn tinha ido com eles. Pyp, Halder e Sapo se ofereceram para lhe pagar a sua primeira mulher, a fim de celebrar sua primeira patrulha. Queriam

que Jon e Sam os acompanhassem, mas Sam sentia-se quase tão amedrontado por prostitutas como pela floresta assombrada, e Jon não quis participar daquilo.

– Façam o que quiser – disse a Sapo. – Mas eu fiz um juramento.

Ao passar pelo septo, ouviu vozes que cantavam. *Alguns homens querem prostitutas na véspera da batalha, e outros querem deuses*. Jon perguntou a si mesmo quais se sentiriam melhor depois. O septo não o tentava mais do que o bordel; seus deuses mantinham seus templos nos lugares selvagens, onde os represeiros estendiam seus galhos brancos como ossos. *Os Sete não têm nenhum poder para lá da Muralha,* pensou*, mas os meus deuses estarão esperando*.

À frente do arsenal, Sor Endrew Tarth trabalhava com alguns novos recrutas. Tinham chegado na noite anterior com Conwy, um dos corvos errantes que percorriam os Sete Reinos reunindo homens para a Muralha. Esta nova colheita consistia de um homem de barba grisalha apoiado em um bastão, dois rapazes loiros que pareciam irmãos, um jovem afetado, vestido de cetim sujo, outro esfarrapado, com um pé torto, e um simplório sorridente, que devia se achar um guerreiro. Sor Endrew estava lhe mostrando o erro dessa presunção. Era um mestre de armas mais gentil do que Sor Alliser Thorne, mas suas lições geravam hematomas igualmente. Sam estremecia a cada golpe, mas Jon Snow observou com atenção o duelo das espadas.

– O que acha deles, Snow?

Donal Noye estava em pé na porta do arsenal, com o peito nu sob um avental de couro e, pela primeira vez, com o toco do braço descoberto. Com sua grande barriga e o peito em forma de barril, o nariz achatado e queixo hirsuto e negro, Noye não era coisa bonita de se ver, mas mesmo assim era uma visão bem-vinda. O armeiro tinha provado ser um bom amigo.

– Têm cheiro de verão – Jon respondeu, enquanto Sor Endrew investia sobre o seu oponente e o fazia estatelar-se no chão. – Onde Conwy os encontrou?

– Na masmorra de um senhor, perto de Vila Gaivota – respondeu o ferreiro. – Um bandoleiro, um barbeiro, um pedinte, dois órfãos e um michê. É com esta gente que defendemos os domínios dos homens.

– Devem servir – Jon dirigiu a Sam um sorriso privado. – Nós servimos.

Noye o chamou para mais perto.

– Ouviu as notícias sobre o seu irmão?

– Na noite passada.

Conwy e os homens a seu cargo tinham trazido as notícias do norte, e quase não se falou em outra coisa na sala comum. Jon ainda não estava seguro dos seus sentimentos àquele respeito. Robb, um rei? O irmão com quem brincara, com quem lutara, com quem dividira a

primeira taça de vinho? *Mas não o leite da mãe, isso não. E, portanto, Robb agora beberica vinho do verão em cálices cravejados de joias, enquanto eu me ajoelho junto a um riacho qualquer, sugando água do degelo com as mãos em taça*.

– Robb será um bom rei – Jon afirmou, com sinceridade.

– Será? – o ferreiro olhou-o com franqueza. – Espero que sim, rapaz, mas em outra época posso ter dito o mesmo de Robert.

– Dizem que forjou para ele o martelo de guerra – Jon recordou.

– Sim. Era seu homem, um homem dos Baratheon, ferreiro e armeiro em Ponta Tempestade, até perder o braço. Tenho idade suficiente para me lembrar de Lorde Steffon antes de o mar levá-lo, e conheço aqueles três filhos dele desde que receberam seus nomes. E lhe digo o seguinte: Robert nunca mais voltou a ser o mesmo depois de colocar aquela coroa na cabeça. Alguns homens são como espadas, feitos para lutar. Pendure-os, e enferrujam.

– E os irmãos? – Jon quis saber.

O armeiro refletiu por um momento.

– Robert era verdadeiro aço. Stannis é de ferro puro, negro, duro e forte, é verdade, mas quebradiço, como acontece com o ferro. Quebrará antes de dobrar. E Renly, esse é cobre, claro e brilhante, bonito de ver, mas, no fim das contas, sem grande valor.

E que metal é Robb? Jon não perguntou. Noye era um homem dos Baratheon; o mais certo era que considerasse Joffrey o rei de direito, e Robb, um traidor. Na irmandade da Patrulha da Noite, havia um pacto tácito de não sondar com muita profundidade esses assuntos. Os homens que chegavam à Muralha vinham de todos os Sete Reinos, e os antigos amores e lealdades não eram esquecidos com facilidade, não importava quantos juramentos um homem fizesse… Assim como o próprio Jon tinha bons motivos para saber. Até Sam… A Casa do pai estava juramentada a Jardim de Cima, e Lorde Tyrell apoiava o Rei Renly. Era melhor não falar dessas coisas. A Patrulha da Noite não tomava partido.

– Lorde Mormont nos espera – Jon disse.

– Que não seja por mim que se atrase a encontrar o Velho Urso – Noye deu uma batidinha no seu ombro e sorriu. – Que os deuses o acompanhem amanhã, Snow. Traz de volta esse seu tio, está me ouvindo?

– Traremos – Jon prometeu.

O Senhor Comandante Mormont tinha se instalado na Torre do Rei depois do incêndio que havia devastado a sua. Jon deixou Fantasma com os guardas na porta.

– Mais escadas – Sam reclamou em tom infeliz quando começaram a subir. – Detesto escadas.

– Bem, essa é uma coisa que não enfrentaremos na floresta.

Quando entraram no aposento privado, o corvo os viu de imediato. *"Snow!"*, guinchou a ave. Mormont interrompeu a conversa.

– Demorou bastante tempo com esses mapas – afastou os restos do café da manhã para arranjar espaço na mesa. – Ponha-os aqui. Darei uma olhada neles mais tarde.

Thoren Smallwood, um patrulheiro nervoso, com um queixo fraco e uma boca ainda mais fraca, escondida sob uma fina barba desordenada, dirigiu a Jon e a Sam um olhar frio. Tinha sido um dos homens de confiança de Alliser Thorne, e não nutria nenhuma amizade por nenhum deles.

– O lugar do Senhor Comandante é em Castelo Negro, senhoreando e comandando – disse a Mormont, ignorando os recém-chegados –, me parece.

O corvo bateu suas asas negras. "*Me, me, me.*"

– Se algum dia se tornar Senhor Comandante, poderá fazer o que desejar – Mormont respondeu ao patrulheiro. – Mas, *parece-me* que ainda não morri, e que os irmãos não puseram você no meu lugar.

– Com Ben Stark perdido e Sor Jaremy morto, sou agora Primeiro Patrulheiro – teimou Smallwood. – O comando devia ser meu.

Mormont não concordava.

– Enviei Ben Stark, e Sor Waymar antes dele. Não pretendo mandar você atrás deles e ficar aqui sentado, perguntando a mim mesmo quanto tempo deverei esperar até considerá-lo perdido também. E Stark continua a ser Primeiro Patrulheiro, até sabermos com certeza que está morto. Se esse dia chegar, serei eu, e não você, quem nomeará o seu sucessor. E agora, pare de me fazer perder tempo. Partimos à primeira luz da aurora, ou será que se esqueceu?

Smallwood pôs-se em pé.

– Às ordens do meu senhor.

Enquanto se encaminhava para a saída, franziu as sobrancelhas para Jon, como se aquilo de alguma maneira fosse culpa sua.

– Primeiro Patrulheiro! – os olhos do Velho Urso fixaram-se em Sam. – Antes nomearia *você* Primeiro Patrulheiro. Tem o topete de me dizer na cara que sou velho demais para ir com ele. Pareço velho para você, rapaz? – os pelos que tinham desaparecido do couro cabeludo manchado de Mormont tinham se reagrupado sob seu queixo, numa hirsuta barba cinza que cobria a maior parte do seu peito. Então, deu uma pancada forte no próprio peito. – Pareço *frágil*?

Sam abriu a boca e soltou um pequeno guincho. O Velho Urso aterrorizava-o.

– Não, senhor – Jon interveio rapidamente. – Parece forte como um… um…

– Não tente me enganar, Snow, sabe bem que não consegue. Deixe-me dar uma olhada nesses mapas – Mormont passou os olhos

rapidamente, dando não mais do que um grunhido para cada um deles. – Isto foi tudo o que conseguiu encontrar?

– Eu… m-m-meu senhor – Sam gaguejou –, havia… havia mais, m-m-mas… a des-desordem…

– Estes são velhos – queixou-se Mormont, e o corvo serviu de eco com um grito penetrante de "*Velhos, velhos"*.

– As aldeias podem ir e vir, mas os montes e os rios estarão sempre nos mesmos lugares – Jon observou.

– É verdade. Já escolheu seus corvos, Tarly?

– O M-m-meistre Aemon p-pretende e-escolhê-los ao cair da noite, depois de a-a-alimentá-los.

– Quero os melhores que tiver. Aves inteligentes e fortes.

"*Fortes*", disse a ave dele, alisando as penas. "*Fortes, fortes*."

– Se acabarmos sendo todos massacrados lá fora, quero que meu sucessor saiba onde e como morremos.

A conversa sobre massacres deixou Samwell Tarly sem fala. Mormont inclinou-se para a frente.

– Tarly, quando eu era um rapaz com metade da sua idade, a senhora minha mãe disse-me que, se andasse por aí de boca aberta, era provável que uma doninha a confundisse com a sua toca e descesse pela minha garganta. Se tem alguma coisa a dizer, diga. Caso contrário, cuidado com as doninhas – o velho fez um brusco gesto de dispensa. – Fora daqui, estou ocupado demais para tolices. Sem dúvida o meistre terá algum trabalho para você.

Sam engoliu em seco, deu um passo para trás e saiu correndo, tão depressa que quase tropeçou nas esteiras.

– Aquele rapaz é tão pateta quanto parece? – o Senhor Comandante perguntou depois de ele sair. "*Pateta*", lamentou-se o corvo. Mormont não esperou a resposta de Jon. – O senhor pai dele tem uma posição elevada nos conselhos do Rei Renly, e eu estava pensando em enviá-lo… Não, é melhor não. É pouco provável que Renly escute um rapaz gordo e trêmulo. Mandarei Sor Arnell. É um tanto mais firme, e a mãe dele era uma das Fossoway da maçã verde.

– Se for do seu desejo me responder, o que quer do Rei Renly?

– O mesmo que quero de todos eles, moço. Homens, cavalos, espadas, armaduras, cereais, queijo, vinho, lã, cotas de malha… a Patrulha da Noite não é orgulhosa, aceitamos aquilo que nos é oferecido – os dedos tamborilaram nas pranchas mal cortadas da mesa. – Se os ventos tiverem ajudado, Sor Alliser deverá chegar a Porto Real na virada da lua, mas não sei se o jovem Joffrey prestará atenção nele. A Casa Lannister nunca foi amiga da Patrulha.

– Thorne tem a mão da criatura para lhes mostrar.

Era uma coisa horrível e branca, com dedos negros, que se agitava e torcia no frasco como se ainda estivesse viva.

– Seria bom que tivéssemos outra mão para enviar a Renly.

– Dywen diz que é possível encontrar qualquer coisa para lá da Muralha.

– Sim, Dywen diz. E da última vez que saiu em patrulha, disse que viu um urso com quatro metros e meio de altura – Mormont fungou. – Dizem que minha irmã tomou um urso como amante. Antes acredito *nisso,* do que num urso com quatro metros de altura. Se bem que num mundo onde os mortos andam… Ah... Mesmo assim, um homem tem de acreditar nos seus olhos. Vi o morto andando. Não vi nenhum urso gigante – dirigiu a Jon um longo olhar perscrutador. – Mas estávamos falando de mãos. Como está a sua?

– Melhor – Jon tirou a luva de pele de toupeira e a mostrou. O braço estava coberto de cicatrizes, desde a mão até metade do antebraço, e ainda sentia a salpicada pele cor-de-rosa esticada e sensível, mas estava sarando. – Mas ainda dá comichão. Meistre Aemon diz que isso é bom. Deu-me um unguento para levar comigo quando partirmos.

– Consegue manejar a Garralonga apesar da dor?

– Suficientemente bem – Jon flexionou os dedos, abrindo e fechando o pulso, como o meistre tinha lhe ensinado. – Tenho de trabalhar os dedos todos os dias para mantê-los flexíveis, como Meistre Aemon recomendou.

– Aemon pode ser cego, mas sabe do seu ofício. Rezo para que os deuses nos permitam conservá-lo por mais vinte anos. Você sabe que podia ter sido rei?

Jon foi pego de surpresa.

– Ele contou-me que o pai foi rei, mas não… Julguei que talvez fosse um filho mais novo.

– E era. O pai do pai era Daeron Targaryen, o Segundo do Seu Nome, que incorporou Dorne no reino. Parte do pacto determinava que casasse com uma princesa de Dorne. Ela deu-lhe quatro filhos. O pai de Aemon, Maekar, era o mais novo desses quatro, e Aemon foi o terceiro filho *dele*. Note que tudo isso aconteceu muito antes de eu ter nascido, por mais antigo que o Smallwood pense que eu seja.

– Meistre Aemon recebeu o nome em honra do Cavaleiro do Dragão.

– É verdade. Há quem diga que o Príncipe Aemon, e não Aegon, o Indigno, foi o verdadeiro pai do Rei Daeron. Seja como for, ao nosso Aemon faltava o temperamento marcial do Cavaleiro do Dragão. Gosta de dizer que possuía uma espada lenta, mas uma inteligência rápida. Não à toa o avô o enviou para a Cidadela. Tinha nove ou dez anos, creio… e também era o nono ou décimo na linha de sucessão.

Jon sabia que Meistre Aemon contava mais de uma centena de dias do seu nome. Frágil, mirrado, murcho e cego, era difícil imaginá-

lo como um garotinho da idade de Arya.

Mormont continuou:

– Aemon estava às voltas com seus livros quando o mais velho dos seus tios, herdeiro da coroa, foi morto num acidente de torneio. Deixou dois filhos, mas seguiram-no para a sepultura não muito tempo depois, durante a Grande Peste da Primavera. O Rei Daeron também foi levado, e por isso a coroa passou para o segundo filho de Daeron, Aerys.

– O Rei Louco? – Jon estava confuso. Aerys tinha sido rei antes de Robert, e isso não há muito tempo atrás.

– Não, este foi Aerys Primeiro. O que Robert depôs foi o segundo desse nome.

– Há quanto tempo isso se passou?

– Oitenta anos, ou perto disso – disse o Velho Urso. – E, não, eu *ainda* não tinha nascido, embora Aemon já tivesse forjado meia dúzia de aros da sua corrente de meistre nessa época. Aerys casou com a irmã, como os Targaryen costumavam fazer, e reinou durante dez ou doze anos. Aemon fez seus votos e deixou a Cidadela para servir na corte de algum fidalguinho… até que seu real tio morreu sem deixar descendência. O Trono de Ferro passou para o último dos quatro filhos do Rei Daeron. Esse era Maekas, pai de Aemon. O novo rei convocou todos os filhos para a corte, e queria que Aemon participasse do seu conselho, mas este recusou, dizendo que isso usurparia o lugar que pertencia por direito ao Grande Meistre. Em vez disso, serviu na fortaleza do irmão mais velho, outro Daeron. Bem, esse também morreu, deixando como herdeira só uma filha de fraco entendimento. Alguma sífilis que pegou de uma puta, acho. O irmão seguinte era Aerion.

– Aerion, o Monstruoso? – Jon conhecia aquele nome. "O Príncipe que Pensava Ser Dragão" era uma das histórias mais horrendas da Velha Ama. Bran, seu irmão mais novo, adorava-a.

– Esse mesmo, embora chamasse a si próprio Aerion Chama-Viva. Uma noite, bem mamado, bebeu um frasco de fogovivo, depois de dizer aos amigos que isso o transformaria num dragão, mas os deuses foram misericordiosos, e o transformaram num cadáver. Menos de um ano depois, Rei Maekar morreu em batalha contra um lorde fora da lei.

Jon não era completamente ignorante em relação à história do reino; seu meistre tinha se assegurado disso.

– Esse foi o ano do Grande Conselho – ele completou. – Os senhores passaram por cima do filho pequeno do Príncipe Aerion e da filha do Príncipe Daeron e deram a coroa a Aegon.

– Sim e não. Primeiro, ofereceram-na, discretamente, a Aemon. E ele, também discretamente, a recusou. Disse-lhes que os deuses

queriam que servisse, não que governasse. Que tinha prestado um juramento e não o quebraria, apesar de o próprio Alto Septão ter se oferecido para absolvê-lo. Bem, nenhum homem são queria um pingo do sangue de Aerion no trono, e a filha de Daeron era tola, além de ser mulher. Por isso não tiveram outra escolha que não fosse recorrer ao irmão mais novo de Aemon… Aegon, o Quinto do Seu Nome. Foi chamado de Aegon, o Improvável, nascido quarto filho de um quarto filho. Aemon sabia, e corretamente, que, se ficasse na corte, aqueles a quem o governo do irmão desagradava procurariam usá-lo, por isso veio para a Muralha. E aqui permaneceu, enquanto o irmão, o filho do irmão e o filho *deste* reinaram e morreram um atrás do outro, até Jaime Lannister pôr fim à linha dos Reis-Dragão.

"*Rei*", crocitou o corvo. A ave atravessou o aposento privado e foi pousar no ombro de Mormont. "*Rei*", voltou a palrear, pavoneando-se de um lado para outro.

– Ele gosta dessa palavra – Jon sorriu.

– Uma palavra fácil de dizer, e fácil de gostar.

"*Rei*", a ave voltou a se manifestar.

– Acho que ele deseja que tenha uma coroa, senhor.

– O reino já tem três reis, e isso são dois a mais para o meu gosto.

Mormont afagou o corvo sob o bico com um dedo, mas os olhos nunca deixaram Jon Snow. Aquilo fez Jon se sentir estranho.

– Senhor, por que me disse isso sobre o Meistre Aemon?

– Preciso ter um motivo? – Mormont mexeu-se na cadeira, franzindo a testa. – Seu irmão Robb foi coroado Rei do Norte. Você e Aemon têm isso em comum. Um rei como irmão.

– E também – Jon completou: – um voto.

O Velho Urso soltou uma sonora bufada, e o corvo levantou voo, batendo as asas em círculo pela sala.

– Dê-me um homem por cada voto que vi quebrado, e a Muralha nunca mais sentirá falta de defensores.

– Sempre soube que Robb seria Senhor de Winterfell.

Mormont soltou um assobio, e a ave voou de novo para ele, instalando-se no seu braço.

– Um senhor é uma coisa, um rei é outra – ele deu ao corvo um punhado de milho tirado do bolso. – Vão vestir seu irmão Robb em sedas, cetins e veludos de cem cores diferentes, enquanto você vive e morre em cota de malha negra. Ele se casará com alguma bela princesa e será pai dos seus filhos. Você não terá esposa, nem segurará nos braços um filho do seu próprio sangue. Robb governará, você servirá. Os homens chamarão você de corvo. Ele, de *Vossa Graça*. Cantores elogiarão cada coisinha que ele fizer, enquanto os maiores dos seus feitos passarão despercebidos. Diga-me que nada disso o perturba, Jon… e eu chamarei você de mentiroso, e saberei que tenho

razão.

Jon endireitou-se, tenso como a corda de um arco.

– E se me perturbar, que posso fazer, bastardo como sou?

– O que você *vai* fazer? – Mormont o desafiou. – Bastardo como é?

– Ficar perturbado – Jon respondeu. – E respeitar os meus votos.

Catelyn

A coroa do filho ainda estava fresca da forja, e parecia a Catelyn Stark que seu peso pressionava com força a cabeça de Robb.

A antiga coroa dos Reis do inverno tinha sido perdida há três séculos, entregue a Aegon, o Conquistador, quando Torrhen Stark se ajoelhou em submissão. Ninguém saberia dizer o que Aegon fizera dela. O ferreiro de Lorde Hoster fizera bem seu trabalho, e a coroa de Robb parecia-se muito com a descrição da outra nas histórias que eram contadas sobre os reis Stark de antigamente; um anel aberto de bronze martelado, gravado com as runas dos Primeiros Homens, coroado por espigões negros de ferro, forjados em forma de espadas longas. De ouro, prata e pedras preciosas, nada tinha; o bronze e o ferro eram os metais do inverno, escuros e fortes para lutar contra o frio.

Enquanto esperavam no Grande Salão de Correrrio que o prisioneiro fosse trazido até eles, Catelyn viu Robb empurrando a coroa para trás, para que repousasse no espesso esfregão ruivo que era seu cabelo; momentos depois, voltou a puxá-la para a frente; mais tarde, deu um quarto de volta nela, como se isso pudesse fazer com que se assentasse mais facilmente na sua testa. *Usar uma coroa não é nada fácil*, pensou Catelyn, *especialmente para um rapaz de quinze anos*.

Quando os guardas trouxeram o cativo, Robb pediu sua espada. Olyvar Frey a ofereceu pelo punho, e o filho de Cat desembainhou-a e a pousou, nua, nos joelhos, uma clara ameaça para que todos vissem.

– Vossa Graça, aqui está o homem que requisitou – anunciou Sor Robin Ryger, capitão da guarda doméstica dos Tully.

– Ajoelhe-se perante o rei, Lannister! – gritou Theon Greyjoy. Sor Robin forçou o prisioneiro a cair de joelhos.

Catelyn refletiu que o homem não parecia um leão. Este Sor Cleos Frey era filho da Senhora Genna, irmã de Lorde Tywin Lannister, mas não possuía nada da afamada beleza dos Lannister, nem o cabelo claro e os olhos verdes. Em vez disso, herdara as viscosas madeixas castanhas, o queixo recuado e o rosto estreito do pai, Sor Emmon Frey, o segundo filho do velho Lorde Walder. Seus olhos eram claros e úmidos, e pareciam não ser capazes de parar de piscar, mas talvez fosse só por causa da luz. As celas sob Correrrio eram escuras e úmidas… E, naqueles dias, cheias de gente.

– Erga-se, Sor Cleos – a voz do filho não era tão gelada como a do pai teria sido, mas também não soava como a de um rapaz de quinze anos. A guerra tinha feito dele um homem antes da hora. A luz da manhã cintilava levemente no gume do aço que tinha sobre os joelhos.

Mas não era a espada que deixava Sor Cleos Frey ansioso; era o

animal. Seu filho o tinha chamado Vento Cinzento. Um lobo gigante, tão grande como um cão da raça elkhound, esguio e escuro como fumaça, com olhos que eram como ouro derretido. Quando a fera avançou e farejou o cavaleiro cativo, todos os homens presentes na sala conseguiram sentir o cheiro do medo. Sor Cleos tinha sido capturado durante a batalha do Bosque dos Murmúrios, onde Vento Cinzento rasgou a garganta de meia dúzia de homens.

O cavaleiro levantou-se com dificuldade, afastando-se com tanta rapidez, que alguns dos que assistiam riram alto.

– Obrigado, senhor.

– *Vossa Graça* – ladrou Lorde Umber, o Grande-Jon, sempre o mais sonoro dos vassalos nortenhos de Robb… e também o mais leal e feroz, ou pelo menos era o que insistia em dizer. Tinha sido o primeiro a proclamar o filho de Catelyn Rei do Norte, e não tolerava nenhuma afronta à honra do seu novo soberano.

– Vossa Graça – corrigiu-se rapidamente Sor Cleos. – Perdão.

Este não é um homem corajoso, pensou Catelyn. Na verdade, mais um Frey do que um Lannister. Com o primo, o Regicida, teria sido bem diferente. Aquela honraria nunca teria passado através dos dentes perfeitos de Jaime Lannister.

– Tirei-o da sua cela para levar uma mensagem minha à sua prima Cersei Lannister, em Porto Real. Viajará sob uma bandeira de paz, com trinta dos meus melhores homens para escoltá-lo.

Sor Cleos ficou visivelmente aliviado.

– Nesse caso, será com grande alegria que levarei a mensagem de Vossa Graça à rainha.

– Compreenda – disse Robb – que não estou lhe oferecendo a liberdade. Seu avô, Lorde Walder, garantiu-me seu apoio e o da Casa Frey. Muitos dos seus primos e tios os acompanharam no Bosque dos Murmúrios, mas o senhor escolheu lutar sob o estandarte do leão. Isso faz de você um Lannister, não um Frey. Quero a sua garantia, pela sua honra como cavaleiro, que depois de entregar minha mensagem retornará com a resposta da rainha e voltará ao cativeiro.

Sor Cleos respondeu de imediato:

– Juro.

– Todos os homens presentes neste salão o ouviram – preveniu o irmão de Catelyn, Sor Edmure Tully, que falava por Correrrio e pelos senhores do Tridente no lugar do pai moribundo. – Se não retornar, todo o reino saberá que perjurou.

– Farei o que jurei fazer – Sor Cleos respondeu rigidamente. – Que mensagem é essa?

– Uma oferta de paz – Robb ficou de pé, com a espada na mão. Vento Cinzento pôs-se ao seu lado. O salão silenciou-se. – Diga à Rainha Regente que, se aceitar as minhas condições, embainharei esta

espada e encerrarei a guerra entre nós.

No fundo da sala, Catelyn vislumbrou a figura alta e esquelética de Lorde Rickard Karstark esgueirando-se por entre uma fileira de guardas e saindo pela porta. Ninguém mais se moveu. Robb não prestou atenção à distração.

– Olyvar, o papel – ele ordenou. O escudeiro apresentou a espada e entregou-lhe um pergaminho enrolado.

Robb o desenrolou.

– Em primeiro lugar, a rainha deverá libertar minhas irmãs e oferecer-lhes transporte por mar de Porto Real até Porto Branco. Deve ficar claro que a promessa da mão de Sansa a Joffrey Baratheon chegou ao fim. Quando receber do meu castelão a notícia de que minhas irmãs foram devolvidas incólumes a Winterfell, libertarei os primos da rainha, o escudeiro Willem Lannister e seu irmão, Tion Frey, e lhes darei uma escolta segura até Rochedo Casterly, ou qualquer outro local onde ela deseje que sejam entregues.

Catelyn Stark gostaria de ser capaz de ler os pensamentos que se escondiam por trás de cada rosto, de cada testa sulcada e de cada par de lábios apertados.

– Em segundo lugar, os ossos do senhor meu pai nos devem ser devolvidos, para que possa repousar ao lado do seu irmão e de sua irmã nas criptas sob Winterfell, como teria desejado. Assim como devem sê-los os restos mortais dos homens da guarda doméstica que morreram ao seu serviço em Porto Real.

Homens vivos tinham partido para o sul, e ossos frios regressariam. *Ned tinha razão*, pensou. *Seu lugar era Winterfell, e foi o que ele disse, mas, por acaso, eu quis escutá-lo? Não. Vai, eu disse, você tem de ser Mão de Robert, para o bem da nossa Casa, para o bem dos nossos filhos… Fui eu que fiz isto. Eu, e mais ninguém…*

– Em terceiro lugar, a espada do meu pai, Gelo, será entregue em minhas mãos, aqui em Correrrio.

Catelyn observou o irmão, Edmure Tully, que estava em pé com os polegares enfiados no cinto da espada, o rosto imóvel como pedra.

– Em quarto lugar, a rainha ordenará a seu pai, Lorde Tywin, que liberte meus cavaleiros e senhores vassalos que capturou na batalha do Ramo Verde do Tridente. Assim que fizer isso, libertarei os seus prisioneiros capturados no Bosque dos Murmúrios e na Batalha dos Acampamentos, exceto apenas Jaime Lannister, que permanecerá meu refém a fim de garantir o bom comportamento do pai.

Ela estudou o sorriso zombeteiro de Theon Greyjoy, perguntando-se o que significaria. Aquele jovem tinha um jeito de se apresentar como se soubesse de algum gracejo secreto só seu; Catelyn nunca gostou dele.

– E, por fim, o Rei Joffrey e a Rainha Regente devem renunciar a

todas as exigências de domínio sobre o Norte. De agora em diante, não fazemos parte do seu reino. Somos um reino livre e independente, como nos tempos antigos. Nossos domínios incluem todas as terras Stark a norte do Gargalo, às quais se somam as terras banhadas pelo Rio Tridente e seus afluentes, limitadas a oeste pelo Dente Dourado e a leste pelas Montanhas da Lua.

– *O REI DO NORTE!* – trovejou Grande-Jon Umber, com um punho do tamanho de um presunto socando o ar enquanto gritava: – *Stark! Stark! O Rei do Norte!*

Robb voltou a enrolar o pergaminho.

– Meistre Wyman desenhou um mapa, mostrando as fronteiras que reclamamos. Levará uma cópia para entregar à rainha. Lorde Tywin deverá se retirar para lá dessas fronteiras e pôr fim aos ataques, incêndios e pilhagens. A Rainha Regente e seu filho não cobrarão impostos, rendimentos ou serviços do meu povo e libertarão os meus senhores e cavaleiros de todos os votos de lealdade, juramentos, penhores, dívidas e obrigações devidas ao Trono de Ferro e às Casas Baratheon e Lannister. Além disso, os Lannister entregarão dez reféns de alto nascimento, a se determinar por mútuo acordo, como garantia de paz. Irei tratá-los como hóspedes de honra, de acordo com suas posições sociais. Desde que os termos deste pacto sejam respeitados fielmente, libertarei dois reféns por ano, e eles serão devolvidos a salvo às suas famílias – Robb atirou o pergaminho enrolado aos pés do cavaleiro. – As condições são estas. Se ela as aceitar, terá a paz. Se não – assobiou, e Vento Cinzento avançou, rosnando –, terá outro Bosque dos Murmúrios.

– *Stark!* – voltou a rugir Grande-Jon, e agora outras vozes o acompanharam no grito: – *Stark. Stark. Rei do Norte!* – o lobo gigante jogou a cabeça para trás e uivou.

Sor Cleos tinha ficado da cor de leite coalhado.

– A rainha ouvirá a sua mensagem, senh… Vossa Graça.

– Ótimo – Robb respondeu. – Sor Robin, providencie uma boa refeição e roupa limpa para ele. Deverá partir ao raiar do dia.

– Às suas ordens, Vossa Graça – sor Robin Ryger aquiesceu.

– Então terminamos.

Os cavaleiros e senhores vassalos dobraram os joelhos quando Robb se virou para sair, seguido de perto por Vento Cinzento. Olyvar Frey precipitou-se na frente, para abrir a porta. Catelyn os seguiu, com o irmão ao seu lado.

– Você foi bem – disse ao filho, na galeria que levava para a parte de trás do salão –, embora aquela coisa com o lobo fosse uma brincadeira mais adequada a um garoto do que a um rei.

Robb coçou Vento Cinzento atrás das orelhas.

– Você viu a cara dele, mãe? – ele perguntou, sorrindo.

– O que vi foi Lorde Karstark saindo.

– Eu também.

Robb ergueu a coroa com ambas as mãos e a entregou a Olyvar.

– Leve esta coisa para o meu quarto.

– Imediatamente, Vossa Graça – o escudeiro afastou-se a passos rápidos.

– Aposto que havia outros que sentiam o mesmo que Lorde Karstark – Edmure declarou. – Como podemos falar de paz enquanto os Lannister se espalham como uma peste pelos domínios do meu pai, roubando suas colheitas e massacrando seu povo? Volto a dizer, deveríamos marchar sobre Harrenhal.

– Não temos força para isso – Robb retrucou, em tom infeliz.

Edmure insistiu:

– Será que ficamos mais fortes aqui, parados? Nossa tropa diminui todos os dias.

– E de quem é a responsabilidade disso? – Catelyn se dirigiu ao irmão. Foi por insistência de Edmure que Robb tinha dado aos senhores do rio licença para partir após a coroação, para que cada um defendesse suas terras. Sor Marq Piper e Lorde Karyl Vance tinham sido os primeiros a partir. Seguiu-os Lorde Jonos Bracken, prometendo recuperar o esqueleto queimado do seu castelo e enterrar os mortos, e agora Lorde Jason Mallister tinha anunciado sua intenção de voltar aos seus domínios em Guardamar, ainda misericordiosamente intocados pela luta.

– Não pode pedir aos senhores do rio que não façam nada enquanto seus campos são pilhados e seu povo é passado na espada – Sor Edmure rebateu. – Mas Lorde Karstark é do Norte. Seria ruim se nos deixasse.

– Falarei com ele – Robb se adiantou. – Perdeu dois filhos no Bosque dos Murmúrios. Quem pode censurá-lo por não querer fazer a paz com os seus assassinos… Com os assassinos do meu pai…

– Mais derramamento de sangue não trará seu pai de volta para nós, nem os filhos de Lorde Rickard – Catelyn o alertou. – Uma proposta tinha de ser feita… Embora um homem mais sábio tivesse oferecido termos mais agradáveis.

– Mais agradável do que aquilo teria me dado náuseas.

A barba do filho tinha se tornado mais vermelha do que seu cabelo ruivo. Robb devia pensar que lhe dava um ar feroz, régio… mais velho. Mas, com ou sem barba, era ainda um jovem de quinze anos, e não desejava menos a vingança do que Rickard Karstark. Não tinha sido fácil convencê-lo a fazer até mesmo aquela proposta, por mais que fosse fraca.

– Cersei Lannister *nunca* consentirá em trocar suas irmãs por um par de primos. É o irmão que ela quer, como você sabe muito bem –

Catelyn já lhe tinha dito exatamente isso, mas estava descobrindo que os reis não escutavam com a mesma atenção que os filhos.

– Não posso libertar o Regicida, nem mesmo se quisesse. Meus senhores nunca admitiriam isso.

– Os seus senhores fizeram de você o rei deles.

– E podem *desfazer* com a mesma facilidade.

– Se a coroa for o preço a pagar para que Arya e Sansa nos sejam devolvidas sãs e salvas, deveríamos pagá-lo de boa vontade. Metade dos seus senhores gostaria de assassinar o Lannister na sua cela. Se ele morrer enquanto for nosso prisioneiro, os homens dirão…

– … que teve o que merecia – Robb concluiu.

– E suas irmãs? – Catelyn perguntou rispidamente. – Também merecem a morte? Garanto-lhe que se algum mal acontecer ao irmão, Cersei pagará sangue com sangue…

– Lannister não morrerá – Robb parecia ter certeza do que dizia. – Ninguém sequer fala com ele sem a minha autorização. Tem comida, água, palha limpa, mais conforto do que teria direito. Mas não o libertarei, nem mesmo por Arya e Sansa.

Catelyn compreendeu que o filho a olhava *de cima. Será que foi a guerra que o fez crescer tão depressa,* perguntou a si mesma*, ou a coroa que puseram na sua cabeça?*

– Será que tem medo de ver Lannister de novo em batalha? É esta a verdade?

Vento Cinzento rosnou, como se tivesse pressentido a ira de Robb, e Edmure Tully pôs uma mão fraternal sobre o ombro de Catelyn.

– Cat, pare. O menino tem razão nisso.

– Não me chame de *menino* – Robb reagiu, virando-se para o tio, derramando toda a ira de uma vez só sobre o pobre Edmure, que só tinha querido apoiá-lo. – Sou quase um homem-feito, e um rei… o *seu* rei, sor. E não temo Jaime Lannister. Derrotei-o uma vez, vou derrotá-lo de novo se precisar. É só que… – afastou uma mecha de cabelo dos olhos e balançou a cabeça – poderia ter trocado o Regicida pelo pai, mas…

– … mas não pelas meninas? – a voz de Catelyn era calma e gelada. – Meninas não são importantes o suficiente, não é?

Robb não respondeu, mas havia dor nos seus olhos. Olhos azuis, olhos Tully, que ela lhe dera. Tinha-o ferido, mas ele era filho de seu pai em excesso para admitir.

Isso foi indigno de mim, disse a si mesma. *Que os deuses sejam bons... No que foi que me tornei? Ele está fazendo o melhor que pode, está tentando tanto, eu sei, eu vejo, e no entanto… Perdi meu Ned, o rochedo sobre o qual minha vida estava construída, não posso suportar perder também as meninas…*

– Farei tudo o que puder pelas minhas irmãs – Robb se recompôs.

– Se a rainha tiver algum bom-senso, aceitará meus termos. Se não, farei com que ela lamente o dia em que os recusou – era evidente que estava farto do assunto. – Mãe, tem certeza de que não aceita partir para as Gêmeas? Estaria mais longe da luta e poderia se familiarizar com as filhas de Lorde Frey a fim de me ajudar a escolher minha noiva quando a guerra terminar.

Ele me quer longe, pensou Catelyn, cansada. *Não se espera que os reis tenham mães, ao que parece, e eu lhe digo coisas que não quer ouvir.*

– Já tem idade suficiente para decidir qual das filhas de Lorde Walder prefere sem a ajuda da sua mãe, Robb.

– Então vá com Theon. Ele parte de manhã. Irá ajudar os Mallister a escoltar aquele grupo de cativos para Guardamar e depois embarcará para as Ilhas de Ferro. Poderia também encontrar um navio e chegar a Winterfell em uma virada da lua, se os ventos forem bons. Bran e Rickon precisam da senhora.

E você não precisa, é isso o que quer dizer?

– Resta ao senhor meu pai muito pouco tempo. Enquanto seu avô for vivo, meu lugar é em Correrrio, com ele.

– Poderia ordenar que partisse. Como rei, poderia.

Catelyn ignorou aquilo.

– Digo de novo que preferia que mandasse outra pessoa a Pyke e mantivesse Theon por perto.

– Quem seria melhor do que o filho para lidar com Balon Greyjoy?

– Jason Mallister – Catelyn sugeriu. – Tytos Blackwood. Stevron Frey. Qualquer um… mas Theon não.

Seu filho agachou-se ao lado de Vento Cinzento, afagando o pelo do lobo, e como que por acaso evitando seu olhar.

– Theon lutou corajosamente por nós. Contei como ele salvou Bran daqueles selvagens na mata de lobos. Se os Lannister não quiserem fazer a paz, precisarei dos dracares* de Lorde Greyjoy.

– Seria mais fácil tê-los se mantivesse seu filho como refém.

– Ele foi refém metade da vida.

– Por bons motivos – Catelyn respondeu. – Balon Greyjoy não é homem em quem se possa confiar. Lembre-se de que também usou uma coroa, ainda que só durante uma estação. Pode aspirar a usá-la novamente.

Robb ficou em pé.

– Não tenho rancor dele por isso. Se sou Rei do Norte, que ele seja Rei das Ilhas de Ferro, se é isso o que deseja. De bom grado lhe darei uma coroa, desde que nos ajude a derrubar os Lannister.

– Robb…

– Vou enviar Theon. Bom dia, mãe. Vento Cinzento, vem.

Robb afastou-se rapidamente, com o lobo gigante caminhando a

seu lado. Catelyn só pôde vê-lo partir. Seu filho, agora o seu rei. Como era estranho. *Comande*, tinha-lhe dito em Fosso Cailin. E era o que ele fazia.

– Vou visitar meu pai – ela disse abruptamente. – Vem comigo, Edmure?

– Tenho de ir falar com aqueles novos arqueiros que Sor Desmond está treinando. Irei visitá-lo mais tarde.

Se ainda estiver vivo, pensou Catelyn, mas nada disse. O irmão preferia enfrentar uma batalha àquele quarto de doente.

O caminho mais curto para a fortaleza central onde o pai jazia moribundo passava pelo bosque sagrado, com sua relva, flores silvestres e bosques densos de olmos e paus-brasis. Uma grande quantidade de folhas sussurrantes ainda se pendurava nos galhos das árvores, completamente alheias à notícia que o corvo branco tinha trazido a Correrrio uma quinzena atrás. O Conclave declarara que o Outono tinha chegado, mas os deuses ainda não tinham achado bom informar isso aos ventos e aos bosques. Catelyn sentia-se devidamente grata por isso. O Outono era sempre uma época temível, com o espectro do inverno pairando no futuro. Mesmo os homens mais sábios nunca sabiam se a colheita seguinte seria a última.

Hoster Tully, Senhor de Correrrio, jazia acamado no seu aposento privado, com vista para leste, para onde os rios Pedregoso e Ramo Vermelho se juntavam para lá das muralhas do seu castelo. Estava dormindo quando Catelyn entrou, com o cabelo e barba tão brancos como a cama, e sua aparência, antes majestosa, estava reduzida e fragilizada pela morte que crescia no seu interior.

Junto à cama, ainda vestindo cota de malha e um manto manchado pela viagem, sentava-se o irmão do pai, o Peixe Negro. As botas estavam empoeiradas e salpicadas de lama seca.

– Robb sabe que voltou, tio? – Sor Brynden Tully era os olhos e os ouvidos de Robb, o comandante dos seus batedores.

– Não. Vim para cá diretamente dos estábulos, quando me disseram que o rei estava em audiência. Creio que Sua Graça vai querer primeiro ouvir minhas notícias em particular – Peixe Negro era um homem alto e magro, de cabelo grisalho e movimentos precisos, com o rosto bem barbeado e cheio de linhas de expressão, queimado pelo vento. – Como está ele? – perguntou, e ela sabia que não se referia a Robb.

– Na mesma. O meistre dá vinho de sonhos e leite de papoula para suas dores, então ele passa a maior parte do tempo dormindo, e não come o suficiente. Parece enfraquecer a cada dia que passa.

– Fala?

– Sim… Mas há cada vez menos sentido naquilo que diz. Fala dos seus arrependimentos, de tarefas incompletas, de pessoas há muito

mortas e de tempos há muito passados. Às vezes, não sabe em que estação estamos ou quem eu sou. Uma vez chamou-me pelo nome da minha mãe.

– Ainda sente saudades dela – respondeu Sor Brynden. – Você tem o rosto dela. Posso vê-la nos seus malares e no queixo…

– Lembra-se mais dela do que eu. Já faz muito tempo – sentou-se na cama e afastou uma madeixa de fino cabelo branco do rosto do pai.

– Toda vez que parto me pergunto se o encontrarei vivo ou morto na volta.

Apesar das suas desavenças, existia uma profunda ligação entre seu pai e o irmão que antes havia renegado.

– Pelo menos fez as pazes com ele.

Ficaram sentados durante algum tempo em silêncio, até Catelyn levantar a cabeça:

– Falou de notícias que Robb precisava ouvir? – Lorde Hoster gemeu e virou-se de lado, quase como se a tivesse ouvido.

Brynden se levantou:

– Vamos lá fora. É melhor não o acordarmos.

Ela o seguiu até a varanda de pedra que se projetava triangularmente do aposento privado, como a proa de um navio. O tio olhou de relance para cima, franzindo o cenho.

– Agora é possível vê-lo de dia. Meus homens o chamam o Mensageiro Vermelho… Mas, qual será a mensagem?

Catelyn ergueu o olhar, para onde a tênue linha vermelha do cometa traçava um caminho pelo profundo azul do céu como se fosse um longo arranhão no rosto de deus.

– Grande-Jon disse a Robb que os deuses antigos hastearam uma bandeira vermelha de vingança por Ned. Edmure pensa que é um presságio de vitória para Correrrio… vê um peixe com uma longa cauda nas cores dos Tully, vermelho sobre azul – suspirou. – Gostaria de ter a fé deles. O carmesim é a cor dos Lannister.

– Aquilo ali não é carmesim – Sor Brynden respondeu. – Nem vermelho Tully, o vermelho lamacento do rio. Aquilo ali em cima é sangue, filha, espalhado pelo céu.

– O nosso sangue ou o deles?

– Houve alguma guerra em que só um dos lados sangrou? – o tio balançou a cabeça. – As terras fluviais estão lavadas de sangue e fogo por toda a volta do Olho de Deus. A luta espalhou-se para o Sul até a Torrente de Água Negra, e para o Norte pelo Tridente, quase até as Gêmeas. Marq Piper e Karyl Vance conseguiram algumas pequenas vitórias, e aquele fidalgo do sul, Beric Dondarrion, tem assediado os invasores, caindo sobre os destacamentos logísticos de Lorde Tywin e voltando a desaparecer na floresta. Dizem que Sor Burton Crakehall andava se gabando de ter matado Dondarrion, até cair com a sua

coluna numa das armadilhas de Lorde Beric e terminar com todos os homens mortos.

– Alguns dos guardas que estavam com Ned em Porto Real acompanham este Lorde Beric – Catelyn se lembrou. – Que os deuses os protejam.

– Dondarrion e o sacerdote vermelho, que anda com ele, são suficientemente espertos para se protegerem, se o que se conta for verdade – disse o tio –, mas a história dos vassalos do seu pai é mais triste. Robb nunca devia ter deixado que partissem. Espalharam-se como codornas, cada um tentando proteger os seus, e é uma loucura, Cat, uma loucura. Jonos Bracken foi ferido na luta entre as ruínas do seu castelo, e seu sobrinho Hendry foi morto. Tytos Blackwood expulsou os Lannister das suas terras, mas levaram todas as vacas, porcos e grãos de cereais, não lhe deixaram nada para defender além do castelo de Corvarbor e um deserto esturricado. Os homens de Darry recapturaram a fortaleza do seu senhor, mas só a mantiveram durante uma quinzena, até Gregor Clegane cair sobre eles e passar a guarnição inteira na espada, incluindo o senhor.

Catelyn ficou horrorizada.

– Darry não passava de uma criança.

– Sim, e era também o último da sua linhagem. O rapaz teria dado um ótimo resgate, mas o que significa o ouro para um cão raivoso como Gregor Clegane? Juro que a cabeça daquela besta seria um nobre presente para todo o povo do reino.

Catelyn conhecia a péssima reputação de Sor Gregor, mas, mesmo assim…

– Não me fale de cabeças, tio. Cersei enfiou a de Ned num espigão sobre as muralhas da Fortaleza Vermelha, e a deixou lá para os corvos e as moscas.

Até agora era difícil para ela acreditar que ele tinha realmente ido. Algumas noites acordava na escuridão, meio adormecida, e por um momento esperava encontrá-lo lá, ao seu lado.

– Clegane não passa de um fantoche de Lorde Tywin.

Por sua vez, Catelyn acreditava que Tywin Lannister, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Ocidente, pai da Rainha Cersei, de Sor Jaime, o Regicida, e de Tyrion, o Duende, e avô de Joffrey Baratheon, o recém-coroado rei menino, era o verdadeiro perigo.

– É verdade – admitiu Sor Brynden. – E Tywin Lannister não é nada tolo. Permanece a salvo atrás das muralhas de Harrenhal, alimentando sua tropa com as nossas colheitas e queimando aquilo que não rouba. Gregor não é o único cão que deixou à solta. Sor Amory Lorch também está em campo, e há ainda um mercenário qualquer de Qohor que prefere mutilar um homem a matá-lo. Vi o que deixam para trás. Aldeias inteiras queimadas, mulheres estupradas e

mutiladas, crianças massacradas largadas, sem ser enterradas, para atrair lobos e cães selvagens… São coisas que nausearam até os mortos.

– Quando Edmure ouvir isso, ficará furioso.

– E isso é exatamente o que Lorde Tywin deseja. Até o terror tem seu objetivo, Cat. Lannister quer nos atrair para a batalha.

– É provável que Robb lhe conceda esse desejo – Catelyn disse, irritada. – Aqui, parado, está inquieto como um gato, e Edmure, Grande-Jon e os outros vão incentivá-lo a avançar – seu filho conquistara duas grandes vitórias, esmagando Jaime Lannister no Bosque dos Murmúrios e desbaratando sua tropa sem líder junto às muralhas de Correrrio, na Batalha dos Acampamentos, mas, pelo modo como alguns dos seus vassalos falavam dele, parecia que era Aegon, o Conquistador, renascido.

Brynden Peixe Negro arqueou uma espessa sobrancelha grisalha:

– Mais tolos são. Minha primeira regra da guerra, Cat: *nunca* dar ao inimigo o que ele deseja. Lorde Tywin gostaria de lutar num campo à sua escolha. Quer que marchemos sobre Harrenhal.

– Harrenhal – todos os filhos do Tridente conheciam as histórias que se contavam de Harrenhal, a vasta fortaleza que o Rei Harren, o Negro, erguera junto às águas do Olho de Deus trezentos anos antes, quando os Sete Reinos eram mesmo sete reinos, e as terras fluviais governadas pelos homens de ferro das ilhas. Por orgulho, Harren desejara o salão mais elevado e as torres mais altas de todo o Westeros. Levara quarenta anos, sendo erguida como uma grande sombra na margem do lago, enquanto os exércitos de Harren saqueavam os vizinhos em busca de pedra, madeira, ouro e trabalhadores. Milhares de cativos morreram nas pedreiras, acorrentados aos trenós de carga ou trabalhando nas cinco torres colossais. Os homens congelavam no inverno e sufocavam no verão. Represeiros que resistiam há três mil anos eram abatidos para fazer vigas e esteios. Harren reduzira à miséria tanto as terras fluviais como as Ilhas de Ferro para ornamentar seu sonho. E quando Harrenhal por fim ficou completo, no mesmo dia em que o Rei Harren ali se instalou, Aegon, o Conquistador, desembarcou em Porto Real.

Catelyn lembrava-se de ouvir a Velha Ama contando a história aos filhos em Winterfell. “E o Rei Harren aprendeu que muralhas grossas e torres elevadas pouco servem contra dragões”, e sempre terminava a história dizendo: “Pois os dragões *voam*”. Harren e toda sua linhagem tinham perecido nos incêndios, que engoliram sua monstruosa fortaleza, e todas as Casas que desde então possuíram Harrenhal tinham sido vítimas de infortúnio. Podia ser forte, mas era um local sombrio e amaldiçoado.

– Não quero que Robb trave uma batalha à sombra dessa fortaleza

– Catelyn admitiu. – Mas temos de fazer *alguma coisa*.

– E logo – concordou seu tio. – Não lhe contei o pior, filha. Os homens que enviei para oeste trouxeram notícias de que uma nova tropa está sendo reunida em Rochedo Casterly.

Outro exército Lannister. A ideia deixou-a doente.

– Robb tem de ser imediatamente informado. Quem a comanda?

– Sor Stafford Lannister, segundo se diz – Sor Brynden virou-se para olhar os rios, com o manto vermelho e azul se agitando com a brisa.

– Outro sobrinho? – os Lannister de Rochedo Casterly eram uma casa odiosamente grande e fértil.

– Um primo – ele corrigiu. – Irmão da falecida esposa de Lorde Tywin, portanto, parente por duas vias. Velho e um pouco estúpido, mas com um filho, Sor Daven, que é mais temível.

– Então, esperemos que seja o pai, e não o filho, quem coloca este exército em campo.

– Ainda dispomos de algum tempo antes que tenhamos de enfrentá-los. Esta leva será de mercenários, cavaleiros livres e rapazes verdes saídos dos lupanares de Lanisporto. Sor Stafford tem de se assegurar de que estejam armados e treinados antes de se arriscar a ir para a batalha… Mas não se iluda, Lorde Tywin não é o Regicida. Ele não se precipitará. Vai esperar pacientemente que Sor Stafford se ponha em marcha antes de sair da proteção das muralhas de Harrenhal.

– A menos que… – Catelyn começou a falar.

– Sim? – Sor Brynden a incitou.

– A menos que *tenha* de deixar Harrenhal – ela completou. – Para enfrentar outra ameaça qualquer.

O tio a olhou, pensativo:

– Lorde Renly.

– *Rei* Renly – se quisesse pedir ajuda ao homem, Catelyn teria de lhe conceder o tratamento que ele tinha reivindicado para si.

– Talvez – Peixe Negro deu um sorriso perigoso. – Mas ele vai querer alguma coisa.

– Ele vai querer o que os reis querem sempre – ela disse. – Homenagens.

Tyrion

Janos Slynt era filho de um açougueiro e ria como um homem fatiando carne.

– Mais vinho? – Tyrion perguntou.

– Não me oponho – disse Lorde Janos, estendendo a taça. Tinha a constituição de um barril, e uma capacidade semelhante. – Não me oponho mesmo. É um ótimo tinto. Da Árvore?

– De Dorne – Tyrion fez um gesto, e seu criado serviu. Fora os criados, ele e Lorde Janos estavam sozinhos no Salão Pequeno, sentados em volta de uma pequena mesa à luz de vela, rodeados pela escuridão. – Um belo achado. Os vinhos de Dorne não costumam ser tão ricos.

– Rico – repetiu o grande homem com cara de sapo, bebendo um grande gole. Não era homem de bebericar, Janos Slynt. Tyrion tinha notado isso imediatamente. – Sim, rico é a palavra exata que eu estava procurando. A palavra *exata*. Tem um dom para as palavras, Lorde Tyrion, se me permite dizer. E conta uma história divertida. Divertida, sim.

– Fico agradecido que pense assim… Mas não sou um lorde, como você. Um simples *Tyrion* basta para mim, Lorde Janos.

– Como quiser – o homem bebeu outro gole, derramando vinho no peito do seu gibão de cetim negro. Envergava uma meia capa de pano dourado presa com uma lança em miniatura, com a ponta esmaltada vermelho-escura. E estava muito, verdadeiramente bêbado.

Tyrion cobriu a boca e soltou um arroto delicado. Ao contrário de Lorde Janos, tinha maneirado no vinho, mas já estava cheio. A primeira coisa que fizera depois de estabelecer residência na Torre da Mão foi saber quem era a melhor cozinheira da cidade e contratá-la para o seu serviço. Naquela noite tinham jantado rabada, verduras de verão com nozes, uvas, funcho e queijo ralado, empadão quente de caranguejo, abóbora com especiarias e codornas cozidas em manteiga. Cada prato tinha vindo acompanhado com o vinho mais adequado. Lorde Janos admitiu que nunca comera tão bem.

– Sem dúvida tudo isso mudará quando fizer de Harrenhal sua residência.

– Com certeza. Talvez deva pedir a esta sua cozinheira para entrar para o meu serviço. O que me diz?

– Guerras foram travadas por menos – Tyrion respondeu, e os dois partilharam uma boa e longa gargalhada. – É um homem de coragem por aceitar Harrenhal como morada. Um lugar tão sombrio. E *enorme*… Custoso de manter. E há quem diga também que está amaldiçoado.

– Deveria temer uma pilha de pedras? – Lorde Janos riu da ideia. – Um homem de coragem diz que é preciso ter coragem para subir, como eu fiz. Para Harrenhal, sim! E por que não? Você sabe. Sinto que também é um homem de coragem. Pequeno, talvez, mas *corajoso*.

– É gentil demais de sua parte. Mais vinho?

– Não. Não, de verdade, eu… Ah, danem-se os deuses, *sim*. Por que não? Um homem de coragem bebe à sua conta!

– Certamente – Tyrion encheu a taça de Lorde Slynt até a borda. – Tenho passado os olhos pelos nomes que sugeriu para tomar o seu lugar como Comandante da Patrulha da Cidade.

– Bons homens. Belos homens. Qualquer um dos seis servirá, mas eu escolheria Allar Deem. O meu braço direito. Homem bom, bom. Leal. Escolha-o, e não vai se arrepender. Se agradar ao rei.

– Com certeza – Tyrion bebeu um pequeno gole do seu vinho. – Tenho pensado em Sor Jacelyn Bywater. É capitão do Portão da Lama há três anos, e serviu com valor durante a Rebelião de Balon Greyjoy. Rei Robert armou-o cavaleiro em Pyke. E, no entanto, seu nome não aparece na sua lista.

Lorde Janos Slynt sorveu um gole de vinho e bochechou-o por um momento antes de engolir.

– Bywater. Bem. É um homem bravo, com certeza, mas… Esse é rígido. Um cão esquisito. Os homens não gostam dele. E também é aleijado, perdeu a mão em Pyke, foi isso que fez dele cavaleiro. Uma troca ruim, a meu ver, uma mão por um *sor* – ele gargalhou. – Sor Jacelyn dá valor demais a si mesmo e à sua honra, penso eu. Seria melhor se deixasse esse aí onde está, lor… Tyrion. Allar Deem é o homem que quer.

– Ouvi dizer que Deem é pouco querido nas ruas.

– É temido. É preferível.

– O que foi que ouvi falar dele? Um problema qualquer num bordel?

– Isso? A culpa não foi dele, lor… Tyrion. Não. Ele nunca quis matar a mulher, foi obra dela. Ele a preveniu para se afastar e deixar que cumprisse o seu dever.

– Mesmo assim… mães e filhos... Ele devia ter previsto que ela tentaria salvar o bebê – Tyrion sorriu. – Coma um pouco deste queijo, é ótimo com o vinho. Diga-me, por que escolheu Deem para essa tarefa infeliz?

– Um bom comandante conhece os seus homens, Tyrion. Alguns são bons para um trabalho, outros para outro. Tratar de um bebê, e ainda de colo, isso requer um tipo especial. Não era qualquer um que serviria. Mesmo que fosse só uma puta e a sua cria.

– Imagino que assim seja – Tyrion falou, ouvindo *só uma puta,* e pensando em Shae, e em Tysha, de muito tempo atrás, e em todas as

mulheres que tinham recebido seu dinheiro e seu sêmen ao longo dos anos.

Slynt prosseguiu, absorto.

– Deem é um homem duro para um trabalho duro. Faz o que lhe pedem e, depois, nem uma palavra – o homem cortou uma fatia de queijo. – *Isto* é bom. Picante. Dê-me uma boa faca afiada e um bom queijo forte, e serei um homem feliz.

Tyrion encolheu os ombros.

– Aproveite enquanto pode. Com as terras fluviais em chamas e Renly rei em Jardim de Cima, bom queijo será em breve difícil de achar. Mas, então, quem o mandou atrás do bastardo da vadia?

Lorde Janos lançou a Tyrion um olhar cauteloso, depois riu e brandiu um triângulo de queijo na sua direção.

– É um astuto. Pensava que conseguiria me pegar, não é? É preciso mais do que vinho e queijo para fazer com que Janos Slynt diga mais do que deve. Orgulho-me disso. Nunca uma pergunta, e depois nunca uma palavra. Comigo é assim.

– Tal como Deem.

– Exatamente igual. Faça dele seu Comandante quando eu for para Harrenhal, e não se arrependerá.

Tyrion cortou um pequeno pedaço de queijo. Era realmente picante, e com veios de vinho; de primeiríssima linha.

– Vejo que, seja quem for que o rei nomeie, não terá vida fácil para se encaixar na *sua* armadura. Lorde Mormont enfrenta o mesmo problema.

Lorde Janos pareceu confuso.

– Pensava eu que era uma senhora. Mormont. A que vai para a cama com ursos, é essa?

– Era do irmão dela que eu falava. Jeor Mormont, o Senhor Comandante da Patrulha da Noite. Quando o visitei na Muralha, confidenciou-me como o preocupava encontrar um bom homem para tomar o seu lugar. A Patrulha recebe tão poucos homens bons hoje em dia – Tyrion deu um sorriso. – Imagino que ele dormiria melhor se tivesse um homem como você. Ou o valente Allar Deem.

Lorde Janos rugiu.

– Há pouca chance de isso acontecer!

– É o que parece – Tyrion devolveu. – Mas a vida realmente dá reviravoltas estranhas. Pense em Eddard Stark, senhor. Não acredito que ele alguma vez tenha imaginado que sua vida terminaria nos degraus do Septo de Baelor.

– Muito pouca gente imaginava tal coisa – Lorde Janos concordou, com um risinho.

Tyrion também soltou um risinho.

– Pena que eu não estivesse lá para ver. Dizem que até Varys foi

surpreendido.

Lorde Janos riu tanto que sua barriga tremeu.

– A Aranha – ele disse. – Sabe tudo, dizem. Bem, *aquilo* não sabia.

– E como poderia? – Tyrion colocou o primeiro indício de frieza na voz. – Tinha ajudado a persuadir minha irmã de que Stark devia ser perdoado, na condição de vestir o negro.

– Hã? – Janos Slynt piscou com uma expressão vaga.

– Minha irmã, Cersei – Tyrion repetiu, com uma voz um tantinho mais forte, caso o idiota tivesse alguma dúvida sobre a quem se referia. – A Rainha Regente.

– Sim – Slynt bebeu um trago. – Quanto a isso, bem… O rei ordenou, senhor. O rei em pessoa.

– O rei tem treze anos – lembrou-lhe Tyrion.

– Mesmo assim. Ele *é* o rei – a papada de Slynt tremeu quando franziu a testa. – O Senhor dos Sete Reinos.

– Bem, pelo menos de um ou dois deles – Tyrion o corrigiu com um sorriso amargo. – Posso ver a sua lança?

– Minha lança? – Lorde Janos pestanejou, confuso.

Tyrion apontou.

– O broche que prende a sua capa.

Hesitante, Lorde Janos tirou o ornamento e o entregou a Tyrion.

– Temos ourives em Lanisporto que fazem trabalho melhor – ele opinou. – O esmalte vermelho do sangue é um pouco exagerado, se me permite. Diga-me, senhor, foi você mesmo quem espetou a lança nas costas do homem, ou se limitou a dar a ordem?

– Dei a ordem, e daria de novo. Lorde Stark era um traidor – o ponto calvo no meio da cabeça de Slynt estava da cor de beterraba, e sua capa de pano dourado tinha deslizado dos ombros para o chão. – O homem tentou me comprar.

– Nem sonhava que já tinha sido vendido.

Slynt bateu com a taça de vinho na mesa:

– Está bêbado? Se pensa que vou ficar aqui sentado ouvindo minha honra ser questionada…

– E que honra é essa? Admito, faz negócios melhor do que Sor Jacelyn. Um título e um castelo por uma lança espetada nas costas, e nem sequer precisou pegar na lança – Tyrion atirou o ornamento dourado na direção de Janos Slynt. O objeto bateu no seu peito e tilintou no chão, enquanto o homem se punha de pé.

– Não me agrada o tom da sua voz, lor… *Duende*. Sou o Senhor de Harrenhal e um membro do conselho do rei. Quem é você para me castigar assim?

Tyrion inclinou a cabeça para o lado:

– Acho que sabe bastante bem quem eu sou. Quantos filhos tem?

– O que importam meus filhos para você, anão?

– *Anão*? – a ira de Tyrion explodiu. – Devia ter parado em Duende. Sou Tyrion, da Casa Lannister, e um dia, se tiver o bom-senso de um caramujo, cairá de joelhos, grato por ter sido comigo que teve de lidar, e não com o senhor meu pai. *Quantos filhos tem?*

Tyrion viu o súbito medo nos olhos de Janos Slynt.

– T-três, senhor. E uma filha. Por favor, senhor…

– Não precisa implorar – o Duende deslizou de cima da cadeira. – Dou a minha palavra de que nenhum mal cairá sobre eles. Os rapazes mais novos serão criados como escudeiros. Se servirem bem e com lealdade, poderão eventualmente se tornar cavaleiros. Que nunca se diga que a Casa Lannister não recompensa aqueles que a servem. Seu filho mais velho herdará o título de Lorde Slynt, e este seu terrível brasão – Tyrion chutou a pequena lança de ouro e fez com que deslizasse pelo chão. – Serão arrumadas terras para ele, e poderá construir uma sede. Não será Harrenhal, mas será suficiente. Arranjar casamento para a moça será tarefa dele.

A cara de Janos Slynt tinha ido de vermelha para branca.

– O que… Q que pretende…? – sua papada tremia como montículos de sebo.

– O que pretendo fazer com o *senhor*? – Tyrion deixou o imbecil tremer por um instante antes de responder. – O galeão *Sonho de Verão* zarpa na maré da manhã. Seu mestre me disse que passará por Vila Gaivotas, as Três Irmãs, a ilha de Skagos e Atalaialeste do Mar. Quando encontrar o Comandante Mormont, dê-lhe os meus amistosos cumprimentos e diga que não me esqueci das necessidades da Patrulha da Noite. Desejo-lhe uma longa vida e bons serviços, senhor.

Assim que Janos Slynt compreendeu que não seria sumariamente executado, a cor voltou ao seu rosto, e ele projetou o queixo.

– Quanto a isso, veremos, Duende. *Anão*. Talvez seja você quem viajará nesse navio. O que acha disso? Talvez seja você que vai para a Muralha – soltou uma gargalhada ansiosa. – Você e as suas ameaças. Bem, vamos ver. Sou amigo do rei, sabe. Vamos ouvir o que Joffrey tem a dizer sobre isso. E Mindinho, e a rainha, ah, sim. Janos Slynt tem muitos amigos. Vamos ver quem vai velejar, prometo. Veremos. Ah! Sim, veremos.

Slynt girou sobre os calcanhares como o vigia que tinha sido um dia e atravessou o Salão Pequeno a passos largos, fazendo ressoar as botas na pedra. Subiu os degraus com estrondo, abriu violentamente a porta… E deu de cara com um homem alto, de rosto chupado, usando uma placa de peito negra e um manto dourado. Presa ao toco do seu pulso direito via-se uma mão de ferro.

– Janos – o homem disse, com os olhos encovados brilhando sob supercílios proeminentes e um abundante cabelo grisalho. Seis homens de mantos dourados entraram calmamente no Salão Pequeno atrás

dele quando Janos Slynt recuou.

– Lorde Slynt – Tyrion chamou –, creio que conhece Sor Jacelyn Bywater, nosso novo Comandante da Patrulha da Cidade.

– Temos uma liteira à sua espera, senhor – disse Sor Jacelyn a Slynt. – As docas são escuras e distantes, e as ruas não são seguras à noite. Homens.

Enquanto os homens de manto dourado conduziam seu antigo comandante para fora da sala, Tyrion chamou Sor Jacelyn para perto e lhe entregou um rolo de pergaminho.

– É uma longa viagem, e Lorde Slynt vai querer companhia. Certifique-se de que estes seis se juntem a ele no *Sonho de Verão*.

Bywater deu uma olhada nos nomes e sorriu:

– Às suas ordens.

– Um deles – disse Tyrion em voz baixa –, Deem. Diga ao capitão que não seria levado a mal se por acaso este cair borda afora antes de chegarem a Atalaialeste.

– Ouvi dizer que essas águas do norte são muito tempestuosas, senhor.

Sor Jacelyn fez uma reverência e se retirou, fazendo esvoaçar o manto atrás de si. No caminho, pisou na capa de pano dourado de Slynt.

Tyrion ficou sentado sozinho, bebericando o que restava do ótimo vinho doce de Dorne. Criados entravam e saíam, tirando os pratos da mesa. Disse-lhes para que deixassem o vinho. Quando terminaram, Varys entrou, deslizando no salão, usando uma toga cor de lavanda, que combinava com o seu cheiro.

– Ah, que bem-feito, meu bom senhor.

– Então, por que tenho este sabor amargo na boca? – Tyrion passou os dedos pelas têmporas. – Disse-lhes para atirar Allar Deem ao mar. Estou intensamente tentado a fazer o mesmo com você.

– Talvez ficasse desapontado com o resultado – Varys respondeu. – As tempestades vêm e vão, as ondas rebentam sobre as nossas cabeças, os peixes grandes comem os pequenos, e eu continuo chapinhando na água. Posso lhe pedir um pouco do vinho que Lorde Slynt tanto apreciou?

Tyrion fez um gesto para o frasco, franzindo a testa.

Varys encheu uma taça.

– Ah! Doce como o verão – bebeu outro gole. – Consigo ouvir as uvas cantando na minha língua.

– Estava me perguntando o que seria esse ruído. Diga às uvas para ficarem quietas, minha cabeça está prestes a rachar. Foi a minha irmã. Foi isso que o Ah... tão... leal Lorde Janos se recusou a dizer. *Cersei* enviou os homens de manto dourado àquele bordel.

Varys sufocou um riso nervoso. Então, ele sempre soubera.

– Não me havia contado essa parte – Tyrion disse, acusadoramente.

– A sua querida irmã – Varys respondeu, tão desgostoso que parecia perto das lágrimas. – É duro contar isso a um homem, senhor. Tive receio de como receberia a notícia. É capaz de me perdoar?

– Não – Tyrion exclamou. – Maldito seja. Maldita seja *ela*.

Sabia que não podia tocar em Cersei. Ainda não, nem mesmo se quisesse, e estava longe de ter certeza de querer. Mas irritava-o ficar ali, fazendo uma pantomima de justiça, punindo uns infelizes da laia de Janos Slynt e Allar Deem, enquanto a irmã prosseguia no seu rumo selvagem.

– Da próxima vez, diga-me o que sabe, Lorde Varys. *Tudo* o que sabe.

O sorriso do eunuco era malicioso.

– Isso poderá demorar um tempo bastante longo, meu bom senhor. Sei muita coisa.

– Não o suficiente para salvar esta criança, parece.

– Infelizmente, não. Havia outro bastardo, um rapaz, mais velho. Tomei medidas para afastá-lo e mantê-lo em segurança… Mas, confesso, nunca sonhei que o bebê pudesse correr riscos. Uma menina de baixo nascimento, com menos de um ano de idade, com uma mãe prostituta. Que ameaça poderia representar?

– Era de Robert – disse Tyrion amargamente. – O suficiente para Cersei, ao que parece.

– Sim. É muito triste. Tenho de me culpar pelo pobre doce bebê e por sua mãe, que era tão nova e amava o rei.

– Amava? – Tyrion não chegou a ver o rosto da moça morta, mas na sua imaginação era uma combinação de Shae e Tysha. – Uma prostituta pode realmente amar alguém? Não, não responda. Há coisas que prefiro não saber.

Tinha instalado Shae numa vasta mansão de pedra e madeira, com poço, estábulos e jardim próprios; dera-lhe criados para satisfazer as suas necessidades, um pássaro branco das Ilhas do Verão para lhe fazer companhia, sedas, prata e pedras preciosas para enfeitá-la e guardas para protegê-la. E, no entanto, parecia impaciente. Queria passar mais tempo com ele, tinha dito; queria servi-lo e ajudá-lo. "Ajuda-me mais aqui, entre os lençóis", disse-lhe uma noite depois do amor, deitado a seu lado, com a cabeça apoiada no seu seio e uma doce dor nas virilhas. Ela não tinha respondido, exceto com os olhos. Foi aí que viu que aquilo não era o que ela queria ter ouvido.

Suspirando, Tyrion fez um movimento para o vinho, mas então lembrou-se de Lorde Janos e afastou o frasco.

– Parece que minha irmã falou a verdade a respeito da morte do Stark. Devemos agradecer ao meu sobrinho por essa loucura.

– Rei Joffrey deu a ordem. Janos Slynt e Sor Ilyn Payne cumpriram-na, rapidamente, sem hesitar…

– … Quase como se já a esperassem. Sim, já percorremos este caminho, e sem chegar a lugar nenhum. Uma tolice.

– Com a Patrulha da Cidade nas mãos, senhor, está bem colocado para se assegurar de que Sua Graça não cometerá mais… tolices? É verdade que ainda é preciso considerar a guarda doméstica da rainha…

– Os homens de manto vermelho? – Tyrion encolheu os ombros. – A lealdade de Vylarr é para com Rochedo Casterly. Ele sabe que estou aqui com a autoridade do meu pai. Cersei teria dificuldade em usar seus homens contra mim… E, além disso, não passam de uma centena. Tenho uma vez e meia esse número de homens meus. *E* seis mil mantos dourados, se Bywater for o homem que você afirma ser.

– Achará Sor Jacelyn corajoso, honroso, obediente… E muito grato.

– Gostaria de saber a quem – Tyrion não confiava em Varys, embora não fosse possível negar seu valor. Sabia coisas, sem a menor dúvida. – Por que você é *tão* prestativo, senhor Varys? – perguntou, estudando as mãos suaves do homem, a cara nua e empoada, o sorrisinho servil.

– És a Mão. Eu sirvo ao reino, ao rei e ao senhor.

– Tal como serviu a Jon Arryn e Eddard Stark?

– Servi a Lorde Arryn e a Lorde Stark o melhor que pude. Fiquei triste e horrorizado pelas suas mortes tão precoces.

– Imagine como *eu* me sinto. É provável que seja o próximo.

– Ah, penso que não – Varys respondeu, agitando o vinho na sua taça. – O poder é uma coisa curiosa, senhor. Terá, por acaso, pensado no enigma que lhe deixei naquele dia na estalagem?

– Passou pela minha cabeça uma ou duas vezes – Tyrion admitiu. – O rei, o sacerdote, o rico… Quem sobrevive e quem morre? A quem obedecerá o mercenário? É um enigma sem resposta, ou melhor, com muitas respostas. Tudo depende do homem que tem a espada.

– E, no entanto, ele não é ninguém – Varys concluiu. – Não tem uma coroa, nem ouro, nem o favor dos deuses, mas apenas um pedaço de aço afiado.

– Esse pedaço de aço é o poder da vida e da morte.

– Precisamente… E, no entanto, se são realmente os homens de armas que nos governam, por que fingimos que nossos reis têm o poder? Por que um homem forte com uma espada obedeceria a um rei criança como Joffrey, ou a um idiota encharcado em vinho como o pai?

– Porque esses reis crianças e idiotas bêbados podem chamar outros homens fortes, com outras espadas.

– Então são esses outros homens de armas que têm o verdadeiro poder. Ou será que não? De onde vieram as suas espadas? Por que é que *eles* obedecem? – Varys sorriu. – Há quem diga que o conhecimento é poder. Outros, que todo o poder provém dos deuses. Outros, ainda, afirmam que deriva da lei. Mas, naquele dia, nos degraus do Septo de Baelor, nosso devoto Alto Septão, a legítima Rainha Regente e este seu sempre tão sabedor criado viram-se tão impotentes como qualquer sapateiro ou tanoeiro da multidão. Quem você acha que realmente matou Eddard Stark? Joffrey, que foi quem deu a ordem? Sor Ilyn Payne, que foi quem brandiu a espada? Ou… outra pessoa?

Tyrion inclinou a cabeça para o lado.

– Pretende responder ao seu maldito enigma, ou quer apenas fazer com que a minha dor de cabeça piore?

Varys sorriu.

– Eis, então. O poder reside onde os homens *acreditam* que reside. Nem mais, nem menos.

– Então o poder é um truque de mímica?

– Uma sombra na parede – Varys murmurou. – Mas as sombras podem matar. E, muitas vezes, um homem muito pequeno pode lançar uma sombra muito grande.

Tyrion sorriu.

– Lorde Varys, estou ficando estranhamente seu amigo. Ainda posso acabar matando-o, mas creio que isso me entristeceria.

– Tomarei isso como um grande elogio.

– O que é você, Varys? – Tyrion descobriu que queria mesmo saber. – Uma aranha, segundo dizem?

– Os espiões e informantes raramente são amados, senhor. Não sou mais do que um servidor leal do reino.

– E um eunuco. Não nos esqueçamos disso.

– Raramente me esqueço.

– Também já me chamaram meio homem, mas acho que os deuses foram mais gentis comigo. Sou pequeno, tenho as pernas tortas e as mulheres não me olham com grande desejo… Mas ainda sou um homem. Shae não é a primeira a embelezar minha cama, e um dia poderei vir a ter uma esposa e gerar um filho. Se os deuses forem bons, será parecido com o tio e pensará como o pai. Você não tem uma esperança semelhante para se apoiar. Os anões são uma brincadeira dos deuses… Mas são os homens que fazem eunucos. Quem o cortou, Varys? Quando e por quê? Quem *é* você, na verdade?

O sorriso do eunuco nunca vacilou, mas seus olhos cintilaram com algo que não era riso.

– É gentil por perguntar, senhor, mas a história é longa e triste, e há traições que precisamos discutir – ele tirou um pergaminho da

manga da sua túnica. – O mestre da Galé Real *Veado Branco* conspira para levantar âncora daqui a três dias, a fim de oferecer a espada e o navio a Lorde Stannis.

Tyrion suspirou.

– Suponho que temos de dar ao homem algum tipo de lição sangrenta.

– Sor Jacelyn poderia fazê-lo desaparecer, mas um julgamento perante o rei ajudaria a assegurar uma continuada lealdade por parte dos outros capitães.

E também manteria ocupado meu real sobrinho.

– Será como diz. Encomende para ele uma dose da justiça de Joffrey.

Varys rabiscou um tique no pergaminho.

– Sor Horas e Sor Hobber Redwyne subornaram um guarda para deixá-los sair por uma porta dos fundos daqui a duas noites. Foram feitos preparativos para que embarcassem na galé *Corredor da Lua*, de Pentos, disfarçados de remadores.

– Poderíamos *mantê-los* nesses remos durante alguns anos para ver se gostam? – Tyrion sorriu. – Não. Minha irmã ficaria perturbada por perder hóspedes tão preciosos. Informe Sor Jacelyn. Capture o homem que subornaram e explique a honra que é servir como um irmão da Patrulha da Noite. Coloque homens em torno do *Corredor da Lua*, para o caso de os Redwyne encontrarem um segundo guarda com falta de moedas.

– Será como deseja – outro tique no pergaminho. – Seu homem, Timett, matou o filho de um vendedor de vinho esta noite, num antro de jogo na Rua da Prata. Acusou-o de trapacear nas pedras.

– É verdade?

– Ah, sem a menor dúvida.

– Então os homens honestos da cidade têm uma dívida de gratidão para com Timett. Vou me assegurar de que receba os agradecimentos do rei.

O eunuco soltou uma pequena gargalhada nervosa e fez outro tique.

– Também temos uma súbita praga de homens santos. Aparentemente, o cometa gerou toda espécie de sacerdotes estranhos, pregadores e profetas. Mendigam nas tavernas e refeitórios e predizem o fim do mundo e a destruição a todos os que param para ouvir.

Tyrion encolheu os ombros:

– Estamos perto do tricentenário do Desembarque de Aegon, imagino que era de esperar. Deixe-os pregar.

– Estão espalhando o medo, senhor.

– Pensei que este fosse o seu trabalho.

Varys cobriu a boca com a mão.

– É muito cruel por dizer isso. Um último assunto. A Senhora Tanda organizou um pequeno jantar ontem à noite. Tenho o menu e a lista de convidados para sua inspeção. Quando o vinho foi servido, Lorde Gyles levantou-se para fazer um brinde ao rei, e Sor Balon Swann foi ouvido comentando: "*Iremos precisar de três taças para isso*". Muitos riram…

Tyrion levantou uma mão:

– Basta. Sor Balon disse uma frase de efeito. Não estou interessado em conversas de mesa traiçoeiras, Lorde Varys.

– É tão sensato como gentil, senhor – o pergaminho desapareceu na manga do eunuco. – Ambos temos muito o que fazer. Vou deixá-lo a sós.

Depois de o eunuco sair, Tyrion ficou durante muito tempo sentado, observando a vela e se perguntando como sua irmã receberia a notícia da dispensa de Janos Slynt. Se bem a conhecia, não ficaria feliz, mas nem perto de enviar um protesto irado a Lorde Tywin em Harrenhal. Não via o que Cersei podia esperar fazer a respeito. Tyrion controlava agora a Patrulha da Cidade, mais uma centena e meia de ferozes homens dos clãs e uma crescente força de mercenários recrutados por Bronn. Aparentemente, estava bem protegido.

Sem dúvida Eddard Stark achava o mesmo.

A Fortaleza Vermelha estava escura e silenciosa quando Tyrion saiu do Pequeno Salão. Bronn esperava-o no aposento privado.

– Slynt? – perguntou.

– Lorde Janos zarpará para a Muralha na maré da manhã. Varys quis me fazer acreditar que substituí um dos homens de Joffrey por um meu. O mais provável é que tenha substituído um homem do Mindinho por um pertencente a Varys. Mas, que seja.

– É bom que saiba que Timett matou um homem…

– Varys me disse – o mercenário não mostrou surpresa. – O palerma achou que um homem com um olho só seria mais fácil de enganar. Timett cravou seu pulso na mesa com um punhal e rasgou sua garganta com as mãos nuas. Ele faz um truque em que enrijece os dedos…

– Poupe-me dos detalhes macabros, meu jantar mal parou quieto dentro da barriga – Tyrion protestou. – Como vai seu recrutamento?

– Bastante bem. Esta noite arranjei três novos homens.

– Como sabe quem recrutar?

– Examino-os. Interrogo-os para saber onde lutaram e como são mentindo – Bronn sorriu. – E então dou-lhes uma chance de me matar, enquanto faço o mesmo com eles.

– Matou algum?

– Ninguém que pudéssemos ter usado.

– E se um deles matá-lo?

– Será esse que vai querer contratar.

Tyrion estava um pouco bêbado, e muito cansado.

– Diga-me, Bronn, se lhe dissesse para matar um bebê… digamos, uma menina, ainda no peito da mãe… Mataria? Sem questionar?

– Sem questionar? Não – o mercenário esfregou o polegar no indicador. – Perguntava o preço.

E para que eu precisaria do seu Allar Deem, Lorde Slynt?, pensou Tyrion. *Tenho cem meus*. Desejou rir; desejou chorar; mas, acima de tudo, desejou Shae.

Arya

A estrada era pouco mais do que dois sulcos no meio do mato.

A parte boa era que, com tão pouco tráfego, não haveria ninguém para apontar e dizer para onde tinham ido. A enchente humana que jorrara para o sul pela estrada do rei era ali apenas um riacho.

A parte ruim era que a estrada ziguezagueava de um lado para outro, emaranhando-se em trilhas ainda menores e, às vezes, parecendo desaparecer por completo, para reaparecer apenas meia légua adiante, quando já tinham quase perdido a esperança. Arya detestava aquilo. O terreno era bastante suave, colinas onduladas e campos em terraços intercalados com prados, bosques e pequenos vales, onde salgueiros se aglomeravam junto a riachos rasos e vagarosos. Mesmo assim, o caminho era tão estreito e tortuoso, que o ritmo do grupo tinha diminuído até quase parar.

Eram as carroças que os atrasavam, arrastando-se penosamente, com os eixos estalando sob o peso das suas cargas pesadas. Uma dúzia de vezes ao dia tinham de parar para soltar uma roda que se prendera num sulco, ou duplicar as parelhas para subir uma encosta barrenta. Uma vez, no meio de um denso bosque de carvalhos, deram de frente com três homens que traziam uma carga de lenha num carro de bois, sem que houvesse espaço para que nenhum dos grupos se desviasse. Não puderam fazer nada, a não ser esperar que os lenhadores soltassem os bois, os levassem por entre as árvores, virassem o carro de lado, voltassem a prender os bois e seguissem o caminho por onde tinham vindo. Os bois ainda eram *mais lentos* do que as carroças, e nesse dia quase não avançaram nada.

Arya não conseguia evitar olhar por sobre o ombro, imaginando quando os homens de manto dourado os apanhariam. Durante a noite, acordava com qualquer ruído e agarrava o cabo da Agulha. Agora, nunca acampavam sem colocar sentinelas, mas Arya não confiava nelas, principalmente nos órfãos. Eles podiam ter se dado bastante bem nas vielas de Porto Real, mas aqui estavam perdidos. Quando era silenciosa como uma sombra, podia passar por todos eles, esgueirando-se à luz das estrelas para urinar nos bosques, onde ninguém a visse. Uma vez, quando era turno de Lommy Mãos-Verdes, subiu num carvalho e passou de árvore em árvore até estar bem em cima da sua cabeça, e ele não chegou a ver nada. Podia ter caído em cima dele, mas sabia que o grito do rapaz acordaria todo o acampamento, e Yoren podia voltar a bater nela com um pau.

Lommy e os outros órfãos agora tratavam Touro como alguém especial, porque a rainha queria a sua cabeça, embora ele detestasse isso.

– Nunca fiz nada à rainha – dizia, zangado. – Fazia o meu trabalho, só isso. Foles e tenazes, buscar e carregar. Deveria ter me tornado armeiro e, um dia, mestre Mott diz que tenho de me alistar na Patrulha da Noite. É tudo que sei.

Depois, ia polir seu elmo. Era um belo elmo, arredondado e curvo, com um visor em fenda e dois grandes cornos de touro em metal. Arya observava-o polir o metal com um pouco de oleado, deixando-o tão brilhante que se podia ver as chamas da fogueira refletidas no aço. Mas nunca o colocava na cabeça.

– Aposto que é bastardo daquele traidor – disse Lommy uma noite, numa voz abafada para que Gendry não o ouvisse. – O senhor lobo, aquele que bateu as botas nos degraus de Baelor.

– Não é nada – declarou Arya. *Meu pai só teve um bastardo, o Jon*. Caminhou a passos largos por entre as árvores, desejando poder simplesmente selar o cavalo e cavalgar para casa. Era um bom animal, uma égua alazã com uma mancha branca na testa. E Arya sempre foi boa cavaleira. Poderia se afastar a galope e nunca mais ver nenhum deles, a menos que quisesse. Só que, então, não teria ninguém para bater o terreno à sua frente, ou vigiar a retaguarda, ou ficar de guarda enquanto cochilava, e quando os homens de manto dourado a apanhassem, estaria só. Era mais seguro ficar com Yoren e os outros.

– Não estamos longe do Olho de Deus – disse o irmão negro uma manhã. – A estrada real não será segura até atravessarmos o Tridente. Por isso, rodearemos o lago pela margem ocidental. Não é provável que nos procurem lá.

No ponto seguinte onde dois sulcos se cruzaram, viraram as carroças para oeste.

Ali, as terras de cultivo deram lugar à floresta, as aldeias e os castros eram menores e mais espaçados, as colinas, mais altas, e os vales, mais profundos. Tornou-se mais difícil arranjar comida. Na cidade, Yoren tinha carregado as carroças com peixe salgado, pão duro, toucinho, nabos, sacos de feijão e cevada e discos de queijo amarelo, mas tudo já tinha sido comido. Forçado a viver da terra, Yoren recorreu a Koss e Kurz, que tinham sido presos por caça furtiva. Mandava-os para a floresta à frente da coluna, e ao cair da noite eles estavam de volta, carregando entre os dois um veado pendurado em uma vara, ou com um par de codornas penduradas nos cintos. Os rapazes mais novos eram colocados para apanhar frutos silvestres ao longo da estrada, ou pulavam cercas para encher uma saca de maçãs se acaso se deparassem com um pomar.

Arya era hábil em subir em árvores e apanhava frutas com rapidez, e gostava de andar sozinha. Um dia, encontrou um coelho, por puro acaso. Era marrom e gordo, com longas orelhas e um nariz nervoso. Os coelhos corriam mais depressa do que os gatos, mas não

eram nem de perto tão bons em subir nas árvores. Bateu nele com o pau e o agarrou pelas orelhas; e Yoren o cozinhou com cogumelos e cebolas silvestres. Arya recebeu uma perna inteira, já que o coelho era seu. Dividiu-a com Gendry. Os outros receberam uma colherada cada, até os três que seguiam algemados. Jaqen H'ghar agradeceu-lhe educadamente pelo acepipe, e o Dentadas lambeu a gordura dos dedos sujos com um ar feliz, mas Rorge, o que não tinha nariz, limitou-se a rir e a dizer:

– Ai está, um caçador agora. Cabeça de Caroço Cara de Caroço Mata Coelhos.

Perto de um castro chamado Sarçabranca, um grupo de camponeses os cercou num campo de milho, exigindo dinheiro pelas espigas que tinham cortado. Yoren deu uma espiada nas suas foices e atirou-lhes algumas moedas de cobre.

– Em outros tempos, um homem vestido de negro era banqueteado de Dorne a Winterfell, e até os grandes senhores achavam uma honra abrigá-lo sob seu teto – ele disse amargamente. – Agora, covardes como vocês querem dinheiro vivo por uma dentada numa maçã bichada – cuspiu.

– Isto é milho doce, mais do que um pássaro preto fedorento como você merece – um deles respondeu rudemente. – Some das nossas terras e leve junto esses gatunos e assassinos, senão a gente te espeta no milharal pra espantar os outros corvos.

Naquela noite, assaram o milho doce na casca, virando as espigas com longos paus bifurcados, e comeram-no quente, direto do sabugo. Arya achou delicioso, mas Yoren estava zangado demais para comer. Uma nuvem parecia pairar sobre ele, esfarrapada e negra como o seu manto. Andou pelo acampamento, inquieto, murmurando consigo mesmo.

No dia seguinte, Koss voltou correndo para avisar Yoren de um acampamento mais à frente.

– Vinte ou trinta homens, com cota de malha e capacetes – ele disse. – Alguns estão muito feridos, e um deles, moribundo. Com todo o barulho que ele estava fazendo, consegui chegar bem perto. Têm lanças e escudos, mas só um cavalo, e está coxo. Acho que estão ali há algum tempo, pelo fedor que vem do lugar.

– Viu um estandarte?

– Gato-das-árvores malhado, preto e amarelo, em fundo marrom lamacento.

Yoren dobrou uma folhamarga, enfiou-a na boca e começou a mascar.

– Não conheço – admitiu. – Podem ser de um lado ou do outro. Se estão assim tão feridos, o mais certo é que roubem nossas montarias, sejam quem forem. Pode ser que roubem mais do que isso. Acho que

vamos rodeá-los de longe – isso lhes custaria milhas fora do caminho, e pelo menos dois dias, mas o velho disse que o preço era baixo. – Vocês vão ter tempo suficiente na Muralha. O resto das suas vidas, provavelmente. Parece-me que não há pressa em chegar lá.

Arya viu cada vez mais homens guardando os campos quando voltaram a seguir para o norte. Muitas vezes ficavam em silêncio junto à estrada, lançando olhares frios a quem passava. Em outros locais, faziam patrulhas a cavalo, percorrendo as cercas com machados presos nas selas. Em um lugar, viu um homem empoleirado numa árvore morta, com um arco na mão e uma aljava pendurada no galho a seu lado. No momento em que os viu, encaixou uma flecha no arco e não afastou os olhos até que a última carroça estivesse fora de vista. Durante todo o tempo, Yoren praguejou.

– Aquele na árvore, vamos ver se ele gosta daquilo ali em cima quando os Outros vierem levá-lo. Vai gritar pela Patrulha, ah, se vai.

Um dia depois, Dobber vislumbrou um clarão vermelho no céu do fim da tarde.

– Ou esta estrada mudou de direção, ou aquele sol está se pondo no Norte.

Yoren subiu em um morro para ver melhor.

– Fogo – anunciou. Lambeu um polegar e o levantou. – O vento deve soprá-lo pra longe da gente. Mesmo assim, é melhor vigiar.

E vigiaram. À medida que o mundo escurecia, o incêndio foi se tornando cada vez mais brilhante, até parecer que tudo ao norte estava em chamas. De tempos em tempos, conseguiam até sentir o cheiro da fumaça, embora o vento se mantivesse firme e as chamas nunca chegassem a se aproximar. Pela alvorada, o incêndio apagou-se, mas nenhum deles dormiu muito bem naquela noite.

Era meio-dia quando chegaram ao local onde antes existia a aldeia. Os campos eram uma desolação carbonizada ao longo de milhas em todas as direções, e as casas, conchas enegrecidas. As carcaças de animais queimados e abatidos coloriam o chão, sob mantas vivas de gralhas pretas necrófagas que levantavam voo, crocitando furiosamente, quando eram perturbadas. Ainda saía fumaça de dentro do castro. Sua paliçada de madeira parecia forte de longe, mas provara não ser o suficiente.

Avançando a cavalo em frente das carroças, Arya viu cadáveres queimados empalados em estacas afiadas no topo das muralhas, com as mãos na frente do rosto, como que tentando afastar as chamas que os consumiram. Yoren mandou que parassem quando ainda estavam a alguma distância e disse a Arya e aos outros rapazes para vigiar as carroças enquanto ele, Murch e Cutjack avançavam a pé. Um bando de corvos levantou voo de dentro das muralhas quando escalaram o portão quebrado, e os corvos engaiolados nas carroças chamaram-nos

com *quorcs* e guinchos roucos.

– Não devíamos ir atrás deles? – Arya perguntou a Gendry depois de Yoren e os outros terem desaparecido há muito tempo.

– Yoren disse para esperar.

A voz de Gendry soou oca. Quando Arya se virou para ele, viu que tinha colocado o elmo, todo de aço brilhante e com grandes cornos curvos.

Quando finalmente retornaram, Yoren trazia uma menininha nos braços e Murch e Cutjack carregavam uma mulher numa espécie de maca improvisada com uma velha colcha rasgada. A menina não devia ter mais do que dois anos, e não parava de chorar, um som lamuriento, como se tivesse alguma coisa presa na garganta. Ou talvez ainda não soubesse falar, ou se esquecido do que aprendera. O braço direito da mulher terminava em um coto sangrento no cotovelo e seus olhos pareciam não ver nada, mesmo quando olhava diretamente para as coisas. Falava, mas dizia apenas duas palavras. "Por favor", e chorava, sem parar. "Por favor. Por favor." Rorge achou aquilo divertido. Riu através do buraco que tinha na cara no lugar do nariz, e Dentadas começou a rir também, até que Murch os amaldiçoou e lhes disse para calar a boca.

Yoren fez com que arranjassem um lugar para a mulher numa carroça.

– E depressa – ele disse. – Quando cair a noite, certamente haverá lobos por aqui e coisas piores.

– Estou assustado – Torta Quente murmurou quando viu a mulher com um só braço debater-se na carroça.

– Eu também – Arya confessou.

Ele apertou seu ombro.

– Nunca matei um menino aos chutes de verdade, Arry. Só vendia as tortas da minha mamãe, mais nada.

Arya cavalgou à frente das carroças, o mais longe que ousava, para não ter de ouvir o choro da garotinha ou escutar a mulher sussurrando "Por favor". Lembrou-se de uma história que a Velha Ama tinha contado um dia, sobre um homem aprisionado num castelo escuro por gigantes malvados. Era muito corajoso e inteligente, enganou os gigantes e escapou… Mas, assim que saiu do castelo, os Outros o capturaram e beberam seu sangue quente e vermelho. Agora sabia como ele devia ter se sentido.

A mulher sem um braço morreu ao cair da noite. Gendry e Cutjack cavaram a sua sepultura na encosta de uma colina, à sombra de um chorão. Quando o vento soprava, Arya pensava ouvir os longos ramos pendentes sussurrando: "Por favor. Por favor. Por favor". Os cabelinhos da sua nuca eriçavam-se, e quase fugiu do local.

– Nada de fogueira esta noite – disse-lhes Yoren. O jantar foi um

punhado de rabanetes silvestres que Koss encontrou, uma taça de feijões secos e água de um riacho que corria ali perto. A água tinha um gosto esquisito, e Lommy disse que era o sabor de cadáveres apodrecendo em algum lugar próximo à nascente. Torta Quente teria batido nele se o velho Reysen não os tivesse apartado.

Arya bebeu água demais, só para encher a barriga com alguma coisa. Nunca achou que fosse capaz de dormir, mas de algum modo foi. Quando acordou, a noite estava fechada e sua bexiga estava estourando de cheia. Corpos adormecidos amontoavam-se ao seu redor, enrolados em cobertores e mantos. Arya encontrou a Agulha, levantou-se e escutou. Ouviu os passos suaves de uma sentinela, homens que se viravam num sono inquieto, os ruidosos roncos de Rorge, e o estranho som sibilante que Dentadas fazia quando dormia. De outra carroça vinha o constante e ritmado raspar de aço em pedra feito por Yoren enquanto mascava folhamarga e afiava o gume do punhal.

Torta Quente era um dos rapazes que estavam de vigia.

– Aonde vai? – ele perguntou quando viu que Arya se encaminhava para as árvores.

Arya fez um aceno vago para a floresta.

– Não vai, não – Torta Quente lhe disse. Agora, tinha se tornado de novo mais corajoso, por causa da espada presa ao cinto, mesmo que não passasse de uma espada curta e ele a manejasse como se fosse um cutelo. – O velho disse para todo mundo ficar por perto hoje.

– Tenho de urinar – explicou Arya.

– Bom, use aquela árvore ali – apontou. – Não sabe o que tem por aí, Arry? Já ouvi lobos.

Yoren não gostaria que lutasse com ele. Tentou parecer assustada.

– Lobos? De verdade?

– Eu ouvi – ele confirmou.

– Acho que na verdade não preciso ir.

Voltou à sua manta e fingiu dormir até ouvir os passos de Torta Quente se afastarem. Então, rolou sobre si própria e esgueirou-se para a floresta pelo outro lado do acampamento, silenciosa como uma sombra. Também havia sentinelas por ali, mas Arya não teve dificuldade em evitá-las. Só para garantir, foi até duas vezes mais longe do que de costume. Quando estava certa de que não havia ninguém por perto, abaixou os calções e acocorou-se para tratar do assunto.

Estava urinando, com a roupa amontoada em volta dos tornozelos, quando ouviu um restolhar vindo de debaixo das árvores. *Torta Quente*, pensou, em pânico, *ele me seguiu*. Então viu os olhos brilhando de dentro da floresta, vivos do luar refletido. Sentiu a barriga apertar-se enquanto agarrava a Agulha, sem se importar em se

molhar ou não, contando olhos, dois, quatro, oito, doze, uma alcateia inteira…

Um deles saiu de debaixo das árvores. Encarou-a e mostrou os dentes, e tudo em que ela conseguiu pensar foi em como tinha sido estúpida e em como Torta Quente se regozijaria quando encontrassem seu corpo meio devorado na manhã seguinte. Mas o lobo se virou e correu de volta para a escuridão, e num instante os olhos tinham desaparecido. Tremendo, limpou-se, vestiu-se e seguiu um distante som de raspar ao voltar ao acampamento e a Yoren. Arya pulou para dentro da carroça ao lado dele, abalada.

– Lobos – sussurrou em voz rouca. – Na floresta.

– É. Deve haver – o homem nem a olhou.

– Me assustaram.

– Ah, é? – cuspiu. – Pensava que a sua gente gostava de lobos.

– Nymeria era um lobo gigante – Arya se abraçou. – É diferente. Seja como for, ela sumiu. Jory e eu atiramos pedras nela até que fugiu, senão a rainha a teria matado – falar sobre aquilo deixava-a triste. – Aposto que se ela estivesse na cidade, não teria deixado que cortassem a cabeça do meu pai.

– Meninos órfãos não têm pais – Yoren disse. – Ou será que se esqueceu? – a folhamarga tinha deixado sua saliva vermelha, e parecia que sua boca sangrava. – Os únicos lobos que temos de temer são os que usam pele de homem, como os que acabaram com aquela aldeia.

– Queria estar em casa – Arya disse em tom infeliz. Tentava com tanta força ser corajosa, ser feroz como um glutão ou algo assim, mas, às vezes, no final das contas, sentia-se como se fosse só uma garotinha.

O irmão negro puxou uma nova folhamarga do fardo e a enfiou na boca.

– Talvez eu devesse ter deixado você onde o encontrei, rapaz. Todos vocês. Parece que estavam mais seguros na cidade.

– Não me importo. Quero ir para casa.

– Faz quase trinta anos que levo homens para a Muralha – a espuma brilhou nos lábios de Yoren, como bolhas de sangue. – Todo esse tempo, e só perdi três. Um velho morreu de uma febre, um garoto da cidade foi mordido por uma cobra enquanto cagava e um imbecil tentou me matar durante o sono, e ficou com um sorriso vermelho por ter me incomodado – Yoren passou o punhal pela garganta, para lhe mostrar. – Três, em trinta anos – cuspiu a folhamarga gasta. – Agora, um navio teria sido mais responsável. Não há como encontrar mais homens no caminho, mas, mesmo assim… Um homem esperto tinha ido de barco, mas eu… há trinta anos que ando por esta estrada do rei – ele embainhou o punhal. – Vai dormir, rapaz. Está me ouvindo?

Ela tentou. Mas enquanto jazia sob a manta, ouvia os lobos uivando… e um outro som, mais tênue, que não era mais do que um

sussurro no vento... podiam ter sido gritos.

Davos

O ar da manhã estava escuro com a fumaça dos deuses que ardiam.

Estavam agora todos em chamas, a Donzela e a Mãe, o Guerreiro e o Ferreiro, a Velha, com os seus olhos de pérola, e o Pai, com a sua barba dourada; até o Estranho, esculpido para ter um aspecto mais animal do que humano. A velha madeira seca e incontáveis camadas de tinta e verniz ardiam com uma feroz luz esfomeada. O calor subia, iluminando vagamente o ar frio; por trás, as gárgulas e dragões de pedra do castelo pareciam borrados, como se Davos os estivesse vendo através de um véu de lágrimas. *Ou como se os monstros estivessem tremendo, agitando-se…*

– Uma coisa doentia – declarou Allard, embora tivesse pelo menos o bom-senso de manter a voz baixa. Dale concordou com um murmúrio.

– Silêncio – Davos ordenou. – Lembre-se de onde está.

Os filhos eram bons homens, mas jovens, e Allard, em especial, era impetuoso. *Se eu tivesse continuado contrabandista, Allard teria acabado na Muralha. Stannis poupou-o desse fim, mais uma coisa que lhe devo…*

Centenas de pessoas tinham vindo até os portões do castelo para testemunhar o incêndio dos Sete. O cheiro no ar era pestilento. Mesmo para os soldados, era difícil não sentir desconforto perante tamanha afronta aos deuses que a maioria havia adorado durante toda a vida.

A mulher vermelha caminhou três vezes em volta do fogo, rezando uma vez na língua de Asshai, outra em Alto Valiriano, e mais outra no Idioma Comum. Davos só compreendeu a última oração.

– R'hllor, venha até nós na escuridão – evocou a mulher. – Senhor da Luz, oferecemos-lhe estes falsos deuses, estes sete que são um, e esse um é o inimigo. Receba-os e lance a sua luz sobre nós, pois a noite é escura e cheia de terrores.

A Rainha Selyse repetiu as palavras num eco. A seu lado, Stannis observava impassível, com o queixo duro como pedra sob a sombra negra-azulada da sua barba rente. Tinha se vestido mais ricamente do que de costume, como se fosse ao septo.

O septo de Pedra do Dragão erguia-se no local onde Aegon, o Conquistador, se ajoelhara para rezar na noite antes de se lançar ao mar. Isso não salvou o templo dos homens da rainha. Tinham virado os altares, derrubado as estátuas e estraçalhado os vitrais com martelos de guerra. O Septão Barre só conseguiu amaldiçoá-los, mas Sor Hubard Rambton levou os três filhos ao septo para defender seus deuses. Os Rambton tinham matado quatro dos homens da rainha

antes de os demais os subjugarem. Depois daquilo, Guncer Sunglass, o mais conciliador e mais devoto dos senhores, disse a Stannis que já não podia apoiar sua pretensão. Agora, dividia uma cela sufocante com o septão e os dois filhos sobreviventes de Sor Hubard. Os outros senhores não demoraram a aprender a lição.

Os deuses nunca tinham significado muito para Davos, o contrabandista, embora, tal como a maioria dos homens, fizesse oferendas ao Guerreiro, antes da batalha, ao Ferreiro, quando lançava um navio ao mar, e à Mãe, sempre que sua mulher engravidava. Sentiu-se mal enquanto os via arder, e não apenas por causa da fumaça.

Meistre Cressen teria impedido isso. O que as fofocas diziam era que o velho desafiara o Senhor da Luz e tinha sido abatido pela sua falta de fé. Davos conhecia a verdade. Tinha visto o meistre derramar alguma coisa na taça de vinho. *Veneno. O que mais poderia ser? Bebeu uma taça de morte para libertar Stannis de Melisandre, mas de alguma forma o deus dela a protegeu.* Teria matado com prazer a mulher vermelha por aquilo, mas que chance teria onde um meistre da Cidadela falhara? Era apenas um contrabandista que tinha subido na vida, Davos da Baixada das Pulgas, o Cavaleiro das Cebolas.

Os deuses que ardiam brilhavam com uma luz bonita, envoltos nas suas vestes de chamas em movimento, vermelhas, laranjas e amarelas. O Septão Barre uma vez lhe contara como eles tinham sido esculpidos dos mastros dos navios que tinham trazido os primeiros Targaryen de Valíria. Ao longo dos séculos, tinham sido pintados e repintados, tinham sido dourados, prateados e cravejados de joias.

– Sua beleza vai torná-los mais agradáveis a R'hllor – tinha afirmado Melisandre quando disse a Stannis para derrubá-los e arrastá-los para fora dos portões do castelo.

A Donzela estava atravessada sobre o Guerreiro, com os braços abertos, como que para abraçá-lo. A Mãe parecia quase tremer enquanto as chamas vinham lamber seu rosto. Uma espada tinha sido cravada no seu coração, e seu punho de couro estava vivo de chamas. O Pai estava embaixo, tinha sido o primeiro a cair. Davos viu a mão do Estranho retorcer-se e se enrolar enquanto os dedos enegreciam e se desprendiam, um por um, reduzidos a outros tantos pedaços de carvão em brasa. Ali perto, Lorde Celtigar teve um ataque de tosse e cobriu a cara enrugada com um lenço de linho bordado com caranguejos vermelhos. Os homens de Myr trocavam piadas enquanto desfrutavam do calor do fogo, mas o jovem Lorde Bar Emmon ficara num tom sujo de cinza, e Lorde Velaryon observava o rei, e não o incêndio.

Davos teria dado muito para saber o que ele estaria pensando, mas um homem como Velaryon nunca lhe faria confidências. O

Senhor das Marés era do sangue da antiga Valíria, e sua Casa havia fornecido noivas aos príncipes Targaryen três vezes; Davos Seaworth fedia a peixe e cebolas. Com os outros fidalgos era a mesma coisa. Não podia confiar em nenhum deles, nem o incluiriam algum dia nas suas reuniões privadas. Também menosprezavam seus filhos. *Mas os meus netos lutarão com os deles em justas, e um dia o sangue deles poderá desposar o meu. Um dia, meu pequeno navio negro voará tão alto como o cavalo-marinho de Velaryon ou os caranguejos vermelhos de Celtigar.*

Isso, se Stannis conquistar seu trono. Se perder…

Tudo o que sou devo a ele. Stannis armara-o cavaleiro. Dera-lhe um lugar de honra à sua mesa, uma galé de guerra, no lugar de um esquife de contrabandista, para navegar. Dale e Allard eram também capitães de galés, Maric era mestre dos remadores na *Fúria*, Matthos servia o pai na *Betha Negra*, e o rei tinha escolhido Devan como escudeiro real. Um dia seria armado cavaleiro, assim como os dois rapazes mais novos. Marya era senhora de uma pequena fortaleza em Cabo da Fúria, com criados que a chamavam *sinhá*, e Davos podia caçar veados vermelhos nos seus próprios bosques. Recebera tudo aquilo de Stannis Baratheon pelo preço de algumas falanges. *O que me fez foi justo. Tinha zombado das leis do rei a vida inteira. Ele ganhou a minha lealdade*. Davos tocou a pequena bolsa pendurada na tira de couro em seu pescoço. Os dedos eram a sua sorte, e agora precisava de sorte. *Tal como todos nós. E, acima de todos, Lorde Stannis*.

Chamas pálidas lambiam o céu cinzento. Uma fumaça preta subia, retorcendo-se e enrolando-se. Quando o vento a empurrava contra eles, os homens piscavam, lacrimejavam e esfregavam os olhos. Allard virou o rosto, tossindo e praguejando. *Um gostinho do que está por vir*, pensou Davos. Muitas outras coisas arderiam antes que aquela guerra chegasse ao fim.

Melisandre estava toda vestida de cetim escarlate e veludo cor de sangue, com os olhos tão vermelhos como o grande rubi que cintilava na sua garganta, como se estivesse em chamas.

– Nos livros antigos de Asshai está escrito que chegará um dia, após um longo Verão, em que as estrelas sangrarão e o bafo frio da escuridão cairá, pesado, sobre o mundo. Nessa hora de terror, um guerreiro retirará do fogo uma espada em chamas. E essa espada será a Luminífera, a Espada Vermelha dos Heróis, e aquele que a pegar será Azor Ahai renascido, e a escuridão fugirá perante ele – e levantou a voz, para que fosse ouvida pela tropa ali reunida. – *Azor Ahai, o amado de R'hllor! O Guerreiro da Luz, o Filho do Fogo! Avance, a sua espada o espera! Avance, e tome-a em sua mão!*

Stannis Baratheon avançou como um soldado marchando para a batalha. Seus escudeiros se aproximaram para servi-lo. Davos observou seu filho Devan enfiando a mão direita do rei numa longa

luva almofadada. O rapaz usava um gibão creme com um coração em chamas cosido no peito. Byran Farrin, vestido de um modo semelhante, atava uma rígida capa de couro em torno do pescoço de Sua Graça. Atrás dele, Davos ouviu um tênue tinir de sinetas.

– Debaixo do mar, a fumaça sobe em bolhas e as chamas ardem verdes, azuis e pretas – cantou em algum lugar o Cara-Malhada. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

O rei mergulhou no fogo de dentes cerrados, segurando o manto de couro à sua frente para manter as chamas afastadas. Dirigiu-se diretamente à Mãe, agarrou a espada com a mão enluvada e a libertou da madeira ardente com um único puxão forte. Então recuou, com a espada bem erguida e chamas verde-jade a rodopiar em volta do aço cor de cereja. Guardas correram na sua direção a fim de sacudir as fagulhas que se prendiam à roupa do rei.

– *Uma espada de fogo!* – gritou a Rainha Selyse. Sor Axell Florent e os outros homens da rainha acompanharam-na no grito. – *Uma espada de fogo! Ela arde! Ela arde! Uma espada de fogo!*

Melisandre ergueu as mãos sobre a cabeça.

– *Contemplem! Um sinal foi prometido, e agora um sinal é visto! Contemplem a Luminífera! Azor Ahai regressou! Deem vivas ao Guerreiro da Luz! Deem vivas ao Filho do Fogo!*

Uma onda irregular de gritos respondeu no momento em que a luva de Stannis começava a ficar incandescente. Praguejando, o rei enterrou a ponta da espada na terra úmida e apagou as chamas com pancadas na perna.

– Senhor, lance sobre nós a sua luz! – Melisandre gritou.

– Pois a noite é escura e cheia de terrores – responderam Selyse e seus homens.

Deveria eu dizer as palavras também?, perguntou-se Davos. *Deverei tanto assim a Stannis? Será este deus de fogo realmente o seu?* Seus dedos encurtados contorceram-se.

Stannis descalçou a luva e a deixou cair ao chão. Os deuses na pira já quase não podiam ser reconhecidos. A cabeça do Ferreiro desprendeu-se, levantando uma nuvem de cinzas e fagulhas. Melisandre cantou na língua de Asshai, com a voz subindo e descendo como as marés do mar. Stannis soltou-se da sua chamuscada capa de couro e escutou em silêncio. Espetada no chão, a Luminífera ainda brilhava, rubra de calor, mas as chamas presas à espada minguavam e morriam.

Quando a canção terminou, dos deuses só restava madeira carbonizada, e a paciência do rei tinha se esgotado. Pegou a rainha pelo braço e a levou de volta a Pedra do Dragão, deixando Luminífera onde estava. A mulher vermelha ficou um momento para trás, a fim de vigiar Devan e Bryen Farrung, que se ajoelharam e enrolaram a

espada queimada e enegrecida no manto de couro do rei. *A Espada Vermelha dos Heróis parece uma bela porcaria*, Davos pensou.

Alguns dos senhores ficaram conversando em voz baixa fora do alcance do vento que soprava da fogueira. Todos caíram em silêncio quando viram que Davos os olhava. *Se Stannis cair, vão me puxar para baixo num instante*. Também não fazia parte do grupo dos homens da rainha, aquele grupo de cavaleiros ambiciosos e fidalgos menores que tinham se entregado àquele Senhor da Luz e ganhado assim o favor e a proteção da Senhora… *não, Rainha, lembra-se?*... Selyse.

O fogo tinha começado a morrer quando Melisandre e os escudeiros se afastaram com a preciosa espada. Davos e os filhos juntaram-se à multidão que se dirigia à costa e aos navios que os aguardavam.

– Devan portou-se bem – ele disse enquanto caminhavam.

– Sim, pegou a luva sem deixá-la cair – Dale confirmou.

Allard concordou com um meneio.

– Aquele símbolo no gibão de Devan, o coração em chamas, o que era aquilo? O brasão Baratheon é um veado coroado.

– Um senhor pode escolher mais do que um símbolo – Davos respondeu.

Dale sorriu.

– Um navio negro *e* uma cebola, pai?

Allard chutou uma pedra.

– Que os Outros levem a nossa cebola… *e* aquele coração em chamas. Foi coisa feia queimar os Sete.

– Quando foi que se tornou tão devoto? – perguntou Davos. – O que sabe um filho de contrabandista das coisas dos deuses?

– Eu sou filho de um cavaleiro, pai. Se o senhor não se recorda, por que eles o fariam?

– É filho de um cavaleiro, mas não é um cavaleiro – disse Davos. – E nem será nunca, caso se meta em assuntos que não lhe dizem respeito. Stannis é nosso rei de direito, não nos compete questioná-lo. Nós manobramos os seus navios e fazemos o que ordena. Só isso.

– Quanto a isso, pai – Dale falou –, não gostei daqueles barris de água que me deram para o *Espectro*. Pinho verde. A água vai estragar em qualquer viagem que se faça.

– Eu recebi o mesmo para o *Senhora Marya* – retrucou Allard. – Os homens da rainha apoderaram-se de toda a madeira seca.

– Falarei sobre isso com o rei – Davos prometeu. Era melhor que viesse dele do que de Allard. Os filhos eram bons guerreiros e melhores marinheiros, mas não sabiam como falar aos senhores. *São malnascidos, como eu, mas não gostam de se lembrar disso. Quando olham para o nosso estandarte, tudo o que veem é um grande navio negro voando com o vento. Fecham os olhos à cebola.*

O porto estava mais cheio do que Davos jamais o vira. Todas as docas lotadas de marinheiros carregando provisões, e todas as estalagens cheias de soldados jogando dados, bebendo ou em busca de uma prostituta… Uma busca vã, pois Stannis não autorizava prostitutas na sua ilha. Navios alinhavam-se na margem; galés de guerra e barcos de pesca, robustos galeões e cocas de fundo chato. Os melhores ancoradouros tinham sido ocupados pelos maiores navios: o navio almirante de Stannis, *Fúria*, balançava entre o *Lorde Steffon* e o *Veado do Mar*; o navio de casco prateado de Lorde Velaryon e seus três irmãos, *Orgulho de Derivamarca*; o ornamentado *Garra Vermelha*, de Lorde Celtigar; o pesado *Peixe-Espada*, com sua longa proa de ferro. Ancorada ao largo da costa, via-se a grande *Valiriana*, de Salladhor Saan, entre os cascos listrados de duas dúzias de galés lisenas menores.

Uma pequena e velha estalagem ficava na extremidade do cais de pedra, onde o *Betha Negra*, o *Espectro* e o *Senhora Marya* partilhavam a área de ancoragem com meia dúzia de outras galés de cem remos ou menos. Davos tinha sede. Despediu-se dos filhos e voltou para a estalagem. Junto à porta, acocorava-se uma gárgula que chegava à sua cintura, tão desgastada pela chuva e o sal que seus traços tinham sido praticamente obliterados. Mas ela e Davos eram velhos amigos. Deu uma palmadinha na cabeça de pedra ao entrar.

– Sorte – ele murmurou.

Na zona mais distante da ruidosa sala comum, Salladhor Saan estava em uma mesa, comendo uvas de uma tigela de madeira. Quando viu Davos, chamou-o com um gesto.

– Sor cavaleiro, venha comer comigo. Coma uma uva. Coma duas. Estão maravilhosamente doces.

O liseno era um homem lisonjeiro e sorridente, cuja ostentação era proverbial dos dois lados do mar estreito. Hoje, trajava um cintilante pano de prata com mangas pendentes tão longas, que as extremidades se amontoavam no chão. Os botões eram macacos esculpidos em jade, e no topo dos seus finos caracóis brancos empoleirava-se uma alegre boina verde decorada com um leque de penas de pavão.

Davos abriu caminho por entre as mesas até uma cadeira. Nos dias anteriores à sua nomeação como cavaleiro, trouxera frequentemente cargas de Salladhor Saan. O próprio liseno era contrabandista, bem como comerciante, banqueiro, notório pirata e o autoproclamado Príncipe do Mar Estreito. *Quando um pirata enriquece o suficiente, fazem dele um príncipe*. Tinha sido Davos quem fizera a viagem até Lys, a fim de recrutar o velho tratante para a causa de Lorde Stannis.

– Não viu os deuses arderem, senhor? – ele perguntou.

– Os sacerdotes vermelhos têm um grande templo em Lys. Andam sempre queimando isso e aquilo, chamando o seu R'hllor. Aborrecem-me com as suas fogueiras. Em breve, aborrecerão também o Rei Stannis, espera-se – não parecia nada preocupado em ser ouvido de outras mesas, comendo as uvas e empurrando os caroços para os lábios, jogando-os fora com um dedo. – Minha *Ave de Mil Cores* chegou ontem, meu bom sor. Não é um navio de guerra, mas mercante, e aportou em Porto Real. Tem certeza de que não quer uma uva? Dizem que as crianças passam fome na cidade – o homem balançou as uvas na frente de Davos e sorriu.

– É de cerveja que preciso, e de notícias.

– Os homens de Westeros estão sempre com pressa – lamentou-se Salladhor Saan. – De que serve, pergunto-lhe? Aquele que se apressa na vida, apressa-se a chegar à sepultura – arrotou. – O Senhor de Rochedo Casterly mandou seu anão tratar de Porto Real. Talvez tenha esperança de que a cara feia do homem assuste os atacantes, hã? Ou que morramos de rir quando o Duende der piruetas nas ameias, quem sabe? O anão botou o troglodita que comandava os homens de mantos dourados para correr e pôs no seu lugar um cavaleiro com uma mão de ferro – tirou uma uva do cacho e apertou-a entre o polegar e o indicador até fazer a pele estourar. O sumo correu entre seus dedos.

Uma criada abriu caminho até eles, dando tapas nas mãos que a apalpavam durante o percurso. Davos encomendou uma caneca de cerveja, virou-se de volta para Saan e disse:

– Como estão as defesas da cidade?

O outro encolheu os ombros:

– As muralhas são altas e fortes, mas quem irá guarnecê-las? Andam construindo balistas e catapultas de fogo, ah, claro, mas os homens de mantos dourados são poucos demais, verdes demais, e não há outros. Um ataque rápido, como um falcão caindo sobre uma galinha, e a grande cidade será nossa. Dê-nos vento para encher nossas velas, e seu rei poderá sentar no seu Trono de Ferro amanhã ao cair da noite. Poderíamos vestir o anão de quadriculado e espetar suas bochechinhas com as pontas das nossas lanças para obrigá-lo a dançar para nós, e talvez seu piedoso rei possa me presentear com a bela Rainha Cersei para aquecer a minha cama por uma noite. Há tempo demais que estou longe das minhas esposas, e sempre a seu serviço.

– Pirata – disse Davos. – Você não tem esposas, só concubinas, e foi bem pago por todos os dias e por todos os navios.

– Só em promessas – disse Salladhor Saan com ar fúnebre. – Meu bom senhor, é ouro que desejo, não palavras em papéis – enfiou uma uva na boca.

– Terá o seu ouro quando capturarmos o tesouro em Porto Real. Não há nos Sete Reinos homem mais honrado do que Stannis

Baratheon. Ele manterá sua promessa.

Mesmo enquanto falava, Davos pensava: *Este mundo está para lá de toda a esperança quando contrabandistas de baixo nascimento têm de garantir a honra de reis.*

– Foi o que ele disse e voltou a dizer. E o que eu digo é: Vamos em frente. Nem estas uvas podem estar mais maduras do que aquela cidade, velho amigo.

A criada voltou com a cerveja, e Davos lhe deu uma moeda de cobre.

– Talvez conseguíssemos capturar Porto Real, como diz – Davos continuou, enquanto erguia a caneca –, mas por quanto tempo conservaríamos a cidade? Sabe-se que Tywin Lannister está em Harrenhal com uma grande tropa, e Lorde Renly…

– Ah, sim, o jovem irmão – Salladhor Saan o interrompeu. – Essa parte não é tão boa, meu amigo. Rei Renly se apressa. Não, aqui ele é *Lorde* Renly, as minhas desculpas. Com tantos reis, minha língua se cansa da palavra. O irmão Renly deixou Jardim de Cima com a sua bela e jovem rainha, os seus senhores floridos e reluzentes cavaleiros, e uma poderosa tropa de infantaria. Marcha pela sua estrada das rosas em direção à mesmíssima cidade de que falamos.

– Ele leva a *noiva*?

O outro encolheu os ombros.

– Não me disse por quê. Talvez esteja relutante em se separar, nem que seja por uma noite, da quente toca que ela tem entre as pernas. Ou talvez tenha uma absoluta certeza de vitória.

– O rei deve ser informado.

– Já tratei disso, meu bom sor. Embora Sua Graça franza tanto o cenho sempre que me vê, tremo de ir à sua presença. Acha que ele gostaria mais de mim se eu usasse uma camisa de crina e nunca sorrisse? Bem, não o farei. Sou um homem honesto, tem de me aguentar vestido de seda e samito. Caso contrário, levarei meus navios para onde me apreciem mais. Aquela espada não era a Luminífera, meu amigo.

A súbita mudança de assunto deixou Davos pouco à vontade.

– Espada?

– Uma espada arrancada do fogo, sim. Os homens contam-me coisas, é o meu sorriso agradável. Como irá uma espada queimada servir Stannis?

– Uma espada *ardente* – Davos corrigiu.

– Queimada – Salladhor Saan o corrigiu –, e fique feliz por isso, meu amigo. Conhece a lenda sobre a forja de Luminífera? Vou contá-la. Era num tempo em que a escuridão caíra, pesada, sobre o mundo. Para enfrentá-la, o herói tinha de ter uma lâmina de herói, ah, como nenhuma que já tivesse existido. E assim, durante trinta dias e trinta

noites, Azor Ahai trabalhou sem dormir no templo, forjando uma lâmina nas fogueiras sagradas. Aquecer, martelar e dobrar, aquecer, martelar e dobrar, ah, sim, até a espada ficar pronta. Mas, quando a mergulhou na água para temperar o aço, ela se partiu em pedaços. Como era um herói, não era do seu feitio desistir e ir atrás de excelentes uvas como estas, e, portanto, recomeçou. Da segunda vez levou cinquenta dias e cinquenta noites, e essa espada parecia ainda melhor do que a primeira. Azor Ahai capturou um leão, para temperar a lâmina mergulhando-a no coração vermelho da fera. Mas mais uma vez o aço se estilhaçou e se dividiu. Grande foi sua aflição e grande foi seu desgosto, pois sabia o que tinha de fazer. Trabalhou na terceira lâmina durante cem dias e cem noites e, enquanto ela brilhava, incandescente, nas fogueiras sagradas, chamou a mulher. "Nissa Nissa", disse-lhe, pois era esse o seu nome, "Desnude o peito, e fique sabendo que a amo mais do que a qualquer outra coisa no mundo". Ela obedeceu, não faço ideia do porquê, e Azor Ahai enfiou a espada fumegante no seu coração vivo. Diz-se que o grito de angústia e êxtase que ela soltou abriu uma fenda no rosto da lua, mas seu sangue, sua alma, sua força e sua coragem penetraram no aço. Esta é a lenda sobre a forja da Luminífera, a Espada Vermelha dos Heróis. Compreende agora o que quero dizer? Fique feliz por ter sido apenas uma espada queimada que Sua Graça tirou do fogo. Luz demais pode machucar os olhos, meu amigo, e o fogo *queima* – Salladhor Saan comeu a última uva e estalou os lábios. – Quando pensa que o rei nos dará a ordem para zarpar, meu bom sor?

– Em breve, penso – disse Davos –, se o deus dele quiser.

– O deus *dele*, sor amigo? Não o seu? Onde está o deus de Sor Davos Seaworth, cavaleiro do navio de cebola?

Davos bebeu um gole de cerveja para se dar um momento. *A estalagem está lotada, e você não é Salladhor Saan*, lembrou a si mesmo. *Tenha cuidado com o que responde.*

– O meu deus é o Rei Stannis. Foi ele que me fez e me abençoou com a sua confiança.

– Lembrarei disso – Salladhor Saan pôs-se em pé. – As minhas desculpas. Estas uvas deram-me fome, e o jantar aguarda na minha *Valiriana*. Picadinho de carneiro com pimenta, e gaivota assada recheada com cogumelos, funcho e cebola. Em breve comeremos juntos em Porto Real, sim? Vamos nos banquetear na Fortaleza Vermelha, enquanto o anão nos canta uma cantiga alegre. Quando falar com o Rei Stannis, mencione, por favor, que me deverá mais trinta mil dragões quando a lua ficar negra. Ele devia ter me dado aqueles deuses. Eram belos demais para queimar e podiam ter obtido um bom preço em Pentos ou Myr. Bem, se me der a Rainha Cersei por uma noite, vou perdoá-lo.

O liseno deu uma palmada nas costas de Davos e saiu da estalagem como se fosse seu dono. Sor Davos Seaworth ficou debruçado bastante tempo sobre sua caneca, pensando. Um ano antes, estivera com Stannis em Porto Real, quando o Rei Robert organizou um torneio no dia do nome do Príncipe Joffrey. Lembrava-se do sacerdote vermelho Thoros de Myr e da espada flamejante que ele brandiu no corpo a corpo. O homem rendeu um espetáculo colorido, com as vestes vermelhas esvoaçando, enquanto a espada estremecia com chamas verde-claras. Mas todos sabiam que não havia ali verdadeira magia, e no fim o fogo esgotou-se, e Bronze Yohn Royce abriu sua cabeça com uma maça vulgar.

Agora, uma verdadeira espada de fogo, isso seria uma maravilha digna de se ver. Mas a um custo tão alto… Quando pensava em Nissa Nissa, era sua Marya que imaginava, uma mulher rechonchuda e de boa índole, com seios caídos e um sorriso amável, a melhor mulher do mundo. Tentou se imaginar enfiando uma espada nela, e estremeceu. *Não sou feito do material de que se fazem os heróis*, decidiu. Se esse era o preço de uma espada mágica, era mais do que ele queria pagar.

Davos terminou sua cerveja, empurrou a caneca para longe e abandonou a estalagem. Ao sair, deu uma palmadinha na cabeça da gárgula e murmurou:

– Sorte.

Todos iriam precisar dela.

Já era noite bem avançada quando Devan chegou a *Bertha Negra*, conduzindo um palafrém branco como a neve.

– Senhor meu pai – anunciou –, Sua Graça ordena que compareça perante ele na Sala da Mesa Pintada. Deve montar o cavalo e ir de imediato.

Era bom ver Devan com um aspecto tão magnífico nas suas vestes de escudeiro, mas a convocatória deixou Davos apreensivo. *Ordenará que zarpemos?*, Davos perguntou-se. Salladhor Saan não era o único capitão que sentia que Porto Real estava maduro para um ataque, mas um contrabandista tem de aprender a ter paciência. *Não temos nenhuma esperança de vitória. Disse isso ao Meistre Cressen no dia em que voltei a Pedra do Dragão, e nada mudou. Somos poucos demais, e os inimigos são muitos. Se mergulharmos os remos, morreremos*. Mesmo assim, subiu no cavalo.

Quando Davos chegou ao Tambor de Pedra, uma dúzia de cavaleiros nobres e grandes vassalos acabavam de sair. Os Lordes Celtigar e Velaryon deram-lhe, cada um, apenas um aceno seco enquanto os outros o ignoraram por completo, mas Sor Axell Florent parou para trocar algumas palavras.

O tio da rainha Selyse era um autêntico barril, com braços grossos e pernas arqueadas. Possuía as orelhas proeminentes de um Florent,

ainda maiores do que as da sobrinha. Os pelos grossos que brotavam das dele não o impediam de saber da maior parte das coisas que se passavam no castelo. Sor Axell servira durante dez anos como castelão em Pedra do Dragão, enquanto Stannis participava do conselho de Robert em Porto Real, mas nos últimos tempos tinha se tornado o mais destacado dos homens da rainha.

– Sor Davos, é bom vê-lo, como sempre – o homem disse.

– Igualmente, senhor.

– Também reparei em você hoje de manhã. Os falsos deuses arderam com uma luz feliz, não é verdade?

– Arderam brilhantemente – Davos não confiava naquele homem, apesar de toda sua cortesia. A Casa Florent tinha se declarado partidária de Renly.

– A Senhora Melisandre disse-nos que às vezes R'hllor permite que seus servos fiéis vislumbrem o futuro nas chamas. Pareceu-me, enquanto observava o fogo de manhã, que estava olhando para uma dúzia de belas dançarinas, donzelas vestidas de seda amarela que rodopiavam e redemoinhavam perante um grande rei. Penso que foi uma verdadeira visão, sor. Um vislumbre da glória que espera Sua Graça depois de tomarmos Porto Real e o trono, que é seu de direito.

Stannis não gosta nada de tais danças, pensou Davos, mas não se atreveu a ofender o tio da rainha.

– Eu vi apenas fogo – ele respondeu –, mas a fumaça estava deixando meus olhos com lágrimas. Perdoe-me, senhor, o rei aguarda – passou por Sor Axell, perguntando-se por que ele teria lhe dado trela. *Ele é um homem da rainha, e eu sou do rei.*

Stannis estava sentado à sua Mesa Pintada com o Meistre Pylos espreitando por sobre seu ombro, e uma pilha desordenada de papéis à frente dos dois.

– Sor – disse o rei quando Davos entrou –, venha dar uma olhada nesta carta.

Obedientemente, Davos escolheu um papel ao acaso.

– Parece bastante bonita, Vossa Graça, mas temo que não saiba ler as palavras – Davos podia decifrar mapas tão bem como qualquer outro, mas as cartas e os outros escritos estavam além do seu poder. *Mas o meu Devan aprendeu as letras, e os jovens Steffon e Stannis também.*

– Esqueci – um sulco de irritação apareceu entre as sobrancelhas do rei. – Pylos, leia.

– Vossa Graça – o meistre pegou um dos pergaminhos e pigarreou. – *Todos sabem que sou filho legítimo de Steffon Baratheon, Senhor de Ponta Tempestade, e da senhora sua esposa, Cassana, da Casa Estermont. Declaro pela honra da minha Casa que meu querido irmão Robert, nosso falecido rei, não deixou legítima descendência do seu sangue,*

sendo o garoto Joffrey, o garoto Tommen e a moça Myrcella abominações nascidas de incesto entre Cersei Lannister e seu irmão Jaime, o Regicida. Pelo direito do nascimento e do sangue, reclamo neste dia o Trono de Ferro dos Sete Reinos de Westeros. Que todos os homens fiéis declarem a sua lealdade. Feito à Luz do Senhor, com a assinatura e o selo de Stannis da Casa Baratheon, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e Senhor dos Sete Reinos – o pergaminho fez um suave ruído quando Pylos o pousou sobre a mesa.

– Escreva *Sor* Jaime, o Regicida, daqui em diante – disse Stannis, franzindo a sobrancelha. – Seja o que for além disso, o homem ainda é um cavaleiro. E também não sei se devíamos chamar Robert de meu *querido* irmão. Não me queria mais do que era forçado a querer, nem eu a ele.

– Uma cortesia inofensiva, Vossa Graça – Pylos observou.

– Uma mentira. Retire-a – Stannis virou-se para Davos. – O meistre disse-me que temos à disposição cento e dezessete corvos. Pretendo usar todos. Cento e dezessete corvos levarão cento e dezessete cópias da minha carta a todos os cantos do reino, da Árvore à Muralha. Talvez uma centena vença as tempestades, os falcões e as flechas. Se assim for, uma centena de meistres lerão as minhas palavras a outros tantos senhores em outros tantos aposentos privados e quartos de dormir… E então, o mais provável é que as cartas sejam entregues às chamas e os lábios se comprometam com o silêncio. Esses grandes senhores amam Joffrey, Renly ou Robb Stark. Eu sou o seu legítimo rei, mas vão me recusar se puderem. Por isso preciso de você.

– Estou às suas ordens, meu rei. Como sempre.

Stannis acenou com a cabeça.

– Desejo que leve o *Bertha Negra* para o norte, para Vila Gaivotas, os Dedos, as Três Irmãs, até Porto Branco. Seu filho Dale irá para o sul no *Espectro*, para lá de Cabo da Fúria e do Braço Partido, ao longo de toda a costa de Dorne até a Árvore. Cada um de vocês levará um baú cheio de cartas e entregará uma em cada porto, castro e aldeia de pescadores. Pregue-as nas portas dos septos e estalagens para que cada homem que saiba ler possa fazê-lo.

Davos respondeu:

– Serão bem poucos.

– Sor Davos fala a verdade, Vossa Graça – confirmou Meistre Pylos. – Seria melhor que as cartas fossem lidas em voz alta.

– Melhor, mas mais perigoso – Stannis retrucou. – Estas palavras não serão bem recebidas.

– Dê-me cavaleiros para a leitura – Davos pediu. – Isso terá mais peso do que qualquer coisa que eu possa dizer.

Stannis pareceu contente com a ideia.

– Sim, posso lhe dar esses homens. Tenho uma centena de

cavaleiros que preferem ler a lutar. Seja direto onde puder, e furtivo onde for necessário. Use todos os truques de contrabandista que conhece, as velas negras, as enseadas escondidas, o que for preciso. Se faltarem cartas, capture alguns septões e faça-os copiar mais. Pretendo usar também seu segundo filho. Ele atravessará o Mar Estreito no *Senhora Marya*, até Bravos e as outras Cidades Livres, para entregar outras cartas aos homens que lá governam. O mundo passará a saber da minha pretensão, e da infâmia de Cersei.

Pode lhes contar, pensou Davos, *mas acreditarão?* Lançou um relance pensativo a Meistre Pylos. O rei reparou no olhar.

– Meistre, talvez devesse começar sua escrita. Necessitaremos de muitas cartas, e em breve.

– Como desejar – Pylos fez uma reverência e se retirou.

O rei esperou até ele sair, para só então dizer:

– O que é que não queria dizer na frente do meu meistre, Davos?

– Meu suserano, Pylos é bastante agradável, mas não consigo olhar para a corrente que ele tem em volta do pescoço sem sentir luto por Meistre Cressen.

– É culpa dele que o velho tenha morrido? – Stannis deu uma olhada para o fogo. – Nunca quis Cressen naquele banquete. Sim, ele tinha me irritado, tinha me dado maus conselhos, mas não o queria morto. Tive esperança de que lhe pudessem ser concedidos alguns anos de tranquilidade e conforto. Merecia pelo menos isso, mas… – rangeu os dentes – morreu. E Pylos serve-me com competência.

– Pylos é o de menos. A carta… Pergunto-me o que seus senhores pensaram dela.

Stannis fungou.

– Celtigar declarou-a admirável. Se lhe mostrasse o conteúdo da minha latrina, iria declará-lo igualmente admirável. Os outros sacudiram as cabeças para cima e para baixo como um bando de gansos, todos, menos Velaryon, que disse que o assunto seria decidido com aço, e não com palavras num pergaminho. Como se eu nunca tivesse suspeitado de tal coisa. Que os Outros levem os meus senhores. Quero ouvir a sua opinião.

– Suas palavras foram diretas e fortes.

– E verdadeiras.

– E verdadeiras. Mas não tem provas. Desse incesto. Não tem mais do que tinha há um ano.

– Há uma espécie de prova em Ponta Tempestade. O bastardo de Robert. O que ele gerou na minha noite de núpcias, exatamente na cama que tinham preparado para mim e para a minha noiva. Delena era uma Florent, e uma donzela quando ele a tomou, por isso Robert reconheceu o bebê. Chamam-no Edric Storm. Dizem que é a imagem e semelhança do meu irmão. Se os homens o vissem e depois voltassem

a olhar para Joffrey e Tommen, não teriam como duvidar, penso eu.

– Mas como os homens poderão vê-lo se ele está em Ponta Tempestade?

Stannis tamborilou na Mesa Pintada com os dedos.

– É uma dificuldade. Uma de muitas – ergueu os olhos. – Tem mais a dizer a respeito da carta. Bem, prossiga com isso. Não o fiz cavaleiro para que aprendesse a proferir cortesias vazias. Para isso tenho meus senhores. Diga o que quer dizer, Davos.

Davos fez uma reverência:

– Há uma frase no fim. Como era? *Feito à Luz do Senhor*…

– Sim – o maxilar do rei estava apertado.

– Seu povo não gostará dessas palavras.

– Assim como você? – Stannis perguntou rispidamente.

– Se, em vez delas, dissesse: *Feito à vista dos deuses e dos homens*, ou *Pela graça dos deuses, antigos e modernos*…

– Tornou-se agora devoto, contrabandista?

– Essa era a pergunta que eu queria fazer ao senhor, meu suserano.

– Ah, era? Parece que não gosta mais do meu novo deus do que do meu novo meistre.

– Não conheço este Senhor da Luz – Davos admitiu –, mas conhecia os deuses que queimamos hoje de manhã. O Ferreiro manteve meus navios a salvo, ao passo que a Mãe me deu sete filhos fortes.

– Sua esposa lhe deu sete filhos fortes. Reza para ela? O que queimamos hoje de manhã foi madeira.

– Pode ser que sim – Davos respondeu –, mas, quando eu era rapaz no Fundo das Pulgas e andava pedindo moedas de cobre, às vezes os septões alimentavam-me.

– Quem o alimenta agora sou *eu*.

– O senhor me deu um lugar de honra à sua mesa. E, em troca, eu lhe dou a verdade. Seu povo não o amará se tirar dele os deuses que sempre adorou, e lhe der um que tem até um nome que soa estranho na língua que falam.

Stannis ficou em pé bruscamente.

– *R'hllor*. Por que será assim tão difícil? Eles não me amarão, você diz? Como posso perder algo que nunca possuí? – deslocou-se até a janela sul e ficou olhando o mar iluminado pela lua. – Deixei de acreditar em deuses no dia em que vi o *Orgulho do Vento* quebrar-se do outro lado da baía. Jurei que quaisquer deuses que fossem monstruosos a ponto de afogar minha mãe e meu pai nunca teriam a *minha* adoração. Em Porto Real, o Alto Septão gostava de tagarelar comigo sobre o modo como toda justiça e bondade emanavam dos Sete, mas tudo o que sempre vi foi que ambas eram feitas pelos

homens.

– Se não acredita em deuses…

– … por que me perturbar com este novo? – Stannis o interrompeu. – Perguntei-me a mesma coisa. Pouco sei sobre deuses, e me preocupo com eles ainda menos, mas a sacerdotisa vermelha tem poder.

Sim, mas que tipo de poder?

– Cressen tinha sabedoria.

– Confiei na sabedoria dele e nas suas artimanhas, e o que foi que me trouxeram, contrabandista? Os senhores da tempestade mandaram-me embora. Fui até eles como pedinte e riram de mim. Pois bem, não haverá mais pedidos, e também não haverá mais risos. O Trono de Ferro é legitimamente meu. Mas como vou obtê-lo? Há quatro reis no reino, e três deles têm mais homens e ouro do que eu. Tenho navios… e tenho *ela*. A mulher vermelha. Metade dos meus cavaleiros tem medo até de dizer seu nome, sabia? Mesmo se não puder fazer mais nada, uma feiticeira que é capaz de inspirar tal terror em adultos não pode ser desprezada. Um homem assustado é um homem vencido. E talvez *possa* fazer mais. Pretendo verificar. Quando era rapaz, encontrei um açor ferido e tratei dele até que recuperasse a saúde. Chamei-o Asaltiva. Costumava se empoleirar no meu ombro, esvoaçar de sala em sala atrás de mim e comer na minha mão, mas não voava alto. Uma vez ou outra levei-o à caça, mas nunca subiu mais alto do que as copas das árvores. Robert chamou-o Asafraca. Ele tinha um falcão-gerifalte chamado Trovão que nunca errava um ataque. Um dia, nosso tio-avô, Sor Harbert, disse-me para experimentar outra ave. Disse que estava fazendo papel de idiota com Asaltiva, e tinha razão.

Stannis Baratheon virou as costas para a janela e para os fantasmas que se deslocavam pelo mar do sul.

– Os Sete nunca me trouxeram nem um pardal. É tempo de experimentar outro falcão, Davos. Um falcão *vermelho*.

Theon

Não havia ancoradouro seguro em Pyke, mas Theon Greyjoy queria ver do mar o castelo do pai, para voltar a observá-lo como o vira pela última vez, dez anos antes, quando a galé de guerra de Robert Baratheon o levara da ilha para se tornar protegido de Eddard Stark. Naquele dia, tinha permanecido junto à amurada, escutando o bater dos remos e o ressoar do tambor do mestre enquanto via Pyke se tornar cada vez menor com a distância. Agora queria vê-lo crescer, erguer-se do mar à sua frente.

Obediente aos seus desejos, o *Myraham* abriu caminho para lá do cabo com as velas batendo, com o capitão amaldiçoando o vento, a sua tripulação e as loucuras dos fidalgos bem-nascidos. Theon puxou o capuz do manto, protegendo-se dos borrifos, e procurou a sua casa.

O litoral era todo feito de rochedos aguçados e falésias carrancudas, e o castelo parecia ser um só com as torres, muralhas e pontes esculpidas da mesma rocha cinza-escuro, umedecido pelas mesmas ondas salgadas, com as mesmas manchas de musgo verde-escuro que se espalhavam parecendo uma grinalda, salpicado pelos excrementos das mesmas aves marinhas. A ponta de terra onde os Greyjoy tinham erguido sua fortaleza projetara-se em outra época como uma espada pelas entranhas do oceano, mas as grandes ondas tinham-na martelado dia e noite até que a terra se quebrou e se estilhaçou, milhares de anos antes. Apenas restaram três ilhas nuas e estéreis e uma dúzia de grandes pilares de rocha que se erguiam da água como as colunas do templo de algum deus marinho, enquanto as ondas iradas espumavam e quebravam ao redor.

Lúgubre, escuro, ameaçador, Pyke erguia-se sobre essas ilhas e pilares, quase como se fizesse parte delas, com a muralha exterior fechando o promontório para defender a base da grande ponte de pedra que se lançava do topo da falésia até a maior das ilhotas, dominada pelo sólido núcleo da Grande Fortaleza. Mais adiante ficavam a Fortaleza da Cozinha e a Fortaleza Sangrenta, cada uma erguida na sua própria ilha rochosa. Torres e edifícios externos agarravam-se aos rochedos que os rodeavam, ligados uns aos outros por arcadas cobertas quando os pilares ficavam perto, ou por longas pontes suspensas de madeira e corda quando eram distantes.

A Torre do Mar erguia-se da ilha mais afastada, na ponta da espada quebrada; a mais antiga parte do castelo, alta e redonda, com o pilar de faces abruptas sobre o qual se erguia, meio corroído, pelo interminável bater das ondas. A base da torre tinha se tornado branca com séculos de acúmulo de sal, os andares superiores verdes com o musgo que rastejava sobre eles como um espesso cobertor, o topo

irregular negro com a fuligem do fogo das vigias noturnas.

Por cima da Torre do Mar esvoaçava o estandarte do pai. O *Myraham* estava distante demais para que Theon visse mais do que o pano, mas sabia qual símbolo ostentava: a lula gigante dourada da Casa Greyjoy, com os tentáculos contorcendo-se e se esticando no fundo negro. A bandeira voava presa a um mastro de ferro, tremendo e retorcendo-se quando era atingida por uma rajada de vento, como uma ave que lutava para levantar voo. O melhor de tudo era que, aqui, o lobo gigante dos Stark não voava mais alto, não lançava sua sombra sobre a lula gigante dos Greyjoy.

Theon nunca tinha visto algo mais entusiástico. No céu atrás do castelo, a bela cauda vermelha do cometa era visível através de nuvens esparsas e rápidas. Ao longo de todo o caminho entre Correrrio e Guardamar, os Mallister tinham discutido seu significado. *É o meu cometa*, disse Theon a si mesmo, enfiando uma mão no manto debruado de peles para tocar a bolsa de oleado acomodada no seu bolso. Lá dentro estava a carta que Robb Stark lhe dera, um papel que valia uma coroa.

– O castelo está como se recorda dele, senhor? – perguntou a filha do capitão enquanto se apertava contra o seu braço.

– Parece menor – Theon confessou. – Embora talvez seja só a distância.

Myraham era um navio mercantil de casco largo, do sul, vindo de Vilavelha com um carregamento de vinho, especiarias e sementes, que pretendia trocar por minério de ferro. O capitão era também um mercador de casco largo do sul, e o mar pedregoso que espumava aos pés do castelo fazia seus lábios rechonchudos tremerem, por isso permanecia bem afastado, mais longe do que Theon teria preferido. Um capitão de ferro com um dracar os teria levado ao longo das falésias e sob a alta ponte que ligava a guarita à Grande Fortaleza, mas aquele rechonchudo vilavelhense não tinha nem o navio, nem a tripulação, nem a coragem de tentar tal coisa. Portanto, passaram a distância segura, e Theon teve de se contentar em ver Pyke de longe. Mesmo assim, o *Myraham* foi obrigado a lutar ferozmente para se manter afastado daqueles rochedos.

– Ali deve ser ventoso – observou a filha do capitão.

Ele riu.

– Ventoso, frio e úmido. Um lugar duro e miserável, para falar a verdade… Mas o senhor meu pai me disse um dia que lugares duros geram homens duros, e homens duros governam o mundo.

A cara do capitão estava verde como o mar quando se aproximou, às reverências, de Theon e perguntou:

– Podemos nos dirigir ao porto agora, senhor?

– Podemos – Theon respondeu, com um tênue sorriso a brincar

nos seus lábios. A promessa de ouro tinha transformado o vilavelhense num lambe-botas sem vergonha. Teria sido uma viagem muito diferente se um dracar das ilhas o aguardasse em Guardamar, como ele tinha esperado. Os capitães de ferro eram orgulhosos e voluntariosos, e não reverenciavam ninguém pelo sangue. As ilhas eram pequenas demais para a reverência, e um dracar era ainda menor. Se qualquer capitão era um rei a bordo do seu navio, como era costume dizer, pouco admirava que chamassem as ilhas de terra dos dez mil reis. E quando se via seus reis cagando por cima da amurada e ficando enjoados durante uma tempestade, era difícil ajoelhar-se e fingir que eram deuses. "O Deus Afogado faz homens", tinha dito, um dia, o velho rei Urron Redhand, há milhares de anos, "mas são os homens que fazem coroas".

Um dracar também teria feito a travessia em metade do tempo. A bem da verdade, o *Myraham* era uma banheira chafurdante, e Theon não gostaria de estar a bordo dele numa tempestade. Apesar de tudo, não podia se sentir muito infeliz. Estava ali, não se afogara, e a viagem tinha oferecido alguns outros divertimentos. Pôs um braço em volta da filha do capitão.

– Chame-me quando chegarmos a Fidalporto – disse ao pai dela. – Estaremos lá embaixo, na minha cabine – e empurrou a garota para a popa, enquanto o pai os via partir num silêncio taciturno.

A cabine, na verdade, era do capitão, mas tinha sido entregue a Theon quando partiram de Guardamar. A filha do capitão não lhe tinha sido entregue, mas viera de vontade própria para sua cama mesmo assim. Uma taça de vinho, alguns murmúrios, e lá estava ela. A garota era um pouco rechonchuda para o seu gosto, com uma pele tão manchada como mingau de aveia, mas seus seios enchiam muito bem suas mãos, e ela era donzela da primeira vez que a teve. Isso era surpreendente, considerando a idade que tinha, mas Theon achou o fato divertido. Não lhe parecia que o capitão aprovasse, e isso também era divertido, observar o homem lutando para engolir o ultraje enquanto desempenhava as suas cortesias para com o grande senhor, sem nunca ter longe do pensamento a rica bolsa de ouro que lhe tinha sido prometida.

Enquanto Theon se livrava do manto molhado, a moça disse:

– Deve estar muito feliz por voltar a ver seu lar, senhor. Quantos anos esteve fora?

– Dez, ou tão perto disso que não faz diferença – ele respondeu. – Era um menino de dez anos quando fui levado para Winterfell como protegido de Eddard Stark.

Um protegido no nome, um refém na realidade. Metade dos seus dias como refém… Mas não mais. Sua vida era de novo sua, e não se via um Stark em nenhum canto. Puxou a filha do capitão para mais

perto e beijou-a na orelha.

– Tire o manto.

Ela abaixou os olhos, subitamente tímida, mas fez o que lhe pedia. Quando a pesada veste, ensopada de maresia, caiu dos seus ombros e se amontoou no convés, ela fez uma pequena reverência e deu um sorriso ansioso. Ficava com um ar bastante estúpido quando sorria, mas ele nunca tinha exigido das mulheres que fossem espertas.

– Vem cá.

Ela foi:

– Nunca vi as Ilhas de Ferro.

– Considere-se sortuda – Theon afagou seu cabelo. Era fino e escuro, embora o vento o tivesse embaraçado. – As ilhas são lugares austeros e pedregosos, de conforto escasso e perspectivas desanimadoras. Aqui a morte nunca está longe, e a vida é má e magra. Os homens passam as noites bebendo cerveja e discutindo sobre qual dos grupos é pior, o dos pescadores que lutam contra o mar ou o dos agricultores, que tentam arrancar uma colheita do solo pobre e raso. Na realidade, os mineiros vivem pior do que ambos, quebrando suas costas no escuro, e para quê? Ferro, chumbo, estanho, são esses os nossos tesouros. Não é de espantar que os homens de ferro de outrora tivessem se voltado para o saque.

A estúpida moça não parecia estar ouvindo.

– Podia ir para a terra firme com você – ela disse. – Faria isso, se lhe agradasse…

– Podia ir para terra firme – concordou Theon, apertando seu seio –, mas receio que não comigo.

– Trabalharia no seu castelo, senhor. Sei limpar peixe, cozer pão e bater manteiga. O pai diz que meu guisado de caranguejo com pimenta é o melhor que já provou. Poderia encontrar um lugar para mim nas suas cozinhas, e eu poderia preparar guisado de caranguejo com pimenta para o senhor.

– E aquecer minha cama à noite? – estendeu a mão para as fitas do seu corpete e começou a desatá-las, com dedos hábeis e experientes. – Antigamente, poderia tê-la levado para casa como saque e tê-la mantido como esposa, quer você quisesse quer não. Os homens de ferro de outrora faziam coisas assim. Um homem tinha sua esposa da rocha, a verdadeira consorte, nascida de ferro como ele, mas também possuía suas esposas de sal, mulheres capturadas em saques.

Os olhos da moça abriram-se muito, e não era porque ele tinha desnudado seus seios.

– Eu seria sua esposa de sal, senhor.

– Temo que esses dias tenham passado – o dedo de Theon moveu-se ao redor de uma mama pesada, numa espiral que se dirigia para o gordo mamilo marrom. – Já não podemos montar o vento com fogo e

espada, roubando o que quisermos. Agora arranhamos o solo e atiramos linhas ao mar como os outros homens e consideramo-nos sortudos se tivermos bacalhau salgado e mingau suficientes para nos sustentar durante um inverno.

Tomou o mamilo na boca e mordeu-o, até ela arfar.

– Pode pôr em mim de novo, se desejar – sussurrou a garota ao seu ouvido, enquanto ele chupava seu seio.

Quando afastou a cabeça do seio dela, a pele estava vermelho-escura onde a boca a marcara.

– Desejo ensinar uma coisa nova a você. Dispa-me, e me dê prazer com a boca.

– Com a boca?

O polegar dele roçou levemente nos lábios carnudos da moça.

– Foi para isso que estes lábios foram feitos, doçura. Se fosse minha esposa de sal, faria o que eu ordenasse.

Ela, a princípio, se mostrou tímida, mas aprendia depressa para uma garota tão estúpida, o que o agradava. Tinha a boca tão úmida e doce como a boceta, e assim não tinha de ouvir sua tagarelice tediosa. *Antigamente, teria realmente ficado com ela como esposa de sal*, pensou consigo mesmo, enquanto enfiava os dedos no seu cabelo embaraçado. *Antigamente. Quando ainda mantínhamos o Costume Antigo, vivíamos pelo machado e não pela picareta, roubando o que quiséssemos, fossem riquezas, mulheres ou glória*. Naqueles dias, os homens de ferro não trabalhavam nas minas; isso era tarefa para os cativos trazidos das incursões, assim como o lamentável trabalho na agricultura e na criação de cabras e ovelhas. A guerra era o ofício próprio para um homem de ferro. O Deus Afogado fizera-os para saquear e violar, para esculpir reinos e escrever seus nomes em fogo, sangue e canções.

Aegon, o Dragão, destruira o Costume Antigo quando queimou o Harren Negro, devolveu o reino de Harren aos fracos homens do rio e reduziu as Ilhas de Ferro a um grotão insignificante de um reino muito maior. Mas as velhas histórias vermelhas ainda eram contadas em torno de fogueiras feitas com madeira levada à costa e lareiras fumacentas por todas as ilhas, até no interior dos altos salões de pedra de Pyke. O pai de Theon tinha entre seus títulos o de Senhor Ceifeiro, e as palavras Greyjoy gabavam-se de que *Nós Não Semeamos*.

Fora mais para trazer de volta o Costume Antigo do que pela vaidade vazia de uma coroa que Lorde Balon desencadeara sua grande rebelião. Robert Baratheon escreveu um fim sangrento para essa esperança, com a ajuda do seu amigo Eddard Stark, mas ambos estavam agora mortos. Meros rapazes governavam nos seus lugares, e o reino que Aegon, o Conquistador, tinha forjado encontrava-se esmagado e dividido. *É esta a estação*, pensou Theon, enquanto os lábios da filha do capitão deslizavam para cima e para baixo, por todo

o seu comprimento, *a estação, o ano, o dia, e eu sou o homem*. Deu um sorriso torto, perguntando-se o que o pai falaria quando Theon lhe dissesse que ele, o caçula, o bebê e o refém, *ele* tinha obtido sucesso onde o próprio Lorde Balon falhara.

O clímax veio súbito como uma tempestade, e encheu a boca da moça com o seu sêmen. Surpreendida, ela tentou se afastar, mas Theon a segurou bem pelo cabelo. Depois, ela aninhou-se ao seu lado.

– Satisfiz o senhor?

– Bastante bem.

– Tinha um gosto salgado – ela murmurou.

– Como o mar?

A moça confirmou com a cabeça.

– Sempre adorei o mar, senhor.

– Como eu – ele disse, girando indolentemente o mamilo dela entre os dedos. Era verdade. O mar significava liberdade para os homens das Ilhas de Ferro. Theon havia se esquecido disso, até o *Myraham* desfraldar as velas em Guardamar. Os sons tinham trazido de volta velhos sentimentos; o ranger da madeira e das cordas, as ordens gritadas pelo capitão, o bater das velas quando o vento as enchia; tudo era tão familiar como o bater do seu próprio coração, e tão reconfortante quanto. *Tenho de me lembrar disto*, jurou Theon a si mesmo. *Nunca mais deverei me afastar do mar*.

– Leve-me junto, senhor – suplicou a filha do capitão. – Não preciso ir para o seu castelo. Posso ficar em alguma vila e ser a sua esposa de sal – ela estendeu a mão para acariciar seu rosto.

Theon Greyjoy afastou a mão para o lado e desceu do beliche.

– Meu lugar é em Pyke, e o seu, neste navio.

– Agora não posso ficar aqui.

Ele amarrou os calções.

– E por que não?

– O meu pai. Depois que for embora, ele vai me castigar, senhor. Vai me chamar de nomes feios e me bater.

Theon tirou o manto do cabide e o colocou sobre os ombros.

– Os pais são assim – ele admitiu, enquanto prendia as dobras com uma fivela de prata. – Diga que ele devia ficar contente. Fodi você tantas vezes que é provável que já esteja esperando. Não é qualquer um que tem a honra de criar um bastardo real.

Ela o olhou estupidamente, e ele, simplesmente a deixou ali.

O *Myraham* rodeava um cabo arborizado. Sob as escarpas cobertas de pinheiros, uma dúzia de barcos de pesca puxava suas redes. O grande navio mercante permaneceu bem afastado deles enquanto manobrava. Theon foi até a proa para ver melhor. Viu primeiro o castelo, o castro dos Botley, uma Casa menor juramentada a seu pai. Quando criança, o castelo era feito de madeira e vime, mas

Robert Baratheon tinha arrasado essa estrutura por completo. Lorde Sawane reconstruíra-a em pedra, e agora a colina era coroada por uma pequena fortaleza quadrada. Bandeiras verde-claras pendiam das atarracadas torres dos cantos, cada uma decorada com um cardume de peixes prateados.

Sob a proteção incerta do pequeno castelo repleto de peixes ficava a aldeia de Fidalporto, com o porto apinhado de navios. Da última vez que vira Fidalporto, era um deserto fumegante, com esqueletos de galés queimadas e galés esmagadas jazendo na costa pedregosa, como os ossos de leviatãs mortos, e as casas transformadas em nada mais que paredes quebradas e cinzas frias. Dez anos depois, poucos sinais da guerra restavam. O povo tinha construído novas choupanas com as pedras dos antigos e cortara novos colmos para os telhados. Uma nova estalagem tinha sido erguida junto ao desembarcadouro, o dobro do tamanho da antiga, com um andar inferior de pedra cortada e dois superiores de madeira. Mas o septo que ficava atrás nunca foi reconstruído; só restava uma fundação com sete lados para indicar o lugar onde antes existira. A fúria de Robert Baratheon, ao que parecia, tinha azedado o gosto dos homens de ferro pelos novos deuses.

Theon estava mais interessado em navios do que em deuses. Por entre os mastros de incontáveis barcos de pesca, vislumbrou uma galé mercantil de Tyrosh, que descarregava junto de um pesado navio pesqueiro ibbenês com o casco coberto de piche negro. Um grande número de dracares, pelo menos cinquenta ou sessenta, encontravam-se ao largo ou encalhados na costa pedregosa ao norte. Algumas das velas ostentavam símbolos das outras ilhas; a lua de sangue de Wynch, o corno de guerra negro enfaixado de Lorde Goodbrother, a foice prateada de Harlaw. Theon tentou vislumbrar o *Silêncio*, do tio Euron. Desse esguio e terrível navio vermelho não viu sinal, mas a *Grande Lula Gigante* do pai estava lá, pairando sobre embarcações menores, com a proa ornamentada por um esporão cinza de ferro esculpido na forma do monstro marinho que dava nome ao navio.

Teria Lorde Balon se antecipado e convocado os vassalos Greyjoy quando recebeu de Correrrio a mensagem de Robb? Sua mão voltou a introduzir-se no manto para tocar a bolsa de oleado. Ninguém conhecia aquela sua carta além de Robb Stark; não eram tolos, e só um tolo confiaria seus segredos a uma ave. Em todo caso, Lorde Balon também não era nenhum tolo. Podia perfeitamente ter adivinhado o motivo por que o filho regressava finalmente à casa, e agido de acordo.

A ideia não lhe agradou. A guerra do pai tinha há muito terminado, e estava perdida. Aquela era a hora de Theon; seu plano, sua glória e, a seu tempo, sua coroa. *Mas se os dracares estão reunidos…*

Agora que pensava nisso, podia ser apenas uma precaução. Uma medida defensiva, caso a guerra se derramasse pelo mar. Os velhos eram cautelosos por natureza. Seu pai era agora velho, assim como o tio Victarion, que comandava a Frota de Ferro. Seu tio Euron tocava outra música, certamente, mas o *Silêncio* parecia não estar no porto. *Ainda bem*, disse Theon a si mesmo. *Assim, poderei atacar ainda mais depressa*.

Enquanto o *Myraham* abria caminho em direção à terra firme, Theon passeou, agitado, pelo convés, examinando a costa. Não esperava encontrar o próprio Lorde Balon à espera no cais, mas seu pai teria certamente enviado alguém ao seu encontro. O Velho Sylas Boca Azeda, o intendente, ou talvez Lorde Botley, ou até mesmo Dagmer Boca Rachada. Seria bom ver a cara horrenda de Dagmer novamente. Eles sabiam que estava chegando. Robb tinha mandado uma mensagem antes de Theon partir de Correrrio, e quando não encontraram nenhum dracar à espera em Guardamar, Lorde Jason Mallister enviara as suas próprias aves para Pyke, supondo que as de Robb tivessem se perdido.

Mas Theon não viu rostos familiares no porto, nenhuma guarda de honra de cavaleiros para escoltá-lo de Fidalporto até Pyke, só plebeus que tratavam dos seus assuntos banais. Carregadores desembarcavam cascos de vinho do navio mercante de Tyrosh, pescadores anunciavam aos gritos a mercadoria do dia, crianças corriam e brincavam. Um sacerdote com a toga marinha do Deus Afogado levava um par de cavalos ao longo da costa pedregosa, e por cima da sua cabeça uma prostituta debruçava-se de uma janela na estalagem, chamando marinheiros ibbeneses de passagem.

Um punhado de mercadores de Fidalporto havia se reunido para receber o navio. Gritaram perguntas enquanto o *Myraham* era amarrado.

– Viemos de Vilavelha – gritou-lhes o capitão em resposta –, trazendo maçãs e laranjas, vinhos da Árvore, penas das Ilhas do Verão. Tenho pimenta, couro trançado, um rolo de renda de Myr, espelhos para as senhoras, um par de harpas de madeira de Vilavelha com um som doce como nunca ouviram – a prancha de embarque desceu com um rangido e um estrondo. – E trouxe-lhes de volta o seu herdeiro.

Os homens de Fidalporto olharam Theon com olhos vazios e bovinos, e ele percebeu que não sabiam quem era. Aquilo o deixou irritado. Enfiou um dragão de ouro na palma da mão do capitão e lhe disse:

– Mande seus homens trazerem as minhas coisas – e, sem esperar resposta, desceu a prancha a passos largos. – Estalajadeiro – ele esbravejou –, quero um cavalo.

– Como quiser, senhor – respondeu o homem, sem sequer fazer

uma reverência. Theon tinha se esquecido de como os homens de ferro podiam ser descarados. – Tenho um que deve servir. Para onde vai, senhor?

– Pyke – o imbecil *ainda* não o reconhecia. Devia ter vestido o gibão bom, com a lula gigante bordada no peito, e então não teria deixado margem a dúvidas.

– Desejará partir em breve, para chegar a Pyke antes de escurecer – disse o estalajadeiro. – Meu rapaz irá junto para lhe mostrar o caminho.

– Seu rapaz não será necessário – gritou uma voz profunda –, nem seu cavalo. Eu levo meu sobrinho à casa do pai.

Quem falava era o sacerdote que Theon tinha visto levando os cavalos ao longo da costa. Quando o homem se aproximou, os plebeus fizeram reverência, e Theon ouviu o estalajadeiro murmurar:

– Cabelo Molhado...

Alto e magro, com ferozes olhos negros e um nariz em forma de bico, o sacerdote usava vestimentas em verde, cinza e azul, o torvelinho de cores do Deus Afogado. Um odre de água pendia do seu ombro, de uma correia de couro, e cordões de algas secas estavam trançados no seu cabelo negro, que chegava à cintura, e na barba por fazer.

Theon franziu a testa enquanto vasculhava a memória. Numa das suas sucintas cartas, Lorde Balon havia escrito algo sobre seu irmão mais novo ter naufragado numa tempestade e se tornado um homem santo quando foi encontrado vivo na costa.

– Tio Aeron? – a voz de Theon soou incerta.

– Sobrinho Theon – respondeu o sacerdote. – O senhor seu pai pediu-me para vir buscá-lo. Venha.

– Um momento, tio – Theon se virou para o *Myraham*. – As minhas coisas – ordenou ao capitão.

Um marinheiro entregou-lhe o grande arco de teixo e a aljava, mas foi a filha do capitão quem lhe trouxe o pacote com a roupa boa.

– Senhor.

Os olhos da menina estavam vermelhos. Quando pegou o pacote, ela fez um gesto para abraçá-lo, ali mesmo, na frente do pai, do tio sacerdote de Theon e de metade da ilha.

Theon virou-se habilmente de lado.

– Os meus agradecimentos.

– Por favor – ela pediu. – Eu o amo, senhor.

– Tenho de ir – Theon apressou-se em seguir o tio, que já avançara bastante ao longo do cais, alcançando-o com uma dúzia de longas passadas. – Não esperava encontrá-lo, tio. Depois de dez anos, pensei que talvez o senhor meu pai ou a senhora minha mãe pudessem vir em pessoa, ou mandassem Dagmer com uma guarda de honra.

– Não cabe a você questionar as ordens do Senhor Ceifeiro de Pyke – os modos do sacerdote eram gélidos, bem diferentes dos do homem que Theon recordava. Aeron Greyjoy fora o mais amigável dos seus tios, fútil e de riso rápido, dado a canções, cerveja e mulheres. – E quanto a Dagmer, o Boca Rachada, partiu para a Velha Wyk a mando do seu pai, a fim de chamar os Stonehouse e os Drumm.

– Com que objetivo? Por que os dracares estão reunidos?

– Por que se reúnem os dracares desde sempre? – o tio tinha deixado os cavalos atados em frente à estalagem. Quando lá chegaram, virou-se para Theon: – Diga-me a verdade, sobrinho. Agora reza aos deuses dos lobos?

Theon raramente rezava, e ponto. Mas isso não era algo que se pudesse confessar a um sacerdote, mesmo ao irmão do pai.

– Ned Stark rezava a uma árvore. Não, não me importo nada com os deuses dos Stark.

– Ótimo. Ajoelhe-se.

O chão era todo de pedra e lama.

– Tio, eu…

– *Ajoelha*. Ou será agora orgulhoso demais um fidalgo das terras verdes que veio para junto de nós?

Theon ajoelhou-se. Tinha ali um propósito e podia necessitar da ajuda de Aeron para alcançá-lo. Supunha que uma coroa valia um pouco de lama e bosta de cavalo nos calções.

– Abaixe a cabeça.

Erguendo o odre, o tio tirou a rolha e apontou um fino jorro de água do mar para a cabeça de Theon. O fluxo da água ensopou seu cabelo e correu pela sua testa até os olhos. Escorreu pelo rosto, e um suave fluxo de água deslizou sob o manto e o gibão, e pelas costas abaixo, um riacho frio ao longo da espinha. O sal fez seus olhos arderem, até que só com grande dificuldade evitou gritar. Sentiu nos lábios o sabor do oceano.

– Que Theon, seu servo, renasça do mar, como o senhor renasceu – entoou Aeron Greyjoy. – Abençoe-o com o sal, abençoe-o com a pedra, abençoe-o com o aço. Sobrinho, ainda conhece as palavras?

– O que está morto não pode morrer – Theon respondeu, lembrando-se.

– O que está morto não pode morrer – ecoou o tio –, mas volta a se erguer, mais duro e mais forte. Erga-se.

Theon ergueu-se, piscando, reprimindo lágrimas causadas pelo sal que tinha nos olhos. Sem uma palavra, o tio arrolhou o odre, desatou o cavalo e montou. Theon fez o mesmo. Arrancaram juntos, deixando a estalagem e o porto para trás, passando pelo castelo de Lorde Botley e entrando nas colinas pedregosas. O sacerdote não disse nem mais uma palavra.

– Passei metade da vida longe de casa – arriscou Theon por fim. – Vou encontrar as ilhas mudadas?

– Os homens pescam no mar, escavam na terra e morrem. As mulheres dão à luz crianças em sangue e dor, e morrem. A noite segue o dia. Os ventos e as marés permanecem. As ilhas são como nosso deus as fez.

Deuses... Agora ele se tornou sombrio, pensou Theon.

– Encontrarei minha irmã e a senhora minha mãe em Pyke?

– Não. Sua mãe mora em Harlaw com a irmã dela. É menos úmido por lá, e a tosse a atormenta. Sua irmã levou *Vento Negro* para Grande Wyk com mensagens do senhor seu pai. Voltará em breve, pode ter certeza disso.

Theon não precisava que lhe dissessem que *Vento Negro* era o dracar de Asha. Não via a irmã há dez anos, mas, pelo menos isso, sabia dela. Era estranho que tivesse dado esse nome ao navio, quando Robb Stark tinha um lobo chamado Vento Cinzento.

– Stark é cinza, e Greyjoy é negro – ele murmurou, sorrindo –, mas parece que ambos somos ventosos.

O sacerdote nada tinha a responder àquilo.

– E você, tio? – perguntou Theon. – Não era nenhum sacerdote quando fui levado de Pyke. Lembro-me de como cantava as velhas canções de saque em pé sobre a mesa com um corno de cerveja na mão.

– Era jovem e frívolo – Aeron Greyjoy respondeu. – Mas o mar lavou minhas loucuras e frivolidades. Aquele homem se afogou, sobrinho. Seus pulmões encheram-se de água do mar, e os peixes comeram as escamas que cobriam seus olhos. Quando me reergui, via com clareza.

É tão louco como amargo, pensou Theon, entristecido. Gostava do que recordava do antigo Aeron Greyjoy.

– Tio, por que meu pai convocou as espadas e as velas?

– Sem dúvida ele lhe dirá, em Pyke.

– Gostaria de saber dos seus planos agora – disse Theon.

– De mim não saberá. Foi-nos ordenado que não falássemos disso com nenhum homem.

– Nem *comigo*?

A ira de Theon se fez notar. Comandara homens na guerra, caçara com um rei, conquistara a honra em lutas corpo a corpo de torneios, cavalgara com Brynden Peixe Negro e o Grande-Jon Umber, lutara no Bosque dos Murmúrios, dormira com mais garotas do que conseguia recordar, e mesmo assim o tio tratava-o como se ainda fosse uma criança de dez anos.

– Se meu pai faz planos para a guerra, devo conhecê-los. Não sou "*um homem*", mas o herdeiro de Pyke e das Ilhas de Ferro.

– Quanto a isso, veremos – o tio respondeu.

As palavras foram uma bofetada no seu rosto.

–V*eremos*? – Theon repetiu, em tom desdenhoso. – Ambos os meus irmãos estão mortos. Sou o único filho sobrevivente do senhor meu pai.

– Sua irmã está viva – Aeron nem sequer ofereceu a Theon a cortesia de um relance.

Asha, Theon pensou, confuso. Era três anos mais velha do que ele, mas, mesmo assim…

– Uma mulher só pode herdar se não houver nenhum herdeiro varão em linha direta – ele insistiu em voz alta. – Não aceitarei que me privem dos meus direitos, aviso.

O tio soltou um grunhido.

– *Avisa* um servo do Deus Afogado, rapaz? Você se esqueceu mais do que pensa. E é um grande idiota se acredita que o senhor seu pai algum dia entregará estas ilhas sagradas a um Stark. E agora cale-se. A viagem já é suficientemente longa mesmo sem a sua tagarelice de pombo.

Theon controlou a língua, embora não sem esforço. *Então é assim*, pensou. Quase riu. Como se dez anos em Winterfell pudessem gerar um Stark. Lorde Eddard podia tê-lo criado entre os filhos, mas Theon nunca se sentira um deles. Todo o castelo, desde a Senhora Stark ao mais baixo dos ajudantes de cozinha, sabia que ele estava ali como refém do bom comportamento do pai e tratava-o de acordo. Até o bastardo Jon Snow recebia mais honras do que ele.

Lorde Eddard tentara fazer o papel de pai algumas poucas vezes, mas, para Theon, sempre foi o homem que havia trazido sangue e fogo a Pyke e o tirado de casa. Quando garoto, tinha vivido sob o medo do rosto severo e da grande espada escura do Stark. E a senhora sua esposa era, se possível, ainda mais distante e suspeita.

Quanto aos filhos, os mais novos não tinham sido mais do que bebês chorões ao longo da maior parte da sua estada em Winterfell. Só Robb e o meio-irmão ilegítimo Jon Snow tinham idade suficiente para merecer a sua atenção. O bastardo era um rapaz carrancudo, rápido em detectar uma desfeita, invejoso do nascimento elevado de Theon e da amizade que Robb nutria por ele. Por Robb Theon tinha uma certa afeição, como a que se sente por um irmão mais novo… mas seria melhor não mencioná-la. Em Pyke, ao que parecia, as velhas guerras ainda estavam sendo travadas. Isso não devia surpreendê-lo. As Ilhas de Ferro viviam no passado; o presente era duro e amargo demais para ser suportável. Além disso, o pai e os tios eram velhos, e os velhos senhores eram assim; levavam suas contendas poeirentas para a sepultura, sem esquecer nada, e perdoando menos ainda.

Tinha sido assim com os Mallister, seus companheiros na viagem

de Correrrio para Guardamar. Patrek Mallister era, não raro, um companheiro; dividiam o gosto por prostitutas, vinho e caça com falcões. Mas, quando o velho Lorde Jason viu seu herdeiro se tornando cada vez mais feliz com a companhia de Theon, puxou Patrek a um canto para lembrá-lo de que Guardamar havia sido construído para defender a costa dos saqueadores das Ilhas de Ferro, os Greyjoy de Pyke principalmente. Sua Torre Retumbante tinha esse nome por causa do imenso sino de bronze, que há muito tempo tocava para avisar o povo da vila e os agricultores no castelo quando os dracares eram avistados no horizonte a oeste.

– Não ligue, pois o sino só foi tocado uma única vez em trezentos anos – Patrek contou a Theon no dia seguinte, quando compartilhou os avisos de seu pai e um jarro de sidra.

– Quando meu irmão assaltou Guardamar – Theon respondeu. Lorde Jason matara Rodrik Greyjoy sob as muralhas do castelo e expulsara os homens de ferro de volta para a baía. – Se seu pai acha que tenho alguma inimizade em relação a ele só por causa disso, é só porque nunca conheceu Rodrik.

Eles riram muito daquilo enquanto corriam até uma afetuosa esposa de um moleiro que Patrek conhecia. *Gostaria que Patrek estivesse comigo agora*. Mallister ou não, era uma companhia de cavalgada mais amigável que este velho sacerdote azedo em que o tio Aeron se transformara.

O caminho que seguiam retorcia-se cada vez mais para cima, por montes nus e pedregosos. Logo estavam fora da vista do mar, embora o odor do sal ainda pairasse, vivo, no ar úmido. Mantinham um ritmo pesado e constante, passando pelo cercado de um pastor e pelas instalações abandonadas de uma mina. Este novo e santo Aeron Greyjoy não era muito de falar. Por isso avançavam numa melancolia de silêncio. Finalmente, Theon não conseguiu suportá-la mais.

– Robb Stark é agora senhor de Winterfell – ele finalmente disse.

Aeron prosseguiu seu caminho.

– Os lobos são muito iguais uns aos outros.

– Robb quebrou a lealdade ao Trono de Ferro e se fez coroar Rei do Norte. Há guerra.

– Os corvos do meistre voam tão bem sobre o sal como sobre a rocha. Essa notícia é velha e fria.

– Significa um novo dia, tio – Theon falou em tom de promessa.

– Todas as manhãs trazem um novo dia, muito igual ao velho.

– Em Correrrio, diriam outra coisa – Theon respondeu. – Ouvi dizer que o cometa vermelho é um arauto de uma nova era. Um mensageiro dos deuses, dizem.

– É um sinal – concordou o sacerdote –, mas do nosso deus, não dos deles. É uma tocha ardente, como as que a nossa gente

transportava nos tempos antigos. É a chama do Deus Afogado trazida do mar e proclama uma maré cheia. É tempo de içar as velas e avançar para o mundo com fogo e espada, como ele fez.

Theon sorriu.

– Concordo em gênero e número.

– Um homem concorda com deus como uma gota de chuva com a tempestade.

Esta gota de chuva será rei um dia, velho. Theon suportara mais do que conseguia a melancolia do tio. Então, enfiou as esporas no cavalo e trotou em frente, sorrindo.

O sol estava prestes a se pôr quando chegaram às muralhas de Pyke, um crescente de pedra escura que corria de falésia a falésia, com a guarita ao centro e três torres quadradas de cada lado. Theon ainda conseguia distinguir as cicatrizes deixadas pelas pedras das catapultas de Robert Baratheon. Uma nova torre sul tinha sido erguida das ruínas da antiga, feita de pedras com um tom de cinza mais claro e ainda limpa de manchas de liquens. Fora ali que Robert abrira sua brecha, subindo depois sobre o entulho e os cadáveres com o martelo de guerra na mão, e Ned Stark a seu lado. Theon observara, da segurança da Torre do Mar, e por vezes ainda via os archotes em sonhos e ouvia o estrondo abafado do colapso.

Os portões estavam abertos para ele entrar, com a porta levadiça de ferro enferrujado erguida. Os guardas no topo das ameias observaram, sem o reconhecer, quando Theon Greyjoy voltou finalmente para casa.

Para lá da muralha exterior estendia-se meia centena de acres de promontório, empurrado contra o céu e o mar. Os estábulos ficavam ali, bem como os canis e alguns outros edifícios espalhados. Ovelhas e porcos amontoavam-se nos seus currais, enquanto os cães do castelo corriam em liberdade. Ao sul ficavam as falésias e a larga ponte de pedra que levava à Grande Fortaleza. Theon conseguia ouvir o bater das ondas quando saltou da sela. Um cavalariço veio levar o cavalo. Um par de crianças esqueléticas e alguns servos ficaram olhando-o sem expressão, mas não viu sinal do senhor seu pai nem de mais ninguém que reconhecesse da sua infância. *Um retorno ao lar gelado e amargo*, pensou.

O sacerdote não desmontou.

– Não vai ficar esta noite para partilhar da nossa comida e bebida, tio?

– Disseram-me traga-o. E eu o trouxe. Agora volto aos assuntos do nosso deus – Aeron Greyjoy virou o cavalo e saiu lentamente do castelo sob os espigões enlameados da porta levadiça.

Uma velha corcunda enfiada num vestido cinza sem forma aproximou-se dele com cautela:

– Senhor, mandaram-me levá-lo aos seus aposentos.

– A pedido de quem?

– Do senhor seu pai, senhor.

Theon puxou as luvas.

– Então você *sabe* quem eu sou. Por que meu pai não está aqui para me receber?

– Espera-o na Torre do Mar, senhor. Quando estiver descansado da viagem.

E eu achava Ned Stark frio.

– E você, quem é?

– Helya, que mantém o castelo para o senhor seu pai.

– Sylas era o intendente daqui. Chamavam-no de Boca Azeda – mesmo agora, Theon recordava o fedor de vinho do hálito do velho.

– Está morto há cinco anos, senhor.

– E Meistre Qalen, onde está?

– Dorme no mar. Wendamyr cuida agora dos corvos, mas foi para o sul, para Vilavelha, tratar de uns assuntos quaisquer de meistre.

É como se eu fosse um estranho aqui, Theon pensou. *Nada mudou, mas tudo mudou.*

– Leve-me aos meus aposentos, mulher – ele ordenou.

Com uma reverência rígida, ela o levou através do promontório em direção à ponte. Isso, pelo menos, era como ele recordava; as antigas pedras escorregadias com os borrifos de água do mar e manchadas por liquens, o mar espumando sob seus pés como um grande animal selvagem, o vento salgado agarrando-se à sua roupa.

Quando pensava no regresso à sua casa, sempre se imaginava voltando ao quarto confortável da Torre do Mar onde dormia quando criança. Mas, em vez disso, a velha o levou para a Fortaleza Sangrenta. Os salões eram maiores e mais bem mobilados, ainda que não fossem menos frios e úmidos. Foi-lhe dada uma suíte de salas gélidas com tetos tão altos que se perdiam na escuridão. Poderia ter ficado mais impressionado, caso não soubesse que aqueles eram exatamente os aposentos que tinham dado nome à Fortaleza Sangrenta. Mil anos antes, os filhos do Rei do Rio tinham sido ali massacrados, cortados em pedaços nas suas camas para que as partes dos seus corpos fossem enviadas de volta ao pai, no continente.

Mas Theon era um Greyjoy, e os Greyjoy não eram assassinados em Pyke, exceto muito de vez em quando pelos irmãos, e seus irmãos estavam ambos mortos. Não era o medo de fantasmas que o fazia olhar em volta com desagrado. Os reposteiros estavam verdes de bolor, o colchão cheirava a mofo e fazia uma cova e as esteiras eram velhas e quebradiças. Tinham-se passado anos desde que aqueles aposentos tinham sido abertos pela última vez. A umidade atacava os ossos.

– Quero uma bacia de água quente e um fogo nesta lareira – disse à velha. – Mande que acendam braseiros nas outras salas para expulsar um pouco deste frio. E, que os deuses sejam bondosos, mande alguém aqui imediatamente para trocar estas esteiras.

– Sim, senhor. Às suas ordens – ela respondeu e fugiu.

Algum tempo depois, trouxeram a água quente que pedira. Estava apenas tépida, em breve esfriaria, e ainda por cima era água do mar, mas serviu para lavar a poeira da longa cavalgada da sua cara, cabelo e mãos. Enquanto dois servos corriam ao redor acendendo braseiros, Theon despiu as roupas manchadas pela viagem e vestiu-se para o encontro com o pai. Escolheu botas de couro negro flexível, calções suaves de lã de carneiro, cinza-prateados, um gibão de veludo negro com a lula gigante dourada dos Greyjoy bordada no peito. Em volta da garganta prendeu um fino fio de ouro, e em torno da cintura, um cinto de couro branco. Pendurou uma adaga de um lado da cintura e uma espada longa do outro, em bainhas com riscas negras e douradas. Puxando o punhal, testou seu fio com o polegar, pegou uma pedra de amolar da bolsa de cinto e deslizou-a algumas vezes pela lâmina. Orgulhava-se por manter as armas afiadas.

– Quando voltar, espero encontrar uma sala quente e esteiras limpas – avisou aos servos, enquanto calçava um par de luvas pretas, cuja seda era decorada com delicados arabescos em fio de ouro.

Theon retornou à Grande Fortaleza por uma passarela de pedra coberta, ouvindo os ecos dos seus passos misturados ao incessante rumor do mar lá embaixo. Para chegar à Torre do Mar, erguida no topo do seu pilar torto, tinha de atravessar outras três pontes, cada uma mais estreita do que a anterior. A última era feita de madeira e cordas, e o vento úmido e salgado a fazia oscilar sob seus pés como se estivesse viva. Quando chegou na metade, Theon tinha o coração na boca. Muito abaixo, as ondas atiravam grandes plumas de borrifos quando se quebravam de encontro às rochas. Ainda garoto, costumava *correr* por aquela ponte, mesmo quando noite cerrada. *As crianças acham que nada pode machucá-las*, segredavam-lhe suas dúvidas. *Os homens sabem que não é assim.*

A porta era feita de madeira cinza com rebites de ferro, e Theon encontrou-a trancada por dentro. Bateu com um punho e praguejou quando uma lasca rasgou a fina seda da sua luva. A madeira estava úmida e bolorenta, e os rebites, enferrujados.

Passado um momento, a porta foi aberta de dentro por um guarda com uma placa de peito e um capacete redondo de ferro negro.

– É o filho?

– Saia da frente, ou ficará sabendo quem sou para seu desgosto.

O homem abriu-lhe caminho. Theon subiu os degraus em espiral até o aposento privado de seu pai. Encontrou-o sentado ao lado de um

braseiro, sob um roupão de velhas peles de foca que o cobria dos pés até o queixo. Ao ouvir o som das botas na pedra, o Senhor das Ilhas de Ferro ergueu os olhos para contemplar seu último filho homem sobrevivente. Era mais baixo do que Theon recordava. E tão descarnado. Balon Greyjoy sempre fora magro, mas agora parecia que os deuses o tinham depositado num caldeirão, fervendo cada grama de carne não imprescindível e arrancando-a dos ossos, até que nada restasse, a não ser cabelo e pele. Era magro e duro como um osso, com um rosto que podia ter sido esculpido em sílex. Seus olhos eram também de sílex, negros e penetrantes, mas os anos e os ventos salgados tinham deixado seu cabelo cinza como um mar de inverno, salpicado de espuma branca, e, quando solto, caía abaixo da cintura.

– Nove anos, é isso? – disse por fim Lorde Balon.

– Dez – Theon respondeu, descalçando as luvas rasgadas.

– Levaram um garoto – o pai falou. – O que você é agora?

– Um homem. Do seu sangue, e seu herdeiro.

Lorde Balon soltou um grunhido.

– Veremos.

– Verás – Theon prometeu.

– Dez anos, diz você. Stark teve você durante tanto tempo quanto eu. E agora chega como seu enviado.

– Dele, não – Theon o corrigiu. – Lorde Eddard está morto, decapitado pela rainha Lannister.

– Estão ambos mortos – Lorde Balon recordou. – O Stark e aquele Robert que quebrou minhas muralhas com as suas pedras. Um dia jurei que viveria para ver ambos sepultados, e vivi – fez uma careta. – E, no entanto, o frio e a umidade ainda fazem minhas articulações doerem, como quando eram vivos. Portanto, de que serve?

– Serve – Theon aproximou-se. – Trago uma carta…

– Foi Ned Stark quem o vestiu assim? – seu pai o interrompeu, olhando-o de soslaio de dentro do roupão. – Era desejo dele enfiá-lo em veludos e sedas e fazer de você sua querida filha?

Theon sentiu o sangue subir ao seu rosto.

– Não sou filha de ninguém. Se não gosta do meu traje, vou trocá-lo.

– Trocará – concordou Lorde Balon. Libertando-se do roupão de peles, ficou de pé. Não era tão alto como Theon recordava. – Essa porcaria em volta do seu pescoço… Comprou-a com ouro ou com ferro?

Theon tocou o fio de ouro, sem encontrar palavras. Tinha esquecido. *Foi há tanto tempo*… Pelo Costume Antigo, só as mulheres se decoravam com ornamentos comprados com moeda. Um guerreiro usava apenas as joias que tirasse dos cadáveres de inimigos mortos pelas suas mãos. Chamava-se isso de *pagar o preço de ferro*.

– Fica vermelho como uma donzela, Theon – seu pai ralhou. – Foi feita uma pergunta. Foi o preço de ouro que pagou ou o de ferro?

– O de ouro – Theon admitiu.

O pai enfiou os dedos sob o colar e deu um puxão tão forte, que poderia ter arrancado a cabeça de Theon se a corrente não tivesse se quebrado primeiro.

– Minha filha tomou um machado como amante. Não permitirei que meu filho se enfeite como uma prostituta – deixou o fio partido cair no braseiro, onde desapareceu por entre os carvões. – É como eu temia. As terras verdes tornaram-no mole, e os Stark transformaram-no em um deles.

– Engana-se – Theon reagiu. – Ned Stark era meu carcereiro, mas meu sangue ainda é de sal e ferro.

Lorde Balon virou-se e aqueceu as mãos ossudas sobre o braseiro.

– E, no entanto, o filhote Stark manda você até mim como um corvo bem treinado, agarrado à sua pequena mensagem.

– Não há nada de pequeno na carta que trago. E a oferta que faz foi a que *eu* lhe sugeri.

– Então, este rei lobo presta atenção aos seus conselhos? – a ideia parecia divertir Lorde Balon.

– Sim, ele presta atenção em mim. Cacei e treinei com ele, partilhei comida e bebida com ele, guerreei ao seu lado. Conquistei a sua confiança. Olha para mim como a um irmão mais velho, ele…

– *Não* – seu pai brandiu um dedo em frente dos seus olhos. – Não aqui, não em Pyke, não onde eu puder ouvir, não vai chamá-lo de *irmão*, este filho do homem que passou seus verdadeiros irmãos na espada. Ou terá se esquecido de Rodrik e de Maron, que eram do seu sangue?

– Não me esqueci de nada.

Ned Stark, na verdade, não havia matado nenhum dos seus filhos. Rodrik fora morto por Lorde Jason Mallister em Guardamar, e Maron morrera esmagado no colapso da antiga torre sul… Mas Stark *teria* acabado com eles com a mesma facilidade, caso a maré da batalha tivesse calhado de juntá-los.

– Lembro-me muito bem dos meus irmãos – Theon continuou. Lembrava-se principalmente das bofetadas que Rodrik lhe dava quando se embebedava e das brincadeiras cruéis e mentiras sem fim de Maron. – Também me lembro de quando meu pai era um rei – tirou a carta que Robb tinha lhe dado e a apresentou. – Aqui está. Leia-a… Vossa Graça.

Lorde Balon quebrou o selo e desdobrou o pergaminho. Seus olhos negros saltitaram de um lado para outro.

– Então o rapaz quer me dar uma coroa de volta. E tudo o que tenho de fazer é destruir os seus inimigos – seus lábios finos

retorceram-se num sorriso.

– A esta altura, Robb deve estar montando cerco ao Dente Dourado – Theon disse. – Quando o Dente cair, atravessará os montes em um dia. Lorde Tywin e sua tropa estão em Harrenhal, separados do oeste. O Regicida é mantido cativo em Correrrio. Só resta Sor Stafford Lannister e os recrutas inexperientes, que tem andado reunindo para enfrentar Robb no oeste. Sor Stafford não terá alternativa a não ser colocar-se entre o exército de Robb e Lanisporto… O que significa que a cidade estará indefesa quando cairmos sobre ela vindos do mar. Se os deuses estiverem conosco, até o próprio Rochedo Casterly poderá cair antes que os Lannister consigam sequer perceber que estamos em cima deles.

Lorde Balon soltou um grunhido.

– Rochedo Casterly nunca caiu.

– Até agora – Theon sorriu. *E como isso seria bom*.

Seu pai não devolveu o sorriso.

– Então é para isso que Robb Stark manda você de volta para mim depois de tanto tempo? Para que ganhe meu consentimento para este seu plano?

– O plano é meu, não de Robb – Theon falou orgulhosamente. *Meu, tal como a vitória será minha, e, a seu tempo, a coroa*. – Eu mesmo vou dirigir o ataque, se lhe agradar. Como recompensa, gostaria de pedir que me conceda domínio sobre Rochedo Casterly, depois de tomarmos o castelo dos Lannister – com o Rochedo, poderia dominar Lanisporto e as terras verdes do oeste, bem como os montes ricos em ouro que as rodeavam. Significaria riqueza e poder tais como a Casa Greyjoy nunca conhecera.

– Você se recompensa bem, por uma ideia e umas poucas linhas de garranchos – seu pai voltou a ler a carta. – O lobinho não diz nada sobre uma recompensa. Diz só que fala em seu nome, que devo escutá-lo e lhe dar minhas velas e espadas, e que, em troca, me dará uma coroa – seus olhos de sílex levantaram-se até encontrar os do filho. – Que me *dará* uma coroa – ele repetiu, com a voz tornando-se ríspida.

– Uma escolha ruim de palavras. O que quer dizer é…

– O que se quer dizer é o que se diz. O rapaz quer me *dar* uma coroa. E o que é dado pode ser tirado.

Lorde Balon atirou a carta no braseiro, juntando-a ao colar. O pergaminho encurvou-se, enegreceu e queimou-se. Theon ficou horrorizado.

– Enlouqueceu?

Seu pai lhe deu um forte tapa na cara com as costas da mão.

– Cuidado com a língua. Agora não está em Winterfell, e eu não sou Robb, o Rapaz, para que possa falar assim comigo. Sou Greyjoy, Senhor Ceifeiro de Pyke, Rei do Sal e Rocha, Filho do Vento Marinho

e ninguém me dá uma coroa. Eu pago o preço de ferro. *Tomarei* a minha coroa, como Urron Redhand fez há cinco mil anos.

Theon recuou, afastando-se da fúria súbita no tom da voz de seu pai:

– Tome-a, então – cuspiu, sua face ainda formigando. – Proclame-se Rei das Ilhas de Ferro, ninguém vai se importar... Até que a guerra acabe, e o vencedor procure e encontre o velho tolo empoleirado em sua costa com uma coroa de ferro na cabeça.

Lorde Balon riu.

– Bem, pelo menos você não é um covarde. Não mais do que eu sou um tolo. Você acha que juntei meus navios para vê-los ancorar? Pretendo burilar um reino com fogo e espada... Mas não do oeste, e não a pedido do Rei Robb, o Rapaz. Rochedo Casterly é forte demais, e Lorde Tywin, muito astuto. Ah, podemos tomar Lannisporto, mas jamais o manteríamos. Não. Desejo uma ameixa diferente... Não tão suculenta nem doce, para ser sincero, mas que está lá no pé, madura e indefesa

Onde? Theon podia ter perguntado, mas então já sabia.

Daenerys

Os dothrakis chamaram o cometa de *shierak qiya*, a Estrela que Sangra. Os velhos resmungavam que era um prenúncio do mal, mas Daenerys Targaryen vira-o pela primeira vez na noite em que cremara Khal Drogo, quando então seus dragões despertaram. *É o arauto da minha chegada*, dizia a si mesma enquanto fixava os olhos no céu da noite com o coração maravilhado. *Os deuses enviaram-no para me indicar o caminho*.

Mas, quando expressou o pensamento em palavras, sua aia Doreah tremeu:

– Naquela direção ficam as terras vermelhas, *Khaleesi*. Um lugar sombrio e terrível, dizem os cavaleiros.

– A direção que o cometa aponta é a que temos de seguir – Dany insistiu, embora, na verdade, fosse a única aberta para ela.

Não se atrevia a virar para o norte, para o vasto oceano de mato que chamavam de mar dothraki. O primeiro *khalasar* que encontrassem engoliria seu esfarrapado bando, matando os guerreiros e escravizando os outros. As terras dos Homens-Ovelha ao sul do rio estavam igualmente proibidas. Eram poucos demais para se defenderem até desse povo pacífico, e os lhazarenos tinham poucos motivos para gostar deles. Poderia ter descido o rio na direção dos portos de Meereen, Yunkai e Astapor, mas Rakharo a prevenira de que o *khalasar* de Pono havia partido nessa direção, levando à sua frente milhares de cativos para vender nos mercados de gente que infestavam a costa da Baía dos Escravos.

– Por que devo temer Pono? – Dany quis saber. – Ele era *ko* de Drogo, e sempre falou comigo com gentileza.

– Ko Pono falou com você com gentileza – Sor Jorah Mormont respondeu. – Khal Pono matará você. Ele foi o primeiro a abandonar Drogo. Foram com ele dez mil guerreiros. Você tem cem.

Não, Dany pensou. *Tenho quatro. O resto são mulheres, velhos doentes e garotos cujo cabelo nunca foi trançado.*

– Tenho os dragões.

– Crias – corrigiu-a Sor Jorah. – Um golpe de *arakh* daria cabo deles, embora seja mais provável que Pono os capture para si. Seus ovos de dragão eram mais preciosos do que rubis. Um dragão vivo não tem preço. No mundo inteiro há apenas três. Todos os homens que os virem vão desejá-los, minha rainha.

– São meus – ela disse ferozmente. Tinham nascido da sua fé e da sua necessidade, tinham recebido a vida das mortes do marido, do filho natimorto e da *maegi* Mirri Maz Duur. Dany tinha penetrado nas chamas no momento em que nasciam, e eles tinham bebido leite dos seus seios inchados. – Ninguém vai tirá-los de mim enquanto eu viver.

– Não viverá por muito tempo caso se encontre com Khal Pono. Nem com Khal Jhaqo, ou qualquer um dos outros. Tem de ir para onde eles não forem.

Dany nomeara-o o primeiro da sua Guarda Real… E quando os conselhos duros de Mormont e os presságios coincidiam, seu caminho ficava claro. Reuniu seu povo e montou a égua prateada. Seu cabelo tinha ardido na pira de Drogo, por isso as aias envolveram-na na pele do *hrakkar* que Drogo havia matado, o leão branco do mar dothraki. A medonha cabeça do animal formava um capuz para cobrir seu couro cabeludo nu, e a pele era um manto que escorria pelos seus ombros e costas. O dragão de cor creme enfiou suas negras garras afiadas na juba do leão e enrolou a cauda no braço de Dany, enquanto Sor Jorah ocupava a seu lado o lugar de costume.

– Seguimos o cometa – Dany falou ao *khalasar*. Depois da frase pronunciada, não se levantou uma única palavra de discórdia. Eles tinham sido o povo de Drogo, mas agora eram dela. Chamavam-na de *A Não Queimada* e de *Mãe dos Dragões*. Sua palavra era a lei deles.

Avançavam durante a noite, e de dia refugiavam-se do sol sob as tendas. Em breve, Dany viu a verdade das palavras de Doreah. Aquela não era uma região receptiva. Deixaram atrás de si um rastro de cavalos mortos e moribundos, pois Pono, Jhaqo e os outros tinham levado o que havia de melhor nas manadas de Drogo, deixando para Dany os animais velhos e esqueléticos, os doentes e os coxos, os animais inutilizados e os de mau temperamento. Era o mesmo com as pessoas. *Não são fortes*, Dany disse a si mesma, *portanto, eu devo ser a sua força. Não posso mostrar medo, nem fraqueza, nem dúvida. Por mais*

assustado que esteja meu coração, quando olharem meu rosto, devem ver apenas a rainha de Drogo. Sentia-se mais velha do que os seus catorze anos. Se alguma vez tinha sido realmente uma menina, esse tempo já passara.

Três dias depois de iniciarem a marcha, o primeiro homem morreu. Um velho desdentado, com olhos azuis enevoados, caiu exausto da sela e não conseguiu se levantar. Uma hora mais tarde, partiu. Moscas de sangue enxamearam em volta do seu cadáver e transportaram sua má sorte para os vivos.

– Já tinha passado seu tempo – a aia Irri declarou. – Nenhum homem deve viver mais do que os seus dentes.

Os outros concordaram. Dany ordenou-lhes que matassem o mais fraco dos cavalos moribundos, para que o morto pudesse partir montado para as terras da noite.

Duas noites mais tarde, foi uma menina pequena quem pereceu. Os lamentos angustiados da mãe duraram o dia inteiro, mas não havia o que fazer. A pobre criança era pequena demais para montar a cavalo. O mato negro sem fim das terras da noite não era para ela; teria de voltar a nascer.

Havia pouco alimento no deserto vermelho e ainda menos água. Era uma terra ressequida e desolada de montes baixos e planícies estéreis varridas pelo vento. Os rios que cruzaram estavam secos como ossos de cadáveres. As montarias subsistiam da dura erva-do-diabo marrom que crescia em moitas na base dos rochedos e de árvores mortas. Dany enviou batedores à frente da coluna, mas não encontraram poços nem nascentes, apenas charcos amargos, rasos e parados, minguando ao sol quente. Quanto mais profundamente penetravam no deserto, menores se tornavam os charcos, enquanto a distância entre eles crescia. Se havia deuses nessa vastidão sem trilhas feita de pedra, areia e barro vermelho, eram duros e secos, surdos às preces que pediam chuva.

O vinho foi o primeiro a acabar, e pouco depois terminava o leite coalhado de égua que os senhores dos cavalos apreciavam mais do que hidromel. Então esgotaram-se também as reservas de pão frito e carne-seca. Os caçadores não encontravam caça, e só a carne dos cavalos mortos enchia suas barrigas. As mortes sucediam-se. Crianças fracas, velhas encarquilhadas, doentes, estúpidos e imprudentes, a terra cruel reclamava-os todos. Doreah tornou-se magra e de olhos encovados, e seu delicado cabelo dourado ficou quebradiço como palha.

Dany passava fome e sede como os outros. O leite secou nos seus seios, seus mamilos racharam e sangraram, e a carne foi desaparecendo do seu corpo dia após dia, até ficar magra e dura como um pau, mas era pelos dragões que temia. O pai tinha sido morto antes de ela nascer, e seu magnífico irmão Rhaegar também. A mãe

morrera trazendo-a ao mundo, enquanto lá fora a tempestade rugia. O gentil Sor Willem Darry, que a seu modo devia tê-la amado, fora levado por uma doença debilitante quando era muito nova. O irmão Viserys, Khal Drogo, que era o sol-e-estrelas de Daenerys, até o filho natimorto, os deuses tinham reclamado todos eles. *Não terão os meus dragões*, Dany jurou. *Não os terão*.

Os dragões não eram maiores do que os gatos magros que via antigamente esgueirando-se junto aos muros da propriedade do Magíster Illyrio em Pentos… Até abrirem as asas. A envergadura era três vezes maior que o comprimento do corpo, e cada asa era um delicado leque de pele translúcida, maravilhosamente colorida, bem retesada entre longos ossos finos. Quando se olhava com atenção, via-se que a maior parte do corpo dos animais era pescoço, cauda e asas. Coisas tão pequenas, ela pensou, enquanto os alimentava na mão. Ou melhor, tentava alimentá-los, pois os dragões não queriam comer. Silvavam e cuspiam todos os pedaços de carne de cavalo, exalando vapor pelas narinas, mas não aceitavam a comida… Até que Dany se recordou de algo que Viserys lhe tinha dito quando eram crianças.

Só os dragões e os homens comem carne cozida.

Quando mandou as aias torrarem a carne de cavalo até deixá-la preta, os dragões devoraram-na avidamente, projetando as cabeças como serpentes. Desde que a carne estivesse crestada, engoliam várias vezes seu próprio peso todos os dias, e por fim começaram a crescer e a se fortalecer. Dany maravilhava-se com a maciez das suas escamas, e com o *calor* que emanavam, tão palpável que, em noites frias, os corpos inteiros pareciam gerar vapor.

Sempre que caía a noite, quando o *khalasar* se punha em movimento, escolhia um dragão para seguir empoleirado no seu ombro. Irri e Jhiqui levavam os outros numa gaiola de madeira trançada, pendurada entre as suas montarias, e seguiam logo atrás dela, para que Dany sempre pudesse ser vista. Era a única maneira de mantê-los tranquilos.

– Os dragões de Aegon foram batizados em homenagem aos deuses da antiga Valíria – Dany contou aos companheiros de sangue uma manhã, depois de uma longa noite de viagem. – O dragão de Visenya era Vhagar, Rhaenys tinha Meraxes e Aegon montava Balerion, o Terror Negro. Dizia-se que o sopro de Vhagar era tão quente, que era capaz de derreter a armadura de um cavaleiro e cozinhar o homem lá dentro; que Meraxes engolia cavalos inteiros; e quanto a Balerion… Seu fogo era negro como suas escamas, as asas tão vastas que vilas inteiras eram engolidas pela sua sombra quando passava por cima delas.

Os dothrakis olhavam incomodados para as crias. O maior dos três era de um negro luzidio, com as escamas rasgadas por faixas de

um escarlate vivo que combinava com as asas e os chifres.

– *Khaleesi* – Aggo murmurou –, ali está Balerion redivivo.

– Pode ser como diz, sangue do meu sangue – Dany respondeu gravemente –, mas terá um novo nome para esta nova vida. Quero batizá-los evocando aqueles que os deuses levaram. O verde será Rhaegal, em homenagem ao meu valente irmão, que morreu nas margens verdes do Tridente. Ao creme e dourado chamo Viserion. Viserys era cruel, fraco e assustado, mas, ainda assim, era meu irmão. Seu dragão fará o que ele não pôde fazer.

– E o animal negro? – Sor Jorah Mormont quis saber.

– O negro é Drogon.

Mas, enquanto os dragões prosperavam, o *khalasar* definhava e morria. Em volta deles, a terra se tornava ainda mais desolada. Até a erva-do-diabo escasseava; os cavalos caíam mortos no caminho, sobrando tão poucos, que alguns dos seus tinham de se arrastar a pé. Doreah pegou uma febre e foi piorando a cada légua que venciam. Em seus lábios e mãos estouraram pústulas de sangue, seu cabelo caiu em chumaços e num entardecer faltaram-lhe forças para montar o cavalo. Jhogo disse que tinham de abandoná-la, ou atá-la à sela, mas Dany se lembrou de uma noite no mar dothraki, quando a moça lisena lhe ensinara segredos para que Drogo a amasse mais. Deu a Doreah água do seu próprio odre, refrescou sua testa com um pano úmido e segurou sua mão até que a moça morreu, tremendo. E só então permitiu que o *khalasar* prosseguisse viagem.

Não viram sinal de outros viajantes. Os dothrakis começavam a murmurar, temerosos, que o cometa os levava para algum inferno. Uma manhã, Dany foi falar com Sor Jorah Mormont, enquanto montavam acampamento no meio de um amontoado de rochas pretas polidas pelo vento:

– Estamos perdidos? Será que este deserto não tem fim?

– Tem um fim – ele respondeu com a voz cansada. – Eu vi os mapas que os mercadores desenham, minha rainha. Poucas caravanas vêm nesta direção, isso é certo, mas há grandes reinos para leste, e cidades cheias de maravilhas. Yi Ti, Qarth, Asshai da Sombra…

– Sobreviveremos o suficiente para vê-las?

– Não vou mentir. O caminho é mais duro do que me atrevi a imaginar.

O rosto do cavaleiro estava cinzento e exausto. A ferida que tinha sofrido no quadril, na noite em que lutara com os companheiros de sangue de Khal Drogo, nunca chegou a sarar por completo. Dany via as caretas que Mormont fazia quando montava, e parecia andar encurvado na sela enquanto avançavam.

– Talvez estejamos condenados se prosseguirmos… Mas sei, com toda certeza, que estaremos condenados se voltarmos.

Dany deu um leve beijo no rosto de Mormont. Sentiu-se animada ao vê-lo sorrir. *Também tenho de ser forte por ele*, pensou amargamente. *Pode ser um cavaleiro, mas eu sou do sangue do dragão.*

O charco seguinte que encontraram estava fervendo e fedia a enxofre, mas seus odres já estavam quase vazios. Os dothrakis arrefeceram a água em vasilhas e cântaros e beberam-na tépida. O sabor não ficou melhor, mas água era água, e todos tinham sede. Dany olhou o horizonte com desespero. O número do seu grupo tinha se reduzido a um terço, e o deserto ainda se estendia à sua frente, ermo, vermelho, e sem fim. *O cometa zomba das minhas esperanças*, ela pensou, erguendo os olhos para onde o astro riscava o céu. *Será que atravessei metade do mundo e vi o nascimento de dragões apenas para morrer com eles neste deserto duro e quente?* Não podia acreditar.

No dia seguinte, a alvorada surgiu quando atravessavam uma planície de dura terra vermelha, cheia de rachaduras e fissuras. Dany preparava-se para ordenar ao *khalasar* que montassem o acampamento quando os batedores voltaram a galope.

– Uma cidade, *Khaleesi* – gritaram. – Uma cidade pálida como a lua e adorável como uma donzela. A uma hora de cavalgada, não mais.

– Mostrem-me – ela pediu.

Quando a cidade surgiu à sua frente, com as muralhas e torres tremeluzindo, brancas, por trás de um véu de calor, parecia tão bela que Dany estava certa de se tratar de uma miragem.

– Sabe que lugar pode ser este? – perguntou a Sor Jorah.

O cavaleiro exilado sacudiu fatigadamente a cabeça.

– Não, minha rainha. Nunca viajei até tão longe para leste.

As distantes muralhas brancas prometiam descanso e segurança, uma chance de cura e fortalecimento, e não havia nada que Dany desejasse mais do que correr para elas. Mas, em vez disso, virou-se para os seus companheiros de sangue:

– Sangue do meu sangue, vão à nossa frente e investiguem o nome desta cidade e que tipo de recepção devemos esperar.

– *Sim, Khaleesi* – Aggo respondeu.

Os companheiros não levaram muito tempo para voltar. Rakharo saltou do cavalo. Do seu cinto de medalhões pendia o grande *arakh* curvo, que Dany lhe tinha oferecido quando o nomeou companheiro de sangue.

– Esta cidade está morta, *Khaleesi*. Encontramo-la sem nome e sem deus, com os portões quebrados, e não mais do que vento e moscas se movendo pelas ruas.

Jhiqui estremeceu.

– Quando os deuses vão embora, os espíritos do mal banqueteiam-se à noite. É melhor evitar esses lugares. É sabido.

– É sabido – Irri concordou.

– Não por mim – Dany esporeou o cavalo e indicou-lhes o caminho, trotando sob o arco estilhaçado de um antigo portão e avançando ao longo de uma rua silenciosa. Sor Jorah e os companheiros de sangue seguiram-na, e depois, mais lentamente, o resto dos dothrakis.

Não podia saber há quanto tempo a cidade estava deserta, mas as muralhas brancas, tão belas quando vistas de longe, estavam rachadas e arruinadas quando vistas de perto. Lá dentro havia um labirinto de ruelas retorcidas. Os edifícios apertavam-se uns contra os outros, com fachadas caiadas nuas, sem janelas. Tudo era branco, como se o povo que aí vivera não conhecesse cores. Passaram por pilhas de entulho lavados pelo sol onde casas tinham ruído e em outros pontos viram as desbotadas cicatrizes do fogo. Num lugar onde seis vielas se juntavam, Dany passou por um pedestal vazio de mármore. Ao que parecia, os dothrakis já tinham visitado aquele local. Talvez a estátua que ali faltava estivesse entre os outros deuses roubados em Vaes Dothrak. Podia ter passado por ela cem vezes, sem saber. Sobre seu ombro, Viserion silvou.

Acamparam em frente aos restos de um palácio devastado, numa praça varrida pelo vento, onde a erva-do-diabo crescia entre as pedras do pavimento. Dany enviou homens para explorar as ruínas. Alguns foram com relutância, mas foram… Um velho cheio de cicatrizes voltou pouco tempo depois, saltando e sorrindo, com as mãos repletas de figos. Eram umas coisinhas pequenas e mirradas, mas o povo de Dany atirou-se avidamente sobre eles, puxando-se e empurrando-se, enfiando a fruta na boca e mastigando em êxtase.

Outros exploradores regressaram com histórias sobre outras árvores frutíferas, escondidas atrás de portas fechadas em jardins secretos. Aggo mostrou-lhe um pátio repleto de videiras retorcidas e minúsculas uvas verdes, e Jhogo descobriu um poço onde a água era pura e gelada. Mas também encontraram ossos, os crânios dos mortos por enterrar, embranquecidos e quebrados.

– Fantasmas – murmurou Irri. – Terríveis fantasmas. Não podemos ficar aqui, *Khaleesi*, este lugar é deles.

– Não temo fantasmas. Os dragões são mais poderosos do que fantasmas – *e os figos são mais importantes.* – Vá com Jhiqui e encontre para mim um pouco de areia limpa para um banho, e não me incomode mais com conversas bestas.

Na frescura da sua tenda, Dany esturricou carne de cavalo sobre um braseiro e refletiu sobre suas alternativas. Ali havia comida e água para sustentá-los, e grama suficiente para os cavalos recuperarem as forças. Como seria agradável acordar todos os dias no mesmo lugar, passear por jardins sombreados, comer figos e beber água fresca, tanta

quanta quisesse.

Quando Irri e Jhiqui retornaram com vasilhas cheias de areia branca, Dany despiu-se e deixou que esfregassem sua sujeira.

– Seu cabelo está voltando, *Khaleesi* – Jhiqui lhe disse enquanto sacudia areia das suas costas. Dany passou a mão pela cabeça, tateando os novos cabelos. Os homens dothrakis usavam o cabelo preso em longas tranças oleadas e só o cortavam quando eram derrotados. *Talvez deva fazer o mesmo*, ela pensou. *Para lembrá-los de que a força de Drogo vive agora em mim*. Khal Drogo tinha morrido com o cabelo sem cortar, algo de que poucos homens podiam se vangloriar.

Do outro lado da tenda, Rhaegal abriu suas asas verdes, bateu-as e flutuou num voo curto até voltar a cair no tapete. Quando aterrissou, a cauda chicoteou em fúria, e ele levantou a cabeça e gritou. *Se eu tivesse asas, também iria querer voar*, Dany pensou. Os Targaryen de outrora tinham montado no lombo de dragões quando partiam para a guerra. Tentou imaginar como seria pôr as pernas em torno do pescoço de um dragão e voar alto no céu. *Seria como estar no topo de uma montanha, mas melhor. O mundo inteiro ia se espalhar por baixo. Se voasse alto o suficiente, poderia até ver os Sete Reinos, erguer a mão e tocar o cometa*.

Irri interrompeu sua divagação para lhe dizer que Sor Jorah Mormont estava lá fora, à espera das suas ordens.

– Mande-o entrar – Dany ordenou, sentindo um formigamento na pele esfregada com areia. Envolveu-se na pele de leão. O *hrakkar* tinha sido muito maior do que Dany, então a pele cobria tudo o que precisava ser coberto.

– Trouxe-lhe um pêssego – disse Sor Jorah, ajoelhando-se. Era tão pequeno que Dany quase podia escondê-lo na palma da mão, e também estava maduro demais, mas, quando deu a primeira dentada, o miolo era tão doce que quase chorou. Comeu-o lentamente, saboreando cada pedaço, enquanto Sor Jorah lhe falava da árvore de onde o arrancara, num jardim perto da muralha ocidental.

– Fruta, água e sombra – Dany disse, com o rosto melado de sumo de pêssego. – Os deuses foram bons por nos trazer para este lugar.

– Devemos descansar aqui até ficarmos mais fortes – sugeriu o cavaleiro. – As terras vermelhas não são gentis para com os fracos.

– Minhas aias dizem que aqui há fantasmas.

– Há fantasmas por todo o lado – Sor Jorah respondeu em voz baixa. – Iremos levá-los conosco para onde quer que formos.

Sim, Dany pensou. *Viserys, Khal Drogo, meu filho Rhaego, estão sempre comigo.*

– Diga-me o nome do seu fantasma, Jorah. Conhece todos os meus.

O rosto dele ficou muito quieto.

– O nome dela era Lynesse.

– Sua esposa?

– Minha segunda esposa.

Dói-lhe falar dela, Dany percebeu, mas queria conhecer a verdade.

– Isso é tudo o que quer dizer dela? – a pele de leão deslizou por um ombro e ela a puxou de volta para seu lugar. – Era bonita?

– Muito bonita – Sor Jorah ergueu os olhos do seu ombro para o rosto. – Da primeira vez que a contemplei, pensei que fosse uma deusa descida à terra, a própria Donzela transformada em carne. Seu nascimento era muito acima do meu. Era a filha mais nova de Lorde Leyton Hightower, de Vilavelha. O Touro Branco, que comandava a Guarda Real do senhor seu pai, era tio-avô dela. Os Hightower são uma família antiga, muito rica e muito orgulhosa.

– E leal – Dany completou. – Eu me lembro. Viserys dizia que os Hightower estiveram entre aqueles que permaneceram fiéis ao meu pai.

– É verdade – o cavaleiro admitiu.

– Foram seus pais que arranjaram o casamento?

– Não. Nosso casamento… Essa é uma história longa e aborrecida, Vossa Graça. Não quero incomodá-la com isso.

– Não tenho de ir a nenhum lugar. Por favor – Dany insistiu.

– Às ordens da minha rainha – Sor Jorah franziu a sobrancelha. – Meu lar… precisa compreender isso para entender o resto. A Ilha dos Ursos é bela, mas remota. Imagine velhos carvalhos retorcidos e pinheiros altos, espinheiros em flor, pedras cinzentas recobertas de musgo, pequenos riachos correndo, gelados, por vertentes íngremes. O salão dos Mormont é feito de enormes toras, rodeado por uma paliçada de terra. Fora alguns arrendatários, minha gente vive ao longo da costa e pesca no mar. A ilha fica muito ao norte, e nossos invernos são mais terríveis do que você possa imaginar, *Khaleesi*. Apesar disso, a ilha servia-me bem, e nunca me faltaram mulheres. Tive a minha cota de mulheres de pescadores e de filhas de arrendatários, antes e depois de casado. Casei-me novo, com uma noiva escolhida por meu pai, uma Glover de Bosque Profundo. Ficamos casados durante dez anos, ou tão perto disso que não faz diferença. Ela era uma mulher de rosto comum, mas não desagradável. Creio que acabei amando-a depois de um tempo, embora nossas relações fossem mais respeitosas do que apaixonadas. Abortou três vezes ao tentar me dar um herdeiro. Da última vez não chegou a se recuperar. Morreu não muito tempo depois.

Dany pousou sua mão na dele e a apertou.

– Lamento por você, de verdade.

Sor Jorah fez um aceno com a cabeça.

– A essa altura, meu pai tinha vestido o negro, então eu era o

legítimo Senhor da Ilha dos Ursos. Não me faltaram ofertas de casamento, mas, antes de chegar a me decidir, Lorde Balon Greyjoy rebelou-se contra o Usurpador, e Ned Stark convocou seus vassalos para ajudar o amigo Robert. A batalha final ocorreu em Pyke. Quando as catapultas de Robert abriram uma brecha na muralha do Rei Balon, um sacerdote de Myr foi o primeiro homem a entrar, mas eu não estava muito atrás. E por isso fui armado cavaleiro. Para celebrar sua vitória, Robert ordenou que se realizasse um torneio fora das muralhas de Lanisporto. Foi aí que vi Lynesse, uma donzela com metade da minha idade. Ela tinha vindo de Vilavelha com o pai, a fim de ver as justas dos irmãos. Eu não conseguia tirar os olhos dela. Num ataque de loucura, supliquei seu distintivo para usar no torneio, sem sonhar que atenderia ao meu pedido, mas ela atendeu. Luto tão bem como qualquer outro, *Khaleesi*, mas nunca fui um cavaleiro de torneios. No entanto, com o distintivo de Lynesse atado em volta do braço, fui um homem diferente. Ganhei justa atrás de justa. Lorde Jason Mallister caiu perante mim, assim como Bronze Yohn Royce. Sor Ryman Frey, o irmão, Sor Hosteen, Lorde Whent, o Javali Forte, até Sor Boros Blount, da Guarda Real. Derrubei todos do cavalo. No último desafio, quebrei nove lanças contra Jaime Lannister sem resultado, e o Rei Robert deu-me os louros de vencedor. Coroei Lynesse Rainha do Amor e da Beleza, e nessa mesma noite fui falar com seu pai e pedi a sua mão. Estava bêbado, tanto de glória como de vinho. Pelo direito, devia ter obtido uma recusa desdenhosa, mas Lorde Leyton aceitou minha proposta. Casamo-nos lá, em Lanisporto, e durante uma quinzena fui o homem mais feliz do mundo inteiro.

– Só uma quinzena? – Dany perguntou. *Até a mim foi dada mais felicidade do que isso, com Drogo, meu sol-e-estrelas*.

– Uma quinzena foi o tempo que levamos para velejar de Lanisporto à Ilha dos Ursos. Meu lar foi uma grande decepção para Lynesse. Era frio demais, úmido demais, longe demais, com um castelo que nada mais era do que um salão de madeira. Não tínhamos bailes de máscaras, nem de pantominas, nem bailes, nem feiras. Estações inteiras podiam passar sem que um cantor viesse tocar para nós, e não há na ilha um ourives. Até as refeições foram julgadas. Meu cozinheiro pouco sabia além dos seus assados e guisados, e Lynesse perdeu rapidamente o gosto por peixe e carne de veado. Eu vivia para os seus sorrisos, por isso mandei buscar um novo cozinheiro em Vilavelha, e trouxe um harpista de Lanisporto. Ourives, joalheiros, modistas, tudo o que ela queria eu encontrei, mas nunca era suficiente. A Ilha dos Ursos é rica em ursos e árvores, mas pobre em tudo o mais. Construí um belo navio para ela, e viajamos a Lanisporto e Vilavelha para festivais e feiras, e uma vez até fomos a Braavos, onde recebi um grande empréstimo dos agiotas. Tinha sido como campeão de torneio

que conquistara sua mão e seu coração, então, por ela participei de outros torneios, mas a magia tinha desaparecido. Não voltei a me destacar, e cada derrota significava a perda de mais um cavalo e de outra armadura para justas, que tinham de ser resgatados ou substituídos. Não podia arcar com os custos. Por fim, insisti que voltássemos para casa, mas aí as coisas ficaram ainda piores do que antes. Já não podia pagar ao cozinheiro e ao harpista, e Lynesse ficou furiosa quando falei em empenhar suas joias. O resto… Fiz coisas que me envergonho de contar. Por ouro. Para que Lynesse pudesse conservar suas joias, seu harpista e seu cozinheiro. No fim, custou-me tudo. Quando ouvi dizer que Eddard Stark se dirigia à Ilha dos Ursos, estava tão desprovido de honra que, em vez de ficar e enfrentar seu julgamento, trouxe-a comigo para o exílio. Nada importava a não ser o nosso amor, disse eu a mim mesmo. Fugimos para Lys, onde vendi o navio em troca de ouro para nos manter.

A voz do cavaleiro estava pesada de desgosto, e Dany sentiu-se relutante em pressioná-lo a continuar, mas tinha de saber como tudo acabou.

– Ela morreu lá? – perguntou-lhe, gentilmente.

– Só para mim – ele respondeu. – Em meio ano, meu ouro tinha acabado e fui obrigado a prestar serviços como mercenário. Enquanto lutava com bravosianos em Roine, Lynesse mudou-se para a mansão de um príncipe mercador chamado Tregar Ormollen. Dizem que agora é a sua concubina principal, e até a esposa dele a teme.

Dany estava horrorizada.

– Você a odeia?

– Quase tanto quanto a amo. Peço que me desculpe, minha rainha. Parece-me que estou muito cansado.

Dany lhe deu licença para ir, mas quando ele levantou a aba da tenda, não conseguiu evitar chamá-lo para uma última pergunta.

– Como era a aparência da sua Senhora Lynesse?

Sor Jorah deu um sorriso triste.

– Ora, parecia um pouco a senhora, Daenerys – ele fez uma profunda reverência. – Durma bem, minha rainha.

Dany estremeceu e apertou bem a pele de leão à sua volta. *Ela se parecia comigo*. Isso explicava muito do que ainda não tinha entendido bem. *Ele me deseja*, compreendeu. *Ama-me como a amou, não como um cavaleiro ama sua rainha, mas como um homem ama uma mulher*. Tentou imaginar-se nos braços de Sor Jorah, beijando-o, dando-lhe prazer, deixando-o penetrá-la. Mas era em vão. Quando fechava os olhos, o rosto dele se transformava sempre no de Drogo.

Khal Drogo tinha sido seu sol-e-estrelas, seu primeiro homem, e talvez devesse ser o último. *Maegi* Mirri Maz Duur jurara que nunca daria à luz uma criança viva. Que homem iria querer uma mulher

estéril? E que homem poderia aspirar a rivalizar com Drogo, que morreu com o cabelo por cortar e agora cavalgava pelas terras da noite, com as estrelas como *khalasar*?

Ouvira saudade na voz de Sor Jorah enquanto falava da Ilha dos Ursos. *Ele nunca poderá me ter, mas um dia posso lhe devolver o lar e a honra. Isso posso fazer por ele.*

Nenhum fantasma perturbou seu sono naquela noite. Sonhou com Drogo e com a primeira cavalgada que tinham feito juntos na noite em que se casaram. No sonho não eram cavalos que montavam, mas dragões.

Na manhã seguinte, convocou seus três companheiros de sangue.

– Sangue do meu sangue, preciso de vocês. Cada um deverá escolher três cavalos, os mais resistentes e saudáveis que nos restarem. Carreguem tanta água e alimentos quanto as montarias aguentarem e partam por mim. Aggo irá para sudoeste, Rakharo para sul. Jhogo, você deverá seguir o *shierak qiya* para sudeste.

– O que devemos procurar, *Khaleesi*? – perguntou Jhogo.

– O que houver – respondeu Dany. – Procurem outras cidades, vivas ou mortas. Procurem caravanas e pessoas, rios, lagos e o grande mar salgado. Procurem saber até onde se estende este deserto à nossa frente e o que há do outro lado. Quando deixar este lugar, não pretendo partir às cegas de novo. Quero saber para onde vou e qual é a melhor maneira de chegar lá.

E eles foram, com os guizos nos cabelos tilintando suavemente, enquanto Dany se instalava com seu pequeno bando de sobreviventes no lugar que chamaram de *Vaes Tolorro*, a cidade dos ossos. Os dias seguiram-se às noites, e estas aos dias. As mulheres colhiam frutos dos jardins dos mortos. Os homens cuidavam das suas montarias e consertavam selas, estribos e sapatos. As crianças vagueavam pelas ruelas retorcidas e encontraram velhas moedas de bronze, pedaços de vidro roxo e canecas de pedra com alças esculpidas em forma de serpentes. Uma mulher foi picada por um escorpião vermelho, mas essa foi a única morte. Os cavalos começaram a ganhar alguma musculatura. Dany cuidou pessoalmente da ferida de Sor Jorah, e ela começou a sarar.

Rakharo foi o primeiro a voltar. Ao sul, o deserto vermelho estendia-se por uma longa distância, ele relatou, até terminar numa costa desolada junto à água venenosa. Entre aquele lugar e a costa havia apenas turbilhões de areia, rochedos polidos pelo vento e plantas eriçadas de espinhos pontudos. Tinha passado junto às ossadas de um dragão, jurou, tão imensas que havia conduzido o cavalo por entre as suas grandes maxilas negras. Além disso, nada viu.

Dany o encarregou, e mais uma dúzia dos seus homens mais fortes, de remover o pavimento da praça a fim de chegar à terra que

tinha por baixo. Se a erva-do-diabo crescia entre as pedras, outras ervas poderiam crescer depois de se remover as pedras. Tinham bastantes poços, não faltava água. Se houvesse sementes, poderiam fazer a praça florescer.

Aggo retornou em seguida. O sudoeste era estéril e queimado, jurou. Havia encontrado as ruínas de mais duas cidades, menores do que Vaes Tolorro, mas, tirando isso, iguais. Uma era protegida por um anel de crânios montados em lanças de ferro enferrujadas, então ele não se atreveu a entrar, mas explorou a segunda tanto quanto pôde. Mostrou a Dany uma pulseira de ferro que encontrara, ornamentada com uma opala de fogo bruta do tamanho do seu polegar. Também havia rolos de pergaminho, mas estavam secos e desfazendo-se, por isso Aggo os deixou onde estavam.

Dany agradeceu-lhe e lhe disse para tratar do conserto dos portões. Se inimigos tinham atravessado o deserto para destruir aquelas cidades nos tempos antigos, podiam perfeitamente regressar.

– Se assim for, devemos estar preparados – ela declarou.

Jhogo ficou longe tanto tempo, que Dany temeu que tivesse se perdido, mas, por fim, quando já tinham quase desistido de esperar por ele, chegou a cavalo vindo do sudeste. Um dos guardas que Aggo havia colocado de sentinela nos portões foi o primeiro a vê-lo e soltou um grito, e Dany correu para as muralhas para ver com seus próprios olhos. Era verdade. Jhogo regressava, mas não vinha sozinho. Atrás dele, três estranhos vestidos de modo esquisito, montados em feias criaturas com corcundas, maiores do que qualquer cavalo.

Puxaram as rédeas diante dos portões da cidade e ergueram o olhar para contemplar Dany, na muralha acima deles.

– Sangue do meu sangue – chamou Jhogo. – Estive na grande cidade de Qarth e voltei com três homens que queriam vê-la com seus próprios olhos.

Dany fitou os estranhos.

– Aqui estou. Olhem, se é essa a sua vontade… Mas primeiro digam-me seus nomes.

O homem pálido com lábios azuis respondeu em um dothraki gutural:

– Sou Pyat Pree, o grande mago.

O calvo com joias no nariz respondeu no valiriano das Cidades Livres:

– Sou Xaro Xhoan Daxos, dos Treze, um príncipe mercador de Qarth.

A mulher com a máscara laqueada de madeira falou no Idioma Comum dos Sete Reinos:

– Sou Quaithe da Sombra. Viemos em busca de dragões.

– Não procurem mais – Daenerys Targaryen respondeu. –

Encontraram-nos.

Jon

B*rancarbor*, era como a aldeia se chamava nos mapas antigos de Sam. Jon não a achava grande coisa como aldeia. Quatro casas de um único cômodo em ruínas, feitas de pedra sem argamassa, rodeavam um curral vazio e um poço. As casas eram cobertas com grama, e as janelas, fechadas com esfarrapadas peças de couro cru. E, por cima, pairavam os galhos claros e as folhas vermelho-escuras de um represeiro monstruosamente grande.

Era a maior árvore que Jon já vira, com um tronco com quase dois metros e meio de largura, e galhos que se estendiam tanto, que a aldeia inteira descansava à sombra de sua copa. O tamanho não o perturbava tanto como o rosto… Especialmente a boca, que não era uma simples fenda esculpida, mas um buraco irregular suficientemente grande para engolir uma ovelha.

Mas aqueles ossos não são de ovelha. E aquilo nas cinzas não é um crânio de ovelha.

– Uma árvore velha – Mormont estava montado, franzindo o cenho. "*Velha*", concordou o corvo empoleirado no seu ombro. "*Velha, velha, velha.*"

– E poderosa – Jon conseguia sentir o poder.

Thoren Smallwood, escuro na sua placa e cota de malha, desmontou ao lado do tronco.

– Olhem aquela cara. Pouco admira que os homens a temessem quando chegaram pela primeira vez a Westeros. Eu mesmo gostaria de dar uma machadada nessa coisa maldita.

– O senhor meu pai acreditava que nenhum homem podia dizer uma mentira perante uma árvore-coração. Os deuses antigos sabem quando os homens mentem – Jon falou.

– Meu pai acreditava nisso também – disse o Velho Urso. – Deixe-me dar uma olhada naquele crânio.

Jon desmontou. Presa às suas costas, em uma bainha de ombro de couro negro, encontrava-se Garralonga, a lâmina bastarda de mão e meia que o Velho Urso tinha lhe oferecido por ter salvo sua vida. *Uma espada bastarda para um bastardo*, brincavam os homens. O punho tinha sido feito de novo para ele, adornado com um botão em forma de cabeça de lobo esculpido em pedra clara, mas a lâmina propriamente dita era de aço valiriano, velha, leve e mortalmente afiada.

Ajoelhou-se e enfiou uma mão enluvada na goela. O interior do buraco estava vermelho da seiva seca e enegrecido pelo fogo. Sob o crânio viu outro, menor, com o maxilar arrancado. Estava meio enterrado em cinzas e pedaços de osso.

Quando trouxe o crânio a Mormont, o Velho Urso o ergueu com ambas as mãos e fitou as órbitas vazias.

– Os selvagens queimam seus mortos. Sempre soubemos disso. Agora gostaria de lhes ter perguntado por que, quando ainda havia alguns a quem perguntar.

Jon Snow lembrou da criatura se levantando, com os olhos azuis cintilando na face morta e pálida. Ele sabia por que, tinha certeza.

– Se ao menos os ossos falassem – resmungou o Velho Urso. – Este aqui poderia nos dizer muitas coisas. Como morreu. Quem o queimou e por quê. Para onde foram os selvagens – suspirou. – Dizem que os filhos da floresta podiam falar com os mortos. Mas eu não posso – atirou o crânio de volta para a boca da árvore, onde aterrissou com uma nuvem de cinza fina. – Revistem todas estas casas. Gigante, suba ao topo desta árvore e olhe em volta. Também quero que os cães sejam trazidos para cá. Talvez dessa vez o rastro esteja mais fresco – seu tom de voz não sugeria que tivesse grande esperança nisso.

Dois homens revistaram todas as casas, para ter certeza de que não deixariam escapar nada. Jon fez par com o severo Eddison Tollett, um escudeiro de cabelo grisalho e magro como uma lança, a quem os outros irmãos chamavam Edd Doloroso.

– Já é ruim o bastante quando os mortos caminham – disse a Jon enquanto atravessavam a aldeia –, e agora o Velho Urso quer vê-los também falando? Nada de bom viria *disso*, garanto. E quem poderá dizer que os ossos não mentiriam? Por que a morte deixaria um homem honesto, ou mesmo esperto? O mais provável é que os mortos sejam aborrecidos, cheios de queixas chatas… a terra está fria demais, minha lápide devia ser maior, por que é que *ele* tem mais vermes do que eu…

Jon teve de se abaixar para passar sob a porta baixa. Lá dentro, encontrou um chão de terra batida. Não havia mobília, nenhum sinal de que ali tinha vivido gente, além de algumas cinzas por baixo do buraco para a fumaça que terminava no teto.

– Que lugar triste para se viver – Jon disse.

– Eu nasci numa casa muito parecida com esta – Edd Doloroso contou. – Foram meus anos encantados. Mais tarde, acabei em tempos duros – um ninho de palha seca enchia um canto da sala como um colchão. Edd o olhou com saudade. – Trocaria todo o ouro de Rochedo Casterly por dormir de novo numa cama.

– Chama aquilo de cama?

– Se é mais mole do que o chão e tem um teto por cima, eu chamo de cama – Edd Doloroso farejou o ar. – Sinto cheiro de estrume.

O cheiro era muito fraco.

– Estrume antigo – Jon observou.

A casa parecia estar vazia há algum tempo. Ajoelhando-se, ele revolveu a palha com as mãos, para ver se alguma coisa tinha sido escondida por baixo, e depois percorreu as paredes. Não levou muito tempo.

– Não há nada aqui.

Nada daquilo era o que esperava; Brancarbor era a quarta aldeia por onde tinham passado, e em todas tinha sido a mesma coisa. As pessoas tinham desaparecido, desvanecendo com suas escassas posses e os animais que talvez tivessem. Nenhuma das aldeias dava sinais de ter sido atacada. Estavam... simplesmente vazias.

– O que acha que pode ter acontecido com eles? – Jon perguntou.

– Alguma coisa pior do que podemos imaginar – Edd Doloroso sugeriu. – Bem, *eu* talvez fosse capaz de imaginá-lo, mas prefiro não. Já é ruim o bastante saber que se vai ter um fim horrível qualquer sem se pensar nele com antecedência.

Dois dos cães farejavam em volta da porta quando saíram do casebre. Outros cães patrulhavam a aldeia. Chett amaldiçoava-os sonoramente, com a voz pesada da ira que nunca parecia pôr de lado. A luz filtrada pelas folhas vermelhas do represeiro fazia os furúnculos no seu rosto parecerem ainda mais inflamados do que de costume. Quando viu Jon, seus olhos estreitaram-se; não havia nenhuma amizade entre eles.

As outras casas não trouxeram nenhuma informação. "*Foram*" gritou o corvo de Mormont, esvoaçando até o represeiro e empoleirando-se acima de suas cabeças. "*Foram, foram, foram.*"

– Havia selvagens em Brancarbor há não mais que um ano – Thoren Smallwood parecia-se com um lorde mais do que Mormont, vestindo a cintilante cota de malha negra e placa de peito gravada em relevo de Sor Jaremy Rykker. Seu manto pesado era ricamente debruado de zibelina, preso com os martelos cruzados trabalhados em prata dos Rykker. Antes havia sido o manto de Sor Jaremy… Mas a criatura havia reclamado Sor Jaremy, e a Patrulha da Noite não desperdiçava nada.

– Há um ano, Robert era rei, e o reino estava em paz – declarou Jarman Buckwell, o homem impassível e quadrado que comandava os batedores. – Muitas coisas podem mudar num ano.

– Uma coisa não mudou – insistiu Sor Mallador Locke. – Menos selvagens quer dizer menos preocupações. Não farei luto, seja o que for que lhes tenha acontecido. São saqueadores e assassinos, todos eles.

Jon ouviu um restolhar vindo das folhas vermelhas acima. Dois ramos afastaram-se, e ele vislumbrou um homem pequeno que se deslocava de galho em galho com a facilidade de um esquilo. Bedwyck não tinha mais do que um metro e meio de altura, mas os fios

grisalhos no seu cabelo mostravam sua idade. Os outros patrulheiros chamavam-no de Gigante. Sentou-se numa bifurcação da árvore, por cima das suas cabeças e disse:

– Há água ao norte. Pode ser um lago. Alguns montes de sílex se erguem a oeste, não muito altos. Nada mais para se ver, senhores.

– Poderíamos acampar aqui esta noite – sugeriu Smallwood.

O Velho Urso olhou de relance para cima, em busca de um vislumbre de céu por entre os galhos brancos e folhas vermelhas do represeiro:

– Não. Gigante, quanta luz do dia nos resta?

– Três horas, senhor.

– Avançamos para o norte – Mormont decidiu. – Se chegarmos a esse lago, poderemos montar o acampamento perto da margem e talvez pegar alguns peixes. Jon, vá buscar papel, já é mais que hora de escrever ao Meistre Aemon.

Jon tirou um pergaminho, uma pena e tinta da sua alforja e trouxe-os ao Senhor Comandante. *Em Brancarbor*, escreveu Mormont. *A quarta aldeia. Tudo vazio. Os selvagens desapareceram*.

– Procure Tarly e certifique-se de que ele ponha isto a caminho – Mormont disse enquanto entregava a mensagem a Jon. Quando assobiou, o corvo desceu batendo as asas e foi pousar na cabeça do cavalo. *"Milho"*, sugeriu a ave, balançando-se. O cavalo relinchou.

Jon montou seu garrano, deu meia-volta e afastou-se a trote. Para lá da sombra do grande represeiro os homens da Patrulha da Noite espalhavam-se por baixo de árvores menores, tratando dos cavalos, mastigando tiras de carne de vaca salgada, urinando, coçando-se e conversando. Quando foi dada a ordem de partida, as conversas morreram, e os homens voltaram a subir nas selas. Os batedores de Jarman Buckwell foram os primeiros a avançar, com a vanguarda comandada por Thoren Smallwood, encabeçando a coluna propriamente dita. Depois vinha o Velho Urso com a força principal, Sor Mallador Locke com o comboio de abastecimentos e os cavalos de carga e, por fim, Sor Ottyn Wythers e a retaguarda. Duzentos homens ao todo, com uma vez e meia esse número em montarias.

Durante o dia, seguiam rastros de animais e leitos de córregos, as "estradas dos patrulheiros", que os levavam a penetrar cada vez mais profundamente na natureza selvagem das folhas e raízes. À noite, acampavam sob um céu estrelado e admiravam o cometa. Os irmãos negros tinham deixado Castelo Negro com boa moral, brincando e trocando histórias, mas nos últimos dias o silêncio pensativo dos bosques parecia ter deixado todos melancólicos. As brincadeiras tinham se tornado mais escassas, e a paciência, mais curta. Ninguém admitia que tinha medo, afinal de contas, eram homens da Patrulha da Noite. Mas Jon conseguia sentir o mal-estar. Quatro aldeias vazias,

nem um selvagem em parte alguma, até a caça parecia ter fugido. Mesmo os patrulheiros veteranos concordavam que a floresta assombrada nunca parecera tão sombria.

Enquanto avançava, Jon descalçou a luva para arejar os dedos queimados. *Coisas feias*. De repente lembrou-se de como costumava despentear o cabelo de Arya. A varetinha da sua irmã. Perguntou-se como ela estaria. Deixou-o um pouco triste pensar que talvez não voltasse a despentear seu cabelo. Ficou flexionando a mão, abrindo e fechando os dedos. Sabia que se deixasse que sua mão da espada se tornasse rígida e desajeitada, isso poderia significar o seu fim. Para lá da Muralha, um homem necessitava da sua espada.

Foi encontrar Samwell Tarly, com os outros intendentes, dando água aos cavalos. Tinha de cuidar de três: a sua montaria e dois cavalos de carga, cada um carregado com uma grande gaiola de metal e vime cheia de corvos. As aves bateram as asas ao ver que Jon se aproximava e gritaram para ele através das barras. Alguns dos guinchos soavam de forma suspeita, como palavras.

– Tem ensinado as aves a falar? – perguntou a Sam.

– Algumas palavras. Três deles já conseguem dizer *neve*.

– Um pássaro crocitando meu nome já era ruim o suficiente – disse Jon –, e a neve não é nada de que um irmão negro queira ouvir falar – ela significava frequentemente a morte no Norte.

– Havia alguma coisa em Brancarbor?

– Ossos, cinzas e casas vazias – Jon entregou a Sam o rolo de pergaminho. – O Velho Urso quer enviar notícias a Aemon.

Sam retirou uma ave de uma das gaiolas, afagou suas penas, prendeu a mensagem nela e disse:

– Voa agora para casa, meu bravo. Para casa – o corvo crocitou qualquer coisa ininteligível em resposta, e Sam o atirou ao ar. Batendo as asas, abriu caminho para o céu por entre as árvores. – Gostaria que pudesse me levar com ele.

– Ainda?

– Bem – Sam respondeu –, sim, mas… Na verdade, já não estou tão assustado como antes. Na primeira noite, sempre que ouvia alguém se levantar para ir urinar pensava que eram selvagens que se esgueiravam e vinham cortar minha garganta. Tinha medo de fechar os olhos e não poder voltar a abri-los, só que… bem… a alvorada chegava, no fim – deu um sorriso abatido. – Posso ser um covarde, mas não sou *estúpido*. Estou dolorido e minhas costas doem de montar e de dormir no chão, mas já estou muito pouco assustado. Olha – Sam estendeu uma mão para Jon ver como estava firme. – Tenho andado trabalhando nos meus mapas.

O mundo é estranho, Jon pensou. Duzentos homens de coragem tinham deixado a Muralha para trás, e o único que não estava ficando

mais temeroso era Sam, o covarde confesso.

– Ainda faremos de você um patrulheiro – brincou. – Daqui a pouco vai querer ser um batedor como Grenn. Devo falar com o Velho Urso?

– Não se atreva! – Sam puxou o capuz do seu enorme manto negro e subiu afobadamente no cavalo. Era um cavalo de trabalho, grande, lento e desajeitado, porém mais capaz de suportar seu peso do que os pequenos garranos que os patrulheiros montavam. – Tinha esperança de que pudéssemos passar a noite na aldeia – ele disse, melancólico. – Seria agradável voltar a dormir sob um teto.

– Não há tetos suficientes para todos.

Jon voltou a montar, ofereceu a Sam um sorriso de despedida e afastou-se. A coluna já tinha avançado bastante, por isso deu uma volta larga em torno da aldeia para evitar o congestionamento maior. Já tinha visto o bastante de Brancarbor.

Fantasma emergiu dos arbustos tão subitamente que o garrano se assustou e empinou. O lobo branco caçava bem longe da linha de marcha, mas não andava tendo melhor sorte do que os forrageadores que Smallwood enviava em busca de caça. Os bosques estavam tão vazios como as aldeias, disse-lhe Dywen junto ao fogo numa noite.

– Somos um grupo grande – Jon lhe respondera. – A caça provavelmente assustou-se com todo o barulho que fizemos na marcha.

– Assustou-se por causa de *alguma coisa*, sem dúvida – Dywen rebateu.

Depois que o cavalo se acalmou, Fantasma saltitou com facilidade a seu lado. Jon alcançou Mormont no momento em que o comandante ziguezagueava em torno de uma moita de espinheiros.

– A ave está a caminho? – perguntou o Velho Urso.

– Sim, senhor. Sam anda ensinando-as a falar.

O Velho Urso fungou:

– Vai se arrepender. Esses malditos fazem muito barulho, mas nunca dizem nada que valha a pena ouvir.

Avançaram em silêncio, até que Jon voltou a falar:

– Se meu tio também encontrou todas estas aldeias vazias…

– … teria assumido a missão de investigar por que – Lorde Mormont terminou por ele –, e pode bem ser que algo ou alguém não quisesse que se soubesse do motivo. Bem, seremos trezentos quando Qhorin se juntar a nós. Qualquer que seja o inimigo que nos espera adiante, não achará assim tão fácil lidar conosco. Vamos encontrá-los, Jon, prometo.

Ou eles vão nos encontrar, Jon pensou, mas não falou.

Arya

O rio era uma fita azul-esverdeada brilhando ao sol da manhã. Juncos cresciam espessos nos baixios ao longo das margens, e Arya viu uma cobra-d'água deslizar pela superfície, criando ondulações que se alargavam atrás de si. No alto, um falcão voava em círculos preguiçosos.

Parecia um lugar pacífico… Até Koss ver o morto.

– Ali, nos juncos – ele apontou, e Arya viu o corpo de um soldado, sem forma e inchado. Seu manto verde encharcado estava preso num tronco apodrecido, e um cardume de minúsculos peixes prateados mordiscava sua face.

– Eu disse a vocês que havia corpos – Lommy anunciou. – Podia sentir o gosto deles na água.

Quando Yoren viu o cadáver, cuspiu:

– Dobber, vê se ele tem alguma coisa que valha a pena levar. Cota de malha, faca, umas moedas, qualquer coisa.

Esporeou seu castrado e avançou pelo rio adentro, mas o cavalo sentiu dificuldades com a lama mole, e para lá dos juncos a água aprofundava-se. Yoren voltou, zangado, com o cavalo coberto de lodo marrom até os joelhos.

– Não vamos atravessar aqui. Koss, venha comigo, para cima, em busca de um vau. Woth, Gerren, vocês vão para baixo. O resto espera aqui. Fiquem de guarda.

Dobber encontrou uma bolsa de couro no cinto do morto. Lá dentro havia quatro moedas de cobre e uma pequena madeixa de cabelo louro atada em uma fita vermelha. Lommy e Tarber tiraram a roupa e entraram na água. Lommy pegou punhados de lama viscosa e atirou-os em Torta Quente, aos gritos de "Torta de Lama! Torta de Lama!". Na sua carroça, Rorge praguejou, ameaçou-os e disse-lhes para o desacorrentarem enquanto Yoren estava longe, mas ninguém lhe deu atenção. Kurz pegou um peixe com as mãos. Arya viu como ele fez, em pé numa poça rasa, calmo como águas paradas, lançando a mão, rápida como uma serpente, quando o peixe nadou por perto. Não parecia ser tão difícil como apanhar gatos. Os peixes não tinham garras.

Era meio-dia quando os outros voltaram. Woth falou de uma ponte de madeira a meia milha para jusante, mas alguém a tinha queimado. Yoren puxou uma folhamarga do seu fardo:

– Podíamos passar os cavalos a nado e, talvez, também os burros, mas não tem como fazer passar as carroças. E há fumaça a norte e a oeste, mais incêndios. Pode ser que este lado do rio seja o lugar onde queremos ficar – Yoren pegou um longo pau e desenhou um círculo na

lama, com uma linha saindo dele pela parte de baixo. – Isto é o Olho de Deus, com o rio seguindo ao sul. Estamos aqui – fez um buraco ao lado da linha do rio, abaixo do círculo. – Não podemos dar a volta pela margem oeste do lago, como eu pensava. Para leste, voltamos à estrada do rei – ele deslocou o pau para onde a linha e o círculo se encontravam. – Se me lembro bem, há aqui uma vila. O castro é de pedra, e há um fidalgo que tem casa ali, é só uma casa-torre, mas deve ter sua guarda, e pode haver um cavaleiro ou dois. Seguimos o rio para norte, devemos chegar lá antes da noite. Devem ter barcos, e vou tentar vender tudo o que temos para alugar um para nós – agora Yoren riscava por cima do círculo que representava o lago, de baixo para cima. – Se os deuses forem bons, vamos ter vento para velejar e atravessar o Olho de Deus até Vila de Harren – espetou a ponta do pau no topo do círculo. – Lá podemos comprar novas montarias, ou então procurar refúgio em Harrenhal. É o domínio da Senhora Whent, e ela sempre foi amiga da Patrulha.

Os olhos de Torta Quente esbugalharam-se.

– Há fantasmas em Harrenhal.

Yoren cuspiu:

– Ao diabo com os seus fantasmas – ele atirou o pau na lama. – Montem.

Arya estava lembrando das histórias que a Velha Ama costumava contar de Harrenhal. O malvado Rei Harren tinha se trancado lá dentro, e por isso Aegon soltou os dragões e transformou o castelo numa pira. A Ama dizia que os espíritos do fogo ainda assombravam as torres enegrecidas. Às vezes, os homens iam dormir seguros em suas camas e eram encontrados mortos pela manhã, completamente queimados. Arya não acreditava nisso de verdade, e, fosse como fosse, tinha acontecido muito tempo atrás. Torta Quente estava sendo bobo; não haveria fantasmas em Harrenhal, mas sim *cavaleiros*. Arya poderia se revelar à Senhora Whent, e os cavaleiros iriam escoltá-la para casa e mantê-la a salvo. Era o que os cavaleiros faziam; mantinham-nos a salvo, especialmente as mulheres. Talvez a Senhora Whent até pudesse ajudar a menina chorona.

A trilha do rio não era nenhuma estrada do rei, mas também não era ruim e, no final, as carroças puderam avançar com rapidez. Viram a primeira casa uma hora antes do cair da noite, uma pequena e confortável casa de campo, com telhado de sapé e rodeada de campos de trigo. Yoren avançou na frente, chamando, mas não obteve resposta.

– Mortos, talvez. Ou escondidos. Dobber, Rey, comigo – os três homens entraram na casa. – Não há vasilhas nem sinal de moedas – Yoren resmungou quando retornaram. – Nenhum animal. O mais certo é que fugiram. Talvez encontremos essa gente na estrada do rei.

Pelo menos a casa e os campos não tinham sido queimados e não havia cadáveres por ali. Tarber encontrou um jardim no fundo. Desenterraram algumas cebolas e rabanetes e encheram um saco com repolhos antes de seguirem caminho.

Um pouco adiante, vislumbraram uma cabana de lenhador rodeada de árvores antigas e de troncos ordenadamente empilhados, prontos para virar lenhas, e mais tarde viram uma casa de palafitas decrépita, que se debruçava sobre o rio, apoiada em estacas com três metros de altura, ambos desertos. Passaram por mais campos, de trigo, milho e cevada amadurecendo ao sol, mas não havia homens sentados nas árvores ou percorrendo as fileiras com foices. Por fim, a vila surgiu à vista; um aglomerado de casas brancas espalhadas em torno das muralhas de um castro, um grande septo com um telhado de madeira, a casa-torre do senhor empoleirada numa pequena elevação a oeste… E nenhum sinal de gente em parte alguma.

Yoren ficou sentado no cavalo, franzindo o cenho por entre o emaranhado da barba:

– Não gosto disso. Mas está aí. Vamos dar uma espiada. E que seja *cuidadosa*. Ver se há alguém escondido. Pode ser que tenham deixado um barco para trás ou algumas armas que possamos usar.

O irmão negro deixou dez homens guardando as carroças e a garotinha chorona e dividiu o resto em grupos de cinco para fazer uma busca na vila.

– Fiquem de olhos e ouvidos abertos – Yoren os preveniu, antes de se dirigir à casa-torre a fim de ver se havia algum sinal do fidalgo ou dos seus guardas.

Arya viu-se na companhia de Gendry, Torta Quente e Lommy. O atarracado Woth, com sua barriga redonda, tinha antigamente puxado remos numa galé, o que fazia dele o mais próximo que tinham de um marinheiro. Por isso Yoren lhe disse para levá-los até a margem do lago e ver se conseguiam encontrar um barco. Enquanto avançavam a cavalo por entre as silenciosas casas brancas, um arrepio percorreu os braços de Arya. Aquela vila vazia assustava-a quase tanto como o castro queimado onde tinham encontrado a menina chorona e a mulher sem um braço. Por que as pessoas teriam fugido, abandonando suas casas e tudo o mais? O que poderia tê-las assustado tanto?

O sol estava baixo para oeste, e as casas lançavam longas sombras escuras. Um súbito estrondo fez Arya levar a mão à Agulha, mas era apenas uma veneziana batendo com o vento. Depois da margem aberta do rio, a proximidade da vila a deixava cada vez mais nervosa.

Quando vislumbrou o lago à sua frente, por entre as casas e as árvores, Arya bateu os calcanhares no cavalo e passou a galope por Woth e Gendry. Irrompeu no relvado junto à margem pedregosa. O sol poente fazia a superfície tranquila da água cintilar como uma folha de

cobre martelado. Era o maior lago que já vira, sem sinal da margem oposta. Viu uma estalagem torta à sua esquerda, construída sobre a água em pesados pilares de madeira. À direita, um longo cais projetava-se lago adentro e havia outras docas mais a leste, dedos de madeira que se estendiam da vila. Mas o único barco que estava visível era um a remo, virado ao contrário, abandonado nas pedras sob a estalagem, com o casco completamente apodrecido.

– Desapareceram – disse Arya, abatida. O que faremos agora?

– Há uma estalagem – disse Lommy quando os outros se aproximaram. – Acham que deixaram alguma comida? Ou cerveja?

– Vamos ver – sugeriu Torta Quente.

– Não liguem para a estalagem – Woth exclamou. – Yoren disse para encontrarmos um barco.

– Eles levaram os barcos.

De algum modo, Arya sabia que era verdade; poderiam revistar a vila inteira, e não encontrariam mais do que o bote a remo de ponta-cabeça. Desanimada, saltou do cavalo e se ajoelhou junto ao lago. A água bateu suavemente em volta das suas pernas. Alguns vaga-lumes estavam surgindo, com suas luzinhas piscando. A água verde estava morna como lágrimas, mas nela não havia sal. Tinha gosto de verão, lama e coisas que cresciam. Arya mergulhou o rosto para lavar a poeira, a sujeira e o suor do dia. Quando se inclinou para trás, a água escorreu por seu pescoço e entrou pelo colarinho. Era bom. Desejou poder tirar a roupa e nadar, deslizando pela água morna como uma lontra cor-de-rosa e magricela. Talvez pudesse percorrer a nado todo o caminho até Winterfell.

Woth estava gritando para que ela o ajudasse a procurar, e foi o que ela fez, espreitando docas e barracões para barcos, enquanto seu cavalo pastava na margem. Encontraram algumas velas e cavilhas, além de alguns baldes de alcatrão endurecido e uma gata com uma ninhada de gatinhos recém-nascidos. Mas nada de barcos.

A vila estava escura como uma floresta quando Yoren e os outros reapareceram.

– A torre está vazia. O senhor saiu para lutar, talvez, ou para deixar seu povo em segurança, não há como saber. Não ficou nem um cavalo ou porco na vila, mas vamos comer. Vi um ganso solto, e algumas galinhas, e há peixe bom no Olho de Deus.

– Os barcos desapareceram – Arya relatou.

– Podíamos remendar o casco daquele bote a remo – Koss sugeriu.

– Podia servir para quatro de nós – Yoren confirmou.

– Tem cavilhas – Lommy interveio – e árvores por todo o lado. Poderíamos fazer barcos para todos.

Yoren cuspiu:

– Sabe alguma coisa sobre construção de barcos, filho de

tintureiro?

Lommy ficou sem expressão.

– Uma jangada – Gendry sugeriu. – Qualquer um pode construir uma jangada e varas compridas para empurrá-la.

Yoren pareceu pensativo.

– O lago é fundo demais para se atravessar com varas, mas, se ficássemos nos baixios junto à margem… Isso significaria abandonar as carroças. Pode ser o melhor. Vou dormir com a ideia.

– Podemos ficar na estalagem? – Lommy perguntou.

– Ficaremos no castro, com os portões trancados – Yoren respondeu. – Gosto de sentir muralhas de pedra à minha volta quando durmo.

Arya não conseguiu ficar calada:

– Não deveríamos ficar aqui. As pessoas não ficaram. Fugiram todos, até o seu senhor.

– Arry tem medo – Lommy gritou, com uma gargalhada rouca.

– Não tenho *nada* – ela exclamou –, mas *eles* tiveram.

– Garoto esperto – Yoren observou. – Mas o fato é que os que viviam aqui estavam em guerra, gostassem ou não. Nós, não. A Patrulha da Noite não toma partido, de modo que nenhum homem é nosso inimigo.

E nenhum homem é nosso amigo, Arya pensou, mas dessa vez segurou a língua. Lommy e os outros a estavam encarando, e não queria parecer covarde na frente deles.

Os portões do castro eram reforçados com cravos de ferro. Lá dentro, encontraram um par de barras de ferro do tamanho de arbustos, com buracos de encaixe no chão e suportes de metal no portão. Quando enfiaram as barras nos suportes, formaram uma enorme escora em X. Não era nenhuma Fortaleza Vermelha, declarou Yoren depois de explorarem o castro de cima a baixo, mas era melhor do que a maioria e devia servir bastante bem para uma noite. As muralhas eram de pedra grosseira sem argamassa, com três metros de altura e uma passarela de madeira na parte de dentro das ameias. Havia uma porta traseira ao norte, e Gerren descobriu um alçapão, sob a palha no velho celeiro de madeira, que levava para um túnel estreito e sinuoso. Seguiu-o por um longo trajeto subterrâneo e emergiu junto ao lago. Yoren fez com que pusessem uma carroça por cima do alçapão, a fim de se certificar de que ninguém entraria por ali. Dividiu-os em três turnos de vigia e mandou Tarber, Kurz e Cutjack para a casa-torre abandonada, a fim de manter vigilância lá em cima. Kurz tinha um berrante para soprar se algum perigo os ameaçasse.

Conduziram as carroças e os animais para dentro e trancaram os portões. O celeiro estava caindo aos pedaços, mas era suficientemente

grande para guardar metade dos animais da vila. O abrigo, onde o povo da vila se refugiaria em tempos difíceis, era ainda maior, baixo, longo e feito de pedra, com telhado de sapé. Koss saiu pela porta traseira e voltou com o ganso e duas galinhas, e Yoren permitiu que fizessem uma fogueira para cozinhar. Havia uma grande cozinha dentro do castro, mas todas as panelas e chaleiras tinham sido levadas. Gendry, Dobber e Arya ficaram com os deveres de cozinha. Dobber disse a Arya para depenar as aves enquanto Gendry cortava lenha.

– Por que não posso ser eu quem corta a lenha? – ela perguntou, mas ninguém lhe deu atenção. Carrancuda, começou a depenar uma galinha enquanto Yoren, sentado na ponta do banco, afiava o gume do punhal com uma pedra de amolar.

Quando a comida ficou pronta, Arya comeu uma coxa de galinha e um pouco de cebola. Ninguém falou muito, nem mesmo Lommy. Gendry saiu depois, sozinho, polindo o elmo com uma expressão distante, como se nem estivesse ali. A menina chorona lamentou-se e choramingou, mas quando Torta Quente lhe ofereceu um pedaço de ganso, ela devorou-o e olhou para o garoto, querendo mais.

Arya ficou com o segundo turno, por isso logo se deitou num colchão rústico de palha no abrigo. O sono não chegou facilmente, então, pediu emprestada a pedra de Yoren e ficou afiando a Agulha. Syrio Forel dizia que uma lâmina cega era como um cavalo coxo. Torta Quente agachou-se no colchão a seu lado, vendo-a trabalhar.

– Onde é que arranjou uma espada boa como essa? – ele perguntou. Mas, quando viu o olhar que Arya lhe deu, levantou as mãos num gesto defensivo: – Nunca disse que a roubou, só quis saber onde a arranjou, mais nada.

– Foi meu irmão quem me deu – Arya murmurou.

– Não sabia que tinha um irmão.

Arya fez uma pausa para se coçar por baixo da camisa. Havia pulgas na palha, embora não conseguisse entender por que algumas a mais haveriam de incomodá-la.

– Tenho um monte de irmãos.

– Ah, tem? E são maiores ou menores do que você?

Eu não devia estar falando assim. Yoren disse que eu devia manter a boca fechada.

– Maiores – ela mentiu. – E também têm espadas, grandes espadas longas, e mostraram-me como matar quem me incomoda.

– Eu estava conversando, não incomodando.

Torta Quente afastou-se e a deixou sozinha, e Arya enrolou-se na sua colcha. Conseguia ouvir a menina chorona do outro lado do abrigo. *Gostaria que ela se calasse. Por que tem de passar o tempo todo chorando?*

Devia ter dormido, embora não se lembrasse de ter fechado os olhos. Sonhou que um lobo estava uivando, e o som era tão terrível, que a acordou de imediato. Arya sentou-se no colchão de palha com o coração aos saltos.

– Torta Quente, acorda – Arya levantou-se desajeitadamente. – Woth, Gendry, não ouviram? – tentou calçar uma bota.

Em volta dela, homens e garotos agitaram-se e saíram dos colchões.

– O que foi? – Torta Quente perguntou.

– Ouvimos o quê? – Gendry quis saber.

– Arry teve um pesadelo – alguém disse.

– Não, eu ouvi. Um lobo.

–Arry tem lobos na cabeça – Lommy zombou.

– Deixe-os uivar – Gerren falou. – Eles estão lá fora, e nós aqui dentro.

Woth concordou:

– Nunca vi nenhum lobo capaz de assaltar um castro.

Torta Quente estava dizendo:

– Eu não cheguei a ouvir nada.

– *Era um lobo* – Arya gritou para eles, enquanto puxava a outra bota para perto. – Alguma coisa está acontecendo, alguém vem aí, *levantem-se*!

Antes que tivessem tempo para contestá-la, o som chegou até eles, estremecendo na noite… Mas dessa vez não era lobo nenhum, mas Kurz, que soprava seu berrante, avisando do perigo. Num instante, todos foram se vestir e pegar todas as armas que possuíam. Arya correu para o portão enquanto o berrante voltava a soar. Quando passou em disparada pelo celeiro, Dentadas atirou-se furiosamente contra as correntes, e Jaqen H'ghar chamou do fundo da sua carroça:

– Rapaz! Querido rapaz! É a guerra, a guerra vermelha? Rapaz, liberte-nos. Um homem pode lutar. *Rapaz*!

Ela o ignorou, e continuou a correr, já ouvindo cavalos e gritos do outro lado da muralha. Subiu para a passarela. A balaustrada era um pouco alta demais e Arya, um tanto baixa demais, teve de enfiar os pés nos espaços entre as pedras para conseguir ver. Por um momento, pensou que a vila estivesse cheia de vaga-lumes. Mas então compreendeu que eram homens com tochas, galopando entre as casas. Viu um telhado incendiar-se, com chamas lambendo a barriga da noite, com quentes línguas cor de laranja quando o sapé pegou fogo. Seguiu-se um outro, e depois outro, e em breve havia fogos ardendo em toda parte.

Gendry subiu a seu lado, com o elmo posto.

– Quantos são?

Arya tentou contar, mas cavalgavam depressa demais, com as

tochas rodopiando pelo ar quando as atiravam.

– Cem. Duzentos, não sei – sobre o rugido das chamas conseguia ouvir gritos. – Em breve virão atrás de nós.

– Ali – Gendry apontou.

Uma coluna de cavaleiros movia-se por entre os edifícios em chamas, na direção do castro. A luz do fogo relampejava nos elmos de metal e salpicava as cotas de malha e as armaduras com pontos brilhantes laranjas e amarelos. Um deles transportava um estandarte numa grande lança. Arya achou que fosse vermelho, mas era difícil ter certeza durante a noite, com os incêndios rugindo ao seu redor. Tudo parecia vermelho, negro ou laranja.

O fogo saltava de uma casa para a seguinte. Arya viu uma árvore ardendo, com as chamas rastejando pelos seus galhos até se erguer na noite vestida com uma túnica de um laranja vivo. Agora, todos estavam acordados, guarnecendo as passarelas ou lutando com os animais assustados lá embaixo. Conseguia ouvir Yoren gritando ordens. Algo esbarrou em sua perna e, ao olhar para baixo, descobriu a menina chorona agarrada a ela.

– Vá embora! – Arya livrou a perna. – O que está fazendo aqui em cima? Corra e se esconda em qualquer lugar, sua imbecil – empurrou a menina para longe.

Os cavaleiros refrearam os animais perante os portões.

– *Vocês, no castro!* – gritou um cavaleiro com um elmo alto encimado por um espigão. – *Abram, em nome do rei!*

– Bem, e que rei é esse? – berrou de volta o velho Reysen antes que Woth conseguisse lhe dar uma pancada para calá-lo.

Yoren subiu à ameia junto ao portão, com o desbotado manto negro atado a uma vara de madeira.

– *Vocês, parem aí!* – gritou. – *O povo da vila foi embora.*

– E você quem é, velho? Um dos covardes de Lorde Beric? – gritou o cavaleiro com o elmo de espigão. – Se aquele gordo idiota do Thoros estiver aí, pergunte-lhe se gosta *desses* fogos.

– Não tenho nenhum Thoros aqui – gritou Yoren de volta. – Só uns moços para a Patrulha. Não participo da sua guerra – ergueu a vara, para que os outros vissem a cor do seu manto. – Olhe. Isto é negro, da Patrulha da Noite.

– Ou o negro da Casa Dondarrion – gritou o homem que transportava o estandarte inimigo. Arya via agora mais claramente suas cores à luz da vila que ardia: um leão dourado sobre vermelho. – O brasão de Lorde Beric é um relâmpago roxo em fundo negro.

De repente, Arya recordou-se da manhã em que atirou uma laranja na cara de Sansa e a irmã ficou com o estúpido vestido cor de marfim cheio de sumo. Havia no torneio um fidalgo qualquer do Sul, e a amiga tonta de Sansa, Jeyne, estava apaixonada por ele. Tinha um

relâmpago no escudo, e seu pai enviara-o em busca do irmão do Cão de Caça para decapitá-lo. Aquilo agora parecia ter acontecido há mil anos, algo que acontecera a uma pessoa diferente, numa vida diferente… a Arya Stark, a filha da Mão, não a Arry, o garoto órfão. Como Arry conheceria os senhores e coisas como essas?

– Está cego, homem? – Yoren sacudiu sua vara de um lado para o outro, fazendo o manto ondular. – Vê algum maldito relâmpago?

– De noite todos os estandartes parecem negros – observou o cavaleiro do elmo de espigão. – Abra, ou serão considerados foras da lei aliados aos inimigos do rei.

Yoren cuspiu.

– Quem está no comando?

– Sou eu – os reflexos de casas ardendo cintilaram, embaçados, na armadura do cavalo de guerra do homem, quando os outros se afastaram para deixá-lo passar. Era um homem robusto, com uma manticora no escudo e arabescos ornamentais rastejando na placa de peito de aço. Através do visor aberto do elmo, uma cara pálida e porcina espreitou para cima. – Sor Amory Lorch, vassalo de Lorde Tywin Lannister, de Rochedo Casterly, Mão do Rei. Do rei *verdadeiro*, Joffrey – tinha uma voz aguda e fraca. – Em seu nome, ordeno-lhe que abra esses portões.

Em toda a volta dos homens, a vila ardia. O ar da noite estava cheio de fumaça, e havia fagulhas vermelhas em maior número do que as estrelas. Yoren fechou a cara.

– Não vejo necessidade. Faça o que quiser da vila, não significa nada para mim, mas deixe-nos em paz. Não somos seus adversários.

Olha com os olhos, Arya quis gritar ao homem lá embaixo.

– Mas eles não *veem* que não somos senhores nem cavaleiros? – ela sussurrou.

– Não acho que se importem, Arry – Gendry sussurrou em resposta.

Ela olhou para Sor Amory, da maneira como Syrio a ensinara a olhar, e viu que Touro tinha razão.

– Se não são traidores, abram os portões – gritou Sor Amory. – Vamos nos certificar de que estão dizendo a verdade e seguiremos caminho.

Yoren estava mastigando folhamarga.

– Já disse, não há ninguém aqui além de nós. Dou a minha palavra.

O cavaleiro com o elmo de espigão riu:

– O corvo nos dá a sua *palavra*.

– Está perdido, velho? – zombou um dos lanceiros. – A Muralha fica muito longe, a Norte daqui.

– Ordeno-lhe uma vez mais, em nome do Rei Joffrey, que prove a

lealdade que alega e que abra esses portões – gritou Sor Amory.

Por um longo momento Yoren refletiu, mastigando. Então, cuspiu.

– Acho que não.

– Assim seja. Desafiam as ordens do rei, e assim proclamam-se rebeldes, com ou sem mantos negros.

– Tenho garotos novos aqui dentro – gritou Yoren.

– Garotos novos e homens velhos morrem da mesma forma.

Sor Amory ergueu um punho frouxo e uma lança voou das sombras brilhantes de fogo atrás dele. Yoren devia ser o alvo, mas foi Woth, a seu lado, quem foi atingido. A ponta da lança penetrou na sua garganta e explodiu na parte de trás do pescoço, escura e úmida. Woth agarrou o cabo e caiu, sem forças, da passarela.

– Assaltem as muralhas e matem todos – ordenou Sor Amory numa voz entediada. Mais lanças voaram. Arya puxou Torta Quente para baixo pela parte de trás da túnica. De fora veio o clangor das armaduras, o roçar de espadas em bainhas, o bater de lanças em escudos, misturados com xingamentos e o ruído dos cascos de cavalos a galope. Um archote voou, rodopiando, por cima das suas cabeças, arrastando dedos de fogo enquanto atingia a terra do pátio.

– *Lâminas!* – Yoren gritou. – Espalhem-se, defendam a muralha onde quer que eles ataquem. Koss, Urreg, guardem a porta traseira. Lommy, arranque aquela lança de Woth e suba para o lugar onde ele estava.

Torta Quente deixou cair sua espada curta quando tentou desembainhá-la. Arya tentou enfiar a espada de volta na sua mão.

– Eu não sei lutar com espada – ele disse, os olhos esbugalhados.

– É fácil – Arya respondeu, mas a mentira morreu na sua garganta quando uma *mão* agarrou o topo da balaustrada. Viu-a à luz de uma vila que ardia, com tanta clareza que era como se o tempo tivesse parado. Os dedos eram rudes, cheios de calos, hirsutos pelos negros cresciam entre os nós e havia sujeira sob a unha do polegar. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, recordou quando o topo de um elmo redondo surgiu atrás da mão.

Brandiu a espada com força para baixo, e o aço forjado em castelo da Agulha atingiu os dedos entre as articulações.

– *Winterfell!* – ela gritou. Jorrou sangue, dedos voaram, e o rosto com o elmo desapareceu tão subitamente como surgira.

– Atrás de você! – berrou Torta Quente. Arya rodopiou. O segundo homem tinha barba, não possuía um elmo e trazia o punhal entre os dentes, a fim de deixar ambas as mãos livres para escalar. No momento em que passava a perna sobre o parapeito, ela apontou a espada em direção aos seus olhos. A Agulha não chegou a tocá-lo; o homem recuou e caiu. *Espero que caia de cara e corte a língua*.

– Olhe para *eles*, não para mim! – ela gritou para Torta Quente.

Na vez seguinte em que alguém tentou escalar sua parte da muralha, o garoto golpeou as mãos do invasor com a espada curta até que o homem caiu.

Sor Amory não tinha escadas, mas as muralhas do castro eram rudes e sem argamassa, fáceis de escalar, e os inimigos pareciam não ter fim. A cada um que Arya cortava, apunhalava ou empurrava para trás, outro surgia sobre a muralha. O cavaleiro do elmo com espigão atingiu o baluarte, mas Yoren prendeu seu estandarte negro em volta do espigão dele e forçou a ponta do punhal a penetrar na sua armadura, enquanto o homem lutava com o tecido. Toda vez que Arya olhava para cima, via mais tochas voando, arrastando longas línguas de chamas que persistiam em seus olhos. Viu um leão dourado numa bandeira vermelha e pensou em Joffrey, desejando que ele estivesse ali para que pudesse enfiar Agulha na sua cara desdenhosa. Quando quatro homens assaltaram o portão com machados, Koss abateu-os com flechas, um por um. Dobber lutou com um homem corpo a corpo, conseguindo empurrá-lo para fora da muralha, e Lommy esmagou sua cabeça com uma pedra antes que pudesse se levantar e festejou, até ver a faca na barriga de Dobber e compreender que ele também não voltaria a se levantar. Arya saltou por cima de um rapaz morto, que não devia ser mais velho do que Jon, que jazia com o braço arrancado. Não achava que tivesse sido ela quem fizera aquilo, mas não tinha certeza. Ouviu Qyle suplicar por misericórdia antes que um cavaleiro com uma vespa no escudo esmagasse sua cara com uma maça de guerra. Tudo cheirava a sangue, fumaça, ferro e mijo, mas depois de algum tempo aquilo parecia ser um cheiro só. Não chegou a ver como o homem magro subiu a muralha, mas quando o fez, caiu sobre ele com Gendry e Torta Quente. A espada de Gendry estilhaçou-se no elmo do homem, arrancando-o da sua cabeça. Por baixo, era careca e parecia assustado, com dentes faltando e uma barba salpicada de cinza. Embora sentisse pena dele, Arya o matou, gritando "*Winterfell! Winterfell!*", enquanto Torta Quente gritava "*Torta Quente!*" a seu lado, dando estocadas no pescoço esquelético do homem.

Depois que o homem magro morreu, Gendry roubou sua espada e saltou para o pátio, para lutar com mais alguns. Arya olhou para além dele e viu sombras de aço que corriam pelo castro, luz do fogo brilhando em cota de malha e em lâminas e compreendeu que tinham subido a muralha em algum ponto, ou aberto caminho pela porta traseira. Saltou para baixo, para junto de Gendry, aterrissando do modo que Syrio lhe ensinara. A noite ressoava com o estrondo de aço e os gritos dos feridos e dos moribundos. Por um momento, Arya ficou perdida, sem saber para onde ir. Havia morte por todo o lado.

E então Yoren estava ali, sacudindo-a, gritando na sua cara.

– *Rapaz!* – ele gritou, do jeito que gritava sempre aquela palavra.

– *Sai*, acabou, perdemos. Reúna todos os que puder, você, ele e os outros, os garotos, e tire-os daqui. *Já!*

– Como? – Arya não sabia o que fazer.

– O alçapão – ele gritou. – Debaixo do celeiro!

E nesse mesmo instante desapareceu, correndo de volta à luta, de espada na mão. Arya agarrou Gendry pelo braço.

– Ele disse para *irmos!* O celeiro, a rota de fuga!

Através das fendas no elmo, os olhos do Touro brilharam com fogo refletido e ele fez sinal que entendera. Chamaram Torta Quente da muralha e encontraram Lommy Mãos-Verdes onde jazia, sangrando por causa de uma lança atravessada na panturrilha. Também encontraram Gerren, mas estava ferido demais para se mover. Enquanto corriam na direção do celeiro, Arya vislumbrou a menina chorona sentada no meio do caos, rodeada de fumaça e matança. Pegou-a pela mão e botou-a em pé, enquanto os outros se apressavam em seguir em frente. A menina não queria andar, mesmo depois de estapeada. Arya arrastou-a com a mão direita enquanto segurava a Agulha com a esquerda. Em frente, a noite era de um vermelho lúgubre. *O celeiro está ardendo*, pensou. Chamas lambiam as paredes de onde uma tocha havia caído na palha, e Arya conseguia ouvir os gritos dos animais encurralados lá dentro. Torta Quente saiu do celeiro.

– Arry, *anda*! Lommy *já saiu*, deixe-a se ela não quiser vir!

Teimosamente, Arya puxou a menina chorona com mais força, arrastando-a consigo. Torta Quente correu de volta para dentro do celeiro, abandonando-as… Mas Gendry voltou, com o fogo brilhando tão intensamente no seu elmo polido que os cornos pareciam cintilar em tons de laranja. Correu para elas e içou a menina chorona por sobre o ombro.

– *Corre!*

Atravessar as portas do celeiro era como correr para o interior de uma fornalha. O ar rodopiava com fumaça, e a parede dos fundos era uma torrente de fogo do chão ao teto. Os cavalos e os burros escoiceavam, empinavam-se e berravam. *Pobres animais*, pensou Arya. Então viu a carroça e os três homens agrilhoados às suas traves. Dentadas estava se atirando contra as correntes, com sangue correndo dos seus braços onde os ferros prendiam seus pulsos. Rorge berrava pragas, chutando a madeira.

– Rapaz! – chamou Jaqen H'ghar. – Querido rapaz!

O alçapão aberto estava a apenas pouco mais de um metro de distância, mas o fogo espalhava-se rapidamente, consumindo a velha madeira e a palha seca mais depressa do que Arya teria acreditado. Lembrou-se do horrível rosto queimado do Cão de Caça.

– O túnel é estreito – gritou Gendry. – Como é que a faremos

passar?

– Puxe-a – Arya gritou. – Empurre-a.

– Bons rapazes, amáveis rapazes – Jaqen H'gar falava e tossia ao mesmo tempo.

– *Tire de mim essas porras dessas correntes!* – gritou Rorge.

Gendry os ignorou.

– Vá primeiro, depois vai ela e depois eu. Apresse-se, o caminho é longo.

– Quando cortou a lenha – Arya lembrou-se –, onde deixou o machado?

– Lá fora, junto ao abrigo – e olhou de relance para os homens acorrentados. – Eu antes salvaria os burros. Não há tempo.

– Leve-a! – Arya gritou. – Tire-a daqui! Vá!

O fogo bateu nas suas costas com quentes asas vermelhas quando saiu correndo do celeiro em chamas. Lá fora estava abençoadamente fresco, mas havia homens morrendo em toda parte. Viu Koss atirar a espada no chão em rendição e viu os homens matando-o ali mesmo. Havia fumaça por toda parte. Nem sinal de Yoren, mas o machado estava onde Gendry o deixara, perto da pilha de lenha do lado de fora do abrigo. Quando o libertou da tora, uma mão revestida de cota de malha agarrou seu braço. Rodopiando, Arya brandiu a cabeça do machado e enterrou-a entre as pernas do homem. Não chegou a ver seu rosto, viu apenas o sangue escuro vazando entre os aros da sua cota de malha. Voltar àquele celeiro foi a coisa mais difícil que já tinha feito. Jorrava fumaça pela porta aberta como uma serpente negra que se contorcia. Arya conseguia ouvir os gritos dos pobres animais lá dentro, burros, cavalos e homens. Mordeu o lábio e atravessou as portas como uma flecha, abaixando-se até onde a fumaça não era tão espessa.

Um burro estava encurralado no interior de um anel de fogo, gritando de terror e dor. Arya conseguia sentir o fedor de pelo queimado. O telhado também tinha se incendiado, e havia coisas caindo, fragmentos de madeira em chamas e montes de palha e feno. Arya pôs uma mão sobre a boca e o nariz. Não podia ver a carroça com a fumaça, mas ainda conseguia ouvir os gritos do Dentadas e rastejou na direção do som.

Então, uma roda surgiu na sua frente. A carroça *saltou* e moveu-se uns quinze centímetros quando Dentadas se atirou de novo contra as correntes. Jaqen a viu, mas era difícil demais respirar, quanto mais falar. Atirou o machado para dentro da carroça. Rorge o apanhou e o ergueu acima da cabeça, com rios de suor fuliginoso jorrando do seu rosto sem nariz. Arya corria, tossindo. Ouviu o aço atravessando a madeira velha, e de novo, e de novo. Um instante depois, veio um *crac* sonoro como um trovão e o leito da carroça rasgou-se numa explosão

de lascas.

Arya atirou-se de cabeça pelo túnel adentro e deslizou pelo chão um metro e meio. Ficou com terra na boca, mas não se importou, o gosto era bom, era um sabor de lama, água, minhocas e vida. Debaixo da terra, o ar estava fresco e escuro. Por cima nada havia a não ser sangue, um rugido vermelho, fumaça sufocante e os gritos de cavalos moribundos. Rodou o cinto para que Agulha não ficasse no seu caminho e começou a rastejar. Tinha penetrado uns três metros no túnel quando ouviu o som, como o rugido de alguma fera monstruosa, e uma nuvem de fumaça quente e poeira negra formou uma onda atrás dela, com o cheiro do inferno. Arya segurou a respiração, beijou a lama do chão do túnel e chorou. Por quem, não sabia dizer.

Tyrion

A rainha não estava disposta a esperar por Varys.

– A traição já é vil o suficiente – Cersei declarou, furiosa –, mas isso é vilania da mais nua e descarada, e não preciso daquele eunuco afetado para me dizer o que deve ser feito com vilões.

Tyrion tirou as cartas da mão da irmã e comparou-as, lado a lado. Eram duas cópias, com exatamente as mesmas palavras, embora tivessem sido escritas por mãos diferentes.

– Meistre Franken recebeu a primeira mensagem em Castelo Stokeworth – explicou o Grande Meistre Pycelle. – A segunda cópia chegou até nós por Lorde Gyles.

Mindinho passou os dedos pela barba.

– Se Stannis se incomodou com *eles*, é mais do que certo que todos os senhores dos Sete Reinos também viram uma cópia.

– Quero essas cartas queimadas, todas elas – Cersei declarou. – Nem um sinal disso deve chegar aos ouvidos do meu filho ou do meu pai.

– Imagino que nosso pai tenha ouvido bem mais do que um sinal a essa altura – Tyrion disse secamente. – Certamente Stannis enviou uma ave para Rochedo Casterly e outra para Harrenhal. Quanto a queimar as cartas, para quê? A canção está cantada, o vinho, derramado, a meretriz, grávida. E isso não é tão terrível como parece, na verdade.

Cersei virou-se para ele com seus olhos verdes em fúria.

– É completamente imbecil? Leu o que ele diz? *O garoto Joffrey*, ele diz. E atreve-se a *me* acusar de incesto, adultério e traição!

Só porque é culpada. Era espantoso ver como Cersei conseguia ficar zangada por causa de acusações que sabia serem perfeitamente verdadeiras. *Se perdermos a guerra, ela devia se dedicar à pantomima, pois tem o dom*. Tyrion esperou até que a irmã terminasse e disse:

– Stannis precisa ter algum pretexto para justificar sua rebelião. Que esperava que ele escrevesse? "Joffrey é o filho e herdeiro legítimo do meu irmão, mas, apesar de tudo, pretendo tirar o trono dele"?

– Não admitirei que me chamem de prostituta!

Ora, mana, ele nunca disse que Jaime lhe pagou. Tyrion fingiu que voltava a passar os olhos pelo texto. Havia uma certa frase…

– "Feito à Luz do Senhor" – leu em voz alta. – Estranha escolha de palavras, esta.

Pycelle pigarreou.

– Essas palavras aparecem com frequência em cartas e documentos vindos das Cidades Livres. Não significam mais do que, digamos, *escrito à vista de deus*. O deus dos sacerdotes vermelhos. É o

costume deles, creio.

– Varys contou-nos há alguns anos que a Senhora Selyse tinha se tornado devota de uma sacerdotisa vermelha – Mindinho lembrou-lhes.

Tyrion bateu levemente no papel.

– E agora, ao que parece, o senhor seu esposo fez o mesmo. Podemos usar isso contra ele. Instigue o Alto Septão a revelar como Stannis se virou contra os deuses, tal como se virou contra seu legítimo rei…

– Sim, sim – a rainha disse impacientemente. – Mas, primeiro, temos de impedir que esta sujeirada se espalhe mais. O conselho deve emitir um édito. Qualquer homem que for ouvido falando de incesto ou chamando Joff de bastardo deverá perder a língua.

– Uma medida prudente – disse o Grande Meistre Pycelle, com a corrente do seu cargo tilintando enquanto balançava a cabeça.

– Uma loucura – Tyrion suspirou. – Quando arranca a língua de um homem, não está provando que ele é mentiroso, mas apenas dizendo ao mundo que teme o que ele possa dizer.

– Então o que *você* acha que devemos fazer? – quis saber sua irmã.

– Muito pouco. Deixe-os cochichar, pois vão se cansar da história em breve. Qualquer homem com um pingo de bom-senso verá nela uma tentativa desastrada de justificar a usurpação de uma coroa. Por acaso Stannis mostra provas? Como poderia, se nunca aconteceu? – Tyrion dirigiu à irmã seu sorriso mais doce.

– É verdade – ela se obrigou dizer. –Mas, mesmo assim…

– Vossa Graça, seu irmão tem razão nisso – Petyr Baelish juntou os dedos. – Se tentarmos silenciar este boato, isso só lhe dará crédito. É melhor tratá-lo com desprezo, como a patética mentira que é. E, enquanto isso, combater o fogo com fogo.

Cersei mediu-o com o olhar.

– Que tipo de fogo?

– Talvez uma história da mesma natureza. Mas mais fácil de se acreditar. Lorde Stannis passou a maior parte do seu casamento afastado da esposa. Não que o culpe, pois faria o mesmo se fosse casado com a Senhora Selyse. Em todo caso, se espalharmos que a filha dela é bastarda, e Stannis um marido traído, bem… o povo está sempre ansioso por acreditar no pior em relação aos seus senhores, em especial àqueles que são tão rígidos, amargos e orgulhosos, como Stannis Baratheon.

– Ele nunca foi muito amado, é verdade – Cersei refletiu por um momento. – Então, revidamos na sua própria moeda. Sim, gosto disso. Quem podemos indicar como amante da Senhora Selyse? Creio que tem dois irmãos. E um dos seus tios tem estado com ela em Pedra do

Dragão durante todo este tempo…

– Sor Axell Florent é seu castelão – embora Tyrion relutasse em admitir, o plano de Mindinho tinha potencial. Stannis nunca tinha se apaixonado pela esposa, mas era eriçado como um porco-espinho quando se tratava da sua honra e desconfiado por natureza. Se conseguissem semear a discórdia entre ele e seus seguidores, isso só fortaleceria a causa deles. – Disseram-me que a criança tem as orelhas dos Florent.

Mindinho fez um gesto desinteressado.

– Um enviado comercial de Lys, uma vez observou, para mim, que Lorde Stannis devia amar muito a filha, pois erigiu centenas de estátuas dela ao longo das muralhas de Pedra do Dragão. "Senhor", tive de lhe dizer, "aquilo são gárgulas" – e soltou uma pequena gargalhada. – Sor Axell poderia servir para pai de Shireen, mas, segundo a minha experiência, quanto mais bizarra e chocante for a história, mais provável é que a repitam. Stannis tem um bobo especialmente grotesco, um imbecil com a cara tatuada.

Grande Meistre Pycelle olhou-o boquiaberto, horrorizado.

– Com certeza não pretende sugerir que a Senhora Selyse levaria um *bobo* para sua cama?

– É preciso ser um bobo para querer se deitar com Selyse Florent – Mindinho respondeu. – Sem dúvida, Cara-Malhada fez-me lembrar de Stannis. E as melhores mentiras contêm dentro de si pepitas de verdade, suficientes para dar o que pensar ao ouvinte. Ora, acontece que este bobo é completamente devoto à menina e a segue para todo lado. Até se parecem um pouco. Shireen também tem uma cara malhada e meio congelada.

Pycelle estava perdido.

– Mas isso foi da escamagris, que quase a matou quando bebê, pobrezinha.

– Gosto mais da minha história – disse Mindinho. – E o mesmo acontecerá com o povo. A maioria acredita que, se uma mulher comer coelho durante a gravidez, dará à luz um filho com grandes orelhas de abano.

Cersei sorriu o tipo de sorriso que costumava reservar para Jaime.

– Lorde Petyr, você é uma criatura perversa.

– Obrigado, Vossa Graça.

– E um mentiroso de grande talento – acrescentou Tyrion, com menos calor. *Esse aí é mais perigoso do que eu pensava*, refletiu.

Os olhos cinza-esverdeados de Mindinho enfrentaram o olhar desigual do anão sem sinal de desconforto.

– Todos temos nossos dons, senhor.

A rainha estava envolvida demais na sua vingança para reparar na conversa.

– Chifrado por um bobo imbecil! Vão rir de Stannis em todas as tabernas deste lado do mar estreito.

– A história não deve partir de nós – Tyrion observou –, pois seria vista como uma mentira contada em proveito próprio – *que é o que ela é, é claro*.

De novo, foi Mindinho quem forneceu a resposta.

– As prostitutas adoram fofocar, e acontece que possuo alguns bordéis. Sem dúvida Varys poderá plantar sementes nas cervejarias e refeitórios.

– Varys – Cersei franziu a sobrancelha. – Onde *está* Varys?

– Eu próprio tenho pensado nisso, Vossa Graça.

– A Aranha tece suas teias secretas de dia e de noite – disse o Grande Meistre Pycelle em tom sinistro. – Não confio nesse homem, senhores.

– E ele fala tão bem de você... – Tyrion empurrou-se da cadeira. Acontece que sabia o que o eunuco andava fazendo, mas não era nada que os outros conselheiros precisassem ouvir. – Peço-lhes perdão, senhores. Outros assuntos me chamam.

Cersei ficou imediatamente desconfiada:

– Assuntos do rei?

– Nada com que tenha de se preocupar.

– Prefiro eu mesma avaliar isso.

– Quer estragar minha surpresa? Vou mandar fazer um presente para Joffrey. Uma pequena corrente.

– Para que ele precisaria de mais uma corrente? Tem correntes de ouro e de prata em maior número do que consegue usar. Se pensa por um instante que pode comprar o amor de Joff com presentes…

– Ora, certamente *tenho* o amor do rei, tal como ele tem o meu. E creio que ele um dia apreciará *esta* corrente mais do que todas as outras.

O homenzinho fez uma reverência e bamboleou-se em direção à porta.

Bronn esperava na entrada da sala do conselho para escoltá-lo de volta à Torre da Mão.

– Os ferreiros estão na sua sala de audiências, no aguardo da sua vontade – ele disse enquanto atravessavam o pátio.

– No aguardo da minha vontade. Gosto de como isso soa, Bronn. Quase parece um cortesão de verdade. A seguir, vai se ajoelhar.

– Vá se foder, anão.

– Isso é tarefa de Shae – Tyrion ouviu a Senhora Tanda chamando-o alegremente do topo dos degraus em espiral. Fingindo não reparar nela, bamboleou-se um pouco mais depressa. – Mande aprontar minha liteira. Deixarei o castelo assim que me livrar disso – dois dos Irmãos da Lua estavam de guarda na porta. Tyrion os saudou

simpaticamente e fez uma careta antes de começar a subir as escadas. A subida até seu quarto fazia suas pernas doerem.

Lá dentro, deparou-se com um rapaz de doze anos que punha roupas sobre sua cama, como uma espécie de escudeiro. Podrick Payne era tão tímido que se tornava furtivo. Tyrion nunca tinha se livrado da suspeita de que o pai lhe impusera o rapaz como piada.

– Seus trajes, senhor – murmurou o rapaz, fitando as próprias botas, quando Tyrion entrou. Mesmo quando conseguia arranjar coragem para falar, Pod nunca era capaz de olhar o interlocutor. – Para a audiência. E o seu colar. Seu colar de Mão.

– Muito bem. Ajude-me a me vestir.

O gibão era de veludo negro coberto de botões dourados em forma de cabeças de leão, e o colar, um aro de mãos de ouro maciço, com os dedos de cada uma apertando o pulso da seguinte. Pod trouxe um manto de seda carmesim debruada de dourado, cortado sob medida. Num homem normal, não seria mais do que uma meia capa.

A sala privativa de audiências da Mão não era tão grande como a do rei, nem chegava a um fragmento da imensidão da sala do trono, mas Tyrion gostava dos seus tapetes de Myr, dos reposteiros nas paredes e da impressão de intimidade que dava. Quando entrou, seu intendente gritou:

– Tyrion Lannister, Mão do Rei.

Também gostava disso. O bando de ferreiros, armeiros e ferrageiros que Bronn havia reunido ficou de joelhos. Tyrion içou-se para a cadeira elevada, que ficava abaixo da redonda janela dourada, e ordenou que se levantassem.

– Bons homens, sei que estão todos atarefados, portanto, serei sucinto. Pod, por favor – o rapaz entregou-lhe um saco de pano. Tyrion puxou o cordão que o fechava e o abriu, seu conteúdo derramou-se no tapete com um *tunc* abafado de metal batendo em lã. – Mandei fazer isso na forja do castelo. Quero outros mil iguaizinhos.

Um dos ferreiros ajoelhou-se para inspecionar o objeto: três imensos elos de aço trançavam-se, unidos.

– Uma poderosa corrente.

– Poderosa, mas curta – respondeu o anão. – Como eu, de certo modo. Desejo uma bastante mais longa. Tem um nome?

– Chamam-me Pança de Ferro, senhor – o ferreiro era largo e atarracado, vestido simplesmente com lã e couro, mas seus braços eram tão grossos como o pescoço de um touro.

– Quero todas as forjas em Porto Real dedicadas a fazer estes elos e a uni-los. Todo o trabalho restante deverá ser posto de lado. Quero todos os homens que conheçam a arte de trabalhar o metal voltados para esta tarefa, sejam eles mestres, empregados ou aprendizes. Quando subir a Rua do Aço, quero ouvir martelos tinindo dia e noite.

E quero um homem, um homem forte, para me certificar de que tudo isso seja feito. Esse homem é você, Pança de Ferro?

– Pode ser que seja, senhor. Mas, então, e a cota de malha e as espadas que a rainha queria?

Outro ferreiro interveio:

– Sua Graça ordenou-nos que fizéssemos cotas de malha e armaduras, espadas, punhais e machados, tudo em grande quantidade. Para armar o novo corpo de manto dourado, senhor.

– Esse trabalho pode esperar – Tyrion respondeu. – A corrente primeiro.

– Senhor, com a sua licença. Sua Graça disse que aqueles que não cumprissem as suas metas teriam as mãos esmagadas – insistiu o ansioso ferreiro. – Esmagadas nas suas próprias bigornas, ela disse.

Querida Cersei, sempre se esforçando para que o povo nos ame.

– Ninguém terá as mãos esmagadas. Tem a minha palavra quanto a isso.

– O ferro tornou-se caro – declarou Pança de Ferro –, e essa corrente irá precisar de muito e também de coque, para os fogos.

– Lorde Baelish vai se assegurar de que tenham dinheiro à medida que forem necessitando dele – Tyrion prometeu. Esperava poder contar com Mindinho para isso. – Ordenarei à Patrulha da Cidade que os ajude a encontrar ferro. Derretam todas as ferraduras da cidade, se for necessário.

Um homem mais velho avançou, ricamente vestido com uma túnica de damasco com presilhas de prata e um manto forrado de pele de raposa. Ajoelhou-se para examinar os grandes elos de aço que Tyrion havia despejado no chão:

– Senhor – anunciou com gravidade –, isto é no máximo trabalho cru. Não possui arte. É tarefa adequada a ferreiros comuns, sem dúvida, a homens que dobram ferraduras e dão forma a tachos. Mas eu sou um mestre armeiro, se aprouver ao senhor. Isto não é trabalho para mim, nem para os mestres meus colegas. Fazemos espadas afiadas como canções, armaduras tais que um deus poderia usar. Mas *isto* não.

Tyrion inclinou a cabeça para o lado e ofereceu ao homem uma dose dos seus olhos desiguais.

– Qual é o seu nome, mestre armeiro?

– Salloreon, se agradar ao senhor. Se a Mão do Rei permitir, ficaria *extremamente* honrado em lhe forjar uma armadura adequada à sua Casa e elevado cargo – dois dos outros soltaram um riso abafado, mas Salloreon prosseguiu sem prestar atenção neles. – Placas e escamas, acho. As escamas douradas, brilhantes como o sol, as placas esmaltadas com um profundo carmim Lannister. Para o elmo, sugeriria uma cabeça de demônio, coroada com altos chifres dourados.

Quando cavalgar para a batalha, os homens vão se encolher de medo.

Uma cabeça de demônio, pensou Tyrion, triste, *que diz isso de mim?*

– Mestre Salloreon, pretendo lutar o resto das minhas batalhas a partir desta cadeira. É de elos que preciso, não de chifres de demônio. Por isso, permita-me que coloque nesses termos: Você irá fazer elos, ou então irá usá-los. A escolha é sua.

Levantou-se e se retirou, sem dar sequer uma olhada para trás. Bronn esperava-o perto do portão com a liteira e uma escolta de Orelhas Negras a cavalo.

– Sabe para onde vamos – disse-lhe Tyrion, aceitando ajuda para entrar na liteira.

Ele tinha feito tudo o que podia para alimentar a cidade faminta. Pusera várias centenas de carpinteiros para construir barcos de pesca em vez de catapultas, abrira a floresta do rei a qualquer caçador que se atrevesse a atravessar o rio e até enviara homens de manto dourado em busca de abastecimentos para oeste e para sul. Mas ainda via olhos acusadores onde quer que fosse. As cortinas da liteira afastavam-no deles e, além disso, davam-lhe tempo livre para pensar.

Enquanto abriam o sinuoso caminho pela retorcida Rua da Sombra Negra até o sopé da Grande Colina de Aegon, Tyrion refletiu sobre os acontecimentos da manhã. A ira de sua irmã a levara a não prestar atenção no verdadeiro significado da carta de Stannis Baratheon. Sem provas, suas acusações não eram nada; o que interessava era que tinha se denominado rei. *E o que Renly achará disso?* Não podiam se sentar *ambos* no Trono de Ferro.

Ociosamente, puxou a cortina um pouco para trás, a fim de espreitar as ruas. Orelhas Negras cavalgavam de ambos os lados, com os macabros colares em volta dos pescoços, enquanto Bronn seguia na frente para abrir caminho. Observou os transeuntes que o olhavam e fez um pequeno jogo consigo mesmo, tentando distinguir os informantes dos demais. *Aqueles que parecem mais suspeitos são provavelmente inocentes*, decidiu. *É com os que parecem inocentes que tenho de ter cuidado*.

Seu destino ficava atrás da colina de Rhaenys, e as ruas estavam cheias de gente. Passou-se quase uma hora até que a liteira parasse de balançar. Tyrion dormitava, mas acordou abruptamente quando o movimento cessou, esfregou a areia dos olhos e aceitou a ajuda de Bronn para sair.

A casa tinha dois andares, o de baixo em pedra e o de cima em madeira. Um torreão redondo erguia-se de um canto da estrutura. Muitas das janelas tinham vitrais. Por cima da porta balançava uma lâmpada ornamentada, um globo de metal dourado e vidro escarlate.

– Um bordel – Bronn identificou. – Que pretende fazer aqui?

– O que é que normalmente se faz num bordel?

O mercenário soltou uma gargalhada.

– Shae não é suficiente?

– Ela era bastante bonita para uma acompanhante de acampamento militar, mas já não estou num acampamento. Homens pequenos têm grandes apetites, e ouvir dizer que as garotas daqui são dignas de um rei.

– O garoto já tem idade suficiente?

– Joffrey não. Robert. Esta casa era uma das suas favoritas – *muito embora Joffrey talvez tenha mesmo idade suficiente. Uma ideia interessante, essa*. – Se você e os Orelhas Negras quiserem se divertir, sintam-se à vontade, mas as moças da Chataya são caras. Encontrarão casas mais baratas ao longo da rua. Deixe aqui um homem que saiba onde encontrar os outros quando eu quiser retornar.

Bronn anuiu com um aceno.

– Como queira – os Orelhas Negras eram só sorrisos.

Lá dentro, uma mulher alta, vestida de sedas esvoaçantes, o esperava. Tinha pele de ébano e olhos de sândalo.

– Sou Chataya – ela se apresentou, com uma profunda reverência. – E o senhor é…

– Não vamos cair no hábito dos nomes. Eles são perigosos – o ar tinha cheiro de alguma especiaria exótica, e o chão sob seus pés mostrava um mosaico com duas mulheres entrelaçadas no amor. – Tem um estabelecimento agradável.

– Trabalhei longamente para deixá-lo assim. Fico feliz que a Mão esteja satisfeita – a voz dela era um fluxo de âmbar, líquida, com o sotaque das longínquas Ilhas do Verão.

– Os títulos podem ser tão perigosos como os nomes – Tyrion a preveniu. – Mostre-me algumas das suas garotas.

– Será um grande prazer. Descobrirá que todas elas são tão doces como belas e conhecedoras de todas as artes do amor.

Afastou-se com movimentos graciosos, obrigando Tyrion a bambolear-se o melhor que podia em cima de pernas com metade do comprimento das dela. Por detrás de um ornamentado biombo de Myr, esculpido com flores, fantasias e donzelas sonhadoras, espreitaram, sem ser vistos, uma sala comum, onde um velho tocava uma melodia alegre numa flauta. Numa alcova coberta de almofadas, um tyroshi bêbado com sua barba roxa embalava uma roliça prostituta sobre o joelho. Tinha desatado seu corpete e inclinava a taça para derramar um fino fio de vinho sobre os seios dela a fim de lambê-los. Outras duas moças jogavam damas em frente a uma janela de vitral. A sardenta usava uma cadeia de flores azuis no cabelo cor de mel. A outra tinha uma pele tão suave e negra como azeviche polido, grandes olhos escuros e pequenos seios pontudos. Vestiam seda leve presa à cintura com cintos de contas. A luz do sol que jorrava através do vidro

colorido delineava seus belos corpos jovens através do tecido fino, e Tyrion sentiu uma agitação na virilha.

– Sugeriria, respeitosamente, a garota da pele escura – Chataya falou.

– É nova.

– Tem dezesseis anos, senhor.

Uma boa idade para Joffrey, pensou, lembrando-se do que Bronn tinha dito. Sua primeira garota tinha sido ainda mais nova. Tyrion lembrou-se de como ela pareceu tímida quando ele tirou seu vestido da primeira vez. Longos cabelos escuros e uns olhos azuis nos quais um homem podia se afogar, e foi o que aconteceu com ele. Fazia tanto tempo… *Que idiota desgraçado você é, anão*.

– Esta moça vem da sua terra natal?

– O sangue é o do Verão, senhor, mas minha filha nasceu aqui em Porto Real – a surpresa dele deve ter transparecido no seu rosto, pois Chataya prosseguiu: – Meu povo considera que não há vergonha em ser visto na casa dos travesseiros. Nas Ilhas do Verão, aqueles que são treinados na dádiva do prazer são muito estimados. Muitos jovens e donzelas de elevado nascimento servem durante alguns anos após seu florescimento, para honrar os deuses.

– O que os deuses têm a ver com isso?

– Os deuses fizeram nossos corpos, tal como nossas almas, não é assim? Deram-nos vozes para que possamos adorá-los com canções. Deram-nos mãos para que possamos construir-lhes templos. E deram-nos desejo para que possamos acasalar e adorá-los dessa forma.

– Lembre-me de dizer isso ao Alto Septão – Tyrion retrucou. – Se pudesse orar com o meu pau, seria muito mais religioso – fez um gesto com a mão. – Vou aceitar com prazer sua sugestão.

– Chamarei minha filha. Venha.

A moça encontrou-se com ele ao pé da escada. Mais alta do que Shae, embora não tão alta quanto a mãe, teve de se ajoelhar para que Tyrion a beijasse.

– Meu nome é Alayaya – disse, apenas com o mais leve toque do sotaque da mãe. – Venha, senhor – pegou sua mão e o levou por dois lances de escadas e por um longo salão. Arquejos e guinchos de prazer vinham de trás de uma das portas fechadas, risinhos e sussurros de outra. O pênis de Tyrion fez pressão contra os cordões dos seus calções. *Isso pode ser humilhante*, pensou, enquanto seguia Alayaya por outra escada acima até o quarto do torreão. Havia apenas uma porta. Ela o conduziu para dentro e a fechou. Dentro do quarto havia uma grande cama com dossel, um guarda-roupa alto, decorado com gravuras eróticas, e uma janela estreita de vitral num padrão de diamantes vermelhos e amarelos.

– É muito bela, Alayaya – disse-lhe Tyrion quando ficaram a sós. –

Dos pés à cabeça, cada parte sua é adorável. Mas, agora, a parte que mais me interessa é a língua.

– O senhor achará minha língua bem instruída. Quando era menina, aprendi quando usá-la e quando não.

– Isso me agrada – Tyrion sorriu. – Então, o que fazemos agora? Talvez tenha alguma sugestão?

– Sim. Se o senhor quiser abrir o guarda-roupa, encontrará o que procura.

Tyrion beijou sua mão e subiu para dentro do guarda-roupa vazio. Alayaya fechou-o nas suas costas. Apalpou em busca do painel traseiro, sentiu-o deslizar sob seus dedos e o empurrou para o lado até o fim. O espaço vazio por trás da parede estava negro como breu, mas Tyrion tateou até encontrar o metal. Sua mão fechou-se em torno de uma escada vertical. Encontrou um degrau mais baixo com o pé e começou a descer. Bem abaixo do nível da rua, o poço desembocou num túnel de terra inclinado, onde foi encontrar Varys à espera com uma vela na mão.

Varys não parecia em nada consigo próprio. Via-se uma cara marcada por cicatrizes e uma barba negra por fazer sob seu capacete de espigão, e usava cota de malha sobre couro fervido, com um punhal e uma espada curta no cinto.

– Chataya o satisfez, senhor?

– Quase demais – Tyrion admitiu. – Está certo de que podemos confiar nesta mulher?

– Não estou certo de nada neste mundo volúvel e traiçoeiro, senhor. Mas Chataya não tem motivo para gostar da rainha e sabe que tem de agradecer ao senhor por livrá-la de Allar Deem. Vamos? – ele avançou pelo túnel adentro.

Até seu jeito de andar é diferente, observou Tyrion. O cheiro de vinho amargo e alho grudava em Varys no lugar da lavanda.

– Gosto deste seu novo traje – Tyrion mencionou enquanto caminhavam.

– O trabalho que faço não me permite que cruze as ruas no meio de uma coluna de cavaleiros. Portanto, quando deixo o castelo, adoto aparências mais adequadas, e assim sobrevivo para servi-lo por mais tempo.

– O couro fica bem em você. Devia ir assim à nossa próxima sessão do conselho.

– Sua irmã não aprovaria, senhor.

– Minha irmã sujaria a roupa de baixo – ele sorriu na escuridão. – Não vi sinais de nenhum dos seus espiões me seguindo.

– Fico grato por ouvir isso, senhor. Alguns dos homens a soldo da sua irmã também estão ao meu, sem que ela o saiba. Detestaria pensar que tivessem se tornado tão descuidados que se deixassem ver.

– Bem, *eu* detestaria pensar que tivesse escalado por dentro de guarda-roupas e sofrido os tormentos do desejo frustrado para coisa nenhuma.

– Dificilmente será para coisa nenhuma – assegurou-lhe Varys. – Eles sabem que está aqui. Se algum será ousado o bastante para entrar na casa de Chataya disfarçado de cliente, não sei dizer, mas prefiro pecar pelo excesso de cautela.

– Como é que um bordel pode ter uma entrada secreta?

– O túnel foi escavado para outra Mão do Rei, cuja honra não lhe permitia entrar abertamente numa casa dessas. Chataya guardou com cuidado o conhecimento da sua existência.

– E, no entanto, você sabia.

– Os passarinhos voam por muitos túneis escuros. Cuidado, os degraus são íngremes.

Emergiram por um alçapão no fundo de um estábulo, depois de percorrerem talvez uma distância de três quarteirões por baixo da Colina de Rhaenys. Um cavalo relinchou na sua cocheira quando Tyrion deixou que o alçapão se fechasse com estrondo. Varys soprou a vela e escondeu-a numa viga, e Tyrion olhou em volta. As cocheiras estavam ocupadas por uma mula e três cavalos. Bamboleou-se até o castrado malhado e examinou seus dentes.

– Velho – disse – e tenho as minhas dúvidas quanto ao seu fôlego.

– Não é uma montaria apta a transportá-lo em batalha, é verdade – Varys respondeu –, mas servirá, e não chamará a atenção. Tal como os outros. E os cavalariços veem e ouvem apenas os animais – o eunuco tirou um manto de um cabide. Era de tecido grosseiro, desbotado pelo sol e puído, mas de corte muito amplo. – Se me der licença – passou o manto sobre os ombros de Tyrion, que o envolveu dos pés à cabeça, com um capuz que podia ser puxado para a frente de modo que escondesse seu rosto em sombras. – Os homens veem aquilo que esperam ver – disse Varys enquanto puxava e ajustava o manto. – Os anões não são uma visão tão frequente como as crianças, então, o que verão será uma criança. Um garoto com um manto velho no cavalo do pai, indo tratar dos assuntos do pai. Embora fosse melhor se desse preferência a vir de noite.

– Planejo fazê-lo… depois de hoje. Nesse momento, no entanto, Shae me espera. – Tyrion instalara-a numa mansão murada no canto nordeste de Porto Real, não muito longe do mar, mas não tinha se atrevido a visitá-la por receio de ser seguido.

– Que cavalo quer?

Tyrion encolheu os ombros.

– Este serve.

– Vou selá-lo para você – Varys tirou sela e arreios presos em um prego.

Tyrion ajustou o pesado manto e ficou andando impacientemente de um lado para o outro.

– Perdeu um conselho animado. Stannis coroou-se, ao que parece.

– Eu sei.

– Acusa meus irmãos de incesto. Pergunto a mim mesmo como terá chegado a tal suspeita.

– Talvez tenha lido um livro e visto a cor do cabelo de um bastardo, como Ned Stark e Jon Arryn antes dele. Ou talvez alguém tenha sussurrado ao seu ouvido – o riso do eunuco não foi a pequena gargalhada habitual, mas mais profundo e gutural.

– Alguém como você, por acaso?

– Sou suspeito? Não fui eu.

– Se tivesse sido, admitiria?

– Não. Mas por que trairia um segredo que guardei durante tanto tempo? Uma coisa é enganar um rei, outra bem diferente é esconder-se do grilo nos caniços ou do passarinho na chaminé. Além disso, os bastardos estavam aí para que todos os vissem.

– Bastardos de Robert? O que há sobre eles?

– Ele gerou oito, até onde sei – Varys respondeu enquanto lutava com a sela. – As mães eram de cobre e mel, castanha e manteiga, e, no entanto, os bebês eram todos negros como corvos… e igualmente de mau agouro, ao que parece. Portanto, quando Joffrey, Myrcella e Tommen deslizaram por entre as coxas da sua irmã, todos tão dourados como o sol, não foi difícil vislumbrar a verdade.

Tyrion balançou a cabeça. *Se ela tivesse dado à luz um filho para o marido, teria sido o suficiente para desarmar a suspeita… Mas, nesse caso, não seria Cersei.*

– Se não foi você quem soprou no ouvido dele, quem foi?

– Algum traidor, sem dúvida – Varys apertou a cilha.

– Mindinho?

– Não mencionei nenhum nome.

Tyrion deixou que o eunuco o ajudasse a montar.

– Lorde Varys – disse de cima da sela –, às vezes sinto que é o melhor amigo que tenho em Porto Real, e, às vezes, que é meu pior inimigo.

– Que estranho. Penso em você praticamente da mesma forma.

Bran

Muito antes que os primeiros pálidos dedos de luz se intrometessem através das venezianas de Bran, seus olhos já estavam abertos.

Havia convidados em Winterfell, visitantes vindos para o festim das colheitas. De manhã, iriam lutar com manequins no pátio. Em outros tempos, essa perspectiva teria enchido o garoto de entusiasmo, mas isso havia sido *antes*.

Agora não. Os Walder iriam quebrar lanças com os escudeiros da escolta de Lorde Manderly, mas Bran não participaria. Teria de fazer o papel de príncipe no aposento privado do pai.

– Escute, e talvez aprenda alguma coisa sobre o que significa ser um senhor – Meistre Luwin lhe tinha dito.

Bran nunca pedira para ser um príncipe. Era com a cavalaria que sempre sonhara; armaduras reluzentes e estandartes tremulando, lanças e espadas, um cavalo de guerra entre as pernas. Por que teria de desperdiçar seus dias ouvindo velhos falando de coisas que só compreendia parcialmente? *Porque está enfraquecido*, lembrou-lhe uma voz no seu interior. Um senhor na sua cadeira almofadada podia ser aleijado. Os Walder diziam que o avô era tão frágil que tinha de ser levado para todo o lado numa liteira. Mas um cavaleiro no seu corcel de batalha não podia. Além disso, era o seu dever.

– É herdeiro do seu irmão e o Stark em Winterfell – Sor Rodrik dissera, recordando-lhe como Robb costumava acompanhar o senhor seu pai quando os vassalos vinham vê-lo.

Lorde Wyman Manderly chegara de Porto Branco dois dias antes, viajando de saveiro e liteira, pois era gordo demais para montar a cavalo. Consigo viera uma longa coluna de servidores: cavaleiros, escudeiros, senhores e senhoras de menor importância, arautos, músicos, até um malabarista, num esplendor de estandartes e capas que pareciam ter meia centena de cores. Bran lhes tinha dado as boas-vindas a Winterfell sentado no cadeirão de pedra do pai, com os lobos gigantes esculpidos nos braços, e mais tarde Sor Rodrik disse que tinha se portado bem. Se tivesse sido só aquilo, não teria se importado. Mas foi apenas o começo.

– O festim é um pretexto agradável – explicara Sor Rodrik –, mas um homem não atravessa cem léguas por uma fatia de pato e um gole de vinho. Só aqueles que têm assuntos importantes para sumeter à nossa consideração fazem tal viagem.

Bran olhou para cima, para o rude teto de pedra sobre sua cabeça. Sabia que Robb lhe diria para não agir como um garotinho. Quase conseguia ouvi-lo, e também o senhor seu pai. *O inverno está chegando,*

e você é quase um homem-feito, Bran. Tem um dever a cumprir.

Quando Hodor entrou pela porta, apressado, sorrindo e cantarolando sem melodia, encontrou o rapaz resignado ao seu destino. Juntos, deixaram-no lavado e escovado.

– Hoje quero o gibão de lã branca – Bran ordenou. – E o broche de prata. Sor Rodrik vai querer que eu tenha um ar senhorial.

Até onde era capaz, Bran preferia se vestir sozinho, mas havia algumas tarefas, como vestir os calções e amarrar as botas, que o atormentavam. Eram mais rápidas com a ajuda de Hodor. Uma vez ensinado a fazer alguma coisa, o gigante fazia-a com habilidade. Suas mãos eram sempre suaves, embora tivesse uma força espantosa.

– Você também poderia ter sido um cavaleiro, aposto – disse-lhe Bran. – Se os deuses não tivessem levado sua esperteza, teria sido um grande cavaleiro.

– Hodor? – o gigante piscou para ele seus olhos castanhos e francos, olhos inocentes de compreensão.

– Sim. Hodor – Bran apontou.

Na parede ao lado da porta estava pendurado um cesto, feito de vime e couro, muito firme, com buracos cortados para as pernas de Bran. Hodor enfiou os braços nas correias, cingiu bem o grande cinto ao peito, e depois ajoelhou-se ao lado da cama. Bran usou as barras presas na parede para se segurar, enquanto balançava o peso morto das suas pernas para dentro do cesto e através dos buracos.

– Hodor – repetiu o gigante, erguendo-se.

O cavalariço tinha quase dois metros e dez; às suas costas, a cabeça de Bran quase raspava no teto. Abaixou-se bem quando passaram pela porta. Certa vez, Hodor sentira o cheiro de pão assando e *correu* para as cozinhas, e Bran acabou por dar uma pancada tão forte na cabeça, que Meistre Luwin teve de dar pontos no seu couro cabeludo. Mikken dera-lhe um velho elmo enferrujado e sem visor que tinha no armeiro, mas Bran raramente o usava. Os Walder riam sempre que o viam em sua cabeça.

Bran colocou as mãos nos ombros de Hodor enquanto desciam a escada em caracol. Lá fora, no pátio, já soavam os sons das espadas, dos escudos e dos cavalos. Faziam uma doce música. *Vou só dar uma espiada*, Bran pensou, *uma espiada rápida, só isso*.

Os fidalgos de Porto Branco sairiam mais tarde, com seus cavaleiros e homens de armas. Até lá, o pátio pertencia aos seus escudeiros, cujas idades iam dos dez aos quarenta anos. Bran desejou tanto ser um deles, que seu estômago doeu.

Tinham sido colocados no pátio dois manequins, e cada um deles era composto por um robusto poste, que sustentava uma trave mestra giratória com um escudo numa ponta e um alvo almofadado na outra. Os escudos tinham sido pintados de vermelho e dourado, embora os

leões Lannister fossem granulosos e deformados e já estivessem bem marcados pelos primeiros rapazes que arremeteram contra eles.

A visão de Bran no cesto atraiu olhares daqueles que não o tinham visto antes, mas ele tinha aprendido a ignorar olhares. Pelo menos tinha uma boa vista; às costas de Hodor, ficava acima de todo mundo. Viu que os Walder estavam montando. Tinham trazido boas armaduras das Gêmeas, placas brilhantes e prateadas com relevos em esmalte azul. A cimeira do elmo do Grande Walder tinha formato de um castelo, enquanto o Pequeno Walder preferia flâmulas de seda azul e cinza. Seus escudos e capas também os distinguiam um do outro. O Pequeno Walder esquartelava as torres gêmeas de Frey com o javali malhado da Casa da avó e o lavrador da Casa da mãe: Crakehall e Darry, respectivamente. Os quartéis do Grande Walder eram a árvore com corvos da Casa Blackwood e as sinuosas serpentes dos Paege. *Devem estar famintos de honra*, Bran pensou, enquanto os observava pegando as lanças. *Um Stark necessita apenas do lobo gigante*.

Seus corcéis cinza-rajados eram rápidos, fortes e otimamente treinados. Lado a lado, carregaram contra os manequins. Ambos atingiram bem os escudos e já tinham passado à vontade quando os alvos almofadados rodopiaram por trás deles. O Grande Walder deu o golpe mais forte, mas Bran achou que o Pequeno Walder montou melhor. Teria dado ambas as suas pernas inúteis pela oportunidade de defrontar qualquer um deles.

O Pequeno Walder jogou fora a lança estilhaçada, viu Bran e freou o cavalo.

– Ora, eis aí um cavalo feio – disse, referindo-se a Hodor.

– Hodor não é nenhum cavalo – Bran respondeu.

– Hodor – Hodor ecoou.

O Grande Walder juntou-se ao primo a trote.

– Bem, ele não é tão *esperto* quanto um cavalo, isso é certo – alguns dos rapazes de Porto Branco acotovelaram-se e riram.

– Hodor – sorrindo jovialmente, Hodor olhou um Frey após outro, sem reparar na zombaria. – Hodor Hodor?

A montaria do Pequeno Walder relinchou.

– Está vendo, eles estão falando um com o outro. Talvez *hodor* queira dizer "te amo" em cavalês.

– Cala a boca, Frey – Bran sentia que estava ficando vermelho.

O Pequeno Walder esporeou o cavalo e aproximou-se, empurrando Hodor para trás.

– E o que você vai fazer se eu não me calar?

– Soltar o lobo em cima de você, primo – avisou Grande Walder.

– Deixa. Sempre quis um manto de pele de lobo.

– Verão arrancaria essa sua cabeça gorda – Bran retrucou.

O Pequeno Walder bateu na placa de peito com um punho

revestido de cota de malha.

– Seu lobo tem dentes de aço para morder através de placa de aço e cota de malha?

– *Basta!* – a voz do Meistre Luwin abriu caminho através do clangor do pátio, sonora como um trovão. Bran não sabia dizer quanto da conversa o meistre tinha ouvido, mas era claro que havia sido o bastante para irritá-lo. – Essas ameaças são impróprias e não quero ouvir mais nenhuma. É assim que se comporta nas Gêmeas, Walder Frey?

– Se eu quiser.

De cima do seu corcel, o Pequeno Walder lançou a Luwin um olhar mal-humorado, como se dissesse: *Você é só um meistre. Quem se julga para repreender um Frey da Travessia?*

– Bem, mas não é assim que os protegidos da Senhora Catelyn devem se comportar em Winterfell. O que causou isso? – o meistre olhou para os garotos, um a um. – Um de vocês vai me contar, juro, senão…

– Estávamos brincando com Hodor – confessou Grande Walder. – Lamento se ofendemos o Príncipe Bran. Só queríamos ser divertidos – ele tinha, pelo menos, a elegância de parecer envergonhado.

O Pequeno Walder parecia apenas impertinente:

– Eu também – disse. – Só estava sendo divertido.

Bran via que o ponto calvo no topo da cabeça do meistre tinha se tornado vermelho; se havia alguma diferença, Luwin estava mais zangado do que antes.

– Um bom senhor conforta e protege os fracos e indefesos – ele disse aos Frey. – Não vou admitir que façam de Hodor o alvo de brincadeiras cruéis, estão me ouvindo? Ele é um rapaz de bom coração, cumpridor e obediente, o que é mais do que posso dizer de qualquer um de vocês – o meistre brandiu um dedo para o Pequeno Walder. – E você vai ficar *fora* do bosque sagrado e longe daqueles lobos, senão responderá por isso – com as mangas esvoaçando, girou sobre os calcanhares, deu alguns passos rápidos e lançou um olhar para trás. – Bran. Venha. Lorde Wyman espera.

– Hodor, siga o meistre – Bran ordenou.

– Hodor – o gigante ecoou. Seus longos passos alcançaram o bater furioso dos pés do meistre nos degraus da Grande Fortaleza. Meistre Luwin manteve a porta aberta, Bran abraçou o pescoço de Hodor e abaixou-se enquanto a atravessavam.

– Os Walder… – começou.

– Não quero ouvir mais nada sobre isso, acabou – Meistre Luwin parecia desgastado e esgotado. – Teve razão em defender Hodor, mas nunca deveria ter ido lá. Sor Rodrik e Lorde Wyman já quebraram o jejum enquanto o aguardavam. Tenho de vir em pessoa buscá-lo,

como se fosse uma criança pequena?

– Não – Bran respondeu, envergonhado. – Lamento. Eu só queria…

– Eu sei o que queria – a voz de Meistre Luwin soou mais gentil. – Gostaria que isso fosse possível, Bran. Quer me fazer alguma pergunta antes de darmos início a esta audiência?

– Iremos falar de guerra?

– *Você* não irá falar de nada – a aspereza tinha voltado à voz de Luwin. – Você é ainda uma criança de oito anos…

– Quase nove!

– Oito – repetiu o meistre com firmeza. – Não diga nada além de cortesias, a menos que Sor Rodrik ou Lorde Wyman lhe façam uma pergunta.

Bran fez um aceno.

– Lembrarei disso.

– Não direi nada a Sor Rodrik sobre o que houve entre você e os rapazes Frey.

– Obrigado.

Puseram Bran na cadeira de carvalho do pai, com as almofadas de veludo cinza, por trás de uma longa mesa de armar. Sor Rodrik sentou-se ao seu lado direito e Meistre Luwin, ao esquerdo, armado com penas, frascos de tinta e um molho de pergaminhos em branco para escrever tudo o que acontecesse. Bran passou uma mão pela madeira áspera da mesa e pediu desculpas a Lorde Wyman pelo atraso.

– Ora, nenhum príncipe jamais se atrasa – o Senhor de Porto Branco respondeu amavelmente. – Os que chegam antes dele chegaram cedo, só isso – Wyman Manderly tinha uma grandiosa gargalhada ressonante. Pouco admirava que não conseguisse se sentar numa sela; parecia pesar mais do que a maioria dos cavalos. Tão eloquente como era vasto, começou pedindo a Winterfell que confirmasse os novos meirinhos que tinha nomeado para Porto Branco. Os antigos tinham andado segurando prata para Porto Real em vez de pagá-la ao novo Rei no Norte. – Rei Robb também precisa da sua própria moeda – declarou –, e Porto Branco é o lugar ideal para cunhá-la – ofereceu-se para se encarregar do assunto, se o rei desejasse, e depois passou a falar de como havia reforçado as defesas do porto, detalhando o custo de cada melhoramento.

Além de uma casa de cunhagem, Lorde Manderly também propôs construir uma frota de guerra para Robb.

– Há centenas de anos que não temos força no mar, desde que Brandon, o Incendiário, tocou fogo nos navios do pai. Concedam-me o ouro necessário, e ainda este ano porei para flutuar galés em número suficiente para tomar tanto Pedra do Dragão como Porto Real.

O interesse de Bran foi despertado pela menção feita a navios de guerra. Ninguém lhe perguntou, mas achou a ideia de Lorde Wyman magnífica. Na imaginação já conseguia vê-los e se perguntava se um aleijado havia alguma vez comandado um navio de guerra. Mas Sor Rodrik prometeu apenas enviar a proposta para consideração de Robb, enquanto Meistre Luwin arranhava o pergaminho.

O meio-dia chegou e passou. Meistre Luwin mandou Poxy Tym para as cozinhas e almoçaram no aposento privado queijo, capões e pão preto de aveia. Enquanto estraçalhava uma ave com dedos gordos, Lorde Wyman inquiriu polidamente a respeito da Senhora Hornwood, que era sua prima.

– Ela nasceu como uma Manderly, sabe? Talvez, quando seu luto terminar, queira voltar a ser uma Manderly, hein? – arrancou uma mordida da asa e deu um largo sorriso. – Ora, acontece que eu sou viúvo há oito anos. Já é mais que hora de tomar outra esposa, não concordam, senhores? Um homem se sente só – pondo os ossos de lado, estendeu a mão até a perna. – Ou se a senhora preferir um rapaz mais novo, bem, meu filho Wendel também não está casado. Ele foi para o sul a fim de guardar a Senhora Catelyn, mas sem dúvida desejará arranjar uma noiva na volta. Um rapaz valente e alegre, o homem certo para ensiná-la a rir de novo, hein? – limpou um pouco de gordura do queixo com a manga da túnica.

Bran ouvia o estrondo distante de armas que entrava pelas janelas. Não tinha o menor interesse em casamentos. *Gostaria de estar lá embaixo no pátio*.

O senhorio esperou, até que a mesa fosse limpa, antes de puxar o assunto de uma carta que tinha recebido de Lorde Tywin Lannister, que mantinha prisioneiro seu filho mais velho, Sor Wylis, capturado no Ramo Verde.

– Oferece-me sem resgate, sob a condição de eu retirar de Sua Graça meus recrutas e jurar parar de lutar.

– Irá recusar, é claro – Sor Rodrik exclamou.

– A esse respeito, nada temam – garantiu-lhes o lorde. – Rei Robb não tem servidor mais leal do que Wyman Manderly. No entanto, reluto em deixar meu filho em Harrenhal mais tempo do que o devido. Aquele lugar é mau. Dizem que é amaldiçoado. Não que eu seja o tipo de homem que engula essas histórias, mas, mesmo assim, é o que é. Vejam o que aconteceu àquele Janos Slynt. Feito Senhor de Harrenhal pela rainha e deposto pelo irmão dela. Enviado para a Muralha, segundo dizem. Peço para que alguma troca equitativa de prisioneiros possa ser acordada em breve. Sei que Wylis não gostaria de ficar esperando até a guerra acabar. Aquele meu filho é galante e feroz como um mastim.

Bran sentia os ombros rígidos por ter ficado sentado na mesma

cadeira durante toda a audiência. E naquela noite, quando se sentava à mesa para jantar, soou uma trompa para anunciar a chegada de outro hóspede. A Senhora Donella Hornwood não trazia uma comitiva de cavaleiros e servidores; era apenas ela e seis fatigados homens de armas com uma cabeça de alce nas suas poeirentas fardas laranja.

– Lamentamos muito tudo o que tem sofrido, senhora – disse Bran quando ela veio à sua presença para saudá-lo. Lorde Hornwood havia sido morto na batalha do Ramo Verde, e seu único filho abatido no Bosque dos Murmúrios. – Winterfell vai se lembrar.

– É bom saber disso – era uma pálida casca de mulher, com o rosto marcado pelo luto. – Estou muito cansada, senhor. Se me der licença para descansar, ficarei grata.

– Com certeza – Sor Rodrik respondeu. – Há tempo bastante para conversar amanhã.

Quando o dia seguinte chegou, a maior parte da manhã foi dedicada a falar de cereais, verduras e da salga de carne. Quando os meistres na sua Cidadela proclamavam a chegada do outono, os homens sensatos separavam uma parte de cada colheita… Se bem que o tamanho dessa parte era assunto que parecia necessitar de muita discussão. A Senhora Hornwood estava armazenando um quinto da sua colheita. Obedecendo à sugestão de Meistre Luwin, prometeu aumentar esse valor para um quarto.

– O bastardo de Bolton está reunindo homens no Forte do Pavor – preveniu-os. – Espero que pretenda levá-los para o sul e ir se juntar ao pai nas Gêmeas, mas quando mandei saber quais eram as suas intenções, mandou-me dizer que nenhum Bolton seria alguma vez interrogado por uma mulher. Como se fosse legítimo e tivesse direito àquele nome.

– Lorde Bolton nunca reconheceu o rapaz, que eu saiba – Sor Rodrik disse. – Confesso que não o conheço.

– Poucos conhecem – ela respondeu. – Viveu com a mãe até dois anos atrás, quando o jovem Domeric morreu e deixou Bolton sem herdeiro. Foi aí que trouxe o bastardo para o Forte do Pavor. Todos dizem que o rapaz é uma criatura ardilosa e tem um criado que é quase tão cruel como ele. Chamam o homem de Fedor. Dizem que nunca toma banho. Os dois caçam juntos, o Bastardo e este Fedor, e não são veados o que caçam. Ouvi histórias, coisas em que quase não acredito, mesmo dizendo respeito a um Bolton. E agora que o senhor meu esposo e o meu querido filho foram encontrar os deuses, o Bastardo olha com fome para as minhas terras.

Bran desejou dar à senhora cem homens para defender os seus direitos, mas Sor Rodrik disse apenas:

– Ele pode olhá-las, mas, se fizer mais do que isso, prometo-lhe que as consequências serão severas. Estará bastante segura, senhora…

Embora talvez, a seu tempo, quando seu luto passar, fosse prudente voltar a se casar.

– Já passei do tempo em que podia dar à luz, e a beleza que tive há muito fugiu – ela respondeu com um meio sorriso fatigado –, mas os homens vêm me farejar como nunca fizeram quando era donzela.

– Não vê com bons olhos esses pretendentes? – Luwin perguntou.

– Casarei de novo se Sua Graça ordenar – ela respondeu –, mas Mors Crowfood é um bruto bêbado, e mais velho do que meu pai. Quanto ao meu nobre primo Manderly, a cama do meu senhor não é suficientemente grande para aguentar um homem de tal majestade, e eu sou certamente pequena e frágil demais para me deitar por baixo dele.

Bran sabia que os homens dormiam em cima das mulheres quando dividiam a cama. Imaginava que dormir debaixo de Lorde Manderly seria como estar embaixo de um cavalo caído. Sor Rodrik dirigiu à viúva um aceno compreensivo.

– Terá outros pretendentes, senhora. Tentaremos encontrar um pretendente mais do seu agrado.

– Talvez não precise procurar muito longe, sor.

Depois de ela ter se retirado, Meistre Luwin sorriu.

– Sor Rodrik, creio que a senhora o aprecia.

Sor Rodrik pigarreou e pareceu desconfortável.

– Ela estava muito triste – Bran comentou.

Sor Rodrik anuiu.

– Triste e honrada. E nada deselegante para uma mulher da sua idade, apesar de toda sua modéstia. Mas, mesmo assim, um perigo para a paz do reino do seu irmão.

– Ela? – Bran se espantou.

Foi Meistre Luwin quem respondeu.

– Sem herdeiro direto, haverá com certeza muitos pretendentes disputando as terras dos Hornwood. Tanto os Tallhart como os Flint e os Karstark têm ligações com a Casa Hornwood por linha feminina, e os Glover estão criando o bastardo de Lorde Harys em Bosque Profundo. O Forte do Pavor não tem nenhuma pretensão, que eu saiba, mas as terras são contíguas, e Roose Bolton não é homem que deixaria passar uma chance dessas.

Sor Rodrik puxou as suíças.

– Em casos assim, seu suserano deverá encontrar para ela um par adequado.

– Por que o *senhor* não poderia desposá-la? – Bran quis saber. – Disse que é elegante e Beth teria uma mãe.

O velho cavaleiro pôs uma mão no braço de Bran.

– Uma ideia amável, meu príncipe, mas sou apenas um cavaleiro e, além disso, velho demais. Poderia manter as terras dela durante

alguns anos, mas, assim que morresse, a Senhora Hornwood voltaria ao mesmo atoleiro, e os pretendentes de Beth poderiam também ser perigosos.

– Então deixe que o bastardo de Lorde Hornwood seja o herdeiro – Bran sugeriu, pensando no seu meio-irmão Jon.

Sor Rodrik disse:

– Isso agradaria aos Glover e talvez à sombra de Lorde Hornwood, mas não creio que a Senhora Hornwood iria simpatizar conosco. O garoto não é do seu sangue.

– Em todo caso – disse Meistre Luwin –, essa possibilidade tem de ser levada em conta. A Senhora Donella já passou dos seus anos férteis, como ela própria disse. Se não for o bastardo, então, quem?

– Posso me retirar? – Bran conseguia ouvir os escudeiros treinando com as espadas no pátio lá embaixo, o ressoar de aço batendo em aço.

– Como quiser, meu príncipe – Sor Rodrik anuiu. – Esteve bem.

Bran corou de prazer. Ser um senhor não era tão entediante como temia, e a Senhora Hornwood tinha sido muito mais rápida do que Lorde Manderly, até lhe restavam algumas horas de dia para ir visitar Verão. Gostava de passar algum tempo com seu lobo todos os dias, quando Sor Rodrik e o meistre lhe permitiam.

Assim que Hodor entrou no bosque sagrado, Verão emergiu de debaixo de um carvalho, quase como se soubesse que eles estavam chegando. Bran vislumbrou um esguio vulto negro que também os observava de dentro dos arbustos.

– Felpudo – chamou. – Vem cá, Cão Felpudo. Aqui – mas o lobo de Rickon desapareceu tão rapidamente como havia surgido.

Hodor sabia qual era o lugar favorito de Bran e o levou para a margem da lagoa sob a grande sombra da árvore-coração, onde Lorde Eddard costumava se ajoelhar para rezar. Marolas corriam pela superfície da água quando chegaram, fazendo o reflexo do represeiro tremer e dançar. Mas não havia vento. Por um instante, Bran sentiu-se desconcertado.

Então, Osha surgiu de dentro da lagoa com um grande espirrar de água, tão subitamente que até Verão saltou para trás, rosnando. Hodor afastou-se aos pulos, gemendo "*Hodor*, *Hodor*", consternado, até que Bran deu palmadinhas no seu ombro para acalmar seus medos.

– Como pode nadar aí? – perguntou a Osha. – Não é frio?

– Quando era bebê, mamei pingentes de gelo, garoto. Gosto do frio – Osha nadou para as rochas e saiu da água, pingando. Estava nua, com pele enrugada. Verão aproximou-se com cuidado e a farejou. – Quis tocar o fundo.

– Não sabia que havia um fundo.

– Talvez não haja – ela sorriu. – O que está olhando, rapaz?

Nunca viu uma mulher?

– Vi, claro – Bran tinha tomado banho com as irmãs centenas de vezes e também tinha visto criadas nas lagoas quentes. Mas Osha parecia diferente, dura e angulosa, em vez de macia e cheia de curvas. Suas pernas eram só tendões, os seios achatados como duas bolsas vazias. – Tem um monte de cicatrizes.

– Todas elas duramente conquistadas – Osha pegou a camisa marrom, sacudiu dela algumas folhas e a enfiou pela cabeça.

– Lutando contra gigantes? – Osha dizia que ainda havia gigantes para lá da Muralha. *Um dia talvez eu até veja um…*

– Lutando contra homens – amarrou um pedaço de corda em torno da cintura para fazer de cinto. – Corvos negros, normalmente. E matei um, sim – Osha se vangloriou, sacudindo o cabelo. Tinha crescido desde que viera para Winterfell, e já passava das suas orelhas. Parecia mais suave do que a mulher que antes tentara assaltá-lo e matá-lo na mata de lobos. – Ouvi algum falatório hoje na cozinha a respeito de você e daqueles Frey.

– Quem? O que disseram?

Osha dirigiu-lhe um sorriso amargo.

– Que um garoto que caçoa de um gigante é um tolo, e que é um mundo louco aquele em que um aleijado tem de defendê-lo.

– Hodor não chegou a perceber que estavam caçoando dele – Bran respondeu. – Seja como for, ele nunca luta.

Lembrou-se de uma vez, quando era pequeno, a caminho da praça do mercado com a mãe e a Septã Mordane. Tinham trazido Hodor como carregador, mas ele tinha se afastado e, quando foram encontrá-lo, uns garotos tinham-no encurralado numa viela, atormentando-o com paus. "*Hodor!*", gritava o gigante, enrolando-se com medo e cobrindo-se com os braços, mas não chegou a levantar uma mão contra aqueles que o atormentavam.

– Septão Chayle diz que ele tem um espírito bondoso.

– Sim – ela confirmou –, e mãos com força suficiente para arrancar do pescoço a cabeça de um homem, se resolver fazê-lo. Em todo caso, é melhor que ele tome cuidado perto daquele Walder. Ele, e você também. O grande a quem chamam pequeno, cá para mim, tem o nome bem dado. Grande por fora, pequeno por dentro, e malvado até os ossos.

– Ele nunca se atreveria a me fazer mal. Tem medo do Verão, não importa o que diga.

– Então, pode ser que não seja tão estúpido como parece – Osha era sempre cautelosa perto dos lobos gigantes. No dia em que tinha sido capturada, Verão e Vento Cinzento tinham rasgado três selvagens em pedaços ensanguentados. – Ou pode ser que seja. E isso também cheira a problema – ela prendeu o cabelo. – Teve mais daqueles

sonhos de lobo?

– Não – Bran não gostava de falar dos sonhos.

– Um príncipe deveria mentir melhor que isso – Osha soltou uma gargalhada. – Bem, seus sonhos são assunto seu. Os meus estão nas cozinhas, e é melhor que vá voltando antes que Gage comece a gritar e a sacudir aquela sua grande colher de madeira. Com a sua licença, meu príncipe.

Ela nunca devia ter falado dos sonhos de lobo, Bran pensou, enquanto Hodor subia com ele os degraus que levavam ao seu quarto. Lutou contra o sono o máximo que pôde, mas, por fim, foi tomado por ele, como sempre. Naquela noite, sonhou com o represeiro. A árvore o estava olhando com seus profundos olhos vermelhos, chamando-o com sua retorcida boca de madeira, e dos galhos brancos desceu voando o corvo de três olhos, dando bicadas na sua cara e gritando seu nome com uma voz afiada como espadas.

O som das trombetas o acordou. Bran ficou de lado, grato pelo adiamento do sonho. Ouviu cavalos e gritos rudes. *Chegaram mais hóspedes e, pelo barulho que fazem, vêm meio bêbados.* Agarrando-se às barras, puxou-se da cama e foi até o banco de janela. No estandarte dos recém-chegados via-se um gigante com correntes quebradas que lhe disse que aqueles eram homens de Umber, vindos das terras do norte para lá do Rio Último.

No dia seguinte, dois deles vieram juntos à audiência; os tios do Grande-Jon, homens fanfarrões no inverno dos seus dias, com barbas tão brancas como os mantos de pele de urso que usavam. Um corvo tinha um dia julgado que Mors estivesse morto e bicou seu olho, por isso usava um pedaço de vidro de dragão em seu lugar. De acordo com a versão da Velha Ama, ele tinha agarrado o corvo com uma mão e arrancado sua cabeça com os dentes, por isso o chamavam Papa-Corvos. A Ama nunca dissera a Bran por que chamavam o irmão Hother de Terror das Rameiras.

Mal tinham se sentado, Mors já pedia licença para casar com a Senhora Hornwood.

– Grande-Jon é o forte braço direito do Jovem Lobo, todos sabem que é assim. Quem melhor para proteger as terras da viúva do que um Umber, e que melhor Umber do que eu?

– A Senhora Donella ainda está de luto – Meistre Luwin respondeu.

– Tenho uma cura para o luto por baixo das minhas peles – Mors gargalhou. Sor Rodrik agradeceu-lhe com cortesia e prometeu levar o assunto à consideração da senhora e do rei.

Hother queria navios.

– Selvagens andam se esgueirando do norte, em maior número do que jamais vi. Atravessam a Baía das Focas em barcos pequenos e vêm

dar à nossa costa. Os corvos de Atalaialeste não são suficientes para pará-los, e eles são rápidos como doninhas para se esconder. É de dracares que precisamos, sim, e de homens fortes para manobrá-los. Grande-Jon levou muitos. Metade da nossa colheita perdeu-se por falta de braços para manejar as foices.

Sor Rodrik puxou as suíças:

– Vocês têm florestas de pinheiros altos e velhos carvalhos. Lorde Manderly tem construtores navais e marinheiros com fartura. Juntos, deveriam ser capazes de pôr na água dracares em número suficiente para defender as costas de ambos.

– Manderly? – Mors Umber fungou. – Esse grande saco bamboleante de banha? Seu próprio povo caçoa dele, chamando-o de Lorde Lampreia, segundo ouvi dizer. O homem quase não consegue andar. Se espetasse uma espada na sua barriga, dez mil enguias torceriam-se para fora.

– Ele é gordo – admitiu Sor Rodrik –, mas não é bobo. Irá trabalhar com ele, caso contrário o rei ficará sabendo o por quê.

E, para espanto de Bran, os truculentos Umber concordaram em fazer o que ele ordenava, embora não sem resmungos. Enquanto decorria a audiência, os homens dos Glover chegaram de Bosque Profundo, e um grande grupo dos Tallhart, de Praça de Torrhen. Galbart e Robett Glover tinham deixado Bosque Profundo nas mãos da esposa de Robett, mas foi seu intendente que veio até Winterfell.

– Minha senhora pede que perdoem sua ausência. Seus bebês são novos demais para uma viagem dessas e ela estava relutante em se separar deles.

Bran compreendeu rapidamente que era o intendente, e não a Senhora Glover, quem realmente governava em Bosque Profundo. O homem admitiu que estava, por enquanto, armazenando apenas um décimo da colheita. Afirmou que um vidente lhe tinha dito que haveria um farto verão dos espíritos antes que o frio se instalasse. Meistre Luwin tinha uma quantidade de coisas interessantes a dizer acerca de videntes. Sor Rodrik ordenou ao homem que separasse um quinto e o interrogou detalhadamente a respeito do bastardo de Lorde Hornwood, o garoto Larence Snow. No Norte, todos os bastardos de elevado nascimento adotavam o sobrenome *Snow*. Este rapaz tinha quase doze anos, e o intendente elogiou sua inteligência e coragem.

– Sua ideia sobre o bastardo pode ter mérito, Bran – Meistre Luwin disse mais tarde. – Um dia será um bom senhor para Winterfell, penso eu.

– Não serei, não – Bran sabia que nunca seria um senhor, tal como não podia ser um cavaleiro. – Robb deverá se casar com uma moça Frey qualquer, foi você quem me disse, e os Walder dizem o mesmo. Ele terá filhos e serão eles os senhores de Winterfell depois

dele, não eu.

– Pode ser assim, Bran – Sor Rodrik interveio. – Mas eu fui casado por três vezes, e as minhas esposas deram-me filhas. Agora só me resta Beth. Meu irmão Martyn foi pai de quatro filhos fortes, mas só Jory sobreviveu até ser homem. Quando foi morto, a linhagem de Martyn morreu também. Quando falamos do amanhã, nada é certo.

Leobald Tallhart teve sua vez no dia seguinte. Falou de presságios meteorológicos e do juízo indolente dos plebeus e contou como seu sobrinho ansiava por batalhas.

– Benfred recrutou sua própria companhia de lanceiros. Garotos, nenhum deles com mais de dezenove anos, mas todos pensam que ele é outro jovem lobo. Quando lhes disse que eram apenas jovens coelhos, riram de mim. Agora chamam-se de Bravas Lebres e galopam pelos campos com peles de coelho atadas às pontas das lanças, cantando canções de cavalaria.

Bran pensou que aquilo soava grandioso. Lembrou-se de Benfred Tallhart, um grande rapaz fanfarrão e barulhento que visitava frequentemente Winterfell com o pai, Sor Helman, e tinha sido amigável com Robb e Theon Greyjoy. Mas Sor Rodrik ficou claramente descontente com o que ouviu.

– Se o rei precisasse de mais homens, pediria – ele disse. – Diga ao seu sobrinho que deverá permanecer em Praça de Torrhen conforme ordenou o senhor seu pai.

– Farei isso, sor – Leobald respondeu, e só então puxou o assunto da Senhora Hornwood. Pobrezinha, sem um marido que defenda suas terras ou um filho que as herde. Sua própria esposa era uma Hornwood, irmã do falecido Lorde Halys, com certeza todos se lembravam. – Um salão vazio é um salão triste. Tive a ideia de mandar meu filho mais novo para que a Senhora Donella crie como seu. Beren tem quase dez anos, é um moço promissor, e seu sobrinho. Iria animá-la, estou certo, e talvez até adotasse o nome Hornwood…

– Se fosse nomeado herdeiro? – sugeriu Meistre Luwin.

– … para que a Casa possa se manter – Leobald terminou.

Bran sabia o que dizer.

– Obrigado pela ideia, senhor – falou antes que Sor Rodrik tivesse tempo de abrir a boca. – Levaremos o assunto ao meu irmão Robb. Ah, e à Senhora Hornwood.

Leobald pareceu surpreso por ele falar.

– Agradeço, meu príncipe – ele disse, mas Bran viu piedade nos seus olhos azuis-claros, talvez misturada com um pouco de alegria pelo aleijado não ser, afinal, *seu* filho. Por um momento, odiou o homem.

Mas Meistre Luwin gostou mais.

– Beren Tallhart pode bem ser a nossa melhor escolha – disse-lhes

depois de Leobald partir. – Pelo sangue, é meio Hornwood. Se adotar o nome do tio…

– … será mesmo assim um garoto – Sor Rodrik observou –, e sob grande pressão para defender as suas terras contra gente como Mors Umber ou aquele bastardo de Roose Bolton. Temos de pensar bem nisto. Robb deve ter os nossos melhores conselhos antes de tomar sua decisão.

– Pode depender de detalhes de ordem prática – disse Meistre Luwin. – De qual dos senhores mais precisa na corte. As terras fluviais fazem parte do seu reino, e pode querer cimentar a aliança casando a Senhora Hornwood com um dos senhores do Tridente. Um Blackwood, talvez, ou um Frey…

– A Senhora Hornwood pode ficar com um dos nossos Frey – Bran interveio. – Pode ficar com os dois, se quiser.

– Não está sendo gentil, meu príncipe – Sor Rodrik o censurou levemente.

Os Walder também não. Carrancudo, Bran fitou a mesa e nada disse.

Nos dias que se seguiram, chegaram corvos de outras casas senhoriais, trazendo pedidos de desculpa. O bastardo do Forte do Pavor não viria; os Mormont e os Karstark tinham ido todos para o sul com Robb; Lorde Locke era idoso demais para arriscar a viagem; a Senhora Flint estava com a gravidez avançada, havia doença na Atalaia da Viúva. Por fim, todos os principais vassalos da Casa Stark tinham dado notícias, exceto Howland Reed, o cranogmano, que não punha os pés para fora dos seus pântanos havia muitos anos, e os Cerwyn, cujo castelo ficava a meio dia de viagem de Winterfell. Lorde Cerwyn era cativo dos Lannister, mas seu filho, um rapaz de catorze anos, chegou uma bela manhã à frente de duas dúzias de lanças. Bran montava a Dançarina no pátio quando atravessaram o portão. Foi a trote encontrá-los para lhes dar as boas-vindas. Cley Cerwyn sempre foi amigo de Bran e dos irmãos.

– Bom dia, Bran – Cley gritou alegremente. – Ou será que tenho de chamá-lo agora de Príncipe Bran?

– Só se quiser.

Cley soltou uma gargalhada.

– E por que não? Todo mundo é rei ou príncipe nos dias que correm. Stannis também escreveu para Winterfell?

– Stannis? Não sei.

– Ele também é agora um rei – Cley confidenciou. – Diz que a Rainha Cersei se deitou com o irmão, e, portanto, Joffrey é um bastardo.

– Joffrey, o Mal-Nascido – rosnou um dos cavaleiros dos Cerwyn. – Não é de admirar que seja desleal, com o Regicida como pai.

– Sim – disse outro –, os deuses detestam o incesto. Veja como derrubaram os Targaryen.

Por um momento, Bran sentiu-se incapaz de respirar. Uma mão gigantesca esmagava seu peito. Sentiu-se caindo e agarrou-se desesperadamente às rédeas da Dançarina.

Seu terror deve ter transparecido no rosto.

– Bran? – Cley Cerwyn o chamou. – Está se sentindo mal? É só mais um rei.

– Robb também o derrotará.

Virou a cabeça da Dançarina na direção dos estábulos, sem notar os olhares confusos que os Cerwyn lhe dirigiram. O sangue rugia em suas orelhas e, se não estivesse preso à sela, poderia muito bem ter caído.

Naquela noite, Bran rezou aos deuses do pai, pedindo um sono sem sonhos. Se os deuses ouviram, zombaram da sua esperança, pois o pesadelo que enviaram foi pior do que qualquer sonho de lobo.

"*Voe ou morra!*", gritava o corvo de três olhos enquanto o bicava. Chorou e suplicou, mas o corvo não tinha piedade. Destroçou seu olho esquerdo, e depois o direito, e quando ficou cego na escuridão, a ave começou a bicá-lo na testa, enfiando o bico terrivelmente afiado no seu crânio. Bran gritou até ficar certo de que seus pulmões iriam estourar. A dor era como um machado que abria sua cabeça, mas quando o corvo puxou o bico, todo pegajoso com pedaços de osso e cérebro, Bran conseguia ver de novo. O que viu fez com que arquejasse de medo. Estava agarrado a uma torre com muitos metros de altura, seus dedos escorregavam, com as unhas arranhando a pedra, e as pernas puxavam-no para baixo, as estúpidas e inúteis pernas mortas. "*Socorro!*", gritou. Um homem dourado surgiu no céu por cima dele e o puxou. "As coisas que eu faço por amor", murmurou suavemente enquanto o atirava, esperneando, para o vazio.

Tyrion

–Já não durmo como dormia quando era novo – disse-lhe o Grande Meistre Pycelle, em tom de desculpa pela reunião à alvorada. – Prefiro estar de pé, mesmo que o mundo esteja escuro, a deitar inquieto na cama, preocupado com tarefas a cumprir – ele disse, embora seus olhos de pálpebras pesadas fizessem-no parecer meio adormecido enquanto falava.

Nos arejados aposentos sob o viveiro de corvos, a criada lhes serviu ovos cozidos, ameixas em compota e mingau de aveia, enquanto Pycelle pontificava.

– Nestes tristes tempos, quando tantos passam fome, penso ser adequado que mantenha minha mesa frugal.

– Louvável – Tyrion admitiu, quebrando o grande ovo marrom que lhe lembrava muito a cabeça calva e manchada do Grande Meistre. – Eu adoto um ponto de vista diferente. Se há comida, eu como, para o caso de não haver nenhuma amanhã – sorriu. – Diga-me, seus corvos também são madrugadores?

Pycelle afagou a barba branca como a neve que caía pelo seu peito abaixo.

– Com certeza. Devo mandar buscar pena e tinta depois de comermos?

– Não há necessidade – Tyrion pousou as cartas na mesa ao lado do mingau, pergaminhos gêmeos bem enrolados e selados com cera em ambas as extremidades. – Mande sua moça embora para que possamos conversar.

– Deixe-nos, filha – Pycelle ordenou, e a criada apressou-se em sair da sala. – Então, essas cartas…

– São para os olhos de Doran Martell, Príncipe de Dorne – Tyrion tirou a casca rachada do ovo e deu uma mordida. Estava sem sal. – Uma carta, em duas cópias. Envie suas aves mais rápidas. O assunto é de grande importância.

– Vou enviá-las assim que quebrarmos o jejum.

– Envie-as já. Ameixas em compota podem esperar. O reino talvez não. Lorde Renly está trazendo sua tropa pela estrada das rosas, e ninguém sabe dizer quando Lorde Stannis zarpará de Pedra do Dragão.

Pycelle pestanejou.

– Se o senhor prefere…

– Prefiro.

– Estou aqui para servir – o meistre ficou solenemente em pé, fazendo tilintar suavemente o colar do seu cargo. Era coisa pesada, uma dúzia de colares de meistre enrolados uns nos outros e

ornamentados com pedras preciosas. E parecia a Tyrion que os elos de ouro, prata e platina eram em número muito superior aos de metais inferiores.

Pycelle mexia-se tão devagar que Tyrion teve tempo de terminar o ovo e experimentar as ameixas, cozidas e aguadas demais para o seu gosto, antes que o som de asas o fizesse se levantar. Olhou o corvo, escuro no céu da alvorada, e dirigiu-se rapidamente para o labirinto de prateleiras que havia na outra ponta da sala.

Os medicamentos que o meistre tinha formavam uma vitrine impressionante; dúzias de potes selados com cera, centenas de frascos arrolhados, outras tantas garrafas de vidro opaco, incontáveis potes de ervas secas, com cada recipiente ordenadamente etiquetado na letra precisa de Pycelle. *Uma mente metódica*, Tyrion refletiu, e, de fato, uma vez decodificada a arrumação, era fácil ver que cada poção tinha o seu lugar. *E coisas tão interessantes*. Viu sonodoce e beladona, leite da papoula, lágrimas de Lys, grisalheira em pó, acônito e dança do demo, veneno de basilisco, olhocego, sangue de viúva…

Pondo-se nas pontas dos pés e esticando-se, conseguiu puxar uma pequena garrafa empoeirada da prateleira mais elevada. Quando leu a etiqueta, sorriu e enfiou-a na manga.

Estava de volta à mesa, descascando outro ovo, quando o Grande Meistre Pycelle desceu lentamente as escadas.

– Está feito, senhor – o velho sentou-se. – Um assunto como este… é melhor realizá-lo prontamente, de fato, de fato… de grande importância, foi o que disse?

–Ah, sim – Tyrion achou que o mingau estava grosso demais e faltando manteiga e mel. Também era verdade que manteiga e mel eram raramente vistos em Porto Real nos últimos tempos, embora Lorde Gyles mantivesse o castelo bem abastecido de ambos os produtos. Metade da comida que ingeriam nos dias que corriam provinha das terras dele ou da Senhora Tanda. Rosby e Stokeworth ficavam perto da cidade, para o norte, e ainda não tinham sido tocadas pela guerra.

– O próprio Príncipe de Dorne. Posso perguntar…

– É melhor não.

– Como quiser – a curiosidade de Pycelle estava tão madura, que Tyrion quase conseguia saboreá-la. – Talvez… o conselho do rei…

Tyrion batucou com a colher de madeira na borda da tigela.

– O conselho existe para *aconselhar* o rei, Meistre.

– Precisamente – Pycelle concordou –, e o rei…

– … é um garoto de treze anos. Eu falo com a sua voz.

– É bem verdade. De fato. A Mão do Próprio Rei. No entanto… Sua mui graciosa irmã, nossa Rainha Regente, ela…

– … carrega um grande fardo naqueles seus adoráveis ombros

brancos. Não tenho nenhum desejo de somar mais peso a esse fardo. Você tem? – Tyrion inclinou a cabeça e lançou ao Grande Meistre um olhar interrogador.

Pycelle baixou os olhos para a comida. Havia algo nos desiguais olhos verde e negro de Tyrion que deixava o homem desconfortável. Sabendo disso, o anão dava-lhes bom uso.

– Ah – murmurou o velho para as suas ameixas. – Sem dúvida que tem razão, senhor. É muita atenção sua… poupá-la deste… fardo.

– É esse o tipo de pessoa que sou – Tyrion voltou a dedicar-se ao pouco satisfatório mingau. – Atencioso. Afinal de contas, Cersei é minha irmã querida.

– E uma mulher, com certeza – disse o Grande Meistre Pycelle. – Uma mulher muito incomum, mas… não é pouca coisa, tratar de todas as necessidades do reino, apesar da fragilidade do seu sexo…

Ah, sim, ela é uma frágil pomba, basta perguntar a Eddard Stark.

– Agrada-me que compartilhe da minha preocupação. E agradeço-lhe pela hospitalidade da sua mesa. Mas um longo dia me espera – balançou as pernas para baixo e desceu da cadeira. – Terá a bondade de me informar de imediato caso recebamos uma resposta de Dorne?

– Às suas ordens, senhor.

– E *apenas* a mim?

– Ah… com certeza.

A mão manchada de Pycelle agarrava a barba como um homem que se afoga agarra uma corda. Aquilo alegrou o coração de Tyrion. *Um*, pensou.

Bamboleou-se até o pátio, lá embaixo; suas pernas atrofiadas queixaram-se dos degraus. O sol estava agora bem alto, e o castelo agitava-se. Guardas patrulhavam as muralhas e cavaleiros e homens de armas treinavam com armas cegas. Ali perto, Bronn estava sentado na borda de um poço. Um par de formosas criadas passou por ele devagar, transportando entre ambas um cesto de vime cheio de esteiras, mas o mercenário nem as olhou.

– Bronn, perco a esperança em você – Tyrion fez um gesto para as moças. – Com uma bela vista como aquelas duas à sua frente, e tudo o que vê é um bando de palhaços fazendo barulho.

– Há uma centena de bordéis nesta cidade onde, com uma moeda cortada de cobre, posso comprar a boceta que quiser – Bronn respondeu. – Mas, um dia, minha vida pode depender da atenção com que observei os seus palhaços – enquanto se levantava, perguntou: – Quem é o rapaz da capa azul quadriculada com os três olhos no escudo?

– Um pequeno cavaleiro qualquer. Chama a si próprio de Tallad. Por quê?

Bronn afastou uma madeixa dos olhos.

– É o melhor de todos. Mas, observe-o, ele cai num mesmo ritmo, dando em todas as vezes que ataca os mesmos golpes na mesma ordem – o homem sorriu. – Isso será a sua morte no dia em que me enfrentar.

– Ele está juramentado a Joffrey, não é provável que o enfrente.

Começaram a atravessar o pátio, com Bronn ajustando seus passos longos aos curtos de Tyrion. Nesses dias, o mercenário parecia quase respeitável. Seu cabelo escuro lavado e escovado, estava recém-barbeado e usava a placa de peito preta de um oficial da Patrulha da Cidade. Dos seus ombros pendia um manto do carmim Lannister com um padrão de mãos douradas, que Tyrion lhe oferecera quando o nomeou capitão da sua guarda pessoal.

– Quantos suplicantes temos hoje?

– Trinta e tantos – Bronn respondeu. – A maior parte com queixas ou querendo alguma coisa, como sempre. Seu animal de estimação voltou.

Tyrion gemeu.

– A Senhora Tanda?

– O pajem. Convida-o outra vez para jantar com ela. Deve haver uma peça de veado, diz ela, um par de gansos recheados com molho de amoras e…

– … a filha – Tyrion finalizou num tom azedo. Desde o instante em que tinha chegado à Fortaleza Vermelha, a Senhora Tanda o andava perseguindo, armada com um arsenal sem fim de tortas de lampreia, javalis selvagens e apetitosos guizados com creme. De alguma forma, tinha ficado com a ideia de que um fidalgo anão seria o consorte perfeito para sua filha Lollys, uma moça grande, mole e pouco inteligente que, segundo os rumores, ainda era donzela aos trinta e três anos. – Mande-lhe as minhas desculpas.

– Não gosta de ganso recheado? – Bronn deu um sorriso maldoso.

– Talvez você devesse comer o ganso e casar com a donzela. Ou, melhor ainda, mandar Shagga.

– É mais provável que Shagga coma a donzela e se case com o ganso. E, de qualquer forma, Lollys é mais pesada do que ele.

– Também há isso – admitiu Tyrion enquanto passavam pela sombra de uma passarela que ligava duas torres. – Quem mais me procura?

O mercenário ficou mais sério:

– Há um agiota vindo de Braavos, trazendo uns papéis e coisas do gênero, que pede para se encontrar com o rei a propósito do pagamento de um empréstimo qualquer.

– Como se Joff conseguisse contar até mais de vinte. Mande-o a Mindinho, ele encontrará uma maneira de se livrar do homem. O que mais?

– Um fidalgo vindo do Tridente, diz que os homens do seu pai queimaram sua fortaleza, estupraram sua mulher e mataram todos os camponeses.

– Creio que chamam isso de *guerra* – aquilo tinha cheiro do trabalho de Gregor Clegane, ou de Sor Amory Lorch, ou do outro mastim do inferno de estimação do pai, o que veio de Qohor. – O que ele quer de Joffrey?

– Camponeses novos. Percorreu todo o caminho a pé para cantar sua lealdade e pedir uma recompensa.

– Arranjarei tempo para ele amanhã – quer fosse realmente leal ou meramente desesperado, um senhor do rio obediente poderia ser útil. – Organize as coisas para que lhe seja dado um quarto confortável e uma refeição quente. Envie-lhe também um novo par de botas, das boas, uma delicadeza do Rei Joffrey – uma exibição de generosidade nunca é má.

Bronn fez um aceno rápido:

– Também há um grande bando de padeiros, açougueiros e vendedores de verduras clamando por serem ouvidos.

– Da última vez já lhes disse que não tenho nada para lhes dar.

Só um pequena quantidade de comida chegava a Porto Real, a maior parte dela destinada ao castelo e à guarnição. Os preços das verduras, tubérculos, farinha e frutas tinham subido assustadoramente, e Tyrion não queria pensar nos tipos de carne que deviam estar sendo despejados nas caldeiras dos refeitórios da Baixada das Pulgas. Peixe, ele esperava. Ainda tinham o rio e o mar… pelo menos até que Lorde Stannis zarpasse.

– Eles querem proteção. Ontem à noite um padeiro foi assado no seu próprio forno. O povo dizia que ele estava cobrando muito caro pelo pão.

– E estava?

– Ele não está em condições de negar.

– Não o comeram, certo?

– Que eu saiba, não.

– Da próxima vez comerão – Tyrion falou num tom sinistro. – Dou-lhes toda a proteção que posso dar. Os homens de manto dourado…

– Dizem que havia mantos dourados na multidão – Bronn completou. – Exigem falar com o rei em pessoa.

– Loucos.

Tyrion despacharia-os com desculpas; o sobrinho iria despachá-los com chicotes e lanças. Sentiu-se meio tentado a permitir isso… mas não, não se atrevia. Mais cedo ou mais tarde, algum inimigo marcharia sobre Porto Real, e a última coisa que queria era traidores solícitos dentro das muralhas da cidade.

– Diga-lhes que o Rei Joffrey partilha dos seus temores e fará tudo o que puder por eles.

– Eles querem pão, não promessas.

– Se lhes der pão hoje, amanhã terei o dobro batendo nos portões. Quem mais?

– Um irmão negro vindo da Muralha. O intendente diz que ele trouxe uma mão apodrecida num frasco.

Tyrion deu um sorriso triste.

– Surpreende-me que ninguém a tenha comido. Suponho que deva recebê-lo. Não será Yoren, por acaso?

– Não. Um cavaleiro qualquer. Thorne.

– Sor *Alliser* Thorne? – de todos os irmãos negros que tinha conhecido na Muralha, Sor Alliser Thorne tinha sido aquele de que Tyrion Lannister menos gostara. Um homem amargo, de gênio ruim, com apreço excessivo pelo seu próprio valor. – Pensando melhor, não me apetece receber Sor Alliser por enquanto. Arranje-lhe uma cela razoável onde ninguém tenha mudado as esteiras durante um ano e deixe que a mão que ele traz apodreça um pouco mais.

Bronn deu uma gargalhada roncada e foi embora, enquanto Tyrion subia com dificuldade a escada em caracol. Enquanto coxeava através do pátio exterior, ouviu o matraquear da porta levadiça sendo içada. A irmã e um grande grupo de pessoas esperavam junto ao portão principal.

Montada no seu palafrém branco, a irmã elevava-se muito acima de todos, uma deusa vestida de verde.

– Irmão – ela chamou, sem calor na voz. A rainha não tinha ficado feliz com a forma como ele havia lidado com Janos Slynt.

– Vossa Graça – Tyrion fez uma polida reverência. – Tem um aspecto adorável nesta manhã – a coroa dela era de ouro, o manto, de arminho. A comitiva ocupava as suas montarias atrás dela: Sor Boros Blount da Guarda Real, usando uma armadura de escamas brancas e sua carranca preferida; Lorde Gyles Rosby, pior do que nunca da sua tosse asmática; Hallyne, o Piromante da Guilda dos Alquimistas; e o mais recente favorito da rainha, o primo Sor Lancel Lannister, escudeiro do seu falecido marido elevado à condição de cavaleiro por insistência da viúva. Vylarr e vinte guardas formavam a escolta. – Onde vai hoje, irmã? – Tyrion perguntou.

– Vou fazer uma ronda pelos portões, a fim de inspecionar as novas balistas e catapultas de fogo. Não gostaria de pensar que estamos todos tão indiferentes perante as defesas da cidade como você parece estar – Cersei fitou-o com aqueles seus límpidos olhos verdes, belos, mesmo no desprezo. – Fui informada de que Renly Baratheon se pôs em marcha de Jardim de Cima. Está percorrendo a estrada das rosas, à frente de toda a sua força.

– Varys deu-me a mesma notícia.

– Pode estar aqui pela lua cheia.

– Não no ritmo vagaroso atual – Tyrion lhe garantiu. – Banqueteia-se cada noite num castelo diferente e dá audiência em cada encruzilhada por que passa.

– E todos os dias, mais homens se reúnem em volta dos seus estandartes. Diz-se que sua tropa tem agora cem mil homens.

– Esse número parece bastante elevado.

– Tem atrás de si o poderio de Ponta Tempestade e Jardim de Cima, meu pequeno tolo – Cersei soou irritada. – Todos os vassalos dos Tyrell, exceto os Redwyne, e deve-me agradecimentos por isso. Enquanto eu mantiver comigo aquelas pestes daqueles seus gêmeos, Lorde Paxter ficará agachado na Árvore e achará que tem sorte de estar fora de tudo isto.

– Uma pena que tenha deixado o Cavaleiro das Flores escapulir entre seus belos dedos. Em todo caso, Renly tem outras preocupações além de nós. Nosso pai em Harrenhal, Robb Stark em Correrrio… se eu estivesse no lugar dele, agiria de forma muito semelhante, exibindo meu poder para que o reino visse, observando, esperando. Deixaria que meus rivais lutassem, enquanto esperava minha bela hora. Se o Stark nos derrotar, o sul cairá nas mãos de Renly como um presente dos deuses, e sem que ele perca um único homem. E, se as coisas acontecerem de outro modo, pode cair sobre nós enquanto estivermos enfraquecidos.

Cersei não estava apaziguada.

– Quero que obrigue nosso pai a trazer seu exército para Porto Real.

Onde não servirá para nada além de fazer com que você se sinta em segurança.

– Quando fui capaz de *obrigá-lo* a fazer seja o que for?

Ela ignorou a pergunta.

– E quando planeja libertar Jaime? Ele vale cem de você.

Tyrion deu um sorriso torto.

– Não diga isso à Senhora Stark, peço-lhe. Não temos cem de mim para trocar.

– Nosso pai devia estar louco para tê-lo enviado. É pior do que inútil – a rainha sacudiu as rédeas e fez o palafrém dar meia-volta. Saiu pelo portão num trote rápido, fazendo esvoaçar o manto de arminho atrás de si. A comitiva apressou-se atrás dela.

Na verdade, Renly Baratheon não assustava Tyrion nem metade do que o irmão Stannis. Renly era amado pelos plebeus, mas nunca antes tinha liderado homens em batalha. Stannis era diferente: duro, frio, inexorável. Se ao menos tivessem alguma forma de saber o que estava acontecendo em Pedra do Dragão… Mas nem um dos

pescadores a quem pagara para espiar a ilha tinha voltado, e até os informantes que o eunuco dizia ter colocado entre o pessoal de Stannis se mantinham num silêncio agourento. No entanto, os cascos listrados de galés de guerra lisenas tinham sido vistos ao largo da ilha, e Varys possuía relatórios de Myr que falavam de capitães mercenários sendo contratados por Pedra do Dragão. *Se Stannis atacar por mar enquanto o irmão Renly assalta os portões, montarão em breve a cabeça de Joffrey num espigão. Pior: a minha estará ao lado da dele*. Um pensamento deprimente. Devia fazer planos para tirar Shae em segurança da cidade, caso o pior parecesse provável.

Podrick Payne estava na porta do seu aposento privado, estudando o chão.

– Ele está lá dentro – anunciou para a fivela de Tyrion. – Aposento privado. Senhor. Perdão.

Tyrion suspirou.

– Olhe para mim, Pod. Enerva-me quando fala para o meu tapa-sexo, especialmente se não estou usando um. Quem está no meu aposento privado?

– Lorde Mindinho – Podrick conseguiu dar um relance rápido em seu rosto, e depois baixou rapidamente os olhos. – Isto é, Lorde Petyr. Lorde Baelish. O mestre da moeda.

– Faz com que o homem pareça uma multidão – o rapaz encolheu-se como se lhe tivessem batido, fazendo com que Tyrion se sentisse absurdamente culpado.

Lorde Petyr estava sentado no seu banco de janela, indolente e elegante num gibão de pelúcia cor de ameixa e uma capa de cetim amarelo, com uma mão enluvada descansando no joelho.

– O rei está lutando contra lebres com uma besta – disse. – As lebres estão ganhando. Venha ver.

Tyrion teve de ficar nas pontas dos pés para dar uma espiada. Uma lebre morta jazia no chão, lá embaixo; outra, com as longas orelhas retorcendo-se, estava morrendo da flecha espetada no flanco. Viam-se flechas jogadas pela terra batida como palha espalhada por uma tempestade.

– Agora! – Joff gritou. O ajudante soltou a lebre que segurava e ela fugiu aos saltos. Joffrey puxou o gatilho da besta. A flecha falhou por mais de meio metro. A lebre ficou de pé nas patas traseiras e retorceu o focinho na direção do rei. Praguejando, Joff girou a manivela para voltar a retesar a corda, mas o animal desapareceu antes que conseguisse carregar a arma. – Outra! – o ajudante enfiou a mão na coelheira. Aquela pareceu um risco marrom contra as pedras, enquanto o tiro apressado de Joffrey quase acertava a virilha de Sor Preston.

Mindinho voltou-se:

– Rapaz, gosta de lebre em conserva? – perguntou a Podrick Payne.

Pod fitou as botas do visitante, magníficas, de couro tingido e ornamentadas com arabescos negros.

– Para comer, senhor?

– Invista em potes – aconselhou Mindinho. – As lebres conquistarão o castelo em breve. Comeremos lebre três vezes por dia.

– É melhor do que ratazanas no espeto – Tyrion retrucou. – Pod, deixe-nos. A menos que Lorde Petyr deseje algum refresco?

– Obrigado, mas não – Mindinho exibiu seu sorriso zombeteiro. – Beba com o anão, dizem, e acabará na Muralha. O negro realça minha palidez doentia.

Não tenha medo, senhor, Tyrion pensou, *não é a Muralha que tenho em mente para você*. Sentou-se num cadeirão cheio de almofadas e disse:

– Está muito elegante hoje, senhor.

– Sinto-me ferido. Tento parecer elegante *todos* os dias.

– O gibão é novo?

– Sim. É muito observador.

– Cor de ameixa e amarelo. São essas as cores da sua Casa?

– Não. Mas um homem cansa de usar as mesmas cores o tempo todo, ou pelo menos é o que descobri.

– Essa também é uma bela faca.

– Ah, é? – havia travessura nos olhos de Mindinho. Puxou a faca e olhou-a num relance casual, como se nunca a tivesse visto antes. – Aço valiriano e um cabo de osso de dragão. Um pouco simples, no entanto. É sua, se quiser.

– Minha? – Tyrion deu-lhe um longo olhar. – Não. Penso que não. Minha, nunca – *ele sabe, o canalha insolente. Ele sabe, e sabe que eu sei, e pensa que não posso encostar nele*.

Se alguma vez um homem tinha mesmo se armado em ouro, havia sido Petyr Baelish, não Jaime Lannister. A famosa armadura de Jaime não passava de aço dourado, mas Mindinho, ah… Para sua crescente inquietação, Tyrion descobrira algumas coisas a respeito do querido Petyr.

Dez anos antes, Jon Arryn dera-lhe uma breve sinecura no fisco, onde Lorde Petyr em breve se distinguiu ao arrecadar três vezes mais do que os outros coletores. O Rei Robert era um gastador prodigioso. Um homem como Petyr Baelish, que tinha o dom de esfregar dois dragões de ouro para fazer nascer um terceiro, não tinha preço para a sua Mão. A ascensão de Mindinho tinha sido rápida como uma flecha. Três anos depois da sua chegada à corte, era mestre da moeda e membro do pequeno conselho, e, hoje, as receitas da coroa eram dez vezes maiores do que tinham sido sob seu ausente predecessor…

embora as dívidas da coroa também tivessem se tornado vastas. Petyr Baelish era um mestre do malabarismo.

Ah, ele era esperto. Não se limitava a coletar o ouro e trancá-lo num cofre do tesouro, não. Pagava as dívidas do rei com promessas e punha o ouro para trabalhar. Comprou carroças, lojas, navios, casas. Comprou cereais quando havia fartura e vendeu pão quando ele escasseou. Comprou lã do norte, linho do sul e renda de Lys, armazenou-os, movimentou-os, tingiu-os e os vendeu. Os dragões de ouro reproduziram-se e se multiplicaram, e Mindinho os emprestou e trouxe-os para casa com crias.

E, enquanto o fazia, colocou seus homens em posição. Os Guardiães das Chaves eram dele, todos os quatro. O Real Contador e o Real Balança eram homens que ele tinha nomeado. Tal como os funcionários a cargo das três casas de cunhagem. Mestres do porto, coletores de impostos, sargentos fiscais, administradores de lã, cobradores de pedágio, intendentes navais, administradores de vinho; nove em dez lhe pertenciam. Eram homens de médio nascimento, na sua grande maioria; filhos de mercadores, fidalgos menores, às vezes até estrangeiros, mas, considerando os resultados que obtinham, muito mais capazes do que seus predecessores bem-nascidos.

Ninguém tinha pensado em questionar as nomeações. E por que deveriam? Mindinho não era ameaça para ninguém. Um homem inteligente, sorridente e simpático, amigo de todos, sempre capaz de encontrar o ouro que o rei ou a sua Mão requeriam, e, no entanto, de um nascimento tão pouco distinto, um degrau acima de cavaleiro menor. Não era um homem a se temer. Não tinha vassalos que pudesse convocar, nenhum exército de servidores, nenhum grande castelo, nenhuma terra de que valesse a pena falar, nenhuma perspectiva de grande casamento.

Mas será que me atrevo a encostar nele?, Tyrion se perguntou. *Mesmo se for um traidor?* Não tinha nenhuma certeza de poder fazê-lo e muito menos agora, enquanto a guerra se desenrolava. Com o tempo, poderia substituir os homens de Mindinho pelos seus em posições chave, mas…

Um grito soou no pátio.

– Ah, Sua Graça matou uma lebre – observou Lorde Baelish.

– Sem dúvida, uma lenta – Tyrion retrucou. – Senhor, foi criado em Correrrio. Ouvi dizer que cresceu próximo dos Tully.

– Pode-se dizer que sim. Especialmente das moças.

– Quão próximo?

– Deflorei-as. É próximo o suficiente?

A mentira, Tyrion estava bastante certo de se tratar de uma mentira, era dita com um tal ar de indiferença que alguém podia quase acreditar. Poderia ter sido Catelyn Stark quem mentiu? A

respeito da sua defloração e também do punhal? Quanto mais tempo vivia, mais Tyrion percebia que nada era simples e que poucas coisas eram verdadeiras.

– As filhas de Lorde Hoster não gostam de mim – Tyrion confessou. – Duvido que dessem ouvidos a qualquer proposta que eu possa fazer. Mas, vindas de você, as mesmas palavras poderiam cair mais docemente nos seus ouvidos.

– Isso iria depender das palavras. Se tem em mente oferecer Sansa em troca do seu irmão, desperdice o tempo de outra pessoa. Joffrey nunca abrirá mão do seu brinquedo, e a Senhora Catelyn não é tão tola a ponto de trocar o Regicida por uma menina insignificante.

– Pretendo ter também Arya. Pus homens à procura dela.

– Procurar não é encontrar.

– Lembrarei disso, senhor. Em todo caso, era a Senhora Lysa que eu esperava que pudesse influenciar. Para ela, tenho uma oferta melhor.

– Lysa é mais tratável do que Catelyn, sem dúvida… mas também mais temerosa, e, pelo que sei, odeia-o.

– Ela crê que tem bons motivos para isso. Quando fui seu hóspede no Ninho da Águia, insistiu que eu tinha assassinado seu marido e não se mostrou disposta a dar ouvidos a negações – Tyrion inclinou-se para a frente. – Se lhe entregar o verdadeiro assassino de Jon Arryn, poderá pensar melhor de mim.

Aquilo fez Mindinho endireitar-se.

– O verdadeiro assassino? Confesso que me deixa curioso. Quem tem em mente?

Foi a vez de Tyrion sorrir:

– Os presentes dou aos meus amigos, livremente. Lysa Arryn terá de compreender isso.

– É a amizade dela que lhe interessa, ou as suas espadas?

– Ambas.

Mindinho afagou o espigão bem tratado da sua barba.

– Lysa tem suas próprias aflições. Homens dos clãs que descem das Montanhas da Lua, em maior número do que há memória… e mais bem armados.

– Perturbador – disse Tyrion Lannister, que os armara. – Poderia ajudá-la com isso. Uma palavra minha…

– E o que lhe custaria essa palavra?

– Quero que a Senhora Lysa e o filho aclamem Joffrey como rei, que lhe jurem lealdade e que…

– … façam guerra aos Stark e aos Tully? – Mindinho balançou a cabeça. – Aí está a mosca na sua sopa, Lannister. Lysa nunca enviará seus cavaleiros contra Correrrio.

– Nem eu pediria isso. Não nos faltam inimigos. Usarei as suas

forças para enfrentar Lorde Renly ou Lorde Stannis, caso ele saia de Pedra do Dragão. Em troca, darei justiça por Jon Arryn e paz no Vale. Até nomearei aquele seu pavoroso filho Protetor do Leste, como o pai era antes dele – *quero vê-lo voar*, sussurrou, tênue, uma voz de garoto na sua memória. – E para selar o acordo, darei a ela minha sobrinha.

Teve o prazer de ver uma expressão de genuína surpresa nos olhos cinza-esverdeados de Petyr Baelish.

– Myrcella?

– Quando tiver idade, poderá casar com o pequeno Lorde Robert. Até lá, será protegida da Senhora Lysa no Ninho da Águia.

– E que pensa Sua Graça, a rainha, desta manobra? – quando Tyrion encolheu os ombros, Mindinho explodiu em gargalhadas. – Era o que eu pensava. É um homenzinho perigoso, Lannister. Sim, eu poderia cantar esta canção a Lysa – de novo, o sorriso manhoso, a travessura no olhar. – Se quisesse.

Tyrion acenou com a cabeça, à espera, sabendo que Mindinho nunca tolerava um longo silêncio.

– Então – prosseguiu Mindinho após uma pausa, completamente impassível –, o que há para mim na sua panela?

– Harrenhal.

Foi interessante observar o rosto dele. O pai de Lorde Petyr tinha sido o menor dos pequenos senhores, o avô, um pequeno cavaleiro sem terras; pelo nascimento, não possuía mais do que alguns acres pedregosos na costa varrida pelo vento dos Dedos. Harrenhal era uma das mais ricas peças dos Sete Reinos, com terras vastas, ricas e férteis, e seu grande castelo mais formidável que qualquer outro do reino… e tão grande, que reduzia à insignificância Correrrio, onde Petyr Baelish tinha sido criado pela Casa Tully, até ser bruscamente expulso quando se atreveu a erguer os olhos para a filha de Lorde Hoster.

Mindinho demorou um instante ajustando as pregas da capa, mas Tyrion viu a cintilação da fome naqueles olhos manhosos de gato. *Está na minha mão*, compreendeu.

– Harrenhal está amaldiçoado – disse Lorde Petyr após um momento, tentando soar entediado.

– Então arrase o castelo e construa de novo como lhe for melhor. Não lhe faltará poder para tanto. Pretendo fazer de você suserano do Tridente. Aqueles senhores do rio provaram que não são de confiança. Que lhe prestem vassalagem pelas suas terras.

– Até os Tully?

– Se restar algum Tully quando terminarmos.

Mindinho parecia um garotinho que tivesse acabado de dar uma mordida furtiva num favo de mel. Estava *tentando* ficar atento às abelhas, mas o mel era tão doce...

– Harrenhal e todas as suas terras e rendimentos – sua voz saiu

em tom de meditação. – De uma tacada, faria de mim um dos maiores senhores do reino. Não que seja ingrato, senhor, mas… Por quê?

– Serviu bem à minha irmã no problema da sucessão.

– Janos Slynt também o fez. A quem este mesmo castelo de Harrenhal foi outorgado muito recentemente… Só para ser arrebatado dele assim que deixou de ser útil.

Tyrion soltou uma gargalhada:

– Pegou-me, senhor. Que posso dizer? Preciso que me entregue a Senhora Lysa. Não precisava de Janos Slynt – encolheu os ombros tortos. – Prefiro ter você sentado no cadeirão de Harrenhal do que Renly no Trono de Ferro. O que poderia ser mais simples?

– De fato, o quê? Compreende que posso necessitar deitar de novo com Lysa Arryn para conquistar seu consentimento sobre este casamento?

– Tenho poucas dúvidas de que será capaz de realizar tal tarefa.

– Há algum tempo disse a Ned Stark que, quando nos encontramos nus com uma mulher feia, a única coisa a fazer é fechar os olhos e tratar do assunto – Mindinho juntou os dedos e fitou os olhos desiguais de Tyrion. – Dê-me uma quinzena para concluir os meus negócios e arranjar um navio que me leve a Vila Gaivotas.

– Está ótimo.

O hóspede se levantou.

– Foi uma manhã muito agradável, Lannister. E lucrativa… para ambos, confio – fez uma reverência e transformou a capa num torvelinho amarelo quando saiu a passos largos.

Dois, Tyrion pensou.

Subiu para o quarto a fim de esperar por Varys, que em breve faria sua aparição. Supunha que ao cair da noite. Talvez mais tarde, ao nascer da lua, embora esperasse que não. Tinha esperança de visitar Shae naquela noite. Ficou agradavelmente surpreso quando Galt, dos Corvos de Pedra, o informou, nem uma hora depois, que o homem empoado estava à sua porta.

– É um homem cruel por fazer o Grande Meistre sofrer assim – ralhou o eunuco. – O homem não aguenta um segredo.

– Por acaso estou ouvindo uma gralha chamando de preto um corvo? Ou será que prefere não saber o que propus a Doran Martell?

Varys soltou um risinho.

– Talvez meus passarinhos tenham me dito.

– Ah, disseram? – Tyrion queria ouvir aquilo. – Continue.

– Até agora, os homens de Dorne têm se mantido à parte dessas guerras. Doran Martell convocou os vassalos, e nada mais. É bem conhecido seu ódio pela Casa Lannister, e a opinião geral é de que irá se juntar a Lorde Renly. Você quer dissuadi-lo.

– Tudo isso é óbvio – Tyrion concluiu.

– O único enigma é o que pode ter oferecido em troca da sua fidelidade. O príncipe é um homem sentimental e ainda chora pela irmã Elia e seu querido filho.

– Meu pai disse-me um dia que um senhor nunca deixa que o sentimento entre no caminho da ambição… E acontece que temos um lugar vago no pequeno conselho, agora que Lorde Janos vestiu o negro.

– Um lugar no conselho não é de se desprezar – Varys admitiu –, mas será o suficiente para fazer com que um homem orgulhoso esqueça o assassinato da irmã?

– Por que esquecer? – Tyrion sorriu. – Prometi entregar-lhe os assassinos da irmã, vivos ou mortos, como ele preferir. *Depois* que a guerra acabar, é claro.

Varys lançou-lhe um olhar astuto.

– Meus passarinhos dizem que a Princesa Elia gritou um… certo nome… quando vieram buscá-la.

– Um segredo é ainda segredo se todos o conhecem? – em Rochedo Casterly, era de conhecimento geral que Gregor Clegane tinha matado Elia e o filho. Dizia-se que tinha violado a princesa com o sangue e os miolos do filho ainda nas mãos.

– *Este* segredo é um homem juramentado ao senhor seu pai.

– Meu pai seria o primeiro a dizer que cinquenta mil homens de Dorne valem o preço de um cão raivoso.

Varys afagou uma bochecha empoada.

– E se o Príncipe Doran exigir tanto o sangue do senhor que deu a ordem como o do cavaleiro que cometeu o ato…

– Robert Baratheon liderou a rebelião. No fim das contas, todas as ordens vieram dele.

– Robert não estava em Porto Real.

– Doran Martell também não.

– Muito bem. Sangue para o seu orgulho, um cargo para a ambição. Ouro e terras, isso nem é preciso dizer. Uma bela oferta… Mas o que é doce pode estar envenenado. Se eu fosse o príncipe, exigiria mais alguma coisa antes de pegar esse favo. Algum sinal de boa-fé, alguma salvaguarda segura contra a traição – Varys deu seu sorriso mais viscoso. – Qual deles lhe dará, pergunto eu?

Tyrion suspirou.

– Você sabe, não é mesmo?

– Já que põe as coisas nesses termos… Sim. Tommen. Seria difícil oferecer Myrcella tanto a Doran Martell como a Lysa Arryn.

– Lembre-me de nunca mais jogar de adivinhas com você. Você trapaceia.

– Príncipe Tommen é um bom garoto.

– Se arrancá-lo de Cersei e Joffrey enquanto ainda for novo, pode

até se tornar um bom homem.

– E um bom rei?

– Joffrey é o rei.

– E Tommen, seu herdeiro, caso algo de mal caia sobre Sua Graça. Tommen, cuja natureza é tão doce, e notavelmente… tratável.

– Tem uma mente desconfiada, Varys.

– Tomarei isso como um elogio, senhor. Em todo caso, Príncipe Doran dificilmente ficará insensível à grande honra que lhe presta. Muito hábil, devo dizer… Não fosse por uma pequena falha.

O anão soltou uma gargalhada.

– Chamada Cersei?

– De que serve a política contra o amor de uma mãe pelo doce fruto do seu ventre? Talvez, pela glória da sua Casa e pela segurança do reino, a rainha possa ser persuadida a enviar para longe Tommen ou Myrcella. Mas ambos? Certamente não.

– O que Cersei não sabe nunca poderá me fazer mal.

– E se Sua Graça descobrir as suas intenções antes de seus planos amadurecerem?

– Ora... Então saberei que o homem que lhe contou é decerto meu inimigo – e quando Varys soltou um risinho, Tyrion pensou: *Três*.

Sansa

Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.

As palavras na centésima leitura eram as mesmas que tinham sido na primeira, quando Sansa descobriu a folha de pergaminho dobrada debaixo do travesseiro. Não sabia como tinha ido parar lá ou quem a enviara. O bilhete não estava assinado nem selado, e a letra não lhe era familiar. Esmagou o pergaminho contra o peito e sussurrou as palavras para si própria.

– Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa – segredou quase inaudivelmente.

O que aquilo poderia significar? Deveria levar a mensagem à rainha para provar que estava sendo boa? Nervosamente, esfregou a barriga. O machucado roxo que Sor Meryn lhe dera tinha se desvanecido até tomar um feio tom amarelo, mas ainda doía. Quando bateu, seu punho estava coberto por cota de malha. A culpa era dela. Tinha de aprender a esconder melhor os sentimentos, para não enfurecer Joffrey. Quando ouviu dizer que o Duende tinha enviado Lorde Slynt para a Muralha, distraiu-se e disse:

– Espero que os Outros o peguem.

O rei não ficou contente.

Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.

Sansa tinha rezado tanto. Poderia aquilo ser a resposta, por fim, um verdadeiro cavaleiro enviado para salvá-la? Talvez fosse um dos gêmeos Redwyne, ou o ousado Sor Balon Swann… ou até Beric Dondarrion, o jovem senhor que sua amiga Jeyne Poole amava, com seu cabelo ruivo-alourado e o manto negro borrifado de estrelas.

Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.

E se fosse alguma brincadeira cruel de Joffrey, como no dia em que a fizera ir até as ameias para lhe mostrar a cabeça do pai? Ou talvez uma sutil armadilha para provar que não era leal. Se fosse ao bosque sagrado, encontraria Sor Ilyn Payne à espera, sentado em silêncio sob a árvore-coração, com a Gelo na mão e os olhos claros vigiando para ver se ela vinha?

Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.

Quando a porta se abriu, enfiou apressadamente o bilhete sob o lençol e sentou-se por cima. Era sua criada de quarto, aquela que parecia um rato com o cabelo castanho escorrido.

– O que você quer?

– A senhora vai querer um banho esta noite?

– Um fogo, creio… sinto frio – *estava* tremendo, embora o dia tivesse sido quente.

– Às suas ordens.

Sansa observou a moça com suspeita. Teria visto o bilhete? Teria sido ela quem o colocara sob a almofada? Não era provável; a moça parecia ser estúpida e não alguém que se quisesse usar para entregar bilhetes secretos, mas Sansa não a conhecia. A rainha mudava seus criados a cada quinzena, a fim de se assegurar que nenhum deles se tornaria seu amigo.

Quando o fogo cintilou na lareira, Sansa agradeceu secamente à criada e ordenou-lhe que saísse. A moça foi rápida em obedecer, como sempre, mas Sansa decidiu que havia algo de dissimulado nos seus olhos. Sem dúvida corria para apresentar o relatório à rainha, ou talvez a Varys. Tinha certeza de que todas as criadas a espiavam.

Uma vez sozinha, atirou o bilhete nas chamas, observando o pergaminho enrolar-se e enegrecer. *Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.* Deslocou-se até a janela. Lá embaixo, conseguia ver um cavaleiro baixo com uma armadura branca como a lua e um pesado manto branco patrulhando a ponte levadiça. Pela altura, só podia ser Sor Preston Greenfield. A rainha dera-lhe liberdade no castelo, mas, mesmo assim, ele quereria saber onde ela ia se tentasse sair da Fortaleza de Maegor àquela hora da noite. O que lhe diria? De repente sentiu-se contente por ter queimado o bilhete.

Desatou o vestido e enfiou-se na cama, mas não adormeceu. *Será que ele ainda está lá?*, interrogou-se. *Quanto tempo esperará?* Era tão cruel enviar-lhe um bilhete e não lhe dizer nada. Os pensamentos andavam às voltas na sua cabeça.

Se ao menos tivesse alguém para lhe dizer o que fazer. Sentia falta da Septã Mordane, e ainda mais de Jeyne Poole, sua amiga mais fiel. A septã tinha perdido a cabeça com os outros, pelo crime de servir à Casa Stark. Sansa não sabia o que acontecera a Jeyne, que desapareceu dos seus aposentos depois do ataque para não voltar a ser mencionada. Tentava não pensar muito nelas, mas de vez em quando as memórias vinham sem ser convidadas, e então era difícil segurar as lágrimas. Ocasionalmente, Sansa até sentia saudades da irmã. Àquela altura, Arya estaria a salvo, de volta a Winterfell, dançando e cosendo, brincando com Bran e o bebê Rickon, até cavalgando pela vila de inverno, se quisesse. Sansa também era autorizada a montar, mas só no pátio, e era chato passar o dia inteiro trotando em círculos.

Estava bem acordada quando ouviu os gritos. A princípio distantes, mas tornando-se mais sonoros. Muitas vozes gritando em conjunto. Não conseguia distinguir as palavras. E havia também cavalos e ruído de passos, gritos de comando. Deslocou-se até a janela e viu homens correndo nas muralhas, transportando lanças e tochas. *Volte para a cama*, disse a si mesmaa, *isso não é nada que lhe diga respeito, não passa de mais uma perturbação na cidade.* Nos poços só se falava da agitação na cidade nos últimos tempos. As pessoas

aglomeravam-se, fugindo da guerra, e muitas não tinham como sobreviver a não ser roubando e matando-se umas às outras. *Volte para a cama.*

Mas, quando olhou, o cavaleiro branco tinha desaparecido, e a ponte sobre o fosso seco estava abaixada, mas sem guarda.

Sansa virou-se sem pensar e correu para o guarda-roupa. *Ah, que estou fazendo?*, perguntou a si mesma enquanto se vestia. *Isso é uma loucura*. Podia ver as luzes de muitas tochas nas muralhas exteriores. Teriam Stannis e Renly enfim chegado para matar Joffrey e reclamar o trono do irmão? Se fosse isso, os guardas ergueriam a ponte levadiça, separando a Fortaleza de Maegor do castelo exterior. Sansa atirou um manto cinza liso por sobre os ombros e pegou a faca que usava para cortar carne. *Se isso for alguma armadilha, prefiro morrer a deixar que me machuquem mais*, disse consigo mesma e escondeu a lâmina sob o manto.

Uma coluna de espadachins de manto vermelho passou por ela correndo quando saiu para a noite. Esperou até estarem bem longe, antes de atravessar como uma flecha a ponte levadiça sem guarda. No pátio, homens afivelavam cintos de espadas e cingiam as selas dos seus cavalos. Vislumbrou Sor Preston perto dos estábulos com mais três homens da Guarda Real, com os mantos brancos brilhantes como a lua, enquanto ajudavam Joffrey a vestir a armadura. Ficou sem fôlego quando viu o rei. Felizmente, ele não a viu. Gritava pela espada e pela besta.

O ruído foi diminuindo enquanto se deslocava mais para o interior do castelo, sem se atrever a olhar para trás, com medo de que Joffrey pudesse estar observando… ou, pior, seguindo-a. A escada em espiral enrolava-se à sua frente, riscada por linhas de luz tremeluzente, vinda de janelas estreitas mais acima. Sansa arquejava quando chegou ao topo. Correu por uma colunata sombria e encostou-se com força na parede para recuperar o fôlego. Quando algo roçou em sua perna, quase saltou para fora da sua pele, mas era apenas um gato, um macho preto esfarrapado com uma orelha roída. A criatura bufou para ela e afastou-se com um salto.

Quando chegou ao bosque sagrado, o ruído tinha se reduzido a um tênue tinir de aço e gritos distantes. Sansa apertou-se mais no manto. O ar estava rico com os cheiros da terra e das folhas. *Lady teria gostado deste lugar*, pensou. Havia algo de selvagem num bosque sagrado; mesmo ali, no coração do castelo que se erguia no centro da cidade, podia-se sentir os deuses antigos observando com mil olhos invisíveis.

Sansa preferiu os deuses da mãe aos do pai. Adorava as estátuas, as imagens nos vitrais, a fragrância de incenso ardendo, os septões com suas togas e cristais, o mágico jogo de arco-íris nos altares

incrustados de madrepérola, ônix e lápis-lazúli. Mas não podia negar que o bosque sagrado também possuía um certo poder. Especialmente à noite. *Ajude-me*, rezou, *envie-me um amigo, um verdadeiro cavaleiro para ser meu campeão…*

Deslocou-se de árvore em árvore, sentindo a aspereza da casca sob os dedos. Folhas rasparam no seu rosto. Teria vindo tarde demais? Ele não teria ido embora tão cedo, não é? Ou sequer teria vindo? Ousaria chamá-lo? O bosque estava tão silencioso e calmo…

– Temi que não viesse, menina.

Sansa rodopiou. Um homem saiu das sombras, corpulento, de pescoço grosso, trôpego. Usava uma toga cinza-escura com o capuz puxado para a frente, mas quando uma fina fatia de luar tocou seu rosto, ela o reconheceu de imediato, pela pele manchada e pela teia de veias rompidas por baixo dela.

– Sor Dontos – sussurrou, de coração despedaçado. – É o senhor?

– Sim, minha senhora – quando ele se aproximou, ela sentiu o fedor amargo do vinho no seu hálito. – Eu – o homem lhe estendeu uma mão.

Sansa encolheu-se.

– *Não!* – ela enfiou a mão sob o manto, agarrando a faca escondida. – O que… o que quer de mim?

– Apenas ajudá-la – Dontos respondeu. – Tal como me ajudou.

– Está bêbado, não está?

– Só bebi uma taça de vinho, para ajudar a ganhar coragem. Se me apanharem agora, esfolarão minhas costas.

E o que farão a mim? Sansa deu por si pensando de novo em Lady. A loba podia farejar a falsidade, *podia*, mas estava morta, seu pai matara-a por causa de Arya. Puxou a faca e segurou-a na sua frente com ambas as mãos.

– Vai me apunhalar? – Dontos perguntou.

– Vou. Diga-me quem o enviou.

– Ninguém, querida senhora. Juro, pela minha honra como cavaleiro.

– Cavaleiro? – Joffrey tinha decretado que ele já não seria cavaleiro, apenas um bobo, ainda mais baixo do que o Rapaz Lua. – Orei aos deuses por um cavaleiro que viesse me salvar – Sansa disse. – Orei e orei. Por que me enviariam um velho bobo bêbado?

– Eu mereço isso, se bem que… Eu sei que é estranho, mas… durante todos estes anos em que fui cavaleiro, fui na verdade um bobo, e agora que sou um bobo, acho… acho que posso encontrar em mim o que é preciso para voltar a ser um cavaleiro, querida senhora. E tudo por causa da senhora… da sua graça, da sua coragem. A senhora me salvou, não apenas de Joffrey, mas de mim mesmo – a voz tornou-se mais baixa. – Os cantores dizem que houve antigamente outro bobo

que foi o maior cavaleiro de todos…

– *Florian* – Sansa sussurrou, e um arrepio percorreu sua pele.

– Querida senhora, quero ser o seu Florian – disse Dontos humildemente, caindo de joelhos à sua frente.

Lentamente, Sansa abaixou a faca. Sentia a cabeça muito leve, como se estivesse flutuando. *Confiar-me a este bêbado é uma loucura, mas se virar as costas para ele, será que a possibilidade voltará a surgir?*

– Como… Como o faria? Levar-me para fora daqui?

Sor Dontos ergueu o rosto.

– Tirá-la do castelo será o mais difícil. Uma vez fora, há navios que poderão levá-la para casa. Só necessitaria arranjar o dinheiro e fazer os preparativos, nada mais.

– Podemos ir já? – ela perguntou, quase sem se atrever a ter esperança.

– Hoje à noite? Não, senhora, temo que não. Primeiro tenho de arranjar uma maneira segura de tirá-la do castelo quando a hora chegar. Não será fácil nem rápido. Eles também me vigiam – lambeu os lábios com nervosismo. – Não quer guardar a sua lâmina?

Sansa enfiou a faca sob o manto.

– Levante-se, senhor.

– Obrigado, querida senhora – Sor Dontos pôs-se desajeitadamente em pé, sacudindo terra e folhas dos joelhos. – O senhor seu pai era um dos homens mais leais que o reino conheceu, mas eu fiquei e vi-os matá-lo. Nada disse, nada fiz… E, no entanto, quando Joffrey quis me matar, você falou. Senhora, nunca fui um herói, nunca fui nenhum Ryam Redwyne ou Barristan, o Ousado. Não ganhei torneios ou renome na guerra… Mas fui um dia cavaleiro, e a senhora me ajudou a recordar o que isso significava. Minha vida é coisa pouca, mas é sua – Sor Dontos pôs uma mão no tronco nodoso da árvore-coração. Sansa viu que ele estava tremendo. – Juro, com os deuses do seu pai por testemunhas, que a mandarei para casa.

Ele jurou. Um voto solene, perante os deuses.

– Nesse caso… vou me colocar nas suas mãos, sor. Mas como saberei que é tempo de ir? Vai me enviar outro bilhete?

Sor Dontos lançou um relance ansioso em volta.

– O risco é grande demais. Deve vir aqui, ao bosque sagrado. O tanto quanto puder. Este é o lugar mais seguro. O *único* lugar seguro. Mais nenhum. Nem nos seus aposentos, nem nos meus, nem nas escadas, nem no pátio, mesmo se parecer que estamos sozinhos. Na Fortaleza Vermelha as pedras têm ouvidos, e só aqui podemos falar livremente.

– Só aqui – Sansa repetiu. – Lembrarei.

– E se eu lhe parecer cruel, trocista ou indiferente quando os homens estiverem observando, perdoe-me, menina. Tenho um papel a

desempenhar, e você deve fazer o mesmo. Um passo em falso e nossas cabeças adornarão as muralhas, assim como aconteceu com a do seu pai.

Ela fez um meneio.

– Compreendo.

– Terá de ser corajosa e forte… e paciente. Acima de tudo paciente.

– Serei – Sansa prometeu. – Mas… por favor… apresse-se o máximo possível. Tenho medo…

– Também tenho – Sor Dontos confessou, com um sorriso triste no rosto. – E agora deve ir, antes que notem sua ausência.

– Não vem comigo?

– É melhor que nunca sejamos vistos juntos.

Anuindo, Sansa deu um passo… Depois, girou nos calcanhares, nervosa, e deixou suavemente um beijo na cara dele, de olhos fechados.

– Meu Florian – sussurrou. – Os deuses ouviram as minhas preces.

Fugiu ao longo do passeio do rio, passando pela cozinha pequena e atravessando o pátio dos porcos, com os passos apressados perdendo-se por entre os roncos dos porcos nas suas pocilgas. *Casa*, pensou, *casa, ele vai me levar para casa, ele vai me manter a salvo, o meu Florian*. As canções sobre Florian e Jonquil eram as suas favoritas. *Florian também era modesto, embora não fosse tão velho.*

Corria em disparada ao longo da escada em caracol, quando um homem saiu de uma porta escondida. Sansa enroscou-se nele e perdeu o equilíbrio. Dedos de ferro seguraram seu pulso antes que caísse, e uma voz profunda rouquejou:

– É uma longa queda pelo caracol abaixo, passarinho. Quer nos matar? – a gargalhada dele era áspera como uma serra serrando pedra. – Talvez queira.

Cão de Caça.

– Não, senhor, mil perdões, nunca o faria – Sansa afastou os olhos, mas era tarde demais, ele tinha visto seu rosto. – Por favor, está me machucando – tentou se soltar.

– E o que faz o passarinho de Joff voando pelo caracol abaixo na noite escura? – quando ela não respondeu, ele a sacudiu. – *Onde estava?*

– No b-b-bosque sagrado, senhor – ela respondeu, sem se atrever a mentir. – Rezando… rezando pelo meu pai e… pelo rei, rezando para que não seja ferido.

– Acha que estou tão bêbado que acredito *nisso*? – o homem largou seu braço, cambaleando ligeiramente, com listras de luz e escuridão caindo sobre sua terrível cara queimada. – Parece quase uma mulher… cara, tetas e também está mais alta, quase… Ah, ainda

é um estúpido passarinho, não é? Cantando todas as canções que lhe ensinaram… Cante-me uma canção, por que não canta? Vai. Cante para mim. Alguma canção sobre cavaleiros e belas donzelas. Gosta de cavaleiros, não gosta?

Sansa ficava cada vez mais assutada.

– De cavaleiros v-verdadeiros, senhor.

– Cavaleiros *verdadeiros* – ele caçoou. – E eu não sou senhor nenhum, assim como não sou nenhum cavaleiro. Será que preciso enfiar isso na sua cabeça na marra? – Clegane oscilou e quase caiu. – *Deuses* – praguejou –, vinho demais. Gosta de vinho, passarinho? De vinho *verdadeiro*? Um jarro de tinto amargo, escuro como sangue, é tudo do que um homem precisa. Ou uma mulher – riu, sacudindo a cabeça. – Bêbado que nem um cão, maldito seja. Vem agora. De volta à sua gaiola, passarinho. Eu a levo lá. Mantenho-a a salvo para o rei.

Cão de Caça deu-lhe um empurrão, estranhamente gentil, e seguiu-a pela escada. Quando chegaram ao fundo, ele tinha caído num silêncio meditativo, como se tivesse se esquecido de que ela estava ali.

Quando chegaram à Fortaleza de Maegor, ela ficou alarmada por ver que era Sor Boros Blount quem agora patrulhava a ponte. Seu grande elmo branco virou-se rigidamente ao ouvir o som dos passos deles. Sansa vacilou perante seu olhar. Sor Boros era o pior dos homens da Guarda Real, um homem feio, com um gênio mau, todo ele carranca e papada.

– Aquele não é nada a temer, moça – Cão de Caça pôs uma mão pesada no ombro dela. – Se pintar listras num sapo, ele não se transforma em tigre.

Sor Boros ergueu a viseira.

– Sor, onde…

– Que se foda o seu *sor*, Boros. Você é o cavaleiro, não eu. Eu sou o cão do rei, lembra?

– O rei andava há um tempo à procura do seu cão.

– O cão estava bebendo. Era a sua noite de defendê-lo, *sor*. Sua e dos meus outros *irmãos*.

Sor Boros virou-se para Sansa.

– Por que motivo não está nos seus aposentos a esta hora, senhora?

– Fui ao bosque sagrado rezar pela segurança do rei – a mentira daquela vez soou melhor, quase verdadeira.

– Espera que ela durma, com todo este barulho? – Clegane perguntou. – O que houve?

– Idiotas ao portão – Sor Boros admitiu. – Algumas línguas soltas espalharam histórias a respeito dos preparativos para o banquete de casamento de Tyrek, e aqueles infelizes puseram na cabeça que também deviam ser banqueteados. Sua Graça liderou um ataque

surpresa e os escorraçou.

– Rapaz corajoso – disse Clegane, com a boca se retorcendo.

Veremos como ele é corajoso quando defrontar meu irmão, Sansa pensou. Cão de Caça a levou através da ponte levadiça. Enquanto subiam os degraus, ela disse:

– Por que deixa que as pessoas o chamem de cão? E não aceita que *ninguém* o chame de cavaleiro?

– Gosto mais de cães do que de cavaleiros. O pai do meu pai era mestre dos canis no Rochedo. Num ano de outono, Lorde Tytos interpôs-se entre uma leoa e a sua presa. A leoa estava se cagando por ser o próprio símbolo dos Lannister. Rasgou o cavalo do meu senhor às dentadas e teria dado cabo também do senhor, mas meu avô chegou com os cães de caça. Três dos seus cães morreram ao afugentá-la. Meu avô perdeu uma perna, por isso o Lannister pagou-lhe com terras e uma casa-torre e tomou seu filho como escudeiro. Os três cães no nosso estandarte são os três que morreram, no amarelo da grama de outono. Um cão de caça morrerá por você, mas nunca mentirá a você. E olhará diretamente no seu rosto – agarrou-a pelo queixo, erguendo-o, com os dedos beliscando-a dolorosamente. – E isso é mais do que os passarinhos podem fazer, não é? Não cheguei a ouvir a minha canção.

– Eu… eu sei uma canção sobre Florian e Jonquil.

– Florian e Jonquil? Um idiota e a sua boceta. Poupe-me. Mas um dia vou conseguir uma canção de você, quer queira quer não.

– Cantarei de bom grado.

Sandor Clegane fungou.

– Coisinha linda, e tão má, mentirosa. Um cão consegue farejar uma mentira, você sabe. Olhe em volta e dê uma boa cheirada. Aqui são todos mentirosos… e todos eles são melhores do que você.

Arya

Quando subiu até o galho mais alto, Arya conseguiu ver chaminés espreitando por entre as árvores. Telhados de sapé aglomeravam-se ao longo das margens do lago e do pequeno riacho que nele desaguava, e um embarcadouro de madeira projetava-se pela água ao lado de um longo edifício baixo com telhado de ardósia.

Arrastou-se mais para a frente, até o galho começar a ceder sob seu peso. Não havia barcos amarrados ao embarcadouro, mas conseguia ver finos anéis de fumaça que se erguiam de algumas das chaminés e parte de uma carroça que se mostrava por detrás de um estábulo.

Tem alguém ali. Arya mordeu o lábio. Todos os outros lugares a que tinham chegado estavam vazios e desolados. Quintas, aldeias, castelos, septos, celeiros, não fazia diferença. Se pudesse arder, os Lannister tinham posto fogo; se pudesse morrer, tinham matado. Tinham incendiado a floresta até onde puderam, embora as folhas ainda estivessem verdes e úmidas de chuvas recentes e os incêndios não tivessem se espalhado.

– Se pudessem, teriam queimado o lago – Gendry dissera, e Arya sabia que ele tinha razão. Na noite da fuga, as chamas da vila incendiada tinham brilhado tanto na água, que parecia que o lago *estava* ardendo.

Quando, por fim, reuniram coragem para se esgueirar de volta às ruínas na noite seguinte, nada restava, a não ser pedras enegrecidas, as cascas vazias de casas e cadáveres. Em alguns lugares, fiapos de fumaça branca ainda subiam das cinzas. Torta Quente tinha insistido com eles para que não regressassem; Lommy chamara-os de loucos e jurara que Sor Amory os apanharia e os mataria também, mas Lorch e seus homens já tinham partido havia muito quando chegaram ao castro. Encontraram os portões arrombados, as muralhas parcialmente demolidas e o interior polvilhado de mortos por enterrar. Uma olhadela tinha sido o bastante para Gendry:

– Foram mortos, todos eles. E cães também estiveram aqui, olhem.

– Ou lobos.

– Cães, lobos, não faz diferença. Isso aqui acabou.

Mas Arya não quis partir até encontrarem Yoren. Não podiam tê-lo matado, dissera a si mesma, ele era duro e rígido demais e, além disso, um irmão da Patrulha da Noite. Tinha dito isto a Gendry enquanto procuravam por entre os cadáveres.

O golpe de machado que o matara abriu seu crânio, mas a grande barba emaranhada não podia pertencer a mais ninguém e o vestuário

também, remendado, sujo, e tão desbotado que era mais cinza do que negro. Sor Amory Lorch não perdera mais tempo enterrando seus mortos do que aqueles que tinha assassinado, e os cadáveres de quatro homens de armas Lannister estavam empilhados perto do de Yoren. Arya perguntou-se quantos teriam sido necessários para abatê-lo.

Ele ia me levar para casa, ela pensou enquanto escavavam a cova do velho. Havia mortos demais para enterrar todos, mas Arya insistira que pelo menos Yoren tinha de ter uma sepultura. *Ele prometeu que ia me levar a salvo para Winterfell*. Uma parte de si quis chorar, a outra, chutá-lo.

Foi Gendry quem pensou na casa-torre do senhor e nos três que Yoren enviara para defendê-la. Tinham sido atacados também, mas a torre redonda tinha apenas uma entrada, uma porta no segundo andar à qual se chegava por uma escada. Uma vez a escada puxada para dentro, os homens de Sor Amory não podiam chegar até eles. Os Lannister tinham empilhado galhos em volta da base da torre e colocado fogo, mas a pedra não ardia, e Lorch não tivera paciência nem quis levá-los para passar fome. Cutjack abriu a porta ao grito de Gendry e, quando Kurz disse que era melhor continuarem para norte do que voltar, Arya agarrou-se à esperança de que ainda pudesse chegar a Winterfell.

Bem, aquela aldeia não era Winterfell, mas os telhados de sapé prometiam calor e abrigo e talvez mesmo comida, se tivessem coragem de se arriscar. *A menos que seja Lorch quem esteja ali. Ele tinha cavalos; teria viajado mais depressa do que nós.*

Observou da árvore durante muito tempo, à espera de ver alguma coisa, um homem, um cavalo, um estandarte, qualquer coisa que a ajudasse a saber. Vislumbrou algumas vezes movimento, mas os edifícios estavam tão distantes que era difícil ter certeza. Uma vez, com clareza, ouviu o relincho de um cavalo.

O céu estava cheio de aves, principalmente corvos. De longe, não pareciam maiores que moscas, enquanto rodopiavam e batiam as asas por cima dos telhados de sapé. Para leste, o Olho de Deus era um lençol azul batido pelo sol que enchia metade do mundo. Certos dias, enquanto avançam lentamente pela margem lamacenta (Gendry não queria ouvir falar de estradas, e até Torta Quente e Lommy viam o bom-senso disso), Arya sentia que o lago a chamava. Queria saltar naquelas águas plácidas e azuis, sentir-se limpa de novo, nadar, chapinhar e tostar ao sol. Mas não se atrevia a tirar a roupa onde os outros pudessem ver, nem mesmo para lavá-la. No fim do dia, era frequente sentar-se numa pedra e balançar os pés na água fria. Tinha finalmente jogado fora seus sapatos rachados e apodrecidos. A princípio, caminhar descalça foi difícil, mas as bolhas finalmente estouraram, os cortes sararam e as solas dos pés transformaram-se em

couro. A lama era agradável entre seus dedos e gostava de sentir a terra sob os pés quando caminhava.

Dali de cima, podia ver uma pequena ilha coberta por floresta a nordeste. A trinta metros da costa, três cisnes negros deslizavam pela água, tão serenos… ninguém lhes dissera que a guerra havia chegado e em nada lhes importava vilas ardendo e homens massacrados. Olhou-os com desejo. Parte dela queria ser um cisne. A outra, comer um. Tinha quebrado o jejum com um pouco da pasta de bolota e um punhado de insetos. Os insetos não eram muito ruins depois de se habituar a eles. As minhocas eram piores, mas, mesmo assim, não eram tão ruins como a dor na barriga depois de dias sem alimento. Encontrar insetos era fácil, bastava dar um pontapé numa pedra. Um dia, quando era pequena, Arya tinha comido um inseto, só para fazer Sansa guinchar, e por isso não teve medo de comer outro. A Doninha também não tinha, mas Torta Quente vomitou o besouro que estava tentando engolir, enquanto Lommy e Gendry nem queriam experimentar. No dia anterior, Gendry apanhara uma rã e a dividira com Lommy, e, alguns dias antes, Torta Quente encontrara amoras silvestres e limpara completamente o arbusto, mas tinham subsistido principalmente de água e bolotas. Kurz lhes ensinara como usar pedras para fazer uma espécie de pasta de bolota. O gosto era horrível.

Gostaria que o caçador furtivo não tivesse morrido. Ele sabia mais sobre a floresta do que todos os outros juntos, mas tinha sido atingido por uma flecha no ombro enquanto puxava para dentro a escada da casa-torre. Tarber tinha feito nele um emplastro de lama e musgo do lago, e durante um dia ou dois Kurz jurou que o ferimento não era nada, embora a carne do seu pescoço estivesse se tornando escura, ao passo que fortes vergões vermelhos subiam pelo seu queixo e desciam para o peito. Então, uma manhã não conseguiu encontrar forças para se levantar e na seguinte estava morto.

Enterraram-no sob um montículo de pedras. Cutjack ficou com a sua espada e o berrante, enquanto Tarber se servia do arco, das botas e da faca. Levaram tudo quando partiram. A princípio, pensaram que os dois tinham ido caçar, que em breve voltariam com caça e os alimentariam a todos. Mas esperaram, e esperaram, até que, por fim, Gendry os obrigou a prosseguir. Talvez Tarber e Cutjack tivessem pensado que teriam melhores oportunidades sem um bando de órfãos para pastorear. E provavelmente teriam, mas isso não impedia que Arya os odiasse por terem partido.

Debaixo da árvore, Torta Quente latiu como um cão. Kurz lhes havia dito para usar sons de animais para se comunicar uns com os outros. Um velho truque de caçador furtivo, disse, mas morreu antes de poder lhes ensinar a fazer os sons direito. Os chamamentos de

pássaro de Torta Quente eram horríveis. O cachorro era melhor, mas não muito.

Arya saltou do galho mais elevado para o inferior, com os braços abertos para manter o equilíbrio. *Uma dançarina de água nunca cai*. Ligeira, com os pés bem encaixados em volta do galho, deu alguns passos, deixou-se cair para um ramo maior e depois balançou com uma mão atrás da outra através do emaranhado de folhas até chegar ao tronco. A casca era áspera sob seus dedos das mãos e dos pés. Desceu com rapidez, saltando os últimos dois metros e rolando ao aterrissar.

Gendry a ajudou a se levantar.

– Esteve lá em cima muito tempo. O que viu?

– Uma aldeia de pescadores, um lugar pequeno, para norte, ao longo da costa. Contei vinte e seis telhados de sapé e um de ardósia. Vi parte de uma carroça. Tem alguém ali.

Ao ouvir sua voz, Doninha saiu dos arbustos. Lommy lhe dera aquele nome. Dizia que ela parecia uma doninha, o que não era verdade, mas não podiam continuar chamando-a de menina chorona depois de ela finalmente ter parado de chorar. Sua boca estava nojenta. Arya esperava que não tivesse andado outra vez comendo lama.

– Viu gente? – Gendry quis saber.

– Quase só os telhados – Arya respondeu –, mas saía fumaça de algumas chaminés e ouvi um cavalo – Doninha pôs os braços em volta da perna dela, agarrando-se bem. Agora fazia aquilo às vezes.

– Se há pessoas, há comida – disse, alto demais, Torta Quente. Gendry sempre lhe dizia para fazer menos barulho, mas não adiantava nada. – Pode ser que nos deem alguma.

– Também pode ser que nos matem – Gendry rebateu.

– Se nos rendermos, não – Torta Quente tinha um ar esperançoso na voz.

– Está parecendo Lommy.

Lommy Mãos-Verdes estava sentado, apoiado entre duas grossas raízes na base de um carvalho. Uma lança tinha penetrado sua panturrilha esquerda durante a luta no castro. Ao fim do dia seguinte, tinha de coxear sobre uma perna só, com um braço em volta de Gendry, e agora não conseguia sequer fazer *isso*. Tinham cortado galhos de árvores para lhe fazer uma liteira, mas levá-lo era trabalho lento e duro, e choramingava cada vez que davam um solavanco.

– Temos de nos render – Lommy insistiu. – Era isso o que Yoren devia ter feito. Devia ter aberto os portões, como eles disseram.

Arya estava farta de ouvir Lommy dizer que Yoren devia ter se rendido. Era só disso que falava enquanto o transportavam; disso, da perna e da barriga vazia.

Torta Quente concordou.

– Eles *disseram* a Yoren para abrir os portões, disseram-lhe em nome do rei. A culpa foi daquele velho fedorento. Se tivesse se rendido, tinham-nos deixado em paz.

Gendry franziu o cenho.

– Os cavaleiros e fidalgos tomam-se uns aos outros como cativos e pagam resgates, mas não se importam se gente como nós se rende ou não – virou-se para Arya: – O que mais viu?

– Se for uma aldeia de pescadores, aposto que nos venderiam peixe – Torta Quente falou antes dela. O lago estava cheio de peixe fresco, mas não tinham nada com que pudessem apanhá-los. Arya tentara usar as mãos, como tinha visto Koss fazer, mas os peixes eram mais rápidos do que pombos, e a água enganava seus olhos.

– Quanto a peixe não sei – Arya deu um puxão no cabelo emaranhado da Doninha, pensando que talvez fosse melhor cortá-lo. – Há corvos perto da água. Tem alguma coisa morta lá.

– Peixes que foram levados à margem – Torta Quente interveio de novo. – Se os corvos os comem, aposto que nós também poderíamos.

– Deveríamos apanhar alguns corvos, poderíamos *comê-los* – a sugestão veio de Lommy. – Poderíamos fazer uma fogueira e assá-los como se fossem galinhas.

Gendry parecia feroz quando se mostrava carrancudo. Sua barba tinha crescido, espessa e negra como sarça.

– Eu já disse, nada de fogos.

– Lommy *tem fome* – lamentou-se Torta Quente –, e eu também.

– Todos temos fome – Arya confirmou.

– *Você* não tem – Lommy cuspiu no chão. – Bafo de minhoca.

Arya podia ter dado um pontapé na sua ferida.

– Eu *disse* que desenterrava minhocas também para você, se quisesse.

Lommy fez cara de nojo.

– Se não fosse a minha perna, caçava uns javalis para nós.

– Uns javalis? – ela zombou. – Para caçá-los, precisa de uma lança para javalis e de cães e cavalos e de homens para fazer o javali sair da toca – seu pai caçava javali no bosque de lobos com Robb e Jon. Uma vez até tinha levado Bran, mas Arya nunca, embora ela fosse mais velha. Septã Mordane dizia que a caça ao javali não era para senhoras, e sua mãe limitava-se a prometer que, quando fosse mais velha, poderia ter seu próprio falcão. Agora era mais velha, mas, se tivesse um falcão, iria *comê-lo*.

– O que *você* sabe sobre caçar javalis? – Torta Quente a desafiou.

– Mais do que você.

Gendry não estava disposto a ouvir:

– Calem-se os dois, tenho de pensar no que fazer – parecia sempre

dolorido quando tentava pensar, como se algo o machucasse muito.

– Renda-se – Lommy insistiu.

– Falei para se calar com a rendição. Nem sequer sabemos quem está lá. Talvez possamos roubar alguma comida.

– Lommy podia roubar, não fosse a perna – Torta Quente falou. – Na cidade ele era ladrão.

– Um mau ladrão – Arya rebateu –, senão, não tinha sido pego.

Gendry olhou o sol de soslaio.

– O cair da noite será a melhor hora para ir até lá. Eu vou fazer um reconhecimento quando escurecer.

– Não, eu vou – Arya protestou. – Você é muito barulhento.

Gendry pôs sua expressão conhecida no rosto.

– Vamos os dois.

– Devia ir o Arry – Lommy sugeriu. – É mais furtivo do que você.

– Vamos *os dois*, já disse.

– Mas e se não voltarem? Torta Quente não pode me levar sozinho, sabem disso…

– E há lobos – Torta Quente acrescentou. – Ouvi-os ontem à noite quando estive no meu turno. Pareciam estar perto.

Arya também os ouvira. Estava dormindo nos galhos de um olmo, mas os uivos tinham-na acordado. Tinha ficado acordada, sentada, durante uma hora, escutando-os, com um formigamento percorrendo sua espinha.

– E nem sequer nos deixa fazer uma fogueira para mantê-los afastados – Torta Quente reclamou. – Não está certo nos abandonar aos lobos.

– Ninguém os está abandonando – Gendry respondeu, descontente. – Lommy tem a sua lança para o caso de os lobos se aproximarem, e você estará com ele. Vamos só ver, só isso, vamos voltar.

– Seja quem for que está lá, deveríamos nos render – Lommy choramingou – Preciso de uma poção qualquer para a minha perna, dói muito.

– Se acharmos alguma poção para pernas, vamos trazê-la – Gendry prometeu. – Arry, vamos, quero me aproximar antes que o sol baixe. Torta Quente, mantenha a Doninha aqui, não quero que nos siga.

– Da última vez ela me deu um chute.

– *Eu* é que lhe darei um chute se não a mantiver aqui.

Sem esperar resposta, Gendry colocou seu elmo de aço e se afastou.

Arya teve de correr para acompanhá-lo. Ele era cinco anos mais velho, e trinta centímetros mais alto do que ela, e também tinha pernas longas. Durante algum tempo, não disse nada, limitou-se a

abrir caminho por entre as árvores com uma expressão zangada no rosto, fazendo barulho demais. Mas, por fim, parou e disse:

– Acho que Lommy vai morrer.

Arya não ficou surpresa. Kurz tinha morrido do seu ferimento, e ele era muito mais forte do que Lommy. Sempre que era sua vez de ajudar a transportá-lo, Arya via como sua pele estava quente e sentia o fedor que a perna exalava.

– Talvez encontremos um meistre.

– Só se encontram meistres em castelos e, mesmo se encontrássemos um, não sujaria as mãos em alguém como Lommy – Gendry esquivou-se de um galho baixo.

– Isso não é verdade – Arya estava certa de que o Meistre Luwin teria ajudado qualquer pessoa que o procurasse.

– Ele vai morrer e, quanto mais depressa isso acontecer, melhor para o resto de nós. Devíamos abandoná-lo e pronto, como ele mesmo diz. Se fosse eu ou você quem estivesse ferido, bem sabe que ele nos abandonaria – desceram uma fenda profunda e subiram do outro lado, usando raízes como corrimãos. – Estou farto de carregá-lo e também de toda aquela conversa sobre rendição. Se ele pudesse ficar em pé, enfiava seus dentes para dentro. Lommy não serve para ninguém. E aquela menina chorona também não.

– Deixe a Doninha em paz, ela está só assustada e com fome, é isso.

Arya olhou para trás, pela primeira vez a garota não os estava seguindo. Torta Quente devia tê-la agarrado, como Gendry lhe tinha dito para fazer.

– Não serve para nada – Gendry repetiu teimosamente. – Ela, Torta Quente e Lommy estão nos atrasando e ainda vão fazer com que nos matem. Você é o único membro do grupo que vale alguma coisa. Mesmo sendo uma menina.

Arya congelou.

– *Não sou uma menina!*

– É sim. Acha que sou tão estúpido quanto eles?

– Não, é mais. A Patrulha da Noite não aceita meninas, todo mundo sabe disso.

– É verdade. Não sei por que Yoren a trouxe, mas deve ter tido algum motivo. Continua sendo uma menina.

– Não sou!

– Então tira o pinto pra fora e dá uma mijada. Vai lá.

– Não tenho vontade de mijar. Se tivesse, podia.

– Mentirosa. Não pode tirar o pinto porque não tem um. Nunca tinha reparado quando éramos trinta, mas você vai sempre para a floresta quando quer urinar. Não vejo Torta Quente fazer isso, e nem eu faço. Se não é uma menina, deve ser um eunuco.

– Eunuco é *você*.

– Sabe muito bem que não sou – Gendry sorriu. – Quer que tire o pau para fora para provar? Não tenho nada a esconder.

– Tem, sim – Arya exclamou, desesperada para sair daquela conversa sobre o pinto que não tinha. – Aqueles homens de manto dourado o procuravam na estalagem e não nos quer dizer por quê.

– Bem que gostaria de saber. Acho que Yoren sabia, mas nunca me disse. Mas por que você achou que eles estavam à sua procura?

Arya mordeu o lábio. Lembrava-se do que Yoren lhe dissera no dia em que cortou seu cabelo. *Desses aí, metade entregava você à rainha num piscar de olhos em troca de um perdão e, se der, umas moedas de prata. A outra metade fazia o mesmo, só que te estuprava primeiro.* Só Gendry era diferente, e a rainha também o procurava.

– Eu conto se você me contar – ela respondeu, com cautela.

– Contava se soubesse, Arry… É assim mesmo que se chama, ou tem algum nome de menina?

Arya fitou a raiz nodosa junto aos seus pés. Compreendeu que o fingimento tinha chegado ao fim. Gendry sabia, e ela nada tinha dentro das calças que pudesse convencê-lo do contrário. Podia puxar a Agulha e matá-lo ali mesmo ou, então, confiar nele. Não tinha certeza de que conseguiria matá-lo, mesmo se tentasse; ele tinha sua própria espada e era *muito* mais forte. Tudo o que restava era a verdade.

– Lommy e Torta Quente não podem saber – ela pediu.

– Não saberão – ele jurou. – Por mim, não saberão.

– Arya – ela o encarou. – Meu nome é Arya. Da Casa Stark.

– Da Casa… – Gendry precisou de um momento antes de falar: – A Mão do Rei se chamava Stark. Aquele a quem mataram por traição.

– Nunca foi um traidor. Era meu pai.

Os olhos de Gendry esbugalharam-se.

– Então *por isso* é que você pensou…

Ela confirmou com a cabeça.

– Yoren estava me levando para casa, para Winterfell.

– Eu… Então, é nobre, uma… vai ser uma senhora…

Arya olhou sua roupa esfarrapada e pés descalços, rachados e cheios de calos. Viu a sujeira sob as unhas, as crostas nos cotovelos, os arranhões nas mãos. *Septã Mordane nem sequer me reconheceria, aposto. Sansa talvez reconhecesse, mas fingiria que não*.

– Minha mãe é uma senhora e minha irmã também, mas eu nunca fui.

– Foi, sim. Era filha de um senhor e viveu num castelo, não foi? E você… que os deuses sejam bons, eu nunca… – de repente Gendry pareceu incerto, quase com medo. – Toda aquela conversa sobre pintos, nunca devia ter dito aquilo. E andei mijando na sua frente e tudo. Eu… lhe peço perdão, senhora.

– Para com isso! – Arya ralhou com ele. Estaria caçoando dela?

– Eu conheço as cortesias, senhora – Gendry disse, teimoso como sempre. – Sempre que moças nobres vinham à loja com os pais, meu mestre dizia que eu devia dobrar o joelho, só falar quando falassem comigo e chamá-las de *senhora*.

– Se começar a me chamar de senhora, até *Torta Quente* vai reparar. E é melhor também que continue mijando da mesma maneira.

– Como a senhora ordenar.

Arya bateu no peito de Gendry com ambas as mãos. Ele tropeçou numa pedra e sentou-se no chão com um baque.

– Que tipo de filha de lorde é você? – ele perguntou, rindo.

– *Deste* tipo – Arya chutou seu quadril, mas isso só fez com que ele risse mais. – Ria o quanto quiser. *Eu* vou ver quem está na aldeia – o sol já tinha se escondido atrás das árvores; o ocaso chegaria num instante. Pela primeira vez, foi Gendry quem teve de correr atrás dela. – Sente o cheiro? – ela perguntou.

Ele farejou o ar.

– Peixe podre?

– Você sabe que não é.

– É melhor termos cuidado. Vou dar a volta pelo oeste, para ver se encontro alguma estrada. Deve haver, porque você viu uma carroça. Você vai pela margem. Se precisar de ajuda, lata como um cachorro.

– Isso é estúpido. Se precisar de ajuda, gritarei *socorro*.

Arya afastou-se como uma flecha, os pés nus silenciosos no mato. Quando olhou para trás por sobre o ombro, ele a estava observando com aquele ar de dor no rosto que significava que estava pensando. *Provavelmente está pensando que não devia deixar a* senhora *ir roubar comida*. Arya sabia que Gendry passaria a ser estúpido.

O cheiro ficou mais forte quando se aproximou da aldeia. Não era de peixe podre. Aquele fedor era mais fétido, mais repugnante. Franziu o nariz.

Onde as árvores começaram a rarear, usou a vegetação rasteira, deslizando de arbusto em arbusto, silenciosa como uma sombra. A cada poucos metros parava para escutar. Da terceira vez, ouviu cavalos e também uma voz de homem. E o cheiro piorava. *Fedor de mortos é o que isto é*. Já tinha sentido esse cheiro antes, com Yoren e os outros.

Uma densa moita de espinheiros crescia ao sul da aldeia. Quando a alcançou, as longas sombras do pôr do sol tinham começado a se desvanecer, e os vaga-lumes estavam surgindo. Conseguia ver telhados de sapé logo depois da cerca viva. Deslizou em volta até ver uma abertura e atravessou, rastejando sobre a barriga, mantendo-se bem escondida até ver de onde vinha o cheiro.

Junto às águas do Olho de Deus, que batiam levemente contra a margem, tinha sido erguido um longo cadafalso de madeira tosca e coisas que um dia tinham sido homens pendiam dela, com correntes nos pés, enquanto corvos bicavam sua carne e esvoaçavam de cadáver em cadáver. Para cada corvo havia cem moscas. Quando o vento soprava do lago, o mais próximo dos cadáveres retorcia-se ligeiramente nas suas correntes. Os corvos tinham comido a maior parte do seu rosto e outra coisa também tinha se alimentado dele, uma coisa muito maior. A garganta e o peito tinham sido rasgados; entranhas verdes e brilhantes e fitas de carne esfarrapada pendiam de onde a barriga tinha sido aberta. Um braço tinha sido arrancado pelo ombro; Arya viu os ossos alguns metros à sua frente, roídos e fendidos, completamente limpos de carne.

Forçou-se a olhar para o homem seguinte, e para o outro além dele, e para o outro depois *desse*, dizendo a si mesma que era dura como uma pedra. Todos cadáveres, tão brutalizados e apodrecidos, que precisou de um momento para perceber que tinham sido despidos antes de ser pendurados. Não pareciam pessoas nuas; quase nem pareciam pessoas. Os corvos tinham comido seus olhos e às vezes o rosto. Do sexto, na longa fila, nada restava, a não ser uma única perna, ainda presa às suas correntes, oscilando a cada brisa.

O medo corta mais profundamente do que as espadas. Os mortos não podiam lhe fazer mal, mas quem quer que os tivesse matado podia. Para além do cadafalso, dois homens com camisas de cota de malha apoiavam-se nas suas lanças em frente ao longo edifício baixo junto à água, aquele que tinha o telhado de ardósia. Um par de grandes mastros tinha sido enfiado no terreno lamacento, com bandeiras penduradas em cada um. Uma parecia vermelha e a outra mais clara, talvez branca ou amarela, mas ambas estavam murchas e, com o crepúsculo aprofundando-se, nem sequer podia ter certeza de que o vermelho fosse o carmim dos Lannister. *Não preciso ver o leão, vejo todos os mortos. Quem mais poderia ser que não os Lannister?*

Então, ouviu-se um grito.

Os dois lanceiros se viraram ao ouvi-lo, e um terceiro homem surgiu, empurrando um prisioneiro à sua frente. Estava ficando escuro demais para distinguir rostos, mas o prisioneiro usava um brilhante elmo de aço, e quando Arya viu os cornos, soube que era Gendry. *Seu estúpido, estúpido, estúpido, ESTÚPIDO!*, pensou. Se estivesse ali, o chutaria novamente.

Os guardas falavam em voz alta, mas ela estava afastada demais para distinguir as palavras, especialmente com os corvos tagarelando e esvoaçando bem mais perto. Um dos lanceiros arrancou o elmo da cabeça de Gendry e lhe fez uma pergunta, mas não deve ter gostado da resposta, porque bateu na sua cara com o cabo da lança e o atirou

ao chão. Aquele que o capturara lhe deu um pontapé, enquanto o segundo lanceiro experimentava o elmo de cabeça de touro. Por fim, puseram-no em pé e o levaram para o armazém. Quando abriram as pesadas portas de madeira, um garotinho saltou como uma flecha, mas um dos guardas agarrou seu braço e o atirou de volta lá para dentro. Arya ouviu soluços vindos de dentro do edifício e depois um grito tão alto e cheio de dor que a fez morder o lábio.

Os guardas atiraram Gendry lá para dentro, com o menino, e trancaram as portas. Nesse momento, um sopro de vento veio suspirando do lago, e as bandeiras agitaram-se e se ergueram. Aquela que estava no mastro maior exibia o leão dourado, tal como Arya temera. Na outra, três formas negras e lisas corriam por um fundo amarelo como manteiga. Cães, pensou. Arya já vira aqueles cães antes. Mas onde?

Não importava. A única coisa importante era que tinham capturado Gendry. Mesmo que ele *fosse* teimoso e estúpido, tinha de tirá-lo dali. Gostaria de saber se aqueles homens sabiam que a rainha o procurava.

Um dos guardas tirou seu elmo e colocou o de Gendry. Ver o homem usando-o a irritou, mas sabia que nada podia fazer para impedi-lo. Pensou ouvir mais gritos vindos de dentro do armazém sem janelas, abafados pelas paredes de pedra, mas era difícil ter certeza.

Permaneceu ali durante tempo suficiente para ver a mudança da guarda e muito mais coisas. Homens chegaram e partiram. Levaram os cavalos para beber no riacho. Um grupo de caçadores voltou da floresta, trazendo a carcaça de uma corça pendurada em uma vara. Viu quando eles a limparam, eviscerando-a e acendendo uma fogueira do outro lado do riacho, e o cheiro da carne assando misturou-se de forma estranha com o fedor da decomposição. A barriga vazia de Arya ficou embrulhada, e sentiu-se prestes a vomitar. A perspectiva de alimento trouxe outros homens de dentro das casas, quase todos usando peças de cota de malha ou couro fervido. Quando a corça ficou pronta, os melhores pedaços foram levados para uma das casas.

Arya achou que a escuridão pudesse permitir que rastejasse para mais perto e libertasse Gendry, mas os guardas acenderam archotes na fogueira. Um escudeiro trouxe carne e pão aos dois que guardavam o armazém, e mais tarde outros dois homens juntaram-se a eles, e os quatro passaram um odre de vinho de mão em mão. Quando se esvaziou, os outros foram embora, mas os dois guardas ficaram, apoiados nas lanças.

Os braços e as pernas de Arya estavam rígidos quando ela finalmente se contorceu para sair de debaixo do espinheiro e penetrar na escuridão da floresta. Estava uma noite escura, com uma fina lasca de lua aparecendo e desaparecendo à medida que as nuvens passavam

por ela. *Silenciosa como uma sombra*, disse a si mesma enquanto se deslocava por entre as árvores. Naquela escuridão não se atrevia a correr, com receio de tropeçar em alguma raiz invisível ou de se perder. À esquerda, o Olho de Deus batia calmamente contra as suas margens. À direita, um vento suspirava através dos galhos, e folhas restolhavam e agitavam-se. Ao longe, ouviu os uivos de lobos.

Lommy e Torta Quente quase se borraram quando ela saiu das árvores atrás deles.

– Silêncio – Arya lhes disse, pondo um braço em volta da Doninha quando a garotinha correu para ela.

Torta Quente a encarou com os olhos muito abertos.

– Pensávamos que tinham nos abandonado – ele tinha a espada curta na mão, aquela que Yoren havia roubado do homem de manto dourado. – Tive medo de que fosse um lobo.

– Onde está o Touro? – Lommy perguntou.

– Pegaram-no – Arya sussurrou. – Temos de tirá-lo de lá. Torta Quente, vai ter de ajudar. Esgueiramo-nos até lá e matamos os guardas, e depois eu abro a porta.

Torta Quente e Lommy trocaram um olhar.

– Quantos?

– Não consegui contar – ela admitiu. – Pelo menos vinte, mas só dois estão na porta.

Torta Quente pareceu prestes a chorar.

– Não podemos lutar contra *vinte*.

– Só vai ter de lutar com *um,* eu trato do outro. Tiramos Gendry de lá e fugimos.

– Deveríamos nos render – Lommy protestou. – Vá até lá e renda-se.

Arya negou teimosamente com a cabeça.

– Então, deixe-o, Arry – Lommy suplicou. – Eles não sabem do resto de nós. Se nos escondermos, vão embora, sabe que vão. Não é culpa nossa que Gendry tenha sido capturado.

– Você é idiota, Lommy – Arya estava irritada. – Vai *morrer* se não o tirarmos de lá. Quem vai carregá-lo?

– Você e o Torta Quente.

– O tempo inteiro, sem mais ninguém para ajudar? Nunca conseguiremos. Gendry era o mais forte. Seja como for, não me interessa o que você diz, eu vou buscá-lo – Arya estava decidida. Então, olhou para Torta Quente: – Você vem?

Torta Quente olhou para Lommy de relance, depois para Arya, e depois, de novo, para Lommy.

– Vou – ele respondeu, relutante.

– Lommy, mantenha Doninha aqui.

Ele agarrou a garotinha pela mão e a puxou para perto de si.

– E se os lobos vierem?

– Renda-se – Arya sugeriu.

Encontrar o caminho de volta à aldeia pareceu demorar horas. Torta Quente ficou o tempo todo tropeçando na escuridão e se perdendo, e Arya tinha de esperar por ele ou voltar para buscá-lo. Por fim, pegou sua mão e o levou por entre as árvores.

– Limite-se a ficar calado e a me seguir.

Quando conseguiram distinguir o primeiro brilho tênue das fogueiras da aldeia contra o céu, ela disse:

– Há mortos pendurados do outro lado da cerca viva, mas não tem por que se assustar, lembre-se só de que o medo corta mais profundamente do que as espadas. Temos de ir em silêncio e lentamente – Torta Quente concordou com a cabeça.

Arya penetrou primeiro no espinheiro e esperou por ele do outro lado, bem agachada. Torta Quente surgiu, pálido e ofegante, com longos arranhões sangrentos na cara e nos braços. Começou a dizer qualquer coisa, mas Arya pôs um dedo nos seus lábios. Apoiando-se nas mãos e nos pés, rastejaram ao longo do cadafalso, sob os mortos oscilantes. Torta Quente não olhou para cima nem uma vez e não soltou um som sequer.

Até o corvo pousar nas suas costas e ele soltar um arquejo abafado:

– *Quem está aí?* – trovejou de súbito uma voz vinda das trevas.

Torta Quente ficou de pé num salto.

– *Rendo-me!* – jogou fora a espada enquanto dúzias de corvos se ergueram no ar aos guinchos e lamentos e esvoaçarem em volta dos cadáveres. Arya agarrou sua perna e tentou arrastá-lo outra vez para baixo, mas ele se soltou e correu em frente, agitando os braços. – Rendo-me, rendo-me.

Arya também ficou em pé e puxou Agulha, mas, àquela altura, já havia homens por toda volta. Arya golpeou o mais próximo, mas ele a conteve com um braço revestido de aço, outro dos homens esbarrou nela e a atirou ao chão, e um terceiro arrancou a espada da sua mão. Quando tentou morder, seus dentes fecharam-se sobre cota de malha fria e suja.

– Oh-ho, esse é feroz – disse o homem, rindo. O golpe do seu punho revestido de ferro quase arrancou sua cabeça.

Conversaram por cima dela enquanto jazia com dores, mas Arya não parecia ser capaz de compreender as palavras. Seus ouvidos ressoavam. Quando tentou rastejar para fora dali, a terra moveu-se debaixo de si. *Eles tiraram a Agulha de mim*. A vergonha daquilo doía mais do que as dores físicas e estas doíam muito. Jon tinha lhe dado aquela espada. Syrio ensinara-lhe a usá-la.

Por fim, alguém agarrou o peito do seu justilho e a deixou de

joelhos. Torta Quente também estava ajoelhado, na frente do homem mais alto que Arya já tinha visto na vida, um monstro saído de uma das histórias da Velha Ama. Não chegou a ver de onde tinha vindo o gigante. Três cães negros corriam pela sua desbotada capa amarela e seu rosto parecia tão duro como se tivesse sido esculpido em pedra. De súbito, Arya lembrou-se de onde já vira aqueles cães. Na noite do torneio em Porto Real, todos os cavaleiros tinham pendurado seus escudos na porta dos seus pavilhões. "Aquele pertence ao irmão do Cão de Caça", confidenciara Sansa quando passaram pelos cães negros em fundo amarelo. "Ele é ainda maior do que Hodor, verá. Chamam-no de a *Montanha que Cavalga*."

Arya deixou a cabeça cair, só meio consciente do que se passava à sua volta. Torta Quente estava se rendendo um pouco mais. Montanha disse:

– Vai nos levar a esses outros – e afastou-se. Em seguida, Arya tropeçava pelos mortos no cadafalso, enquanto Torta Quente dizia aos captores que lhes faria empadões e tortas se não lhe fizessem mal. Foram quatro homens com eles. Um transportava um archote, outro, uma espada longa; dois tinham lanças.

Encontraram Lommy onde o tinham deixado, debaixo do carvalho.

– Rendo-me – ele gritou de imediato assim que os viu. Jogou longe sua lança e levantou as mãos, manchadas de verde por antigas tintas. – Rendo-me. Por favor.

O homem com o archote procurou em volta, debaixo das árvores.

– É o último? O filho do padeiro disse que havia uma menina.

– Ela fugiu quando os ouviu chegando – Lommy respondeu. – Fizeram muito barulho – e Arya pensou: *foge, Doninha, foge o máximo que puder, foge, esconda-se e não volte.*

– Diga-nos onde encontrar aquele filho de puta do Dondarrion e haverá uma refeição quente para você.

– Quem? – Lommy perguntou, sem expressão.

– Eu disse. Estes aí não sabem mais do que aqueles cuzões da aldeia. Uma merda de uma perda de tempo.

Um dos lanceiros se aproximou indolentemente de Lommy.

– Tem alguma coisa com a sua perna, rapaz?

– Está ferida.

– Pode andar? – o homem parecia preocupado.

– Não. Terá de me carregar.

– Acha mesmo?

O homem ergueu displicentemente a lança e enfiou a ponta na garganta mole do rapaz. Lommy nem teve tempo de se render novamente. Sacudiu-se uma vez, e foi tudo. Quando o homem soltou a lança, jorrou sangue numa fonte escura.

– Carregá-lo, ele disse – resmungou, com um risinho.

Tyrion

Tinham-no prevenido para vestir roupas quentes. E Tyrion Lannister seguiu fielmente o que lhe disseram. Usava pesados calções forrados e um gibão de lã, e tinha posto por cima o manto de pele de gato-das-sombras que arranjara nas Montanhas da Lua. O manto era absurdamente longo, feito para um homem com o dobro da sua altura. Quando não estava montado, a única maneira de usá-lo era enrolá-lo à sua volta várias vezes, o que o deixava parecido com uma bola de pelo rajado.

Mesmo assim, sentia-se contente por ter escutado o que lhe tinham dito. O frio na longa adega úmida atacava os ossos. Timett decidiu recuar para a superfície depois de experimentar brevemente o frio que fazia lá embaixo. Estavam em algum lugar sob a colina de Rhaenys, nos fundos do palácio da Guilda dos Alquimistas. As paredes de pedra úmida estavam salpicadas de salitre, e a única luz que havia ali vinha da lamparina selada de ferro e vidro que Hallyne, o Piromante, transportava tão delicadamente.

Delicadamente, sim… e aqueles eram, com certeza, frascos delicados. Tyrion pegou um para inspecioná-lo. Era redondo e avermelhado, uma gorda toranja de barro. Um pouco grande demais para sua mão, mas Tyrion sabia que caberia confortavelmente na de um homem normal. A cerâmica era fina, tão frágil, que mesmo ele tinha sido prevenido para não apertar com muita força para que não a esmagasse. Sentia o barro áspero, granuloso. Hallyne disse-lhe que era intencional.

– Um frasco liso é mais passível de escapar da mão de alguém.

Fogovivo escorreu lentamente para a boca do frasco quando Tyrion o inclinou para espiar lá dentro. Sabia que a cor devia ser um verde lodoso, mas a luz fraca impossibilitava-lhe confirmar.

– É espesso – ele observou.

– É por causa do frio, senhor – foi a resposta de Hallyne, um homem pálido, com mãos moles e úmidas, e maneiras obsequiosas. Estava vestido com uma toga listrada de preto e escarlate, ornamentada com zibelina, mas a pele já estava um tanto remendada e roída pelas traças. – À medida que for aquecendo, a substância fluirá com mais facilidade, como o azeite para as lâmpadas.

Substância era o termo que os piromantes usavam para o fogovivo. Também chamavam uns aos outros de *sábios*, o que Tyrion achava quase tão irritante como o costume que tinham de sugerir as vastas reservas secretas de conhecimento que queriam que ele pensasse que possuíam. Em outra época, aquela tinha sido uma guilda poderosa, mas nos séculos recentes os meistres da Cidadela tinham suplantado os alquimistas em quase tudo. Agora, restava apenas um

punhado de membros da antiga ordem, e já nem sequer fingiam transmutar metais…

… Mas *sabiam* fazer fogovivo.

– A água não o apaga, segundo me disseram.

– Assim é. Uma vez que se incendeie, a substância arderá violentamente até se extinguir. E vai, ainda, se infiltrar em roupa, madeira, couro, até mesmo aço, para que também se incendeiem.

Tyrion recordou o sacerdote vermelho Thoros de Myr e sua espada flamejante. Até mesmo um fino revestimento de fogovivo podia arder durante uma hora. Thoros precisava sempre de uma espada nova depois de um combate, mas Robert gostava do homem e estava sempre feliz em fornecê-las.

– Por que não se infiltra também no barro?

– Ah, mas infiltra – Hallyne respondeu. – Há uma adega por baixo desta onde armazenamos os frascos mais antigos. Os do tempo de Rei Aerys. Ele preferia mandar fazer os frascos em forma de frutas. Umas frutas muito perigosas mesmo, senhor Mão, e, hummm, hoje mais *maduras* do que nunca, se compreende aonde quero chegar. Selamos com cera e enchemos a adega inferior de água, mas, mesmo assim… Na verdade, eles deviam ter sido destruídos, mas tantos dos nossos mestres foram assassinados durante o Saque de Porto Real, que os poucos acólitos que restaram não deram conta da tarefa. Muitas das reservas que fizemos para Aerys foram perdidas. Só no ano passado, duzentos frascos foram descobertos num armazém situado por baixo do Grande Septo de Baelor. Ninguém foi capaz de se lembrar de como eles tinham ido parar lá, mas estou certo de que não preciso dizer que o Alto Septão estava fora de si por causa do terror. Assegurei-me pessoalmente de que os frascos fossem transportados em segurança. Mandei encher uma carroça de areia e enviei nossos acólitos mais capazes. Trabalhamos apenas de noite, nós…

– … Fizeram um magnífico trabalho, não duvido – Tyrion pôs o frasco que estava segurando no meio dos outros. Cobriam a mesa, em filas ordenadas de quatro, que se estendiam pelas sombras subterrâneas adentro. E para lá daquela havia outras mesas, muitas outras mesas. – Estas, ah... *frutas* do falecido Rei Aerys, ainda podem ser usadas?

– Ah, sim, com toda certeza… Mas *com cuidado*, senhor, com o máximo de cuidado. À medida que envelhece, a substância fica ainda mais, hummmm, *instável*, digamos. Qualquer chama pode incendiá-la. Qualquer faísca. Calor em excesso, e os frascos se incendeiam espontaneamente. Não é sensato deixá-los ao sol, mesmo que por um curto período. Uma vez que o fogo se inicie no seu interior, o calor faz com que a substância se expanda violentamente, e em instantes os frascos voam em cacos. Se outros frascos estiverem armazenados nas

vizinhanças, também explodirão, e assim…

– Quantos frascos vocês têm atualmente?

– Esta manhã, o Sábio Munciter disse-me que tínhamos sete mil, oitocentos e quarenta. Esse número inclui quatro mil frascos dos dias do Rei Aerys, com certeza.

– As nossas frutas *maduras demais*?

Hallyne assentiu com a cabeça.

– O Sábio Malliard crê que sejamos capazes de fornecer um total de dez mil frascos, como foi prometido à rainha. E eu concordo – o Piromante parecia estar indecentemente satisfeito com aquela expectativa.

Considerando que nossos inimigos lhe deem o tempo necessário. Os piromantes mantinham a receita do fogovivo como um segredo bem guardado, mas Tyrion sabia que o processo era demorado e perigoso. Partira do princípio de que a promessa de dez mil frascos era um alarde vazio, como o do vassalo que jura reunir dez mil espadas para o seu senhor e aparece no dia da batalha com cento e duas. *Se nos puderem realmente dar dez mil…*

Não sabia se devia estar deliciado ou apavorado. *Talvez um pouco de ambos*.

– Confio que seus irmãos da guilda não estejam trabalhando com uma pressa inconveniente, Sábio. Não queremos dez mil frascos de fogovivo defeituoso, nem mesmo um… E, com toda certeza, não queremos acidentes.

– Não haverá acidentes, senhor Mão. A substância é preparada numa série de celas nuas de pedra por acólitos treinados, e cada frasco é levado por um aprendiz e trazido para cá no instante em que fica pronto. Por cima de cada cela de trabalho fica uma sala completamente cheia de areia. Um feitiço protetor foi depositado nos pisos... Hummm... Muito poderoso. Qualquer incêndio na cela abaixo faz com que os pisos caiam, e a areia apaga imediatamente o fogo.

– Sem falar do descuidado acólito – com *feitiço*, Tyrion imaginava que Hallyne quisesse dizer *truque inteligente*. Pensou que gostaria de inspecionar uma dessas celas com teto falso para ver como funcionava, mas aquele não era o momento para isso. Talvez depois da guerra vencida.

– Meus irmãos nunca são descuidados – insistiu Hallyne. – Se posso ser, hummmm, *franco*…

– Ah, claro.

– A substância flui nas minhas veias e vive no coração de todos os piromantes. Respeitamos seu poder. Mas o soldado comum... hummm, os que manejam uma das catapultas de fogo da rainha, por exemplo, no frenesi sem raciocínio da batalha… Qualquer pequeno erro pode originar uma catástrofe. Mas isso é coisa que não se diz com muita

frequência. Meu pai disse isso mesmo, várias vezes, ao Rei Aerys, assim como o pai *dele* disse ao Rei Jaehaerys.

– Eles devem ter escutado – Tyrion observou. – Se tivessem queimado a cidade, alguém teria me informado. Então, seu conselho é que sejamos cuidadosos?

– Sejam *muito* cuidadosos – Hallyne reiterou. – Sejam *muito, muito* cuidadosos.

– Esses frascos de barro… Há muitos por aqui?

– Sim, senhor. Obrigado por perguntar.

– Então não se importará se eu levar alguns. Alguns milhares.

– Alguns *milhares*?

– Ou o número que sua guilda possa ceder sem interferir na produção. Mas, compreenda, são frascos *vazios* que peço. Mande que sejam enviados aos capitães de todos os portões da cidade.

– Farei isso, senhor, mas, por quê…?

Tyrion sorriu-lhe.

– Quando me diz para vestir roupa quente, eu assim me visto. Quando me diz para ser cuidadoso, bem… – encolheu os ombros. – Já vi o suficiente. Talvez queira ter a bondade de me acompanhar de volta à minha liteira?

– Terei grande, hummm, prazer, senhor – Hallyne pegou a lamparina e seguiu à frente de volta à escada. – Foi bom da sua parte nos visitar. Uma grande honra, hummm. Passou-se muito tempo desde a última vez que a Mão do Rei nos agraciou com sua presença. Não acontecia desde Lorde Rossart, e ele pertencia à nossa ordem. Isso foi nos tempos do Rei Aerys, que tinha grande interesse pelo nosso trabalho.

Rei Aerys os usou para assar a carne dos seus inimigos. Seu irmão, Jaime, contara-lhe algumas histórias a respeito do Rei Louco e dos seus piromantes de estimação.

– Joffrey também se interessará, não duvido – *e é por isso mesmo que é bom que o mantenha bem longe de você.*

– É nossa grande esperança que o rei visite nosso palácio na sua real pessoa. Falei sobre isso à sua real irmã. Um grande banquete…

Estava ficando mais quente à medida que subiam.

– Sua Graça proibiu todos os banquetes até que a guerra esteja ganha – *por insistência minha*. – O rei não pensa ser adequado banquetear-se com alimentos de primeira linha enquanto seu povo passa sem pão.

– Um gesto muito, hummm, *dedicado*, senhor. Talvez, em vez disso, alguns de nós possamos visitar o rei na Fortaleza Vermelha. Uma pequena demonstração dos nossos poderes, por assim dizer, a fim de distrair Sua Graça das suas muitas preocupações durante uma noite. O fogovivo é apenas um dos temidos segredos da nossa antiga

ordem. Muitas e maravilhosas são as coisas que poderíamos lhe mostrar.

– Levarei o assunto à consideração da minha irmã – Tyrion não tinha nenhuma objeção a alguns truques de magia, mas o gosto de Joff por obrigar homens a lutar até a morte já era aflição suficiente; não tinha nenhuma intenção de permitir que o rapaz experimentasse a possibilidade de queimá-los vivos.

Quando enfim chegaram ao topo dos degraus, Tyrion livrou-se da pele de gato-das-sombras e dobrou-a sobre o braço. A Guilda dos Alquimistas era um majestoso labirinto de pedra negra, mas Hallyne indicou-lhe o caminho pelas suas curvas e contracurvas até chegarem à Galeria dos Archotes de Ferro, um longo salão ecoante, onde espirais de fogo verde dançavam em torno de colunas de metal negro com seis metros de altura. Chamas fantasmagóricas refletiam-se no mármore negro polido das paredes e do chão e banhavam o salão com um esplendor esmeralda. Tyrion teria ficado mais impressionado se não soubesse que os grandes archotes de ferro só tinham sido acesos naquela manhã em honra da sua visita, mas seriam extintos no instante em que as portas se fechassem nas suas costas. O fogovivo era caro demais para se esbanjar.

Emergiram no topo da larga escadaria curva que dava para a Rua das Irmãs, perto do sopé da Colina de Visenya. Tyrion disse adeus a Hallyne e bamboleou-se até onde Timett, filho de Timett, esperava com uma escolta de Homens Queimados. Dado seu propósito hoje, tinha-lhe parecido uma escolha singularmente apropriada para sua guarda. Além disso, as cicatrizes deles inspiravam terror nos corações do populacho. Nos dias que corriam, isso era ótimo. Não mais do que três noites antes, outra multidão tinha se reunido nos portões da Fortaleza Vermelha, clamando por comida. Joff soltara uma tempestade de flechas contra eles, matando quatro, e depois gritara-lhes que tinham sua autorização para comer os mortos. *Ganhando-nos ainda mais amigos*.

Tyrion ficou surpreso ao ver, agora, Bronn, em pé, ao lado da liteira.

– O que você está fazendo aqui?

– Venho entregar suas mensagens. – A Mão de Ferro quer você com urgência no Portão dos Deuses. Não quis me dizer por quê. E Maegor também foi convocado.

– *Convocado?* – Tyrion só conhecia uma pessoa que se atreveria a usar essa palavra. – E o que Cersei quer de mim?

Bronn encolheu os ombros.

– A rainha ordena-lhe que regresse imediatamente ao castelo e se ponha a seu serviço nos seus aposentos. Foi aquele seu primo moleque quem entregou a mensagem. Quatro pelos debaixo do nariz, e se julga

um homem.

– Quatro pelos e um título de cavaleiro. Ele agora é *Sor* Lancel, nunca se esqueça disso – Tyrion sabia que Sor Jacelyn nunca mandaria chamá-lo a menos que o assunto fosse importante. – É melhor que eu vá ver o que Bywater quer. Informe minha irmã que me porei a seu serviço quando retornar.

– Ela não vai gostar disso – Bronn preveniu.

– Ótimo. Quanto mais tempo Cersei esperar, mais zangada ficará, e a ira torna-a estúpida. Prefiro-a de longe zangada e estúpida, a tranquila e astuta – Tyrion atirou o manto dobrado para dentro da liteira, e Timett o ajudou a subir depois.

A praça do mercado, que ficava junto ao Portão dos Deuses, e que em tempos normais estaria atulhada de agricultores vendendo legumes, estava quase deserta quando Tyrion a atravessou. Sor Jacelyn foi ao seu encontro no portão e ergueu a mão de ferro numa saudação brusca.

– Senhor. Seu primo Cleos Frey está aqui, vindo de Correrrio, sob uma bandeira de paz, trazendo uma carta de Robb Stark.

– Condições de paz?

– É o que ele diz.

– Meu primo querido. Leve-me até ele.

Os homens de manto dourado tinham confinado Sor Cleos em uma sala da guarda sem janelas e dentro da guarita. Ele se levantou quando entraram.

– Tyrion, como é bom vê-lo.

– Isso não é algo que eu ouça com frequência, primo.

– Cersei veio junto?

– Minha irmã tem outras ocupações. Esta é a carta do Stark? – pegou-a da mesa. – Sor Jacelyn, pode nos deixar.

Bywater fez uma reverência e saiu.

– Pediram-me para trazer a oferta de paz à Rainha Regente – disse Sor Cleos quando a porta se fechou.

– Farei isso – Tyrion passou os olhos pelo mapa que Robb Stark tinha enviado com a carta. – Tudo a seu tempo, primo. Sente-se. Descanse. Está com uma aparência desgastada e fatigada – *na verdade, parecia pior do que isso*.

– Sim – Sor Cleos deixou-se cair num banco. – As coisas estão más nas terras fluviais, Tyrion. Em especial em torno do Olho de Deus e ao longo da estrada do rei. Os senhores do rio andam queimando as próprias colheitas para tentar nos fazer passar fome, e os destacamentos logísticos do seu pai incendeiam todas as aldeias que conquistam e passam o povo na espada.

Era o costume da guerra. O povo era massacrado e os nobres, aprisionados, para obter resgates. *Lembre-me de agradecer aos deuses*

por ter nascido um Lannister.

Sor Cleos passou uma mão pelo fino cabelo castanho:

– Mesmo com uma bandeira de paz, fomos atacados duas vezes. Lobos em cota de malha, famintos por morder qualquer um mais fraco que eles. Só os deuses sabem de que lado começaram, mas agora estão do seu próprio lado. Perdemos três homens, e temos muitos mais feridos.

– Que novidades há do nosso inimigo? – Tyrion volveu a atenção às condições do Stark. *O rapaz não quer muito. Só metade do reino, a libertação dos nossos cativos, reféns, a espada do pai… ah, sim, e as irmãs.*

– O rapaz está em Correrrio sem fazer nada – Sor Cleos respondeu. – Creio que teme enfrentar seu pai no campo de batalha. Sua força diminui todos os dias. Os senhores do rio partiram, cada um para defender suas próprias terras.

Seria isto o que meu pai pretendia? Tyrion enrolou o mapa de Stark.

– Estas condições nunca serão aceitas.

– Consentirá pelo menos em trocar as garotas Stark por Tion e Willem? – Sor Cleos perguntou em tom de lamento.

Tyrion recordou que Tion Frey era seu irmão mais novo.

– Não – Tyrion respondeu gentilmente –, mas proporemos nossa própria troca de cativos. Deixe-me consultar Cersei e o conselho. Enviaremos você de volta a Correrrio com as *nossas* condições.

Era claro que a perspectiva não o alegrava.

– Senhor, não creio que Robb Stark ceda com facilidade. É a Senhora Catelyn quem quer esta paz, não ele.

– A Senhora Catelyn quer as filhas – Tyrion desceu do banco, com a carta e o mapa na mão. – Sor Jacelyn tratará de providenciar comida e fogo para você. Parece-me terrivelmente que precisa dormir, primo. Mandarei chamá-lo quando soubermos mais.

Tyrion foi encontrar Sor Jacelyn nas ameias, observando várias centenas de novos recrutas que treinavam no campo abaixo. Com tanta gente procurando refúgio em Porto Real, não havia falta de homens com vontade de se juntar à Patrulha da Cidade em troca de uma barriga cheia e uma cama de palha na caserna, mas Tyrion não tinha ilusões quanto à forma como aqueles defensores esfarrapados lutariam se chegasse a haver uma batalha.

– Fez bem em mandar me chamar – disse Tyrion. – Deixarei Sor Cleos nas suas mãos. Ele deverá receber toda a hospitalidade.

– E a escolta? – quis saber o comandante.

– Dê-lhes comida e trajes limpos e arranje um meistre para tratar dos seus ferimentos. Eles não deverão pôr os pés dentro da cidade, entendido? – não seria nada bom deixar que a verdade sobre as condições existentes em Porto Real chegasse a Robb Stark, em

Correrrio.

– Está bem entendido, senhor.

– Ah, e mais uma coisa. Os alquimistas irão enviar um grande abastecimento de frascos de argila para todos os portões da cidade. Use-os para treinar os homens que irão manobrar as suas catapultas de fogo. Encha os frascos com tinta verde e treine-os a carregar as armas e disparar. Qualquer homem que provocar respingos deverá ser substituído. Quando tiverem dominado os frascos de tinta, substitua-a por azeite de lâmpada e ponha-os a trabalhar na ignição dos frascos e no seu disparo em chamas. Uma vez tendo aprendido a fazer isso sem se queimar, estarão preparados para o fogovivo.

Sor Jacelyn coçou o queixo com a mão de ferro.

– Medidas sensatas. Embora eu não sinta nenhuma afeição por aquele mijo de alquimista.

– Nem eu, mas uso o que me é dado.

De volta à liteira, Tyrion Lannister fechou as cortinas e apoiou-se com o cotovelo numa almofada. Cersei ficaria descontente por saber que ele interceptara a carta de Stark, mas seu pai o mandara ali para governar, não para contentar Cersei.

Parecia-lhe que Robb Stark lhes dera uma oportunidade de ouro. Que o rapaz ficasse em Correrrio sonhando com uma paz fácil. Tyrion responderia nos seus próprios termos, dando ao Rei do Norte apenas o bastante do que queria para mantê-lo esperançoso. Que Sor Cleos desgastasse seu ossudo traseiro de Frey cavalgando para lá e para cá com ofertas e contraofertas. Enquanto isso, seu primo Sor Stafford treinaria e armaria a nova tropa que tinha recrutado em Rochedo Casterly. Quando estivesse pronta, ele e Lorde Tywin poderiam esmagar os Tully e os Stark entre ambos.

Se ao menos os irmãos de Robert fossem tão amáveis. Por mais glacial que fosse sua progressão, Renly Baratheon continuava se arrastando para o norte e para o leste com sua enorme tropa do sul, e quase não se passava uma noite sem que Tyrion temesse ser acordado com a notícia de que Lorde Stannis subia a Torrente da Água Negra com a sua frota. *Bem, ao que parece tenho uma considerável reserva de fogovivo, mas, mesmo assim…*

O som de um tumulto qualquer na rua intrometeu-se nas suas preocupações. Tyrion espiou cautelosamente por entre as cortinas da liteira. Passavam pela Praça dos Sapateiros, onde uma multidão de bom tamanho se reunira por baixo dos toldos de couro para assistir às arengas de um profeta. Uma toga de lã não tingida, cintada por uma corda de cânhamo, identificava-o como um dos irmãos mendicantes.

– *Corrupção!* – o homem gritou estridentemente. – Ali está o aviso! Admirem o flagelo do Pai! – apontou para a esfiapada ferida vermelha no céu. De onde estava, o castelo distante na Colina de

Aegon ficava diretamente por trás dele, com o cometa agourentamente pendurado por cima das suas torres. *Uma escolha de palco inteligente*, refletiu Tyrion. – Tornamo-nos inchados, intumecidos, impuros. Irmão copula com irmã na cama de reis, e o fruto do seu incesto faz piruetas no seu palácio ao som da flauta de um retorcido macaquinho demoníaco. Senhoras de alto nascimento fornicam com bobos e dão à luz monstros! Até o Alto Septão esqueceu os deuses! Banha-se em águas perfumadas e engorda com cotovias e lampreias, enquanto seu povo passa fome! O orgulho vem antes da oração, vermes governam nossos castelos, e o ouro é tudo… Mas *basta*! O verão putrefato chegou ao fim, e o Rei Devasso foi derrubado! Quando o javali o abriu, um grande fedor subiu ao céu, e mil serpentes deslizaram da sua barriga, silvando e mordendo! – ele voltou a balançar o dedo ossudo na direção do cometa e do castelo. – Ali vem o Mensageiro! Purifiquem-se a si mesmos, gritam os deuses, para que não tenham de ser purificados! Banhem-se no vinho da probidade, ou serão banhados em fogo! *Fogo*!

– Fogo! – repetiram outras vozes num eco, mas os gritos de zombaria quase os afogaram.

Tyrion retirou daquilo consolação. Deu ordem para prosseguir, e a liteira balançou como um navio em mar revolto, enquanto os Homens Queimados abriam caminho. *Retorcido macaquinho demoníaco, certo*. Mas o desgraçado tinha realmente alguma razão no que dizia do Alto Septão. O que foi que o Rapaz Lua tinha dito dele no outro dia? *Um homem devoto que adora tão fervorosamente os Sete que come uma refeição por cada um sempre que se senta à mesa*. A memória da piada do bobo fez Tyrion sorrir.

Ficou contente por chegar à Fortaleza Vermelha sem mais incidentes. Enquanto subia os degraus que levavam aos seus aposentos, Tyrion sentia-se um pouco mais esperançoso do que de madrugada. *Tempo. É tudo aquilo de que realmente preciso, tempo para juntar as peças. Assim que a corrente estiver pronta*… Abriu a porta do seu aposento privado.

Cersei virou as costas para a janela, fazendo rodopiar as saias em torno das suas ancas esguias.

– Como se *atreve* a ignorar minhas convocatórias?

– Quem a deixou entrar na minha torre?

– Na *sua* torre? Este é o castelo real do meu filho.

– É o que me dizem – Tyrion não soou divertido. Crawn ficaria ainda menos; eram seus Irmãos da Lua que hoje estavam de guarda. – Acontece que me preparava para ir encontrá-la.

– Ah, é?

Ele fechou a porta atrás de si.

– Duvida de mim?

– Sempre, e com bons motivos.

– Sinto-me ferido – Tyrion bamboleou-se até o aparador para se servir de uma taça de vinho. Não conhecia melhor maneira de ficar com sede do que conversar com Cersei. – Se a ofendi, gostaria de saber como.

– Que vermezinho repugnante você é. Myrcella é minha única filha. Realmente imaginava que eu permitiria que a vendesse como um saco de aveia?

Myrcella, Tyrion pensou. *Bom, esse ovo eclodiu. Vejamos de que cor é o pinto*.

– Como um saco de aveia? Nem perto disso. Myrcella é uma princesa. Há quem diga que foi para isto que nasceu. Ou será que planejava casá-la com Tommen?

Cersei avançou e arrancou a taça de vinho da mão do irmão, atirando-a ao chão.

– Irmão ou não, devia mandar cortar sua língua por isso. *Eu* sou regente de Joffrey, não você, e eu digo que Myrcella não será enviada para este dornense como eu fui para Robert Baratheon.

Tyrion sacudiu vinho dos dedos e suspirou.

– Por que não? Estaria bastante mais segura em Dorne do que aqui.

– Você é completamente ignorante ou apenas perverso? Sabe tão bem como eu que os Martell não têm motivos para simpatizar conosco.

– Os Martell têm todos os motivos para nos odiar. Mesmo assim, espero que concordem. As razões da mágoa do Príncipe Doran em relação à Casa Lannister remontam apenas a uma geração, mas os homens de Dorne vêm guerreando contra Ponta Tempestade e Jardim de Cima há mil anos, e Renly tomou como pressuposto que teria a fidelidade de Dorne. Myrcella tem nove anos, Trystane Martell, onze. Propus que se casassem quando ela atingisse seu décimo quarto ano. Até essa altura, seria hóspede de honra em Lançasolar, sob a proteção do Príncipe Doran.

– Uma refém – Cersei o corrigiu, com a boca apertando-se.

– Uma hóspede de honra – insistiu Tyrion. – E suspeito que Martell tratará Myrcella mais gentilmente do que Joffrey tem tratado Sansa Stark. Pensei em mandar com ela Sor Arys Oakheart. Com um cavaleiro da Guarda Real como escudo juramentado, não é provável que alguém se esqueça de quem ou do que ela é.

– De pouco servirá Sor Arys, se Doran Martell decidir que a morte da minha filha compensará a da sua irmã.

– Martell é honrado demais para assassinar uma menina de nove anos, especialmente se for tão doce e inocente como Myrcella. Enquanto a tiver em sua posse, pode ficar razoavelmente certo de que

do nosso lado honraremos o acordo, cujos termos são ricos demais para recusar. Myrcella é a menor parte do trato. Também lhe ofereci o assassino da irmã, um lugar no conselho, alguns castelos na Marca…

– É demais! – Cersei afastou-se dele, irrequieta como uma leoa, com as saias rodopiando. – Ofereceu demais, e sem a minha autorização ou consentimento.

– É do Príncipe de Dorne que estamos falando. Se lhe oferecesse menos, o mais certo era que cuspisse na minha cara.

– *É demais!* – Cersei insistiu, rodopiando para olhar o irmão de frente.

– O que você lhe teria oferecido? Esse buraco que tem entre as pernas? – Tyrion a desafiou, com sua própria fúria rebentando.

Dessa vez ele viu o tabefe chegando. A cabeça oscilou, soltando um *crac*.

– Querida, querida irmã... Garanto-lhe que esta foi a última vez que me bateu na vida.

A irmã riu.

– Não me ameace, homenzinho. Acredita que a carta de nosso pai o mantém a salvo? Um pedaço de papel. Eddard Stark também tinha um pedaço de papel, e olhe o bem que lhe fez.

Eddard Stark não tinha a Patrulha da Cidade, Tyrion pensou, *nem os meus homens dos clãs, nem os mercenários que Bronn contratou. Eu tenho*. Ou assim ele esperava, confiando em Varys, em Sor Jacelyn Bywater, em Bronn. Lorde Stark provavelmente também tivera suas desilusões.

Mas nada disse. Um homem sensato não lançava fogovivo num braseiro. Em vez disso, serviu-se de outra taça de vinho.

– Em que segurança julga que Myrcella estará se Porto Real cair? Renly e Stannis pendurarão a cabeça dela ao lado da sua.

Cersei começou a chorar.

Tyrion Lannister não teria ficado mais estupefato se o próprio Aegon, o Conquistador, tivesse entrado de rompante na sala, montado num dragão e fazendo malabarismos com tortas de limão. Não via a irmã chorar desde que eram crianças em Rochedo Casterly. Acanhadamente, deu um passo na sua direção… Mas aquela mulher era *Cersei!* Estendeu uma mão hesitante para o seu ombro.

– Não me *toque* – ela reagiu, afastando-se. Não devia, mas aquela reação magoou mais do que qualquer tapa. De rosto afogueado, tão zangada como atingida pela dor, Cersei lutou para respirar: – Não me olhe, não… assim, não… *você*, não.

Delicadamente, Tyrion voltou-lhe as costas:

– Não pretendia assustá-la. Prometo que nada acontecerá a Myrcella.

– Mentiroso – ela disse atrás dele. – Não sou uma criança para ser

acalmada com promessas ocas. Também me disse que libertaria Jaime. Pois bem. Onde está ele?

– Em Correrrio, eu calculo. A salvo e sob vigilância, até que eu encontre uma maneira de libertá-lo.

Cersei fungou:

– Eu devia ter nascido homem. Não teria necessidade de nenhum de vocês. Não permitiria que nada disso acontecesse. Como Jaime pôde se deixar capturar por aquele *garoto*? E meu pai? Confiei nele, como uma idiota, mas onde está agora, justamente quando é necessário aqui? O que ele está *fazendo*?

– A guerra.

– De dentro das muralhas de Harrenhal? – Cersei exclamou desdenhosamente. – Curiosa maneira de lutar. A meu ver, parece, de forma suspeita, com se esconder.

– Pois veja de novo.

– Do que mais chamaria? Nosso pai está num castelo, e Robb Stark em outro, e nenhum deles *faz* coisa alguma.

– Assim deve ser – Tyrion sugeriu. – Cada um espera que o outro se mova, mas o leão está quieto, equilibrado, retorcendo a cauda, enquanto o corço está paralisado pelo medo, com as tripas transformadas em gelatina. Qualquer que seja o lado onde saltar, o leão vai capturá-lo, e ele sabe disso.

– E você tem mesmo certeza de que nosso pai é o *leão*?

Tyrion sorriu.

– Está em todos os nossos estandartes.

Ela ignorou a brincadeira.

– Se tivesse sido nosso pai o capturado, Jaime não estaria parado, garanto-lhe.

Jaime estaria desfazendo sua tropa em pedaços sangrentos contra as muralhas de Correrrio, e os Outros teriam sua chance. Nunca teve paciência, tal como você, querida irmã.

– Nem todos podemos ser tão ousados como Jaime. Mas há outras maneiras de ganhar guerras. Harrenhal é forte e está bem situado.

– E Porto Real *não*, como ambos sabemos perfeitamente. Enquanto nosso pai brinca de leão e corço com o garoto Stark, Renly marcha pela estrada das rosas. Pode estar junto aos nossos portões a qualquer momento!

– A cidade não cairá em um dia. De Harrenhal até aqui é uma marcha rápida e reta pela estrada do rei. Renly quase não terá tempo de preparar suas máquinas de cerco antes que nosso pai o pegue pela retaguarda. A tropa dele será o martelo; as muralhas da cidade, a bigorna. É uma linda imagem.

Os olhos verdes de Cersei penetraram-no, desconfiados, mas com fome da confiança com que ele a alimentava.

– E se Robb Stark se puser em marcha?

– Harrenhal está suficientemente perto dos vaus do Tridente para que Roose Bolton possa atravessá-lo com a infantaria nortenha e ir se juntar à cavalaria do Jovem Lobo. Stark não pode marchar sobre Porto Real sem tomar primeiro Harrenhal, e mesmo com Bolton não tem força suficiente para fazer isso – Tyrion experimentou o mais conquistador dos seus sorrisos. – Nesse meio-tempo, nosso pai se alimenta da gordura das terras fluviais enquanto nosso tio Stafford reúne recrutas frescos no Rochedo.

Cersei olhou-o com suspeita.

– Como pode saber tudo isso? Nosso pai falou das suas intenções quando o enviou para cá?

– Não. Passei os olhos por um mapa.

O olhar dela transformou-se em desdém.

– Imaginou cada uma dessas palavras nessa sua cabeça grotesca, não foi, Duende?

Tyrion deu um pequeno estalo com a língua.

– Querida irmã, eu pergunto: se não estivéssemos ganhando, teriam os Stark pedido a paz? – puxou a carta que Sor Cleos Frey trouxera. – O Jovem Lobo enviou-nos condições, entende? Condições inaceitáveis, com certeza, mas é um começo, mesmo assim. Quer vê-las?

– Sim – e assim, subitamente, Cersei era de novo uma rainha. – Como é que *você* as tem? Deviam ter sido entregues a mim.

– Para que serve uma Mão se não for para lhe entregar coisas?

Tyrion entregou-lhe a carta. A bochecha ainda latejava onde a mão de Cersei havia deixado sua marca. *Que me esfole a cara se for esse o pequeno preço a pagar pelo seu consentimento com o casamento de Dorne*. Agora iria obtê-lo, podia senti-lo.

E também o conhecimento certo a respeito de um informante… Bem, isso era a cereja do bolo.

Bran

A Dançarina estava envolvida em jaezes de lã branca como a neve, adornada com o lobo gigante cinza da Casa Stark, ao passo que Bran usava calções cinza e um gibão branco, com as mangas e o colarinho debruados de veiros. Sobre o coração estava seu broche de prata e azeviche polido em forma de cabeça de lobo. Preferiria o Verão a um lobo de prata ao peito, mas Sor Rodrik mostrou-se inflexível.

Os degraus baixos de pedra detiveram a Dançarina apenas por um momento. Quando Bran a incentivou a avançar, ultrapassou-os com facilidade. Para lá das largas portas de carvalho e ferro, oito longas filas de mesas recém-montadas enchiam o Grande Salão de Winterfell, quatro de cada lado da galeria central. Homens aglomeravam-se nos bancos, ombro contra ombro.

– Stark! – gritavam, pondo-se em pé, enquanto Bran passava por eles a trote. – Winterfell! *Winterfell!*

Já tinha idade suficiente para saber que não era realmente por *ele* que gritavam… Era a colheita que festejavam, Robb e suas vitórias, o senhor seu pai e o avô e todos os Stark desde há oito mil anos que aclamavam. Mas, mesmo assim, aquilo fez com que inchasse de orgulho. Durante o tempo que levou para atravessar a cavalo aquele salão, esqueceu-se de que era aleijado. Mas a realidade se fez presente quando alcançou o estrado, com todos os olhos postos nele, e Osha e Hodor desprenderam as suas correias e presilhas, ergueram-no do dorso da Dançarina e o transportaram para o cadeirão dos seus antepassados.

Sor Rodrik estava sentado à esquerda de Bran, com a filha Beth a seu lado. Rickon estava à direita, com o cabelo ruivo, parecendo um esfregão felpudo tão comprido que roçava sua capa de arminho. Recusara-se a deixar que alguém o cortasse desde que a mãe tinha partido. A última moça que tentou, tinha recebido uma dentada em troca dos seus esforços.

– Também queria montar – Rickon disse enquanto Hodor levava a Dançarina. – Monto melhor do que você.

– Não monta, por isso cale-se – Bran disse ao irmão. Sor Rodrik soltou um brado, pedindo silêncio. Bran ergueu a voz. Deu a todos as boas-vindas em nome do irmão, o Rei do Norte, e lhes pediu para agradecer aos deuses, antigos e novos, pelas vitórias de Robb e pela dádiva das colheitas. – Que haja mais uma centena – Bran terminou, erguendo a taça de prata do pai.

– *Mais uma centena!* – canecas de estanho, xícaras de cerâmica e cornos de beber com reforços de ferro bateram uns nos outros. O

vinho de Bran estava adoçado com mel e aromatizado com canela e cravo, mas era mais forte do que ele estava habituado. Sentia os quentes dedos serpenteantes da bebida contorcendo-se através do seu peito à medida que ia engolindo. Quando apoiou a taça, sua cabeça parecia boiar em águas calmas.

– Esteve bem, Bran – disse-lhe Sor Rodrik. – Lorde Eddard teria se sentido muito orgulhoso – um pouco adiante, na mesa, Meistre Luwin acenou concordando, enquanto os criados começavam a trazer a comida.

Comida como Bran nunca vira; pratos e mais pratos, e mais pratos. Tantos, que não conseguia engolir mais do que uma garfada ou duas de cada um. Havia grandes peças de auroque assadas com alho-poró, empadões de veado com pedaços de cenoura, toucinho e cogumelos, costelas de carneiro com molho de mel e cravo, pato com tomilho, javali apimentado, ganso, espetos de pombo e capão, guisado de carne de vaca e cevada, sopa fria de fruta. Lorde Wyman havia trazido de Porto Branco vinte barricas de peixe conservado em sal e algas marinhas; pescadas e caramujos, caranguejos e mexilhões, amêijoas, arenques, bacalhaus, salmões, lagostas e lampreias. Havia pão preto, bolos de mel e biscoitos de aveia; nabos, ervilhas e beterrabas, feijões, abóboras e enormes cebolas vermelhas; maçãs cozidas, tortas de frutos silvestres e peras embebidas em vinho-forte. Havia queijos brancos em todas as mesas, da mais nobre à mais humilde, e jarros de vinho quente com especiarias e cerveja gelada de outono eram passados de um lado para o outro nas mesas.

Os músicos de Lorde Wyman tocavam com bravura e bem, mas a harpa, a rabeca e a trompa foram em breve afogadas por uma maré de conversas e risos, o tinir de taças e pratos, e os rosnados de cães que lutavam pelos restos. O cantor cantava boas canções, *Lanças de Ferro*, *O Incêndio dos Navios* e *O Urso e a Bela Donzela*, mas só Hodor parecia estar ouvindo. Estava em pé ao lado do tocador de trompa, saltando de um pé para outro.

O ruído aumentou até se transformar num rugido trovejante e constante, um grande e entontecedor guisado de som. Sor Rodrik conversava com Meistre Luwin por cima dos cabelos cacheados de Beth, enquanto Rickon gritava alegremente com os Walder. Bran não quisera os Frey na mesa principal, mas o meistre lembrara-lhe que seriam em breve parentes. Robb devia casar com uma das tias deles, e Arya, com um dos tios.

– Ela nunca o fará – Bran tinha respondido. – Arya não – mas Meistre Luwin não cedeu, e assim ali estavam ao lado de Rickon.

Os criados traziam todos os pratos primeiro a Bran, para que ele pudesse se servir da porção do senhor se assim quisesse. Quando chegaram aos patos, já não conseguia comer mais. Depois disso,

acenou positivamente perante cada prato e os mandou embora. Se o prato exalasse um cheiro particularmente apetitoso, mandava-o a um dos senhores sentados no estrado, um gesto de amizade e favor que Meistre Luwin lhe recomendara fazer. Mandou um pouco de salmão à pobre e triste Senhora Hornwood; o javali aos ruidosos Umber; um prato de ganso com frutos do bosque a Cley Cerwyn; e uma enorme lagosta a Joseth, o mestre dos cavalos, que não era senhor nem hóspede, mas tinha se encarregado do treino da Dançarina e tornara possível que Bran a montasse. Mandou doces a Hodor e também à Velha Ama, por nenhum motivo além de gostar deles. Sor Rodrik lembrou-lhe também que mandasse qualquer coisa aos seus irmãos adotivos. Então, enviou ao Pequeno Walder beterrabas cozidas e ao Grande Walder os nabos com manteiga.

Nos bancos, lá embaixo, os homens de Winterfell misturavam-se com gente comum da vila de Inverno, amigos vindos de castros próximos e as escoltas dos senhores hóspedes. Alguns dos rostos Bran nunca tinha visto antes, outros, conhecia tão bem como o seu, mas todos lhe pareciam igualmente desconhecidos. Observou-os como se ainda estivesse sentado na janela do seu quarto, a distância, olhando para o pátio, embaixo, vendo tudo, mas não fazendo parte de nada.

Osha deslocava-se por entre as mesas, servindo cerveja. Um dos homens de Leobald Tallhart enfiou uma mão pelas suas saias, e ela quebrou o jarro na sua cabeça, por entre o rugido das gargalhadas. Mas Mikken tinha enfiado a mão no corpete de uma mulher qualquer, e ela não parecia se importar. Bran observou Farlen obrigando sua cadela vermelha a implorar ossos, e sorriu ao ver a Velha Ama beliscar a crosta de uma torta quente com dedos enrugados. No estrado, Lorde Wyman atacou um prato fumegante de lampreias como se fossem uma tropa inimiga. O homem era tão gordo, que Sor Rodrik mandara construir uma cadeira especialmente larga para que nela se sentasse, mas ria sonora e frequentemente, e Bran concluiu que gostava dele. A pobre e abatida Senhora Hornwood estava sentada ao seu lado, com o rosto transformado numa máscara de pedra enquanto bicava a comida com indiferença. Do outro lado da mesa elevada, Hothen e Mors competiam para ver quem bebia mais, batendo com tanta força os berrantes um no outro que pareciam cavaleiros numa justa.

Está quente demais aqui, e barulhento demais, e estão todos se embebedando. Bran sentiu comichão debaixo da lã cinza e branca e, de repente, desejou estar em qualquer lugar, menos ali. *Agora está fresco no bosque sagrado. O vapor sobe das lagoas quentes, e as folhas vermelhas do represeiro restolham. Os cheiros são mais ricos do que aqui, e em breve a lua vai se erguer, e meu irmão cantará para ela.*

– Bran? – Sor Rodrik o chamou. – Não come?

O sonho acordado tinha sido tão vivo, que por um momento Bran

não soube onde se encontrava.

– Comerei mais tarde – ele respondeu. – Minha barriga está quase estourando.

O bigode branco do velho cavaleiro estava cor-de-rosa devido ao vinho.

– Esteve bem, Bran. Aqui e nas audiências. Penso que um dia será um senhor particularmente bom.

Quero ser um cavaleiro. Bran bebeu da taça do pai outro gole do vinho com mel e especiarias, grato por ter algo em que se agarrar. Uma cabeça de traço realista de um lobo gigante rosnando estava esculpida em relevo num dos lados da taça. Sentiu o focinho de prata fazendo pressão contra a palma da sua mão, e se lembrou da última vez que tinha visto o senhor seu pai beber daquela taça.

Havia sido na noite do banquete de boas-vindas, quando o Rei Robert trouxera a corte a Winterfell. Então, ainda reinava o verão. Seus pais tinham dividido o estrado com Robert e sua rainha, com os irmãos dela a seu lado. Tio Benjen também estivera lá, todo vestido de preto. Bran e os irmãos e irmãs tinham se sentado com os filhos do rei, Joffrey, Tommen e a Princesa Myrcella, que passou a refeição inteira olhando Robb com olhos de adoração. Arya fazia caretas do outro lado da mesa quando ninguém estava olhando; Sansa escutava, em êxtase, as canções de cavalaria que o grande harpista do rei cantava, e Rickon não parava de perguntar por que motivo Jon não estava com eles.

– Porque é um bastardo – Bran teve de segredar-lhe por fim.

E, agora, todos haviam partido. Era como se algum deus cruel tivesse esticado uma grande mão até aqui embaixo e varrido todos; as meninas para o cativeiro, Jon para a Muralha, Robb e a mãe para a guerra, Rei Robert e seu pai para as respectivas sepulturas, e talvez Tio Benjen também…

Mesmo nos bancos havia novos homens às mesas. Jory estava morto, bem como Gordo Tom e Porther, Alyn, Desmond, Hullen, que era mestre dos cavalos, e seu filho, Harwin… Todos os que tinham ido para o sul com seu pai, até Septã Mordane e Vayon Poole. Os outros tinham partido para a guerra com Robb e, até onde Bran sabia, podiam em breve estar mortos também. Gostava bastante de Hayhead, de Poxy Tym, de Skittrick e dos outros novos homens, mas sentia saudades dos seus velhos amigos.

Percorreu os bancos com os olhos, para cima e para baixo, para todos os rostos, felizes e tristes, e perguntou-se quem faltaria no ano seguinte e no outro. Sentiu vontade de chorar, mas não podia. Era um Stark em Winterfell, filho do seu pai e herdeiro do irmão e quase um homem-feito.

No fundo do salão, as portas abriram-se e um sopro de ar frio deixou a luz dos archotes mais brilhante por um momento. Alebelly

introduziu dois novos convidados no banquete.

– A Senhora Meera da Casa Reed – berrou o corpulento guarda por sobre o clamor na sala. – Com o irmão, Jojen, da Atalaia da Água Cinzenta.

Homens ergueram os olhos das suas taças e tabuleiros para ver os recém-chegados. Bran ouviu o Pequeno Walder murmurar "Papa-rãs" para o Grande Walder. Sor Rodrik levantou-se.

– Sejam bem-vindos, amigos, e partilhem esta colheita conosco – criados correram para aumentar a mesa do estrado, indo buscar armações e cadeiras.

– Quem são *eles*? – Rickon quis saber.

– Homens da lama – respondeu Pequeno Walder, com desdém. – São ladrões e covardes, e seus dentes são verdes de comer rãs.

Meistre Luwin agachou-se junto à cadeira de Bran para lhe segredar conselhos ao ouvido:

– Deve saudar estes calorosamente. Não imaginava vê-los aqui, mas… Sabe quem são?

Bran confirmou com um aceno.

– Cranogmanos. Vindos do Gargalo.

– Howland Reed foi um grande amigo do seu pai – disse-lhe Sor Rodrik. – Ao que parece, estes dois são seus filhos.

Enquanto os recém-chegados atravessavam o salão, Bran viu que um deles era de fato uma moça, ainda que jamais tivesse percebido isso pelo modo como se vestia. Usava calções de pele de carneiro, amaciados pelo longo uso, e um justilho sem mangas reforçado com escamas de bronze. Embora estivesse perto da idade de Robb, era esguia como um garoto, com um longo cabelo castanho amarrado atrás da cabeça, e só um pequeno sinal de seios. De uma das magras ancas pendia uma rede trançada, e da outra, uma longa faca de bronze; debaixo do braço trazia um velho elmo de ferro salpicado de ferrugem; um tridente e um escudo redondo de couro estavam atados às suas costas.

O irmão era vários anos mais novo e não trazia armas. Todo seu vestuário era verde, até mesmo o couro das botas, e quando se aproximou Bran viu que os olhos eram da cor do musgo, embora os dentes parecessem tão brancos como os de todos os outros. Ambos os Reed eram de constituição leve, esguios como espadas e pouco mais altos do que Bran. Ajoelharam-se em frente ao estrado.

– Senhores de Stark – disse a garota. – Os anos se passaram às centenas e aos milhares desde que meu povo jurou lealdade ao Rei do Norte. O senhor meu pai enviou-nos aqui a fim de proferir novamente essas palavras, em nome de todo o nosso povo.

Ela está olhando para mim, Bran percebeu. Tinha de responder alguma coisa.

– Meu irmão Robb está lutando no sul – ele disse –, mas pode proferir as palavras perante a mim, se quiser.

– A Winterfell juramos a fidelidade da Água Cinzenta – disseram os dois em uníssono. – Cedemos-lhe a lareira, o coração e a colheita, senhor. Nossas espadas, lanças e flechas estão às suas ordens. Conceda misericórdia aos nossos fracos, ajude nossos impotentes e faça justiça a todos, e nunca lhe faltaremos.

– Juro pela terra e pela água – disse o rapaz vestido de verde.

– Juro pelo bronze e pelo ferro – disse a irmã.

– Juramos pelo gelo e pelo fogo – os dois terminaram em conjunto.

Bran não soube o que dizer. Esperava-se que lhes respondesse jurando algo? Não lhe tinham ensinado a responder àqueles votos.

– Que seus invernos sejam curtos, e os verões, fartos – Bran finalmente assim se manifestou. Isso era geralmente uma coisa boa para se dizer. – Ergam-se. Sou Brandon Stark.

A moça, Meera, se levantou e ajudou o irmão a fazer o mesmo. O garoto não tirava os olhos de Bran.

– Trazemos-lhe peixe, rãs e aves de capoeira de presente.

– Agradeço – Bran se perguntou se teria de comer uma rã para ser delicado. – Ofereço-lhes a comida e a bebida de Winterfell – tentou recordar tudo o que lhe tinha sido ensinado a respeito dos cranogmanos, que viviam nos pântanos do Gargalo e raramente saíam das suas terras úmidas. Eram um povo pobre, pescadores e caçadores de rãs que viviam em casas de sapé e junco trançados, em ilhas flutuantes escondidas nas profundezas do pântano. Dizia-se que eram um povo covarde que lutava com armas envenenadas e preferia se esconder dos inimigos a enfrentá-los em batalha aberta. E, no entanto, Howland Reed havia sido um dos mais dedicados companheiros do pai durante a guerra pela coroa do rei Robert, antes de Bran nascer.

O rapaz, Jojen, passou com curiosidade os olhos pelo salão enquanto ocupava sua cadeira.

– Onde estão os lobos gigantes?

– No bosque sagrado – Rickon respondeu. – Felpudo comportou-se mal.

– Meu irmão gostaria de vê-los – disse a garota.

O Pequeno Walder interveio em voz alta:

– Ele que se assegure de que os lobos não o vejam, senão o mordem até arrancar um pedaço.

– Eles não mordem se eu estiver lá – Bran sentia-se satisfeito por os cranogmanos quererem ver os lobos. – Pelo menos o Verão não morde, e ele mantém o Cão Felpudo a distância.

Estava curioso com aqueles homens da lama. Não se lembrava de alguma vez ter visto um. O pai enviara cartas ao Senhor de Água

Cinzenta ao longo dos anos, mas nenhum dos cranogmanos chegara a visitar Winterfell. Teria gostado de falar mais com eles, mas o Grande Salão estava tão barulhento, que era difícil ouvir alguém que não estivesse bem ao lado. Sor Rodrik estava bem ao lado de Bran.

– Eles comem rãs mesmo? – perguntou ao velho cavaleiro.

– Sim – Sor Rodrik respondeu. – Rãs, peixe e lagartos-leões, e todo o tipo de aves.

Talvez não tenham gado, Bran pensou. Ordenou que os criados lhes servissem costelas de carneiro e um bife de auroque, e lhes enchesse os tabuleiros com guisado de carne de vaca e cevada. Pareceram gostar bastante daquilo. A garota o supreendeu quando a olhava, e sorriu. Bran corou e afastou os olhos.

Muito mais tarde, depois de todos os doces terem sido servidos e empurrados para baixo com galões de vinho de verão, a comida foi levada e as mesas encostadas às paredes para abrir espaço para a dança. A música tornou-se mais animada, os tambores juntaram-se a ela, e Hother Umber apresentou um enorme corno de guerra encurvado com faixas de prata. Quando o cantor chegou à parte de *A Noite que Terminou,* em que a Patrulha da Noite avançava ao encontro dos Outros na Batalha da Madrugada, deu um sopro tão forte que fez todos os cães latirem.

Dois dos homens dos Glover deram início a uma dança de roda com gaita de foles e harpa. Mors Umber foi o primeiro a se levantar. Agarrou pelo braço uma criada que passava, atirando ao chão o jarro de vinho que ela levava. Por entre as esteiras, ossos e pedaços de pão se espalhavam pelo chão, rodopiou com ela, girou-a e a atirou ao ar. A moça guinchou de rir e corou, enquanto suas saias rodavam e se levantavam.

Logo outros se juntaram à dança. Hodor começou a dançar sozinho, enquanto Lorde Wyman pediu à pequena Beth Cassel para ser seu par. Apesar de todo seu tamanho, movia-se com graça. Quando se cansou, Cley Cerwyn tomou seu lugar e dançou com a menina. Sor Rodrik abordou a Senhora Hornwood, que se desculpou e retirou-se. Bran ficou vendo durante tempo suficiente para ser educado e depois mandou chamar Hodor. Sentia-se quente e cansado, corado do vinho, e a dança o deixara triste. Era outra coisa que nunca poderia fazer.

– Quero ir embora.

– Hodor – o gigante gritou em resposta, ajoelhando-se. Meistre Luwin e Hayhead ergueram-no para o seu cesto. As pessoas de Winterfell tinham visto aquilo meia centena de vezes, mas não havia dúvida de que parecia estranho aos visitantes, alguns dos quais eram mais curiosos do que educados. Bran sentiu todos os olhares.

Em vez de atravessar o salão, saíram pelos fundos, com Bran abaixando a cabeça quando atravessaram a porta do senhor. Na

galeria pouco iluminada, fora do Grande Salão, encontraram Joseth, o mestre dos cavalos, entretido com outro tipo de montaria. Uma mulher qualquer que Bran não conhecia estava encostada na parede, com as saias em volta da cintura, aos risinhos. Até Hodor parar para ver. Então, Bran gritou:

– Deixe-os em paz, Hodor. Leve-me para o meu quarto.

Hodor o levou pela escada em caracol até a sua torre e ajoelhou-se ao lado de uma das barras de ferro que Mikken tinha prendido à parede. Bran usou as barras para se deslocar até a cama, e Hodor tirou suas botas e seus calções.

– Pode voltar para a festa, mas não vá incomodar Joseth e aquela mulher – Bran lhe recomendou.

– Hodor – ele respondeu, sacudindo a cabeça.

Quando Bran soprou a vela de cabeceira, as trevas o cobriram como uma manta suave e familiar. O tênue som de música penetrava pelas venezianas.

De repente, recordou-se de uma coisa que o pai lhe tinha dito um dia, quando ainda era pequeno. Perguntara a Lorde Eddard se os homens da Guarda Real eram realmente os melhores cavaleiros dos Sete Reinos.

– Não são mais – seu pai respondera. – Mas, antigamente, foram uma maravilha, uma brilhante lição para o mundo.

– Havia algum que fosse o melhor de todos?

– O melhor cavaleiro que já vi foi Sor Arthur Dayne, que lutava com uma lâmina chamada Alvorada, forjada do coração de uma estrela caída. Chamavam-no Espada da Manhã, e teria me matado se não fosse Howland Reed.

O pai então tinha ficado triste e não quis dizer mais nada. Bran gostaria de ter perguntado o que queria dizer aquilo.

Adormeceu com a cabeça cheia de cavaleiros em reluzentes armaduras, lutando com espadas que brilhavam como o fogo das estrelas, mas, quando o sonho chegou, estava de novo no bosque sagrado. Os cheiros da cozinha e do Grande Salão eram tão fortes, que era quase como se não tivesse saído do banquete. Caminhou sob as árvores, com o irmão logo atrás. Aquela noite estava muito viva, cheia com os uivos do grupo de homens que brincava. Os sons deixavam-no inquieto. Queria correr, caçar, queria…

O tinir do ferro fez com que seus ouvidos se aguçassem. O irmão também ouviu. Correram através dos arbustos na direção do som. Enquanto saltava sobre as águas paradas que havia na base da velha árvore branca, detectou o odor de um estranho, um cheiro de homem bem misturado com couro, terra e ferro.

Os intrusos tinham penetrado alguns metros no bosque quando caíram sobre eles; uma fêmea e um jovem macho, sem sinal de medo,

mesmo quando lhes mostrou o branco dos dentes. O irmão soltou um rosnado profundo, mas nem assim fugiram.

– Aí vêm eles – disse a fêmea. *Meera*, sussurrou alguma parte dele, algum resquício do garoto adormecido perdido no sonho de lobo. – Imaginava que fossem tão grandes?

– Ainda serão maiores quando forem adultos – disse o jovem macho, observando-os com olhos grandes, verdes e sem medo. – O negro está cheio de medo e raiva, mas o cinza é forte… Mais forte do que imagina… Consegue sentir, irmã?

– Não – ela respondeu, levando uma mão ao cabo da longa faca marrom que usava. – Vá com cuidado, Jojen.

– Ele não me fará mal. Não é hoje o dia da minha morte.

O macho caminhou até eles, sem medo, e estendeu a mão para o seu focinho, um toque tão suave como uma brisa de verão. Mas, ao roçar aqueles dedos, a mata dissolveu-se e o próprio chão se transformou em fumaça por baixo dos seus pés e rodopiou para longe, rindo. E, então, ele estava girando e caindo, caindo, *caindo*…

Catelyn

Enquanto dormia nas pradarias onduladas, Catelyn sonhou que Bran estava de novo inteiro, Arya e Sansa andavam de mãos dadas, e Rickon era ainda um bebê no seu peito. Robb, sem coroa, brincava com uma espada de madeira, e quando todos estavam dormindo, a salvo, encontrou Ned na sua cama, sorrindo.

Era doce, mas acabou cedo demais. A alvorada chegou cruel, um punhal de luz. Acordou com dores, só e cansada; cansada de montar a cavalo, cansada da dor, do dever. *Quero chorar*, pensou. *Quero ser confortada, estou tão cansada de ser forte. Quero ser tonta e assustada, por uma vez. Só um pouquinho, é tudo… um dia… uma hora…*

Fora da sua tenda, homens agitavam-se. Ouviu os relinchos de cavalos, Shadd queixando-se da rigidez nas suas costas, Sor Wendel pedindo o arco. Catelyn desejou que todos fossem embora. Eram bons homens, leais, mas estava cansada de todos eles. Era os filhos que desejava. Um dia, prometeu a si mesma enquanto estava deitada na cama, ia se permitir ser menos do que forte.

Mas hoje, não. Não podia ser hoje.

Os dedos pareciam mais desajeitados do que de costume enquanto lutava com a roupa. Achava que devia se sentir grata por ainda conseguir mexer as mãos. O punhal era feito de aço valiriano, que corta profunda e limpamente. Bastava olhar suas cicatrizes para se lembrar.

Lá fora, Shadd mexia aveia numa caldeira, enquanto Sor Wendel Manderly colocava a corda no seu arco.

– Senhora – ele disse quando Catelyn saiu da tenda. – Há aves neste mato. Deseja uma codorna assada para o desjejum hoje?

– Aveia e pão são suficientes… Para todos nós, penso eu. Temos ainda muitas léguas a percorrer, Sor Wendel.

– Como quiser, senhora – a cara de lua do cavaleiro pareceu abatida, as pontas do seu grande bigode de morsa torceram-se de desapontamento. – Aveia e pão, e o que poderia ser melhor? – era um dos homens mais gordos que Catelyn já tinha conhecido, mas, por mais que amasse comida, amava mais sua honra.

– Encontrei umas urtigas e fiz um chá – Shadd anunciou. – A senhora deseja uma xícara?

– Sim. Agradeço.

Aninhou o chá nas mãos cobertas de cicatrizes e soprou para esfriá-lo. Shadd era um dos homens de Winterfell. Robb mandara vinte dos seus melhores homens para levá-la em segurança até Renly. Mandara também cinco fidalgos, cujos nomes e elevado nascimento dariam peso e honra à sua missão. Enquanto abriam caminho para o

sul, permanecendo bem longe de vilas e castros, tinham visto, mais de uma vez, bandos de homens vestidos de cota de malha e vislumbraram fumaça no horizonte oriental, mas ninguém se atreveu a molestá-los. Eram fracos demais para constituir uma ameaça, e muitos para ser presa fácil. Depois de atravessarem o Água Negra, o pior tinha ficado para trás. Ao longo dos últimos quatro dias, não tinham visto sinais de guerra.

Catelyn nunca quisera aquilo. E tinha dito isso a Robb, em Correrrio.

– Da última vez que vi Renly, ele era um garoto da idade de Bran. Não o conheço. Envie outra pessoa. Meu lugar é aqui, com meu pai, pelo tempo que lhe restar.

O filho olhara-a pouco satisfeito.

– Não há mais ninguém. Não posso ir em pessoa. Seu pai está doente demais. Peixe Negro é os meus olhos e ouvidos, não me atrevo a perdê-lo. Preciso do seu irmão para defender Correrrio quando nos pusermos em marcha…

– Em marcha? – ninguém lhe tinha dito uma palavra a respeito de marchas.

– Não posso ficar em Correrrio à espera da paz. Faz parecer que tenho medo de voltar ao campo de batalha. Meu pai me disse que, quando não há batalhas para lutar, os homens começam a pensar nas lareiras e nas colheitas. Até meus homens do Norte começam a ficar desassossegados.

Meus homens do Norte, ela pensou. *Ele até começa a falar como um rei.*

– Nunca ninguém morreu de desassossego, mas a precipitação é diferente. Plantamos sementes, é preciso deixá-las crescer.

Robb sacudiu a cabeça com teimosia:

– Atiramos algumas sementes ao vento, é tudo. Se sua irmã Lysa viesse nos ajudar, já teríamos tido notícias. Quantas aves enviamos para o Ninho da Águia? Quatro? Eu também quero a paz, mas por que os Lannister me dariam *seja lá o que for* se tudo o que fizer for ficar aqui à espera, enquanto meu exército se derrete à minha volta tão depressa como a neve do verão?

– Então, em vez de parecer covarde, vai dançar ao som da flauta de Lorde Tywin? – ela atirou em resposta. – Ele *quer* que marche sobre Harrenhal. Pergunte ao seu tio Brynden se…

– Nada disse de Harrenhal – Robb respondeu. – Bem, vai falar por mim com Renly, ou terei de mandar Grande-Jon?

A recordação lhe trouxe um sorriso abatido ao rosto. Aquela havia sido uma manobra tão óbvia, porém hábil para um rapaz de quinze anos. Robb sabia como um homem como Grande-Jon Umber era pouco adequado para tratar com um homem como Renly

Baratheon, e sabia que ela também reconhecia isso. O que podia fazer a não ser concordar, rezando para que seu pai sobrevivesse até sua volta? Catelyn sabia que, se Lorde Hoster estivesse bem de saúde, teria ido ele próprio. Mas, mesmo assim, aquela partida foi dura, muito dura. Ele nem a reconheceu quando foi lhe dizer adeus.

– Minisa – ele a tinha chamado –, onde estão as crianças? Minha pequena Cat, minha querida Lysa…

Catelyn o beijou na testa e disse que seus bebês estavam bem.

– Espere por mim, senhor – ela dissera, enquanto os olhos dele se fechavam. – Esperei por você... Ah, tantas vezes.... Agora tem de esperar por mim.

O destino empurra-me para o sul, e mais para o sul, Catelyn pensou enquanto bebericava o chá adstringente. *Quando é para o norte que eu devia ir, para o norte, para casa*. Tinha escrito a Bran e Rickon na última noite que passara em Correrrio. *Não esqueço de vocês, meus queridos, têm de acreditar nisso. É só que seu irmão precisa mais de mim.*

– Devemos chegar hoje ao Vago superior, senhora – anunciou Sor Mandel quando Shadd servia o mingau. – Lorde Renly não estará longe, se o que dizem for verdade.

E o que lhe direi quando o encontrar? Que meu filho não o considera um verdadeiro rei? Não sentia prazer naquele encontro. Precisavam de amigos, não de mais inimigos, mas Robb nunca dobraria o joelho em homenagem a um homem que sentia não ter pretensão legítima ao trono.

Sua tigela estava vazia, embora quase não se lembrasse de saborear o mingau. Deixou-a de lado.

– É hora de seguirmos caminho.

Quanto mais depressa falasse com Renly, mais depressa poderia voltar para casa. Foi a primeira a montar, e determinou o ritmo da coluna. Hal Mollen cavalgava ao seu lado, transportando o estandarte da Casa Stark, o lobo gigante cinza num campo branco de gelo.

Estavam ainda a meio dia de viagem do acampamento de Renly, quando foram capturados.

Robin Flint tinha avançado para bater terreno, e regressou a galope com a notícia de um vigia que observava do telhado de um moinho de vento distante. Quando o grupo de Catelyn chegou ao moinho, o homem há muito tinha partido. Seguiram caminho, mas ainda não tinham percorrido uma milha quando os batedores de Renly caíram sobre eles, vinte homens a cavalo com cota de malha, liderados por um envelhecido cavaleiro de barba grisalha com gaios azuis na capa.

Quando o cavaleiro viu as bandeiras deles, trotou sozinho até junto de Catelyn.

– Senhora – ele se apresentou –, sou Sor Colen de Lagoas Verdes,

ao seu dispor. Estas terras que atravessa são perigosas.

– Nosso assunto é urgente – respondeu-lhe Catelyn. – Venho como enviada do meu filho, Robb Stark, Rei do Norte, para tratar com Renly Baratheon, o Rei do Sul.

– Rei Renly é o senhor coroado e ungido de *todos* os Sete Reinos, senhora – respondeu Sor Colen, embora com cortesia suficiente. – Sua Graça está acampada com a sua tropa perto de Ponteamarga, onde a estrada das rosas atravessa o Vago. Será uma grande honra escoltá-la até ele – o cavaleiro levantou uma mão coberta de cota de malha e seus homens formaram uma dupla coluna a flanquear Catelyn e sua guarda. *Escolta ou captor?*, ela se perguntou. Nada havia a fazer a não ser confiar na honra de Sor Colen e na de Lorde Renly.

Viram a fumaça das fogueiras do acampamento quando ainda estavam a uma hora do rio. Então, chegou-lhes o som, pairando sobre fazendas, campos e planície ondulada, indistinto como o murmúrio de um mar distante, mas aumentando à medida que se aproximavam. Quando viram as águas barrentas do Vago cintilando ao sol, já conseguiam distinguir as vozes dos homens, o tinir do aço, os relinchos de cavalos. Mas nem o som nem a fumaça os prepararam para a tropa propriamente dita.

Milhares de fogueiras enchiam o ar com uma neblina fumacenta. Só as linhas de cavalaria estendiam-se ao longo de léguas. Sem dúvida, uma floresta havia sido abatida para fazer os grandes mastros de onde voavam as bandeiras. Grandes máquinas de cerco delineavam a beira relvada da estrada das rosas, catapultas, trabuquetes e aríetes rolantes montados em rodas que eram mais altas do que um homem a cavalo. As pontas de aço dos piques incendiavam-se, vermelhas, com a luz do sol, como se já estivessem ensanguentadas, ao passo que os pavilhões dos cavaleiros e dos grandes senhores nasciam da grama como cogumelos de seda. Viu homens com lanças, outros com espadas, e outros, ainda, com capacetes de aço e camisas de cota de malha, seguidoras de acampamentos exibindo seus encantos, arqueiros colocando penas em flechas, condutores levando carroças, pastores de suínos guardando porcos, pajens entregando mensagens, escudeiros afiando espadas, cavaleiros montando palafréns, cavalariços conduzindo corcéis de mau temperamento.

– É uma quantidade assustadora de homens – observou Sor Wendel Manderly enquanto atravessavam a antiga ponte de pedra da qual Ponteamarga retirara o nome.

– É verdade – Catelyn concordou.

Ao que parecia, quase toda a cavalaria do sul tinha respondido ao chamado de Renly. A rosa dourada de Jardim de Cima era vista por toda parte, cosida do lado direito do peito de homens de armas e criados, batendo e esvoaçando dos estandartes de seda verde que

adornavam lanças e piques, pintada nos escudos pendurados à porta dos pavilhões dos filhos, irmãos, primos e tios da Casa Tyrell. Catelyn viu também a raposa e as flores da Casa Florent, as maçãs vermelha e verde dos Fossoway, o caçador andante de Lorde Tarly, folhas de carvalho dos Oakheart, os grous dos Crane, a nuvem de borboletas negras e laranjas dos Mullendore.

Na outra margem do Vago, os senhores da tempestade tinham erguido seus estandartes, os vassalos de Renly, juramentados à Casa Baratheon e a Ponta Tempestade. Catelyn reconheceu os rouxinóis de Bryce Caron, as penas dos Penrose e a tartaruga marinha de Lorde Estermont, verde em fundo verde. Mas, para cada escudo que reconhecia, havia uma dúzia que lhe eram estranhos, usados pelos pequenos senhores juramentados aos vassalos e por cavaleiros menores e outros livres que tinham se reunido aos montes para transformar Renly Baratheon num rei de fato, e não apenas de nome.

A bandeira do próprio Renly voava bem alto, acima de todas. Do topo da mais alta das suas torres de cerco, uma imensidão de carvalho com rodas cobertas de peles cruas esvoaçava o maior estandarte de guerra que Catelyn já tinha visto – um pano suficientemente grande para cobrir o chão de muitos salões, de um dourado reluzente, com o veado coroado dos Baratheon em negro, empinando-se, orgulhoso e alto.

– Senhora, ouve esse barulho? – perguntou Hallis Mollen, aproximando-se a trote. – O que é aquilo?

Catelyn pôs-se a escutar. Gritos, cavalos berrando, o tinir do aço e…

– Aplausos – ela disse. Tinham subido uma ladeira pouco inclinada na direção de uma fileira de pavilhões de cores brilhantes erguidos no cume. Enquanto passavam entre eles, a multidão tornou-se mais densa, e os sons, mais fortes. E então Catelyn viu.

Embaixo, à sombra das ameias de pedra e madeira de um pequeno castelo, desenrolava-se uma luta corpo a corpo.

Um campo havia sido limpo, e cercas, galerias e barreiras de torneio tinham sido construídas. Centenas de pessoas, talvez milhares, tinham se reunido para assistir. Pelo aspecto do terreno, rasgado, lamacento e semeado de partes de armadura e lanças quebradas, aquilo durava há um dia, ou mais, mas agora o fim se aproximava. Menos de vinte cavaleiros permaneciam montados, lançando-se uns sobre os outros, golpeando-se, enquanto espectadores e combatentes caídos os incentivavam. Viu dois corcéis de batalha com armadura completa colidir e cair num emaranhado de aço e carne de cavalo.

– Um torneio – Hal Mollen declarou. Tinha predileção por anunciar o óbvio em voz alta.

–Ah, magnífico – Sor Wendel Manderly exclamou, quando um

cavaleiro com um manto de riscas multicoloridas se virou para trás para golpear, com um machado de cabo longo estilhaçando o escudo do homem que o perseguia, deixando-o cambaleando nos estribos.

A multidão à frente do grupo tornava difícil avançar.

– Senhora Stark – Sor Colen pediu –, se seus homens tiverem a bondade de esperar aqui, vou apresentá-la ao rei.

– Como quiser.

Ela deu a ordem, embora tivesse sido obrigada a levantar a voz para ser ouvida por cima do burburinho do torneio. Sor Colen levou o cavalo lentamente pela mão através da multidão, com Catelyn montada logo atrás. Um rugido subiu da multidão quando um homem de barba vermelha, sem capacete e um grifo no escudo, caiu perante um grande cavaleiro revestido de armadura azul. O aço que usava era de um cobalto profundo, assim como a maça de guerra que manejava com efeitos mortíferos, e os arreios da montaria exibiam a heráldica esquartelada do sol e da lua da Casa Tarth.

– Malditos sejam os deuses, Ronnet Vermelho caiu – praguejou um homem.

– Loras vai tratar desse azul… – respondeu um companheiro, antes que um rugido abafasse o resto das suas palavras.

Outro homem estava no chão, preso por baixo do seu cavalo ferido, ambos gritando de dor. Escudeiros apressaram-se para ajudá-los.

Isto é uma loucura, Catelyn pensou. *Com inimigos verdadeiros por todos os lados e metade do reino em chamas, Renly fica aqui brincando de guerra, como um menino com a sua primeira espada de madeira.*

Os senhores e senhoras na galeria estavam tão absortos na luta como os homens no terreno. Catelyn observou-os bem. Seu pai tratara com frequência com os senhores do sul, e não tinham sido poucos os que visitaram Correrrio. Reconheceu Lorde Mathis Rowan, mais corpulento e florido que nunca, com a árvore dourada da sua Casa desenhada no gibão branco. Abaixo dele encontrava-se a Senhora Oakheart, minúscula e delicada, e à sua esquerda Lorde Randyll Tarly, de Monte Chifre, com a espada longa, Veneno do Coração, apoiada no encosto da cadeira. Outros ela conhecia apenas pelos símbolos, e alguns lhe eram quase estranhos.

No meio, observando e rindo com sua jovem rainha ao lado, estava um fantasma com uma coroa dourada.

Não é de admirar que os senhores se reúnam em volta dele com tanto fervor, pensou, *ele é Robert redivivo*. Renly era bonito como Robert havia sido; de membros longos e ombros largos, com o mesmo cabelo negro como carvão, fino e liso, os mesmos profundos olhos azuis e o mesmo sorriso fácil. O estreito aro que envolvia sua testa parecia lhe ficar bem. Era de ouro maciço, um anel de rosas magnificamente

trabalhadas; na parte da frente erguia-se uma cabeça de veado em jade verde-escuro, adornada com olhos e chifres dourados.

O veado coroado também decorava a túnica de veludo do rei, bordado em fios de ouro no peito; o símbolo Baratheon nas cores de Jardim de Cima. A moça que dividia o cadeirão com ele também era de Jardim de Cima, sua jovem rainha, Margaery, filha de Lorde Mace Tyrell. Catelyn sabia que aquele casamento era a argamassa que mantinha unida a grande aliança do sul. Renly tinha vinte e um anos, e a moça não era mais velha do que Robb, muito bonita, com suaves olhos de corça e uma crina de cabelo castanho encaracolado que caía sobre seus ombros em largos anéis. Seu sorriso era tímido e doce.

No campo, outro homem foi derrubado pelo cavaleiro do manto de arco-íris listrado, e o rei gritou de satisfação, como todos os outros. "*Loras!*", Catelyn o ouviu chamar. "*Loras! Jardim de Cima!*" A rainha bateu palmas de excitação.

Catelyn virou-se para ver o fim da luta. Só restavam agora quatro homens, e havia poucas dúvidas quanto a quem era o favorito do rei e dos plebeus. Não conhecera Sor Loras Tyrell, mas, mesmo no longínquo norte, ouviam-se histórias sobre a maestria do jovem Cavaleiro das Flores, que agora montava um garanhão branco e alto revestido de cota de malha prateada e lutava com um machado de cabo longo. Uma crista de rosas douradas corria pelo meio do seu elmo.

Dois dos outros sobreviventes tinham se alinhado. Esporearam as montarias na direção do cavaleiro da armadura de cobalto. Enquanto se aproximavam de ambos os lados, o cavaleiro azul puxou as rédeas com força, atingindo um homem em cheio no rosto com seu escudo rachado, enquanto seu cavalo negro de batalha escoiceava o outro com um casco calçado de aço. Num piscar de olhos, um combatente foi derrubado do cavalo e o outro ficou cambaleando no seu. O cavaleiro azul deixou seu escudo partido cair no chão para liberar o braço esquerdo, e, então, o Cavaleiro das Flores caiu sobre ele. O peso do aço que usava parecia quase não diminuir a graça e a rapidez com que Sor Loras se movia, com o manto de arco-íris rodopiando atrás de si.

Os cavalos branco e negro giraram como amantes numa dança das colheitas, com os cavaleiros atirando aço um ao outro em vez de beijos. O machado longo cintilou, e a maça de guerra rodopiou. Ambas as armas estavam embotadas, mas, mesmo assim, causavam um terrível estrondo. Sem escudo, o cavaleiro azul estava ficando com a pior parte. Sor Loras fazia chover golpes sobre sua cabeça e seus ombros, aos gritos de "*Jardim de Cima!*" vindos da multidão. O outro respondia com a maça, mas, onde quer que a bola chegasse, Sor Loras interpunha seu escudo verde entalhado, adornado com três rosas

douradas. Quando o machado atingiu a mão do cavaleiro azul na preparação de um golpe e arrancou dele a maça de armas, a multidão berrou como um animal no cio. O Cavaleiro das Flores ergueu o machado para o golpe final.

O cavaleiro azul lançou-se sobre ele. Os garanhões esbarraram um no outro, a cabeça embotada do machado esmagou-se contra a placa de peito azul arranhada… Mas, de algum modo, o cavaleiro azul conseguiu agarrar o cabo com dedos enluvados em aço. Arrancou-o das mãos de Sor Loras, e de repente os dois estavam lutando sem armas em cima das montarias e um instante depois caíam. Quando os cavalos se afastaram, estatelaram-se no chão com uma força de sacudir os ossos. Loras Tyrell, que ficou por baixo, sofreu com o maior peso do impacto. O cavaleiro azul desembainhou uma longa adaga e abriu o visor de Tyrell. O bramido da multidão era alto demais para Catelyn ouvir o que Sor Loras dissera, mas ela pôde ver a palavra nos seus lábios rachados e ensanguentados: *Rendo-me*.

O cavaleiro azul ficou em pé, meio cambaleante, e levantou a adaga na direção de Renly Baratheon, a saudação de um campeão ao seu rei. Escudeiros entraram como flechas no campo a fim de ajudar o cavaleiro vencido a erguer-se. Quando tiraram seu elmo, Catelyn ficou surpresa ao ver como ele era novo. Não podia ser dois anos mais velho do que Robb. O rapaz podia ser tão agradável à vista como a irmã, mas o lábio rachado, os olhos desfocados e o sangue pingando através do cabelo emaranhado dificultavam a certeza de tal conclusão.

– Aproxime-se – disse o Rei Renly ao campeão.

Este coxeou na direção da galeria. De perto, a brilhante armadura azul parecia bem menos magnífica; mostrava marcas por todo lado, os amassados de maças e martelos de guerra, as longas ranhuras deixadas por espadas, lascas no esmalte da placa de peito e do elmo. O manto se pendurava em farrapos. Julgando pela maneira como se movia, o homem lá dentro não estava menos desgastado. Algumas vozes saudavam-no com gritos de "*Tarth!*" e, estranhamente, "*Uma Beleza! Uma Beleza!*", mas a maior parte da assistência estava em silêncio. O cavaleiro azul ajoelhou perante o rei.

– Graça – disse, com a voz abafada pelo elmo amassado.

– És tudo o que o senhor seu pai afirmou que seria – a voz de Renly atravessava o campo. – Vi Sor Loras ser derrubado uma vez ou duas, mas nunca propriamente *dessa* forma.

– Aquilo não foi uma derrubada correta – queixou-se um arqueiro bêbado que estava por perto, com uma rosa Tyrell costurada no justilho. – Um truque vil, isso de puxar o homem para baixo.

A aglomeração começava a se tornar menos compacta.

– Sor Colen – disse Catelyn ao seu acompanhante –, quem é aquele homem e por que gostam tão pouco dele?

Sor Colen franziu a testa:

– Porque não é homem nenhum, senhora. Aquela é Brienne de Tarth, filha de Lorde Selwyn, a Estrela da Tarde.

– *Filha?* – Catelyn ficou horrorizada.

– Chamam-na Brienne, a Beleza… embora não na frente dela, com receio de serem chamados a defender essas palavras com os corpos.

Catelyn ouviu Rei Renly declarar a Senhora Brienne de Tarth a vencedora da grande luta em Ponteamarga, a última a permanecer montada entre cento e dezesseis cavaleiros.

– Como campeã, pode me pedir qualquer favor que desejar. Se estiver ao meu alcance concedê-lo, o farei certamente.

– Vossa Graça – Brienne respondeu –, peço a honra de um lugar na sua Guarda Arco-Íris. Desejo ser um dos seus sete, dedicar minha vida à sua, ir aonde for, cavalgar ao seu lado e mantê-lo a salvo de todo o mal.

– Concedido – o rei respondeu. – Erga-se e tire o elmo.

Ela fez o que lhe foi pedido. E quando o elmo foi erguido, Catelyn compreendeu as palavras de Sor Colen.

Chamavam-na de Beleza… mas caçoavam. O cabelo sob o visor era um ninho de esquilo de palha suja, e o rosto… os olhos de Brienne eram grandes e muito azuis, olhos de menininha, confiantes e sem malícia, mas o resto… seus traços eram brutos e grosseiros, os dentes, proeminentes e tortos, a boca grande demais, os lábios tão grossos que pareciam inchados. Um milhar de sardas salpicava suas bochechas e sua testa, e o nariz tinha sido quebrado mais do que uma vez. O coração de Catelyn encheu-se de piedade. *Existe na terra alguma criatura mais infeliz do que uma mulher feia?*

E, no entanto, quando Renly arrancou seu manto rasgado e prendeu um manto arco-íris no seu lugar, Brienne de Tarth não parecia infeliz. O sorriso iluminou seu rosto, e sua voz soou forte e orgulhosa:

– Minha vida pela sua, Vossa Graça. Deste dia em diante, sou o seu escudo, juro pelos velhos deuses e pelos novos.

Era doloroso ver a maneira como olhava o rei… como o olhava *para baixo*, pois era um bom palmo mais alta, embora Renly fosse quase tão alto como o irmão tinha sido.

– Vossa Graça! – Sor Colen de Lagoas Verdes saltou do cavalo para se dirigir à galeria. – Peço-lhe licença – ajoelhou-se. – Tenho a honra de lhe trazer a Senhora Catelyn Stark, viajando como enviada do seu filho Robb, Senhor de Winterfell.

– Senhor de Winterfell e Rei do Norte, sor – Catelyn o corrigiu. Desmontou e pôs-se ao seu lado.

Rei Renly pareceu surpreso.

– Senhora Catelyn? Estamos muito contentes – virou-se para sua

jovem rainha: – Margaery, minha querida, esta é a Senhora Catelyn Stark, de Winterfell.

– É muito bem-vinda aqui, Senhora Stark – disse a moça, toda ela suave cortesia. – Lamento a sua perda.

– É amável – Catelyn agradeceu.

– Senhora, juro-lhe, tratarei de que os Lannister respondam pelo assassinato do seu marido – o rei declarou. – Quando tomar Porto Real, mandarei à senhora a cabeça de Cersei.

E será que isso me trará Ned de volta?, Catelyn pensou.

– Será suficiente saber que a justiça foi feita, senhor.

– *Vossa Graça* – corrigiu Brienne, a Azul, num tom ríspido. – Devia se ajoelhar ao se dirigir ao rei – ela falou olhando para Catelyn.

– A distância entre um *senhor* e um *graça* é pequena, senhora – Catelyn respondeu. – Lorde Renly usa uma coroa, tal como meu filho. Se desejar, poderemos ficar aqui, na lama, debatendo que honrarias e títulos são por direito devidos a cada um, mas parece-me que temos assuntos mais prementes a discutir.

Alguns dos senhores de Renly irritaram-se com aquilo, mas o rei limitou-se a rir.

– Bem-dito, minha senhora. Haverá tempo suficiente para *graças* quando estas guerras chegarem ao fim. Diga-me, quando seu filho pretende marchar sobre Harrenhal?

Até saber se este rei era amigo ou inimigo, Catelyn não revelaria a menor parte das intenções de Robb.

– Não participo dos conselhos de guerra do meu filho, senhor.

– Desde que deixe alguns Lannister para mim, não me queixarei. O que ele fez ao Regicida?

– Jaime Lannister é mantido prisioneiro em Correrrio.

– Ainda vivo? – Lorde Mathis Rowan parecia consternado.

Assombrado, Renly disse:

– Ao que parece, o lobo gigante é mais brando do que o leão.

– Ser mais brando do que os Lannister – murmurou a Senhora Oakheart, com um sorriso amargo – é ser mais seco do que o mar.

– A mim, parece que é ser fraco – disse Lorde Randyll Tarly, que tinha uma barba curta, eriçada e cinzenta, e a reputação de não ter papas na língua. – Sem desrespeito para com a senhora, Senhora Stark, mas pareceria mais conveniente que Lorde Robb tivesse vindo em pessoa prestar homenagem ao rei, em vez de se esconder atrás das saias da mãe.

– O *Rei* Robb está fazendo a guerra, senhor – Catelyn respondeu com gélida cortesia –, não brincando em torneios.

Renly deu um sorriso.

– Vá devagar, Lorde Randyll, pois temo que será vencido – o rei chamou um intendente com a farda de Ponta Tempestade. – Encontre

lugar para os companheiros da senhora e assegure-se de que tenham todo o conforto. A Senhora Catelyn ficará com o meu próprio pavilhão. Não me faz falta, uma vez que Lorde Caswell teve a gentileza de me oferecer o seu castelo. Senhora, depois que estiver descansada, ficarei honrado se partilhar a nossa comida e bebida no banquete que Lorde Caswell vai nos dar hoje à noite. Um banquete de despedida. Temo que sua senhoria esteja ansiosa por ver minha faminta horda pelas costas.

– Não é verdade, Vossa Graça – protestou um homem novo e delgado, que devia ser Caswell. – O que é meu pertence ao senhor.

– Sempre que alguém disse isso ao meu irmão Robert, ele acreditou, palavra por palavra – o rei respondeu. – Tem filhas?

– Sim, Vossa Graça. Duas.

– Então, agradeça aos deuses por eu não ser Robert. Minha futura rainha é a única mulher que desejo – Renly estendeu a mão para ajudar Margaery a se levantar. – Voltaremos a falar depois de ter a possibilidade de se refrescar, Senhora Catelyn.

Renly levou a noiva de volta ao castelo, enquanto seu intendente conduzia Catelyn para o pavilhão de seda verde do rei.

– Se tiver necessidade de algo, só precisa pedir, senhora.

Catelyn quase não conseguia imaginar o que poderia necessitar que já não tivesse sido providenciado. O pavilhão era maior do que as salas comuns de muitas estalagens e estava provido de todos os confortos: um colchão de penas e peles para dormir, uma banheira de madeira e cobre com tamanho suficiente para duas pessoas, braseiros para manter afastado o frio da noite, cadeiras de acampamento em couro, uma mesa de escrever com penas e um frasco de tinta, tigelas de pêssegos, ameixas e peras, um jarro de vinho com um conjunto de taças de prata condizente, arcas de cedro cheias com a roupa de Renly, livros, mapas, tabuleiros de jogo, uma harpa, um grande arco e uma aljava de flechas, um par de falcões de caça de cauda vermelha, um verdadeiro depósito de armas de boa qualidade. *Este Renly não se põe limites*, ela pensou enquanto olhava em volta. *Não é à toa que sua tropa se desloque tão devagar*.

Ao lado da entrada, a armadura do rei mantinha-se de sentinela; uma armadura de aço verde-bandeira, as presilhas entalhadas em ouro, e o elmo coroado por uma grande armação dourada. O aço estava de tal modo polido, que podia ver seu reflexo na placa de peito, olhando-a como que do fundo de uma profunda lagoa verde. *O rosto de uma mulher afogada*, Catelyn pensou. *Podemos nos afogar em pesar?* Virou-se bruscamente, zangada com sua fragilidade. Não tinha tempo para o luxo da autopiedade. Tinha de lavar o cabelo da poeira e envergar um vestido mais adequado a um banquete real.

Sor Wendel Manderly, Lucas Blackwood, Sor Perwyn Frey e o

resto dos seus companheiros nobres acompanharam-na ao castelo. O grande salão da fortaleza de Lorde Caswell era grande apenas por cortesia, mas encontrou-se espaço nos bancos apinhados para os homens de Catelyn, entre os cavaleiros de Renly. A Catelyn foi atribuído um lugar no estrado entre a cara vermelha de Lorde Mathis Rowan e a simpatia de Sor Jon Fossoway, dos Fossoway da maçã verde. Sor Jon fez gracinhas, enquanto Lorde Mathis inquiriu delicadamente a respeito da saúde do seu pai, irmão e filhos.

Brienne de Tarth tinha sido colocada na ponta mais distante da mesa principal. Não se vestia como uma senhora; em vez disso, escolhera os adornos de um cavaleiro, um gibão de veludo esquartelado de rosa e azul, calções e botas e um cinto de espada bem trabalhado, com seu novo manto arco-íris fluindo pelas costas. Mas nenhum traje podia disfarçar sua falta de atrativos; as enormes mãos sardentas, o rosto largo e achatado, a saliência dos seus dentes. Sem armadura, seu corpo parecia desajeitado, com quadris largos e membros grossos, ombros curvados e musculosos, mas sem seios que valessem a pena mencionar. E era claro por tudo o que fazia que Brienne sabia e sofria com isso. Falava apenas em resposta a alguém e raramente levantava os olhos da comida.

Comida havia, sim, com fartura. A guerra não tocara a fabulosa fartura de Jardim de Cima. Enquanto cantores cantavam e acrobatas faziam acrobacias, começaram por pêssegos embebidos em vinho e passaram a minúsculos e saborosos peixes passados no sal e assados até ficarem crocantes e capões recheados com cebolas e cogumelos. Havia grandes pães marrons, montes de nabos, milho doce e ervilhas, imensos presuntos, gansos assados e tabuleiros abarrotados de veado guisado com cerveja e cevada. Para a sobremesa, os criados de Lorde Caswell trouxeram bandejas de doces das cozinhas do seu castelo, cisnes de creme e unicórnios de algodão doce, bolos de limão em forma de rosas, biscoitos de mel com especiarias, tortas de amoras silvestres e de maçã e queijos amanteigados.

A comida rica deixou Catelyn enjoada, mas não seria bom mostrar fragilidade quando tantas coisas dependiam da sua força. Comeu frugalmente, enquanto observava aquele homem que queria ser rei. Renly tinha a jovem noiva sentada à sua esquerda e o irmão dela à direita. Fora a atadura de linho branco que usava em volta da cabeça, Sor Loras não parecia ter sofrido nada com as desventuras do dia. Era de fato tão bonito como Catelyn suspeitara que poderia ser. Quando não estavam vidrados, seus olhos eram vivos e inteligentes, e o cabelo, um despretensioso emaranhado de caracóis castanhos que muitas donzelas teriam invejado. Tinha trocado o esfarrapado manto do torneio por um novo; a mesma seda brilhantemente listrada da Guarda Arco-Íris de Renly, presa com a rosa dourada de Jardim de Cima.

De tempos em tempos, Rei Renly dava de comer a Margaery algum pedaço especial, com a ponta da adaga, ou se inclinava para colocar o mais leve dos beijos no seu rosto, mas era com Sor Loras que dividia a maior parte dos gracejos e confidências. O rei apreciava sua comida e bebida, era evidente, mas não parecia glutão nem bêbado. Ria com frequência e bastante e falava amigavelmente, quer aos senhores nobres, quer às humildes moças de servir.

Alguns dos seus convidados eram menos moderados. Bebiam demais e gabavam-se alto demais para o gosto de Catelyn. Os filhos de Lorde Willum, Josua e Elyas, discutiram calorosamente quem seria o primeiro a ultrapassar as muralhas de Porto Real. Lorde Varner embalou uma criada nos joelhos, enterrando o nariz no seu pescoço enquanto uma mão exploratória invadia o interior do seu corpete. Guyard, o Verde, que se achava cantor, dedilhou uma harpa e mostrou-lhes uns versos acerca de dar nós em caudas de leões, alguns dos quais até rimavam. Sor Mark Mullendore havia trazido um macaco preto e branco e o alimentava com pedaços do seu próprio prato, enquanto Sor Tanton, dos Fossoway da maçã vermelha, saltou para cima da mesa e jurou matar Sandor Clegane em combate singular. O voto poderia ter sido recebido com mais solenidade se Sor Tanton não tivesse enfiado um pé numa molheira enquanto o proferia.

O ápice da tolice foi atingido quando um bobo rechonchudo chegou às cambalhotas, revestido de lata pintada de dourado com uma cabeça de leão de pano, e perseguiu um anão ao redor das mesas, batendo na sua cabeça com uma bexiga. Por fim, Rei Renly quis saber por que ele estava batendo no irmão.

– Ora, Vossa Graça, sou o Fratricida – o bobo respondeu.

– É *Regi*cida, bobo pateta – Renly o corrigiu, e o salão ressoou com gargalhadas.

Lorde Rowan, ao lado de Catelyn, não se juntou à folia:

– São todos tão novos – ele disse.

Era verdade. O Cavaleiro das Flores não devia ter chegado ao segundo dia do seu nome quando Robert matara o Príncipe Rhaegar no Tridente. Poucos dos outros eram muito mais velhos. Eram bebês durante o Saque de Porto Real e não passavam de garotos quando Balon Greyjoy tinha levantado a rebelião nas Ilhas de Ferro. *Ainda não derramaram sangue*, Catelyn refletiu, enquanto observava Lorde Bryce, que incitava Sor Robar a fazer malabarismo com um par de adagas. *Para eles isso ainda é um jogo, um torneio com um grande cenário, e tudo o que veem é uma possibilidade de glória, honra e despojos. São rapazes bêbados de canções e histórias e, como todos os rapazes, julgam-se imortais.*

– A guerra vai torná-los velhos – Catelyn respondeu. – Como nos tornou – ela era uma garota quando Robert, Ned e Jon Arryn

ergueram os estandartes contra Aerys Targaryen e uma mulher quando a luta terminou. – Sinto pena deles.

– Por quê? – perguntou-lhe Lorde Rowan. – Olhe para eles. São jovens e fortes, cheios de vida e de risos. E de luxúria, sim, tanta, que não sabem o que fazer dela. Muitos bastardos serão gerados hoje, garanto. Pena por quê?

– Porque não durará – Catelyn disse com tristeza. – Porque eles são os cavaleiros do verão, e o inverno está chegando.

– Senhora Catelyn, está enganada – Brienne olhava-a com uns olhos tão azuis como sua armadura. – O inverno nunca chegará para gente como nós. Se morrermos em batalha, certamente cantarão sobre nós, e nas canções é sempre verão. Nas canções, todos os cavaleiros são galantes, todas as donzelas são belas, e o sol sempre brilha.

O inverno chega para todos nós, Catelyn ponderou. *Para mim, chegou quando Ned morreu. Chegará para você também, filha, e mais cedo do que gostaria*. Mas não teve coragem de verbalizar seu pensamento.

O rei a salvou.

– Senhora Catelyn – Renly chamou. – Sinto que preciso tomar um pouco de ar. Vem comigo?

Catelyn ficou imediatamente em pé.

– Ficarei honrada.

Brienne também se levantou.

– Vossa Graça, dê-me apenas um momento para vestir a cota de malha. Não deve andar sem proteção.

Rei Renly sorriu.

– Se não estiver a salvo no coração do castelo de Lorde Caswell, com minha tropa ao meu redor, uma espada não fará diferença… Nem mesmo a *sua* espada, Brienne. Sente-se e coma. Se tiver necessidade, mandarei chamá-la.

As palavras dele pareceram atingir a moça com mais força do que qualquer golpe que tivesse recebido naquela tarde.

– Às suas ordens, Vossa Graça – Brienne sentou-se, com os olhos baixos.

Renly tomou o braço de Catelyn e saiu do salão, passando por um guarda desleixado que se endireitou tão apressadamente que quase deixou cair a lança. Renly deu uma palmada no ombro do homem e fez um gracejo com a situação.

– Por aqui, senhora – ele a levou por uma porta baixa em direção a uma escada da torre. Ao começarem a subir, disse: – Por acaso Sor Barristan Selmy está com seu filho em Correrrio?

– Não – ela respondeu, confusa. – Ele não está mais com Joffrey? Era o Senhor Comandante da Guarda Real.

Renly sacudiu a cabeça:

– Os Lannister disseram-lhe que era velho demais e deram seu

manto ao Cão de Caça. Disseram-me que abandonou Porto Real, jurando entrar para o serviço do verdadeiro rei. Aquele manto que Brienne reclamou hoje era o que eu estava guardando para Selmy, na esperança de que ele me oferecesse sua espada. Quando não apareceu em Jardim de Cima, pensei que talvez tivesse ido para Correrrio.

– Nós não o vimos.

– Ele era velho, é certo, mas ainda um bom homem. Espero que não lhe tenha acontecido nenhum mal. Os Lannister são grandes idiotas – subiram mais alguns degraus. – Na noite da morte de Robert, ofereci ao seu esposo cem espadas e incentivei-o a colocar Joffrey em seu poder. Se tivesse escutado, seria hoje regente, e eu não teria tido necessidade de reclamar o trono.

– Ned recusou – Catelyn não precisava que aquilo lhe fosse dito.

– Tinha jurado proteger os filhos de Robert – Renly continuou. – Faltava-me força para agir sozinho e por isso, quando Lorde Eddard me repeliu, não tive escolha e fugi. Se tivesse ficado, sabia que a rainha trataria de que não vivesse muito tempo mais do que meu irmão.

Se tivesse ficado e dado seu apoio a Ned, ele podia ainda estar vivo, Catelyn pensou amargamente.

– Gostava bastante do seu esposo, senhora. Era um amigo leal de Robert, eu sei… Mas não quis me escutar, nem se dobrar. Venha, quero lhe mostrar algo.

Tinham atingido o topo da escadaria. Renly abriu uma porta de madeira e saíram para o telhado. A fortaleza de Lorde Caswell quase não era suficientemente alta para ser chamada de torre, mas a região era baixa e plana, e Catelyn podia ver ao longo de léguas em todas as direções. Para onde quer que olhasse, via fogueiras. Cobriam a terra como estrelas caídas e, como as estrelas, não tinham fim.

– Conte-as se quiser, senhora – disse Renly em voz baixa. – Ainda estará contando quando a alvorada surgir a leste. Quantas fogueiras ardem esta noite em volta de Correrrio, eu pergunto?

Catelyn ouvia tenuemente a música que saía do Grande Salão, infiltrando-se na noite. Não se atreveu a contar as estrelas.

– Disseram-me que seu filho atravessou o Gargalo à frente de vinte mil espadas – prosseguiu Renly. – Agora que os senhores do Tridente estão com ele, talvez comande quarenta mil.

Não, ela pensou, *nem perto disso, perdemos homens em batalha e outros para as colheitas.*

– Eu tenho aqui o dobro desse número – Renly continuou. – E isso é apenas parte das minhas forças. Mace Tyrell permanece em Jardim de Cima com mais dez mil homens, tenho uma forte guarnição protegendo Ponta Tempestade, e em breve os homens de Dorne vão se juntar a mim com todo seu poder. E não se esqueça do meu irmão

Stannis, que defende Pedra do Dragão e comanda os senhores do mar estreito.

– Parece-me que é o senhor quem esqueceu Stannis – Catelyn retrucou, num tom mais duro do que pretendera.

– Refere-se à sua pretensão? – Renly soltou uma gargalhada. – Sejamos sinceros, senhora. Stannis daria um rei terrível. E não é provável que chegue a tal. Os homens respeitam Stannis, até o temem, mas os que chegaram a gostar dele eram poucos, e por isso, preciosos.

– É ainda assim seu irmão mais velho. Se se pode dizer que algum de vocês tem direito ao Trono de Ferro, tem de ser Lorde Stannis.

Renly encolheu os ombros.

– Diga-me, que direito teve alguma vez meu irmão Robert ao Trono de Ferro? – ele não esperou resposta. – Ah, falou-se em laços de sangue entre os Baratheon e os Targaryen, de casamentos de cem anos atrás, de segundos filhos e filhas mais velhos. Ninguém se interessa por nada disso, a não ser os meistres. Robert conquistou o trono com seu martelo de guerra – indicou com uma mão as fogueiras que ardiam de horizonte a horizonte. – Pois bem, eis a minha pretensão, tão boa como a de Robert sempre foi. Se seu filho me apoiar como o pai dele apoiou Robert, não me achará desprovido de generosidade. Vou confirmá-lo de bom grado em todas as suas terras, títulos e honrarias. Pode governar em Winterfell como bem entender. Até pode continuar a se chamar de Rei do Norte se quiser, desde que dobre o joelho e me preste homenagem como seu suserano. *Rei* é apenas uma palavra, mas fidelidade, lealdade, serviço… essas coisas tenho de ter.

– E se não as der, senhor?

– Pretendo ser rei, senhora, e não de um reino amputado. Não posso dizê-lo mais claramente do que isso. Há trezentos anos, um rei Stark ajoelhou-se perante Aegon, o Dragão, quando viu que não tinha esperança de vencer. Foi sensato. Seu filho deve ser sensato também. Uma vez que se juntar a mim, esta guerra estará praticamente acabada. Nós… – Renly calou-se de súbito, distraído. – Que está acontecendo agora?

O retinir de correntes anunciava o içar da porta levadiça. Lá embaixo, no pátio, um cavaleiro com um elmo alado esporeou o cavalo coberto de espuma para passar por baixo dos espigões.

– Chamem o rei! – gritou.

Renly saltou para cima de uma seteira.

– Estou aqui, sor.

– Vossa Graça – o cavaleiro esporeou mais a montaria para que se aproximasse. – Vim tão depressa como pude. De Ponta Tempestade. Estamos cercados, Vossa Graça. Sor Cortnay enfrenta-os, mas…

– Mas… Isso não é possível. Eu teria sido informado se Lorde Tywin tivesse deixado Harrenhal.

– Estes não são Lannister, meu suserano. É Lorde Stannis quem está nos seus portões. O *Rei* Stannis, como chama agora a si mesmo.

Jon

Um sopro de chuva chicoteou o rosto de Jon quando esporeou o cavalo para atravessar o córrego em cheia. Ao seu lado, o Senhor Comandante Mormont deu um puxão no capuz do seu manto, resmungando pragas contra o tempo. Seu corvo empoleirava-se no seu ombro, com as penas eriçadas, tão empapado e rabugento como o próprio Velho Urso. Uma rajada de vento fez folhas molhadas voarem em volta deles como um bando de aves mortas. *A floresta assombrada*, Jon refletiu lugubremente. *A floresta afogada seria um nome mais apropriado*.

Esperava que Sam estivesse aguentando lá no fim da coluna. Não era um bom cavaleiro mesmo com tempo firme, e seis dias de chuva tinham tornado o terreno traiçoeiro, todo transformado em lama mole e pedras escondidas. Quando o vento soprava, arremessava água diretamente nos olhos. A Muralha devia estar escorrendo para o sul, com o gelo que derretia misturado com a chuva morna, fluindo em rios e riachos. Pyp e Sapo estariam sentados junto ao fogo na sala comum, bebendo taças de vinho condimentado antes do jantar. Jon invejava-os. A lã molhada aderia à sua pele ensopada, provocando-lhe coceira, o pescoço e ombros doíam fortemente devido ao peso da cota de malha e da espada, e estava farto de bacalhau salgado, carne salgada e queijo duro.

Adiante, um berrante soltou uma nota trêmula, meio afogada pelo bater constante da chuva.

– O berrante de Buckwell – anunciou o Velho Urso. – Os deuses são bons; Craster ainda está ali – o corvo bateu as asas uma vez, crocitou "*Milho*" e voltou a eriçar as penas.

Jon ouvira frequentemente os irmãos negros contarem histórias sobre Craster e sua fortaleza. Agora, iria vê-la com seus próprios olhos. Depois de sete aldeias vazias, tinham todos começado a temer encontrar a de Craster tão morta e desolada como as outras, mas parecia que seriam poupados disso. *O Velho Urso, enfim, talvez consiga algumas respostas*, ele pensou. *Seja como for, estaremos abrigados da chuva*.

Thoren Smallwood jurava que Craster era amigo da Patrulha, apesar da sua reputação indecente.

– O homem é meio louco, não nego – tinha dito ao Velho Urso –, mas o senhor também seria se passasse a vida nesta floresta amaldiçoada. Seja como for, nunca afastou um patrulheiro da sua fogueira e não tem amizade por Mance Rayder. Ele vai nos dar bons conselhos.

Desde que nos dê uma refeição quente e uma oportunidade de secar a

roupa, ficarei feliz. Dywen dizia que Craster era um fratricida, mentiroso, estuprador e covarde, e sugeria que traficava com comerciantes de escravos e com demônios.

– E, pior – acrescentava o velho guarda da floresta, batendo os seus dentes de madeira –, aquele homem tem um cheiro *frio*, ah, se tem.

– Jon – ordenou Lorde Mormont –, percorra a coluna e espalhe a notícia. E lembre aos oficiais que não quero caso com as mulheres de Craster. Os homens deverão ter tento nas mãos e falar o mínimo possível com aquelas mulheres.

– Sim, senhor – Jon virou o cavalo e seguiu por onde tinha vindo. Era agradável deixar de ter a chuva na cara, mesmo que por pouco tempo. Todos aqueles por que passava pareciam estar chorando. A fila estendia-se ao longo de meia milha de floresta.

No meio da caravana com a bagagem, Jon passou por Samwell Tarly, afundado na sela sob um grande chapéu mole. Montava um cavalo de carga e levava os outros pelas correias. O tamborilar da chuva nas coberturas das gaiolas fazia os corvos crocitarem e baterem as asas.

– Pôs uma raposa lá dentro com eles?

Escorreu água da aba do chapéu de Sam quando ele ergueu a cabeça.

– Ah, olá, Jon. Não, eles só detestam a chuva, assim como nós.

– Como é que você está, Sam?

– Molhado – o rapaz gordo conseguiu dar um sorriso. – Mas nada me matou ainda.

– Ótimo. A Fortaleza de Craster fica logo ali na frente. Se os deuses forem bons, ele vai nos deixar dormir junto à sua lareira.

Sam fez uma expressão de dúvida.

– Edd Doloroso diz que Craster é um terrível selvagem. Casa com as filhas e não obedece a lei nenhuma além das suas. E Dywen disse a Grenn que ele tinha sangue negro nas veias. A mãe dele era uma selvagem que dormiu com um patrulheiro, e, portanto, ele é um bas… – de repente, o rapaz percebeu o que estava prestes a dizer.

– Um bastardo – Jon completou, com uma gargalhada. – Pode falar, Sam. Já tinha ouvido a palavra – esporeou seu pequeno garrano de patas seguras. – Tenho de ir atrás de Sor Ottyn. Tenha cuidado perto das mulheres de Craster – como se Samwell Tarly precisasse ser avisado disso. – Conversamos mais tarde, depois de termos montado o acampamento.

Jon levou a notícia a Sor Ottyn Wythers, que avançava penosamente com a retaguarda. Homem pequeno, com cara de ameixa seca e a mesma idade de Mormont, Sor Ottyn parecia sempre cansado, mesmo em Castelo Negro, e a chuva o derrubara sem misericórdia.

– Notícias bem-vindas – o velho disse. – Esta umidade empapou meus ossos e até minhas dores de sela queixam-se de dores de sela.

No caminho de volta, Jon afastou-se da linha de marcha da coluna e seguiu por um caminho mais curto através da floresta densa. Os sons de homens e cavalos diminuíram, engolidos pela úmida natureza verde, e em pouco tempo tudo o que ouvia era o contínuo bater da chuva contra folhas, madeira e rochas. Era o meio da tarde, mas a floresta parecia tão escura como se fosse o anoitecer. Jon abriu caminho por entre rochedos e poças d'água, passando por grandes carvalhos, árvores-sentinela cinza-esverdeadas e árvores de pau-ferro de casca negra. Em certos lugares, os ramos teciam uma abóbada por cima dele e era-lhe dado um momento de alívio do tamborilar da chuva na sua cabeça. Ao passar por um castanheiro abatido por um relâmpago e coberto de rosas selvagens brancas, ouviu qualquer coisa restolhando na vegetação rasteira.

– *Fantasma* – chamou. – Fantasma, vem.

Mas foi Dywen quem emergiu do verde, trazendo pela trela um garrano cinza felpudo, com Grenn montado a seu lado. O Velho Urso dispusera batedores de ambos os lados da coluna principal, a fim de ocultar sua marcha e preveni-los da aproximação de algum inimigo, e mesmo nisso não correra riscos, enviando os homens aos pares.

– Ah, é você, Lorde Snow – Dywen sorriu um sorriso de carvalho; seus dentes tinham sido esculpidos em madeira e estavam mal assentados na sua boca. – Pensei que eu e o rapaz teríamos que lidar com um daqueles Outros. Perdeu o lobo?

– Saiu para caçar – Fantasma não gostava de viajar com a coluna, mas não devia estar longe. Quando montassem o acampamento para a noite, encontraria o caminho de volta para junto de Jon na tenda do Senhor Comandante.

– Nesta umidade, eu chamo isso de pescar – Dywen respondeu.

– Minha mãe sempre disse que a chuva era boa para fazer crescer a safra – interveio Grenn com otimismo.

– Sim, uma boa safra de bolor – Dywen rebateu. – A melhor coisa de uma chuva como essa é que livra um homem de tomar banho – completou, e fez um estalido com seus dentes de madeira.

– Buckwell encontrou Craster – Jon lhes disse.

– Tinha-o perdido? – Dywen soltou um risinho. – Vocês, seus cabras novos, vejam se não vão farejar em volta das mulheres de Craster, estão ouvindo?

Jon sorriu.

– Quer ficar com todas para si, Dywen?

Dywen fez mais estalidos com os dentes.

– Talvez queira. Craster tem dez dedos e um pau, portanto não sabe contar até mais do que onze. Nunca dará falta de um par delas.

– Quantas mulheres ele tem realmente? – Grenn quis saber.

– Mais do que você jamais terá, irmão. Bem, não é assim tão difícil quando se faz criação delas. Ali está o seu bicho, Snow.

Fantasma trotava ao lado do cavalo de Jon, com a cauda bem erguida e o pelo branco levantado em tufos espessos contra a chuva. Deslocava-se tão silenciosamente que Jon não saberia dizer quando tinha surgido. A montaria de Grenn recuou ao sentir seu cheiro; mesmo agora, após mais de um ano, os cavalos sentiam-se desconfortáveis na presença do lobo gigante.

– Vem comigo, Fantasma – Jon esporeou o cavalo e dirigiu-se à Fortaleza de Craster.

Nunca pensara encontrar um castelo de pedra do outro lado da Muralha, mas tinha imaginado *algum* tipo de fosso com uma paliçada de troncos e uma torre fortificada de madeira. Em vez disso, o que encontraram foi uma pilha de estrume, uma pocilga, um curral de ovelhas vazio e um edifício de pau a pique, sem janelas, que quase não merecia aquele nome. Era longo e baixo, com uma estrutura de troncos de árvores e teto de colmo. O complexo erguia-se no topo de uma elevação modesta demais para receber o nome de colina, rodeada por um dique de terra. Riachos marrons corriam pela vertente nos lugares onde a chuva tinha aberto buracos escancarados nas defesas e iam se juntar a um arroio rápido que se curvava para o norte, com as grossas águas transformadas pela chuva numa torrente lamacenta.

A sudoeste, encontrou um portão aberto flanqueado por um par de crânios de animais enfiados na ponta de grandes mastros: um urso de um lado e um carneiro do outro. Jon notou que pedaços de carne ainda se prendiam ao crânio de urso quando se juntou à fileira de cavaleiros que passava por ele. Lá dentro, os batedores de Jarmen Buckwell e homens da vanguarda de Thoren Smallwood estavam instalando amarradouros para cavalos e lutando para erguer tendas. Um grande grupo de leitões fuçava em volta de três enormes porcas no chiqueiro. Ali perto, uma menina pequena arrancava cenouras de um jardim, nua sob a chuva, enquanto duas mulheres amarravam um porco para a matança. Os guinchos do animal eram agudos e horríveis, quase humanos na sua aflição. Os cães de Chett desataram a latir desenfreadamente em resposta, rosnando e dando mordidas, apesar das pragas do rapaz, com um par de cães de Craster respondendo aos latidos com mais latidos. Quando viram Fantasma, alguns dos cães calaram-se e fugiram, enquanto outros começaram a ladrar-lhe e a rosnar. O lobo gigante ignorou-os, assim como Jon.

Bem, trinta de nós ficarão quentes e secos, pensou Jon depois de dar uma boa olhada no edifício. *Talvez cinquenta*. O lugar era pequeno demais para abrigar duzentos homens durante a noite, e a maioria teria de permanecer ali fora. Mas onde colocá-los? A chuva havia

transformado metade do pátio do complexo em poças onde a água chegava aos tornozelos, e o resto, em lama movediça. Antevia-se outra noite triste.

O Senhor Comandante confiou a montaria a Edd Doloroso, que limpava lama dos cascos do cavalo quando Jon desmontou.

– Lorde Mormont está no edifício – Edd anunciou. – Disse para você se juntar a ele. É melhor deixar o lobo aqui fora, ele parece suficientemente faminto para comer um dos filhos de Craster. Bem, para falar a verdade, *eu* estou suficientemente faminto para comer um dos filhos de Craster, desde que o sirvam quente. Vá lá, eu trato do seu cavalo. Se lá dentro estiver quente e seco, não me diga, não fui convidado a entrar – ele arrancou uma bola de lama úmida de uma ferradura. – Esta lama não parece merda? Será que toda esta colina é feita da merda de Craster?

Jon sorriu.

– Bem, ouvi dizer que ele está aqui há muito tempo.

– Não me anima. Vai lá encontrar o Velho Urso.

– Fantasma, fica – Jon ordenou. A porta da Fortaleza de Craster era feita de duas abas de pele de veado. Jon enfiou-se entre elas, abaixando-se para passar sob o batente baixo. Duas dúzias dos principais patrulheiros tinham-no precedido e estavam em pé, em volta da fogueira no centro do chão de terra, enquanto poças cresciam em volta das suas botas. O salão fedia a fuligem, esterco e cães molhados. O ar estava pesado de fumaça, mas de algum modo mantinha-se úmido. Entrava chuva pelo buraco para a saída da fumaça que havia no telhado. Era uma sala única, com um sótão para dormir em cima, ao qual se chegava por um par de escadas lascadas.

Jon recordou como se sentira no dia em que tinham partido da Muralha, nervoso como uma donzela, mas ansioso por ver os mistérios e maravilhas que se escondiam para lá de cada novo horizonte. *Bem, eis uma das maravilhas*, disse a si mesmo, olhando em volta do salão esquálido e malcheiroso. A fumaça acre estava fazendo-o lacrimejar. *É uma pena que Pyp e Sapo não possam ver tudo o que estão perdendo*.

Craster estava sentado na frente da fogueira, o único homem a desfrutar de uma cadeira individual. Até o Senhor Comandante Mormont tinha de se sentar no banco comum, com o corvo resmungando sobre seu ombro. Jarman Buckwell estava em pé, atrás dele, com a cota de malha remendada pingando e o couro molhado e brilhante, ao lado de Thoren Smallwood, que usava a placa de peito e o manto debruado de zibelina do falecido Sor Jaremy.

O justilho de pele de ovelha e o manto de peles cosidas de Craster contrastavam pobremente, mas em torno de um dos seus grossos pulsos havia uma pulseira pesada que tinha o brilho do ouro. Aparentava ser um homem poderoso, embora já bem avançado no

inverno dos seus dias, com a cabeleira cinza tornando-se branca. Um nariz achatado e uma boca descaída davam-lhe um aspecto cruel, e tinha uma orelha a menos. *Então isto é um selvagem*. Jon lembrou-se das histórias da Velha Ama sobre o povo selvagem que bebia sangue de crânios humanos. Craster parecia estar bebendo uma cerveja diluída e amarela de uma taça de pedra lascada. Talvez não tivesse ouvido as histórias.

– Há três anos que não vejo Benjen Stark – estava dizendo a Mormont. – E para falar a verdade, nunca senti falta dele – meia dúzia de cachorros filhotes pretos e um ou dois porcos ocultavam-se por entre os bancos, enquanto mulheres vestidas com esfarrapadas peles de veado distribuíam cornos de cerveja, avivavam o fogo e cortavam cenouras e cebolas para dentro de uma caldeira.

– Devia ter passado por aqui no ano passado – disse Thoren Smallwood. Um cão veio farejar sua perna, e ele lhe deu um chute e o botou em fuga, ganindo.

Lorde Mormont disse:

– Ben andava à procura de Sor Waymar Royce, que tinha desaparecido com Gared e o jovem Will.

– Sim, desses três me lembro. O fidalgo não era mais velho do que um destes cachorros. Orgulhoso demais para dormir debaixo do meu teto, aquele, com seu manto de zibelina e aço negro. Ainda assim, minhas mulheres ficaram de olho grande – olhou de soslaio a mais próxima das mulheres. – Gared disse que iam caçar salteadores. Eu lhe disse que com um comandante assim tão verde era melhor que não os pegassem. Gared não era mau para um corvo. Tinha menos orelhas do que eu. O frio as levou, como à minha – Craster soltou uma gargalhada. – Agora dizem que também não tem cabeça. Foi também o frio que fez isso?

Jon recordou um esguicho de sangue vermelho na neve branca e o modo como Theon Greyjoy chutara a cabeça do morto. *O homem era um desertor*. No caminho de volta a Winterfell, Jon e Robb tinham apostado uma corrida e encontraram seis filhotes de lobo gigante na neve. Parecia ter sido há mil anos.

– Quando Sor Waymar partiu, para onde se dirigiu?

Craster encolheu os ombros:

– Acontece que tenho mais que fazer do que tratar das idas e vindas dos corvos – bebeu um trago de cerveja e pôs a taça de lado. – Há uma noite de urso que não tenho aqui bom vinho do sul. Faria bom uso de algum vinho e de um machado novo. O meu perdeu o gume, e assim não pode ser, tenho mulheres para proteger – passou os olhos pelas esposas que corriam por todo o lado.

– São poucos aqui, e isolados – disse Mormont. – Se desejar, destacarei alguns homens para os escoltarem para sul até a Muralha.

O corvo pareceu gostar da ideia. "*Muralha*", gritou, abrindo as asas negras como se fossem um colarinho elevado atrás da cabeça de Mormont.

O anfitrião deu um sorriso desagradável, mostrando uma boca cheia de dentes quebrados e escuros.

– E o que é que nós faríamos lá? Serviríamos o seu jantar? Aqui somos gente livre. Craster não serve a ninguém.

– Estes tempos são ruins para viver sozinho em zonas selvagens. Os ventos frios se levantam.

– Que se levantem. Minhas raízes são bem fundas – Craster agarrou uma mulher que passava pelo pulso. – Conte-lhe, mulher. Conte ao Lorde Corvo como estamos satisfeitos.

A mulher passou a língua por lábios finos.

– Este é o nosso lugar. Craster nos mantém a salvo. É melhor morrer livre do que viver como um escravo.

"*Escravo*", o corvo resmungou.

Mormont inclinou-se para a frente.

– Todas as aldeias por que passamos estão abandonadas. São as primeiras almas vivas que vimos desde que deixamos a Muralha. As pessoas desapareceram… Se estão mortas, fugiram ou foram capturadas, não sei dizer. Os animais também. Não sobrou nada. E, antes de partirmos, encontramos os corpos de dois dos patrulheiros de Ben Stark a apenas algumas léguas da Muralha. Estavam brancos e frios, com mãos e pés pretos, e ferimentos que não sangravam. Mas, quando os levamos para o Castelo Negro, ergueram-se na noite e mataram. Um matou Sor Jaremy Rykker, e o outro me atacou, o que me diz que se lembravam de parte do que sabiam em vida, mas não restava neles nenhuma piedade humana.

A boca da mulher escancarou-se, uma gruta úmida e cor-de-rosa, mas Craster limitou-se a bufar.

– Aqui não tivemos problemas desses… E agradeceria se não contassem histórias malignas como essa debaixo do meu teto. Sou um homem temente aos deuses, e os deuses me mantêm a salvo. Se mortos-vivos vierem até mim, saberei como mandá-los de volta para suas sepulturas. Se bem que não me importaria de ter um machado novo e afiado – ele pôs a mulher para correr com uma palmada na perna e um grito: – Mais cerveja, e rápido.

– Não houve problemas com os mortos – disse Jarmen Buckwell –, mas e os vivos, senhor? E o seu rei?

"*Rei!*", gritou o corvo de Mormont. "*Rei, rei, rei.*"

– Aquele Mance Rayder? – Craster escarrou na fogueira. – Rei-para-lá-da-Muralha. O que os homens livres querem ter a ver com reis? – virou os olhos para Mormont. – Havia muita coisa que podia lhe dizer sobre Rayder e o que ele anda fazendo, se estivesse disposto.

Isso das aldeias vazias é trabalho dele. Teria também encontrado este edifício abandonado, se eu fosse homem de fazer reverências a gente assim. Ele mandou um homem a cavalo, disse-me que tinha de largar minha fortaleza para ir rastejando aos pés dele. Mandei o homem embora, mas fiquei com a sua língua. Está ali, pregada na parede – ele apontou. – Pode ser que pudesse lhe dizer onde procurar Mance Rayder. Se estivesse disposto – de novo o sorriso escuro. – Mas teremos tempo suficiente para isso. Talvez queiram dormir debaixo do meu teto e comer meus porcos todos.

– Um teto será muito bem-vindo, senhor – disse Mormont. – A viagem foi dura, e úmida demais.

– Então serão hóspedes aqui por uma noite. Mais não, que não sou assim tão amigo de corvos. O sótão é para mim e para os meus, mas podem ficar com todo o chão que quiserem. Tenho carne e cerveja para vinte, não mais que isso. O resto de vocês, seus corvos negros, pode bicar seu próprio milho.

– Trouxemos nossos abastecimentos, senhor – disse o Velho Urso. – Ficaríamos felizes por partilhar nossa comida e vinho.

Craster limpou sua boca caída com as costas de uma mão peluda.

– Eu provo do seu vinho, Lorde Corvo, isso faço. Mais uma coisa. Qualquer homem que puser uma mão nas minhas mulheres fica sem ela.

– O teto é seu, a lei é sua – disse Thoren Smallwood, e Lorde Mormont anuiu rigidamente, embora não parecesse lá muito contente.

– Então está acertado – Cruster concedeu-lhes um grunhido. – Tem algum homem que saiba desenhar um mapa?

– Sam Tarly sabe – Jon avançou. – Ele adora mapas.

Mormont mandou Jon se aproximar.

– Mande-o aqui depois de comer. Diga-lhe para trazer penas e pergaminho. E procure também Tollett. Diga-lhe para trazer meu machado. Um presente de hóspede para nosso anfitrião.

– Quem é este aí? – Craster perguntou, antes que Jon pudesse se afastar. – Tem o ar dos Stark.

– É o meu intendente e escudeiro, Jon Snow.

– Quer dizer então que é um bastardo? – Craster olhou Jon de cima a baixo. – Se um homem quer se deitar com uma mulher, parece que a devia tomar como esposa. É o que eu faço – enxotou Jon com um gesto. – Bom, corre a cuidar do seu serviço, bastardo, e vê se esse machado está bom e afiado, que não tenho serventia para aço cego.

Jon Snow fez uma reverência rígida e se retirou. Sor Ottyn Wythers vinha entrando quando ele ia saindo, e quase se chocaram na porta de pele de veado. Lá fora, a chuva parecia ter abrandado. Tinham surgido tendas por todo o complexo. Jon conseguia ver a parte de cima de mais tendas debaixo das árvores.

Edd Doloroso estava alimentando os cavalos:

– Dar ao selvagem um machado, e por que não? – indicou com um dedo a arma de Mormont, um machado de batalha de cabo curto com arabescos de ouro incrustados na lâmina de aço negro. – Ele vai devolvê-lo, garanto. Provavelmente enfiado no crânio do Velho Urso. Por que não dar *todos* os nossos machados e as espadas também? Não gosto do modo como matraqueiam e retinem quando cavalgamos. Viajaríamos mais depressa sem eles, direto para a porta do inferno. Pergunto-me se chove no inferno. Talvez Craster queira um bom chapéu em vez do machado.

Jon sorriu.

– Ele quer um machado. E vinho também.

– Vê? O Velho Urso é esperto. Se deixarmos o selvagem bem bêbado, talvez só corte uma orelha quando tentar nos matar com aquele machado. Tenho duas orelhas, mas só uma cabeça.

– Smallwood diz que Craster é amigo da Patrulha.

– Sabe qual é a diferença entre um selvagem que é amigo da patrulha e um que não é? – perguntou o severo escudeiro. – Nossos inimigos abandonam nossos corpos aos corvos e aos lobos. Nossos amigos nos enterram em sepulturas secretas. Eu me pergunto há quanto tempo aquele urso está pregado naquele portão, e o que Craster tinha ali antes de virmos dizer olá – Edd olhou com uma expressão de dúvida para o machado, com a chuva correndo pela sua longa cara. – Está seco lá dentro?

– Mais seco do que aqui fora.

– Se me esgueirar por lá depois, sem chegar muito perto do fogo, talvez não prestem atenção em mim até de manhã. Aqueles que ficarem sob o seu teto serão os primeiros que ele matará, mas pelo menos morreremos secos.

Jon teve de rir.

– Craster é um homem só. Nós somos duzentos. Duvido que ele assassine alguém.

– Alegra-me – Edd disse, com um ar completamente taciturno. – E, além disso, há muito a dizer em favor de um bom machado afiado. Detestaria ser assassinado com uma marreta. Vi uma vez um homem atingido na testa por uma. Quase não arranhou a pele, mas a cabeça dele se tornou mole e inchou até ficar do tamanho de uma abóbora, só que com uma cor vermelho-arroxeada. Um homem bem-apessoado, mas morreu feio. Que bom que não estamos lhe dando marretas – Edd afastou-se balançando a cabeça, com o manto negro encharcado jorrando chuva atrás de si.

Jon alimentou os cavalos antes de parar para pensar no seu jantar. Estava se perguntando onde poderia encontrar Sam, quando ouviu um grito de medo.

– *Lobo!* – Jon correu na direção do grito, dando a volta no edifício, com a terra prendendo suas botas. Uma das mulheres de Craster estava encostada na parede salpicada de lama da fortaleza. – Fica aí – estava gritando para Fantasma. – Fica aí! – o lobo gigante tinha um coelho na boca e outro morto e ensanguentado no chão à sua frente. – Leve-o para longe, senhor – suplicou a mulher quando viu Jon.

– Ele não lhe fará mal – percebeu imediatamente o que tinha acontecido; uma coelheira de madeira, com as ripas despedaçadas, estava a lado de Fantasma na grama molhada. – Deve ter tido fome. Não encontramos muita caça – Jon assobiou. O lobo gigante devorou o coelho, esmagando os pequenos ossos entre os dentes, e caminhou para junto dele.

A mulher os mirou com olhos nervosos. Era mais nova do que Jon pensara a princípio. Uma garota de quinze ou dezesseis anos, parecia, com cabelo escuro que a chuva colava a um rosto magro e pés descalços enlameados até os tornozelos. O corpo sob as peles costuradas mostrava os primeiros sinais da gravidez.

– É uma das filhas de Craster? – ele perguntou.

Ela pôs a mão na barriga.

– Agora sou mulher dele – afastando-se com cuidado do lobo, ajoelhou-se com um ar desolado junto à coelheira quebrada. – Ia criar esses coelhos. Já não há ovelhas.

– A Patrulha vai pagá-los – Jon não tinha dinheiro seu, mas, se tivesse, teria lhe dado, embora não soubesse bem de que lhe serviriam alguns cobres, ou até uma peça de prata, para lá da Muralha. – Falarei com Lorde Mormont amanhã.

Ela limpou as mãos na saia:

– Senhor…

– Eu não sou senhor nenhum.

Mas outros tinham se juntado ao redor, atraídos pelo grito da mulher e pelo esmagamento da coelheira.

– Não acredite nele, moça – gritou Lark, o homem das Irmãs, um patrulheiro maldoso como um cão. – Este é Lorde Snow em pessoa.

– Bastardo de Winterfell e irmão de reis – zombou Chett, que tinha deixado seus cães para ver o que se passava.

– Esse lobo está olhando para você com cara de fome, moça – Lark voltou a falar. – Pode ser que lhe apeteça o pedacinho tenro que tem na barriga.

Jon não estava achando graça.

– Estão assustando-a.

– Acho que estamos mais é lhe avisando – o sorriso de Chett era tão feio como os furúnculos que cobriam a maior parte do seu rosto.

– Não devemos falar com vocês – lembrou-se a moça de repente.

– Espere – Jon pediu, tarde demais. Ela já tinha se soltado e fugiu.

Lark tentou agarrar o segundo coelho, mas Fantasma foi mais rápido. Quando mostrou os dentes, o homem das Irmãs deslizou na lama e caiu sobre o ossudo traseiro. Os outros gargalharam. O lobo gigante abocanhou o coelho e o levou para Jon.

– Não havia necessidade de assustar a moça – ele disse aos outros.

– Não ouviremos sermões de você, bastardo – Chett culpava Jon pela perda da sua posição confortável com Meistre Aemon, e não sem justiça. Se não tivesse ido falar com Aemon sobre Sam Tarly, Chett ainda estaria cuidando de um velho cego, em vez de uma matilha de cães de caça de mau temperamento. – Pode ser o animal de estimação do Senhor Comandante, mas não é o Senhor Comandante… e não falaria com todo esse maldito descaramento, se não andasse sempre com esse seu monstro por perto.

– Não vou lutar com um irmão enquanto estivermos além da Muralha – Jon respondeu, mantendo mais calma na voz do que sentia.

Lark ajoelhou-se.

– Ele tem medo de você, Chett. Nas Irmãs, temos um nome para gente assim.

– Conheço todos os nomes. Poupe seu fôlego.

Jon se afastou com Fantasma a seu lado. A chuva tinha se transformado numa garoinha fina quando ele chegou ao portão. O ocaso chegaria em breve, seguido por outra noite úmida, escura e triste. As nuvens esconderiam a lua, as estrelas e o Archote de Mormont, tornando a floresta negra como breu. Qualquer mijadinha seria uma aventura, ainda que não propriamente do tipo que Jon imaginava antigamente.

Sob as árvores, alguns patrulheiros tinham encontrado húmus e galhos secos suficientes para fazer uma fogueira por baixo de uma saliência de ardósia. Outros tinham erguido tendas ou feito abrigos rudimentares, estendendo os mantos sobre ramos baixos. O Gigante tinha se enfiado num buraco de um carvalho morto.

– O que acha do meu castelo, Lorde Snow?

– Parece aconchegante. Sabe onde está Sam?

– Continue em frente. Se chegar ao pavilhão de Sor Ottyn, já andou demais – o Gigante sorriu. – A não ser que Sam também tenha arranjado uma árvore. E que árvore *essa* seria.

Acabou sendo Fantasma quem encontrou Sam. O lobo gigante saira disparado como um projétil de uma besta. Sob uma saliência de rocha que providenciava algum abrigo da chuva, Sam alimentava os corvos. As botas faziam ruídos úmidos quando se movia.

– Meus pés estão completamente ensopados – ele admitiu em tom infeliz. – Quando desmontei, caí num buraco que chegava aos meus joelhos.

– Tire as botas e seque as meias. Eu vou à procura de um pouco de madeira seca. Se o chão não estiver molhado por baixo da rocha, talvez sejamos capazes de fazer uma fogueira arder – Jon mostrou a Sam o coelho. – E vamos nos banquetear.

– Não vai servir Lorde Mormont no edifício?

– Não, mas você, sim. O Velho Urso quer que faça um mapa para ele. Craster diz que encontra Mance Rayder para nós.

– Ah... – Sam não parecia ansioso por conhecer Craster, nem mesmo se isso significasse uma lareira quente.

– Mas ele disse para comer primeiro. Seque os pés.

Jon foi apanhar combustível, esgravatando por baixo de troncos caídos em busca de madeira mais seca e removendo camadas de agulhas de pinheiro encharcadas até encontrar alguma razoável. Mesmo assim, até que uma faísca pegasse pareceu demorar uma eternidade. Pendurou o manto na rocha a fim de manter a chuva afastada da sua pequena fogueira fumacenta, criando assim para os dois um pequeno recanto confortável.

Enquanto se ajoelhava para esfolar o coelho, Sam tirou as botas.

– Acho que tem musgo crescendo entre os meus dedos – o jovem gordo declarou em tom fúnebre, mexendo os dedos. – O coelho vai ficar bom. Nem me importo com o sangue e tudo o mais – ele afastou os olhos. – Bem, só um pouquinho…

Jon enfiou o coelho num espeto, limitou a fogueira com um par de pedras e equilibrou a refeição em cima delas. O coelho era uma tanto descarnado, mas enquanto assava cheirava como um banquete de rei. Outros patrulheiros deram-lhes olhares invejosos. Até Fantasma levantava a cabeça com ar faminto, com as chamas brilhando nos seus olhos vermelhos enquanto farejava.

– Já comeu o seu – Jon lembrou-lhe.

– Craster é tão selvagem como os patrulheiros dizem? – Sam quis saber. O coelho estava um pouco malpassado, mas tinha um gosto maravilhoso. – Como é o castelo dele?

– Um monte de estrume com um telhado e um buraco para a fumaça sair – Jon contou a Sam o que tinha visto e ouvido na Fortaleza de Craster.

Quando terminou a história, lá fora estava escuro e Sam lambia os dedos.

– Isso estava gostoso, mas agora tenho vontade de uma perna de carneiro. Uma perna inteira, só para mim, com molho de menta, mel e cravo. Viu carneiros?

– Havia um curral, mas sem ovelhas.

– Como é que ele alimenta todos os seus homens?

– Não vi homem nenhum. Só Craster, suas mulheres e algumas meninas pequenas. Espanta-me que ele seja capaz de manter o lugar.

As defesas não são nada que valha a pena mencionar, só um dique lamacento. É melhor que vá até a casa e desenhe o mapa. Consegue encontrar o caminho?

– Se não cair na lama...

Sam voltou a calçar as botas com dificuldade e, munido de pena e pergaminho, penetrou na noite, com a chuva tamborilando no seu manto e no chapéu mole.

Fantasma apoiou a cabeça nas patas e adormeceu junto à fogueira. Jon estendeu-se a seu lado, grato pelo calor. Sentia-se frio e molhado, mas não tão frio nem tão molhado como se sentira pouco tempo antes. *Talvez esta noite o Velho Urso fique sabendo de alguma coisa que nos leve ao Tio Benjen*.

A primeira coisa que viu quando acordou foi sua respiração formando névoa no ar frio da manhã. Quando se moveu, seus ossos doeram. Fantasma tinha desaparecido e a fogueira apagara-se. Jon estendeu o braço para afastar o manto que tinha pendurado no rochedo, e o sentiu rígido e congelado. Rastejou por baixo dele e ficou em pé numa floresta transformada em cristal.

A pálida luz rosada da alvorada cintilava em galhos, folhas e pedras. Cada folha de mato estava esculpida em esmeralda, cada gota d'água tinha se transformado em diamante. Tanto as flores como os cogumelos usavam casacos de vidro. Mesmo as poças de lama tinham um brilhante reflexo marrom. Por entre o verde cintilante, as tendas negras dos seus irmãos estavam revestidas por um fino esmalte de gelo.

No fim das contas, há magia para lá da Muralha. Deu por si pensando nas irmãs, talvez porque tivesse sonhado com elas na noite anterior. Sansa chamaria aquilo de um encantamento, e lágrimas encheriam seus olhos perante aquela maravilha, mas Arya correria aos risos e aos gritos, querendo tocar em tudo.

– Lorde Snow? – Jon ouviu uma voz chamar, suave e submissa, e se virou.

A guardadora de coelhos estava acocorada no topo do rochedo que o abrigara durante a noite, enrolada num manto negro tão grande que a submergia. *O manto de Sam*, Jon percebeu de imediato. *Por que ela o está usando?*

– O gordo disse-me que o encontraria aqui, senhor.

– Comemos o coelho, se é isso que veio procurar – admitir aquilo fez Jon sentir-se absurdamente culpado.

– O velho Lorde Corvo, aquele que tem o pássaro falante, deu a Craster uma besta que vale cem coelhos – os braços da menina se cruzaram sobre a barriga inchada. – É verdade, senhor? É irmão de um rei?

– Meio-irmão – Jon admitiu. – Sou bastardo de Ned Stark. Meu

irmão Robb é Rei do Norte. Por que está aqui?

– O gordo, o tal do Sam, disse para vir falar com o senhor. Deu-me este manto, para que ninguém dissesse que não pertenço a este lugar.

– Craster não vai ficar zangado com você?

– Meu pai bebeu demais do vinho do Lorde Corvo na noite passada. Vai passar a maior parte do dia dormindo – a respiração dela congelava no ar em pequenas nuvens nervosas. – Dizem que o rei faz justiça e protege os fracos – ela começou a descer o rochedo, desajeitadamente, mas o gelo tornara-o escorregadio e seu pé deslizou. Jon apanhou-a antes que caísse e a ajudou a descer o resto em segurança. A mulher ajoelhou no chão gelado. – Senhor, suplico-lhe…

– Não me suplique nada. Volte para sua casa, não devia estar aqui. Foi-nos ordenado que não falássemos com as mulheres de Craster.

– Não tem de falar comigo, senhor. Só me leve com você quando partir, é tudo o que peço.

Tudo o que ela pede, Jon pensou. *Como se não fosse nada*.

– Eu… eu serei sua mulher, se quiser. Meu pai agora tem dezenove, uma a menos não lhe fará falta.

– Os irmãos negros juram nunca tomar esposas, não sabia? E, além disso, somos hóspedes na casa do seu pai.

– *O senhor* não – ela disse. – Eu vi. Não comeu à mesa dele nem dormiu junto à sua fogueira. Ele nunca lhe ofereceu direito de hóspede, por isso não tem obrigações perante ele. É pelo bebê que tenho de partir.

– Nem sequer sei o seu nome.

– Ele chamou-me de Goiva. Vem da flor de goivo.

– É bonito – Jon se lembrou de Sansa, quando lhe disse, um dia, que devia dizer aquilo sempre que uma senhora revelasse seu nome. Não podia ajudar a moça, mas talvez a cortesia lhe agradasse. – É Craster quem a assusta, Goiva?

– É pelo bebê, não por mim. Se for uma menina não é muito ruim, crescerá durante alguns anos e depois ele casa com ela. Mas Nella diz que vai ser um menino, e ela teve seis, e sabe dessas coisas. Ele dá os garotos aos deuses. Quando chega o frio branco, faz isso, e nos últimos tempos tem chegado mais vezes. Foi por isso que começou a dar-lhes ovelhas, apesar de gostar de carne de carneiro. Só que agora já não há ovelhas. A seguir vão ser os cães, até… – abaixou os olhos e afagou a barriga.

– Que deuses? – Jon estava se lembrando que não tinham visto meninos na Fortaleza de Craster e também nenhum homem além do próprio Craster.

– Os deuses frios – ela respondeu. – Os da noite. As sombras

brancas.

De repente, Jon imaginou-se de volta à Torre do Senhor Comandante. Uma mão cortada subia pela barriga da sua perna e, quando a afastou com a ponta da espada, ela ficou se contorcendo, com os dedos abrindo e fechando. O homem morto levantou-se, com os olhos azuis brilhando naquela cara talhada e inchada. Cordões de carne rasgada pendiam do grande ferimento que tinha na barriga, mas não havia sangue.

– De que cor são os seus olhos? – Jon perguntou à menina.

– Azuis. Brilhantes como estrelas azuis, e tão frios como elas.

Ela os viu, pensou. *Craster mentiu.*

– Vai me levar? Só até a Muralha…

– Não nos dirigimos para a Muralha. Vamos para o norte, atrás de Mance Rayder e desses Outros, dessas sombras brancas e das suas criaturas. Nós os estamos *procurando*, Goiva. Seu bebê não estaria a salvo conosco.

O medo dela era claro em seu rosto.

– Mas voltará. Quando a luta terminar, voltará a passar por aqui.

– Talvez – *se algum de nós sobreviver*. – Isso cabe ao Velho Urso decidir, aquele a quem chama de Lorde Corvo. Sou só seu escudeiro. Não escolho o caminho a seguir.

– Não – Jon conseguia ouvir a derrota na voz dela. – Desculpe por tê-lo incomodado, senhor. Eu só… dizem que o rei mantém as pessoas a salvo, e pensei… – desesperada, fugiu, com o manto de Sam pairando atrás dela como grandes asas negras.

Jon ficou vendo a menina partir, desaparecida sua alegria com a beleza quebradiça da manhã. *Maldita seja*, pensou, ressentido, *e duplamente maldito seja Sam por mandá-la falar comigo. O que será que pensou que eu poderia fazer por ela? Estamos aqui para lutar contra selvagens, não para salvá-los.*

Outros homens engatinhavam para fora dos seus abrigos, bocejando e espreguiçando-se. A magia já tinha se desvanecido, com o brilho do gelo transformado em orvalho comum à luz do sol nascente. Alguém tinha acendido uma fogueira; conseguia sentir o cheiro de fumaça que pairava entre as árvores e o odor defumado de toucinho. Jon desprendeu o manto e bateu com ele na rocha, despedaçando a fina crosta de gelo que se formara durante a noite. Depois, pegou Garralonga e enfiou um braço em uma correia de ombro. A alguns metros dali, urinou contra um arbusto gelado, com a urina fumegando no ar frio e derretendo o gelo onde caía. Depois, amarrou os calções de lã negra e seguiu os cheiros.

Grenn e Dywen encontravam-se entre os irmãos que tinham se reunido em volta da fogueira. Hake entregou a Jon uma fatia de pão cheia de toucinho queimado e pedaços de peixe salgado aquecido na

gordura do toucinho. Devorou-a enquanto ouvia Dywen gabar-se de ter tido três das mulheres de Craster durante a noite.

– Não teve nada – Grenn quis desmenti-lo, fechando o cenho. – Se tivesse, eu teria visto.

Dywen deu uma pancada na sua orelha com as costas da mão.

– Você? Teria visto? Você é tão cego quanto Meistre Aemon. Nem sequer viu aquele urso.

– Que urso? Teve um urso?

– Sempre tem um urso – Edd Doloroso declarou, no seu tom habitual de melancólica resignação. – Um matou meu irmão quando eu era novo. Depois, usei os dentes dele em volta do pescoço numa tira de couro. E eram bons dentes, melhores do que os meus. Só tive problemas com meus dentes.

– Sam dormiu no salão na noite passada? – Jon lhe perguntou.

– Não chamaria de dormir. O chão era duro, as esteiras cheiravam mal e meus irmãos ressonavam assustadoramente. Fale de ursos o que quiserem, o certo é que nenhum rosnou de forma tão feroz como Bernarr Castanho. Mas estava quente. Uns cães subiram em cima de mim durante a noite. Meu manto estava quase seco quando um deles mijou em cima. Ou talvez tenha sido Bernarr Castanho. Reparou que a chuva parou no instante em que eu tive um teto por cima da cabeça? Vai recomeçar, agora que estou de novo aqui fora. Tanto os cães como os deuses adoram mijar em cima de mim.

– É melhor que eu vá encontrar Lorde Mormont – Jon disse.

A chuva podia ter parado, mas o complexo ainda era um atoleiro de lagos rasos e lama escorregadia. Irmãos negros dobravam as tendas, alimentavam os cavalos e mastigavam pedaços de carne salgada. Os batedores de Jarman Buckwell apertavam as correias das selas, preparando-se para partir.

– Jon – Buckwell o saudou, já montado. – Mantenha um bom fio nessa sua espada bastarda. Vamos precisar dela em breve.

O salão de Craster parecia sombrio depois da luz do dia. Lá dentro, as tochas da noite tinham ardido quase por completo e era difícil saber que o sol já tinha nascido. O corvo de Lorde Mormont foi o primeiro a vê-lo entrar. Três batidas preguiçosas das suas grandes asas negras, e empoleirou-se no topo do punho de Garralonga. *"Milho?"* Deu uma bicada numa madeixa de cabelo de Jon.

– Ignore esse desgraçado desse pássaro mendigo, Jon, ele acabou de comer metade do meu toucinho – o Velho Urso estava sentado à mesa de Craster, quebrando o jejum na companhia dos outros oficiais, com pão frito, toucinho e salsichas de carneiro. O novo machado de Craster estava sobre a mesa, com os relevos de ouro brilhando levemente à luz das tochas. Seu dono estava estendido, inconsciente, no sótão para dormir, mas as mulheres estavam todas de pé, movendo-

se em volta e servindo. – Como está nosso dia?

– Frio, mas a chuva parou.

– Muito bem. Certifique-se de que meu cavalo esteja selado e pronto. Pretendo partir dentro de uma hora. Já comeu? Craster serve comida simples, mas que enche.

Não comerei da comida de Craster, Jon decidiu de pronto.

– Comi com os homens, senhor – ele enxotou o corvo de Garralonga. A ave saltou de volta para o ombro de Mormont, onde prontamente defecou.

– Podia ter feito isso no Snow em vez de guardar para mim – resmungou o Velho Urso. O corvo soltou um *cuorc*.

Foi encontrar Sam atrás do salão, em pé, junto a Goiva e à coelheira quebrada. Ela o estava ajudando a vestir o manto de novo, mas, quando viu Jon, esgueirou-se para longe. Sam deu-lhe um olhar de censura ferida.

– Pensei que quisesse ajudá-la.

– E como é que eu poderia fazer isso? – Jon perguntou num tom ríspido. – Levá-la conosco, embrulhada no seu manto? Foi-nos ordenado que não…

– Eu sei – Sam respondeu com uma expressão culpada –, mas ela tem medo. Eu sei o que é ter medo. Disse a ela... – engoliu em seco.

– *O quê*? Que a levaríamos conosco?

A cara gorda de Sam corou, com um tom profundo de vermelho.

– No caminho de volta – não era capaz de olhar Jon nos olhos. – Ela vai ter um bebê.

– Sam, perdeu todo o bom-senso? Podemos nem sequer voltar por aqui. E se voltarmos, acha que o Velho Urso vai deixá-lo levar embora uma das mulheres de Craster?

– Eu pensei que… talvez, até lá eu pudesse pensar numa maneira…

– Não tenho tempo para isso, há cavalos para tratar e selar – Jon se afastou, tão confuso quanto zangado. O coração de Sam era tão grande como o resto, mas, apesar de todas as suas leituras, às vezes conseguia ser tão obtuso como Grenn. Era impossível, e, além disso, desonroso. *Então, por que me sinto tão envergonhado?*

Jon tomou sua posição de costume ao lado de Mormont quando a Patrulha da Noite passou pelos crânios no portão de Craster. Avançaram para norte e oeste ao longo de uma trilha torta de caça. O gelo, derretendo-se, pingava por todo lado, um tipo mais lento de chuva com sua própria música suave. A norte do complexo, o córrego estava em plena cheia, afogado de folhas e pedaços de madeira, mas os batedores tinham encontrado o lugar do vau e a coluna conseguiu chapinhar até o outro lado. A água corria tão alta que tocava a barriga dos cavalos. Fantasma nadou, emergindo na margem com seu pelo

branco pingando uma água amarronzada. Quando se sacudiu, espalhando lama e água para todas as direções, Mormont não disse nada, mas no seu ombro o corvo soltou um guincho.

– Senhor – Jon falou em voz baixa, enquanto a floresta se fechava em volta deles mais uma vez. – Craster não tem ovelhas. Nem filhos homens.

Mormont não respondeu.

– Em Winterfell, uma das criadas nos contou histórias. Ela costumava dizer que havia selvagens que dormiam com os Outros para gerar filhos meio humanos.

– Histórias para contar em torno da lareira. Craster parecia menos do que humano?

De meia centena de formas.

– Ele dá os filhos à floresta.

Um longo silêncio. E então:

– Sim – "*Sim*", o corvo resmungou, pavoneando-se. "*Sim, sim, sim*".

– O senhor sabia?

– Smallwood me disse. Há muito tempo. Todos os patrulheiros sabem, embora poucos falem disso.

– Meu tio sabia?

– Todos os patrulheiros – Mormont repetiu. – Acha que eu devia impedi-lo. Matá-lo, se necessário? – o Velho Urso suspirou. – Se fosse só o caso de ele querer se livrar de algumas bocas, de bom grado mandaria Yoren ou Conwys recolher os garotos. Poderíamos criá-los para o negro, e a Patrulha teria essa força a mais. Mas os selvagens servem a deuses mais cruéis do que eu ou você. Aqueles garotos são as oferendas de Craster. As suas preces, se preferir.

Suas mulheres devem fazer preces diferentes, Jon pensou.

– Como foi que ficou sabendo disto? – perguntou-lhe o Velho Urso. – Por uma das mulheres de Craster?

– Sim, senhor – Jon confessou. – Preferia não lhe dizer qual. Ela estava assustada e queria ajuda.

– Este vasto mundo está cheio de pessoas que querem ajuda, Jon. Seria bom que algumas encontrassem coragem para se ajudar a si próprias. Craster está deitado no seu sótão agora mesmo, fedendo a vinho e inconsciente. Sobre a sua mesa, na parte de baixo, há um machado novo e afiado. Se fosse eu, chamaria isso de "Prece atendida" e daria um fim nele.

Sim. Jon pensou em Goiva. Nela e nas suas irmãs. Eram dezenove, e Craster apenas um, mas…

– No entanto, seria um dia ruim para nós se Craster morresse. Seu tio poderia lhe contar as vezes em que a Fortaleza de Craster constituiu a diferença entre a vida e a morte para nossos patrulheiros.

– Meu pai… – Jon hesitou.

– Continue, Jon. Diga o que quer dizer.

– Meu pai, uma vez, disse-me que há homens que não valem a pena – ele concluiu. – Um vassalo que é brutal ou injusto desonra tanto seu suserano como a si mesmo.

– Craster é somente dele mesmo. Não nos prestou juramento. Nem está sujeito às nossas leis. Seu coração é nobre, Jon, mas aprenda aqui uma lição. Não podemos pôr o mundo nos eixos. Não é esse o nosso propósito. A Patrulha da Noite tem outras guerras a travar.

Outras guerras. Sim. Tenho de me lembrar disso.

– Jarman Buckwell disse que posso precisar da minha espada em breve.

– Ah, ele disse? – Mormont não parecia contente. – Craster disse muitas coisas, e mais algumas, ontem à noite, e confirmou o suficiente dos meus temores para me condenar a uma noite sem sono no seu piso. Mance Rayder está reunindo seu povo nas Presas de Gelo. É por isso que as aldeias estão vazias. É a mesma história que Sor Denys Mallister obteve da selvagem que seus homens capturaram na Garganta, mas Craster acrescentou o *onde*, e isso faz toda a diferença.

– Está criando uma cidade, ou um exército?

– Bem, esta é questão. Quantos selvagens há lá? Quantos homens em idade de lutar? Ninguém sabe com certeza. As Presas de Gelo são cruéis, inóspitas, um deserto de pedra e gelo. Não sustentarão um número grande de pessoas por muito tempo. Só vejo um propósito nesta reunião. Mance Rayder pretende atacar em direção ao sul, para o interior dos Sete Reinos.

– Os selvagens já invadiram o reino antes – Jon ouvira histórias tanto da Velha Ama como de Meistre Luwin, em Winterfell. – Raymun Barba-Vermelha os levou ao sul nos tempos do avô do meu avô, e antes dele houve um rei chamado Bael, o Bardo.

– Sim, e muito antes deles houve Lorde Chifrudo e os reis irmãos Gendel e Gorne, e nos tempos antigos Joramun, que soprava o Berrante do inverno e evocava gigantes da terra. Cada um desses homens teve sua força quebrada na Muralha, ou foi quebrado pelo poder de Winterfell, do outro lado… Mas a Patrulha da Noite é apenas uma sombra do que foi. E quem resta para se opor aos selvagens além de nós? O Senhor de Winterfell está morto, e seu herdeiro levou suas forças para o sul a fim de lutar contra os Lannister. Os selvagens podem não ter uma chance como esta de novo. Eu conheci Mance Rayder, Jon. Ele é um perjuro, é certo… mas tem olhos para ver, e nenhum homem se atreveu alguma vez a chamá-lo de medroso.

– O que faremos? – Jon quis saber.

– Vamos encontrá-lo – Mormont respondeu. – Lutaremos com ele. Vamos pará-lo.

Trezentos, Jon pensou, *contra a fúria dos selvagens*. Seus dedos se abriram e se fecharam.

Theon

Era inegavelmente uma beleza. *Mas o primeiro é sempre belo*, Theon Greyjoy pensou.

– Ora, aí está um sorriso bonito – disse uma voz de mulher atrás de si. – O fidalgo gosta do que vê, é isso?

Theon virou-se para avaliar. Gostou do que viu. Percebeu, num relance, que era natural das ilhas; esguia, de pernas longas, com cabelo negro cortado curto, pele esfolada pelo vento, mãos fortes e seguras, uma adaga no cinto. O nariz era grande e afilado demais para sua cara magra, mas o sorriso compensava. Estimou que seria alguns anos mais velha do que ele, mas com menos de vinte e cinco anos. Movia-se como se estivesse habituada a ter um convés debaixo dos pés.

– Sim, é uma coisa bela – ele disse. – Embora nem de perto tão encantadora como você.

– O-ho – ela sorriu. – É melhor eu ter cuidado. Este fidalgo tem mel na língua.

– Prove-a, e verá.

– Então é assim? – ela perguntou, olhando-o com ousadia. Havia mulheres nas Ilhas de Ferro, não muitas, mas algumas, que tripulavam os dracares com seus homens, e dizia-se que o sal e o mar as modificavam, dando-lhes os apetites de um homem. – O fidalgo passou tanto tempo assim no mar? Ou não havia mulheres no lugar de onde veio?

– Havia bastante mulheres, mas nenhuma como você.

– E como o fidalgo pode saber como eu sou?

– Meus olhos podem ver seu rosto. Meus ouvidos podem escutar seu riso. E minha pica ficou dura como um mastro por você.

A mulher se aproximou e empurrou uma mão contra a parte da frente dos calções dele.

– Bem, não é mentiroso – ela confirmou, dando um apertão através do pano. – Dói muito?

– Violentamente.

– Pobre fidalgo – a mulher o largou e deu um passo para trás. – Acontece que sou mulher casada e recém-engravidada.

– Os deuses são bons – Theon respondeu. – Assim não há hipótese de lhe dar um bastardo.

– Mesmo assim, meu homem não lhe agradeceria.

– Não, mas você talvez sim.

– E por que faria isso? Já tive senhores antes. São feitos da mesma maneira que os outros homens.

– Alguma vez já teve um príncipe? – Theon quis saber. – Quando

for enrugada e grisalha, e seus seios caírem para baixo da barriga, poderá contar aos filhos dos seus filhos que um dia amou um rei.

– Oh, é de amor que estamos falando agora? E eu que pensava que era só de picas e de bocetas.

– É amor o que lhe agrada? – Theon decidiu que gostava daquela mulher, fosse quem fosse; sua perspicácia aguçada era uma pausa bem-vinda na melancolia úmida de Pyke. – Devo dar seu nome ao meu dracar, tocar harpa para você e mantê-la numa sala de torre do meu castelo apenas com joias para vestir, como uma princesa numa canção?

– O fidalgo *devia* dar meu nome ao seu navio – ela disse, ignorando todo o resto. – Fui eu quem o construiu.

– Quem o construiu foi Sigrin. O carpinteiro do senhor meu pai.

– Sou Esgred. Filha de Ambrode e mulher de Sigrin.

Theon não sabia que Ambrode tinha uma filha, ou Sigrin uma mulher… Havia se encontrado apenas uma vez com o construtor de navios, o mais novo, e do mais velho quase não se lembrava.

– É desperdiçada com Sigrin.

– O-ho. Sigrin disse-me que este belo navio é desperdiçado com você.

Theon ficou irritado.

– Sabe quem eu sou?

– Príncipe Theon, da Casa Greyjoy. Quem haveria de ser? Diga-me a verdade, senhor, até que ponto ama esta sua nova donzela? Sigrin vai querer saber.

O dracar era tão novo, que ainda cheirava a piche e resina. Tio Aeron iria abençoá-lo na manhã seguinte, mas Theon tinha vindo de Pyke para dar uma olhada nele antes de ser lançado ao mar. Não era tão grande como o *Grande Lula Gigante* de Lorde Balon, ou o *Vitória de Ferro* do tio Victarion, mas parecia rápido e manobrável, mesmo parado sobre seu berço de madeira, na praia; um casco negro e esguio com cem pés de comprimento, um único grande mastro, cinquenta remos longos, um convés com capacidade para cem homens… e, à proa, o grande espigão de ferro em forma de ponta de seta.

– Sigrin fez um bom serviço para mim – admitiu. – É tão rápido como parece?

– Mais rápido… para um mestre que saiba como manejá-lo.

– Já se passaram alguns anos desde que velejei pela última vez – *e nunca capitaneei um navio, na verdade*. – Em todo caso, sou um Greyjoy, e um homem de ferro. O mar está no meu sangue.

– E seu sangue estará no mar, se velejar da maneira como fala – ela retrucou.

– Nunca trataria mal uma donzela tão bela.

– Bela donzela? – ela soltou uma gargalhada. – Esta beleza é uma

cadela do mar, isso sim.

– Aí está, acabou de lhe dar o nome. *Cadela do Mar*.

Aquilo divertiu a mulher; ele viu o brilho nos seus olhos escuros.

– E o fidalgo que tinha dito que queria batizá-la em minha honra – disse a mulher numa voz de censura magoada.

– Foi o que fiz – Theon pegou sua mão. – Ajude-me, senhora. Nas terras verdes, acredita-se que uma mulher à espera de um bebê significa boa fortuna para qualquer homem que se deite com ela.

– E o que sabem de navios nas terras verdes? Ou de mulheres, aliás? Seja como for, parece-me que inventou isso.

– Se eu confessar, ainda me amará?

– Ainda? Quando foi que o amei?

– Nunca – Theon admitiu. – Mas estou tentando reparar essa falta, minha querida Esgred. O vento é frio. Venha a bordo do meu navio e deixe-me aquecê-la. De manhã, meu tio Aeron despejará água do mar na sua proa e resmungará uma prece ao Deus Afogado, mas eu preferiria abençoá-lo com o leite da minha virilha, e da sua.

– O Deus Afogado pode não ver isso com bons olhos.

– Que se lixe o Deus Afogado. Se nos incomodar, afogo-o de novo. Partimos para a guerra dentro de uma quinzena. Quer me enviar para a batalha sem conseguir dormir, cheio de desejo?

– De bom grado.

– Donzela cruel. Meu navio tem o nome certo. Se conduzi-lo para os rochedos distraído por sua causa, poderá se culpar.

– Pretende conduzir com isto? – Esgred voltou a roçar a parte da frente dos calções de Theon e sorriu quando um dedo delineou o contorno de ferro do seu membro.

– Volte para Pyke comigo – ele disse de repente, pensando: *O que dirá Lorde Balon? E por que devo me importar? Sou um homem-feito, se quiser trazer uma mulher para a cama é problema meu e de mais ninguém.*

– E o que eu faria em Pyke? – a mão dela ficou onde estava.

– Meu pai vai dar esta noite um banquete aos seus capitães – banqueteava-os todas as noites enquanto esperava a chegada dos retardatários, mas Theon não viu necessidade de lhe dizer isso.

– Quer me nomear seu capitão por uma noite, senhor meu príncipe? – ela tinha o sorriso mais malicioso que Theon já vira numa mulher.

– Poderia fazê-lo. Se soubesse que me levaria a salvo até o porto.

– Bem, sei qual é a ponta do remo que entra no mar, e não há ninguém melhor do que eu com cordas e nós – com uma mão só, desamarrou os cordões dos calções dele, depois sorriu, e afastou-se com um movimento ligeiro. – Pena que seja uma mulher casada e recém-engravidada.

Excitado, Theon voltou a se amarrar.

– Tenho de voltar ao castelo. Se não vier comigo, posso me perder por desgosto, e todas estas ilhas ficarão mais pobres.

– Isso não pode ser… Mas eu não tenho cavalo, senhor.

– Pode levar a montaria do meu escudeiro.

– E obrigar seu pobre escudeiro a voltar a Pyke a pé?

– Então divida a minha.

– O senhor gostaria bastante disso – de novo o sorriso. – Bom... Eu iria atrás de você, ou à sua frente?

– Você faria o que quisesse.

– Gosto de ficar por cima.

Onde esta devassa esteve durante toda a minha vida?

– O palácio do meu pai é sombrio e úmido. Precisa de Esgred para fazer o fogo arder.

– O fidalgo tem mel na língua.

– Não foi assim que começamos?

Ela ergueu as mãos:

– E é aqui que terminamos. Esgred é sua, querido príncipe. Leve-me para o seu castelo. Deixe-me ver as suas orgulhosas torres que se erguem do mar.

– Deixei o cavalo na estalagem. Venha.

Caminharam juntos ao longo da margem, e quando Theon tomou seu braço, ela não se afastou. Gostava do modo como ela caminhava; havia naquele andar uma ousadia, em parte passeio, em parte balanço, que sugeria que ela seria igualmente ousada sob os lençóis.

Theon nunca vira Fidalporto tão cheio de gente, repleto das tripulações dos dracares que enchiam a costa pedregosa e balançavam, ancorados bem para lá da rebentação. Os homens de ferro não dobravam os joelhos frequentemente ou com facilidade, mas Theon reparou que tanto remadores como o povo da vila caíam no silêncio quando eles passavam e o cumprimentavam inclinando respeitosamente a cabeça. *Finalmente aprenderam quem eu sou*, pensou. *E já era mais que hora.*

Lorde Goodbrother de Grande Wyk tinha chegado na noite anterior com sua força principal, quase quarenta dracares. Seus homens estavam por toda a parte, ilustres com suas faixas listradas de pelo de cabra. Dizia-se na estalagem que as prostitutas de Otter Gimpknee estavam sendo comidas, até ficarem com as pernas tortas, por rapazes sem barbas com faixas. Theon só desejava que fizessem bom proveito. Pior antro de rameiras esperava nunca ver. A atual companhia era mais do seu agrado. Que fosse casada com o carpinteiro do pai, e além disso estivesse grávida, só lhe despertava mais a curiosidade.

– O senhor meu príncipe já começou a escolher sua tripulação? – Esgred perguntou enquanto abriam caminho para os estábulos. – Ei,

Bluetooth – ela gritou para um navegador que passou por perto, um homem alto com traje de pele de urso e capacete com asas de corvo. – Como vai sua noiva?

– Com uma grande barriga, e falando em gêmeos.

– Já? – Esgred deu aquele sorriso malicioso. – Meteu depressa o remo na água.

– Sim, e remei, remei e *remei* – rugiu o homem.

– Um homem grande – observou Theon. – Bluetooth, não é? Deveria escolhê-lo para a minha *Cadela do Mar*?

– Só se pretender insultá-lo. Bluetooth tem um belo navio só dele.

– Estive longe tempo demais para distinguir um homem dos outros – Theon admitiu. Procurara por alguns dos amigos com quem brincava quando criança, mas tinham partido, morrido ou se transformado em estranhos. – Meu tio Victarion emprestou-me seu timoneiro.

– Rymolf Stormdrunk? Um bom homem, desde que esteja sóbrio – a mulher viu mais rostos que conhecia e chamou um trio que passava: – Uller, Qarl. Onde está seu irmão, Skyte?

– Temo que o Deus Afogado tenha precisado de um remador forte – respondeu o homem troncudo com veios grisalhos na barba.

– O que ele quer dizer é que Eldiss bebeu vinho demais e sua gorda barriga estourou – disse o jovem de bochechas rosadas ao seu lado.

– O que está morto não pode morrer – Esgred rebateu.

– O que está morto não pode morrer.

Theon murmurou as palavras com eles.

– Parece conhecer muita gente – ele disse à mulher depois de os homens passarem.

– Todos os homens gostam da mulher do construtor de navios. E é bom que gostem, a menos que queiram que seu navio afunde. Se precisa de homens para puxar os seus remos, encontrará piores do que aqueles três.

– Fidalporto não tem falta de braços fortes – Theon já pensara bastante no assunto. Era guerreiros que queria, e homens que *lhe* fossem leais, e não ao senhor seu pai ou aos tios. Por ora representava o papel de um jovem príncipe obediente, enquanto esperava que Lorde Balon revelasse seus planos por inteiro. Mas se por acaso não gostasse desses planos ou da parte que neles desempenhava, bem…

– A força não basta. Os remos de um dracar devem se mover como um só para obter a velocidade máxima. Se for sensato, escolherá homens que já remaram juntos antes.

– Sábio conselho. Talvez queira me ajudar a escolhê-los – *que ela acredite que quero a sua sabedoria; as mulheres gostam disso.*

– Talvez. Se me tratar com gentileza.

– De que outra forma a trataria?

Theon acelerou o passo ao se aproximarem do *Myraham*, que balançava alto e vazio junto ao cais. O capitão tentara zarpar há uma quinzena, mas Lorde Balon não permitiu. Nenhum dos mercadores que aportaram em Fidalporto tinha sido autorizado a voltar a partir; o pai não queria que nenhuma notícia da reunião das suas forças chegasse ao continente antes de estar pronto para atacar.

– Senhora – chamou uma voz suplicante vinda do castelo de proa do navio mercante. A filha do capitão debruçava-se sobre a amurada, olhando-o. O pai a proibira de ir à terra firme, mas sempre que Theon vinha a Fidalporto vislumbrava-a vagando desamparadamente pelo convés. – Senhora, um momento – ela chamou novamente. – Se agradar ao senhor.

– Agradou? – Esgred perguntou, enquanto Theon a apressava para passar pelo barco pesqueiro. – Ela agradou ao senhor?

Não viu motivo para ser recatado com aquela mulher.

– Durante algum tempo. Agora quer ser a minha esposa de sal.

– O-ho. Bem, ela sem dúvida precisa de um pouco de sal. Essa é branda e doce demais. Ou será que me engano?

– Não – *branda e doce. Exatamente. Como foi que ela soube?*

Tinha dito a Wex para esperar na estalagem. A sala comum estava tão cheia de gente, que Theon precisou abrir caminho até a porta aos empurrões. Não havia nenhum lugar vago nas mesas ou no banco. E também não viu o escudeiro.

– *Wex* – Theon gritou, por cima do burburinho e do tinir de louça. *Se ele estiver lá em cima com uma daquelas vadias sifilíticas, esfolo-o*, Theon estava pensando, quando finalmente vislumbrou o rapaz, jogando dados perto da lareira… e ganhando, a julgar pela pilha de moedas que tinha à frente.

– É hora de ir – Theon anunciou.

Quando o rapaz não prestou atenção, puxou-o por uma das orelhas e o arrancou do jogo. Wex agarrou um punhado de moedas de cobre e seguiu, sem uma palavra. Esta era uma das coisas que Theon mais gostava nele. A maioria dos escudeiros tinha a língua solta, mas Wex nasceu mudo… o que não parecia impedi-lo de ser tão esperto como qualquer rapaz de doze anos tinha direito de ser. Era filho ilegítimo de um dos meios-irmãos de Lorde Botley. Tomá-lo como escudeiro tinha sido parte do preço que Theon pagara pelo cavalo.

Quando Wex viu Esgred, seus olhos ficaram redondos. *Dá para dizer que nunca viu uma mulher*, pensou Theon.

– Esgred vai comigo para Pyke. Sele os cavalos, rápido.

O rapaz tinha vindo montado num pequeno garrano ossudo dos estábulos de Lorde Balon, mas a montaria de Theon era um tipo de animal bem diferente.

– Onde encontrou esse cavalo dos infernos? – perguntou-lhe Esgred quando o viu, mas, pelo modo como riu, Theon soube que tinha ficado impressionada.

– Lorde Botley comprou-o em Lanisporto há um ano, mas ele se mostrou cavalo demais, e Botley ficou feliz por vendê-lo – as Ilhas de Ferro eram pobres e rochosas demais para a criação de bons cavalos. A maior parte dos ilhéus não passava de cavaleiros inexpressivos, mais confortáveis no convés de um dracar do que sobre uma sela. Até os senhores montavam garranos ou pôneis peludos de Harlaw, e os carros de bois eram mais comuns do que os puxados a cavalo. Os plebeus que eram pobres demais para possuir uma coisa ou outra puxavam eles próprios as charruas pelo solo raso e pedregoso.

Mas Theon passara dez anos em Winterfell e não pretendia ir para a guerra sem uma boa montaria entre as pernas. O engano de Lorde Botley tinha sido sua boa sorte: um garanhão com um temperamento tão negro como seu pelo, maior do que um corcel, ainda que não tão grande como a maioria dos cavalos de batalha. Como Theon não era tão grande como a maioria dos cavaleiros, servia-lhe admiravelmente bem. O animal tinha fogo nos olhos. Quando conheceu seu novo dono, arreganhou os beiços e tentou arrancar sua cabeça com dentadas.

– Ele tem nome? – Esgred perguntou a Theon enquanto ele montava.

– Sorridente – o jovem lhe ofereceu a mão e a puxou para a sua frente, onde poderia pôr os braços em volta dela enquanto cavalgavam. – Um dia conheci um homem que me disse que eu sorria das coisas erradas.

– E é verdade?

– Só à luz daqueles que não sorriem de nada – ele pensou no pai e no tio Aeron.

– Está agora sorrindo, senhor meu príncipe?

–Ah, sim – Theon passou os braços em volta dela para pegar as rédeas. A mulher era quase da mesma altura que ele. Seu cabelo precisava ser lavado, e tinha uma leve cicatriz cor-de-rosa no bonito pescoço, mas ele gostou do seu cheiro, de sal, suor e mulher.

A cavalgada de volta a Pyke prometia ser bastante mais interessante do que a viagem de vinda.

Quando já tinham se afastado bastante de Fidalporto, Theon pôs uma mão no seu seio. Esgred a afastou.

– Eu manteria ambas as mãos nas rédeas, senão esta sua fera preta é bem capaz de nos atirar ao chão e de nos escoicear até a morte.

– Eu já o domei.

Divertido, Theon portou-se bem durante algum tempo, tagarelando amigavelmente acerca do tempo (cinzento e encoberto,

como estivera desde a sua chegada, com chuvas frequentes) e falando-lhe dos homens que tinha matado no Bosque dos Murmúrios. Quando chegou à parte sobre chegar assim *tão* perto do Regicida em pessoa, deslizou a mão para onde estivera. Os seios dela eram pequenos, mas gostou da sua firmeza.

– Não quer fazer isso, senhor meu príncipe.

– Ah, se quero – Theon deu um apertão.

– Seu escudeiro está observando.

– Que observe. Nunca contará nada, juro.

Esgred arrancou a mão dele do seu seio. E desta vez a manteve firmemente aprisionada. Ela tinha mãos fortes.

– Gosto de uma mulher com uma pegada forte.

Ela deu uma fungada:

– Nunca teria imaginado, por aquelazinha no cais.

– Não deve me julgar por ela. Era a única mulher no navio.

– Fale-me do seu pai. Vai me dar boas-vindas gentis ao seu castelo?

– Por que haveria de dar? Quase não *me* deu boas-vindas, sangue do seu sangue, herdeiro de Pyke e das Ilhas de Ferro.

– Ah, é? – ela returcou com uma voz branda. – Dizem que o senhor tem tios, irmãos, uma irmã.

– Meus irmãos estão há muito mortos, e minha irmã… Bem, dizem que o vestido favorito de Asha é um camisão de cota de malha que cai até abaixo dos joelhos, com roupa íntima de couro fervido por baixo. Mas vestir-se de homem não faz dela um. Farei um bom casamento de aliança para ela depois de ganharmos a guerra, se encontrar algum homem que a queira. Pelo que me lembro, tinha um nariz que mais parecia um bico de abutre, uma colheita madura de espinhas, e não tinha mais peito do que um rapaz.

– Pode se ver livre da irmã por casamento – Esgred disse –, mas não dos tios.

– Meus tios… – a pretensão de Theon tinha precedência sobre as dos três irmãos do pai, mas, mesmo assim, a mulher tinha tocado num ponto sensível. Nas ilhas era longe de ser ignorado que um tio forte e ambicioso despojasse um sobrinho fraco dos seus direitos, geralmente assassinando-o no processo. *Mas não sou fraco*, disse Theon a si próprio, *e pretendo ser ainda mais forte quando meu pai morrer*. – Meus tios não são ameaça para mim. Aeron está bêbado de água do mar e santidade. Vive apenas para o deus dele…

– O deus *dele*? Não o seu?

– Meu também. O que está morto não pode morrer – deu um ligeiro sorriso. – Se eu soltar ruídos piedosos quando me for pedido, Cabelo-Molhado não me dará problemas. E meu tio Victarion…

– Senhor Comandante da Frota de Ferro, e um temível guerreiro.

Ouvi canções sobre ele nas cervejarias.

– Durante a rebelião do senhor meu pai, ele navegou até Lanisporto com meu tio Euron e incendiou a frota Lannister no ancoradouro – Theon recordou. – Mas o plano era de Euron. Victarion é como um grande boi castrado cinza, forte, incansável e obediente, mas pouco capaz de ganhar corridas. Sem dúvida que me servirá tão lealmente como serviu ao senhor meu pai. Não tem nem a inteligência nem a ambição para maquinar traições.

– No entanto, a Euron Olho de Corvo não falta astúcia. Ouvi os homens contarem coisas terríveis sobre ele.

Theon se mexeu na sela.

– Meu tio Euron não é visto nas ilhas há cerca de dois anos. Pode estar morto – se assim fosse, talvez fosse melhor. O irmão mais velho de Lorde Balon nunca abandonou o Costume Antigo, nem sequer por um dia. Dizia-se que seu *Silêncio*, com suas velas negras e casco vermelho-escuro, era infame em todos os portos entre Ibben e Asshai.

– Pode estar morto – concordou Esgred. – Mas, se for vivo, ora, passou tanto tempo no mar que seria quase um estranho aqui. Os homens de ferro nunca poriam um estranho na Cadeira de Pedra do Mar.

– Suponho que não – Theon respondeu, antes de lhe ocorrer que alguns também *o* chamariam de estranho. A ideia fez com que franzisse a testa. *Dez anos é muito tempo, mas agora estou de volta, e meu pai está longe de estar morto. Tenho tempo para provar quanto valho.*

Pensou em voltar a acariciar o seio de Esgred, mas o mais certo era que ela se limitasse a afastar sua mão, e toda aquela conversa sobre os tios tinha esfriado um pouco seu ardor. Haveria tempo suficiente para aquelas brincadeiras no castelo, na privacidade dos seus aposentos.

– Falarei com Helya quando chegarmos a Pyke, e vou me assegurar de que tenha um lugar de honra no banquete – ele disse. – Tenho de me sentar no estrado, à direita do meu pai, mas descerei para junto de você quando ele sair do salão. Ele raramente fica por muito tempo. Hoje em dia, não tem barriga para a bebida.

– É coisa penosa quando um grande homem envelhece.

– Lorde Balon não é mais do que *o pai* de um grande homem.

– Um fidalgo modesto.

– Só um tolo se rebaixa quando o mundo está tão cheio de homens ansiosos por fazer esse serviço por ele – deu um pequeno beijo na parte de trás do seu pescoço.

– O que usarei nesse grande banquete? – ela esticou a mão para trás e empurrou seu rosto para longe.

– Pedirei a Helya para vesti-la. Um dos vestidos da senhora minha mãe talvez sirva. Ela está em Harlaw, e não se espera que retorne.

– Ouvi dizer que os ventos frios a afastaram. Não vai visitá-la? Os navios chegam a Harlaw em um dia, e decerto a Senhora Greyjoy anseia por um último vislumbre do seu filho.

– Bem que gostaria de poder. Mantêm-me aqui ocupado demais. Meu pai depende de mim, agora que voltei. Quando chegar a paz, talvez…

– Sua chegada poderá trazer paz *a ela*.

– Agora está soando como uma mulher – Theon se lamentou.

– Confesso, é o que sou… e recém-engravidada.

Sem saber por que, aquilo o excitava.

– É o que diz, mas seu corpo não mostra nenhum sinal de estar grávida. Como vai provar? Antes que acredite em você, terei de ver seus seios crescendo e saborear seu leite de mãe.

– E o que dirá disso meu marido? Um servo do seu pai e a ele juramentado?

– Daremos tantos navios para ele construir que nem notará que foi abandonado.

Ela soltou uma gargalhada.

– É um fidalgo cruel, este que me raptou. Se lhe prometer que um dia poderá ver meu bebê mamando, vai me contar mais da sua guerra, Theon da Casa Greyjoy? Ainda temos quilômetros e montanhas à nossa frente e gostaria de ouvir falar desse rei lobo a quem tem servido e dos leões dourados que ele combate.

Ansioso por agradar, Theon fez sua vontade. O resto da longa cavalgada passou rapidamente, enquanto ele enchia a bonita cabeça dela com histórias sobre Winterfell e a guerra. Algumas das coisas que ela disse o espantaram. *É fácil falar com ela, que os deuses a louvem*, refletiu. *Sinto-me como se a conhecesse há anos. Se as brincadeiras de alcova da moça forem metade da sua esperteza, terei de ficar com ela…* Pensou em Sigrin, o carpinteiro naval, um homem grosso de corpo e de mente, de cabelo louro como linho já recuando numa testa cheia de espinhas, e balançou a cabeça. *Um desperdício. Um trágico desperdício*.

Pareceu quase não ter passado tempo algum quando a grande muralha exterior de Pyke se avolumou à frente deles.

Os portões estavam abertos. Theon esporeou Sorridente e os atravessou a trote rápido. Os cães latiam como loucos enquanto ele ajudava Esgred a desmontar. Vários vieram até eles aos saltos, abanando as caudas. Passaram por ele como se não estivesse ali, e quase atiraram a mulher ao chão, saltando em volta dela, latindo e lambendo.

– Fora – Theon gritou, dando um chute ineficiente em uma grande cadela marrom, mas Esgred ria e brincava com eles.

Um palafreneiro veio atrás dos cães.

– Leve os cavalos – ordenou-lhe Theon – e afaste estes malditos

cães…

O rústico não prestou atenção nele. Seu rosto abriu-se num enorme sorriso esburacado e disse:

– Senhora Asha. Regressou.

– Na noite passada – ela disse. – Vim de Grande Wyk com Lorde Goodbrother e passei a noite na estalagem. Meu irmãozinho teve a bondade de me deixar vir de Fidalporto com ele – beijou um dos cães no focinho e sorriu para Theon.

Tudo o que ele conseguiu fazer foi ficar ali, congelado, olhando-a de boca aberta. *Asha. Não. Ela não pode ser Asha*. Compreendeu de repente que havia duas Ashas na sua cabeça. Uma era a menininha que conhecera. A outra, imaginada de forma mais vaga, parecia-se um pouco com a mãe. Nenhuma tinha qualquer semelhança com esta… esta… esta…

– As espinhas desapareceram quando os seios surgiram – ela explicou, enquanto lutava com um cão –, mas mantive o bico de abutre.

Theon encontrou a voz.

– Por que não me contou?

Asha largou o cão e se endireitou.

– Quis ver primeiro quem você era. E vi – dirigiu-lhe uma meia reverência zombeteira. – E agora, irmãozinho, peço que me desculpe. Tenho de tomar banho e me vestir para o banquete. Será que ainda tenho aquele vestido de cota de malha que gosto de vestir por cima da roupa íntima de couro fervido? – deu-lhe seu sorriso perverso e atravessou a ponte com aquele andar que Theon tanto tinha gostado, em parte passeio, em parte balanço.

Quando Theon se virou, Wex estava sorrindo. Deu uma pancada na orelha do garoto:

– Isto é por estar se divertindo tanto – e outra, com mais força. – E isto é por não me avisar. Da próxima vez, arranje uma língua.

Seus aposentos na Fortaleza dos Hóspedes nunca tinham parecido tão gelados, apesar de os servos terem deixado um braseiro ardendo. Theon arrancou as botas, deixou que o manto caísse no chão e serviu-se de uma taça de vinho, recordando uma garota desajeitada com joelhos salientes e espinhas. *Ela desamarrou meus calções*, pensou, ultrajado, *e disse… oh, deuses, e* eu *disse*… Gemeu. Não poderia ter feito maior papel de idiota.

Não, ele continuou seu embate. *Foi ela quem fez de mim um idiota. A cadela perversa deve ter adorado cada momento. E a maneira como não parava de pôr a mão na minha pica…*

Pegou a taça e se dirigiu ao banco da janela, onde se sentou, bebendo e observando o mar enquanto o sol escurecia sobre Pyke. *Não tenho lugar aqui*, pensou, *e Asha é o motivo. Que os Outros a levem!* A

água, lá embaixo, mudou de verde para cinza e de cinza para preto. Àquela altura já ouvia música distante e percebeu que era hora de trocar de roupa para o banquete.

Theon escolheu botas simples e roupas ainda mais simples, sóbrios tons de negro e cinza para combinar com seu humor. Nenhum ornamento; nada possuía que tivesse sido comprado com ferro. *Devia ter tirado qualquer coisa daquele selvagem que matei para salvar Bran Stark, mas ele não tinha nada que valesse a pena. É a minha maldita sorte, mato os pobres.*

O longo salão fumacento estava apinhado com os senhores e capitães do pai quando Theon entrou, quase quatrocentos. Dagmer Boca Rachada ainda não tinha voltado de Velha Wyk com os Stonehouse e os Drumm, mas todos os outros se encontravam ali; os Harlaw de Harlaw, os Blacktyde de Pretamare, os Sparr, Merlyn e Goodbrother de Grande Wyk, os Saltcliff e Sunderlie de Salésia, e os Botley e Wynch do outro lado de Pyke. Os servos ofereciam cerveja, e havia música, rabecas, foles e tambores. Três homens corpulentos dançavam a dança dos dedos, atirando uns aos outros machados de cabo curto. O truque era pegar o machado ou saltar sobre ele sem errar um passo. Chamava-se dança dos dedos porque geralmente terminava quando um dos dançarinos perdia um dedo… ou dois, ou cinco.

Nem os dançarinos nem os homens que bebiam prestaram grande atenção a Theon Greyjoy quando ele se dirigiu ao estrado. Lorde Balon ocupava a Cadeira de Pedra do Mar, esculpida em forma de uma grande lula gigante a partir de um imenso bloco de pedra negra oleosa. Rezava a lenda que os Primeiros Homens tinham-na encontrado na costa de Velha Wyk quando chegaram às Ilhas de Ferro. À esquerda do cadeirão estavam os tios de Theon. Asha estava aninhada à direita, no lugar de honra.

– Chega tarde, Theon – observou Lorde Balon.

– Peço-lhe perdão – Theon ocupou o lugar vazio ao lado de Asha. Aproximando-se, sibilou ao seu ouvido: – Está no meu lugar.

Ela se virou para ele com olhos inocentes.

– Irmão, certamente se engana. Seu lugar é em Winterfell – o sorriso de Asha cortava. – E onde estão todas as roupas bonitas? Ouvi dizer que gostava de sentir seda e veludo contra a pele – ela estava vestida de suave lã verde, com um corte simples que fazia o tecido aderir ao esbelto contorno do seu corpo.

– Seu camisão deve ter enferrujado, irmã – Theon atirou em resposta. – Uma grande pena. Gostaria de vê-la toda vestida de ferro.

Asha limitou-se a soltar uma gargalhada.

– Talvez ainda veja, irmãozinho… Se acha que sua *Cadela do Mar* consegue acompanhar meu *Vento Negro* – um dos servos do pai se

aproximou, transportando um jarro de vinho. – Hoje bebe cerveja ou vinho, Theon? – ela se aproximou mais. – Ou será que ainda sente sede de um pouco do leite da minha mãe?

Theon corou.

– Vinho – ele disse ao servo. Asha virou a cabeça e bateu na mesa, gritando por cerveja.

Theon partiu um pão ao meio, tirou uma côdea do miolo e chamou um cozinheiro para enchê-la com guisado de peixe. O cheiro do molho espesso o deixou um pouco agoniado, mas forçou-se a comer alguma coisa. Tinha bebido vinho suficiente para continuar flutuando ao longo de duas refeições. *Se vomitar, será sobre ela*.

– O pai sabe que se casou com aquele carpinteiro? – perguntou à irmã.

– Não mais do que Sigrin – ela encolheu os ombros. – *Esgred* foi o primeiro navio que ele construiu. Deu-lhe o nome da mãe. Dificilmente conseguiria dizer de qual das duas ele gosta mais.

– Cada palavra que me disse foi uma mentira.

– *Cada* palavra não. Lembra-se de quando lhe disse que gosto de ficar por cima? – Asha sorriu.

Isso só o irritou mais.

– Toda aquela conversa sobre ser uma mulher casada e recém-engravidada…

– Ah, essa parte é bem verdadeira – Asha pôs-se em pé de um salto. – Rolfe, aqui – gritou para um dos dançarinos dos dedos, erguendo uma mão. Ele a viu, rodopiou, e de repente um machado levantou voo da sua mão, com a lâmina cintilando enquanto rodopiava à luz dos archotes. Theon teve tempo apenas para se sobressaltar antes de Asha roubar o machado do ar e atirá-lo à mesa, quebrando seu tabuleiro ao meio e respingando o conteúdo sobre o manto dele. – Este é o senhor meu esposo – a irmã de Theon enfiou a mão no vestido e puxou um punhal de entre os seios. – E este é o meu querido bebê de peito.

Theon Greyjoy não conseguiria imaginar sua cara naquele momento, mas subitamente percebeu que o Grande Salão ressoava com gargalhadas, todas à sua custa. Até o pai sorria, malditos fossem os deuses, e tio Victarion ria em voz alta. A melhor resposta que conseguiu arranjar foi um esgar enjoado. *Veremos quem vai rir quando tudo isso chegar ao fim, cachorra.*

Asha arrancou o machado da mesa e voltou a atirá-lo aos dançarinos, por entre assobios e sonoros vivas.

– Faria bem em prestar atenção ao que lhe disse sobre a escolha de uma tripulação – um servo ofereceu-lhes uma bandeja; ela apunhalou um peixe salgado e o comeu diretamente da ponta da adaga. – Se tivesse se incomodado em aprender alguma coisa a

respeito de Sigrin, nunca teria se enganado. Um lobo durante dez anos, e desembarca aqui pensando que reina sobre as ilhas, mas não conhece nada nem ninguém. Por que os homens iriam lutar e morrer por você?

– Sou seu legítimo príncipe – Theon respondeu rigidamente.

– Segundo as leis das terras verdes, pode ser que seja. Mas nós aqui fazemos nossas próprias leis, ou será que se esqueceu?

De cara fechada, Theon virou-se para contemplar o tabuleiro que derramava líquido à sua frente. Não tardava, poderia ter guisado caindo no seu colo. Gritou por um servo que limpasse tudo aquilo. *Esperei poder voltar para casa durante metade da minha vida, e para quê? Troça e desprezo?* Aquela não era a Pyke de que se lembrava. Mas lembraria *mesmo*? Era tão novo quando o levaram como refém.

O banquete foi uma coisa bastante pobre, uma sucessão de guisados de peixe, pão preto e cabra sem tempero. A coisa mais saborosa que Theon encontrou para comer foi uma torta de cebola. Cerveja e vinho continuaram a fluir bem depois do último dos pratos ter sido levado.

Lorde Balon Greyjoy levantou-se da Cadeira de Pedra do Mar:

– Terminem as suas bebidas e venham até meu aposento privado – ordenou aos que o acompanhavam no estrado. – Temos planos a traçar – deixou-os sem mais uma palavra, flanqueado por dois dos seus guardas. Os irmãos seguiram-no pouco depois. Theon levantou-se para ir atrás deles.

– Meu irmãozinho está com pressa de ir embora – Asha ergueu o corno e gesticulou por mais cerveja.

– O senhor nosso pai está esperando.

– E tem estado, há muitos anos. Não lhe fará mal nenhum esperar um pouco mais… Mas, se teme a sua ira, corra atrás dele, vá. Não deve ter problemas em alcançar nossos tios – ela sorriu. – Afinal, um deles está bêbado de água do mar, e o outro é um grande boi castrado cinza, tão obtuso que provavelmente se perderá.

Theon voltou a se sentar, aborrecido.

– Não corro atrás de homem nenhum.

– De homem nenhum, mas de todas as mulheres?

– Não fui eu quem agarrou o seu pau.

– Não tenho um, lembra? Mas foi bem rápido em agarrar todas as outras partes de mim.

Theon sentiu o sangue subindo ao rosto.

– Sou um homem com os apetites de um homem. Que tipo de criatura desnaturada é você?

– Apenas uma tímida donzela – a mão de Asha dardejou sob a mesa e deu um apertão no seu sexo. Theon quase saltou da cadeira. – O quê? Não quer que o conduza para o porto, irmão?

– O casamento não é para você – decidiu Theon. – Quando eu governar, acho que a mandarei para as irmãs silenciosas – ficou em pé e foi embora, um pouco desequilibrado, em busca do pai.

Chovia quando chegou à ponte oscilante que levava à Torre do Mar. Seu estômago estava agitado e batendo como as ondas lá embaixo, e o vinho tinha deixado seus pés pouco firmes. Theon rangeu os dentes e agarrou-se bem à corda ao longo da travessia, fazendo de conta que era o pescoço de Asha que estava apertando.

O aposento privado estava muito úmido e cheio de correntes de ar como sempre. Enterrado em seu roupão de pele de foca, seu pai encontrava-se sentado à frente do braseiro, ladeado pelos irmãos. Victarion falava de ventos e marés quando Theon entrou na sala, mas Lorde Balon fez-lhe sinal para que se calasse.

– Já fiz meus planos. É hora que os ouçam.

– Eu tenho algumas sugestões…

– Quando eu precisar do seu conselho, vou pedi-lo – respondeu seu pai. – Chegou-nos uma ave de Velha Wyk. Dagmer está a caminho com os Drumm e os Stonehouse. Se o deus nos der bons ventos, zarparemos quando eles chegarem… *Você* zarpará. Quero que dê o primeiro golpe, Theon. Levará oito dracares para norte…

– *Oito*? – seu rosto ficou vermelho. – O que posso esperar conseguir com apenas oito dracares?

– Deverá assolar a Costa Rochosa, saqueando as aldeias de pescadores e afundando qualquer navio que possa encontrar. Pode ser que faça com que alguns dos senhores do norte saiam das suas muralhas de pedra. Aeron vai acompanhá-lo, bem como Dagmer Boca Rachada.

– Que o Deus Afogado abençoe nossas espadas – o sacerdote se manifestou.

Theon sentiu-se como se lhe tivessem dado um tabefe. Estavam mandando que fizesse trabalho de salteador, queimando os casebres dos pescadores e estuprando suas feias filhas, e mesmo assim parecia que Lorde Balon não confiava nele o suficiente até para fazer isso. Já era ruim o bastante ter de aguentar as sobrancelhas franzidas e as reprimendas do Cabelo-Molhado. Com Dagmer Boca Rachada junto, seu comando seria puramente nominal.

– Asha, minha filha – prosseguiu Lorde Balon, e Theon virou-se para ver que a irmã tinha entrado em silêncio na sala. – Você leva trinta dracares com homens escolhidos para lá da Ponta do Dragão Marinho. Desembarque nas planícies de maré a norte de Bosque Profundo. Marche rapidamente, e o castelo pode cair antes mesmo que saibam que está atacando.

Asha sorriu como um gato diante do leite.

– Sempre quis um castelo – ela respondeu, com voz doce.

– Então tome um.

Theon teve de morder a língua. Bosque Profundo era a fortaleza dos Glover. Com Robett e Galbart guerreando no sul, estaria fracamente defendido, e uma vez tomado o castelo, os homens de ferro teriam uma base segura no coração do norte. *Devia ser eu o enviado para tomar Bosque Profundo*. *Ele* conhecia Bosque Profundo, tinha visitado os Glover várias vezes com Eddard Stark.

– Victarion – disse Lorde Balon ao irmão –, o ataque principal caberá a você. Quando meus filhos tiverem dado seus golpes, Winterfell terá de responder. Deverá encontrar pouca oposição enquanto subir a Lança de Sal e o Rio Febre. Na nascente estará a menos de vinte milhas de Fosso Cailin. O Gargalo é a chave do reino. Já dominamos os mares ocidentais. Uma vez que estivermos na posse de Fosso Cailin, o filhote não será capaz de reconquistar o Norte… E, se for suficientemente louco para tentar, seus inimigos selarão a extremidade sul do talude nas suas costas, e Robb, o Rapaz, se verá encurralado como uma ratazana numa garrafa.

Theon não conseguiu continuar em silêncio.

– Um plano ousado, pai, mas os senhores nos seus castelos…

Lorde Balon o interrompeu:

– Os senhores foram ao sul com o filhote. Os que ficaram para trás são os covardes, velhos e garotos imaturos. Vão se render, ou cairão um por um. Winterfell pode resistir durante um ano, mas, e daí? O resto será nosso, florestas, campos e palácios, e faremos do povo nossos servos e esposas de sal.

Aeron Cabelo-Molhado ergueu as mãos:

– E as águas da ira vão se erguer, e o Deus Afogado espalhará seu domínio pelas terras verdes!

– O que está morto não pode morrer – Victarion entoou.

Lorde Balon e Asha fizeram coro, e Theon não teve escolha a não ser resmungar as palavras com eles. E então acabou-se.

Lá fora, a chuva caía com mais força do que nunca. A ponte de corda balançava e torcia-se sob seus pés. Theon Greyjoy parou no meio do caminho e contemplou as rochas lá embaixo. O ruído das ondas era um rugido esmagador, e sentia o sal nos lábios. Uma súbita rajada de vento fez com que perdesse o equilíbrio, e caiu de joelhos.

Asha ajudou-o a ficar em pé.

– Também não consegue aguentar o vinho, irmão.

Theon apoiou-se no ombro dela e a deixou guiá-lo pelas tábuas escorregadias da chuva.

– Gostava mais de você quando era Esgred – disse-lhe acusadoramente.

Ela riu.

– É justo. Eu gostava mais de você quando era um menino de

nove anos.

Tyrion

O som suave da harpa vertical atravessava a porta, misturado com trinados de flauta. A voz do cantor era abafada pelas paredes espessas, mas Tyrion conhecia os versos. *Amei uma donzela bela como o verão*, recordou, *com a luz do sol nos cabelos*…

Naquela noite era Sor Meryn Trant quem guardava a porta da rainha. Seu resmungo de "Senhor" pareceu a Tyrion conter alguma má vontade, mas abriu a porta. A canção interrompeu-se abruptamente quando ele entrou no quarto de dormir da irmã.

Cersei estava reclinada numa pilha de almofadas. Tinha os pés descalços, os cabelos dourados cuidadosamente desordenados, e vestia um roupão de samito verde e dourado que capturava a luz das velas, e cintilou quando ela ergueu os olhos.

– Querida irmã – disse Tyrion –, como está bela esta noite – virou-se para o cantor: – E você também, primo. Não fazia ideia de que tivesse uma voz tão adorável.

O elogio deixou Sor Lancel carrancudo; talvez pensasse que estava sendo escarnecido. Parecia a Tyrion que o rapaz tinha crescido sete centímetros desde que fora armado cavaleiro. Lancel tinha cabelos espessos cor de areia, verdes olhos de Lannister e uma suave penugem loura sobre o lábio superior. Aos dezesseis anos, era amaldiçoado por todas as certezas da juventude, sem o tempero do menor traço de humor ou de autocrítica, e estava casado com a arrogância que enchia com tanta naturalidade aqueles que nasciam louros, fortes e bonitos. Sua recente ascensão social só o tinha deixado pior.

– Sua Graça mandou chamá-lo? – o rapaz exigiu saber.

– Que me lembre, não – Tyrion admitiu. – Dói-me perturbar seu divertimento, Lancel, mas acontece que tenho assuntos de importância a discutir com minha irmã.

Cersei o encarou com suspeita:

– Se veio aqui por causa daqueles irmãos suplicantes, Tyrion, poupe-me as suas censuras. Não aceitarei que espalhem pelas ruas suas imundas traições. Podem pregar uns aos outros nas masmorras.

– E têm sorte por terem uma rainha tão piedosa – Lancel acrescentou. – Eu teria arrancado suas línguas.

– Um deles até se atreveu a dizer que os deuses estavam nos punindo porque Jaime assassinou o legítimo rei – Cersei declarou. – Não suportarei mais isto, Tyrion. Dei-lhe ampla oportunidade para tratar destes piolhos, mas você e seu Sor Jacelyn não fizeram nada, portanto, ordenei que Vylarr tratasse do assunto.

– E foi o que ele fez – Tyrion ficara aborrecido quando os homens de manto vermelho arrastaram meia dúzia dos escabrosos profetas

para as masmorras sem consultá-lo, mas não eram suficientemente importantes para lutar por causa deles. – Sem dúvida ficaremos todos melhor com um pouco de sossego nas ruas. Não foi por isso que vim. Trago novas que sei estará desejosa por ouvir, querida irmã, mas é melhor que sejam dadas em particular.

– Muito bem – o harpista e o flautista fizeram reverências e apressaram-se a sair, enquanto Cersei beijava castamente o sobrinho na bochecha. – Deixe-nos, Lancel. Meu irmão é inofensivo quando está sozinho. Se tivesse trazido seus animais de estimação, conseguiríamos sentir o fedor deles.

O jovem cavaleiro dirigiu um olhar maligno ao primo e bateu com a porta ao sair.

– Quero que saiba que obriguei Shagga a tomar banho de quinze em quinze dias – disse Tyrion quando Lancel saiu.

– Está muito satisfeito consigo mesmo, não está? Por quê?

– E por que não? – Tyrion respondeu. Todos os dias, e todas as noites, ressoavam martelos na Rua do Aço, e a grande corrente crescia. Saltou para cima da grande cama de dossel. – Foi nesta cama que Robert morreu? Surpreende-me que a tenha mantido.

– Dá-me sonhos cor-de-rosa. Agora, cuspa o que tem a dizer e se bamboleie daqui para fora, Duende.

Tyrion sorriu.

– Lorde Stannis zarpou de Pedra do Dragão.

Cersei pôs-se em pé como uma mola.

– E você fica aí sorrindo como uma abóbora do dia das colheitas? Bywater já chamou a Patrulha da Cidade? Temos que enviar imediatamente uma ave para Harrenhal – Tyrion já estava rindo. Ela o agarrou pelos ombros e o sacudiu. – Pare com isso. Está louco, ou bêbado? *Pare com isso!*

Tyrion quase não conseguiu botar as palavras para fora.

– Não posso – arquejou. – É demais… deuses, é engraçado demais… Stannis…

– *O quê?*

– Ele não zarpou contra nós – finalmente Tyrion conseguiu dizer. – Montou cerco a Ponta Tempestade. Renly avança contra ele.

As unhas da irmã enterraram-se dolorosamente em seus braços. Por um momento fitou-o, incrédula, como se ele tivesse começado a tagarelar numa língua desconhecida.

– Stannis e Renly estão lutando *um contra o outro*? – quando Tyrion confirmou com a cabeça, Cersei começou a soltar risadinhas. – Que os deuses sejam bons – suspirou. – Começo a achar que Robert era o *inteligente* da família.

Tyrion jogou a cabeça para trás e desatou a gargalhar. Os dois riram juntos. Cersei arrancou-o da cama e rodopiou com ele, e até o

abraçou, por um momento, insensata como uma menina. Quando o largou, Tyrion estava sem fôlego e tonto. Cambaleou até o aparador e estendeu uma mão para se firmar.

– Crê que chegarão a travar uma batalha entre si? Se chegarem a algum acordo…

– Não chegarão – Tyrion afirmou. – São diferentes demais, e ao mesmo tempo muito parecidos, e nenhum jamais suportou o outro.

– E Stannis sempre se sentiu espoliado de Ponta Tempestade – Cersei disse, pensativa. – A sede ancestral da Casa Baratheon, legitimamente sua… Se soubesse quantas vezes foi até Robert para cantar essa canção tediosa naquele tom sombrio e ofendido que tem. Quando Robert deu o lugar a Renly, Stannis apertou tanto os dentes que pensei que fossem se estilhaçar.

– Encarou isso como uma desfeita.

– Foi pensado como uma desfeita – Cersei afirmou.

– Fazemos um brinde ao amor fraternal?

– Sim – ela respondeu, sem fôlego. – Oh, deuses, sim.

Estava de costas para ela enquanto enchia duas taças com tinto doce da Árvore. Foi a coisa mais fácil do mundo polvilhar a dela com uma pitada de pó fino.

– A Stannis! – ele exclamou ao entregar-lhe o vinho. *Quer dizer então que sou inofensivo quando estou sozinho?*

– A Renly! – ela respondeu, rindo. – Que batalhem longa e duramente, e que os Outros carreguem ambos!

Será esta a Cersei que Jaime vê? Quando sorria, via-se realmente como era bela. *Amei uma donzela bela como o verão, com a luz do sol nos cabelos*. Quase teve pena de envenená-la.

Foi na manhã seguinte, enquanto Tyrion tomava o desjejum, que o mensageiro dela chegou. A rainha sentia-se indisposta, e não seria capaz de sair de seus aposentos. *O mais certo é dizer que não será capaz de sair da latrina*. Tyrion soltou os ruídos apropriados de compreensão e mandou dizer a Cersei que ficasse descansada, ele trataria com Sor Cleos conforme tinham planejado.

O Trono de Ferro de Aegon, o Conquistador, era um emaranhado de farpas perigosas e dentes irregulares de metal à espera de qualquer tolo que tentasse se sentar com excessivo conforto, e os degraus enchiam suas pernas atrofiadas de cãibras enquanto subia, consciente demais do espetáculo absurdo que aquilo devia constituir. Mas havia uma coisa a dizer em seu favor. Era *alto*.

Guardas Lannister estavam a postos e em silêncio nos seus mantos carmesim e meios elmos encimados por leões. Os homens de manto dourado de Sor Jacelyn defrontavam-nos do outro lado do salão. Os degraus até o trono eram flanqueados por Bronn e Sor Preston, da Guarda Real. Os cortesãos enchiam a galeria, ao passo que os

suplicantes se aglomeravam perto das grandes portas de carvalho e bronze. Sansa Stark estava particularmente linda naquela manhã, embora seu rosto se mostrasse pálido como leite. Lorde Gyles tossia, enquanto o pobre primo Tyrek vestia sua capa de noivo de pele de esquilo e veludo. Desde seu casamento com a pequena Senhora Ermesande, três dias antes, os outros escudeiros tinham começado a chamá-lo de "Ama de Leite", perguntando-lhe que tipo de cueiros sua noiva usara na noite de núpcias.

Tyrion olhou todos de cima, e descobriu que gostava.

– Chamem Sor Cleos Frey – sua voz ressoou nas paredes de pedra e ao longo do salão. Também gostou disso. *Uma pena que Shae não possa estar aqui para ver isto*, refletiu. Ela pedira para vir, mas era impossível.

Sor Cleos fez a longa caminhada entre os homens de manto dourado e os de carmim, sem olhar para os lados. Quando se ajoelhou, Tyrion reparou que o primo estava perdendo o cabelo.

– Sor Cleos – disse Mindinho, da mesa do conselho –, tem os nossos agradecimentos por nos trazer esta oferta de paz de Lorde Stark.

O Grande Meistre Pycelle pigarreou:

– A Rainha Regente, a Mão do Rei e o pequeno conselho refletiram sobre os termos apresentados por este autoproclamado Rei do Norte. Infelizmente, eles não servirão, e você terá de dizer isso a esses nortenhos, sor.

– Eis os *nossos* termos – Tyrion anunciou. – Robb Stark deve baixar a espada, jurar lealdade e retornar a Winterfell. Deve libertar meu irmão, incólume, e colocar sua tropa sob o comando de Jaime, a fim de marchar contra os rebeldes Renly e Stannis Baratheon. Cada um dos vassalos dos Stark deverá nos enviar um filho como refém. Uma filha servirá quando não houver um filho. Serão bem tratados e receberão posições importantes aqui na corte, desde que seus pais não voltem a cometer traição.

Cleos Frey fez uma expressão agoniada:

– Senhor Mão, Lorde Stark nunca aceitará esses termos.

Nunca esperamos que os aceitasse, Cleos.

– Diga-lhe que recrutamos outra grande tropa em Rochedo Casterly, que em breve marchará sobre ele, vinda do oeste, enquanto o senhor meu pai avança do leste. Diga-lhe que está só, sem esperança de obter aliados. Stannis e Renly Baratheon guerreiam um contra o outro, e o Príncipe de Dorne consentiu em casar seu filho Trystane com a Princesa Myrcella – murmúrios de satisfação e consternação foram ouvidos na galeria e ao fundo do salão.

– E quanto ao assunto dos meus primos – prosseguiu Tyrion –, oferecemos Harrion Karstark e Sor Wylis Manderly por Willem

Lannister, e Lorde Cerwyn e Sor Donnal Locke por seu irmão Tion. Diga ao Stark que dois Lannister valem por quatro nortenhos em qualquer época – esperou que o riso morresse. – E receberá os ossos do pai de qualquer modo, em sinal de boa-fé de Joffrey.

– Lorde Stark pediu também as irmãs e a espada do pai – recordou-lhe Sor Cleos.

Sor Ilyn Payne estava mudo, com o cabo da espada de Eddard Stark espreitando por sobre um ombro.

– Gelo – Tyrion confirmou. – Ele a receberá quando fizer a paz conosco, nunca antes.

– Às suas ordens. E as irmãs?

Tyrion olhou Sansa de relance, e sentiu uma ferroada de piedade enquanto falava:

– Até que liberte meu irmão Jaime, incólume, permanecerão aqui como reféns. O modo como serão tratadas depende dele – *e se os deuses forem bondosos, Bywater encontrará Arya viva, antes que Robb fique sabendo que ela desapareceu.*

– Levarei sua mensagem até eles, senhor.

Tyrion segurou uma das lâminas retorcidas que se projetavam dos braços do trono. *E agora, o ataque.*

– Vylarr – ele chamou.

– Senhor.

– Os homens que Stark enviou são suficientes para proteger os ossos de Lorde Eddard, mas um Lannister deve ter uma escolta digna do nome – Tyrion declarou. – Sor Cleos é primo da rainha, e também meu. Dormiremos mais tranquilos se o levasse em segurança até Correrrio.

– Às suas ordens. Quantos homens devo levar?

– Ora, todos!

Vylarr ficou imóvel, como um homem feito de pedra. Foi Grande Meistre Pycelle quem se ergueu, arquejando:

– Senhor Mão, isso não pode… Seu pai, o próprio Lorde Tywin, enviou esses bons homens para a nossa cidade, a fim de proteger a Rainha Cersei e os seus filhos…

– A Guarda Real e a Patrulha da Cidade protegem-nos suficientemente bem. Que os deuses apressem a sua viagem, Vylarr.

Na mesa do conselho, Varys sorria, com ar sabedor, Mindinho fingia enfado, e Pycelle abria a boca como um peixe, pálido e confuso. Um arauto avançou.

– Se algum homem tem outros assuntos a colocar à Mão do Rei, que fale agora ou mantenha o silêncio.

– *Eu* serei ouvido – um homem esbelto, todo vestido de negro, abriu caminho por entre os gêmeos Redwyne.

– Sor *Alliser!* – Tyrion exclamou. –Ah, não fazia ideia de que tinha

vindo à corte. Deveria ter me enviado uma nota.

– Foi o que fiz, como o senhor bem sabe – Thorne era tão espinhoso como seu nome, um homem seco, de feições angulosas, com cinquenta anos, de olhos e mãos duros, com o cabelo preto rajado de cinza. – Fui evitado, ignorado e deixado à espera como se fosse um criado plebeu qualquer.

– É verdade? Bronn, isto não está certo. Sor Alliser e eu somos velhos amigos. Percorremos juntos a Muralha.

– Querido Sor Alliser – Varys murmurou –, não deve pensar muito mal de nós. Há tantos que procuram a graça do nosso Joffrey nestes tempos conturbados.

– Mais conturbados do que imagina, eunuco.

– Na frente dele chamamos de *Lorde* Eunuco – gracejou Mindinho.

– Como podemos ajudá-lo, bom irmão? – perguntou Grande Meistre Pycelle num tom de voz apaziguador.

– O Senhor Comandante enviou-me à Sua Graça, o rei – Thorne respondeu. – O assunto é grave demais para ser deixado a criados.

– O rei está brincando com sua nova besta – Tyrion disse. Ver-se livre de Joffrey tinha custado apenas uma desajeitada besta de Myr que disparava três projéteis de uma só vez, e o rei não quis saber de mais nada até ir experimentá-la de imediato. – Pode falar aos criados ou manter-se em silêncio.

– Como quiser – Sor Alliser concordou, mostrando desagrado em cada palavra. – Fui enviado para lhes dizer que encontramos dois patrulheiros, há muito desaparecidos. Estavam mortos, mas quando trouxemos os cadáveres para a Muralha, voltaram a se levantar na noite. Um deles matou Sor Jaremy Rykker, enquanto o segundo tentou assassinar o Senhor Comandante.

A distância, Tyrion ouviu o riso abafado de alguém. *Pretende caçoar de mim com esta loucura?* Mexeu-se, incomodado, no trono, e lançou um olhar para Varys, para Mindinho e para Pycelle, perguntando a si mesmo se algum deles desempenhara algum papel naquilo. Um anão conseguia, no máximo, segurar a dignidade de forma tênue. Se a corte e o reino começassem a rir dele, estava condenado. E, no entanto… no entanto…

Tyrion lembrou-se de uma noite fria sob as estrelas, quando parou com o rapaz Jon Snow e um grande lobo branco no topo da Muralha no fim do mundo, olhando a escuridão sem trilhos que se estendia adiante. Sentira… o quê?... *algo*, certamente, um pavor que cortava como aquele vento gelado do norte. Um lobo tinha uivado na noite, e o som dera-lhe arrepios.

Não seja tonto, disse a si mesmo. *Um lobo, um vento, uma floresta escura, não queriam dizer nada. E, no entanto*… Tinha simpatizado com o velho Jeor Mormont durante o tempo que passara em Castelo Negro.

– Confio que o Velho Urso sobreviveu a esse ataque?

– Sobreviveu.

– E que seus irmãos mataram estes, ah, mortos?

– Matamos.

– Estão certos de que desta vez estão mortos? – Tyrion perguntou num tom suave. Quando Bronn engasgou, estrangulando uma gargalhada, compreendeu como devia agir. – Mortos, mortos mesmo?

– Estavam mortos da primeira vez – Sor Alliser exclamou. – Pálidos e frios, com mãos e pés negros. Trouxe a mão de Jared, arrancada do seu cadáver pelo lobo do bastardo.

Mindinho deu sinal de vida.

– E onde está essa encantadora lembrança?

Sor Aliser franziu a testa, com desconforto.

– Ela… desfez-se em pedaços, podre, enquanto eu esperava sem ser ouvido. Nada resta para mostrar, a não ser ossos.

Risos abafados ecoaram pelo salão.

– Lorde Baelish – disse Tyrion a Mindinho –, compre para o nosso bravo Sor Alliser uma centena de pás para levar consigo de volta à Muralha.

– Pás? – Sor Alliser estreitou os olhos com suspeita.

– Se *enterrar* seus mortos, eles não ficarão andando por aí – disse-lhe Tyrion, e a corte riu abertamente. – Pás, com algumas costas fortes para manejá-las, darão fim aos seus problemas. Sor Jacelyn, deixe o bom irmão escolher os homens que quiser nas masmorras da cidade.

Sor Jacelyn Bywater respondeu:

– Como quiser, senhor, mas as celas estão quase vazias. Yoren levou todos os homens adequados.

– Então prenda mais alguns – disse-lhe Tyrion. – Ou espalhe a notícia de que há pão e nabos na Muralha, e eles irão por vontade própria – a cidade tinha bocas demais para alimentar, e a Patrulha da Noite, uma perpétua necessidade de homens. Ao sinal de Tyrion, o arauto anunciou o fim da audiência, e o salão começou a se esvaziar.

Sor Alliser Thorne não era mandado embora com tanta facilidade. Estava à espera, na base do Trono de Ferro, quando Tyrion desceu.

– Acha que fiz toda a viagem de Atalaialeste do Mar para ser ridicularizado por gente como você? – esbravejou, bloqueando a passagem. – Isto não é nenhuma brincadeira. Vi-os com meus próprios olhos. E repito: os mortos caminham.

– Devia tentar matá-los mais completamente – Tyrion abriu caminho para passar. Sor Alliser fez um gesto para agarrar sua manga, mas Preston Greenfield afastou-o com um empurrão.

– Mais perto, não, sor.

Thorne tinha suficiente bom-senso para não desafiar um cavaleiro da Guarda Real.

– É um tolo, Duende – gritou para as costas de Tyrion.

Tyrion virou-se para encará-lo.

– Eu? Verdade? Então, por que eles estavam rindo de você? – deu um sorriso triste. – Veio em busca de homens, não foi?

– Os ventos frios se levantam. A Muralha tem de ser defendida.

– E para defendê-la precisam de homens, que eu lhes dei… Como talvez tivesse notado, se suas orelhas ouvissem algo mais que insultos. Leve-os, agradeça-me, e desapareça antes que eu seja forçado a enfrentá-lo outra vez com um garfo para caranguejos. Dê meus melhores cumprimentos a Lorde Mormont… e também a Jon Snow – Bronn agarrou Sor Alliser pelo cotovelo e o tirou à força do salão.

Grande Meistre Pycelle já tinha corrido para fora do salão, mas Varys e Mindinho observaram tudo, do princípio ao fim.

– Cada vez o admiro mais, senhor – confessou o eunuco. – Apazigua o rapaz Stark com os ossos do pai e priva sua irmã dos seus protetores de um só golpe rápido. Dá àquele irmão negro os homens de que necessita, livrando a cidade de algumas bocas famintas, e faz com que tudo pareça troça para que ninguém diga que o anão teme os *snarks* e os gramequins. Oh, muito hábil.

Mindinho afagou a barba.

– Pretende mesmo mandar todos os seus guardas embora, Lannister?

– Não, pretendo mandar embora todos os guardas *da minha irmã*.

– A rainha nunca permitirá tal coisa.

–Ah, penso que talvez permita. Eu *sou* seu irmão, e quando me conhecer melhor, saberá que sou sempre sincero naquilo que digo.

– Mesmo nas mentiras?

– *Especialmente* nas mentiras. Lorde Petyr, sinto que está descontente comigo.

– Gosto tanto de você como sempre gostei, senhor. Embora não aprecie que me façam de bobo. Se Myrcella se casar com Trystane Martell, dificilmente poderá se casar com Robert Arryn, não é mesmo?

– Não sem causar um grande escândalo – admitiu. – Lamento meu pequeno estratagema, Lorde Petyr, mas, quando conversamos, não tinha como saber que os homens de Dorne aceitariam minha oferta.

Aquilo não apaziguou Mindinho.

– Não gosto que mintam para mim, senhor. Deixe-me fora do seu próximo logro.

Só se você fizer o mesmo comigo, pensou Tyrion, olhando de relance o punhal embainhado junto ao quadril de Mindinho.

– Se o ofendi, lamento profundamente. Todos sabem quanto o apreciamos, senhor. E quanto precisamos do senhor.

– Tente se lembrar disso – com aquelas palavras, Mindinho os deixou.

– Venha comigo, Varys – disse Tyrion. Saíram pela porta do rei, por detrás do trono, com os chinelos do eunuco raspando levemente na pedra.

– Lorde Baelish tem razão, sabia? A rainha nunca permitirá que mande embora sua guarda.

– Permitirá. O senhor vai cuidar disso.

Um sorriso tremeluziu nos lábios fartos de Varys.

– Ah, sim?

– Oh, com certeza. Dirá que faz parte do meu plano para libertar Jaime.

Varys afagou uma bochecha empoada.

– Isto envolverá, sem dúvida, os quatro homens que o seu Bronn procurou com tanta diligência em todos os lugares de má fama de Porto Real. Um ladrão, um envenenador, um pantomimeiro e um assassino.

– Enfie-os em manto carmesim e elmos com leões, e não parecerão nada diferentes dos outros guardas. Procurei durante algum tempo por um estratagema que pudesse introduzi-los em Correrrio antes de me lembrar de escondê-los à vista de todos. Entrarão pelo portão principal, exibindo estandartes Lannister e escoltando os ossos de Lorde Eddard – Tyrion deu um sorriso torto. – Quatro homens sós seriam bem vigiados. Quatro, no meio de uma centena, podem se perder. Por isso preciso mandar os guardas verdadeiros com os falsos… O que você dirá à minha irmã.

– E pelo seu amado irmão, ela consentirá, apesar das desconfianças – os dois caminhavam por uma colunata deserta. – Apesar disso, a perda de seus homens de manto vermelho certamente irá deixá-la inquieta.

– Gosto dela inquieta – Tyrion respondeu.

Sor Cleos Frey partiu naquela mesma tarde, escoltado por Vylarr e cem guardas Lannister de manto vermelho. Os homens que Robb Stark enviara juntaram-se a eles no Portão do Rei, para a longa viagem rumo ao oeste.

Tyrion encontrou Timett na caserna, jogando dados com seus Homens Queimados.

– Venha ao meu aposento privado à meia-noite.

Timett lançou-lhe um olhar duro e zarolho, e um pequeno aceno com a cabeça. Não era homem de longos discursos.

Naquela noite, Tyrion banqueteou-se com os Corvos de Pedra e os Irmãos da Lua no Salão Pequeno, embora por uma vez tenha evitado o vinho. Queria se manter na posse de todas as suas faculdades.

– Shagga, em que lua estamos?

O franzir da testa de Shagga era uma coisa feroz.

– Negra, acho eu.

– No oeste, chamam de lua do traidor. Tente não se embebedar muito esta noite, e garanta que seu machado esteja afiado.

– O machado de um Corvo de Pedra está sempre afiado, e os machados de Shagga são os mais afiados de todos. Uma vez cortei a cabeça de um homem, mas ele só soube quando tentou escovar o cabelo. Porque, então, a cabeça caiu.

– É por isso que nunca escova o seu? – os Corvos de Pedra rugiram gargalhadas e bateram os pés, com Shagga fazendo mais barulho do que todos os outros.

À meia-noite, o castelo estava silencioso e escuro. Certamente alguns homens de manto dourado nas muralhas viram-no saindo da Torre da Mão, mas ninguém ergueu a voz. Ele era a Mão do Rei, e aonde ia era assunto seu.

A fina porta de madeira quebrou-se com um *crac* trovejante sob o salto da bota de Shagga. Pedaços voaram para dentro, e Tyrion ouviu um arquejo feminino de medo. Shagga desfez a porta com três poderosos golpes do seu machado e abriu caminho a chutes por entre as ruínas. Timett o seguiu, e depois entrou Tyrion, caminhando com cuidado por entre as lascas de madeira. A lareira tinha ardido até restarem apenas alguns carvões em brasa, e as sombras no quarto de dormir eram pesadas. Quando Timett arrancou as pesadas cortinas da cama, a criada nua sentou-se com grandes olhos brancos.

– Por favor, senhores – suplicou –, não me façam mal – afastou-se de Shagga, corada e temerosa, tentando cobrir seus encantos com as mãos, mas faltando-lhe uma.

– Vá – disse-lhe Tyrion. – Não é você que queremos.

– Shagga quer esta mulher.

– Shagga quer todas as putas desta cidade de putas – queixou-se Timett, filho de Timett.

– Sim – disse Shagga, impassível. – Shagga dava-lhe um filho forte.

– Se ela quiser um filho forte, saberá quem procurar – Tyrion interveio. – Timett, leve-a lá para fora… com gentileza, por favor.

O Homem Queimado puxou a moça da cama e quase a arrastou pelo aposento. Shagga ficou vendo-os partir, desolado como um cachorrinho. A moça tropeçou na porta estilhaçada, e saiu para o átrio, ajudada por um empurrão firme de Timett. Por cima de sua cabeça, os corvos crocitavam.

Tyrion arrancou o macio cobertor da cama, descobrindo o Grande Meistre Pycelle.

– Diga-me, a Cidadela aprova que se deite com as moças de servir, meistre?

O velho estava tão nu como a moça, embora fosse uma visão marcadamente menos atraente. Por uma vez, seus olhos de pálpebras

pesadas estavam escancarados.

– Q-que significa isto? Sou um velho, seu servo leal…

Tyrion içou-se para cima da cama.

– Tão leal que enviou apenas uma de minhas cartas a Doran Martell. A outra entregou à minha irmã.

– N-não – Pycelle guinchou. – Não, é uma falsidade, juro, não fui eu. Varys, foi Varys, a Aranha, eu avisei…

– Será que todos os meistres mentem tão mal assim? Eu disse a Varys que ia dar ao Príncipe Doran meu sobrinho Tommen para criar. Disse a Mindinho que planejava casar Myrcella com Lorde Robert no Ninho da Águia. Não disse a ninguém que tinha oferecido Myrcella aos Dorne… Essa verdade encontrava-se apenas na carta que confiei *ao senhor*.

Pycelle agarrou-se a um canto do cobertor.

– As aves se perdem, as mensagens são roubadas ou vendidas… Foi Varys. Há coisas que poderia lhe dizer sobre esse eunuco que gelariam seu sangue…

– Minha senhora prefere meu sangue quente.

– Não se iluda, para cada segredo que o eunuco murmura ao seu ouvido, retém sete. E Mindinho, esse…

– Sei tudo sobre Lorde Petyr. É quase tão indigno de confiança quanto você. Shagga, corte seu membro viril e o dê às cabras.

Shagga levantou o enorme machado de lâmina dupla.

– Não há cabras, Meio Homem.

– Vire-se com o que houver.

Rugindo, Shagga saltou. Pycelle soltou um guincho e molhou a cama, fazendo a urina jorrar em todas as direções quando tentou se encolher e ficar fora de alcance. O selvagem o agarrou pela ponta da revolta barba branca e cortou três quartos dela com um único golpe de machado.

– Timett, acha que nosso amigo será mais cooperativo sem essa barba atrás da qual se esconde? – Tyrion usou um pedaço do lençol para limpar a urina das botas.

– Ele vai contar a verdade em breve – a escuridão enchia o poço vazio do olho queimado de Timett. – Consigo cheirar o fedor do seu medo.

Shagga atirou um punhado de cabelo nas esteiras, e agarrou a barba que restava.

– Fique quieto, meistre – Tyrion pediu. – Quando Shagga se irrita, suas mãos tremem.

– As mãos de Shagga nunca tremem – ecoou o enorme homem num tom indignado, empurrando a grande lâmina em forma de crescente contra o queixo trêmulo de Pycelle e cortando mais um emaranhado de pelos.

– Há quanto tempo espiona para minha irmã? – Tyrion perguntou.

A respiração de Pycelle era rápida e superficial:

– Tudo o que fiz foi pela Casa Lannister – uma película de suor cobria a larga cúpula da cabeça do velho, e madeixas de cabelo branco aderiam à sua pele enrugada. – Sempre… durante anos… o senhor seu pai, pergunte-lhe, fui sempre seu servo fiel… fui eu quem pediu a Aerys para abrir os portões…

Aquilo pegou Tyrion de surpresa. Não era mais do que um menino feio em Rochedo Casterly quando a cidade caiu.

– Então o Saque de Porto Real também foi obra sua?

– Pelo reino! Uma vez morto Rhaegar, a guerra estava terminada. Aerys era louco; Viserys, novo demais; Príncipe Aegon, um bebê de colo, mas o reino necessitava de um rei… Rezei para que fosse seu pai, mas Robert era forte demais, e Lorde Stark movimentou-se muito depressa…

– Pergunto a mim mesmo quantos já traiu. Aerys, Eddard Stark, eu… Rei Robert também? Lorde Arryn, Príncipe Rhaegar? Onde começa, Pycelle? – Tyrion *sabia* onde acabava.

O machado arranhou o pomo de adão de Pycelle e atingiu a suave pele trêmula sob o queixo, raspando os últimos pelos.

– Você… não estava aqui – o homem arquejou quando a lâmina subiu até suas bochechas. – Robert… os seus ferimentos… se os tivesse visto e cheirado, não teria nenhuma dúvida…

– Ah, eu sei que o javali fez o trabalho por você… mas se o animal tivesse deixado o trabalho meio feito, sem dúvida você o teria terminado.

– Ele era um rei deplorável… fútil, bêbado, libertino… Teria posto sua irmã de lado, sua própria rainha… Por favor… Renly estava conspirando para trazer a donzela de Jardim de Cima para a corte, para seduzir o irmão… É a verdade dos deuses…

– E o que conspirava Lorde Arryn?

– Ele *sabia* – Pycelle começou a responder. – Que… que…

– Eu sei o que ele sabia – Tyrion o interrompeu, sem muita vontade que Shagga e Timett também descobrissem.

– Ele ia enviar a esposa de volta para o Ninho da Águia, e o filho para ser criado em Pedra do Dragão… Pretendia agir…

– Portanto, envenenou-o primeiro.

– *Não*.

Pycelle debateu-se debilmente. Shagga rosnou e agarrou-o pela cabeça. A mão do homem dos clãs era tão grande que podia ter esmagado o crânio do meistre como uma casca de ovo. Tyrion deu um estalido com a língua.

– Eu vi as lágrimas de Lys entre as suas poções. Mandou embora o

meistre de Lorde Arryn e cuidou dele em pessoa, para que pudesse se assegurar de que morria.

– Uma falsidade!

– Barbeie-o melhor – sugeriu Tyrion. – De novo a garganta.

O machado voltou a descer, raspando a pele. Uma fina película de cuspe borbulhou nos lábios de Pycelle quando sua boca tremeu.

– Tentei salvar Lorde Arryn. Juro…

– Cuidado, Shagga, você o cortou.

Shagga soltou um rosnado.

– Dolf gerou guerreiros, não barbeiros.

Quando sentiu o sangue escorrer pelo pescoço e para o peito, o velho estremeceu e as últimas forças o abandonaram. Parecia encolhido, menor e mais frágil do que quando caíram sobre si.

– Sim – choramingou –, sim. Colemon o estava purgando, e por isso mandei-o embora. A rainha precisava de Lorde Arryn morto, ela não disse em palavras, não podia, Varys estava ouvindo, sempre ouvindo, mas quando a olhei, compreendi. Mas não fui eu quem lhe deu o veneno, juro – o velho desatou a chorar. – Varys dirá, foi o rapaz, o escudeiro, chamava-se Hugh, deve ter sido ele, certamente, pergunte à sua irmã, pergunte.

Tyrion sentiu-se repugnado.

– Amarre-o e o leve daqui – ordenou. – Atire-o em uma das celas negras.

Arrastaram-no pela porta estilhaçada.

– Lannister – gemeu o velho –, tudo o que fiz foi pelos Lannister.

Depois que ele saiu, Tyrion calmamente fez uma busca nos aposentos e recolheu mais alguns pequenos frascos das prateleiras. Os corvos resmungavam por cima de sua cabeça enquanto trabalhava, um ruído estranhamente pacífico. Precisaria encontrar alguém para cuidar das aves até que a Cidadela enviasse um homem para substituir Pycelle.

Era nele que eu esperava confiar. Suspeitava que Varys e Mindinho não eram mais leais, apenas mais sutis, e por isso mais perigosos. O jeito do pai talvez tivesse sido o melhor: chamar Ilyn Payne, montar três cabeças sobre os portões e encerrar o assunto. *E não seria essa uma bela visão?*, pensou.

Arya

O *medo corta mais profundamente do que as espadas*, dizia Arya a si mesma, mas aquilo não fazia com que a sensação de temor desaparecesse. Fazia tanto parte dos seus dias como pão bolorento e as bolhas nos pés, depois de um longo dia de caminhada pela estrada dura e sulcada.

Achava que sabia o que era estar assustada, mas tinha aprendido melhor naquele armazém junto ao Olho de Deus. Permaneceu lá oito dias antes de a Montanha dar a ordem de marcha, e todos os dias viu alguém morrer.

A Montanha chegava ao armazém depois do desjejum e escolhia um dos prisioneiros para interrogatório. As pessoas da aldeia não o olhavam. Talvez pensassem que se não o vissem, ele não as veria… Mas via-as de qualquer jeito, e escolhia quem quisesse. Não havia esconderijos, não havia truques a usar, não havia como estar a salvo.

Uma moça dividiu a cama com um soldado durante três noites consecutivas; a Montanha a escolheu no quarto dia, e o soldado nada disse.

Um velho sorridente remendava suas roupas e tagarelava a respeito do filho que estaria a serviço dos mantos dourados em Porto Real.

– É um homem do rei, ah, pois é – dizia –, um bom homem do rei como eu, todo por Joffrey – dizia isso com tanta frequência que os outros cativos começaram a chamá-lo de Todo-por-Joffrey sempre que os guardas não estavam ouvindo. Todo-por-Joffrey foi escolhido no quinto dia.

Uma jovem mãe com o rosto marcado pela varíola tinha se oferecido para lhes contar voluntariamente tudo o que sabia se prometessem não fazer mal à sua filha. A Montanha a ouviu, e, na manhã seguinte, escolheu a filha, para se assegurar de que a mulher não tinha guardado nada para si.

Os escolhidos eram interrogados à vista dos outros prisioneiros, para que estes vissem o destino reservado aos rebeldes e traidores. Um homem a que os outros chamavam Cócegas fazia as perguntas. Tinha um rosto tão comum e trajes tão simples, que Arya podia ter achado que fosse um dos aldeãos antes de vê-lo trabalhando.

– O Cócegas os faz uivar tanto que se mijam – falara-lhe o velho corcunda Chiswyck. Era o homem que ela tentara morder, aquele que dissera que ela era feroz, e esmagara um punho revestido de cota de malha na sua cabeça. Às vezes ajudava o Cócegas. Às vezes eram outros a fazê-lo. O próprio Sor Gregor Clegane ficava em pé, imóvel, observando e escutando, até a vítima morrer.

As perguntas eram sempre as mesmas. Havia ouro escondido na aldeia? Prata, pedras preciosas? Havia mais comida? Onde estava Lorde Beric Dondarrion? Qual dos moradores da aldeia o tinha ajudado? Quando ele partiu, para que lado tinha ido? Quantos homens estavam com ele? Quantos cavaleiros, quantos arqueiros, quantos homens de armas? Como estavam armados? Quantos estavam montados? Quantos estavam feridos? Que outros inimigos tinham visto? Quantos? Quando? Que estandartes hasteavam? Para onde tinham ido? Havia ouro escondido na aldeia? Prata, pedras preciosas? Onde estava Lorde Beric Dondarrion? Quantos homens estavam com ele? Pelo terceiro dia, Arya já poderia ela mesma fazer as perguntas.

Encontraram um pouco de ouro, um pouco de prata, uma grande saca de moedas de cobre, e uma taça chanfrada incrustada de granadas, pela qual dois soldados quase chegaram às vias de fato. Ficaram sabendo que Lorde Beric tinha consigo dez mortos de fome, ou então uma centena de cavaleiros montados; que tinha partido para o Oeste, ou para o Norte, ou para o Sul; que tinha atravessado o lago num barco; que estava forte como um auroque, ou fraco por causa do sangue que perdera. Ninguém sobrevivia aos interrogatórios do Cócegas; fossem homens, mulheres ou crianças. Os mais fortes duravam até depois do cair da noite. Seus corpos eram pendurados para lá das fogueiras, para os lobos.

Quando se puseram em marcha, Arya sabia que não era nenhuma dançarina de água. Syrio Forel nunca teria permitido que o derrubassem e roubassem sua espada, nem ficaria sem ação enquanto matavam Lommy Mãos-Verdes. Syrio nunca teria ficado sentado, em silêncio, naquele armazém, nem teria se arrastado docilmente por entre os outros cativos. O lobo gigante era o símbolo dos Stark, mas Arya sentia-se mais como uma ovelha, rodeada por uma manada de outras iguais. Odiava os aldeãos por sua falta de coragem, quase tanto quanto odiava a si mesma.

Os Lannister tinham lhe roubado tudo: pai, amigos, casa, esperança, coragem. Um roubara-lhe a Agulha, enquanto o outro quebrara sua espada de madeira no joelho. Tinham até lhe tirado o estúpido segredo. O armazém era suficientemente grande para ela se esgueirar até um canto qualquer e urinar quando ninguém estivesse olhando, mas na estrada era diferente. Aguentou-se o máximo que pôde, mas, por fim, teve de se acocorar perto de um arbusto e abaixar as calças na frente de todo mundo. Era isso, ou molhar-se toda. Torta Quente ficou de boca aberta, olhando para ela com grandes olhos de lua, mas ninguém mais se incomodou. Ovelha menina ou ovelha menino, Sor Gregor e seus homens não pareciam se importar.

Os captores não autorizavam conversas. Um lábio rachado ensinou Arya a dominar a língua. Outros não chegaram a aprender.

Um garoto de um grupo de três não parava de chamar pelo pai, e esmagaram sua cabeça com uma maça de guerra. Então, a mãe do garoto desatou a gritar, e Raff, o Querido, a matou também.

Arya os viu morrer, e não fez nada. De que servia ter coragem? Uma das mulheres escolhidas para o interrogatório tentou ter coragem, mas morreu aos gritos como todos os outros. Não havia gente de coragem naquela marcha, só gente assustada e faminta. A maioria era de mulheres e crianças. Os poucos homens eram muito velhos ou muito novos; o resto tinha sido acorrentado àquele cadafalso e abandonado aos lobos e aos corvos. Gendry só foi poupado porque admitira ter sido ele quem forjou o elmo dos chifres; ferreiros, e até aprendizes de ferreiro, eram valiosos demais para matar.

A Montanha disse-lhes que estavam sendo levados para servir a Lorde Tywin Lannister em Harrenhal.

– São traidores e rebeldes, por isso agradeçam aos deuses que Lorde Tywin esteja lhes dando essa oportunidade. É mais do que obteriam dos foras da lei. Obedeçam, sirvam, e sobreviverão.

– Não é justo, não é – ouviu uma velha mirrada queixar-se a outra depois de se deitarem à noite. – Não cometemos traição nenhuma, os outros vieram e levaram o que quiseram, tal como estes.

– Mas Lorde Beric não nos fez mal nenhum – sussurrou a amiga. – E aquele sacerdote vermelho que vinha com ele pagou por tudo o que levaram.

– Pagou? Levou duas das minhas galinhas e me deu um pedaço de papel com uma marca nele. Pergunto a você: posso comer um pedaço de papel esfarrapado? Bota ovos, o papel? – olhou em volta para ver se não havia guardas por perto, e cuspiu três vezes: – Isto é para os Tully, isto é para os Lannister, e isto é para os Stark.

– É um pecado e uma pena – sibilou um velho. – Quando o velho rei ainda estava vivo, não teria admitido isso.

– Rei Robert? – Arya perguntou, quebrando sua reserva.

– O Rei Aerys, que os deuses o tenham – o velho respondeu, alto demais. Um guarda se aproximou vagarosamente a fim de calá-los. O velho perdeu ambos os dentes que tinha, e não houve mais conversas naquela noite.

Além dos cativos, Sor Gregor levava também uma dúzia de porcos, uma gaiola de galinhas, uma vaca leiteira esquelética e nove carroças de peixe salgado. A Montanha e seus homens tinham cavalos, mas os cativos iam todos a pé, e aqueles fracos demais para caminhar eram imediatamente mortos, assim como quem fosse suficientemente tolo para tentar fugir. Os guardas levavam mulheres para os arbustos, à noite, e a maior parte parecia esperar isso, e os acompanhava com bastante docilidade. Uma moça, mais bonita do que as outras, era obrigada a ir com quatro ou cinco homens diferentes todas as noites,

até que acabou batendo num deles com uma pedra. Sor Gregor obrigou todo mundo a assistir enquanto cortava sua cabeça com um golpe da sua imensa espada longa de duas mãos.

– Deixe o corpo para os lobos – ele ordenou quando terminou, entregando a espada para o escudeiro limpar.

Arya deu uma olhada de canto de olho em Agulha, embainhada no quadril de um homem de armas de barba negra, mas careca, chamado Polliver. *É bom que a tenham levado*, pensou. De outra forma, teria tentado espetá-la em Sor Gregor, que teria cortado Arya ao meio, e os lobos também a comeriam.

Polliver não era tão mau como alguns dos outros, apesar de ter roubado sua Agulha. Na noite em que foi capturada, os homens Lannister tinham sido estranhos sem nome, com rostos tão iguais uns aos outros como sua proteção de nariz, mas Arya acabou por conhecer todos. Era preciso saber quem era preguiçoso e quem era cruel, quem era inteligente e quem era burro. Era preciso saber que, muito embora aquele a quem chamavam Boca de Merda tivesse a língua mais suja que ela já ouvira, lhe dava uma porção extra de pão se lhe pedisse, enquanto o velho brincalhão do Chiswyck e Raff das falinhas mansas só lhe dariam as costas da mão.

Arya observava e escutava, e polia seus ódios como Gendry antes polira seu elmo chifrudo. Dunsen agora usava esses cornos de touro, e ela o odiava por isso. Odiava Polliver pela Agulha, e o velho Chiswyck, que se achava engraçado. E odiava ainda mais Raff, o Querido, que espetara a lança na garganta de Lommy. Odiava Sor Amory Lorch por causa de Yoren, e Sor Meryn Trant por Syrio, o Cão de Caça, por ter matado o filho do açougueiro, Mycah. Sor Ilyn, o Príncipe Joffrey e a rainha por causa do pai, do Gordo Tom, de Desmond e dos outros, e até por Lady, o lobo de Sansa. Cócegas era quase assustador demais para se odiar. Às vezes, quase conseguia se esquecer de que ele ainda os acompanhava; quando não fazia perguntas, era apenas mais um soldado, mais calmo do que a maioria, com um rosto igual ao de mil outros homens.

Todas as noites, Arya dizia seus nomes.

– Sor Gregor – sussurrava para sua almofada de pedra. – Dunsen, Polliver, Chiswyck, Raff, o Querido. Cócegas e Cão de Caça. Sor Amory, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei – em Winterfell, Arya rezava com a mãe no septo e com o pai no bosque sagrado, mas não havia deuses na estrada para Harrenhal, e os nomes eram a única oração que se importava de lembrar.

Marchavam todos os dias, e ela dizia os nomes todas as noites, até que, finalmente, as árvores se tornaram menos densas e deram lugar a uma paisagem colorida de colinas onduladas, meandros de rios e campos de cultivo iluminados pelo sol, onde as cascas de castros

queimados se erguiam negras como dentes apodrecidos. Mais um longo dia de marcha, e vislumbraram as torres de Harrenhal a distância, sólidas junto às águas azuis do lago.

Os cativos diziam uns aos outros que as coisas seriam melhores quando chegassem a Harrenhal, mas Arya não tinha tanta certeza. Lembrava-se das histórias da Velha Ama sobre o castelo construído sobre medo. Harren, o Negro, misturara sangue humano na argamassa, costumava dizer a Ama, abaixando tanto a voz que as crianças tinham de se inclinar para a frente para ouvir, mas os dragões de Aegon tinham assado Harren e todos os seus filhos dentro de suas grandes muralhas de pedra. Arya mordia o lábio enquanto avançava sobre pés tornados duros pelos calos. Disse a si mesma que não demoraria muito mais tempo; aquelas torres não podiam estar a mais de algumas milhas de distância.

Mas caminharam o dia inteiro e a maior parte do seguinte até que, por fim, chegaram às franjas do exército de Lorde Tywin, acampado a oeste do castelo, por entre os restos calcinados de uma vila. Por ser tão *enorme*, Harrenhal enganava quando visto de longe. Sua colossal muralha exterior erguia-se junto ao lago, a pique e súbita como penhascos de montanha, enquanto no topo de suas ameias as fileiras de balistas de madeira e ferro pareciam pequenas, como escorpiões.

O fedor da tropa dos Lannister chegou a Arya bem antes de ela conseguir distinguir os símbolos nos estandartes que germinavam ao longo da margem do lago, no topo dos pavilhões dos homens do oeste. Pelo cheiro, Arya poderia dizer que Lorde Tywin já estava ali havia algum tempo. As latrinas que cercavam o acampamento transbordavam e enchiam-se de moscas, e ela viu uma tênue penugem esverdeada em muitas das estacas que protegiam os perímetros.

A guarita de Harrenhal, tão grande quanto a Grande Fortaleza de Winterfell, era tão marcada quanto imensa, com pedras fissuradas e descoloridas. Do lado de fora, só era possível ver o topo de cinco imensas torres do outro lado da muralha. A menor era vez e meia mais alta do que a mais alta torre de Winterfell, mas não se projetavam como uma torre devia se projetar. Arya pensou que pareciam os dedos deformados e nodosos de um velho tentando agarrar uma nuvem passageira. Lembrou da Ama contando como a pedra derretera e fluíra pelos degraus e para dentro das janelas, como cera de uma vela, brilhando num vermelho soturno de brasa enquanto procurava Harren no seu esconderijo. Arya conseguia acreditar em cada palavra; cada torre era mais grotesca e deformada do que a anterior, grumosa, escorrida e rachada.

– Não quero entrar ali – guinchou Torta Quente quando Harrenhal lhes abriu os portões. – Há fantasmas lá dentro.

Chiswyck ouviu, mas, para variar, limitou-se a sorrir.

– Pequeno pasteleiro, eis a sua escolha. Junte-se aos fantasmas ou se transformará em um.

Torta Quente entrou com todos os outros.

Na casa de banhos cheia de ecos, feita de pedra e madeira, os cativos foram despidos e obrigados a escovar-se e raspar-se em banheiras cheias de água escaldante, até ficarem com a pele em carne viva. Duas velhas ferozes supervisionavam o processo, discutindo sem-cerimônia o que fariam com eles, como se fossem burros recém-comprados. Quando chegou a vez de Arya, a Governanta Amabel cacarejou, consternada, ao ver seus pés, ao passo que a Governanta Harra apalpou seus calos nos dedos, conquistados após longas horas de treino com a Agulha.

– Arranjou isto batendo manteiga, aposto – disse. – É cachorrinha de algum agricultor? Bem, não importa, menina, tem uma oportunidade de ganhar um lugar mais elevado neste mundo se trabalhar duramente. Se não, levará pancada. E como é que a chamam?

Arya não se atrevia a dizer seu nome verdadeiro, mas Arry também não servia, era um nome de garoto, e eles podiam ver que ela não era nenhum garoto.

– Doninha – disse, usando o nome da primeira menina em que conseguiu pensar. – Lommy chamava-me de Doninha.

– Entendo por quê – fungou a Governanta Amabel. – Esses cabelos são um horror, um ninho de piolhos. Vamos cortá-los, e depois vai para as cozinhas.

– Preferia cuidar dos cavalos – Arya gostava de cavalos, e se estivesse nos estábulos talvez conseguisse roubar um e fugir.

A Governanta Harra deu-lhe um tabefe com tanta força que seu lábio inchado voltou a se abrir.

– E segure essa língua, ou será pior. Ninguém pediu sua opinião.

O sangue na sua boca tinha gosto de sal e metal. Arya abaixou os olhos e nada disse. *Se ainda tivesse a Agulha, ela não se atreveria a me bater*, pensou, carrancuda.

– Lorde Tywin e seus cavaleiros têm palafreneiros e escudeiros para cuidar dos cavalos, não precisam de gente como você – disse a Governanta Amabel. – As cozinhas são confortáveis e limpas, e há sempre um fogo quente perto do qual dormir e muito para comer. Podia ter ficado bem lá, mas estou vendo que não é uma menina esperta. Harra, acho que devíamos dá-la a Weese.

– Se acha isso, Amabel – deram-lhe um vestido grosseiro de lã cinza e um par de sapatos que não lhe serviam bem, e mandaram-na embora.

Weese era subintendente para a Torre dos Lamentos, um homem

atarracado com o nariz que mais parecia um tumor gangrenoso e carnudo, e um ninho de furúnculos irritados e vermelhos perto de um canto de seus lábios grossos. Arya foi uma de seis prisioneiros que lhe foram enviados. Olhou-os com olhos perspicazes.

– Os Lannister são generosos para os que lhes servem bem, uma honra que ninguém do seu tipo merece, mas na guerra um homem arranja-se com o que tem à mão. Trabalhem duramente, e ponham-se no seu lugar, e pode ser que um dia subam tão alto como eu. Mas, se pensarem em abusar da bondade de sua senhora, vão *me* encontrar à sua espera depois de o senhor partir, verão – ele caminhou de um lado para o outro diante deles, dizendo-lhes como nunca podiam olhar os fidalgos nos olhos, nem falar antes que falassem com eles, nem atravessar-se no caminho de sua senhoria. – Meu nariz nunca mente – gabou-se. – Consigo cheirar desafio, consigo cheirar orgulho, consigo cheirar desobediência. Se perceber sinal de algum desses fedores, responderão por ele. Quando os farejar, tudo o que quero cheirar é medo

Daenerys

Nas muralhas de Qarth, homens tocavam gongos para anunciar sua chegada, enquanto outros tocavam curiosas trompas que rodeavam seus corpos como grandes serpentes de bronze. Uma coluna de homens montados em camelos saiu da cidade como uma guarda de honra. Os cavaleiros usavam armaduras de cobre, feitas de escamas, e elmos com bocal, presas de cobre e longas plumas de seda negra, e sentavam-se bem alto em selas incrustadas de rubis e granadas. Seus camelos estavam cobertos com mantas de uma centena de tons diferentes.

– Qarth é a maior cidade que já existiu ou existirá – Pyat Pree disse entre os ossos de Vaes Tolorro. – É o centro do mundo, o portão entre o Norte e o Sul, a ponte entre o Leste e o Oeste, mais antiga do que a memória do homem, e tão magnífica que Saathos, o Sábio, arrancou os olhos depois de vê-la pela primeira vez, porque sabia que tudo o que veria daí para a frente pareceria miserável e feio.

Dany aceitou as palavras do mago com certa reserva, mas a magnificência da grande cidade não podia ser negada. Três reforçadas muralhas rodeavam Qarth, elaboradamente esculpidas. A exterior era de arenito vermelho, com nove metros de altura, e estava decorada com animais: serpentes rastejando, gaviões voando, peixes nadando, misturados com lobos do deserto vermelho, cavalos rajados e monstruosos elefantes. A intermediária, com doze metros de altura, era de granito cinza e mostrava-se viva com cenas de guerra: o entrecruzar de espadas, escudos e lanças, flechas em voo, heróis em batalha, bebês sendo massacrados e piras de mortos. A interna era feita de quinze metros de mármore negro, com esculturas que fizeram Dany corar, até dizer a si mesma que estava sendo tola. Não era nenhuma donzela; se podia olhar para as cenas de massacre da muralha cinzenta, por que haveria de desviar os olhos ao ver homens e mulheres dando prazer uns aos outros?

Os portões exteriores eram reforçados com cobre; os intermediários, com ferro; e os interiores eram guarnecidos com olhos dourados. Todos se abriram à aproximação de Dany. Enquanto avançava montada na sua prata para o interior da cidade, crianças pequenas correram para espalhar flores no caminho. Usavam sandálias douradas e pinturas de cores vivas, nada mais.

Todas as cores que faltavam em Vaes Tolorro tinham encontrado o caminho para chegar a Qarth; edifícios aglomeravam-se ao redor, fantásticos como um sonho febril, em tons de rosa, violeta e ocre. Dany passou sob um arco de bronze esculpido em forma de duas serpentes acasalando, com delicados flocos de jade, obsidiana e lápis-

lazúli como escamas. Torres esguias subiam mais alto do que quaisquer outras que ela tivesse visto, e elaborados chafarizes, esculpidos na forma de grifos, dragões e manticoras, enchiam todas as praças.

Os qartenos ladeavam as ruas e observavam as delicadas varandas, que pareciam frágeis demais para suportar seu peso. Eram um povo alto e de pele clara, vestido de linho, samito e pele de tigre, cada um deles um senhor ou uma senhora aos olhos de Dany. As mulheres usavam vestidos e deixavam um seio nu, enquanto os homens preferiam saias de seda com contas. Dany sentiu-se esfarrapada e bárbara ao avançar por entre eles, com sua veste de pele de leão e o negro Drogon sobre o ombro. Seus dothrakis chamavam os qartenos de "Homens de Leite" devido à sua brancura. Khal Drogo sonhara com o dia em que poderia saquear as grandes cidades do leste. Olhou de relance seus companheiros de sangue, cujos olhos escuros em forma de amêndoa não mostravam sinal do que estariam pensando. *Será só o saque que veem?*, interrogou-se. *Como devemos parecer selvagens a esses qartenos.*

Pyat Pree conduziu seu pequeno *khalasar* pelo centro de uma grande arcada, onde os antigos heróis da cidade se erguiam num tamanho três vezes superior ao de um homem, sobre colunas de mármore branco e verde. Atravessaram uma feira localizada num edifício cavernoso, cujo teto entrançado servia de lar a um milhar de aves de cores alegres. Árvores e flores desabrochavam nos muros em terraços por cima das barracas, enquanto, embaixo, parecia que tudo o que os deuses tinham colocado no mundo estava à venda.

Sua prata assustou-se quando o príncipe mercador Xaro Xhoan Daxos se aproximou; Dany tinha descoberto que os cavalos não suportavam a proximidade de camelos.

– Se vir aqui algo que deseje, oh, mais bela das mulheres, basta-lhe dizer e será seu – gritou Xaro do alto de sua ornamentada sela com chifres.

– A própria Qarth é dela, não tem necessidade de ninharias – entoaram os lábios azuis de Pyat Pree do outro lado. – Será como prometi, *Khaleesi*. Venha comigo para a Casa dos Imortais, e beberá verdade e sabedoria.

– Para que ela precisaria do seu Palácio de Pó, quando posso lhe dar a luz do sol, água doce e sedas em que dormir? – Xaro desafiou o mago. – Os Treze colocarão uma coroa de jade negro e opalas de fogo sobre a sua adorável cabeça.

– O único palácio que desejo é o castelo vermelho em Porto Real, senhor Pyat – Dany desconfiava do mago; a *maegi* Mirri Maz Duur azedara sua relação para com aqueles que lidavam com feitiçaria. – E se os grandes de Qarth quiserem me dar presentes, Xaro, que me deem

navios e espadas para reconquistar o que é meu por direito.

Os lábios azuis de Pyat encurvaram-se para cima, num sorriso amável:

– Será como ordena, *Khaleesi* – e se afastou, oscilando com os movimentos do camelo, seguido pela longa veste coberta de contas.

– A jovem rainha tem uma sabedoria superior à idade – murmurou Xaro Xhoan Daxos de sua grande sela. – Há um ditado em Qarth: a casa de um mago é feita de ossos e mentiras.

– Então, por que motivo os homens abaixam a voz quando falam dos magos de Qarth? Por todo o leste seu poder e sabedoria são reverenciados.

– Antigamente foram poderosos – Xaro concordou –, mas agora são tão ridículos como aqueles velhos soldados frágeis que se gabam de suas capacidades muito depois que a força e a habilidade os abandonaram. Leem os seus pergaminhos em ruínas, bebem sombra-da-noite até ficar com os lábios azuis e sugerem terríveis poderes, mas são cascas vazias se comparados com os do passado. Os presentes de Pyat Pree vão se transformar em poeira em suas mãos, previno-a – o homem deu uma pequena chicotada no camelo e se afastou.

– A gralha chama de preto o corvo – murmurou Sor Jorah no Idioma Comum de Westeros. O cavaleiro exilado seguia ao seu lado direito, como sempre. Para a entrada em Qarth, tinha posto de lado suas vestes dothraki e voltara a vestir a armadura, a cota de malha e a lã dos Sete Reinos, a meio mundo de distância. – Faria bem em evitar ambos esses homens, Vossa Graça.

– Esses homens vão me ajudar a recuperar a coroa – Dany respondeu. – Xaro tem uma vasta riqueza, e Pyat Pree…

– … finge ter poder – o cavaleiro disse bruscamente. Em sua capa verde-escura, o urso da Casa Mormont erguia-se nas patas traseiras, negro e feroz. Jorah não parecia menos feroz ao franzir o cenho para a multidão que enchia a feira. – Não quero ficar aqui muito tempo, minha rainha. Nem sequer gosto do cheiro deste lugar.

Dany sorriu.

– Talvez seja o cheiro dos camelos que sente. O odor dos qartenos propriamente ditos parece-me bastante bom.

– Bons cheiros são às vezes usados para encobrir os maus.

Meu grande urso, pensou Dany. *Eu sou sua rainha, mas serei sempre também sua cria, e ele sempre me protegerá*. Fazia-a sentir-se segura, mas também triste. Desejou poder amá-lo mais do que amava.

Xaro Xhoan Daxos oferecera a Dany a hospitalidade de sua casa enquanto estivesse na cidade. Ela esperava algo grandioso, mas não um palácio maior do que muitas vilas mercantis. *Faz a mansão do Magíster Illyrio em Pentos parecer o casebre de um criador de porcos*, ela pensou. Xaro jurara que sua casa podia alojar confortavelmente todo o

povo de Dany, e também seus cavalos; na verdade, engolia-os. Foi-lhe oferecida uma ala inteira. Teria seus próprios jardins, uma piscina em mármore para banhos, uma torre de adivinho e um labirinto de mago. Escravos satisfariam todas as suas necessidades. Em seus aposentos privados, o piso era de mármore verde, e as paredes estavam cobertas com coloridos reposteiros de seda que oscilavam a cada brisa.

– É muito generoso – Dany disse a Xaro Xhoan Daxos.

– Para a Mãe de Dragões nenhum presente é demais – Xaro era um homem lânguido e elegante, com a cabeça calva e um grande nariz em forma de bico incrustado de rubis, opalas e lascas de jade. – Amanhã, vai se banquetear com pavão e língua de cotovia, e ouvir música digna da mais bela das mulheres. Os Treze virão para homenageá-la, bem como todos os grandes de Qarth.

Todos os grandes de Qarth virão para ver os meus dragões, Dany pensou, mas agradeceu a Xaro a bondade antes de mandá-lo embora. Pyat Pree também se retirou, prometendo que pediria uma audiência aos Imortais. "Uma honra rara como neves de Verão." Antes de sair, beijou seus pés nus com lábios pálidos e azuis, e insistiu para que aceitasse seu presente, um frasco de unguento que jurou ser capaz de lhe permitir ver os espíritos do ar. A última dos três a partir foi Quaithe, a umbromante. Dela, Dany recebeu apenas um aviso.

– Cuidado – disse a mulher da máscara de laca vermelha.

– Com quem?

– Com todos. Virão dia e noite para ver a maravilha que renasceu para o mundo, e quando a virem, vão desejá-la. Pois dragões são fogo feito carne, e o fogo é poder.

Quando todos saíram, Sor Jorah disse:

– Ela fala a verdade, minha rainha… embora não goste mais dela do que dos outros.

– Não a compreendo.

Pyat e Xaro fizeram chover promessas sobre Dany desde o momento em que viram pela primeira vez seus dragões, declarando-se seus fiéis criados em todas as coisas, mas de Quaithe ela obtivera apenas uma rara palavra crítica. E perturbava-a que nunca tivesse visto o rosto da mulher. *Lembre-se de Mirri Maz Duur*, ela dissera. *Lembre-se da traição*.

Dany se virou para seus companheiros de sangue:

– Vamos montar nossa própria guarda enquanto estivermos aqui. Certifiquem-se de que ninguém entre nesta ala do palácio sem o meu consentimento, e tomem especial cuidado para que os dragões estejam sempre bem guardados.

– Assim será, *Khaleesi* – Aggo respondeu.

– Só vimos as partes de Qarth que Pyat Pree quis que víssemos – ela prosseguiu. – Rakharo, vá ver o resto e conte-me o que encontrar.

Leve junto bons homens… e mulheres, para ir aos lugares proibidos aos homens.

– Farei como pede, sangue do meu sangue – Rakharo concordou.

– Sor Jorah, procure as docas e veja que tipo de navios lá estão ancorados. Passou-se meio ano desde a última vez que tive notícias dos Sete Reinos. Talvez os deuses tenham soprado até aqui algum bom capitão vindo de Westeros com um navio que nos leve para casa.

O cavaleiro franziu a sobrancelha:

– Isso não seria nenhuma bondade. O Usurpador iria matá-la, tão certo como o sol nascente – Mormont enfiou os polegares no cinto da espada. – Meu lugar é aqui, ao seu lado.

– Jhogo também pode me guardar. Você conhece mais línguas do que meus companheiros de sangue, e os dothraki desconfiam do mar e daqueles que por ele navegam. Só você pode me prestar este serviço. Vá andar por entre os navios e conversar com as tripulações, saiba de onde vêm, para onde vão e que tipo de homens as comandam.

Relutante, o exilado anuiu.

– Será como diz, minha rainha.

Depois de todos os homens terem partido, as aias despiram as sedas manchadas pela viagem que ela usava, e Dany se dirigiu ao lugar onde ficava a piscina de mármore, à sombra de um pórtico. A água estava deliciosamente fresca, e a piscina, abastecida com minúsculos peixes dourados que mordiscavam, curiosos, sua pele, e a faziam rir. Era bom fechar os olhos e flutuar, sabendo que podia descansar durante o tempo que quisesse. Perguntou a si mesma se a Fortaleza Vermelha de Aegon teria uma piscina daquelas, e fragrantes jardins cheios de lavanda e menta. *Certamente. Viserys sempre disse que os Sete Reinos eram mais belos do que qualquer outro lugar do mundo*.

Pensar em sua terra a perturbou. Se o seu sol-e-estrelas tivesse sobrevivido, teria levado o *khalasar* através da água venenosa e varrido os inimigos dela, mas a força de Drogo abandonara o mundo. Seus companheiros de sangue permaneciam, ligados a Dany para a vida e peritos em matança, mas apenas à maneira dos senhores dos cavalos. Os dothraki saqueavam cidades e pilhavam reinos, não os governavam. Dany não tinha nenhum desejo de reduzir Porto Real a uma ruína enegrecida, cheia de fantasmas inquietos. Já tinha se alimentado de lágrimas o suficiente. *Quero tornar meu reino belo, enchê-lo de homens gordos, belas donzelas e crianças sorridentes. Quero que meu povo sorria quando me vir passar, como Viserys dizia que sorriam ao meu pai*.

Mas, antes de poder fazer isso, teria de conquistar.

O Usurpador a mataria, tão certo como o sol nascente, dissera Mormont. Robert matara seu galante irmão Rhaegar, e uma de suas criaturas tinha atravessado o mar dothraki para envenená-la e ao seu

filho por nascer. Diziam que Robert Baratheon era forte como um touro e destemido em batalha, um homem que não gostava de nada mais do que da guerra. E com ele estavam os grandes senhores que o irmão chamava de cães do Usurpador, Eddard Stark de olhos frios com seu coração gelado, e os dourados Lannister, pai e filho, tão ricos, tão poderosos, tão traiçoeiros.

Como podia esperar derrubar tais homens? Quando Khal Drogo vivia, os homens tremiam e faziam-lhe ofertas para apaziguar sua ira. Se não o fizessem, ele tomava suas cidades, riqueza, mulheres e tudo o mais. Mas o *khalasar* dele tinha sido vasto, ao passo que o dela era escasso. Seu povo seguira-a através do deserto vermelho enquanto perseguia o cometa, e também a seguiria através da água venenosa, mas não seria o suficiente. Mesmo os dragões podiam não ser suficientes. Viserys acreditara que o reino se ergueria em apoio ao rei legítimo… Mas ele era um tolo, e os tolos acreditam em tolices.

As dúvidas fizeram-na estremecer. De súbito, a água pareceu-lhe fria e os peixinhos que mordiscavam sua pele, irritantes. Dany ergueu-se e saiu da piscina.

– Irri – chamou –, Jhiqui.

Enquanto as aias a enxugavam com uma toalha e a envolviam num roupão de sedareia, os pensamentos de Dany derivaram para os três que a tinham procurado na Cidade dos Ossos. *A Estrela Sangrenta trouxe-me a Qarth por um motivo. Aqui encontrarei aquilo de que preciso, se tiver a força para aceitar o que me é oferecido e a sabedoria para evitar as armadilhas e os ardis. Se os deuses quiserem que eu vença, vão me fornecer os meios, enviar um sinal, e se não… se não…*

Era quase noite, Dany estava alimentando os dragões, quando Irri atravessou as cortinas de seda para lhe dizer que Sor Jorah voltara das docas… e não vinha sozinho.

– Mande-o entrar, com quem quer que tenha trazido – ela ordenou, curiosa.

Quando entraram, encontraram-na sentada num monte de almofadas, com os dragões ao redor. O homem que o exilado trouxera consigo usava um manto de penas verdes e amarelas e tinha uma pele tão negra como azeviche polido.

– Vossa Graça – disse o cavaleiro –, trago Quhuru Mo, capitão do *Vento de Canela*, vindo da Vila das Árvores Altas.

O negro se ajoelhou.

– Sinto-me muito honrado, minha rainha – ele disse; não na língua das Ilhas do Verão, que Dany não conhecia, mas no valiriano líquido das Nove Cidades Livres.

– A honra é minha, Quhuru Mo – ela retrucou na mesma língua. – Vem das Ilhas do Verão?

– É verdade, Vossa Graça, mas, antes, há menos de meio ano,

aportamos em Vilavelha. Daí lhe trago um maravilhoso presente.

– Um presente?

– Um presente em forma de notícia. Mãe de Dragões, Filha da Tormenta, digo-lhe a verdade, Robert Baratheon está morto.

Fora dos muros o ocaso caía sobre Qarth, mas um sol acabava de nascer no coração de Dany.

– Morto? – ela repetiu. Sobre as suas coxas o negro Drogon silvou, e uma fumaça branca ergueu-se em frente ao seu rosto como um véu. – Tem certeza? O Usurpador está morto?

– É o que se diz em Vilavelha, e em Dorne, e em Lys, e em todos os outros portos a que aportamos.

Ele enviou-me vinho envenenado, mas eu vivo, e ele partiu.

– De que modo morreu? – sobre seu ombro o branco Viserion bateu as asas da cor do creme, agitando o ar.

– Rasgado por um javali monstruoso enquanto caçava em seu bosque do rei, ou pelo menos foi o que me disseram em Vilavelha. Outros dizem que a sua rainha o traiu, ou o irmão, ou Lorde Stark, que era sua Mão. Mas todas as histórias concordam numa coisa: o Rei Robert está morto e sepultado.

Dany nunca olhara o rosto do Usurpador, mas raramente se passava um dia em que não pensasse nele. Sua grande sombra pairava sobre ela desde a hora em que tinha nascido, quando chegara entre sangue e tempestade a um mundo que já não tinha lugar para ela. E, agora, este estranho de ébano levantava essa sombra.

– O garoto agora ocupa o Trono de Ferro – disse Sor Jorah.

– O Rei Joffrey reina – concordou Quhuru Mo –, mas os Lannister governam. Os irmãos de Robert fugiram de Porto Real. Segundo se diz, pretendem reclamar a coroa. E a Mão caiu, Lorde Stark, que era amigo do Rei Robert. Foi preso e acusado de traição.

– Ned Stark, um traidor? – Sor Jorah resfolegou. – Pouco provável. O Longo Verão voltará antes que este manche sua preciosa honra.

– Que honra poderá ter? – disse Dany. – Era um traidor do seu legítimo rei, tal como esses Lannister – agradava-lhe ouvir dizer que os cães do Usurpador lutavam uns contra os outros, embora não a surpreendesse. O mesmo tinha acontecido quando seu Drogo morreu e seu grande *khalasar* se partiu em pedaços. – Meu irmão também está morto, Viserys, que era o rei legítimo – disse ao homem das Ilhas do Verão. – Khal Drogo, o senhor meu esposo, o matou com uma coroa de ouro derretido – se seu irmão tivesse sido mais sensato, teria ficado sabendo que a vingança pela qual rezara estava tão próxima?

– Então choro pela senhora, Mãe de Dragões, e pelo ensanguentado Westeros, privado do seu legítimo rei.

Sob os dedos gentis de Dany, o verde Rhaegal olhou o estranho

com olhos de ouro derretido. Quando abriu a boca, os dentes cintilaram como agulhas negras.

– Quando seu navio retorna a Westeros, capitão?

– Temo que só dentro de um ano, ou mais. Daqui, o *Vento de Canela* segue para leste, a fim de percorrer a volta do mercador em torno do Mar de Jade.

– Compreendo – disse Dany, desapontada. – Nesse caso, desejo-lhe belos ventos e bons negócios. Trouxe-me um presente precioso.

– Fui amplamente recompensado, grande rainha.

Dany não compreendeu aquilo.

– Como?

Os olhos dele cintilaram:

– Vi dragões.

Dany soltou uma gargalhada.

– E voltará a vê-los um dia, espero. Venha até mim em Porto Real quando estiver no trono do meu pai, e obterá uma grande recompensa.

O homem das Ilhas do Verão prometeu que o faria, e deu um suave beijo em seus dedos quando se retirou. Jhiqui mostrou-lhe o caminho, enquanto Sor Jorah Mormont permaneceu com Daenerys.

– *Khaleesi* – disse o cavaleiro quando ficaram a sós –, eu não falaria tão livremente de meus planos se estivesse em seu lugar. Este homem espalhará a história onde quer que vá.

– Que espalhe – Dany respondeu. – Que o mundo inteiro conheça as minhas intenções. O Usurpador está morto, o que importa?

– Nem todas as histórias de marinheiro são verdadeiras – alertou-a Sor Jorah –, e mesmo se Robert estiver realmente morto, o filho governa em seu lugar. Isso, na verdade, nada muda.

– Isso muda *tudo* – Dany se levantou de repente, guinchando, os dragões desenrolaram-se e abriram as asas. Drogon voou e empoleirou-se na padieira sobre a arcada. Os outros correram pelo chão, com as pontas das asas roçando no mármore. – Antes, os Sete Reinos eram como o *khalasar* do meu Drogo, cem mil feitos um pela sua força. Agora, voam em pedaços, tal como aconteceu ao *khalasar* depois do meu *khal* cair morto.

– Os grandes senhores sempre lutaram. Diga-me quem ganhou, e direi o que isso significa. *Khaleesi*, os Sete Reinos não cairão nas suas mãos como outros tantos pêssegos maduros. Precisará de uma frota, de ouro, de exércitos, de alianças…

– Sei de tudo isso – Dany tomou as mãos do cavaleiro nas suas e olhou em seus olhos escuros e desconfiados. *Às vezes pensa em mim como uma criança que tem de proteger, e às vezes como uma mulher com quem gostaria de se deitar. Mas, alguma vez me vê realmente como a sua rainha?* – Não sou a menina assustada que conheceu em Pentos. Contei

apenas quinze anos do meu nome, é verdade… mas sou tão velha como as velhas no *dosh khaleen* e tão nova como os meus dragões, Jorah. Dei à luz um filho, queimei um *khal* e atravessei o deserto vermelho e o mar dothraki. Meu sangue é o sangue do dragão.

– Tal como era o do seu irmão – ele retrucou com teimosia.

– Eu não sou Viserys.

– Não – o cavaleiro admitiu. – Penso que há na senhora mais de Rhaegar, mas mesmo Rhaegar podia ser morto. Robert provou isso no Tridente, apenas com um martelo de guerra. Até os dragões podem morrer.

– Os dragões morrem – ela ficou na ponta dos pés para lhe dar um pequeno beijo no rosto por barbear. – Mas a mesma coisa acontece aos matadores de dragões.

Bran

Meera movia-se num círculo cuidadoso, com a rede pendendo, solta, da mão esquerda, e o esguio tridente equilibrado na direita. Verão seguia-a com seus olhos dourados, mantendo-se virado para ela, com a cauda erguida bem alto, hirta. Observando, observando…

– Iai! – gritou a garota, erguendo o tridente. O lobo esquivou-se para a esquerda e saltou antes que ela conseguisse puxar a arma. Meera lançou a rede, fazendo-a desenrolar-se no ar à sua frente. O salto de Verão levou-o para dentro dela. Arrastou a rede consigo quando caiu sobre o peito da menina e a fez cair para trás. O tridente rodopiou para longe. A grama úmida amorteceu a queda, mas o ar saiu de seus pulmões num "uf". O lobo agachou-se sobre ela.

Bran aplaudiu:

– Perdeu.

– Ela ganhou – disse o irmão, Jojen. – Verão está enredado.

Bran viu que o garoto tinha razão. Agitando-se e rosnando contra a rede, tentando se libertar, Verão só conseguia se enredar mais. E também não era capaz de morder através das malhas.

– Deixe-o sair.

Rindo, a menina Reed abraçou o lobo enleado e rolou junto dele. Verão soltou um ganido de dar dó, escoiceando as cordas que prendiam suas patas. Meera ajoelhou-se, desfez uma volta, deu um tranco num canto, puxou habilmente aqui e ali, e de repente o lobo gigante estava aos saltos, livre.

– Verão, aqui – Bran abriu os braços. – Olhem – ele disse, um instante antes de o lobo esbarrar nele. Agarrou-se com todas as suas forças enquanto o animal o arrastava aos encontrões pela grama. Lutaram e rolaram, um rosnando e latindo, o outro rindo. No fim, foi Bran quem ficou por cima, com o lobo salpicado de lama por baixo. – Bom lobo – arquejou. Verão lambeu sua orelha.

Meera balançou a cabeça.

– Ele alguma vez se zanga?

– Comigo, não – Bran agarrou o lobo pelas orelhas e Verão lançou-lhe uma mordida feroz, mas era tudo brincadeira. – Às vezes rasga minha roupa, mas nunca derrama sangue.

– O *seu* sangue, você quer dizer. Se tivesse passado pela minha rede…

– Não a machucaria. Ele sabe que gosto de você – todos os outros senhores e cavaleiros partiram um ou dois dias após a festa das colheitas, mas os Reed permaneceram e se transformaram em constantes companheiros de Bran. Jojen era tão solene que a Velha Ama o chamava de "pequeno avô", mas Meera lembrava-lhe a irmã,

Arya. Não tinha medo de se sujar, e podia correr, lutar e arremessar coisas tão bem como um rapaz. Mas era mais velha do que Arya; tinha quase dezesseis anos, uma mulher-feita. Eram ambos mais velhos do que Bran, embora o nono dia de seu nome já tivesse finalmente chegado e partido, mas nunca o tratavam como uma criança. – Gostaria que fossem vocês os nossos protegidos, em vez dos Walder – pôs-se a caminho da árvore mais próxima. O modo como se arrastava e contorcia era feio de se ver, mas quando Meera foi ajudá-lo a se erguer, ele disse: – Não, não me ajude – rolou desajeitadamente, empurrou e torceu-se para trás, usando a força dos braços, até ficar sentado com as costas apoiadas no tronco de um freixo alto. – Viu, eu disse – Verão deitou-se com a cabeça apoiada nas coxas de Bran. – Nunca conhecera alguém que lutasse com uma rede – disse a Meera enquanto fazia carinho entre as orelhas do lobo gigante. – Foi seu mestre de armas quem lhe ensinou a luta de rede?

– Foi meu pai quem me ensinou. Não temos cavaleiros em Água Cinzenta. Nem mestre de armas, e também não temos meistre.

– Quem cuida de seus corvos?

Ela sorriu:

– Os corvos não são mais capazes de encontrar a Atalaia da Água Cinzenta do que os nossos inimigos.

– Por que não?

– Porque ela se desloca.

Bran nunca tinha ouvido falar de um castelo móvel. Olhou-a com incerteza, mas não conseguiu decidir se ela estava caçoando dele ou não.

– Gostaria de poder vê-lo. Acha que o senhor seu pai me deixaria ir visitá-los quando a guerra terminar?

– Será muito bem-vindo, meu príncipe. Nessa altura, ou agora.

– *Agora*? – Bran passara a vida inteira em Winterfell. Ansiava por ver lugares distantes. – Podia pedir a Sor Rodrik quando ele voltar.

O velho cavaleiro tinha partido para leste, a fim de tentar contornar os problemas que lá existiam. O bastardo de Roose Bolton começara tudo ao capturar a Senhora Hornwood quando regressava da festa das colheitas, casando com ela naquela mesma noite, embora fosse suficientemente novo para ser seu filho. Então, Lorde Manderly tomou o castelo dela e, a fim de proteger os bens dos Hornwood contra os Bolton, tinha escrito, mas Sor Rodrik ficara quase tão zangado com ele como com o bastardo.

– Sor Rodrik talvez me deixe ir. Meistre Luwin nunca deixaria.

Sentado de pernas cruzadas sob o represeiro, Jojen Reed olhou-o solenemente.

– Seria bom se abandonasse Winterfell, Bran.

– Seria?

– Sim. E quanto mais depressa melhor.

– Meu irmão tem a visão verde – disse Meera. – Ele sonha com coisas que não aconteceram, mas que às vezes acontecem.

– Não há *às vezes* nisto, Meera – um olhar passou entre eles; o dele triste, o dela desafiador.

– Diga-me o que vai acontecer – Bran pediu.

– Direi – o menino falou –, se me contar os seus sonhos.

O bosque sagrado caiu no silêncio. Bran conseguia ouvir o restolhar das folhas, e o som distante de Hodor brincando nas lagoas quentes. Pensou no homem dourado e no corvo de três olhos, recordou o esmagar de ossos entre as suas maxilas e o gosto de cobre do sangue.

– Não tenho sonhos. Meistre Luwin dá-me poções para dormir.

– E ajudam?

– Às vezes.

Meera interveio:

–Winterfell inteira sabe que você acorda à noite gritando e transpirando, Bran. As mulheres falam disso junto ao poço e os guardas também, em suas salas.

– Conte-nos o que o assusta tanto – Jojen pediu.

– Não quero. Seja como for, são só sonhos. Meistre Luwin diz que os sonhos nem sempre querem dizer alguma coisa.

– Meu irmão sonha como os outros garotos, e esses sonhos podem querer dizer qualquer coisa – Meera explicou –, mas os sonhos verdes são diferentes.

Os olhos de Jojen eram da cor do musgo, e às vezes, quando se fixavam, pareciam estar vendo alguma outra coisa. Como acontecia agora.

– Sonhei com um lobo alado preso à terra por correntes de pedra cinza – ele disse. – Era um sonho verde, por isso soube que era verdade. Um corvo estava tentando quebrar suas correntes com bicadas, mas a pedra era dura demais, e seu bico só conseguia arrancar lascas.

– O corvo tinha três olhos?

Jojen confirmou com a cabeça.

Verão ergueu a cabeça do colo de Bran e olhou o menino da lama com seus escuros olhos dourados.

– Quando eu era pequeno, quase morri de febre da água cinzenta. Foi então que o corvo veio até mim.

– Ele veio até mim depois de eu cair – disse Bran, muito depressa. – Dormi durante muito tempo. Ele disse que eu tinha de voar ou morreria, e eu acordei, mas estava aleijado, e não podia voar.

– Pode, se quiser – pegando a rede, Meera sacudiu os últimos nós e começou a arrumá-la em dobras soltas.

– *Você* é o lobo alado, Bran – disse Jojen. – Não tive essa certeza quando o corvo veio pela primeira vez, mas agora tenho. Ele nos enviou até aqui para quebrar suas correntes.

– O corvo está na Água Cinzenta?

– Não. Ele está no norte.

– Na Muralha? – Bran sempre quis ver a Muralha. O irmão bastardo, Jon, estava lá agora, um homem da Patrulha da Noite.

– Para lá da Muralha – Meera Reed pendurou a rede no cinto. – Quando Jojen disse ao senhor nosso pai o que sonhara, ele nos enviou a Winterfell.

– Como é que eu vou quebrar as correntes, Jojen? – Bran quis saber.

– Abra o olho.

– Eles *estão* abertos. Não *vê*?

– Dois deles estão abertos – Jojen apontou: – Um, dois.

– Eu só *tenho* dois.

– Tem três. O corvo lhe deu o terceiro, mas você não quer abri-lo – o rapaz tinha um jeito lento e suave de falar. – Com dois olhos, vê o meu rosto. Com três, poderia ver meu coração. Com dois consegue ver aquele carvalho ali. Com três, conseguiria ver a bolota da qual o carvalho nasceu e o toco em que se transformará um dia. Com dois, não vê para lá de suas muralhas. Com três seria capaz de ver para sul até o Mar do Verão e para norte, para lá da Muralha.

Verão pôs-se em pé.

– Não preciso ver longe – Bran deu um sorriso nervoso. – Estou farto de falar de corvos. Vamos falar de lobos. Ou de lagartos-leões. Alguma vez já caçou algum, Meera? Aqui não existem.

Meera tirou o tridente dos arbustos:

– Vivem na água. Em cursos de água lentos e pântanos profundos…

– Sonhou com um lobo?

O rapaz estava deixando Bran zangado.

– Não preciso te contar meus sonhos. Sou o príncipe. Sou o Stark em Winterfell.

– Era o Verão?

– Cale-se.

– Na noite da festa das colheitas, sonhou que era o Verão no bosque sagrado, não foi?

– *Pare com isso!* – Bran gritou. Verão deslizou na direção do represeiro, exibindo os dentes brancos.

Jojen não se importou.

– Quando toquei no Verão, senti você nele. Tal como está nele agora.

– Não podia ter sentido. Eu estava na cama. Estava dormindo.

– Estava no bosque sagrado, todo de cinza.

– Foi só um pesadelo…

Jojen ficou de pé.

– Senti-o. Senti-o caindo. É isso o que o assusta, a queda?

A queda, pensou Bran, *e o homem dourado, o irmão da rainha, ele também me assusta, mas é principalmente a queda*. Mas não disse. Como poderia? Não tinha sido capaz de dizer a Sor Rodrik ou ao Meistre Luwin, e também não podia dizer aos Reed. Se não falasse no assunto, talvez o esquecesse. Nunca queria se lembrar. Podia até nem ser uma memória verdadeira.

– Você cai todas as noites, Bran? – Jojen perguntou em voz baixa.

Um rosnado grave e trovejante ergueu-se da garganta de Verão, e não havia nele nenhuma brincadeira. O lobo avançou, todo dentes e olhos quentes. Meera interpôs-se entre o animal e o irmão, com o tridente na mão.

– Mantenha-o longe, Bran.

– Jojen o está deixando irritado.

Meera abanou a rede.

– A ira é sua, Bran – disse o irmão. – O medo é seu.

– Não é. Eu não sou um lobo – mas uivara com eles na noite, e saboreara o sangue em seus sonhos de lobo.

– Parte de você é Verão, e parte do Verão é você. Sabe disso, Bran.

Verão correu, mas Meera bloqueou seu avanço, dando uma estocada com o tridente. O lobo torceu-se para o lado, rodeando-a, espreitando. Meera virou-se para enfrentá-lo:

– Chame-o para trás, Bran.

– Verão! – Bran gritou. – Aqui, Verão! – bateu com a palma da mão aberta em sua coxa. A mão formigou, mas a perna morta nada sentiu.

O lobo gigante voltou a saltar, e de novo o tridente de Meera avançou. Verão esquivou-se, e rodeou-a no sentido contrário. Os arbustos restolharam, e um esguio vulto negro saiu de debaixo do represeiro, com os dentes à mostra. O cheiro era forte; o irmão havia cheirado sua ira. Bran sentiu que pelos se eriçavam na parte de trás do pescoço. Meera ficou ao lado do irmão, com lobos de ambos os lados.

– Bran, chame-os.

– Não *consigo*!

– Jojen, para cima da árvore.

– Não é preciso. Hoje não é o dia da minha morte.

– *Faça o que digo*! – ela gritou, e o irmão subiu no tronco do represeiro, usando o rosto como apoio para as mãos. Os lobos gigantes aproximaram-se. Meera abandonou a lança e a rede, saltou e agarrou o galho que se estendia por cima de sua cabeça. As mandíbulas do

Felpudo fecharam-se com um estalido por baixo de seu tornozelo quando ela se balançou para cima e subiu para o galho. Verão sentou-se nos quartos traseiros e uivou, enquanto Cão Felpudo mordia a rede, sacudindo-a nos dentes.

Foi só então que Bran se lembrou de que não estavam sozinhos. Pôs as mãos em torno da boca:

– Hodor! – ele gritou. – *Hodor! Hodor!* – estava muito assustado e um pouco envergonhado. – Eles não farão mal a Hodor – Bran garantiu aos amigos na árvore.

Passaram-se alguns momentos antes de ouvirem um cantarolar sem melodia. Hodor chegou, meio vestido e salpicado de lama de sua visita às lagoas quentes, mas Bran nunca se sentira tão contente por vê-lo.

– Hodor, ajude-me. Afaste os lobos. Afaste-os.

Hodor fez o que lhe foi pedido alegremente, abanando os braços e batendo com os seus enormes pés, gritando "Hodor, Hodor", correndo primeiro para um lobo e em seguida para o outro. Cão Felpudo foi o primeiro a fugir, voltando a se enfiar por entre a folhagem com um último rosnado. Quando Verão se fartou, voltou para junto de Bran e deitou-se ao seu lado.

Assim que Meera voltou a tocar no chão, pegou a rede e o tridente. Jojen não chegou a tirar os olhos de Verão.

– Voltaremos a conversar – ele prometeu a Bran.

Foram os lobos, não fui eu. Não compreendia por que tinham ficado tão violentos. *Talvez Meistre Luwin tenha tido razão em fechá-los no bosque sagrado.*

– Hodor – disse –, leve-me ao Meistre Luwin.

O torreão do meistre, sob o viveiro dos corvos, era um dos lugares preferidos de Bran. Luwin era irremediavelmente desorganizado, mas sua desordem de livros, rolos e garrafas era tão familiar e reconfortante para Bran como a calva do meistre e as grandes mangas de sua toga larga e cinza. E também gostava dos corvos.

Foi encontrar Luwin empoleirado num banco alto, escrevendo. Com Sor Rodrik longe, todo o governo do castelo tinha caído sobre os seus ombros.

– Meu príncipe – ele disse quando Hodor entrou –, hoje chegou cedo para as lições – o meistre passava várias horas, todas as tardes dando aulas para Bran, Rickon e aos dois Walder Frey.

– Hodor, fica quieto – Bran agarrou um castiçal da parede com ambas as mãos e o usou para se içar para fora do cesto. Ficou um momento pendurado pelos braços até Hodor levá-lo a uma cadeira. – Meera diz que o irmão tem a visão verde.

Meistre Luwin coçou o lado do nariz com a pena de escrever.

– Ah, diz?

Bran confirmou com um meneio.

– Você disse que os filhos da floresta tinham a visão verde. Eu me lembro.

– Alguns afirmavam ter esse poder. Seus sábios eram chamados *videntes verdes*.

– Era magia?

– Se tem de chamar assim, na falta de palavra melhor, chame. No seu âmago, era apenas uma forma diferente de conhecimento.

– Era o quê?

Luwin apoiou a pena.

– Ninguém sabe verdadeiramente, Bran. Os filhos desapareceram do mundo, e sua sabedoria foi com eles. Pensamos que tinha a ver com os rostos nas árvores. Os Primeiros Homens acreditavam que os videntes verdes eram capazes de ver através dos olhos dos represeiros. Foi por isso que abatiam as árvores sempre que faziam guerra com os filhos da floresta. Supostamente, os videntes verdes também possuíam poder sobre os animais da floresta e as aves nas árvores. Até sobre os peixes. O rapaz Reed diz que tem algum desses poderes?

– Não. Acho que não. Mas Meera diz ter sonhos que às vezes se transformam em realidade.

– Todos nós temos sonhos que às vezes se transformam em realidade. Lembra-se de que sonhou com o senhor seu pai na cripta antes de sabermos que estava morto?

– Rickon também. Sonhamos o mesmo sonho.

– Chame de visão verde, se quiser… Mas lembre-se também de todas as dezenas de milhares de sonhos que você e Rickon sonharam e que *não* se tornaram realidade. Lembra-se, por acaso, do que lhe ensinei sobre o colar de elos que todos os meistres usam?

Bran pensou por um momento, tentando se lembrar.

– Um meistre forja sua corrente na Cidadela de Vilavelha. É uma corrente pela qual jura servir, e é feita de vários metais porque o meistre serve ao reino, e o reino tem vários tipos de gente. Cada vez que aprende algo, obtém um novo elo. O ferro negro representa a criação de corvos; a prata, as artes curativas; o ouro, as somas e os números. Não me lembro de todos.

Luwin enfiou um dedo sob o colar e ficou virando-o, milímetro por milímetro. Possuía um pescoço grosso para um homem tão pequeno, e a corrente estava apertada, mas, com alguns puxões, virou-a ao contrário.

– Isto é aço valiriano – ele disse quando o elo de metal cinza-escuro tocou seu pomo de adão. – Só um meistre em cem usa um aro desses. Isso significa que estudei aquilo que a Cidadela chama de *mistérios superiores*… Magia, na falta de palavra melhor. Um estudo fascinante, mas de pouco uso, e esse é o motivo por que tão poucos

meistres se importam com ele. Todos os que estudam os mistérios superiores experimentam os feitiços, mais cedo ou mais tarde. Também cedi à tentação, devo confessar. Bem, era um rapaz, e que rapaz não deseja secretamente encontrar poderes escondidos em si? Não obtive mais sucesso com meus esforços do que mil rapazes antes de mim, e outros mil depois. Lamento dizer, a magia não funciona.

– Às vezes funciona – Bran protestou. – Eu tive aquele sonho, e Rickon também. E há magos e feiticeiros no leste…

– Há homens que *se chamam* de magos e feiticeiros – Meistre Luwin o interrompeu. – Tive um amigo na Cidadela que conseguia tirar uma rosa de sua orelha, mas não era mais mágico do que eu. Ah, com certeza, há muitas coisas que ainda não compreendemos. Os anos passam às centenas e aos milhares, e o que vê qualquer homem vivo além de alguns Verões e alguns Invernos? Olhamos as montanhas e dizemos que são eternas, e é o que parecem ser… Mas, no correr do tempo, montanhas erguem-se e ruem, rios mudam de curso, estrelas caem do céu, e grandes cidades afundam-se no mar. Pensamos que até os deuses morrem. Tudo muda. Talvez a magia um dia tenha sido uma força poderosa no mundo, mas já não o é. O pouco que resta não é mais do que o fiapo de fumaça que permanece no ar depois de um grande incêndio se extinguir, e até isso está se desvanecendo. Valíria foi a última brasa, e ela desapareceu. Já não há dragões, os gigantes estão mortos, e os filhos da floresta, esquecidos com todo seu saber. Não, meu príncipe. Jojen Reed pode ter tido um sonho ou dois que acredita se tornaram verdade, mas não tem a visão verde. Nenhum homem vivo detém esse poder.

Bran disse a Meera Reed exatamente isso quando ela veio visitá-lo ao anoitecer, enquanto ele estava sentado no banco de janela vendo as luzes nascendo, tremulando.

– Lamento o que aconteceu com os lobos. Verão não devia ter tentado machucar Jojen, mas Jojen também não devia ter dito tudo aquilo sobre os meus sonhos. O corvo mentiu quando disse que eu podia voar, e seu irmão também mentiu.

– Ou talvez seu meistre esteja errado.

– Não está. Até meu pai confiava em seus conselhos.

– Seu pai o escutava, não tenho dúvidas. Mas, no fim, decidia por si próprio. Bran, você me deixa contar um sonho que Jojen sonhou sobre você e seus irmãos adotivos?

– Os Walder não são meus irmãos.

Ela não prestou atenção.

– Você estava sentado à mesa do jantar, mas, em vez de um criado, foi Meistre Luwin quem lhe trouxe a comida. Serviu-o a porção de rei do assado, com a carne malpassada e sangrando, mas com um saboroso cheiro que deu água na boca de todo mundo. A carne que

serviu aos Frey era velha, cinzenta e morta. Mas eles gostaram do seu jantar mais do que você do seu.

– Não entendo.

– Meu irmão diz que entenderá. Quando entender, voltaremos a conversar.

Bran ficou quase com medo de se sentar para jantar naquela noite, mas, quando o fez, o que puseram à sua frente foi empadão de pombo. A todos os outros foi servido o mesmo, e não viu nada de errado na comida que serviram aos Walder. *Meistre Luwin tem razão*, disse a si mesmo. Nada de mal vinha a caminho de Winterfell, independentemente do que Jojen pudesse dizer. Bran sentiu-se aliviado… mas também desapontado. Enquanto houvesse magia, tudo poderia acontecer. Fantasmas poderiam caminhar, árvores poderiam falar, e garotos aleijados poderiam crescer e se tornar cavaleiros.

– Mas não há – ele disse em voz alta na escuridão da sua cama. – Não há magia, e as histórias são só histórias.

E ele nunca andaria, nem voaria, nem seria um cavaleiro.

Tyrion

As esteiras arranhavam as solas de seus pés nus.

– Meu primo escolhe uma estranha hora para vir me visitar – disse Tyrion a um Podrick Payne confuso pelo sono, que sem dúvida esperava se queimar por acordá-lo. – Leve-o para o aposento privado e diga-lhe que desço já.

Ao ver o negrume na janela, calculou que já passava muito da meia-noite. *Será que Lancel acha que vai me encontrar sonolento e com raciocínio devagar a esta hora?*, perguntou-se. *Não, Lancel quase não pensa, isto é obra de Cersei*. A irmã ficaria desapontada. Mesmo deitado, Tyrion trabalhava até bem tarde da madrugada, lendo à luz trêmula de uma vela, estudando os relatórios dos informantes de Varys, e debruçando-se sobre os livros de contas de Mindinho, até que as chamas se desfocassem e os olhos começassem a doer.

Lavou o rosto com um pouco de água morna tirada da bacia que estava ao lado da cama e demorou-se, acocorado no sanitário, sentindo o ar frio da noite na pele nua. Sor Lancel tinha dezesseis anos, e não era conhecido pela paciência. Que esperasse e ficasse mais ansioso com a espera. Quando terminou de esvaziar as tripas, Tyrion enfiou-se num roupão e, com a mão, despenteou o cabelo fino e louro, para que parecesse mais ter sido acordado.

Lancel passeava em frente às cinzas na lareira, vestido de veludo vermelho cortado com submangas de seda negra, um punhal incrustado de joias e uma bainha dourada pendendo do cinto.

– Primo – Tyrion o saudou. – Suas visitas são demasiado raras. A que devo este imerecido prazer?

– Sua Graça, a Rainha Regente enviou-me para lhe ordenar que liberte o Grande Meistre Pycelle – Sor Lancel mostrou a Tyrion uma fita carmesim, com o selo leonino de Cersei impresso em cera dourada. – Aqui está a sua procuração.

– Pois bem – Tyrion afastou o objeto com um gesto. – Espero que minha irmã não ande abusando de suas forças tão cedo depois de sua doença. Seria uma grande pena se sofresse uma recaída.

– Sua Graça está bem recuperada – Sor Lancel disse secamente.

– Música para os meus ouvidos – *embora não seja uma melodia que me agrade, devia ter-lhe dado uma dose maior.* Tyrion esperava ter mais alguns dias sem interferências de Cersei, mas não ficou muito surpreso por ela ter recuperado a saúde. Afinal de contas, era gêmea de Jaime. Obrigou-se a dar um sorriso agradável. – Pod, acende-nos a lareira, o ar está frio demais para o meu gosto. Toma uma taça comigo, Lancel? Descobri que vinho aquecido me ajuda a dormir.

– Não preciso de ajuda para dormir – Sor Lancel respondeu. – Vim

por ordem de Sua Graça, não para beber com você, Duende.

Tyrion pensou que ser armado cavaleiro tornara o rapaz mais ousado… Isso, e o triste papel que desempenhara no assassinato do Rei Robert.

– O vinho realmente tem seus perigos – Tyrion sorria enquanto servia a bebida. – Quanto ao Grande Meistre Pycelle… Se minha querida irmã está assim tão preocupada com ele, eu imaginaria que viesse em pessoa falar comigo. Mas não; manda o senhor. O que acha disso?

– Pense disso o que quiser, desde que solte o prisioneiro. O Grande Meistre é um amigo dedicado da Rainha Regente, e encontra-se sob a sua proteção pessoal – uma sugestão de zombaria brincou nos lábios do rapaz; Lancel estava gostando daquilo. *Ele aprende suas lições com Cersei.* – Sua Graça nunca aceitará esse ultraje. Lembro-lhe de que é *ela* a regente de Joffrey.

– Tal como eu sou Mão de Joffrey.

– A Mão serve – informou-o com desenvoltura o jovem cavaleiro. – A regente *governa,* até o rei ser maior de idade.

– Talvez devesse escrever isso para que me lembre melhor – a lareira estalava alegremente. – Pode nos deixar, Pod – Tyrion disse ao escudeiro. Só depois de o rapaz sair, voltou-se para Lancel: – Há mais?

– Sim. Sua Graça pede-me que lhe informe que Sor Jacelyn Bywater desobedeceu a uma ordem emitida em nome do rei.

O que significa que Cersei já ordenou a Bywater que liberte Pycelle e recebeu uma negativa.

– Sei.

– Insiste que o homem seja destituído do cargo e posto sob prisão por traição. Previno-o…

Tyrion pôs a taça de lado:

– Não ouvirei avisos vindos de você, rapaz.

– *Sor* – Lancel falou rigidamente. Tocou a espada, talvez para lembrar Tyrion de que a usava. – Tenha cuidado com a maneira como fala comigo, Duende – sem dúvida pretendia parecer ameaçador, mas aquela absurda penugem no lugar do bigode arruinava o efeito.

– Oh, puxe a espada. Um grito meu e Shagga entra de rompante e mata você. Com um machado, não com um odre de vinho.

Lancel corou; seria tão tonto a ponto de pensar que seu papel na morte de Robert tinha passado despercebido?

– Eu sou um cavaleiro…

– Já notei. Diga-me… Cersei armou-o cavaleiro antes ou depois de tê-lo levado para a cama?

O brilho nos olhos verdes de Lancel era toda a admissão de culpa de que Tyrion necessitava. Portanto, Varys dissera a verdade. *Bem, ninguém jamais poderá afirmar que minha irmã não ama a família*.

– O quê? Nada a dizer? Não há mais avisos para mim, *Sor*?

– Retire essas imundas acusações, senão…

– Faça-me o favor. Por acaso já pensou no que Joffrey fará quando lhe disser que assassinou o pai dele para dormir com sua mãe?

– Não foi assim! – Lancel protestou, horrorizado.

– Não? Então *como* foi? Diga!

– Foi a rainha que me deu o vinho-forte. Seu próprio pai, Lorde Tywin, quando fui nomeado escudeiro do rei, disse-me para obedecer a Cersei em tudo.

– Também disse para fodê-la? – *olhem para ele. Não é tão alto, não tem feições tão regulares, o cabelo é areia em vez de fio de ouro, mas, mesmo assim… Até uma fraca cópia de Jaime é melhor do que uma cama vazia, suponho*. – Não, também me parece que não.

– Nunca pretendi… Só fiz o que me foi pedido, eu…

– … detestou cada instante... É nisso que quer que eu acredite? Uma posição elevada na corte, um grau de cavaleiro, as pernas da minha irmã abertas para você à noite, ah, sim, deve ter sido terrível para você – Tyrion ficou de pé. – Espere aqui. Sua Graça vai querer saber disso.

Todo o tom desafiador de Lancel desapareceu de uma só vez. O jovem cavaleiro caiu de joelhos como um menino assustado.

– Misericórdia, senhor, suplico-lhe.

– Guarde isso para Joffrey. Ele gosta de uma boa súplica.

– Senhor, foram ordens de sua irmã, a rainha, tal como disse, mas Sua Graça… Ele nunca compreenderá…

– Quer que eu esconda a verdade do rei?

– Por meu pai! Deixarei a cidade, será como se nunca tivesse acontecido! Juro, acabarei com tudo…

Era difícil não rir.

– Acho que não.

Agora o rapaz parecia perdido.

– Senhor?

– Você ouviu. Meu pai disse-lhe para obedecer à minha irmã? Muito bem, obedeça. Fique perto dela, ganhe sua confiança, dê-lhe prazer sempre que ela pedir. Ninguém precisa de saber… Desde que trabalhe para mim. Quero saber o que Cersei anda fazendo. Aonde vai, com quem fala e do que fala, que planos anda arquitetando. Tudo. E será você quem vai me contar, não é verdade?

– Sim, senhor – Lancel falou sem um momento de hesitação. Tyrion gostou daquilo. – Serei. Juro. Às suas ordens.

– Levante-se – Tyrion encheu a segunda taça e enfiou-a na mão dele. – Beba ao nosso acordo. Garanto que não há javalis no castelo, pelo menos que eu saiba – Lancel ergueu a taça e bebeu, ainda que de forma tensa. – Sorria, primo. Minha irmã é uma bela mulher, e é tudo

pelo bem do reino. Pode se sair disso bem. Um grau de cavaleiro não é nada. Se for esperto, antes de acabarmos ainda recebe de mim uma senhora – Tyrion fez girar o vinho na sua taça. – Queremos que Cersei tenha toda a confiança em você. Volte e diga-lhe que peço perdão. Diga que me assustou, que não quero conflitos entre nós, que daqui em diante nada farei sem o seu consentimento.

– Mas… Ela exige…

–Ah, eu lhe dou Pycelle.

– Dará? – Lancel pareceu espantado.

Tyrion sorriu.

– Vou soltá-lo amanhã. Podia jurar que não toquei num fio de cabelo dele, mas não seria completamente verdade. Em todo caso, ele está bastante bem, embora eu não garanta seu vigor. As celas negras não são um lugar saudável para um homem de sua idade. Cersei pode mantê-lo como animal de estimação ou mandá-lo para a Muralha, não me interessa, mas não o aceitarei no conselho.

– E Sor Jacelyn?

– Diga a minha irmã que crê que conseguirá tirá-lo de mim em breve. Isso deve contentá-la por enquanto.

– Às suas ordens – Lancel terminou o vinho.

– Só mais uma coisa. Com o Rei Robert morto, seria um grande embaraço se sua inconsolável viúva de repente ficasse prenhe.

– Senhor, eu… nós… a rainha ordenou-me que não… – as orelhas do rapaz tinham tomado o tom carmim dos Lannister. – Derramarei minha semente na barriga dela, senhor.

– Uma adorável barriga, não tenho dúvida. Umedeça-a tantas vezes quantas desejar… Mas assegure-se de que seu orvalho não caia em nenhum outro lugar. Não quero mais sobrinhos, entendido?

Sor Lancel fez uma reverência rígida e se retirou.

Tyrion concedeu a si próprio um momento para sentir pena do rapaz. *Outro tolo, e também fraco, mas não merece o que Cersei e eu estamos lhe fazendo*. Era bom que seu tio Kevan tivesse mais dois filhos, porque este provavelmente não chegaria ao fim do ano. Cersei mandaria matá-lo imediatamente se soubesse que a andava traindo e, se por alguma graça dos deuses, não o fizesse, Lancel nunca sobreviveria ao dia em que Jaime Lannister voltasse a Porto Real. A única questão que restava era saber se Jaime o abateria num ataque de ciúmes, ou se Cersei o assassinaria primeiro, a fim de evitar que Jaime descobrisse. A prata de Tyrion estava posta em Cersei.

Sentia-se desassossegado, e Tyrion sabia perfeitamente que não voltaria a dormir naquela noite. *Não aqui, pelo menos*. Deparou-se com Podrick Payne dormindo numa cadeira à porta do aposento privado, e sacudiu seu ombro.

– Chame Bronn, e depois corra aos estábulos e mande selar dois

cavalos.

Os olhos do escudeiro estavam enevoados de sono.

– Cavalos.

– Aqueles grandes animais marrons que gostam de maçãs, com certeza já os viu. Quatro patas e uma cauda. Mas, primeiro, Bronn.

O mercenário não demorou a aparecer.

– Quem mijou na sua sopa? – o homem quis saber.

– Cersei, como sempre. Seria de se esperar que a essa altura já estivesse habituado ao gosto, mas, esqueça. Minha amável irmã parece ter me confundido com Ned Stark.

– Ouvi dizer que ele era mais alto.

– Depois de Joff ter cortado sua cabeça, não. Devia ter vestido uma roupa mais quente. A noite está fria.

– Vamos a algum lugar?

– Os mercenários são todos tão espertos como você?

As ruas da cidade eram perigosas, mas com Bronn a seu lado Tyrion sentia-se bastante seguro. Os guardas deixaram-nos sair por uma pequena porta na muralha norte, e eles desceram a Alameda da Sombra Negra até o sopé da Grande Colina de Aegon, e daí dirigiram-se ao Beco do Porco Corrido, passando por fileiras de janelas fechadas e altos edifícios de madeira e pedra, cujos andares superiores se estendiam tanto por cima da rua, que quase se beijavam. A lua parecia segui-los enquanto avançavam, brincando de se esconder por entre as chaminés. Não encontraram ninguém além de uma velha que arrastava um gato morto pelo rabo. Lançou-lhes um olhar temeroso, como se receasse que tentassem roubar dela o jantar, e desvaneceu-se nas sombras sem uma palavra.

Tyrion refletiu sobre os homens que tinham sido Mão antes dele e que se revelaram incapazes de vencer os ardis da irmã. *E como seria de outro modo? Homens assim… Honrosos demais para viver, nobres demais para cagar... Cersei devora tais tolos todas as manhãs no desjejum. A única forma de derrotá-la era jogar o seu jogo, e isso era algo que os Senhores Stark e Arryn nunca fariam.* Pouco admirava que ambos estivessem mortos, já Tyrion Lannister nunca se sentira mais vivo. Suas pernas deformadas podiam transformá-lo num grotesco cômico de um baile das colheitas, mas conhecia *aquela* dança.

Apesar da hora, o bordel estava apinhado. Chataya saudou-os agradavelmente e os levou para a sala comum. Bronn subiu com uma moça de olhos escuros, de Dorne, porque Alayaya estava ocupada.

– Ficará tão satisfeita por saber que veio – Chataya lhe disse. – Mandarei preparar o quarto da torre. O senhor aceita uma taça de vinho enquanto espera?

– Aceito – Tyrion respondeu.

O vinho era fraco se comparado com as colheitas da Árvore que a

casa servia habitualmente.

– Tem de nos perdoar, senhor – Chataya se desculpou. – Ultimamente não consigo encontrar bom vinho por nenhum preço.

– Temo que não seja só você.

Chataya lamentou-se com ele durante um momento, depois pediu desculpas e afastou-se. *Uma mulher bonita*, refletiu Tyrion enquanto a via partir. Raramente vira tal elegância e dignidade numa prostituta, embora ela se visse mais como um tipo de sacerdotisa. *Talvez seja este o segredo. Não é o que fazemos, mas o motivo por que o fazemos.* De algum modo, aquele pensamento o confortou.

Alguns dos outros clientes a olhavam de canto de olho. Da última vez que se aventurara a sair, um homem tinha cuspido nele… bem, tentara fazê-lo. Em vez disso, cuspiu em Bronn, e dali em diante passou a cuspir sem o auxílio dos dentes.

– O senhor está se sentindo carente? – Dancy tinha deslizado para o seu colo e mordiscava sua orelha. – Tenho cura para isso.

Sorrindo, Tyrion balançou a cabeça:

– É tão bela que não tenho palavras, doçura, mas tornei-me amigo do remédio de Alayaya.

– Nunca *experimentou* o meu. O senhor nunca escolhe ninguém a não ser a ‘Yaya. Ela é boa, mas eu sou melhor, não quer ver?

– Talvez da próxima vez – Tyrion não tinha dúvidas de que com Dancy teria um bocado de diversão. Possuía um nariz achatado, com sardas e uma juba de espessos cabelos ruivos que caía até depois da cintura. Mas ele tinha Shae à espera na mansão.

Aos risinhos, ela pousou a mão entre as suas coxas e apertou através dos calções.

– Acho que *ele* não quer esperar até a próxima vez – ela anunciou. – Acho que ele quer sair e contar todas as minhas sardas.

– Dancy – Alayaya estava na porta, escura e calma em suas sedas verdes e transparentes. – Sua senhoria veio me visitar.

Tyrion desembaraçou-se gentilmente da outra garota e pôs-se em pé. Dancy não pareceu se importar.

– Da próxima vez – ela disse, enfiando um dedo na boca para chupá-lo.

Enquanto subia as escadas à sua frente, a moça de pele negra disse:

– Pobre Dancy. Tem uma quinzena para conseguir que o senhor a escolha. Caso contrário, perde as pérolas negras para Marei.

Marei era uma garota calma, de pele clara e delicada em que Tyrion reparara uma ou duas vezes. Olhos verdes e pele de porcelana, longos cabelos lisos e prateados, muito encantadora, mas muito mais pomposa do que devia ser.

– Detestaria que a pobre moça perdesse as pérolas por minha

causa.

– Então suba com ela da próxima vez.

– Talvez o faça.

Ela sorriu:

– Creio que não, senhor.

Ela tem razão, Tyrion pensou. *Não o farei. Shae pode ser apenas uma prostituta, mas à minha maneira lhe sou fiel.*

No quarto do torreão, enquanto abria a porta do guarda-roupa, olhou com curiosidade para Alayaya:

– O que você vai fazer enquanto eu não estiver aqui?

Ela ergueu os braços e espreguiçou-se como uma gata negra cheia de saúde:

– Dormirei. Tenho descansado muito mais desde que começou a nos visitar, senhor. E Marei anda nos ensinando a ler, talvez em breve seja capaz de passar o tempo com um livro.

– Dormir é bom – ele respondeu. – E os livros são melhores – deu-lhe um beijo rápido na face. Depois seguiu pelo alçapão abaixo e pelo túnel afora.

Ao sair do estábulo no seu castrado malhado, Tyrion ouviu o som de música pairando sobre os telhados. Era agradável pensar que os homens ainda cantavam, mesmo no meio dos massacres e da fome. Notas recordadas encheram sua cabeça, e por um momento quase conseguiu ouvir Tysha cantando para ele como cantara meia vida antes. Puxou as rédeas para escutar. A melodia estava errada, e as palavras indistintas demais para que as compreendesse. Era então uma canção diferente, e por que não? Sua querida e inocente Tysha tinha sido uma mentira do início ao fim, nada mais do que uma prostituta que o irmão Jaime contratara para fazer dele um homem.

Agora estou livre de Tysha, pensou. *Ela me assombrou durante metade da minha vida, mas já não preciso dela, não mais do que preciso de Alayaya, Dancy ou Marei, ou das centenas de mulheres iguais a elas com que fui me deitando ao longo dos anos. Agora tenho Shae. Shae.*

Os portões da mansão estavam fechados e trancados. Tyrion bateu até que o ornamentado olho de bronze se abriu com um estalido.

– Sou eu.

O homem que o deixou entrar era uma das mais belas descobertas de Varys, um faquista de Bravos com um lábio leporino e um olho vesgo. Tyrion não quis guardas jovens e bonitos passeando em torno de Shae dia após dia. “Arranje-me homens velhos, feios e com cicatrizes, de preferência impotentes”, tinha dito ao eunuco. “Homens que prefiram rapazes. Ou, melhor ainda, homens que prefiram ovelhas.” Varys não conseguira arranjar nenhum amante de ovelhas, mas encontrara um estrangulador eunuco e um par de ibbeneses malcheirosos que gostavam tanto de machados como um do outro. Os

outros eram um bando de mercenários de fazer inveja a qualquer masmorra, cada um mais feio do que o outro. Quando Varys os fez desfilar à sua frente, Tyrion temeu que o eunuco tivesse ido longe demais, mas Shae nunca expressou uma palavra de queixa. *E por que haveria de expressar? Nunca se queixou de mim, e eu sou mais hediondo do que todos os seus guardas juntos. Talvez nem sequer veja a feiura.*

Mesmo assim, Tyrion teria preferido usar alguns de seus homens dos clãs da montanha para guardar a mansão; talvez os Orelhas Negras de Chella, ou os Irmãos da Lua. Depositava mais fé na férrea lealdade e no sentido de honra deles do que na ganância de mercenários. Mas o risco era elevado demais. Porto Real inteira sabia que os selvagens lhe pertenciam. Se mandasse para ali os Orelhas Negras, seria apenas uma questão de tempo até que toda a cidade soubesse que a Mão do Rei mantinha uma concubina.

Entregou o cavalo a um dos ibbeneses.

– Acordou-a? – perguntou-lhe Tyrion.

– Não, senhor.

– Ótimo.

O fogo, no quarto, ardera até deixar apenas brasas, mas o aposento ainda estava quente. Shae tinha empurrado as mantas e os lençóis para longe enquanto dormia. Jazia nua sobre seu colchão de penas, com as suaves curvas de seu corpo jovem delineadas pelo tênue brilho vindo da lareira. Tyrion parou à porta e bebeu da visão da moça. *Mais jovem do que Marei, mais doce do que Dancy, mais bela do que Alayaya, é tudo de que preciso, e ainda mais.* Perguntou a si mesmo como podia uma prostituta parecer tão limpa, doce e inocente.

Não pretendia perturbá-la, mas vê-la foi o suficiente para deixá-lo excitado. Deixou que as roupas caíssem ao chão, depois subiu para a cama, afastou suas pernas com gentileza e beijou-a entre as coxas. Shae murmurou no sono. Tyrion voltou a beijá-la, e lambeu sua doçura secreta, uma e outra vez, até que tanto a barba dele como a boceta dela ficaram ensopadas. Quando ela soltou um suave gemido e estremeceu, ele subiu, penetrou-a e explodiu quase de imediato.

Os olhos da garota estavam abertos. Ela sorriu, afagou sua cabeça e sussurrou:

– Tive agora mesmo o mais doce dos sonhos, senhor.

Tyrion mordiscou seu pequeno mamilo túrgido e aninhou a cabeça no seu ombro. Não saiu de dentro dela; gostaria de nunca ter de sair dali.

– Isso não é sonho nenhum – garantiu-lhe. *É real, tudo isso*, pensou, *as guerras, as intrigas, o grande jogo sangrento, e eu no centro de tudo… eu, o anão, o monstro, aquele de quem zombavam e riam. Mas agora tenho tudo, o poder, a cidade, a moça. Foi para isso que fui feito e, que os deuses me perdoem,* adoro *tudo…*

E a ela. E a ela.

Arya

Quaisquer que tivessem sido os nomes que Harren, o Negro, quisera dar às suas torres, estavam havia muito esquecidos. Eram chamadas de Torre do Terror, da Viúva, dos Gemidos, dos Fantasmas e da Pira do Rei. Arya dormia num nicho pouco profundo, nas caves por baixo da Torre dos Lamentos, numa cama de palha. Tinha água para se lavar sempre que quisesse e um pedaço de sabão. O trabalho era duro, mas não tanto como caminhar vários quilômetros todos os dias. A Doninha não precisava encontrar minhocas e bichos para comer, como Arry tinha precisado; havia pão todos os dias, e também guisados de cevada com pedacinhos de cenoura e nabo, e de quinze em quinze dias até um pouco de carne.

Torta Quente comia ainda melhor; estava no lugar certo para ele, nas cozinhas, um edifício redondo de pedra com um telhado em forma de cúpula que era um mundo próprio. Arya tomava as refeições numa mesa de montar na galeria subterrânea, com Weese e os outros que ele tinha a seu cargo, mas às vezes era escolhida para ajudar a buscar as refeições, e ela e Torta Quente roubavam um momento para conversar. Ele nunca conseguia se lembrar de que ela era agora Doninha, e continuava a chamá-la de Arry, embora soubesse que era uma menina. Uma vez tentara dar-lhe, às escondidas, uma torta quente de maçã, mas tinha sido tão desastrado que dois dos outros cozinheiros viram. Levaram a torta e bateram nele com uma grande colher de pau.

Gendry tinha sido mandado para a forja; Arya raramente o via. Quanto àqueles com quem servia, nem sequer queria saber seus nomes. Isso só fazia com que doesse mais quando morriam. Eles eram, na maior parte, mais velhos do que ela, e ficavam satisfeitos por deixá-la em paz.

Harrenhal era vasto, e a maior parte havia muito entrara em decadência. A Senhora Whent teve a posse do castelo enquanto vassala da Casa Tully, mas usava apenas os andares inferiores de duas das cinco torres, e deixara o resto cair em ruínas. Agora estava em fuga, e o pouco pessoal que restara não era capaz nem de começar a cuidar das necessidades de todos os cavaleiros, senhores e prisioneiros de nascimento elevado que Lorde Tywin havia trazido, e por isso os Lannister eram obrigados a procurar não só saque e provisões, mas também criados. Segundo se dizia, Lorde Tywin planejava devolver Harrenhal à sua antiga glória, e fazer do castelo sua nova sede depois que a guerra terminasse.

Weese usava Arya para entregar mensagens, carregar água e buscar comida, e às vezes para servir as mesas no Salão das Casernas,

por cima do arsenal, onde os homens de armas faziam as refeições. Mas a maior parte de seu trabalho era limpar. O piso inferior da Torre dos Gemidos tinha sido transformado em armazéns e celeiros, e os dois pisos imediatamente acima alojavam parte da guarnição, mas os pisos superiores não eram ocupados havia oitenta anos. Agora, Lorde Tywin ordenara que fossem de novo preparados para habitação. Havia chãos a escovar, sujeira a ser lavada de janelas, cadeiras quebradas e camas apodrecidas a ser jogadas fora. O andar de cima estava infestado com ninhos dos enormes morcegos negros que a Casa Whent usara como símbolo, e também havia ratazanas nos porões… e fantasmas, diziam alguns, os espíritos de Harren, o Negro, e de seus filhos.

Arya achava que aquilo era estúpido. Harren e os filhos tinham morrido na Torre da Pira do Rei, era por isso que ela tinha aquele nome; portanto, por que haveriam de atravessar o pátio para ir assombrá-la? A Torre dos Gemidos só gemia quando o vento soprava do norte, e isso era apenas o som que o ar fazia ao soprar por entre as fendas das pedras, que tinham se aberto com o calor. Se *havia* fantasmas em Harrenhal, nunca a incomodaram. Eram os vivos que ela temia, Weese, Sor Gregor Clegane e o próprio Lorde Tywin Lannister, que tinha os aposentos na Torre da Pira do Rei, ainda a mais alta e mais poderosa de todas, embora deformada sob o peso da escória que a tornava parecida com uma gigantesca vela negra meio derretida.

Gostaria de saber o que faria Lorde Tywin caso se dirigisse a ele e confessasse ser Arya Stark, mas sabia que nunca conseguiria se aproximar o suficiente para falar com ele e, fosse como fosse, ele nunca acreditaria no que lhe dissesse, e depois Weese bateria nela até deixá-la sangrando.

À sua maneira pequena e empertigada, Weese era quase tão assustador quanto Sor Gregor. A Montanha esmagava homens como se fossem moscas, mas durante a maior parte do tempo nem parecia reparar que a mosca estava ali. Weese sabia *sempre* que todos estavam ali, e o que estavam fazendo, e às vezes o que estavam pensando. Batia à mínima provocação, e tinha um cão que era quase tão mau como ele, uma cadela feia e malhada que cheirava pior do que qualquer cão que Arya tivesse conhecido. Uma vez, viu-o atiçar o cão contra um latrineiro que o aborrecera. A cadela arrancou um grande bocado da barriga da perna do rapaz, enquanto Weese ria.

Weese demorou apenas três dias para conquistar o lugar de honra nas preces noturnas de Arya.

– Weese – sussurrava, antes de todos –, Dunsen, Chiswyck, Polliver, Raff, o Querido, Cócegas e Cão de Caça. Sor Gregor, Sor Amory, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei – caso se

esquecesse de apenas um deles que fosse, como poderia voltar a encontrá-lo para matá-lo?

Na estrada, Arya tinha se sentido como uma ovelha, mas Harrenhal a transformou num rato. Era cinza como um roedor em seu vestido áspero de lã e, tal como um desses bichos, mantinha-se junto aos vãos, fendas e buracos escuros do castelo, correndo apressadamente para fora do caminho dos poderosos.

Às vezes, pensava que eram *todos* ratos dentro daquelas grossas muralhas, até os cavaleiros e os grandes senhores. O tamanho do castelo fazia com que até Gregor Clegane parecesse pequeno. Harrenhal cobria o triplo do terreno de Winterfell, e seus edifícios eram de tal modo maiores do que os do castelo do norte, que quase não podiam ser comparados. Suas cocheiras tinham espaço para mil cavalos, seu bosque sagrado estendia-se por vinte acres, suas cozinhas eram tão grandes como o Grande Salão de Winterfell, e seu grande salão, grandiosamente chamado Salão das Cem Lareiras, embora tivesse apenas trinta e tantas (Arya tentou contá-las, duas vezes, mas uma vez chegou a trinta e três e, na outra, a trinta e cinco), era tão cavernoso que Lorde Tywin podia ter lá banqueteado a tropa inteira, embora nunca o fizesse. Muralhas, portas, salões, degraus, tudo era construído em uma escala desumana, que fazia com que Arya recordasse as histórias que a Velha Ama costumava contar a respeito dos gigantes que viviam para lá da Muralha.

E, como os senhores e senhoras nunca reparam nos ratinhos cinzentos que correm sob seus pés, Arya ouviu todo tipo de segredo só por manter os ouvidos abertos enquanto desempenhava seus deveres. A bonita Pia, da despensa, era uma devassa que passava pelas mãos de todos os cavaleiros do castelo. A mulher do carcereiro esperava um bebê, mas o verdadeiro pai era ou Sor Alyn Stackspear ou um cantor chamado Wat Sorriso-Branco. Lorde Lefford caçoava dos fantasmas à mesa, mas mantinha sempre uma vela queimando junto à cama. O escudeiro de Sor Dunaver, Jodge, não conseguia segurar a urina quando dormia. Os cozinheiros desprezavam Sor Harys Swyft e cuspiam em sua comida. Uma vez até ouviu a criada do Meistre Tothmure confidenciar ao irmão que tinham recebido uma mensagem qualquer que dizia que Joffrey era um bastardo, e não o legítimo rei.

– Lorde Tywin disse-lhe para queimar a carta e nunca mais voltar a proferir tal imundície – sussurrou a moça.

Ouviu dizer que os irmãos do Rei Robert, Stannis e Renly, tinham se juntado à luta.

– E ambos agora são reis – disse Weese. – O reino tem mais reis do que o castelo tem ratazanas – até os homens dos Lannister se interrogavam sobre quanto tempo Joffrey se manteria no Trono de Ferro.

– O rapaz não tem exército, a não ser aqueles homens de manto dourado, e é governado por um eunuco, um anão e uma mulher – Arya ouviu um fidalgo murmurar, ébrio. – De que eles servirão em batalha? – havia sempre conversas sobre Beric Dondarrion. Um arqueiro gordo disse uma vez que os Saltimbancos Sangrentos o tinham matado, mas os outros só riram.

– Lorch matou o homem nas Cataratas Impetuosas, e a Montanha já o matou duas vezes. Tenho aqui um veado de prata que diz que dessa vez também não deve ficar morto.

Arya não soube quem eram os Saltimbancos Sangrentos até uma quinzena mais tarde, quando o mais estranho grupo de homens que já vira chegou a Harrenhal. Sob um estandarte com uma cabra negra dotada de cornos ensanguentados, cavalgavam homens de cobre com sinetas nas tranças; lanceiros montados em cavalos rajados de preto e branco; arqueiros com as caras empoadas; homens peludos e atarracados, segurando escudos grosseiros; homens de pele marrom com mantos de penas; um bobo delgado vestido de quadriculado verde e rosa; espadachins com fantásticas barbas divididas pintadas de verde, roxo e prateado; lanceiros com cicatrizes coloridas que cobriam suas bochechas; um homem magro vestido de septão, um outro com ar paternal, usando o cinza dos meistres, e um terceiro com um aspecto doentio, cujo manto de couro era debruado com longos cabelos louros.

À frente vinha um homem magro como um espeto e muito alto, com uma cara repuxada e sem viço que parecia ainda mais longa devido à barba negra e filamentosa que descia desde seu queixo pontiagudo quase até a cintura. O elmo pendurado no arção da sela era de aço negro, esculpido em forma de cabeça de cabra. Em torno do pescoço usava uma corrente feita de moedas interligadas, de tamanho, forma e metais diversos, e o cavalo era um dos estranhos animais pretos e brancos.

– Não quer conhecer aqueles ali, Doninha – disse Weese quando a viu olhando para o homem do elmo de cabra. Tinha consigo dois dos amigos de bebida, homens de armas a serviço de Lorde Lefford.

– Quem são eles? – Arya quis saber.

Um dos soldados soltou uma gargalhada.

– Os Peões, garota. Dedos da Cabra. Os Saltimbancos Sangrentos de Lorde Tywin.

– Cabeça de ervilha. Se fizer com que a esfolem, será *você* quem vai esfregar o sangue dos degraus – Weese a repreendeu. – São mercenários, Doninha. Chamam a si próprios de Bravos Companheiros. Não use os outros nomes onde eles possam ouvir, senão machucam-na muito. O do elmo de cabra é o capitão, Lorde Vargo Hoat.

– Ele não é lorde coisa nenhuma – disse o segundo soldado. –

Ouvi Sor Amory dizer. É só um mercenário qualquer com a boca cheia de baba e que se acha mais do que é.

– É – Weese resmungou –, mas é melhor que ela o *chame* de lorde se quiser se manter inteira.

Arya voltou a olhar para Vargo Hoat. *Quantos monstros tem Lorde Tywin?*

Os Bravos Companheiros foram alojados na Torre da Viúva, e Arya não teve de servi-los. Sentiu-se grata por aquilo; na mesma noite em que chegaram, estourou uma luta entre os mercenários e alguns homens dos Lannister. O escudeiro de Sor Harys Swyft foi esfaqueado até a morte, e dois dos Saltimbancos Sangrentos ficaram feridos. Na manhã seguinte, Lorde Tywin enforcou ambos nas muralhas da guarita, na companhia de um dos arqueiros de Lorde Lydden. Weese disse que o arqueiro tinha dado início à discussão por insultar os mercenários em favor de Beric Dondarrion. Depois de os enforcados terem parado de se contorcer, Vargo Hoat e Sor Harys abraçaram-se, beijaram-se e juraram gostar um do outro para sempre, enquanto Lorde Tywin observava. Arya achou engraçado o modo como Vargo Hoat ceceava e se babava, mas não era tão tola a ponto de rir.

Os Saltimbancos Sangrentos não ficaram muito tempo em Harrenhal, mas, antes de voltarem a partir, Arya ouviu um deles contar como um exército de nortenhos sob a liderança de Roose Bolton tinha ocupado o vau rubi do Tridente.

– Se atravessar, Lorde Tywin vai esmagá-lo de novo, como fez no Ramo Verde – disse um arqueiro Lannister, mas os companheiros zombaram dele.

– Bolton nunca atravessará, pelo menos até que o Jovem Lobo se ponha em marcha de Correrrio com seus nortenhos selvagens e os lobos todos.

Arya não sabia que o irmão estava tão perto. Correrrio ficava muito mais próximo do que Winterfell, embora não estivesse certa de sua posição em relação a Harrenhal. *Podia arranjar maneira de saber, sei que podia, se ao menos conseguisse sair daqui*. Quando pensou em voltar a ver o rosto de Robb, Arya teve de morder o lábio. *E também quero ver Jon, e Bran, e Rickon, e a mãe. Até Sansa… iria beijá-la e lhe pedir seu perdão como uma verdadeira senhora, ela iria gostar.*

Pela conversa no pátio, ficou sabendo que os aposentos superiores da Torre do Terror alojavam três dúzias de cativos capturados durante uma batalha qualquer no Ramo Verde do Tridente. A maioria deles podia circular livremente pelo castelo em troca da garantia de não tentar fugir. *Eles juraram não fugir*, disse Arya a si mesma, *mas nunca juraram que não me ajudariam a fugir*.

Os cativos comiam numa mesa própria no Salão das Cem Lareiras, e podiam ser vistos com frequência nos terreiros. Quatro irmãos

exercitavam-se juntos todos os dias, lutando com bordões e escudos de madeira no Pátio da Corrente de Pedra. Três eram Frey da Travessia, o quarto, um irmão bastardo. Mas ficaram lá pouco tempo; uma certa manhã, dois outros irmãos chegaram sob uma bandeira de paz com uma arca de ouro, e resgataram-nos dos cavaleiros que os tinham capturado. Os seis Frey saíram juntos.

Mas ninguém resgatava os nortenhos. Um fidalgo gordo assombrava as cozinhas, disse-lhe Torta Quente, sempre em busca de um pouco de comida. Tinha um bigode tão cerrado que cobria sua boca, e a fivela que prendia seu manto era um tridente de prata e safiras. Pertencia a Lorde Tywin, mas o jovem feroz e barbudo, que gostava de percorrer sozinho as ameias trajando um manto negro decorado com sóis brancos, tinha sido capturado por um pequeno cavaleiro qualquer, que pretendia enriquecer à sua custa. Sansa saberia quem ele era, e o gordo também, mas Arya nunca tivera muito interesse por títulos e símbolos. Sempre que Septã Mordane começava a falar da história desta ou daquela casa, Arya sentia-se inclinada a divagar, sonhar e perguntar a si mesma quando a aula chegaria ao fim.

Mas lembrava-se de Lorde Cerwyn. Suas terras ficavam próximas de Winterfell, e ele e o filho Cley tinham sido visitas frequentes. Mas o destino determinou que ele fosse o único cativo que nunca era visto; encontrava-se acamado numa cela da torre, recuperando-se de um ferimento. Ao longo de dias e mais dias, Arya tentou planejar um modo de passar pelos guardas da porta, a fim de visitá-lo. Se a reconhecesse, estaria obrigado pela honra a ajudá-la. Um senhor teria certamente ouro, todos eles tinham; e talvez pagasse a algum dos mercenários de Lorde Tywin para levá-la até Correrrio. Seu pai sempre dissera que a maior parte dos mercenários trairia quem quer que fosse a troco de ouro suficiente.

Então, uma manhã, Arya vislumbrou três mulheres com o hábito cinza encapuzado das irmãs silenciosas carregando um cadáver em sua carroça. O corpo encontrava-se envolto num manto da melhor seda, decorada com o símbolo de um machado de batalha. Quando Arya perguntou quem era, um dos guardas disse-lhe que Lorde Cerwyn tinha morrido. As palavras foram como um pontapé em sua barriga. *Ele nunca teria podido ajudá-la, de qualquer maneira*, pensou, enquanto as irmãs conduziam a carroça através do portão. *Ele nem sequer conseguiu se ajudar, aquele rato estúpido.*

Depois daquilo voltou à rotina de esfregar, fugir do caminho dos poderosos e escutar às portas. Ouviu dizer que Lorde Tywin marcharia em breve sobre Correrrio. Ou que avançaria para o sul, em direção a Jardim de Cima, pois ninguém esperaria que o fizesse. Que tinha de defender Porto Real, pois Stannis era a maior ameaça. Que mandara

Gregor Clegane e Vargo Hoat destruir Roose Bolton, tirando assim o punhal de suas costas. Que enviara corvos para o Ninho da Águia, pois pretendia casar-se com a Senhora Lysa Arryn e conquistar o Vale. Que comprara uma tonelada de prata, a fim de forjar espadas mágicas que matariam os lobos Stark. Que escrevera à Senhora Stark para fazer a paz, e que o Regicida seria libertado em breve.

Embora os corvos partissem e chegassem todos os dias, o próprio Lorde Tywin passava a maior parte de seus dias atrás de portas fechadas com seu conselho de guerra. Arya vislumbrou-o algumas vezes, mas sempre de longe… Uma vez, caminhando pelas muralhas na companhia de três meistres e do gordo cativo com o bigode cerrado; outra, saindo a cavalo com os senhores seus vassalos para visitar os acampamentos; mas, na maior parte das vezes, numa arcada da galeria coberta, observando os treinos dos homens no pátio abaixo. Ficava em pé, com ambas as mãos fechadas sobre o copo de ouro de sua espada longa. Dizia-se que Lorde Tywin amava o ouro acima de tudo; Arya ouviu um escudeiro gracejar que até *cagava* ouro. Lorde Lannister tinha um aspecto forte para um velho, com rígidas suíças douradas e uma cabeça calva. Havia algo no seu rosto que fazia Arya lembrar-se de seu pai, embora não se parecessem em nada. *Tem uma cara de senhor, é só isso*, disse a si mesma. Lembrava-se de ouvir a senhora sua mãe dizer ao pai para envergar a cara de senhor e ir tratar de algum assunto. O pai ria daquilo. Arya não conseguia imaginar Lorde Tywin rindo de qualquer coisa.

Uma tarde, enquanto esperava sua vez de tirar um balde de água do poço, ouviu os eixos do portão oriental gemendo. Um grupo de homens montados entrou a trote sob a porta levadiça. Quando viu a manticora rastejando no escudo do chefe, sentiu-se trespassada por uma punhalada de ódio.

À luz do dia, Sor Amory Lorch parecia menos assustador do que parecera à luz dos archotes, mas ainda possuía os olhos de porco de que recordava. Uma das mulheres disse que seus homens tinham rodeado o lago por completo, perseguindo Beric Dondarrion e matando rebeldes. *Nós não éramos rebeldes*, Arya pensou. *Éramos a Patrulha da Noite; e a Patrulha da Noite não toma partido*. Mas Sor Amory tinha menos homens do que ela recordava, e muitos vinham feridos. *Espero que os ferimentos gangrenem. Espero que morram todos.*

Então, viu os três que seguiam perto do fim da coluna.

Rorge tinha colocado um meio-elmo negro com uma larga proteção de nariz em ferro que tornava difícil ver que não tinha nariz. Dentadas seguia pesadamente ao seu lado, num corcel de batalha que parecia prestes a cair sob seu peso. Queimaduras meio curadas cobriam seu corpo, tornando-o ainda mais hediondo do que já era.

Mas Jaqen H'ghar ainda sorria. Seu traje ainda estava esfarrapado

e imundo, mas arranjara algum tempo para se lavar e escovar o cabelo, que escorria por seus ombros, vermelho, branco e brilhante, e Arya ouviu as moças soltando risadinhas de admiração umas com as outras.

Devia ter deixado que o fogo ficasse com eles. Foi o que Gendry disse para fazer, devia ter dado ouvidos. Se não lhes tivesse atirado aquele machado, estariam todos mortos. Por um momento, ficou com medo, mas eles passaram por ela sem sinal de interesse. Só Jaqen H'ghar relanceou o olhar em sua direção, e seus olhos passaram por cima de sua cabeça. *Ele não me reconheceu*, pensou. *Arry era um garotinho feroz com uma espada, e eu sou apenas uma ratinha cinzenta com um balde.*

Passou o resto do dia esfregando degraus no interior da Torre dos Gemidos. Ao cair da noite, tinha as mãos em carne viva e sangrando, e os braços tão doloridos que tremiam enquanto levava o balde de volta ao porão. Cansada demais até para a comida, Arya pediu desculpa a Weese e enfiou-se na palha para dormir.

– Weese – bocejou. – Dunsen, Chiswyck, Polliver, Raff, o Querido, Cócegas e Cão de Caça. Sor Gregor, Sor Amory, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei – pensou em adicionar mais três nomes à sua prece, mas estava cansada demais para decidir naquela noite.

Arya sonhava com lobos correndo, livres, pelos bosques, quando uma mão forte caiu sobre sua boca como uma pedra suave e morna, sólida e inflexível. Acordou de imediato, contorcendo-se e lutando.

– Uma menina não diz nada – sussurrou uma voz, bem perto de sua orelha. – Uma menina fica com os lábios fechados, ninguém escuta, e amigos podem conversar em segredo. Sim?

Com o coração aos saltos, Arya conseguiu fazer o mais minúsculo dos acenos.

Jaqen H'ghar afastou a mão. A cave estava negra como breu, e ela não conseguia ver seu rosto, mesmo estando a poucos centímetros dele. Mas conseguia *cheirá-lo*; a pele cheirava a limpa e ensaboada, e o homem tinha perfumado o cabelo.

– Um menino transforma-se numa menina – murmurou.

– *Sempre* fui uma menina. Pensava que não tinha me visto.

– Um homem vê. Um homem sabe.

Arya lembrou-se de que o odiava.

– Assustou-me. Agora é um *deles*, devia tê-lo deixado arder. O que está fazendo aqui? Vá embora, senão grito por Weese.

– Um homem paga as suas dívidas. Um homem tem três.

– Três?

– O Deus Vermelho tem as suas obrigações, querida menina, e só a morte pode pagar pela vida. Esta menina roubou três que eram dele. Esta menina deve dar três para o lugar das que roubou. Diga os nomes, e um homem fará o resto.

Ele quer me ajudar, Arya compreendeu, com um afluxo de esperança que a deixou tonta.

– Leve-me para Correrrio, não é longe, se roubássemos alguns cavalos podíamos…

Ele pôs um dedo sobre seus lábios.

– Três vidas terá de mim. Nada mais, nada menos. Três e estamos pagos. Por isso, uma menina tem de refletir – ele beijou suavemente seu cabelo. – Mas não durante muito tempo.

Quando Arya acendeu seu toco de vela, dele só restava um tênue odor, uma lufada de gengibre e cravo que pairava no ar. A mulher no nicho seguinte revirou-se na palha, queixando-se da luz, e Arya apagou a vela com um sopro. Quando fechou os olhos, viu rostos nadando na sua frente. Joffrey e a mãe, Ilyn Payne, Meryn Trant e Sandor Clegane… Mas estavam em Porto Real, a centenas de milhas de distância, e Sor Gregor permanecera ali apenas algumas noites antes de partir para mais pilhagem, levando consigo Raff, Chiswyck e Cócegas. Mas Sor Amory Lorch encontrava-se ali, e ela o odiava quase tanto quanto à Montanha. Não odiava? Não estava segura. E havia sempre Weese.

Voltou a pensar nele na manhã seguinte, quando a falta de sono a fez bocejar.

– Doninha – Weese ronronou –, da próxima vez que vir essa boca abrir, puxo sua língua para fora e a dou para minha cadela comer – ele torceu sua orelha entre os dedos para se certificar de que ela ouvia, e disse-lhe para voltar para os degraus, que os queria limpos até o terceiro patamar quando a noite caísse.

Enquanto trabalhava, Arya pensou nas pessoas que queria ver mortas. Fingiu que conseguia ver seus rostos nos degraus, e esfregou com mais força para se ver livre deles. Os Stark estavam em guerra com os Lannister, e ela era uma Stark, portanto, devia matar tantos Lannister quanto pudesse, era isso que se fazia nas guerras. Mas não lhe parecia que pudesse confiar em Jaqen. *Devia matá-los eu mesma*. Sempre que o pai condenara um homem à morte, era ele próprio quem cumpria a sentença com Gelo, sua espada. *"Se tirar a vida de um homem, deve olhá-lo nos olhos e ouvir suas últimas palavras"*, ouvira-o dizer uma vez a Robb e a Jon.

No dia seguinte e no outro evitou Jaqen H'ghar. Não era difícil. Era muito pequena e Harrenhal muito grande, cheio de lugares onde um rato podia se esconder.

E então Sor Gregor voltou, mais cedo do que o esperado, trazendo dessa vez um rebanho de cabras no lugar de prisioneiros. Arya ouviu dizer que havia perdido quatro homens num dos ataques noturnos de Lorde Beric, mas aqueles que Arya odiava regressaram incólumes e instalaram-se no segundo andar da Torre dos Gemidos. Weese mandou

abastecê-los bem de bebida.

– Têm sempre muita sede, estes aí – resmungou. – Doninha, sobe e pergunta se têm alguma roupa que precise de remendos, e eu mandarei as mulheres tratarem disso.

Arya correu por seus degraus bem escovados. Ninguém prestou qualquer atenção nela quando entrou. Chiswyck estava sentado perto da lareira com um corno de cerveja na mão, contando uma de suas histórias engraçadas. Não se atreveu a interromper, porque não queria um lábio ensanguentado.

– Foi depois do Torneio da Mão, antes de a guerra chegar – Chiswyck estava dizendo. – Seguíamos no caminho de volta para o oeste, sete, mais Sor Gregor. Raff ia comigo, e o jovem Joss Stilwood, que tinha servido de escudeiro ao sor nas liças. Bom, chegamos a um mijinho de rio, que corria cheio porque tinha chovido. Não havia maneira de atravessar, mas tinha uma cervejaria ali perto, portanto, nem tudo estava perdido. Sor empurrou o cervejeiro e lhe disse para manter nossos cornos cheios até que as águas baixassem. Deviam ter visto os olhos de porco do homem brilhando ao ver a prata. Então veio nos trazer cerveja, ele e a filha, e era um negócio ralo e aguado, nada mais que mijo marrom, que não me deixou feliz, e ao sor também não. E o cervejeiro o tempo todo dizendo como estava contente por nos ter ali, que a freguesia andava fraca por causa das chuvas. O babaca não fechava a matraca, mesmo com o sor não dizendo uma palavra, pensando no Cavaleiro dos Maricas e naquele truque de velhaco que tinha usado. Dava pra ver como a boca dele se apertava, e então eu e os outros rapazes bem sabíamos que não era boa ideia dirigir-lhe nem que fosse um guincho, mas aquele cervejeiro tinha que falar, e até perguntou como o sor se saíra na justa. O sor só lhe deu aquele olhar – Chiswyck soltou um cacarejo, emborcou a cerveja e limpou a espuma com as costas da mão. – Entretanto, a filha dele andava de um lado para o outro servindo e indo buscar mais cerveja, uma coisinha gorda, com dezoito anos, por aí…

– O mais certo é treze – disse Raff, o Querido, com voz arrastada.

– Bem, seja como for, ela não era grande coisa de se ver, mas Eggon tinha bebido e ficou pegando nela, e pode ser que eu também tenha lhe dado umas pegadas, e Raff disse ao jovem Stilwood que devia arrastá-la lá pra cima e virar um homem, dando coragem ao rapaz. Por fim, Josse meteu a mão debaixo da saia, e ela guinchou, deixou cair o jarro e fugiu pra cozinha. Bom, devia ter ficado por ali, mas, o que fez o velho idiota? Foi até o *sor* e lhe pediu para nos obrigar a deixar a moça em paz, porque era um cavaleiro ungido, e isso tudo. Sor Gregor não tava prestando atenção à nossa zoeira, mas, então, *olhou*, **cês** sabem como ele faz, e ordenou que a moça fosse trazida à sua presença. E o velho teve de arrastá-la da cozinha, e não

pôde se queixar de ninguém a não ser dele mesmo. O sor olhou-a de cima a baixo e disse: "Então é esta a puta com que está tão preocupado", e aquele velho pateta respondeu: "A minha Layna não é puta, sor", bem na cara de Gregor. O sor nem pestanejou, só disse: "Agora é". Atirou ao velho outra prata, arrancou o vestido da mulher e a comeu ali mesmo, na mesa, na frente do pai, com ela saltando e se remexendo como um coelho e fazendo barulho. A expressão na cara do velho… ri tanto, que saiu cerveja pelo meu nariz. Então, um rapaz ouviu o barulho, o filho, acho eu, saiu correndo da cave, e o Raff teve de espetar uma adaga na sua barriga. Aí o sor já tinha acabado, e voltou pra bebida, e todos tivemos a nossa vez. O Tobbot, sabem como ele é, virou a moça de barriga para baixo e entrou por trás. Quando chegou a minha vez, a menina já tinha parado de lutar, quem sabe tinha achado que, afinal, gostava, ainda que, pra dizer a verdade, eu não tivesse me importado se se remexesse um pouco. Agora vem a melhor parte… quando tudo chegou ao fim, o sor disse ao velho que queria o troco. A moça não valia uma moeda de prata, ele disse… E não é que o velho foi buscar um punhado de cobres, pedindo perdão ao sor e *agradecendo pela preferência*!

Todos os homens estouraram em gargalhadas, nenhum tão alto quanto o próprio Chiswyck, que ria tanto de sua história que deixou escorrer ranho de seu nariz para a áspera barba grisalha. Arya ficou nas sombras da escada observando-o. Deslizou de volta para o porão sem proferir uma palavra. Quando Weese descobriu que não tinha perguntado nada sobre a roupa, puxou seus calções para baixo e bateu nela com um pau até que sangue escorresse por suas coxas, mas Arya fechou os olhos e pensou em todos os ditados que Syrio lhe ensinara, e, assim, não sentiu o corretivo.

Duas noites mais tarde, ele a mandou até o Salão das Casernas para servir a mesa. Transportava um jarro de vinho e servia-o, quando vislumbrou Jaqen H'ghar à mesa, do outro lado da fila onde estava. Mordendo um lábio, Arya olhou em volta com cautela, a fim de se certificar de que Weese não estava por perto. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, disse a si mesma.

Deu um passo, e outro, e a cada um sentia-se menos como um rato. Abriu caminho até o banco, enchendo taças de vinho. Rorge estava sentado à direita de Jaqen, completamente bêbado, mas não reparou nela. Arya inclinou-se para perto e sussurrou "Chiswyck" bem na orelha de Jaqen. O lorathiano não deu qualquer sinal de ter ouvido.

Quando o jarro ficou vazio, Arya correu para as caves a fim de enchê-lo de novo com vinho tirado do barril, e voltou depressa ao serviço. Ninguém tinha morrido de sede enquanto estivera fora do salão, e nem sequer notado sua breve ausência.

Nada aconteceu no dia seguinte, nem no outro, mas no terceiro Arya foi às cozinhas com Weese buscar o jantar.

– Um dos homens da Montanha caiu de um andaime ontem à noite e partiu seu pescoço de imbecil – ouviu Weese dizer a uma cozinheira.

– Bêbado? – a mulher perguntou.

– Não mais do que de costume. Há quem diga que foi o fantasma de Harren que o atirou de lá de cima – e bufou para mostrar o que *ele* pensava de tais ideias.

Não foi Harren, Arya quis dizer, *fui eu*. Matara Chiswyck com um sussurro, e mataria mais dois antes de terminar. *Sou o fantasma de Harrenhal*, pensou. E, naquela noite, havia um nome a menos para odiar.

Catelyn

O local de reunião era uma extensão coberta de relva e semeada de cogumelos cinza-claros e de tocos recentes de árvores abatidas.

– Somos os primeiros a chegar, senhora – disse Hallis Mollen quando refrearam os cavalos por entre os tocos, sós entre os dois exércitos. A bandeira do lobo gigante da Casa Stark ondulava e batia no topo da lança que ele transportava. Dali, Catelyn não via o mar, mas era capaz de sentir sua proximidade. O cheiro de sal era forte no vento que soprava do leste.

Os pelotões de abastecimento de Stannis Baratheon tinham derrubado as árvores para as suas torres de cerco e catapultas. Catelyn perguntou a si mesma quanto tempo o bosque teria estado ali, e se Ned teria descansado naquele lugar quando levara sua tropa para o sul, a fim de quebrar o último cerco a Ponta Tempestade. Conquistara uma grande vitória naquele dia, maior ainda por não ter havido derramamento de sangue.

Que os deuses permitam que eu faça o mesmo, Catelyn rezou. Seus próprios vassalos julgavam-na louca por ter vindo.

– Esta luta não é nossa, senhora – tinha dito Sor Wendel Manderly. – Eu sei que o rei não desejaria que a mãe se pusesse em risco.

– Estamos todos em risco – ela lhe respondeu, talvez com rispidez em excesso. – Acredita que desejo estar aqui, sor? – *meu lugar é em Correrrio, com meu pai moribundo, e em Winterfell, com meus filhos*. – Robb enviou-me ao sul, a fim de falar por ele, e será isso que farei – Catelyn sabia que não seria coisa fácil forjar uma aliança entre aqueles irmãos, mas, pelo bem do reino, era preciso tentar.

Atrás de campos encharcados pela chuva e de elevações pedregosas, conseguia-se ver o grande castelo de Ponta Tempestade erguendo-se para o céu, com as costas voltadas para o mar invisível. Sob aquela massa de pedra cinza-clara, o exército sitiante de Stannis Baratheon parecia tão pequeno e insignificante como ratos com bandeiras.

As canções diziam que o castelo de Ponta Tempestade tinha sido erguido nos tempos antigos por Durran, o primeiro Rei da Tempestade, que conquistara o amor da bela Elenei, filha do deus do mar e da deusa do vento. Na noite de seu casamento, Elenei entregara a virgindade a um amor mortal, e assim condenara-se a uma morte de mortal, e os desgostosos pais tinham libertado sua ira e mandado os ventos e as águas para demolir a fortaleza de Durran. Os amigos, irmãos e convidados do casamento foram esmagados sob as muralhas que desmoronavam ou atirados ao mar, mas Elenei abrigou Durran em

seus braços, ele não se feriu, e quando por fim a alvorada chegou, ele declarou guerra aos deuses e jurou reconstruir Ponta Tempestade.

E construiu mais cinco castelos, cada um maior e mais forte que o anterior, só para vê-los esmagados quando os ventos de temporal subiam, uivando, a Baía dos Naufrágios, conduzindo à sua frente grandes muralhas de água. Seus senhores suplicaram-lhe que construísse no interior; os sacerdotes disseram-lhe que tinha de aplacar os deuses devolvendo Elenei ao mar; até o povo lhe pediu para ceder. Durran não quis escutá-los. E ergueu um sétimo castelo, o mais maciço de todos. Uns diziam que os filhos da floresta o ajudaram a construí-lo, dando forma às pedras com magia; outros afirmavam que um garotinho lhe tinha dito o que fazer, um garoto que cresceria para se tornar Bran, o Construtor. Independentemente de como a história era contada, o fim era igual. Embora os irados deuses atirassem tempestade atrás de tempestade contra o sétimo castelo, ele se manteve firme e desafiador, e Durran Desgosto-Divino e a bela Elenei habitaram-no juntos até o fim de seus dias.

Mas os deuses não esquecem, e os ventos de tormenta ainda atravessam em fúria o mar estreito. Mas Ponta Tempestade resistiu, durante séculos e dezenas de séculos, um castelo como nenhum outro. Sua grande muralha exterior possuía trinta metros contínuos de altura, sem seteiras ou poternas, arredondada por todo o lado, em curva, *lisa*, com as pedras ajustadas com tanta destreza que não havia em parte alguma uma fenda, um ângulo ou uma falha por onde o vento pudesse entrar. Dizia-se que a muralha tinha doze metros de espessura no ponto mais estreito, e quase vinte e cinco no lado virado para o mar, uma dupla fileira de pedras com um núcleo interior de areia e cascalho. Dentro desse poderoso baluarte, as cozinhas, estábulos e pátios estavam abrigados do vento e das ondas. Havia apenas uma torre, colossal e redonda, sem janelas do lado virado para o mar, tão grande que servia de celeiro, caserna, salão de festas e habitação senhorial, tudo ao mesmo tempo, coroada por maciças ameias que a faziam parecer-se de longe com um punho com espigões erguido no topo de um braço atirado para cima.

– Senhora – Hal Mollen chamou Catelyn. Dois cavaleiros tinham emergido do pequeno acampamento ordenado sob o castelo e dirigiam-se para eles em passo lento. – Deve ser o Rei Stannis.

– Sem dúvida – Catelyn os observou avançando. *Deve ser Stannis, mas aquele não é o estandarte dos Baratheon*. Era de um amarelo-vivo, não do rico tom de ouro dos estandartes de Renly, e o símbolo que ostentava era vermelho, embora não conseguisse distinguir sua forma.

Renly seria o último a chegar. Tinha lhe dito isso quando ela partiu. Não pretendia montar a cavalo antes de ver o irmão bem adiantado no caminho. O primeiro a chegar teria de esperar pelo

outro, e Renly não esperaria. *É um tipo de jogo que os reis jogam*, disse a si mesma. Bem, ela não era um rei, portanto, não necessitava jogar. Catelyn tinha prática em esperar.

Enquanto Stannis ia se aproximando, ela viu que ele usava uma coroa esculpida em forma de chamas. Seu cinto era guarnecido de granadas e topázio amarelo, e um grande rubi cortado em forma de quadrado estava incrustado no cabo da espada que usava. Além disso, seu vestuário era simples: justilho de couro com tachas sobre um gibão acolchoado, botas gastas, calções de tecido grosseiro marrom. O símbolo em sua bandeira amarela, como o sol mostrava, era um coração vermelho rodeado por chamas laranjas. O veado coroado estava lá, sim… encolhido e fechado no interior do coração. Ainda mais curiosa era sua porta-estandartes… uma mulher, toda vestida de vermelho, com o rosto escondido pelo grande capuz do manto escarlate. *Uma sacerdotisa vermelha*, pensou Catelyn, curiosa. A seita era numerosa e poderosa nas Cidades Livres e no longínquo leste, mas tinha poucos adeptos nos Sete Reinos.

– Senhora Stark – disse Stannis Baratheon com uma cortesia gelada, quando refreou o cavalo. Inclinou a cabeça, mais calva do que Catelyn se recordava.

– Lorde Stannis – ela respondeu.

Sob a barba bem aparada, seu pesado maxilar apertou-se com força, mas não a incomodou com títulos. Por esse fato, Catelyn sentiu-se devidamente grata.

– Não esperava encontrá-la em Ponta Tempestade.

– Não esperava estar aqui.

Seus olhos cavos olharam-na com desconforto. Aquele não era um homem dado a cortesias fáceis.

– Lamento a morte de seu senhor – disse –, muito embora Eddard Stark não fosse meu amigo.

– Nunca foi seu inimigo, senhor. Quando os senhores Tyrell e Redwyne o tiveram prisioneiro naquele castelo, faminto, foi Eddard Stark quem quebrou o cerco.

– Às ordens de meu irmão, não por gostar de mim – Stannis respondeu. – Lorde Eddard cumpriu seu dever, não nego. Terei alguma vez feito menos do que isso? *Eu* é que devia ter sido Mão de Robert.

– Isso foi vontade de seu irmão. Ned nunca quis o cargo.

– Mas o aceitou. Aquilo que devia ter sido meu. Mesmo assim, dou-lhe minha palavra, terá justiça por seu assassinato.

Como adoram prometer cabeças, esses homens que querem ser reis.

– Seu irmão prometeu-me o mesmo. Mas, a bem da verdade, preferia ter minhas filhas de volta, e deixar a justiça para os deuses. Cersei ainda detém minha Sansa, e de Arya não há notícias desde o dia da morte de Robert.

– Se suas filhas forem encontradas quando eu tomar a cidade, serão enviadas – *vivas ou mortas*, era o que vinha implícito naquele tom de voz.

– E quando será isso, Lorde Stannis? Porto Real fica perto de sua Pedra do Dragão, mas, em vez disso, encontro-o aqui.

– É franca, Senhora Stark. Muito bem, responderei com franqueza. Para tomar a cidade, necessito das forças desses senhores do sul que vejo no campo. É meu irmão que os possui. Tenho, portanto, de tirá-los dele.

– Os homens depositam sua lealdade onde desejam, senhor. Esses senhores juraram fidelidade a Robert e à Casa Baratheon. Se o senhor e seu irmão pusessem de lado sua querela…

– Não tenho qualquer querela com Renly, se ele se mostrar respeitador. Sou seu irmão mais velho, e seu rei. Desejo apenas o que é meu por direito. Renly deve-me lealdade e obediência, e pretendo conquistá-las. Dele e desses outros senhores – Strannis estudou o rosto de Catelyn. – E que causa a traz até este campo, senhora? A Casa Stark aliou-se ao meu irmão, é isso?

Este nunca se vergará, pensou Catelyn, mas tinha de tentar mesmo assim. Havia muita coisa em jogo.

– Meu filho reina como Rei no Norte, pela vontade de nossos senhores e do povo. Não dobra o joelho perante nenhum homem, mas estende a mão em amizade a todos.

– Os reis não têm amigos – Stannis disse bruscamente –, só súditos e inimigos.

– E irmãos – gritou uma voz alegre atrás de Catelyn. Ela relanceou por cima do ombro e viu o palafrém de Lorde Renly escolhendo caminho por entre os tocos. O Baratheon mais novo estava magnífico em seu gibão de veludo verde e manto de cetim forrado de arminho. A coroa de rosas douradas cingia suas têmporas, com a cabeça de veado em jade erguendo-se sobre a testa e o longo cabelo negro derramando-se por baixo. Pedaços irregulares de diamante negro estavam incrustados em seu cinto, e uma corrente de ouro e esmeraldas enrolava-se em torno de seu pescoço.

Renly também havia escolhido uma mulher para transportar seu estandarte, embora Brienne escondesse o rosto e as formas por trás de uma armadura que não mostrava qualquer vislumbre de seu sexo. No topo da lança com três metros e meio, o veado coroado empinava-se, negro sobre ouro, quando o vento vindo do mar enrugava o tecido.

A saudação do irmão foi seca.

– Lorde Renly.

– *Rei* Renly. É mesmo você, Stannis?

Stannis franziu a testa.

– Quem mais haveria de ser?

Renly encolheu descontraidamente os ombros.

– Quando vi esse estandarte, não consegui ter certeza. De quem é a bandeira que usa?

– Minha.

A sacerdotisa vestida de vermelho interveio.

– O rei escolheu para seu símbolo o coração em chamas do Senhor da Luz.

Renly pareceu se divertir com aquilo.

– Melhor assim. Se usássemos ambos o mesmo estandarte, a batalha seria terrivelmente confusa.

Catelyn interveio:

– Esperemos que não haja batalha. Nós três partilhamos um inimigo comum que gostaria de destruir a todos.

Stannis a estudou, sem sorrir.

– O Trono de Ferro é legitimamente meu. Todos os que negam isso são meus inimigos.

– É o reino inteiro que nega isso, irmão – Renly rebateu. – Velhos negam-no com os estertores da morte, e crianças por nascer negam-no nos ventres das mães. Negam-no em Dorne e negam-no na Muralha. Ninguém o quer como rei. Lamento.

Stannis cerrou o maxilar com uma expressão tensa no rosto.

– Jurei que nunca lidaria com você enquanto usasse sua coroa de traidor. Gostaria de ter mantido essa promessa.

– Isso é uma loucura – Catelyn se interpôs num tom áspero. – Lorde Tywin espera em Harrenhal com vinte mil espadas. O restante do exército do Regicida reagrupou-se no Dente Dourado, outra tropa Lannister reúne-se à sombra de Rochedo Casterly, e Cersei e seu filho defendem Porto Real e o seu precioso Trono de Ferro. Cada um de vocês se autodenomina *rei*, mas o reino sangra, e ninguém levanta uma espada para defendê-lo, a não ser meu filho.

Renly encolheu os ombros:

– Seu filho ganhou algumas batalhas. Eu vencerei a guerra. Os Lannister podem esperar.

– Se tem propostas a fazer, faça-as – Stannis os desafiou bruscamente –, senão vou embora.

– Muito bem. Proponho que desmonte, dobre o joelho e me jure fidelidade.

Stannis abafou a ira.

– Não terá isso jamais.

– Serviu a Robert, por que não a mim?

– Robert era meu irmão mais velho. Você é o mais novo.

– Mais novo, mais ousado, e muito mais agradável…

– … E também um ladrão e usurpador.

Renly encolheu os ombros:

– Os Targaryen chamavam Robert de usurpador. Ele pareceu ser capaz de suportar a vergonha. Eu também serei.

Assim não será possível, Catelyn pensou.

– Escutem a si mesmos! Se fossem meus filhos, bateria suas cabeças uma na outra e trancaria os dois no quarto até que se lembrassem de que são irmãos.

Stannis franziu-lhe o cenho:

– Mostra presunção demais, Senhora Stark. Eu sou o rei legítimo, e seu filho não é menos traidor do que meu irmão aqui. Seu dia também chegará.

A ameaça clara alimentou sua fúria:

– Está muito à vontade para chamar os outros de traidor e usurpador, senhor, mas em que é diferente? Diz que só o senhor é o rei legítimo, mas parece-me que Robert teve dois filhos. Por todas as leis dos Sete Reinos, Príncipe Joffrey é seu legítimo herdeiro, e o dele é Tommen… e nós somos *todos* traidores, por melhores que sejam nossos motivos.

Renly soltou uma gargalhada:

– Tem de perdoar a Senhora Catelyn, Stannis. Ela vem de Correrrio, uma longa viagem a cavalo. Temo que nunca tenha visto sua *cartinha*.

– Joffrey não é da semente do meu irmão – Stannis disse sem cerimônia. – Nem Tommen. São bastardos. A menina também. Todos abominações nascidas do incesto.

Seria possível que Cersei fosse louca a esse ponto? Catelyn estava sem fala.

– Não é uma bela história, senhora? – Renly perguntou. – Estava acampado em Monte Chifre quando Lorde Tarly recebeu sua carta, e devo dizer que me deixou sem fôlego – sorriu para o irmão. – Nunca suspeitei que fosse tão esperto, Stannis. Se ao menos fosse verdade, seria realmente herdeiro de Robert.

– *Se ao menos* fosse verdade? Está me chamando de mentiroso?

– Pode provar alguma palavra dessa fábula?

Stannis rangeu os dentes.

Robert nunca poderia ter sabido, Catelyn pensou, *caso contrário Cersei teria perdido a cabeça no mesmo instante.*

– Lorde Stannis – ela perguntou –, se sabia que a rainha era culpada de crimes tão monstruosos, por que se manteve em silêncio?

– Não me mantive em silêncio. Levei minhas suspeitas a Jon Arryn.

– Em vez de levá-las a seu irmão?

– A consideração que meu irmão tinha por mim nunca passou de dever – Stannis respondeu. – Vindas de mim, tais acusações pareceriam impertinentes e interesseiras, uma maneira de me colocar

em primeiro lugar na linha de sucessão. Achei que Robert estaria mais disposto a ouvir se as acusações viessem de Lorde Arryn, de quem ele gostava.

– Ah – Renly interveio. – Então, temos a palavra de um morto.

– Crê que ele morreu por acaso, seu idiota de vista curta? Cersei mandou envenená-lo, por temer que a desmascarasse. Lorde Jon andava reunindo certas provas…

– … Que sem dúvida morreram com ele. Que inconveniência.

Catelyn recordava, encaixando as peças umas nas outras.

– Minha irmã Lysa acusou a rainha de matar seu marido numa carta que me enviou – admitiu. – Mais tarde, no Ninho da Águia, atribuiu o homicídio a Tyrion, o irmão da rainha.

Stannis fungou:

– Se puser o pé num ninho de cobras, será que interessa qual delas morde primeiro?

– Toda essa conversa sobre cobras e incesto é divertida, mas nada muda. Pode bem ter a melhor pretensão, Stannis, mas ainda tenho o maior exército – a mão de Renly deslizou para dentro do seu manto. Stannis viu, e pegou de imediato no cabo da espada, mas, antes que conseguisse mostrar o aço, o irmão apresentou-lhe… um pêssego. – Quer um, irmão? – ele sorriu. – De Jardim de Cima. Nunca provou nada tão doce, garanto – deu uma mordida, fazendo escorrer sumo pelo canto da boca.

– Não vim até aqui para comer fruta – Stannis estava furioso.

– Senhores! – Catelyn se interpôs novamente. – Devíamos estar debatendo os termos de uma aliança, não trocando insultos.

– Um homem nunca devia recusar saborear um pêssego – Renly disse, jogando o caroço fora. – Pode não voltar a ter essa possibilidade. A vida é curta, Stannis. Lembre-se do que os Stark dizem. O Inverno está chegando – limpou a boca com as costas da mão.

– Também não vim até aqui para ser ameaçado.

– E não foi – Renly rebateu. – Quando eu fizer ameaças, saberá. Na verdade, nunca gostei de você, Stannis, mas *é* do meu sangue, e não tenho nenhum desejo de matá-lo. Portanto, se é o castelo de Ponta Tempestade que deseja, fique com ele… como um presente de irmão. Tal como Robert me deu um dia, dou-o a você.

– Não é seu para que me dê. É meu por direito.

Suspirando, Renly virou-se na sela:

– Que vou fazer com este meu irmão, Brienne? Recusa o pêssego, recusa o castelo, até evitou meu casamento…

– Ambos sabemos que seu casamento foi uma farsa. Há um ano conspirava para transformar a moça numa das rameiras de Robert.

– Há um ano conspirava para fazer da moça a rainha de Robert –

Renly o corrigiu. – Mas, que importa? O javali ficou com Robert e eu fiquei com Margaery. Ficará feliz por saber que chegou às minhas mãos donzela.

– Na sua cama é provável que morra donzela.

– Oh, espero obter dela um filho antes do fim do ano. Diga-me, quantos filhos você tem, Stannis? Ah, sim… nenhum – Renly sorriu de forma inocente. – Quanto à sua filha, eu compreendo. Se minha esposa se parecesse com a sua, também mandaria meu bobo satisfazê-la.

– *Basta*! – Stannis rugiu. – Não rirá na minha cara, está me ouvindo? *Não rirá!* – arrancou a espada de dentro da bainha. O aço cintilou com um estranho brilho à luz pálida do sol, ora vermelho, ora amarelo, ora uma brasa branca. O ar ao seu redor parecia estremecer, como que por causa do calor.

O cavalo de Catelyn relinchou e recuou um passo, mas Brienne interpôs-se entre os irmãos, de espada na mão.

– Guarde seu aço! – ela gritou para Stannis.

Cersei Lannister está rindo até ficar sem fôlego, pensou Catelyn, sentindo-se fatigada.

Stannis apontou a espada cintilante para o irmão.

– Não sou desprovido de misericórdia – trovejou o homem que era notório por ser desprovido de misericórdia. – E não quero macular a Luminífera com o sangue de um irmão. Em nome da mãe que nos deu à luz, darei esta noite para você repensar sua loucura, Renly. Arreie suas bandeiras e venha me encontrar antes da alvorada, e lhe darei Ponta Tempestade e seu antigo lugar no conselho, e até o nomearei meu herdeiro até que eu gere um filho. De outra forma, vou destruí-lo.

Renly riu.

– Stannis, esta é uma espada muito bonita, concordo, mas acho que o brilho que ela emite estragou seus olhos. Olhe os campos, irmão. Vê todos aqueles estandartes?

– Acredita que alguns pedaços de pano farão de você um rei?

– As espadas dos Tyrell o farão… Rowan, Tarly e Caron farão de mim rei, com machados, maças e martelos de guerra. Flechas Tarth e lanças Penrose, Fossoway, Cuy, Mullendore, Estermont, Selmy, Hightower. Oakheart, Crane, Caswell, Blackbar, Morrigen, Beesbury, Shermer, Dunn, Footly… Até a Casa Florent, tios e primos de sua esposa. São eles que me farão rei. Toda a cavalaria do sul me acompanha, e esta é a menor parte do meu poder. Minha infantaria vem atrás, cem mil espadas, lanças e piques. E você vai *me destruir*? Com o que, pergunto? Aquela miserável ralé que ali vejo amontoada sob as muralhas do castelo? Estimo-os em cinco mil, e estou sendo generoso, senhores do bacalhau, cavaleiros da cebola e mercenários. Metade deles é capaz de passar para o meu lado antes que a batalha se

inicie. Meus batedores dizem-me que tem menos de quatrocentos homens a cavalo… cavaleiros livres vestidos de couro fervido que não aguentarão um instante contra lanceiros com armadura. Não me interessa o quão experiente você se ache como guerreiro, Stannis, mas aquela sua tropa não sobreviverá à primeira investida da minha vanguarda.

– Veremos, irmão – uma pequena luz pareceu ter saído do mundo quando Stannis voltou a enfiar a espada na bainha. – Quando chegar a alvorada, veremos.

– Espero que seu novo deus seja misericordioso, irmão.

Stannis respondeu com uma fungadela e afastou-se a galope, desdenhoso. A sacerdotisa vermelha ficou um momento para trás.

– Olhe seus pecados, Lorde Renly – disse, enquanto virava o cavalo.

Catelyn e Lorde Renly voltaram juntos ao acampamento, onde milhares de seus homens e o punhado de homens dela esperavam pelo retorno de ambos.

– Aquilo foi divertido, embora não muito útil – ele comentou. – Gostaria de saber onde posso encontrar uma espada como aquela. Bem, sem dúvida Loras a dará a mim após a batalha. Desgosta-me que tenha de acabar assim.

– Tem um modo alegre de mostrar desgosto – disse Catelyn, cuja aflição não era fingida.

– Tenho? – Renly encolheu os ombros. – Que seja. Stannis nunca foi o mais querido dos irmãos, confesso. Acha que aquela sua história é verdadeira? Se Joffrey for descendente do Regicida…

– … Seu irmão é o legítimo herdeiro.

– Enquanto viver – Renly admitiu. – Embora esta seja uma lei tola, não concorda? Por que o filho mais velho, e não o mais adequado? A coroa condiz comigo, como nunca condisse com Robert e não condiz com Stannis. Tenho o que é necessário para ser um grande rei, forte, mas generoso, inteligente, justo, diligente, leal para com os meus amigos, e terrível para os inimigos, mas capaz de perdoar, paciente…

– … Humilde? – Catelyn sugeriu.

Renly soltou uma gargalhada:

– Tem de permitir a um rei alguns defeitos, senhora.

Catelyn sentia-se muito cansada. Tudo fora em vão. Os irmãos Baratheon iriam afogar-se um ao outro em sangue, enquanto seu filho teria de enfrentar os Lannister sozinho, e nada do que pudesse dizer ou fazer mudaria alguma coisa. *Já é mais que hora de voltar a Correrrio para fechar os olhos do meu pai*, pensou. *Pelo menos isso posso fazer. Posso ser uma enviada fraca, mas sou boa carpideira. Que os deuses me salvem.*

O acampamento de Renly situava-se no topo de uma pequena cumeada pedregosa que corria do norte para o sul. Era muito mais ordenado do que o grande acampamento junto ao Vago, embora tivesse apenas um quarto do tamanho. Quando soube do assalto do irmão a Ponta Tempestade, Renly dividiu suas forças de forma muito semelhante ao que Robb fizera nas Gêmeas. Deixou a grande massa de infantaria para trás em Ponteamarga, com a jovem rainha, e carroças, carros, animais de carga e toda a pesada maquinaria de cerco, enquanto ele mesmo liderava os cavaleiros e cavaleiros livres numa incursão rápida para o Leste.

Como era parecido com o irmão Robert, mesmo nisso… Só que Robert sempre tivera Eddard Stark para temperar sua ousadia com cautela. Ned teria certamente convencido Robert a levar *todas* as suas forças para rodear Stannis e sitiar seu cerco. Renly negara a si próprio essa possibilidade com sua corrida precipitada para lutar com o irmão. Tinha estendido demais suas linhas de abastecimento, deixou os alimentos para homens e animais a dias de viagem, com todas as suas carroças, mulas e seus bois. *Tinha* de dar batalha em breve, ou passaria fome.

Catelyn mandou Hal Mollen cuidar dos cavalos enquanto acompanhava Renly de volta ao pavilhão real no coração do acampamento. Dentro das paredes de seda verde, os capitães e senhores vassalos do jovem Baratheon esperavam para ouvir notícias da conferência.

– Meu irmão não mudou – disse-lhes seu jovem rei, enquanto Brienne desprendia seu manto e tirava sua coroa de ouro e jade da cabeça. – Castelos e honrarias não o apaziguarão, precisa derramar sangue. Bem, tenho a intenção de lhe conceder o desejo.

– Vossa Graça, não vejo aqui necessidade de batalha – interveio Lorde Mathis Rowan. – O castelo tem uma guarnição forte e está bem aprovisionado, Sor Cortnay Penrose é um comandante experiente, e ainda não foi construída uma máquina de guerra que consiga abrir uma brecha nas muralhas de Ponta Tempestade. Que Lorde Stannis faça seu cerco. Não encontrará nele alegrias, e enquanto fica aqui, no frio, com fome e sem ganhar nada, nós tomaremos Porto Real.

– E ter homens dizendo que temi enfrentar Stannis?

– Só tolos dirão tal coisa – Lorde Mathis argumentou.

Renly olhou para os outros.

– O que vocês dizem?

– Digo que Stannis é um perigo para o senhor – declarou Lorde Randyll Tarly. – Deixe-o sem derramar sangue, e só ficará mais forte, enquanto seu poder é diminuído pela batalha. Os Lannister não serão vencidos em um dia. Quando terminar com eles, Lorde Stannis poderá ser tão forte quanto você… ou mais.

Outros concordaram em coro. O rei pareceu satisfeito.

– Então lutaremos.

Falhei a Robb, tal como falhei a Ned, pensou Catelyn.

– Senhor – ela anunciou. – Se está decidido a dar batalha, já não tenho motivo para ficar aqui. Peço-lhe licença para regressar a Correrrio.

– Não a tem – Renly sentou-se numa cadeira de campanha.

Catelyn ficou tensa.

– Tive esperança de ajudá-lo a fazer a paz, senhor. Não o ajudarei a fazer a guerra.

Renly encolheu os ombros.

– Atrevo-me a dizer que triunfaremos sem os seus vinte e cinco homens, senhora. Não pretendo que participe na batalha, apenas que a observe.

– Estive no Bosque dos Murmúrios, senhor. Vi matança suficiente. Vim até aqui como embaixadora…

– E como embaixadora partirá, mas mais sábia do que quando chegou. Verá com seus próprios olhos o que está reservado aos rebeldes, para que seu filho possa escutá-lo de seus lábios. Nada tema, manteremos a senhora a salvo – Renly virou-lhe as costas para dar suas ordens. – Lorde Mathis, você liderará o centro da batalha principal. Bryce, você ficará com o flanco esquerdo. O direito é meu. Lorde Estermont, você comandará a reserva.

– Não falharei ao senhor, Vossa Graça – este último respondeu.

Lorde Mathis Rowan interveio:

– Quem comandará a vanguarda?

– Vossa Graça – Sor Jon Fossoway se fez ouvir. – Suplico essa honra.

– Suplique o que quiser – Sor Guyard, o Verde interveio. – O correto é que seja um dos sete a dar o primeiro golpe.

– É preciso mais do que um manto bonito para investir sobre uma muralha de escudos – Randyll Tarly bradou. – Quando eu já comandava a vanguarda de Mace Tyrell, você ainda mamava na teta da mãe, Guyard.

Um clamor encheu o pavilhão quando outros homens avançaram sonoramente com suas reivindicações. *Os cavaleiros do Verão*, pensou Catelyn. Renly ergueu uma mão:

– Basta, senhores. Se eu tivesse uma dúzia de vanguardas, todos deveriam ter uma, mas a maior glória pertence por direito ao maior dos cavaleiros. Sor Loras dará o primeiro golpe.

– Com um coração feliz, Vossa Graça – o Cavaleiro das Flores ajoelhou-se perante o rei. – Dê-me a sua bênção, e um cavaleiro para cavalgar a meu lado com o seu estandarte. Deixe que o veado e a rosa partam para a batalha lado a lado.

Renly olhou em volta.

– Brienne.

– Vossa Graça? – ela ainda usava a armadura de aço azul, embora tivesse tirado o elmo. A tenda cheia de gente estava quente, e o suor colava seus cabelos amarelos e sem vigor no rosto largo e simples. – Meu lugar é ao seu lado. Sou sua protetora juramentada…

– Uma entre sete – lembrou-lhe o rei. – Nada tema, quatro de seus companheiros estarão comigo durante a luta.

Brienne caiu de joelhos.

– Se tenho de me separar de Vossa Graça, conceda-me a honra de armá-lo para a batalha.

Catelyn ouviu alguém soltar um riso abafado atrás de si. *Ela o ama, coitada*, pensou com tristeza. *Quer se fazer de escudeiro só para poder tocá-lo, e não se importa que os outros a considerem uma tola*.

– Concedido – Renly respondeu. – Deixem-me agora, todos vocês. Até os reis devem descansar antes de uma batalha.

– Senhor – Catelyn se adiantou. – Há um pequeno septo na última aldeia por onde passamos. Se não me permite que parta para Correrrio, dê-me licença para ir até lá e rezar.

– Como quiser. Sor Robar, dê à Senhora Catelyn uma escolta segura até esse septo… Mas certifique-se de que ela volte para junto de nós de madrugada.

– Talvez fizesse bem em rezar também – ela acrescentou.

– Por uma vitória?

– Por sabedoria.

Renly soltou uma gargalhada:

– Loras, fique e ajude-me a rezar. A última vez foi há tanto tempo que me esqueci de como se faz. Quanto ao resto de vocês, quero todos os homens em seus lugares à primeira luz da aurora, armados, com as armaduras postas e montados. Daremos a Stannis uma alvorada de que não se esquecerá tão cedo.

Caía o ocaso quando Catelyn saiu do pavilhão. Sor Robar Royce pôs-se ao seu lado. Conhecia-o um pouco… Um dos filhos de Bronze Yohn, bem-apessoado à sua maneira dura, um guerreiro de torneios de certo renome. Renly presenteara-o com um manto de arco-íris e uma armadura vermelho-sangue, e nomeara-o um de seus sete.

– Está muito longe do Vale, sor – disse-lhe.

– E você longe de Winterfell, senhora.

– Eu sei o que me trouxe aqui, mas por que você veio? Essa batalha não é mais sua do que minha.

– Fiz dela minha batalha quando fiz de Renly meu rei.

– Os Royce são vassalos da Casa Arryn.

– O senhor meu pai deve lealdade à Senhora Lysa, e ao seu herdeiro também. Um segundo filho deve encontrar a glória onde

puder – Sor Robar encolheu os ombros. – Um homem se cansa de torneios.

Não podia ter mais do que vinte e um anos, pensou Catelyn, a mesma idade do seu rei… Mas o rei *dela*, o seu Robb, tinha mais sabedoria com quinze anos do que esse jovem conseguira arranjar. Ou pelo menos por isso ela rezava.

No pequeno canto do acampamento reservado a Catelyn, Shadd cortava cenouras em rodelas e as colocava em um caldeirão, Hal Mollen jogava dados com três de seus homens de Winterfell, e Lucas Blackwood afiava o punhal.

– Senhora Stark – disse Lucas quando a viu –, Mollen diz que haverá uma batalha à alvorada.

– Hal tem a verdade – *e também uma língua solta, ao que parece.*

– Lutamos ou fugimos?

– Rezamos, Lucas. Rezamos.

Sansa

–Quanto mais tempo o deixar esperando, pior as coisas correrão para você – preveniu-a Sandor Clegane.

Sansa tentava se apressar, mas os dedos atrapalhavam-se com os botões e os nós. Cão de Caça falava sempre rudemente, mas havia algo no modo como a olhava que a enchia de pavor. Teria Joffrey descoberto seus encontros com Sor Dontos? *Por favor, não*, pensou, enquanto escovava o cabelo. Sor Dontos era sua única esperança. *Tenho de ficar bonita. Joff gosta que eu seja bonita, sempre gostou de me ver com este vestido, com esta cor*. Alisou o tecido. O pano ficava justo em seu peito.

Quando saiu, Sansa caminhou à esquerda do Cão de Caça, longe do lado queimado de seu rosto.

– Diga-me o que fiz.

– Não foi você. Foi seu real irmão.

– Robb é um traidor – Sansa conhecia as palavras de cor. – Não tive nenhum papel no que quer que ele tenha feito – *deuses, sejam bons, não permitam que seja o Regicida*. Se Robb tivesse feito mal a Jaime Lannister, isso custaria sua vida. Pensou em Sor Ilyn, e no modo como aqueles terríveis olhos claros sem piedade olhavam naquela cara doentia e marcada pelas bexigas.

Cão de Caça fungou:

– Treinaram-na bem, passarinho.

Conduziu-a até junto da muralha interior, onde uma multidão tinha se reunido em torno dos alvos. Homens afastaram-se para deixá-los passar. Conseguia ouvir Lorde Gyles tossindo. Cavalariços indolentes olharam-na com insolência, mas Sor Horas Redwyne desviou o olhar quando ela passou, e o irmão Hobber fingiu não vê-la. Um gato amarelo morria no chão, miando que dava dó, com uma flecha de besta espetada nas costelas. Sansa contornou-o, sentindo-se agoniada.

Sor Dontos aproximou-se, montado em sua vassoura como se ela fosse um cavalo; desde que estivera bêbado demais para montar o corcel de batalha no torneio, o rei havia decretado que daí em diante devia andar sempre a cavalo.

– Seja corajosa – sussurrou, apertando seu braço.

Joffrey estava no centro da multidão, girando a manivela de uma besta ornamentada. Sor Boros e Sor Meryn acompanhavam-no. Vê-los foi o suficiente para dar nós em suas entranhas.

– Vossa Graça – Sansa caiu de joelhos.

– Ajoelhar não a salvará agora – disse o rei. – Levante-se. Está aqui para responder pelas últimas traições do seu irmão.

– Vossa Graça, seja o que for que o traidor do meu irmão fez, não participei. Sabe disso, suplico-lhe, por favor…

– *Ponha-a em pé!*

Cão de Caça cumpriu a ordem, mas não sem alguma gentileza.

– Sor Lancel – Joff falou em tom de ordem. – Conte-lhe esse ultraje.

Sansa sempre achara Lancel Lannister agradável e bem falante, mas não havia piedade ou gentileza no olhar que lhe lançou.

– Usando alguma vil bruxaria, seu irmão caiu sobre Sor Stafford Lannister com um exército de lobos a menos de três dias de viagem de Lanisporto. Milhares de bons homens foram massacrados enquanto dormiam, sem terem a chance de pegar na espada. Depois do massacre, os nortenhos banquetearam-se com a carne dos mortos.

O horror enrolou mãos frias em torno da garganta de Sansa.

– Não tem nada a dizer? – Joffrey perguntou.

– Vossa Graça, a pobre criança está em choque – Sor Dontos murmurou.

– Silêncio, bobo – Joffrey ergueu a besta e apontou-a para o rosto de Sansa. – Vocês, os Stark, são tão desnaturados quanto esses seus lobos. Não me esqueci de como seu monstro me atacou.

– Esse foi o lobo de Arya – ela disse. – Minha Lady nunca lhe fez mal, mas matou-a mesmo assim.

– Não, foi seu pai quem o fez. Mas eu mandei matar seu pai. Gostaria de ter feito isso eu mesmo. Ontem à noite matei um homem que era maior do que seu pai. Vieram ao portão gritar meu nome e exigir pão, como se eu fosse algum *padeiro*, mas dei-lhes uma lição. Atingi o mais barulhento bem na garganta.

– E ele morreu? – com a feia cabeça de ferro da flecha olhando-a de frente, era difícil pensar em outra coisa a dizer.

– Claro que morreu, tinha a minha flecha na garganta. Havia uma mulher atirando pedras, e também a acertei, mas só no braço – franzindo a testa, ele abaixou a besta. – Mataria você também, mas, se o fizer, minha mãe diz que matarão meu tio Jaime. Em vez disso, será punida e mandaremos contar ao seu irmão o que lhe acontecerá se não se render. Cão, bata nela.

– Permita que seja eu a bater – Sor Dontos abriu caminho aos empurrões, com a armadura de lata tinindo. Estava armado com uma "maça de armas" cuja cabeça era um melão. *Meu Florian. Poderia beijá-lo, mesmo com a pele manchada e as veias estouradas*. Ele trotou na vassoura em volta dela, gritando: "Traidora, traidora", batendo na sua cabeça com o melão. Sansa cobriu-se com as mãos, cambaleando cada vez que o fruto a atingia, com o cabelo pegajoso desde o segundo golpe. Havia gente rindo. O melão voou em pedaços. *Ria Joffrey*, Sansa rezou enquanto o sumo escorria pelo seu rosto e pela parte da

frente do vestido de seda azul. *Ria e fique satisfeito*.

Joffrey nem sequer um risinho soltou.

– Boros, Meryn.

Sor Meryn Trant agarrou Dontos pelo braço e o atirou bruscamente para longe. O bobo de cara vermelha estatelou-se, com vassoura, melão e tudo o mais. Sor Boros pegou Sansa.

– Não toque em seu rosto – Joffrey ordenou. – Gosto dela bonita.

Boros atirou um punho contra a barriga de Sansa, deixando-a sem ar. Quando se dobrou, o cavaleiro agarrou-a pelo cabelo e puxou a espada, e por um hediondo instante ela teve certeza de que pretendia abrir sua garganta. Quando bateu com a parte lateral da lâmina nas suas coxas, pensou que suas pernas se quebrariam com a força do golpe. E gritou. Lágrimas cobriram seus olhos. *Terminará em breve*. Mas, depressa perdeu a conta dos golpes.

– Basta – Sansa ouviu Cão de Caça rouquejar.

– Não, não basta – o rei rebateu. – Boros, tire a roupa dela.

Boros enfiou uma mão carnuda na parte da frente do corpete de Sansa e puxou com força. A seda rasgou-se, desnudando-a até a cintura. Sansa cobriu os seios com as mãos. Ouvia risos abafados, distantes e cruéis.

– Bata nela até sangrar – Joffrey esbravejou. – Vamos ver se o irmão gosta…

– *O que significa isso?*

A voz do Duende estalou como um chicote, e de repente Sansa ficou livre. Tropeçou e caiu de joelhos, com os braços cruzados sobre o peito e a respiração entrecortada.

– É esta a sua ideia de cavalaria, Sor Boros? – quis saber Tyrion Lannister numa voz zangada. Tinha consigo o mercenário de estimação e um dos selvagens, aquele com o olho queimado. – Que tipo de cavaleiro espanca donzelas indefesas?

– O tipo de cavaleiro que serve seu rei, Duende – Sor Boros ergueu a espada, e Sor Meryn ficou ao seu lado, com a lâmina raspando na bainha enquanto dela saía.

– Cuidado com isso – preveniu o mercenário do anão. – Não vão querer ficar com esses bonitos mantos brancos cheios de sangue.

– Que alguém dê à menina alguma coisa para se cobrir – o Duende falou em voz alta. Sandor Clegane desprendeu seu manto e o atirou a ela. Sansa apertou-o contra o peito, com os punhos fechados com força na lã branca. A trama grosseira do pano arranhava seu peito, mas nenhum veludo jamais tinha agradado tanto ao seu tato.

– Esta menina está para ser sua rainha – Tyrion disse a Joffrey. – Não tem nenhuma consideração por sua honra?

– Estou punindo-a.

– Por que crime? Ela não lutou a batalha do irmão.

– Tem o sangue de um lobo.

– E você tem a inteligência de um ganso.

– Não pode falar assim comigo. O rei pode fazer o que quiser.

– Aerys Targaryen fez o que quis. Sua mãe já contou o que aconteceu a ele?

Sor Boros Blount pigarreou:

– Ninguém ameaça o rei na presença da Guarda Real.

Tyrion Lannister ergueu uma sobrancelha.

– Não estou ameaçando o rei, sor, estou educando meu sobrinho. Bronn, Timett, da próxima vez que Sor Boros abrir a boca, matem-no – o anão sorriu. – *Isso* foi uma ameaça, sor. Vê a diferença?

Sor Boros ficou de um tom vermelho-escuro:

– A rainha ouvirá falar disto.

– Sem dúvida que sim. E por que esperar? Joffrey, mandamos chamar sua mãe?

O rei corou.

– Nada a dizer, Vossa Graça? – prosseguiu o tio. – Ótimo. Aprenda a usar mais as orelhas e menos a boca, caso contrário seu reinado será menor do que eu. Brutalidade arbitrária não é maneira de conquistar o amor de seu povo… ou de sua rainha.

– Minha mãe diz que o medo é melhor do que o amor – Joffrey apontou para Sansa. – *Ela* tem medo de mim.

O Duende suspirou.

– Sim, estou vendo. Uma pena que Stannis e Renly não sejam também meninas de doze anos. Bronn, Timett, tragam-na.

Sansa os seguiu como que num sonho. Julgou que os homens do Duende a levariam de volta ao seu quarto na Fortaleza de Maegor, mas, em vez disso, conduziram-na à Torre da Mão. Não pusera os pés naquele lugar desde o dia em que o pai caíra em desgraça, e voltar a subir aqueles degraus fez com que se sentisse sem forças.

Algumas criadas se encarregaram dela, proferindo palavras reconfortantes sem significado para que parasse de tremer. Uma despiu as ruínas de seu vestido e da roupa de baixo, e outra a banhou e lavou o sumo pegajoso de seu rosto e cabelo. Enquanto a esfregavam com sabão e despejavam água quente em abundância sobre sua cabeça, tudo o que Sansa conseguia ver eram os rostos no pátio. *Os cavaleiros juram defender os fracos, proteger as mulheres e lutar pelo que está certo, mas nenhum deles levantou uma mão*. Só Sor Dontos havia tentado ajudar, e ele já não era um cavaleiro, não mais do que o Duende ou o Cão de Caça… o Cão de Caça odiava cavaleiros… *Também os odeio*, pensou Sansa. *Não são verdadeiros cavaleiros, nenhum deles é.*

Depois de ficar limpa, o rechonchudo e ruivo Meistre Frenken veio vê-la. Pediu-lhe para se deitar de barriga para baixo no colchão

enquanto espalhava um bálsamo sobre os vergões vermelhos que cobriam a parte de trás de suas pernas. Depois, misturou uma porção de vinho de sonhos com um pouco de mel para que ela bebesse com mais facilidade.

– Durma um pouco, filha. Quando acordar, tudo isso parecerá um sonho ruim.

Não, não parecerá, seu estúpido, Sansa pensou, mas bebeu mesmo assim o vinho de sonhos e adormeceu.

Estava escuro quando acordou, sem saber bem onde estava, num quarto que lhe parecia ao mesmo tempo desconhecido e estranhamente familiar. Quando se levantou, uma punhalada de dor trespassou suas pernas e fez com que se lembrasse de tudo. Lágrimas encheram seus olhos. Alguém lhe arranjara um roupão e o deixara junto da cama. Vestiu-o e abriu a porta. Lá fora estava uma mulher de rosto duro, com uma pele castanha e curtida e três colares enrolados em volta do pescoço magro. Um era de ouro, outro, de prata, e o terceiro, de orelhas humanas.

– Onde pensa que vai? – perguntou a mulher, apoiando-se numa grande lança.

– Ao bosque sagrado – tinha de encontrar Sor Dontos, suplicar-lhe que a levasse para casa *já,* antes que fosse tarde demais.

– O meio-homem disse que não devia sair. Reze aqui, os deuses ouvirão.

Docilmente, Sansa abaixou os olhos e retirou-se para dentro do quarto. Compreendeu subitamente por que é que aquele lugar lhe parecia tão familiar. *Puseram-me no antigo quarto de Arya, de quando o pai era Mão do Rei. Todas as suas coisas desapareceram, e a mobília foi movida, mas é o mesmo…*

Pouco tempo depois, uma criada trouxe uma bandeja com queijo, pão, azeitonas e um jarro de água fria.

– Leve tudo – Sansa ordenou, mas a moça deixou a comida sobre uma mesa. De repente, percebeu que *tinha* sede. Cada passo espetava facas em suas coxas, mas obrigou-se a atravessar o quarto. Bebeu duas taças de água, e estava mordiscando a azeitona quando ouviu um toque na porta.

Ansiosa, virou-se e alisou as dobras do roupão.

– Sim?

A porta abriu-se, e Tyrion Lannister entrou:

– Senhora. Espero não estar perturbando.

– Sou sua prisioneira?

– Minha hóspede – estava usando a corrente de seu cargo, um colar de mãos de ouro interligadas. – Pensei que podíamos conversar.

– Como meu senhor ordenar – Sansa descobriu que era difícil não olhá-lo fixamente; suas feições eram tão feias que lhe causavam um

estranho fascínio.

– A comida e os trajes são do seu agrado? Se houver algo mais que lhe fizer falta, só tem de pedir.

– É muito gentil. E esta manhã… foi muito bom de sua parte me ajudar.

– Tem o direito de saber por que Joffrey estava tão irado. Há seis noites, seu irmão caiu sobre meu tio Stafford, acampado com sua tropa numa aldeia chamada Cruzaboi, a menos de três dias de viagem de Rochedo Casterly. Seus nortenhos conquistaram uma vitória esmagadora. Só recebemos a notícia hoje de manhã.

Robb matará todos vocês, Sansa pensou, exultante.

– É… terrível, senhor. Meu irmão é um vil traidor.

O anão deu um sorriso triste.

– Bem, não é nenhum novato, isso ele já deixou bem claro.

– Sor Lancel disse que Robb liderou um exército de lobos…

O Duende soltou uma gargalhada desdenhosa.

– Sor Lancel é um guerreiro de taberna que seria incapaz de distinguir um lobo de uma verruga. Seu irmão tinha consigo seu lobo gigante, mas suspeito que não passava disso. Os nortenhos penetraram no acampamento do meu tio e cortaram as amarrações de seus cavalos, e Lorde Stark enviou o lobo para o meio deles. Até os corcéis de batalha treinados para a guerra enlouqueceram. Cavaleiros foram pisoteados até a morte em seus pavilhões, e a plebe acordou aterrorizada e fugiu, sem armas para correr mais depressa. Sor Stafford foi morto enquanto perseguia um cavalo. Lorde Rickard Karstark enfiou uma lança em seu peito. Sor Rubert Brax também está morto, bem como Sor Lymund Vikary, Lorde Crakehall e Lorde Jast. Meia centena de outros foram feitos cativos, incluindo os filhos de Jast e meu primo Martyn Lannister. Os que sobreviveram andam espalhando histórias fantásticas, e juram que os antigos deuses do norte marcham com seu irmão.

– Então… não houve feitiçaria?

Lannister deu uma fungadela.

– Feitiçaria é o molho que os tolos espalham sobre o fracasso para esconder o sabor de sua incompetência. Ao que parece, o cabeça de carneiro do meu tio nem sequer tinha se incomodado em colocar sentinelas. Sua tropa estava crua… aprendizes, mineiros, camponeses, pescadores, o lixo de Lanisporto. O único mistério está em como seu irmão chegou até ele. Nossas forças ainda controlam o forte no Dente Dourado, e juram que ele não passou por lá – o anão encolheu os ombros, irritado. – Bem, Robb Stark é o tormento do meu pai. Joffrey é o meu. Diga-me, o que sente por meu real sobrinho?

– Amo-o de todo o coração – Sansa respondeu de imediato.

– De verdade? – Tyrion não parecia convencido. – Mesmo agora?

– Meu amor por Sua Graça é maior do que alguma vez já foi.

O Duende riu em voz alta:

– Bem, alguém lhe ensinou a mentir bem. Poderá ficar grata por isso um dia, menina. *Ainda* é menina, não é verdade? Ou já desabrochou?

Sansa corou. Era uma pergunta descortês, mas a vergonha de ser despida perante metade do castelo fez com que parecesse não ser nada.

– Não, senhor.

– Ainda bem. Se lhe dá algum consolo, não pretendo casá-la com Joffrey. Temo que nenhum casamento reconcilie os Stark e os Lannister depois de tudo o que aconteceu. O noivado teria sido uma das melhores ideias do Rei Robert, se Joffrey não a tivesse emporcalhado.

Sansa sabia que devia dizer alguma coisa, mas as palavras ficaram presas em sua garganta.

– Ficou muito silenciosa – observou Tyrion Lannister. – Era isso o que queria? Um ponto final em seu noivado?

– Eu… – Sansa não sabia o que dizer. *Será um truque? Vai me punir se eu disser a verdade?* Fitou a testa brutal e proeminente do anão, o duro olho negro e o astuto olho verde, os dentes tortos e a barba áspera. – Eu só quero ser leal.

– Ser leal – meditou o anão –, e estar longe de todos os Lannister. Não posso censurá-la por isso. Quando tinha a sua idade, queria a mesma coisa – ele sorriu. – Dizem que visita o bosque sagrado todos os dias. Por que reza, Sansa?

Rezo pela vitória de Robb e pela morte de Joffrey… e pelo meu lar. Por Winterfell.

– Rezo pelo fim das lutas.

– Teremos isso em breve. Haverá outra batalha, entre seu irmão Robb e o senhor meu pai, e isso decidirá o assunto.

Robb vai vencê-lo, pensou Sansa. *Venceu seu tio e seu irmão Jaime, também vencerá seu pai.*

O anão leu suas esperanças com tanta facilidade que foi como se seu rosto tivesse se transformado em um livro aberto.

– Não tome Cruzaboi muito a sério, senhora – disse-lhe num tom que não era desprovido de gentileza. – Uma batalha não é uma guerra, e o senhor meu pai certamente não é meu tio Stafford. Da próxima vez que visitar o bosque sagrado, reze para que seu irmão tenha a sensatez de dobrar o joelho. Assim que o norte voltar à paz do rei pretendo mandá-la para casa – Tyrion saltou do banco da janela e concluiu: – Pode dormir aqui esta noite. Darei alguns de meus homens como guarda, talvez alguns Corvos de Pedra…

– Não – Sansa exclamou, aterrorizada. Se ficasse trancada na

Torre da Mão, guardada pelos homens do anão, como conseguiria Sor Dontos levá-la à liberdade?

– Prefere os Orelhas Negras? Posso lhe dar Chella, se uma mulher a fizer se sentir mais confortável.

– Por favor, não, senhor, os selvagens me assustam.

Ele sorriu.

– A mim também. Mas, o que é mais importante, assustam Joffrey e aquele ninho de víboras manhosas e cães aduladores que ele chama de Guarda Real. Com Chella ou Timett ao seu lado, ninguém se atreveria a lhe fazer mal.

– Preferia voltar à minha cama – Sansa lembrou-se subitamente de uma mentira, mas parecia tão *certa* que a proferiu de imediato. – Foi nesta torre que os homens do meu pai foram mortos. Seus fantasmas dar-me-iam terríveis sonhos, e veria o sangue deles onde quer que olhasse.

Tyrion Lannister estudou seu rosto:

– Não desconheço os pesadelos, Sansa. Talvez seja mais sensata do que eu pensava. Permita-me, pelo menos, escoltá-la em segurança de volta aos seus aposentos.

Catelyn

A noite já tinha caído por completo quando encontraram a aldeia. Catelyn deu por si querendo saber se o lugar teria nome. Se tivesse, seu povo levara consigo esse conhecimento, quando fugiu com todas as suas posses, incluindo até as velas do septo. Sor Wendel acendeu um archote e atravessou com ela a porta baixa.

Lá dentro, as sete paredes mostravam-se rachadas e tortas. *Deus é uno*, ensinara-lhe Septão Osmynd quando era nova, *com sete aspectos, tal como o septo é um único edifício com sete paredes*. Os septos ricos das cidades possuíam estátuas dos Sete, e um altar a cada um. Em Winterfell, Septão Chayle pendurava máscaras esculpidas nas paredes. Ali, Catelyn encontrou apenas grosseiros desenhos a carvão. Sor Wendel prendeu o archote numa arandela junto à porta, e saiu para esperar lá fora com Robar Royce.

Catelyn estudou os desenhos. O Pai tinha barba, como sempre. A Mãe sorria, afetuosa e protetora. O Guerreiro tinha a espada esboçada sob o rosto, e o Ferreiro, o martelo. A Donzela era linda, a Velha, mirrada e sábia.

E o sétimo rosto… o Estranho não era nem homem nem mulher, mas ambos, o eterno pária, o vagabundo de lugares distantes, menos e mais que humano, desconhecido e impossível de conhecer. Ali, o rosto era oval e negro, uma sombra com estrelas no lugar dos olhos. Deixava Catelyn inquieta. Pouco conforto conseguiria ali.

Ajoelhou-se perante a Mãe.

– Senhora, olhe a batalha com os olhos de uma mãe. Todos eles são filhos, todos e cada um deles. Poupe-os se puder, e poupe meus filhos também. Proteja Robb, Bran e Rickon. Bem que eu gostaria de estar com eles.

Uma fenda corria através do olho esquerdo da Mãe, fazendo que parecesse estar chorando. Catelyn conseguia ouvir a voz trovejante de Sor Wendel, e de vez em quando as respostas calmas de Sor Robar, enquanto os homens conversavam sobre a batalha que se aproximava. Além deles, a noite estava silenciosa. Nem sequer se ouvia um grilo, e os deuses mantinham o silêncio. *Seus deuses antigos alguma vez lhe respondiam, Ned?*, perguntou a si mesma. *Quando se ajoelhava perante a sua árvore-coração, eles o ouviam?*

A luz trêmula do archote dançava nas paredes, fazendo com que aqueles rostos parecessem estar semivivos, torcendo-se, alterando-se. As estátuas nos grandes septos das cidades tinham os rostos que os pedreiros lhes tinham dado, mas aqueles rabiscos a carvão eram tão rudimentares que podiam representar qualquer pessoa. O rosto do Pai levou Catelyn a pensar em seu próprio pai, morrendo em sua cama em

Correrrio. O Guerreiro era Renly e Stannis, Robb e Robert, Jaime Lannister e Jon Snow. Até vislumbrou Arya naquelas feições, apenas por um instante. Então, uma rajada de vento que penetrou pela porta fez o archote crepitar, e a semelhança desapareceu, lavada num brilho cor de laranja.

A fumaça estava fazendo seus olhos arderem. Esfregou-os com as mãos cobertas de cicatrizes. Quando voltou a olhar a Mãe, foi sua mãe que viu. A Senhora Minisa Tully morrera durante o parto, tentando dar a Lorde Hoster um segundo filho. O bebê pereceu com ela, e depois disso o pai perdeu um pouco de sua vida. *Ela era sempre tão calma*, pensou Catelyn, recordando as mãos suaves da mãe, seu sorriso quente. *Se tivesse sobrevivido, nossas vidas poderiam ter sido tão diferentes*. Perguntou a si mesma o que a Senhora Minisa teria achado da filha mais velha, ali, ajoelhada na sua frente. *Percorri tantos milhares de léguas, e para quê? A quem servi? Perdi minhas filhas, Robb não me quer com ele, e Bran e Rickon devem certamente me achar uma mãe fria e desnaturada. Nem sequer estava com Ned quando ele morreu…*

Sentiu a cabeça leve, e o septo pareceu mover-se ao seu redor. As sombras oscilaram e alteraram-se, animais furtivos correndo pelas paredes rachadas e brancas. Catelyn não comera durante todo o dia. Talvez não tivesse sido sensato. Tinha dito a si mesma que não tivera tempo, mas a verdade era que a comida perdera o sabor num mundo sem Ned. *Quando cortaram sua cabeça, mataram-me também.*

Atrás dela, o archote cuspiu, e de súbito pareceu-lhe que o rosto na parede era o da irmã, embora os olhos fossem mais duros do que se recordava, não os de Lysa, mas os de Cersei. *Cersei também é mãe. Não importa quem é o pai daquelas crianças, ela sentiu-as chutando em seu ventre, deu-lhes à luz com a sua dor e seu sangue, alimentou-as em seu peito. Se forem mesmo de Jaime…*

– Cersei também ora a você, senhora? – perguntou Catelyn à Mãe. Conseguia ver os traços orgulhosos, frios e belos da rainha Lannister gravados na parede. A fenda ainda estava lá; mesmo Cersei era capaz de chorar pelos filhos.

– Cada um dos Sete incorpora todos os Sete – dissera-lhe um dia Septão Osmynd. Havia tanta beleza na Velha como na Donzela, e a Mãe podia ser mais feroz do que o Guerreiro quando seus filhos estivessem em perigo. *Sim…*

Tinha visto o suficiente de Robert Baratheon em Winterfell para saber que o rei não olhava Joffrey com grande calor. Se fosse mesmo da semente de Jaime, Robert teria matado o rapaz, bem como a mãe, e poucos o teriam condenado. Bastardos eram bastante comuns, mas o incesto era um pecado monstruoso, tanto para os velhos deuses como para os novos, e os filhos de tal perversidade eram chamados de abominações tanto no septo como no bosque sagrado. Os reis do

dragão tinham casado os irmãos com as irmãs, mas pertenciam ao sangue da antiga Valíria, onde tais práticas tinham sido comuns e, tal como seus dragões, os Targaryen não respondiam nem perante os deuses, nem perante os homens.

Ned deve ter sabido, e antes dele Lorde Arryn também. Pouco surpreende que a rainha tenha matado os dois. *Faria eu outra coisa por meus filhos?* Catelyn fechou as mãos, sentindo a rigidez dos dedos marcados onde o aço do assassino cortara até o osso enquanto ela lutava para salvar o filho.

– Bran também sabe – sussurrou, abaixando a cabeça. *Que os deuses sejam bons, ele deve ter visto qualquer coisa, ouvido qualquer coisa, foi por isso que tentaram matá-lo em seu leito.*

Sentindo-se perdida e cansada, Catelyn Stark entregou-se aos seus deuses. Ajoelhou perante o Ferreiro, que consertava as coisas que estavam quebradas, e pediu-lhe para dar proteção ao seu querido Bran. Dirigiu-se à Donzela e suplicou-lhe que emprestasse coragem a Arya e a Sansa, que as guardasse em sua inocência. Ao Pai, rezou por justiça, pela força para procurá-la e pela sabedoria para reconhecê-la, e pediu ao Guerreiro para manter Robb forte e defendê-lo em suas batalhas. Por fim, virou-se para a Velha, cujas estátuas a mostravam frequentemente com uma lâmpada em uma das mãos.

– Guie-me, sábia senhora – rezou. – Mostre-me o caminho que devo percorrer, e não permita que tropece nos lugares escuros que me esperam.

Por fim, ela ouviu passos atrás de si, e um som na porta.

– Senhora – disse Sor Robar com gentileza –, perdoe-me, mas nosso tempo está chegando ao fim. Temos que voltar antes do romper da aurora.

Catelyn pôs-se rigidamente em pé. Seus joelhos doíam, e naquele momento teria dado muito por uma cama de penas e uma almofada.

– Obrigada, sor. Estou pronta.

Atravessaram em silêncio bosques esparsos em que as árvores se inclinavam ebriamente para longe do mar. Os relinchos nervosos dos cavalos e o tinir do aço guiou-os de volta ao acampamento de Renly. As longas fileiras de homens e cavalos estavam cobertas por uma armadura de escuridão, tão negra que era como se o Ferreiro tivesse martelado a própria noite para fabricar aço. Havia estandartes à sua esquerda e à direita, mas à luz que antecedia a alvorada, nem as cores nem os símbolos eram discerníveis. *Um exército cinzento*, pensou Catelyn. *Homens cinzentos sobre cavalos cinzentos, sob bandeiras cinzentas*. Enquanto montavam os cavalos, à espera, os cavaleiros de sombra de Renly apontavam as lanças para cima, e Catelyn cavalgou por uma floresta de altas árvores nuas, despojadas de folhas e de vida. Onde ficava Ponta Tempestade via-se apenas uma escuridão mais

profunda, uma muralha de negrume, através da qual nenhuma estrela conseguia brilhar, mas Catelyn via tochas movendo-se pelo campo onde Lorde Stannis montara o acampamento.

As velas dentro do pavilhão de Renly faziam que as trêmulas paredes de seda parecessem brilhar, transformando a grande tenda num castelo mágico, insuflado de luz esmeralda. Dois dos membros da Guarda Arco-Íris estavam de sentinela à porta do pavilhão real. A luz verde brilhava de forma estranha através das plumas roxas da capa de Sor Parmen, e dava um tom doentio aos girassóis que cobriam cada polegada da armadura amarela esmaltada de Sor Emmon. Longas plumas de seda fluíam de seus elmos, e mantos de arco-íris envolviam seus ombros.

Lá dentro, Catelyn encontrou Brienne armando o rei para a batalha, enquanto Lorde Tarly e Rowan conversavam sobre a colocação dos homens no terreno e táticas. Estava um calor agradável lá dentro, proveniente de carvões em brasa numa dúzia de pequenos braseiros de ferro.

– Tenho de falar com o senhor, Vossa Graça – disse Catelyn, tratando-o como um rei, pela primeira vez, qualquer coisa para fazer com que prestasse atenção nela.

– Dentro de um momento, Senhora Catelyn – respondeu Renly. Brienne ajustou a placa das costas à placa de peito por cima da túnica acolchoada do rei. A armadura era de um verde profundo, o verde das folhas numa floresta estival, tão escuro que bebia a luz das velas. Realces dourados brilhavam em relevos e presilhas como fogueiras distantes nessa floresta, piscando sempre que ele se movia. – Por favor, prossiga, Lorde Mathis.

– Vossa Graça – disse Mathis Rowan, lançando um olhar de canto de olho para Catelyn. – Como estava dizendo, nossas batalhas estão bem delineadas. Por que esperar pelo nascer do dia? Faça soar a partida.

– Para dizerem depois que ganhei por meios traiçoeiros, com um ataque pouco cavaleiresco? A hora escolhida foi a alvorada.

– Escolhida por Stannis – ressaltou Randyll Tarly. – Quer que avancemos sob o sol nascente. Ficaremos meio cegos.

– Só até o primeiro embate – Renly respondeu com confiança. – Sor Loras quebrará suas linhas, e depois disso será o caos – Brienne apertou tiras de couro verde e prendeu fivelas douradas. – Quando meu irmão cair, assegurem-se de que nenhum insulto seja feito ao seu cadáver. Ele pertence ao meu sangue, não quero ver sua cabeça por aí, empalada na ponta de uma lança.

– E se ele se render? – Lorde Tarly quis saber.

– Render-se? – Lorde Rowan soltou uma gargalhada. – Quando Mace Tyrell montou cerco a Ponta Tempestade, Stannis preferiu comer

ratazanas a abrir os portões.

– Bem me lembro – Renly ergueu o queixo para deixar que Brienne prendesse seu gorjal no lugar. – Perto do fim, Sor Gawen Wylde e três de seus cavaleiros tentaram se esgueirar por uma porta traseira, a fim de se render. Stannis pegou-os e ordenou que fossem atirados das muralhas com catapultas. Ainda vejo a cara de Gawen enquanto o amarravam. Era o nosso mestre de armas.

Lorde Rowan pareceu confuso.

– Ninguém foi atirado das muralhas. Eu certamente me lembraria de tal coisa.

– Meistre Cressen disse a Stannis que poderíamos ser forçados a comer nossos mortos, e não se ganhava nada em atirar fora boa carne – Renly puxou o cabelo para trás. Brienne atou-o com um fio de veludo e enfiou um capuz almofadado na cabeça dele, para amortecer o peso do elmo. – Graças ao Cavaleiro das Cebolas não acabamos reduzidos a comer cadáveres, mas estivemos perto disso. Perto demais para Sor Gawen, que morreu na cela.

– Vossa Graça – Catelyn tinha esperado pacientemente, mas o tempo escasseava. – Prometeu-me uma conversa.

Renly fez um aceno.

– Tratem de suas batalhas, senhores… Ah, e se Barristan Selmy estiver ao lado do meu irmão, quero-o poupado.

– Não há notícias de Sor Barristan desde que Joffrey o expulsou – retrucou Lorde Rowan.

– Eu conheço aquele velho. Precisa de um rei para defender, senão não sabe quem é. Mas nunca veio até mim, e a Senhora Catelyn diz que não está com Robb Stark em Correrrio. Onde mais estará a não ser com Stannis?

– Será como diz, Vossa Graça. Nenhum mal lhe acontecerá – os senhores fizeram reverências profundas e se retiraram.

– Diga o que tem a dizer, Senhora Stark – disse Renly. Brienne envolveu seus ombros largos com o manto. Era de fios de ouro, pesado, com o veado coroado dos Baratheon realçado por lascas de âmbar negro.

– Os Lannister tentaram matar meu filho Bran. Perguntei mil vezes a mim mesma por quê. Seu irmão deu-me a resposta. Houve uma caçada no dia em que caiu. Robert, Ned e a maior parte dos outros homens partiram em busca de javalis, mas Jaime Lannister permaneceu em Winterfell, tal como a rainha.

Renly não foi lento em perceber as implicações.

– Então acredita que o rapaz os apanhou em incesto…

– Suplico-lhe, senhor, dê-me licença para ir até seu irmão Stannis e contar-lhe as minhas suspeitas.

– O que objetiva com isso?

– Robb porá de lado sua coroa se o senhor e seu irmão fizerem o mesmo – disse, esperando que fosse verdade. *Faria com que se tornasse verdade*, se fosse preciso; Robb a escutaria, mesmo que os seus senhores não o fizessem. – Permita que vocês três convoquem um Grande Conselho, um conselho como o reino não vê há cem anos. Iremos a Winterfell, para que Bran possa contar sua história e todos fiquem sabendo que os Lannister são os verdadeiros usurpadores. Deixe que os senhores reunidos dos Sete Reinos escolham quem os governará.

Renly soltou uma gargalhada.

– Diga-me, senhora, os lobos gigantes votam em quem deve liderar a alcateia? – Brienne trouxe as manoplas e o elmo do rei, coroado com chifres dourados que acrescentariam meio metro à sua altura. – O tempo para conversas terminou. Agora veremos quem é mais forte – Renly calçou uma manopla articulada verde e dourada na mão esquerda, enquanto Brienne se ajoelhava para afivelar seu cinto, carregado com o peso da espada e do punhal.

– Suplico-lhe em nome da Mãe – começou a dizer Catelyn quando uma súbita rajada de vento abriu a porta da tenda. Pensou vislumbrar movimento, mas quando virou a cabeça viu apenas a sombra do rei movendo-se nas paredes de seda. Ouviu Renly começar um gracejo, com a sombra movendo-se, erguendo a espada, negra sobre verde, com as velas tremeluzindo, estremecendo... Algo estava estranho, errado... E, então, viu a espada de Renly ainda na sua bainha, ainda guardada, mas a espada de sombra…

– Frio – disse Renly numa voz fraca e confusa, um instante antes de o aço de seu gorjal se rasgar como um pedaço de queijo sob a sombra de uma lâmina que não estava lá. Teve tempo para um pequeno arquejo antes que o sangue começasse a jorrar de sua garganta.

– Vossa Gr… *Não!* – Brienne, a Azul, gritou quando viu o maligno jorro, parecendo tão assustada como uma garotinha. O rei caiu em seus braços, com um lençol de sangue cobrindo a parte da frente de sua armadura, uma maré vermelho-escura que afogou seu verde e ouro. Mais velas tremeluziram e apagaram-se. Renly tentou falar, mas estava se afogando em seu próprio sangue. Perdeu a força nas pernas, e só os braços de Brienne o mantiveram em pé. A jovem atirou a cabeça para trás e gritou, sem palavras em sua angústia.

A sombra. Catelyn sabia que algo escuro e maligno tinha acontecido ali, algo que nem podia começar a compreender. *Aquela nunca foi a sombra de Renly. A morte entrou por aquela porta e apagou sua vida tão depressa como o vento extinguiu suas velas.*

Só se passaram alguns instantes antes de Robar Royce e Emmon Cuy entrarem de rompante, embora parecesse ter durado metade da

noite. Um par de homens de armas juntou-se atrás deles com archotes. Quando viram Renly nos braços de Brienne e ela ensopada no sangue do rei, Sor Robar deu um grito de horror.

– Maldita mulher! – gritou Sor Emmon, o do aço coberto de girassóis. – Afaste-se dele, vil criatura!

– Deuses benignos, Brienne, *por quê?* – Sor Robar perguntou.

Brienne ergueu os olhos do corpo de seu rei. O manto arco-íris que pendia de seus ombros tinha se tornado vermelho onde o sangue do rei o ensopara.

– Eu… eu…

– Morrerá por isso – Sor Emmon tirou um machado de batalha de cabo longo de entre as armas que estavam empilhadas junto à porta. – Pagará pela vida do rei com a sua!

– *não!* – Catelyn Stark gritou, encontrando por fim a voz, mas era tarde demais, a loucura do sangue tinha se apossado deles, e correram em frente com gritos que se sobrepuseram às suas palavras mais suaves.

Brienne moveu-se mais depressa do que Catelyn julgaria possível. Não tinha sua espada à mão; tirou a de Renly da bainha e a ergueu para parar a queda do machado de Emmon. Uma centelha brilhou, azul-esbranquiçada, quando o aço caiu sobre aço com um estrondo dilacerante, e Brienne ficou em pé com um salto, atirando rudemente para o lado o corpo do rei morto. Sor Emmon tropeçou nele quando tentou se aproximar, e a lâmina de Brienne cortou o cabo de madeira e fez saltar a cabeça do machado num rodopio. Outro homem atirou em suas costas um archote em chamas, mas o manto arco-íris estava empapado demais de sangue para arder. Brienne girou e desferiu um golpe, e archote e mão voaram. Chamas espalharam-se pelo tapete. O homem mutilado desatou aos gritos. Sor Emmon deixou cair o machado e tateou em busca da espada. O segundo homem de armas lançou uma estocada em Brienne. A Azul parou, e as espadas dançaram e voltaram a retinir uma contra a outra. Quando Emmon Cuy retomou o ataque, Brienne foi forçada a se retirar, mas de algum modo logrou mantê-los afastados. No chão, a cabeça de Renly rolou repugnantemente para um lado, e uma segunda e terrível boca escancarou-se, com o sangue agora saindo em ondas lentas.

Sor Robar tinha ficado para trás, incerto, mas agora estendia a mão até o cabo da espada.

– Robar, não, escute – Catelyn o agarrou pelo braço. – Estão cometendo uma injustiça, não foi ela. *Ajude-a!* Escute-me, foi Stannis – o nome estava em seus lábios antes mesmo de conseguir pensar no modo como lá chegara, mas, quando o proferiu, soube que era verdade. – Juro, você me conhece, foi *Stannis* quem o matou.

O jovem cavaleiro do arco-íris fitou aquela louca com olhos claros

e assustados.

– Stannis? Como?

– Não sei. Feitiçaria, alguma magia negra, havia uma sombra, uma *sombra* – até para si mesma a voz soava descontrolada e enlouquecida, mas as palavras jorravam descontroladas enquanto as lâminas continuavam retinindo atrás dela. – Uma sombra com uma espada, juro, eu vi. São cegos? A moça o *amava*! *Ajude-a!* – olhou de relance para trás, viu o segundo guarda cair, a espada largada por dedos sem força. Lá fora ouviam-se gritos. Sabia que mais homens zangados irromperiam sobre eles a qualquer momento. – Ela é inocente, Robar. Tem a minha palavra, pela tumba do meu esposo e por minha honra como Stark.

Aquilo o fez se decidir.

– Eu os conterei – Sor Robar respondeu. – Leve-a – então, virou-se e saiu.

O fogo tinha chegado à parede e subia pelo lado da tenda. Sor Emmon pressionava duramente Brienne, ele vestido de aço esmaltado amarelo e ela de lã. Esquecera Catelyn, até que o braseiro de ferro se esmagou contra sua nuca. Como estava com o elmo, o golpe não fez nenhum mal duradouro, mas deixou-o de joelhos.

– Brienne, comigo – Catelyn ordenou. A moça não foi lenta para ver a oportunidade. Um golpe e a seda verde abriu-se. Saíram para a escuridão e o frio da alvorada. Vozes alteradas vinham do outro lado do pavilhão. – Por aqui – pediu Catelyn –, e devagar. Não devemos correr, senão vão nos perguntar por quê. Caminhe descontraída, como se nada houvesse de errado.

Brienne enfiou a espada no cinto e pôs-se ao lado de Catelyn. O ar da noite cheirava a chuva. Atrás delas, o pavilhão do rei ardia, com as chamas erguendo-se, altas, contra a escuridão. Ninguém fez um movimento para pará-las. Homens passavam por elas correndo, gritando sobre fogo, assassinato e feitiçaria. Outros reuniam-se em pequenos grupos e conversavam em voz baixa. Alguns rezavam, e um jovem escudeiro estava de joelhos, soluçando abertamente.

As forças de Renly já começavam a se desagregar à medida que os rumores se espalhavam de boca em boca. As fogueiras noturnas estavam quase extintas e, à medida que o leste começava a se iluminar, a imensa massa de Ponta Tempestade ia emergindo como um sonho de pedra, enquanto farrapos de névoa branca corriam pelo campo, fugindo do sol em asas de vento. Catelyn ouvira um dia a Velha Ama chamá-los de *fantasmas da manhã*, espíritos que regressavam às suas tumbas. E Renly era agora um deles, morto como o irmão Robert, como seu querido Ned.

– Nunca o tive nos braços, a não ser quando morreu – disse Brienne em voz baixa enquanto caminhavam por entre o crescente

caos. A voz soava como se fosse se quebrar a qualquer instante. – Num momento estava rindo, e de repente havia sangue por todo lado… Senhora, não compreendo. Você viu, você…?

– Vi uma sombra. Pensei a princípio que fosse a sombra de Renly, mas era a do irmão.

– Lorde Stannis?

– *Senti-o*. Não faz sentido, sei disso.

Fazia sentido suficiente para Brienne.

– Vou matá-lo – declarou a moça alta e simples. – Com a espada do meu senhor, vou matá-lo. Juro. Juro. Juro.

Hal Mollen e o resto de sua escolta esperavam com os cavalos. Sor Wendel Manderly coçava-se para saber o que estava acontecendo.

– Senhora, o acampamento enlouqueceu – exclamou ao vê-las. – Lorde Renly, ele está… – parou de súbito, com os olhos fitos em Brienne e no sangue que a ensopava.

– Morto, mas não por nossas mãos.

– A batalha… – começou Hal Mollen.

– Não haverá batalha – Catelyn montou, e a escolta adotou uma formação ao seu redor, com Sor Wendel à esquerda e Sor Perwyn Frey à direita. – Brienne, trouxemos montarias suficientes para o dobro de nós. Escolha uma e venha conosco.

– Eu tenho meu próprio cavalo, senhora. E a minha armadura…

– Deixe-os. Temos de estar bem longe antes que pensem em nos procurar. Estávamos ambas com o rei quando ele foi morto. Isso não será esquecido – sem uma palavra, Brienne virou-se e fez o que lhe era pedido. – Vamos – ordenou Catelyn à escolta depois de todos terem montado. – Se alguém tentar nos parar, abatam-no.

À medida que os longos dedos da alvorada se abriam em leque pelos campos, a cor voltava ao mundo. Onde havia homens cinzentos, montados em cavalos cinzentos e armados com lanças de sombras, cintilavam agora as pontas de dez mil lanças numa frieza prateada, e na miríade de bandeiras agitando-se Catelyn viu o desabrochar do vermelho, rosa e laranja, a riqueza de azuis e marrons, a chama do dourado e do amarelo. Todo o poderio de Ponta Tempestade e Jardim de Cima, o poderio que tinha sido de Renly uma hora antes. *Pertencem agora a Stannis*, compreendeu, *mesmo que eles próprios ainda não saibam disso. Para onde mais devem se voltar, se não para o último Baratheon? Stannis conquistou a todos com um único golpe maligno*.

Eu sou o rei legítimo, declarara ele, com o maxilar cerrado, duro como ferro, *e seu filho não é menos traidor do que meu irmão aqui. O seu dia também chegará.*

Um arrepio percorreu sua espinha.

Jon

O monte projetava-se por cima do denso emaranhado de floresta, erguendo-se solitário, repentinamente deixando ver suas alturas varridas pelo vento de quilômetros ao redor. Os patrulheiros diziam que os selvagens o chamavam de Punho dos Primeiros Homens. Jon pensou que *realmente* se parecia com um punho, atravessando a terra e a floresta, com as vertentes nuas e marrons encimadas por pedras.

Cavalgou até o topo com Lorde Mormont e os oficiais, deixando Fantasma lá embaixo, entre as árvores. O lobo gigante tinha fugido três vezes enquanto subiam, regressando relutantemente em duas delas ao som do assobio de Jon. Na terceira, o Senhor Comandante perdeu a paciência e exclamou:

– Deixe-o ir, rapaz. Quero alcançar o cume antes do anoitecer. Procure o lobo mais tarde.

O caminho era íngreme e pedregoso, e o cume era coroado por um muro de pedras desprendidas dos rochedos, cuja altura chegava à altura do peito. O grupo foi forçado a dar uma grande volta para oeste até encontrar uma brecha suficientemente larga para que os cavalos passassem.

– Esta é uma boa posição, Thoren – proclamou o Velho Urso, quando enfim atingiram o topo. – Dificilmente encontraremos melhor. Faremos aqui o acampamento para esperar pelo Meia-Mão – o Senhor Comandante saltou da sela, desalojando o corvo do ombro. Queixando-se sonoramente, a ave levantou voo.

A vista do topo do monte era abrangente, mas o que atraiu os olhos de Jon foi o muro circular, as pedras cinzentas desgastadas, com suas manchas brancas de líquens e suas barbas de musgo verde. Dizia-se que o Punho tinha sido um forte anelar dos Primeiros Homens, na Idade da Alvorada.

– Um lugar velho e forte – disse Thoren Smallwood.

"*Velho*", gritou o corvo de Mormont, batendo as asas em círculos ruidosos em volta da cabeça dos homens. "*Velho, velho, velho.*"

– Cale-se – rosnou Mormont para a ave. O Velho Urso era orgulhoso demais para admitir fraqueza, mas Jon não se deixava enganar. O esforço de acompanhar os homens mais novos estava custando caro.

– Esta elevação será fácil de defender se for necessário – notou Thoren enquanto levava o cavalo ao longo do anel de pedras, com o vento agitando seu manto forrado de zibelina.

– Sim, este lugar servirá – o Velho Urso ergueu uma mão para o vento, e o corvo aterrissou em seu antebraço, arranhando com as garras a cota de malha negra.

– E a água, senhor? – Jon quis saber.

– Atravessamos um riacho no sopé do monte.

– Uma longa subida para beber água – Jon observou –, e fora do anel de pedra.

Thoren rebateu:

– É preguiçoso demais para subir um monte, rapaz?

Lorde Mormont interveio:

– Não é provável que encontremos outro local tão forte como este. Vamos transportar água e nos assegurar de estarmos bem abastecidos.

Jon sabia que não devia discutir. E, assim, a ordem foi dada e os irmãos da Patrulha da Noite montaram o acampamento por trás do anel de pedra que os Primeiros Homens tinham construído. Tendas negras nasceram como cogumelos depois da chuva, e cobertores e camas de campanha cobriram o terreno nu. Intendentes amarraram os garranos em longas fileiras, e lhes deram água e alimento. Lenhadores levaram seus machados até as árvores, à luz da tarde que se escoava, a fim de colher madeira suficiente para a noite. Vinte construtores puseram-se a limpar a vegetação rasteira, cavar latrinas e desatar os feixes de estacas endurecidas pelo fogo que tinham trazido.

– Quero ver todas as aberturas do muro entrincheiradas e com estacas antes de a noite cair – ordenou o Velho Urso.

Depois de armar a tenda do Senhor Comandante e de cuidar dos cavalos, Jon Snow desceu o monte em busca de Fantasma. O lobo gigante veio de imediato, num silêncio total. Num momento, Jon caminhava a passos largos por entre as árvores, assobiando e gritando, sozinho no verde, com pinhas e folhas caídas sob os pés; no seguinte, o grande lobo gigante branco andava a seu lado, alvo como a neblina da manhã.

Mas, quando chegaram ao forte anelar, Fantasma voltou a se mostrar renitente. Avançou com cautela para farejar a abertura nas pedras e depois recuou, como se não tivesse gostado do cheiro que sentiu. Jon tentou agarrá-lo pelo cangote e arrastá-lo à força para dentro do anel, o que não era tarefa fácil; o lobo pesava tanto quanto ele, e era muito mais forte.

– Fantasma, *qual* é o seu problema? – o lobo não era de se mostrar tão perturbado. Por fim, Jon teve de desistir: – Faça como quiser. Vai, pode caçar – os olhos vermelhos ficaram observando-o enquanto abria caminho por entre as pedras cobertas de musgo.

Deviam estar em segurança ali. O monte tinha uma posição dominante, e as vertentes norte e oeste formavam precipícios e eram apenas um pouco mais suaves para leste. No entanto, à medida que o ocaso se aprofundava e a escuridão deslizava pelos espaços vazios entre as árvores, a sensação de mau agouro cresceu dentro de Jon.

Esta é a floresta assombrada, disse a si mesmo. *Talvez haja fantasmas aqui, o espírito dos Primeiros Homens. Um dia, este lugar lhes pertenceu*.

– Pare de agir como um garoto – murmurou consigo mesmo. Subindo nas pedras empilhadas, Jon dirigiu o olhar para o sol poente. Conseguia ver a luz tremeluzindo como ouro martelado na superfície do Guadeleite no ponto em que o rio curvava para sul. Em direção à nascente, o terreno era mais irregular, a floresta densa dava lugar a uma série de montes pedregosos e nus que subiam, altos e bravios, para norte e oeste. No horizonte, as montanhas erguiam-se como uma grande sombra, cordilheira após cordilheira estendendo-se na distância azul-acinzentada, com os picos recortados, perpetuamente revestidos de neve. Mesmo de longe, pareciam vastas, frias e inóspitas.

Mais perto dali, eram as árvores que governavam. Para sul e para leste, a floresta estendia-se até o horizonte, um vasto emaranhado de raízes e ramos pintado em diversos tons de verde, com uma mancha de vermelho aqui e ali, onde um represeiro abria caminho por entre os pinheiros e as árvores-sentinela, ou uma gota de amarelo nos locais em que algumas árvores latifoliadas tinham começado a mudar de cor. Quando o vento soprou, Jon conseguiu ouvir o estalar e ranger de galhos mais velhos do que ele. Mil folhas esvoaçaram, e por um momento a floresta pareceu um mar de um verde profundo, tempestuoso e palpitante, eterno e impossível de conhecer.

Jon refletiu que não era provável que Fantasma estivesse sozinho lá embaixo. Qualquer coisa podia estar em movimento sob aquele mar, rastejando através da escuridão dos bosques na direção do forte anelar, escondida sob aquelas árvores. *Qualquer coisa*. Como poderiam chegar a saber? Ficou ali por muito tempo, até o sol desaparecer por trás dos picos serrados das montanhas e a escuridão começar a deslizar pela floresta.

– Jon? – Samwell Tarly o chamou. – Bem que achei que fosse você. Está bem?

– Suficientemente bem – Jon saltou para baixo. – Como passou o dia hoje?

– Bem. Passei bem. De verdade.

Jon não dividiria suas inquietações com o amigo, ainda mais no momento em que Samwell Tarly parecia por fim começar a encontrar sua coragem.

– O Velho Urso pretende esperar aqui por Qhorin Meia-Mão e pelos homens vindos da Torre Sombria.

– Parece um local seguro – Sam respondeu. – Um forte anelar dos Primeiros Homens. Acha que houve batalhas travadas aqui?

– Sem dúvida. É melhor que prepare uma ave. Mormont vai querer enviar notícias.

– Gostaria de poder enviar todas. Detestam estar engaioladas.

– Também detestaria, se pudesse voar.

– Se eu pudesse voar, estaria de volta ao Castelo Negro, comendo um empadão de porco.

Com a mão queimada, Jon deu uma palmada no ombro do amigo. Atravessaram juntos o acampamento. Fogueiras para cozinhar eram acesas por todo lado. Em cima, as estrelas iam aparecendo. A longa cauda vermelha do Archote de Mormont ardia, luminosa como a lua. Jon ouviu os corvos antes de vê-los. Alguns chamavam por seu nome. As aves não se acanhavam quando se tratava de fazer barulho.

Eles também sentem isso.

– É melhor que eu vá atender ao Velho Urso – Jon falou. – Ele também fica barulhento quando não é alimentado.

Foi encontrar Mormont conversando com Thoren Smallwood e meia dúzia de outros oficiais.

– Aqui está você – disse o velho em tom rabugento. – Traga-nos um pouco de vinho quente, por favor. A noite está gelada.

– Sim, senhor.

Jon acendeu uma fogueira, requisitou aos homens do abastecimento um pequeno barril do tinto encorpado que Mormont preferia e despejou-o numa chaleira. Pendurou-a sobre as chamas enquanto reunia o resto dos ingredientes. O Velho Urso era exigente com o vinho quente condimentado. Tanto de canela, tanto de noz-moscada e tanto de mel, nem um tiquinho a mais. Passas, nozes e bagas secas sim, mas nada de limão, isso era o mais asqueroso tipo de heresia sulista… O que, para Jon, era estranho, uma vez que sempre punha limão na cerveja matinal. A bebida devia estar quente para aquecer devidamente um homem, insistia o Senhor Comandante, mas nunca se podia permitir que o vinho começasse a ferver. Jon vigiou a chaleira com olhos cuidadosos.

Enquanto trabalhava, conseguia ouvir as vozes que vinham de dentro da tenda. Jarman Buckwell disse:

– O caminho mais fácil para subir as Presas de Gelo é seguindo o Guadeleite até a nascente. Mas se formos por aí, Rayder saberá da nossa aproximação, tão certo como o nascer do sol.

– A Escada do Gigante pode servir – Sor Mallador Locke observou –, ou o Passo dos Guinchos, se estiver limpo.

O vinho fumegava. Jon tirou a chaleira do fogo, encheu oito taças e as levou para a tenda. O Velho Urso espiava o mapa rudimentar que Sam lhe havia desenhado na Fortaleza de Craster. Tirou uma taça do tabuleiro de Jon, experimentou o vinho e fez um aceno brusco de aprovação. O corvo saltou de seu braço. "*Grão. Grão. Grão*."

Sor Ottyn Wythers recusou o vinho com um gesto.

– Eu preferia evitar a todo custo a entrada nas montanhas – o homem disse numa voz fraca e fatigada. – As Presas de Gelo mordem

cruelmente, mesmo no Verão, e agora… Se formos apanhados por uma tempestade…

– Não pretendo arriscar as Presas, a menos que tenhamos de fazer isso – Mormont respondeu. – Os selvagens não são mais capazes de viver de neve e pedra do que nós. Irão emergir das alturas em breve, e para qualquer tropa de um tamanho razoável, a única rota possível segue o Guadeleite. Se assim for, temos aqui uma posição forte. Eles não podem esperar escapar de nós.

– Podem não querer escapar. São milhares, e nós seremos trezentos quando Meia-Mão nos alcançar – Sor Mallador aceitou a taça que Jon lhe oferecia.

– Se chegar a haver batalha, não poderíamos desejar posição melhor do que esta – Mormont voltou a insistir. – Reforçaremos as defesas. Fossos e espigões, estrepes espalhadas pelas vertentes, com todas as brechas fechadas. Jarman, quero seus olhos mais aguçados como vigias. Dispostos em anel, à nossa volta e ao longo do rio, para nos prevenirem de qualquer aproximação. Esconda-os nas árvores. E é melhor começarmos também a trazer água para cima, mais do que precisamos. Escavaremos cisternas. Isso manterá os homens ocupados, e pode se mostrar necessário mais tarde.

– Meus patrulheiros… – começou Thoren Smallwood.

– Seus patrulheiros limitarão as patrulhas a este lado do rio até que Meia-Mão nos alcance. Depois disso, veremos. Não perderei mais de meus homens.

– Mance Ryder pode estar reunindo sua tropa a um dia de viagem daqui, e nunca o saberemos – Smallwood protestou.

– Nós sabemos onde os selvagens estão se juntando – Mormont rebateu. – Craster nos disse. Não gosto do homem, mas não me parece que tenha mentido quanto a isso.

– Às suas ordens – Smallwood saiu carrancudo. Os outros terminaram o vinho e seguiram-no, com mais cortesia.

– Devo trazer seu jantar, senhor? – Jon perguntou.

"*Grão*", gritou o corvo. Mormont não respondeu logo. E, quando o fez, disse apenas:

– Seu lobo encontrou caça hoje?

– Ainda não voltou.

– Seria bom termos carne fresca – Mormont enfiou a mão num saco e ofereceu um punhado de milho ao corvo. – Acha que faço mal em manter os patrulheiros por perto?

– Isso não me cabe dizer, senhor.

– Cabe, se eu perguntar.

– Se os patrulheiros tiverem de permanecer à vista do Punho, não vejo como podem ter esperança de encontrar meu tio – Jon admitiu.

– Não podem – o corvo bicou os grãos na mão do Velho Urso. –

Sejam duzentos homens ou dez mil, esta terra é vasta demais – desaparecido o milho, Mormont virou a mão.

– Não está pensando em desistir da busca, está?

– Meistre Aemon pensa que você é esperto.

Mormont deslocou o corvo para o ombro. A ave inclinou a cabeça para um lado, com os olhinhos brilhando. A resposta encontrava-se ali.

– É… Parece-me que pode ser mais fácil a um homem encontrar duzentos do que duzentos encontrarem um.

O corvo soltou um guincho zombeteiro, mas o Velho Urso sorriu por entre a barba cinza.

– Todos esses homens e cavalos deixam um rastro que até Aemon seria capaz de seguir. Neste monte, nossas fogueiras devem estar visíveis até o sopé das Presas de Gelo. Se Ben Stark estiver vivo e livre, virá até nós, não tenho qualquer dúvida.

– Sim – Jon respondeu –, mas… e se…

– … estiver morto? – Mormont concluiu, num tom que não era desprovido de gentileza.

Jon confirmou, relutante, com a cabeça.

"*Morto*", disse o corvo. "*Morto. Morto.*"

– Pode vir mesmo assim até nós – o Velho Urso disse. – Como fez Othor, e Jafer Flowers. Temo isso tanto quanto você, Jon, mas temos de admitir a possibilidade.

"*Morto*," crocitou o corvo, sacudindo as asas. A voz da ave subiu de intensidade e tornou-se mais estridente. "*Morto.*"

Mormont afagou as penas negras da ave e abafou um súbito bocejo com as costas da mão.

– Creio que vou dispensar o jantar. O descanso vai me servir melhor. Acorde-me à primeira luz da aurora.

– Durma bem, senhor.

Jon recolheu as taças vazias e saiu. Ouviu risos distantes, e o som lamentoso de uma gaita. Uma grande fogueira crepitava no centro do acampamento, e Jon conseguia sentir o cheiro do guisado sendo cozido. O Velho Urso podia não ter fome, mas ele tinha, e se aproximou calmamente do fogo.

Dywen parecia discursar, de colher na mão:

– Conheço esta floresta tão bem quanto qualquer homem vivo, e digo-lhes que não gostaria de percorrê-la sozinho esta noite. Não sentem o cheiro?

Grenn olhava-o com os olhos muito abertos, mas Edd Doloroso disse:

– O cheiro que sinto é o da merda de duzentos cavalos. E deste guisado. Que tem quase o mesmo aroma bem aqui, agora que o cheiro bem.

– Tenho seu *aroma parecido* bem aqui – Hake deu um tapinha na adaga, e, resmungando, encheu a tigela de Jon.

O guisado era engrossado com cevada, cenoura, cebola e um fiapo de charque aqui e ali, amaciado pela fervura.

– Como é que cheira para você, Dywen? – Green quis saber.

O lenhador colocou a colher na boca um momento. Tinha tirado os dentes. Seu rosto era enrugado, semelhante a couro, e suas mãos nodosas, como velhas raízes.

– Parece-me que tem cheiro… bem… de *frio*.

– Sua cabeça é tão feita de madeira como seus dentes – disse-lhe Hake. – Não existe cheiro de frio.

Existe, Jon respondeu em pensamento, lembrando-se da noite nos aposentos do Senhor Comandante. *Tem cheiro de morte*. De repente, sua fome desapareceu. Deu o guisado a Grenn, que parecia precisar de um jantar extra para se aquecer contra a noite.

O vento soprava fresco quando saiu. De manhã, a geada cobriria o chão e as cordas das tendas estariam rígidas e congeladas. Alguns dedos de vinho condimentado sacolejavam dentro da chaleira. Jon alimentou a fogueira com madeira fresca e pôs a chaleira sobre as chamas, para voltar a aquecê-la. Flexionou os dedos enquanto esperava, fechando-os e esticando-os até a mão começar a formigar. Os vigias do primeiro turno tinham ocupado seus lugares em volta do perímetro do acampamento. Archotes tremeluziam ao longo da muralha anelar. A noite não tinha lua, mas mil estrelas brilhavam por cima de sua cabeça.

Um som ergueu-se da escuridão, tênue e distante, mas inconfundível: uivos de lobos. Suas vozes subiam e desciam, uma canção gelada e solitária. Fazia que os pelos na parte de trás do seu pescoço se eriçassem. Do outro lado da fogueira, um par de olhos vermelhos olhou-o das sombras. A luz das chamas fazia-os cintilar.

– Fantasma – Jon suspirou, surpreso. – Então finalmente entrou, hã? – era frequente que o lobo branco ficasse caçando a noite toda; não esperara voltar a vê-lo antes do nascer do dia. – A caça foi assim tão ruim? Vem cá. Aqui, Fantasma.

O lobo gigante deu a volta na fogueira, farejando Jon, farejando o vento, sem nunca ficar quieto. Não parecia desejar carne naquele momento. *Quando os mortos se levantaram, Fantasma soube. Acordou-me, preveniu-me*. Alarmado, pôs-se em pé.

– Tem alguma coisa lá fora? Fantasma, pegou um cheiro? – *Dywen disse que tinha cheiro de frio.*

O lobo gigante afastou-se com um salto, parou, olhou para trás. *Ele quer que o siga*. Puxando o capuz do manto para cima, Jon afastou-se das tendas, do calor da sua fogueira, e passou pelas fileiras de pequenos garranos hirsutos. Um dos cavalos relinchou nervosamente

quando Fantasma passou perto dele. Jon acalmou-o com uma palavra e fez uma pausa para afagar seu focinho. Conseguiu ouvir o vento assobiando através das fendas entre as pedras quando se aproximaram do muro circular. Uma voz proferiu um desafio. Jon saiu para a luz do archote.

– Tenho de ir buscar água para o Senhor Comandante.

– Então vá – disse o guarda. – E rápido – aninhado no interior do manto branco, com o capuz erguido contra o vento, o homem nem o olhou para ver se trazia um balde.

Jon deslizou de lado entre duas estacas afiadas, enquanto Fantasma se esgueirava por baixo delas. Uma tocha tinha sido atirada para dentro de uma fenda, e suas chamas flamejavam como bandeiras de um tom laranja claro quando as rajadas de vento sopravam. Jon pegou-a enquanto se encolhia pela fenda entre as pedras. Fantasma desceu o monte correndo. Jon seguiu-o mais devagar, com a tocha erguida à frente enquanto descia. Os sons do acampamento desvaneceram-se às suas costas. A noite estava negra, e a encosta era íngreme, pedregosa e irregular. Uma desatenção momentânea seria o jeito certo de quebrar um tornozelo… ou o pescoço. *O que estou fazendo?*, perguntou-se enquanto procurava o caminho.

As árvores erguiam-se por baixo, guerreiros com armaduras de casca e folha, alinhados em suas fileiras silenciosas à espera da ordem de atacar o monte. Pareciam negras… Era só quando a luz da tocha por elas passava que Jon vislumbrava um clarão de verde. Tenuemente, ouvia o som de água fluindo sobre rochas. Fantasma desapareceu na vegetação rasteira. Jon lutou para segui-lo, escutando o chamado do riacho, os suspiros das folhas ao vento. Raminhos agarraram-se ao seu manto, enquanto por cima de sua cabeça galhos mais grossos se entrelaçavam e escondiam as estrelas.

Encontrou Fantasma bebendo do riacho

– *Fantasma*, aqui. *Já* – quando o lobo gigante levantou a cabeça, seus olhos brilharam, vermelhos e sinistros, e água escorreu de suas mandíbulas como saliva. Naquele instante, havia nele algo de feroz e terrível. E então partiu, passando por Jon aos saltos, correndo através das árvores. – Fantasma, *não*, fica – ele gritou, mas o lobo não prestou atenção. A esguia silhueta branca foi engolida pela escuridão, e Jon ficou apenas com duas possibilidades… Voltar a subir o monte, sozinho, ou segui-lo.

Seguiu-o, zangado, segurando baixo a tocha, para conseguir ver as pedras que ameaçavam fazê-lo tropeçar a cada passo, as espessas raízes que pareciam se agarrar aos seus pés, os buracos onde um homem podia torcer o tornozelo. A cada par de metros voltava a chamar por Fantasma, mas o vento noturno rodopiava por entre as árvores e engolia as palavras. *Isso é uma loucura*, Jon pensou enquanto

mergulhava mais profundamente entre as árvores. Estava quase voltando quando vislumbrou um clarão branco mais à frente e à direita, na direção do monte. Correu atrás dele, praguejando em voz baixa.

Perseguiu o lobo por um quarto de hora ao redor do Punho antes de voltar a perdê-lo de vista. Por fim, parou para recuperar o fôlego em meio aos arbustos, espinheiros e pedras tombadas no sopé do monte. Para lá da luz da tocha, a escuridão apertava-se.

Um som suave, como o de algo sendo arranhado, fez com que ele se virasse. Andou na direção do som, pondo os pés com cuidado entre pedregulhos e espinheiros. Atrás de uma árvore caída, voltou a encontrar Fantasma. O lobo gigante cavava furiosamente, arremessando terra para todos os lados.

– O que encontrou? – Jon abaixou a tocha, e a luz lhe revelou um montículo arredondado de terra mole. *Uma sepultura*, pensou. *Mas de quem?*

Jon se ajoelhou e espetou a tocha na terra a seu lado. A terra era solta, arenosa. Ele começou a cavar com as mãos. Não havia pedras nem raízes. O que quer que ali estivesse, tinha sido lá colocado recentemente. Meio metro mais abaixo, seus dedos tocaram em tecido. Esperara encontrar um cadáver, temera encontrá-lo, mas aquilo era outra coisa. Fez força contra o tecido e sentiu por baixo formas pequenas e duras, que não cediam. Não havia nenhum cheiro, nenhum sinal de vermes. Fantasma recuou e se sentou, observando.

Jon sacudiu a terra solta, revelando uma trouxa arredondada com cerca de meio metro de diâmetro. Enfiou os dedos pelas beiradas e conseguiu soltá-la. Quando a puxou, o que quer que estivesse lá dentro deslocou-se e tiniu. *Um tesouro*, pensou, mas a forma não correspondia à de moeda, e o *som* não era o de metal.

Um pedaço de corda gasta atava a trouxa. Jon desembainhou o punhal e a cortou, procurou cuidadosamente as extremidades do tecido e puxou. A trouxa se abriu, e seu conteúdo espalhou-se no chão, cintilando, escuro e brilhante. Viu uma dúzia de facas, pontas de lança em forma de folha, numerosas pontas de flecha. Jon pegou uma lâmina de punhal, leve como uma pena e de um negro brilhante, sem cabo. A luz da tocha correu ao longo de seu gume, uma fina linha laranja que indicava algo afiado como uma navalha. *Vidro de dragão. Aquilo que os meistres chamam de obsidiana*. Teria Fantasma descoberto algum antigo esconderijo dos filhos da floresta, ali enterrado há milhares de anos? O Punho dos Primeiros Homens era um lugar antigo, mas…

Por baixo do vidro de dragão estava um velho corno de guerra, feito de chifre de auroque com faixas de bronze. Jon sacudiu-o, e uma torrente de pontas de flecha jorrou lá de dentro. Deixou-as cair, e

puxou um canto do pano em que as armas tinham sido envolvidas, esfregando-o entre os dedos. *Boa lã, espessa, de malha dupla, úmida, mas não apodrecida*. Não podia ter ficado muito tempo no chão. E era *escura*. Agarrou um pedaço e aproximou-o do archote. *Escura não. Negra*.

Mesmo antes de Jon se levantar e sacudir o que tinha na mão, sabia o que era: o manto negro de um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite.

Bran

Alebelly foi encontrá-lo na forja, trabalhando nos foles para Mikken.

– Meistre o quer no torreão, senhor príncipe. Chegou uma ave do rei.

– De Robb?

Excitado, Bran não esperou por Hodor, e deixou que Alebelly subisse os degraus levando-o no colo. Era um homem grande, embora não tanto quanto Hodor, e nem de longe tão forte. Quando chegaram ao torreão do meistre, o homem tinha o rosto vermelho e arquejava. Rickon chegara antes deles, e ambos os Walder Frey também.

Meistre Luwin mandou Alebelly embora e fechou a porta.

– Senhores – disse em tom grave –, recebemos uma mensagem de Sua Graça, com boas e más notícias. Conseguiu uma grande vitória no oeste, desbaratando um exército Lannister num lugar chamado Cruzaboi, e tomou também vários castelos. Escreve-nos de Cinzamarca, anteriormente o castro da Casa Marbrand.

Rickon puxou a toga do meistre:

– Robb vem para casa?

– Temo que não. Ainda há batalhas para lutar.

– Foi Lorde Tywin que ele derrotou? – Bran perguntou.

– Não – o meistre respondeu. – Quem comandava a tropa inimiga era Sor Stafford Lannister. Foi morto na batalha.

Bran nunca ouvira falar de Sor Stafford Lannister. Acabou concordando com o Grande Walder quando ele disse:

– Lorde Tywin é o único que importa.

– Diga a Robb que quero que venha para casa – Rickon pediu. – Também pode trazer o lobo dele, e a mãe e o pai – embora soubesse que Lorde Eddard estava morto, às vezes Rickon se esquecia… e Bran suspeitava que fazia isso de propósito. O irmão mais novo era teimoso como só um garoto de quatro anos sabia ser.

Bran sentia-se contente pela vitória de Robb, mas também inquieto. Lembrou-se do que Osha dissera no dia em que o irmão saíra de Winterfell à frente de seu exército. *Ele marcha na direção errada*, insistira a selvagem.

– Infelizmente, não há vitória que não tenha seu preço – Meistre Luwin virou-se para os Walder. – Senhores, seu tio, Sor Stevron Frey, está entre aqueles que perderam a vida em Cruzaboi. Robb escreve que foi ferido na batalha. Não achavam que fosse algo sério, mas três dias mais tarde morreu na tenda enquanto dormia.

Grande Walder encolheu os ombros:

– Era muito velho. Sessenta e cinco anos, acho eu. Velho demais

para batalhas. Andava sempre dizendo que estava cansado.

Pequeno Walder soltou um assobio:

– Cansado de esperar que o nosso avô morra, você quer dizer. Isso significa que Sor Emmon é agora o herdeiro?

– Não seja burro – o primo rebateu. – Os filhos do primogênito vêm antes do segundo filho. O seguinte na linha de sucessão é Sor Ryman, e depois Edwyn, e Walder Negro e Petyr Espinha. E depois Aegon, e todos os filhos *dele*.

– Ryman também é velho – disse o Pequeno Walder. – Já passou dos quarenta, aposto. E tem uma barriga ruim. Acha que ele vai ser o senhor?

– *Eu* serei o senhor. Não me interessa se ele é ou não.

Meistre Luwin o interrompeu com intensidade:

– Deveriam ter vergonha dessa conversa, senhores. Onde está o pesar de vocês? Seu tio está morto.

– Sim – disse o Pequeno Walder. – Estamos muito tristes.

Mas não estavam. Bran teve uma sensação estranha na barriga. *Gostam mais do sabor deste prato do que eu*. Pediu ao Meistre Luwin licença para se retirar.

– Muito bem – o meistre fez soar a sineta para que a ajuda viesse. Hodor devia estar ocupado nos estábulos. Foi Osha quem apareceu. Mas a mulher era mais forte do que Alebelly, e não teve problemas em erguer Bran nos braços e levá-lo degraus abaixo.

– Osha – Bran perguntou enquanto atravessavam o pátio. – Você conhece o caminho para o norte? Até a Muralha e… e mesmo para além dela?

– O caminho é simples. Procure o Dragão de Gelo e siga a estrela azul no olho do cavaleiro – ela atravessou uma porta de costas e começou a subir os degraus em espiral.

– E ainda existem gigantes lá, e… o resto… os Outros, e também os filhos da floresta?

– Os Gigantes eu vi, dos filhos ouvi falar em histórias, e os caminhantes brancos… Por que você quer saber?

– Alguma vez viu um corvo com três olhos?

– Não – ela riu. – E não posso dizer que queira vê-lo – Osha abriu a porta do quarto de Bran com um chute e colocou-o no banco da janela, de onde podia observar o pátio lá embaixo.

Pareceu não se passar mais do que alguns instantes antes de a porta voltar a se abrir e Jojen Reed entrar sem ser convidado, com a irmã Meera logo atrás.

– Ouviu falar do pássaro? – Bran perguntou. O outro rapaz fez que sim com a cabeça. – Não foi um jantar, como você disse. Foi uma carta de Robb, e não a comemos, mas…

– Às vezes, os sonhos verdes tomam estranhas formas – Jojen

admitiu. – A verdade que contêm nem sempre é fácil de compreender.

– Conte-me a coisa ruim que sonhou – Bran pediu. – A coisa ruim que vem a caminho de Winterfell.

– O senhor meu príncipe agora acredita em mim? Vai confiar em minhas palavras, por mais estranhas que pareçam aos seus ouvidos?

Bran assentiu com um aceno.

– O que vem a caminho é o mar.

– O *mar*?

– Sonhei que o mar ondulava ao redor de Winterfell. Vi ondas negras esmagando-se contra os portões e as torres, e depois a água salgada entrou por cima das muralhas e encheu o castelo. Homens afogados boiavam no pátio. Quando sonhei o sonho pela primeira vez, ainda na Água Cinzenta, não conhecia seus rostos, mas agora conheço. Aquele Alebelly é um deles, o guarda que gritou os nossos nomes no banquete. Seu septão é outro. O ferreiro também.

– Mikken? – Bran sentia-se tão confuso quanto consternado. – Mas o mar fica a centenas e centenas de milhas daqui, e as muralhas de Winterfell são tão altas que a água não poderia entrar, mesmo se viesse.

– Na calada da noite, o mar salgado fluirá sobre essas muralhas – Jojen insistiu. – Vi os mortos, inchados e afogados.

– Temos de contar para eles – Bran retrucou. – Para todos, Alebelly, Mikken e Septão Chayle. Contar para que eles não se afoguem.

– Isso não os salvará – respondeu o rapaz vestido de verde.

Meera veio até o banco da janela e pôs uma mão no ombro de Bran.

– Eles não acreditarão, Bran. Não acreditarão mais do que você.

Jojen sentou-se na cama.

– Conte-me o que *você* sonhou.

Bran sentia-se assustado, mesmo agora, mas tinha jurado confiar neles, e um Stark de Winterfell mantém a palavra dada.

– Há vários tipos de sonhos – ele disse lentamente. – Há os sonhos de lobo; esses não são tão ruins quanto os outros. Corro, caço e mato esquilos. E há sonhos em que o corvo vem e me diz para voar. Às vezes, a árvore também está nesses sonhos, chamando meu nome. Isso me assusta. Mas os piores sonhos são quando caio – olhou para baixo, para o pátio, sentindo-se infeliz. – Antes nunca caía. Quando escalava. Ia a todos os lados, pelos telhados e ao longo das paredes, costumava dar comida aos corvos na Torre Queimada. Minha mãe tinha medo de que eu caísse, mas eu sabia que nunca cairia. Só que caí, e agora, quando durmo, caio sempre.

Meera deu um apertão em seu ombro.

– É tudo?

– Acho que sim.

– *Warg* – Jojen Reed disse.

Bran olhou para ele, com os olhos dilatados.

– O quê?

– *Warg*. Transmorfo. Lobisomem. É como o chamarão, se alguma vez ouvirem falar dos sonhos de lobo.

Os nomes deixaram-no de novo com medo.

– *Quem* me chamará disso?

– Seu próprio povo. Com medo. Alguns vão odiá-lo se souberem o que é. Alguns tentarão até mesmo matá-lo.

A Velha Ama às vezes contava histórias assustadoras sobre lobisomens e transmorfos. Nas histórias, eles eram sempre malignos.

– Eu não sou assim – Bran protestou. – *Não* sou. São só sonhos.

– Os sonhos de lobo não são sonhos de verdade. Seu olho está bem fechado sempre que está acordado, mas, quando adormece, ele abre, e sua alma procura sua outra metade. O poder é forte em você.

– Não o quero. Quero ser um *cavaleiro*.

– Um cavaleiro é o que você quer ser. Um *warg* é o que você é. Não pode mudar isso, Bran, não pode negar ou deixar para lá. É o lobo alado, mas nunca voará – Jojen levantou-se e caminhou até a janela. – A não ser que *abra o seu olho* – juntou dois dedos e bateu na testa de Bran, com força.

Quando levou a mão ao local, Bran sentiu apenas a pele lisa e contínua. Não havia nenhum olho, nem mesmo um olho fechado.

– Como posso abri-lo se não está aí?

– Nunca vai encontrar o olho com os dedos, Bran. Você deve procurá-lo com o coração – Jojen estudou o rosto de Bran com aqueles estranhos olhos verdes. – Ou será que tem medo?

– Meistre Luwin diz que não existe nada nos sonhos que um homem deva temer.

– Existe, sim – Jojen discordou.

– O quê?

– O passado. O futuro. A verdade.

Os irmãos o deixaram mais desnorteado que nunca. Quando ficou sozinho, Bran tentou abrir o terceiro olho, mas não sabia como. Por mais que enrugasse a testa e nela espetasse os dedos, não via de modo diferente do que antes. Nos dias que se seguiram, tentou prevenir os outros a respeito do que Jojen tinha dito, mas as coisas não correram como pretendia. Mikken achou a história engraçada.

– O mar, é? Acontece que sempre quis ver o mar. Mas nunca fui a um lugar onde pudesse fazer isso. Então ele vem até mim, é? Os deuses são bons para se incomodarem tanto com um pobre ferreiro.

– Os deuses vão me levar quando acharem adequado – Septão Chayle disse calmamente. – Embora pense ser pouco provável que me

afogue, Bran. Cresci nas margens do Faca Branca, sabe? Sou um nadador bastante bom.

Alebelly foi o único que prestou alguma atenção ao aviso. Foi falar com Jojen, e depois deixou de tomar banho e recusou-se a se aproximar do poço. Por fim, ficou tão malcheiroso que os outros guardas o atiraram para dentro de uma banheira de água escaldante e o esfregaram até ficar com a pele em carne viva, enquanto gritava que iam afogá-lo como o rapaz-rã tinha dito. Depois daquilo, começou a franzir a testa sempre que via Bran ou Jojen no castelo, e resmungava consigo mesmo.

Foi alguns dias depois do banho de Alebelly que Sor Rodrik voltou a Winterfell com o prisioneiro, um jovem grande, com lábios gordos e úmidos e cabelo longo que cheirava como uma latrina, ainda pior do que Alebelly antes do banho.

– Chamam-no de Fedor – disse Hayhead quando Bran perguntou quem era. – Nunca ouvi seu nome verdadeiro. Servia o bastardo de Bolton e o ajudou a assassinar a Senhora Hornwood, segundo dizem.

Naquela noite, no jantar, Bran soube que o próprio bastardo estava morto. Os homens de Sor Rodrik tinham-no apanhado nas terras dos Hornwood fazendo qualquer coisa de horrível (Bran não tinha bem certeza do que, mas parecia ser algo que se fazia sem roupas) e tinham-no abatido com flechas quando tentara escapar. Mas tinham chegado tarde demais para salvar a pobre Senhora Hornwood. Depois do casamento, o Bastardo trancara-a numa torre e negligenciara sua alimentação. Bran ouviu homens dizendo que, quando Sor Rodrik arrombou a porta, a encontrou com a boca ensanguentada e os dedos arrancados às mordidas.

– O monstro deixou-nos um nó cheio de espinhos – disse o velho cavaleiro a Meistre Luwin. – Quisesse ou não, a Senhora Hornwood era sua esposa. Obrigou-a a proferir os votos perante tanto um septão como uma árvore-coração, e deitou-se com ela naquela mesma noite, diante de testemunhas. Ela assinou um testamento nomeando-o herdeiro e nele afixou seu selo.

– Votos proferidos sob a ameaça de uma espada não são válidos – contestou o meistre.

– Roose Bolton pode não concordar. Em especial quando há terras em questão – Sor Rodrik fez uma expressão infeliz. – Gostaria de também ter cortado a cabeça desse criado, ele é tão mau como seu senhor. Mas temo que tenhamos de mantê-lo vivo até que Robb volte de suas batalhas. É a única testemunha dos piores crimes do Bastardo. Talvez Lorde Bolton abandone a pretensão quando ouvir sua história; entretanto, temos cavaleiros Manderly e homens do Forte do Pavor matando-se uns aos outros nas florestas dos Hornwood, e faltam-me forças para obrigá-los a parar – o velho cavaleiro virou-se na cadeira e

lançou a Bran um olhar severo. – E o que tem andado fazendo enquanto eu estive fora, senhor meu príncipe? Ordenando aos nossos guardas que não se lavem? Quer que cheirem como este Fedor, é isso?

– O mar está vindo até aqui – Bran insistiu. – Jojen viu isso num sonho verde. Alebelly vai se afogar.

Meistre Luwin pegou em sua corrente:

– O rapaz Reed crê que vê o futuro nos sonhos, Sor Rodrik. Conversei com Bran sobre a incerteza de tais profecias, mas, a bem da verdade, *há* problemas ao longo da Costa Pedregosa. Corsários em dracares saqueando aldeias de pescadores. Violando e queimando. Leobald Tallhart enviou o sobrinho Benfred para lidar com eles, mas suponho que embarcarão em seus navios e fugirão assim que virem homens com armaduras.

– É... Para atacar em outro lugar qualquer. Que os Outros levem todos esses covardes. Nunca se atreveriam, tal como o bastardo de Bolton, se a nossa força principal não estivesse a mil léguas para sul – Sor Rodrik olhou para Bran. – O que mais o rapaz lhe disse?

– Disse que a água fluiria sobre as muralhas. Viu Alebelly afogado, e também Mikken e Septão Chayle.

Sor Rodrik franziu o cenho.

– Bem, assim sendo, caso tenha de avançar em pessoa contra esses corsários, não levarei Alebelly. Ele não *me* viu afogado, certo? Não? Ótimo.

Ouvir aquilo encorajou Bran. *Assim eles talvez não se afoguem*, pensou. *Se ficarem longe do mar.*

Meera achou o mesmo, mais tarde, naquela noite, quando, com Jojen, se encontrou com Bran em seu quarto para uma partida a três de jogo de pedras, mas o irmão discordou.

– As coisas que vejo nos sonhos verdes não podem ser alteradas.

Aquilo irritou a irmã.

– Por que os deuses enviariam um aviso se não pudermos prestar atenção nele e mudar o que está por vir?

– Não sei – Jojen respondeu com uma voz triste.

– Se você fosse Alebelly, provavelmente iria atirá-lo em um poço para resolver o assunto! Deveríamos *lutar*, e Bran também.

– Eu? – Bran sentiu-se de súbito com medo. – Com o que deveria eu lutar? Também vou me afogar?

Meera olhou-o com um ar de culpa.

– Eu não devia ter dito…

Bran percebeu que ela estava escondendo alguma coisa:

– Você me viu num sonho verde? – perguntou nervosamente a Jojen. – Estava afogado?

– Afogado, não – Jojen falava como se cada palavra lhe doesse. – Sonhei com o homem que chegou hoje, aquele que chamam de Fedor.

Você e seu irmão estavam mortos aos seus pés, e ele estava esfolando seus rostos com uma longa lâmina vermelha.

Meera pôs-se em pé.

– Se eu fosse à masmorra, podia enfiar uma lança no coração dele. Como poderia assassinar Bran se estivesse morto?

– Os carcereiros iriam impedi-la – Jojen lembrou-lhe. – E se lhes dissesse o motivo pelo qual o queria morto, nunca acreditariam.

– Eu também tenho guardas – lembrou-lhes Bran. – Alebelly, Poxy Tym, Hayhead e os outros.

Os olhos de musgo de Jojen estavam cheios de piedade.

– Eles não serão capazes de impedi-lo, Bran. Não consegui ver por que, mas vi o fim. Vi você e Rickon em sua cripta, lá embaixo, no escuro, com todos os reis mortos e seus lobos de pedra.

Não, Bran pensou. *Não*.

– Se eu fosse embora… para a Água Cinzenta, ou para o corvo, para algum lugar distante onde não consigam me encontrar…

– Não fará diferença. O sonho era verde, Bran, e os sonhos verdes não mentem.

Tyrion

Varys estava em pé junto ao braseiro, aquecendo suas delicadas mãos.

– Parece que Renly foi assassinado de forma muito terrível no meio de seu exército. Sua garganta foi aberta de orelha a orelha por uma lâmina que passou por aço e osso como se fossem queijo mole.

– Assassinado pelas mãos de quem? – Cersei quis saber.

– Por acaso já pensou alguma vez que respostas demais são o mesmo que nenhuma resposta? Meus informantes nem sempre estão colocados em posições tão elevadas como se poderia desejar. Quando um rei morre, as fantasias germinam como cogumelos na escuridão. Um palafreneiro diz que Renly foi morto por um cavaleiro de sua própria Guarda Arco-Íris. Uma lavadeira afirma que Stannis se esgueirou até o coração do exército do irmão com sua espada mágica. Vários homens de armas creem que foi uma mulher quem cometeu o terrível ato, mas não conseguem concordar quanto a *que* mulher. Uma donzela que Renly tinha desprezado, afirma um. Uma seguidora de acampamentos trazida para agradá-lo na véspera da batalha, diz um segundo. O terceiro sugere que pode ter sido a Senhora Catelyn Stark.

A rainha não ficou contente.

– Precisa desperdiçar nosso tempo com todos os rumores que os tolos gostam de contar?

– Paga-me bem por esses rumores, minha graciosa rainha.

– Pagamos o senhor pela verdade, Lorde Varys. Lembre-se disso, caso contrário este pequeno conselho pode ficar ainda menor.

Varys soltou um risinho nervoso.

– A senhora e seu nobre irmão acabarão deixando Sua Graça sem conselho algum se continuarem assim.

– Atrevo-me a dizer que o reino pode sobreviver com alguns conselheiros a menos – interveio Mindinho com um sorriso.

– Meu muito querido Petyr – Varys rebateu. – Não está preocupado com a possibilidade de o seu nome ser o próximo na listinha da Mão?

– Antes do seu, Varys? Nunca sonharia com tal coisa.

– Talvez nos tornemos irmãos na Muralha, os dois juntos, você e eu – Varys voltou a soltar um risinho.

– Mais depressa do que você gostaria, se as próximas palavras a sair da sua boca não forem algo de útil, eunuco – pelo seu olhar, Cersei estava prestes a castrar Varys novamente.

– Será que isso poderia ser um estratagema? – Mindinho perguntou.

– Se for, é um estratagema de suprema esperteza – Varys

respondeu. – A mim, ludibriou-me por completo.

Tyrion já tinha ouvido o suficiente:

– Joff ficará tão desiludido. Estava guardando um espigão tão agradável para a cabeça de Renly. Mas, seja quem for que cometeu o ato, temos de assumir que Stannis esteve por trás. O ganho é claramente dele – não gostava daquela notícia; contara que os irmãos Baratheon se dizimariam numa batalha sangrenta. Sentia o cotovelo latejar no local em que a maça de guerra o abrira. Às vezes isso acontecia, quando o tempo estava úmido. Apertou-o inutilmente com a mão e perguntou: – E a tropa de Renly?

– A maior parte de sua infantaria permanece em Ponteamarga – Varys abandonou o braseiro para tomar seu lugar à mesa. – A maioria dos senhores que acompanharam o Lorde Renly até Ponta Tempestade passou para o lado de Stannis, com toda sua cavalaria.

– Liderados pelos Florent, aposto – disse Mindinho.

Varys dirigiu-lhe um sorriso afetado.

– Ganharia, senhor. Lorde Alester foi de fato o primeiro a dobrar o joelho. Muitos outros o seguiram.

– Muitos – Tyrion repetiu. – Mas não todos?

– Não todos – concordou o eunuco. – Nem Loras Tyrell, nem Randyll Tarly, nem Mathis Rowan. E a própria Ponta Tempestade não se rendeu. Sor Cortnay Penrose detém o castelo em nome de Renly, e não quer acreditar que seu suserano está morto. Exige ver os restos mortais antes de abrir os portões, mas parece que o cadáver de Renly desapareceu inexplicavelmente. O mais provável é que tenha sido levado. Um quinto dos cavaleiros de Renly preferiu partir com Sor Loras a dobrar o joelho perante Stannis. Dizem que o Cavaleiro das Flores enlouqueceu quando viu o corpo do rei, e matou três dos guardas de Renly em sua ira, entre eles Emmon Cuy e Robar Royce.

Uma pena que tenha parado no terceiro, Tyrion pensou.

– Sor Loras está provavelmente a caminho de Ponteamarga – Varys prosseguiu. – A irmã, a rainha de Renly, encontra-se lá, bem como muitos soldados que de repente se viram sem rei. Que lado escolherão agora? Uma questão delicada. Muitos servem aos senhores que permaneceram em Ponta Tempestade, e esses senhores pertencem agora a Stannis.

Tyrion inclinou-se para a frente:

– Há aqui uma oportunidade, parece-me. Se conquistarmos Loras Tyrell para nossa causa, Lorde Mace Tyrell e seus vassalos poderão se juntar a nós também. Podem ter jurado espadas a Stannis por ora, mas não é possível que gostem do homem, caso contrário teriam sido seus desde o início.

– Será o amor deles por nós maior? – Cersei quis saber.

– Dificilmente – Tyrion respondeu. – Era claro que amavam

Renly, mas Renly está morto. Talvez possamos lhes dar bons e suficientes motivos para preferir Joffrey a Stannis… *se* jogarmos depressa.

– Que tipo de motivos pretende lhes dar?

– Motivos de ouro – sugeriu Mindinho de imediato.

Varys soltou um *tsc*.

– Querido Petyr, certamente não está sugerindo que aqueles poderosos senhores e nobres cavaleiros podem ser *comprados* como galinhas no mercado?

– Tem ido aos nossos mercados nos últimos tempos, Lorde Varys? – perguntou Mindinho. – Atrevo-me a dizer que descobriria que é mais fácil comprar um senhor do que uma galinha. Os senhores cacarejam com mais orgulho do que as galinhas, naturalmente, e levam a mal se lhes oferecer moedas como a um mercador, mas raramente mostram aversão a receber presentes… honrarias, terras, castelos…

– Subornos podem trazer até nós alguns dos senhores menores – Tyrion interveio –, mas nunca Jardim de Cima.

– É verdade – Mindinho admitiu. – O Cavaleiro das Flores é a chave disso. Mace Tyrell tem dois filhos mais velhos, mas Loras sempre foi seu preferido. Conquiste-o, e Jardim de Cima será seu.

Sim, Tyrion concordou em pensamento.

– Parece-me que devíamos aprender uma lição com o falecido Lorde Renly. Podemos conquistar a aliança dos Tyrell como ele fez. Com um casamento.

Varys foi o primeiro a compreender:

– Está pensando em casar Rei Joffrey com Margaery Tyrell.

– Estou.

Julgava recordar que a jovem rainha de Renly não tinha mais do que quinze ou dezesseis anos… Mais velha do que Joffrey, mas alguns anos não eram nada, o arranjo era tão limpo e doce que era capaz de saboreá-lo.

– Joffrey está prometido a Sansa Stark – Cersei objetou.

– Contratos de casamento podem ser quebrados. Que vantagem há em casar o rei com a filha de um traidor morto?

Mindinho se interpôs:

– Pode fazer Sua Graça notar que os Tyrell são muito mais ricos do que os Stark, e que dizem que Margaery é adorável… E, além disso, pronta para se deitar.

– Sim – Tyrion concordou. – Joff deverá gostar bastante disso.

– Meu filho é novo demais para se interessar por essas coisas.

– Acha mesmo? – Tyrion a desafiou. – Tem treze anos, Cersei. A mesma idade que eu tinha quando me casei.

– Envergonhou-nos todos com esse lamentável episódio. Joffrey é feito de material de melhor qualidade.

– Tão boa que ordenou a Sor Boros que arrancasse o vestido de Sansa.

– Estava zangado com a menina.

– Também estava zangado com o aprendiz de cozinheiro que derramou a sopa ontem à noite, mas não o deixou nu.

– Aquilo não era questão de um pouco de sopa derramada…

Não, era questão de umas tetas bonitas. Depois do que acontecera no pátio, Tyrion conversou com Varys acerca de como poderiam arranjar as coisas para que Joffrey visitasse a casa de Chataya. Esperava que provar um pouco de mel pudesse adoçar o rapaz. Até poderia ficar *grato*, pelo amor dos deuses, e Tyrion não se importaria de receber um tiquinho a mais de gratidão do seu soberano. Teria de ser feito em segredo, naturalmente. A parte mais complicada seria separá-lo do Cão de Caça.

– O cão nunca está longe dos calcanhares do dono – ele tinha dito a Varys –, mas todos os homens dormem. E alguns também jogam, e visitam prostitutas e tabernas.

– Cão de Caça faz todas essas coisas, se é esta a sua pergunta.

– Não – Tyrion retrucou. – Minha pergunta é *quando*.

Varys pusera um dedo no rosto, sorrindo enigmaticamente.

– Senhor, um homem desconfiado poderia pensar que deseja encontrar um momento em que Sandor Clegane não esteja protegendo o Rei Joffrey, a fim de fazer algum mal ao rapaz.

– Decerto me conhece melhor do que isso, Lorde Varys. Ora, tudo o que quero é que Joffrey goste de mim.

O eunuco prometeu se debruçar sobre o assunto. Mas a guerra tinha suas exigências; a iniciação de Joffrey à condição viril teria de esperar.

– Sem dúvida conhece seu filho melhor do que eu – Tyrion obrigou-se a dizer a Cersei –, mas, seja como for, há muitos argumentos a favor de um casamento com os Tyrell. Pode ser a única maneira de Joffrey viver tempo suficiente para chegar à noite de núpcias.

Mindinho concordou:

– A garota Stark não traz a Joffrey nada a não ser o corpo, por mais agradável que possa ser. Margaery Tyrell traz cinquenta mil espadas e todo o poderio de Jardim de Cima.

– É verdade – Varys apoiou sua mão macia na manga da rainha. – Tem um coração de mãe, e sei que Sua Graça ama sua queridinha. Mas os reis precisam aprender a pôr as necessidades do reino à frente de seus desejos. Afirmo que essa proposta tem de ser feita.

A rainha afastou-se do toque do eunuco.

– Não falariam assim se fossem mulheres. Digam o que quiserem, senhores, mas Joffrey é demasiado orgulhoso para se contentar com as

sobras de Renly. Ele nunca consentirá.

Tyrion encolheu os ombros:

– Quando o rei chegar à idade adulta, dentro de três anos, pode dar ou retirar seu consentimento ao que bem entender. Até lá, você é sua regente e eu, a sua Mão, e ele se casará com quem quer que lhe dissermos para casar. Seja uma sobra ou não.

A aljava de Cersei estava vazia.

– Façam então sua proposta. Mas que os deuses os salvem se Joffrey não gostar dessa moça.

– Estou tão contente por concordarmos – Tyrion fez-se de feliz. – E agora, qual de nós irá a Ponteamarga? Temos de chegar com a proposta a Sor Loras antes que seu sangue arrefeça.

– Pretende mandar um membro do conselho?

– Não tenho grande esperança de que o Cavaleiro das Flores lide com Bronn ou Shagga, não é? Os Tyrell são orgulhosos.

A irmã não perdeu tempo para tentar virar a situação em seu proveito.

– Sor Jacelyn Bywater é de nascimento nobre. Envie-o.

Tyrion balançou a cabeça:

– Precisamos de alguém que possa fazer algo mais do que repetir nossas palavras e trazer de volta uma resposta. Nosso enviado deve falar pelo rei e pelo conselho, e acertar o assunto rapidamente.

– A Mão fala com a voz do rei – a luz das velas brilhava verde como fogovivo nos olhos de Cersei. – Se o enviarmos, Tyrion, seria como se Joffrey fosse em pessoa. E quem poderia ser mais adequado? Brande palavras com tanta habilidade como Jaime brande a espada.

Está assim tão ansiosa por me tirar da cidade, Cersei?

– É muita bondade sua, irmã, mas parece-me que a mãe de um rapaz está em melhores condições para combinar seu casamento do que um tio qualquer. E você tem um dom para conquistar amigos que nunca poderei ter esperança de igualar.

Os olhos dela se estreitaram.

– Joff precisa de mim ao seu lado.

– Vossa Graça, senhor Mão – Mindinho entrou na conversa. – O rei precisa de ambos aqui. Deixem-me ir.

– Você? – *Que vantagem ele vê nisto?,* Tyrion perguntou a si mesmo.

– Pertenço ao conselho do rei, mas não sou de seu sangue, portanto, seria um refém ruim. Conheci Sor Loras razoavelmente bem quando esteve aqui na corte, e não lhe dei motivo para não se simpatizar comigo. Mace Tyrell não tem inimizade por mim, que eu saiba, e gabo-me de possuir certa habilidade para negociação.

Ele nos tem na mão. Tyrion não confiava em Petyr Baelish, nem queria que o homem ficasse longe de sua vista, mas, que outra

possibilidade restava? Tinha de ser. Ou Mindinho ou ele próprio, e Tyrion sabia perfeitamente bem que se deixasse Porto Real durante algum tempo, tudo o que conseguiu realizar seria desfeito.

– Luta-se entre Porto Real e Ponteamarga – ele disse cautelosamente. – E pode ter absoluta certeza de que Lorde Stannis enviará seus próprios pastores a fim de reunir os cordeiros transviados do irmão.

– Nunca me assustei com pastores. São as ovelhas que me perturbam. Mesmo assim, suponho que uma escolta talvez seja necessária.

– Posso dispensar uma centena de mantos dourados – Tyrion concordou.

– Quinhentos.

– Trezentos.

– E mais quarenta… Vinte cavaleiros com a mesma quantidade de escudeiros. Se chegar sem comitiva de cavaleiros, os Tyrell vão me julgar pouco importante.

Era verdade.

– De acordo.

– Incluirei no grupo Babeiro e Horror, e vou mandá-los depois ao senhor seu pai. Um gesto de boa vontade. Precisamos de Paxter Redwyne, ele é o mais velho amigo de Mace Tyrell, e um grande poder por si só.

– E um traidor – rebateu a rainha, contrariada. – A Árvore teria se declarado por Renly como todos os outros se esse Redwyne não soubesse perfeitamente que seus filhos sofreriam por isso.

– Renly está morto, Vossa Graça – ressaltou Mindinho. – E nem Stannis nem Lorde Paxter terão esquecido como as galés Redwyne fecharam o mar durante o cerco a Ponta Tempestade. Devolva seus gêmeos, e talvez possamos ganhar a amizade dos Redwyne.

Cersei não ficou convencida:

– Os Outros podem ficar com a sua amizade, só quero as espadas e velas. Agarrar-nos bem a esses gêmeos é a melhor forma de termos certeza de que as obteremos.

Tyrion tinha resposta para aquilo:

– Então enviemos Sor Hobber para a Árvore, e fiquemos com Sor Horas aqui. Lorde Paxter deverá ser suficientemente inteligente para desvendar o significado que isso tem, creio eu.

A sugestão foi aceita sem protestos, mas Mindinho não tinha terminado:

– Vamos precisar de cavalos. Rápidos e fortes. A luta tornará difícil a troca de montarias. Um amplo fornecimento de ouro também será necessário, para aqueles presentes de que falamos antes.

– Leve tanto quanto necessário. De qualquer forma, se a cidade

cair, Stannis vai roubar tudo.

– Vou querer a minha incumbência por escrito. Um documento que não deixe qualquer dúvida a Mace Tyrell quanto à minha autoridade, dando-me plenos poderes para negociar com ele aquilo que diz respeito a esse casamento e a quaisquer outras disposições que possam ser necessárias, e para dar garantias seguras em nome do rei. Deverá ser assinado por Joffrey e por todos os membros deste conselho, e deverá levar todos os nossos selos.

Tyrion moveu-se desconfortavelmente na cadeira:

– De acordo. É tudo? Lembro-lhe de que a estrada daqui a Ponteamarga é longa.

– Estarei cavalgando por ela antes do romper da aurora – Mindinho levantou-se. – Confio que, no meu retorno, o rei tratará de me recompensar adequadamente pelos valentes esforços despendidos em prol de sua causa?

Varys soltou um risinho.

– Joffrey é um soberano tão cheio de gratidão que estou certo de que não terá do que reclamar, meu bom e bravo senhor.

A rainha era mais direta.

– O que quer, Petyr?

Mindinho olhou de relance para Tyrion com um sorriso astuto.

– Terei de pensar sobre o assunto durante algum tempo. Não tenho dúvidas de que pensarei em algo – esboçou uma reverência petulante e retirou-se de uma forma tão casual como se estivesse se dirigindo a um de seus bordéis.

Tyrion olhou de relance pela janela. O nevoeiro era tão denso que sequer conseguia ver a muralha exterior do outro lado do pátio. Algumas luzes tênues brilhavam, indistintas, através de todo aquele cinza. *Um dia desagradável para viajar*, pensou. Não invejava Petyr Baelish.

– É melhor que tratemos de providenciar esses documentos. Lorde Varys, mande buscar pergaminho e penas. E alguém terá de acordar Joffrey.

Ainda estava cinzento e escuro quando a reunião finalmente chegou ao fim. Varys debandou sozinho, com os chinelos moles apressando-se pelo chão afora. Os Lannister demoraram-se um momento junto à porta.

– Como anda sua corrente, irmão? – perguntou a rainha, enquanto Sor Preston prendia aos seus ombros um manto de pano de prata forrado de penas.

– Elo a elo, vai crescendo. Deveríamos agradecer aos deuses por Sor Cortnay Penrose ser tão teimoso como é. Stannis nunca marchará para o norte deixando Ponta Tempestade sem ter sua retaguarda tomada.

– Tyrion, sei que nem sempre concordamos quanto aos planos de ação, mas parece que me enganei a seu respeito. Não é um tolo tão grande como imaginava. Na verdade, percebo agora que tem sido uma grande ajuda. Por isso agradeço-lhe. Tem de me perdoar se falei de forma desagradável com você no passado.

– Ah, tenho? – ele dirigiu um encolher de ombros, e um sorriso à irmã. – Querida irmã, você não disse nada que precise de perdão.

– Refere-se a hoje?

Ambos riram… e Cersei inclinou-se e plantou um beijo rápido e suave na testa do irmão. Espantado demais para falar, Tyrion só conseguiu vê-la sair da sala a passos largos, com Sor Preston ao seu lado.

– Perdi o juízo, ou minha irmã acabou de me dar um beijo? – perguntou a Bronn depois de ela sair.

– Foi assim tão bom?

– Foi… inesperado – Cersei andava se comportando estranhamente nos últimos tempos. Tyrion achava esse fato muito perturbador. – Estou tentando me lembrar da última vez que me beijou. Não podia ter mais do que seis ou sete anos. Jaime a havia desafiado a fazê-lo.

– A mulher reparou finalmente nos seus encantos.

– Não – Tyrion discordou. – Não, a mulher está tramando alguma. É melhor descobrir o que, Bronn. Sabe que detesto surpresas.

Theon

Theon limpou o cuspe do rosto com as costas da mão.

– Robb vai arrancar suas tripas, Greyjoy – Benfred Tallhart gritou. – Vai dar seu coração de vira-casaca ao lobo, seu pedaço de estrume de ovelha.

A voz de Aeron Cabelo-Molhado cortou através dos insultos como uma espada fatia o queijo.

– Agora tem de matá-lo.

– Primeiro, tenho perguntas a lhe fazer.

– Que se *fodam* as suas perguntas – Benfred pendia, sangrando e impotente, entre Stygg e Werlag. – Vai se engasgar com elas antes de receber respostas de mim, covarde. Vira-casaca.

Aeron, seu tio, mostrou-se inflexível:

– Quando cospe em mim, cospe em todos nós. Cospe no Deus Afogado. Tem de morrer.

– Meu pai deu *a mim* o comando aqui, tio.

– E enviou-me para aconselhá-lo.

E para me vigiar. Theon não se atrevia a levar as coisas longe demais com o tio. O comando era seu, sim, mas os homens tinham uma fé no Deus Afogado que não tinham nele, e Aeron Cabelo-Molhado apavorava-os. *Não posso censurá-los por isso*.

– Vai perder a cabeça por isso, Greyjoy. Os corvos vão comer a geleia de seus olhos – Benfred tentou voltar a cuspir, mas só conseguiu lançar um pouco de sangue. – Que os Outros enrabem seu Deus Molhado.

Tallhart, acaba de cuspir sua vida fora, Theon pensou.

– Stygg, silencie-o – ele ordenou.

Forçaram Benfred a se ajoelhar. Werlag arrancou a pele de coelho do seu cinto e a enfiou entre seus dentes para calar os gritos. Stygg preparou o machado.

– Não – Aeron Cabelo-Molhado interveio. – Ele deve ser dado ao deus. Pelo costume antigo.

Que importa? Morte é morte.

– Então, leve-o.

– Você também deve vir. Você comanda aqui. A oferenda deve vir de você.

Aquilo era mais do que Theon era capaz de aguentar.

– Você é o sacerdote, tio, deixo o deus com você. Faça a mesma delicadeza e deixe as batalhas comigo – fez um gesto com a mão e Werlag e Stygg puseram-se a caminho da costa, arrastando o prisioneiro. Aeron Cabelo-Molhado lançou um olhar de reprovação ao sobrinho, e depois os seguiu. Iriam até a praia de cascalho, a fim de

afogar Benfred Tallhart em água salgada. Aquele era o costume antigo.

Talvez isso seja uma gentileza, disse Theon a si mesmo enquanto se afastava a passos largos na outra direção. Stygg não era, nem de longe, o mais hábil dos decapitadores, e Benfred tinha um pescoço grosso como o de um touro, cheio de músculo e gordura. *Costumava zombar dele por causa disso, só para ver até que ponto conseguia irritá-lo*, recordou-se. Isso tinha sido quando? Há três anos? Quando Ned Stark tinha ido à Praça de Torrhen visitar Sor Helman, Theon o acompanhara e passara uma quinzena na companhia de Benfred.

Ouvia os rudes sons da vitória, vindos da curva na estrada onde a batalha tinha sido travada… Se é que se podia chamar aquilo de batalha. *Para falar a verdade, foi mais uma matança de ovelhas. Ovelhas cobertas de aço, mas, mesmo assim, ovelhas.*

Subindo um monte de pedras, Theon olhou os homens mortos e cavalos moribundos embaixo. Os cavalos mereciam coisa melhor do que aquilo. Tymor e os irmãos reuniam as montarias que tinham saído incólumes da luta, enquanto Urzen e Lorren Negro silenciavam os animais feridos demais para serem salvos. O resto de seus homens pilhava os cadáveres. Gevin Harlaw ajoelhou sobre o peito de um morto, cortando um dedo dele para obter um anel. *Pagando o preço de ferro. O senhor meu pai aprovaria*. Theon pensou em vasculhar os bolsos dos dois homens que matara para ver se possuíam alguma joia que valesse a pena levar, mas a ideia lhe deixou um gosto amargo na boca. Era capaz de imaginar o que Eddard Stark teria dito. Mas esse pensamento também o zangou. *Stark está morto e apodrecendo, e não é nada para mim*, recordou-se.

O Velho Botley, a quem chamavam Barbas-de-Peixe, sentava-se de cenho franzido junto à sua pilha de despojos enquanto os três filhos juntavam mais coisas. Um deles estava num jogo de empurra com um gordo chamado Todric, que cambaleava entre os mortos com um corno de cerveja numa mão e um machado na outra, vestido com um manto de pele branca de raposa só ligeiramente manchado pelo sangue de seu dono anterior. *Bêbado*, declarou Theon, vendo-o berrar. Dizia-se que os homens de ferro de antigamente ficavam com frequência bêbados de sangue em batalha, tão enlouquecidos que não sentiam dor nem temiam nenhum inimigo, mas aquela era uma bebedeira de cerveja comum.

– Wex, meu arco e a aljava.

O rapaz trouxe correndo o que lhe fora pedido. Theon dobrou o arco e enfiou a corda nos entalhes no momento em que Todric atirava o filho de Botley ao chão e jogava cerveja em seus olhos. Barbas-de-Peixe ficou em pé de um salto, praguejando, mas Theon foi mais rápido. Apontou para a mão que segurava o corno, planejando mostrar-lhes um tiro digno de ser comentado, mas Todric estragou

seus planos inclinando-se para o lado no momento em que Theon soltava a corda. A flecha atingiu-o na barriga.

Os homens pararam a pilhagem e ficaram boquiabertos. Theon abaixou o arco.

– Eu disse que não queria bêbados nem querelas por causa do saque – de joelhos, Todric morria ruidosamente. – Botley, silencie-o – Barbas-de-Peixe e os filhos foram rápidos para obedecer. Abriram a garganta de Todric enquanto ele escoiceava debilmente, e começaram a despojá-lo do manto e dos anéis ainda antes de estar morto.

Agora sabem que o que digo é a sério. Lorde Balon podia ter lhe dado o comando, mas Theon sabia que alguns de seus homens viam apenas um rapaz mole das terras verdes quando olhavam para ele.

– Alguém mais tem sede? – ninguém respondeu. – Ótimo.

Deu um pontapé no estandarte caído de Benfred, preso à mão morta do escudeiro que o transportava. Uma pele de coelho tinha sido atada por baixo da bandeira. *Por que peles de coelho?*, ele quisera perguntar, mas ser cuspido tinha feito com que se esquecesse das perguntas. Jogou o arco para Wex e afastou-se a passos largos, lembrando-se de como se sentira exultante após o Bosque dos Murmúrios, e perguntando a si mesmo por que isso, agora, não tinha um gosto tão bom. *Tallhart, seu maldito tolo demasiado orgulhoso, nem sequer enviou um homem para bater o terreno.*

Vinham trocando piadas e até *cantando* enquanto se aproximavam, com as três árvores de Tallhart flutuando acima deles, enquanto peles de coelho balançavam estupidamente, presas às pontas das lanças. Os arqueiros escondidos atrás dos tojos tinham estragado a canção com uma chuva de flechas, e o próprio Theon liderara o ataque dos homens de armas para acabar a carnificina com punhais, machados e martelos de guerra. Tinha ordenado que o líder fosse poupado para ser interrogado.

Mas não esperara que fosse Benfred Tallhart.

Seu corpo sem vida estava sendo arrastado para fora das ondas quando Theon regressou ao *Cadela do Mar*. Os mastros de seus dracares delineavam-se contra o céu ao longo da praia pedregosa. Da aldeia de pescadores nada restava além de cinzas frias que fediam quando chovia. Os homens tinham sido passados na espada, todos, exceto um punhado que Theon deixara fugir a fim de levar a notícia até Praça de Torrhen. As esposas e filhas, aquelas que eram suficientemente jovens e bonitas, tinham sido mantidas vivas como esposas de sal. As velhas e as feias foram simplesmente violadas e mortas, ou capturadas como servas se possuíssem aptidões úteis e não parecessem dispostas a causar problemas.

Theon também havia planejado aquele ataque, trazendo os navios ao longo da costa na escuridão gelada que antecedera a alvorada, e

saltando da proa com um machado de cabo longo na mão para liderar seus homens no ataque à aldeia adormecida. Não gostava do sabor de nada daquilo, mas, que escolha tinha?

Sua três vezes maldita irmã conduzia o *Vento Negro* para o norte naquele exato instante, certa de conquistar para si um castelo. Lorde Balon não deixara que nenhuma notícia sobre a reunião da frota escapasse das Ilhas de Ferro, e o trabalho sangrento de Theon ao longo da Costa Pedregosa seria atribuído a piratas em busca de saque. Os nortenhos não perceberiam o verdadeiro perigo em que se encontravam antes que os martelos caíssem sobre Bosque Profundo e Fosso Cailin. *E depois de tudo feito e conquistado, farão canções para aquela cadela da Asha, e vão se esquecer de que estive aqui*. Isto é, se assim ele permitir.

Dagmer Boca Rachada estava ao lado da grande proa esculpida do seu dracar, *Bebedor de Espuma*. Theon confiara-lhe a tarefa de guardar os navios; de outra forma, os homens teriam dito que aquela era uma vitória de Dagmer, e não sua. Um homem mais suscetível teria tomado aquilo como uma desfeita, mas Boca Rachada apenas riu.

– O dia está ganho – gritou Dagmer para baixo. – E, no entanto, não sorri garoto? Os vivos devem sorrir, porque os mortos não podem – e sorriu, para mostrar como se fazia. Era uma visão hedionda. Sob uma cabeleira branca como a neve, Dagmer Boca Rachada tinha a cicatriz mais repugnante que Theon jamais tinha visto, o legado do machado que quase o matara quando criança. O golpe tinha rachado seu maxilar, estilhaçado os dentes da frente e o deixado com quatro lábios onde os outros homens não tinham mais que dois. Uma barba hirsuta cobria seu rosto e seu pescoço, mas os pelos não cresciam sobre a cicatriz, e um veio brilhante de carne pregueada e retorcida dividia seu rosto como uma fenda num campo de neve. – Conseguíamos ouvi-los cantando – disse o velho guerreiro. – Era uma boa canção, e cantaram-na bravamente.

– Cantavam melhor do que lutavam. Harpas teriam servido tão bem a eles como as lanças serviram.

– Quantos homens foram perdidos?

– Dos nossos? – Theon encolheu os ombros. – Todric. Matei-o por se embebedar e lutar pelo saque.

– Há homens que nasceram para ser mortos.

Um homem menor teria tido receio de mostrar um sorriso tão assustador como o dele, mas Dagmer sorria mais frequente e largamente do que Lorde Balon alguma vez sorrira. Feio como era, aquele sorriso trazia de volta diversas recordações. Theon via-o frequentemente quando garoto, quando saltava a cavalo por cima de um muro coberto de musgo, ou atirava um machado e rachava um alvo. Viu-o quando bloqueou um golpe da espada de Dagmer, quando

atingiu uma gaivota em voo com uma flecha, quando tomou a cana do leme na mão e guiou um dracar em segurança por entre um emaranhado de rochedos cobertos de espuma. *Ele deu-me mais sorrisos do que meu pai e Eddard Stark juntos.* Até Robb… Devia ter ganhado um sorriso naquele dia em que salvara Bran daquele selvagem, mas, em vez disso, recebera uma descompostura, como se fosse algum cozinheiro que tivesse deixado queimar o guisado.

– Você e eu temos de conversar, tio – disse Theon. Dagmer não era um tio de verdade, só um homem juramentado com talvez uma pitada de sangue Greyjoy de quatro ou cinco vidas atrás, e ainda por cima vindo do lado errado dos lençóis. Apesar disso, Theon sempre o chamara de tio.

– Então suba ao meu convés – não havia *senhores* vindos de Dagmer, em especial quando ele se encontrava em seu convés. Nas Ilhas de Ferro, cada capitão era um rei a bordo de seu navio.

Theon subiu a prancha que levava ao convés do *Bebedor de Espuma* em quatro longas passadas, e Dagmer o levou até a pequena cabine de popa, onde se serviu de um corno de cerveja amarga e ofereceu outro ao jovem, que declinou.

– Não capturamos cavalos suficientes. Alguns, mas… Bem, suponho que o que tenho terá de servir. Menos homens significam mais glória.

– Que necessidade temos de cavalos? – tal como a maior parte dos homens de ferro, Dagmer preferia lutar a pé ou do convés de um navio. – Os cavalos só irão cagar em nossos conveses e ficar na nossa frente.

– Se continuássemos no mar, sim – admitiu Theon. – Tenho um plano diferente – observou o outro com cuidado para ver como encarava aquilo. Sem Boca Rachada não podia ter esperança de ser bem-sucedido. Com ou sem o comando, os homens nunca o seguiriam se tanto Aeron como Dagmer se opusessem a ele, e não tinha esperança de conquistar o sacerdote de cara amarga.

– O senhor seu pai ordenou-nos que assolássemos a costa, nada mais.

Olhos claros como espuma marinha observaram Theon por baixo daquelas hirsutas sobrancelhas brancas. Seria desaprovação que via ali, ou uma cintilação de interesse? Esta última, pensava… esperava…

– É um homem do meu pai.

– Seu *melhor* homem, sempre fui.

Orgulho, pensou Theon. *Ele é orgulhoso, tenho de usar isso, seu orgulho será a chave.*

– Não há nenhum homem nas Ilhas de Ferro com metade da habilidade com a lança ou a espada.

– Esteve longe por tempo demais, rapaz. Quando partiu, era como

você diz, mas envelheci a serviço de Lorde Greyjoy. Os cantores dizem agora que Andrik é o melhor. Andrik, O Que Não Sorri, chamam-no. Um homem gigantesco. Serve ao Lorde Drumm da Velha Wyk. E Lorren Negro e Qarl, o Donzela, são quase igualmente terríveis.

– Esse Andrik pode ser um grande guerreiro, mas os homens não o temem como a você.

– Sim, é verdade – Dagmer respondeu. Os dedos enrolados em volta do corno estavam pesados de tantos anéis, de ouro, prata e bronze, incrustados com pedaços de safira, granada e vidro de dragão. Theon sabia que ele pagara o preço de ferro a cada um deles.

– Se tivesse um homem como você ao meu serviço, não o desperdiçaria nessa criancice de saquear e queimar. Este não é um serviço para o melhor homem de Lorde Balon…

O sorriso de Dagmer retorceu seus lábios e os afastou para mostrar as lascas marrons de seus dentes.

– Nem para o seu filho legítimo? – soltou. – Conheço-o bem demais, Theon. Vi-o dar seu primeiro passo, ajudei-o a dobrar seu primeiro arco. Não sou eu quem se sente desperdiçado.

– Por direito, eu devia ter o comando da minha irmã – admitiu, desconfortavelmente consciente de como aquilo soava como um choramingo.

– Leva esse assunto a sério demais, garoto. É só que o senhor seu pai não o conhece. Com seus irmãos mortos e você levado pelos lobos, sua irmã foi seu consolo. Aprendeu a confiar nela, e ela nunca lhe falhou.

– Nem eu. Os Stark conhecem meu valor. Fui um dos batedores selecionados por Brynden Peixe Negro, e participei da primeira investida no Bosque dos Murmúrios. Fiquei a *esta* distância de cruzar espadas com o próprio Regicida – Theon separou as mãos meio metro. – Daryn Hornwood interpôs-se entre nós, e morreu por isso.

– Por que me conta isso? – Dagmer quis saber. – Fui eu quem pôs a primeira espada na sua mão. Sei que não é nenhum covarde.

– E meu pai, sabe?

O velho e grisalho guerreiro parecia ter mordido alguma coisa cujo sabor não lhe agradava.

– É só que… Theon, o Rapaz Lobo é seu amigo, e esses Stark tiveram-no durante dez anos.

– Não sou nenhum Stark – *Lorde Eddard assegurou-se disso*. – Sou um Greyjoy, e pretendo ser herdeiro de meu pai. Como posso fazer isso a menos que prove meu valor com algum grande feito?

– É jovem. Outras guerras virão, e terá seus grandes feitos. Por ora, foi-nos ordenado que assolemos a Costa Pedregosa.

– Que meu tio Aeron trate disso. Darei seis navios a ele, todos, menos *Bebedor de Espuma* e *Cadela do Mar*, e poderá queimar e afogar

gente até deixar seu deus empanturrado.

– O comando foi dado a você, não a Aeron Cabelo-Molhado.

– Desde que a pilhagem aconteça, que importa? Nenhum sacerdote seria capaz de realizar o que pretendo fazer, nem a incumbência que lhe dou. Tenho uma tarefa que só Dagmer Boca Rachada pode realizar.

Dagmer bebeu um grande gole de seu corno:

– Conte-me.

Está tentado, pensou Theon. *Não gosta desse trabalho de corsário mais do que eu.*

– Se minha irmã pode tomar um castelo, eu também posso.

– Asha tem quatro ou cinco vezes mais homens do que nós.

Theon permitiu-se um sorriso astuto.

– Mas nós temos quatro vezes mais inteligência, e cinco vezes mais coragem.

– Seu pai…

– … vai me agradecer, quando lhe entregar o seu reino. Pretendo realizar um feito sobre o qual os harpistas cantarão durante mil anos.

Sabia que aquilo faria Dagmer hesitar. Um cantor tinha feito uma canção sobre o machado que rachara seu maxilar ao meio, e o velho adorava ouvi-la. Sempre que estava bêbado, gritava por uma canção de saque, algo sonoro e tempestuoso que falasse de heróis mortos e feitos de grande valor. *Tem cabelos brancos e dentes podres, mas ainda possui gosto pela glória.*

– Qual seria o meu papel nesse seu plano, garoto? – Dagmer Boca Rachada falou após um longo silêncio, e Theon soube que tinha ganhado.

– Inspirar o terror no coração do inimigo, como só alguém com seu nome será capaz de fazer. Levará a maior parte de nossas forças e marchará sobre Praça de Torrhen. Helman Tallhart levou os melhores homens para o sul, e Benfred morreu aqui com os filhos deles. Tio Leobald ainda estará lá, com uma pequena guarnição – *se tivesse tido oportunidade de interrogar Benfred, saberia precisamente quão pequena é.* – Não mantenha segredo sobre sua aproximação. Cante todas as bravas canções que quiser. Quero que fechem os portões.

– Esta Praça de Torrhen é uma fortaleza forte?

– Bastante forte. As muralhas são de pedra, com nove metros de altura, torres quadradas nos cantos e uma fortaleza quadrada lá dentro.

– Não é possível incendiar muralhas de pedra. Como poderemos tomá-las? Não temos homens suficientes sequer para assaltar um castelo pequeno.

– Montará acampamento junto às muralhas e começará a construir catapultas e máquinas de cerco.

– Isso não é o Costume Antigo. Esqueceu? Os homens de ferro lutam com espadas e machados, não com o arremesso de pedras. Não há glória nenhuma em matar um inimigo de fome.

– Leobald não saberá disso. Quando o vir erguendo torres de cerco, seu sangue de velha gelará, e ele balirá por ajuda. Segure os arqueiros, tio, e deixe o corvo voar. O castelão em Winterfell é um homem corajoso, mas a idade endureceu sua inteligência tanto quanto seus membros. Quando souber que um dos vassalos de seu rei está sob ataque do temível Dagmer Boca Rachada, reunirá suas forças para ir socorrer Tallhart. É o dever dele. Se tem uma coisa que Sor Rodrik faz bem, é cumprir seu dever.

– Qualquer força que ele reúna será maior do que a minha – Dagmer rebateu. – E esses velhos cavaleiros são mais astutos do que você pensa, caso contrário nunca teriam sobrevivido para ver o primeiro cabelo branco. Envia-nos para uma batalha que não podemos esperar vencer, Theon. Essa Praça de Torrhen nunca cairá.

Theon sorriu.

– Não é Praça de Torrhen que pretendo tomar.

Arya

A confusão e o ruído dominavam o castelo. Havia homens em pé em carroças, carregando barris de vinho, sacas de farinha e feixes de flechas recém-feitas. Ferreiros endireitavam espadas, removiam amassados de placas de peito e ferravam tanto corcéis como mulas de carga. Cotas de malha eram atiradas para dentro de barris de areia e roladas pela superfície granulosa do Pátio das Lâminas para ser limpas. As mulheres de Weese tinham vinte mantos para remendar e mais cem para lavar. Os grandes e os humildes aglomeravam-se juntos no septo para rezar. Fora das muralhas, tendas e pavilhões eram desmontados. Escudeiros atiravam baldes de água sobre as fogueiras, enquanto soldados sacavam suas pedras de amolar a fim de dar às suas lâminas uma última e boa afiada. O ruído era como a maré enchendo: cavalos resfolegando e relinchando, senhores gritando ordens, homens de armas trocando pragas, seguidoras de acampamentos discutindo.

Lorde Tywin Lannister ia, enfim, pôr-se em marcha.

Sor Addam Marbrand foi o primeiro dos capitães a partir, um dia antes dos outros. Fez disso um galante espetáculo, montando um corcel vermelho temperamental, cuja crina tinha a mesma cor acobreada dos cabelos longos que fluíam até abaixo dos ombros de seu montador. O cavalo usava arreios de bronze, tingidos para combinar com o manto do cavaleiro e decorados com a árvore em chamas. Algumas das mulheres do castelo soluçaram ao vê-lo partir. Weese disse que era um grande cavaleiro e espadachim, o mais ousado dos comandantes de Lorde Tywin.

Espero que morra, Arya pensou enquanto o via sair pelo portão, com os homens o seguindo numa coluna dupla. *Espero que morram todos*. Sabia que iam lutar contra Robb. Escutando as conversas enquanto trabalhava, Arya ficou sabendo que Robb tinha conquistado uma grande vitória qualquer no ocidente. Que queimara Lanisporto, diziam alguns, ou que pretendera queimar. Que capturara Rochedo Casterly e passara a espada em todo mundo, ou que estava cercando o Dente Dourado… mas *alguma coisa* tinha acontecido, pelo menos isso era certo.

Weese tinha feito Arya entregar mensagens da alvorada ao crepúsculo. Algumas até a levaram para lá das muralhas do castelo, até o meio da lama e da loucura do acampamento. *Podia fugir*, pensou quando uma carroça passou por ela com estrondo. *Podia saltar para a parte de trás de uma carroça e me esconder, ou juntar-me às seguidoras de acampamentos, ninguém me impediria*. Poderia ter feito isso se não fosse Weese. Disse a ela mais de uma vez o que faria a quem quer que

tentasse escapar dele.

– Não vai ser um espancamento, ah, não. Não vou encostar um dedo em você. Vou só guardá-la para o qohorano, ah, se guardo, guardo-a para o Estropiador. Seu nome é Vargo Hoat e, quando voltar, vai cortar seus pés – *talvez, se Weese estivesse morto*, pensava Arya… mas não enquanto ele estivesse presente. Era capaz de olhar e cheirar o que qualquer um que estivesse perto pudesse estar pensando, dizia sempre.

Mas Weese nunca imaginou que ela soubesse ler, e nunca se incomodou em selar as mensagens que lhe dava. Arya espiava todas, mas nunca eram nada de bom, só coisas bestas, enviar este carro para o celeiro e aquele para o armeiro. Uma era uma exigência de pagamento de uma dívida de jogo, mas o cavaleiro a quem a deu não sabia ler. Quando lhe falou o que dizia, tentou bater nela, mas Arya esquivou-se do golpe, abaixando-se, tirou de sua sela um corno de beber com faixas de prata, e fugiu. O cavaleiro rugiu e veio atrás dela, mas Arya se esgueirou por entre dois carros, abriu caminho pelo meio de um aglomerado de arqueiros e saltou por cima de uma fossa. Com a cota de malha vestida, ele não conseguiu acompanhá-la. Quando deu o corno a Weese, ele lhe disse que uma pequena Doninha esperta como ela merecia uma recompensa:

– Estou de olho num capão rechonchudo e estaladiço para o jantar de hoje. Vamos dividi-lo, você e eu. Vai gostar.

Onde quer que fosse, Arya procurava por Jaqen H'ghar, desejando sussurrar-lhe outro nome antes que aqueles que odiava estivessem todos para lá de seu alcance mas, no meio do caos e confusão, o mercenário de Lorath não se encontrava em lugar nenhum. Ainda lhe devia duas mortes, e ela se preocupava com a hipótese de nunca obtê-las se ele partisse para a batalha com os outros. Por fim, arranjou coragem para perguntar a um dos guardas do portão se ele tinha partido.

– É um dos homens de Lorch, não é? – o homem perguntou. – Então não saiu. Sua senhoria nomeou Sor Amory castelão de Harrenhal. Esses todos vão ficar aqui, para defender o castelo. Os Saltimbancos Sangrentos também vão ser deixados aqui, para cuidar dos abastecimentos. Aquele bode do Vargo Hoat é capaz de ir parar no espigão, ele e Lorch sempre se odiaram.

Mas a Montanha partiria com Lorde Tywin. Iria comandar a vanguarda na batalha, o que queria dizer que Dunsen, Polliver e Raff escorrerriam todos pelos seus dedos, a menos que conseguisse encontrar Jaqen e o mandasse matar um deles antes de partirem.

– Doninha – Weese a chamou nessa mesma tarde. – Vá ao arsenal e diga a Lucan que Sor Lyonel fez um entalhe na espada durante o treino e precisa de uma nova. Está aqui o sinal dele – entregou-lhe um

quadrado de papel. – E rápido, que ele deve partir com Sor Kevan Lannister.

Arya pegou o papel e correu. O arsenal ficava junto das forjas do castelo, um grande edifício de teto elevado que mais parecia um túnel, com vinte forjas construídas nas paredes e longas cubas de água em pedra para temperar o aço. Metade das forjas estava funcionando quando ela entrou. As paredes ressoavam com o som dos martelos, e homens corpulentos com aventais de couro suavam no calor sombrio enquanto se debruçavam sobre foles e bigornas. Quando vislumbrou Gendry, viu seu peito nu lustroso de suor, mas os olhos azuis sob o pesado cabelo negro tinham a mesma expressão teimosa de que se lembrava. Arya nem se deu conta de que queria falar com ele. Era culpa dele que tivessem sido apanhados.

– Qual deles é Lucan? – mostrou-lhe o papel. – Tenho de arranjar uma espada nova para Sor Lyonel.

– Deixe Sor Lyonel pra lá – Gendry a puxou para o lado pelo braço. – Na noite passada, Torta Quente me perguntou se tinha ouvido você gritar *Winterfell* lá no castro, quando estávamos todos lutando na muralha.

– Nunca fiz isso.

– Fez, sim. Eu também ouvi.

– Todo mundo estava gritando coisas – Arya respondeu em tom defensivo. – Torta Quente gritou *torta quente*. Deve ter gritado isso cem vezes.

– O que importa é o que *você* gritou. Eu disse ao Torta Quente que devia limpar a cera dos ouvidos, e que tudo o que gritou foi *Salve a pele!* Se ele perguntar, é melhor que responda a mesma coisa.

– Respondo – ela concordou, embora pensasse que *salve a pele* era uma coisa estúpida para se gritar. Não se atrevia a dizer a Torta Quente quem realmente era. *Talvez devesse dizer o nome do Torta Quente a Jaqen.*

– Vou buscar Lucan – Gendry lhe disse.

Lucan soltou um grunhido quando olhou o que estava escrito no papel (embora Arya achasse que ele não era capaz de lê-lo), e pegou uma pesada espada longa.

– Isto é bom demais para aquele idiota, e você diga a ele que eu falei isso – o homem resmungou enquanto lhe entregava a lâmina.

– Eu digo – ela mentiu. Se fizesse tal coisa, Weese a espancaria até deixá-la sangrando. Lucan que entregasse ele próprio seus insultos.

A espada longa era muito mais pesada do que Agulha, mas Arya gostou de pegá-la. O peso do aço nas mãos fazia-a sentir-se mais forte. *Talvez não seja ainda uma dançarina de água, mas também não sou um rato. Um rato não poderia usar uma espada, mas eu posso*. Os portões estavam abertos, com soldados entrando e saindo, carroças que

entravam vazias e saíam rangendo e balançando sob o peso de suas cargas. Pensou em ir até os estábulos e dizer-lhes que Sor Lyonel queria um cavalo novo. Tinha o papel, os cavalariços não seriam mais capazes de lê-lo do que Lucan. *Podia levar o cavalo e a espada e simplesmente sair. Se os guardas tentassem me parar, mostraria o papel para eles e diria que estava levando tudo a Sor Lyonel*. Mas não tinha ideia alguma do aspecto de Sor Lyonel ou de onde poderia ser encontrado. Se a interrogassem, saberiam, e então Weese… Weese…

Enquanto mordia o lábio, tentando não pensar no que sentiria se cortassem seus pés, um grupo de arqueiros com justilhos de couro e elmos de ferro passou por ela, com os arcos a tiracolo. Arya ouviu fragmentos das conversas.

– … gigantes, estou te dizendo, ele tem *gigantes* com seis metros de altura, vindos de lá da Muralha, que o seguem como cães…

– … não é natural, caindo sobre eles tão depressa, de noite e tudo. É mais lobo do que homem, todos aqueles Stark são…

– … caguei nos seus lobos e gigantes, o rapaz ia mijar nas calças se soubesse que estamos a caminho. Não foi homem bastante para marchar sobre Harrenhal, não é? Fugiu pro outro lado, não foi? É melhor que fuja agora, se souber o que é melhor pra ele.

– Você diz isso, mas pode ser que o rapaz saiba alguma coisa que nós não sabemos, talvez sejamos *nós* quem devesse fugir…

Sim, Arya pensou. *Sim, são vocês que deveriam fugir, vocês e Lorde Tywin, a Montanha, Sor Addam, Sor Amory e o estúpido do Sor Lyonel, seja ele quem for. É melhor que todos vocês fujam ou meu irmão vai matá-los, ele é um Stark, é mais lobo do que homem, e eu também.*

– Doninha – a voz de Weese estalou como um chicote. Não chegou a ver de onde ele tinha vindo, mas de repente estava bem na sua frente. – Me dê isso. Demorou muito – arrancou a espada de seus dedos, e deu uma forte bofetada nela com as costas da mão. – Da próxima vez, apresse-se mais.

Por um momento, tinha voltado a ser uma loba, mas a bofetada de Weese roubou-lhe tudo e a deixou sem nada, a não ser o sabor do seu próprio sangue na boca. Tinha mordido a língua quando ele bateu. Odiou-o por isso.

– Quer outra? – Weese perguntou. – Não quero ver seus olhares insolentes. Vá à cervejaria e diga a Tuffleberry que tenho duas dúzias de barris para ele, mas é melhor que mande os rapazes buscá-los, senão encontro alguém que os queira mais – Arya pôs-se a caminho, mas não suficientemente depressa para Weese. – E *corra*, se quiser comer esta noite – ele gritou, já esquecido das promessas do capão rechonchudo e estaladiço. – E não se perca outra vez, ou juro que vou bater em você até sangrar.

Não vai, não, pensou Arya. *Nunca mais fará isso*. Mas correu. Os

velhos deuses do norte devem ter guiado seus passos. No meio do caminho para a cervejaria, ao passar sob a ponte de pedra que se arqueava entre a Torre da Viúva e a Pira do Rei, ouviu um riso rude e um rosnado. Rorge dobrou uma esquina com outros três homens, todos eles com o símbolo da manticora de Sor Amory cosido sobre o coração. Quando a viu, ele parou e sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes tortos e marrons sob a aba de couro que às vezes usava para tapar o buraco que tinha no rosto.

– A xaninha de Yoren – assim ele a chamou. – Parece que já sabemos por que é que aquele bastardo preto queria *você* na Muralha, não é? – voltou a rir, e os outros riram com ele. – Onde está agora seu pedaço de pau? – quis saber de súbito, desaparecido o sorriso tão depressa como tinha surgido. – Acho que prometi fodê-la com ele – deu um passo na direção dela. Arya recuou. – Agora que não estou a ferros já não é tão corajosa, não é?

– Eu *salvei você* – manteve um bom metro entre ambos, pronta para fugir, rápida como uma serpente, se ele tentasse agarrá-la.

– Parece que lhe devo outra foda por causa disso. Yoren encheu sua xaninha, ou gostava mais desse cuzinho apertadinho?

– Estou procurando Jaqen – ela disse. – Há uma mensagem.

Rorge parou. Algo em seus olhos… seria possível que tivesse *medo* de Jaqen H'ghar?

– No balneário. Saia da minha frente.

Arya virou-se e correu, ligeira como uma corça, com os pés voando sobre as pedras arredondadas até o balneário. Encontrou Jaqen de molho numa banheira, com vapor erguendo-se à sua volta enquanto uma criada despejava água quente na sua cabeça. Seus longos cabelos, vermelhos de um lado e brancos do outro, caíam sobre seus ombros, molhados e pesados.

Arya aproximou-se, silenciosa como uma sombra, mas ele abriu os olhos mesmo assim.

– Ela vem furtiva em pequenos pés de rato, mas um homem ouve – ele disse. *Como pode ter me ouvido?,* Arya se perguntou, e foi como se ele também tivesse ouvido aquilo. – O raspar de couro em pedra canta tão alto como trombetas de guerra para um homem com os ouvidos abertos. Meninas espertas andam descalças.

– Trago uma mensagem – Arya olhou a criada com incerteza. Quando lhe pareceu que não era provável que fosse embora, inclinou-se para a frente até quase encostar sua boca na orelha dele. – Weese – ela murmurou.

Jaqen H'ghar voltou a fechar os olhos, flutuando, lânguido, meio adormecido.

– Diga a sua senhoria que um homem irá servi-la a seu tempo – ele moveu subitamente a mão, salpicando-a de água quente, e Arya

teve de saltar para trás para evitar ficar ensopada.

Quando transmitiu a Tuffleberry o que Weese tinha dito, o cervejeiro praguejou em voz alta:

– Diga a Weese que meus moços têm deveres a cumprir, e diga-lhe também que é um bastardo bexiguento, e que os sete infernos hão de congelar antes que ele prove outro corno da minha cerveja. Ou eu tenho esses barris dentro da próxima hora, ou Lorde Tywin vai ouvir do assunto. Ele logo verá se não.

Weese também praguejou quando Arya trouxe aquela mensagem de volta, embora tivesse deixado de lado a parte sobre ele ser um bastardo bexiguento. Enfureceu-se e lançou ameaças, mas, por fim, reuniu seis homens e, resmungando, mandou-os levar os barris à cervejaria.

O jantar, naquela noite, foi um guisado aguado de cevada, cebola e cenouras, com uma fatia de pão de centeio duro. Uma das mulheres andava dormindo na cama de Weese, e recebeu também um bom pedaço de queijo azul e uma asa do capão de que Weese tinha falado de manhã. Ele comeu o resto sozinho, com a gordura escorrendo numa linha brilhante por entre os furúnculos que ulceravam no canto da boca. A ave estava quase no fim quando ergueu o olhar da travessa e viu que Arya o fitava.

– Doninha, venha cá.

Ainda havia algumas dentadas de carne escura presas a uma coxa. *Ele esqueceu, mas agora lembrou*, ela pensou. Sentiu-se mal por ter dito a Jaqen que o matasse. Saiu do banco e dirigiu-se ao topo da mesa.

– Vi você olhando para mim – Weese limpou os dedos no peito da camisa dela. Depois agarrou sua garganta com uma mão e esbofeteou-a com a outra. – O que foi que lhe disse? – voltou a esbofeteá-la, com as costas da mão. – Guarde esses olhos para você, senão, da próxima vez arranco um deles com a colher e o dou de comer à minha cadela – um empurrão atirou-a ao chão, aos tropeções. A bainha prendeu-se num prego solto no banco de madeira lascada e rasgou-se quando ela caiu. – E vai remendar isso antes de dormir – anunciou Weese enquanto arrancava o último pedaço de carne do capão. Quando terminou, chupou sonoramente os dedos, e atirou os ossos ao seu feio cão malhado.

– Weese – Arya murmurou naquela noite enquanto se debruçava sobre o rasgão na roupa. – Dunsen, Polliver, Raff, o Querido – ela dizia um nome a cada vez que puxava a agulha de osso através da lã crua. – Cócegas e Cão de Caça. Sor Gregor, Sor Amory, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei – perguntou a si mesma por quanto mais tempo teria de incluir Weese na sua prece, e flutuou para o sono, sonhando que, no dia seguinte, quando acordasse, ele estaria morto.

Mas foi a biqueira dura da bota de Weese que a acordou, como

sempre. A força principal da tropa de Lorde Tywin partiria naquele dia, disse-lhes ele enquanto quebravam o jejum com bolos de aveia.

– Que nenhum de vocês esteja pensando que as coisas vão ficar fáceis depois de o senhor de Lannister ir embora – ele os preveniu. – O castelo não vai encolher, prometo, só que agora vai haver menos mãos para cuidar dele. Seu bando de dorminhocos. Vão aprender agora o que é trabalho, ah se vão.

Sob o seu comando, não. Arya bicou seu bolo de aveia. Weese franziu a testa para ela, como se farejasse seu segredo. Num movimento rápido, ela abaixou os olhos para a comida e não se atreveu a voltar a erguê-los.

Uma luz fraca enchia o pátio quando Lorde Tywin Lannister se retirou de Harrenhal. Arya observou a partida de uma janela arqueada, a meia altura da Torre dos Lamentos. Seu cavalo usava uma manta de escamas esmaltadas carmim, e focinheira, e testeira dourados, enquanto o próprio Lorde Tywin ostentava um espesso manto de arminho. O irmão, Sor Kevan, tinha um aspecto quase igualmente magnífico. Nada menos do que quatro porta-estandartes seguiam à frente dos dois, transportando enormes bandeiras carmins ornamentadas com o leão dourado. Atrás dos Lannister vinham seus grandes senhores e capitães. As bandeiras cintilavam e esvoaçavam, um suntuoso cortejo de cor: boi vermelho e montanha dourada, unicórnio purpúreo e galo bantã, javali e texugo malhados, um furão de prata e um malabarista com roupas multicoloridas, estrelas e esplendores, pavão e pantera, chaveirão e punhal, capuz preto, escaravelho azul e flecha verde.

Atrás de todos vinha Sor Gregor Clegane com seu aço cinza, montado num garanhão com um temperamento tão mau como o do cavaleiro. Polliver seguia a seu lado, com o estandarte dos cães pretos na mão e o elmo com chifres de Gendry na cabeça. Era um homem alto, mas não parecia mais do que um rapaz meio crescido quando cavalgava na sombra de seu senhor.

Um arrepio subiu pela espinha de Arya quando os viu passar sob a grande porta levadiça de Harrenhal. De repente percebeu que tinha cometido um erro terrível. *Sou tão burra*, pensou. Weese não importava, não importava mais do que Chiswyck. *Aqueles* eram os homens que importavam, eram aqueles que devia ter matado. Na noite anterior podia ter sussurrado a morte de qualquer um, se ao menos não tivesse estado tão furiosa com Weese por lhe ter batido e mentido a respeito do capão. *Lorde Tywin, por que foi que não disse Lorde Tywin?*

Talvez não fosse tarde demais para mudar de ideia. Weese ainda não estava morto. Se conseguisse encontrar Jaqen, dizer-lhe…

Apressadamente, Arya correu pela escada em espiral, esquecida

dos deveres. Ouviu o chocalhar de correntes que a porta levadiça fazia ao ser descida com lentidão, seus espigões afundando-se profundamente no solo… E, então, outro som, um guincho de dor e medo.

Uma dúzia de pessoas chegou lá antes dela, embora nenhuma se aproximasse muito. Arya abriu caminho entre elas, contorcendo-se. Weese estava estatelado nas pedras, com a garganta transformada numa ruína vermelha, olhos abertos, sem ver, na direção de uma escarpa de nuvens cinzentas. A feia cadela malhada estava em pé sobre seu peito, bebendo o sangue que saía pulsando do seu pescoço, e de quando em quando arrancando um pedaço de carne da cara do morto.

Por fim, alguém trouxe uma besta e matou a cadela enquanto esta se entretinha com uma das orelhas de Weese.

– Que coisa maldita – ouviu um homem dizer. – Ele tinha aquela cadela desde filhote.

– Este lugar está amaldiçoado – disse o homem com a besta.

– É o fantasma de Harren, é o que é – lamentou-se a governanta Amabel. – Não durmo aqui nem mais uma noite, juro.

Arya ergueu o olhar do homem e do seu cão, ambos mortos. Jaqen H'ghar estava encostado na parede da Torre dos Lamentos. Quando a viu olhando, ergueu uma mão e pousou casualmente dois dedos no rosto.

Catelyn

A dois dias de viagem de Correrrio, um batedor os viu dando água aos cavalos num riacho lamacento. Catelyn nunca se sentira tão feliz por ver o símbolo da dupla torre da Casa Frey.

Quando pediu ao homem para levá-los à presença do tio, ele disse:

– Peixe Negro foi para oeste com o rei, senhora. Martyn Rivers comanda os batedores no seu lugar.

– Estou vendo – tinha conhecido Rivers nas Gêmeas; um filho ilegítimo de Lorde Walder Frey, meio-irmão de Sor Perwyn. Não a surpreendia ficar sabendo que Robb atacara o coração do poder dos Lannister; era claro que pensava em fazer exatamente isso quando a enviara para conferenciar com Renly. – Onde Rivers está agora?

– Seu acampamento fica a duas horas de viagem, senhora.

– Leve-nos até ele – ela ordenou. Brienne ajudou-a a subir na sela, e puseram-se imediatamente a caminho.

– Vem de Ponteamarga, senhora? – perguntou o batedor.

– Não.

Não se atrevera. Com Renly morto, Catelyn se sentiu insegura a respeito da recepção que poderia receber da jovem viúva e de seus protetores. Em vez disso, atravessara o coração da guerra, passando pelas férteis terras fluviais transformadas num deserto enegrecido pela fúria dos Lannister, e todas as noites seus batedores traziam histórias que a deixavam mal.

– Lorde Renly está morto – ela acrescentou.

– Tínhamos esperança de que essa história fosse alguma mentira Lannister, ou…

– Bem que eu gostaria que fosse. Meu irmão comanda em Correrrio?

– Sim, senhora. Sua Graça deixou a Sor Edmure a defesa de Correrrio e de sua retaguarda.

Que os deuses lhe concedam a força para fazer isso, pensou Catelyn. *E também a sabedoria.*

– Há notícias de Robb no ocidente?

– Não soube? – o homem parecia surpreso. – Sua Graça conquistou uma grande vitória em Cruzaboi. Sor Stafford Lannister está morto e sua tropa desbaratada.

Sor Wendel Manderly soltou um grito de prazer, mas Catelyn limitou-se a acenar com a cabeça. As dificuldades do amanhã interessavam-lhe mais do que os triunfos de ontem.

Martyn Rivers tinha montado seu acampamento dentro do esqueleto de um castro despedaçado, ao lado de um estábulo sem

telhado e de uma centena de sepulturas frescas. Ele se dobrou sobre um joelho quando Catelyn desmontou.

– É bom encontrá-la, senhora. Seu irmão nos encarregou de manter um olho atento ao seu grupo e de escoltá-los de volta para Correrrio com toda pressa, caso os encontrássemos.

Catelyn gostou pouco de como aquilo soava.

– É o meu pai?

– Não, senhora. A condição de Lorde Hoster permanece inalterada – Rivers era um homem corado, com escassa semelhança com seus meios-irmãos. – É só por temermos que pudessem acabar encontrando batedores Lannister. Lorde Tywin deixou Harrenhal e marcha para o oeste com todo o seu poder.

– Levante-se – ela disse a Rivers, franzindo a testa. Stannis Baratheon também iria se pôr em marcha em breve, que os deuses os ajudassem a todos. – Temos quanto tempo até que Lorde Tywin caia sobre nós?

– Três dias, talvez quatro; é difícil saber. Temos olhos colocados ao longo de todas as estradas, mas seria melhor não nos demorarmos.

E não demoraram. Rivers desmontou o acampamento rapidamente, subiu para a sela ao lado de Catelyn, e voltaram a partir, agora com quase cinquenta homens, voando sob o lobo gigante, a truta saltante e as torres gêmeas.

Os homens dela queriam ouvir mais a respeito da vitória de Robb em Cruzaboi, e Rivers lhes fez a vontade.

– Há um cantor que veio para Correrrio, chama a si mesmo de Rymund, o Rimante, e fez uma canção sobre a batalha. Sem dúvida que a ouvirá ser cantada esta noite, senhora. *Lobo na Noite*, é como esse Rymund a chama – e prosseguiu, contando como os restos da tropa de Sor Stafford se retiraram para Lanisporto. Sem máquinas de cerco, não havia como assaltar Rochedo Casterly, e o Jovem Lobo andava pagando aos Lannister na mesma moeda a devastação que eles haviam infligido às terras fluviais. Os Lordes Karstark e Glover faziam investidas ao longo da costa, a Senhora Mormont capturara milhares de cabeças de gado e agora as conduzia de volta para Correrrio, ao passo que Grande-Jon tinha se apossado das minas de ouro em Castamere, Abismo de Nunn e nos Montes Pendric. Sor Wendel soltou uma gargalhada.

– Não há nada mais capaz de fazer um Lannister correr do que uma ameaça ao seu ouro.

– Como foi que o rei tomou o Dente? – perguntou Sor Perwyn Frey ao irmão bastardo. – Essa fortaleza é dura e forte, e domina a estrada da montanha.

– Não chegou a tomá-la. Esgueirou-se em torno dela durante a noite. Dizem que foi o lobo gigante que lhe indicou o caminho, aquele

seu Vento Cinzento. O animal farejou uma trilha de cabras que serpenteava por um desfiladeiro e à sombra de uma cumeada, um caminho torto e pedregoso, mas suficientemente largo para uma fila de homens a cavalo. Os Lannister, em suas torres de vigia, nem de relance os viram – Rivers abaixou a voz. – Há quem diga que, depois da batalha, o rei arrancou o coração de Stafford Lannister e o deu para o lobo comer.

– Eu não acreditaria nesse tipo de história – Catelyn disse em tom penetrante. – Meu filho não é nenhum selvagem.

– É como diz, senhora. Em todo caso, não é mais do que o animal merecia. Aquilo não é um lobo comum. Houve quem ouvisse Grande-Jon dizer que os velhos deuses do norte enviaram aqueles lobos gigantes aos seus filhos.

Catelyn lembrou-se do dia em que seus rapazes tinham encontrado os lobinhos nas neves do fim do Verão. Tinham sido cinco, três machos e duas fêmeas, para os cinco filhos legítimos da Casa Stark… e um sexto, de pelo branco e olhos vermelhos, para o filho bastardo de Ned, Jon Snow. *Não são lobos comuns*, pensou. *Deveras que não*.

Naquela noite, enquanto montavam acampamento, Brienne procurou a tenda de Catelyn.

– Senhora, está agora de volta, a salvo entre os seus, a um dia de viagem do castelo de seu irmão. Dê-me licença para partir.

Catelyn não devia ter se sentido surpresa. A modesta jovem tinha se mantido fechada em si mesma ao longo de toda a viagem, passando a maior parte do tempo com os cavalos, escovando seus pelos e tirando pedras de suas ferraduras. Também ajudara Shadd a cozinhar e a limpar a caça, e rapidamente provou que era capaz de caçar tão bem como qualquer um dos homens. Qualquer tarefa que Catelyn lhe pedisse para realizar, Brienne tinha cumprido com habilidade e sem queixas, e quando falavam com ela, respondia educadamente, mas nunca tagarelava, nem chorava, nem ria. Cavalgara com eles todos os dias e dormira entre eles todas as noites sem nunca se tornar verdadeiramente parte do grupo.

Era a mesma coisa quando estava com Renly, Catelyn pensou. *No banquete, no corpo a corpo, até no pavilhão de Renly com os irmãos da Guarda Arco-Íris. Há muralhas em volta dessa moça que são mais altas do que as de Winterfell.*

– Se nos deixar, para onde irá? – perguntou-lhe Catelyn.

– Voltarei – disse Brienne. – Para Ponta Tempestade.

– Sozinha – não era uma pergunta.

A cara larga era uma lagoa de águas paradas, sem revelar nenhum indício do que poderia viver nas profundezas.

– Sim.

– Pretende matar Stannis.

Brienne fechou os dedos grossos e cheios de calos em volta do cabo da espada. A espada que tinha sido dele.

– Fiz um juramento. Jurei-o três vezes. A senhora ouviu.

– Ouvi – Catelyn assentiu. Sabia que a moça tinha ficado com o manto arco-íris quando se desfizera do resto de suas roupas manchadas de sangue. Os pertences de Brienne tinham sido deixados para trás durante a fuga, e ela fora forçada a se vestir com peças desparelhadas do traje reserva de Sor Wendel, visto que nenhum outro membro do grupo tinha roupas suficientemente grandes para ela. – Os juramentos devem ser mantidos, concordo, mas Stannis tem uma grande tropa ao seu redor, e seus próprios guardas, que juraram mantê-lo a salvo.

– Não temo seus guardas. Sou tão boa como qualquer um deles. Nunca devia ter fugido.

– É isso o que a perturba, que algum idiota possa chamá-la de covarde? – Catelyn suspirou. – A morte de Renly não foi sua culpa. Serviu-lhe valentemente, mas quando procura segui-lo na morte não serve a ninguém – estendeu uma mão, para dar o conforto que um toque podia dar. – Eu sei como é duro…

Brienne afastou sua mão da dela.

– Ninguém sabe.

– Está enganada – Catelyn respondeu bruscamente. – Todas as manhãs, quando acordo, lembro-me de que Ned partiu. Não tenho habilidade com armas, mas isso não quer dizer que não sonhe em ir a cavalo até Porto Real, enrolar as mãos em volta da garganta branca de Cersei Lannister e apertá-la até que seu rosto fique preto.

Brienne levantou os olhos, sua única parte que era realmente bela.

– Se sonha com isso, por que procura me segurar? É por causa do que Stannis disse na conferência?

Será? Catelyn lançou um olhar ao acampamento. Dois homens patrulhavam, de sentinela, com lanças na mão.

– Ensinaram-me que os homens bons devem lutar contra o mal neste mundo, e a morte de Renly foi maligna, para lá de qualquer dúvida. Mas também me ensinaram que os deuses fazem os reis, não as espadas dos homens. Se Stannis for o nosso legítimo rei…

– Não é. Robert também nunca foi o rei legítimo, até Renly disse isso. Jaime Lannister *assassinou* o rei legítimo, depois de Robert ter matado seu legítimo herdeiro no Tridente. Onde estavam então os deuses? Os deuses não se importam mais com os homens do que os reis com os camponeses.

– Um bom rei se importa.

– Lorde Renly… Sua Graça, ele… ele teria sido o *melhor* dos reis,

senhora, ele era tão bom, ele…

– Ele morreu, Brienne – Catelyn disse, tão gentilmente quanto podia. – Restam Stannis e Joffrey… bem como meu filho.

– Ele não… a senhora nunca faria a *paz* com Stannis, certo? Dobrar o joelho? Não faria isso…

– Vou lhe dizer a verdade, Brienne. Não sei. Meu filho pode ser um rei, mas eu não sou nenhuma rainha… Sou apenas uma mãe que quer manter os filhos a salvo de todas as maneiras que puder.

– Não fui feita para ser mãe. Tenho de lutar.

– Então lute… Mas pelos vivos, não pelos mortos. Os inimigos de Renly são também inimigos de Robb.

Brienne fitou o chão e arrastou os pés.

– Eu não conheço seu filho, senhora – ela ergueu os olhos. – Podia servi-la. Se me aceitar.

Catelyn ficou surpresa.

– Por que a mim?

A pergunta pareceu perturbar Brienne.

– Ajudou-me. No pavilhão… quando eles pensaram que eu tinha… que eu tinha…

– Era inocente.

– Mesmo assim, não era sua obrigação fazer o que fez. Podia ter deixado que me matassem. Eu não era nada para você.

Talvez eu não quisesse ser a única a conhecer a negra verdade do que aconteceu ali, Catelyn pensou.

– Brienne, tomei muitas senhoras bem-nascidas ao meu serviço ao longo dos anos, mas nunca nenhuma como você. Não sou comandante de batalha.

– Não, mas possui coragem. Talvez não a coragem de batalha, mas… não sei… um tipo de coragem de *mulher*. E eu penso que, quando o momento chegar, não tentará me prender. Faça-me essa promessa. Que não me impedirá de chegar até Stannis.

Catelyn ainda era capaz de ouvir Stannis dizer que a vez de Robb também chegaria, a seu tempo. Era como um hálito frio soprando em sua nuca.

– Quando a hora chegar, não a impedirei de chegar até Stannis.

A moça alta ajoelhou-se desajeitadamente, desembainhou a espada de Renly e depositou-a aos pés de Catelyn.

– Então sou sua, minha senhora. Seu vassalo, ou… o que quer que desejar que seja. Guardarei suas costas, aconselharei a senhora e darei minha vida pela sua, se for necessário. Juro pelos deuses, velhos e novos.

– E eu juro que terá sempre um lugar à minha lareira e comida e bebida à minha mesa, e prometo não lhe pedir qualquer serviço que possa lhe trazer desonra. Juro pelos deuses, velhos e novos. Levante-se

– enquanto apertava as mãos da outra mulher entre as suas, Catelyn não conseguiu evitar sorrir. *Quantas vezes assisti Ned aceitando um juramento de fidelidade de um homem?* Gostaria de saber o que ele pensaria se pudesse vê-la agora.

Cruzaram o Ramo Vermelho ao fim do dia seguinte, rio acima de Correrrio, onde o rio fazia uma ampla curva e as águas se tornavam lamacentas e rasas. A travessia era guardada por uma força mista de arqueiros e piqueiros com o símbolo da águia dos Mallister. Quando viram os estandartes de Catelyn, emergiram de detrás de suas estacas afiadas e mandaram um homem da outra margem mostrar o caminho ao seu grupo.

– Devagar e com cuidado, senhora – o homem a preveniu enquanto agarrava o freio de seu cavalo. – Plantamos espigões de ferro debaixo da água, está vendo, e há estrepes espalhados entre aquelas rochas ali. É a mesma coisa em todos os vaus, segundo as ordens do seu irmão.

Edmure planeja lutar aqui. Compreender aquele fato deixou-lhe uma sensação de náusea nas entranhas, mas segurou a língua.

Entre o Ramo Vermelho e o Pedregoso, juntaram-se a uma corrente de populares que se dirigia à segurança de Correrrio. Alguns conduziam animais à sua frente, outros puxavam carros, mas abriram caminho à passagem de Catelyn, saudando-a com gritos de "Tully!" ou "Stark!". A meia milha do castelo, atravessaram um grande acampamento onde o estandarte escarlate dos Blackwood ondulava sobre a tenda do senhor. Foi então que Lucas se afastou do grupo, a fim de procurar seu pai, Lorde Tytos. Os outros prosseguiram.

Catelyn vislumbrou um segundo acampamento, disposto ao longo da margem norte do Pedregoso, com estandartes familiares sacudindo ao vento… A donzela dançante de Marq Piper, o homem com arado de Darry, as serpentes enlaçadas, em vermelho e branco, dos Paege. Eram todos vassalos do pai, senhores do Tridente. A maioria tinha deixado Correrrio antes dela, a fim de defender suas terras. Se estavam de novo ali, isso só podia querer dizer que Edmure os chamara de volta. *Que os deuses nos salvem. É verdade, ele pretende dar batalha a Lorde Tywin.*

Catelyn viu a distância que havia algo escuro oscilando contra as muralhas de Correrrio. Quando se aproximou, viu mortos pendurados nas ameias, presos nas pontas de longas cordas por laços de cânhamo bem apertados em volta do pescoço, com o rosto inchado e preto. Os corvos já tinham se alimentado, mas os mantos carmins ainda se destacavam bem contra as muralhas de arenito.

– Enforcaram alguns Lannister – Hal Mollen observou.

– Uma bela visão – Sor Wendel Manderly disse alegremente.

– Nossos amigos começaram sem nós – brincou Perwyn Frey. Os

outros riram, todos, menos Brienne, que fitou sem piscar a fileira de cadáveres, sem falar nem sorrir.

Se mataram o Regicida, então minhas filhas também estão mortas. Catelyn esporeou o cavalo até um trote largo. Hal Mollen e Robin Flint passaram por ela a galope, lançando saudações para a guarita. Os guardas nas muralhas tinham sem dúvida visto as bandeiras havia algum tempo, pois a porta levadiça estava içada quando se aproximaram.

Edmure saiu a cavalo do castelo ao seu encontro, rodeado por três dos homens juramentados a seu pai: o muito barrigudo Sor Desmond Grell, o mestre de armas; Utherydes Wayn, o intendente; e Sor Robin Ryger, o grande e calvo capitão da guarda de Correrrio. Todos eram da idade de Lorde Hoster, homens que tinham passado a vida a serviço do pai. *Velhos*, percebeu Catelyn.

Edmure usava um manto azul e vermelho por cima de uma túnica bordada com peixes dourados. Julgando pelo aspecto, não tinha se barbeado desde que ela partira para o sul; a barba era um matagal da cor do fogo.

– Cat, é bom tê-la de volta em segurança. Quando ouvimos a notícia da morte de Renly, tememos por sua vida. Lorde Tywin também se pôs em marcha.

– Já me disseram. Como passa nosso pai?

– Um dia parece mais forte, no seguinte… – ele balançou a cabeça. – Perguntou por você. Não soube o que lhe dizer.

– Irei até ele em breve – ela prometeu. – Há alguma notícia de Ponta Tempestade desde a morte de Renly? Ou de Ponteamarga? – os corvos não chegavam aos viajantes, e Catelyn sentia-se ansiosa por saber o que tinha acontecido depois de sua partida.

– Nada de Ponteamarga. De Ponta Tempestade, chegaram três corvos do castelão, Sor Cortnay Penrose, todos transportando o mesmo apelo. Stannis cercou-o por terra e mar. Oferece sua fidelidade a qualquer rei que quebre o cerco. Diz que teme pelo rapaz. Sabe que rapaz pode ser esse?

– Edric Storm – Brienne respondeu. – O filho bastardo de Robert.

Edmure olhou-a com curiosidade.

– Stannis jurou que a guarnição poderia partir em liberdade e sem ser molestada, desde que lhe rendesse o castelo dentro de uma quinzena e entregasse o rapaz em suas mãos, mas Sor Cortnay não quer consentir.

Arrisca tudo por um rapaz ilegítimo, cujo sangue nem sequer é o seu, pensou Catelyn.

– Enviou-lhe alguma resposta?

Edmure sacudiu a cabeça.

– Para que, se não temos ajuda nem esperança a oferecer? E

Stannis não é nosso inimigo.

Sor Robin Ryger interveio:

– Senhora, pode nos contar como Lorde Renly morreu? As histórias que ouvimos têm sido estranhas.

– Cat – o irmão se adiantou. – Alguns dizem que foi *você* quem matou Renly. Outros afirmam que teria sido alguma mulher do sul – seu olhar deteve-se em Brienne.

– Meu rei foi assassinado – disse a mulher em voz baixa –, e não pelas mãos da Senhora Catelyn. Juro-o pela minha espada, pelos deuses, antigos e novos.

– Esta é Brienne de Tarth, filha de Lorde Delwyn, a Estrela da Tarde, que servia na Guarda Arco-Íris de Renly – Catelyn lhes disse. – Brienne, tenho a honra de apresentá-la ao meu irmão, Sor Edmure Tully, herdeiro de Correrrio. Seu intendente, Utherydes Wayn. Sor Robin Ryger e Sor Desmond Grell.

– A honra é minha – Sor Desmond a cumprimentou. Os outros repetiram as mesmas palavras. A menina corou, embaraçada até com aquela cortesia comum. Se Edmure a achara um tipo curioso de senhora, pelo menos teve o cuidado de não dizer isso.

– Brienne estava com Renly quando ele foi morto, assim como eu – Catelyn começou –, mas não desempenhamos nenhum papel em sua morte – não queria falar da sombra, ali, ao ar livre, com homens em toda a volta, e indicou os cadáveres com uma mão. – Quem são aqueles homens que enforcou?

Edmure lançou um relance desconfortável para cima.

– Vieram com Sor Cleos quando trouxe a resposta da rainha à nossa oferta de paz.

Catelyn ficou chocada.

– Matou *enviados*?

– Falsos enviados – Edmure declarou. – Prometeram-me paz e entregaram as armas. Concedi-lhes liberdade de castelo, e durante três noites comeram da minha comida e beberam da minha bebida enquanto eu conversava com Sor Cleos. Na quarta noite, tentaram libertar o Regicida – apontou para cima. – Aquele grande brutamontes matou dois guardas apenas com aquelas suas mãos de presunto, agarrou-os pelas gargantas e esmagou seus crânios um de encontro ao outro, enquanto o rapaz magricela que está na estaca ao seu lado abria a cela do Lannister com um pedaço de arame. Que os deuses o amaldiçoem. Aquele da ponta era algum maldito tipo de pantomimeiro. Usou minha voz para ordenar que o Portão do Rio fosse aberto. É o que os guardas juram, Enger, Delp e Lew Comprido, todos os três. Se quer que lhe diga, o homem não soava nada parecido comigo, e no entanto os palermas estavam içando a porta levadiça mesmo assim.

Catelyn suspeitava que aquilo devia ser trabalho do Duende; fedia ao mesmo tipo de astúcia que ele tinha exibido no Ninho da Águia. Antigamente teria indicado Tyrion como o menos perigoso dos Lannister. Agora não tinha tanta certeza.

– Como foi que os pegou?

– Ah, aconteceu que não estava no castelo. Tinha atravessado o Pedregoso para, ahn…

– Tinha ido até as prostitutas ou as meretrizes. Continue a história.

O rosto de Edmure ficou vermelho como sua barba.

– Foi na hora antes da alvorada, e só então eu voltava. Quando Lew Comprido viu meu barco e me reconheceu, finalmente se perguntou quem estaria lá embaixo ladrando ordens, e deu o alerta.

– Diga-me que o Regicida foi recapturado.

– Sim, embora não com facilidade. Jaime arranjou uma espada, matou Poul Pemford e o escudeiro de Sor Desmond, Myles, e feriu Delp com tanta gravidade que Meistre Wyman teme que também morra em breve. Foi uma sangrenta confusão. Ao som do aço, alguns dos outros homens de manto vermelho apressaram-se em se juntar a eles, com as mãos vazias ou não. Enforquei esses ao lado dos quatro que o libertaram e atirei o resto nas masmorras. Jaime também. Este não tentará mais fugir. Dessa vez está lá embaixo, no escuro, mãos e pés acorrentados, e preso à parede.

– E Cleos Frey?

– Jura que não sabia nada do esquema. Quem poderá saber? O homem é meio Lannister, meio Frey, e completamente mentiroso. Deixei-o na antiga cela de torre de Jaime.

– Disse que ele trouxe termos de paz?

– Se é que se pode chamá-los assim. Garanto que não lhe agradarão mais do que a mim.

– Não podemos esperar ajuda do sul, senhora Stark? – perguntou Utherydes Wayn, intendente do pai. – Essa acusação de incesto… Lorde Tywin não aceita uma desfeita dessas brandamente. Ele irá procurar lavar a mancha do nome da filha com o sangue do acusador, Lorde Stannis deve ver isso. Não tem escolha que não seja fazer causa comum conosco.

Stannis fez causa comum com um poder maior e mais obscuro.

– Falemos desses assuntos mais tarde.

Catelyn passou sobre a ponte levadiça a trote, deixando para trás a macabra fileira de mortos Lannister. Seu irmão a acompanhou. Enquanto penetravam na azáfama do interior da muralha de Correrrio, uma criança pequena e nua correu para a frente dos cavalos. Catelyn puxou as rédeas com força a fim de evitá-la, olhando em volta, consternada. Centenas de plebeus tinham sido admitidos no

castelo e tinha-lhes sido permitido erigir rudes abrigos junto às muralhas. Seus filhos andavam por todo lado, e o pátio encontrava-se repleto de vacas, ovelhas e galinhas.

– Quem é toda essa gente?

– O meu povo – respondeu Edmure. – Estavam com medo.

Só meu querido irmão aglomeraria todas aquelas bocas inúteis num castelo que em breve pode estar sob cerco. Catelyn sabia que Edmure possuía um coração mole; às vezes pensava que sua cabeça o era ainda mais. Amava-o por isso, mas, mesmo assim…

– Robb pode ser contatado por um corvo?

– Encontra-se em campo, senhora – respondeu Sor Desmond. – A ave não teria como encontrá-lo.

Utherydes Wayn tossiu:

– Antes de nos deixar, o jovem rei deixou-nos instruções para enviá-la para as Gêmeas quando voltasse, Senhora Stark. Pede-lhe que saiba mais sobre as filhas de Lorde Walder, a fim de ajudá-lo a selecionar sua noiva quando chegar a hora.

– Forneceremos montarias novas e provisões para você – prometeu o irmão. – Vai querer restaurar as forças antes…

– Eu vou ficar – disse Catelyn, desmontando. Não tinha qualquer intenção de abandonar Correrrio e o pai moribundo para escolher a noiva de Robb por ele. *Robb quer me ver em segurança, não posso me zangar com ele por isso, mas o pretexto está ficando gasto*. – Garoto – ela chamou, e um garoto dos estábulos correu para pegar as rédeas de seu cavalo.

Edmure saltou da sela. Era uma cabeça mais alto do que ela, mas seria sempre seu irmão menor.

– Cat – ele disse, com um ar infeliz –, Lorde Tywin vem a caminho…

– Ele se dirige para o oeste, a fim de defender suas terras. Se fecharmos os portões e nos abrigarmos atrás das muralhas, podemos vê-lo passar em segurança.

– Estas são terras Tully – Edmure declarou. – Se Tywin Lannister pensa em cruzá-las sem ter o sangue derramado, pretendo ensinar-lhe uma dura lição.

A mesma lição que ensinou ao filho dele? O irmão podia ser teimoso como as pedras do rio quando tocavam no seu orgulho, mas nenhum dos dois se esqueceria do modo como Sor Jaime cortara a tropa de Sor Edmure em pedaços sangrentos da última vez em que oferecera batalha.

– Nada temos a ganhar, e tudo temos a perder em enfrentar Lorde Tywin no campo de batalha – Catelyn retrucou, com tato.

– O pátio não é lugar para discutir meus planos de batalha.

– Como quiser. Para onde vamos?

O rosto do irmão escureceu. Por um momento, Catelyn pensou que ele estava prestes a perder a calma com ela, mas por fim exclamou:

– O bosque sagrado. Se insiste.

Ela o seguiu por uma galeria até o portão do bosque sagrado. A ira de Edmure sempre tinha sido uma coisa carrancuda e rabugenta. Catelyn lamentava tê-lo ferido, mas o assunto era importante demais para se preocupar com seu orgulho. Quando ficaram sós sob as árvores, Edmure virou-se para encará-la.

– Não tem força suficiente para enfrentar os Lannister no campo de batalha – ela disse sem rodeios.

– Quando todas as minhas forças estiverem reunidas, deverei ter oito mil homens de infantaria e três mil de cavalaria – ele respondeu.

– O que quer dizer que Lorde Tywin terá quase o dobro de seus homens.

– Robb venceu suas batalhas contra vantagens maiores. E tenho um plano. Esqueceu-se de Roose Bolton. Lorde Tywin o derrotou no Ramo Verde, mas não o perseguiu. Quando Lorde Tywin foi para Harrenhal, Bolton tomou o vau rubi e a encruzilhada. Tem dez mil homens. Mandei uma mensagem a Helman Tallhart para que se junte a ele com a guarnição que Robb deixou nas Gêmeas…

– Edmure, Robb deixou esses homens para *defender* as Gêmeas e assegurar-se de que Lorde Walder permanecesse do nosso lado.

– Permaneceu – Edmure disse teimosamente. – Os Frey lutaram bravamente no Bosque dos Murmúrios, e o velho Sor Stevron morreu em Cruzaboi, pelo que ouvimos dizer. Sor Ryman, Walder Negro e os outros estão com Robb no oeste, Martyn tem sido de grande utilidade com os batedores, e Sor Perwyn ajudou-a a chegar a salvo até Renly. Pela bondade dos deuses, o que mais podemos lhes pedir? Robb está prometido a uma das filhas de Lorde Walder, e Roose Bolton casou-se com outra, segundo ouvi dizer. E você não recebeu dois de seus netos para serem criados em Winterfell?

– Um protegido pode facilmente ser transformado em refém, se a necessidade surgir – ela não soubera que Sor Stevron estava morto, nem do casamento de Bolton.

– Se estamos com vantagem de dois reféns, é motivo ainda maior para que Lorde Walder não nos traia. Bolton necessita dos homens dos Frey e também dos de Sor Helman. Ordenei-lhes que retomassem Harrenhal.

– É provável que isso se torne uma coisa sangrenta.

– Sim. Mas, uma vez que o castelo caia, Lorde Tywin não terá retirada segura. Meus recrutas defenderão os vaus do Ramo Vermelho contra sua travessia. Se atacar através do rio, acabará como Rhaegar quando tentou atravessar o Tridente. Se não, ficará preso entre

Correrrio e Harrenhal, e quando Robb voltar do oeste podemos acabar com ele de uma vez por todas.

A voz do irmão estava cheia de uma confiança indelicada, mas Catelyn viu-se desejando que Robb não tivesse levado tio Brynden consigo para o oeste. Peixe Negro era veterano de meia centena de batalhas; Edmure era veterano de uma, e perdida.

– O plano é bom – ele concluiu. – Lorde Tytos afirma isso, e Lorde Jonos também. Quando foi que Blackwood e Bracken concordaram com *qualquer coisa* que não fosse certa, eu pergunto.

– Seja como for – Catelyn ficou subitamente cansada. Talvez estivesse errada em se opor ao irmão. Talvez aquele plano fosse magnífico e seus pressentimentos não passassem de temores de uma mulher. Desejou que Ned estivesse ali, ou tio Brynden, ou… – Consultou nosso pai a respeito disso?

– Nosso pai não está em estado de pesar estratégias. Há dois dias fazia planos para o seu casamento com Brandon Stark! Vá vê-lo, se não acredita em mim. Este plano vai funcionar, Cat, você verá.

– Espero que sim, Edmure. De verdade – beijou-o no rosto para que ele soubesse que falava a sério, e foi até o pai.

Lorde Hoster Tully encontrava-se num estado muito semelhante àquele em que Catelyn o deixara; acamado, abatido, com a pele pálida e úmida. O quarto cheirava a doença, um odor nauseante feito de partes iguais de suor e de remédios. Quando abriu as cortinas, o pai soltou um pequeno gemido e entreabriu os olhos. Fitou-a como se não conseguisse compreender quem ela era ou o que queria.

– Pai – beijou-o. – Voltei.

Então, pareceu reconhecê-la.

– Você veio – sussurrou de forma tênue, quase sem mover os lábios.

– Sim – ela respondeu. – Robb enviou-me para o sul, mas apressei-me em voltar.

– Sul… onde… o Ninho da Águia fica para o sul, querida? Não me lembro… Ah, querido coração, tive medo… Perdoa-me, filha? – lágrimas correram pelo seu rosto.

– Não fez nada que necessite de perdão, pai – Catelyn afagou o cabelo branco e sem energia do pai e pôs a mão na sua testa. A febre ainda o queimava por dentro, apesar de todas as poções do meistre.

– Foi o melhor – sussurrou seu pai. – Jon é um bom homem, bom… forte, bondoso… tomará conta de você… tomará… e bem-nascido, escute-me, tem de me escutar, sou seu pai… seu pai, casará quando a Cat casar, *sim, senhora*…

Ele pensa que sou Lysa, compreendeu Catelyn. *Que os deuses sejam bons, ele fala como se ainda não estivéssemos casadas.*

As mãos do pai agarraram-se às dela, tremendo como duas aves

brancas e assustadas.

– Aquele moleque… maldito rapaz… não pronuncie o nome dele na minha presença, o seu dever… a sua mãe, ela teria… – Lorde Hoster gritou quando um espasmo de dor o subjugou. – Oh, deuses, perdoem-me, perdoem-me, *perdoem-me*. O meu remédio…

E de repente Meistre Vyman estava ali, levando uma taça aos seus lábios. Lorde Hoster sugou a poção espessa e branca com a avidez de um bebê no seio, e Catelyn viu a paz cair de novo sobre ele.

– Ele dormirá agora, senhora – disse o meistre quando a taça ficou vazia. O leite da papoula tinha deixado uma espessa película branca em torno da boca do pai. Meistre Vyman limpou-a com a manga.

Catelyn não foi capaz de ver mais. Hoster Tully tinha sido um homem forte e orgulhoso. Doía-lhe vê-lo assim, reduzido àquilo. Saiu para a varanda. O pátio, embaixo, estava repleto de refugiados e caótico com o ruído que faziam, mas para lá das muralhas os rios fluíam limpos, puros e sem fim. *Estes são os seus rios, e em breve voltará a eles, para a sua última viagem.*

Meistre Wyman a tinha seguido até o exterior.

– Senhora – ele disse em voz baixa –, não posso continuar muito mais tempo a afastar o fim. Devíamos mandar um cavaleiro em busca do irmão. Sor Brynden gostaria de estar aqui.

– Sim – Catelyn concordou, com a voz carregada de desgosto.

– E a Senhora Lysa também, talvez?

– Lysa não virá.

– Se escrevesse para ela em pessoa, talvez…

– Porei algumas palavras no papel, se isso lhe agrada.

Perguntou a si mesma quem teria sido o "maldito moleque" de Lysa. Algum jovem escudeiro ou pequeno cavaleiro, provavelmente… Se bem que, pela veemência com que Lorde Hoster se opusera a ele, pudesse ter sido um filho de um mercador ou um aprendiz bastardo, ou até um cantor. Lysa sempre tinha gostado demais de cantores. *Não posso culpá-la. Jon Arryn era vinte anos mais velho do que nosso pai, por mais nobre que fosse.*

A torre que o irmão tinha separado para seu uso era a mesma que ela e Lysa haviam dividido quando donzelas. Seria bom voltar a dormir numa cama de penas, com um fogo quente na lareira. Quando estivesse descansada, o mundo pareceria menos desolador.

Mas, à porta de seus aposentos, encontrou Utherydes Wayn esperando, na companhia de duas mulheres vestidas de cinza, com os rostos escondidos por capuzes, deixando apenas os olhos à vista. Catelyn soube imediatamente por que motivo estavam ali.

– *Ned?*

As irmãs abaixaram os olhos. Utherydes respondeu:

– Sor Cleos trouxe-o de Porto Real, senhora.

– Levem-me até ele – Catelyn ordenou.

Tinham-no deitado numa mesa de montar e haviam-no coberto com um estandarte, o estandarte branco da Casa Stark com seu símbolo do lobo gigante cinza.

– Quero olhar para ele – ela pediu.

– Só restam os ossos, senhora.

– Quero olhar para ele – Catelyn repetiu.

Uma das irmãs silenciosas puxou o estandarte para baixo.

Ossos, pensou Catelyn. *Isto não é Ned, não é o homem que amei, o pai de meus filhos*. As mãos dele estavam apertadas sobre o peito, com dedos esqueléticos dobrados em torno do cabo de uma espada longa qualquer, mas não eram as mãos de Ned, tão fortes e cheias de vida. Tinham vestido os ossos com a túnica de Ned, o veludo branco e fino com o símbolo do lobo gigante sobre o coração, mas nada restava da carne quente que tinha servido tantas noites de almofada à sua cabeça, dos braços que a tinham abraçado. A cabeça havia sido reunida ao corpo com fino fio de prata, mas um crânio é muito semelhante aos outros, e naquelas órbitas vazias não viu sinal dos olhos cinza-escuros do seu senhor, olhos que podiam ser suaves como nevoeiro ou duros como pedra. *Deram seus olhos aos corvos*, recordou.

Catelyn virou o rosto.

– Aquela não é a espada dele.

– Gelo não nos foi devolvida, senhora – disse Utherydes. – Só os ossos de Lorde Eddard.

– Suponho que deva agradecer à rainha até por isso.

– Agradeça ao Duende, senhora. Foi obra dele.

Um dia vou agradecer a todos eles.

– Estou grata por seus serviços, irmãs – Catelyn agradeceu –, mas devo atribuir-lhes outra tarefa. Lorde Eddard era um Stark, e seus ossos devem ser postos em repouso sob Winterfell – *farão uma estátua dele, um retrato de pedra que se sentará no escuro com um lobo gigante aos pés e uma espada pousada nos joelhos.* – Assegurem-se de que as irmãs tenham cavalos descansados, e qualquer outra coisa de que necessitem para a viagem – ela disse a Utherydes Wayn. – Hal Mollen vai escoltá-las de volta a Winterfell, é tarefa dele como capitão dos guardas – ela desceu os olhos para os ossos que eram tudo o que restava do seu senhor e amor. – Deixem-me agora, todos vocês. Desejo ficar a sós com Ned esta noite.

As mulheres de cinza inclinaram a cabeça. *As irmãs silenciosas não falam com os vivos*, recordou-se Catelyn, entorpecida, *mas há quem diga que são capazes de falar com os mortos*. E como invejava esse poder…

Daenerys

A s cortinas mantinham afastados a poeira e o calor das ruas, mas não conseguiam afastar o desapontamento. Dany subiu para o palanquim cansada, grata por aquele refúgio contra o mar de olhos qartenos.

– Abram alas – gritou Jhogo à multidão, de cima do cavalo, estalando o chicote. – Abram alas, abram alas para a Mãe de Dragões.

Reclinado em frescas almofadas de cetim, Xaro Xhoan Daxos despejou vinho da cor de rubi em cálices iguais de jade e ouro, com mãos seguras e firmes, apesar do balanço do palanquim.

– Vejo uma profunda tristeza escrita em seu rosto, minha luz do amor – ofereceu-lhe um cálice. – Seria a tristeza de um sonho perdido?

– De um sonho adiado, não mais do que isso.

O apertado colar de prata de Dany estava irritando sua garganta. Soltou-o e atirou-o para o lado. O colar tinha incrustada uma ametista encantada que Xaro jurava que a protegeria contra todos os venenos. Os Puronatos eram conhecidos por oferecer vinho envenenado àqueles que consideravam perigosos, mas não tinham dado a Dany sequer uma taça de água. *Nunca viram em mim uma rainha*, pensou amargamente. *Fui apenas o divertimento de uma tarde, uma moça a cavalo com um curioso animal de estimação.*

Rhaegal silvou e enterrou garras negras e afiadas em seu ombro nu quando Dany estendeu uma mão para aceitar o vinho. Retraindo-se, ela o transferiu para o outro ombro, onde ele podia espetar as garras no vestido em vez de na pele. Dany vestia-se à moda qartena. Xaro prevenira-a de que os Entronizados nunca escutariam uma dothraki, e ela teve o cuidado de ir à sua presença vestida de samito verde solto com um seio de fora, de sandálias prateadas nos pés, com um cinto de pérolas pretas e brancas em volta da cintura. *Por toda a ajuda que me ofereceram, bem podia ter ido nua. Talvez devesse ter feito isso.* Bebeu um profundo trago de vinho.

Descendentes dos antigos reis e rainhas de Qarth, os Puronatos comandavam a Guarda Cívica e a frota de ornamentadas galés que dominavam os estreitos entre os mares. Daenerys Targaryen desejara aquela frota, ou parte dela, e também alguns de seus soldados. Tinha feito o tradicional sacrifício no Templo da Memória, oferecido o tradicional suborno ao Guardião da Longa Lista, enviado o tradicional caqui ao Abridor da Porta, e por fim recebido os tradicionais chinelos de seda azul, convocando-a para comparecer ao Salão dos Mil Tronos.

Os Puronatos ouviram seus apelos de cima dos grandes tronos de madeira de seus ancestrais, que se erguiam em fileiras curvas do chão de mármore ao teto em cúpula alta pintado com cenas da glória

desaparecida de Qarth. Os cadeirões eram imensos, fantasticamente esculpidos, brilhando com trabalhos em ouro e guarnecidos de âmbar, ônix, lápis-lazúli e jade, cada um diferente de todos os outros, e cada um tentando ser mais fabuloso que os demais. Mas os homens que neles se sentavam estavam tão apáticos e cansados do mundo que mais pareciam estar dormindo. *Ouviram, mas não escutaram, nem se importaram*, ela pensou. *São mesmo Homens de Leite. Nunca tiveram a intenção de me ajudar. Vieram porque estavam curiosos. Vieram porque estavam entediados, e o dragão no meu ombro interessou-lhes mais do que eu.*

– Conte-me as palavras dos Puronatos – sugeriu Xaro Xhoan Daxos. – Conte-me o que eles disseram para entristecer a rainha do meu coração.

– Disseram que não – o vinho tinha o sabor de romãs e dos dias quentes do Verão. – Disseram com grande cortesia, com certeza, mas por baixo de todas as palavras amáveis, foi mesmo assim um não.

– Bajulou-os?

– Desavergonhadamente.

– Chorou?

– O sangue do dragão não chora – Dany disse, já irritada.

Xaro suspirou.

– Devia ter chorado – os qartenos choravam com frequência e facilidade; isso era visto como uma marca do homem civilizado. – E os homens que compramos, o que disseram?

– Mathos não disse nada. Wendello elogiou meu modo de falar. O Requintado recusou-me como os outros, mas depois chorou.

– É uma infelicidade que esses qartenos sejam tão pouco confiáveis – o próprio Xaro não pertencia aos Puronatos, mas tinha lhe dito quem subornar e quanto oferecer. – Chore, chore, pela deslealdade dos homens.

Mais depressa Dany choraria por seu ouro. Os subornos que oferecera a Mathos Mallarawan, Wendello Qar Deeth e Egon Emeros, o Requintado, podiam ter servido para comprar um navio ou para contratar vinte mercenários.

– Suponhamos que eu mande Sor Jorah exigir a devolução de meus presentes? – ela perguntou.

– Suponhamos que um Homem Pesaroso venha ao meu palácio uma noite e a mate enquanto dorme – Xaro respondeu. Os Homens Pesarosos eram uma antiga e sagrada guilda de assassinos, assim chamados porque sempre sussurravam “lamento tanto” às vítimas antes de matá-las. Os qartenos não podiam ser acusados de não serem educados. – Há quem diga, sabiamente, que é mais fácil ordenhar a Vaca de Pedra de Faros do que espremer ouro dos Puronatos.

Dany não sabia onde ficava Faros, mas parecia-lhe que Qarth

estava cheia de vacas de pedra. Os príncipes mercadores, extremamente enriquecidos pelo comércio entre os mares, encontravam-se divididos em três facções rivais: a Antiga Guilda das Especiarias, a Irmandade Turmalina e os Treze, aos quais Xaro pertencia. Todas rivalizavam entre si pelo domínio, e todas lutavam incessantemente com os Puronatos. E acima de todos havia os magos, com seus lábios azuis e terríveis poderes, raramente vistos, mas muito temidos.

Estaria perdida sem Xaro. O ouro que tinha esbanjado para abrir as portas do Salão dos Mil Tronos era, em boa medida, produto da generosidade e esperteza rápida do mercador. Enquanto o rumor sobre dragões vivos ia se espalhando pelo leste, cada vez mais curiosos tinham vindo saber se a história era verdadeira… e Xaro Xhoan Daxos assegurou-se de que tanto os grandes como os humildes oferecessem alguma lembrança à Mãe de Dragões.

O riacho que ele tinha começado rapidamente inchou e se transformou numa inundação. Capitães mercantes traziam renda de Myr, arcas de açafrão de Yi Ti, âmbar e vidro de dragão de Asshai. Os mercadores ofereciam sacos de moedas, os ourives, anéis e colares. Tocadores de flauta tocavam para ela, acrobatas faziam acrobacias, e malabaristas, malabarismos, enquanto tintureiros envolviam-na em cores que nunca soubera existir. Um par vindo de Jogos Nhai presenteou-a com um de seus zebralos listados, pretos e brancos, e ferozes. Uma viúva trouxe o cadáver do marido, coberto com uma crosta de folhas prateadas; acreditava-se que tais restos detinham grande poder, especialmente se o falecido tivesse sido um feiticeiro, como aquele. E a Irmandade Turmalina empurrou-lhe uma coroa trabalhada na forma de um dragão de três cabeças; os anéis eram de ouro amarelo, as asas, de prata, as cabeças, esculpidas em jade, marfim e ônix.

A coroa era a única oferenda que tinha guardado. O resto vendera, a fim de reunir a riqueza que desperdiçou nos Puronatos. Xaro quis também vender a coroa, os Treze iriam se assegurar que tivesse outra muito melhor, ele jurara, mas Dany proibira-o.

– Viserys vendeu a coroa da minha mãe, e os homens chamaram-no de pedinte. Eu guardarei esta, para que os homens me chamem de rainha – e foi o que fez, embora o peso fizesse seu pescoço doer.

Mesmo coroada, ainda sou uma pedinte, Dany pensou. *Tornei-me a mais esplêndida pedinte do mundo, mas uma pedinte mesmo assim*. Detestava isso, tal como o irmão devia ter detestado. *Todos aqueles anos correndo de cidade em cidade um passo à frente das facas do Usurpador, suplicando a ajuda de arcontes, príncipes e magísteres, comprando a nossa comida com lisonjas. Deve ter sabido como zombavam dele. Não é de se admirar que tivesse ficado tão zangado e amargo*. *No*

fim, aquilo o deixou louco. E vai fazer o mesmo comigo, se eu deixar. Parte de si gostaria de levar seu povo de volta a Vaes Tolorro e fazer a cidade morta florescer mais do que qualquer outra coisa. *Não, isso é derrota. Tenho algo que Viserys nunca teve. Tenho os dragões. Os dragões fazem toda a diferença.*

Afagou Rhaegal. O dragão verde fechou os dentes em torno da base do polegar e mordeu-a com força. Lá fora, a grande cidade murmurava, tamborilava e fervilhava, com toda a sua miríade de vozes fundindo-se num som grave como a arrebentação do mar.

– Abram alas, Homens de Leite, abram alas para a Mãe de Dragões – gritava Jhogo, e os qartenos afastavam-se, embora os bois talvez tivessem mais a ver com isso do que a voz dele.

Através das cortinas oscilantes, Dany capturava vislumbres do dothraki escarranchado no seu garanhão cinza. De tempos em tempos, dava em um dos bois um golpe com o chicote de cabo de prata que Dany lhe dera. Aggo montava guarda do outro lado, enquanto Rakharo cavalgava atrás da procissão, observando os rostos da multidão em busca de qualquer sinal de perigo. Naquele dia, deixara Sor Jorah para trás, a fim de guardar os outros dragões; o cavaleiro exilado opusera-se àquela loucura desde o início. *Ele desconfia de todo mundo*, refletiu, *e talvez com bons motivos.*

Quando Dany ergueu o cálice para beber, Rhaegal farejou o vinho e atirou a cabeça para trás, silvando.

– Seu dragão tem um bom nariz – Xaro limpou os lábios. – O vinho é simples. Dizem que para lá do Mar de Jade fazem um vinho dourado tão bom que um gole faz com que todos os outros vinhos tenham gosto de vinagre. Embarquemos na minha barca de prazer e partamos em busca dele, você e eu.

– A Árvore faz o melhor vinho do mundo – Dany afirmou. Lembrava-se que Lorde Redwyne tinha lutado pelo pai contra o Usurpador, um dos poucos a permanecer fiéis até o último momento. *Lutará também por mim?* Não havia como ter certeza depois de tantos anos. – Venha comigo para a Árvore, Xaro, e provará as melhores colheitas da sua vida. Mas teremos de ir num navio de guerra, não numa barca de prazer.

– Não possuo navios de guerra. A guerra é ruim para o comércio. Já lhe disse isso muitas vezes, Xaro Xhoan Daxos é um homem de paz.

Xaro Xhoan Daxos é um homem do ouro, ela pensou, *e o ouro vai me servir para comprar todos os navios e as espadas de que necessito*.

– Não lhe pedi que pegue numa espada, apenas que me empreste seus navios.

Ele sorriu com modéstia.

– Navios mercantes tenho alguns, é verdade. Quem saberá dizer quantos? Um pode estar se afundando, neste exato momento, em

algum canto tempestuoso do Mar do Verão. Amanhã, outro cairá nas garras de corsários. No dia seguinte, um de meus capitães poderá olhar as riquezas que transporta e pensar: *Tudo isso devia me pertencer*. São esses os perigos do comércio. Ora, quanto mais tempo conversarmos, menos navios eu devo ter. Fico mais pobre a cada instante.

– Dê-me navios, e vou torná-lo rico novamente.

– Case-se comigo, brilhante luz, e zarpe no navio do meu coração. Não consigo dormir à noite pensando em sua beleza.

Dany sorriu. As floridas afirmações de paixão de Xaro divertiam-na, mas seus modos não coincidiam com suas palavras. Enquanto Sor Jorah quase não conseguira afastar os olhos de seu seio nu quando a ajudara a subir ao palanquim, Xaro mal se dignou em reparar nele, mesmo naquele confinamento apertado. E ela tinha visto os lindos rapazes que rodeavam o príncipe mercador, esvoaçando pelos salões de seu palácio enfiados em tufos de seda.

– Fala docemente, Xaro, mas sob as suas palavras ouço mais um *não*.

– Esse Trono de Ferro de que fala parece horrivelmente frio e duro. Não consigo suportar a ideia de farpas irregulares cortando sua doce pele – as joias no nariz de Xaro davam-lhe o aspecto de uma estranha ave cintilante. Seus longos dedos elegantes fizeram um gesto de rejeição. – Deixe que seja este o seu reino, oh, mais requintada das rainhas, e deixe que seja eu o seu rei. Dar-lhe-ei um trono de ouro, se quiser. Quando Qarth começar a cansá-la, podemos viajar em torno de Yi Ti, em busca da fantástica cidade dos poetas, a fim de beber o vinho da sabedoria do crânio de um homem morto.

– Pretendo viajar para Westeros e beber o vinho da vingança do crânio do Usurpador – ela coçou Rhaegal por baixo de um olho, e suas asas verde-jade abriram-se por um momento, agitando o ar parado do palanquim.

Uma única lágrima perfeita correu pelo rosto de Xaro Xhoran Daxos.

– Não há nada que a afaste dessa loucura?

– Nada – Dany respondeu, desejando ter tanta certeza como aparentava. – Se cada um dos Treze me emprestasse dez navios…

– Teria cento e trinta navios sem tripulação que os manobrasse. A justiça de sua causa nada significa para os homens comuns de Qarth. Por que meus marinheiros se preocupariam com quem se senta no trono de um reino qualquer nos limites do mundo?

– Pagarei para que se preocupem.

– Com que moedas, querida estrela do meu céu?

– Com o ouro que trazem os que me procuram.

– Pode fazer isso – Xaro reconheceu –, mas tanta preocupação

custará caro. Terá de lhes pagar muito mais do que eu pago, e toda a Qarth ri da minha ruinosa generosidade.

– Se os Treze não quiserem ajudar, talvez deva pedir à Guilda das Especiarias ou à Irmandade Turmalina?

Xaro encolheu os ombros desinteressadamente.

– Não lhe darão nada além de lisonjas e mentiras. Os da Guilda são hipócritas e arrogantes, e a Irmandade está cheia de piratas.

– Então terei de escutar Pyat Pree e ir até os magos.

O príncipe mercador ergueu o corpo repentinamente.

– Pyat Pree tem lábios azuis, e, com verdade, falam que lábios azuis dizem apenas mentiras. Escute a sabedoria daquele que a ama. Os magos são criaturas amargas que comem poeira e bebem das sombras. Nada lhe darão. Nada têm para dar.

– Não precisaria procurar a ajuda de feiticeiros se meu amigo Xaro Xhoan Daxos me desse o que peço.

– Dei-lhe minha casa e meu coração, será que nada significam para a senhora? Dei-lhe perfume e romãs, macacos acrobáticos e cobras cuspidoras, pergaminhos da perdida Valíria, a cabeça de um ídolo e um pé de serpente. Dei-lhe este palanquim de ébano e ouro, e um conjunto de bois castrados para carregá-lo, um deles branco como marfim, e o outro negro como azeviche, com chifres incrustados de joias.

– Sim – Dany admitiu. – Mas o que eu queria eram navios e soldados.

– E não lhe dei um exército, mais doce das mulheres? Mil cavaleiros, cada um com uma armadura reluzente.

As armaduras tinham sido feitas de prata e ouro; os cavaleiros, de jade, berílio, ônix e turmalina, de âmbar, opala e ametista, todos do tamanho do seu mindinho.

– Mil adoráveis cavaleiros – ela retrucou –, mas não do tipo que meus inimigos tenham de temer. E meus bois castrados não me podem transportar através das águas. Eu… Por que estamos parando? – os bois tinham desacelerado notavelmente.

– *Khaleesi* – Aggo chamou por entre as cortinas enquanto o palanquim parava com uma sacudida súbita. Dany rolou sobre um cotovelo para se inclinar para fora. Encontravam-se nos limites da feira, com o caminho em frente bloqueado por uma muralha sólida de pessoas.

– Para onde eles estão olhando?

Jhogo voltou para junto dela.

– Um mago de fogo, *Khaleesi*.

– Quero ver.

– Então tem de ver.

O dothraki ofereceu-lhe uma mão. Quando ela a agarrou, ele a

puxou para cima do cavalo e sentou-a à sua frente, onde podia ver por cima das cabeças da multidão. O mago de fogo tinha conjurado uma escada no ar, uma crepitante escada laranja, feita de chamas rodopiantes, que se erguia, sem suporte, do chão da feira ao alto telhado engradado.

Dany notou que a maior parte dos espectadores não era da cidade. Viu marinheiros saídos de navios mercantes, mercadores vindos em caravanas, homens poeirentos chegados do deserto vermelho, soldados errantes, artesãos, comerciantes de escravos. Jhogo deslizou uma mão em torno de sua cintura e inclinou-se para ela.

– Os Homens de Leite evitam-no. *Khaleesi*, vê a moça com o chapéu de feltro? Ali, atrás do sacerdote gordo. É uma…

– … batedora de carteira – Dany concluiu. Não era nenhuma senhora mimada, cega para tais coisas. Tinha visto batedoras com fartura nas ruas das Cidades Livres, durante os anos que passara fugindo, com o irmão, das lâminas contratadas pelo Usurpador.

O mago gesticulava, instigando as chamas a subir cada vez mais com largos gestos de braço. Enquanto a assistência estendia o pescoço para cima, os batedores contorciam-se através da multidão, com pequenas lâminas escondidas nas palmas das mãos. Tiravam as moedas dos prósperos com uma mão enquanto apontavam com a outra para cima.

Quando a escada de fogo chegou aos doze metros de altura, o mago saltou para ela e começou a subi-la, escalando com as mãos tão depressa como um macaco. Cada degrau que tocava dissolvia-se sem deixar mais que um fiapo de fumaça prateada. Quando chegou ao topo, a escada desapareceu, e ele também.

– Um belo truque – Jhogo afirmou com admiração.

– Não é um truque – disse uma mulher no Idioma Comum.

Dany não reparara em Quaithe entre a multidão, mas ali estava ela, com olhos úmidos e reluzentes por trás da implacável máscara de laca vermelha.

– Que quer dizer, senhora?

– Há meio ano, aquele homem mal conseguia despertar fogo em vidro de dragão. Possuía uma pequena habilidade com pós e fogovivo, o suficiente para fascinar a multidão enquanto seus batedores de carteira faziam seu trabalho. Conseguia caminhar sobre carvão quente e fazer com que rosas ardentes desabrochassem no ar, mas não podia aspirar a subir a escada de fogo mais do que um comum pescador podia ter esperança de pegar uma lula gigante em sua rede.

Dany olhou para onde estivera a escada, sentindo-se desconfortável. Até a fumaça tinha desaparecido agora, e a multidão dispersava-se, com cada homem indo tratar de seus assuntos. Dentro

de mais um momento, alguns iriam encontrar as bolsas moles e vazias.

– E agora?

– E agora seus poderes crescem, *Khaleesi*. E você é a causa disso.

– Eu? – Dany riu. – Como assim?

A mulher se aproximou e encostou dois dedos no pulso de Dany.

– É a Mãe de Dragões, não é?

– É, e nenhum descendente das sombras pode tocá-la – Jhogo afastou seus dedos com o cabo do chicote.

A mulher deu um passo para trás.

– Deve deixar a cidade em breve, Daenerys Targaryen, senão, nunca lhe será permitido partir.

Dany ainda sentia um formigamento no pulso, no local onde Quaithe a tinha tocado.

– Para onde sugere que eu vá? – ela quis saber.

– Para ir ao norte, deve viajar para o sul. Para alcançar o oeste, tem de ir para o leste. Para ir em frente, deve voltar para trás, e para tocar a luz, tem de passar sob a sombra.

Asshai, pensou Dany. *Ela quer que eu vá para Asshai.*

– Os asshai'i vão me dar um exército? – quis saber. – Haverá ouro para mim em Asshai? Haverá navios? O que há em Asshai que não posso encontrar em Qarth?

– A verdade – disse a mulher da máscara. E, com uma reverência, voltou a desaparecer na multidão.

Rakharo fungou de desprezo por trás de seus bigodes negros e pendentes.

– *Khaleesi*, um homem faria melhor se engolisse escorpiões do que se confiasse em descendentes das sombras que não se atrevem a mostrar a face à luz do sol. É sabido.

– É sabido – Aggo concordou.

Xaro Xhoan Daxos tinha observado toda a conversa de cima de suas almofadas. Quando Dany voltou a subir para o palanquim a seu lado, disse:

– Seus selvagens são mais sábios do que julgam. Verdades como as que os asshai'i escondem não são do tipo que a fariam sorrir – então, obrigou-a a aceitar outra taça de vinho e tornou a falar de amor, luxúria e outras ninharias ao longo de toda a viagem de volta à mansão.

No sossego de seus aposentos, Dany despiu os adornos e envergou uma veste solta de seda púrpura. Os dragões estavam com fome, por isso cortou uma serpente e esturricou as fatias num braseiro. *Eles estão crescendo*, ela reparou enquanto os observava lançando mordidas uns aos outros, na disputa pela carne enegrecida. *Devem pesar o dobro do que pesavam em Vaes Tolorro*. Mesmo assim, ainda levaria anos até que fossem suficientemente grandes para ser levados para a guerra. *E*

também devem ser treinados, caso contrário arrasarão meu reino. Apesar de todo o seu sangue Targaryen, Dany não fazia a menor ideia de como se treinava um dragão.

Sor Jorah Mormont veio encontrá-la ao pôr do sol.

– Os Puronatos disseram-lhe que não?

– Tal como você disse que fariam. Venha, sente-se, dê-me seu conselho – Dany puxou-o para as almofadas a seu lado, e Jhiqui trouxe-lhes uma tigela de azeitonas roxas e cebolas marinadas em vinho.

– Não conseguirá ajuda nesta cidade, *khaleesi* – Sor Jorah pegou uma cebola entre o indicador e o polegar. – Cada dia que passa, mais me convenço disso. Os Puronatos não veem além das muralhas de Qarth, e Xaro…

– Xaro pediu-me de novo para casar com ele.

– Sim, e eu sei por quê – quando o cavaleiro franzia a testa, suas pesadas sobrancelhas juntavam-se por cima de seus olhos encovados.

– Ele sonha comigo, de dia e de noite – ela riu.

– Perdoe-me, minha rainha, mas é com os seus dragões que ele sonha.

– Xaro garante-me que em Qarth os homens e as mulheres mantêm suas propriedades depois de se casar. Os dragões são meus – Dany sorriu quando Drogon veio saltando e batendo as asas pelo chão de mármore para se aninhar na almofada ao seu lado.

– Ele fala a verdade até onde disse, mas há uma coisa que se esqueceu de mencionar. Os qartenos têm um curioso costume nupcial, minha rainha. No dia da união, a esposa pode pedir um penhor de amor ao marido. Qualquer coisa que ela deseje de seus bens terrenos, ele tem de lhe conceder. E pode pedir-lhe a mesma coisa. Só uma coisa pode ser pedida, mas, seja o que for, não pode ser negado.

– Uma coisa – ela repetiu. – E não pode ser negada?

– Com um dragão, Xaro Xhoan Daxos governaria esta cidade, mas um navio pouco adianta à nossa causa.

Dany mordiscou uma cebola e refletiu tristemente sobre a deslealdade dos homens.

– Passamos pela feira no caminho de volta do Salão dos Mil Tronos – disse a Sor Jorah. – Quaithe estava lá – contou-lhe o que tinha visto o mago fazer com a escada de fogo, e o que a mulher da máscara vermelha lhe dissera.

– Para falar a verdade, ficaria contente por deixar esta cidade – disse o cavaleiro quando ela se calou. – Mas não na direção de Asshai.

– Então, para onde?

– Para leste.

– Mesmo aqui estou a meio mundo de distância do meu reino. Se for ainda mais para leste, posso nunca encontrar o caminho de volta a

Westeros.

– Se for para oeste, arriscará a vida.

– A Casa Targaryen tem amigos nas Cidades Livres – relembrou-lhe Dany. – Amigos mais verdadeiros do que Xaro ou os Puronatos.

– Se pensa em Illyrio Mopatis, tenho dúvidas. Em troca de ouro suficiente, Illyrio venderia a senhora tão depressa como a um escravo.

– Meu irmão e eu fomos hóspedes na mansão de Illyrio durante meio ano. Se pretendesse nos vender, poderia ter feito isso na época.

– Ele vendeu a senhora – Sor Jorah retrucou. – A Khal Drogo.

Dany corou. O cavaleiro dizia a verdade, mas não gostou do tom duro que empregou na afirmação.

– Illyrio protegeu-nos das facas do Usurpador, e acreditava na causa do meu irmão.

– Illyrio não acredita em nenhuma causa a não ser na dele mesmo. Como regra, os glutões são homens gananciosos, e os magísteres, tortuosos. Illyrio Mopatis é ambas as coisas. O que sabe realmente sobre ele?

– Sei que me deu os ovos de dragão.

O cavaleiro fungou.

– Se soubesse que os ovos podiam eclodir, teria se sentado pessoalmente sobre eles.

Aquilo fez com que ela sorrisse a contragosto.

–Ah, não tenho qualquer dúvida disso, sor. Conheço Illyrio melhor do que você pensa. Era uma criança quando deixei sua mansão em Pentos para desposar meu sol-e-estrelas, mas não era nem surda nem cega. E agora não sou criança.

– Mesmo se Illyrio for o amigo que pensa que é – o cavaleiro disse teimosamente –, não é suficientemente poderoso para entronizá-la sozinho, tal como não pôde fazer ao seu irmão.

– Ele é rico. Não tão rico como Xaro, talvez, mas suficientemente rico para contratar navios para mim, e também homens.

– Mercenários têm suas utilidades – Sor Jorah admitiu –, mas não conquistará o trono do seu pai com o refugo das Cidades Livres. Nada une um reino fracionado tão depressa como um exército invasor em seu solo.

– Eu sou sua legítima rainha – Dany protestou.

– É uma estranha que pretende desembarcar em sua costa com um exército de forasteiros que sequer sabem falar o Idioma Comum. Os senhores de Westeros não a conhecem, e têm todos os motivos para temê-la e desconfiar da senhora. Precisa ganhá-los antes de zarpar. Pelo menos alguns.

– E como é que posso fazer isso se for para leste como aconselha?

Ele comeu uma azeitona e cuspiu o caroço na palma da mão.

– Não sei, Vossa Graça, mas sei que quanto mais tempo

permanecer num local, mais fácil será para seus inimigos a encontrarem. O nome *Targaryen* ainda os assusta. Tanto, que enviaram um homem para assassiná-la quando ouviram dizer que esperava um bebê. O que farão quando souberem de seus dragões?

Drogon estava enrolado debaixo do seu braço, tão quente como uma pedra que tivesse passado o dia inteiro sob o sol escaldante. Rhaegal e Viserion lutavam por um naco de carne, estapeando-se mutuamente com as asas enquanto fumaça saía assobiando de suas narinas. *Meus filhos furiosos*, pensou Dany. *Nada pode lhes acontecer*.

– O cometa trouxe-me a Qarth por um motivo. Tive esperança de encontrar aqui meu exército, mas parece que não será assim. Pergunto a mim mesma o que resta – *tenho medo*, compreendeu, *mas devo ser corajosa*. – Quando chegar a manhã, iremos encontrar Pyat Pree.

Tyrion

A menina não chegou a chorar. Por mais nova que fosse, Myrcella Baratheon era uma princesa nata. *E uma Lannister, apesar do nome*, recordou-se Tyrion, *tanto do sangue de Jaime como do de Cersei*.

Era certo que o sorriso da garota estava um tanto trêmulo quando os irmãos se despediram dela no convés do *Mar Ligeiro*, mas ela conhecia as palavras adequadas, e as proferiu com coragem e dignidade. Quando chegou a hora de se separarem, foi Príncipe Tommen quem chorou, e Myrcella quem o confortou.

Tyrion observou as despedidas de cima do elevado convés do *Martelo do Rei Robert*, uma grande galé de guerra de quatrocentos remos. O *Martelo de Rob*, como os remadores o chamavam, constituiria a força principal da escolta de Myrcella. *Estrela Leonina*, *Vento Ousado* e *Senhora Lyanna* também viajariam com ela.

Tyrion sentia-se mais do que um pouco incomodado ao destacar uma parte tão grande da sua já inadequada frota, amputada que estava de todos os navios que tinham partido com Lorde Stannis para Pedra do Dragão e nunca tinham voltado, mas Cersei não queria ouvir falar de nada menos. Talvez tivesse razão. Se a garota fosse capturada antes de alcançar Lançassolar, a aliança com Dorne ficaria em frangalhos. Até agora, Doran Martell não tinha feito nada além de chamar os vassalos. Depois de Myrcella estar a salvo em Bravos, prometera deslocar suas forças para os desfiladeiros elevados, onde a ameaça poderia levar alguns dos senhores da Marca a repensar suas lealdades, e Lorde Stannis a hesitar quanto à marchar para o Norte. Mas era apenas uma simulação. Os Martell não se entregariam realmente à batalha, a menos que o próprio Dorne fosse atacado, e Stannis não era assim tão tolo. *Se bem que alguns de seus vassalos podem ser*, Tyrion refletiu. *Devia pensar nisso*.

Limpou a garganta:

– Conhece as suas ordens, capitão.

– Sim, senhor. Devemos seguir a costa, permanecendo sempre à vista da terra, até atingirmos a Ponta da Garra Rachada. Daí, devemos avançar através do mar estreito na direção de Bravos. Sob nenhuma circunstância deveremos velejar à vista de Pedra do Dragão.

– E se nossos inimigos por acaso os avistarem mesmo assim?

– Se for um navio isolado, deveremos fazê-lo fugir ou destrui-lo. Se houver mais, o *Vento Ousado* deverá se juntar ao *Mar Ligeiro* a fim de protegê-lo, enquanto o resto da frota dá batalha.

Tyrion acenou. Se o pior acontecesse, o pequeno *Mar Ligeiro* deveria ser capaz de escapar de uma perseguição. Um navio pequeno com grandes velas era mais rápido do que qualquer navio de guerra,

ou pelo menos era o que o capitão afirmara. Depois de Myrcella chegar a Bravos, devia estar a salvo. Tyrion enviava com ela Sor Arys Oakheart, a fim de servir como protetor juramentado, e contratara os bravosianos para que a levassem pelo resto do caminho até Lançassolar. Até Lorde Stannis hesitaria em despertar a ira da maior e mais poderosa das Cidades Livres. Viajar de Porto Real a Dorne via Bravos dificilmente seria a mais direta das rotas, mas *era* a mais segura… ou pelo menos era essa a sua esperança.

Se Lorde Stannis soubesse dessa viagem, não poderia escolher melhor momento para mandar sua frota contra nós. Tyrion olhou de relance para onde a Torrente se esvaziava na Baía da Água Negra, e ficou aliviado por não ver sinal de velas no amplo horizonte verde. Segundo o último relatório, a frota Baratheon permanecia ao largo de Ponta Tempestade, onde Sor Cortnay Penrose continuava a desafiar o cerco em nome do falecido Renly. Entretanto, estavam concluídos três quartos da construção das torres de guincho de Tyrion. Naquele exato momento, homens içavam pesados blocos de pedra para os seus lugares, enquanto decerto o xingavam por obrigá-los a trabalhar durante as festividades. Que xingassem. *Mais uma quinzena, Stannis, é tudo de que preciso. Mais uma quinzena e ficará pronto*.

Tyrion observou a sobrinha, que se ajoelhava perante o Alto Septão, a fim de receber a bênção para a viagem. A luz do sol incidiu na coroa de cristal do homem e derramou arcos-íris sobre o rosto erguido de Myrcella. O ruído vindo da margem do rio tornava impossível ouvir as preces. Tyrion esperava que os deuses tivessem ouvidos mais aguçados do que ele. O Alto Septão era tão gordo como uma bola, e conseguia ser ainda mais pomposo e loquaz do que Pycelle. *Basta, velho, ponha um ponto final nisso*, Tyrion pensou, irritado. *Os deuses têm coisas melhores a fazer do que ouvir o que você diz, e eu também*.

Quando enfim terminaram os zumbidos e murmúrios, Tyrion despediu-se do capitão do *Martelo de Rob*.

– Entregue minha sobrinha em segurança em Bravos, e haverá um grau de cavaleiro à sua espera quando regressar – ele prometeu.

Enquanto abria caminho pela íngreme prancha até o cais, Tyrion sentia olhares pouco amistosos sobre ele. A galé oscilava suavemente, e o movimento sob seus pés fazia-o balançar mais do que nunca. *Aposto que adorariam troçar*. Ninguém se atrevia, pelo menos abertamente, se bem que tivesse ouvido resmungos misturados com os rangidos da madeira e das cordas e com o ruído que a corrente do rio fazia em torno das estacas. *Eles não gostam de mim. Bem, pouco admira. Estou bem alimentado e sou feio, enquanto eles passam fome*.

Bronn o escoltou através da multidão para se juntar à irmã e aos filhos dela. Cersei o ignorou, preferindo derramar sorrisos sobre o

primo. Observou-a encantando Lancel com olhos tão verdes como o cordão de esmeraldas que rodeava sua esguia garganta branca, e deu um pequeno sorriso dissimulado para si próprio. *Conheço seu segredo, Cersei*, pensou. A irmã visitara frequentemente o Alto Septão nos últimos tempos, a fim de procurar as bênçãos dos deuses para a luta que se avizinhava com Lorde Stannis… Ou pelo menos era nisso que queria que ele acreditasse. Na verdade, após uma breve visita ao Grande Septo de Baelor, Cersei vestia um manto marrom comum de viajante e esgueirava-se para ir encontrar um certo pequeno cavaleiro que ostentava o improvável nome de Sor Osmund Kettleblack e seus irmãos, igualmente duvidosos, Osney e Osfryd. Lancel tinha lhe contado tudo a respeito deles. Cersei pretendia usar os Kettleblack para comprar sua própria força de mercenários.

Bem, que desfrute de seus planos. Era muito mais amável quando pensava que o estava passando na frente. Os Kettleblack iriam encantá-la, receberiam seu dinheiro e prometeriam tudo o que ela pedisse. E por que não haveriam de fazer isso, se Bronn igualava cada centavo de cobre, moeda por moeda? Patifes amigáveis, todos os três, os irmãos eram na verdade muito mais habilidosos na fraude do que algum dia tinham sido no derramamento de sangue. Cersei tinha conseguido comprar três tambores vazios; eles fariam todos os ferozes sons trovejantes que ela pedisse, mas não tinham nada por dentro. Aquilo divertia Tyrion infinitamente.

Trombetas tocaram fanfarras quando o *Estrela Leonina* e o *Senhora Lyanna* se afastaram da costa, deslocando-se para jusante, a fim de abrir caminho ao *Mar Ligeiro*. Ouviram-se algumas aclamações vindas da multidão que se apertava nas margens, tão tênues e esfarrapadas como as nuvens que corriam no céu. Myrcella sorriu e acenou do convés. Atrás dela encontrava-se Arys Oakheart, com o manto branco ondulando ao vento. O capitão ordenou que as amarras fossem soltas, e os remos empurraram o *Mar Ligeiro* para a vigorosa correnteza da Torrente da Água Negra, onde suas velas desabrocharam ao vento… simples velas brancas, conforme Tyrion insistira, e não panos do carmim Lannister. O Príncipe Tommen soluçou.

– Você mia como um bebê de peito – silvou-lhe o irmão. – Príncipes não devem chorar.

– O Príncipe Aemon, Cavaleiro do Dragão, chorou no dia em que a Princesa Naerys se casou com o irmão Aegon – Sansa Stark interveio –, e os gêmeos Sor Arryk e Sor Erryk morreram com lágrimas no rosto depois de cada um deles ter dado ao outro um ferimento mortal.

– Cale-se, senão ordeno que Sor Meryn dê a *você* um ferimento mortal – Joffrey disse à sua prometida. Tyrion olhou de relance para a irmã, mas Cersei estava absorta por alguma coisa que Sor Balon Swann lhe dizia. *Será ela realmente tão cega para não ver o que ele é?*,

perguntou a si mesmo.

No rio, o *Vento Ousado* desarmou os remos e deslizou corrente abaixo na esteira do *Mar Ligeiro*. Por fim, foi a vez do *Martelo do Rei Robert*, o poderio da frota real… ou pelo menos da porção que não tinha fugido com Stannis para Pedra do Dragão no ano anterior. Tyrion escolhera os navios com cuidado, evitando todos aqueles cujos capitães pudessem ser de lealdade duvidosa, de acordo com Varys… Mas, como o próprio Varys era de lealdade duvidosa, restava certo grau de apreensão. *Dependo de Varys em excesso*, refletiu. *Preciso de meus próprios informantes. Não que fosse confiar neles. A confiança pode nos matar.*

Voltou a se interrogar a respeito de Mindinho. Não havia chegado quaisquer notícias de Petyr Baelish desde que partira para Ponteamarga. Isso podia não querer dizer nada… ou tudo. Nem mesmo Varys sabia. O eunuco sugerira que talvez Mindinho tivesse encontrado algum infortúnio nas estradas. Podia até estar morto. Tyrion fungara com ironia.

– Se Mindinho está morto, eu sou um gigante.

O mais provável era que os Tyrell estivessem recusando o casamento proposto. Tyrion dificilmente podia culpá-los por isso. *Se eu fosse Mace Tyrell, mais depressa quereria ver a cabeça de Joffrey num espigão do que seu pau na minha filha.*

A pequena frota estava bem adiante na baía quando Cersei indicou que era hora de partir. Bronn trouxe o cavalo de Tyrion e o ajudou a montar. Aquela tarefa era de Podrick Payne, mas o tinham deixado na Fortaleza Vermelha. O magro mercenário tinha uma presença mais tranquilizadora do que o rapaz.

As estreitas ruas eram defendidas por homens da Patrulha da Cidade, mantendo a multidão afastada com os cabos das lanças. Sor Jacelyn Bywater seguia à frente, encabeçando uma cunha de lanceiros a cavalo com cota de malha preta e manto dourado. Atrás dele vinham Sor Aron Santagar e Sor Balon Swann, transportando os estandartes do rei, o leão dos Lannister e o veado coroado dos Baratheon.

Rei Joffrey seguia-os num alto palafrém cinza, com uma coroa dourada pousada em seus caracóis dourados. Sansa Stark montava uma égua alazã a seu lado, sem olhar nem para a esquerda nem para a direita, com o espesso cabelo ruivo fluindo até os ombros em uma rede de selenitas. Dois dos membros da Guarda Real flanqueavam o casal, Cão de Caça à direita do rei e Sor Mandon Moore à esquerda da menina Stark.

A seguir vinha Tommen, fungando, com Sor Preston Greenfield em sua armadura e manto brancos, e depois Cersei, acompanhada por Sor Lancel e protegida por Meryn Trant e Boros Blount. Tyrion ficou ao lado da irmã. Atrás deles seguia o Alto Septão em sua liteira, e uma

longa comitiva de outros cortesãos: Sor Horas Redwyne, Senhora Tanda e a filha, Jalabhar Xho, Lorde Gyles Rosby e os outros. Uma dupla coluna de guardas fechava a retaguarda.

Os barbados e sujos fitavam os cavaleiros com um ressentimento embotado, do outro lado da linha de lanças. *Não gosto disso nem um pouquinho*, Tyrion pensou. Bronn tinha um grupo de vinte mercenários espalhados pela multidão com ordens de acabar com qualquer problema antes de ele começar. Talvez Cersei tivesse colocado seus Kettleblack de forma semelhante. De algum modo, Tyrion achava que isso não ajudaria muito. Se o fogo estivesse quente demais, era difícil impedir que a sobremesa se queimasse atirando um punhado de passas para dentro da panela.

Atravessaram a Praça dos Peixeiros e avançaram ao longo da Via Lamacenta antes de virar para o estreito e curvo Gancho e dar início à subida da Colina de Aegon. Algumas vozes começaram a gritar "*Joffrey! Viva, viva!*" enquanto o jovem rei passava, mas a cada homem que gritava, uma centena mantinha-se em silêncio. Os Lannister deslocavam-se através de um mar de homens esfarrapados e mulheres esfomeadas, enfrentando uma maré de olhos carrancudos. Bem à sua frente, Cersei ria de alguma coisa que Lancel tinha dito, embora Tyrion suspeitasse de que sua alegria era fingida. Não podia estar alheia à agitação que os rodeava, mas a irmã sempre acreditava em dar um espetáculo de bravura.

Com metade da viagem percorrida, uma mulher em prantos forçou a passagem por entre dois guardas e correu para a rua, à frente do rei e de seus companheiros, segurando o cadáver do bebê morto acima da cabeça. Estava azul e inchado, grotesco, mas o verdadeiro horror eram os olhos da mãe. Joffrey olhou-a por um momento como se quisesse atropelá-la, mas Sansa Stark debruçou-se e lhe disse qualquer coisa. O rei atrapalhou-se com a bolsa e atirou à mulher um veado de prata. A moeda quicou na criança e afastou-se rolando, passando por baixo das pernas dos homens de manto dourado, para o meio da multidão, onde uma dúzia de homens começou a lutar por ela. A mulher nem sequer piscou. Seus braços muito magros tremiam com o peso morto do filho.

– Deixe-a, Vossa Graça – Cersei gritou ao filho –, ela está para lá da nossa ajuda, coitada.

A mãe ouviu. De algum modo a voz da rainha abriu caminho através da inteligência devastada da mulher. Seu rosto descuidado contorceu-se com repugnância.

– *Puta!* – ela guinchou. – *Puta do Regicida! Fode-irmãos!* – seu filho morto caiu de seus braços como uma saca de farinha quando apontou para Cersei. – *Fode-irmãos, fode-irmãos, fode-irmãos.*

Tyrion não chegou a ver quem atirou o esterco. Só ouviu o

arquejo de Sansa e a praga berrada por Joffrey, e, quando virou a cabeça, o rei limpava sujeira marrom do rosto. Havia mais no seu cabelo dourado e salpicos pelas pernas de Sansa.

– Quem atirou isso? – Joffrey gritou. Levou os dedos ao cabelo, fez uma cara furiosa e atirou ao chão mais um punhado de bosta. – Quero o homem que atirou isso! – gritou. – Cem dragões de ouro para o homem que o denunciar.

– Ele estava ali em cima! – gritou alguém da multidão. O rei obrigou o cavalo a descrever um círculo a fim de inspecionar os telhados e as varandas abertas acima deles. Na multidão havia pessoas apontando, empurrando, amaldiçoando-se umas às outras e ao rei.

– Por favor, Vossa Graça, deixe-o ir – Sansa suplicou.

O rei não prestou atenção.

– Tragam o homem que atirou aquela imundície! – Joffrey ordenou. – Há de lambê-la de cima de mim, caso contrário corto sua cabeça. Cão, traga-o aqui!

Obediente, Sandor Clegane saltou da sela, mas não havia maneira de passar através daquela muralha de carne, muito menos de subir ao telhado. Aqueles que estavam mais próximos começaram a se contorcer e a empurrar para se afastar, enquanto outros faziam pressão para a frente, queriam ver. Tyrion sentiu o cheiro do desastre.

– Clegane, deixe-o, o homem já fugiu há muito tempo.

– Eu *quero* esse homem! – Joffrey apontou para o telhado. – Ele estava ali em cima! Cão, abra caminho com a espada através deles e traga-me…

Um tumulto de som afogou suas últimas palavras, um trovão rolante de raiva, medo e ódio que os submergiu por todos os lados. "*Bastardo!*", alguém gritou para Joffrey, "*monstro bastardo*." Outras vozes lançavam nomes como "*Puta*" e "*Fode-irmãos*" à rainha, enquanto Tyrion era crivado com gritos de "*Aborto*" e "*Meio-Homem*". Misturados com os insultos, ouviu alguns gritos por "*Justiça*" e "*Robb, Rei Robb, o Jovem Lobo*", por "*Stannis!*" e até por "*Renly!*". De ambos os lados da rua, a multidão encapelou-se contra os cabos das lanças enquanto os homens de mantos dourados lutavam para manter a fileira. Pedras, bosta e coisas piores zumbiam por cima das cabeças. "Dê-nos comida!", guinchou uma mulher. "Pão!", trovejou um homem atrás dela. "*Queremos pão*, bastardo!" Num instante, mil vozes juntaram-se ao cântico. Rei Joffrey, Rei Robb e Rei Stannis foram esquecidos, e o Rei Pão governou sozinho. "*Pão!*", gritaram. "*Pão, pão!*"

Tyrion esporeou o cavalo para o lado da irmã, gritando:

– De volta ao castelo. *Agora.*

Cersei fez um aceno brusco, e Sor Lancel desembainhou a espada. À frente da coluna, Jacelyn Bywater rugia ordens. Seus homens a

cavalo baixaram as lanças e avançaram em cunha. O rei fazia o palafrém rodopiar em círculos ansiosos enquanto mãos atravessavam a fileira de mantos dourados, tentando agarrá-lo. Uma conseguiu pegar sua perna, mas só por um instante. A espada de Sor Mandon desceu, separando a mão do pulso.

– *Cavalga!* – Tyrion gritou ao sobrinho, dando uma forte palmada na garupa do cavalo. O animal empinou-se, relinchando, e mergulhou à frente, obrigando a multidão a dispersar.

Tyrion conduziu o cavalo para a abertura, na cola dos cascos do rei. Bronn acompanhou-o, de espada na mão. Uma pedra irregular passou voando perto de sua cabeça enquanto cavalgava, e uma couve podre explodiu contra o escudo de Sor Mandon. À esquerda do grupo, três homens de manto dourado caíram sob a força da multidão, que correu em frente, pisoteando os homens derrubados. Cão de Caça tinha desaparecido, embora seu cavalo cavalgasse sem cavaleiro ao lado deles. Tyrion viu Aron Santagar ser puxado de cima da sela, enquanto o veado dourado e negro dos Baratheon era arrancado de suas mãos. Sor Balon Swann deixou o leão dos Lannister cair para pegar a espada. Lançou golpes à direita e à esquerda, enquanto o estandarte caído era rasgado e mil pedaços esfarrapados rodopiavam para longe, como folhas carmesins num vento de tempestade, e, num instante, desapareceram. Alguém cambaleou para a frente do cavalo de Joffrey e berrou quando o rei o atropelou. Tyrion não seria capaz de dizer se tinha sido homem, mulher ou criança. Joffrey galopava ao seu lado, pálido como leite coalhado, com Sor Mandon Moore à sua esquerda como uma sombra branca.

De repente, a loucura ficou para trás e ressoou pela praça pavimentada que se abria diante da barbacã do castelo. Uma fileira de lanceiros defendia os portões. Sor Jacelyn fazia seus lanceiros descreverem meia-volta para outra investida. As lanças abriram-se para deixar o grupo do rei passar sob a porta levadiça. Muralhas vermelho-claras erguiam-se em volta deles, tranquilizadoramente altas e repletas de besteiros.

Tyrion não se lembrava de ter desmontado. Sor Mandon ajudava o abalado rei a descer do cavalo, enquanto Cersei, Tommen e Lancel atravessavam os portões com Sor Meryn e Sor Boros logo atrás. A lâmina de Boros estava coberta de sangue, e o manto branco de Meryn tinha sido arrancado de seus ombros. Sor Balon Swann entrou sem elmo, com a montaria espumando e a boca sangrando. Horas Redwyne trouxe a Senhora Tanda, meio enlouquecida de medo pela filha Lollys, que tinha sido derrubada da sela e deixada para trás. Lorde Gyles, com o rosto mais cinzento do que nunca, gaguejou uma história sobre ter visto o Alto Septão sendo derrubado da liteira, gritando preces enquanto a multidão o arrastava. Jalabhar Xho disse que pensava ter

visto Sor Preston Greenfield da Guarda Real cavalgar na direção da liteira virada do Alto Septão, mas não tinha certeza.

Tyrion ouviu vagamente um meistre perguntando se ele estava ferido. Abriu caminho pelo pátio aos empurrões até onde estava o sobrinho, com a coroa suja de esterco acomodada de lado na cabeça.

– Traidores – Joffrey balbuciava, nervoso –, vou cortar as cabeças de todos, vou…

O anão deu um tapa tão forte em sua cabeça coroada que a coroa voou. Depois, empurrou-o com ambas as mãos e o derrubou, fazendo-o estatelar-se no chão.

– Seu maldito e cego *idiota*.

– Eles eram traidores – do chão, Joffrey guinchou. – Chamaram-me de nomes e atacaram-me!

– *Você atiçou seu cão sobre eles*! Que imaginava que fizessem, que dobrassem docilmente o joelho enquanto Cão de Caça cortava alguns braços e pernas? Seu *garotinho* mimado e imbecil, matou Clegane, e só os deuses sabem quantos mais, e, no entanto, *você* escapou sem um arranhão. *Maldito seja!* – Tyrion o chutou. A sensação era tão boa que poderia tê-lo feito mais vezes, mas Sor Mandon Moore o puxou para trás enquanto Joffrey uivava, e rapidamente Bronn estava ali para contê-lo. Cersei ajoelhou junto ao filho, enquanto Sor Balon Swann continha Sor Lancel. Tyrion libertou-se de Bronn com uma sacudida. – Quantos ainda estão lá fora? – gritou para ninguém e para todos.

– Minha filha – chorou a Senhora Tanda. – Por favor, alguém tem de voltar à procura de Lollys…

– Sor Preston não regressou – relatou Sor Boros Blount –, nem Aron Santagar.

– Nem a Ama de Leite – disse Sor Horas Redwyne. Era o apelido jocoso que os outros escudeiros tinham atribuído a Tyrek Lannister.

Tyrion passou os olhos pelo pátio.

– Onde está a menina Stark?

Por um momento, ninguém respondeu. Finalmente Joffrey falou:

– Ela cavalgava a meu lado. Não sei para onde foi.

Tyrion apertou as têmporas latejantes com dedos ásperos. Se algo tivesse acontecido a Sansa Stark, Jaime era um homem morto.

– Sor Mandon, você era o escudo dela.

O homem permaneceu impassível:

– Quando atacaram Cão de Caça, pensei primeiro no rei.

– E com razão – Cersei interveio. – Boros, Meryn, voltem e encontrem a menina.

– E a minha filha? – soluçou a Senhora Tanda. – Por favor, sores…

Sor Boros não pareceu contente com a perspectiva de abandonar a segurança do castelo.

– Vossa Graça – disse à rainha –, ver nossos mantos brancos pode enfurecer o povo.

Tyrion tinha engolido o máximo que conseguia.

– Que os Outros levem a porra de seus mantos! *Tire-o*, se tem medo de usá-lo, maldito imbecil… Mas *encontre Sansa Stark* ou, juro, mandarei que Shagga abra essa sua cabeça feia para ver se há alguma coisa aí dentro além de chouriços.

Sor Boros ficou roxo de raiva.

– Você está *me* chamando de feio? *Você*? – começou a erguer a espada ensanguentada que ainda agarrava com o punho coberto de cota de malha. Bronn empurrou Tyrion sem-cerimônia para trás de seu corpo.

– *Parem!* – Cersei exclamou. – Boros, vá fazer o que lhe é pedido, ou encontraremos outra pessoa para usar esse manto. Seu voto…

– Ali está ela! – Joffrey gritou, apontando.

Sandor Clegane entrou pelos portões a um meio-galope, vivo, montado no corcel castanho de Sansa. A garota vinha sentada atrás, apertando o peito do Cão de Caça com ambos os braços.

Tyrion gritou:

– Está ferida, Senhora Sansa?

Escorria sangue pela testa de Sansa, vindo de um golpe profundo em seu couro cabeludo.

– Eles… Eles estavam atirando coisas… Pedras e sujeira, ovos… Tentei lhes dizer, não tinha pão para lhes dar. Um homem tentou me puxar da sela. Acho que Cão de Caça o matou… o braço dele… – seus olhos esbugalharam-se e ela colocou uma mão sobre a boca. – Ele *cortou seu braço fora.*

Clegane pôs Sansa no chão. Seu manto branco estava rasgado e manchado, e saía sangue de um rasgo irregular na manga esquerda.

– O passarinho está sangrando. Alguém tem que levá-lo de volta à gaiola e tratar daquele golpe – Meistre Franken aproximou-se rapidamente para obedecer. – Despacharam Santagar – prosseguiu Cão de Caça. – Quatro homens seguraram-no no chão e revezaram-se para bater em sua cabeça com uma pedra de pavimentação. Estripei um deles, não que isso tenha feito algum bem a Sor Aron.

Senhora Tanda dirigiu-se a ele:

– A minha filha...

– Não cheguei a vê-la – Cão de Caça passou os olhos pelo pátio, de cenho carregado. – Onde está o meu cavalo? Se aconteceu alguma coisa àquele cavalo, alguém vai ter de pagar.

– Ele veio correndo conosco durante algum tempo – Tyrion respondeu –, mas não sei o que houve depois disso.

– *Fogo!* – gritou uma voz de cima da barbacã. – Senhores, há fumaça na cidade. A Baixada das Pulgas está ardendo.

Tyrion estava indizivelmente cansado, mas não havia *tempo* para desespero.

– Bronn, leve tantos homens quanto precisar e assegure-se de que os carros de água não sejam molestados – *que os deuses sejam bons, o fogovivo, se alguma chama chegar até ele…* – Podemos perder toda a Baixada das Pulgas se for preciso, mas em hipótese alguma o fogo poderá atingir o Palácio dos Alquimistas, está entendido? Clegane, você vai com ele.

Durante meio segundo, Tyrion pensou vislumbrar medo nos olhos escuros do Cão de Caça. *Fogo*, compreendeu. *Que os Outros me levem, claro que ele odeia fogo, já o experimentou bem demais.* A expressão desapareceu num instante, substituída pela carranca familiar de Clegane.

– Irei – ele concordou –, mas não por *sua* ordem. Tenho de encontrar aquele cavalo.

Tyrion virou-se para os três cavaleiros restantes da Guarda Real.

– Cada um de vocês irá escoltar um arauto. Ordenem a todos que retornem às suas casas. Qualquer homem que for encontrado nas ruas depois do último repique do toque de anoitecer será morto.

– Nosso lugar é ao lado do rei – disse Sor Meryn com complacência.

Cersei empinou-se como uma víbora:

– Seu lugar é onde o meu irmão disser que é – ela cuspiu. – A Mão fala com a voz do rei, e desobediência é traição.

Boros e Meryn trocaram um olhar.

– Devemos usar nossos mantos, Vossa Graça? – Sor Boros perguntou.

– Por mim podem até ir nus. Isso talvez lembre à multidão que são homens. É provável que tenham se esquecido disso depois de verem o modo como se comportaram lá fora.

Tyrion deixou a irmã enfurecer-se. Sentia a cabeça latejando. Achava que conseguia sentir o cheiro de fumaça, embora talvez fosse apenas o odor de seus nervos desgastados. Dois dos Corvos de Pedra guardavam a porta da Torre da Mão.

– Vão atrás de Timett, filho de Timett.

– Os Corvos de Pedra não correm gritando atrás de Homens Queimados – informou-o um dos selvagens com altivez.

Por um momento, Tyrion tinha se esquecido de com quem lidava.

– Então vão atrás de Shagga.

– Shagga dorme.

Não gritar era um esforço.

– Acorde-o. Vá.

– Não é nada fácil acordar Shagga, filho de Dolf – o homem protestou. – Sua ira é temível – e foi embora resmungando.

O homem dos clãs entrou calmamente, bocejando e se coçando.

– Metade da cidade está amotinada, a outra metade está ardendo, e Shagga ronca – Tyrion o recebeu.

– Shagga não gosta da água lamacenta que aqui tem, por isso tem de beber da sua cerveja fraca e do seu vinho azedo, e depois a cabeça dói.

– Tenho Shae numa mansão perto do Portão de Ferro. Quero que vá até lá e a mantenha a salvo, aconteça o que acontecer.

O enorme homem sorriu, com os dentes transformados numa fenda amarela no território selvagem e peludo de sua barba.

– Shagga vai trazê-la para cá.

– Somente assegure-se de que nenhum mal lhe aconteça. Diga-lhe que irei encontrá-la assim que puder. Talvez ainda esta noite, ou com certeza amanhã.

Mas, ao cair da noite, a cidade continuava em tumulto, embora Bronn relatasse que os incêndios tinham sido apagados e que a maior parte dos grupos errantes tinha se dispersado. Por mais que Tyrion ansiasse pelo conforto dos braços de Shae, compreendeu que naquela noite não iria a lugar nenhum.

Sor Jacelyn Bywater entregou a fatura do carniceiro enquanto Tyrion jantava capão frio e pão de centeio entre as sombras de seu aposento privado. Àquela altura, o ocaso já havia se transformado em trevas, mas quando os criados vieram acender suas velas e um fogo na lareira, Tyrion rugira e os pusera para correr. Seu humor estava tão negro como o aposento, e Bywater não disse nada que o iluminasse.

A lista dos mortos era encabeçada pelo Alto Septão, destroçado enquanto gritava aos seus deuses por misericórdia. *Homens famintos olham com olhos duros para sacerdotes gordos demais para andar*, Tyrion refletiu.

O cadáver de Sor Preston, a princípio, não tinha sido notado; os homens de manto dourado tinham andado à procura de um cavaleiro em armadura branca, mas ele havia sido tão cruelmente apunhalado e golpeado que estava vermelho-amarronzado da cabeça aos pés.

Sor Aron Santagar tinha sido encontrado numa sarjeta, com a cabeça transformada numa polpa vermelha dentro de um elmo esmagado.

A filha da Senhora Tanda cedera sua virgindade a meia centena de homens aos gritos atrás de uma tanoaria. Os homens de manto dourado tinham-na encontrado vagueando, nua, pelo Quarteirão do Porco Salgado.

Tyrek continuava desaparecido, tal como a coroa de cristais do Alto Septão. Nove homens de manto dourado tinham sido mortos, e havia quarenta feridos. Ninguém se incomodara em contar quantos haviam morrido entre a multidão.

– Quero Tyrek, vivo ou morto – Tyrion disse secamente quando Bywater se calou. – Ele não passa de um garoto. Filho do meu falecido tio Tygett. O pai sempre foi bom para mim.

– Vamos encontrá-lo. E a coroa do septão também.

– Por mim, os Outros bem podem enrabar-se uns aos outros com a coroa do septão.

– Quando me nomeou para comandar a Patrulha, disse que queria a verdade pura, sempre.

– Por algum motivo, tenho a sensação de que não vou gostar do que quer que tenha a dizer – Tyrion disse sombriamente.

– Hoje seguramos a cidade, senhor, mas não faço promessas para amanhã. A chaleira está perto da fervura. Há lá fora tantos ladrões e assassinos que nenhuma casa está em segurança, o fluxo sangrento espalha-se pelos refeitórios ao longo da Curva da Urina, e não há comida que se compre por cobre ou prata. Onde antes só se ouviam resmungos vindos da sarjeta, agora fala-se abertamente de traição em palácios de guildas e mercados.

– Precisa de mais homens?

– Não confio em metade dos homens que tenho agora. Slynt triplicou o tamanho da Patrulha, mas é preciso mais do que um manto dourado para fazer um vigia. Há homens bons e leais entre os novos recrutas, mas também há mais brutos, bêbados, covardes e traidores do que gostaria de saber. Estão meio treinados, mas são indisciplinados, e a lealdade que têm é para com a própria pele. Caso se chegue à batalha, temo que não resistam.

– Nunca esperei que resistissem – Tyrion respondeu. – Desde o início sei que assim que nossas muralhas abrirem uma brecha, estaremos perdidos.

– Meus homens vêm, na sua maioria, do povo. Caminham pelas mesmas ruas, bebem nas mesmas tabernas, servem-se das mesmas tigelas de castanho dos mesmos refeitórios. Seu eunuco já lhe deve ter dito que há pouco amor pelos Lannister em Porto Real. Muitos ainda se lembram de como o senhor seu pai saqueou a cidade, quando Aerys lhe abriu os portões. Sussurram que os deuses estão nos punindo pelos pecados de sua Casa… pelo assassinato do Rei Aerys por seu irmão, pelo massacre dos filhos de Rhaegar, pela execução de Eddard Stark e pela selvageria da justiça de Joffrey. Alguns falam abertamente de como as coisas eram melhores quando Robert era rei, e sugerem que os tempos voltariam a melhorar com Stannis no trono. Ouvem-se essas coisas em refeitórios, tabernas e bordéis… e temo que também se ouçam em casernas e salões de guardas.

– Odeiam minha família, é isso que está me dizendo?

– Sim… E vão se virar contra ela, se houver uma oportunidade.

– Também me odeiam?

– Pergunte ao seu eunuco.

– Estou perguntando a você.

Os olhos encovados de Bywater enfrentaram os desiguais do anão e não pestanejaram.

– Acima de tudo, senhor.

– *Acima de tudo?* – a injustiça o sufocava. – Foi Joffrey quem lhes disse para comer seus mortos, foi Joffrey quem atiçou seu cão sobre eles. Como podem me culpar?

– Sua Graça não passa de um rapaz. Nas ruas, dizem que tem conselheiros malignos. A rainha nunca foi conhecida como uma amiga da plebe, nem chamam Lorde Varys de Aranha por amor… Mas é você quem mais culpam. Sua irmã e o eunuco estavam aqui quando os tempos eram melhores sob o reinado do Rei Robert, mas você não. Dizem que encheu a cidade de mercenários arrogantes e selvagens que não tomam banho, brutos que roubam o que desejam e não seguem nenhuma lei, a não ser a deles próprios. Dizem que exilou Janos Slynt porque o achou direto e honesto demais para o seu gosto. Dizem que atirou o sábio e gentil Pycelle na masmorra quando se atreveu a levantar a voz contra você. Alguns até dizem que planeja tomar o Trono de Ferro para si.

– Sim, e além de tudo sou um monstro, hediondo e deformado, nunca se esquecça disso – a mão de Tyrion enrolou-se num punho. – Já ouvi o suficiente. Ambos temos trabalho a fazer. Deixe-me.

Talvez o senhor meu pai tivesse razão em me desprezar ao longo de todos esses anos, se isto é o melhor que consigo realizar, Tyrion pensou depois de ficar sozinho. Fitou os restos do jantar, sentindo um incômodo na barriga ao ver o capão frio e gorduroso. Repugnado, afastou-o para longe de si, gritou por Pod, e enviou o rapaz para chamar, correndo, Varys e Bronn. *Meus conselheiros de maior confiança são um eunuco e um mercenário, e minha senhora é uma prostituta. O que isso diz de mim?*

Bronn queixou-se da escuridão quando chegou, e insistiu em acender a lareira, que já ardia bem quando Varys surgiu.

– Onde esteve? – Tyrion quis saber.

– Tratando de assuntos do rei, meu querido senhor.

– Ah, sim, o *rei*... Meu sobrinho não é capaz de se sentar numa latrina, quanto mais no Trono de Ferro.

Varys encolheu os ombros:

– Deve-se ensinar o ofício a um aprendiz.

– Metade dos aprendizes da Alameda dos Vapores conseguiriam governar melhor do que esse seu rei – Bronn sentou-se do outro lado da mesa e arrancou uma asa do capão.

Tyrion tinha desenvolvido o hábito de ignorar as frequentes insolências do mercenário, mas naquela noite achava-as vexatórias.

– Não me lembro de lhe dar licença para acabar meu jantar.

– Não parecia estar comendo – Bronn respondeu com a boca cheia de carne. – A cidade passa fome, desperdiçar comida é um crime. Tem vinho?

A seguir vai querer que o sirva, pensou Tyrion sombriamente.

– Você vai longe demais – preveniu-o.

– E você nunca vai longe o suficiente – Bronn atirou, com fúria, o osso da asa. – Já pensou em como a vida seria fácil se o outro tivesse nascido primeiro? – enfiou os dedos no capão e arrancou um pedaço de peito. – O chorão, Tommen. Parece que faria tudo o que lhe dissessem, como um bom rei devia fazer.

Um arrepio desceu pela espinha de Tyrion quando compreendeu o que o mercenário estava sugerindo. *Se Tommen fosse rei…*

Só havia uma maneira de Tommen se tornar rei. Não, nem podia pensar nisso. Joffrey pertencia ao seu sangue, e era tanto filho de Jaime como de Cersei.

– Podia mandar decapitá-lo por dizer isso – disse a Bronn, mas o mercenário limitou-se a rir.

– Amigos – disse Varys –, discussões de nada nos servem. Peço a ambos, ponham o coração nas mãos.

– O coração de quem? – Tyrion perguntou com amargura. Conseguia pensar em várias hipóteses tentadoras.

Davos

Sor Cortnay Penrose não usava armadura. Montava um garanhão alazão, e seu porta-estandartes, um cinza sarapintado. Por cima deles esvoaçavam o veado coroado de Baratheon e as penas cruzadas de Penrose, brancas em fundo ferrugem. A barba de Sor Cortnay, em forma de pá, era também cor de ferrugem, embora ele tivesse se tornado completamente calvo. Se o tamanho e esplendor do grupo do rei o impressionava, não o demonstrava naquele rosto desgastado.

Aproximaram-se a trote, com muito tinir de cotas de malha e chocalhar de placas de armadura. Até Davos usava cota de malha, embora não pudesse explicar por quê; seus ombros e o lombo doíam devido ao peso pouco habitual. Fazia-o sentir-se oprimido e tolo, e perguntou uma vez mais a si mesmo por que motivo estava ali. *Não me cabe questionar as ordens do rei, e, no entanto…*

Todos os membros do grupo eram de melhor nascimento e posição mais elevada do que Davos Seaworth, e os grandes senhores cintilavam ao sol da manhã. Aço prateado e relevos de ouro abrilhantavam suas armaduras, e seus elmos de guerra eram ornamentados com uma profusão de plumas de seda, penas e animais heráldicos destramente trabalhados com olhos de pedras preciosas. O próprio Stannis parecia deslocado naquela companhia rica e régia. Tal como Davos, o rei vinha simplesmente vestido de lã e couro fervido, embora o diadema de ouro vermelho que emoldurava suas têmporas lhe emprestasse uma certa grandeza. A luz do sol relampejava nas pontas em forma de chama sempre que ele movia a cabeça.

Aquilo era o mais perto que Davos havia chegado de Sua Graça nos oito dias que se passaram desde que o *Betha Negra* tinha se juntado ao resto da frota ao largo de Ponta Tempestade. Pedira audiência menos de uma hora depois de ter chegado, mas foi informado de que o rei estava ocupado. Ele estava frequentemente ocupado, soube Davos pelo filho Devan, um dos escudeiros reais. Agora que Stannis Baratheon tinha assumido o poder, os fidalgos zumbiam ao seu redor como moscas em torno de um cadáver. *E ele também parece meio cadavérico, anos mais velho do que quando parti de Pedra do Dragão*. Devan dizia que nos últimos tempos o rei quase não dormia.

– Desde que Lorde Renly morreu, tem sido perturbado por pesadelos terríveis – o rapaz tinha confidenciado ao pai. – As poções do meistre não lhe afetam. Só a Senhora Melisandre consegue acalmá-lo o suficiente para voltar ao sono.

Será por isso que ela divide agora seu pavilhão?, perguntou-se Davos. *Para rezar com ele? Ou será que tem outra maneira de acalmá-lo o*

suficiente para voltar ao sono? Era uma pergunta indigna, que não se atrevia a fazer, mesmo ao seu próprio filho. Devan era um bom rapaz, mas usava orgulhosamente o coração flamejante no gibão, e o pai vira-o junto às fogueiras ao pôr do sol, implorando ao Senhor da Luz que trouxesse a alvorada. *Ele é o escudeiro do rei*, disse a si mesmo, *era de esperar que adotasse o deus do rei*.

Davos quase tinha se esquecido de como as muralhas de Ponta Tempestade se erguiam altas e espessas quando vistas de perto. Rei Stannis parou à sombra delas, a pouco mais de um metro de Sor Cortnay e de seu porta-estandarte.

– Sor – ele disse com rígida cortesia. Mas não fez nenhum movimento para desmontar.

– Senhor – aquilo era menos cortês, mas não inesperado.

– É costume tratar um rei por *Vossa Graça* – anunciou Lorde Florent. Uma raposa vermelha de ouro projetava o focinho brilhante da sua placa de peito através de um círculo de flores em lápis-lazúli. Muito alto, muito palaciano e muito rico, o Senhor da Fortaleza de Águas Claras tinha sido o primeiro dos vassalos de Renly a declarar apoio a Stannis, e o primeiro a renunciar aos seus antigos deuses e a adotar o Senhor da Luz. Stannis deixara sua rainha em Pedra do Dragão com o tio Axell, mas os homens da rainha eram mais numerosos e poderosos do que nunca, e Alester Florent era o que mais se destacava entre eles.

Sor Cortnay Penrose ignorou-o, preferindo se dirigir a Stannis.

– Esta é uma notável companhia. Os grandes senhores Estermont, Errol e Varner. Sor Jon dos Fossoway da maçã verde e Sor Bryan da vermelha. Lorde Caron e Sor Guyard da Guarda Arco-Íris do Rei Renly… *e* o poderoso Lorde Alester Florent de Águas Claras, é claro. Aquele é o seu Cavaleiro das Cebolas que vejo lá atrás? É bom vê-lo, Sor Davos. Receio não conhecer a senhora.

– Meu nome é Melisandre, sor – só ela tinha vindo sem outra armadura além de suas soltas vestes vermelhas. Na garganta, o rubi vermelho bebia a luz do dia. – Sirvo ao seu rei e ao Senhor da Luz.

– Desejo-lhe felicidades com eles, senhora – Sor Cortnay respondeu. – Mas curvo-me perante outros deuses e um rei diferente.

– Não há mais do que um rei verdadeiro e um deus verdadeiro – anunciou Lorde Florent.

– Estamos aqui para discutir teologia, senhor? Se soubesse, teria trazido um septão.

– Sabe perfeitamente bem por que motivo estamos aqui – Stannis finalmente falou. – Teve uma quinzena para refletir sobre a minha proposta. Enviou seus corvos. Nenhuma ajuda veio. Nem virá. Ponta Tempestade está sozinha, e já não tenho paciência. Pela última vez, sor, ordeno-lhe que abra os portões, e me entregue o que é

legitimamente meu.

– E as condições? – Sor Cortnay quis saber.

– Permanecem as mesmas. Vou perdoá-lo por sua traição, assim como perdoei estes senhores que vê atrás de mim. Os homens de sua guarnição serão livres para entrar ao meu serviço ou para voltar às suas casas sem ser incomodados. Pode conservar suas armas e tanta propriedade quanto um homem for capaz de transportar. No entanto, necessitarei de seus cavalos e animais de carga.

– E quanto a Edric Storm?

– O bastardo do meu irmão deve ser entregue a mim.

– Neste caso, minha resposta continua a ser não, senhor.

O rei apertou o maxilar. E nada disse.

Em seu lugar, foi Melisandre quem falou:

– Que o Senhor da Luz o proteja na escuridão, Sor Cortnay.

– Que os Outros comam o cu do seu Senhor da Luz – cuspiu Penrose de volta –, e limpem-no com esse trapo que você transporta.

Lorde Alester Florent pigarreou:

– Sor Cortnay, tenha tento na língua. Sua Graça não deseja nenhum mal ao rapaz. O garoto é do seu sangue, e também do meu. A mãe foi minha sobrinha Delena, como todos sabem. Se não confia no rei, confie em mim. Conhece-me como um homem de honra…

– Conheço-o como um homem de ambição – Sor Cortnay o interrompeu. – Um homem que troca de reis e de deuses como eu troco de botas. Tal como esses outros vira-casacas que vejo à minha frente.

Um clamor irado ergueu-se entre os homens do rei. *Ele não se engana muito*, Davos pensou. Pouco tempo antes, os Fossoway, Guyard Morrigen e os Lordes Caron, Varner, Errol e Estermont tinham pertencido a Renly. Tinham se sentado em seu pavilhão, ajudado-o a fazer seus planos de batalha, e planejado o modo de subjugar Stannis. E Lorde Florent estivera com eles… Podia ser tio da Rainha Selyse, mas isso não havia impedido o Senhor de Águas Claras de dobrar o joelho a Renly quando a estrela deste subia.

Bryce Caron fez o cavalo avançar alguns passos, com o longo manto listrado de arco-íris retorcendo-se sob o vento vindo da baía.

– Nenhum homem aqui é um vira-casaca, sor. Minha lealdade pertence a Ponta Tempestade, e Rei Stannis é o seu senhor legítimo… *e* o nosso verdadeiro rei. É o último da Casa Baratheon, herdeiro de Robert e de Renly.

– Se é assim, por que o Cavaleiro das Flores não está entre vocês? E onde está Matthis Rowan? Randyll Tarly? A Senhora Oakheart? Por que eles não se encontram aqui em sua companhia, aqueles que mais amavam Renly? *Onde está Brienne de Tarth, pergunto-lhes?*

– Essa? – Sor Guyard Morrigen soltou uma gargalhada dura. –

Fugiu. E foi o que lhe valeu. Foi dela a mão que matou o rei.

– Mentira – Sor Cortnay reagiu. – Conheci Brienne quando não passava de uma menina que brincava aos pés do pai no Solar do Entardecer, e conheci-a ainda melhor quando o Estrela da Tarde a mandou para cá, para Ponta Tempestade. Ela amou Renly desde o momento em que pôs os olhos sobre ele, qualquer cego podia ver.

– Com certeza – declarou Lorde Florent com desenvoltura –, e estaria longe de ser a primeira donzela enlouquecida e levada ao assassinato pela rejeição de um homem. Se bem que, a meu ver, creio que quem matou o rei foi a Senhora Stark. Ela tinha vindo de Correrrio para apelar por uma aliança, e Renly recusara. Não há dúvida de que viu nele um perigo para o filho e o removeu.

– Foi Brienne – insistiu Lorde Caron. – Sor Emmon Cuy jurou que assim era antes de morrer. Você tem a minha palavra, Sor Cortnay.

O desprezo engrossou a voz de Sor Cortnay.

– E de que vale isso? Usa seu manto de muitas cores, pelo que vejo. Aquele que Renly lhe deu quando jurou com sua *palavra* protegê-lo. Se ele está morto, como é que você permanece vivo? – voltou seu desdém para Guyard Morrigen. – Podia perguntar-lhe o mesmo, Sor Guyard, o Verde, não é? Da Guarda Arco-Íris? Que jurou dar a vida pela do rei? Se eu tivesse um manto desses, teria vergonha de usá-lo.

Morrigen irritou-se:

– Fique feliz por isso ser uma conferência, Penrose, caso contrário arrancaria sua língua por conta dessas palavras.

– E iria atirá-la na mesma fogueira onde deixou seu membro viril?

– *Basta!* – Stannis retrucou. – Foi vontade do Senhor da Luz que meu irmão morresse pela sua traição. Quem cometeu o ato não importa.

– Talvez não importe ao *senhor* – Sor Cortnay revidou. – Escutei sua proposta, Lorde Stannis. Eis agora a minha – tirou a luva e a acertou em cheio no rosto do rei. – Combate singular. Espada, lança ou qualquer arma que quiser mencionar. Ou, se temer arriscar sua espada mágica e real pele contra um velho, nomeie um campeão, e eu farei o mesmo – deu a Guyard Morrigen e a Bryce Caron um olhar contundente. – Qualquer um desses cachorros servirá muito bem, creio eu.

Sor Guyard Morrigen escureceu de fúria:

– Eu aceito o desafio, se agradar ao rei.

– E eu também – Bryce Caron olhou para Stannis.

O rei rangeu os dentes:

– Não.

Sor Cortnay não pareceu surpreso.

– É da justiça de sua causa que duvida, senhor, ou da força de seu braço? Tem medo que eu mije em sua espada flamejante e a apague?

– Considera-me um completo idiota, sor? – Stannis perguntou. – Tenho vinte mil homens. Está cercado por terra e por mar. Por que escolheria um combate singular quando minha vitória é certa? – o rei apontou-lhe um dedo. – Ofereço-lhe um aviso leal. Se me forçar a tomar meu castelo de assalto, não poderá esperar misericórdia. Vou enforcá-lo por traição, e a cada um dos seus.

– Como os deuses queiram. Traga aí o seu assalto, senhor… e recorde, por obséquio, a *história* deste castelo – Sor Cortnay deu um puxão nas rédeas e regressou na direção ao portão.

Stannis não proferiu palavra, mas virou o cavalo e dirigiu-se ao seu acampamento. Os outros o seguiram.

– Se assaltarmos estas muralhas, milhares de homens morrerão – inquietou-se o velho Lorde Estermont, avô do rei pelo lado da mãe. – Não seria melhor arriscar uma única vida? Nossa causa é justa, e os deuses certamente abençoariam as armas do nosso campeão com a vitória.

É deus, velho, Davos pensou. *Esqueceu-se, agora temos só um, o Senhor da Luz de Melisandre.*

Sor Jon Fossoway disse:

– De bom grado aceitaria eu mesmo o desafio dele, ainda que esteja longe de ser um espadachim tão bom quanto Lorde Caron ou Sor Guyard. Renly não deixou cavaleiros hábeis em Ponta Tempestade. O serviço na guarnição é para velhos e rapazes inexperientes.

Lorde Caron concordou:

– Uma vitória fácil, com certeza. E que glória, conquistar Ponta Tempestade com um único golpe!

Stannis varreu-os com um olhar:

– Tagarelam como gralhas, e com menos esperteza. Quero silêncio – os olhos do rei caíram sobre Davos. – Sor. Acompanhe-me – esporeou o cavalo, afastando-o dos demais seguidores. Só Melisandre o acompanhou, transportando o grande estandarte do coração flamejante com o veado coroado no interior. *Como se tivesse sido engolido inteiro.*

Davos viu os olhares dos fidalgos sobre si enquanto passava por eles para ir se juntar ao rei. Aqueles não eram cavaleiros das cebolas, mas homens orgulhosos com casas cujos nomes carregavam honras antigas. De algum modo soube que Renly nunca os tinha censurado daquela forma. O mais novo dos Baratheon nascera com um dom para a cortesia fácil que infelizmente faltava ao irmão.

Reduziu o passo para um trote lento quando seu cavalo emparelhou-se ao do rei.

– Vossa Graça – visto de perto, Stannis parecia pior do que Davos julgara de longe. Seu rosto tinha se tornado macilento, e possuía

círculos escuros sob os olhos.

– Um contrabandista deve ser bom em julgar os homens – disse o rei. – O que pensa desse Sor Cortnay Penrose?

– É um homem teimoso – Davos respondeu com cautela.

– Com fome de morte, diria eu. Jogou meu perdão na minha cara. Sim, e joga a vida fora ao mesmo tempo, com as vidas de todos os homens que estão dentro daquelas muralhas. *Combate singular?* – o rei soltou uma fungadela de escárnio. – Certamente confundiu-me com Robert.

– É mais provável que estivesse desesperado. Que outra esperança tem?

– Nenhuma. O castelo cairá. Mas, como fazê-lo rapidamente? – Stannis cismou com aquilo por um momento. Sob o ritmado *clac-clac* dos cascos, Davos conseguia ouvir o tênue som do rei rangendo os dentes. – Lorde Alester insiste para que traga aqui o velho Lorde Penrose. Pai de Sor Cortnay. Conhece o homem, creio?

– Quando vim como seu enviado, Lorde Penrose recebeu-me mais cortesmente do que a maioria. É um homem velho e acabado, senhor. Enfermiço e abatido.

– Florent gostaria de abatê-lo mais visivelmente. À vista do filho, com uma corda em volta do pescoço.

Era perigoso opor-se aos homens da rainha, mas Davos tinha jurado dizer sempre a verdade ao rei.

– Penso que seria ruim fazer isso, meu suserano. Sor Cortnay ficará vendo o pai morrer antes de pensar em trair sua confiança. Nada nos acrescentaria, e traria desonra à nossa causa.

– Que desonra? – Stannis se irritou. – Será que quer que poupe a vida de traidores?

– Poupou a vida daqueles que vêm atrás de nós.

– Censura-me por isso, contrabandista?

– Não cabe a mim fazer tal coisa – Davos temeu ter dito demais.

O rei estava implacável.

– Estima este Penrose mais do que os senhores meus vassalos. Por quê?

– Ele é fiel.

– Uma fidelidade mal dirigida a um usurpador morto.

– Sim. Mas, apesar disso, é fiel.

– E aqueles que vêm atrás de nós, não?

Davos tinha chegado longe demais com Stannis para se acanhar agora.

– No ano passado eram homens de Robert. Há uma lua eram de Renly. Hoje são nossos. De quem serão amanhã?

Stannis riu. Uma súbita gargalhada, rouca e cheia de desdém.

– Eu lhe disse, Melisandre – falou à mulher vermelha. – Meu

Cavaleiro das Cebolas diz a verdade para mim.

– Vejo que o conhece bem, Vossa Graça – a mulher vermelha retrucou.

– Davos, senti imensamente a sua falta – o rei disse. – Sim, tenho um séquito de traidores, seu nariz não o engana. Os senhores meus vassalos são inconstantes até em suas traições. Necessito deles, mas deve saber como me enoja perdoar gente assim quando puni homens melhores por crimes menores. Tem todo o direito de me censurar, Sor Davos.

– Censura-se a si mesmo mais do que eu alguma vez seria capaz de fazer, Vossa Graça. Precisa desses grandes senhores para conquistar seu trono…

– Com os dedos e tudo, ao que parece – Stannis deu um sorriso sombrio.

Sem pensar, Davos levou a mão mutilada à bolsa pendurada ao pescoço e sentiu os ossos dos dedos lá dentro. *Sorte.*

O rei viu o movimento.

– Ainda estão aí, Cavaleiro das Cebolas? Não os perdeu?

– Não.

– Por que motivo os guarda? Questiono-me sobre isso com frequência.

– Lembram-me daquilo que eu era. De onde vim. Lembram-me da sua justiça, meu suserano.

– E *foi* justiça – Stannis afirmou. – Um bom ato não lava os maus, e um mau não lava os bons. Cada um deve ter sua recompensa. Você foi um herói *e* um contrabandista – olhou de relance para trás, para Lorde Florent e os outros, cavaleiros do arco-íris e vira-casacas, que o seguiam a distância. – Aqueles senhores perdoados fariam bem em refletir sobre isso. Homens bons e leais lutarão por Joffrey, considerando-o erroneamente o legítimo rei. Um nortenho até pode dizer o mesmo de Robb Stark. Mas estes senhores que se reuniram aos estandartes do meu irmão *sabiam* que ele era um usurpador. Viraram as costas ao seu legítimo rei por nenhum motivo melhor do que sonhos de poder e glória, e eu tomei nota do que eles são. Perdoei-lhes, sim. Estão desculpados. Mas não esqueci – caiu no silêncio por um momento, meditando sobre seus planos de justiça. E então, abruptamente, disse: – O que o povo diz da morte de Renly?

– Sofre. Seu irmão era muito querido.

– Os tolos amam um tolo, mas eu também sofro por ele. Pelo garoto que foi, não pelo homem que se tornou – o rei ficou em silêncio durante algum tempo, e depois disse: – Como os plebeus receberam a notícia sobre o incesto de Cersei?

– Enquanto estávamos entre eles, gritaram pelo Rei Stannis. Não posso falar do que disseram depois de termos zarpado.

– Então acha que eles não acreditaram?

– Em meus tempos de contrabando, aprendi que alguns homens acreditam em tudo, e outros em nada. Encontramos dos dois tipos. E também há outra história sendo disseminada.

– Sim – Stannis cortou a palavra com uma mordida. – Selyse deu-me chifres e amarrou campainhas de bobo nas pontas deles. Minha filha gerada por um bobo retardado! Uma história tão torpe como absurda. Renly atirou-a na minha cara quando nos encontramos para conferenciar. É preciso ser tão louco como o Cara-Malhada para acreditar em uma coisa dessas.

– Pode ser que sim, meu suserano… Mas, quer acreditem na história, quer não, adoram contá-la – os boatos tinham chegado a muitos lugares antes deles, envenenando o poço para a história verdadeira que transportavam.

– Robert podia encher uma taça de urina e os homens iriam chamá-la de vinho, mas eu lhes ofereço água pura e fresca e olham-na de viés, suspeitosos, enquanto murmuram uns com os outros sobre o estranho sabor que tem – Stannis rangeu os dentes. – Se alguém dissesse que eu tinha me transformado num javali para matar Robert, provavelmente acreditariam nisso também.

– Não pode impedi-los de falar, meu suserano, mas quando levar a vingança aos verdadeiros assassinos de seu irmão, o reino saberá que tais histórias são mentiras.

Stannis só pareceu ouvir metade do que ele disse.

– Não tenho qualquer dúvida de que Cersei teve um dedo na morte de Robert. Obterei justiça por ele. Sim, e por Ned Stark e Jon Arryn também.

– E por Renly? – as palavras saíram antes que Davos conseguisse parar para pesá-las.

Durante um tempo longo o rei não falou. Então, muito baixo, disse:

– Às vezes sonho com isso. Com a morte de Renly. Uma tenda verde, velas, uma mulher gritando. E sangue – Stannis baixou os olhos para as mãos. – Eu ainda estava na cama quando ele morreu. Seu Devan vai lhe contar. Tentou me acordar. A alvorada se aproximava e os meus senhores estavam à espera, preocupados. Devia estar a cavalo, de armadura posta. Sabia que Renly atacaria ao nascer do dia. Devan diz que me sacudi com violência e gritei, mas, que importa? Era um sonho. Estava na minha tenda quando Renly morreu, e quando acordei tinha as mãos limpas.

Sor Davos Seaworth sentiu uma comichão surgindo nas pontas fantasmas de seus dedos. *Há algo errado aqui*, pensou o antigo contrabandista, mas acenou com a cabeça e disse:

– Estou vendo.

– Renly ofereceu-me um pêssego. Em nossa conferência. Caçoou de mim, desafiou-me, ameaçou-me e me ofereceu um pêssego. Pensei que estivesse puxando uma espada e levei as mãos à minha. Qual era o seu objetivo, fazer com que eu mostrasse medo? Ou seria uma de suas brincadeiras fora de propósito? Quando falou de como o pêssego era doce, teriam suas palavras algum significado oculto? – o rei balançou a cabeça, como um cão que sacudisse um coelho para quebrar seu pescoço. – Só Renly conseguiria me irritar tanto com um pedaço de fruta. Ele condenou-se a si próprio com a traição que cometeu, mas eu gostava dele, Davos. Sei disso agora. Juro, irei para a cova pensando no pêssego do meu irmão.

Nesse momento, já se encontravam no interior do acampamento, avançando por entre as fileiras ordenadas de tendas, as bandeiras enfunadas e as pilhas de escudos e lanças. Um fedor de estrume de cavalo pairava, pesado, no ar, misturado com a fumaça de lenha e o cheiro de carne cozinhando. Stannis parou tempo suficiente para ladrar uma brusca despedida a Lorde Florent e aos outros, ordenando-lhes que estivessem presentes em seu pavilhão dali a uma hora para um conselho de guerra. Os homens inclinaram a cabeça e se dispersaram, enquanto Davos e Melisandre se dirigiam ao pavilhão do rei.

A tenda tinha de ser grande, visto ser ali que os senhores seus vassalos vinham para os conselhos. No entanto, nada havia de grandioso nela. Era de tecido grosseiro, pintado de amarelo-escuro que às vezes passava por dourado. Só a bandeira real que esvoaçava no topo do mastro central a identificava como a tenda de um rei. Isso, e os guardas à porta; homens da rainha apoiados em longas lanças, com o símbolo do coração flamejante cosido sobre os próprios corações.

Cavalariços aproximaram-se para ajudá-los a desmontar. Um dos guardas aliviou Melisandre do pesado estandarte, espetando profundamente o mastro na terra mole. Devan estava de um lado da porta, esperando o momento de levantar a aba para o rei passar. Um escudeiro mais velho aguardava ao seu lado. Stannis tirou a coroa e a entregou a Devan.

– Água fria, taças para dois. Davos, fique ao meu serviço. Senhora, mandarei chamá-la quando necessitar.

– Às ordens do rei – Melisandre fez uma reverência.

Após o brilho da manhã, o interior do pavilhão parecia frio e sombrio. Stannis sentou-se num simples banco de acampar e indicou outro a Davos com um gesto.

– Um dia talvez faça de você um senhor, contrabandista. Nem que seja para atormentar os Celtigar e os Florent. Mas não me agradecerá. Significará que terá de aguentar esses conselhos e fingir interesse no zurrar de mulas.

– Por que motivo os reúne, se não servem a nenhum propósito?

– As mulas adoram o som de seus zurros, por que outro motivo? E eu preciso delas para puxarem minha carroça. Ah, com certeza, muito de vez em quando é sugerida uma ideia útil. Mas não hoje, parece … Ah, eis o seu filho com a nossa água.

Devan apoiou o tabuleiro na mesa e encheu duas taças de barro. O rei borrifou uma pitada de sal na sua antes de beber; Davos tomou a sua água pura, desejando que fosse vinho.

– Falava do seu conselho…

– Permita-me que lhe diga como se desenrolará. Lorde Velaryon insistirá para que eu assalte as muralhas do castelo à primeira luz da aurora, opondo pequenos arpões e escadas a flechas e azeite fervente. As mulas jovens acharão essa ideia magnífica. Estermont preferirá que nos instalemos para vencê-los pela fome, como os Tyrell e os Redwyne um dia tentaram fazer comigo. Isso pode levar um ano, mas as mulas velhas são pacientes. E Lorde Caron e os outros que gostam de escoicear vão querer aceitar o desafio de Sor Cortnay e arriscar tudo num combate singular. Cada um deles imaginando que seria *ele* o meu campeão e conquistaria uma fama imortal – o rei terminou a água. – O que *você* me aconselharia a fazer, contrabandista?

Davos pensou por um momento antes de responder.

– Avançar de imediato contra Porto Real.

O rei bufou.

– E deixar Ponta Tempestade sem tomá-la?

– Sor Cortnay não possui poder suficiente para lhe causar dano. Os Lannister sim. Um cerco levaria tempo demais, o combate singular é muito arriscado, e um assalto custaria milhares de vidas sem certeza de sucesso. E não há necessidade. Uma vez Joffrey destronado, esse castelo deve passar para o seu controle com todo o resto. Dizem, no acampamento, que Lorde Tywin Lannister corre para o oeste, a fim de salvar Lanisporto da vingança dos nortenhos…

– Tem um pai bastante esperto, Devan – disse o rei ao rapaz que se encontrava em pé ao seu lado. – Faz com que eu deseje ter mais contrabandistas a meu serviço. E menos senhores. Apesar de se enganar num aspecto, Davos. *Existe* necessidade. Se deixar Ponta Tempestade por tomar na minha retaguarda, vão dizer que fui derrotado aqui. E isso não posso permitir. Os homens não me adoram como adoraram meus irmãos. Seguem-me porque me temem… e a derrota é a morte para o medo. O castelo tem que cair – sua mandíbula moveu-se de um lado para o outro. – Sim, e *depressa*. Doran Martell convocou os vassalos e fortificou os passos de montanha. Seus homens de Dorne estão em posição para cair sobre a Marca. E Jardim de Cima está longe de esgotado. Meu irmão deixou a maior parte de seu poderio em Ponteamarga, cerca de seis mil homens a pé. Enviei o

irmão da minha esposa, Sor Errol, com Sor Parmen Crane, para colocar essa força sob o meu comando, mas não retornaram. Temo que Sor Loras Tyrell tenha chegado a Ponteamarga antes de meus enviados e tomado essa tropa para si.

– Mais um motivo para tomar Porto Real tão depressa quanto possível. Salladhor Saan disse…

– Salladhor Saan só pensa em ouro! – Stannis explodiu. – Tem a cabeça cheia de sonhos a respeito do tesouro que imagina haver por baixo da Fortaleza Vermelha, portanto, não falemos mais de Salladhor Saan. O dia em que precisar de aconselhamento militar vindo de um salteador liseno será quando porei de lado minha coroa e passarei a usar o negro – o rei fechou um punho. – Está aqui para me servir, contrabandista? Ou para me aborrecer com discussões?

– Sou seu – Davos respondeu.

– Então escute. O tenente de Sor Cortnay é primo dos Fossoway. Lorde Meadows, um rapaz inexperiente de vinte anos. Se algum azar abater Penrose, o comando de Ponta Tempestade pas-sará para esse jovem, e seus primos creem que ele aceitaria minhas condições e entregaria o castelo.

– Lembro-me de outro jovem a quem foi dado o comando de Ponta Tempestade. Não podia ter muito mais do que vinte anos.

– Lorde Meadows não é tão obstinadamente cabeça-dura como eu era.

– Cabeça-dura ou covarde, que importa? Sor Cortnay Penrose pareceu-me forte e vigoroso.

– Assim como meu irmão era no dia anterior à sua morte. A noite é escura e cheia de terrores, Davos.

Davos Seaworth sentiu os pelos de sua nuca ficarem em pé.

– Senhor, não o entendo.

– Não exijo seu entendimento. Só seu serviço. Sor Cortnay estará morto antes de amanhecer. Melisandre viu nas chamas do futuro. Sua morte, e como ela se deu. Não é necessário dizer que não morrerá num combate de cavaleiro – Stannis estendeu a taça e Devan voltou a enchê-la. – As chamas dela não mentem. Viu também o destino de Renly. Viu-o em Pedra do Dragão, e contou a Selyse. Lorde Velaryon e seu amigo Salladhor Saan queriam que eu avançasse contra Joffrey, mas Melisandre disse-me que, se me dirigisse a Ponta Tempestade, poderia conquistar a maior parte do poderio do meu irmão, e teve razão.

– M-mas – Davos gaguejou –, Lorde Renly só veio até aqui porque o senhor tinha montado cerco ao castelo. Antes marchava contra Porto Real, contra os Lannister, teria…

Stannis mexeu-se no banco, franzindo a sobrancelha.

– *Marchava, teria*, o que é isso? Ele fez o que fez. Veio até aqui

com seus estandartes e seus pêssegos, para o seu destino… E foi bom para mim que tenha feito isso. Melisandre também viu outro dia em suas chamas. Um amanhã em que Renly chegava do sul em sua armadura verde para esmagar minha tropa sob as muralhas de Porto Real. Se tivesse encontrado meu irmão lá, podia ter sido eu a morrer em seu lugar.

– Ou podia ter juntado suas forças às dele para derrubar os Lannister – Davos argumentou. – E por que não? Se ela viu dois futuros, bem… não podem ser *ambos* verdadeiros.

Rei Stannis apontou um dedo para ele:

– É aí que erra, Cavaleiro das Cebolas. Há luzes que lançam mais do que uma sombra. Ponha-se em frente da fogueira da noite e verá por si próprio. As chamas mudam e dançam, nunca estão quietas. As sombras crescem e encolhem, e cada homem lança uma dúzia. Algumas são mais tênues do que outras, é tudo. Pois bem, os homens lançam também as suas sombras sobre o futuro. Uma sombra ou muitas. Melisandre vê todas. Não gosta da mulher. Sei disso, Davos, não sou cego. Meus senhores tampouco simpatizam com ela. Estermont pensa que o coração flamejante foi mal escolhido e pede para lutar sob o veado coroado como antigamente. Sor Guyard diz que uma mulher não devia ser meu porta-estandarte. Outros sussurram que ela não tem lugar em meus conselhos de guerra, que devia mandá-la de volta para Asshai, que é pecaminoso mantê-la em minha tenda durante a noite. Sim, eles sussurram… enquanto ela serve.

– Serve como? – Davos perguntou, temendo a resposta.

– Como é necessário – o rei o encarou. – E você?

– Eu… – Davos lambeu os lábios. – Estou às suas ordens. O que quer que faça?

– Nada que não tenha feito antes. Basta que acoste um barco sob o castelo, sem ser visto, na calada da noite. Pode fazer isso?

– Sim. Esta noite?

O rei confirmou com um brusco meneio.

– Vai precisar de um barco pequeno. O *Betha Negra* não. Ninguém pode saber o que faz.

Davos quis protestar. Era agora um cavaleiro, não mais um contrabandista, e nunca tinha sido um assassino. Mas, quando abriu a boca, as palavras não quiseram vir. Aquele era *Stannis*, seu senhor justo, ao qual devia tudo o que era. E também tinha de pensar nos filhos. *Que os deuses sejam bons, o que ela lhe fez?*

– Está quieto – Stannis observou.

E assim devia ficar, disse Davos a si mesmo, mas falou:

– Meu suserano, tem que tomar o castelo, compreendo isso agora, mas certamente deve haver outras maneiras. Maneiras mais *limpas*. Deixe que Sor Cortnay fique com o bastardo, e ele provavelmente

cederá.

– Eu preciso ter o rapaz, Davos. *Preciso* ter. Melisandre também viu isso nas chamas.

Davos procurou outra resposta.

– Ponta Tempestade não tem nenhum cavaleiro que seja capaz de se opor a Sor Guyard ou a Lorde Caron, ou a qualquer outro de uma centena de cavaleiros que tem ao seu lado. Esse combate singular… Será possível que Sor Cortnay procure uma maneira de se render com honra? Mesmo que isso signifique sua vida?

Uma expressão perturbada cruzou o rosto do rei como uma nuvem passageira.

– O mais provável é que planeje alguma traição. Não haverá nenhum combate de campeões. Sor Cortnay estava morto antes mesmo de arremessar aquela luva. As chamas não mentem, Davos.

E no entanto precisam de mim para que se tornem verdadeiras, pensou. Há muito tempo Davos Seaworth não se sentia tão triste.

E foi assim que deu por si atravessando mais uma vez a Baía dos Naufrágios na noite cerrada, manobrando um barco minúsculo com uma vela negra. O céu era o mesmo, e o mar também. Havia o mesmo cheiro salgado no ar, e os risinhos da água contra o casco eram tal e qual se lembrava. Mil fogueiras oscilantes ardiam em torno do castelo, tal como as fogueiras que os Tyrell e os Redwyne tinham dezesseis anos antes. Mas todo o resto era diferente.

Da última vez foi vida o que trouxe a Ponta Tempestade, moldada para se parecer com cebolas. Dessa vez é morte, sob a forma de Melisandre de Asshai. Dezesseis anos antes, as velas tinham rangido e batido a cada mudança de vento, até que ele as recolheu e prosseguiu com remos envoltos em panos. Mesmo assim, avançara com o coração na garganta. Mas os homens nas galés Redwyne tinham relaxado depois de tanto tempo, e ele deslizara através da guarda com a suavidade de cetim negro. Daquela vez, os únicos navios à vista pertenciam a Stannis, e o único perigo viria dos vigias nas muralhas do castelo. Mesmo assim, Davos sentia-se tenso como a corda de um arco.

Melisandre aconchegou-se em uma bancada, perdida nas dobras de um manto vermelho-escuro que a cobria da cabeça aos pés, com a face pálida sob o capuz. Davos adorava a água. Dormia melhor quando tinha um convés balançando por baixo do corpo, e o suspiro do vento no cordame era para ele um som mais doce do que qualquer coisa que um cantor conseguisse tirar das cordas de sua harpa. Mas nem mesmo o mar lhe trazia conforto naquela noite.

– Consigo cheirar o medo em você, sor cavaleiro – disse a mulher vermelha em voz baixa.

– Alguém me disse uma vez que a noite é escura e cheia de terrores. E esta noite não sou nenhum cavaleiro. Esta noite sou de

novo Davos, o contrabandista. Bem que gostaria que a senhora fosse uma cebola.

Ela riu.

– É de mim que tem medo? Ou daquilo que fazemos?

– Daquilo que *você* faz. Eu não terei nenhum papel nisso.

– Sua mão içou a vela. Sua mão segura a cana do leme.

Em silêncio, Davos prestou atenção à rota. A costa era um emaranhado de rochedos, e por isso levava-os para bem longe, do outro lado da baía. Esperaria até que a maré virasse antes de dar a volta. Ponta Tempestade ficava menor atrás deles, mas a mulher vermelha não parecia preocupada.

– Você é um bom homem, Davos Seaworth?

Um bom homem estaria fazendo isto?

– Sou um homem. Sou gentil para minha mulher, mas conheci outras mulheres. Tentei ser um pai para os meus filhos, ajudar a criar para eles um lugar neste mundo. Sim, quebrei leis, mas nunca me senti mau até esta noite. Diria que meus papéis estão misturados, senhora. Bons *e* maus.

– Um homem cinza. Nem branco nem preto, mas com um pouco de ambos. É isso o que é, Sor Davos?

– E se for? Parece-me que a maioria dos homens é cinza.

– Se metade de uma cebola estiver preta de podridão, é uma cebola podre. Um homem ou é bom ou é mau.

As fogueiras atrás deles tinham se fundido num vago brilho contra o céu negro, e a terra estava quase fora de vista. Era hora de dar a volta.

– Cuidado com a cabeça, senhora – Davos empurrou a cana do leme, e o pequeno barco vomitou uma onda de água negra enquanto virava. Melisandre curvou-se sob a verga oscilante, com uma mão na amurada, tão calma como sempre. Madeira rangeu, pano estalou e água jorrou, tão alto que daria para jurar que o castelo certamente tinha ouvido. Davos sabia que não. O interminável esmagar das ondas nas rochas era o único som que penetrava as sólidas muralhas viradas para o mar de Ponta Tempestade, e apenas vagamente.

Um rastro ondulante estendeu-se atrás do barco quando viraram em direção à costa.

– Fala de homens e cebolas – Davos disse a Melisandre. – E as mulheres? Não acontece o mesmo com elas? É boa ou má, senhora?

Aquilo fez Melisandre soltar um risinho:

– Ah, muito bem. Sou uma espécie de cavaleiro, querido sor. Um campeão da luz e da vida.

– E no entanto planeja matar um homem esta noite. Tal como matou Meistre Cressen.

– Seu meistre envenenou-se a si mesmo. Pretendia me envenenar,

mas eu estava protegida por um poder superior, e ele não.

– E Renly Baratheon? Quem foi que o matou?

Ela virou a cabeça. À sombra do capuz, seus olhos ardiam como chamas de vela vermelho-claras.

– Eu não fui.

– Mentirosa – Davos, agora, tinha certeza.

Melisandre voltou a soltar uma gargalhada:

– Está perdido no escuro e na confusão, Sor Davos.

– E ainda bem – Davos indicou com um gesto as distantes luzes que tremeluziam ao longo das muralhas de Ponta Tempestade. – Sente como o vento sopra frio? Os guardas vão se aninhar perto de seus archotes. Um pouco de calor, um pouco de luz, são um conforto numa noite como esta. Mas isso irá cegá-los, de modo que não nos verão passar – *assim espero*. – Agora é o deus da escuridão que nos protege, senhora. Até a você.

As chamas em seus olhos pareceram arder com um pouco mais de força ao ouvir aquilo.

– Não mencione esse nome, sor. Para não atrair o olho negro dele sobre nós. Ele não protege ninguém, garanto. É inimigo de tudo o que vive. São os archotes que nos escondem, você mesmo disse. O fogo. A brilhante oferta do Senhor da Luz.

– Seja como quiser.

– Como ele quer, na verdade.

O vento estava mudando. Davos podia senti-lo, podia vê-lo no modo como o pano negro ondulava. Estendeu a mão para as adriças.

– Ajude-me a arriar a vela. Vou nos levar a remo pelo resto do caminho.

Juntos, prenderam a vela enquanto o barco oscilava por baixo de seus pés. Enquanto Davos estendia os remos e os deslizava pelas agitadas águas negras, disse:

– Quem a levou até Renly?

– Não foi necessário. Ele estava desprotegido. Mas aqui… esta Ponta Tempestade é um lugar antigo. Há feitiços entretecidos nas pedras. Muralhas escuras que nenhuma sombra consegue penetrar… antigas, esquecidas, mas ainda no lugar.

– Sombra? – Davos sentiu a pele formigando. – Uma sombra é uma coisa que pertence à escuridão.

– É mais ignorante do que uma criança, sor cavaleiro. Não há sombras na escuridão. As sombras são as servas da luz, as filhas do fogo. A mais brilhante das chamas lança as mais escuras das sombras.

Franzindo a testa, Davos mandou-a se calar. Estavam de novo se aproximando da costa, e as vozes chegavam longe por sobre a água. Remou, fazendo com que o tênue som dos remos se perdesse no ritmo das ondas. O lado virado para o mar de Ponta Tempestade

empoleirava-se num pálido penhasco branco, cuja pedra calcária se erguia abruptamente até vez e meia a altura da maciça muralha exterior do castelo. Uma abertura bocejava na falésia, e era para lá que Davos levava o barco, como tinha levado dezesseis anos antes. O túnel abria-se numa caverna sob o castelo, onde os antigos senhores da tempestade tinham construído seu cais.

A passagem só era navegável durante a maré cheia, e nunca era menos que traiçoeira, mas sua perícia de contrabandista não o abandonara. Davos abriu caminho com habilidade por entre os rochedos recortados até que a abertura do túnel se ergueu na frente deles. Deixou que as ondas os levassem para dentro. Esmagavam-se ao redor deles, atirando o barco para um lado e para o outro e ensopando-os até os ossos. Uma ponta de rocha entrevista surgiu de repente da escuridão, rosnando de espuma, e Davos só por pouco conseguiu mantê-los afastados dela com um remo.

E então tinham passado, submersos em escuridão, e as águas se acalmaram. O pequeno barco desacelerou e rodopiou. O som de suas respirações ecoou até parecer rodeá-los. Davos não esperava aquele negrume. Da última vez, ardiam tochas ao longo de todo o túnel, e os olhos de homens esfomeados espreitavam através dos alçapões do teto. Sabia que a porta levadiça estava em algum lugar mais à frente. Ele usou os remos para segurar o barco e deslizaram contra a porta quase com suavidade.

– Não podemos avançar mais, a menos que tenha um homem lá dentro que ice o portão para nós – seus sussurros correram pelas águas que batiam contra o casco como uma fileira de ratos com patas suaves e cor-de-rosa.

– Passamos para dentro das muralhas?

– Sim. Por baixo. Mas não podemos avançar mais. A porta levadiça desce até o fundo. E as barras são tão pouco espaçadas que nem uma criança consegue se esgueirar entre elas.

A única resposta foi um pequeno ruído. E então uma luz germinou nas trevas.

Davos levantou uma mão para proteger os olhos, e ficou com a respiração presa na garganta. Melisandre tinha jogado o capuz para trás e saía de dentro da sufocante veste. Por baixo estava nua, e enormemente grávida. Seios inchados pendiam pesadamente sobre o peito, e a barriga projetava-se como se estivesse prestes a estourar.

– *Que os deuses nos protejam* – Davos sussurrou, e ouviu a gargalhada que ela soltou em resposta, profunda e gutural. Os olhos eram carvões quentes, e o suor que manchava sua pele parecia cintilar com uma luz própria. Melisandre *brilhava*.

Ofegando, a mulher agachou e abriu as pernas. Sangue escorreu por suas coxas, negro como tinta. Seu grito podia ter sido de agonia,

de êxtase ou de ambas as coisas. E Davos viu o topo da cabeça da criança abrindo caminho para fora dela. Dois braços libertaram-se, agarrando-se, com dedos negros que se enrolavam em volta das coxas retesadas de Melisandre, empurrando, até que a sombra deslizou por completo para o mundo e se ergueu, mais alta do que Davos, tão alta como o túnel, pairando por cima do barco. Teve apenas um instante para olhar para ela antes que desaparecesse, contorcendo-se por entre as barras da porta levadiça e correndo pela superfície da água, mas esse instante foi mais do que o suficiente.

Ele conhecia aquela sombra. E conhecia o homem que a lançava.

Jon

O toque chegou, arrastado pelo vento, no escuro da noite. Jon apoiou-se num cotovelo, estendendo a mão até Garralonga por força do hábito enquanto o acampamento começava a se agitar. *A trombeta que acorda os adormecidos*, pensou.

A longa nota grave demorou-se no limiar da audição. As sentinelas no muro circular imobilizaram-se como estavam, com a respiração congelando e a cabeça virada para oeste. À medida que o som da trombeta se desvanecia, até o vento parou de soprar. Homens saíram de debaixo de suas mantas e alcançaram suas lanças e cintos de espadas, movendo-se em silêncio, escutando. Um cavalo relinchou e foi aquietado. Durante um instante pareceu que a floresta inteira estava segurando a respiração. Os irmãos da Patrulha da Noite esperaram um segundo sopro, rezando para que não o ouvissem, temendo ouvi-lo.

Quando o silêncio se prolongou por um tempo insuportavelmente longo e os homens souberam enfim que a trombeta não soaria de novo, sorriram uns para os outros de forma tímida, como que para negar que tivessem se sentido ansiosos. Jon Snow alimentou a fogueira com alguns gravetos, afivelou o cinto da espada, calçou as botas, sacudiu a terra e o orvalho do manto e o apertou em volta dos ombros. As chamas ardiam ao seu lado, trazendo um calor bem-vindo ao seu rosto enquanto se vestia. Ouvia o Senhor Comandante movendo-se dentro da tenda. Um momento mais tarde, Mormont ergueu a aba:

– Um sopro? – o corvo equilibrava-se em seu ombro, com as penas em desordem e silencioso, parecendo infeliz.

– Um, senhor – Jon concordou. – Irmãos que retornam.

Mormont aproximou-se da fogueira.

– Meia-Mão. E já era mais que tempo – ficara mais inquieto a cada dia de espera; muito mais tempo, e estaria a ponto de parir filhotes caninos. – Assegure-se de que haja comida quente para os homens e forragem para os cavalos. Quero ver Qhorin assim que chegar.

– Irei trazê-lo, senhor.

Os homens da Torre Sombria eram esperados havia dias. Quando não tinham aparecido no tempo devido, os irmãos começaram a especular. Jon ouvira resmungos sombrios em volta das fogueiras, e não provinham todos de Edd Doloroso. Sor Ottyn Wythers era a favor da retirada tão rápida quanto possível para Castelo Negro. Sor Mallador Locke queria se dirigir para a Torre Sombria, esperando pegar o rastro de Qhorin e investigar o que lhe teria acontecido. E

Thoren Smallwood queria avançar para as montanhas.

– Mance Rayder sabe que tem de batalhar com a Patrulha – declarara Thoren –, mas nunca esperará nos encontrar tão a norte. Se subirmos o Guadeleite, podemos pegá-lo desprevenido e cortar sua tropa em fatias antes que ele saiba que estamos lá.

– Os números estariam grandemente contra nós – refutara Sor Ottyn. – Craster disse que ele estava reunindo uma grande tropa. Muitos milhares de homens. Sem Qhorin, somos só duzentos.

– Envie duzentos lobos contra dez mil ovelhas, sor, e veja o que acontece – disse Smallwood em tom confiante.

– Há cabras entre essas ovelhas, Thoren – prevenira Jarman Buckwell. – Sim, e talvez alguns leões. Camisa de Chocalho, Harma Cabeça de Cão, Alfyn Mata-Corvos…

– Conheço-os tão bem como você, Buckwell – retorquira Thoren Smallwood. – E pretendo cortar a cabeça deles, uma por uma. Esses homens são *selvagens*. Não são soldados. Algumas centenas de heróis, provavelmente bêbados, no meio de uma grande horda de mulheres, crianças e servos. Cairemos sobre eles e mandaremos todos, aos uivos, de volta para os seus casebres.

Tinham discutido durante muitas horas sem chegar a um acordo. O Velho Urso era demasiado teimoso para se retirar, mas também não se precipitaria pelo Guadeleite acima em busca de uma batalha. No fim, nada tinha sido decidido, além de esperar mais alguns dias pelos homens da Torre Sombria, e voltar a conversar sobre o assunto se eles não aparecessem.

E agora tinham aparecido, o que significava que a decisão já não podia mais ser adiada. Jon sentia-se contente pelo menos por isso. Se tinham de lutar contra Mance Rayder, que fosse logo.

Foi encontrar Edd Doloroso junto à fogueira, queixando-se de como era difícil para ele dormir quando as pessoas insistiam em soprar trombetas na floresta. Jon lhe deu algo novo de que se queixar. Os dois foram acordar Hake, que recebeu as ordens do Senhor Comandante com uma saraivada de pragas, mas levantou-se mesmo assim, e em pouco tempo tinha uma dúzia de irmãos cortando raízes para fazer sopa.

Sam aproximou-se, esbaforido, quando Jon atravessava o acampamento. Sob o capuz negro, seu rosto estava tão pálido e redondo como a lua.

– Ouvi a trombeta. Seu tio voltou?

– São só os homens da Torre Sombria – estava ficando cada vez mais difícil agarrar-se à esperança de que Benjen Stark regressaria são e salvo. O manto que tinha encontrado aos pés do Punho podia perfeitamente ter pertencido ao tio ou a um de seus homens, até o Velho Urso admitia, embora o motivo de o terem enterrado ali,

enrolado em volta do vidro de dragão escondido, ninguém soubesse dizer. – Sam, tenho de ir.

Na muralha circular, encontrou os guardas tirando espigões da terra meio congelada, a fim de criar uma abertura. Não demorou muito até que os primeiros dos irmãos da Torre Sombria começassem a subir a encosta. Vinham todos vestidos de couro e peles, com um pouco de aço ou bronze aqui e ali; pesadas barbas cobriam rostos duros e magros, e faziam-nos parecer tão hirsutos como seus garranos. Jon ficou surpreso por ver que alguns deles vinham montados aos pares nos cavalos. Quando observou com mais atenção, ficou claro que muitos estavam feridos. *Houve problemas no caminho*.

Jon reconheceu Qhorin Meia-Mão no instante em que o viu, embora nunca tivessem se encontrado. O grande patrulheiro era quase lendário na Patrulha; um homem solene, de palavras lentas e ação rápida, alto e reto como uma lança, de membros longos. Ao contrário de seus homens, vinha barbeado. O cabelo caía sob seu elmo numa trança pesada salpicada de geada, e os panos negros que usava estavam tão desbotados que podiam ter sido cinza. Só restavam o polegar e o indicador na mão que segurava as rédeas; os outros dedos tinham sido cortados ao segurar o machado de um selvagem que, de outra forma, teria rachado seu crânio. Dizia-se que tinha atirado o punho estropiado na cara do homem do machado para que o sangue jorrasse em seus olhos, e que o matara enquanto estava cego. Desde esse dia, os selvagens para lá da Muralha não conheceram inimigo mais implacável.

Jon o saudou.

– O Senhor Comandante Mormont quer vê-lo imediatamente. Eu o levo até a sua tenda.

Qhorin saltou da sela.

– Meus homens têm fome, e nossos cavalos precisam de atenção.

– Eles vão receber cuidados.

O patrulheiro entregou o cavalo aos cuidados de um de seus homens e o seguiu.

– Você é Jon Snow. Tem a cara do seu pai.

– Conhecia meu pai, senhor?

– Não sou nenhum fidalgo. Sou só um irmão da Patrulha da Noite. Sim, conheci Lorde Eddard. E antes conheci o pai dele.

Jon teve de apressar o passo para conseguir acompanhar as longas passadas de Qhorin.

– Lorde Rickard morreu antes de eu nascer.

– Era amigo da Patrulha – Qhorin olhou de relance para trás. – Dizem que um lobo gigante o acompanha.

– Fantasma deve estar de volta ao amanhecer. Ele caça de noite.

Foram encontrar Edd Doloroso fritando uma fatia de bacon e

cozendo uma dúzia de ovos numa caldeira colocada sobre a fogueira do Velho Urso. Mormont estava sentado em sua cadeira de campanha de madeira e couro.

– Tinha começado a temer por você. Encontrou problemas?

– Encontramos Alfyn Mata-Corvos. Mance o tinha enviado para bater o terreno ao longo da Muralha, e por sorte encontramos o homem quando voltava – Qhorin tirou o elmo. – Alfyn não causará mais problemas ao reino, mas alguns dos homens de sua companhia conseguiram escapar. Perseguimos tantos quanto pudemos, talvez alguns consigam retornar às montanhas.

– E o preço?

– Quatro irmãos mortos. Uma dúzia de feridos. Um terço das baixas do inimigo. E fizemos cativos. Um morreu rapidamente devido aos ferimentos, mas o outro viveu o suficiente para ser interrogado.

– É melhor conversarmos sobre isso lá dentro. Jon vai lhe buscar um corno de cerveja. Ou será que prefere vinho quente condimentado?

– Água fervida será suficiente. Um ovo e um pedaço de bacon.

– Como quiser – Mormont ergueu a aba da tenda, Qhorin Meia-Mão curvou-se e entrou.

Edd estava junto à caldeira, mexendo os ovos com uma colher:

– Invejo estes ovos. Eu ficaria melhor com um pouco de fervura agora. Se a caldeira fosse maior, talvez saltasse lá para dentro. Se bem que gostaria mais se fosse vinho do que água. Há maneiras piores de morrer do que quente e bêbado. Certa vez, conheci um irmão que se afogou em vinho. Mas a colheita era ruim, e o cadáver dele não a melhorou.

– *Beberam* o vinho?

– Encontrar um irmão morto é uma coisa horrível. Também precisaria de uma bebida, Lorde Snow – Edd mexeu a caldeira e acrescentou mais uma pitada de noz-moscada.

Inquieto, Jon acocorou-se junto à fogueira e remexeu-a com um pau. Conseguia ouvir a voz do Velho Urso dentro da tenda, interrompida pelos grasnidos do corvo e pelo tom mais calmo de Qhorin Meia-Mão, mas não conseguia distinguir as palavras. *Alfyn Mata-Corvos está morto, isso é bom*. Era um dos mais sanguinários entre os guerreiros selvagens, cujo nome tinha origem na matança de irmãos negros que empreendera. *Então, por que é que Qhorin soa tão sério, depois de uma vitória dessas?*

Jon tinha esperado que a chegada dos homens da Torre Sombria melhorasse o moral no acampamento. Na noite anterior, estava voltando de uma saída para urinar, no meio da escuridão, quando ouviu cinco ou seis homens conversando junto às brasas de uma fogueira. Quando ouviu Chett resmungar que já era mais que hora de

voltar, parou para escutar.

– Esta patrulha é a loucura de um velho. Não vamos encontrar nada naquelas montanhas, a não ser as nossas tumbas.

– Há gigantes nas Presas de Gelo, e *wargs*, e coisas piores – Lark, o homem das Irmãs, respondeu.

– Eu não entro lá, garanto.

– Não me parece que o Velho Urso vá lhe dar opção.

– Pode ser que a gente não lhe dê opção – dissera Chett.

Nessa altura, um dos cães tinha erguido a cabeça e rosnado, e Jon tivera de se afastar rapidamente, antes de ser visto. *Eu não devia ter ouvido aquilo*, pensou. Cogitou levar a história a Mormont, mas não conseguiu se convencer a denunciar os irmãos, mesmo irmãos como Chett e o homem das Irmãs. *Foi só conversa furada*, disse a si mesmo. *Têm frio e medo; todos temos.* Era difícil esperar ali, empoleirados no cume rochoso por cima da floresta, sem saber o que o amanhã lhes traria. *O inimigo invisível é sempre o mais temível*.

Jon tirou seu novo punhal da bainha e estudou as chamas que brincavam no brilhante vidro negro. Ele próprio havia esculpido o cabo de madeira, e tinha enrolado barbante de cânhamo à sua volta para fazer um punho. Era feio, mas servia. Edd Doloroso opinara que as facas de vidro tinham a mesma utilidade de mamilos na placa de peito de um cavaleiro, mas Jon não tinha tanta certeza. A lâmina de vidro de dragão era mais afiada do que aço, apesar de muito mais quebradiça.

Isso deve ter sido enterrado por um motivo.

Também tinha feito um punhal para Grenn, e outro para o Senhor Comandante. A Sam dera o corno de guerra. Sob um exame mais cuidadoso, o corno mostrou-se rachado, e mesmo depois de ter sacudido toda a terra que tinha dentro, Jon fora incapaz de arrancar algum som dele. A borda também estava lascada, mas Sam gostava de coisas velhas, mesmo que sem utilidade.

– Faça dele um corno para beber – Jon lhe dissera. – E toda vez que tomar uma bebida, vai se lembrar de como saiu em patrulha para lá da Muralha e visitou o Punho dos Primeiros Homens – também dera a Sam uma ponta de lança e uma dúzia de pontas de flecha, e distribuíra o resto entre os outros amigos, para lhes dar sorte.

O Velho Urso pareceu ter ficado contente com o punhal, mas Jon reparou que ele preferia ter uma faca de aço ao cinto. Mormont não conseguia sugerir respostas quanto a quem poderia ter enterrado o manto, ou o que isso poderia significar. *Talvez Qhorin saiba*. Meia-Mão aventurara-se a penetrar mais profundamente na floresta do que qualquer outro homem vivo.

– Quer servir, ou sirvo eu?

Jon embainhou o punhal.

– Eu cuido disso – queria ouvir o que eles estavam dizendo.

Edd cortou três grossas fatias de um pão de aveia duro, empilhou-as numa bandeja de madeira, cobriu-as com bacon e sua gordura derretida, e encheu uma tigela com ovos cozidos. Jon pegou a tigela com uma mão e a bandeja com a outra e entrou de ré na tenda do Senhor Comandante.

Qhorin estava sentado no chão, de pernas cruzadas, com a coluna reta como uma lança. A luz das velas tremeluzia nas superfícies duras e planas de seu rosto quando falava.

– … Camisa de Chocalho, Homem Choroso, e todos os outros chefes, grandes e pequenos – ele estava dizendo. – Também têm *wargs*, e mamutes, e mais forças do que sonhamos. Pelo menos foi o que ele alegou. Não vou pôr a mão no fogo pela veracidade da história. Ebben acha que o homem estava nos contando fábulas para fazer com que a vida durasse um pouco mais.

– Verdade ou mentira, a Muralha tem de ser avisada – disse o Velho Urso enquanto Jon colocava a bandeja entre os dois. – E o rei.

– Qual rei?

– Todos. Tanto o verdadeiro como os falsos. Se querem reclamar o reino, que o defendam.

Meia-Mão serviu-se de um ovo e quebrou sua casca na borda da tigela.

– Esses reis farão o que quiserem – ele respondeu, descascando o ovo. – O mais provável é que não seja grande coisa. A melhor esperança é Winterfell. Os Stark têm de convocar o Norte.

– Sim. Com certeza – o Velho Urso desenrolou um mapa, olhou-o de testa franzida, colocou-o de lado, e abriu outro. Jon percebeu que ele estava avaliando onde o martelo cairia. Antigamente, a Patrulha havia guarnecido dezessete castelos ao longo das cem léguas da Muralha, mas tinham sido abandonados, um por um, à medida que a irmandade minguava. Só três possuíam guarnições agora, um fato que Mance Rayder conhecia tão bem como eles. – Podemos ter esperança de que Sor Alliser Thorne traga recrutas frescos de Porto Real. Se levarmos a Guardagris homens da Torre Sombria, e a Monte Longo o pessoal de Atalaialeste…

– Guardagris ruiu em grande parte. Portapedra servirá melhor, se conseguirmos arranjar homens suficientes. Talvez também Marcagelo e Lago Profundo. Com patrulhas diárias ao longo das ameias entre eles.

– Sim, patrulhas. Duas vezes por dia, se for possível. A Muralha propriamente dita é um obstáculo formidável. Sem defesa, não pode pará-los, mas pode atrasá-los. Quanto maior for a tropa, de mais tempo precisarão. Julgando pelo vazio que deixaram para trás, devem ter a intenção de levar as mulheres consigo. E também os jovens, e os

animais… Alguma vez viu uma cabra subir uma escada de mão? Ou uma corda? Vão ter de construir uma escada com degraus, ou uma grande rampa… Vai lhes tomar pelo menos uma volta de lua, talvez mais tempo. Mance deve saber que sua melhor chance é passar *por baixo* da Muralha. Por um portão, ou…

– Uma brecha.

A cabeça de Mormont ergueu-se num movimento vivo.

– O quê?

– Eles não pretendem escalar a Muralha nem escavar por baixo dela, senhor. Planejam quebrá-la.

– A Muralha tem duzentos metros de altura e é tão espessa na base, que seriam necessários cem homens durante um ano para abrir caminho com picaretas e machados.

– Mesmo assim.

Mormont afagou a barba, franzindo a testa:

– Como?

– Como haveria de ser? Feitiçaria – Qhorin arrancou metade do ovo com uma mordida. – Por qual outro motivo Mance teria decidido reunir suas forças nas Presas de Gelo? É um lugar ermo e duro, e é uma longa e cansativa marcha de lá até a Muralha.

– Eu tinha esperança de que ele tivesse escolhido as montanhas para esconder sua reunião dos olhos de meus patrulheiros.

– Talvez – Qhorin respondeu, acabando de comer o ovo. – Mas parece-me que há mais. Ele procura algo nos lugares elevados e frios. Anda atrás de alguma coisa que lhe faz falta.

– Alguma coisa? – o corvo de Mormont ergueu a cabeça e soltou um guincho. O som soou aguçado como uma faca no acanhamento da tenda.

– Algum poder. O que será, nosso prisioneiro não soube nos dizer. Talvez tenha sido interrogado com demasiada intensidade, e morreu deixando muito por contar. De qualquer forma, duvido que soubesse.

Jon conseguia ouvir o vento lá fora. Fazia um som agudo enquanto tremia por entre as pedras da muralha circular e puxava com força as cordas da tenda. Mormont esfregou pensativamente a boca.

– Algum poder – repetiu. – Tenho de saber o que é.

– Então deve enviar batedores para as montanhas.

– Estou relutante em arriscar mais homens.

– Só podemos morrer. Por que motivo vestimos estes mantos negros, se não for para morrer em defesa do reino? Eu enviaria quinze homens, em três grupos de cinco. Um para sondar o Guadeleite, outro ao Passo dos Guinchos, e outro para subir a Escada do Gigante. Jarman Buckell, Thoren Smallwood e eu ao comando. Para investigar o que espera naquelas montanhas.

"*Espera*", gritou o corvo. "*Espera.*"

O Senhor Comandante Mormont soltou um suspiro profundo:

– Não vejo outra escolha – concedeu –, mas se não retornar…

– Alguém descerá das Presas de Gelo, senhor – disse o patrulheiro. – Se formos nós, tudo estará ótimo. Se não, será Mance Rayder, e o senhor está bem no caminho dele. Ele não pode marchar para sul deixando-o para trás, para que o siga e atormente sua retaguarda. Tem de atacar. E este é um lugar forte.

– Não é tão forte assim – Mormont observou.

– Então é possível que morramos todos. Nossa morte irá ganhar tempo para os nossos irmãos na Muralha. Tempo para guarnecer os castelos vazios e congelar os portões, a fim de convocar senhores e reis para virem em seu auxílio, tempo para afiarem os machados e repararem as catapultas. Nossas vidas serão moedas bem gastas.

"*Morre*", resmungou o corvo, percorrendo os ombros de Mormont. "*Morre, morre, morre, morre*." O Velho Urso ficou sentado, dobrado e silencioso, como se o fardo de falar tivesse se tornado pesado demais para que o suportasse. Mas, por fim, disse:

– Que os deuses me perdoem. Escolha os seus homens.

Qhorin Meia-Mão virou a cabeça. Seus olhos encontraram os de Jon e prenderam-se neles durante um longo momento.

– Muito bem. Escolho Jon Snow.

Mormont pestanejou:

– Ele é pouco mais do que um rapaz. E, além disso, é meu intendente. Nem sequer é patrulheiro.

– Tollett também pode cuidar do senhor – Qhorin ergueu sua mão mutilada, com apenas dois dedos. – Os deuses antigos ainda são fortes para lá da Muralha. Os deuses dos Primeiros Homens… e dos Stark.

Mormont olhou para Jon:

– Qual é a sua vontade nisto?

– Ir – Jon respondeu de imediato.

O velho deu um sorriso triste:

– Foi o que achei que seria.

A alvorada já tinha rompido quando Jon saiu da tenda ao lado de Qhorin Meia-Mão. O vento rodopiava em volta deles, agitando os mantos negros e fazendo voar da fogueira uma chuva de fagulhas vermelhas.

– Partimos ao meio-dia – disse-lhe o patrulheiro. – É melhor que encontre esse seu lobo.

Tyrion

–A rainha pretende mandar o Príncipe Tommen para longe – estavam ajoelhados, sozinhos, na escuridão calma do septo, rodeados por sombras e velas tremeluzentes, mas mesmo assim Lancel mantinha a voz baixa. – Lorde Gyles irá levá-lo para Rosby e escondê-lo lá, disfarçado de pajem. Planejam escurecer seu cabelo e dizer a todo mundo que é filho de um pequeno cavaleiro.

– Ela tem medo do povo? Ou de mim?

– De ambos – Lancel respondeu.

– Ah... – Tyrion nada soubera daqueles planos. Pela primeira vez, teriam os passarinhos de Varys falhado? Imaginava que até as aranhas tinham de se distrair… ou será que o eunuco estaria jogando um jogo mais profundo e sutil do que imaginara? – Tem os meus agradecimentos, sor.

– Vai me conceder o favor que lhe pedi?

– Talvez – Lancel queria um comando na batalha seguinte. Uma maneira magnífica de morrer antes de acabar de cultivar aquele bigode, mas os jovens cavaleiros sempre se julgavam invencíveis.

Tyrion permaneceu lá depois de o primo ir sorrateiramente embora. No altar do Guerreiro, usou uma vela para acender outra. *Proteja meu irmão, seu bastardo sangrento, ele é um dos seus*. Acendeu uma segunda vela ao Estranho, esta para si mesmo.

Nessa noite, quando a Fortaleza Vermelha estava escura, Bronn chegou e o encontrou selando uma carta.

– Leve isto a Sor Jacelyn Bywater – o anão derramou cera dourada e quente sobre o pergaminho.

– O que é que diz? – Bronn não sabia ler, por isso fazia perguntas impertinentes.

– Diz para ele levar cinquenta de seus melhores espadachins e bater a estrada das rosas – Tyrion pressionou seu selo contra a cera mole.

– É mais provável que Stannis chegue pela estrada do rei.

– Ah, eu sei. Diga a Bywater para desconsiderar o que a carta diz e levar seus homens para o norte. Deverá montar uma armadilha na estrada de Rosby. Lorde Gyles vai partir para o seu castelo dentro de um ou dois dias, com uma dúzia de homens de armas, alguns criados e meu sobrinho. Príncipe Tommen pode estar vestido de pajem.

– Quer o garoto trazido de volta, é isso?

– Não. Quero que o levem para o castelo – Tyrion chegou à conclusão de que tirar o rapaz da cidade havia sido uma das melhores ideias da irmã. Em Rosby, Tommen estaria a salvo do povo, e mantê-lo afastado do irmão também tornava as coisas mais difíceis para

Stannis; mesmo se tomasse Porto Real e executasse Joffrey, ainda teria um pretendente Lannister com quem lutar. – Lorde Gyles é doente demais para fugir, e covarde demais para lutar. Ele ordenará ao castelão que abra os portões. Uma vez dentro do castelo, Bywater deverá expulsar a guarnição e manter Tommen a salvo lá dentro. Pergunte-lhe como soa *Lorde* Bywater.

– Lorde Bronn soaria melhor. Eu podia apanhar o garoto tão bem como ele. Embalaria-o no joelho e lhe cantaria canções de ninar se nisso estivesse envolvido um título.

– Preciso de você aqui – Tyrion respondeu. *E não confio em você com meu sobrinho*. Se algo acontecesse a Joffrey, a pretensão Lannister ao Trono de Ferro cairia sobre os jovens ombros de Tommen. Os homens de manto dourado de Sor Jacelyn defenderiam o garoto; os mercenários de Bronn eram mais capazes de vendê-lo aos seus inimigos.

– O que deve o novo senhor fazer com o antigo?

– O que bem entender, desde que se lembre de alimentá-lo. Não o quero morrendo – Tyrion afastou-se da mesa. – Minha irmã enviará um membro da Guarda Real com o príncipe.

Bronn não se mostrou preocupado.

– Cão de Caça é cão de Joffrey, não o abandonará. Os mantos dourados do Mão de Ferro devem ser capazes de lidar com os outros com bastante facilidade.

– Se as coisas chegarem ao ponto de matar, diga a Sor Jacelyn que não quero isso feito na frente de Tommen – Tyrion pôs um pesado manto de lã marrom-escura. – Meu sobrinho tem bom coração.

– Tem certeza de que é um Lannister?

– Não tenho certeza de nada, além do Inverno e da batalha. Venha. Vou com você até uma parte do caminho.

– Chataya?

– Conhece-me bem demais.

Saíram por uma porta falsa na muralha norte. Tyrion encostou os calcanhares no cavalo e desceu ruidosamente a Alameda da Sombra Negra. Alguns vultos furtivos precipitaram-se para vielas ao ouvir os cascos nas pedras do pavimento, mas ninguém se atreveu a abordá-los. O conselho tinha estendido o toque de recolher; ser pego nas ruas depois do toque do anoitecer significava a morte. A medida restaurara certa paz em Porto Real e diminuíra para um quarto o número de cadáveres encontrados nas vielas de manhã, mas Varys dizia que as pessoas o amaldiçoavam por isso. *Deviam se sentir agradecidas por terem vida para poder lançar maldições*. Um par de homens de manto dourado confrontou-os na Ruela dos Caldeireiros, mas quando compreenderam quem tinham intimado, pediram perdão à Mão e mandaram-nos seguir com um gesto. Bronn virou para sul em direção

ao Portão da Lama e os dois se separaram.

Tyrion prosseguiu na direção da casa de Chataya, mas de repente a resignação o abandonou. Virou-se na sela, perscrutando a rua atrás de si. Não havia sinal de perseguidores. Todas as janelas estavam escuras ou com as venezianas bem fechadas. Nada ouviu além do vento que passava pelas vielas. *Se Cersei tiver alguém me seguindo hoje, deve estar disfarçado de ratazana*.

– Que se dane tudo isso – resmungou. Estava farto de cuidados. Obrigando o cavalo a se virar, esporeou-o com força. *Se alguém vier atrás de mim, vamos ver se monta bem*. Voou pelas ruas iluminadas pelo luar, estrondeando sobre o pavimento, precipitando-se por vielas estreitas e ruelas sinuosas, correndo para o seu amor.

Ao bater com força no portão, ouviu a música que pairava, tênue, sobre os espigões que coroavam os muros de pedra. Um dos ibbeneses o conduziu pela propriedade.

– Quem é aquele? – as vidraças em forma de diamante das janelas do salão brilhavam com a luz amarela, e Tyrion ouvia um homem cantando.

O ibbenês encolheu os ombros.

– Cantor barrigudo.

O som foi se intensificando à medida que Tyrion se afastava do estábulo onde deixara o cavalo e se aproximava da casa. Nunca gostara de cantores, e, mesmo antes de vê-lo, gostava daquele ainda menos do que da raça como um todo. Quando empurrou a porta, o homem interrompeu-se.

– Senhor Mão – ajoelhou, mostrando a careca incipiente e a barriga de tacho, murmurando: – Uma honra, uma honra.

– Senhor – Shae sorriu ao vê-lo. Gostava daquele sorriso, e da forma rápida e irrefletida com que vinha ao seu lindo rosto. A garota usava o roupão de seda roxa, preso com um cinturão de fio de prata. As cores favoreciam seu cabelo escuro e a cor creme da pele lisa.

– Querida – disse-lhe. – E quem é este?

O cantor levantou os olhos.

– Chamam-me de Symon Língua de Prata, senhor. Ator, cantor, contador de histórias…

– E um grande idiota – Tyrion terminou. – Como foi que me chamou, quando entrei?

– Chamar? Eu só… – a prata na língua de Symon parecia ter se transformado em chumbo. – Senhor Mão, eu disse, uma honra…

– Um homem mais sensato teria fingido não me reconhecer. Não que eu tivesse me deixado enganar, mas você devia ter tentado. Que vou fazer agora com você? Sabe da minha querida Shae, sabe onde ela mora, sabe que a visito à noite sozinho.

– Juro, não direi a ninguém…

– Pelo menos nisso concordamos. Boa noite – Tyrion subiu as escadas com Shae.

– Meu cantor pode agora nunca mais cantar – ela brincou. – Tirou a voz dele com o susto.

– Um pouco de medo pode ajudá-lo a atingir aquelas notas agudas.

Ela fechou a porta do quarto.

– Não vai lhe fazer mal, não é? – Shae acendeu uma vela perfumada e ajoelhou-se para tirar suas botas. – Suas canções alegram-me nas noites em que você não vem.

– Bem que gostaria de poder vir todas as noites – ele disse enquanto ela esfregava seus pés nus. – Ele canta bem?

– Melhor do que alguns. Não tão bem quanto outros.

Tyrion abriu seu roupão e enterrou o rosto entre seus seios. Ela sempre cheirava limpa, mesmo naquela pocilga fedorenta de cidade.

– Fique com ele, se quiser, mas mantenha-o por perto. Não o quero vagueando pela cidade e espalhando histórias pelas casas de pasto.

– Ele não… – ela começou.

Tyrion cobriu sua boca com um beijo. Estava farto de conversas; precisava da doce simplicidade do prazer que encontrava entre as coxas de Shae. Ali, pelo menos, era bem-vindo, desejado.

Mais tarde, puxou o braço de debaixo da cabeça dela, enfiou-se na túnica e desceu ao jardim. Uma meia-lua prateava as folhas das árvores frutíferas e brilhava na superfície da piscina para banhos esculpida em pedra. Tyrion sentou-se junto à água. Em algum lugar, à sua direita, um grilo cantava, um som curiosamente acolhedor. *Este lugar é pacífico*, pensou, *mas, por quanto tempo?*

Uma lufada de alguma coisa malcheirosa fez Tyrion virar a cabeça. Shae estava à porta, por trás dele, vestida com o roupão prateado que lhe dera. *Amei uma donzela branca como o Inverno, com o luar nos cabelos*. Atrás dela encontrava-se um dos irmãos mendicantes, um homem corpulento com trajes imundos e remendados, os pés descalços cobertos com uma crosta de sujeira e uma tigela pendurada por uma correia de couro que trazia ao pescoço, na posição em que um septão usaria um cristal. O cheiro que exalava teria dado náuseas a uma ratazana.

– Lorde Varys veio vê-lo – Shae anunciou.

O irmão mendicante a olhou, piscando os olhos, espantado. Tyrion soltou uma gargalhada.

– Com certeza. Como foi que o reconheceu e eu não?

Shae encolheu os ombros.

– É ele mesmo assim. Só que vestido de outra forma.

– Um visual diferente, um cheiro diferente, uma maneira

diferente de caminhar – Tyrion observou. – A maior parte dos homens se enganaria.

– E a maior parte das mulheres também, provavelmente. Mas não as prostitutas. Uma prostituta aprende a ver o homem, não seu traje, caso contrário acaba morta numa viela.

Varys fez uma expressão de dor, que não era devida às falsas feridas que tinha nos pés. Tyrion soltou um risinho.

– Shae, traga-nos um pouco de vinho? – podia precisar de uma bebida. O que quer que tivesse trazido o eunuco ali na calada da noite não devia ser boa coisa.

– Quase temo contar o motivo por que vim, senhor – Varys disse, quando Shae saiu. – Trago notícias terríveis.

– Devia se vestir de penas negras, Varys, é de tão mau agouro como um corvo – desajeitadamente, Tyrion ficou de pé, meio receoso de fazer a pergunta seguinte. – É Jaime? – *se lhe fizeram mal, nada os salvará.*

– Não, senhor. É outro assunto. Sor Cortnay Penrose está morto. Ponta Tempestade abriu os portões a Stannis Baratheon.

A consternação varreu todos os outros pensamentos da mente de Tyrion. Quando Shae retornou com o vinho, ele bebeu um gole e arremessou a taça contra a parede da casa, fazendo-a explodir. Shae levantou uma mão para se proteger dos cacos enquanto o vinho escorria pelas pedras em longos dedos, negros à luz do luar.

– *Maldito seja!* – Tyrion esbravejou.

Varys sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes podres.

– Quem, senhor? Sor Cortnay ou Lorde Stannis?

– Os dois – Ponta Tempestade era forte, devia ter sido capaz de resistir durante meio ano ou mais… Tempo suficiente para seu pai acabar com Robb Stark. – Como foi que isso aconteceu?

Varys olhou de relance para Shae.

– Senhor, temos de perturbar o sono de sua doce senhora com uma conversa tão sombria e sangrenta?

– Uma senhora poderia ter medo – disse Shae –, mas eu não tenho.

– Deveria ter – disse-lhe Tyrion. – Com a queda de Ponta Tempestade, Stannis virará em breve a atenção para Porto Real – agora lamentava ter atirado longe aquele vinho. – Lorde Varys, dê-nos um momento, e eu voltarei com o senhor ao castelo.

– Esperarei nos estábulos – fez uma reverência e afastou-se com passos pesados.

Tyrion puxou Shae para o seu lado.

– Aqui não está segura.

– Tenho meus muros, e os guardas que me deu.

– Mercenários – disse Tyrion. – Gostam bastante do meu ouro,

mas morrerão por ele? Quanto a estes muros, um homem podia subir nos ombros de outro e saltá-los num instante. Uma mansão muito parecida com esta foi queimada durante os tumultos. Mataram o ourives que a possuía pelo crime de ter uma despensa cheia, tal como deixaram o Alto Septão em pedaços, estupraram Lollys meia centena de vezes, e esmagaram o crânio de Sor Aron. O que acha que farão se puserem as mãos na senhora da Mão?

– Refere-se à prostituta da Mão? – ela o olhou com aqueles seus grandes olhos corajosos. – Mas gostaria de ser sua senhora, senhor. Vestiria todas as coisas bonitas que me deu, cetim, samito e pano de ouro, e usaria suas joias, pegaria na sua mão e sentaria ao seu lado nos banquetes. Poderia dar-lhe filhos, sei que poderia… e juro que nunca o envergonharia.

Meu amor por você já me envergonha o suficiente.

– Um sonho lindo, Shae. Mas, agora, coloque-o de lado, estou pedindo. Nunca poderá acontecer.

– Por causa da rainha? Também não tenho medo dela.

– Eu tenho.

– Então *mate-a* e resolva o assunto. Não é como se houvesse algum amor entre vocês.

Tyrion suspirou.

– Ela é minha irmã. O homem que mata seu próprio sangue é para sempre maldito aos olhos dos deuses e dos homens. Além disso, seja o que for que eu e você possamos pensar de Cersei, meu pai e meu irmão gostam dela. Posso conspirar contra qualquer homem nos Sete Reinos, mas os deuses não me equiparam para enfrentar Jaime de espada na mão.

– O Jovem Lobo e Lorde Stannis têm espadas, e não o assustam.

Como você sabe pouco, querida.

– Contra eles tenho todo o poder da Casa Lannister. Contra Jaime ou meu pai, não tenho mais do que umas costas tortas e um par de pernas atrofiadas.

– Tem a mim – Shae o beijou, deslizando os braços em volta de seu pescoço enquanto pressionava o corpo contra o dele.

O beijo o excitou, como sempre acontecia com os beijos dela, mas daquela vez Tyrion libertou-se gentilmente.

– Agora não. Querida, eu tenho… bem, chame de semente de um plano. Acho que posso ser capaz de levá-la para as cozinhas do castelo.

O rosto de Shae ficou imóvel:

– As cozinhas?

– Sim. Se agir através de Varys, ninguém saberá de nada.

Ela soltou um risinho:

– Senhor, eu o envenenaria. Todos os homens que provaram

minha comida disseram-me que sou uma excelente prostituta.

– A Fortaleza Vermelha tem cozinheiros suficientes. E açougueiros e padeiros também. Teria de se fazer de ajudante de cozinha.

– Uma lavadora de pratos, vestida de ráfia áspera e marrom. É assim que o senhor quer me ver?

– O senhor quer vê-la viva – Tyrion respondeu. – Dificilmente pode lavar pratos vestida de seda e veludo.

– O senhor se cansou de mim? – ela enfiou uma mão por baixo da túnica dele e encontrou seu membro. Em duas rápidas batidas deixou-o duro. – *Ele* ainda me quer – ela riu. – Gostaria de foder sua ajudante de cozinha, senhor? Pode me encher de farinha e chupar molho de carne das minhas maminhas, se…

– Pare com isso – o modo como ela estava agindo lembrava-lhe Dancy, que tentara tão intensamente ganhar sua aposta. Afastou sua mão com força, a fim de impedir mais travessuras. – Não é hora para brincadeiras de cama, Shae. Sua vida pode estar em risco.

O sorriso dela desapareceu:

– Se desagradei ao senhor, não tive intenção, só que… não podia apenas me dar mais guardas?

Tyrion soltou um profundo suspiro. *Lembre-se de como ela é nova*, disse a si mesmo, e pegou sua mão:

– Suas pedras preciosas podem ser substituídas, e novos vestidos podem ser cosidos, duas vezes mais bonitos do que os velhos. Para mim, você é a coisa mais preciosa que está dentro destes muros. A Fortaleza Vermelha também não é segura, mas é bastante mais segura do que aqui. Quero você lá.

– Nas cozinhas – a voz dela não tinha expressão. – Lavando pratos.

– Por pouco tempo.

– Meu pai fez de mim a ajudante de cozinha dele – ela disse, com a boca se contorcendo. – Foi por isso que fugi.

– Tinha me dito que fugiu porque seu pai fez de você a prostituta dele – lembrou-lhe Tyrion.

– Isso também. Não gostava mais de lavar seus pratos do que da pica dele em mim – sacudiu a cabeça para trás. – Por que é que não pode ficar comigo na sua torre? Metade dos senhores da corte tem quem aqueça suas camas.

– Fui expressamente proibido de levá-la para a corte.

– Pelo seu pai estúpido – Shae fez um muxoxo. – Tem idade para manter todas as prostitutas que quiser. Será que ele o considera um garotinho imberbe? O que ele poderia fazer, espancá-lo?

Tyrion a estapeou. Não com força, mas com suficiente vigor.

– Maldita. *Sua maldita*. *Nunca* caçoe de mim. *Você* não.

Por um momento Shae não falou. O único som que se ouvia era o

do grilo, que cantava, cantava.

– Peço perdão, senhor – ela disse por fim, numa voz pesada e sem vida. – Não queria ser insolente.

E eu não queria bater em você. Que os deuses sejam bons, estarei me transformando em Cersei?

– Isso foi errado. De nós dois. Shae, você não compreende – palavras que nunca pretendera dizer saíram dele às cambalhotas, como saltimbancos de um cavalo oco. – Quando tinha treze anos, casei com a filha de um artesão. Pelo menos era o que pensava que ela era. Estava cego de amor, e pensava que ela sentia o mesmo por mim, mas meu pai esfregou a verdade na minha cara. Minha noiva era uma prostituta que Jaime tinha contratado para me dar a primeira experiência como homem – *e eu acreditei em tudo, como o tolo que era.* – Para que a lição ficasse bem dada, Lorde Tywin deu minha esposa a uma caserna de guardas para que a usassem como bem entendessem, e ordenou-me que assistisse – *e que a possuísse uma última vez, depois de os outros terminarem. Uma última vez, sem que nenhum sinal de amor ou ternura restasse. "Para que se recorde dela como realmente é", dissera, e eu devia tê-lo desafiado, mas meu pau me traiu e fiz o que me era pedido.* – Depois de ficar satisfeito com ela, meu pai obteve a anulação do casamento. Era como se nunca nos tivéssemos casado, disseram os septões – apertou sua mão. – Por favor, não falemos mais da Torre da Mão. Ficará nas cozinhas só por pouco tempo. Depois de terminarmos com Stannis, terá outra mansão, e sedas tão suaves como as suas mãos.

Os olhos de Shae tinham-se aberto muito, mas Tyrion não conseguiu ler o que havia por trás.

– Minhas mãos não serão suaves se passar o dia todo limpando fornos e raspando panelas. Será que ainda vai querê-las tocando-o quando estiverem vermelhas, ásperas e rachadas da água quente e da lixívia?

– Mais do que nunca. Quando olhar para elas, vão me lembrar de como foi corajosa.

Não saberia dizer se ela acreditava nele. A moça abaixou os olhos.

– Estou às suas ordens, senhor.

Tyrion via com clareza que aquilo era a máxima aceitação que alcançaria naquela noite. Beijou seu rosto no lugar onde tinha batido, para tirar alguma dor do golpe.

– Mandarei buscá-la.

Varys estava à espera nos estábulos, como havia prometido. O cavalo do eunuco parecia esparavonado e meio morto. Tyrion montou; um dos mercenários abriu os portões. Saíram em silêncio. *Que os deuses me ajudem, por que lhe contei a respeito de Tysha?*, perguntou a si mesmo, com um medo súbito. Havia alguns segredos que nunca

deviam ser verbalizados, algumas vergonhas que um homem devia levar para o túmulo. O que queria dela, perdão? A maneira como o olhara, o que queria dizer? Odiaria tanto assim a ideia de limpar panelas, ou teria sido a sua confissão? *Como é que posso lhe contar aquilo e ainda pensar que ela me ama?*, disse parte dele, enquanto a outra parte caçoou, dizendo: *Anão estúpido, a única coisa que a rameira ama são o ouro e as joias.*

Seu cotovelo cicatrizado latejava, rangendo sempre que o cavalo punha um casco no chão. Às vezes, quase conseguia imaginar que ouvia os ossos roçando um no outro lá dentro. Talvez devesse consultar um meistre, obter alguma poção para as dores… Mas, desde que Pycelle tinha revelado o que era, Tyrion desconfiava dos meistres. Só os deuses sabiam com quem andariam conspirando, ou o que teriam misturado naquelas poções que ministravam.

– Varys. Tenho de trazer Shae para o castelo sem que Cersei perceba – fez um esboço rápido de seu plano envolvendo as cozinhas.

Quando terminou, o eunuco soltou um pequeno cacarejo:

– Farei o que o senhor ordenar, naturalmente… Mas devo preveni-lo de que as cozinhas estão cheias de olhos e ouvidos. Mesmo se a garota não cair sob nenhuma suspeita propriamente dita, será alvo de mil perguntas. Onde nasceu? Quem eram seus pais? Como veio para Porto Real? A verdade não servirá, então ela terá de mentir… e mentir, e mentir – olhou de relance para Tyrion. – E uma jovem moça de cozinha tão bonita instigará tanto desejo como curiosidade. Será tocada, beliscada, acariciada e levará tapinhas. Ajudantes de cozinha vão se enfiar sob as suas mantas de noite. Algum cozinheiro solitário pode tentar se casar com ela. Padeiros vão amassar seus seios com mãos cheias de farinha.

– Prefiro que ela seja acariciada a que seja apunhalada – Tyrion respondeu.

Varys avançou mais alguns passos, e disse:

– Pode haver outra maneira. Acontece que a aia que serve a filha da Senhora Tanda tem andado surrupiando suas joias. Se eu informasse a Senhora Tanda disso, ela seria forçada a despedir imediatamente a moça. E a filha precisaria de uma nova aia.

– Entendo – Tyrion compreendeu de imediato que aquilo abria possibilidades. Uma criada de quarto de uma senhora usava roupas melhores do que uma ajudante de cozinha, e frequentemente até exibia uma ou duas joias. Shae devia ficar contente com isso. E Cersei achava a Senhora Tanda entediante e histérica, e Lollys, uma bovina imbecil. Não era provável que lhes fizesse visitas de cortesia.

– Lollys é tímida e confia nas pessoas – Varys acrescentou. – Acreditará em qualquer história que lhe seja contada. Desde que sua virgindade foi roubada pelos populares, ela tem medo de sair de seus

aposentos, portanto, Shae permanecerá fora de vista… mas convenientemente próxima, caso você tenha necessidade de consolo.

– Sabe tão bem como eu que a Torre da Mão está vigiada. Cersei certamente ficaria curiosa se a aia de Lollys começasse a me visitar.

– Eu talvez consiga introduzir a moça em seu quarto sem ser vista. A casa de Chataya não é a única a ter uma porta escondida.

– Um acesso secreto? Aos *meus* aposentos? – Tyrion sentia-se mais aborrecido do que surpreso. Por que motivo teria Maegor, o Cruel, ordenado a morte de todos os construtores que tinham trabalhado em seu castelo, se não fosse para proteger tais segredos? – Sim, suponho que teria de existir. Onde posso encontrar a porta? No aposento privado? No quarto de dormir?

– Meu amigo, não quer me obrigar a revelar *todos* os meus pequenos segredos, não é?

– De hoje em diante, pense neles como os *nossos* pequenos segredos, Varys – Tyrion olhou de soslaio o eunuco em seu fedido traje de saltimbanco. – Partindo do princípio de que você *está* do meu lado…

– Consegue duvidar disso?

– Ora, não, confio tacitamente em você – uma gargalhada amarga ecoou das janelas fechadas. – Na verdade, confio em você como se fosse do meu sangue. Agora conte-me como morreu Cortnay Penrose.

– Dizem que se atirou de uma torre.

– Que *se* atirou? Não, não vou acreditar nisso.

– Os guardas não viram ninguém entrando em seus aposentos, nem encontraram ninguém lá dentro depois da queda.

– Então o assassino entrou mais cedo e se escondeu debaixo da cama – sugeriu Tyrion. – Ou desceu do telhado por uma corda. Talvez os guardas estejam mentindo. Quem poderá dizer que não cometeram eles mesmos o ato?

– Sem dúvida, tem razão, senhor.

O tom cheio de si do eunuco dizia outra coisa.

– Mas você tem outra opinião? Como teria acontecido então?

Durante um longo momento Varys nada disse. O único som que se ouvia era o solene *clac* que os cascos faziam no pavimento. Por fim, o eunuco pigarreou:

– Senhor, acredita nos antigos poderes?

– Fala de magia? – Tyrion perguntou com impaciência, fungando. – Feitiços de sangue, maldições, metamorfismo, esse tipo de coisa? Quer sugerir que Sor Cortnay foi enfeitiçado até a morte?

– Sor Cortnay tinha desafiado Lorde Stannis para um combate singular na manhã do dia em que morreu. Pergunto: será este o ato de um homem perdido em desespero? Depois, há a questão do assassinato misterioso e muito fortuito de Lorde Renly, precisamente

no momento em que suas linhas de batalha estavam se formando para varrer o irmão do campo – o eunuco fez uma pausa momentânea. – Senhor, uma vez perguntou-me de que modo fui cortado.

– Lembro-me disso. Não quis falar do assunto.

– E continuo a não querer, mas… – aquela pausa foi mais longa do que a anterior, e quando Varys voltou a falar sua voz estava de algum modo diferente. – Era um órfão, aprendiz numa trupe errante. Nosso mestre possuía um barco pesqueiro pequeno e largo, e viajávamos de um lado para o outro ao longo do mar estreito, atuando em todas as Cidades Livres e, de tempos em tempos, em Vilavelha e Porto Real. Um dia, em Myr, um certo homem foi ao nosso espetáculo. Quando terminou, fez uma oferta por mim que meu mestre achou tentadora demais para recusar. Fiquei aterrorizado. Temi que o homem pretendesse me usar como ouvira dizer que os homens usavam garotinhos, mas, na verdade, a única parte de mim que ele queria era meu órgão viril. Deu-me uma poção que me deixou incapaz de me movimentar ou de falar, mas nada fez para adormecer meus sentidos. Com uma longa lâmina em forma de gancho cortou-me raiz e caule, sem parar de entoar cânticos. Vi-o queimar meus órgãos masculinos num braseiro. As chamas ficaram azuis, e ouvi uma voz responder ao seu chamado, embora não compreendesse as palavras que foram ditas. Quando ele acabou de fazer o que queria comigo, os pantomimeiros tinham zarpado. Depois de servir aos seus propósitos, o homem já não tinha interesse em mim, e botou-me na rua. Quando lhe perguntei o que devia fazer então, ele respondeu que achava que devia morrer. Para contrariá-lo, decidi viver. Mendiguei, roubei e vendi as partes do corpo que ainda me restavam. Em pouco tempo tornei-me um ladrão tão bom como qualquer outro de Myr, e quando cresci aprendi que muitas vezes o conteúdo das cartas de um homem é mais valioso do que o conteúdo de sua bolsa. Mas ainda sonho com aquela noite, senhor. Não com o feiticeiro, nem com a lâmina, nem mesmo com o modo como meu membro viril contraiu-se enquanto ardia. Sonho com a voz. A voz saída das chamas. Seria um deus, um demônio, um truque qualquer de ilusionista? Não sei lhe dizer, e olhe que conheço todos os truques. Tudo o que sei com toda certeza é que o homem chamou a coisa, e ela respondeu, e desde esse dia odiei a magia e todos aqueles que a praticam. Se Lorde Stannis for um desses homens, desejo vê-lo morto.

Quando terminou de falar, cavalgaram em silêncio durante algum tempo. Por fim, Tyrion disse:

– Uma história pungente. Lamento.

O eunuco suspirou.

– Lamenta, mas não acredita em mim. Não, senhor, não é necessário pedir perdão. Eu estava drogado e com dores, e tudo se

passou há muito tempo e num lugar distante, do outro lado do mar. Sem dúvida que sonhei aquela voz. Disse isso a mim mesmo mil vezes.

– Eu acredito em espadas de aço, moedas de ouro e na inteligência dos homens – Tyrion respondeu. – E acredito que um dia existiram dragões. Afinal de contas, vi seus crânios.

– Esperemos que essa seja a pior coisa que veja, senhor.

– Nisso concordamos – Tyrion sorriu. – E quanto à morte de Sor Cortnay, bem, sabemos que Stannis contratou mercenários das Cidades Livres. Talvez também tenha comprado um assassino habilidoso.

– Um assassino *muito* habilidoso.

– Há homens assim. Costumava sonhar que um dia seria suficientemente rico para enviar um Homem Sem Rosto contra minha querida irmã.

– Independentemente do modo como Sor Cortnay morreu, está morto, e o castelo caiu. Stannis está livre para marchar.

– Temos alguma chance de convencer os homens de Dorne a cair sobre a Marca?

– Nenhuma.

– É uma pena. Bem, a ameaça pode pelo menos servir para manter os senhores da Marca perto de seus castelos. Que novidades há de meu pai?

– Se Lorde Tywin conseguiu atravessar o Ramo Vermelho, nenhuma notícia nesse sentido me chegou ainda. Se não se apressar, pode ficar encurralado entre os inimigos. A folha dos Oakheart e a árvore dos Rowan foram vistas a norte do Vago.

– Não há notícias de Mindinho?

– Talvez não tenha chegado a Ponteamarga. Ou talvez tenha morrido lá. Lorde Tarly tornou-se senhor das reservas de Renly e passou muitos pela espada; em especial gente dos Florent. Lorde Caswell trancou-se em seu castelo.

Tyrion atirou a cabeça para trás e estourou em gargalhadas.

Varys puxou as rédeas do cavalo, perplexo.

– Senhor?

– Não vê a piada, Lorde Varys? – Tyrion indicou com um gesto de mão as janelas trancadas, toda a cidade adormecida. – Ponta Tempestade caiu e Stannis vem a caminho com fogo e aço, e só os deuses sabem que escuros poderes, e o bom povo não tem Jaime para protegê-lo, nem Robert, nem Renly, nem Rhaegar, nem seu precioso Cavaleiro das Flores. Só têm a mim, aquele que odeiam – voltou a rir. – O anão, o maligno conselheiro, o pequeno demônio simiesco e deformado. Sou tudo o que têm entre eles e o caos.

Catelyn

–Diga ao pai que parti para deixá-lo orgulhoso.

O irmão saltou para a sela, senhor da cabeça aos pés, em sua brilhante cota de malha e manto solto em cores de lama e água. Uma truta prateada ornamentava seu elmo, gêmea da que levava pintada no escudo.

– Ele sempre se orgulhou de você, Edmure. E ama-o ferozmente. Acredite nisso.

– Pretendo dar-lhe mais motivos para isso do que meu mero nascimento – fez o cavalo de guerra dar meia-volta e ergueu uma mão. Soaram trombetas, um tambor começou a ressoar, a ponte levadiça desceu aos trancos, e Sor Edmure Tully levou seus homens para fora de Correrrio com lanças erguidas e estandartes ao vento.

Tenho uma hoste maior do que a sua, irmão, pensou Catelyn enquanto os via partir. *Uma hoste de dúvidas e medos*.

Ao seu lado, a infelicidade de Brienne era quase palpável. Catelyn mandara costurar trajes para as suas medidas, belos vestidos adequados ao seu nascimento e sexo, mas ela ainda preferia vestir peças avulsas de cota de malha e couro fervido, com um cinto de espada cingido à cintura. Teria se sentido mais feliz partindo para a guerra com Edmure, sem dúvida, mas mesmo muralhas tão fortes como as de Correrrio necessitavam de espadas para defendê-las. O irmão tinha levado todos os homens capazes para os vaus, deixando Sor Desmond Grell no comando de uma guarnição composta por feridos, velhos e doentes, juntamente com alguns escudeiros e outros tantos filhos de camponeses não treinados, ainda longe da idade viril. E isso para defender um castelo atulhado de mulheres e crianças.

Quando o último dos homens de Edmure passou arrastando os pés sob a ponte levadiça, Brienne perguntou:

– Que faremos agora, senhora?

– O nosso dever – o rosto de Catelyn estava tenso quando começou a atravessar o pátio. *Sempre cumpri meu dever*, pensou. Talvez fosse por isso que o senhor seu pai sempre lhe dera mais carinho do que aos outros filhos. Os dois irmãos mais velhos tinham morrido na infância, e ela havia sido filho e filha para Lorde Hoster até Edmure nascer. Então, a mãe morrera e o pai dissera-lhe que teria de passar a ser a senhora de Correrrio, e Catelyn também tinha feito isso. E quando Lorde Hoster a prometera a Brandon Stark, ela lhe agradeceu por lhe ter arranjado um casamento tão magnífico.

Dei a Brandon meu favor para que o usasse, e nunca confortei Petyr depois de ter sido ferido, nem lhe disse adeus quando meu pai o mandou embora. E quando Brandon foi assassinado e meu pai me disse que devia

casar com o irmão dele, fiz isso de boa vontade, embora nunca tivesse visto Ned até o dia do nosso casamento. Entreguei minha virgindade a esse solene estranho, e o mandei para a sua guerra, o seu rei e a mulher que lhe deu o seu bastardo, porque sempre cumpri meu dever.

Os pés levaram-na para o septo, um templo de arenito com sete lados, construído no interior dos jardins de sua mãe, cheio de arcos-íris coloridos. Estava lotado quando entrou; Catelyn não estava só em sua necessidade de rezar. Ajoelhou perante a imagem de mármore pintado do Guerreiro e acendeu uma vela perfumada por Edmure e outra por Robb, que estava bem para lá dos montes. *Mantenha-os a salvo e ajude-os a chegar à vitória*, orou, *e traga paz às almas dos mortos e conforto aos que deixam para trás.*

O septão entrou com seu incensório de cristal enquanto Catelyn rezava, então ela ficou para a celebração. Não conhecia aquele septão, um jovem zeloso com idade próxima à de Edmure. Desempenhava seu cargo bastante bem, e quando cantava os louvores aos Sete exibia uma voz rica e agradável, mas Catelyn deu por si ansiando pelo tom frágil e trêmulo do Septão Osmynd, morto havia muito tempo. Osmynd teria escutado pacientemente a história do que ela tinha visto e sentido no pavilhão de Renly, e também poderia ter sabido o que aquilo significara, e o que ela tinha de fazer para enterrar as sombras que assombravam seus sonhos. *Osmynd, meu pai, tio Brynden, o velho Meistre Kym, sempre pareceram saber tudo, mas agora estou só, e parece que não sei nada, nem sequer qual é o meu dever. Como posso cumprir meu dever se não sei qual é ele?*

Os joelhos de Catelyn estavam duros quando se levantou, embora não se sentisse mais sábia. Talvez fosse ao bosque sagrado à noite, e rezasse também aos deuses de Ned. Eram mais velhos do que os Sete.

Lá fora, se deparou com uma canção de um tipo diferente. Rymund, o Rimante, estava sentado junto à cervejaria no centro de uma roda de ouvintes, fazendo ressoar a voz profunda enquanto cantava sobre Lorde Deremond no Prado Sangrento.

> E ali estava, de espada na mão,
> o último dos dez de Darry…

Brienne parou para ouvir por um momento, com os largos ombros curvados e os grossos braços cruzados sobre o peito. Um bando de garotos esfarrapados passou correndo, berrando e batendo uns nos outros com paus. *Por que os garotos gostam tanto de brincar de guerra?* Catelyn perguntou a si mesma se Rymund seria a resposta. A voz do cantor cresceu ao aproximar-se do fim da canção.

> E rubra a relva sob seus pés

rubra a bandeira que conduz
e rubro o brilho do sol poente
que o banhou em sua luz
"Venham, venham", grita o grande senhor
"inda há fome em minha espada"
e com um grito de fúria selvagem
foi à ribeira cruzada…

– Lutar é melhor do que essa espera – disse Brienne. – Não nos sentimos tão impotentes quando lutamos. Temos uma espada e um cavalo, às vezes um machado. Quando vestimos armadura, é difícil que alguém nos machuque.

– Os cavaleiros morrem em batalha – Catelyn lembrou-lhe.

Brienne olhou-a com aqueles belos olhos azuis.

– Tal como as senhoras morrem ao dar à luz. Ninguém canta canções sobre *elas*.

– Os filhos são um tipo diferente de batalha – Catelyn começou a atravessar o pátio. – Uma batalha sem estandartes nem cornos de guerra, mas não menos feroz por isso. Carregar uma criança no ventre, trazê-la ao mundo… sua mãe deve ter lhe falado da dor…

– Nunca conheci minha mãe. Meu pai teve senhoras… uma senhora diferente a cada ano, mas…

– Essas não eram senhoras. Por mais difícil que o nascimento seja, Brienne, o que vem a seguir é ainda mais difícil. Às vezes, sinto-me como se estivesse sendo rasgada ao meio. Bem gostaria que houvesse cinco de mim, uma para cada filho, para que pudesse mantê-los todos a salvo.

– E quem *a* manteria a salvo, senhora?

O sorriso que deu saiu pálido e cansado.

– Ora, os homens de minha Casa. Pelo menos foi o que minha mãe me ensinou. O senhor meu pai, meu irmão, meu tio, meu esposo, eles vão me manter a salvo… Mas, enquanto estiverem longe, suponho que você terá de ocupar o lugar deles, Brienne.

Brienne inclinou a cabeça:

– Tentarei, senhora.

Mais tarde nesse dia, Meistre Vyman trouxe uma carta. Catelyn o recebeu de imediato, esperando que fosse alguma notícia de Robb, ou de Sor Rodrik em Winterfell, mas descobriu que a mensagem vinha de um tal Lorde Meadows, que se autodenominava castelão de Ponta Tempestade. Estava endereçada ao pai, ao irmão, ao filho "ou a quem quer que tenha a posse de Correrrio". Sor Cortnay Penrose estava morto, escrevia o homem, e Ponta Tempestade tinha aberto os portões a Stannis Baratheon, o herdeiro legítimo e de direito. A guarnição do

castelo jurara as espadas à sua causa, todos e cada um dos homens, e nenhum deles havia sofrido nenhum mal.

– Exceto Cortnay Penrose – murmurou Catelyn. Não conhecera o homem, mas doía-lhe saber de sua morte. – Robb tem de saber disso imediatamente – ela disse. – Sabemos onde ele se encontra?

– Segundo as últimas notícias, marchava para o Despenhadeiro, sede da Casa Westerling – Meistre Vyman respondeu. – Se enviasse um corvo para Cinzamarca, talvez pudessem enviar um correio atrás dele.

– Trate disso.

Catelyn voltou a ler a carta depois de o meistre ter ido embora.

– Lorde Meadows nada diz sobre o bastardo de Robert – confidenciou a Brienne. – Suponho que tenha entregado o garoto com o resto, embora eu deva confessar que não compreendo por que motivo Stannis o deseja tanto.

– Talvez tema a pretensão do garoto.

– A pretensão de um bastardo? Não, é outra coisa… Como é a aparência dessa criança?

– Tem sete ou oito anos e traços agradáveis, com cabelos negros e olhos azuis-claros. Os visitantes achavam frequentemente que fosse filho de Lorde Renly.

– E Renly assemelhava-se a Robert – Catelyn teve um vislumbre de compreensão. – Stannis pretende exibir o bastardo do irmão perante o reino, para que os homens possam ver Robert no seu rosto e interrogar-se por que motivo não existe tal semelhança em Joffrey.

– Isso teria tanta importância assim?

– Aqueles que são favoráveis a Stannis vão chamar isso de uma prova. Aqueles que apoiam Joffrey dirão que não quer dizer nada – seus próprios filhos tinham neles mais Tully do que Stark. Arya era a única a mostrar muito de Ned nas feições. *E Jon Snow, mas ele nunca foi meu*. Viu-se pensando na mãe de Jon, aquele sombrio amor secreto de que o marido nunca queria falar. *Será que ela chora por Ned como eu? Ou será que o odiava por abandonar sua cama em favor da minha? Rezará pelo filho como rezo pelos meus?*

Eram pensamentos desconfortáveis e fúteis. Se Jon tivesse sido dado à luz por Ashara Dayne, de Tombastela, como alguns especulavam, a senhora estava havia muito morta; se não, Catelyn não tinha nenhuma pista quanto a quem poderia ser sua mãe ou onde estaria. E não fazia diferença. Ned agora estava morto, e seus amores e segredos tinham morrido com ele.

Mesmo assim, sentiu-se uma vez mais impressionada pelo modo estranho como os homens se comportavam com seus bastardos. Ned sempre tinha protegido Jon ferozmente, e Sor Cortnay Penrose deu a vida por aquele Edric Storm, mas o bastardo de Roose Bolton significara menos para ele do que um de seus cães, julgando pelo tom

estranhamente frio da carta que Edmure recebera dele ainda há menos de três dias. Escrevia que tinha atravessado o Tridente e marchava sobre Harrenhal conforme ordenado. “Um castelo forte, e com uma boa guarnição, mas Sua Graça irá possuí-lo, nem que para isso eu tenha de matar todas as almas que tem dentro.” Esperava que Sua Graça contrabalançasse com isso os crimes de seu filho bastardo que Sor Rodrik Cassel havia sentenciado à morte. “Um destino que ele sem dúvida mereceu”, escrevera Bolton. “O sangue conspurcado é sempre traiçoeiro, e a natureza de Ramsay era dissimulada, ambiciosa e cruel. Considero-me aliviado por me ver livre dele. Os filhos legítimos que minha jovem esposa me prometeu nunca estariam a salvo enquanto ele vivesse.”

O som de passos apressados afastou os pensamentos mórbidos de sua cabeça. O escudeiro de Sor Desmond entrou apressado no aposento e se ajoelhou, ofegante.

– Senhora… Lannister… do outro lado do rio.

– Respire fundo, rapaz, e conte a história devagar.

Ele fez o que lhe foi pedido.

– Uma coluna de homens armados. Na outra margem do Ramo Vermelho. Levam um unicórnio roxo sob o leão de Lannister.

Algum filho de Lorde Brax. Brax tinha vindo a Correrrio uma vez quando ela era jovem, a fim de propor o casamento de um de seus filhos com ela ou com Lysa. Perguntou a si mesma se seria esse mesmo filho quem estava ali agora, liderando o ataque.

Sor Desmond contou-lhe, quando se juntou a ela nas ameias, que os Lannister tinham surgido do sudeste sob um esplendor de estandartes.

– Alguns batedores, nada mais – assegurou-lhe. – A força principal da tropa de Lorde Tywin está muito para sul. Não corremos qualquer perigo aqui.

Para sul do Ramo Vermelho, o terreno estendia-se aberto e plano. Da torre de vigia, Catelyn via quilômetros nessa direção. Mesmo assim, só o vau mais próximo se encontrava visível. Edmure tinha confiado a Lorde Jason Mallister sua defesa, bem como a dos três seguintes, em direção à nascente. Os cavaleiros Lannister andavam em círculos incertos perto da água, com estandartes carmins e prateados esvoaçando ao vento.

– Não são mais de cinquenta, senhora – estimou Sor Desmond.

Catelyn viu os cavaleiros espalharem-se numa longa linha. Os homens de Lorde Jason esperaram por eles atrás de rochedos, tufos de mato e colinas. Um toque de trombeta fez os cavaleiros avançarem a passo lento, chapinhando na corrente. Por um momento fizeram um belo espetáculo, todos eles reluzentes armaduras e bandeiras tremulantes, com o sol relampejando nas pontas de suas lanças.

– *Agora* – ela ouviu Brienne murmurar.

Era difícil distinguir o que estava se passando, mas os gritos dos cavalos pareciam altos mesmo aquela distância, e, sob o ruído dos animais, Catelyn ouviu o estrondo mais tênue de aço batendo em aço. Um estandarte desapareceu de repente quando seu portador foi derrubado, e pouco tempo depois o primeiro morto passava boiando pelas muralhas, trazido pela corrente. A essa altura, os Lannister tinham se retirado de modo desorganizado. Observou-os enquanto se reagrupavam, conferenciavam rapidamente e galopavam na direção de onde tinham vindo. Os homens nas muralhas gritaram-lhes provocações, embora já estivessem longe demais para ouvir.

Sor Desmond deu uma palmada na barriga.

– Gostaria que Lorde Hoster pudesse ter visto isso. Teria feito o senhor dançar.

– Receio que os tempos de dança tenham terminado para o meu pai – disse Catelyn –, e esta luta está apenas começando. Os Lannister voltarão. Lorde Tywin tem duas vezes mais homens do que meu irmão.

– Podia ter dez vezes mais que não importaria – Sor Desmond respondeu. – A margem ocidental do Ramo Vermelho é mais elevada do que a oriental, senhora, e bem arborizada. Nossos arqueiros têm boa cobertura, e campo aberto para as suas flechas… e se ocorrer alguma brecha, Edmure terá seus melhores cavaleiros na reserva, prontos para avançar para onde quer que sejam mais necessários. O rio vai retê-los.

– Rezo para que tenha razão – Catelyn disse gravemente.

Voltaram naquela noite. Catelyn tinha ordenado que a acordassem de imediato se o inimigo regressasse, e bem depois da meia-noite uma criada tocou suavemente em seu ombro. Catelyn sentou-se na hora:

– O que foi?

– É de novo o vau, senhora.

Enrolada num roupão, Catelyn subiu ao telhado da fortaleza. Dali conseguia ver por cima das muralhas e o rio iluminado pela lua até o local onde a batalha se desenrolava com fúria. Os defensores tinham acendido fogueiras de vigia ao longo da margem, e os Lannister talvez tivessem julgado que os encontrariam cegos pela noite ou descuidados. Se tinham pensado assim, fora uma insanidade. A escuridão era, na melhor das hipóteses, um aliado incerto. Enquanto avançavam com água pelo peito, os homens enfiavam os pés em poços escondidos e caíam, enquanto outros tropeçavam em pedras ou feriam os pés nas estrepes escondidas. Os arqueiros dos Mallister atiraram uma tempestade de flechas incendiadas, silvando sobre o rio, estranhamente belas quando vistas de longe. Um homem, atingido

uma dúzia de vezes, com as roupas ardendo, pôs-se a dançar e rodopiar com água na altura de seus joelhos, até que enfim caiu e foi arrastado pela corrente. Quando seu corpo passou oscilando por Correrrio, tanto o fogo como sua vida se tinham extinguido.

Uma pequena vitória, pensou Catelyn quando a luta terminou e os inimigos sobreviventes voltaram a se fundir com a noite, *mas ainda assim uma vitória*. Enquanto desciam os degraus em espiral do torreão, Catelyn perguntou a Brienne o que pensava.

– Aquilo foi apenas um leve toque de Lorde Tywin, senhora. Ele está sondando, em busca de um ponto fraco, uma travessia não defendida. Se não encontrar nenhuma, fechará os dedos num punho e tentará criá-la – Brienne encurvou os ombros. – Seria isso o que eu faria. Se estivesse no lugar dele – sua mão foi ao cabo da espada e deu-lhe uma pequena palmada, como que para se certificar de que ainda estava ali.

E que os deuses nos ajudem nesse dia, pensou Catelyn. Mas não havia nada que pudesse fazer. Essa era a batalha de Edmure, lá fora, no rio; a sua tinha lugar ali, dentro do castelo.

Na manhã seguinte, enquanto tomava o desjejum, mandou chamar o idoso intendente do pai, Utherydes Wayn.

– Mande um jarro de vinho a Sor Cleos Frey. Pretendo interrogá-lo em breve, e quero sua língua bem solta.

– Às suas ordens, senhora.

Não muito tempo depois, um correio com a águia dos Mallister cosida no peito chegou com uma mensagem de Lorde Jason, falando de outra escaramuça e de outra vitória. Sor Flement Brax tentara forçar a travessia em outro vau, seis léguas para sul. Dessa vez, os Lannister encurtaram as lanças e avançaram pelo rio a pé, mas os arqueiros Mallister fizeram chover tiros de arco sobre seus escudos enquanto as balistas que Edmure montara na margem do rio atiravam pesados pedregulhos neles, a fim de quebrar a formação.

– Deixaram uma dúzia de mortos na água, só dois chegaram aos baixios, onde tratamos deles ativamente – relatou o correio. Também falou de luta mais perto da nascente, onde Lorde Karyl Vance defendia os vaus. – Essas investidas também foram repelidas, com um custo severo para nossos inimigos.

Talvez Edmure seja mais sábio do que eu pensava, pensou Catelyn. *Todos os seus senhores viram sentido em seus planos de batalha, por que fui tão cega? Meu irmão não é o garotinho de que me lembro, tal como Robb não o é.*

Esperou até a noite antes de ir fazer sua visita a Sor Cleos Frey, pensando que quanto mais tempo se atrasasse, mais bêbado ele ficaria. Quando entrou na cela da torre, Sor Cleos caiu desajeitadamente sobre os joelhos.

– Minha senhora, nada sabia de nenhuma fuga. O Duende disse que um Lannister tem de ter escolta de Lannister, juro pelos meus votos de cavaleiro…

– Levante-se, sor – Catelyn sentou-se. – Eu sei que nenhum neto de Walder Frey seria um perjuro – *a menos que servisse aos seus interesses.* – Meu irmão disse-me que trouxe condições de paz.

– Trouxe – Sor Cleos Frey pôs-se em pé cambaleando. Catelyn ficou contente por ver como estava instável.

– Fale-me delas – ordenou. E foi o que ele fez.

Quando terminou, Catelyn franziu a testa. Edmure tinha razão, aquelas não eram condições para nada, exceto…

– O Lannister quer trocar Arya e Sansa pelo irmão?

– Sim. Estava sentado no Trono de Ferro e jurou-o.

– Perante testemunhas?

– Perante a corte inteira, senhora. E os deuses também. Eu disse isso a Sor Edmure, mas ele me respondeu que não era possível, que Sua Graça Robb nunca consentiria.

– Disse-lhe a verdade – Catelyn nem sequer podia dizer que Robb não tinha razão. Arya e Sansa eram crianças. O Regicida, vivo e livre, era um dos mais perigosos homens do reino. Essa estrada não levava a nenhuma parte. – Viu minhas filhas? São bem tratadas?

Sor Cleos hesitou.

– Eu… sim, pareciam…

Anda à procura de uma mentira, compreendeu Catelyn, *mas o vinho aturdiu seu entendimento.*

– Sor Cleos – disse com frieza –, perdeu o direito à proteção de sua bandeira de paz quando seus homens tentaram nos enganar. Se mentir para mim, será enforcado nas muralhas ao lado deles. Pode acreditar no que digo. Pergunto-lhe de novo… *Viu minhas filhas?*

A testa do homem estava úmida de suor.

– Vi Sansa na audiência, no dia em que Tyrion me transmitiu seus termos. Estava muito bela, senhora. Talvez um… um pouco pálida. Como se estivesse fatigada.

Sansa, mas não Arya. Isso podia querer dizer qualquer coisa. Arya sempre tinha sido mais difícil de domar. Talvez Cersei relutasse em exibi-la numa audiência pública, por temer o que pudesse dizer ou fazer. Podiam tê-la trancado, fora de vista. *Ou podem tê-la matado*. Catelyn afastou aquele pensamento.

– Falou nos termos *dele*… mas é Cersei a Rainha Regente.

– Tyrion falou por ambos. A rainha não estava lá. Segundo me disseram, estava indisposta naquele dia.

– Curioso.

A memória de Catelyn recuou àquela terrível viagem pelas Montanhas da Lua e ao modo como Tyrion Lannister tinha de algum

modo seduzido aquele mercenário, levando-o a passar de seu serviço para o dele. *O anão é muito mais esperto do que devia ser*. Não conseguia imaginar como teria sobrevivido à estrada de altitude depois de Lysa expulsá-lo do Vale, mas não a surpreendia. *Ao menos não participou do assassinato de Ned. E veio em minha defesa quando os homens dos clãs nos atacaram. Se pudesse confiar em sua palavra…*

Abriu as mãos para olhar as cicatrizes que tinha nos dedos. *As marcas de seu punhal*, lembrou a si mesma. *Seu punhal, na mão do assassino que pagou para abrir a garganta de Bran*. Se bem que o anão negasse isso, claro. Mesmo depois de Lysa tê-lo trancado em uma de suas celas do céu e ameaçado com a porta da lua, continuara a negar.

– Ele mentiu – disse, pondo-se abruptamente de pé. – Os Lannister são todos mentirosos, e o anão é o pior de todos. O assassino estava armado com a faca dele.

Sor Cleos ficou observando-a.

– Eu não sei nada de nenhuma…

– Você não sabe nada – concordou Catelyn, saindo majestosamente da cela. Brienne pôs-se ao seu lado, silenciosa. *Para ela é mais simples*, pensou, com uma ferroada de inveja. Nisso, era como um homem. Para os homens, a resposta era sempre a mesma, e nunca estava mais longe do que a espada mais próxima. Para uma mulher, uma mãe, o caminho era mais pedregoso e difícil de desvendar.

Fez um jantar tardio no Grande Salão com a guarnição, a fim de lhes dar o encorajamento que fosse possível. Rymund, o Rimante, cantou ao longo de toda a refeição, poupando-lhe a necessidade de falar. Fechou com a canção que tinha escrito sobre a vitória de Robb em Cruzaboi. "*E as estrelas da noite eram os olhos de seus lobos, e o próprio vento era a sua canção.*" Entre os versos, Rymund jogava a cabeça para trás e uivava, e, no final, metade do salão uivava com ele, até Desmond Grell, que tinha bebido uns bons copos. As vozes ressoaram nas vigas.

Que tenham as suas cantigas, se isso lhes dá coragem, pensou Catelyn, brincando com o cálice de prata.

– Havia sempre um cantor no Solar do Entardecer quando eu era menina – disse Brienne em voz baixa. – Aprendi todas as canções de cor.

– Sansa fez o mesmo, embora poucos cantores decidissem fazer a longa viagem para o norte até Winterfell – *mas eu lhe disse que haveria cantores na corte real. Disse-lhe que poderia ouvir música de todos os tipos, que seu pai encontraria algum mestre que a ensinasse a tocar harpa. Ah, deuses, perdoem-me…*

Brienne voltou a falar:

– Lembro-me de uma mulher… tinha vindo de um lugar qualquer

do lado de lá do mar estreito. Nem sequer sei dizer em que língua cantou, mas sua voz era tão adorável quanto ela. Tinha olhos cor de ameixa e uma cintura tão fina que meu pai conseguia rodeá-la com as mãos. As mãos dele eram quase tão grandes quanto as minhas – fechou os seus dedos longos e grossos, como que para escondê-los.

– Você cantava para o seu pai? – Catelyn quis saber.

Brienne balançou a cabeça, de olhos fixos no tabuleiro como que para encontrar alguma resposta no molho da carne.

– Para Lorde Renly?

A moça corou:

– Nunca, eu… o bobo dele às vezes fazia brincadeiras cruéis, e eu…

– Um dia tem de cantar para mim.

– Eu… por favor, não tenho o dom – Brienne afastou-se da mesa. – Perdoe-me, senhora. Tenho sua autorização para ir embora?

Catelyn anuiu com a cabeça. A alta e deselegante garota deixou o salão com grandes passos, quase sem ser notada por entre os festejos. Que os deuses a acompanhem, pensou, voltando-se indiferentemente ao jantar.

Foi três dias depois que o golpe de martelo que Brienne tinha previsto caiu, e passaram-se cinco dias antes de ouvirem falar dele. Catelyn estava sentada com o pai quando o mensageiro de Edmure chegou. A armadura do homem estava amassada, suas botas, poeirentas, e tinha um buraco irregular na capa, mas a expressão que trazia no rosto quando se ajoelhou foi o suficiente para lhe dizer que as notícias eram boas.

– Vitória, senhora – entregou-lhe a carta de Edmure. A mão de Catelyn tremia enquanto quebrava o selo.

Lorde Tywin tentara forçar a travessia numa dúzia de vaus diferentes, escrevia o irmão, mas todas as arremetidas tinham sido repelidas. Lorde Lefford tinha sido afogado, o cavaleiro Crakehall, conhecido como Javali Forte, capturado, Sor Addam Marbrand, três vezes forçado a recuar… Mas a batalha mais feroz fora travada no Moinho de Pedra, onde Sor Gregor Clegane liderara o assalto. Tantos de seus homens tinham caído que seus cavalos mortos ameaçaram represar o rio. No fim, a Montanha e um punhado de seus melhores homens conseguiram atingir a margem ocidental, mas Edmure atirara a reserva contra eles, e tinham se quebrado e recuado, ensanguentados e derrotados. O próprio Sor Gregor perdera o cavalo e se retirara cambaleando através do Ramo Vermelho, sangrando de uma dúzia de ferimentos, enquanto uma chuva de flechas e pedras caía ao seu redor. "Eles não atravessarão, Cat", rabiscara Edmure, "Lorde Tywin marcha para sudeste. Talvez seja uma simulação, ou uma retirada completa, não importa. *Eles não atravessarão*."

Sor Desmond Grell ficou extasiado:

– Ah, se eu estivesse com ele – disse o velho cavaleiro quando ela lhe leu a carta. – Onde está aquele palerma do Rymund? Há nisto uma canção, pelos deuses, e uma canção que até Edmure vai querer ouvir. O moinho que moeu a montanha, quase podia compor eu mesmo os versos, se possuísse o dom do cantor.

– Não quero ouvir canções até que a luta termine – disse Catelyn, talvez de forma demasiado ríspida. Mas permitiu que Sor Desmond espalhasse a notícia, e concordou quando ele sugeriu abrir alguns barris em honra do Moinho de Pedra. O estado de espírito em Correrrio tinha andado tenso e tristonho; ficariam todos melhor com um pouco de bebida e esperança.

Nessa noite, o castelo ressoou com o ruído dos festejos. "*Correrrio!*", gritavam os plebeus, e "Tully! Tully!". Tinham chegado assustados e impotentes, e seu irmão os acolhera em circunstâncias em que a maior parte dos senhores teria trancado os portões. Suas vozes entravam pelas altas janelas e esgueiravam-se sob as pesadas portas de pau-brasil. Rymond tocou sua harpa, acompanhado por um par de percussionistas e um jovem com um conjunto de flautas de bambu. Catelyn ouviu risos de meninas, e a excitada tagarelice dos garotos inexperientes que o irmão lhe deixara fazendo as vezes de guarnição. Sons bons… e, no entanto, não a tocaram. Não conseguia partilhar a felicidade deles.

No aposento privado do pai encontrou um pesado livro de mapas encadernado em couro, e o abriu nas terras fluviais. Seus olhos encontraram o trajeto do Ramo Vermelho e seguiram-no à luz tremeluzente de uma vela. *Marchando para sudeste*, pensou. Àquela altura, teriam sem dúvida atingido a nascente da Torrente da Água Negra, concluiu.

Fechou o livro ainda mais intranquila do que antes. Os deuses tinham lhes dado vitória atrás de vitória. No Moinho de Pedra, em Cruzaboi, na Batalha dos Acampamentos, no Bosque dos Murmúrios…

Mas se estamos ganhando, por que tenho tanto medo?

Bran

O som foi o mais tênue dos *clincs*, um raspar de aço em pedra. Levantou a cabeça das patas, escutando, farejando a noite.

A chuva do anoitecer tinha despertado uma centena de cheiros adormecidos, tornando-os de novo maduros e fortes. Grama e espinheiros, amoras silvestres rachadas no chão, lama, minhocas, folhas apodrecendo, uma ratazana que se arrastava pelos arbustos. Detectou o odor negro e felpudo da pelagem do irmão e o forte e penetrante cheiro acobreado do esquilo que tinha matado. Outros esquilos deslocavam-se pelos galhos sobre a sua cabeça, cheirando a pelo molhado e a medo, raspando a casca das árvores com suas pequenas garras. O barulho soara um pouco como aquilo.

Voltou a ouvi-lo, *clinc,* e raspar. Aquele som fê-lo levantar-se. As orelhas espetaram-se e a cauda se ergueu. Uivou, um grito longo, profundo e tremente, um uivo para acordar os adormecidos, mas as pilhas de rocha do homem estavam escuras e mortas. Uma noite parada e úmida, uma noite daquelas que empurram os homens para dentro de seus buracos. A chuva tinha parado, mas os homens ainda se escondiam da umidade, amontoados junto aos fogos em suas cavernas de pedra empilhada.

O irmão chegou, deslizando por entre as árvores, deslocando-se quase tão silenciosamente como outro irmão de que tinha uma vaga lembrança, de muito tempo atrás, o que era branco com olhos de sangue. Os olhos *deste* eram lagoas de sombras, mas o pelo na parte de trás do pescoço estava eriçado. Também tinha ouvido os sons, e compreendia que significavam perigo.

Dessa vez, o *clinc* e o raspar foram seguidos por um som de arrastar e pelas batidas rápidas e suaves de pés descalços em pedra. O vento trouxe a mais ligeira lufada de um cheiro de homem que não conhecia. *Estranho. Perigo. Morte.*

Correu na direção do som, com o irmão correndo a seu lado. As tocas de pedra ergueram-se à frente deles, com paredes escorregadias e úmidas. Mostrou os dentes, mas o homem de rocha não ligou para ele. Um portão erguia-se até bem alto, com uma serpente de ferro preta enrolada em volta de barras e do umbral. Quando se atirou contra o portão, ele estremeceu e a serpente tiniu, deslizou e aguentou. Através das barras conseguia olhar pela longa cova de pedra que corria entre os muros até o campo pedregoso que ficava na outra ponta, mas não havia forma de passar. Podia forçar o focinho entre as barras, mas nada mais do que isso. Muitas tinham sido as vezes que o irmão tentara quebrar entre os dentes os ossos negros do portão, mas estes não se partiam. Tinham tentado escavar por baixo

deles, mas havia aí grandes pedras planas, meio cobertas por terra e folhas caídas.

Rosnando, começou a andar de um lado para o outro diante do portão, e depois atirou-se de novo contra ele. Moveu-se um pouco e o atingiu. *Trancado*, alguma coisa sussurrou. *Acorrentado*. A voz que não ouvia, o odor sem cheiro. As outras passagens também estavam fechadas. Onde se abriam portas nos muros de rocha do homem, a madeira era grossa e forte. Não existia saída.

Existe, disse o sussurro, e pareceu poder ver a sombra de uma grande árvore coberta de agulhas, nascendo inclinada da terra negra e elevando-se até dez vezes a altura de um homem. Mas, quando olhou em volta, não estava lá. *Do outro lado do bosque sagrado, a árvore sentinela, rápido, rápido…*

Através das sombras da noite chegou um grito abafado, abruptamente interrompido.

Depressa, muito depressa, rodopiou e saltou na direção das árvores, com folhas úmidas restolhando sob as patas, galhos chicoteando-o quando passava correndo por eles. Ouvia o irmão seguindo-o de perto. Mergulharam sob a árvore-coração e em torno da lagoa fria, através dos arbustos de amoras silvestres, sob um emaranhado de carvalhos, freixos e espinheiros, até o outro lado do bosque… e ali estava ela, a sombra que ele vislumbrara sem ver, a árvore inclinada apontada para os telhados. *Sentinela*, disse o pensamento.

Lembrou-se então de como era escalá-la. Agulhas por todo o lado, arranhando seu rosto nu e caindo por sua nuca abaixo, seiva pegajosa nas mãos, o aguçado cheiro de pinheiro que exalava. Era uma árvore fácil para um garoto subir, inclinada como estava, torta, com os galhos tão próximos uns dos outros que quase faziam uma escada, levando até o telhado.

Rosnando, farejou em volta da base da árvore, levantou uma perna e marcou-a com um jato de urina. Um galho baixo roçou em seu rosto, ele abocanhou-o, torcendo e puxando até que a madeira estalou e se quebrou. Tinha a boca cheia de agulhas e do sabor amargo da seiva. Sacudiu a cabeça e rosnou.

O irmão sentou-se sobre os quartos traseiros e ergueu a voz num uivo ululante, uma canção negra de pesar. O caminho não era caminho algum. Eles não eram esquilos, nem crias de homem, não podiam serpentear pelos troncos de árvores acima, agarrando-se com suaves patas cor-de-rosa e pés desajeitados. Eram corredores, caçadores, vagabundos.

Do outro lado da noite, para lá da pedra que os cercava, os cães acordaram e começaram a latir. Primeiro um, e logo outro, e depois todos, um grande clamor. Eles também tinham sentido aquilo; o

cheiro de inimigos e medo.

Uma fúria desesperada o preencheu, quente como a fome. Afastou-se do muro com um salto, e penetrou nas árvores com mais saltos, o pelo cinzento salpicado pelas sombras de galhos e folhas… e então virou-se e correu de volta. Os pés voaram, levantando folhas úmidas e agulhas de pinheiro, e por um momento era um caçador, e um grande veado fugia à sua frente, conseguia vê-lo, cheirá-lo, e correu em plena perseguição. O cheiro do medo fez seu coração trovejar e saliva escorrer por suas mandíbulas. Chegou à árvore inclinada em grandes passos e atirou-se pelo tronco acima, com as garras arranhando a casca em busca de apoio. Saltou para cima, para *cima*, dois saltos, três, quase sem parar, até se encontrar entre os galhos mais baixos. Ramos emaranharam-se em seus pés e chicotearam seus olhos, agulhas verde-acinzentadas espalharam-se quando abriu caminho por entre elas, mordendo-as. Foi forçado a diminuir o ritmo. Algo se prendeu ao seu pé e ele o libertou, rosnando. O tronco estreitou-se por baixo dele, e tornou-se mais íngreme, quase vertical, e úmido. A casca rasgava-se como pele quando tentava prender nela as garras. Estava a um terço do caminho, a metade, a mais da metade, o telhado estava quase ao seu alcance… e então pôs um pé na madeira molhada e sentiu-o escorregar em sua curvatura, e de repente estava deslizando, tropeçando. Uivou de medo e fúria, caindo, *caindo*, e contorceu-se enquanto o chão aproximava-se rapidamente, decidido a quebrá-lo…

Então, Bran deu por si de novo na cama em seu solitário quarto da torre, emaranhado nas mantas, respirando com força.

– Verão – gritou. – Verão – seu ombro parecia doer, como se tivesse caído sobre ele, mas sabia que era apenas o fantasma do que o lobo estava sentindo. *Jojen disse a verdade. Sou um lobisomem*. Ouvia lá fora os tênues latidos de cães. *O mar chegou. Flui sobre as muralhas, tal como Jojen viu*. Bran agarrou a barra sobre sua cabeça e puxou-se, gritando por ajuda. Ninguém veio, e após um momento lembrou-se de que ninguém viria. Tinham tirado a guarda de sua porta. Sor Rodrik necessitara de todos os homens em idade de lutar em que pudesse pôr as mãos, e Winterfell fora deixado apenas com uma guarnição simbólica.

Os outros tinham partido havia oito dias, seiscentos homens de Winterfell e dos castros mais próximos. Cley Cerwyn seguia com mais trezentos, para se juntar a eles durante a marcha, e Meistre Luwin mandara corvos à frente deles, convocando recrutas de Porto Branco, das terras acidentadas e até de lugares localizados nas profundezas da mata de lobos. Praça de Torrhen estava sob o ataque de um monstruoso chefe de guerra qualquer chamado Dagmer Boca Rachada. A Velha Ama dizia que ele não podia ser morto, que um dia um

inimigo havia cortado sua cabeça ao meio com um machado, mas Dagmer era tão feroz que se limitara a unir de novo as duas metades, segurando-as até sarar. *Poderia Dagmer ter ganhado?* Praça de Torrhen ficava a muitos dias de viagem de Winterfell, mas, mesmo assim…

Bran puxou-se para fora da cama, deslocando-se de barra em barra até chegar às janelas. Os dedos atrapalharam-se um pouco ao abrir as venezianas. O pátio estava vazio, e todas as janelas que conseguia ver estavam negras. Winterfell dormia.

– *Hodor!* – gritou para baixo, o mais alto que pôde. Hodor estaria dormindo acima dos estábulos, mas se gritasse com força suficiente talvez ouvisse, ele ou *alguém*. – *Hodor, vem depressa! Osha! Meera, Jojen, alguém!* – Bran pôs as mãos em volta da boca. – *HOOOOODOOOOOR!*

Mas quando a porta se abriu com estrondo atrás de si, o homem que entrou não era ninguém que ele conhecesse. Usava um justilho de couro com discos de ferro sobrepostos a ele, e trazia uma adaga numa mão e um machado preso às costas.

– O que você quer? – Bran perguntou, com medo. – Este é o meu quarto. Saia daqui.

Theon Greyjoy seguiu o homem para dentro do quarto.

– Não vamos lhe fazer mal, Bran.

– Theon? – Bran sentiu-se tonto de alívio. – Foi Robb que o enviou? Ele também está aqui?

– Robb está longe. Não pode ajudá-lo agora.

– Ajudar-me? – sentia-se confuso. – Não me assuste, Theon.

– Agora sou *Príncipe* Theon. Somos ambos príncipes, Bran. Quem sonharia com tal coisa? Mas eu tomei seu castelo, meu príncipe.

– Winterfell? – Bran sacudiu a cabeça. – Não, não *podia* fazer isso.

– Deixe-nos, Werlag – o homem com a adaga se retirou. Theon sentou-se na cama. – Mandei quatro homens escalarem as muralhas com pequenos ganchos de abordagem e cordas, e eles abriram uma porta falsa para o resto entrar. Meus homens estão tratando dos seus agora mesmo. Garanto-lhe, Winterfell é meu.

Bran não compreendia.

– Mas você era *protegido* do pai.

– E agora você e o seu irmão são *meus* protegidos. Assim que a luta acabar, meus homens vão reunir o resto do seu povo e levá-lo para o Grande Salão. Você e eu vamos falar com eles. Você vai lhes dizer que me rendeu Winterfell, e ordenar-lhes que sirvam e obedeçam ao seu novo senhor tal como faziam com o antigo.

– *Não farei isso* – Bran respondeu. – Lutaremos contra você e vamos expulsá-lo. Nunca me rendi, não pode me obrigar a dizer que fiz isso.

– Isso não é uma brincadeira, Bran, portanto, não se faça de

garotinho comigo, não tolerarei. O castelo é meu, mas essas pessoas ainda são suas. Se o príncipe quiser mantê-las a salvo, é bom que faça o que lhe é dito – levantou-se e se dirigiu à porta. – Alguém virá vestilo e levá-lo ao Grande Salão. Pense cuidadosamente no que quer dizer.

A espera fez com que Bran se sentisse ainda mais impotente. Ficou sentado no banco da janela, olhando para torres escuras e muralhas negras como a sombra. Uma vez pensou ouvir gritos vindos de trás do Salão dos Guardas, e algo que podia ser sido o estrondo de espadas, mas não tinha as orelhas de Verão para escutar, nem seu focinho para cheirar. *Acordado, continuo quebrado, mas quando durmo, quando sou o Verão, posso correr, lutar, escutar e cheirar.*

Esperava que Hodor viesse até ele, ou talvez uma das criadas, mas quando a porta voltou a se abrir, era Meistre Luwin trazendo uma vela.

– Bran, você… sabe o que aconteceu? Foi-lhe dito? – o homem tinha a pele aberta por cima do olho esquerdo e corria sangue por esse lado de seu rosto.

– Theon veio aqui. Disse que Winterfell agora era dele.

O meistre apoiou a vela e limpou o sangue da bochecha.

– Atravessaram o fosso a nado. Escalaram as muralhas com ganchos e cordas. Desceram molhados e pingando, de aço na mão – sentou-se na cadeira junto à porta, enquanto mais sangue escorria. – Alebelly estava no portão, surpreenderam-no no torreão e mataram-no. Hayhead também está ferido. Tive tempo para enviar dois corvos antes de irromperem em meus aposentos. A ave para Porto Branco conseguiu escapar, mas abateram a outra com uma flecha – o meistre fitou as esteiras. – Sor Rodrik levou demasiados de nossos homens, mas eu sou tão culpado quanto ele. Nunca previ esse perigo, nunca…

Jojen o previu, pensou Bran.

– É melhor que me ajude a me vestir.

– Sim, é verdade – na pesada arca reforçada com ferro que se encontrava aos pés da cama de Bran o meistre encontrou roupas de baixo, calções e uma túnica. – É o Stark em Winterfell, e o herdeiro de Robb. Tem de parecer principesco – juntos, vestiram-no de forma condizente com um senhor.

– Theon quer que eu entregue o castelo – disse Bran enquanto o meistre prendia o manto com sua presilha favorita de prata e azeviche, em forma de cabeça de lobo.

– Não há vergonha nisso. Um senhor deve proteger o seu povo. Lugares cruéis geram povos cruéis, Bran, lembre-se disso ao lidar com esses homens de ferro. O senhor seu pai fez o que pôde para amaciar Theon, mas temo que tenha sido pouco, e tarde demais.

O homem de ferro que veio buscá-lo era atarracado, de tronco volumoso, com uma barba negra como carvão que cobria metade de

seu peito. Carregou o rapaz com bastante facilidade, embora não parecesse contente com a tarefa. O quarto de Rickon ficava meia espiral mais abaixo. O garotinho de quatro anos estava rabugento por ter sido acordado.

– Quero minha mãe. *Quero* minha mãe. E também o Cão Felpudo.

– Sua mãe está longe, meu príncipe – Meistre Luwin puxou um roupão sobre a cabeça da criança. – Mas eu estou aqui, e Bran também – deu a mão a Rickon e levou-o para a rua.

Embaixo, encontraram Meera e Jojen sendo tirados do quarto por um homem careca cuja lança era um metro mais alta do que ele. Quando Jojen olhou para Bran, seus olhos eram lagoas verdes cheias de tristeza. Outros homens de ferro tinham acordado os Frey.

– Seu irmão perdeu seu reino – disse o Pequeno Walder a Bran. – Agora não é nenhum príncipe, só um refém.

– E você também – Jojen retrucou –, e eu, e todos nós.

– Ninguém estava falando com você, papa-rãs.

Um dos homens de ferro seguiu à frente deles, levando uma tocha, mas a chuva tinha recomeçado e rapidamente a apagou. Enquanto se apressavam em cruzar o pátio, conseguiam ouvir os lobos gigantes uivando no bosque sagrado. *Espero que Verão não tenha se machucado ao cair da árvore.*

Theon Greyjoy estava sentado no cadeirão dos Stark. Tirara o manto. Sobre uma fina camisa de cota de malha usava uma capa negra ornamentada com a lula gigante dourada da sua Casa. As mãos pousavam nas cabeças de lobo esculpidas nas extremidades dos largos braços de pedra do cadeirão.

– Theon está sentado na cadeira de Robb – disse Rickon.

– Quieto, Rickon – Bran conseguia sentir a ameaça que os rodeava, mas seu irmão era jovem demais. Alguns archotes tinham sido acendidos e fogo ardia na lareira grande, mas a maior parte do salão permanecia nas trevas. Não havia lugar para sentar, com os bancos empilhados junto às paredes, e o pessoal do castelo estava em pé, em pequenos grupos, sem se atrever a falar. Viu a Velha Ama, abrindo e fechando a boca sem dentes. Hayhead foi trazido por dois dos outros guardas, com uma atadura manchada de sangue enrolada em volta do tronco nu. Poxy Tim chorava desconsoladamente, e Beth Cassel gritava de medo.

– O que temos aqui? – perguntou Theon, referindo-se aos Reed e aos Frey.

– Estes são protegidos da Senhora Catelyn, ambos com o nome de Walder Frey – explicou Meistre Luwin. – E este é Jojen Reed e a irmã Meera, filho e filha de Howland Reed da Atalaia da Água Cinzenta, que vieram renovar os votos de lealdade a Winterfell.

– Alguns diriam que a hora foi mal escolhida – Theon replicou –,

embora não para mim. Aqui estão e aqui ficarão – liberou o cadeirão. – Traga o príncipe para cá, Lorren – o homem da barba negra soltou Bran na pedra como se fosse um saco de aveia.

Ainda havia pessoas sendo trazidas para o Grande Salão, incitadas com gritos e cabo de lanças. Gage e Osha vieram das cozinhas, manchados com a farinha da produção do pão matinal. Mikken, arrastaram entre pragas. Farlen entrou coxeando, lutando para apoiar Palla. O vestido dela tinha sido rasgado de cima a baixo; segurava-o com um punho fechado e caminhava como se cada passo fosse uma agonia. Septão Chayle correu para ajudar, mas um dos homens de ferro o jogou ao chão.

O último homem a ser obrigado a cruzar as portas foi o prisioneiro Fedor, cujo mau cheiro o precedeu, acre e pungente. Bran sentiu o estômago revirar-se com o cheiro que ele exalava.

– Encontramos este trancado numa cela de torre – anunciou o homem que o trazia, um jovem imberbe de cabelo ruivo e roupa encharcada, sem dúvida um daqueles que tinham atravessado o fosso a nado. – Diz que o chamam de Fedor.

– Não sou capaz de imaginar por quê – Theon respondeu, sorrindo. – Cheira sempre assim tão mal, ou acabou agora mesmo de foder um porco?

– Num fodi ninguém desde que me apanharam, senhor. Meu nome verdadeiro é Heke. Tava ao serviço do Bastardo do Forte do Pavor até que os Stark meteram uma flecha nas suas costas, como presente de casamento.

Theon achou aquilo divertido.

– Com quem foi que ele se casou?

– Com a viúva de Hornwood, senhor.

– Aquela velha? Estava cego? Tem umas tetas que são como odres de vinho vazios, secas e mirradas.

– Ele num casou com ela pelas tetas, senhor.

Os homens de ferro fecharam com estrondo as grandes portas ao fundo do salão. Do cadeirão, Bran conseguia ver cerca de vinte. *Ele provavelmente deixou alguns guardas nos portões e no arsenal*. Mesmo assim, não podiam ser mais do que trinta.

Theon levantou as mãos para pedir silêncio.

– Todos me conhecem…

– Pois é, conhecemos como o saco de bosta fumegante que é! – gritou Mikken antes de o careca atingi-lo com a ponta romba da lança na barriga e depois bater em seu rosto com o cabo. O ferreiro caiu de joelhos e cuspiu um dente.

– Mikken, fique quieto – Bran tentou soar austero e senhorial, como Robb quando dava uma ordem, mas foi traído pela voz e as palavras saíram num guincho estridente.

– Escute seu pequeno fidalgo, Mikken – Theon alertou. – Tem mais juízo do que você.

Um bom senhor protege o seu povo, recordou Bran a si mesmo.

– Rendi Winterfell a Theon.

– Mais alto, Bran. E chame-me de príncipe.

Bran levantou a voz.

– Entreguei Winterfell ao Príncipe Theon. Todos devem fazer o que ele ordenar.

– O diabo que faço! – Mikken berrou novamente.

Theon ignorou a explosão.

– Meu pai pôs na cabeça a velha coroa de sal e rocha, e declarou-se Rei das Ilhas de Ferro. Reclama também o norte, por direito de conquista. São todos seus súditos.

– *Vá tomar no cu* – Mikken limpou o sangue da boca. – Eu sirvo aos Stark, não a uma lula traiçoeira qualquer que… *Aah* – A ponta romba da lança atirou-o de cabeça contra o chão de pedra.

– Os ferreiros têm braços fortes e cabeças fracas – Theon observou. – Mas se o resto de vocês me servir tão lealmente como serviram Ned Stark, vão me achar um senhor tão generoso como poderiam querer.

Apoiado nas mãos e joelhos, Mikken cuspiu sangue. *Por favor, não faça isso*, desejou Bran, mas o ferreiro gritou:

– Se acha que vai manter o norte com este bando ridículo de…

O careca enfiou a ponta da lança na parte de trás do pescoço de Mikken. Aço deslizou através de carne e saiu por sua garganta com um jorro de sangue. Uma mulher gritou, e Meera envolveu Rickon nos braços. *Foi em sangue que se afogou*, pensou Bran, atordoado. *No seu próprio sangue*.

– Quem mais tem alguma coisa a dizer? – Theon Greyjoy perguntou.

– *Hodor hodor hodor hodor* – gritou Hodor, de olhos esbugalhados.

– Alguém tenha a bondade de calar esse imbecil.

Dois homens de ferro começaram a espancar Hodor com a parte de trás das lanças. O cavalariço caiu de joelhos, tentando se defender com as mãos.

– Serei um senhor tão bom para vocês como Eddard Stark foi – Theon levantou a voz para ser ouvido sobre o som de madeira batendo em carne. – Mas, se me traírem, irão desejar não tê-lo feito. E não achem que os homens que aqui veem são todo o meu poder. Praça de Torrhen e Bosque Profundo também serão em breve nossos, e meu tio está subindo pela Lança de Sal para capturar Fosso Cailin. Se Robb Stark conseguir esmagar os Lannister, pode reinar como Rei do Tridente daqui em diante, mas é a Casa Greyjoy quem possui o Norte agora.

– Os senhores do Stark vão dar trabalho – gritou o homem chamado Fedor. – Aquele porco inchado de Porto Branco, por exemplo, e *também* os Umber e os Karstark. Vai precisar de homens. Liberte-me, e serei seu.

Theon o avaliou por um momento.

– É mais esperto do que perfumado, mas eu não conseguiria suportar o fedor.

– Bom – disse Fedor –, podia me lavar um pouco. Se tivesse livre.

– Um homem de raro bom-senso – Theon sorriu. – Dobre o joelho.

Um dos homens de ferro entregou uma espada a Fedor, e ele a depositou aos pés de Theon e jurou obediência à Casa Greyjoy e ao Rei Balon. Bran não conseguia ver aquilo. O sonho verde estava se tornando realidade.

– Senhor Greyjoy! – Osha avançou, passando ao lado do corpo de Mikken. – Também fui trazida para cá cativa. O senhor estava lá no dia em que fui capturada.

Pensei que fosse uma amiga, pensou Bran, ferido.

– Preciso de guerreiros – Theon declarou –, não de empregadinhas de cozinha.

– Foi Robb Stark quem me pôs nas cozinhas. Durante quase um ano, tenho andado polindo panelas, raspando gordura e aquecendo as palhas para esse aí – ela lançou um olhar a Gage. – Estou farta. Volte a pôr uma lança em minha mão.

– Tenho uma lança para você aqui mesmo – disse o careca que tinha matado Mikken, e agarrou a virilha, rindo.

Osha enfiou o joelho ossudo entre suas pernas.

– Guarde essa coisinha mole e rosa para si – arrancou a lança de suas mãos e usou o cabo para desequilibrá-lo. – Eu fico com a madeira e o ferro – o careca ficou se contorcendo no chão enquanto os outros corsários enchiam o ar com uma tempestade de gargalhadas.

Theon riu com os outros.

– Servirá – disse. – Fique com a lança; Stygg pode encontrar outra. Agora dobre o joelho e jure.

Quando ninguém mais avançou para entrar ao seu serviço, foram mandados embora com um aviso para fazerem seu trabalho e não criarem problemas. A Hodor foi atribuída a tarefa de levar Bran de volta à cama. Sua aparência estava feia devido ao espancamento, com o nariz inchado e um olho fechado.

– Hodor – soluçou por entre lábios rachados enquanto levantava Bran com enormes braços fortes e mãos ensanguentadas e o levava de volta através da chuva.

Arya

–Há fantasmas, eu sei que há – Torta Quente estava amassando pão, com os braços cobertos de farinha até os cotovelos. – Pia viu alguma coisa na despensa ontem à noite.

Arya soltou um ruído rude. Pia sempre via coisas na despensa. Normalmente, homens.

– Dá uma torta? – ela pediu. – Você fez um tabuleiro inteiro.

– Preciso de um tabuleiro inteiro. Sor Amory gosta delas.

Arya odiava Sor Amory.

– Vamos cuspir nelas.

Torta Quente olhou nervosamente em volta. As cozinhas estavam cheias de sombras e ecos, mas os outros cozinheiros e ajudantes todos dormiam em suas cavernosas galerias por cima dos fornos.

– Ele vai saber.

– Não vai nada – Arya retrucou. – Não se sente o gosto do *cuspe*.

– Se souber, é a mim que chicoteiam – Torta Quente interrompeu sua tarefa. – Você nem devia *estar* aqui. É noite cerrada.

E era, mas Arya não se importava. Mesmo na noite cerrada, as cozinhas nunca estavam paradas; havia sempre alguém batendo massa para o pão matinal, mexendo uma caldeira com uma longa colher de pau, ou matando um porco para o bacon do café da manhã de Sor Amory. Naquela noite, era Torta Quente.

– Se o Olho Vermelho acorda e não encontra você lá… – ele disse.

– O Olho Vermelho nunca acorda – seu nome verdadeiro era Mebble, mas todo mundo o chamava assim por causa de seus olhos lacrimejantes –, depois de desmaiar não acorda mais – todas as manhãs, quebrava o jejum com cerveja. Todas as noites caía num sono ébrio depois do jantar, com cuspe cor de vinho escorrendo queixo abaixo. Arya esperava até ouvi-lo roncar, e depois esgueirava-se descalça pela escada dos criados, sem fazer mais ruído do que o rato que tinha sido. Não levava nem vela nem círio. Syrio dissera-lhe uma vez que a escuridão podia ser sua amiga, e tinha razão. Se tivesse a lua e as estrelas para iluminar seus passos, era o suficiente. – Aposto que podíamos fugir, e o Olho Vermelho sequer repararia que eu não estava mais lá – ela disse a Torta Quente.

– Eu não quero fugir. Isto aqui é melhor do que era na floresta. Não quero comer minhocas. Toma, espalha um pouco de farinha no tabuleiro.

Arya inclinou a cabeça:

– O que é isso?

– O quê? Eu não…

– Escute com as orelhas, não com a boca. Aquilo foi uma

trombeta de guerra. Dois sopros, não ouviu? E olha, aquilo são as correntes da porta levadiça, alguém está saindo ou entrando. Quer ir ver? – os portões de Harrenhal não tinham sido abertos desde a manhã em que Lorde Tywin marchara com a sua tropa.

– Estou fazendo o pão matinal – Torta Quente protestou. – Seja como for, não gosto de quando está escuro, já lhe disse.

– Eu vou. Depois conto para você. Dá uma torta?

– Não.

Ela surrupiou uma mesmo assim, e comeu-a enquanto saía. Estava recheada com pedacinhos de noz, fruta e queijo, com a crosta lascada e ainda quente do forno. Comer a torta de Sor Amory fez com que Arya se sentisse audaciosa. *Pé descalço, pé seguro, pé ligeiro*, cantarolou em surdina. *Sou o fantasma em Harrenhal*.

A trombeta tinha arrancado o castelo do sono; homens saíam para o pátio a fim de ver o que causava a agitação. Arya juntou-se aos outros. Uma fila de carros de bois estrondeava sob a porta levadiça. *Saque*, ela compreendeu de imediato. Os cavaleiros que escoltavam os carros falavam uma confusão de estranhas línguas. Suas armaduras cintilavam, claras, ao luar, e Arya viu um par de cavalos com riscas pretas e brancas. *Os Saltimbancos Sangrentos*. Ela recuou um pouco mais para o interior das sombras, e ficou observando um enorme urso negro passar, engaiolado na parte de trás de uma carroça. Outros carros vinham carregados de pratarias, armas e escudos, sacos de farinha, galinhas, e engradados cheios de suínos aos guinchos e cães magros. Arya estava pensando no tempo que se passara desde a última vez que comeu uma fatia de porco assado quando viu o primeiro dos prisioneiros.

Pela atitude e modo orgulhoso como mantinha a cabeça erguida, devia ter sido um senhor. Conseguia ver cota de malha cintilando por baixo de sua capa vermelha rasgada. A princípio, tomou-o por um Lannister, mas quando passou perto de um archote, viu que seu símbolo era um punho de prata, não um leão. Seus pulsos estavam bem atados, e uma corda passada em volta de um tornozelo prendia-o ao homem que vinha atrás, de modo que a coluna inteira tinha de arrastar os pés num passo hesitantemente sincronizado. Muitos dos prisioneiros estavam feridos. Se algum deles parasse, um dos cavaleiros aproximava-se a trote e lhe dava um gostinho do chicote para pô-lo de novo em movimento. Tentou calcular quantos prisioneiros haveria, mas perdeu a conta antes de chegar a cinquenta. Havia pelo menos o dobro disso. Traziam a roupa manchada de lama e sangue, e à luz dos archotes era difícil distinguir todos os seus selos e símbolos, mas Arya reconheceu alguns dos que vislumbrou. Torres gêmeas. Esplendor. Homem ensanguentado. Machado de batalha. *O machado de batalha é de Cerwyn, e o sol branco sobre negro é Karstark.*

São homens do norte. Homens de meu pai e de Robb. Não gostou de pensar no que isso podia significar.

Os Saltimbancos Sangrentos começaram a desmontar. Cavalariços emergiram sonolentos da palha para cuidar de seus cavalos ensaboados. Um dos cavaleiros gritou por cerveja. O ruído trouxe Sor Amory Lorch até a galeria coberta acima do pátio, flanqueado por dois homens com tochas. Vargo Hoat, com seu elmo de cabra, refreou o cavalo por baixo dele.

– Fenhor caftelão – disse o mercenário, com uma voz grossa e babosa, como se a língua fosse grande demais para sua boca.

– O que é isso tudo, Hoat? – quis saber Sor Amory, franzindo a sobrancelha.

– Cativof. Roofe Bolton resolveu atravefar o rio, maf meuf Bravof Companheirof fizeram a fua vanguarda em pedafinhof. Matamof muitof, e pusemof Bolton para correr. Efte é o feu fenhor comandante, Glover, e aquele atráf é For Aenyf Frey.

Com seus pequenos olhos de porco, Sor Amory Lorch fitou os cativos amarrados. Arya não achava que estivesse contente. Todo mundo no castelo sabia que ele e Vargo Hoat se odiavam.

– Muito bem. Sor Cadwyn, leve esses homens para as masmorras.

O prisioneiro vestido em cota de malha e com capa ergueu os olhos.

– Foi-nos prometido tratamento honroso… – ele começou.

– *Filênfio!* – gritou-lhe Vargo Hoat, espalhando perdigotos.

Sor Amory dirigiu-se aos cativos.

– O que Hoat lhes prometeu não quer dizer nada para mim. Lorde Tywin nomeou-*me* castelão de Harrenhal, e farei com vocês o que bem entender – ele gesticulou para os guardas. – A cela grande sob a Torre da Viúva deve ser suficiente para todos. Se alguém não quiser ir, é livre para morrer aqui.

Enquanto seus homens pastoreavam os cativos com as pontas das lanças, Arya viu Olho Vermelho emergir da escada, piscando à luz dos archotes. Se a encontrasse desaparecida, gritaria e ameaçaria arrancar sua pele com chicotadas, mas ela não tinha medo. Ele não era Weese. Andava sempre ameaçando arrancar a pele deste ou daquele com chicotadas, mas ela nunca soube que tivesse realmente *batido* em alguém. Mesmo assim, seria melhor se não a visse. Olhou à sua volta. Os bois estavam sendo desprendidos dos carros, e estes eram descarregados, enquanto os Bravos Companheiros gritavam por bebida e os curiosos se reuniam em volta do urso enjaulado. Na confusão, não era difícil esgueirar-se sem ser vista. Regressou pelo caminho em que tinha vindo, desejando ficar fora de vista antes que alguém reparasse nela e pensasse em pô-la para trabalhar.

Longe dos portões e dos estábulos, o grande castelo encontrava-se

praticamente deserto. O som minguou atrás dela. Um vento rodopiante soprou, arrancando um grito agudo e trêmulo das rachaduras da Torre dos Lamentos. As folhas tinham começado a cair das árvores no bosque sagrado, e Arya conseguia ouvi-las em movimento através dos pátios desertos e entre os edifícios vazios, fazendo um tênue som de raspar quando o vento as arrastava sobre as pedras. Agora que Harrenhal estava de novo quase vazio, o som fazia ali coisas estranhas. Às vezes, as pedras pareciam beber o ruído, envolvendo os pátios numa manta de silêncio. Em outras, os ecos tinham vida própria, cada passo transformava-se na marcha de um fantasmagórico exército, e cada voz distante, num festim de fantasmas. Os sons estranhos eram uma das coisas que perturbavam Torta Quente, mas não Arya.

Silenciosa como uma sombra, correu através do pátio intermediário, em volta da Torre do Terror e pelo interior das gaiolas vazias, onde se dizia que os espíritos de falcões mortos agitavam o ar com asas fantasmagóricas. Podia ir para onde quisesse. A guarnição não tinha mais de uma centena de homens, uma tropa tão pequena que se perdia em Harrenhal. O Salão das Cem Lareiras encontrava-se fechado, bem como muitos dos edifícios menores, e até a Torre dos Lamentos. Sor Amory Lorch residia nos aposentos do castelão na Pira do Rei, tão espaçosos como os de um senhor, e Arya e os outros criados tinham se mudado para os porões que ficavam por baixo, para que estivessem por perto. Enquanto Lorde Tywin tinha habitado o castelo, havia sempre um homem de armas querendo saber o que a levava a este ou aquele lugar. Mas, agora, restavam apenas cem homens para guardar mil portas, e ninguém parecia saber ou se importar com quem devia estar onde.

Ao passar pelo arsenal, Arya ouviu o tinir de um martelo. Uma profunda luz cor de laranja brilhava através das grandes janelas. Escalou o telhado e olhou para baixo. Gendry martelava uma placa de peito. Quando trabalhava, nada existia para ele além do metal, dos foles e do fogo. O martelo era parte de seu braço. Observou o jogo de músculos no peito dele e escutou a música de aço que produzia. *É forte*, pensou. Quando pegou nas tenazes de cabo longo para mergulhar a placa de peito na tina de temperar, Arya deslizou pela janela e saltou para o chão ao seu lado.

Ele não pareceu surpreso por vê-la.

– Devia estar na cama, menina – a placa de peito silvou como um gato quando a mergulhou em água fria. – O que foi aquele barulho todo?

– Vargo Hoat voltou com prisioneiros. Vi seus símbolos. Há um Glover de Bosque Profundo, é um homem do meu pai. Os outros também, na sua maior parte – de súbito, Arya soube por que motivo

os pés tinham-na levado até ali. – Tem de me ajudar a tirá-los daqui.

Gendry soltou uma gargalhada:

– E como é que fazemos isso?

– Sor Amory os enviou para a masmorra. Aquela abaixo da Torre da Viúva, que é só uma cela grande. Podia abrir a porta com seu martelo…

– Enquanto os guardas observam e fazem apostas a respeito de quantas pancadas vou precisar, talvez?

Arya mordeu os lábios.

– Teríamos de matar os guardas.

– E como é que poderíamos fazer isso?

– Talvez não haja muitos.

– Se houver *dois* já é muito para nós. Não chegou a aprender nada naquela aldeia, não é? Se tentar fazer isso, Vargo Hoat corta suas mãos e seus pés, como costuma fazer – Gendry voltou a pegar nas tenazes.

– Você tem *medo*.

– Deixe-me em paz, pirralha.

– Gendry, há uma *centena* de nortenhos. Talvez mais, não consegui contar todos. São tantos quanto os soldados de Sor Amory. Bem, sem contar com os Saltimbancos Sangrentos. Só temos de tirá-los de lá, Então, podemos tomar o castelo e fugir.

– Bem, não é mais capaz de tirá-los de lá do que foi capaz de salvar Lommy – Gendry virou a placa de peito com as tenazes para observá-la cuidadosamente. – E se fugíssemos, para onde iríamos?

– Para Winterfell – ela respondeu de imediato. – Eu contaria a minha mãe como você me ajudou e poderia ficar…

– A senhora permitiria? Será que poderia ferrar os seus cavalos e fazer espadas para os seus irmãos fidalgos?

Ele às vezes a irritava *tanto*.

– Pare com isso!

– Por que é que eu apostaria os pés em troca da possibilidade de suar em Winterfell em vez de em Harrenhal? Conhece o velho Ben Blackthumb? Veio para cá garoto. Foi ferreiro da Senhora Whent e do pai antes dela, do pai deste e até do Lorde Lothston, que possuía Harrenhal antes dos Whent. Agora é ferreiro do Lorde Tywin, e sabe o que ele diz? Uma espada é uma espada, um elmo é um elmo, e se puser a mão no fogo fica queimado, não importa a quem sirva. Lucan é um mestre bastante bom. Eu fico aqui.

– Então a rainha vai pegá-lo. Ela não mandou homens de manto dourado atrás de Ben *Blackthumb*!

– Talvez nem sequer era eu quem procuravam.

– Era, sim senhor, e você sabe disso. Você *é alguém*.

– Sou um aprendiz de ferreiro, e um dia pode ser que me torne

um mestre armeiro… *Se* não fugir e perder os pés ou arranjar um jeito de me matarem – deu-lhe as costas, voltou a pegar o martelo e começou a martelar.

As mãos de Arya enrolaram-se em punhos impotentes.

– No próximo elmo que fizer, ponha *orelhas de mula* em vez de chifres de touro! – teve de fugir para não começar a bater nele. *Ele provavelmente nem sentiria se eu batesse. Quando descobrirem quem é e cortarem sua estúpida cabeça de mula, vai se arrepender de não ter me ajudado.* De resto, estava melhor sem ele. Fora por causa dele que tinha sido apanhada na aldeia.

Mas pensar na aldeia fez Arya lembrar-se da marcha, e do armazém, e do Cócegas. Pensou no garotinho que tinha sido atingido no rosto pela maça, no estúpido velho Todo-por-Joffrey, em Lommy Mãos-Verdes. *Fui uma ovelha, e depois um rato. Não podia fazer nada além de me esconder.* Arya mordeu o lábio e tentou se lembrar do momento em que a coragem voltara. *Jaqen me devolveu a bravura. De rato transformou-me em fantasma.*

Tinha andado evitando o lorathiano desde a morte de Weese. Chiswyck tinha sido *fácil*, qualquer um podia empurrar um homem de um muro, mas Weese criara aquela feia cadela malhada desde filhote, e só uma magia negra qualquer poderia fazer que o animal se voltasse contra ele. *Yoren encontrou Jaqen numa cela negra, tal como Rorge e Dentadas*, recordou. *Jaqen fez algo de horrível, e Yoren sabia, era por isso que o mantinha acorrentado*. Se o lorathiano fosse um feiticeiro, Rorge e Dentadas podiam ser demônios que tivesse conjurado de algum inferno, e não homens.

Jaqen ainda lhe devia uma morte. Nas histórias da Velha Ama a respeito de homens a quem eram dados desejos mágicos por um grumequim, tinha de se ter cuidado especial com o terceiro desejo, porque era o último. Chiswyck e Weese não tinham sido muito importantes. *A última morte tem de contar*, dizia Arya a si mesma todas as noites quando sussurrava os nomes. Mas agora perguntava a si mesma se esta seria realmente a razão de sua hesitação. Enquanto pudesse matar com um sussurro, Arya não precisava ter medo de ninguém… mas depois de usar a última morte, seria de novo apenas um rato.

Com Olho Vermelho acordado, não se atrevia a voltar para a cama. Sem saber onde mais se esconder, dirigiu-se ao bosque sagrado. Gostava do cheiro forte dos pinheiros e sentinelas, de sentir o mato e a terra entre os dedos dos pés, e do som que o vento fazia nas folhas. Um pequeno riacho meandrava lentamente pelo bosque, e havia um local onde a água tinha escavado o solo por baixo de uma árvore caída.

Ali, sob madeira em apodrecimento e galhos torcidos e lascados,

encontrou a espada que tinha escondido.

Gendry era teimoso demais para lhe fabricar uma espada, portanto, ela mesma tinha feito uma, arrancando as cerdas de uma vassoura. A lâmina era muito mais leve do que devia ser, e não tinha um punho propriamente dito, mas Arya gostava da extremidade irregular e lascada. Sempre que tinha uma hora livre, esgueirava-se para lá e dedicava-se aos exercícios que Syrio tinha lhe ensinado, movendo-se descalça sobre as folhas caídas, golpeando galhos e lançando estocadas nas folhas. Às vezes até subia nas árvores e dançava entre os ramos superiores, agarrando-se a eles com os dedos dos pés enquanto se deslocava para cá e para lá, vacilando um pouco menos a cada dia, à medida que o equilíbrio ia voltando. A noite era a melhor hora; nunca ninguém a incomodava à noite.

Arya subiu. Lá em cima, no reino das folhas, desembainhou a espada e durante algum tempo esqueceu-se de todos, tanto de Sor Amory como dos Saltimbancos e dos homens do pai, perdendo-se na sensação de madeira áspera debaixo das solas dos pés e no *suich* da espada cortando o ar. Um galho quebrado transformou-se em Joffrey. Bateu nele até que caísse. A rainha, Sor Ilyn, Sor Meryn e Cão de Caça eram apenas folhas, mas matou-os também, golpeando-os até se transformarem em tiras verdes e úmidas. Quando o braço se cansou, sentou-se num galho elevado para recuperar o fôlego com o ar frio e escuro, escutando os guinchos que os morcegos soltavam enquanto caçavam. Através das copas frondosas das árvores, conseguia ver os galhos brancos como ossos da árvore-coração. *Daqui parece tal e qual a que há em Winterfell*. Se ao menos fosse a de Winterfell… então, quando descesse, estaria de novo em casa, e talvez encontrasse seu pai sentado sob o represeiro, onde sempre se sentava.

Enfiando a espada no cinto, deslizou de galho em galho até voltar ao chão. A luz da lua pintava os ramos do represeiro de um branco prateado quando se encaminhou em sua direção, mas as folhas vermelhas de cinco pontas estavam enegrecidas pela noite. Arya encarou o rosto esculpido no tronco. Era terrível, com a boca retorcida e os olhos flamejantes e cheios de ódio. Seria aquele o aspecto de um deus? Poderiam os deuses ser feridos, como as pessoas? *Devia rezar*, pensou de repente.

Arya ficou de joelhos. Não tinha certeza de como começar. Juntou as mãos. *Ajudem-me, velhos deuses*, rezou em silêncio. *Ajudem-me a tirar aqueles homens da masmorra para podermos matar Sor Amory, e levem-me para casa, para Winterfell. Façam de mim uma dançarina de água e uma loba, e façam com que nunca mais tenha medo*.

Seria suficiente? Talvez devesse rezar em voz alta se quisesse que os velhos deuses ouvissem. Ou talvez por mais tempo. Recordava que às vezes o pai rezava durante muito tempo. Mas os velhos deuses

nunca o ajudaram. Lembrar-se disso a deixou zangada.

– Devia tê-lo salvado – ralhou com a árvore. – Ele rezava para você o tempo todo. Não me importa se me ajuda ou não. Não me parece que possa, mesmo se quisesse.

– Não se faz troça dos deuses, menina.

A voz a sobressaltou. Ficou de pé com um salto e puxou a espada de madeira. Jaqen H'ghar estava tão imóvel na escuridão que parecia ser uma das árvores.

– Um homem vem ouvir um nome. Um e dois, e depois vem o três. Um homem quer acabar.

Arya apontou a ponta lascada ao chão.

– Como é que sabia que eu estava aqui?

– Um homem vê. Um homem ouve. Um homem sabe.

Ela o olhou com suspeita. Teria sido enviado pelos deuses?

– Como fez com que o cão matasse Weese? Conjurou Rorge e Dentadas do inferno? Jaqen H'ghar é o seu nome verdadeiro?

– Alguns homens têm muitos nomes. Doninha. Arry. *Arya*.

Ela recuou até ficar encostada à árvore-coração.

– Gendry contou?

– Um homem sabe – ele repetiu. – Minha senhora de Stark.

Talvez os deuses o *tivessem* enviado em resposta às suas preces.

– Preciso que me ajude a tirar aqueles homens das masmorras. Aquele Glover e os outros, todos eles. Temos de matar os guardas e de alguma maneira abrir a cela…

– Uma menina esquece – ele disse calmamente. – Dois já obteve, três eram devidos. Se um guarda tem de morrer, só tem de dizer seu nome.

– Mas *um* guarda não será suficiente, temos de matar todos para abrir a cela – Arya mordeu o lábio com força para não chorar. – Quero que salve os nortenhos como o salvei.

Ele a olhou sem piedade.

– Três vidas foram arrebatadas a um deus. Três vidas têm de ser pagas. Não se faz troça dos deuses – sua voz era de seda e aço.

– Eu não trocei – Arya pensou por um momento. – O nome… posso dizer o nome de *qualquer pessoa*? E você irá matá-lo?

Jaqen H'ghar inclinou a cabeça.

– Um homem já disse.

– Qualquer pessoa? – repetiu. – Um homem, uma mulher, um bebê, ou Lorde Tywin, o Alto Septão ou seu pai?

– O antepassado de um homem está morto há muito tempo, mas se vivesse, e se dissesse o seu nome, morreria às suas ordens.

– Jura! – Arya dava uma ordem. – Jura pelos deuses.

– Por todos os deuses do mar e do ar, e mesmo pelo do fogo, juro – Jaqen pousou uma mão na boca do represeiro. – Pelos sete novos

deuses e pelos deuses antigos sem conta, juro.

Ele jurou.

– Mesmo se eu nomeasse o rei…

– Diga o nome, e a morte virá. Amanhã, na volta da lua, de hoje a um ano, virá. Um homem não voa como um pássaro, mas um pé se move, e depois outro, e um dia um homem está lá, e um rei morre – ajoelhou-se ao lado dela, para que ficassem cara a cara. – Uma menina segreda, se tem medo de falar em voz alta. Segreda agora. É *Joffrey*?

Arya encostou os lábios à sua orelha.

– É *Jaqen H'ghar*.

Nem mesmo no celeiro em chamas, com paredes de fogo a rodeá-lo por todos os lados e ele acorrentado, tinha parecido tão perturbado como agora.

– Uma menina… ela brinca.

– Jurou. Os deuses ouviram-no jurar.

– Os deuses ouviram – de repente surgiu uma faca na sua mão, com uma lâmina fina como o mindinho de Arya. Não saberia dizer se se destinava a ela ou a ele. – Uma menina irá chorar. Uma menina irá perder seu único amigo.

– Você não é meu amigo. Um amigo *ajudaria* – afastou-se dele, apoiada nas pontas dos pés para o caso de ele arremessar a faca. – Eu nunca mataria um *amigo*.

O sorriso de Jaqen surgiu e desapareceu.

– Uma menina poderia… dizer então outro nome, se um amigo ajudasse?

– Uma menina poderia. Se um amigo ajudasse.

A faca desapareceu.

– Vem.

– Agora? – nunca pensou que ele fosse agir tão depressa.

– Um homem ouve o murmúrio da areia numa ampulheta. Um homem não dormirá até que uma menina desdiga um certo nome. Já, criança malvada.

Eu não sou uma criança malvada, pensou, *sou um lobo gigante, e o fantasma em Harrenhal*. Voltou a esconder o pau de vassoura em seu esconderijo e saiu do bosque sagrado atrás dele.

Apesar da hora, Harrenhal agitava-se com uma vida irregular. A chegada de Vargo Hoat tinha destruído todas as rotinas. Carros de bois, bois e cavalos tinham desaparecido do pátio, mas a jaula do urso ainda se encontrava lá. Havia sido pendurada do arco da ponte que separava o pátio exterior do interior, suspensa por pesadas correntes, a alguns centímetros do chão. Um anel de archotes banhava a área de luz. Alguns dos cavalariços estavam atirando pedras para fazer o urso rugir e rosnar. Do outro lado do pátio derramava-se luz pela porta do Salão das Casernas, acompanhada pelo ruído de canecas e por homens

exigindo mais vinho. Uma dúzia de vozes começou a cantar uma canção numa língua gutural estranha aos ouvidos de Arya.

Estão bebendo e comendo antes de irem dormir, compreendeu. *Olho Vermelho deve ter mandado alguém me acordar para ajudar a servir. Ele saberá que não estou na cama*. Mas provavelmente estaria ocupado servindo os Bravos Companheiros e os homens da guarnição de Sor Amory que tinham se juntado a eles. O barulho que estavam fazendo seria uma boa distração.

– Esta noite os deuses famintos terão um banquete de sangue, se um homem fizer isso – disse Jaqen. – Querida menina, bondosa e gentil. Desdiga um nome, e diga outro, e atire para longe esse sonho louco.

– Não.

– Que seja – ele parecia resignado. – A coisa será feita, mas uma menina tem de obedecer. Um homem não tem tempo para conversas.

– Uma menina obedecerá – Arya concordou. – O que devo fazer?

– Uma centena de homens têm fome, devem ser alimentados, o senhor exige caldo de carne quente. Uma menina tem de correr às cozinhas e dizer ao seu garoto das tortas.

– Caldo de carne – ela repetiu. – Onde vai estar?

– Uma menina vai ajudar a fazer caldo de carne e vai esperar nas cozinhas até que um homem venha até ela. Vá. Corra.

Torta Quente estava tirando os pães do forno quando ela entrou de rompante na cozinha, mas já não estava sozinho. Tinham acordado os cozinheiros para alimentar Vargo Hoat e seus Saltimbancos Sangrentos. Criados levavam cestos cheios de pão e das tortas do Torta Quente, o cozinheiro-chefe cortava fatias de um presunto frio, assadores viravam coelhos enquanto as ajudantes de cozinha os pincelavam com mel, e mulheres cortavam cebolas e cenouras.

– Que é que você quer, Doninha? – perguntou o cozinheiro-chefe quando a viu.

– Caldo de carne – anunciou. – O senhor quer caldo de carne.

Ele sacudiu a faca de trinchar na direção das caldeiras negras de ferro penduradas sobre as chamas.

– O que você acha que é aquilo? Se bem que eu preferia mijar nele do que servi-lo àquele bode. Nem sequer deixa um homem ter uma noite de sono – o homem cuspiu. – Bom, não importa. Corra de volta e diga-lhe que não se pode apressar uma caldeira.

– Ele me disse para esperar aqui até ficar pronto.

– Então não fique na nossa frente. Ou, melhor ainda, torne-se útil. Corra à despensa; sua cabraria vai querer manteiga e queijo. Acorde Pia e diga-lhe que é melhor que seja rápida, por uma vez, se quiser ficar com os dois pés.

Arya correu tão depressa quanto pôde. Pia estava acordada no

sótão, gemendo por baixo de um dos Saltimbancos, mas enfiou-se bem depressa na roupa quando ouviu seu grito. Encheu seis cestos com potes de manteiga e grandes cunhas de queijo malcheiroso enrolado em pano.

– Tome, ajude-me com isto – pediu a Arya.

– Não posso. Mas é melhor que se apresse, senão Vargo Hoat corta seu pé – e fugiu antes que Pia pudesse agarrá-la. No caminho de volta, perguntou a si mesma por que motivo nenhum dos cativos tinha as mãos ou os pés cortados. Talvez Vargo Hoat tivesse medo de irritar Robb. Apesar de não parecer ser do tipo de homem que tenha medo *seja de quem for*.

Torta Quente mexia as caldeiras com uma longa colher de pau quando Arya retornou às cozinhas. Pegou uma segunda colher e pôs-se a ajudá-lo. Por um momento, pensou que talvez devesse lhe contar, mas depois lembrou-se da aldeia e decidiu não fazer isso. *Ele só iria se render outra vez*.

Então ouviu o feio som da voz de Rorge.

– *Cozinheiro* – gritou. – Vamos levar a merda do seu caldo – Arya largou a colher, receosa. *Não lhe disse para trazê-los*. Rorge usava o capacete de ferro, com a proteção que escondia parcialmente o nariz que lhe faltava. Jaqen e Dentadas entraram na cozinha atrás dele.

– A merda do caldo ainda não está pronta – o cozinheiro respondeu. – Tem de ferver. Acabamos de despejar as cebolas lá dentro e…

– Cale a matraca, senão lhe enfio um espeto rabo acima e pincelamos você durante uma volta ou duas. Eu disse caldo, e disse já.

Silvando, Dentadas tirou do espeto um pedaço meio assado de coelho e o rasgou com os dentes pontiagudos enquanto mel escorria entre seus dedos.

O cozinheiro aceitou a derrota.

– Então levem a merda do caldo, mas se a cabra perguntar por que é que tem tão pouco gosto, digam-lhe.

Dentadas lambeu a gordura e o mel dos dedos enquanto Jaqen H'ghar calçava um par de luvas bem almofadadas, depois deu um segundo para Arya.

– Uma doninha ajuda – o caldo estava fervendo e as caldeiras eram pesadas. Arya e Jaqen pegaram uma, Rorge transportou outra sozinho, e Dentadas agarrou mais duas, silvando de dor quando os pegadores queimaram suas mãos. Mesmo assim, não as deixou cair. Arrastaram as caldeiras para fora da cozinha e atravessaram o pátio com elas. Dois guardas tinham sido colocados à porta da Torre da Viúva.

– O que é isto? – perguntou um deles para Rorge.

– Um penico com mijo fervendo. Quer um pouco?

Jaqen sorriu de forma apaziguadora.

– Um prisioneiro também tem de comer.

– Ninguém disse nada a respeito de…

Arya o interrompeu.

– É para *eles*, não para você.

Com um gesto para passar, o segundo guarda disse-lhes:

– Então levem para baixo.

Depois de atravessar a porta, uma escada em espiral levava às masmorras. Rorge seguiu à frente, com Jaqen e Arya na retaguarda.

– Uma menina vai ficar fora do nosso caminho.

Os degraus terminavam numa galeria de pedra, úmida e fria, longa, sombria e sem janelas. Algumas tochas ardiam em arandelas na área mais próxima da escada, onde um grupo de guardas de Sor Amory estava sentado em volta de uma mesa de madeira cheia de marcas, conversando e jogando dominó. Pesadas barras de ferro separavam-nos do local onde os cativos se aglomeravam na escuridão. O cheiro do caldo de carne trouxe muitos deles para junto das barras.

Arya contou oito guardas, que também cheiraram o caldo.

– Esta é a criada mais feia que já vi – disse o capitão para Rorge. – O que há na caldeira?

– Seu caralho e os ovos. Quer comer ou não?

Um dos guardas estava andando para lá e para cá, outro encontrava-se em pé junto às grades, e um terceiro, sentado no chão com as costas apoiadas na parede, mas a expectativa de comer tinha trazido todos para junto da mesa.

– Já era mais que hora de nos alimentar.

– Isto é cheiro de cebola?

– E onde está o pão?

– Porra, precisamos de tigelas, taças, colheres…

– Não precisam, não – Rorge despejou o caldo pelando em cheio no rosto dos guardas. Jaqen H'ghar fez o mesmo. Dentadas também atirou as caldeiras, fazendo-as girar por baixo dos braços para que rodopiassem masmorra afora, fazendo chover sopa. Uma delas atingiu o capitão nas têmporas quando ele tentou se levantar. Caiu como um saco de areia e ficou imóvel. Os outros gritavam de agonia, rezavam, ou tentavam escapar.

Arya encostou-se à parede quando Rorge começou a cortar gargantas. Dentadas preferia agarrar os homens pela nuca e pelo queixo e quebrar seus pescoços com uma única torção das suas enormes mãos pálidas. Só um dos guardas conseguiu puxar uma lâmina. Jaqen afastou-se dançando de sua estocada, desembainhou a espada, encurralou o homem num canto com uma saraivada de golpes, e o matou com uma estocada no coração. O lorathiano trouxe a lâmina para Arya, ainda vermelha com sangue quente, e a limpou na

parte da frente de sua roupa.

– Uma menina deve ficar ensanguentada também. Isto é obra dela.

A chave da cela pendia de um gancho na parede por cima da mesa. Rorge a pegou e abriu a cela. O primeiro homem a passar foi o senhor vestido com capa e cota de malha.

– Muito bem. Sou Robett Glover.

– Senhor – Jaqen fez-lhe uma reverência.

Depois de libertados, os prisioneiros tiraram dos guardas mortos suas armas e correram degraus acima com aço na mão. Os outros aglomeraram-se, de mãos vazias, atrás deles. Subiram rápido e quase sem uma palavra. Nenhum deles parecia tão ferido como quando Vargo Hoat os fizera atravessar os portões de Harrenhal.

– Usar a sopa foi engenhoso –o homem chamado Glover estava dizendo. – Não esperava por isso. Foi ideia de Lorde Hoat?

Rorge desatou a rir. Riu tanto, que escorreu ranho do buraco onde antes estivera seu nariz. Dentadas sentou-se em cima de um dos mortos, segurando uma mão flácida enquanto roía os dedos. Ossos estalaram entre seus dentes.

– Quem são vocês? – uma ruga surgiu entre as sobrancelhas de Robett Glover. – Não estavam com Hoat quando ele veio ao acampamento de Lorde Bolton. Pertencem aos Bravos Companheiros?

Rorge limpou o ranho do queixo com as costas da mão:

– Agora pertencemos.

– Este homem tem a honra de ser Jaqen H'ghar, antigamente da Cidade Livre de Lorath. Os descorteses companheiros desse homem chamam-se Rorge e Dentadas. Um senhor saberá qual deles é o Dentadas – indicou Arya com uma mão. – E ali…

– Chamo-me Doninha – ela o interrompeu, antes que pudesse dizer quem *realmente* era. Não queria que seu nome fosse dito ali, ao alcance dos ouvidos de Rorge, Dentadas e todos aqueles homens que não conhecia.

Viu que Glover não lhe dava importância.

– Muito bem – ele disse. – Ponhamos fim a este assunto maldito.

Quando voltaram a subir a escada em caracol, encontraram os guardas da porta jazendo em poças de seu próprio sangue. Nortenhos corriam pelo pátio. Arya ouviu gritos. A Porta do Salão da Caserna abriu-se de rompante e um homem ferido saiu, cambaleando e gritando. Outros três correram atrás dele e silenciaram-no com lanças e espadas. Também se lutava em volta da guarita. Rorge e Dentadas correram com Glover, mas Jaqen H'ghar ajoelhou ao lado de Arya.

– Uma menina não compreende?

– Compreendo, sim – ela respondeu, embora não fosse verdade, não por completo.

O lorathiano deve ter visto isso em seu rosto.

– Uma cabra não tem lealdade. Em breve um estandarte de lobo será erguido aqui, acho. Mas primeiro um homem quer ouvir desdizer certo nome.

– Retiro o nome – Arya mordeu o lábio. – Ainda tenho uma terceira morte?

– Uma menina é gananciosa – Jaqen tocou um dos guardas mortos e mostrou seus dedos ensanguentados. – Aqui estão três, e ali, quatro, e mais oito estão mortos embaixo. A dívida está paga.

– A dívida está paga – Arya concordou com relutância. Sentiu-se um pouco triste. Agora era de novo apenas um rato.

– Um deus tem o que lhe é devido. E agora um homem deve morrer – um estranho sorriso tocou os lábios de Jaqen H'ghar.

– *Morrer?* – ela perguntou, confusa. O que ele queria dizer? – Mas eu desdisse o nome. Agora não precisa morrer.

– Preciso. Meu tempo chegou ao fim – Jaqen passou uma mão sobre o rosto, da testa ao queixo, e por onde a mão passou ele *mudou*. As maçãs do rosto tornaram-se mais cheias, os olhos mais apertados; o nariz entortou-se, uma cicatriz surgiu na bochecha direita onde não havia nenhuma antes. E quando sacudiu a cabeça, seu longo cabelo liso, meio vermelho e meio branco, dissolveu-se para revelar um gorro de apertados caracóis negros.

A boca de Arya escancarou-se:

– Quem é *você*? – sussurrou, estupefata demais para sentir medo. – Como fez *isso*? É difícil?

Ele sorriu, revelando um cintilante dente de ouro:

– Não é mais difícil do que adotar um novo nome, se se souber como.

– Mostre-me – ela exclamou. – Também quero fazer isso.

– Se quiser aprender, tem de vir comigo.

Arya ficou hesitante.

– Para onde?

– Para longe, para lá do mar estreito.

– Não posso. Tenho que ir para casa. Para Winterfell.

– Então temos de nos separar, pois também tenho deveres a cumprir – ele levantou sua mão e pôs uma pequena moeda em sua palma. – Tome.

– O que é isto?

– Uma moeda de grande valor.

Arya mordeu-a. Era tão dura que só podia ser de ferro.

– Vale o suficiente para comprar um cavalo?

– Não se destina à compra de cavalos.

– Então, para que serve?

– Isso é o mesmo que perguntar para que serve a vida, para que

serve a morte. Se chegar o dia em que quiser voltar a me encontrar, dê essa moeda a qualquer homem de Bravos e diga-lhe as seguintes palavras… *valar morghulis*.

– *Valar morghulis* – Arya repetiu. Não era difícil. Os dedos fecharam-se com força em volta da moeda. Do outro lado do pátio, ouvia homens morrendo. – Por favor, não vá Jaqen.

– Jaqen está tão morto como Arry – ele falou em tom triste –, e eu tenho promessas a manter. *Valar morghulis*, Arya Stark. Diga de novo.

– *Valar morghulis* – ela disse mais uma vez, e o estranho que usava a roupa de Jaqen fez-lhe uma reverência e afastou-se pela escuridão, com o manto tremulando. Ficou sozinha com os mortos. *Eles mereceram morrer*, disse a si mesma, lembrando-se de todos aqueles que Sor Amory Lorch tinha matado no castro junto ao lago.

Os porões sob a Pira do Rei estavam vazios quando voltou para a cama de palha. Sussurrou os nomes para o travesseiro, e quando terminou, acrescentou "*Valar morghulis*", numa voz tênue e suave, perguntando a si mesma o que aquilo queria dizer.

Ao chegar a alvorada, Olho Vermelho e os outros estavam de volta, todos, menos um rapaz que tinha sido morto durante a luta, por nenhum motivo que alguém pudesse desvendar. Olho Vermelho subiu sozinho para ver em que pé estavam as coisas à luz do dia, enquanto se queixava sem parar que seus velhos ossos não suportavam degraus. Quando voltou, disse-lhes que Harrenhal tinha sido tomado.

– Aqueles Saltimbancos Sangrentos mataram alguns dos homens de Sor Amory nas camas, e os outros à mesa, depois de ficarem bem bêbados. O novo senhor estará aqui antes do dia terminar, com toda a sua tropa. É do norte selvagem, lá onde está a Muralha, e dizem que é um homem duro. Com este senhor ou aquele, continua a haver trabalho para fazer. Algum disparate, e arranco a pele de suas costas à chicotada – ele olhou para Arya quando disse aquilo, mas ela não lhe disse uma palavra sobre onde estivera na noite anterior.

Durante toda a manhã, ela viu os Saltimbancos Sangrentos tirando dos mortos o que de valor possuíssem e arrastando os cadáveres para o Pátio das Lâminas, onde foi feita uma pira para se verem livres deles. Shagwell, o Bobo, cortou a cabeça de dois cavaleiros mortos e ficou pavoneando pelo castelo, segurando-as pelos cabelos, abanando-as e fazendo-as falar. "De que morreu?", perguntava uma cabeça. "De sopa quente de doninha", respondia a segunda.

Arya foi posta para esfregar o sangue seco. Ninguém lhe disse uma palavra diferente do que era comum, mas de vez em quando reparava em alguém olhando-a de forma estranha. Robett Glover e os outros homens que tinham sido libertado devem ter falado a respeito do que acontecera na masmorra, e depois Shagwell e suas estúpidas

cabeças falantes começaram com aquilo da sopa de doninha. Teria dito para ele se calar, mas tinha medo de fazê-lo. O bobo era meio louco, e Arya ouvira dizer que certa vez tinha matado um homem por não rir de uma de suas brincadeiras. *É melhor que ele feche a boca, senão ponho-o na minha lista com os outros*, pensou enquanto raspava uma mancha marrom-avermelhada.

O sol já estava quase se pondo quando o novo senhor de Harrenhal chegou. Tinha um rosto simples, sem barba e comum, notável apenas por seus estranhos olhos claros. Sem ser gordo, magro ou musculoso, usava cota de malha negra e um manto cor-de-rosa com pintas. O símbolo em seu estandarte parecia um homem mergulhado em sangue.

– De joelhos para receber o Senhor do Forte do Pavor! – gritou seu escudeiro, um garoto que não devia ser mais velho do que Arya, e Harrenhal se ajoelhou.

Vargo Hoat adiantou-se:

– *Fenhor*, Harrenhal é *feu*.

O senhor respondeu, mas em um tom de voz baixo demais para que Arya ouvisse. Robett Glover e Sor Aenys Frey, recém-banhados e vestidos com gibões e mantos limpos, foram se juntar a eles. Após uma breve conversa, Sor Aenys levou-os até Rorge e Dentadas. Arya surpreendeu-se por vê-los ali ainda; de algum modo tinha esperado que desaparecessem quando Jaqen sumira. Ouviu o som áspero da voz de Rorge, mas não o que ele estava dizendo. Então Shagwell lançou-se sobre ela, arrastando-a pelo pátio afora.

– Senhor, senhor – cantarolou, puxando-a pelo pulso –, está aqui a doninha que fez a sopa!

– *Largue-me* – Arya gritou, libertando-se com uma torção do corpo.

O senhor a olhou. Só os olhos se moveram; eram muito claros, da cor do gelo.

– Quantos anos tem, filha?

Ela teve de pensar por um momento para se lembrar.

– Dez.

– Dez, *senhor* – ele lhe lembrou. – Gosta de animais?

– De alguns. Senhor.

Um pequeno sorriso crispou seus lábios:

– Mas de leões não, ao que parece. Nem de manticoras.

Arya não sabia o que responder àquilo, então não disse nada.

– Dizem-me que a chamam de Doninha. Isso não servirá. Que nome sua mãe lhe deu?

Ela mordeu o lábio, em busca de outro nome. Lommy chamara-a Cabeça de Caroço, Sansa tinha usado Cara de Cavalo, e os homens do pai tinham-na alcunhado de Arya Debaixo dos Pés, mas não lhe

parecia que algum desses fosse o tipo de nome que ele queria.

– Nymeria. Só que me chamava de Nan.

– Você vai me chamar de *senhor* quando falar comigo, Nan – disse o senhor brandamente. – É nova demais para ser um Bravo Companheiro, acho, e do sexo errado. Tem medo de sanguessugas, filha?

– São só sanguessugas. Senhor.

– Meu escudeiro poderia aprender alguma coisa com você, ao que parece. Sangramentos frequentes são o segredo de uma vida longa. Um homem tem de se purgar do sangue ruim. Parece-me que servirá. Enquanto eu ficar em Harrenhal, Nan, será minha copeira e vai me servir à mesa e em meus aposentos.

Dessa vez, sabia que não era boa ideia dizer-lhe que preferia trabalhar nos estábulos.

– Sim, minha senhoria. Quero dizer, sua senhoria.

O senhor sacudiu a mão.

– Deixem-na apresentável – o homem ordenou, para ninguém em especial. – E assegurem-se de que ela aprenda a servir vinho sem derramar – virando as costas para ela, ergueu uma mão e disse: – Lorde Hoat, trate daquelas bandeiras por cima da guarita.

Quatro Bravos Companheiros subiram até as ameias e arriaram o leão de Lannister e a manticora negra de Sor Amory. Em seu lugar içaram o homem esfolado do Forte do Pavor e o lobo gigante de Stark. E, nessa noite, uma pajem chamada Nan serviu vinho a Roose Bolton e Vargo Hoat, enquanto eles observavam da galeria os Bravos Companheiros que exibiam Sor Amory Lorch, nu, no pátio intermediário. Sor Amory suplicou, soluçou e agarrou-se às pernas de seus captores, até que Rorge o obrigou a largá-las e Shagwell o atirou com um pontapé para dentro do fosso do urso.

O urso está todo de negro, pensou Arya. *Tal como Yoren*. Encheu a taça de Roose Bolton, e não derramou uma gota.

Daenerys

Naquela cidade de esplendores, Dany tinha pensado que a Casa dos Imortais fosse a mais magnífica de todas, mas saiu do palanquim para contemplar uma ruína cinzenta e antiga.

Longo e baixo, sem torres nem janelas, o edifício enrolava-se como uma serpente de pedra através de um bosque de árvores de casca negra, cujas folhas de um azul carregado constituíam a matéria-prima para a bebida mágica que os qartenos chamavam de *sombra da tarde*. Não havia outros edifícios por perto. Telhas negras cobriam o palácio, muitas das quais caídas ou quebradas; a argamassa entre as pedras estava seca e se desfazendo. Agora compreendia por que Xaro Xhoan Daxos o chamava de Palácio de Poeira. Até Drogon pareceu inquieto ao vê-lo. O dragão negro silvou, expelindo fumaça por entre seus dentes afiados.

– Sangue do meu sangue – disse Jhogo em dothraki –, este é um lugar maligno, um covil de fantasmas e *maegi*. Vê como suga o sol da manhã? Vamos embora antes que nos sugue também.

Sor Jorah Mormont ficou ao lado deles.

– Que poder eles podem ter se vivem *naquilo*?

– Escute a sabedoria dos que mais a amam – disse Xaro Xhoan Daxos, recostado dentro do palanquim. – Os magos são criaturas amargas que comem poeira e bebem das sombras. Nada lhes darão. Nada têm para dar.

Aggo pousou uma mão no *arakh*.

– *Khaleesi*, é dito que muitos entram no Palácio de Poeira, mas poucos de lá saem.

– É dito – Jhogo concordou.

– Somos sangue do seu sangue – Aggo continuou. – Juramos viver e morrer convosco. Deixe-nos entrar junto neste lugar escuro, para mantê-la a salvo do mal

– Há lugares que até um *khal* tem de percorrer só – Dany respondeu.

– Então leve-me – pediu Sor Jorah. – O risco…

– A Rainha Daenerys deve entrar sozinha, ou não entrará – o mago Pyat Pree surgiu por entre as árvores. *Esteve ali o tempo todo?*, perguntou-se Dany. – Se virar as costas agora, as portas da sabedoria ficarão para sempre fechadas para ela.

– Minha barca de prazer espera, mesmo agora – gritou Xaro Xhoan Daxos. – Afaste-se dessa loucura, oh, mais teimosa das rainhas. Tenho flautistas que acalmarão sua alma perturbada com bela música, e uma menininha cuja língua a fará suspirar e derreter.

Sor Jorah Mormont deu ao príncipe mercador um olhar azedo:

– Vossa Graça, lembre-se de Mirri Maz Duur.

– Lembro-me – Dany respondeu, subitamente decidida. – Lembro-me de que tinha conhecimento. E era apenas uma *maegi*.

Pyat Pree deu um pequeno sorriso.

– A criança fala tão sabiamente como uma velha. Dê-me o braço e deixe-me indicar-lhe o caminho.

– Não sou nenhuma criança – mas, mesmo assim, Dany deu-lhe o braço.

Sob as árvores negras estava mais escuro do que tinha imaginado, e o trajeto era mais longo. Embora o caminho parecesse seguir reto da rua até a porta do palácio, Pyat Pree logo fez uma curva. Quando o interrogou, o mago apenas disse:

– A porta da frente leva à entrada, mas não leva nunca à saída. Escute as minhas palavras, minha rainha. A Casa dos Imortais não foi feita para mortais. Se dá valor à sua alma, tenha cuidado e faça exatamente o que eu lhe disser.

– Farei o que disser – ela prometeu.

– Quando entrar, vai se encontrar numa sala com quatro portas: aquela que atravessou e mais três. Escolha a da direita. Se chegar a uma escada, suba. Nunca desça e nunca escolha nenhuma porta a não ser a primeira à sua direita.

– A porta à minha direita. Entendo. E quando sair, é o oposto?

– De modo algum – Pyat Pree a alertou. – Entrar ou sair é a mesma coisa. Sempre para cima. Sempre a porta à sua direita. Outras portas podem se abrir para a senhora. Lá dentro, verá muitas coisas que a perturbarão. Visões adoráveis, e de horror, maravilhas e terrores. Imagens e sons de dias passados, dias por vir e outros que nunca aconteceram. Habitantes e servidores poderão falar com a senhora à medida que avançar. Responda-lhes, ou os ignore, como quiser, mas não *entre em nenhuma sala* até chegar à sala de audiências.

– Compreendo.

– Quando chegar à sala dos Imortais, seja paciente. Nossas pequenas vidas são para eles nada mais do que a batida de uma asa de mariposa. Escute com atenção, e grave cada palavra em seu coração.

Quando chegaram à porta, uma boca alta e oval, aberta numa parede esculpida para se parecer com um rosto humano, o menor anão que Dany já tinha visto a esperava na soleira. Não era mais alto do que seu joelho, com a cara chupada e pontiaguda, semelhante a um focinho, mas trajava um delicado traje roxo e azul, e suas minúsculas mãos cor-de-rosa seguravam uma bandeja de prata. Nela pousava um esguio copo de cristal cheio de um líquido espesso e azul: *sombra da tarde*, o vinho dos magos.

– Pegue-o e beba – disse-lhe Pyat Pree.

– Vai deixar meus lábios azuis?

– Um copo servirá apenas para destapar seus ouvidos e dissolver a membrana que cobre seus olhos, para que possa ver e ouvir as verdades que lhe serão mostradas.

Dany levou o copo aos lábios. O gosto do primeiro gole era muito ruim, de tinta e carne estragada, mas quando o engoliu pareceu ganhar vida dentro de si. Conseguia sentir gavinhas espalhando-se por seu peito, como dedos de fogo enrolando-se no coração, e na língua ficou um sabor que era como mel, anis e creme, como leite materno e o sêmen de Drogo, como carne crua, sangue quente e ouro derretido. Era todos os sabores que já tinha experimentado e nenhum deles… e então o copo ficou vazio.

– Agora pode entrar – disse o mago. Dany colocou o copo de volta no tabuleiro do criado e entrou.

Viu-se num átrio de pedra com quatro portas, uma em cada parede. Sem sequer hesitar, dirigiu-se à porta da direita e a atravessou. A segunda sala era gêmea da primeira. De novo se virou para a porta da direita. Quando a abriu, deparou-se com mais uma pequena antecâmara com quatro portas. *Estou na presença de feitiçaria*.

A quarta sala já não era quadrada, mas oval, e tinha paredes de madeira comida pelas traças, em vez de paredes de pedra. No lugar de quatro, as passagens que dela saíam eram seis. Dany escolheu a da direita e penetrou num corredor longo, sombrio e de teto alto. Ao longo do lado direito havia uma fileira de archotes que ardiam com uma fumacenta luz alaranjada, mas as únicas portas estavam à sua esquerda. Drogon abriu grandes asas negras e bateu o ar parado. Voou seis metros antes de cair indignamente com um barulho surdo. Dany seguiu atrás dele.

O tapete roído pelo mofo sob seus pés um dia tinha sido esplendorosamente colorido, e no tecido ainda se viam volutas de ouro, cintilando, quebradas, por entre o cinza desbotado e o verde manchado. O que restava servia para abafar seus passos, mas isso não era inteiramente bom. Dany conseguia ouvir sons dentro das paredes, um tênue ruído de corrida e arranhadas que a fez pensar em ratazanas. Drogon também os ouvia. A cabeça movia-se enquanto seguia os sons, e quando pararam soltou um grito irritado. Outros sons, ainda mais perturbadores, passavam através das portas fechadas. Uma delas estremeceu e soltou um estrondo, como se alguém estivesse tentando arrombá-la. De outra vinha um dissonante toque de flauta que fez o dragão abanar violentamente a cauda de um lado para o outro. Dany apressou-se em seguir adiante.

Nem todas as portas estavam fechadas. *Não vou olhar*, disse Dany a si mesma, mas a tentação era forte demais.

Numa sala, uma bela mulher estendia-se nua no chão enquanto quatro homenzinhos rastejavam por cima dela. Tinham caras

pontiagudas de ratazana e mãozinhas cor-de-rosa, como o criado que lhe tinha trazido o copo de sombra da tarde. Um deles subia e descia entre as suas coxas. Outro atacava seus seios, mordendo seus mamilos com a boca úmida e vermelha, rasgando e mastigando.

Mais à frente, viu um festim de cadáveres. Massacrados de forma selvagem, os convivas jaziam espalhados por cima de cadeiras viradas e mesas de montar estilhaçadas, estatelados em poças de sangue coagulando. Alguns tinham perdido membros, ou até a cabeça. Mãos cortadas seguravam taças ensanguentadas, colheres de pau, aves assadas, nacos de pão. Num trono acima deles, estava sentado um morto com cabeça de lobo. Usava uma coroa de ferro e segurava numa mão uma perna de cordeiro como um rei seguraria um cetro, e seus olhos seguiram Dany com um apelo mudo.

Ela fugiu dele, mas só até a próxima porta aberta. *Conheço esta sala*, pensou. Lembrava-se daquelas grandes vigas de madeira e das faces de animais esculpidas que as adornavam. E ali, do lado de fora da janela, um limoeiro! Vê-lo fez o coração de Dany doer de saudade. *É a casa da porta vermelha, a casa em Bravos*. Assim que aquele pensamento atravessou seu espírito, Sor Willem entrou na casa, apoiando-se pesadamente em sua bengala.

– Princesinha, aqui está – ele disse em sua voz áspera e bondosa. – Venha, venha até mim senhora, está em casa agora, está a salvo agora – sua grande mão enrugada estendeu-se para ela, suave como couro velho, e Dany quis pegá-la e beijá-la, desejou isso mais do que já tinha desejado qualquer outra coisa na vida. O pé avançou, e então pensou: *Ele está morto, está morto, o querido velho urso, morreu há muito tempo*. Recuou e fugiu.

O longo corredor prolongava-se mais e mais, com uma infinidade de portas à esquerda, e nada além de archotes à direita. Passou correndo por mais portas do que conseguia contar, portas fechadas e abertas, portas de madeira e de ferro, portas esculpidas e portas simples, portas com maçanetas, portas com fechaduras e portas com aldravas. Drogon chicoteava suas costas, incentivando-a a avançar, e Dany correu até já não mais conseguir.

Por fim, um grande par de portas de bronze surgiu à sua esquerda, mais grandiosas do que as outras. Abriram-se quando se aproximou, e teve de parar e olhar. Para além delas estendia-se um cavernoso salão de pedra, o maior que alguma vez vira. Os crânios de dragões mortos miravam-na das paredes. Num trono elevado cheio de farpas, sentava-se um velho com ricos trajes, de olhos escuros e longos cabelos cinza-prateados.

– Que ele seja rei de ossos esturricados e carne assada – disse para um homem que estava embaixo. – Que seja rei de cinzas – Drogon guinchou, enterrando as garras em seda e pele, mas o rei em seu trono

não o ouviu, e Dany seguiu adiante.

Seu primeiro pensamento, na vez seguinte em que parou, foi *Viserys*, mas um segundo olhar fez Dany mudar de ideia. O homem tinha os cabelos do irmão, mas era mais alto, e seus olhos eram de um tom escuro de índigo, e não lilases.

– Aegon – ele disse para uma mulher que amamentava um recém-nascido numa grande cama de madeira. – Que nome seria melhor para um rei?

– Fará uma canção para ele? – a mulher perguntou.

– Ele já tem uma canção. É o príncipe que foi prometido, e é sua a canção de gelo e fogo – ergueu o olhar quando disse aquilo, e seus olhos encontraram os de Dany, e pareceu que a via ali em pé através da porta. – Terá de haver mais um – ele disse, embora Dany não soubesse dizer se estava falando para ela ou para a mulher na cama. – O dragão tem três cabeças – dirigiu-se ao banco da janela, pegou uma harpa e seus dedos correram com leveza sobre as cordas prateadas. Uma doce tristeza encheu o quarto enquanto homem, esposa e bebê se desvaneciam como a neblina da manhã, deixando para trás apenas a música a fim de apressá-la.

Pareceu a Dany que tinha caminhado por mais uma hora antes que o longo corredor finalmente terminasse numa íngreme escada de pedra, que descia para a escuridão. Todas as portas, abertas ou fechadas, tinham surgido à sua esquerda. Dany olhou para trás. Percebeu, com um princípio de medo, que os archotes estavam se apagando. Eram talvez vinte os que ainda ardiam. No máximo trinta. Mais um se apagou enquanto observava, e a escuridão avançou um pouco mais pelo corredor, rastejando em sua direção. E, ao escutar, pareceu ouvir algo mais que se aproximava, avançando lenta e arrastadamente pelo tapete desbotado. O terror a dominou. Não podia voltar, e tinha medo de ficar ali, mas como poderia avançar? Não havia nenhuma porta à direita, e os degraus iam para baixo, não para cima.

Mais um archote se apagou enquanto Dany ficou ali refletindo, e os sons tornaram-se levemente mais altos. O longo pescoço de Drogon desenrolou-se e o dragão abriu a boca para gritar, fazendo sair vapor por entre os dentes. *Ele também ouve*. Dany voltou a se virar para a parede vazia, mas nada havia lá. *Será que há uma porta secreta, uma porta que não consigo ver?* Outro archote se apagou. E outro. *A primeira porta da direita, ele disse, sempre a primeira porta da direita. A primeira porta da direita…*

De repente ela entendeu… *É a última porta da esquerda!*

Atirou-se através dela. Do outro lado havia uma pequena sala com quatro portas. Ela seguiu para a direita, e para a direita, e para a direita, e para a direita, e para a direita, e para a direita, e para a

direita, até ficar tonta e de novo sem fôlego.

Quando parou, deu por si em mais um aposento de pedra, frio e úmido… Mas, dessa vez, a porta que se abria em frente era redonda, esculpida como uma boca aberta, e Pyat Pree estava do lado de fora, na relva sob as árvores.

– Será possível que os Imortais tenham terminado tão depressa o que tinham que tratar com a senhora? – ele perguntou, incrédulo, quando a viu.

– Tão depressa? – ela perguntou, confusa. – Caminhei durante horas, e ainda não os encontrei.

– Seguiu um caminho errado. Venha, eu a levo – Pyat Pree estendeu a mão.

Dany hesitou. Havia uma porta à sua direita, ainda fechada…

– Não é por aí – disse firmemente Pyat Pree, com uma afetação de desaprovação nos lábios azuis. – Os Imortais não esperarão para sempre.

– Nossas pequenas vidas são para eles nada mais do que a batida de uma asa de mariposa – Dany repetiu, recordando-se.

– Criança teimosa. Ficará perdida e nunca será encontrada.

Ela se afastou dele, virou-se para a porta à sua direita.

– Não – Pyat Pree guinchou. – Não, a mim, venha a mim, a *miiiiiiiiiim* – seu rosto desmoronou para dentro, transformando-se em algo pálido e vermiforme.

Dany deixou-o para trás, e seguiu em direção a uma escadaria. Começou a subir. Pouco tempo depois suas pernas doíam. Recordou que a Casa dos Imortais parecera não ter torres.

Por fim, a escada abriu-se para um átrio. À direita, um conjunto de portas largas de madeira tinha sido escancarado. Eram feitas de ébano e represeiro, com os grãos pretos e brancos da madeira rodopiando e retorcendo-se em padrões estranhos e intricados. Eram muito belos, mas de algum modo assustadores. *O sangue do dragão não deve ter medo*. Dany proferiu uma prece rápida, suplicando coragem ao Guerreiro e força ao deus dos cavalos dos dothraki. Obrigou-se a avançar.

Para além das portas encontrava-se um grande salão e um esplendor de feiticeiros. Alguns usavam suntuosas togas de arminho, veludo rubi e pano de ouro. Outros preferiam elaboradas armaduras guarnecidas de pedras preciosas, ou chapéus altos e pontiagudos, salpicados de estrelas. Havia mulheres entre eles, trajando vestidos de insuperável beleza. Raios de luz do sol penetravam por janelas de vitral, e o ar reverberava com a mais bela música que já tinha ouvido.

Um homem régio, com ricos trajes, levantou-se ao vê-la, e sorriu:

– Daenerys da Casa Targaryen, seja bem-vinda. Venha partilhar o alimento da eternidade. Nós somos os Imortais de Qarth.

– Longamente a esperamos – disse uma mulher ao seu lado, vestida de rosa e de prata. O seio que deixara nu, à moda qartena, era tão perfeito como um seio podia ser.

– Sabíamos que viria até nós – disse o rei feiticeiro. – Já sabíamos disso há mil anos, e temos estado todo esse tempo à espera. Enviamos o cometa para lhe mostrar o caminho.

– Temos conhecimento a partilhar com você – disse um guerreiro com uma brilhante armadura esmeralda –, e armas mágicas para lhe dar. Ultrapassou todos os desafios. Venha agora sentar-se conosco, e todas as suas perguntas serão respondidas.

Dany deu um passo em frente. Mas então Drogon saltou de cima de seu ombro. Voou para o topo da porta de ébano e represeiro, empoleirou-se aí e começou a morder a madeira esculpida.

– Um animal com personalidade – riu um jovem bonito. – Devemos ensinar a língua secreta dos dragões a você? Venha, venha.

Dany foi assaltada pela dúvida. A grande porta era tão pesada que foram necessárias todas as suas forças para deslocá-la, mas por fim começou a se mover. Atrás havia outra porta, escondida. Era de velha madeira cinza, lascada e simples… Mas estava à direita da porta por onde tinha entrado. Os feiticeiros chamavam-na com vozes mais doces do que canções. Dany fugiu deles, com Drogon voando de volta ao seu ombro. Atravessou a porta estreita, e entrou num aposento inundado de trevas.

Uma longa mesa de pedra enchia a sala. Por cima flutuava um coração humano, inchado e azul de podridão, mas ainda vivo. Batia, numa profunda e solene palpitação, e cada batida gerava um banho de luz cor de índigo. As silhuetas que rodeavam a mesa não eram mais do que sombras azuis. Enquanto Dany caminhava até a cadeira vazia na ponta da mesa, elas não se agitaram, nem falaram, nem se viraram para ela. Não havia nenhum som, a não ser o lento e profundo batimento do coração em putrefação.

… *Mãe de dragões*… soou uma voz, em parte sussurro, em parte gemido… *dragões*… *dragões*… *dragões*… ecoaram outras vozes nas sombras. Algumas eram masculinas e outras femininas. Uma falava com o timbre de uma criança. O coração flutuante pulsava entre as sombras e as trevas. Era difícil convocar a vontade de falar, recordar as palavras que tinha treinado com tanta assiduidade.

– Sou Daenerys Filha da Tormenta, da Casa Targaryen, Rainha dos Sete Reinos de Westeros – *vão me ouvir? Por que não se mexem?* Sentou-se, fechando as mãos no colo. – Concedam-me seus conselhos, e falem-me com a sabedoria daqueles que conquistaram a morte.

Através da névoa pintada de índigo conseguia distinguir os traços mirrados do Imortal sentado à sua direita, um homem muito, muito velho, enrugado e sem cabelo. Sua pele tinha um vivo tom violeta-

azulado, os lábios e as unhas eram ainda mais azuis, tão escuros que eram quase negros. Até o branco dos olhos era azul. Fitavam, sem ver, a mulher antiga que se encontrava do lado oposto da mesa, cujo vestido de seda clara tinha apodrecido em seu corpo. Um seio murcho havia sido deixado nu, à moda qartena, e mostrava um pontiagudo mamilo azul, duro como couro.

Ela não respira. Dany escutou o silêncio. *Nenhum deles respira, e não se mexem, e aqueles olhos não veem nada. Será possível que os Imortais estejam mortos?*

A resposta foi um suspiro tão fino como um bigode de rato. … *Nós vivemos… vivemos… vivemos…* disse o suspiro. Uma miríade de outras vozes sussurraram ecos. … *e sabemos… sabemos… sabemos… sabemos…*

– Vim em busca do dom da verdade – disse Dany. – No longo corredor, as coisas que vi… foram visões verdadeiras, ou mentiras? Coisas passadas ou coisas por vir? O que significavam?

… *A forma das sombras… amanhãs ainda não feitos… beba da taça de gelo… beba da taça de fogo…*

… *Mãe de dragões… filha de três…*

– Três? – ela não compreendia.

… *Três cabeças tem o dragão…* gemeu o coro fantasmagórico dentro de sua cabeça, sem que nunca um lábio se movesse, nunca um sopro agitasse o ar azul e parado. … *Mãe de dragões… filha da tormenta…* Os sussurros se transformaram numa canção turbilhonante. … *Três fogueiras tem de acender… uma pela vida, uma pela morte e uma pelo amor…* Seu coração batia em uníssono com aquele que flutuava na sua frente, azul e putrefato. … *Três montarias tem de montar… uma para o sexo, uma para o terror e uma para o amor…* Percebeu que as vozes se tornavam mais sonoras, e parecia-lhe que seu coração abrandava, o mesmo acontecendo com a respiração… *Três traições conhecerá… uma vez por sangue, uma vez por ouro e uma vez por amor…*

– Eu não… – sua voz não era mais do que um sussurro, quase tão tênue como os deles. O que se passava consigo mesma? – Eu não compreendo – disse, mais alto. Por que era tão difícil falar ali? – Ajudem-me. Mostrem-me.

… *Ajudá-la…* zombaram os suspiros. … *Mostrar-lhe…*

Então fantasmas estremeceram através da névoa, imagens em índigo. Viserys gritou quando ouro derretido escorreu por sua cabeça e encheu sua boca. Um senhor alto, com pele de cobre e cabelo louro-prateado, ergueu-se sob um estandarte com um garanhão fogoso, tendo uma cidade incendiada como fundo. Rubis escorreram como gotas de sangue do peito de um príncipe moribundo, e ele caiu de joelhos na água, e com o seu último suspiro murmurou um nome de mulher… *Mãe de dragões, filha da morte…* Brilhando como o pôr do

sol, uma espada vermelha foi erguida na mão de um rei de olhos azuis que não projetava sombra. Um dragão de pano oscilou em mastros por cima de uma multidão exultante. De uma torre fumegante, um grande animal de pedra levantou voo, exalando fogo de sombras. … *Mãe de dragões, matadora de mentiras*… Sua prata trotou pela grama, dirigindo-se a um riacho sombrio sob um mar de estrelas. Um cadáver ergueu-se à proa de um navio, de olhos brilhantes na face morta, lábios cinzentos sorrindo tristemente. Uma flor azul cresceu de uma fenda numa muralha de gelo e encheu o ar de doçura… *Mãe de dragões, noiva do fogo*…

E as visões vieram, cada vez mais rápidas, uma após a outra, até parecer que o próprio ar tinha ganhado vida. Sombras rodopiaram e dançaram dentro de uma tenda, elásticas e terríveis. Uma menininha correu descalça para uma grande casa com uma porta vermelha. Mirri Maz Duur guinchou entre as chamas, com um dragão irrompendo de sua testa. Atrás de um cavalo prateado, o cadáver ensanguentado de um homem nu foi arrastado aos solavancos. Um leão branco correu por pastos mais altos do que um homem. À sombra da Mãe das Montanhas, uma fileira de velhas nuas saiu de um grande lago e ajoelhou-se tremendo diante dela, com a cabeça cinzenta inclinada. Dez mil escravos ergueram mãos manchadas de sangue enquanto ela passava por eles a galope em sua prata, correndo como o vento. "*Mãe!*", gritaram. "*Mãe, mãe!*" Estendiam as mãos para ela, tocavam-na, puxavam seu manto, a barra de sua saia, seu pé, sua perna, seu seio. Desejavam-na, necessitavam dela, do fogo, da vida, e Dany arquejou e abriu os braços para se entregar a eles…

Mas, então, asas negras esbofetearam sua cabeça, e um grito de fúria cortou o ar índigo, e de repente as visões desapareceram, rasgadas, e o arquejo de Dany transformou-se em horror. Os Imortais estavam em volta dela, azuis e frios, suspirando enquanto estendiam as mãos para ela, puxando, afagando, pegando em suas roupas, tocando nela com suas mãos secas e frias, enredando os dedos em seus cabelos. Todas as forças tinham abandonado seus membros. Não conseguia se mexer. Até seu coração tinha deixado de bater. Sentiu uma mão no seio nu, torcendo seu mamilo. Dentes encontraram a pele suave de sua garganta. Uma boca desceu sobre um olho, lambendo, sugando, *mordendo*…

E então o índigo transformou-se em laranja, e os sussurros em gritos. Seu coração batia, rápido, as mãos e bocas haviam-na largado, calor lavava sua pele, e Dany piscou perante o súbito brilho. Empoleirado acima dela, o dragão abriu as asas e mordeu o terrível coração escuro, rasgando a carne putrefata em tiras, e quando sua cabeça foi para frente, fogo fluiu entre as maxilas abertas, quente e brilhante. Conseguia ouvir os guinchos dos Imortais enquanto ardiam,

suas vozes agudas e frágeis como papel gritando em línguas havia muito desaparecidas. A carne deles era pergaminho que se desfazia, seus ossos, madeira seca ensopada em sebo. Dançaram enquanto as chamas os consumiam; cambalearam, estremeceram, saltaram e ergueram bem alto mãos em brasa, com os dedos brilhantes como tochas.

Dany ficou de pé e investiu pelo meio deles. Eram leves como o ar, não mais do que cascas, e caíam com um toque. A sala inteira estava em chamas quando atingiu a porta.

– *Drogon* – ela chamou, e ele voou através do fogo.

Fora da sala, um longo corredor sombrio estendia-se serpenteando à sua frente, iluminado pelo brilho tremeluzente e alaranjado vindo de trás. Dany correu, em busca de uma porta, uma porta à sua direita, uma porta à sua esquerda, qualquer porta, mas nada havia, só paredes tortuosas de pedra, e um pavimento que parecia se mover lentamente sob seus pés, contorcendo-se como que para fazê-la tropeçar. Manteve o equilíbrio e correu mais depressa, e de repente a porta estava bem na sua frente, uma porta que era como uma boca aberta.

Quando surgiu à luz do sol, o brilho fez com que tropeçasse. Pyat Pree balbuciava numa língua desconhecida qualquer e saltava de um pé para o outro. Quando Dany olhou para trás, viu finas gavinhas de fumaça abrindo caminho através de fendas nas antigas paredes de pedra do Palácio de Poeira, e erguendo-se por entre as telhas negras do telhado.

Uivando pragas, Pyat Pree puxou uma faca e dançou em sua direção, mas Drogon voou no seu rosto. Então, Dany ouviu o estalar do chicote de Jhogo, e nunca houve som que a alegrasse tanto. A faca voou para longe, e um instante mais tarde Rakharo atirava Pyat ao chão. Sor Jorah Mormont ajoelhou na relva fresca e verde ao lado dela e pôs o braço em volta de seu ombro.

Tyrion

–Se morrer de forma estúpida, dou seu corpo de comer às cabras – ameaçou Tyrion quando o primeiro carregamento de Corvos de Pedra se afastou do cais.

Shagga soltou uma gargalhada.

– O Meio-Homem não tem cabras.

– Vou arranjar algumas só para você.

A alvorada rompia, e pálidas ondulações de luz cintilavam na superfície do rio, estilhaçando-se sob os mastros e voltando a se formar depois de o barco passar. Timett tinha levado seus Homens Queimados para o bosque do rei dois dias antes. Ontem, os Orelhas Negras e os Irmãos da Lua seguiram-no, hoje eram os Corvos de Pedra.

– Faça o que fizer, não tente travar batalha – Tyrion o alertou. – Ataque os acampamentos e as colunas de abastecimento. Monte emboscadas para os batedores e pendure os corpos nas árvores diante da linha de marcha deles, dê a volta e abata quem ficar para trás. Quero ataques noturnos, tantos e tão súbitos que eles fiquem com medo de dormir…

Shagga apoiou uma mão na cabeça de Tyrion.

– Tudo isso aprendi de Dolf, filho de Holger, antes de minha barba ter crescido. É assim que se faz a guerra nas Montanhas da Lua.

– O bosque do rei não é as Montanhas da Lua, e não estará lutando com Serpentes de Leite ou Cães Pintados. E *ouça* os guias que mando junto, eles conhecem essa floresta como você conhece suas montanhas. Escute seus conselhos, vão lhe ser úteis.

– Shagga escutará os animais de estimação do Meio-Homem – prometeu solenemente o homem dos clãs. E então chegou o momento de levar o garrano para o barco. Tyrion ficou vendo-os se afastar da margem e, levados por varas, se dirigir para o centro da Água Negra. Sentiu uma estranha pontada na boca do estômago quando Shagga se desvaneceu na névoa da manhã. Ia se sentir nu sem seus homens dos clãs.

Ainda tinha os homens contratados por Bronn, agora quase oitocentos, mas os mercenários eram notoriamente volúveis. Tyrion fizera o que podia para comprar uma lealdade continuada, prometendo a Bronn e a uma dúzia de seus melhores homens terras e graus de cavaleiro quando a batalha estivesse ganha. Tinham bebido seu vinho, rido de suas gracinhas e chamado uns aos outros de *sor* até ficarem todos cambaleando… Todos, menos o próprio Bronn, que tinha se limitado a sorrir aquele seu sorriso insolente e sombrio para depois dizer:

– Eles matarão por esse grau de cavaleiro, mas nunca julgue que

morrerão por ele.

Tyrion não guardava tal ilusão.

Os homens de manto dourado eram uma arma quase igualmente incerta. Seis mil homens na Patrulha da Cidade, graças a Cersei, mas só se podia confiar em um quarto deles.

– Há poucos que sejam claramente traidores, embora haja alguns, até sua aranha não encontrou todos – prevenira-o Bywater. – Mas há centenas que estão mais verdes do que a grama da primavera, homens que se alistaram para ter pão, cerveja e segurança. Ninguém gosta de parecer covarde aos olhos dos companheiros, e lutarão com bastante coragem no início, quando só houver trombetas de guerra e estandartes ao vento. Mas se a batalha parecer correr mal, eles vão quebrar, e vão quebrar feio. O primeiro homem a jogar fora a lança e fugir terá mais mil o seguindo.

Certamente havia homens experientes na Patrulha da Cidade, o núcleo de dois mil que tinha obtido o manto dourado de Robert, e não de Cersei. Mas, mesmo esses… Lorde Tywin Lannister gostava de dizer que um vigia não era realmente um soldado. Quanto a cavaleiros, escudeiros e homens de armas, Tyrion não possuía mais do que trezentos. Em breve teria de testar a veracidade de outro dos ditados do pai: *Um homem em uma muralha vale por dez à sua sombra*.

Bronn e a escolta esperavam na entrada do cais, no meio de um enxame de pedintes, rameiras passeando e mulheres de pescadores transportando pescado. As mulheres dos pescadores faziam mais negócio do que todos os outros juntos. Compradores rodeavam as barricas e as bancadas em bandos para regatear por caramujos, mariscos e lúcios. Sem outro tipo de comida chegando na cidade, o preço do peixe era dez vezes mais alto do que tinha sido antes da guerra, e continuava a subir. Os que tinham dinheiro vinham à margem do rio todas as manhãs e todas as noites, esperando levar para casa uma enguia ou um recipiente cheio de caranguejos vermelhos; os que não tinham esgueiravam-se entre as bancadas, na esperança de roubar, ou ficavam, lúgubres e desamparados, sob as muralhas.

Os homens de manto dourado abriram caminho através da multidão, empurrando as pessoas para o lado com o cabo das lanças. Tyrion ignorou as pragas resmungadas o melhor que pôde. Um peixe aproximou-se voando, viscoso e podre. Aterrissou a seus pés e se desmachou. Passou bamboleante por cima dele e subiu na sela. Crianças com barrigas inchadas já lutavam pelos pedaços do peixe fedorento.

Montado, passou o olhar ao longo da margem. Martelos ressoavam no ar da manhã enquanto carpinteiros enxameavam o Portão da Lama, projetando das ameias grades de madeira. Aquilo

estava indo bem. Estava bastante menos satisfeito com o aglomerado de estruturas decrépitas que tinham sido deixadas crescer atrás dos cais, agarrando-se às muralhas da cidade como cracas no casco de um navio; cabanas para guardar apetrechos de pesca, casas de pasto, bordéis, bancas de mercadores, cervejarias, as choupanas onde as mais baratas das prostitutas abriam as pernas. *Isso tem de desaparecer, de cima a baixo*. Daquele jeito, Stannis praticamente não precisaria de escadas para assaltar as muralhas.

Chamou Bronn para perto:

– Reúna uma centena de homens e ateie fogo em tudo o que vê aqui, entre a margem do rio e as muralhas da cidade – fez um gesto com os dedos atarracados, abarcando toda a miséria da frente do rio. – Não quero ver nada em pé, entendeu?

O mercenário moreno virou a cabeça, avaliando a tarefa.

– Os sujeitos que são donos disso tudo não vão gostar muito.

– Nunca imaginei que gostariam. Que seja; terão mais uma coisa sobre a qual amaldiçoar o maligno macaquinho demoníaco.

– Alguns podem lutar.

– Certifique-se de que percam.

– O que fazemos com os que moram aqui?

– Dê-lhes um tempo razoável para que removam os pertences, e depois expulse-os. Tente não matar ninguém, não são eles o inimigo. E basta de estupros! Mantenha seus homens na linha. É uma ordem.

– Eles são mercenários, não septões – Bronn respondeu. – A seguir vai me dizer que os quer sóbrios.

– Mal não faria.

Tyrion só desejava poder ter a mesma facilidade para tornar as muralhas da cidade duplamente mais altas e triplamente mais espessas. Embora talvez não importasse. Muralhas maciças e torres altas não tinham salvado Ponta Tempestade, nem Harrenhal, nem mesmo Winterfell.

Lembrava-se de Winterfell como o tinha visto pela última vez. Não tão grotescamente enorme como Harrenhal, nem tão sólido ou inexpugnável ao olhar como Ponta Tempestade, mas havia uma grande força naquelas pedras, uma sensação de que dentro daquelas muralhas um homem poderia se sentir a salvo. A notícia da queda do castelo chegou como um choque dilacerante.

– Os deuses dão com uma mão e tiram com a outra – resmungou em surdina quando Varys lhe contou. Tinham dado Harrenhal aos Stark e roubado Winterfell, uma troca deprimente.

Sem dúvida devia estar se regozijando. Robb Stark teria agora de se dirigir para o norte. Se não fosse capaz de defender seu próprio lar, não era rei nenhum. Isso significava tempo para o oeste, para a Casa Lannister, e no entanto…

Tyrion tinha apenas a mais vaga das memórias de Theon Greyjoy do tempo passado com os Stark. Um jovem imberbe, sempre sorrindo, habilidoso com um arco; era difícil imaginá-lo como Senhor de Winterfell. O Senhor de Winterfell tinha de ser sempre um Stark.

Lembrava-se do bosque sagrado deles; as grandes árvores-sentinela armadas com suas agulhas verde-acinzentadas, os grandes carvalhos, os espinheiros, freixos e pinheiros-marciais, e, no centro, a árvore-coração, vertical como um gigante branco congelado no tempo. Quase conseguia cheirar o lugar, terroso e pensativo, o cheiro de séculos, e lembrava-se de como o bosque era escuro mesmo durante o dia. *Aquele bosque era Winterfell. Era o Norte. Nunca me senti tão deslocado, nunca me senti tanto um intruso indesejado, como quando caminhei por ali*. Imaginou se os Greyjoy sentiriam o mesmo. O castelo até podia lhes pertencer, mas aquele bosque sagrado nunca. Nem dentro de um ano, dez ou cinquenta.

Tyrion Lannister levou o cavalo a passo lento na direção do Portão de Lama. *Winterfell não é nada para você*, lembrou-se. *Fique contente pelo lugar ter caído, e preocupe-se com as suas muralhas*. O portão encontrava-se aberto. Lá dentro, três grandes trabucos erguiam-se lado a lado na praça do mercado, espreitando por cima das ameias como três enormes aves. Seus braços lançadores tinham sido feitos com os troncos de antigos carvalhos, e eram ligados com ferro para evitar que se dividissem. Os homens de manto dourado tinham-nos apelidado de Três Rameiras, por irem dar a Lorde Stannis boas-vindas tão vigorosas. *Pelo menos assim esperamos*.

Tyrion encostou as esporas no cavalo e atravessou o Portão da Lama a trote, enfrentando a maré humana. Depois de passar pelas Rameiras, a multidão tornou-se mais esparsa e a rua abriu-se à sua volta.

O caminho de volta à Fortaleza Vermelha foi tranquilo, mas na Torre da Mão encontrou uma dúzia de capitães mercadores irritados, à sua espera na sala de audiências, para protestar pela apreensão de seus navios. Ofereceu-lhes sinceras desculpas e prometeu compensações depois de a guerra acabar. Isso pouco contribuiu para apaziguá-los.

– E se perder, senhor? – perguntou um bravosiano.

– Nesse caso solicitem a compensação ao Rei Stannis.

Quando se livrou deles, os sinos estavam tocando, e Tyrion percebeu que chegaria atrasado ao empossamento. Bamboleou-se quase correndo através do pátio e forçou entrada na parte de trás do septo do castelo, no momento em que Joffrey prendia mantos de seda branca em volta dos ombros dos dois membros mais recentes da Guarda Real. O rito parecia requerer que todo mundo ficasse de pé e, por isso, tudo o que Tyrion viu foi uma muralha de traseiros corteses.

Por outro lado, assim que o novo Alto Septão tivesse terminado de guiar os dois novos cavaleiros pelos votos solenes e de ungi-los em nome dos Sete, estaria bem posicionado para ser o primeiro a sair dali.

Aprovava a escolha da irmã por Sor Balon Swann para tomar o lugar do falecido Preston Greenfield. Os Swann eram senhores da Marca, orgulhosos, poderosos e cautelosos. Alegando doença, Lorde Guilan Swann havia permanecido em seu castelo, sem participar da guerra, mas o filho mais velho acompanhara Renly, e agora Stannis, ao passo que Balon, o mais novo, servia em Porto Real. Se tivesse um terceiro filho, Tyrion suspeitava que estaria com Robb Stark. Talvez não fosse a atitude mais honrosa, mas mostrava bom-senso; fosse quem fosse que conquistasse o Trono de Ferro, os Swann pretendiam sobreviver. Além de ser bem-nascido, Sor Balon era valente, cortês e possuía habilidades marciais; bom com uma lança, melhor com uma maça de guerra, soberbo com o arco. Serviria com honra e coragem.

Infelizmente, Tyrion não podia dizer o mesmo da segunda escolha de Cersei. Sor Osmund Kettleblack *parecia* bastante forte. Tinha um metro e noventa e oito, a maior parte de toda essa altura era de tendões e músculos, e o nariz adunco, as densas sobrancelhas e a barba castanha em forma de folha davam ao seu rosto um aspecto feroz, desde que não sorrisse. De baixo nascimento, não mais do que um pequeno cavaleiro, Kettleblack era completamente dependente de Cersei para sua ascensão social, o que era sem dúvida o motivo pelo qual a rainha o escolhera.

– Sor Osmund é tão leal como corajoso – ela disse a Joffrey quando sugeriu seu nome. Infelizmente era verdade. O bom Sor Osmund andava vendendo os segredos dela a Bronn desde o dia em que a rainha o contratara, mas Tyrion não podia propriamente *dizer* isso a ela.

Supunha que não devia se queixar. A nomeação dava-lhe outro ouvido próximo do rei, sem o conhecimento da irmã. E mesmo se Sor Osmund demonstrasse ser um completo covarde, não seria pior do que Sor Boros Blount, atualmente residindo numa masmorra em Rosby. Sor Boros escoltava Tommen e Lorde Gyles quando Sor Jacelyn Bywater e seus homens de manto dourado os surpreenderam, e havia entregado quem tinha a cargo com uma animação que teria enraivecido o velho Sor Barristan Selmy do mesmo modo como enfurecera Cersei; um cavaleiro da Guarda Real deveria morrer em defesa do rei e da família real. A irmã insistira para que Joffrey despojasse Blount do manto branco, por motivo de traição e covardia. *E agora o substitui por outro homem igualmente oco.*

As rezas, votos e unções pareceram durar a manhã inteira. As pernas de Tyrion rapidamente começaram a doer. Mudou o peso de um pé para o outro, irrequieto. Viu que a Senhora Tanda estava várias

fileiras acima, mas a filha não se encontrava com ela. Tivera alguma esperança de ter um vislumbre de Shae. Varys dizia que ela estava bem, mas Tyrion preferiria ver com seus próprios olhos.

– É melhor aia de uma senhora do que ajudante de cozinha –Shae dissera quando Tyrion lhe contou o plano do eunuco. – Posso levar o cinto de flores de prata e o colar de ouro com diamantes negros que disse que se pareciam com meus olhos? Não os usarei, se disser que não devo.

Por relutante que se sentisse em desapontá-la, Tyrion teve de ressaltar que embora a Senhora Tanda não fosse de modo algum uma mulher inteligente, até ela poderia se sentir curiosa se a criada de quarto da filha parecesse possuir mais joias do que a filha.

– Escolha dois ou três vestidos, não mais – tinha lhe ordenado. – Boa lã, nada de seda, nada de samito, e nada de peles. O resto guardarei em meus aposentos para quando me visitar – não era a resposta que Shae queria, mas pelo menos ela estaria a salvo.

Quando a investidura finalmente terminou, Joffrey marchou para o exterior entre Sor Balon e Sor Osmund, que ostentavam seus novos mantos brancos, enquanto Tyrion ficava para trocar algumas palavras com o novo Alto Septão (que tinha sido escolha *sua*, e era suficientemente sensato para saber quem punha o mel em seu pão).

– Quero os deuses do nosso lado – Tyrion foi direto, sem papas na língua. – Diga-lhes que Stannis jurou queimar o Grande Septo de Baelor.

– E é verdade, senhor? – perguntou o Alto Septão, um homem pequeno e arguto, com barba branca e fina e rosto chupado.

Tyrion encolheu os ombros:

– Pode ser. Stannis queimou o bosque sagrado em Ponta Tempestade como oferenda ao Senhor da Luz. Se foi capaz de ofender os deuses antigos, por que pouparia os novos? Diga-lhes isso. Diga-lhes que qualquer homem que pense em ajudar o usurpador trai tanto os deuses quanto seu legítimo rei.

– Direi, senhor. E vou lhes ordenar também para que rezem pela saúde do rei e de sua Mão.

Hallyne, o Piromante, esperava-o quando Tyrion voltou ao seu aposento privado, e Meistre Frenken havia trazido mensagens. Deixou o alquimista esperando um pouco mais enquanto lia o que os corvos lhe tinham trazido. Havia uma carta antiga de Doran Martell, prevenindo-o de que Ponta Tempestade caíra, e uma outra muito mais intrigante, proveniente de Balon Greyjoy em Pyke, que se intitulava *Rei das Ilhas e do Norte*. Convidava o Rei Joffrey a enviar um emissário às Ilhas de Ferro para estabelecer as fronteiras entre os dois reinos e discutir uma possível aliança.

Tyrion leu a carta três vezes e deixou-a de lado. Os dracares de

Lorde Balon teriam sido uma grande ajuda contra a frota que se aproximava vinda de Ponta Tempestade, mas encontravam-se a milhares de léguas de distância, do lado errado de Westeros, e Tyrion estava longe de ter certeza se queria ceder metade do reino. *Talvez deva despejar esta no colo de Cersei, ou levá-la ao conselho.*

Só então recebeu Hallyne com as últimas contas dos alquimistas.

– Isso não pode ser verdade – disse Tyrion enquanto lia atentamente os livros. – Quase treze mil frascos? Considera-me um tolo? Previno-o de que não vou pagar o ouro do rei por frascos vazios e jarros de esgoto selados com cera.

– Não, não – Hallyne guinchou –, as somas são exatas, juro. Temos tido, hummm, grande fortuna, senhor Mão. Foi encontrado outro dos esconderijos de Lorde Rossart, mais de trezentos frascos. Sob o Fosso dos Dragões! Umas prostitutas tinham andado usando as ruínas para entreter seus fregueses, e um deles caiu num porão através de um pedaço de assoalho apodrecido. Quando apalpou os frascos, confundiu-os com vinho. Estava tão bêbado que quebrou o selo e bebeu um pouco.

– Houve um príncipe que uma vez tentou fazer isso – Tyrion disse secamente. – Não vi nenhum dragão levantando voo sobre a cidade, portanto, parece que dessa vez também não deu certo – o Fosso dos Dragões, na colina de Rhaenys, estava abandonado havia um século e meio. Supunha que era um lugar tão bom como qualquer outro para armazenar fogovivo, e melhor do que a maioria, mas teria sido bom se o falecido Lorde Rossart tivesse *dito* a alguém. – Trezentos frascos, diz? Isso ainda não justifica esses totais. Está vários *milhares* de frascos acima das melhores estimativas que me entregou da última vez em que nos encontramos.

– Sim, sim, é verdade – Hallyne limpou o suor de sua pálida testa com a manga da toga negra e escarlate. – Temos trabalhado muito duramente, senhor Mão, hummm.

– Isso sem dúvida explicaria por que motivo estão fazendo tanta quantidade extra de substância do que faziam antes – sorrindo, Tyrion encarou o piromante com seus olhos desiguais. – Se bem que me pergunto o porquê de só agora ter começado a trabalhar duramente.

Hallyne tinha a tez de um cogumelo, então era difícil entender como poderia ficar ainda mais pálido, mas de alguma forma conseguiu.

– Já *trabalhávamos*, senhor Mão, meus irmãos e eu temos trabalhado noite e dia desde o início, asseguro-lhe. É só que, hummm, fizemos tanta substância que nos tornamos, hummm, mais *experimentados*, digamos assim, e, além disso – o alquimista mexeu-se desconfortavelmente na cadeira –, certos feitiços, hummm, antigos segredos de nossa ordem, muito delicados, muito problemáticos, mas

necessários se queremos que a substância seja, hummm, tudo aquilo que pode ser…

Tyrion estava ficando impaciente. Sor Jacelyn Bywater provavelmente já estava ali, e o Mão de Ferro não gostava de esperar.

– Sim, têm feitiços secretos; magnífico. O que há com eles?

– Eles, hummm, parecem estar funcionando melhor do que antes – Hallyne exibiu um sorriso fraco. – Não lhe parece que haja dragões andando por aí, não é?

– A menos que tenham encontrado um debaixo do Poço dos Dragões, não. Por quê?

– Ah, perdão, estava só me lembrando de uma coisa que o velho Sábio Pollitor me disse uma vez, quando era acólito. Eu tinha perguntado por que motivo tantos de nossos feitiços pareciam, bem, não tão *eficientes* como os pergaminhos queriam nos fazer crer, e ele disse que era por que a magia tinha começado a desaparecer do mundo no dia em que o último dragão morreu.

– Lamento desapontá-lo, mas não vi nenhum dragão. No entanto, reparei no Magistrado do Rei andando por aí. Se algum desses frutos que está me vendendo aparecer cheio com algo que não seja fogovivo, também irá reparar nele.

Hallyne fugiu tão rapidamente que quase esbarrou em Sor Jacelyn… Não. *Lorde* Jacelyn, tinha de se lembrar disso. O Mão de Ferro foi misericordiosamente direto, como sempre. Tinha regressado de Rosby para entregar um grupo fresco de lanceiros recrutados nas propriedades de Lorde Gyles e reassumir o comando da Patrulha da Cidade.

– Como está meu sobrinho? – Tyrion perguntou quando acabaram de discutir as defesas da cidade.

– O Príncipe Tommen está com saúde e feliz, senhor. Adotou um corço que alguns de meus homens trouxeram de uma caçada. Diz que tinha um antigamente, mas que Joffrey o esfolou para fazer um justilho. Às vezes pergunta pela mãe, e começa com frequência cartas para a Princesa Myrcella, mas parece nunca terminar nenhuma. Do irmão, no entanto, parece não ter saudade.

– Fez preparativos adequados para ele, caso a batalha seja perdida?

– Meus homens têm as instruções deles.

– Que são?

– Ordenou-me que não dissesse a ninguém, senhor.

Aquilo fez Tyrion sorrir.

– Agrada-me que tenha se lembrado – no caso de Porto Real cair, podia perfeitamente ser capturado vivo. Era melhor que não soubesse onde o herdeiro de Joffrey poderia ser encontrado.

Varys surgiu não muito tempo depois de Lorde Jacelyn sair.

– Os homens são criaturas tão infiéis – ele disse em tom de saudação.

Tyrion suspirou.

– Quem é o traidor de hoje?

O eunuco entregou-lhe um rolo.

– Tanta vilania canta uma triste canção sobre o nosso tempo. Terá a honra morrido com os nossos pais?

– Meu pai ainda não está morto – Tyrion examinou a lista. – Conheço alguns desses nomes. São homens ricos. Comerciantes, mercadores, artesãos. Por que conspirariam contra nós?

– Parece que acreditam que Lorde Stannis deve ganhar, e querem partilhar de sua vitória. Chamam a si mesmos de Homens Chifrudos, por causa do veado coroado.

– Alguém devia lhes dizer que Stannis mudou de símbolo. Assim, poderiam ser os Corações Quentes – mas não era assunto para piadas; parecia que aqueles Homens Chifrudos tinham armado várias centenas de seguidores, para capturar o Velho Portão quando a batalha estivesse próxima e deixar o inimigo entrar na cidade. Entre os nomes da lista estava o do mestre armeiro Salloreon.

– Suponho que isso queira dizer que não terei aquele aterrorizador elmo com os cornos de demônio – queixou-se Tyrion enquanto rabiscava a ordem para a prisão do homem.

Theon

Num instante estava dormindo, no seguinte tinha acordado.

Kyra aninhava-se contra seu corpo, com um braço dobrado levemente sobre o dele, os seios roçando em suas costas. Conseguia ouvir sua respiração, suave e regular. O lençol estava emaranhado em volta deles. Era noite fechada. O quarto encontrava-se escuro e sossegado.

O que foi? Será que ouvi alguma coisa? Alguém?

O vento suspirava levemente contra as venezianas. Em algum lugar, a distância, ouviu os miados de uma gata no cio. Nada mais. *Dorme, Greyjoy*, disse a si mesmo. *O castelo está em paz, e tem guardas em posição. Em sua porta, nos portões, no armeiro*.

Poderia ter atribuído aquilo a um pesadelo, mas não se lembrava de ter sonhado. Kyra tinha-o deixado exausto. Até Theon ter mandado buscá-la, vivera todos os seus dezoito anos na vila de Inverno sem nunca pôr os pés dentro das muralhas do castelo. Veio até ele úmida, ardente e flexível como uma doninha, e havia certo tempero inegável em foder uma moça qualquer de taberna na cama de Lorde Eddard Stark.

Kyra murmurou sonolentamente quando Theon deslizou de debaixo de seu braço e se pôs em pé. Ainda havia algumas brasas incandescentes na lareira. Wex dormia no chão, aos pés da cama, enrolado dentro de seu manto e morto para o mundo. Nada se movia. Theon atravessou o quarto até a janela e escancarou as venezianas. A noite tocou-o com dedos frios, e a pele nua arrepiou-se. Encostou-se no parapeito de pedra e olhou para fora, para torres escuras, pátios vazios, céu negro e mais estrelas do que um homem poderia contar, mesmo se vivesse até os cem anos. Uma meia-lua flutuava acima da Torre do Sino e projetava seu reflexo na cobertura dos jardins de vidro. Não ouviu alertas nem vozes, nem sequer um passo.

Está tudo bem, Greyjoy. Ouve o silêncio? Devia estar bêbado de alegria. Tomou Winterfell com menos de trinta homens, um feito digno de canções. Theon dirigiu-se de volta à cama. Iria fazer Kyra rolar sobre as costas e fodê-la de novo, isso deveria banir aqueles fantasmas. Os gemidos e risinhos dela seriam uma pausa bem-vinda naquele silêncio.

Parou. Acostumara-se tanto aos uivos dos lobos gigantes que quase já não os ouvia… Mas uma parte dele, um instinto qualquer de caçador, tinha ouvido sua ausência.

Urzen estava em pé junto à porta, fora do quarto, um homem vigoroso com um escudo redondo atirado sobre as costas.

– Os lobos estão calados – disse-lhe Theon. – Vá ver o que estão fazendo, e volte logo – pensar nos lobos gigantes soltos o deixou

nervoso. Lembrava-se do dia no bosque dos lobos em que os selvagens tinham atacado Bran. Verão e Vento Cinzento tinham-nos feito em pedaços.

Quando cutucou Wex com a ponta da bota, o rapaz sentou-se e esfregou os olhos.

– Verifique se Bran Stark e o irmão mais novo estão na cama. Depressa!

– Senhor? – Kyra chamou sonolentamente.

– Durma, isto não lhe diz respeito – Theon serviu-se de uma taça de vinho e bebeu. Estava o todo tempo à escuta, esperando ouvir um uivo. *Homens de menos*, pensou amargamente. *Tenho homens de menos. Se Asha não vier…*

Wex foi o mais rápido a voltar, balançando a cabeça de um lado para outro. Praguejando, Theon apanhou a túnica e os calções do lugar onde os tinha deixado cair no chão, na pressa de se atirar sobre Kyra. Sobre a túnica vestiu um justilho de couro com rebites de ferro, e prendeu uma espada e um punhal na cintura. O cabelo estava desordenado como a floresta, mas tinha preocupações maiores.

Àquela altura, Urzen tinha retornado.

– Os lobos estão desaparecidos.

Theon disse a si mesmo que tinha de ser tão frio e cauteloso como Lorde Eddard.

– Acorde o castelo – ordenou. – Reúna-os no pátio, todos, veremos quem falta. E diga a Lorren para fazer uma ronda pelos portões. Wex, comigo.

Perguntou a si mesmo se Stygg já teria chegado a Bosque Profundo. O homem não era um cavaleiro tão bom como dizia ser; nenhum dos homens de ferro era grande coisa sobre a sela, mas já havia passado bastante tempo. Asha podia perfeitamente estar a caminho. *E se souber que perdi os Stark*… Não era bom pensar nisso.

O quarto de Bran estava vazio, tal como o de Rickon, meia-volta de escada abaixo. Theon amaldiçoou-se. Devia ter colocado um guarda vigiando-os, mas tinha achado mais importante ter homens patrulhando as muralhas e protegendo os portões do que servindo de amas a um par de crianças, uma delas aleijada.

Ouviu soluços lá fora quando as pessoas do castelo foram sendo arrancadas das camas e levadas para o pátio. *Vou lhes dar motivos para soluçar. Usei-os com gentileza, e é assim que me pagam*. Até tinha ordenado que dois de seus homens fossem chicoteados até sangrar, por terem violado a garota dos canis, para lhes mostrar que pretendia ser justo. *Mas ainda me culpam pelo estupro. E pelo resto*. Achava aquilo injusto. Mikken matara-se por causa da boca, tal como Benfred. Quanto a Chayle, tinha de oferecer *alguém* ao Deus Afogado, era o que seus homens esperavam.

– Não o quero mal – tinha dito ao septão antes de atirarem-no ao poço –, mas você e os seus deuses já não têm lugar aqui – era de se pensar que os outros ficariam gratos por não ter escolhido um deles, mas não. Gostaria de saber quantos deles teriam feito parte daquela conspiração contra si.

Urven regressou com Lorren Negro.

– O Portão do Caçador – Lorren falou. – É melhor que venha ver.

O Portão do Caçador estava convenientemente situado perto dos canis e das cozinhas. Abria-se diretamente para campos de cultivo e florestas, permitindo aos cavaleiros ir e vir sem terem de passar primeiro pela vila de Inverno, e por isso era o favorito dos grupos de caçadores.

– Quem tinha a guarda aqui? – Theon quis saber.

– Drennan e Squint.

Drennan era um dos homens que tinha violado Palla.

– Se deixaram os garotos fugir, juro que dessa vez arrancarei mais do que um pedaço de pele das costas deles.

– Não vai ser preciso – Lorren Negro disse concisamente.

E não era. Encontraram Squint flutuando no fosso, de barriga para baixo, com as entranhas boiando atrás dele como um ninho de serpentes brancas. Drennan jazia seminu na guarita, na sala compacta onde se manobrava a ponte levadiça. Sua garganta tinha sido cortada de orelha a orelha. Uma túnica esfarrapada escondia as cicatrizes meio saradas de suas costas, mas suas botas estavam espalhadas pelo chão e os calções embaralhados em volta dos pés. Havia queijo numa pequena mesa perto da porta, ao lado de um jarro vazio, e duas taças.

Theon pegou uma e cheirou as borras de vinho no fundo.

– Squint estava lá em cima, nas ameias, não?

– Sim – Lorren respondeu.

Theon atirou a taça dentro da lareira.

– Diria que Drennan estava puxando os calções para baixo para enfiar na mulher quando ela enfiou nele. Ao que parece, sua própria faca do queijo. Alguém vá buscar uma lança para pescar o outro idiota do fosso.

O outro idiota estava num estado bastante pior do que Drennan. Quando Loren Negro o tirou da água, viram que um de seus braços tinha sido arrancado pelo cotovelo, faltava metade de seu pescoço, e havia um buraco irregular onde ficava o umbigo e a virilha. A lança rasgou suas tripas quando Lorren o puxou. O fedor era horrível.

– Os lobos gigantes – Theon falou. – Os dois, ao que parece – enojado, voltou para a ponte levadiça. Winterfell era cercado por duas sólidas muralhas de granito, com um fosso largo entre ambas. A muralha exterior erguia-se a vinte e quatro metros de altura, e a interior a mais de trinta. Faltando-lhe homens, Theon tinha sido

forçado a abandonar as defesas exteriores e a colocar os guardas ao longo das muralhas interiores, mais altas. Não se atrevera a correr o risco de tê-los do lado errado do fosso, caso o castelo se rebelasse contra ele.

Devem ter sido dois ou mais, concluiu. *Enquanto a mulher entretinha Drennan, os outros libertaram os lobos.*

Theon pediu uma tocha e subiu à frente dos outros os degraus que conduziam à muralha. Movia a chama baixa à sua frente de um lado para o outro, à procura de… *Ali.* No interior do parapeito, na larga ameia que separava dois grandes merlões maciços.

– Sangue – ele anunciou. – Limpo sem cuidado. Suponho que a mulher tenha matado Drennan e descido a ponte levadiça. Squint ouviu o tinir das correntes, veio ver o que se passava e chegou até aqui. Empurraram o cadáver para o fosso através da ameia para não ser encontrado por outra sentinela.

Urzen espreitou ao longo das muralhas.

– Os outros torreões de vigia não estão longe. Vejo archotes ardendo…

– Archotes, não guardas – disse Theon de mau humor. – Winterfell tem mais torreões do que eu tenho homens.

– Quatro guardas no portão principal – disse Lorren Negro –, e cinco patrulhando as muralhas, além de Squint.

Urzen retrucou:

– Se ele tivesse tocado o berrante…

Sou servido por idiotas.

– Tente imaginar que quem estava aqui era você, Urzen. Está escuro e frio. Está há horas de sentinela, ansiando pelo fim de seu turno. Então, ouve um ruído e dirige-se ao portão, e de repente vê *olhos* no topo das escadas, brilhando, verdes e dourados, à luz do archote. Duas sombras correm para você mais depressa do que julgaria possível. Tem um vislumbre de dentes, começa a levantar a lança e eles *esbarram* em você e abrem sua barriga, rasgando o couro como se fosse pano para queijos – ele deu um forte empurrão em Urzen. – E agora está caído de costas, com as entranhas se derramando, e um deles tem os dentes em volta de sua garganta – Theon agarrou o pescoço magro do homem, apertou os dedos e sorriu. – Diga lá, em que momento durante tudo isso você para para soprar a merda do berrante? – empurrou Urzen rudemente, atirando-o aos tropeções contra uma das paredes. O homem esfregou a garganta. *Devia ter mandado matar aqueles animais no dia em que tomamos o castelo*, pensou, zangado. *Já os tinha visto matar, sabia como eram perigosos.*

– Temos de ir atrás deles – disse Lorren Negro.

– No escuro, não – Theon não apreciava a ideia de perseguir lobos selvagens na floresta à noite; os caçadores podiam facilmente se

transformar em caça. – Esperaremos pela luz do dia. Até lá, é melhor que vá ter uma conversa com meus leais súditos.

No pátio, uma multidão inquieta de homens, mulheres e crianças tinha sido empurrada contra a muralha. A muitos não fora dado tempo para se vestirem; cobriam-se com mantas de lã, ou amontoavam-se nus sob mantos ou roupões. Uma dúzia de homens de ferro os rodeava, com tochas numa mão e armas na outra. O vento soprava em rajadas, e a oscilante luz alaranjada refletia-se de forma baça em elmos de aço, barbas espessas e olhos que não sorriam.

Theon caminhou de um lado para o outro diante dos prisioneiros, estudando seus rostos. *Todos* lhe pareciam culpados.

– Seis – Fedor surgiu atrás dele, cheirando a sabão, com o cabelo longo mexendo ao vento. – Os dois Stark, aquele rapaz dos pântanos e a irmã, o atrasado dos estábulos e a sua selvagem.

Osha. Suspeitara dela desde o momento em que viu a segunda taça. *Devia ter sabido que não era boa ideia confiar naquela mulher. É tão desnaturada como Asha. Até os nomes são parecidos.*

– Alguém deu uma olhada nos estábulos?

– Aggar diz que não faltam cavalos.

– A Dançarina continua na cocheira?

– Dançarina? – Fedor franziu a testa. – Aggar diz que os cavalos estão todos lá. Só falta o atrasado.

Então estão a pé. Era a melhor notícia que tinha ouvido desde que acordara. Bran estaria sentado no cesto às costas de Hodor, sem dúvida. Osha teria de carregar Rickon; suas pequenas pernas não o levariam longe por conta própria. Theon sentia-se confiante de que os teria novamente nas mãos em breve.

– Bran e Rickon fugiram – disse às pessoas do castelo, observando seus olhos. – Quem sabe para onde foram? – ninguém respondeu. – Não podem ter escapado sem ajuda – Theon prosseguiu. – Sem alimentos, roupas, armas – trancara todas as espadas e machados de Winterfell, mas não havia dúvidas de que algumas lâminas tinham sido escondidas dele. – Quero o nome de todos os que os ajudaram. Todos aqueles que fingiram não ver – o único som era o do vento. – À primeira luz do dia, pretendo trazê-los de volta – enfiou os polegares no cinto da espada. – Preciso de caçadores. Quem quer uma boa pele de lobo quentinha para ajudar a passar o Inverno? Gage? – o cozinheiro sempre o saudara alegremente quando voltava da caça, perguntando se teria trazido alguma peça de primeira para a mesa, mas agora não tinha nada a dizer. Theon virou-se e caminhou para o outro lado, perscrutando os rostos em busca do mínimo indício de um conhecimento culposo. – A floresta não é lugar para um aleijado. E Rickon, novo como é, quanto tempo durará lá fora? Ama, pense em como ele deve estar assustado – a velha tinha tagarelado com ele

durante dez anos, contando suas infindáveis histórias, mas agora olhava-o de boca aberta como se fosse um estranho. – Podia ter matado todos os seus homens e dado suas mulheres aos meus soldados para que fizessem com elas o que bem entendessem, mas, em vez disso, os protegi. É esse o agradecimento que me dão? – Joseth, que cuidara de seus cavalos; Farlen, que lhe ensinara tudo o que sabia sobre cães de caça; Barth, a mulher do cervejeiro que tinha sido a sua primeira… nem um deles o encarava. *Odeiam-me,* compreendeu.

Fedor aproximou-se:

– Arranque suas peles – exortou, com os lábios grossos brilhando. – Lorde Bolton costumava dizer que um homem nu tem poucos segredos, mas um homem esfolado não tem nenhum.

Theon sabia que o homem esfolado era o símbolo da Casa Bolton; muito tempo antes, alguns de seus senhores chegaram até a usar a pele de inimigos mortos como manto. Alguns Stark tinham terminado assim. Supostamente, tudo aquilo terminara havia mil anos, quando os Bolton dobraram os joelhos a Winterfell. *Pelo menos é o que dizem, mas os velhos hábitos custam a morrer, como eu sei muito bem*.

– Não haverá esfolamentos no Norte enquanto eu governar Winterfell – disse Theon em voz alta. *Sou sua única proteção contra gente como ele*, quis gritar. Não podia ser tão claro, mas talvez alguns fossem suficientemente inteligentes para aprender a lição.

O céu estava se tornando cinzento sobre as muralhas do castelo. A alvorada não devia estar distante.

– Joseth, sele o Sorridente e um cavalo para você. Murch, Gariss, Poxy Tym, vocês vêm também – Murch e Gariss eram os melhores caçadores no castelo, e Tym era um bom arqueiro. – Aggar, Rednose, Gelmarr, Fedor, Wex – precisava dos seus para defender a retaguarda. – Farlen, vou querer cães de caça, e vou querê-lo para cuidar deles.

O grisalho mestre dos canis cruzou os braços.

– E por que eu me preocuparia em ir à caça de meus senhores legítimos, e ainda por cima crianças?

Theon se aproximou.

– Agora sou eu o seu senhor legítimo, e o homem que mantém Palla a salvo.

Viu o desafio morrer nos olhos de Farlen.

– Sim, senhor.

Dando um passo para trás, Theon olhou em volta para ver quem mais poderia acrescentar.

– Meistre Luwin – anunciou.

– Eu não sei nada de caça.

Não, mas não confio em você o suficiente para deixá-lo no castelo em minha ausência.

– Então já é mais que hora de aprender.

– Deixe-me ir também. Quero esse manto de pele de lobo – um garoto, que não era mais velho do que Bran, deu um passo adiante. Theon precisou de um momento para se lembrar dele. – Já cacei um monte de vezes – disse Walder Frey. – Veados vermelhos e alces, e até javalis.

O primo riu dele.

– Ele acompanhou o pai numa caçada ao javali, mas nunca o deixaram chegar perto do animal.

Theon olhou o garoto com uma expressão de dúvida.

– Venha se quiser, mas se não conseguir nos acompanhar, não pense que vou servir de ama-seca – voltou-se novamente para Lorren Negro. – Winterfell é seu na minha ausência. Se não voltarmos, faça com ele o que quiser – *é melhor que isso os faça rezar pelo meu sucesso.*

Reuniram-se junto ao Portão do Caçador no momento em que os primeiros raios pálidos de sol roçaram o topo da Torre do Sino, com o hálito congelando no frio ar da manhã. Gelmarr se equipara com um machado de cabo longo, cujo alcance lhe permitiria atacar antes que os lobos caíssem sobre ele. A lâmina era suficientemente pesada para matar com um único golpe. Aggar usava caneleiras de aço. Fedor chegou trazendo uma lança para javalis e uma sacola de lavadeira cheia até estourar com só os deuses sabiam o quê. Theon tinha seu arco; não precisava de mais nada. Uma vez salvara a vida de Bran com uma flecha. Esperava não ter de roubá-la com outra, mas, se precisasse, faria.

Onze homens, dois garotos e uma dúzia de cães atravessaram o fosso. Para lá da muralha exterior, os rastros eram fáceis de ler no terreno macio; as pegadas dos lobos, o passo pesado de Hodor, as marcas menos profundas deixadas pelos pés dos dois Reed. Uma vez debaixo das árvores, o solo pedregoso e as folhas caídas tornavam o rastro mais difícil de ver, mas aí a cadela vermelha de Farlen já tinha o cheiro. O resto dos cães seguia logo atrás, com os de caça farejando e ladrando e um par de monstruosos mastins fechando a retaguarda. Seu tamanho e ferocidade poderiam fazer toda a diferença contra um lobo gigante encurralado.

Teria pensado que Osha correria para sul, em busca de Sor Rodrik, mas os vestígios seguiam para norte-noroeste, em direção ao coração da mata de lobos. Theon não gostava nada daquilo. Seria uma amarga ironia se os Stark se dirigissem a Bosque Profundo e caíssem justamente nas mãos de Asha. *Preferia vê-los mortos*, pensou com amargura. *É melhor ser visto como cruel do que como idiota*.

Filetes de névoa pálida abriam caminho por entre as árvores. Árvores-sentinela e pinheiros-marciais cresciam densos por ali, e não havia nada tão escuro e sombrio como uma floresta de vegetação perene. O terreno era irregular, e as agulhas caídas disfarçavam a

fofura da turfa e tornavam o chão traiçoeiro para os cavalos, por isso eram obrigados a avançar devagar. *Mas não tão devagar como um homem carregando um aleijado, ou uma vadia ossuda com um garoto de quatro anos nas costas*. Disse a si mesmo para ser paciente. Teria todos eles nas mãos antes de o dia acabar.

Meistre Luwin trotou até junto dele enquanto seguiam uma trilha de caça ao longo da borda de uma ravina:

– Até agora, a caçada parece não se distinguir de andar a cavalo pela floresta, senhor.

Theon sorriu.

– Há semelhanças. Mas na caçada há sangue no fim.

– Terá de ser assim? Essa fuga foi uma grande loucura, mas não será misericordioso? Aqueles que procuramos são seus irmãos adotivos.

– Nenhum Stark, a não ser Robb, agiu fraternalmente comigo, mas Bran e Rickon têm mais valor para mim vivos do que mortos.

– O mesmo se aplica aos Reed. Fosso Cailin fica no limite dos pântanos. Lorde Howland pode transformar a ocupação de seu tio numa visita ao inferno se decidir fazê-lo, mas enquanto você tiver os seus herdeiros, terá de segurar a mão.

Theon não pensara naquilo. A bem da verdade, quase não tinha pensado nos homens de lama, além das vezes que olhou Meera e pensou se ainda seria donzela.

– Pode ter razão. Vamos poupá-los se pudermos.

– E também a Hodor, espero. O rapaz é um simplório, bem sabe. Faz o que lhe é dito. Quantas vezes cuidou do seu cavalo, ensaboou sua sela, poliu sua cota de malha?

Hodor não era nada para ele.

– Se não lutar conosco, vamos deixá-lo viver – Theon apontou um dedo para ele. – Mas se disser uma palavra acerca de poupar a selvagem, poderá morrer com ela. Prestou-me um juramento e cagou nele.

O meistre inclinou a cabeça:

– Não arranjo desculpas para perjuros. Faça o que tiver de fazer. Agradeço-lhe a misericórdia.

Misericórdia, pensou Theon quando Luwin ficou para trás. *Eis uma maldita armadilha. Em excesso, e chamam-no de fraco, muito pouca e é monstruoso*. Mas sabia que o meistre lhe tinha dado bons conselhos. Seu pai pensava apenas em termos de conquista, mas de que servia tomar um reino se não se conseguisse mantê-lo? A força e o medo só serviam até certo ponto. Uma pena que Ned Stark tivesse levado as filhas para o sul; de outro modo, Theon poderia ter solidificado a posse de Winterfell através do casamento com uma delas. E Sansa era uma coisinha bonita, e àquela altura era até provável que já estivesse

pronta para dormir com um homem. Mas encontrava-se a mil léguas de distância, nas garras dos Lannister. Uma pena.

A floresta tornou-se mais selvagem. Os pinheiros e árvores-sentinela deram lugar a enormes carvalhos escuros. Emaranhados de espinheiros escondiam ravinas e fendas traiçoeiras. Colinas pedregosas erguiam-se e desapareciam. Passaram pela cabana de um camponês, deserta e coberta de vegetação, e rodearam uma pedreira inundada onde as águas paradas tinham um reflexo cinza como aço. Quando os cães começaram a ladrar, Theon pensou que os fugitivos se encontravam por perto. Esporeou Sorridente e seguiu a trote, mas o que encontrou foi apenas a carcaça de um jovem alce… ou o que dela restava.

Desmontou para examiná-la melhor. A morte era ainda recente e claramente obra de lobos. Os cães farejaram os arredores da carcaça, avidamente, e um dos mastins enterrou os dentes num quadril, mas Farlen o afastou aos gritos. *Nenhuma parte deste animal foi cortada com uma faca*, Theon percebeu. *Os lobos comeram, mas os homens não*. Mesmo que Osha não quisesse se arriscar a fazer uma fogueira, deveria ter cortado algumas fatias. Não fazia sentido deixar tanta carne boa apodrecer.

– Farlen, tem certeza de que estamos no rastro certo? Não será possível que seus cães andem atrás dos lobos errados?

– Minha cadela conhece o cheiro do Verão e do Felpudo bastante bem.

– Espero que sim. Para o seu bem.

Menos de uma hora mais tarde, o rastro desceu uma encosta na direção de um córrego lamacento, cheio pelas chuvas recentes. Foi ali que os cães perderam o cheiro. Farlen e Wex atravessaram o curso d'água com os cães e voltaram a sacudir as cabeças, enquanto os animais percorriam a outra margem para cima e para baixo, farejando.

– Eles entraram na água, senhor, mas não estou vendo onde podem ter saído – disse o mestre dos canis.

Theon desmontou e ajoelhou-se na margem do córrego. Mergulhou uma mão nele. A água estava fria.

– Eles não devem ter ficado nesta água por muito tempo. Leve metade dos cães para baixo. Eu vou para cima...

Wex bateu palmas ruidosamente.

– O que foi? – Theon perguntou.

O rapaz mudo apontou.

O terreno junto à água encontrava-se encharcado e lamacento. Os vestígios que os lobos tinham deixado eram bastante evidentes.

– Pegadas de lobo, oras. E daí?

Wex enfiou o calcanhar na lama e mexeu o pé para um lado e

para o outro, deixando um buraco profundo.

Joseth compreendeu.

– Um homem do tamanho de Hodor devia ter deixado uma pegada profunda nesta lama – ele disse. – Ainda mais com o peso de um garoto nas costas. Mas as únicas pegadas de botas que há aqui são as nossas. Veja com os seus olhos.

Consternado, Theon percebeu que era verdade. Os lobos tinham entrado sozinhos nas túrgidas águas marrons.

– Osha deve ter seguido outro caminho lá para trás. Antes do alce, provavelmente. Enviou os lobos adiante sozinhos, na esperança de que os seguíssemos – virou-se para os caçadores. – Se vocês dois tiverem me enganado…

– Só há um rastro, senhor, juro – Gariss disse defensivamente. – E os lobos gigantes nunca se separariam daqueles garotos. Não por muito tempo.

É verdade, Theon pensou. Verão e Cão Felpudo podiam ter se afastado para caçar, mas mais cedo ou mais tarde voltariam para junto de Bran e Rickon.

– Gariss, Murch, levem quatro cães e voltem, encontrem o local onde os perdemos. Aggar, vigie-os, não quero truques. Farlen e eu seguiremos os lobos gigantes. Um sopro no berrante quando encontrar o rastro. Dois sopros se vir os animais. Depois de descobrirmos para onde foram, vão nos levar até seus donos.

Levou Wex, o garoto Frey e Gynir Rednose para procurar a jusante. Ele e Wex seguiam a cavalo de um lado do córrego, Rednose e Walder Frey do outro, cada um com um par de cães de caça. Os lobos podiam ter saído do córrego em qualquer uma das margens. Theon ficou de olho atento em pegadas, rastros, galhos quebrados, qualquer pista que indicasse onde os lobos gigantes poderiam ter saído da água. Viu com bastante facilidade pegadas de veados, alces e texugos. Wex surpreendeu uma raposa bebendo do córrego, e Walder fez três coelhos saírem da vegetação rasteira e conseguiu atingir um deles com uma flecha. Viram marcas de garras no local em que um urso tinha rasgado a casca de uma grande bétula. Mas dos lobos gigantes não havia qualquer sinal.

Um pouco mais adiante, dizia Theon a si mesmo. *Para lá daquele carvalho, do outro lado daquela elevação, depois daquela curva no córrego, encontraremos algo lá*. Continuou avançando muito tempo depois de saber que devia voltar, com uma crescente sensação de ansiedade roendo sua barriga. Era meio-dia quando virou com um puxão o cabresto de Sorridente e desistiu.

De algum modo, Osha e os malditos garotos escapavam dele. Não devia ter sido possível, não a pé, carregando um aleijado e uma criança pequena. A cada hora que passava, a probabilidade de a fuga

ser bem-sucedida aumentava. *Se chegarem a uma aldeia*… O povo do norte nunca renegaria os filhos de Ned Stark, irmãos de Robb. Teriam montarias para apressar sua viagem, e alimentos. Os homens lutariam pela honra de protegê-los. Todo o maldito norte se reuniria em torno deles.

Os lobos seguiram para jusante, é tudo. Agarrou-se a essa ideia. *Aquela cadela vermelha irá detectar o local onde saíram da água, e retomaremos seu encalço.*

Mas, quando se juntaram ao grupo de Farlen, bastou um olhar no rosto do mestre dos canis para deixar em cacos todas as esperanças de Theon:

– Esses cães só prestam para uma luta com ursos – ele disse, zangado. – Bem que gostaria de ter um urso.

– Os cães não têm culpa – Farlen ajoelhou-se entre um mastim e a sua preciosa cadela vermelha, com uma mão pousada em cada um dos animais. – A água corrente não guarda cheiros, senhor.

– Os lobos tiveram de sair do córrego *em algum lugar*.

– Com certeza. Para cima ou para baixo. Se continuarmos, encontraremos esse lugar, mas, para que lado?

– Nunca ouvi falar de nenhum lobo que subisse o leito de um córrego ao longo de milhas – Fedor interveio. – Um homem podia fazer isso. Se soubesse que vinham atrás dele, podia fazer isso. Mas um lobo?

Mas Theon não tinha tanta certeza. Aqueles animais não eram como os outros lobos. *Devia ter esfolado as malditas criaturas*.

A história foi a mesma quando se juntaram a Gariss, Murch e Aggar. O caçador recuara sobre seus passos até meio caminho de Winterfell sem encontrar nenhum sinal do lugar onde os Stark pudessem ter se separado dos lobos gigantes. Os cães de Farlen pareciam tão frustrados como seus donos, farejando desoladamente as árvores e as pedras, e mordendo-se irritadamente uns aos outros.

Theon não se atrevia a admitir a derrota.

– Voltaremos ao córrego. Vamos procurar novamente. Dessa vez iremos tão longe quanto for preciso.

– Não conseguiremos encontrá-los – o garoto Frey disse de repente. – Pelo menos enquanto os papa-rãs estiverem com eles. Os homens de lama são traiçoeiros, não lutam como gente decente, escondem-se e usam flechas envenenadas. Nunca se deixam ver, mas eles nos veem. Aqueles que entram nos pântanos em busca deles se perdem, e nunca mais saem. Suas casas se *mexem*, até os castelos como a Atalaia da Água Cinzenta – lançou o olhar vago e nervoso ao verde que os cercava por todos os lados. – Podem estar ali agora mesmo, ouvindo tudo o que dizemos.

Farlen riu para mostrar o que pensava daquela ideia.

– Meus cães cheirariam qualquer coisa que estivesse naqueles arbustos. Cairiam em cima deles antes de você conseguir soltar um peido, rapaz.

– Os papa-rãs não cheiram como homens – Frey insistiu. – Têm um fedor pantanoso, como rãs, árvores e água podre. Cresce musgo debaixo dos braços deles, em vez de pelos, e sobrevivem sem nada para comer além de lama, e respiram a água do pântano.

Theon já se preparava para lhe dizer o que devia fazer com a fábula da ama de leite quando o Meistre Luwin interveio.

– As histórias dizem que os cranogmanos se tornaram próximos dos filhos da floresta nos dias em que os videntes verdes tentaram fazer o martelo das águas cair sobre o Gargalo. Pode ser que possuam conhecimentos secretos.

De repente a floresta pareceu ficar bem mais escura do que estava um momento antes, como se uma nuvem bloqueasse o sol. Uma coisa era ter um garoto bobo cuspindo bobeiras, mas esperava-se que os meistres fossem sábios.

– Os únicos filhos de alguma coisa que me preocupam são Bran e Rickon – Theon respondeu, e ordenou: – De volta ao córrego. Já.

Por um momento não lhe pareceu que fossem obedecer, mas, por fim, o velho hábito prevaleceu. Seguiram-no carrancudos, mas seguiram. O garoto Frey estava muito irrequieto como os coelhos que tinha espantado de manhã. Theon colocou homens em ambas as margens e seguiu a corrente. Cavalgaram ao longo de milhas, lenta e cuidadosamente, desmontando para levar os cavalos por terreno traiçoeiro, deixando que os cães bons de faro buscassem em cada arbusto. Onde uma árvore caída represava a corrente, os caçadores eram forçados a rodear uma lagoa profunda e verde, mas se os lobos gigantes tinham feito o mesmo, não deixaram nem pegadas nem rastros. Parecia que os animais tinham ganhado o gosto por nadar. *Quando pegá-los, terão toda a natação que conseguirem aguentar. Vou dar os dois ao Deus Afogado.*

Quando a floresta começou a escurecer, Theon Greyjoy soube que fora derrotado. Ou os cranogmanos *realmente* conheciam a magia dos filhos da floresta, ou então Osha os enganara com um truque qualquer dos selvagens. Obrigou-os a continuar até o crepúsculo, mas, quando a última luz se desvaneceu, Joseth finalmente ganhou coragem para dizer:

– Isso é inútil, senhor. Vamos aleijar um cavalo ou quebrar uma perna.

– Joseth tem razão – Meistre Luwin concordou. – Atravessar a floresta tateando à luz das tochas não nos trará nenhum proveito.

Theon sentia o gosto da bílis no fundo da garganta, e o estômago era um ninho de cobras que se entrelaçavam e mordiam umas às

outras. Caso se arrastasse de volta a Winterfell de mãos vazias, o melhor que faria era, daí em diante, passar a se vestir de retalhos e usar um chapéu com pontas; o norte inteiro iria reconhecê-lo como um bobo. *E quando meu pai souber, e Asha…*

– Senhor príncipe – Fedor fez o cavalo se aproximar. – Pode ser que os Stark não tenham vindo por aqui. Se eu fosse eles, iria pra norte e pra leste, talvez. Pros Umber. São bons homens dos Stark. Mas as terras deles ficam longe. Os garotos vão se abrigar em algum lugar mais perto. Talvez eu saiba onde.

Theon olhou-o com suspeita.

– Diga.

– Conhece aquele velho moinho isolado no Água de Bolotas? Paramos lá quando eu tava sendo levado preso pra Winterfell. A mulher do moleiro vendeu forragem pros cavalos, enquanto aquele velho cavaleiro cacarejava com os fedelhos dela. Pode ser que os Stark estejam escondidos lá.

Theon conhecia o moinho. Até se enrolara com a mulher do moleiro uma vez ou duas. Nada havia de especial no moinho ou nela.

– Por que lá? Há uma dúzia de aldeias e castros a mesma distância.

Divertimento brilhou naqueles olhos claros.

– Por quê? Ora, isso não sei. Mas eles tão lá, tenho um pressentimento.

Estava ficando farto das respostas dissimuladas do homem. *Seus lábios parecem dois vermes fodendo.*

– O que você está dizendo? Se me escondeu alguma coisa que sabia…

– Senhor príncipe? – Fedor desmontou, e fez sinal a Theon para imitá-lo. Quando ficaram ambos apeados, abriu o saco de pano que trouxera de Winterfell. – Olhe aqui.

Estava ficando difícil enxergar. Theon enfiou impacientemente a mão no saco, apalpando peles suaves e lã áspera. Uma ponta afiada furou sua pele, e seus dedos fecharam-se em torno de algo frio e duro. Tirou do saco um broche em forma de cabeça de lobo, de prata e azeviche. O entendimento veio na hora. Sua mão fechou-se num punho.

– Gelmarr – disse, perguntando-se em quem poderia confiar. *Em nenhum deles*. – Aggar, Rednose. Conosco. O resto de vocês pode retornar a Winterfell com os cães. Não vou precisar mais deles. Agora sei onde se escondem Bran e Rickon.

– Príncipe Theon – rogou Meistre Luwin –, vai se lembrar de sua promessa? Falou de misericórdia.

– A misericórdia era para hoje de manhã – Theon respondeu. *É melhor ser temido do que motivo de troça*. – Antes de terem me irritado.

Jon

Conseguiam ver a fogueira na noite, cintilando contra o flanco da montanha como uma estrela caída. Ardia mais vermelha do que as outras estrelas, e não tremeluzia, embora às vezes seu brilho se intensificasse, e outras, se reduzisse a não mais do que uma centelha distante, tênue e pouco luminosa.

Oitocentos metros para a frente e seiscentos para cima, calculou Jon, *e perfeitamente colocada para ver qualquer coisa que se mova no passo abaixo*.

– Vigias no Passo dos Guinchos – disse, com um tom de interrogação, o mais velho do grupo. Na primavera da juventude havia sido escudeiro de um rei, e os irmãos negros ainda o chamavam de Escudeiro Dalbridge. – Pergunto-me o que será que Mance Rayder teme.

– Se ele soubesse que iam acender uma fogueira, teria esfolado os pobres coitados – disse Ebben, um homem calvo e atarracado, musculoso como um saco de pedras.

– O fogo é vida aqui em cima – interveio Qhorin Meia-Mão –, mas também pode ser morte – obedecendo a ordens suas, não arriscaram chamas abertas desde que tinham penetrado nas montanhas. Comiam carne salgada fria, pão duro e queijo ainda mais duro, e dormiam vestidos e aninhados uns aos outros, debaixo de uma pilha de mantos e peles, gratos pelo calor dos companheiros. Aquilo trazia a Jon recordações de noites frias passadas havia muito tempo em Winterfell, quando dividia a cama com os irmãos. Aqueles homens também eram irmãos, embora a cama que partilhassem fosse de pedra e terra.

– Devem ter um berrante – Cobra das Pedras observou.

Meia-Mão respondeu:

– Um berrante que não podem soprar.

– Essa é uma escalada longa e dura para ser feita de noite – Ebben rebateu, enquanto espreitava a centelha distante por uma fenda entre os rochedos que os abrigavam. O céu apresentava-se sem nuvens, com as montanhas escarpadas erguendo-se negras sobre negro até os cumes, onde suas frias coroas de neve e gelo brilhavam palidamente ao luar.

– E uma longa queda – disse Qhorin Meia-Mão. – Dois homens, acho. É provável que estejam dois lá em cima, vigiando por turnos.

– Eu – o patrulheiro que chamavam Cobra das Pedras já mostrara ser o melhor escalador do grupo. Teria de ser ele.

– E eu – Jon Snow se ofereceu.

Qhorin Meia-Mão olhou-o. Jon ouvia os lamentos que o vento soltava ao atravessar oscilante o passo de altitude acima deles. Um dos

garranos relinchou e escavou o solo pedregoso da cavidade onde tinham se abrigado.

– O lobo ficará conosco – disse Qhorin. – É demasiado fácil ver pelo branco ao luar – virou-se para Cobra das Pedras: – Quando a coisa estiver feita, atire para baixo um tição ardente. Subiremos quando o virmos cair.

– Não há melhor momento para começar do que agora – Cobra das Pedras respondeu.

Cada um levou um comprido rolo de corda. Cobra das Pedras levava também um saco de espigões de ferro, e um pequeno martelo com a cabeça enrolada em feltro espesso. Deixaram os garranos para trás, com os elmos, a cota de malha e Fantasma. Jon ajoelhou-se e deixou que o lobo gigante encostasse o focinho em seu rosto antes de se porem a caminho.

– Fica – ele ordenou. – Eu venho te buscar.

Cobra das Pedras foi na dianteira. Era um homem baixo e nervoso, com quase cinquenta anos e de barba grisalha, mais forte do que parecia, e tinha os melhores olhos noturnos que Jon já vira. Naquela noite iria precisar deles. De dia, as montanhas eram azul-acinzentadas, pintadas de geada, mas assim que o sol desaparecia atrás dos picos irregulares tornavam-se negras. Agora, a lua nascente iluminara-as de branco e prata.

Os irmãos negros moviam-se através de sombras negras por entre rochedos negros, abrindo caminho por uma trilha íngreme e sinuosa, enquanto seus hálitos se congelavam no ar negro. Jon sentia-se quase nu sem a cota de malha, mas não tinha saudades de seu peso. Aquele era um percurso duro e lento. Apressar-se ali era arriscar um tornozelo quebrado ou coisa pior. Cobra das Pedras parecia saber onde pôr os pés como que por instinto, mas Jon precisava ser mais cuidadoso no terreno rachado e irregular.

Passo dos Guinchos era na verdade uma série de passos, um longo caminho sinuoso que subia em volta de uma sucessão de picos gelados esculpidos pelo vento, e descia por vales escondidos que raramente viam o sol. Fora seu companheiro, Jon não tinha vislumbrado uma alma viva desde que deixaram a floresta para trás e começaram a subir. As Presas de Gelo eram mais cruéis que qualquer outro lugar criado pelos deuses, e igualmente inimigas do homem. Ali em cima, o vento cortava como uma faca, e gritava estridentemente na noite como uma mãe chorando pelos filhos assassinados. As poucas árvores que se viam ali eram coisas atrofiadas e grotescas que nasciam, nas laterais de fendas e fissuras. Saliências de rocha debruçavam-se frequentemente sobre a trilha, debruadas com pingentes de gelo, que a distância se assemelhavam a longos dentes brancos.

Mas, mesmo assim, Jon Snow não se arrependia de ter vindo. Ali

também havia maravilhas. Tinha visto a luz do sol refletida em quedas d'água estreitas e geladas que mergulhavam sobre as bordas de bruscos penhascos de pedra, e um prado de montanha cheio de flores silvestres de Outono, frentes frias azuis, brilhantes gelardentes escarlates e maciços de capim-dos-flautistas, castanho-avermelhados e dourados. Olhara para ravinas tão profundas e negras, parecendo-lhe seguro que terminariam num inferno qualquer, e atravessara, montado no garrano, uma ponte de pedra natural, corroída pelo vento, sem nada a não ser céu de um lado e do outro. Águias faziam ninhos nas alturas e desciam para caçar nos vales, voando sem esforço, aos círculos, apoiadas em grandes asas azul-acinzentadas que pareciam quase fazer parte do céu. Certo dia viu, inclusive, um gato-das-sombras perseguindo um carneiro, fluindo pela vertente da montanha como fumaça líquida até ficar pronto para saltar sobre a presa.

Agora é a nossa vez de saltar sobre a presa. Gostaria de poder se mover de forma tão segura e silenciosa como aquele gato-das-sombras, e matar com igual rapidez. Trazia Garralonga embainhada às costas, mas podia não ter espaço para usá-la, por isso também levava um punhal e uma adaga, para agir mais de perto. *Eles também terão armas, e eu não trago armadura*. Perguntou a si mesmo quem se revelaria o gato-das-sombras no final da noite, e quem faria as vezes de carneiro.

Durante um longo percurso mantiveram-se na trilha, seguindo suas curvas e contracurvas enquanto serpenteava ao longo do flanco da montanha para cima, sempre para cima. Às vezes, a montanha dobrava-se sobre si mesma, fazendo-os perder a fogueira de vista, mas, mais cedo ou mais tarde, ela reaparecia, sempre. O caminho que Cobra das Pedras escolhera nunca teria servido para os cavalos. Em certos locais, Jon tinha de encostar as costas na pedra fria e avançar de lado como um caranguejo, centímetro por centímetro. A trilha era traiçoeira mesmo onde se alargava; havia fendas suficientemente grandes para engolir a perna de um homem, pedras soltas em que tropeçar, depressões onde a água se acumulava durante o dia e congelava à noite. *Um passo e depois outro*, disse Jon a si mesmo. *Um passo e depois outro, e não cairei*.

Não tinha se barbeado desde que abandonara o Punho dos Primeiros Homens, e os pelos que tinha sobre o lábio ficaram rapidamente rígidos por causa do gelo. Com duas horas de subida, o vento enfureceu-se de tal maneira que tudo o que pôde fazer foi se agachar e agarrar-se à rocha, rezando para não ser arrancado da montanha. *Um passo e depois outro*, recomeçou quando a ventania abrandou. *Um passo e depois outro, e não cairei*.

Em pouco tempo estavam a uma altitude tão grande que era melhor não pensar em olhar para baixo. Nada havia abaixo a não ser um negrume escancarado; nada havia acima além da lua e das

estrelas.

– A montanha é a sua mãe – tinha-lhe dito Cobra das Pedras durante uma subida mais fácil alguns dias antes. – Agarre-se a ela, encoste seu rosto nos peitos dela, e ela não o deixa cair – Jon brincara com aquilo, dizendo-lhe como sempre se perguntara quem seria sua mãe, mas que nunca tinha pensado encontrá-la nas Presas de Gelo. Agora não parecia tão divertido, longe disso. *Um passo e depois outro*, pensou, agarrando-se bem.

A trilha estreita terminou abruptamente no local onde uma enorme saliência de granito negro se projetava do flanco da montanha. Depois do brilho do luar, sua sombra era tão negra que parecia terem entrado numa caverna.

– A partir daqui é para cima – disse o patrulheiro em voz baixa. – Queremos atingir uma posição acima da deles – descalçou as luvas, enfiou-as no cinto, amarrou uma extremidade da corda na cintura e a outra em volta de Jon. – Siga-me quando a corda esticar – o patrulheiro não esperou resposta e seguiu caminho imediatamente, escalando com os dedos e os pés, mais depressa do que Jon acreditaria ser possível.

A longa corda desenrolou-se lentamente. Jon observou-o bem, tomando nota do modo como subia e dos locais onde encontrava apoio para as mãos, e quando a última volta de cânhamo se desenrolou, tirou também as luvas e o seguiu, muito mais devagar.

Cobra das Pedras tinha passado a corda em volta do espigão liso da rocha em que esperava, mas assim que Jon chegou junto dele, soltou-a e prosseguiu a escalada. Dessa vez, não havia nenhuma fenda conveniente no local que o fim da corda atingiu, por isso puxou o martelo com cabeça envolta em feltro e espetou profundamente um espigão em uma fenda da rocha com uma série de batidas suaves. Apesar de suaves, os sons ecoaram tão ruidosamente nas rochas que Jon estremeceu a cada martelada, certo de que os selvagens os ouviriam também. Quando o espigão ficou bem preso, Cobra das Pedras nele prendeu a corda, e Jon seguiu caminho. *Chupe o peito da montanha*, lembrou a si mesmo. *Não olhe para baixo. Mantenha o peso acima dos pés. Não olhe para baixo. Olhe para a rocha à sua frente. Há um bom apoio para as mãos, sim. Não olhe para baixo. Posso recuperar o fôlego ali naquela saliência, tudo o que tenho a fazer é chegar lá. Nunca olhar para baixo*.

Uma vez seu pé escorregou quando transferia o peso para ele, e seu coração parou de bater, mas os deuses foram bondosos e não caiu. Conseguia sentir nos dedos a exsudação fria da rocha, mas não se atrevia a calçar as luvas; elas podiam escorregar, por mais apertadas que parecessem, com o tecido e o pelo deslocando-se entre a pele e a pedra, e lá em cima isso podia matá-lo. Sentia sua mão queimada

perdendo a flexibilidade, e em pouco tempo ela começou a doer. Então, feriu o polegar, sem saber como, e depois disso deixou manchas de sangue onde quer que apoiasse a mão. Esperava ainda ter todos os dedos quando a escalada chegasse ao fim.

Os dois continuaram a subir, a subir e a subir, sombras negras que rastejavam pela parede de rocha iluminada pelo luar. Qualquer pessoa que estivesse lá embaixo no passo poderia vê-los com facilidade, mas a montanha os escondia da vista dos selvagens junto à fogueira. No entanto, agora estavam perto deles. Jon conseguia sentir. Mesmo assim, não pensou nos inimigos que o esperavam, sem consciência de nada, a não ser do irmão que tinha em Winterfell. *Bran adorava escalar. Gostaria de ter um décimo da coragem dele*.

A vertente era cortada a dois terços do caminho para cima por uma fissura curva de pedra gelada. Cobra das Pedras estendeu-lhe uma mão para ajudá-lo a subir. Tinha voltado a calçar as luvas, e Jon o imitou. O patrulheiro fez um sinal com a cabeça para a esquerda, e os dois rastejaram pela saliência ao longo de duzentos e cinquenta metros, ou mais, até conseguirem ver o apagado clarão cor de laranja para lá da borda do penhasco.

Os selvagens tinham acendido sua fogueira numa depressão pouco profunda que ficava por cima da parte mais estreita do passo, com uma queda livre em frente e rocha atrás para protegê-los da maior força do vento. Esse mesmo quebra-vento permitiu aos irmãos negros rastejar até poucos metros deles, arrastando-se, até ver logo abaixo os homens que tinham de matar.

Um deles dormia, bem enrolado e enterrado sob um grande monte de peles. Jon não conseguia ver nada do homem, a não ser o cabelo, vermelho-vivo à luz da fogueira. O segundo estava sentado junto das chamas, alimentando-as com raminhos e galhos maiores, queixando-se do vento num tom lamuriento. O terceiro observava o passo, embora pouco houvesse para ver, só uma vasta bacia de trevas, rodeada pelas bordas nevadas das montanhas. Era este, o vigia, quem tinha o berrante.

Três. Por um momento, Jon ficou sem saber o que fazer. *Só devia haver dois*. Mas um deles dormia. Mas, quer houvesse dois, três ou vinte, ainda assim tinha de fazer o que viera fazer. Cobra das Pedras tocou em seu braço, apontando para o selvagem que tinha o berrante. Jon indicou com a cabeça aquele que se encontrava junto ao fogo. Sentiu-se estranho ao escolher um homem para matar. Metade dos dias de sua vida tinha sido passada com espadas e escudos, era treinando para aquele momento. *Teria Robb se sentido assim antes de sua primeira batalha?*, perguntou a si mesmo, mas não houve tempo para refletir sobre essa questão. Cobra das Pedras moveu-se tão depressa como o animal que lhe tinha dado o apelido, saltando sobre

os selvagens numa chuva de pedrinhas. Jon desembainhou Garralonga e o seguiu.

Tudo pareceu acontecer num instante. Mais tarde, Jon admirou a coragem do selvagem, que antes estendeu a mão para o berrante de guerra do que para a lâmina. Conseguiu levá-lo aos lábios, mas, antes que pudesse soprar, Cobra das Pedras jogou o berrante para longe com um golpe de espada. O homem escolhido por Jon ficou em pé com um salto, arremessando um tição ardente em seu rosto. Conseguiu sentir o calor das chamas ao recuar, vacilante. Pelo canto do olho viu aquele que dormia se agitando, e compreendeu que tinha de acabar depressa com seu escolhido. Quando o tição voltou a ser agitado, investiu contra ele, brandindo a espada bastarda com ambas as mãos. O aço valiriano abriu caminho através de couro, peles, lã e carne, mas quando o selvagem caiu, contorceu-se, arrancando a espada das mãos de Jon. No chão, aquele que dormia sentou-se debaixo das peles. Jon desembainhou a adaga, agarrando-o pelo cabelo e empurrando a ponta da sua faca até debaixo de seu queixo no momento em que ele… não, *ela*…

A mão de Jon congelou no meio do movimento.

– Uma garota.

– Uma vigia – disse Cobra das Pedras. – Uma selvagem. Acabe com ela.

Jon via o medo e o fogo nos olhos dela. Corria sangue por sua garganta branca, vindo do lugar onde a ponta da adaga perfurara sua pele. *Um golpe, e acabou*, disse a si mesmo. Estava tão próximo, que conseguia sentir o cheiro de cebola no hálito dela. *Não é mais velha do que eu*. Algo na garota fez Jon pensar em Arya, embora não se parecessem em nada.

– Rende-se? – perguntou, dando à adaga uma meia-volta. *E se não se render?*

– Rendo-me – as palavras dela fumegaram no ar frio.

– Então é nossa prisioneira – Jon afastou a adaga da pele suave da sua garganta.

– Qhorin não disse nada sobre capturar prisioneiros – Cobra das Pedras retrucou.

– Não disse para não fazermos – Jon largou o cabelo da garota, e ela recuou, afastando-se deles.

– É uma guerreira – Cobra das Pedras indicou com um gesto o machado de cabo longo que estava ao lado das peles de dormir dela. – Estava estendendo a mão para aquilo quando a agarrou. Dê meia oportunidade, e ela o enterra entre seus olhos.

– Não lhe darei meia oportunidade – Jon chutou o machado para bem longe do alcance dela. – Tem um nome?

– Ygritte – passou uma mão pela garganta, retirou-a

ensanguentada, e ficou olhando aquela umidade.

Embainhando a adaga, Jon libertou Garralonga do cadáver do homem que matara.

– É minha prisioneira, Ygritte.

– Dei-lhe o meu nome.

– Sou Jon Snow.

Ela estremeceu:

– Um nome maligno.

– Um nome de bastardo. Meu pai era Lorde Eddard Stark, de Winterfell.

A moça olhou para ele desconfiada, mas Cobra das Pedras soltou uma pequena gargalhada mordaz.

– É o prisioneiro quem tem de contar coisas, lembra? – o patrulheiro espetou um galho longo na fogueira. – Não que ela conte. Sei de selvagens que cuspiram a própria língua para não responder a perguntas – quando a extremidade do galho estava ardendo forte, ele deu dois passos e o atirou sobre o passo. O galho iluminado caiu rodopiando através da noite, até ficar fora de vista.

– Devia queimar esses que matou – Ygritte falou.

– Precisaria de uma fogueira maior para isso, e as fogueiras grandes ardem e fazem luzes brilhantes – Cobra das Pedras virou-se, perscrutando com os olhos a vastidão escura em busca de qualquer centelha de luz. – Há mais selvagens aqui perto, é isso?

– Queime-os – a garota repetiu teimosamente –, senão pode ser que volte a precisar dessas espadas.

Jon lembrou-se de Othor morto e de suas mãos frias e negras.

– Talvez devêssemos fazer o que ela diz.

– Há outras maneiras – Cobra das Pedras ajoelhou junto ao homem que tinha matado, tirou seu manto, as botas, o cinto e a túnica, depois içou o corpo sobre o ombro magro e o levou para a borda do penhasco. Soltou um grunhido ao arremessá-lo. Um momento mais tarde, ouviram uma pancada úmida e pesada muito abaixo. Nesse momento o patrulheiro já tinha despido o segundo cadáver e arrastava-o pelos braços. Jon pegou os pés, e juntos atiraram o morto para o negrume da noite.

Ygritte observou-os, e nada disse. Jon percebeu que a moça era mais velha do que tinha imaginado a princípio; talvez tivesse vinte anos, mas era baixa para a idade, com pernas arqueadas, cara redonda, mãos pequenas e um nariz achatado. Seu cabelo desgrenhado e vermelho felpudo, espetava-se em todas as direções. Ali acocorada, parecia gorducha, mas a maior parte daquele volume eram camadas de peles, lã e couro. Debaixo de tudo aquilo, podia ser tão magricela como Arya.

– Mandaram-na para nos vigiar? – Jon perguntou.

– A vocês, e a outros.

Cobra das Pedras aqueceu as mãos sobre a fogueira:

– O que nos espera para lá do passo?

– O povo livre.

– Quantos?

– Centenas e milhares. Mais do que você jamais viu, corvo – ela sorriu. Tinha dentes tortos, mas muito brancos.

Ela não sabe quantos.

– Por que motivo vieram para cá?

Ygritte caiu no silêncio.

– O que há nas Presas de Gelo que seu rei possa querer? Não podem ficar aqui, não há comida.

Ela olhou para o outro lado.

– Pretendem marchar sobre a Muralha? Quando?

Ela fitou as chamas como se não o ouvisse.

– Sabe alguma coisa sobre meu tio, Benjen Stark?

Ygritte o ignorou. Cobra das Pedras soltou uma gargalhada.

– Se ela cuspir a língua, não diga que não avisei.

Um rugido grave e ressoante ecoou, vindo das rochas. *Gato-das-sombras*, Jon soube de imediato. Ao se levantar ouviu outro, mais próximo. Puxou a espada e virou-se, à escuta.

– Eles não vão nos incomodar – Ygritte disse. – Foi pelos mortos que vieram. Os gatos conseguem cheirar sangue a seis milhas de distância. Vão ficar perto dos corpos até terem comido o último bocado fibroso de carne e quebrado os ossos pra chegar ao tutano.

Jon conseguia ouvir os sons que as feras faziam ao se alimentar ecoando nas rochas. Deu-lhe uma sensação incômoda. O calor do fogo o fez perceber como estava cansado até os ossos, mas não se atrevia a dormir. Tinha capturado uma prisioneira, e cabia-lhe guardá-la.

– Eram seus parentes? Os dois que matamos?

– Não mais do que você.

– Eu? – Jon franziu o cenho. – O que quer dizer?

– Disse que era o Bastardo de Winterfell.

– Sou.

– Quem era a sua mãe?

– Uma mulher qualquer. É o que a maioria delas é – alguém lhe tinha dito aquilo um dia. Não recordava quem.

Ela voltou a sorrir, um relâmpago de dentes brancos.

– E ela nunca lhe cantou a canção da rosa de Inverno?

– Nunca conheci minha mãe. Nem soube de nenhuma canção que se parecesse com isso.

– Foi Bael, o Bardo, que a fez – Ygritte explicou. – Foi Rei-para-lá-da-Muralha há muito tempo. Todo o povo livre conhece as canções dele, mas pode ser que no Sul não as cantem.

– Winterfell não fica no Sul – Jon objetou.

– Fica, sim. Tudo o que há abaixo da Muralha é Sul pra nós.

Nunca tinha pensado naquilo daquela maneira.

– Suponho que tudo dependa do ponto de vista.

– Sim – Ygritte concordou. – Sempre depende.

– Conte-me – pediu Jon. Iriam se passar horas até que Qhorin chegasse, e uma história podia ajudar a mantê-lo acordado. – Quero ouvir esse seu conto.

– Pode ser que não goste muito dele.

– Quero ouvi-lo assim mesmo.

– Corajoso corvo preto – ela caçoou. – Bom, muito antes de ser rei do povo livre, Bael foi um grande corsário.

Cobra das Pedras soltou uma fungadela.

– O que você quer dizer é assassino, ladrão e estuprador.

– Isso também depende do ponto de vista – Ygritte respondeu. – O Stark de Winterfell queria a cabeça de Bael, mas nunca conseguiu apanhá-lo, e o sabor do fracasso humilhava-o. Um dia, na sua amargura, disse que Bael era um covarde que só caía sobre os fracos. Quando essa notícia lhe chegou, Bael jurou dar uma lição ao lorde. Portanto, escalou a Muralha, desceu a estrada do rei, e entrou a pé em Winterfell, numa noite de Inverno, de harpa na mão, chamando a si mesmo de Sygerrik de Skagos. *Sygerrik* quer dizer "enganador" no Antigo Idioma, que os Primeiros Homens falavam e os gigantes continuam falando. No norte ou no sul, os cantores encontram sempre boas-vindas prontas, e então Bael comeu à mesa do próprio Lorde Stark e tocou para o senhor no seu cadeirão até passar metade da noite. Tocou as velhas canções, e as novas que ele tinha feito; e tocou e cantou tão bem que, quando acabou, o senhor ofereceu-lhe a chance de dizer que recompensa queria. "Tudo o que peço é uma flor," respondeu Bael, "a flor mais bela que desabrocha nos jardins de Winterfell." Ora, acontece que as rosas de Inverno tinham acabado de desabrochar, e não há flor mais rara e preciosa. Por isso o Stark mandou homens aos jardins de vidro e ordenou que a mais bela das rosas de Inverno fosse cortada para pagar o cantor. E assim foi feito. Mas, ao chegar a manhã, o cantor tinha desaparecido… assim como a filha donzela de Lorde Brandon. Acharam sua cama vazia, só com a rosa azul-clara que Bael havia deixado no travesseiro onde ela antes apoiava a cabeça.

Jon nunca tinha ouvido aquela história.

– Qual dos Brandon seria? Brandon, o Construtor, viveu na Idade dos Heróis, milhares de anos antes de Bael. Houve Brandon, o Incendiário, e o pai, Brandon, o Construtor Naval, mas…

– Este era Brandon, o Sem Filha – Ygritte respondeu em tom cortante. – Quer ouvir a história ou não?

Jon franziu a sobrancelha:

– Continue.

– Lorde Brandon não tinha mais filhos. Por ordens suas, os corvos negros voaram às centenas de seus castelos para o norte, mas não conseguiram encontrar sinal de Bael ou da donzela em lugar nenhum. Procuraram durante quase um ano, até que o senhor perdeu ânimo e ficou de cama, e parecia que a linhagem dos Stark estava no fim. Mas, uma noite, deitado e desejando morrer, Lorde Brandon ouviu o choro de uma criança. Seguiu o som e encontrou a filha de volta ao seu quarto, dormindo com um bebê no colo.

– Bael a tinha trazido de volta?

– Não. Tinham estado o tempo todo em Winterfell, escondidos com os mortos por baixo do castelo. A canção diz que a donzela amou tanto Bael que lhe deu à luz um filho… Se bem, que na verdade, todas as donzelas amam Bael nas canções que escreveu. Seja como for, o que é certo é que Bael deixou a criança como pagamento da rosa que tinha cortado sem pedir licença. E o garoto cresceu e se transformou no Lorde Stark seguinte. Portanto, aí está… Você tem em si o sangue de Bael, assim como eu.

– Isso nunca aconteceu – Jon rebateu.

Ela encolheu os ombros:

– Pode ser que sim, pode ser que não. Mas é uma boa canção. Minha mãe costumava cantá-la para mim. Ela também era uma mulher, Jon Snow. Como a sua – esfregou a garganta onde a adaga dele a cortara. – A canção acaba quando encontram o bebê, mas há um fim mais sombrio para a história. Trinta anos depois, quando Bael era Rei-para-lá-da-Muralha e levou o povo livre para o sul, foi o jovem Lorde Stark que o enfrentou no Vau Gelado… E o matou, porque Bael não quis fazer mal ao seu próprio filho quando se encontraram de espada na mão.

– Então, em vez disso, o filho matou o pai – Jon concluiu.

– Sim, mas os deuses odeiam quem mata parentes, mesmo quando os matam sem saber. Quando Lorde Stark voltou da batalha e a mãe viu a cabeça de Bael na ponta de sua lança, atirou-se de uma torre por desgosto. O filho não sobreviveu muito tempo depois. Um dos senhores dele arrancou sua pele e a usou como manto.

– O seu Bael era um mentiroso – disse-lhe Jon, agora com certeza.

– Não – Ygritte respondeu –, mas a verdade de um bardo é diferente da sua ou da minha. Seja como for, pediu a história, e eu a contei – deu-lhe as costas, fechou os olhos e pareceu adormecer.

A alvorada e Qhorin Meia-Mão chegaram juntos. As pedras negras tinham se tornado cinzentas e o céu oriental havia tomado um tom de índigo quando Cobra das Pedras vislumbrou os patrulheiros mais abaixo, abrindo um caminho sinuoso para cima. Jon acordou a

prisioneira e a segurou pelo braço enquanto desciam para ir até eles. Felizmente, havia outro caminho para sair da montanha pelo norte e oeste, ao longo de trilhas muito mais suaves do que aquela que os levara até ali. Esperavam num desfiladeiro estreito quando os irmãos surgiram, levando os garranos junto. Fantasma correu para a frente ao sentir o primeiro odor dos três. Jon acocorou-se para deixar o lobo gigante fechar as mandíbulas em volta do pulso, puxando a mão para trás e para a frente, uma brincadeira deles. Mas, quando Fantasma olhou para cima, viu Ygritte olhando-o com olhos tão abertos e brancos como ovos de galinha.

Qhorin Meia-Mão não fez comentários quando viu a prisioneira.

– Havia três – disse-lhe Cobra das Pedras, e nada mais.

– Passamos por dois – Ebben contou –, ou por aquilo que os gatos deixaram – deu um olhar azedo à moça, com uma evidente suspeita no rosto.

– Ela se rendeu – Jon sentiu-se compelido a dizer.

O rosto de Qhorin estava impassível.

– Sabe quem eu sou?

– Qhorin Meia-Mão – a garota ao seu lado parecia uma criança, mas encarou-o ousadamente.

– Diga-me a verdade. Se eu caísse nas mãos de sua gente e me rendesse, o que é que ganharia com isso?

– Uma morte mais lenta.

O grande patrulheiro olhou para Jon.

– Não temos comida para lhe dar, nem podemos dispensar um homem para vigiá-la.

– O caminho que temos adiante é perigoso, moça – disse o Escudeiro Dalbridge. – Um grito quando precisarmos de silêncio, e cada um de nós está condenado.

Ebben puxou o punhal.

– Um beijo de aço vai mantê-la quieta.

Jon sentia a garganta áspera. Olhou-os, impotente.

– Ela se rendeu a mim.

– Então, tem de fazer o que deve ser feito – disse Qhorin Meia-Mão. – Pertence ao sangue de Winterfell, e é um homem da Patrulha da Noite – olhou para os outros. – Venham, irmãos. Vamos deixá-lo tratar disso. Será mais fácil para ele se não ficarmos vendo – e os levou pela trilha serpenteante e íngreme, na direção do pálido clarão cor-de-rosa do sol, onde este irrompia por uma fissura na montanha. Não se passou muito tempo até que Jon e Fantasma ficassem sozinhos com a moça selvagem.

Pensou que Ygritte pudesse tentar fugir, mas ela se limitou a permanecer ali, à espera, olhando-o.

– Nunca matou uma mulher, não é? – quando ele sacudiu a

cabeça, ela disse: – Morremos da mesma maneira que os homens. Mas não tem de fazer isso. Mance o acolheria, eu sei que sim. Há caminhos secretos. Aqueles corvos nunca nos pegariam.

– Eu sou tanto um corvo como eles – Jon respondeu.

Ela anuiu com a cabeça, resignada:

– Quem é que me queima depois?

– Não posso. A fumaça pode ser vista.

– É verdade – Ygritte encolheu os ombros. – Bom, há lugares piores do que a barriga de um gato-das-sombras.

Jon puxou Garralonga por cima de um ombro:

– Não tem medo?

– Na noite passada tive – ela admitiu. – Mas agora o sol está no céu. – puxou o cabelo para o lado, a fim de descobrir o pescoço, e se ajoelhou na frente de Jon. – Dê um golpe bom e forte, corvo, senão, volto para assombrá-lo.

Garralonga não era uma espada tão longa ou pesada como a Gelo do pai, mas era, mesmo assim, de aço valiriano. Tocou o gume da espada para marcar o local onde o golpe tinha de cair, e Ygritte estremeceu.

– Isso é frio – ela disse. – Vai logo, de uma vez.

Ergueu Garralonga por sobre a cabeça, apertando bem o punho com ambas as mãos. *Um golpe, com todo meu peso posto nele*. Pelo menos podia lhe dar uma morte rápida e limpa. Era filho de seu pai. Não era? Não era?

– Vai logo – ela o incitou, passado um momento. – Bastardo. *Vai logo*. Não posso ficar corajosa para sempre – quando o golpe não caiu, ela virou a cabeça e olhou para ele.

Jon abaixou a espada, e murmurou:.

– Vá.

Ygritte o fitou.

– *Já* – ele insistiu. – Antes que eu recupere o juízo. *Vá*.

Ela foi.

Sansa

O céu meridional estava negro de fumaça. Erguia-se, rodopiando, de uma centena de incêndios distantes, fazendo as estrelas desaparecerem com seus dedos de fuligem. Do outro lado da Torrente da Água Negra, uma linha de chamas ardia à noite, de horizonte a horizonte, enquanto, deste lado, o Duende havia incendiado toda a zona ribeirinha: docas e armazéns, casas e bordéis, tudo o que estivesse fora das muralhas da cidade.

Mesmo na Fortaleza Vermelha o ar tinha gosto de cinzas. Quando Sansa se encontrou com Sor Dontos no sossego do Bosque Sagrado, ele perguntou se ela estivera chorando.

– É só da fumaça – Sansa mentiu. – Parece que metade da mata do rei está ardendo.

– Lorde Stannis quer obrigar os selvagens do Duende a sair da floresta com fumaça – Dontos oscilava enquanto falava, com uma mão no tronco de um castanheiro. Uma marca de vinho manchava o quadriculado vermelho e amarelo de sua túnica. – Matam seus batedores e atacam a coluna dos abastecimentos. E os selvagens também têm andado incendiando. O Duende disse à rainha que era melhor Stannis ensinar seus cavalos a comer cinzas, porque não iriam encontrar grama nenhuma. Eu o ouvi dizer isso. Como bobo, ouço todos os tipos de coisa que nunca ouvi quando era um cavaleiro. Eles falam como se eu não estivesse lá, e – aproximou-se, soprando o hálito avinhado bem em cheio no rosto dela – a Aranha paga em ouro por qualquer bagatela. Acho que o Rapaz Lua é dele há anos.

Está bêbado outra vez. Chama a si mesmo de meu pobre Florian, e é o que é. Mas nada mais tenho.

– É verdade que Lorde Stannis incendiou o bosque sagrado em Ponta Tempestade?

Dontos confirmou com a cabeça:

– Fez uma grande pira com as árvores como oferenda ao seu novo deus. A sacerdotisa vermelha o obrigou a fazer isso. Dizem que agora é ela quem o governa, no corpo e na alma. Jurou queimar também o Grande Septo de Baelor se tomar a cidade.

– Que queime – quando Sansa tinha visto pela primeira vez o Grande Septo, com suas paredes de mármore e as sete torres de cristal, pensou que era o mais belo edifício do mundo, mas isso tinha sido antes de Joffrey decapitar seu pai em seus degraus. – Quero-o queimado.

– Silêncio, menina, os deuses vão ouvi-la.

– Por que hão de ouvir? Nunca ouvem minhas preces.

– Ouvem, sim. Mandaram-me até você, não mandaram?

Sansa pegou um pedaço de casca de uma árvore. Sentia-se tonta, quase febril.

– Enviaram-no, mas o que fez? Prometeu me levar para casa, mas continuo aqui.

Dontos deu palmadinhas em seu braço.

– Falei com um certo homem que conheço, um bom amigo meu… e seu, senhora. Ele vai contratar um navio rápido para nos levar para um local seguro na hora certa.

– A hora certa é agora – Sansa insistiu. – Antes que a luta comece. Eles esqueceram de mim. Eu sei que conseguiríamos escapar se tentássemos.

– Menina, menina – Dontos sacudiu a cabeça. – Do castelo, sim, poderíamos, mas os portões da cidade estão mais guardados do que nunca, e o Duende até o rio fechou.

Era verdade. Sansa nunca tinha visto a Torrente da Água Negra tão vazia. Todos os barcos que faziam a travessia tinham sido recolhidos à margem norte, e as galés mercantes, fugido ou sido confiscadas pelo Duende para serem preparadas para a batalha. Os únicos navios que estavam à vista eram as galés de guerra do rei. Remavam incessantemente para baixo e para cima no meio do rio, trocando nuvens de flechas com os arqueiros de Stannis na margem sul.

Lorde Stannis propriamente dito ainda estava em movimento, mas sua vanguarda surgira havia duas noites durante a lua negra. Porto Real tinha acordado para uma paisagem cheia de suas tendas e estandartes. Sansa ouvira dizer que eram cinco mil homens, quase tantos quanto todos os mantos dourados da cidade. Hasteavam as maçãs verde ou vermelha da Casa Fossoway, a tartaruga de Estermont, e a raposa e flores de Florent, e seu comandante era Sor Guyard Morrigen, um famoso cavaleiro do sul que os homens agora chamavam de Guyard, o Verde. Seu estandarte exibia um corvo em voo, com as asas negras bem abertas contra um céu verde-tempestade. Mas eram as bandeiras amarelo-claras que preocupavam a cidade. Longas caudas esfarrapadas flutuavam atrás delas, como chamas tremeluzentes, e em vez do símbolo de um senhor, ostentavam o de um deus: o coração ardente do Senhor da Luz.

– Quando Stannis chegar, terá dez vezes mais homens do que Joffrey, todos dizem isso – Dontos apertou seu ombro. – O tamanho de sua tropa não importa, querida, desde que esteja do lado errado do rio. Stannis não pode atravessar sem navios.

– Ele *tem* navios. Mais do que Joffrey.

– É uma longa viagem desde Ponta Tempestade, a frota terá de dobrar o Gancho de Massey, atravessar a Goela e cruzar a Baía da Água Negra. Talvez os bons deuses enviem uma tempestade para

varrê-los dos mares – ele deu um sorriso esperançoso. – Não é fácil, eu sei. Precisa ter paciência, menina. Quando meu amigo voltar à cidade, teremos o seu navio. Tenha fé no seu Florian, e tente não ter medo.

Sansa cravou as unhas na palma da mão. Conseguia sentir o medo na barriga, torcendo e apertando, pior a cada dia que passava. Pesadelos sobre o dia em que a Princesa Myrcella tinha embarcado ainda perturbavam seu sono; sonhos escuros e sufocantes que a acordavam no meio da noite, lutando para respirar. Ouvia as pessoas gritando com ela, gritando sem palavras, como animais. Tinham-na empurrado, atirado dejetos nela, e tentado derrubá-la do cavalo, e teriam feito coisas piores se Cão de Caça não tivesse aberto caminho até junto dela. Tinham despedaçado o Alto Septão e esmagado a cabeça de Sor Aron com uma pedra. *Tente não ter medo!*, ele lhe dizia agora.

A cidade inteira tinha medo. Sansa podia vê-lo das muralhas do castelo. As pessoas comuns se escondiam atrás de venezianas fechadas e portas trancadas, como se isso as mantivesse a salvo. Da última vez que Porto Real caíra, os Lannister tinham saqueado e violado as mulheres a seu bel-prazer, e tinham passado centenas na espada, apesar de a cidade ter aberto os portões. Daquela vez, o Duende pretendia lutar, e uma cidade que lutava não podia esperar qualquer tipo de misericórdia.

Dontos continuava a tagarelar:

– Se eu ainda fosse um cavaleiro, teria de vestir uma armadura e juntar-me aos outros na guarnição das muralhas. Devia beijar os pés do Rei Joffrey e agradecer-lhe de todo o coração.

– Se lhe agradecesse por ter feito de você um bobo, o transformaria de novo em cavaleiro – Sansa disse em tom ríspido.

Dontos soltou um risinho:

– A minha Jonquil é uma menina inteligente, não é?

– Joffrey e a mãe dizem que sou burra.

– Que digam. Está mais segura assim, doçura. Rainha Cersei, Duende, Lorde Varys e gente assim, todos se vigiam uns aos outros com uma atenção de falcões, e pagam a este e àquele para espiar o que os outros andam fazendo, mas ninguém se incomoda com a filha da Senhora Tanda, não é? – Dontos cobriu a boca para abafar um arroto. – Que os deuses a protejam, minha pequena Jonquil – estava ficando lacrimoso. O vinho tinha esse efeito nele. – Dê agora um beijinho no seu Florian. Um beijo para dar sorte – ele cambaleou na direção dela.

Sansa esquivou-se de seus lábios úmidos, deu-lhe um leve beijo no rosto por barbear, e desejou-lhe boa noite. Precisou de todas as suas forças para não chorar. Andava chorando em excesso nos últimos tempos. Era impróprio, bem sabia, mas não parecia ser capaz de

evitar; às vezes, as lágrimas chegavam por causa de uma besteira, e nada do que fizesse era capaz de retê-las.

A ponte levadiça que levava à Fortaleza de Maegor não tinha guardas. O Duende havia transferido a maior parte dos homens de manto dourado para as muralhas da cidade, e os cavaleiros brancos da Guarda Real tinham deveres mais importantes do que ficar se preocupando com ela. Sansa podia ir aonde quisesse, desde que não tentasse sair do castelo, mas não havia lugar algum aonde quisesse ir.

Passou por cima do fosso seco com seus cruéis espigões de ferro e subiu a estreita escada em caracol, mas quando chegou à porta de seu quarto, não suportou a ideia de entrar. Aquelas paredes faziam-na se sentir aprisionada; mesmo com a janela escancarada parecia não haver ar para respirar.

Voltando para a escada, Sansa subiu. A fumaça escondia as estrelas e o fino crescente da lua, e assim o telhado encontrava-se escuro e pesado de sombras. Mas dali podia ver tudo: as altas torres e os grandes baluartes da Fortaleza Vermelha; o labirinto das ruas da cidade mais além; para sul e oeste corria o rio, negro; a baía para leste; as colunas de fumaça e fagulhas e incêndios. Incêndios por toda parte. Soldados rastejavam sobre as muralhas da cidade como formigas com archotes, e aglomeravam-se em tabiques que tinham brotado das muralhas. Embaixo, junto ao Portão da Lama, delineadas contra a fumaça que ascendia ao céu, conseguia distinguir a forma vaga das três enormes catapultas, as maiores que já se tinha visto, subindo uns bons seis metros acima da muralha. Mas nada daquilo a fazia sentir menos medo. Uma ferroada trespassou-a, tão forte que Sansa soluçou e se agarrou à barriga. Podia ter caído, mas uma sombra moveu-se de repente e dedos fortes agarraram seu braço e a equilibraram.

Apoiou-se em um merlão, com os dedos arranhando a pedra áspera.

– Largue-me – ela gritou. – Largue-me.

– O passarinho pensa que tem asas, é? Ou será que quer acabar aleijada como aquele seu irmão?

Sansa retorceu-se nas mãos dele.

– Eu não ia cair. Foi só… surpreendeu-me, foi só isso.

– O que quer dizer é que a assustei. E ainda assusto.

Ela inspirou profundamente para se acalmar.

– Pensava que estava sozinha, eu… – afastou o olhar.

– O passarinho ainda não suporta olhar para mim, não é? – Cão de Caça a largou. – Mas ficou bastante satisfeita em me ver quando a multidão a agarrou. Lembra-se?

Sansa lembrava-se bem demais. Lembrava-se do modo como uivavam, da sensação do sangue escorrendo por seu rosto do local

onde a pedra a atingira, e do fedor de alho no hálito do homem que tentara arrancá-la do cavalo. Ainda conseguia sentir a cruel pressão dos dedos em seu pulso quando tinha perdido o equilíbrio e começado a cair.

Naquela altura, pensou que ia morrer, mas os dedos tinham se contorcido, todos de uma vez só, e o homem guinchara alto como um cavalo. Quando a mão dele caiu, outra, mais forte, puxou-a de volta para a sela. O homem com o bafo de alho estava no chão, com sangue jorrando do coto em que terminava o braço, mas havia outros por toda volta, e alguns tinham tacos na mão. Cão de Caça saltou sobre eles, com a espada transformada numa mancha de aço que deixava para trás uma névoa vermelha à medida que ia sendo brandida. Quando tinham saído correndo diante de seus olhos, Cão de Caça rira, com a terrível cara queimada transformada por um momento.

Obrigou-se agora a olhar para aquele rosto, olhar realmente. Era uma cortesia, e uma senhora nunca podia se esquecer das cortesias. *A pior parte não são as cicatrizes, nem sequer a maneira como a boca se retorce. São os olhos*. Nunca tinha visto olhos tão cheios de ira.

– Eu… eu devia ter ido ter convosco depois – ela disse, hesitantemente. – Para lhe agradecer, por… por me ter salvado… foi tão bravo.

– Bravo? – a gargalhada dele era quase um rosnado. – Um cão não precisa de coragem para botar ratazanas para correr. Eram trinta contra um, e nem um homem entre eles se atreveu a me enfrentar.

Sansa detestava a maneira como ele falava, sempre tão desagradável e zangado.

– Assustar gente o alegra?

– Não, o que me alegra é matar gente – sua boca retorceu-se. – Enrugue a cara quanto quiser, mas poupe-me dessa falsa piedade. É cria de um grande senhor. Não me diga que Lorde Eddard Stark de Winterfell nunca matou um homem.

– Era o seu dever. Nunca gostou de fazê-lo.

– Foi isso que lhe contou? – Clegane voltou a rir. – Seu pai mentiu. Matar é a melhor coisa que existe – puxou a espada. – *Aqui* está a sua verdade. Seu precioso pai descobriu-a nos degraus de Baelor. Senhor de Winterfell, Mão do Rei, Protetor do Norte, o poderoso Eddard Stark, de uma linhagem velha de oito mil anos… Mas a lâmina de Ilyn Payne atravessou seu pescoço mesmo assim, não foi? Lembra-se da dança que ele fez quando a cabeça saiu de cima de seus ombros?

Sansa abraçou-se, subitamente cheia de frio.

– Por que é sempre tão odioso? Eu estava *agradecendo*…

– Como se eu fosse um desses verdadeiros cavaleiros de que gosta tanto, sim. Para que pensa que um cavaleiro *serve*, menina? Acha que

basta receber favores das senhoras e ficar bem numa armadura dourada? Os cavaleiros servem para *matar* – encostou o gume da espada no pescoço dela, logo abaixo da orelha. Sansa conseguia sentir o fio do aço. – Matei meu primeiro homem aos doze anos. Perdi a conta dos que matei desde então. Grandes senhores com nomes antigos, homens ricos e gordos vestidos de veludo, cavaleiros inflados com suas honrarias como balões de ar, sim, e também mulheres e crianças… São todos carne, e eu sou o carniceiro. Que fiquem com as suas terras, os seus deuses e o seu ouro. Que fiquem com os seus sores – Sandor Clegane cuspiu aos seus pés para mostrar o que pensava daquilo. – Desde que eu tenha isto – disse, afastando a espada da sua garganta –, não há homem na terra que tenha de temer.

Exceto seu irmão, Sansa pensou, mas tinha juízo suficiente para não dizer isso em voz alta. *Ele é um cão, como diz ser. Um cão meio louco e de temperamento ruim que morde qualquer mão que tente lhe fazer um agrado, e que ao mesmo tempo despedaçará qualquer homem que tente fazer mal aos seus donos*.

– Nem sequer os homens que estão do outro lado do rio?

Os olhos de Clegane viraram-se para os incêndios distantes.

– Todas estas chamas... – embainhou a espada. – Só covardes lutam com fogo.

– Lorde Stannis não é nenhum covarde.

– Também não é o homem que o irmão era. Robert nunca deixou que uma coisinha insignificante como um rio o parasse.

– Que irá fazer quando ele atravessar?

– Lutar. Matar. Talvez morrer.

– Não tem medo? Os deuses podem enviá-lo para algum inferno terrível por todo o mal que já fez.

– Que mal? – soltou uma gargalhada. – Que deuses?

– Os deuses que fizeram todos nós.

– Todos? – ele zombou. – Diga-me, passarinho, que tipo de deus faz um monstro como o Duende, ou uma idiota como a filha da Senhora Tanda? Se os deuses existirem, fizeram as ovelhas para que os lobos possam comer carneiro, e os fracos para os fortes brincarem com eles.

– Os verdadeiros cavaleiros protegem os fracos.

Ele fungou:

– Os verdadeiros cavaleiros não são mais reais do que os deuses. Se não pode se proteger por conta própria, morra e saia do caminho daqueles que podem. É o aço afiado e os braços fortes que governam este mundo, e nunca acredite em outra coisa.

Sansa afastou-se dele:

– É horrível.

– Sou honesto. É o mundo que é horrível. Agora voe, passarinho,

estou farto de seus trinados.

Sem palavras, Sansa fugiu. Tinha medo de Sandor Clegane… E, no entanto, uma parte de si desejava que Sor Dontos possuísse um pouco da ferocidade do Cão de Caça. *Os deuses existem*, disse a si mesma, *e verdadeiros cavaleiros também. Tantas histórias não podem ser mentira.*

Naquela noite, Sansa voltou a sonhar com o tumulto. A multidão ergueu-se em volta dela, guinchando, um animal enlouquecido com mil caras. Para onde quer que se virasse, via faces retorcidas em máscaras monstruosas e desumanas. Chorou, e lhes disse que nunca lhes fizera nenhum mal, mas derrubaram-na do cavalo mesmo assim. "Não", chorou, "não, por favor, não, *não*", mas ninguém prestou atenção nela. Gritou por Sor Dontos, pelos irmãos, por seu pai e por sua loba, mortos, pelo galante Sor Loras, que certa vez lhe tinha dado uma rosa vermelha, mas nenhum deles veio. Chamou pelos heróis das canções, Florian, Sor Ryam Redwyne, Príncipe Aemon, Cavaleiro dos Dragões, mas nenhum a ouviu. Mulheres caíram sobre ela como doninhas, beliscando suas pernas e chutando-a na barriga; alguém bateu em seu rosto, e sentiu seus dentes quebrando-se. Então, viu o brilhante clarão do aço. A faca mergulhou em sua barriga e rasgou, e rasgou, e rasgou, até não restar nada da parte de baixo de seu corpo, além de tiras brilhantes e úmidas.

Quando acordou, a luz pálida da manhã entrava pela janela, mas sentia-se tão mal e dolorida como se não tivesse dormido nada. Havia alguma coisa pegajosa em suas coxas. Quando jogou a manta para trás e viu o sangue, tudo o que conseguiu imaginar foi que o sonho tinha de algum modo se transformado em realidade. Lembrava-se das facas dentro dela, torcendo-se e rasgando. Afastou-se, horrorizada, chutando os lençóis e caindo ao chão, sua respiração entrecortada, nua, ensanguentada e com medo.

Mas ali, encolhida, apoiada nas mãos e nos joelhos, a compreensão veio.

– Por favor, não – lamuriou-se Sansa –, por favor, não – não queria que aquilo lhe acontecesse, não agora, não ali, agora não, agora não, agora não, agora não.

A loucura tomou conta dela. Levantando-se apoiada na coluna da cama, foi até a bacia e lavou-se, esfregando toda a matéria pegajosa até desaparecer. Quando terminou, a água estava cor-de-rosa devido ao sangue. Se as criadas de quarto vissem aquilo, *saberiam*. Então lembrou-se das roupas de cama. Correu para a cama e fitou horrorizada com a mancha vermelho-escura e a história que ela contava. Tudo em que conseguiu pensar foi que tinha de se ver livre daquilo, caso contrário elas veriam. Não podia deixar que vissem, senão iriam casá-la com Joffrey e obrigá-la a se deitar com ele.

Pegando a faca, Sansa cortou o lençol, arrancando a mancha. *Se me fizerem perguntas sobre o buraco, o que direi?* Lágrimas correram pelo seu rosto. Arrancou o lençol rasgado da cama, e a manta manchada também. *Vou ter de queimá-los*. Fez uma bola com as provas, enfiou-a na lareira, ensopou-a com o azeite da lâmpada de cabeceira e pôs-lhe fogo. De repente, percebeu que o sangue tinha atravessado o lençol e manchado o colchão de penas. Enrolou-o também, mas era grande e pesado, difícil de mover. Sansa só conseguiu pôr metade no fogo. Estava de joelhos, lutando para enfiar o colchão nas chamas, enquanto uma espessa fumaça cinza redemoinhava em volta dela e enchia o quarto, quando a porta se abriu de rompante e ouviu a criada prender a respiração.

Acabaram sendo necessárias três para afastá-la da lareira. E tudo foi em vão. A roupa de cama estava queimada, mas quando a levaram dali, tinha as coxas de novo ensanguentadas. Era como se seu próprio corpo a tivesse denunciado a Joffrey, hasteando uma bandeira do carmim Lannister para o mundo inteiro ver.

Depois de apagarem o fogo, levaram o colchão de penas chamuscado, afastaram a maior parte da fumaça para fora do quarto e trouxeram uma banheira. Mulheres andaram para lá e para cá, murmurando e olhando-a de forma estranha. Encheram a banheira com água escaldando, banharam-na, lavaram seu cabelo e deram-lhe um pano para usar entre as pernas. Nessa altura, Sansa já estava calma, e envergonhada da loucura que a acometera. A fumaça tinha estragado a maior parte de suas roupas. Uma das mulheres saiu e voltou de lá com um vestido verde que era quase do seu tamanho.

– Não é tão bonito quanto as suas coisas, mas deve servir – anunciou quando o enfiou pela cabeça de Sansa. – Seus sapatos não estragaram, portanto, pelo menos não terá de ir descalça à presença da rainha.

Cersei Lannister estava tomando o desjejum quando Sansa foi introduzida em seu aposento privado.

– Pode se sentar – a rainha disse atenciosamente. – Está com fome? – indicou a mesa com um gesto. Havia mingau de aveia, mel, leite, ovos cozidos e peixe frito e crocante.

A visão da comida encheu Sansa de náuseas. Tinha um nó na barriga.

– Não, obrigada, Vossa Graça.

– Não a censuro. Entre Tyrion e Lorde Stannis, tudo o que como tem gosto de cinza. E agora também anda fazendo fogueiras. O que esperava conseguir?

Sansa abaixou a cabeça:

– O sangue assustou-me.

– O sangue é o sinal de sua condição feminina. A Senhora Catelyn

poderia tê-la preparado. Teve sua primeira floração, nada mais.

Sansa nunca tinha se sentido menos florida.

– A senhora minha mãe contou-me, mas eu… eu pensava que seria diferente.

– Diferente como?

– Não sei. Menos… menos sujo, e mais mágico.

A Rainha Cersei riu.

– Espere até dar à luz um filho, Sansa. A vida de uma mulher é nove partes de sujeira para uma de magia, deve aprender isso bem depressa… E as partes que parecem mágicas costumam se revelar as mais sujas de todas – ela bebeu um gole de leite. – Então agora é uma mulher. Será que faz a menor ideia do que isso significa?

– Significa que agora estou em condições de me casar, de dormir com o rei – Sansa respondeu –, e de lhe dar filhos.

A rainha deu um sorriso oblíquo:

– Uma perspectiva que já não a seduz como antes, pelo que vejo. Não a censurarei por isso. Joffrey sempre foi difícil. Até no nascimento… Trabalhei um dia e meio para dá-lo à luz. Não imagina a dor, Sansa. Gritei tão alto que imaginei que Robert conseguiria me ouvir na mata do rei.

– Sua Graça não estava com a senhora?

– Robert? Robert estava na caça. Era esse o seu costume. Sempre que meu tempo se aproximava, meu real esposo fugia para o meio das árvores com seus caçadores e cães de caça. Quando regressava, presenteava-me com umas peles ou uma cabeça de veado, e eu o presenteava com um bebê. Não que eu *quisesse* que ele ficasse, veja bem. Tinha o Grande Meistre Pycelle e um exército de parteiras, e o meu irmão. Quando diziam a Jaime que não lhe seria permitido acompanhar os partos, ele sorria e perguntava quem iria mantê-lo do lado de fora. Temo que Joffrey não lhe mostre nenhuma devoção que se assemelhe a isso. Poderia agradecer à sua irmã por isso, se não estivesse morta. Ele nunca conseguiu esquecer aquele dia no Tridente, quando a viu envergonhá-lo, e por isso envergonha você como troco. Mas você é mais forte do que parece. Confio que sobreviva a um pouco de humilhação. Eu sobrevivi. Pode nunca amar o rei, mas amará seus filhos.

– Eu amo Sua Graça de todo o coração – Sansa disse.

A rainha suspirou:

– É melhor que aprenda algumas mentiras novas, e depressa. Lorde Stannis não gostará dessa, garanto.

– O novo Alto Septão disse que os deuses nunca permitirão que Lorde Stannis vença, pois Joffrey é o legítimo herdeiro.

Um meio sorriso tremulou no rosto da rainha:

– Filho e herdeiro legítimo de Robert. Embora Joff chorasse

sempre que Robert o pegava. Sua Graça não gostava disso. Seus subordinados sempre balbuciaram alegremente para ele, e chuparam seu dedo quando o punha em suas bocas ilegítimas. Robert queria sorrisos e vivas, sempre, e por isso ia para onde os encontrava, para junto dos amigos e das prostitutas. Robert queria ser amado. Meu irmão Tyrion sofre da mesma doença. Quer ser amada, Sansa?

– Todo mundo quer ser amado.

– Vejo que a floração não a deixou mais esperta. Sansa, permita-me partilhar com você um pouco de sabedoria feminina neste dia tão especial. O amor é veneno. Um doce veneno, sim, mas mata do mesmo jeito.

Jon

Estava escuro no Passo dos Guinchos. Os grandes flancos de pedra das montanhas escondiam o sol durante a maior parte do dia, e eles avançavam pela sombra, com a respiração de homens e animais transformando-se em vapor no ar frio. Dedos gelados de água escorriam da neve que cobria o terreno mais elevado até pequenas poças congeladas que estalavam e se quebravam sob os cascos dos garranos. Às vezes viam algumas ervas daninhas que lutavam para se enraizar em alguma fenda da rocha, ou uma mancha de liquens de cor clara, mas não havia grama e estavam agora acima das árvores.

O caminho era tão íngreme quanto estreito, serpenteando sempre para cima. Onde o passo se apertava tanto que os cavaleiros tinham de seguir em fila indiana, o Escudeiro Dalbridge tomava a dianteira, examinando as alturas enquanto avançava, sempre com o arco ao alcance da mão. Dizia-se que ele tinha os olhos mais aguçados da Patrulha da Noite.

Fantasma caminhava desassossegadamente ao lado de Jon. De vez em quando parava e se virava, de orelhas levantadas, como se ouvisse qualquer coisa atrás deles. Jon pensava que os gatos-das-sombras não atacariam homens vivos, desde que não estivessem famintos, mas mesmo assim desatou a bainha de Garralonga.

Um arco de pedra cinza escavado pelo vento marcava o ponto mais elevado do passo. Naquele local, o caminho alargava-se ao começar a longa descida para o vale do Guadeleite. Qhorin decretou que descansariam ali até que as sombras voltassem a crescer.

– As sombras são amigas de homens vestidos de preto – ele disse.

Jon via sensatez naquilo. Seria agradável avançar com luz durante algum tempo, deixar que o brilhante sol da montanha embebesse seus mantos e afastasse o frio de seus ossos, mas não se atreviam. Onde havia três vigias podia haver outros, à espera de soar o alarme.

Cobra das Pedras enrolou-se sob seu esfarrapado manto de peles e adormeceu quase de imediato. Jon dividiu sua carne salgada com Fantasma, enquanto Ebben e o Escudeiro Dalbridge alimentavam os cavalos. Qhorin Meia-Mão sentou-se com as costas apoiadas numa rocha, amolando a espada com movimentos longos e lentos. Jon observou o patrulheiro por alguns momentos, depois, reuniu coragem e se dirigiu a ele.

– Senhor – disse –, nunca me perguntou como foi. Com a moça.

– Eu não sou senhor nenhum, Jon Snow – Qhorin deslizou a pedra pelo aço com sua mão de dois dedos.

– Ela disse que Mance me acolheria se eu fugisse com ela.

– Disse a verdade.

– Até disse que éramos parentes. Contou-me uma história…

– … sobre Bael, o Bardo, e a rosa de Winterfell. Foi o que Cobra das Pedras me contou. Acontece que eu conheço a canção. Mance costumava cantá-la, antigamente, quando voltava de uma patrulha. Tinha paixão pela música dos selvagens. Sim, e também por suas mulheres.

– Você o conheceu?

– Todos nós o conhecemos – a voz de Qhorin era triste.

Eram amigos além de irmãos, Jon compreendeu, *e agora são inimigos jurados*.

– Por que foi que ele desertou?

– Por uma mulher, dizem alguns. Outros dizem que foi por uma coroa – Qhorin testou o gume da espada com a base do polegar. – Gostava de mulheres, o velho Mance, e não era homem cujos joelhos se dobrassem facilmente, é verdade. Mas foi mais do que isso. Gostava mais da floresta do que da Muralha. Estava no seu sangue. Ele tinha nascido selvagem, levado ainda novo quando alguns corsários foram passados pela espada. Quando deixou a Torre Sombria, estava apenas voltando para casa.

– Era um bom patrulheiro?

– O melhor de todos nós – Meia-Mão respondeu –, e também o pior. Só palermas como Thoren Smallwood desprezam os selvagens. São tão corajosos como nós, Jon. Tão fortes, tão rápidos, tão inteligentes. Mas não têm disciplina. Chamam a si próprios de povo livre, e cada um se acha tão bom quanto um rei, e mais sábio do que um meistre. Mance era igual. Nunca aprendeu a obedecer.

– Tal como eu – Jon disse em voz baixa.

Os olhos argutos de Qhorin pareceram ver através dele.

– Então, deixou-a ir? – não parecia nem um pouco surpreso.

– Já sabia?

– Sei agora. Diga-me por que a poupou.

Era difícil colocar aquilo em palavras.

– Meu pai nunca usou um carrasco. Dizia que devia aos homens que matava olhá-los nos olhos e ouvir suas últimas palavras. E quando olhei Ygritte nos olhos… – Jon fitou as mãos, desamparado. – Sei que era inimiga, mas não havia mal nela.

– Não mais do que nos outros dois.

– Era a vida deles ou a nossa – Jon retrucou. – Se nos tivessem visto, se tivessem tocado aquele berrante…

– Os selvagens nos perseguiriam, e nos matariam, é verdade.

– Mas agora é Cobra das Pedras quem tem o berrante, e ficamos com a faca e o machado de Ygritte. Ela vem atrás de nós, a pé, desarmada…

– E não é provável que seja uma ameaça – Qhorin concordou. – Se tivesse necessitado dela morta, teria deixado a garota com Ebben, ou tratado eu mesmo do assunto.

– Então, por que ordenou que eu o fizesse?

– Não ordenei. Disse-lhe para fazer o que tinha de ser feito, e deixei que decidisse o que isso significava – Qhorin ficou de pé e voltou a enfiar a espada na bainha. – Quando quero uma montanha escalada, chamo Cobra das Pedras. Se tivesse de espetar uma flecha no olho de um inimigo qualquer do outro lado de um campo de batalha ventoso, chamaria o Escudeiro Dalbridge. Ebben pode fazer com que qualquer homem abra mão de seus segredos. Para liderar homens é preciso conhecê-los, Jon Snow. E eu conheço mais de você agora do que conhecia hoje de manhã.

– E se a tivesse matado? – Jon quis saber.

– Ela estaria morta, e eu o conheceria melhor do que antes. Mas basta de conversa. Você devia estar dormindo. Temos léguas a percorrer e perigos a enfrentar. Vai precisar de suas forças.

Jon achava que o sono não viria facilmente, mas sabia que Meia-Mão tinha razão. Encontrou um lugar protegido do vento, por baixo de uma saliência de rocha, e tirou o manto para usá-lo como cobertor.

– Fantasma – ele chamou. – Aqui. Junto – dormia sempre melhor com o grande lobo branco ao seu lado; havia conforto em seu cheiro, e um calor bem-vindo naquele hirsuto pelo claro. Daquela vez, no entanto, Fantasma limitou-se a olhar para ele. Depois, virou-se, rodeou os garranos, e num instante tinha desaparecido. *Quer caçar*, ele pensou. Talvez houvesse cabras naquelas montanhas. Os gatos-das-sombras tinham de viver de alguma coisa. – Vê se não tenta matar um gato – murmurou. Mesmo para um lobo gigante, isso seria perigoso. Puxou o manto por cima de si e estendeu-se sob a rocha.

Quando fechou os olhos, sonhou com lobos gigantes.

Havia cinco onde devia haver seis, e estavam espalhados, todos separados uns dos outros. Sentiu uma profunda sensação de vazio, de incompletude. A floresta era vasta e fria, e eles eram tão pequenos, tão perdidos. Os irmãos estavam longe, em algum lugar, e a irmã também, mas tinha perdido seus rastros. Sentou-se nos quartos traseiros e levantou a cabeça para o céu que escurecia, e seu choro ecoou pela floresta, um som longo, solitário e lamentoso. Enquanto o som morria, aguçou as orelhas, à escuta de uma resposta, mas o único ruído foi o suspiro da neve soprada pelo vento.

Jon?

O chamado veio de suas costas, mais baixo do que um sussurro, mas forte. Pode um grito ser silencioso? Virou a cabeça, em busca do irmão, de um vislumbre de uma silhueta esguia e cinzenta em movimento sob as árvores, mas nada havia, só…

Um represeiro.

Parecia ter brotado da rocha sólida, com as raízes brancas contorcendo-se de uma miríade de fissuras e rachaduras finas como fios de cabelo. A árvore era fina comparada com outros represeiros que tinha visto antes, pouco mais do que um broto, mas crescia diante de seus olhos, com os galhos engrossando à medida que se estendiam para o céu. Com prudência, deu a volta no tronco branco e liso até encontrar o rosto. Olhos vermelhos olhavam-no. Eram olhos ferozes, mas satisfeitos por vê-lo. O represeiro tinha o semblante do irmão. Teria o irmão sempre tido três olhos?

Nem sempre, disse o grito silencioso. *Antes do corvo não tinha.*

Farejou a casca da árvore, tinha cheiro de lobo, árvore e garoto, mas por trás desses odores havia outros, o cheiro rico e marrom da terra tépida, e o duro e cinza da pedra, e algo mais, algo terrível. Morte, compreendeu. Estava cheirando a morte. Retraiu-se, com o pelo eriçado, e mostrou os dentes.

Não tenha medo, eu gosto do escuro. Ninguém o vê, mas você vê todo mundo. Mas primeiro tem de abrir os olhos. Vê? Assim. E a árvore estendeu um galho e tocou nele.

E de repente estava de volta nas montanhas, com as patas profundamente enterradas em neve soprada pelo vento, à beira de um grande precipício. À sua frente, o Passo dos Guinchos abria-se numa amplidão arejada, e um longo vale em forma de V espalhava-se abaixo como uma colcha, inundado por todas as cores de uma tarde de Outono.

Uma vasta muralha azul-esbranquiçada encobria uma das extremidades do vale, espremida entre as montanhas como se as tivesse afastado com os ombros, e por um momento pensou que estava de volta a Castelo Negro. Então compreendeu que estava olhando para um rio de gelo com mais de mil metros de altura. Na base desse resplandecente penhasco de gelo havia um grande lago, cujas profundas águas cor de cobalto refletiam os picos cobertos de neve que o rodeavam. Via agora que havia homens no vale; muitos, milhares deles, uma tropa enorme. Alguns faziam grandes buracos no terreno meio gelado, enquanto outros treinavam para a guerra. Observou uma multidão de cavaleiros investindo contra uma muralha de escudos, montados em cavalos que não eram maiores do que formigas. O som daquela batalha de mentira era um restolhar de folhas de aço, que flutuava, tênue, soprado pelo vento. O acampamento não tinha um plano; não viu valas, nem estacas afiadas, nem fileiras ordenadas de cavalos. Abrigos de terra improvisados e tendas de pele brotavam ao acaso por toda parte, como feridas de varíola na face na terra. Observou montes desordenados de feno, sentiu o cheiro de cabras e ovelhas, cavalos e porcos, cães em grande

profusão. Fiapos de fumaça escura erguiam-se de um milhar de fogueiras de cozinha.

Isso não é mais um exército do que é uma vila. É um monte de gente que se juntou.

Do outro lado do grande lago, um dos montes se mexeu. Observou-o com mais atenção e viu que não era terra, mas uma coisa viva, um animal hirsuto e pesado, com uma serpente no lugar do nariz e presas maiores do que as do maior javali que alguma vez já viveu. E a coisa que o montava era também enorme, com uma silhueta errada, larga demais nas pernas e ancas para ser um homem.

Então, uma súbita rajada de vento frio fez com que seu pelo se eriçasse, e o ar vibrou com o som de asas. Ao levantar os olhos para a montanha branca como gelo, uma sombra precipitou-se do céu. Um grito estridente cortou o ar. Vislumbrou pontas de asas azul-acinzentadas muito abertas, escondendo o sol…

– *Fantasma!* – Jon gritou, sentando-se. Ainda sentia as garras, a *dor*. – Fantasma, aqui!

Ebben apareceu, agarrou-o, e o sacudiu.

– Silêncio! Quer fazer com que os selvagens caiam sobre nós? O que acontece contigo, rapaz?

– Um sonho – disse Jon com uma voz débil. – Eu era o Fantasma, estava na borda de uma montanha olhando para baixo, para um rio congelado, e alguma coisa me atacou. Uma ave… uma águia, acho…

O Escudeiro Dalbridge sorriu:

– Nos meus sonhos são sempre mulheres bonitas. Gostaria de sonhar mais vezes.

Qhorin aproximou-se:

– Falou de um rio gelado?

– O Guadeleite nasce num grande lago no sopé de um glaciar – informou Cobra das Pedras.

– Havia uma árvore com o rosto do meu irmão. Os selvagens… eram *milhares*, mais do que eu pensava que pudesse existir. E gigantes montados em mamutes – julgando pelo modo como a luz havia mudado, Jon calculou ter dormido quatro ou cinco horas. Doíam sua cabeça e sua nuca, onde as garras tinham queimado o interior da carne. *Mas isso foi no sonho.*

– Conte-me tudo aquilo de que se lembrar, do início ao fim – Qhorin Meia-Mão pediu.

Jon ficou confuso.

– Foi só um sonho.

– Um sonho de lobo – disse Meia-Mão. – Craster disse ao Senhor Comandante que os selvagens estavam se reunindo na nascente do Guadeleite. Pode ser por isso que teve esse sonho. Ou pode ser que tenha visto aquilo que nos espera, algumas horas mais à frente. Conte.

Jon sentiu-se meio tolo por falar daquelas coisas a Qhorin e aos outros patrulheiros, mas fez o que lhe era ordenado. No entanto, nenhum dos irmãos negros riu dele. Quando acabou, até o Escudeiro Dalbridge tinha perdido o sorriso.

– Troca-peles? – sugeriu Ebben em tom sombrio, olhando para Meia-Mão. *Está falando da águia?*, Jon perguntou a si mesmo. *Ou de mim?* O lugar dos troca-peles e *wargs* eram as histórias da Velha Ama, não o mundo onde tinha vivido toda a vida. Mas ali, naquela estranha e erma região de rocha e gelo, não era difícil acreditar.

– Os ventos frios estão se levantando. Era o que Mormont temia. Benjen Stark também sentia isso. Os mortos caminham e as árvores voltaram a ter olhos. Por que deveríamos descrer de *wargs* e gigantes?

– Isso quer dizer que os meus sonhos também são reais? – perguntou o Escudeiro Dalbridge. – Lorde Snow pode ficar com os seus mamutes, eu quero as minhas mulheres.

– Servi na Patrulha quando homem e rapaz, e fui tão longe em patrulha como qualquer outro – Ebben voltou a falar. – Vi os ossos de gigantes, e ouvi muitas histórias estranhas, mas nada mais. Quero vê-los com meus próprios olhos.

– Tome cuidado para que não o vejam, Ebben – Cobra das Pedras alertou-o.

Fantasma não retornou antes de voltarem a se pôr em marcha. Nessa altura, as sombras já cobriam o fundo do passo, e o sol afundava-se rapidamente na direção dos recortados picos gêmeos da enorme montanha que os patrulheiros chamavam de Ponta de Forquilha. *Se o sonho tiver sido real…* Até a ideia assustava Jon. Seria possível que a águia tivesse machucado Fantasma? Poderia tê-lo atirado ao precipício? E o represeiro com o semblante do irmão, que tinha cheiro de morte e escuridão?

O último raio de sol desapareceu atrás dos picos da Ponta de Forquilha. O ocaso encheu o Passo dos Guinchos. Pareceu ficar mais frio quase de imediato. Já não subiam. Na verdade, o terreno começava a descer, ainda que por enquanto não muito. Estava repleto de fendas, pedregulhos e pilhas de pedra caída. *Em breve ficará escuro, e ainda não há sinal do Fantasma*. Aquilo estava acabando com Jon, mas não se atrevia a gritar pelo lobo gigante como gostaria de fazer. Outras coisas também podiam estar à escuta.

– Qhorin – chamou o Escudeiro Dalbridge em voz baixa. – Ali. Olha.

A águia estava empoleirada num espinhaço de rocha muito acima deles, delineada contra o céu que escurecia. *Vimos outras águias*, Jon pensou. *Aquela não precisa ser a que vi em meu sonho*.

Mesmo assim, Ebben queria atirar uma flecha nela, mas o escudeiro o impediu.

– A ave está muito além do alcance do arco.

– Não gosto de vê-la nos observando.

O escudeiro encolheu os ombros.

– Nem eu, mas você não vai impedi-la. Só vai desperdiçar uma boa flecha.

Qhorin ficou parado, estudando a águia durante muito tempo.

– Avançamos – ele disse por fim. Os patrulheiros reataram a descida.

Fantasma, Jon quis gritar, *cadê você?*

Preparava-se para seguir Qhorin e os outros quando vislumbrou um relâmpago branco entre dois pedregulhos. *Um montículo de neve velha*, pensou, até que a viu agitar-se. Saltou do cavalo na hora. No momento em que se ajoelhou, Fantasma levantou a cabeça. Seu pescoço cintilava, úmido, mas não soltou um som quando Jon tirou uma luva e o tocou. As garras tinham aberto um caminho sangrento através de pelo e carne, mas a ave não tinha sido capaz de quebrar seu pescoço.

Qhorin Meia-Mão estava em pé junto a ele.

– Como é que ele está?

Como que em resposta, Fantasma levantou-se com dificuldade.

– O lobo é forte – o patrulheiro observou. – Ebben, água. Cobra das Pedras, o seu odre de vinho. Mantenha-o imóvel, Jon.

Juntos, lavaram o sangue coagulado do pelo do lobo gigante. Fantasma sacudiu-se e mostrou os dentes quando Qhorin despejou o vinho nos irregulares ferimentos vermelhos que os golpes da águia lhe deixara, mas Jon o envolveu nos braços e murmurou palavras para acalmá-lo, e rapidamente o lobo sossegou. Quando rasgaram um pedaço do manto de Jon para cobrir suas feridas, a escuridão caíra por completo. Só uma poeira de estrelas permitia distinguir o negro do céu do negro da rocha.

– Prosseguimos? – quis saber Cobra das Pedras.

Qhorin dirigiu-se ao garrano.

– Adiante não, para trás.

– Para trás? – Jon foi pego de surpresa.

– As águias têm olhos mais penetrantes do que os homens. Fomos vistos. Portanto, agora fugimos – Meia-Mão enrolou um longo cachecol negro em volta da cabeça e saltou para a sela.

Os outros patrulheiros trocaram olhares, mas nenhum dos homens pensou em discutir. Um por um, todos montaram e viraram as montarias para casa.

– Fantasma, vem – chamou Jon, e o lobo gigante o seguiu, uma sombra clara deslocando-se pela noite.

Avançaram por toda a noite, tateando o caminho ao longo do passo retorcido e através das extensões de solo rachado. O vento foi se

tornando mais forte. Por vezes, ficava tão escuro que desmontavam e seguiam a pé, cada um levando seu garrano pelas rédeas. Uma vez, Ebben sugeriu que algumas tochas poderiam servi-los bem, mas Qhorin disse: “Nada de fogo”, e foi o fim da conversa. Chegaram à ponte de pedra do cume, e recomeçaram a descer. No meio das trevas, um gato-das-sombras gritou de fúria, com a voz reverberando nas pedras, fazendo parecer que uma dúzia de outros gatos estavam respondendo. Uma vez, Jon pensou ter visto um par de olhos cintilantes numa saliência acima dele, grandes como a lua cheia de Outono.

Na hora negra que antecedia a alvorada, pararam para deixar que os cavalos bebessem, e os alimentaram com um punhado de aveia e um maço ou dois de feno.

– Não estamos longe do local onde os selvagens morreram – Qhorin avisou. – Daqui, um homem poderia conter uma centena. O homem certo – e olhou para o Escudeiro Dalbridge.

O escudeiro inclinou a cabeça:

– Deixem-me todas as flechas de que possam dispor, irmãos – ele tocou no arco. – E deem uma maçã ao meu garrano quando chegar em casa. Ele merece, pobre animal.

Ele vai ficar para morrer, Jon compreendeu.

Qhorin apertou o antebraço do escudeiro com uma mão enluvada.

– Se a águia descer para vê-lo melhor…

– … vai ganhar algumas penas novas.

A última coisa que Jon viu do Escudeiro Dalbridge foram suas costas enquanto ele escalava o estreito caminho que levava às alturas.

Quando a aurora veio, Jon olhou para um céu sem nuvens e viu um ponto em movimento através do azul. Ebben também o viu, e praguejou, mas Qhorin disse-lhe para ficar calado.

– Escute.

Jon prendeu a respiração e ouviu. Longe e atrás deles, o chamado de um berrante ecoou nas montanhas.

– E agora eles vêm – Qhorin concluiu.

Tyrion

Pod vestiu-o para a provação numa túnica de veludo molhado no carmesim dos Lannister e trouxe-lhe o colar de seu cargo. Tyrion deixou-o na mesa de cabeceira. A irmã não apreciava ser lembrada de que ele era a Mão do Rei, e ele não desejava inflamar ainda mais a relação entre ambos.

Varys alcançou-o enquanto atravessava o pátio.

– Senhor – disse o eunuco, um pouco ofegante. – É melhor que leia isto imediatamente – estendeu-lhe um pergaminho na sua suave mão branca. – Um relatório vindo do norte.

– Boas ou más notícias? – Tyrion perguntou.

– Não me compete julgar isso.

Tyrion desenrolou o pergaminho. Teve de semicerrar os olhos para ler as palavras no pátio iluminado por archotes.

– Que os deuses sejam bons – disse em voz baixa. – Os dois?

– Temo que sim, senhor. É tão triste. Tão dolorosamente triste. E eles tão novos e inocentes.

Tyrion recordou-se de como os lobos uivaram quando o garoto Stark caíra. *Pergunto-me se estarão uivando agora*.

– Informou mais alguém? – Tyrion quis saber.

– Ainda não, embora seja claro que eu tenha de fazer isso.

Tyrion enrolou a carta.

– Eu contarei a minha irmã – queria ver como ela receberia a notícia. Queria muito ver isso.

A rainha estava especialmente bela naquela noite. Usava um vestido decotado de veludo, num tom profundo de verde que realçava a cor de seus olhos. Seus cabelos dourados caíam sobre seus ombros nus, e em volta da cintura usava um cinto trançado incrustado de esmeraldas. Tyrion esperou até ela ter se sentado e se servido de uma taça de vinho antes de pôr a carta em sua frente. Não disse uma palavra. Cersei olhou para ele, piscando de forma inocente, e tirou o pergaminho de sua mão.

– Suponho que esteja satisfeita – ele disse enquanto a irmã lia. – Creio que queria o garoto Stark morto.

Cersei fez uma expressão amargurada.

– Foi Jaime quem o atirou daquela janela, não eu. Por amor, ele disse, como se isso me agradasse. Foi uma burrice, e perigosa, mas quando foi que seu querido irmão alguma vez parou para pensar?

– O garoto os viu – Tyrion retrucou.

– Era uma criança. Podia tê-lo levado ao silêncio assustando-o – ela olhou pensativa para a carta. – Por que tenho de aguentar acusações sempre que um Stark dá uma topada com o dedão do pé?

Isso foi trabalho do Greyjoy, não tive nada a ver com o assunto.

– Esperemos que a Senhora Catelyn acredite nisso.

Os olhos dela abriram-se mais.

– Ela não…

– … mataria Jaime? Por que não? O que você faria se Joffrey e Tommen fossem assassinados?

– Eu ainda tenho Sansa! – a rainha declarou.

– Nós ainda temos Sansa – corrigiu-a Tyrion. – E é bom que a tratemos bem. Bom, e onde está esse jantar que me prometeu, querida irmã?

A mesa de Cersei era saborosa, isso não podia ser negado. Começaram com uma sopa cremosa de castanhas, pão quente e crocante e verduras com maçãs e pinhões. Depois, veio uma torta de lampreia, pernil de porco com mel, cenouras amanteigadas, feijão branco com bacon, e cisne assado recheado de cogumelos e ostras. Tyrion foi extremamente cortês; ofereceu à irmã os melhores pedaços de todos os pratos, e assegurou-se de só comer o que ela comia. Não que realmente pensasse que ela o envenenaria, mas ser cuidadoso nunca fizera mal a ninguém.

Tyrion podia ver que as notícias sobre os Stark tinham azedado Cersei.

– Não tivemos notícias de Ponteamarga? – ela perguntou, ansiosa, enquanto espetava um pouco de maçã com a ponta do punhal e comia em pequenas e delicadas mordidas.

– Nenhuma.

– Nunca confiei no Mindinho. Por moedas suficientes, passará para o lado de Stannis num piscar de olhos.

– Stannis Baratheon é honrado demais para comprar homens. Nem seria um senhor confortável para alguém como Petyr. Essa guerra criou alguns estranhos companheiros de cama, concordo, mas aqueles dois? Não.

Enquanto ele cortava algumas fatias do pernil, Cersei disse:

– Temos de agradecer o porco à Senhora Tanda.

– Um sinal de amor?

– Um suborno. Suplica autorização para voltar ao seu castelo. Quer a sua, e a minha. Suspeito que tema que você a prenda na estrada, como fez com Lorde Gyles.

– Será que planeja partir na companhia do herdeiro do trono? – Tyrion serviu à irmã uma fatia de pernil e serviu-se de outra. – Preferia que ela ficasse. Se quiser se sentir segura, diga-lhe que traga a guarnição de Stokeworth. Tantos homens quantos tiver.

– Se precisamos tanto assim de homens, por que mandou seus selvagens embora? – uma certa irritação insinuou-se na voz de Cersei.

– Foi o melhor uso que podia lhes dar – Tyrion respondeu com

sinceridade. – São guerreiros ferozes, mas não são soldados. Em batalha formal, a disciplina é mais importante do que a coragem. Já nos beneficiaram mais na mata do rei do que o teriam feito nas muralhas da cidade.

Enquanto o cisne era servido, a rainha o interrogou a respeito da conspiração dos Homens Chifrudos. Parecia mais irritada do que temerosa.

– Por que temos de ser atormentados com tantas traições? Que mal a Casa Lannister fez a esses desgraçados?

– Nenhum, mas julgam estar do lado vencedor… O que faz com que sejam tão burros quanto traidores.

– Tem certeza de que encontrou todos?

– Varys diz que sim – o cisne estava temperado demais para o seu gosto.

Uma linha surgiu na pálida testa branca de Cersei, entre aqueles adoráveis olhos.

– Deposita confiança em excesso nesse eunuco.

– Ele serve-me bem.

– Pelo menos é o que quer levá-lo a crer. Acha que é o único a quem ele murmura segredos? Dá a todos nós o bastante para nos convencer de que ficaríamos impotentes sem ele. Jogou o mesmo jogo comigo, logo depois de me casar com Robert. Durante anos estive convencida de que não tinha melhor amigo na corte, mas agora… – estudou seu rosto por um momento. – Ele diz que você pretende afastar Cão de Caça de Joffrey.

Maldito Varys.

– Preciso de Clegane para tarefas mais importantes.

– Nada é mais importante do que a vida do rei.

– A vida do rei não corre perigo. Joff terá o bravo Sor Osmund guardando-o, e também Meryn Trant – *não prestam para mais nada*. – Preciso de Balon Swann e do Cão de Caça para liderar surtidas, a fim de nos assegurarmos de que Stannis não obtenha um palmo de terra deste lado da Água Negra.

– Jaime lideraria as surtidas em pessoa.

– A partir de Correrrio? Isso seria uma surtida e tanto.

– Joff é só um garoto.

– Um garoto que quer participar dessa batalha, e por uma vez mostra algum bom-senso. Não pretendo colocá-lo no centro da luta, mas ele precisa ser visto. Os homens lutam com mais vigor por um rei que partilha de seus perigos do que por um que se esconde atrás das saias da mãe.

– Ele tem *treze* anos, Tyrion.

– Lembra-se de Jaime com treze anos? Se quer que o rapaz seja filho de seu pai, deixe-o desempenhar o papel. Joff usa a melhor

armadura que o ouro pode comprar, e terá uma dúzia de mantos dourados à sua volta a qualquer momento. Se parecer que a cidade tem o menor perigo de cair, mandarei escoltá-lo imediatamente para a Fortaleza Vermelha.

Pensara que aquilo a sossegaria, mas não encontrou sinal de prazer naqueles olhos verdes.

– A cidade *irá* cair?

– Não – *mas, se cair, reze para que consigamos defender a Fortaleza Vermelha durante tempo suficiente para que o senhor nosso pai marche em nosso auxílio.*

– Já mentiu para mim antes, Tyrion.

– Sempre por bons motivos, querida irmã. Desejo tanto quanto você a amizade entre nós. Decidi libertar Lorde Gyles – mantivera Gyles a salvo precisamente para aquele gesto. – Pode ter também de volta Sor Boros Blount.

A boca da rainha apertou-se.

– Sor Boros pode apodrecer em Rosby, mas Tommen…

– … fica onde está. Ele está mais seguro sob a proteção de Lorde Jacelyn do que jamais estaria com Lorde Gyles.

Criados levaram o cisne, quase intocado. Cersei pediu os doces com um gesto.

– Espero que goste de torta de amoras pretas.

– Gosto de todos os tipos de torta.

– Ah, sei disso há muito tempo. Sabe por que é que Varys é tão perigoso?

– Agora é um jogo de adivinhas? Não.

– Não tem pau.

– Nem você – *e não odeia esse fato, Cersei?*

– Talvez também seja perigosa. Você, por outro lado, é um idiota tão grande como qualquer outro homem. Esse verme tem entre as pernas metade de suas ideias.

Tyrion lambeu as migalhas dos dedos. Não gostava do sorriso da irmã.

– Sim, e agora mesmo meu verme está pensando que talvez seja hora de me retirar.

– Não está bem, irmão? – ela se inclinou para a frente, oferecendo-lhe uma boa visão da parte de cima dos seios. – De repente parece um pouco agitado.

– Agitado? – Tyrion olhou de relance para a porta. Pensou ter ouvido qualquer coisa lá fora. Começava a se arrepender de ter vindo sozinho. – Nunca tinha mostrado grande interesse pelo meu pau.

– Não é tanto o seu pau que me interessa, é mais aquilo em que o enfia. Não dependo do eunuco para tudo, como você. Tenho as minhas próprias formas de saber das coisas… Especialmente de coisas que as

pessoas não querem que eu saiba.

– O que está tentando dizer?

– Só isto… *tenho a sua putinha.*

Tyrion estendeu a mão para a taça de vinho, ganhando um momento para reunir os pensamentos.

– Achava que os homens eram mais do seu gosto.

– É um tipinho tão engraçado. Diga, já se casou com esta? – quando o irmão não lhe deu resposta, ela riu e disse: – O pai ficará muito aliviado.

Sentia a barriga como se estivesse cheia de enguias. Como ela teria encontrado Shae? Teria sido traído por Varys? Ou teriam todas as suas precauções sido desfeitas pela impaciência na noite em que havia cavalgado diretamente até a mansão?

– Por que você se importaria com quem eu escolho para aquecer minha cama?

– Um Lannister paga sempre as suas dívidas. Tem andado conspirando contra mim desde o dia em que chegou a Porto Real. Vendeu Myrcella, raptou Tommen, e agora planeja a morte de Joff. Quer vê-lo morto para poder governar através de Tommen.

Bem, não posso dizer que a ideia não seja tentadora.

– Isso é uma loucura, Cersei. Stannis estará aqui dentro de dias. Precisa de mim.

– Para quê? O seu grande heroísmo em batalha?

– Os mercenários de Bronn nunca lutarão sem mim – ele mentiu.

– Ah, eu acho que lutarão. É o ouro que amam, não a sua esperteza de duende. Mas não tenha medo, eles não estarão sem você. Não direi que não pensei por diversas vezes em cortar sua garganta, mas Jaime nunca me perdoaria se fizesse isso.

– E a rameira? – não queria tratá-la pelo nome. *Se conseguir convencê-la de que Shae não significa nada para mim, talvez…*

– Será tratada com bastante gentileza, desde que nenhum mal aconteça aos meus filhos. Mas se Joff for morto, ou se Tommen cair nas mãos de nossos inimigos, sua putinha morrerá mais dolorosamente do que é capaz de imaginar.

Ela realmente acredita que pretendo matar meu próprio sobrinho.

– Os garotos estão em segurança – garantiu-lhe com uma voz cansada. – Pela bondade dos deuses, Cersei, eles pertencem ao meu próprio sangue! Por que tipo de homem me toma?

– Por um pequeno e pervertido.

Tyrion fitou as borras no fundo de sua taça de vinho. *O que Jaime faria em meu lugar?* Mataria a vaca, provavelmente, e se preocuparia depois com as consequências. Mas Tyrion não possuía espada dourada, nem a habilidade para manejá-la. Adorava a ira temerária do irmão, mas era o senhor seu pai que devia tentar usar como modelo. *Pedra,*

devo ser pedra, devo ser um Rochedo Casterly, duro e inabalável. Se falhar nesse teste, é melhor procurar o circo de aberrações mais próximo.

– Pelo que sei, pode perfeitamente já tê-la matado.

– Gostaria de vê-la? Pensei que sim – Cersei atravessou a sala e escancarou a pesada porta de carvalho. – Traga a vadia do meu irmão.

Os irmãos de Sor Osmund, Osney e Osfryd, eram o retrato perfeito um do outro, homens altos, com nariz adunco, cabelos escuros e sorriso cruel. Ela pendia entre eles, de olhos muito abertos e brancos em seu rosto escuro. Escorria sangue de seu lábio aberto, e Tyrion conseguia ver hematomas através das roupas rasgadas. Suas mãos estavam atadas com cordas, e tinham-na amordaçado para que não falasse.

– Disse que não seria machucada.

– Ela lutou – ao contrário dos irmãos, Osney Kettleblack estava perfeitamente barbeado, e viam-se bem os arranhões no rosto despido de pelos. – Esta aqui tem garras como as de um gato-das-sombras.

– Os hematomas somem – Cersei disse num tom entediado. – A vadia sobreviverá. Desde que Joff sobreviva.

Tyrion quis rir dela. Teria sido tão bom, tão, mas tão bom, mas isso significaria entregar o jogo. *Perdeu, Cersei, e os Kettleblack são idiotas ainda maiores do que Bronn dizia*. Só precisava dizer as palavras.

Em vez disso, olhou para a garota e disse:

– Jura que a libertará depois da batalha?

– Se libertar Tommen, sim.

Tyrion ficou de pé:

– Então fique com ela, mas mantenha-a em segurança. Se esses animais julgam que podem usá-la… Bem, querida irmã, deixe-me só reforçar que uma balança pende para os dois lados – seu tom de voz era calmo, monocórdio, indiferente; tinha procurado a voz do pai, e a encontrou. – O que quer que lhe aconteça acontecerá também a Tommen, e isso inclui espancamentos e violações – *se me considera tão monstruoso, desempenharei o papel para ela*.

Cersei não esperava aquilo:

– Não se atreveria.

Tyrion obrigou-se a sorrir, um sorriso lento e frio. Verde e negro, seus olhos riram dela.

– Atrever? Vou fazê-lo em pessoa.

A mão da irmã avançou sobre seu rosto, mas ele pegou seu pulso e o torceu, até ela gritar. Osfryd moveu-se em seu auxílio.

– Mais um passo e quebro o braço dela – o anão o preveniu. O homem parou. – Lembra-se de quando lhe disse que não voltaria a me bater, Cersei? – atirou-a ao chão e virou-se para os Kettleblack: – Desamarrem-na, e tirem essa mordaça.

A corda estava tão apertada que tinha impedido seu sangue de

chegar às mãos. A moça gritou de dor quando a circulação voltou. Tyrion massageou seus dedos suavemente até a sensibilidade voltar.

– Querida – disse –, precisa ter coragem. Lamento que a tenham machucado.

– Eu sei que me libertará, senhor.

– Libertarei – ele prometeu, e Alayaya dobrou-se e lhe deu um beijo na testa. Seus lábios feridos deixaram uma mancha de sangue onde o tocaram. *Um beijo ensanguentado é mais do que eu mereço*, pensou Tyrion. *Ela nunca teria sofrido se não fosse por minha causa*.

O sangue dela ainda o manchava quando olhou para a rainha.

– Nunca gostei de você, Cersei, mas era minha irmã, e nunca lhe fiz nenhum mal. Você acabou com isso. Vou feri-la por causa disto. Ainda não sei como, mas dê-me tempo. Chegará um dia em que você vai se achar a salvo e feliz, e de repente a alegria vai se transformar em cinzas na sua boca, e saberá que a dívida está paga.

Na guerra, dissera-lhe o pai um dia, a batalha acaba no instante em que um exército cede e foge. Não importa que continuem a ser tão numerosos como eram no momento anterior, ainda com armas e armaduras; uma vez que fugiram à nossa frente, não retornarão para lutar. Aconteceu o mesmo com Cersei.

– Sai! – foi toda a resposta que conseguiu encontrar. – Sai da minha vista!

Tyrion fez uma reverência:

– Então, boa noite. E tenha sonhos agradáveis.

Dirigiu-se à Torre da Mão com mil pés de aço marchando através do seu crânio. *Devia ter previsto isso da primeira vez em que me enfiei pela parte de trás do guarda-roupa de Chataya*. Talvez não tivesse *querido* ver. Suas pernas doíam fortemente no fim da subida. Mandou Pod buscar um jarro de vinho e abriu caminho até o quarto.

Shae estava sentada de pernas cruzadas na cama de dossel, vestida apenas com o pesado colar de ouro que se encurvava em volta de seus seios: uma corrente de mãos de ouro interligadas, cada uma agarrando a seguinte.

Tyrion não a esperava:

– O que está fazendo aqui?

Rindo, ela afagou o colar.

– Quis sentir mãos em meus peitinhos… Mas essas pequeninas mãos de ouro são frias.

Por um momento Tyrion não soube o que dizer. Como podia lhe dizer que outra mulher recebera o espancamento que lhe era destinado, e bem podia morrer no seu lugar caso algum infortúnio de batalha caísse sobre Joffrey? Limpou o sangue de Alayaya da testa com a parte inferior da mão.

– A Senhora Lollys…

– Está dormindo. Dormir é tudo o que quer fazer, a grande vaca. Dorme e come. Às vezes adormece enquanto está comendo. A comida cai para dentro de sua manta e ela *rola* em cima, e tenho de limpá-la – fez uma cara enojada. – Tudo o que fizeram foi *fodê-la*.

– A mãe diz que está doente.

– Tem um bebê na barriga, é só isso.

Tyrion olhou em volta. Tudo parecia estar como tinha deixado.

– Como foi que entrou? Mostre-me a porta escondida.

Ela encolheu os ombros:

– Lorde Varys obrigou-me a usar um capuz. Não vi nada, a não ser… houve um lugar, consegui espiar o chão pela parte de baixo do capuz. Era todo de pedrinhas, sabe, daquelas que fazem um desenho?

– Um mosaico?

Shae anuiu:

– Eram coloridas em vermelho e preto. Acho que a imagem era um dragão. Fora isso, estava tudo escuro. Descemos uma escada e andamos muito, até me deixar toda desorientada. Uma vez paramos para ele destrancar um portão de ferro. Raspei contra ele quando atravessamos. O dragão estava depois do portão. Depois, subimos outra escada, com um túnel no topo. Tive de me abaixar, e acho que Lorde Varys estava rastejando.

Tyrion fez uma ronda pelo quarto. Uma das arandelas parecia solta. Ficou nas pontas dos pés e tentou virá-la. Rodou lentamente, raspando contra a parede de pedra. Quando ficou de ponta-cabeça, o coto da vela caiu. As esteiras espalhadas pelo chão frio de pedra não pareciam mostrar nenhuma perturbação especial.

– O senhor não quer se deitar comigo? – Shae perguntou.

– Dentro de um momento – Tyrion escancarou o guarda-roupa, afastou as roupas e empurrou o painel do fundo. O que funcionava num bordel podia também funcionar num castelo… Mas não, a madeira era sólida e não cedia. Uma pedra junto ao banco da janela atraiu seu olhar, mas todos os seus empurrões e pancadas de nada serviram. Voltou para a cama frustrado e aborrecido.

Shae desapertou seus cordões e atirou os braços em torno de seu pescoço.

– Seus ombros estão duros como pedras – murmurou. – Depressa, quero senti-lo dentro de mim – mas quando as pernas dela se apertaram em volta de sua cintura, a virilidade o abandonou. Quando o sentiu amolecendo, Shae enfiou-se nos lençóis e colocou-o na boca, mas nem mesmo isso conseguiu despertá-lo.

Após alguns momentos, ele fez Shae parar.

– O que foi? – ela perguntou. Toda a doce inocência do mundo estava escrita ali, nas feições de seu jovem rosto.

Inocência? Idiota, ela é uma prostituta, Cersei tinha razão, você pensa

com o pau, idiota, idiota.

– Vá dormir, querida – Tyrion disse, afagando seu cabelo. Mas muito depois de Shae ter seguido seu conselho, ele ainda estava acordado, com os dedos em taça em volta de um pequeno seio enquanto escutava o som de sua respiração.

Catelyn

O Grande Salão de Correrrio era um lugar solitário para duas pessoas se sentarem para jantar. Profundas sombras decoravam as paredes. Um dos archotes tinha se apagado, deixando apenas três. Catelyn fitava sua taça de vinho. A safra tinha gosto aguado e amargo. Brienne estava sentada na sua frente. Entre ambas, o cadeirão do pai encontrava-se tão vazio como o resto do salão. Até os criados tinham desaparecido. Ela lhes tinha dado licença para se juntarem à celebração.

As paredes da fortaleza eram espessas, mas mesmo assim conseguiam ouvir os sons abafados dos festejos vindos do pátio lá fora. Sor Desmond tinha trazido vinte barris da adega, e o povo celebrava o iminente regresso de Edmure e a conquista do Despenhadeiro por Robb, erguendo cornos de cerveja escura.

Não posso censurá-los, pensou Catelyn. *Eles não sabem. E, se soubessem, por que haveriam de se importar? Nunca conheceram meus filhos. Nunca viram Bran escalando, com o coração na boca, orgulho e terror tão misturados que pareciam um só sentimento, nunca o ouviram rir, nunca sorriram ao ver Rickon tentar com toda a força ser como os irmãos mais velhos*. Fitou o jantar que tinha diante de si: truta enrolada em bacon, salada de nabo, funcho vermelho e capim-doce, ervilhas, cebolas e pão quente. Brienne comia metodicamente, como se o jantar fosse outra tarefa a cumprir. *Tornei-me uma mulher amarga*, Catelyn pensou. *Não retiro nenhuma satisfação da comida ou da bebida, e as canções e os risos transformaram-se em estranhos que são suspeitos para mim. Sou uma criatura de dor, pó e amargas saudades. Há um vazio dentro de mim onde um dia tive o coração.*

O ruído que a outra mulher fazia ao comer tinha se tornado intolerável para ela.

– Brienne, não sou uma boa companhia. Vá se juntar aos festejos, se quiser. Beba um corno de cerveja e dance ao som da harpa de Rymund.

– Não fui feita para festejos, senhora – as grandes mãos da jovem partiram um naco de pão preto. Brienne encarou os pedaços como se tivesse se esquecido do que eram. – Se ordenar, eu…

Catelyn conseguia sentir seu desconforto.

– Só pensei que poderia apreciar uma companhia mais feliz do que a minha.

– Estou bastante satisfeita – a garota usou o pão para recolher um pouco da gordura do bacon em que a truta tinha sido frita.

– Chegou outra ave hoje de manhã – Catelyn não sabia por que tinha dito aquilo. – O meistre acordou-me imediatamente. Foi um ato

cumpridor, mas não gentil. Não foi nada gentil – não quisera contar a Brienne. Ninguém sabia além dela e de Meistre Vyman, e tinha a intenção de manter as coisas assim até… até…

Até o quê? Mulher tola, será que guardar um segredo no coração o torna menos verdadeiro? Se nunca contar, nunca falar dele, vai se tornar apenas um sonho, menos do que um sonho, um pesadelo parcialmente recordado? Ah, se ao menos os deuses pudessem ser bons assim.

– São notícias de Porto Real? – Brienne perguntou.

– Bem gostaria que fossem. A ave veio do Castelo Cerwyn, de Sor Rodrik, meu castelão – *asas escuras, palavras escuras*. – Reuniu o poderio que pôde e vai marchar contra Winterfell, a fim de retomar o castelo – como tudo aquilo parecia pouco importante. – Mas disse… escreveu… contou-me, ele…

– Senhora, o que é? São notícias de seus filhos?

Aquela era uma pergunta tão simples; que bom seria se a resposta pudesse ser igualmente simples. Quando Catelyn tentou falar, as palavras ficaram presas em sua garganta.

– Não tenho nenhum filho, a não ser Robb – conseguiu proferir aquelas palavras terríveis sem um soluço, e pelo menos por isso sentiu-se contente.

Brienne olhou-a com horror.

– Senhora?

– Bran e Rickon tentaram escapar, mas foram capturados num moinho na Água de Bolotas. Theon Greyjoy pendurou a cabeça deles nas muralhas de Winterfell. Theon Greyjoy, que comeu à minha mesa desde que era um garoto de dez anos – *já disse, que os deuses me perdoem, já disse tudo, e transformei-o em verdade.*

O rosto de Brienne era um borrão de água. A moça estendeu a mão por sobre a mesa, mas seus dedos não chegaram aos de Catelyn, como se julgasse que o toque não seria bem-vindo.

– Eu… não há palavras, senhora. Minha boa senhora. Seus filhos, eles… eles estão agora com os deuses.

– Será que estão? – Catelyn questionou com voz cortante. – Que deus deixaria que isso acontecesse? Rickon era só um bebê. Como poderia merecer uma morte assim? E Bran… Quando abandonei o norte, ele ainda não tinha aberto os olhos desde a queda. Tive de partir antes de ele acordar. Agora não poderei voltar para ele, ou voltar a ouvi-lo rir – mostrou a Brienne as palmas das mãos, os dedos. – Estas cicatrizes… Mandaram um homem cortar a garganta de Bran enquanto dormia. Teria morrido naquele momento, e eu com ele, mas o lobo de Bran rasgou a garganta do homem – aquilo deu-lhe um momento de pausa. – Suponho que Theon também tenha matado os lobos. Deve ter matado, de outro modo… Eu tinha certeza de que os garotos estariam a salvo enquanto os lobos gigantes estivessem com

eles. Como Robb, com seu Vento Cinzento. Mas minhas filhas agora não têm lobos.

A mudança abrupta de assunto deixou Brienne desconcertada.

– Suas filhas…

– Sansa, com três anos, já era uma senhora, sempre cortês e ansiosa por agradar. Nada amava mais do que histórias sobre valentes cavaleiros. Os homens diziam que se parecia comigo, mas vê-se que quando crescer se tornará uma mulher muito mais bela do que eu alguma vez fui. Eu frequentemente fazia sua aia se retirar para poder escovar seus cabelos. Tinha cabelos ruivos, mais claros do que os meus, e tão espessos e suaves… o vermelho neles capturava a luz das tochas e brilhava como cobre. E Arya, bem… Os visitantes de Ned confundiam-na com frequência com um ajudante de estrebaria se chegassem ao pátio sem ser anunciados. Arya era uma provação, há que dizê-lo. Meio garoto, meio cria de lobo. Bastava proibir-lhe alguma coisa, e isso tornava-se logo o maior desejo de seu coração. Possuía a face longa de Ned, e um cabelo castanho que andava sempre como se um pássaro tivesse nele feito um ninho. Dessisti de tentar fazer dela uma senhora. Colecionava machucados como as outras meninas colecionam bonecas, e era capaz de dizer qualquer coisa que lhe viesse à cabeça. Acho que também deve estar morta – quando proferiu aquelas palavras, foi como se uma mão gigantesca apertasse seu peito. – Quero-os todos mortos, Brienne. Primeiro Theon Greyjoy, depois Jaime Lannister, Cersei e o Duende, todos, todos. Mas as minhas meninas… as minhas meninas vão…

– A rainha… ela também tem uma garotinha – disse Brienne, embaraçada. – E também filhos, da mesma idade dos seus. Quando souber, talvez… talvez se apiede e…

– Envie-me as filhas incólumes? – Catelyn deu um sorriso triste. – Há em você uma doce inocência, filha. Seria bom… Mas não acontecerá. Robb vingará os irmãos. O gelo pode matar tão bem como o fogo. *Gelo* era a espada de Ned. Aço valiriano, marcado com as ondulações de um milhar de dobras, tão afiado que eu tinha medo de tocar nela. A lâmina de Robb, comparada com Gelo, é embotada como uma clava. Temo que não vá ser fácil para ele cortar a cabeça de Theon. Os Stark não usam carrascos. Ned sempre disse que o homem que dita a sentença deve manejar a lâmina, embora nunca tenha obtido nenhum prazer desse dever. Mas *eu* obteria, ah, sim – fitou as mãos cobertas de cicatrizes, abriu-as e as fechou, e então ergueu lentamente os olhos. – Mandei-lhe vinho.

– Vinho? – Brienne estava perdida. – A Robb? Ou… a Theon Greyjoy?

– Ao Regicida – a manobra tinha lhe servido bem com Cleos Frey. *Espero que tenha sede, Jaime. Espero que tenha a garganta seca e*

apertada. – Gostaria que viesse comigo.

– Estou às suas ordens, senhora.

– Ótimo – Catelyn levantou-se de forma abrupta. – Fique, termine a refeição em paz. Vou mandar buscá-la mais tarde. À meia-noite.

– Tão tarde, senhora?

– As masmorras não têm janelas. Lá embaixo uma hora é muito igual a outra, e para mim todas as horas são meia-noite – seus passos ressoaram de forma oca quando abandonou o salão. Enquanto subia até o aposento privado de Lorde Hoster, conseguia ouvi-los lá fora, gritando "Tully!" e "Uma taça! Uma taça para o bravo jovem senhor!". *Meu pai não está morto*, quis gritar-lhes. *Meus filhos estão mortos, mas meu pai ainda vive, seus malditos, e ainda é o seu senhor*.

Lorde Hoster estava profundamente adormecido.

– Bebeu uma taça de vinho de sonhos há não muito tempo, senhora – disse Meistre Vyman. – Para as dores. Não saberá que está aqui.

– Não tem importância – Catelyn respondeu. *Está mais morto do que vivo, mas mais vivo do que os meus pobres e filhos queridos.*

– Senhora, há alguma coisa que possa fazer pela senhora? Uma poção para dormir, talvez?

– Obrigada, Meistre, mas não. Não irei afastar o pesar com o sono. Bran e Rickon merecem mais de mim. Vá e junte-se à festa, eu farei companhia ao meu pai por algum tempo.

– Como quiser, senhora – Vyman fez uma reverência e a deixou.

Lorde Hoster estava deitado de costas, com a boca aberta, a respiração transformada num tênue suspiro sibilante. Uma mão caía da borda do colchão, uma coisa pálida, frágil e descarnada, mas que estava morna quando Catelyn a tocou. Entrelaçou seus dedos nos dele e os fechou. *Não importa a força com que o segure, não sou capaz de mantê-lo aqui*, pensou tristemente. *Largue-o*. Mas os dedos não pareciam ser capazes de se abrir.

– Não tenho ninguém com quem falar, pai – disse-lhe. – Rezo, mas os deuses não respondem – deu um leve beijo em sua mão. A pele estava morna, com veias azuis ramificando-se como rios sob a pele pálida e translúcida. Lá fora, os grandes rios fluíam, o Ramo Vermelho e o Pedregoso, e fluiriam para sempre, mas não seria assim com os rios na mão do pai. Muito em breve aquela corrente pararia. – Na noite passada sonhei com aquele dia em que Lysa e eu nos perdemos quando voltávamos de Guardamar. Lembra? Aquele estranho nevoeiro chegou e nós nos afastamos do resto do grupo. Tudo estava cinza, e eu não conseguia ver um palmo à frente do focinho do cavalo. Perdemos a estrada. Os galhos das árvores eram como longos braços magros que se estendiam para nos agarrar quando passávamos por eles. Lysa começou a chorar, e quando eu gritei, o nevoeiro pareceu engolir o

som. Mas Petyr sabia onde estávamos, voltou e nos encontrou… Mas agora não há ninguém que me encontre, não é? Dessa vez tenho de encontrar o nosso caminho, e é difícil, muito difícil. O lema dos Stark não sai da minha cabeça. O Inverno chegou, pai. Para mim. Para mim. Robb tem agora de lutar contra os Greyjoy e contra os Lannister. E para quê? Por um chapéu de ouro e uma cadeira de ferro? Certamente a terra já sangrou o suficiente. Quero as minhas meninas de volta, quero que Robb deponha a espada e escolha uma filha modesta de Walder Frey que o faça feliz e lhe dê filhos. Quero ter Bran e Rickon de volta, quero… – Catelyn deixou a cabeça pender. – *Quero* – disse uma vez mais, e então ficou sem palavras.

Após algum tempo, a vela oscilou e se apagou. O luar inclinou-se por entre as ripas das venezianas, depositando barras pálidas e prateadas no rosto do pai. Conseguia ouvir o suave murmúrio de sua respiração laboriosa, o infindável correr das águas, os tênues acordes de uma canção de amor qualquer que vinham do pátio, tão tristes e doces.

– *Amei uma donzela ruiva como o Outono* – cantava Rymund – *com o pôr do sol nos cabelos.*

Catelyn não chegou a reparar no momento em que a cantoria havia terminado. Tinham se passado horas, mas pareceu apenas um momento antes que Brienne surgisse à porta.

– Senhora – ela a chamou em voz baixa. – A meia-noite chegou.

A meia-noite chegou, pai, pensou, *e tenho de cumprir o meu dever*. Largou sua mão.

O carcereiro era um homenzinho furtivo com veias rompidas no nariz. Encontraram-no debruçado sobre uma caneca de cerveja e os restos de um empadão de pombo, mais do que um pouco bêbado. Olhou-as de esguelha, desconfiado.

– Peço-lhe perdão, senhora, mas Lorde Edmure diz que ninguém deve visitar o Regicida sem um escrito dele, fechado com o selo.

– *Lorde* Edmure? Será que meu pai morreu sem que ninguém tenha me dito nada?

O carcereiro passou a língua pelos lábios.

– Não, senhora, que eu saiba não.

– Ou abre a cela ou vem comigo ao aposento privado de Lorde Hoster contar-lhe por que motivo achou adequado me desafiar.

Os olhos do homem baixaram:

– Como a senhora quiser – as chaves estavam acorrentadas ao cinto de couro com rebites que cingia sua cintura. Resmungou enquanto procurava, até encontrar aquela que servia na porta da cela do Regicida.

– Volte para a sua cerveja, deixe-nos – ordenou Catelyn. Uma lâmpada de azeite pendia de um gancho, no teto baixo. Catelyn

pegou-a e avivou a chama. – Brienne, certifique-se de que eu não seja incomodada.

Anuindo com a cabeça, Brienne tomou posição à porta da cela, descansando a mão no botão do punho da espada.

– A senhora chamará se precisar de mim.

Catelyn abriu a pesada porta de madeira e ferro com o ombro e entrou na escuridão malcheirosa. Aquelas eram as tripas de Correrrio, e o cheiro correspondia à descrição. Palha velha estalava sob os pés. As paredes estavam descoloridas por manchas de salitre. Por entre as pedras conseguia ouvir a tênue corrente do Pedregoso. A luz da lâmpada revelou um balde transbordando de fezes em um canto e uma forma amontoada em outro. O jarro de vinho encontrava-se junto da porta, intacto. *Lá se vai a manobra. Suponho que deva me sentir grata por o carcereiro não ter bebido o vinho*.

Jaime ergueu as mãos para cobrir o rosto, fazendo tinir as correntes que prendiam seus pulsos.

– Senhora Stark – disse, numa voz rouca pelo desuso. – Temo não me encontrar em condições de recebê-la.

– Olhe para mim, sor.

– A luz fere meus olhos. Um momento, por favor – Jaime Lannister não tivera permissão de usar uma navalha desde a noite em que fora capturado no Bosque dos Murmúrios, e uma barba hirsuta cobria seu rosto, antes tão semelhante ao da rainha. Cintilando, dourada, à luz da lâmpada, a barba fazia-o parecer um grande animal amarelo qualquer, magnífico, mesmo acorrentado. O cabelo por lavar caía sobre seus ombros em cordões e nós, as roupas apodreciam em seu corpo, o rosto estava pálido e desolado… E, mesmo assim, o poder e a beleza do homem ainda eram visíveis.

– Vejo que não teve gosto pelo vinho que lhe enviei.

– Uma generosidade súbita assim pareceu-me um pouco suspeita.

– Posso mandar que cortem sua cabeça a qualquer momento. Por que motivo precisaria envenená-lo?

– A morte pelo veneno pode parecer natural. É mais difícil defender que minha cabeça simplesmente caiu – lançou do chão um olhar de viés, com os olhos verdes como os de um gato acostumando-se lentamente à luz. – Convidaria a senhora a se sentar, mas seu irmão se esqueceu de me fornecer uma cadeira.

– Posso ficar bastante bem em pé.

– Pode? Devo dizer que está com um aspecto horrível. Embora talvez seja apenas a luz que há aqui – ele estava agrilhoado nos pulsos e nos tornozelos, com cada algema presa às outras por correntes, de forma que nem era capaz de ficar em pé nem de se deitar confortavelmente. As correntes dos tornozelos estavam presas à parede. – Minhas pulseiras são suficientemente pesadas para a

senhora, ou veio acrescentar mais algumas? Eu as chocalho lindamente, se quiser.

– Foi você quem provocou isto – lembrou-lhe. – Oferecemos o conforto de uma cela de torre adequada ao seu nascimento e posição. Pagou-nos tentando escapar.

– Uma cela é uma cela. Há algumas sob Rochedo Casterly que fazem com que esta pareça um jardim ensolarado. Um dia talvez mostre-as à senhora.

Se está intimidado, sabe esconder bem, Catelyn pensou.

– Um homem acorrentado pelos pés e pelas mãos devia ter na boca uma língua mais cortês, sor. Não vim aqui para ser ameaçada.

– Não? Então decerto que foi para obter prazer de mim? Dizem que as viúvas se cansam das suas camas vazias. Nós, na Guarda Real, juramos nunca casar, mas suponho que ainda poderia servi-la se for isso o que lhe faz falta. Sirva-nos um pouco daquele vinho e tire esse vestido, e veremos se estou em condições.

Catelyn encarou-o com repugnância. *Será que já houve algum dia homem mais belo e vil do que este?*

– Se dissesse isso ao alcance dos ouvidos do meu filho, ele o mataria.

– Só se eu estivesse usando estas coisas – Jaime fez as correntes que o prendiam chocalhar. – Ambos sabemos que o rapaz tem medo de me enfrentar em combate singular.

– Meu filho pode ser novo, mas se o toma por um tolo, está tristemente enganado… E parece-me que não era tão rápido em lançar desafios quando ainda possuía um exército atrás de si.

– Os antigos Reis do Inverno também se escondiam atrás das saias das mães?

– Estou ficando farta disto, sor. Há coisas que tenho de saber.

– Por que haveria de lhe dizer qualquer coisa?

– Para salvar a sua vida.

– Acha que temo a morte? – aquilo pareceu diverti-lo.

– Deveria. Seus crimes devem lhe ter conquistado um lugar de sofrimento no mais profundo dos sete infernos, se os deuses forem justos.

– Que deuses são esses, Senhora Catelyn? As árvores a que seu esposo rezava? Como foi que o serviram quando minha irmã cortou sua cabeça? – Jaime soltou um risinho. – Se existirem deuses, por que o mundo está tão cheio de dor e injustiça?

– Por causa de homens como você.

– Não há homens como eu. Só existo eu.

Não há nada aqui além de arrogância e orgulho, e da coragem vazia de um louco. Estou desperdiçando fôlego com esse homem. Se alguma vez existiu uma centelha de honra nele, está morta há muito tempo.

– Se não quer falar comigo, assim seja. Beba o vinho ou urine nele, sor, não faz diferença para mim.

A mão dela já se encontrava sobre a maçaneta quando ele disse:

– Senhora Catelyn – Catelyn voltou-se, esperou. – As coisas enferrujam nesta umidade. Até a cortesia de um homem. Fique, e conseguirá as suas respostas… Por um preço.

Ele não tem vergonha.

– Cativos não estabelecem preço.

– Ah, irá achar o meu bastante modesto. Seu carcereiro não me diz nada a não ser vis mentiras, e sequer consegue mantê-las em pé. Um dia diz que Cersei foi esfolada, e no seguinte, que foi meu pai. Responda às minhas perguntas, e eu responderei às suas.

– Com a verdade?

– Ah, o que quer é a *verdade*? Tenha cuidado, senhora. Tyrion fala que as pessoas dizem frequentemente ter fome de verdade, mas raramente gostam do sabor quando ela lhes é servida.

– Sou suficientemente forte para ouvir qualquer coisa que achar por bem dizer.

– Nesse caso, como quiser. Mas primeiro, por bondade… o vinho. Minha garganta está em carne viva.

Catelyn pendurou a lâmpada na porta e deslocou a taça e o jarro para mais perto dele. Jaime bochechou com o vinho antes de engolir.

– Azedo e péssimo – disse –, mas serve – encostou as costas na parede, puxou os joelhos para o peito e a fitou. – Sua primeira pergunta, Senhora Catelyn?

Sem saber durante quanto tempo aquele jogo poderia se prolongar, Catelyn não perdeu tempo.

– É pai de Joffrey?

– Nunca perguntaria isso se não soubesse a resposta.

– Quero ouvi-la de sua boca.

Ele encolheu os ombros.

– Joffrey é meu. Assim como o resto da descendência de Cersei, suponho.

– Admite ser amante de sua irmã?

– Sempre amei minha irmã, e deve-me duas respostas. Minha família continua viva?

– Disseram-me que Sor Stafford Lannister foi morto em Cruzaboi.

Jaime mostrou-se impassível.

– Minha irmã chamava-o de Tio Palerma. São Cersei e Tyrion que me importam. Tal como o senhor meu pai.

– Estão vivos, os três – *mas não por muito tempo, se os deuses forem bons.*

Jaime bebeu um pouco mais de vinho.

– Faça a pergunta seguinte.

Catelyn tinha perguntado a si mesma se ele se atreveria a responder à pergunta seguinte com algo diferente de uma mentira.

– Como foi que meu filho Bran caiu?

– Atirei-o de uma janela.

O modo tranquilo como disse aquilo deixou-a sem voz por um instante. *Se tivesse uma faca, mataria esse Lannister agora*, pensou, até que se lembrou das meninas. Sua garganta se contraiu enquanto dizia:

– É um cavaleiro, prestou juramento de defender os fracos e inocentes.

– Ele era bastante fraco, mas talvez não tão inocente assim. Estava nos espiando.

– Bran não espiaria.

– Então, culpe esses seus preciosos deuses, que trouxeram o garoto até a nossa janela e lhe deram um vislumbre de algo que nunca devia ter visto.

– Culpar os *deuses*? – ela disse, incrédula. – A mão que o atirou era sua. Queria que ele morresse.

As correntes de Jaime tiniram suavemente.

– Raramente atiro crianças das torres para que sua saúde melhore. Sim, queria que morresse.

– E quando não morreu, sabia que estava em mais perigo do que nunca, e, então, deu à sua marionete um saco de prata para se assegurar de que Bran nunca despertaria.

– Eu fiz isso, é? – Jaime levantou a taça e bebeu um longo trago. – Não vou negar que falamos disso, mas a senhora estava com o garoto de dia e de noite, seu meistre e Lorde Eddard visitavam-no frequentemente, e havia guardas, e até aqueles malditos lobos selvagens… Teria sido necessário cortar caminho através de metade de Winterfell. E para que me incomodar, se o garoto parecia morrer por conta própria?

– Se mentir para mim, esta sessão chega ao fim – Catelyn estendeu as mãos, para lhe mostrar os dedos e as palmas. – O homem que veio cortar a garganta de Bran deixou-me estas cicatrizes. Jura que não desempenhou nenhum papel em seu envio?

– Sobre a minha honra de Lannister.

– Sua honra de Lannister vale menos do que *isto* – Catelyn derrubou o balde de dejetos com um pontapé. Uma lama marrom e malcheirosa espalhou-se pelo chão da cela, empapando a palha.

Jaime Lannister afastou-se do derramamento o mais que as correntes permitiam.

– Posso de fato ter merda no lugar de honra, não o nego, mas nunca na vida contratei alguém para matar por mim. Acredite no que quiser, Senhora Stark, mas se quisesse o seu Bran morto, o teria matado pessoalmente.

Que os deuses sejam misericordiosos, ele está falando a verdade.

– Se não enviou o assassino, foi sua irmã que o fez.

– Se isso tivesse acontecido, eu saberia. Cersei não tem segredos para mim.

– Então foi o Duende.

– Tyrion é tão inocente como o seu Bran. *Ele* não andava escalando em volta das janelas de ninguém, espiando.

– Então, por que o assassino tinha o punhal dele?

– Que punhal era esse?

– Era deste tamanho – ela disse, afastando as mãos –, simples, mas bem-feito, com uma lâmina de aço valiriano e um cabo de osso de dragão. Seu irmão o ganhou de Lorde Baelish no torneio no dia do nome do Príncipe Joffrey.

O Lannister serviu-se de vinho, bebeu, serviu-se de novo e fitou a taça.

– Este vinho parece melhorar à medida que o bebo. Imagine. Acho que recordo desse punhal, agora que o descreve. Diz que ele o ganhou? Como?

– Apostando em você na justa contra o Cavaleiro das Flores – quando ouviu suas próprias palavras, Catelyn soube que tinha se enganado. – Não… Teria sido o contrário?

– Tyrion sempre me apoiou nas liças – Jaime disse –, mas nesse dia Sor Loras derrubou-me do cavalo. Pouca sorte. Encarei o rapaz com ligeireza em excesso, mas não importa. Seja o que for que meu irmão tenha apostado, perdeu… Mas esse punhal *realmente* mudou de mãos, lembro-me agora. Robert mostrou-me nessa noite, no banquete. Sua Graça adorava pôr sal em minhas feridas, especialmente quando estava bêbado. E quando é que não estava?

Catelyn lembrou-se de que Tyrion Lannister havia dito algo muito semelhante enquanto atravessavam as Montanhas da Lua. Recusara-se a crer nele. Petyr jurara que as coisas tinham sido diferentes. O Petyr que fora quase um irmão, que a amara tanto que tinha lutado em duelo por sua mão… E, no entanto, se Jaime e Tyrion contavam a mesma história, qual seria o significado disso? Os irmãos não tinham se encontrado desde a partida de Winterfell, mais de um ano antes.

– Está tentando me enganar? – havia ali, em algum lugar, uma armadilha.

– Já admiti ter atirado seu precioso diabrete por uma janela, o que ganharia se mentisse a respeito dessa faca? – ele emborcou outra taça de vinho. – Acredite no que quiser, já passou o tempo em que me preocupava com o que as pessoas dizem de mim. E é a minha vez. Os irmãos de Robert puseram-se em campo?

– Sim.

– Eis uma resposta avara. Dê-me mais do que isso, senão sua

próxima resposta será igualmente pobre.

– Stannis marcha contra Porto Real – ela disse de má vontade. – Renly está morto, assassinado em Ponteamarga pelo irmão, através de alguma arte negra que não compreendo.

– É uma pena. Gostava bastante de Renly, se bem que Stannis seja uma história bem diferente. Qual lado os Tyrell escolheram?

– A princípio, o de Renly. Agora não sei dizer.

– Seu garoto deve andar se sentindo solitário.

– Robb fez dezesseis anos há alguns dias… É um homem-feito, e um rei. Venceu todas as batalhas que travou. Segundo as últimas notícias que recebemos, conquistou o Despenhadeiro aos ocidentais.

– Ainda não se defrontou com meu pai, não é?

– Quando o fizer, vai derrotá-lo. Como fez convosco.

– Pegou-me desprevenido. Um truque de covarde.

– Atreve-se a falar de truques? Seu irmão Tyrion enviou-nos assassinos vestidos de enviados, sob uma bandeira de paz.

– Se fosse um de seus filhos nesta cela, os irmãos dele não fariam o mesmo?

Meu filho não tem irmãos, pensou Catelyn, mas não dividiria sua dor com uma criatura como aquela.

Jaime bebeu mais um pouco de vinho.

– O que é a vida de um irmão quando a honra está em causa, hã? – outro gole. – Tyrion é suficientemente inteligente para compreender que seu filho nunca consentirá em libertar-me mediante resgate.

Catelyn não podia negá-lo.

– Os vassalos de Robb prefeririam vê-lo morto. Em particular Rickard Karstark. Matou dois de seus filhos no Bosque dos Murmúrios.

– Eram os dois com o esplendor branco? – Jaime encolheu os ombros. – A bem da verdade, quem eu estava tentando matar era o *seu* filho. Os outros entraram em meu caminho. Matei-os numa luta justa, no calor da batalha. Qualquer outro cavaleiro teria feito a mesma coisa.

– Como é possível que se considere ainda um cavaleiro, depois de ter posto de lado todos os votos que jurou?

Jaime estendeu a mão para o jarro, a fim de voltar a encher a taça.

– Tantos votos… Obrigam-nos a jurar e voltar a jurar. Defender o rei. Obedecer ao rei. Guardar seus segredos. Fazer o que ele nos pedir. Nossa vida pela dele. Além de obedecer ao nosso pai. Amar a nossa irmã. Proteger os inocentes. Defender os fracos. Respeitar os deuses. Obedecer às leis. É demais. Faça o que fizer, é preciso pôr de lado um voto ou outro – bebeu um bom trago de vinho e fechou os olhos por um instante, encostando a cabeça na mancha de salitre da parede. – Fui o homem mais novo a usar o manto branco na história.

– E o mais novo a trair tudo o que o manto simbolizava, Regicida.

– *Regicida* – ele pronunciou com cuidado. – E que rei ele era! – ergueu a taça: – A Aerys Targaryen, o Segundo do Seu Nome, Senhor dos Sete Reinos e *Protetor* do Território. E à espada que abriu sua garganta. Uma espada *dourada*, sabe? Até que o sangue dele correu vermelho pela lâmina. São essas as cores Lannister, vermelho e dourado.

Enquanto ele ria, Catelyn compreendeu que o vinho fizera seu trabalho; Jaime tinha bebido a maior parte do jarro e estava bêbado.

– Só um homem como você se sentiria orgulhoso de um ato desses.

– Já lhe disse que não há homens como eu. Responda-me o seguinte, Senhora Stark… Seu Ned alguma vez lhe contou o modo como o pai dele morreu? Ou o irmão?

– Estrangularam Brandon enquanto o pai observava, e depois mataram também Lorde Rickard – uma história feia, e velha, de dezesseis anos. Por que ele estaria falando dela agora?

– Sim, mataram, mas *como*?

– A corda ou o machado, suponho.

Jaime bebeu um gole, limpou a boca:

– Não há dúvida de que Ned desejou poupá-la. Sua doce e jovem noiva, ainda que não fosse propriamente donzela. Bem, queria a verdade. Perguntou-me. Fizemos um acordo, nada posso lhe negar. Pergunte.

– O que está morto, morto está – *não quero saber disso.*

– Brandon era diferente do irmão, não era? Tinha sangue nas veias, e não água fria. Era mais parecido comigo.

– Brandon não se parecia em nada com você.

– Se você diz. Você e ele iam se casar.

– Ele vinha a caminho de Correrrio quando… – estranho como contar aquilo ainda fazia sua garganta apertar-se, depois de todos aqueles anos. – … Quando ouviu notícias de Lyanna e se dirigiu a Porto Real. Foi um ato precipitado – lembrava-se de como o pai tinha se enfurecido quando as notícias foram trazidas a Correrrio. *O pateta galante,* assim ele chamara Brandon.

Jaime serviu-se da última meia taça de vinho.

– Ele entrou a cavalo na Fortaleza Vermelha com alguns companheiros, desafiando aos gritos o Príncipe Rhaegar a sair e morrer. Mas Rhaegar não estava lá. Aerys mandou os guardas prenderem-nos a todos, acusados de planejar o assassinato do filho. Os outros eram também filhos de senhores, parece-me.

– Ethan Glover era escudeiro de Brandon – Catelyn disse. – Foi o único sobrevivente. Os outros eram Joffrey Mallister, Kyle Royce e Elbert Arryn, sobrinho e herdeiro de Jon Arryn – era estranho como

ainda se lembrava dos nomes, depois de tantos anos. – Aerys acusou-os de traição e convocou os pais à corte para responder à acusação, mantendo os filhos como reféns. Quando chegaram, mandou assassiná-los sem julgamento. Tanto os pais como os filhos.

– Houve julgamento. De certo modo. Lorde Rickard exigiu o julgamento por combate, e o rei concedeu-lhe o pedido. O Stark armou-se como se fosse para a batalha, pensando que iria travar um duelo com um membro da Guarda Real. Talvez eu. Em vez disso, levaram-no para a sala do trono e suspenderam-no das vigas enquanto dois dos piromantes de Aerys acendiam uma fogueira por baixo dele. O rei disse-lhe que o campeão da Casa Targaryen era o *fogo*. Portanto, tudo o que Lorde Rickard tinha de fazer para provar que era inocente de traição era… bem, não arder. Depois de atearem fogo, Brandon foi trazido. Vinha com as mãos acorrentadas atrás das costas e trazia, em volta do pescoço, um cordão de couro molhado e ligado a um dispositivo que o rei trouxera de Tyrosh. Mas as pernas tinham sido deixadas livres, e a espada fora depositada bem longe de seu alcance. Os piromantes assaram Lorde Rickard lentamente, abafando e atiçando o fogo com cuidado, para obter um calor bom e uniforme. A primeira coisa a se incendiar foi seu manto, depois foi a capa, e em breve não usava nada a não ser metal e cinzas. Em seguida iria começar a arder, prometeu Aerys… A menos que o filho conseguisse libertá-lo. Brandon tentou, mas quanto mais se esforçava, mais o cordão se apertava em torno de sua garganta. No fim, estrangulou-se a si próprio. Quanto a Lorde Rickard, o aço de sua placa de peito ficou cor de cereja antes do fim, e o ouro das esporas derreteu e pingou na fogueira. Eu permaneci em pé, na base do Trono de Ferro com minha armadura e manto brancos, enchendo a cabeça com pensamentos sobre Cersei. Depois daquilo, o próprio Gerold Hightower chamou-me de lado e me disse: "Fez o voto de defender o rei, não de julgá-lo". O Touro Branco era assim, leal até o fim e um homem melhor do que eu, todos concordam.

– Aerys… – Catelyn sentia o sabor de bílis no fundo da garganta. A história era tão hedionda que suspeitava ter de ser verdadeira. – Aerys era louco, todo o reino sabia disso, mas se quer que acredite que o matou para vingar Brandon Stark…

– Não afirmei nada disso. Os Stark não eram nada para mim. Mas digo que me parece mais do que bizarro que seja amado por uma pessoa por uma gentileza que nunca fiz e injuriado por tantas por meu melhor ato. Na coroação de Robert, fui obrigado a ajoelhar-me aos pés reais ao lado do Grande Meistre Pycelle e de Varys, o eunuco, para que ele pudesse *perdoar* os nossos crimes antes de nos tomar ao seu serviço. Quanto ao seu Ned, ele devia ter beijado a mão que matou Aerys, mas preferiu desprezar o rabo que encontrou sentado no trono

de Robert. Penso que Ned Stark amava mais Robert do que alguma vez amou o irmão ou o pai… ou até você, senhora. Nunca foi infiel para com Robert, não é? – Jaime soltou uma gargalhada de bêbado. – Então, Senhora Stark, não acha tudo isso terrivelmente divertido?

– Não há nada que lhe diga respeito que eu ache divertido, Regicida.

– De novo esse nome. Acho que no fim não foderei a senhora. Mindinho a possuiu primeiro, não foi? Nunca como do tabuleiro de outro homem. Além disso, não tem nem metade da beleza de minha irmã – o sorriso dele cortava. – Nunca me deitei com outra mulher que não Cersei. À minha maneira, fui mais fiel do que seu Ned. Pobre, velho, morto Ned. Quem tem então agora merda no lugar da honra, pergunto-lhe? Qual era o nome daquele bastardo de que ele foi pai?

Catelyn deu um passo para trás.

– *Brienne*.

– Não, não era esse – Jaime Lannister virou o jarro de boca para baixo. Um fiozinho de vinho correu sobre seu queixo, brilhante como sangue. – Snow, era isso. Um nome tão *branco*… como os lindos mantos que nos dão na Guarda Real quando juramos nossos lindos juramentos.

Brienne abriu a porta e entrou na cela.

– Chamou, senhora?

– Dê-me sua espada – Catelyn estendeu a mão.

Theon

O céu era uma sombra de nuvens, a floresta estava morta e congelada. Raízes agarravam-se aos pés de Theon enquanto ele corria, e galhos nus chicoteavam seu rosto, deixando-lhe finas riscas de sangue. Caiu, descuidado, sem fôlego, fazendo pingentes de gelo se despedaçar à sua frente. *Misericórdia*, soluçou. Atrás ouviu-se um uivo arrepiante que congelou seu sangue. *Misericórdia, misericórdia*. Quando olhou de relance por sobre o ombro, viu-os aproximando-se, grandes lobos do tamanho de cavalos com cabeça de crianças pequenas. *Ah, misericórdia, misericórdia*. De suas bocas pingava sangue negro como breu, queimando buracos na neve onde caía. Cada passo os trazia para mais perto. Theon tentou correr mais depressa, mas as pernas não queriam obedecê-lo. Todas as árvores tinham rostos, e riam dele, riam, e o uivo voltou a ser ouvido. Conseguia sentir o cheiro do hálito quente das feras que o perseguiam, um fedor de enxofre e decomposição. *Eles estão mortos, mortos, eu os vi mortos*, tentou gritar, *eu vi a cabeça deles mergulhadas em alcatrão*, mas, quando abriu a boca, só um gemido soou, e então algo o *tocou* e ele se virou, gritando…

… lançando a mão ao punhal que mantinha junto à cama e conseguindo apenas arremessá-lo ao chão. Wex dançou para longe dele. Fedor estava atrás do muro, com sua cabeça iluminada por baixo pela vela que transportava.

– O que é? – Theon gritou. *Misericórdia*. – O que querem? Por que estão no meu quarto? *Por quê*?

– Senhor meu príncipe – disse Fedor –, sua irmã chegou a Winterfell. Pediu para o informarmos imediatamente se ela chegasse.

– Já era mais que hora – ele resmungou, passando os dedos pelos cabelos. Começara a temer que Asha pretendesse abandoná-lo ao seu destino. *Misericórdia*. Olhou de relance pela janela, onde a primeira vaga luz da aurora começava a roçar as torres de Winterfell. – Onde ela está?

– Lorren a levou, e aos seus homens, para o Grande Salão, para quebrarem o jejum. Vai recebê-la agora?

– Sim – Theon afastou as mantas. O fogo tinha se transformado em brasas. – Wex, água quente – não podia deixar que Asha o visse desgrenhado e ensopado em suor. *Lobos com rosto de criança*… Estremeceu. – Feche as venezianas – parecia-lhe que o quarto estava tão frio como o sonho da floresta.

Nos últimos tempos, todos os seus sonhos tinham sido frios, e cada um mais hediondo do que o anterior. Na noite passada tinha sonhado que estava de volta ao moinho, de joelhos, vestindo os mortos. Os membros já estavam enrijecendo, e pareciam resistir

teimosamente enquanto ele se atrapalhava com dedos meio gelados, puxando calções e dando nós, enfiando pés duros que não se dobravam em botas forradas com peles, afivelando um cinto de couro cravejado de rebites em volta de uma cintura que não era maior do que o vão entre suas mãos juntas.

– Nunca quis isso – disse-lhes enquanto trabalhava. – Eles não me deram outra escolha – os cadáveres não responderam, ficaram apenas mais frios e mais pesados.

Na noite anterior tinha sido a mulher do moleiro. Theon esquecera seu nome, mas lembrava-se de seu corpo, seios macios como almofadas e estrias na barriga, do modo como arranhava suas costas quando a fodia. Na noite passada, no sonho, ela esteve de novo em sua cama, mas dessa vez tinha dentes em cima *e* embaixo, e rasgou sua garganta ao mesmo tempo que lhe arrancava o membro. Era uma loucura. Também a vira morrer. Gelmarr abatera-a com um golpe de machado enquanto ela gritava com Theon por misericórdia. *Deixe-me, mulher. Foi ele, não eu, quem a matou. E ele também está morto*. Pelo menos Gelmarr não assombrava o sono de Theon.

O sonho tinha se afastado quando Wex regressou com a água. Theon lavou o suor e o sono do corpo e levou um tempo vestindo-se. Asha deixara-o à espera por bastante tempo; agora era sua vez. Escolheu uma túnica de cetim com riscas pretas e douradas e um belo justilho de couro com tachões de prata… e só então se lembrou de que sua maldita irmã depositava mais valor nas lâminas do que na beleza. Praguejando, arrancou a roupa e voltou a se vestir de feltro de lã negra e cota de malha. Em volta da cintura afivelou espada e punhal, lembrando-se da noite em que ela o tinha humilhado à mesa do pai. *Seu querido bebê de peito, sim. Pois bem, também tenho uma faca, e sei usá-la.*

Por último, colocou a coroa na cabeça, um aro de ferro frio, estreito como um dedo, cravejado de pesados fragmentos de diamante negro e pepitas de ouro. Era disforme e feia, mas nada havia a fazer. Mikken estava enterrado no cemitério, e o novo ferreiro era capaz de fazer pouco mais do que pregos e ferraduras. Theon consolou-se, recordando a si mesmo de que era apenas uma coroa de príncipe. Teria coisa muito melhor quando fosse coroado rei.

À porta, Fedor esperava com Urzen e Kromm. Theon juntou-se a ele. Naqueles dias, levava guardas consigo onde quer que fosse, até à latrina. Winterfell queria vê-lo morto. Na mesma noite em que voltaram do Água de Bolotas, Gelmarr, o Cruel, caiu alguns degraus e quebrou a coluna. No dia seguinte, Aggar apareceu com a garganta cortada de um lado a outro. Gynir Rednose tinha se tornado tão cauteloso que evitava o vinho, passara a dormir de cota de malha longa, touca e elmo, e adotara o mais barulhento cão que tinha

encontrado nos canis, para que o avisasse caso alguém tentasse se esgueirar até o local onde dormia. Mesmo assim, uma manhã o castelo tinha acordado ao som dos latidos desenfreados do pequeno cão. Encontraram o cachorro correndo em volta do poço, e Rednose boiando nele, afogado.

Theon não podia deixar os assassinatos impunes. Farlen era um suspeito tão provável como qualquer outro. Tinha montado um julgamento, declarado o homem culpado e condenado-o à morte. Mas até isso havia corrido mal. Ao se ajoelhar junto ao cepo, o mestre dos canis dissera:

– O senhor Eddard cuidava sempre de suas mortes.

Theon tivera de empunhar ele próprio o machado para não parecer um fracote. Como suava, o cabo virou em suas mãos ao brandi-lo, e o primeiro golpe atingira Farlen entre os ombros. Foram necessários mais três golpes para cortar todos aqueles ossos e músculos e separar a cabeça do corpo, e depois Theon ficou mal, recordando todas as vezes que tinham se sentado à mesa, diante de uma taça de hidromel, conversando sobre cães e caça. *Não tive escolha*, quis gritar ao cadáver. *Os homens de ferro não sabem guardar segredos, tinham de morrer, e alguém precisava arcar com a culpa*. Só desejava tê-lo matado de forma mais limpa. Ned Stark nunca precisara de mais do que um único golpe para decapitar um homem.

Os assassinatos pararam após a morte de Farlen, mas mesmo assim seus homens continuaram mal-humorados e ansiosos.

– Não temem nenhum inimigo em batalha aberta – Lorren Negro lhe dissera –, mas é diferente viver entre inimigos, sem nunca saber se a lavadeira quer beijá-lo ou matá-lo, ou se o criado está enchendo sua taça com cerveja ou veneno. O melhor que faríamos era sair deste lugar.

– Eu sou o Príncipe de Winterfell! – Theon gritara. – Este é o meu domínio, nenhum homem me arrancará daqui. Não, e mulher nenhuma também.

Asha. Era obra dela. Minha querida irmã, que os Outros a enrabem com uma espada. Queria vê-lo morto, para poder roubar seu lugar como herdeiro do pai. Era por isso que o deixara ali definhando, ignorando as ordens urgentes que lhe enviara.

Foi encontrá-la no cadeirão dos Stark, desfazendo um capão com os dedos. O salão ressoava com as vozes de seus homens, compartilhando histórias com os de Theon enquanto bebiam juntos. Eram tão barulhentos que sua entrada quase passou despercebida.

– Onde estão os outros? – perguntou Fedor. Não havia mais de cinquenta homens nas mesas de montar, e a maior parte eram seus. O Grande Salão de Winterfell poderia ter acomodado dez vezes esse número.

– Isto é a companhia toda, senhor príncipe.

– *Toda*… Quantos homens ela trouxe?

– Pelas minhas contas, vinte.

Theon Greyjoy encaminhou-se a passos largos para onde a irmã estava instalada. Asha ria de qualquer coisa que um de seus homens tinha dito, mas parou quando o viu aproximar-se.

– Ora, é o Príncipe de Winterfell – atirou um osso a um dos cães que andavam farejando pelo salão. Por baixo daquele bico de falcão que tinha como nariz, sua boca larga retorceu-se num sorriso de zombaria. – Ou será o Príncipe dos Tolos?

– A inveja cai mal a uma donzela.

Asha chupou gordura dos dedos. Uma madeixa de cabelo negro caiu sobre seus olhos. Seus homens gritavam por pão e bacon. Faziam bastante barulho, por poucos que fossem.

– Inveja, Theon?

– Que outro nome lhe daria? Com trinta homens capturei Winterfell numa noite. Você precisou de mil e de uma volta de lua para tomar Bosque Profundo.

– Bem, não sou um grande guerreiro como você, irmão – tragou meio corno de cerveja e limpou a boca com as costas da mão. – Vi as cabeças por cima de seus portões. Diga-me a verdade, qual deles deu mais trabalho na luta, o aleijado ou o bebê?

Theon sentiu o sangue afluindo ao seu rosto. Não se regozijava mais com aquelas cabeças do que se regozijara com a exibição dos corpos decapitados das crianças perante o castelo. A Velha Ama tinha ficado imóvel, abrindo e fechando, sem um som, sua boca mole e desdentada, e Farlen atirara-se a Theon, rosnando como um de seus cães. Urzen e Cadwyl foram forçados a espancá-lo com os cabos das lanças até o deixarem sem sentidos. *Como cheguei a esse ponto?*, lembrava-se de ter pensado enquanto se mantinha em pé sobre os corpos cobertos de moscas.

Só Meistre Luwin tolerara se aproximar. Com um rosto de pedra, o pequeno homem cinzento pedira licença para costurar a cabeça dos garotos ao corpo, para poderem ser sepultados nas criptas subterrâneas, com os outros mortos dos Stark.

– Não – dissera-lhe Theon. – Nas criptas, não.

– Mas por que, senhor? Certamente que já não podem lhe fazer mal. E lá é o lugar deles. Todos os ossos dos Stark…

– Eu disse *não*.

Precisava das cabeças para a muralha, mas queimara os corpos decapitados naquele mesmo dia, vestidos com suas belas roupas. Depois, ajoelhou-se entre os ossos e cinzas para recuperar uma escória de prata derretida e azeviche rachado, tudo o que restava do broche em forma de cabeça de lobo que antes pertencera a Bran. Ainda a

tinha consigo.

– Tratei Bran e Rickon com generosidade – disse à irmã. – Foram eles que chamaram a si seu destino.

– Tal como todos fazemos, irmãozinho.

Theon tinha a paciência no fim.

– Como espera que eu defenda Winterfell se me traz apenas vinte homens?

– Dez – Asha corrigiu. – Os outros voltam comigo. Não vai querer que sua querida irmã enfrente os perigos da floresta sem uma escolta, não é? Há lobos gigantes patrulhando a escuridão – desenrolou-se de dentro do grande cadeirão de pedra e ficou em pé. – Venha, vamos para algum lugar onde possamos conversar com mais privacidade.

Theon sabia que ela tinha razão, mas amargurava-o que tivesse sido ela a tomar essa decisão. *Nunca devia ter vindo ao salão*, compreendeu tardiamente. *Devia ter ordenado que ela fosse trazida até mim*.

Mas agora era tarde demais para isso. Theon não tinha escolha a não ser levar Asha ao aposento privado de Ned Stark. Lá, diante das cinzas de um fogo morto, exclamou:

– Dagmer perdeu a luta em Praça de Torrhen.

– O velho castelão abriu uma brecha em sua muralha de escudos, sim – disse Asha com voz calma – O que esperava? Esse Sor Rodrik conhece intimamente o terreno, e Boca Rachada não, e muitos dos nortenhos estavam a cavalo. Aos homens de ferro falta a disciplina para aguentar um ataque de cavalaria protegida por armaduras. Dagmer sobreviveu, seja grato por isso. Está levando os sobreviventes de volta à Costa Pedregosa.

Ela sabe mais do que eu, Theon percebeu. E isso só o deixou mais zangado.

– A vitória deu a Leobald Tallhart coragem para sair da proteção de suas muralhas e ir se juntar a Sor Rodrik. E recebi relatos que afirmam que Lorde Manderly enviou uma dúzia de barcaças rio acima, atulhadas de cavaleiros, cavalos de guerra e máquinas de cerco. Os Umber também reúnem homens para lá do Rio Último. Terei um *exército* aos meus portões antes do virar da lua, e você me traz só *dez homens*?

– Não tinha de ter trazido nenhum.

– Eu ordenei…

– O pai ordenou-me que tomasse Bosque Profundo – ela o interrompeu. – Não me disse nada sobre ter de ir salvar meu irmão mais novo.

– Que se dane Bosque Profundo. É um penico de madeira em cima de um monte. Winterfell é o coração do território, mas, como posso defendê-lo sem uma guarnição?

– Podia ter pensado nisso antes de tomá-lo. Oh, foi coisa esperta, admito. Se ao menos tivesse tido o bom-senso de arrasar o castelo e levar os dois principezinhos de volta a Pyke como reféns, podia ter ganhado a guerra com um golpe.

– Gostaria disso, não é verdade? De ver minha presa reduzida a cinzas e escombros.

– Sua presa vai ser a sua perdição. As lulas gigantes levantam-se do *mar*, Theon, ou será que se esqueceu disso durante os anos em que passou entre os lobos? Nossa força está nos dracares. Meu penico de madeira fica suficientemente perto do mar para que abastecimentos e homens novos cheguem sempre que forem necessários. Mas Winterfell está a centenas de léguas para o interior, rodeado de florestas, montes e castros, e castelos hostis. E agora, cada homem em mil léguas ao redor é seu inimigo, não se iluda. Certificou-se disso quando colocou aquelas cabeças em sua guarita – Asha sacudiu a cabeça. – Como pôde ser tão burro? *Crianças*…

– Eles me desafiaram! – Theon gritou no rosto dela. – E, além disso, foi sangue por sangue, dois filhos de Eddard Stark em troca de Rodrik e Maron – as palavras jorraram sem pensar, mas Theon soube de imediato que o pai aprovaria. – Dei descanso aos fantasmas de meus irmãos.

– De *nossos* irmãos – recordou-lhe Asha, com um meio sorriso que sugeria que dava um bom desconto àquela conversa de vingança. – Trouxe os fantasmas deles de Pyke, mano? E eu que pensava que só assombravam o pai.

– Desde quando as donzelas compreendem a necessidade de vingança de um homem? – mesmo se o pai não gostasse de receber Winterfell de presente, *tinha* de aprovar que Theon vingasse os irmãos.

Asha segurou uma gargalhada com uma fungadela.

– Já passou por sua cabeça que esse Sor Rodrik pode bem alimentar a mesma necessidade viril? É sangue do meu sangue, Theon, independentemente do que seja além disso. Por amor à mãe que nos teve, volte comigo para Bosque Profundo. Entregue Winterfell ao archote e se retire enquanto ainda pode.

– Não – Theon ajustou a coroa. – Tomei este castelo, e pretendo mantê-lo.

A irmã o olhou durante muito tempo.

– Então vai mantê-lo durante o resto de sua vida – ela suspirou. – Eu digo que isso cheira a loucura, mas o que sabe uma tímida donzela dessas coisas? – já na porta, dirigiu-lhe um último sorriso zombeteiro. – Acho que devia saber que essa é a coroa mais feia que já vi. Foi você que fez?

Deixou-o furioso, e não permaneceu no castelo mais do que o tempo necessário para dar de comer e beber aos cavalos. Metade dos

homens que trouxera voltaram com ela, como avisara, atravessando o mesmo Portão do Caçador que Bran e Rickon tinham usado para a fuga.

Theon os viu partir da muralha. Enquanto a irmã desaparecia na névoa da mata de lobos, deu por si interrogando-se sobre o motivo por que não a tinha escutado e partido com ela.

– Ela foi embora, é? – Fedor estava junto ao seu lado.

Theon não o ouvira chegar, e também não sentira o seu cheiro. Não era capaz de imaginar alguém que quisesse ver menos. Sentia-se desconfortável vendo o homem andar por aí, respirando, com tudo o que sabia. *Devia ter mandado matá-lo depois de ele ter cuidado dos outros*, refletiu, mas a ideia o deixava nervoso. Por improvável que parecesse, Fedor sabia ler e escrever, e possuía suficiente astúcia servil para ter escondido um relato do que tinham feito.

– Senhor príncipe, com a sua licença, não tá certo que ela o abandone. E dez homens, isso não vai adiantar, nem de longe.

– Estou bem consciente disso – ele respondeu. *E Asha também está*.

– Bom, pode ser que possa ajudá-lo. Dê-me um cavalo e um saco de moedas e talvez lhe arranje uns tipos bons.

Theon estreitou os olhos.

– Quantos?

– Pode ser que uns cem. Ou duzentos. Talvez mais – Fedor sorriu, com os olhos claros cintilando. – Nasci aqui pro norte. Conheço muito homem, e muito homem conhece Fedor.

Duzentos homens não eram um exército, mas não seriam necessários milhares para defender um castelo tão forte como Winterfell. Desde que fossem capazes de aprender qual das pontas da lança matava, podiam fazer a diferença.

– Faça isso que diz, e não vai me achar ingrato. Pode dizer que recompensa quer.

– Bom, senhor, não tenho mulher desde que estava com Lorde Ramsay. Tô de olho naquela Palla, e ouvi dizer que ela já teve com um homem, então…

Tinha ido longe demais com Fedor para recuar agora.

– Duzentos homens e ela é sua. Mas, um homem a menos, e pode voltar a foder porcos.

Fedor partiu antes do pôr do sol, levando um saco da prata dos Stark e a última das esperanças de Theon. *O mais certo é que não volte a ver o maldito homem*, pensou amargamente, mas, mesmo assim, o risco tinha de ser corrido.

Nessa noite sonhou com o banquete que Ned Stark tinha organizado quando o Rei Robert veio a Winterfell. O salão ressoava com música e risos, embora os ventos frios estivessem subindo lá fora. A princípio era tudo vinho e carne assada, e Theon trocava gracejos,

admirava as criadas e passava um tempo agradável… Até reparar que a sala estava ficando mais escura. A música já não parecia tão alegre; ouviu dissonâncias e estranhos silêncios, e notas que pairavam, sangrando, no ar. De repente, o vinho amargou em sua boca, e quando ergueu os olhos da taça viu que estava jantando com os mortos.

O Rei Robert estava sentado com as tripas derramadas sobre a mesa, saídas do grande rasgo que tinha na barriga, e Lorde Eddard encontrava-se ao seu lado, sem cabeça. Cadáveres ocupavam os bancos, embaixo, com carne marrom-acinzentada desprendendo-se dos ossos ao erguerem as taças para brindar, e vermes rastejando para dentro e para fora dos buracos que tinham sido seus olhos. Conhecia todos; Jory Cassel e o Gordo Tom, Porther, Cayn e Hullen, o mestre dos cavalos, e todos os outros que tinham partido para Porto Real para nunca regressar. Mikken e Chayle estavam juntos, um pingando sangue, e o outro, água. Benfred Tallhart e as suas Bravas Lebres enchiam a maior parte de uma mesa. A mulher do moleiro também estava lá, e Farlen, e até o selvagem que Theon matou na mata de lobos no dia em que salvara a vida de Bran.

Mas havia outros, com rostos que nunca conhecera em vida, rostos que vira apenas em pedra. A esbelta e triste moça que usava uma coroa de rosas azuis-claras e um vestido branco salpicado de sangue coagulado só podia ser Lyanna. O irmão Brandon encontrava-se em pé ao seu lado, e o pai de ambos, Lorde Rickard, logo atrás. Ao longo das paredes, figuras entrevistas deslocavam-se por entre as sombras, vultos pálidos com longos rostos severos. Vê-los fez Theon estremecer de um medo afiado como uma faca. E então as altas portas abriram-se com estrondo, e uma gélida rajada soprou pelo salão, e Robb saiu, a pé, da noite. Vento Cinzento vinha ao seu lado, com os olhos em fúria, e homem e lobo sangravam de meia centena de feridas cruéis.

Theon acordou com um grito, assustando Wex de tal maneira que o rapaz fugiu nu do quarto. Quando os guardas irromperam no quarto, de espada na mão, ordenou-lhes que trouxessem o meistre. Quando Luwin chegou, desgrenhado e sonolento, uma taça de vinho tinha firmado as mãos de Theon, e ele sentia-se envergonhado de seu pânico.

– Um sonho – murmurou –, não passou de um sonho. Não quis dizer nada.

– Nada – concordou solenemente Luwin. Deixou-lhe uma poção para dormir, mas Theon despejou-a pelo poço da latrina no momento em que o meistre saiu. Luwin era meistre, mas também homem, e o homem não tinha qualquer simpatia por ele. *Quer que eu durma, sim… que durma para nunca mais acordar. Gostaria disso tanto quanto Asha*.

Mandou chamar Kyra, fechou a porta com um pontapé, subiu nela

e fodeu a criada com uma fúria que nunca soube que existisse em si. Quando acabou, ela soluçava, com o pescoço e os seios cobertos de hematomas e marcas de mordidas. Theon empurrou-a para fora da cama e atirou-lhe uma manta.

– Fora.

Mas, mesmo então, não conseguiu dormir.

Ao chegar a alvorada, vestiu-se, saiu e foi caminhar ao longo das muralhas exteriores. O vento vivo de Outono que rodopiava através das ameias deixou seu rosto vermelho e feriu seus olhos. Observou a floresta enquanto ela passava de cinzenta a verde, à medida que a luz se infiltrava através das árvores silenciosas. À esquerda viam-se o topo de torres por cima da muralha interior, com os telhados dourados pelo sol nascente. As folhas vermelhas do represeiro eram um clarão de chamas na vastidão verde. *A árvore de Ned Stark*, pensou, e *a floresta dos Stark, o castelo dos Stark, a espada dos Stark, os deuses dos Stark. Este é o lugar deles, não meu. Sou um Greyjoy de Pyke, nascido para pintar uma lula gigante no meu escudo e velejar pelo grande mar salgado. Devia ter ido com Asha.*

Nos espigões de ferro sobre a guarita, as cabeças aguardavam.

Theon fitou-as em silêncio enquanto o vento puxava seu manto com pequenas mãos fantasmagóricas. Os filhos do moleiro tinham a mesma idade de Bran e de Rickon, semelhantes no tamanho e na cor, e depois que Fedor arrancou a pele de seus rostos e mergulhou as cabeças em alcatrão, era fácil encontrar traços familiares naqueles deformados pedaços de carne a apodrecer. As pessoas eram tão burras. *Se tivéssemos dito que eram cabeças de carneiro, teriam visto cornos.*

Sansa

Tinham passado a manhã inteira cantando no septo, desde que a primeira notícia de velas inimigas havia chegado ao castelo. O som de suas vozes combinava-se com os relinchos dos cavalos, o tinir do aço e os gemidos das dobradiças dos grandes portões de bronze, para criar uma música estranha e assustadora. *No septo cantam pela misericórdia da Mãe, mas nas muralhas é ao Guerreiro que oram, e todos em silêncio*. Lembrou-se de como Septã Mordane costumava dizer-lhes que o Guerreiro e a Mãe eram apenas duas faces do mesmo grande deus. *Mas se há apenas um, qual das preces será ouvida?*

Sor Meryn Trant segurava o sanguíneo baio para Joffrey montar. Tanto o cavalo como o rapaz usavam malha dourada e armadura esmaltada carmesim, com leões dourados condizentes nas cabeças. A pálida luz do sol relampejava nos dourados e vermelhos sempre que Joff se mexia. *Brilhante, reluzente e vazio*, Sansa pensou.

O Duende estava montado num garanhão vermelho, armado de modo mais simples do que o rei, num equipamento de batalha que fazia com que parecesse um garotinho vestido com a roupa do pai. Mas nada havia de infantil no machado de batalha preso sob o escudo. Sor Mandon Moore seguia a seu lado, com aço branco brilhante como gelo. Quando Tyrion a viu, virou o cavalo na sua direção.

– Senhora Sansa – chamou de cima da sela –, certamente minha irmã lhe pediu para se juntar às outras senhoras de elevado nascimento em Maegor?

– Pediu, senhor, mas Rei Joffrey mandou me chamar para me despedir dele. Também pretendo visitar o septo, para rezar.

– Não perguntarei por quem – a boca dele torceu-se de forma estranha; se aquilo era um sorriso, era o mais estranho que já vira. – Este dia pode mudar tudo. Quer para você quer para a Casa Lannister. Devia tê-la mandado embora com Tommen, agora penso nisso. Mesmo assim, deverá estar suficientemente segura em Maegor, desde que…

– *Sansa!* – o grito juvenil ressoou no pátio; Joffrey a tinha visto. – Sansa, aqui!

Chama-me como se estivesse chamando um cão, pensou.

– Sua Graça precisa de você – Tyrion Lannister observou. – Voltaremos a conversar depois da batalha, se os deuses o permitirem.

Sansa abriu caminho através de uma fileira de lanceiros com mantos dourados enquanto Joffrey lhe fazia sinais para que se aproximasse.

– Haverá uma batalha em breve, é o que todos dizem.

– Que os deuses tenham misericórdia por todos nós.

– Meu tio é quem precisará de misericórdia, mas não lhe darei

nenhuma – Joffrey puxou a espada. O botão era um rubi esculpido como um coração, incrustado entre as mandíbulas de um leão. Três sulcos estavam profundamente entalhados na lâmina. – Minha nova lâmina, Devoradora de Corações.

Sansa recordou que ele um dia possuíra uma espada chamada Dente de Leão. Arya a tirara dele e a jogara em um rio. *Espero que Stannis faça o mesmo com esta*.

– Está lindamente trabalhada, Vossa Graça.

– Abençoe meu aço com um beijo – abaixou a lâmina até ela. – Vá lá, beije-a.

Nunca tinha soado tanto como um garotinho estúpido. Sansa encostou os lábios no metal, pensando que preferiria beijar tantas espadas quantas fosse preciso a beijar Joffrey. Mas o gesto pareceu agradar-lhe. Embainhou a lâmina com um floreio.

– Vai beijá-la de novo quando eu voltar, e vai saborear o sangue do meu tio.

Só se algum dos membros da Guarda Real matá-lo por você. Três das Espadas Brancas iriam com Joffrey e com o tio: Sor Meryn, Sor Mandon e Sor Osmund Kettleblack.

– Vai liderar seus cavaleiros na batalha? – Sansa perguntou, esperançosa.

– Eu queria, mas meu tio, o Duende, diz que meu tio Stannis nunca atravessará o rio. Mas comandarei as Três Rameiras. Tratarei pessoalmente dos traidores – a perspectiva fazia Joff sorrir. Seus gordos lábios cor-de-rosa faziam-no sempre parecer mal-humorado. Sansa gostava disso antes, mas agora enchia-a de náuseas.

– Dizem que meu irmão Robb vai sempre para o centro das lutas – ela disse, com ousadia. – Embora seja mais velho do que Vossa Graça, com certeza. Um homem-feito.

Aquilo fez Joffrey franzir o cenho:

– Lidarei com seu irmão depois que acabar com o traidor do meu tio. Vou estripá-lo com a Devoradora de Corações, você verá – virou o cavalo e o esporeou na direção do portão. Sor Meryn e Sor Osmund ficaram à sua direita e à esquerda, seguidos pelos homens de manto dourado em filas de quatro. Duende e Sor Mandon Moore fecharam a retaguarda. Os guardas acompanharam sua saída com gritos e vivas. Depois de o último sair, uma súbita quietude abateu-se sobre o pátio, como a calmaria que antecede uma tempestade.

No meio do silêncio, os cantos puxaram-na. Sansa virou-se para o septo. Dois cavalariços seguiram-na, bem como um dos guardas cujo turno tinha terminado. Outros seguiram também, mais atrás.

Sansa nunca tinha visto o septo tão cheio de gente, nem tão brilhantemente iluminado; grandes feixes de luz do sol com as cores do arco-íris derramavam-se através dos cristais nas altas janelas, e

velas ardiam por todo o lado, pequenas chamas que cintilavam como estrelas. O altar da Mãe e o do Guerreiro nadavam em luz, mas Ferreiro, Velha, Donzela e Pai tinham também seus adoradores, e até havia algumas chamas dançando por baixo da face meio humana do Estranho… Pois, o que seria Stannis Baratheon se não o Estranho vindo para julgá-los? Sansa visitou cada um dos Sete, na ordem, acendendo uma vela em cada altar, e depois encontrou para si um lugar nos bancos entre uma velha lavadeira encarquilhada e um menino que não devia ser mais velho do que Rickon, vestido com a boa túnica de linho de um filho de cavaleiro. A mão da velha era ossuda e endurecida pelos calos, a do garoto, pequena e suave, mas era bom ter alguém a quem se agarrar. O ar encontrava-se quente e pesado, cheirando a incenso e suor, beijado pelos cristais e brilhante das velas; respirá-lo deixava-a tonta.

Conhecia o hino; a mãe tinha lhe ensinado uma vez, havia muito tempo, em Winterfell. Juntou sua voz às dos outros.

> Gentil Mãe, de clemência fonte,
> nossos filhos livre da disputa,
> pare espadas, pare flechas,
> deixe-os ver um melhor dia.
> Gentil Mãe, das mulheres força,
> ajude nossas filhas nesta luta,
> acalme a ira, dome a fúria,
> ensine a todos outra via.

Vindas de toda a cidade, milhares de pessoas tinham se amontoado no Grande Septo de Baelor na Colina de Visenya, e estavam também cantando, com vozes que se expandiam pela cidade, atravessavam o rio e subiam ao céu. *Decerto que os deuses têm de nos ouvir*, ela pensou.

Sansa conhecia a maior parte dos hinos, e acompanhou o melhor que pôde aqueles que não conhecia. Cantou com velhos criados grisalhos e jovens esposas ansiosas, com criadas e soldados, cozinheiros e falcoeiros, cavaleiros e tratantes, escudeiros, cozinheiros e amas de leite. Cantou com aqueles que se encontravam dentro das muralhas do castelo e com os de fora, cantou com toda a cidade. Cantou por misericórdia, tanto pelos vivos como pelos mortos, por Bran, Rickon e Robb, pela irmã Arya e pelo irmão bastardo Jon Snow, lá longe na Muralha. Cantou pela mãe e pelo pai, pelo avô, Lorde Hoster, e pelo tio, Edmure Tully, pela amiga Jeyne Poole, pelo velho e bêbado Rei Robert, pela Septã Mordane, por Sor Dontos, Jory Cassel e pelo Meistre Luwin, por todos os bravos cavaleiros e soldados que morreriam hoje, e pelas crianças e as viúvas que por eles chorariam, e,

por fim, ao terminar, até cantou por Tyrion, o Duende, e pelo Cão de Caça. *Ele não é um verdadeiro cavaleiro, mas mesmo assim salvou-me*, disse à Mãe. *Salve-o se puder, e suavize a raiva que tem dentro de si.*

Mas, quando o septão subiu bem alto e evocou os deuses para defenderem e protegerem seu legítimo e nobre rei, Sansa ficou em pé. As naves laterais estavam repletas de gente. Teve de abrir caminho aos empurrões enquanto o septão apelava ao Ferreiro para dar força à espada e ao escudo de Joffrey, ao Guerreiro para lhe dar coragem, ao Pai para defendê-lo naquela emergência. *Que sua espada se parta e o escudo se estilhace*, pensou Sansa friamente enquanto atravessava as portas à força, *que a coragem lhe falte e todos os homens o abandonem*.

Alguns guardas patrulhavam as ameias da guarita, mas, fora isso, o castelo parecia vazio. Sansa parou e escutou. A grande distância, conseguia ouvir os sons da batalha. As cantorias quase os afogavam, mas eles estavam lá caso se tivesse ouvidos para ouvir: o profundo gemido das trompas de guerra, os rangidos e estrondos abafados das catapultas arremessando pedras, as pancadas na água e os sons de coisas que se estilhaçavam, o crepitar de piche em chamas, e o *trum* das balistas lançando seus dardos com um metro de comprimento e ponta de ferro… E por baixo de tudo isso, os gritos de homens morrendo.

Era outro tipo de canção, uma canção terrível. Sansa puxou o capuz de seu manto sobre as orelhas, e apressou-se na direção da Fortaleza de Maegor, o castelo dentro do castelo onde a rainha garantira que todos estariam a salvo. Ao chegar à ponte levadiça encontrou a Senhora Tanda e as duas filhas. Falyse chegara do Castelo Stokeworth no dia anterior com um pequeno contingente de soldados. Estava tentando convencer a irmã a entrar na ponte, mas Lollys agarrava-se à aia, soluçando:

– Eu não quero ir, não quero ir, não quero ir.

– A batalha *começou* – disse a Senhora Tanda numa voz frágil.

– Não quero ir, não quero ir.

Sansa não tinha nenhuma forma de evitá-las. Saudou-as com cortesia.

– Posso ajudar?

A Senhora Tanda corou de vergonha.

– Não, minha senhora, mas agradecemos a simpatia. Deve perdoar a minha filha, ela não tem estado bem.

– Não quero ir – Lollys agarrava-se à aia, uma moça esbelta e bonita com cabelo curto e escuro que parecia não ter desejo maior do que atirar a patroa ao fosso seco, em direção àqueles espigões de ferro. – Por favor, por favor, não quero ir.

Sansa falou-lhe com suavidade.

– Estaremos todas triplamente protegidas lá dentro, e vai haver

comida e bebida e também canções.

Lollys olhou-a de boca aberta. Tinha olhos castanhos e opacos que pareciam estar sempre úmidos de lágrimas.

– Não quero ir.

– Mas *tem* de ir – disse a irmã Falyse em tom cortante. – E acabou. Shae, ajude-me – agarraram cada uma num cotovelo e, juntas, levaram Lollys pela ponte, meio arrastada, meio carregada. Sansa seguiu-as com a mãe.

– Ela tem estado doente – disse a Senhora Tanda. *Se um bebê pode ser chamado de doença*, pensou Sansa. Que Lollys estava esperando uma criança era um mexerico comum.

Os dois guardas à porta usavam os elmos coroados por leões e o manto carmesim da Casa Lannister, mas Sansa sabia que eram apenas mercenários disfarçados. Outro encontrava-se sentado na base da escada… um verdadeiro guarda estaria em pé, não sentado num degrau com a alabarda em cima dos joelhos… mas levantou-se quando as viu e abriu a porta para deixá-las entrar.

O Salão de Baile da Rainha não tinha um décimo do tamanho do Grande Salão do castelo, mas mesmo assim havia lugar para cem pessoas, e compensava em graça o que lhe faltava em espaço. Havia espelhos de prata batida junto a cada arandela, e assim os archotes ardiam com o dobro da luminosidade; as paredes eram recobertas com painéis de madeira ricamente esculpida, e esteiras com um cheiro agradável cobriam o chão. Da galeria vinham as alegres toadas de flautas e rabecas. Uma fileira de janelas arqueadas corria ao longo da parede sul, mas tinham sido fechadas com tecido pesado. Espessas cortinas de veludo não admitiam nem um fio de luz, e abafariam quer o som das preces, quer o da guerra. *Não importa*, Sansa pensou. *A guerra está conosco.*

Quase todas as mulheres bem-nascidas da cidade estavam sentadas às longas mesas de montar, na companhia de um punhado de velhos e garotinhos. As mulheres eram esposas, filhas, mães e irmãs. Seus homens tinham ido lutar contra Lorde Stannis. Muitos não retornariam. O ar estava pesado com o conhecimento desse fato. Na qualidade de prometida de Joffrey, Sansa tinha direito ao lugar de honra à direita da rainha. Estava subindo ao estrado quando viu o homem em pé, nas sombras, junto à parede do fundo. Usava uma longa camisa de cota de malha negra e oleada, e segurava a espada à sua frente; a espada do pai, Gelo, quase tão alta quanto ele. A ponta descansava no chão, e os dedos duros e ossudos do homem enrolavam-se em volta da guarda, de ambos os lados do cabo. Sansa ficou com a respiração presa na garganta. Sor Ilyn Payne pareceu sentir seu olhar. Virou para ela o rosto magro e devastado pela varíola.

– O que *ele* está fazendo aqui? – perguntou a Osfryd Kettleblack.

Era ele o capitão da nova guarda de manto vermelho da rainha.

Osfryd sorriu.

– Sua Graça espera ter necessidade dele antes de a noite acabar.

Sor Ilyn era o Magistrado do Rei. Havia só um serviço para o qual podia ser necessário. *De quem é a cabeça que ela deseja?*

– Levantem-se por Sua Graça, Cersei da Casa Lannister, Rainha Regente e Protetora do Território – gritou o intendente real.

O vestido de Cersei era uma neve de linho, branco como o manto da Guarda Real. As longas mangas pendentes mostravam um forro de cetim dourado. Um grande volume de cabelo dourado caía sobre seus ombros nus em espessos caracóis. Em volta do esbelto pescoço pendia um cordão de diamantes e esmeraldas. O branco fazia-a parecer estranhamente inocente, quase com um ar de donzela, mas havia pontas de cor em suas faces.

– Sentem-se – disse a rainha depois de ocupar seu lugar no estrado –, e sejam bem-vindos – Osfryd Kettleblack segurou sua cadeira; um pajem desempenhou o mesmo serviço a Sansa. – Parece pálida, Sansa – Cersei observou. – Sua flor vermelha ainda floresce?

– Sim.

– Que apropriado. Os homens sangrarão lá fora, e você aqui – a rainha fez sinal para que o primeiro prato fosse servido.

– Por que Sor Ilyn está aqui? – Sansa quis saber.

A rainha olhou de relance o carrasco mudo.

– Para lidar com a traição, e para nos defender se for necessário. Ele foi um cavaleiro antes de ser carrasco – apontou com a colher para o fundo do salão, onde as altas portas de madeira tinham sido fechadas e trancadas. – Quando os machados arrombarem aquelas portas, poderá ficar contente por ele estar aqui.

Ficaria mais contente se fosse Cão de Caça, Sansa pensou. Por mais desagradável que Sandor Clegane fosse, não achava que ele deixaria que algum mal lhe acontecesse.

– Seus guardas não nos protegerão?

– E quem nos protegerá dos meus guardas? – a rainha deu a Osfryd um olhar de soslaio. – Mercenários leais são tão raros como rameiras virgens. Se a batalha for perdida, meus guardas tropeçarão naqueles mantos carmesim na pressa de arrancá-los. Roubarão o que puderem e fugirão, com os criados, lavadeiras e cavalariços, todos procurando salvar suas inúteis peles. Tem alguma ideia do que acontece quando uma cidade é saqueada, Sansa? Não, não pode ter, não é? Tudo o que sabe da vida aprendeu com os cantores, e há uma escassez muito grande de boas canções de saque.

– Verdadeiros cavaleiros nunca fariam mal a mulheres e crianças – as palavras soaram-lhe ocas logo no momento em que as proferia.

– Verdadeiros cavaleiros – a rainha parecia achar aquilo

maravilhosamente divertido. – Não há dúvida de que tem razão. Portanto, por que é que não se limita a comer seu caldo como uma boa menina e esperar que Symeon Olhos de Estrela e o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, venham salvá-la, querida? Tenho certeza de que já não faltará muito tempo.

Davos

A Baía da Água Negra estava encrespada, cheia de cristas de onda por todo lado. O *Betha Negra* acompanhava a maré cheia, com a vela rangendo e estalando a cada mudança de vento. O *Espectro* e o *Senhora Marya* navegavam a seu lado, com não mais de 20 metros entre os cascos. Seus filhos sabiam manter um alinhamento. Davos orgulhava-se disso.

Por sobre o mar soaram cornos de guerra, profundos gemidos guturais semelhantes aos chamamentos de monstruosas serpentes, repetidos de navio para navio.

– Arriar a vela – ordenou Davos. – Desmontar o mastro. Remadores aos remos – seu filho Matthos transmitiu as ordens. O convés do *Betha Negra* agitou-se quando os tripulantes correram para desempenhar suas tarefas, abrindo caminho através de soldados que pareciam ficar sempre no caminho, onde quer que estivessem. Sor Imry tinha decretado que entrariam no rio só a remo, a fim de não expor as velas às balistas e catapultas de fogo das muralhas de Porto Real.

Davos distinguia o *Fúria* bem afastado, para sudeste, as velas cintilando em dourado enquanto eram arriadas, com o veado coroado de Baratheon pintado na tela. Stannis Baratheon tinha comandado o assalto a Pedra do Dragão do convés daquele navio, dezesseis anos antes, mas daquela vez escolhera acompanhar o exército, confiando o *Fúria* e o comando da frota ao irmão da mulher, Sor Imry, que tinha passado para a sua causa em Ponta Tempestade com Lorde Alester e todos os outros Florent.

Davos conhecia *Fúria* tão bem quanto seus próprios navios. Por cima de seus trezentos remos havia um convés dedicado completamente a balistas, e no convés superior tinha montadas, à frente e atrás, catapultas suficientemente grandes para arremessar barris de piche em chamas. Um navio formidável, e também muito rápido, embora Sor Imry o tivesse atulhado da proa à popa com cavaleiros em armaduras e homens de armas, o que teve seu custo em termos de rapidez.

Os cornos de guerra voltaram a soar, ordens à deriva, vindas do *Fúria*. Davos sentiu um formigamento nas pontas cortadas dos dedos.

– Remos ao mar – gritou. – Formar fileiras – uma centena de pás mergulhou na água no momento em que o tambor do mestre dos remadores começou a soar. O som era como o batimento de um grande coração lento, e os remos moviam-se a cada batida, cem homens puxando como um só.

Asas de madeira tinham também brotado do *Espectro* e do *Senhora*

Marya. As três galés mantiveram o mesmo ritmo, agitando a água com as pás.

– Cruzeiro lento – gritou Davos. O navio de casco prateado de Lorde Velaryon, *Orgulho de Derivamarca*, tinha se deslocado para sua posição a bombordo do *Espectro*, e o *Ousada Gargalhada* aproximava-se rapidamente, mas o *Bruxa* só agora baixava os remos, e o *Cavalo-Marinho* ainda lutava para desmontar o mastro. Davos olhou para a popa. Sim, ali, muito ao sul, aquilo só podia ser o *Peixe-Espada*, atrasado como sempre. Era um navio de duzentos remos e possuía o maior esporão da frota, se bem que Davos nutrisse severas dúvidas a respeito de seu capitão.

Conseguia ouvir soldados gritando incentivos uns aos outros através da água. Tinham sido pouco mais do que lastro desde Ponta Tempestade, e estavam ansiosos por atirar-se sobre o inimigo, confiantes na vitória. Nisso, estavam em uníssono com seu almirante, o Senhor Capitão Supremo Sor Imry Florent.

Três dias antes Sor Imry convocara todos os seus capitães para um conselho de guerra a bordo do *Fúria,* enquanto a frota permanecia ancorada na foz do Guaquevai, a fim de lhes comunicar seus planos. A Davos e aos filhos tinha sido atribuído um lugar na segunda linha de batalha, na perigosa ala de estibordo.

– Um lugar de honra – declarara Allard, bastante contente com a oportunidade de demonstrar seu valor.

– Um lugar de perigo – ressaltara o pai. Os filhos tinham-lhe lançado olhares compadecidos, até mesmo o jovem Maric. *O Cavaleiro das Cebolas transformou-se numa velha*, era o que os ouvia pensar, *ainda tem coração de contrabandista*.

Bem, a última parte era bastante verdadeira, e não pediria desculpa por isso. Seaworth possuía sonoridade nobre, mas no seu âmago ainda era Davos da Baixada das Pulgas, tornando à sua casa, à sua cidade erguida sobre as suas três grandes colinas. Sabia mais de navios, velas e costas que qualquer outro homem nos Sete Reinos, e tinha participado do seu quinhão de lutas desesperadas, espada contra espada, num convés molhado. Mas àquele tipo de batalha chegava virgem, nervoso e amedrontado. Os contrabandistas não fazem soar cornos de guerra nem erguem estandartes. Quando cheiram perigo, içam as velas e fogem à frente do vento.

Se tivesse sido ele o almirante, teria feito tudo de outra forma. Para começar, teria enviado um punhado de seus navios mais rápidos rio acima, a fim de sondar aquilo que os esperava, em vez de atacar imprudentemente. Quando fizera essa sugestão a Sor Imry, o Senhor Capitão Supremo agradeceu cortesmente, mas seus olhos não tinham se mostrado tão delicados. *Quem é esse covarde de baixo nascimento?*, perguntavam seus olhos. *Será aquele que comprou o grau de cavaleiro*

com uma cebola?

Com quatro vezes mais navios do que o rei rapaz, Sor Imry não via motivos para cautelas ou táticas de engano. Organizara a frota em dez linhas de batalha, cada uma com vinte navios. As primeiras duas subiriam o rio para dar batalha e destruir a pequena frota de Joffrey, ou "os brinquedos do rapaz", como Sor Imry os chamava, para diversão dos senhores seus capitães. Aquelas que viriam atrás desembarcariam companhias de arqueiros e lanceiros sob as muralhas da cidade, e só então se juntariam à batalha no rio. Os navios menores e mais lentos da retaguarda transbordariam a parte principal da tropa de Stannis a partir da margem sul, protegidos por Salladhor Saan e seus lisenos, que permaneceriam na baía para o caso de os Lannister possuírem outros navios escondidos ao longo da costa, preparados para cair sobre a retaguarda da frota de Stannis.

Para ser justo, havia motivos para a pressa de Sor Imry. Os ventos não os tinham tratado com gentileza na viagem de Ponta Tempestade. Tinham perdido duas cocas nos rochedos da Baía dos Naufrágios, no mesmo dia em que zarparam, uma péssima maneira de começar. Uma das galés de Myr fora a pique nos Estreitos de Tarth, e uma tempestade assolara-os ao entrarem na Goela, espalhando a frota por metade do Mar Estreito. Todos os navios, exceto doze, tinham por fim se reagrupado atrás da ponta abrigada do Gancho de Massey, nas águas mais calmas da Baía da Água Negra, mas não antes de perderem um tempo considerável.

Stannis devia ter chegado à Torrente vários dias antes. A estrada do rei seguia reto de Ponta Tempestade a Porto Real, uma rota muito mais curta do que por mar, e a maior parte de sua tropa estava a cavalo; quase vinte mil cavaleiros, cavalaria leve e cavaleiros livres, o involuntário legado de Renly ao irmão. Teriam feito um bom tempo, mas cavalos de batalha couraçados e lanças de três metros e meio pouco adiantariam contra as águas profundas da Torrente da Água Negra e as altas muralhas de pedra da cidade. Stannis estaria acampado com seus senhores na margem sul do rio, sem dúvida fervendo de impaciência e perguntando-se o que Sor Imry teria feito de sua frota.

Ao largo do Rochedo do Badejo, dois dias antes, tinham avistado meia dúzia de esquifes de pesca. Os pescadores tinham fugido ao vê-los, mas um por um foram alcançados e abordados.

– Uma colherada de vitória é a coisa certa para sossegar o estômago antes da batalha – Sor Imry declarara satisfeito. – Deixa os homens famintos por doses maiores.

Mas Davos se interessara mais pelo que os cativos tinham a dizer a respeito das defesas de Porto Real. O anão andara atarefado construindo uma espécie de dique flutuante para fechar a foz do rio,

embora os pescadores diferissem quanto à obra ter sido concluída ou não. Deu por si desejando que sim. Se o rio lhes estivesse vedado, Sor Imry não teria alternativa a não ser parar e avaliar a situação.

O mar estava cheio de sons: gritos e chamados, cornos de guerra, tambores e trinados de flauta, o bater da madeira na água à medida que milhares de remos se erguiam e caíam.

– Manter a linha – Davos gritou. Uma rajada de vento puxou seu velho manto verde. Um justilho de couro fervido e um elmo redondo que tinha aos pés eram sua única armadura. Acreditava que, no mar, o aço pesado era mais capaz de tirar a vida de um homem do que de salvá-la. Sor Imry e os outros capitães de elevado nascimento não partilhavam de seu ponto de vista; cintilavam enquanto percorriam os respectivos conveses.

O *Bruxa* e o *Cavalo-Marinho* tinham agora deslizado para os seus lugares, bem como o *Garra Vermelha* de Lorde Celtigar atrás deles. A estibordo do *Senhora Marya* de Allard encontravam-se as três galés que Stannis capturara do infeliz Lorde Sunglass, *Piedade*, *Prece* e *Devoção*, com os conveses repletos de arqueiros. Até o *Peixe-Espada* se aproximava, avançando pesadamente, aos balanços, através de um mar que engrossava, impulsionado tanto por velas como por remos. *Um navio de tantos remos deveria ser muito mais rápido*, Davos refletiu, desaprovando. *É aquele esporão que transporta, é grande demais, o navio não tem equilíbrio*.

O vento soprava em rajadas do sul, mas para navios que avançavam a remo não importava. Avançariam na maré cheia, mas os Lannister teriam a seu favor a corrente do rio, e a Torrente da Água Negra corria forte e rápida onde encontrava o mar. O primeiro choque iria inevitavelmente favorecer o inimigo. *Somos loucos por confrontá-los na Água Negra*, Davos pensou. Em qualquer encontro em mar aberto, as linhas de batalha da frota envolveriam a frota inimiga por ambos os flancos, empurrando-a para dentro, para sua destruição. Mas, no rio, o número e peso dos navios de Sor Imry seriam prejudiciais. Não podiam fazer mais de vinte navios avançarem lado a lado, para não se arriscarem a emaranhar os remos e a colidir uns com os outros.

Para lá da fileira de navios de guerra, Davos conseguia ver a Fortaleza Vermelha no topo da Colina de Aegon, escura contra um céu cor de limão, com a foz da Torrente abrindo-se por baixo. Do outro lado do rio, a margem sul estava negra de homens e cavalos, agitando-se como formigas irritadas ao vislumbrarem os navios que se aproximavam. Stannis devia ter mantido seus homens ocupados construindo jangadas e fazendo flechas, mas mesmo assim a espera teria sido difícil de suportar. Soaram trombetas entre eles, minúsculas e metálicas, rapidamente engolidas pelo rugido de um milhar de gritos. Davos fechou a mão deformada em volta da bolsa que continha

os ossos de seus dedos e articulou uma prece silenciosa, pedindo sorte.

O próprio *Fúria* constituiria o centro da primeira linha de batalha, flanqueado por *Lorde Steffon* e *Veado do Mar*, ambos com duzentos remos. Nas alas de bombordo e estibordo dispunham-se os navios de cem remos: *Senhora Harra, Peixe Brilhante, Lorde que Ri, Demônio do Mar, Honra Chifruda, Jenna Esfarrapada, Tridente Três, Espada Ligeira, Princesa Rhaenys, Focinho de Cão, Cetro, Fiel, Gralha Vermelha, Rainha Alysanne, Gato, Corajoso* e *Perdição de Dragão*. Em todas as popas flutuava o coração flamejante do Senhor da Luz, vermelho, amarelo e laranja. Atrás de Davos e dos filhos vinha outra linha de navios de cem remos comandados por cavaleiros e capitães senhoriais, e depois o contingente de Myr, navios menores e mais lentos, nenhum deles com mais de oitenta remos. Mais para trás viriam os navios a vela, os galeões e as grandes e pesadas cocas, e, por fim, Salladhor Saan, em sua orgulhosa *Valiriana*, uma altaneira galé de trezentos remos, acompanhada pelo resto de suas galés com seu característico casco rajado. O extravagante principezinho liseno não ficara contente quando lhe foi atribuída a retaguarda, mas era claro que Sor Imry não confiava nele mais do que Stannis. *Queixas demais e conversas demais a respeito do ouro que lhe era devido*. Mesmo assim, Davos lamentava. Salladhor Saan era um velho pirata cheio de recursos, e sua tripulação era composta por marinheiros natos, destemidos em batalha. Eram desperdiçados na retaguarda.

Auuuuuuuuuuuuuuuuuuu. O chamado espalhou-se por sobre a espuma do mar e os remos agitados, vindo do castelo de proa do *Fúria*: Sor Imry fazia soar o toque de atacar. *Auuuuuuuuuuuuuuuuuuu, auuuuuuuuuuuuuuuuuuuu*.

Peixe-Espada tinha enfim se reunido à linha, embora ainda tivesse a vela desfraldada.

– Cruzeiro rápido – ladrou Davos. O tambor começou a soar mais depressa, e as remadas aceleraram, com as pás dos remos cortando a água, *splash-suoch, splash-suoch, splash-suoch*. No convés, soldados batiam com as espadas nos escudos, enquanto arqueiros encordoavam os arcos em silêncio e tiravam a primeira flecha das aljavas que traziam à cintura. As galés da primeira linha de batalha obscureciam sua vista, e Davos percorreu o convés em busca de uma posição melhor. Não viu nenhum sinal de um dique; a foz do rio estava aberta, como que à espera de engolir a todos. Exceto…

Em seus tempos de contrabandista, Davos brincava com frequência dizendo que conhecia a margem de Porto Real bem melhor do que as costas de suas mãos, pois não tinha passado uma boa parte da vida entrando e saindo às escondidas das costas das mãos. As torres atarracadas de pedra nova e bruta que se erguiam de frente uma para a outra na foz da Água Negra podiam não querer dizer nada para Sor

Imry Florent, mas para ele era como se dois dedos extras tivessem brotado dos nós de seus dedos.

Protegendo os olhos do sol que vinha do oeste, observou mais de perto essas torres. Eram pequenas demais para conter uma grande guarnição. A da margem norte tinha sido construída contra a falésia onde a Fortaleza Vermelha se empoleirava, carrancuda; sua irmã da margem sul tinha a base dentro d'água. *Escavaram um fosso na margem*, compreendeu de imediato. Isso tornaria a torre muito difícil de assaltar; os atacantes teriam de atravessar a água a vau ou construir uma ponte sobre o estreito canal. Stannis havia colocado arqueiros embaixo para disparar contra os defensores sempre que algum fosse suficientemente imprudente para erguer a cabeça acima das ameias, mas, fora isso, não tinha se incomodado.

Algo cintilava embaixo, onde a água escura redemoinhava em torno da base da torre. Era a luz do sol refulgindo em aço, e isso disse a Davos Seaworth tudo o que precisava saber. *Uma barragem de corrente… e, no entanto, eles não fecharam o rio contra nós. Por quê?*

Também podia fazer uma suposição quanto a isso, mas não houve tempo para refletir sobre a questão. Surgiu um grito vindo dos navios em frente, e os cornos de guerra voltaram a soar: o inimigo encontrava-se diante da frota.

Por entre os remos brilhantes do *Cetro* e do *Fiel*, Davos viu uma estreita linha de galés atravessada no rio, com o sol cintilando na tinta dourada que distinguia seus cascos. Conhecia aqueles navios tão bem quanto os seus. Quando era contrabandista, sentia-se sempre mais seguro sabendo se a vela no horizonte assinalava um navio rápido ou lento, e se o seu capitão era um jovem faminto de glória ou um velho nos últimos dias de serviço.

Auuuuuuuuuuuuuuuuu, berraram os cornos de guerra.

– Velocidade de batalha – Davos gritou. A bombordo e estibordo ouviu Dale e Allard darem a mesma ordem. Tambores começaram a bater furiosamente, remos erguiam-se e caíam, e o *Betha Negra* correu em frente. Quando olhou de relance o *Espectro*, Dale fez uma saudação. O *Peixe-Espada* estava de novo se atrasando, rebolando-se na esteira dos navios menores de ambos os lados; fora isso, a linha seguia reta como uma muralha de escudos.

O rio que parecera tão estreito a distância alargava-se agora como um mar, mas a cidade também se tornara gigantesca. Debruçada, mal-humorada, da Colina de Aegon, a Fortaleza Vermelha dominava as vias de aproximação. Suas ameias coroadas de ferro, sólidas torres e espessas muralhas vermelhas davam-lhe o aspecto de um animal feroz arqueando o dorso sobre o rio e as ruas. As falésias sobre as quais se acocorava eram abruptas e rochosas, manchadas de liquens e árvores deformadas e espinhosas. A frota teria de passar sob o castelo para

atingir o porto e a cidade que ficavam mais adiante.

A primeira linha encontrava-se agora no rio, mas as galés inimigas recuavam. *Querem nos atrair. Querem nossos navios amontoados, apertados, sem ter como contornar seus flancos… e com aquela represa atrás de nós*. Percorreu o convés, projetando o pescoço para melhor observar a frota de Joffrey. Viu que os brinquedos do garoto incluíam o imponente *Graça dos Deuses*, o velho e lento *Príncipe Aemon*, o *Senhora de Seda* e seu irmão, *Vergonha da Senhora*, *Vento Vivo*, *Portorrealense*, *Veado Branco*, o *Lança*, *Flor do Mar*. Mas, onde estava o *Estrela Leonina*? Onde estava o belo *Senhora Lyanna* que o Rei Robert batizara em honra da donzela que amara e perdera? E onde estava o *Martelo do Rei Robert*? Era a maior galé de guerra da frota real, com quatrocentos remos, o único dos navios de guerra que o jovem rei possuía capaz de se sobrepor ao *Fúria*. Deveria constituir o coração de qualquer defesa.

Davos sentiu o sabor de uma armadilha, mas não viu sinal de inimigos aproximando-se por trás, só a grande frota de Stannis Baratheon em suas fileiras ordenadas, estendendo-se até o horizonte aquático. *Será que erguerão a corrente e nos cortarão ao meio?* Não via de que serviria isso. Os navios deixados na baía ainda poderiam desembarcar homens ao norte da cidade; uma travessia mais lenta, mas mais segura.

Um bando de tremeluzentes pássaros cor de laranja levantou voo do castelo, vinte ou trinta; potes de piche em chamas, voando em arco sobre o rio, trazendo atrás de si fios de chamas. As águas comeram a maior parte, mas alguns encontraram os conveses de galés na primeira linha de batalha, espalhando chamas onde se estilhaçavam. Havia homens de armas numa agitação frenética no convés do *Rainha Alysanne*, e era possível ver fumaça subindo de três locais diferentes na *Perdição de Dragão*, que estava mais perto da margem. Então, já um segundo bando vinha a caminho, e também caíam flechas, assobiando, provenientes dos ninhos de arqueiros salpicados no alto das torres. Um soldado tropeçou na amurada do *Gato*, caiu sobre os remos e afundou. *O primeiro homem a morrer hoje*, Davos pensou, *mas não será o último*.

No topo das ameias da Fortaleza Vermelha flutuavam os estandartes do rei rapaz: o veado coroado de Baratheon no seu fundo dourado, o leão de Lannister sobre carmim. Mais potes de piche chegaram voando. Davos ouviu homens gritar quando o fogo se espalhou sobre o *Corajoso*. Os remadores da galé estavam a salvo embaixo, protegidos dos projéteis pelo meio convés que os abrigava, mas os homens de armas aglomerados em cima não tinham tanta sorte. A ala a estibordo estava apanhando com todo o embate, tal como receara. *Em breve será a nossa vez*, recordou-se, preocupado. O

Betha Negra estava bem ao alcance dos potes de fogo, o sexto navio a partir da margem norte. A estibordo, tinha apenas o *Senhora Marya* de Allard, o deselegante *Peixe-Espada* – agora tão atrasado que se encontrava mais próximo da terceira linha do que da segunda – e *Piedade*, *Prece* e *Devoção*, que precisariam de toda a intervenção divina que pudessem reunir no local vulnerável em que estavam.

Quando a segunda linha passou pelas torres gêmeas, Davos olhou-as melhor. Conseguia ver três elos de uma enorme corrente serpenteando de um buraco que não era maior do que a cabeça de um homem e desaparecendo na água. As torres tinham uma única porta, colocada a uns seis metros do chão. Arqueiros no telhado da torre norte estavam disparando sobre o *Prece* e o *Devoção*. Os arqueiros no *Devoção* responderam, e Davos ouviu um homem gritar quando as flechas o encontraram.

– Meu capitão – Matthos, seu filho, estava ao seu lado. – O seu elmo – Davos o pegou com ambas as mãos e o colocou na cabeça. O elmo não tinha viseira; detestava ter a visão restringida.

Então os potes de piche já choviam ao redor deles. Viu um estilhaçar-se no convés do *Senhora Marya*, mas a tripulação de Allard o apagou rapidamente. A bombordo, soaram cornos de guerra no *Orgulho de Derivamarca*. Os remos faziam jorros de água voar a cada remada. O dardo de um metro de comprimento de uma balista caiu a cerca de meio metro de Matthos e afundou-se na madeira do convés, com um ruído abafado. Em frente, a primeira linha encontrava-se ao alcance dos arcos do inimigo; enxames de flecha voaram entre os navios, silvando como serpentes.

Ao sul da Água Negra, Davos viu homens arrastando grosseiras jangadas para a água enquanto fileiras e colunas se formavam sob mil estandartes esvoaçantes. O coração flamejante estava por toda parte, embora o minúsculo veado negro aprisionado nas chamas fosse pequeno demais para se ver. *Devíamos ter hasteado o veado coroado*, pensou. *O veado era o símbolo do Rei Robert, a cidade rejubilaria ao vê-lo. Esse estandarte de um estranho só serve para colocar os homens contra nós.*

Não conseguia observar o coração flamejante sem pensar na sombra que Melisandre tinha parido na escuridão por baixo de Ponta Tempestade. *Pelo menos lutamos essa batalha à luz, com as armas de homens honestos*, disse a si mesmo. A mulher vermelha e seus filhos escuros não tomariam parte nela. Stannis a enviara para Pedra do Dragão com o sobrinho bastardo, Edric Storm. Seus capitães e vassalos tinham insistido que um campo de batalha não era lugar para uma mulher. Só os homens da rainha tinham manifestado opinião diferente, e não com grande vigor. Mesmo assim, o rei se mostrara propenso a não lhes dar ouvidos, até que Lorde Bryce Caron disse:

– Vossa Graça, se a feiticeira estiver conosco, depois da batalha os homens dirão que a vitória foi dela, não sua. Dirão que deve a coroa aos seus feitiços – isso havia mudado a maré. O próprio Davos mantivera a boca fechada durante a discussão, mas, a bem da verdade, não ficou triste por vê-la longe. Não queria nada com Melisandre ou seu deus.

A estibordo, o *Devoção* aproximou-se da margem, estendendo uma prancha. Arqueiros correram para os baixios, deixando os arcos bem levantados sobre as cabeças, a fim de manter as cordas secas. Subiram para o terreno seco na estreita faixa sob a falésia. Começaram a cair pedras vindas do castelo, aterrissando no meio deles, e também flechas e lanças, mas o ângulo era inclinado e os projéteis pareceram causar poucos danos.

O *Prece* acostou vinte metros na direção da nascente e o *Piedade* estava se dirigindo para a margem quando os defensores chegaram pela margem do rio, com os cascos de seus cavalos de guerra fazendo espirrar água dos baixios. Os cavaleiros caíram sobre os arqueiros como lobos sobre galinhas, empurrando-os de novo para os navios e o rio antes que muitos deles conseguissem sequer colocar uma flecha no arco. Homens de armas correram para defendê-los com lanças e machados, e em três segundos a cena transformou-se num caos encharcado de sangue. Davos reconheceu o elmo em forma de cabeça de cão do Cão de Caça. Um manto branco pendia de seus ombros enquanto levava o cavalo pela prancha até o convés do *Prece*, abatendo qualquer um que por acaso se pusesse ao seu alcance.

Para lá do castelo, Porto Real erguia-se em suas colinas por trás das muralhas que a rodeavam. A zona ribeirinha era uma devastação enegrecida; os Lannister tinham queimado tudo, retirando-se para dentro do Portão da Lama. Os mastros carbonizados de velhos navios afundados ocupavam os baixios, impedindo o acesso aos longos cais de pedra. *Não teremos desembarque ali*. Conseguia ver o topo de três enormes trabucos atrás do Portão da Lama. Lá em cima, na Colina de Visenya, a luz do sol refulgia nas sete torres de cristal do Grande Septo de Baelor.

Davos não viu as partes entrarem em choque, mas ouviu; um grande estrondo lacerante quando duas galés colidiram. Não soube dizer quais. Outro impacto ecoou sobre a água um instante mais tarde, e logo um terceiro. Sob o grito da madeira estilhaçando-se, ouviu o profundo *trumtump* da catapulta dianteira do *Fúria*. O *Veado do Mar* abriu em duas uma das galés de Joffrey, mas o *Focinho de Cão* ardia e o *Rainha Alysanne* encontrava-se preso entre o *Senhora de Seda* e o *Vergonha da Senhora*, com a tripulação lutando com os inimigos de amurada a amurada.

Bem em frente, Davos viu o *Portorrealense* do inimigo

introduzindo-se entre o *Fiel* e o *Cetro*. O primeiro tirou os remos de estibordo do caminho antes do impacto, mas os remos de bombordo do *Cetro* partiram-se como gravetos quando o *Portorrealense* varreu seu costado.

– Atirar – Davos ordenou, e seus arqueiros lançaram uma fulminante chuva de flechas sobre a água. Viu o capitão do *Portorrealense* cair e tentou se lembrar do nome do homem.

Em terra, os braços dos grandes trabucos ergueram-se, um, dois, três, e uma centena de pedras subiu bem alto no céu amarelo. Cada uma era tão grande quanto a cabeça de um homem; quando caíram, jogaram para o alto grandes jorros de água, atravessaram pranchas de carvalho e transformaram homens vivos em ossos, polpa e cartilagem. Por toda a largura do rio, a primeira linha lutava. Âncoras foram arremessadas, espigões de ferro penetraram em cascos de madeira, homens saltaram sobre embarcações adversárias, grupos de flechas cruzaram-se na fumaça que pairava no ar, sussurrando, e homens morreram… Mas, até agora, nenhum dos seus.

O *Betha Negra* avançou rio acima, com o som do tambor do mestre dos remadores trovejando na cabeça do capitão enquanto procurava uma boa vítima para o esporão do navio. O *Rainha Alysanne* estava encurralado entre dois navios de guerra Lannister, os três unidos por ganchos e cordas.

– *Velocidade de abalroamento!* – Davos gritou.

As batidas de tambor fundiram-se num longo martelar febril, e o *Betha Negra* voou, tornando a água branca como leite ao se abrir para sua proa. Allard tinha visto a mesma oportunidade; o *Senhora Marya* corria ao lado deles. A primeira linha havia se transformado numa confusão de lutas separadas. Os três navios enleados cresceram à frente do *Betha*, virando-se, com os conveses transformados num caos vermelho de homens que se golpeavam uns aos outros com espadas e machados. *Um pouco mais*, suplicou Davos Seaworth ao Guerreiro, *faça-o rodar um pouco mais, mostre-me seu flanco.*

O Guerreiro devia estar ouvindo. *Betha Negra* e *Senhora Marya* colidiram com o costado do *Vergonha da Senhora* a um instante de intervalo um do outro, golpeando sua proa e sua popa com tanta força que homens foram atirados do convés do *Senhora de Seda*, três navios depois. Davos quase cortou a língua quando seus dentes se entrechocaram. Cuspiu sangue. *Da próxima vez feche a boca, imbecil*. Quarenta anos no mar, e aquela havia sido a primeira vez que abalroara outro navio. Seus arqueiros estavam disparando flechas à vontade.

– Recuar – ele ordenou. Quando o *Betha Negra* reverteu o movimento dos remos, o rio penetrou no buraco estilhaçado que se formara, e o *Vergonha da Senhora* desfez-se diante de seus olhos,

despejando dezenas de homens no rio. Alguns dos vivos nadaram; alguns dos mortos boiaram; aqueles vestidos de cota de malha pesada ou placa de aço afundaram, tanto os vivos como os mortos. As súplicas de homens que se afogavam ecoaram em seus ouvidos.

Um relâmpago verde chamou sua atenção, em frente e para bombordo, e um ninho de serpentes esmeralda que se contorciam subiu, ardendo e silvando, da popa do *Rainha Alysanne*. Um instante depois, Davos ouviu o terrível grito de "*Fogovivo!*".

Fez uma careta. Piche em chamas era uma coisa, fogovivo, outra bem diferente. Coisa maligna, e praticamente impossível de extinguir. Se for abafado sob um manto, este incendeia-se; se bater num respingo com a palma da mão, a mão toda fica em chamas. "Mije em fogovivo, e seu pau queima", gostavam de dizer os velhos marinheiros. Em todo caso, Sor Imry prevenira-os de que era provável que viessem a experimentar um pouco da vil *substância* dos alquimistas. Felizmente, restavam poucos verdadeiros piromantes. *Ficarão rapidamente sem fogovivo*, assegurara-lhes Sor Imry.

Davos disparou ordens; os remos de um dos lados do navio o empurraram para a frente enquanto os do outro o puxavam para trás, e a galé virou-se. O *Senhora Marya* também tinha se libertado, ainda bem; o fogo espalhava-se pelo *Rainha Alysanne,* e seus inimigos, mais depressa do que Davos teria acreditado ser possível. Homens engrinaldados de chamas verdes saltavam na água, com guinchos que nada tinham de humano. Nas muralhas de Porto Real, catapultas de fogo vomitavam morte, e os grandes trabucos por trás do Portão da Lama atiravam pedregulhos. Um, do tamanho de um boi, caiu entre o *Betha Negra* e o *Espectro*, fazendo ambos os navios oscilar e ensopando todos os homens que se encontravam nos conveses. Outro, não muito menor, atingiu o *Ousada Gargalhada*. A galé de Velaryon explodiu como um brinquedo de criança derrubado de uma torre, espalhando lascas tão longas como o braço de um homem.

Através da fumaça negra e do rodopiante fogo verde, Davos vislumbrou um grupo de pequenos barcos descendo o rio: uma confusão de balsas e catraias, barcaças, esquifes, botes e cascos que pareciam podres demais para flutuar. Aquilo fedia a desespero; madeira à deriva não podia virar a maré de uma batalha, só atrapalharia. Percebeu que as linhas de batalha se encontravam irremediavelmente embaraçadas. A bombordo, *Lorde Steffon*, *Jenna Esfarrapada* e *Espada Ligeira* tinham conseguido passar pelas linhas inimigas e avançavam rio acima. Mas a ala de estibordo estava envolvida numa dura luta, e o centro tinha se estilhaçado sob as pedras daqueles trabucos, com alguns capitães virando para jusante e outros guinando para bombordo, tudo para escapar da chuva esmagadora. O *Fúria* virara a catapulta dianteira para disparar na

direção da cidade, mas faltava-lhe alcance; os barris de piche despedaçavam-se sob as muralhas. O *Cetro* perdera a maior parte de seus remos, e o *Fiel* havia sido abalroado e começava a adernar. Davos fez o *Betha Negra* avançar por entre esses dois navios e deu um golpe de raspão na ornamentada, esculpida e dourada barcaça de prazer da Rainha Cersei, agora carregada de soldados em vez de guloseimas. A colisão atirou uma dúzia ao rio, onde os arqueiros do *Betha* alvejaram os homens enquanto estes tentavam se manter na superfície.

O grito de Matthos alertou-o para o perigo vindo de bombordo; uma das galés Lannister aproximava-se para tentar abalroar.

– Força para estibordo – Davos gritou. Seus homens usaram os remos para se libertarem da barcaça, enquanto outros viravam a galé para que a proa enfrentasse a investida do *Veado Branco*. Por um momento temeu ter sido lento demais e estar prestes a afundar, mas a correnteza ajudou a virar o *Betha Negra*, e quando o impacto chegou, foi apenas um golpe de través, com os dois cascos raspando um no outro e ambos os navios perdendo remos. Um pedaço irregular de madeira voou perto de sua cabeça, afiado como uma lança. Davos estremeceu: – À abordagem! – gritou. Arpões foram lançados. Desembainhou a espada e saltou a amurada à frente de seus homens.

A tripulação do *Veado Branco* enfrentou-os na amurada, mas os homens de armas do *Betha Negra* caíram sobre eles numa ruidosa maré de aço. Davos abriu caminho lutando através da confusão, em busca do outro capitão, mas o homem já estava morto quando chegou até ele. Enquanto estava em pé por cima do cadáver, alguém o apanhou por trás com um machado, mas o elmo desviou o golpe e seu crânio ficou ressoando, em vez de ter sido rachado. Tonto, a única coisa que conseguiu fazer foi rolar. Seu atacante investiu aos gritos. Davos agarrou a espada com ambas as mãos e enfiou a ponta na barriga do homem.

Um dos membros da sua tripulação o ajudou a ficar em pé.

– Meu capitão, o *Veado* é nosso – Davos viu que era verdade. A maior parte dos inimigos estava morta, moribunda ou rendida. Tirou o elmo, limpou sangue do rosto e dirigiu-se de volta ao seu navio, pondo o pé com cuidado em pranchas escorregadias com vísceras humanas. Matthos estendeu uma mão para ajudá-lo a transpor a amurada.

Durante esses poucos instantes, o *Betha Negra* e o *Veado Branco* foram o olho calmo no centro do furacão. *Rainha Alysanne* e *Senhora de Seda*, ainda presos um ao outro, eram um inferno verde à deriva, descendo o rio e arrastando pedaços do *Vergonha da Senhora*. Uma das galés de Myr tinha colidido com eles e agora também estava em chamas. O *Gato* recebia homens do *Corajoso*, que afundava rapidamente. O capitão do *Perdição de Dragão* enfiara-o entre dois cais, rasgando o fundo; a tripulação saltava para terra com os

arqueiros e homens de armas, se juntando ao assalto às muralhas. O *Gralha Vermelha*, abalroado, ia adernando devagar. O *Veado do Mar* lutava ao mesmo tempo contra o fogo e a abordagem, mas o coração flamejante fora erguido sobre o *Homem Leal* de Joffrey. O *Fúria*, com a orgulhosa proa esmagada por um pedregulho, travava batalha com o *Graça dos Deuses*. Davos viu o *Orgulho de Derivamarca* de Lorde Velaryon arremeter entre duas das barcaças dos Lannister, virando uma delas e pondo fogo na outra com flechas incendiárias. Na margem sul, cavaleiros levavam as montarias para o interior das cocas e algumas das galés menores já se encontravam em plena travessia, repletas de homens de armas. Tinham de abrir caminho com cuidado por entre navios que afundavam e manchas de fogovivo que seguiam ao sabor da corrente. Toda a frota do Rei Stannis estava agora no rio, à exceção dos lisenos de Salladhor Saan. Em pouco tempo teriam controle da Água Negra. *Sor Imry terá a sua vitória*, Davos pensou, *e Stannis atravessará o rio com a sua tropa, mas, benditos sejam os deuses, a que custo…*

– Meu capitão! – Matthos tocou em seu ombro.

Era o *Peixe-Espada*, com as duas fileiras de remos subindo e descendo. Não chegara a baixar as velas, e um pouco do piche ardente incendiara seu cordame. As chamas espalharam-se enquanto Davos observava, rastejando por cordas e velas, até que o navio ficou encimado por uma cabeça de chamas amarelas. Seu desajeitado esporão de ferro, com a forma do peixe que dera nome ao navio, abria a superfície da água à sua frente. Bem adiante, à deriva em sua direção e virando-se para lhe apresentar um alvo gordo e tentador, encontrava-se um dos cascos dos Lannister, flutuando baixo na água. Sangue verde escoava lentamente por entre as pranchas.

Quando viu aquilo, o coração de Davos Seaworth parou de bater.

– Não – disse. – *Não, NÃÃÃÃÃÃO!* – com o rugir e estrondear da batalha, ninguém o ouviu além de Matthos. O capitão do *Peixe-Espada* certamente não, decidido como estava a finalmente abalroar qualquer coisa com a sua desajeitada e gorda espada. O *Peixe-Espada* passou para velocidade de batalha. Davos ergueu a mão mutilada e apertou a bolsa de couro que continha os ossos de seus dedos.

Com um estrondo de madeira moída, despedaçada, rasgada, o *Peixe-Espada* partiu em dois o casco apodrecido. O velho barco estourou como uma fruta apodrecida, mas nenhuma fruta gritaria aquele esmagador grito de madeira. Davos viu verde jorrando de um milhar de frascos quebrados dentro do casco, veneno escorrendo das entranhas de um animal moribundo, cintilando, brilhando, espalhando-se pela superfície do rio…

– Recuar – ele rugiu. – Fora, tirem-nos daqui, recuar, recuar! – as cordas dos arpões foram cortadas, e Davos sentiu o convés se mover

sob seus pés quando o *Betha Negra* se libertou do *Veado Branco*. Seus remos deslizaram para a água.

Então, Davos ouviu um curto e penetrante *uuf*, como se alguém tivesse soprado ao seu ouvido. Meio segundo depois chegou o rugido. O convés desapareceu sob seus pés, e água negra bateu em seu rosto, enchendo-lhe o nariz e a boca. Estava sufocando, afogando-se. Incerto de qual das direções era a que levava para cima, Davos lutou contra o rio num pânico cego até de repente romper a superfície. Cuspiu água, inspirou ar, agarrou-se ao pedaço de entulho mais próximo e segurou-se bem.

O *Peixe-Espada* e o casco tinham desaparecido, corpos enegrecidos flutuavam para jusante ao seu lado, bem como homens sufocados que se agarravam a pedaços de madeira fumegante. Com quinze metros de altura, um demônio turbilhonante de chamas verdes dançava sobre o rio. Tinha uma dúzia de mãos, em cada uma trazia um chicote, e o que quer que tocassem rompia em chamas. Davos viu o *Betha Negra* ardendo, e também o *Veado Branco* e o *Homem Leal*, que o flanqueavam. *Piedade, Gato, Corajoso, Cetro, Gralha Vermelha, Bruxa, Fiel, Fúria*, todos tinham se incendiado, *Portorrealense* e *Graça dos Deuses* também, o demônio estava comendo os seus. O brilhante *Orgulho de Derivamarca* de Lorde Velaryon estava tentando desviar, mas o demônio passou um dedo preguiçoso por seus remos prateados, e eles incendiaram-se como outros tantos círios. Por um instante, o navio pareceu estar batendo o rio com duas fileiras de longos e brilhantes archotes.

Nesse momento a correnteza já o tinha preso em seus dentes, fazendo-o girar e girar. Deu um pontapé para evitar uma mancha flutuante de fogovivo. *Meus filhos*, pensou Davos, mas não havia maneira de procurá-los no meio do trovejante caos. Outro casco pesado de fogovivo incendiou-se atrás dele. Água Negra parecia ferver no seu leito, e mastros ardendo, homens ardendo e pedaços de navios quebrados enchiam o ar.

Estou sendo levado para a baía. Ali não seria tão ruim; devia ser capaz de chegar à costa, era um bom nadador. As galés de Salladhor Saan estariam também na baía. Sor Imry ordenara-lhes que ficassem longe…

E então a correnteza voltou a virá-lo, e Davos viu o que o esperava a jusante.

A corrente. Que os deuses nos salvem, eles içaram a corrente.

Onde o rio se alargava para a Baía da Água Negra, a barragem estendia-se esticada, não mais do que uns setenta ou oitenta centímetros acima da água. Já uma dúzia de galés tinha colidido com ela, e a correnteza do rio empurrava outras para o mesmo local. Quase todas estavam em chamas, e as demais estariam em breve. Davos

conseguiu distinguir os cascos listrados dos navios de Salladhor Saan para lá da barragem, mas sabia que nunca os alcançaria. Uma muralha de aço em brasa, madeira ardendo e rodopiantes chamas verdes estendia-se à sua frente. A foz da Torrente da Água Negra transformara-se na boca do inferno.

Tyrion

Imóvel como uma gárgula, Tyrion Lannister apoiava-se num joelho, no topo de um merlão. Para lá do Portão da Lama e da ruína que outrora fora o mercado de peixe e os cais, o próprio rio parecia ter se incendiado. Metade da frota de Stannis estava em chamas, bem como a maior parte da de Joffrey. O beijo do fogovivo transformava orgulhosos navios em piras funerárias e homens em tochas vivas.

Rumo à foz, tanto plebeus como capitães de elevado nascimento conseguiam ver a quente morte verde rodopiar na direção de jangadas, galeões e balsas, conduzida pela corrente da Água Negra. Os longos remos brancos das galés de Myr relampejavam como patas de centopeias enlouquecidas lutando para se virar, mas não valia a pena. As centopeias não tinham para onde fugir.

Uma dúzia de grandes incêndios enfurecia-se sob as muralhas da cidade, onde barris de piche ardente tinham explodido, mas o fogovivo reduzia-os a simples velas numa casa em chamas, flâmulas laranja e escarlate que tremulavam sem significado diante do holocausto jade. As nuvens baixas capturavam a cor do rio em chamas e cobriam o céu em tons mutantes de verde de uma beleza fantasmagórica. *Uma beleza terrível. Como fogo de dragão*. Tyrion perguntou a si mesmo se Aegon, o Conquistador, teria se sentido assim quando voou sobre seu Campo de Fogo.

O vento quente ergueu seu manto carmim e bateu em seu rosto nu, mas não podia desviar os olhos. Estava vagamente consciente dos homens de manto dourado dando vivas nas grades. Não tinha voz para se juntar a eles. Aquilo era uma meia vitória. *Não será suficiente*.

Viu outro dos cascos que tinha recheado com os instáveis frutos do Rei Aerys ser envolvido pelas chamas famintas. Do rio jorrou uma fonte de jade ardente, uma explosão tão brilhante que teve de proteger os olhos. Plumas de fogo com dez e doze metros de altura dançaram sobre as águas, estalando e silvando. Por alguns momentos, os gritos silenciaram. Havia centenas de homens na água, afogando-se, queimando ou fazendo um pouco de ambas as coisas.

Ouve-os gritando, Stannis? Vê-os ardendo? Isto é tanto obra sua como minha. Tyrion sabia que em algum lugar, naquela efervescente massa de homens ao sul da Água Negra, Stannis também observava. Nunca possuíra a sede de batalha do irmão Robert. Estaria dando ordens a partir da retaguarda, da reserva, bem ao modo que Lorde Tywin Lannister costumava fazer. Gostasse ou não, agora estava sentado num cavalo de batalha, vestido de armadura reluzente, com a coroa na cabeça. *Uma coroa de ouro vermelho, segundo Varys diz, com as pontas em forma de chamas*.

– Os meus navios – a voz de Joffrey falhou ao gritar do adarve, onde se amontoava com os guardas atrás das ameias. O anel dourado da condição régia adornava seu elmo de batalha. – Meu *Portorrealense* está queimando, e o *Rainha Cersei*, e o *Homem Leal*. Olhem, aquele ali é o *Flor do Mar* – apontou com a sua nova espada para onde as chamas verdes lambiam o casco dourado do navio e subiam por seus remos. O capitão virara-o para a foz, mas não suficientemente depressa para fugir do fogovivo.

Tyrion sabia que o navio estava condenado. Não havia outra maneira. *Se não tivéssemos ido ao seu encontro, Stannis teria percebido a armadilha*. Uma flecha podia ser apontada, e uma lança também, e até uma pedra lançada por uma catapulta, mas o fogovivo possuía vontade própria. Uma vez libertado, estava para lá do controle de meros homens.

– Não se podia evitar – ele disse ao sobrinho. – Nossa frota estava condenada de qualquer modo.

Mesmo de cima do merlão, era pequeno demais para ver por sobre as ameias, então tinha mandado que o levantassem, chamas, fumaça e caos da batalha tornavam-lhe impossível ver o que se passava a jusante, à sombra do castelo, mas vira-o mil vezes com o olho da mente. Bronn teria posto os bois em movimento no instante em que o navio almirante de Stannis passasse sob a Fortaleza Vermelha; a corrente era pesada ao extremo, e só se conseguia movimentar os grandes guinchos lentamente, rangendo e ribombando. Quando a primeira cintilação do metal fosse vista debaixo da água, toda a frota do usurpador já teria passado. Os elos emergiriam pingando, alguns brilhando de lama, elo atrás de elo atrás de elo, até que toda a grande corrente se retesasse. Rei Stannis teria então levado sua frota para a Água Negra, mas dela não sairia.

Mesmo assim, alguns dos navios estavam escapando. A correnteza de um rio era uma coisa intricada, e o fogovivo não estava se espalhando de forma tão uniforme como Tyrion esperara. O canal principal encontrava-se todo em chamas, mas muitos dos homens de Myr tinham se dirigido para a margem sul, e parecia que escapariam incólumes, e pelo menos oito navios haviam atracado sob as muralhas da cidade. *Atracado ou encalhado, vai dar na mesma, puseram homens em terra*. Pior, uma boa parte da ala sul das duas primeiras linhas de batalha do inimigo estava muito além do inferno quando os cascos estouraram em chamas. Stannis ficaria com trinta ou quarenta galés, num cálculo por alto; mais do que as necessárias para atravessar o rio com a tropa inteira, depois de recuperarem a coragem.

Isso podia levar algum tempo; até os mais bravos ficariam com receio depois de verem o fogovivo consumir cerca de mil de seus companheiros. Hallyne dizia que às vezes a substância ardia tão

quente que a carne derretia como sebo. Mas, mesmo assim…

Tyrion não tinha ilusões quanto aos seus homens. *Se a batalha parecer correr mal, eles vão fraquejar, e vão fraquejar mesmo*, prevenira-o Jacelyn Bywater; portanto, a única maneira de vencer era assegurando-se de que a batalha se mantivesse promissora, do princípio ao fim.

Via formas escuras em movimento através das ruínas carbonizadas dos cais na zona ribeirinha. *É tempo de fazer outra surtida*, pensou. Os homens nunca estavam tão vulneráveis como logo após cambalearem até a terra firme. Não podia dar ao inimigo tempo de se organizar na margem norte.

Desceu do merlão.

– Diga a Lorde Jacelyn que temos inimigos na zona ribeirinha – Tyrion disse a um dos mensageiros que lhe fora atribuído por Bywater, e a outro: – Leve meus cumprimentos a Sor Arneld e peça-lhe para virar as Rameiras trinta graus para oeste – o ângulo permitiria que disparassem para mais adiante, mesmo que não chegassem tão longe na água.

– Minha mãe prometeu que eu podia ficar com as Rameiras – Joffrey protestou. Tyrion sentiu-se incomodado ao ver que o rei voltara a levantar o visor do elmo. Com certeza o rapaz estava assando dentro de todo aquele aço pesado… mas a última coisa de que precisava era que uma flecha perdida espetasse um dos olhos do sobrinho.

Fechou seu visor com estrondo.

– Mantenha isso fechado, Vossa Graça; sua querida pessoa é preciosa para todos nós – *e também não vai querer estragar essa linda carinha*. – As Rameiras são suas – não havia hora tão boa como aquela; atirar mais frascos de fogovivo contra navios queimando parecia não fazer sentido. Joff tinha os Homens Chifrudos amarrados, nus, no pátio abaixo, com chifres de veado presos à cabeça. Quando foram trazidos diante do Trono de Ferro para o julgamento, ele prometera mandá-los a Stannis. Um homem não era tão pesado como um pedregulho ou um barril de piche em chamas, e podia ser atirado bem mais longe. Alguns dos homens de manto dourado tinham apostado se os traidores voariam ou não até a outra margem da Água Negra. – Rápido, Vossa Graça – disse a Joffrey. – Em breve precisaremos dos trabucos para arremessar pedras. Nem mesmo o fogovivo arde para sempre.

Joffrey apressou-se na direção das Rameiras, feliz, escoltado por Sor Meryn, mas Tyrion segurou o pulso de Sor Osmund antes que também seguisse o rei.

– Aconteça o que acontecer, mantenha-o a salvo, e *lá embaixo*, entendido?

– Às suas ordens – Sor Osmund sorriu amigavelmente.

Tyrion prevenira Trant e Kettleblack sobre o que lhes aconteceria se algum mal acontecesse ao rei. E Joffrey tinha uma dúzia de veteranos de manto dourado à espera aos pés das escadas. *Estou protegendo seu maldito bastardo o melhor que posso, Cersei*, pensou amargamente. *Veja se faz o mesmo com Alayaya*.

Assim que Joffrey foi embora, um mensageiro correu esbaforido escada acima.

– Senhor, depressa! – caiu sobre um joelho. – Desembarcaram homens no terreiro dos torneios, centenas! Trazem um aríete até o Portão do Rei.

Tyrion praguejou e dirigiu-se aos degraus com um bamboleio gingado. Podrick Payne esperava embaixo com os cavalos. Galopou pela Rua do Rio, com Pod e Sor Mandon Moore logo atrás. As casas fechadas estavam banhadas em sombras verdes, mas não havia tráfego interpondo-se no caminho deles; Tyrion ordenara que as ruas fossem mantidas desimpedidas para que os defensores pudessem se mover rapidamente de um portão para outro. Mesmo assim, quando chegaram ao Portão do Rei, ouviu um trovejante estrondo de madeira batendo em madeira, informando-lhe que o aríete já tinha sido posto em ação. O ranger das grandes dobradiças soava como os gemidos de um gigante moribundo. A praça do portão estava repleta de feridos, mas viu também fileiras de cavalos, nem todos feridos, e mercenários e mantos dourados em quantidade suficiente para formar uma coluna forte.

– Em formação! – Tyrion gritou enquanto saltava para o chão. O portão moveu-se sob o impacto de outro golpe. – Quem comanda aqui? Vão sair.

– Não – uma sombra separou-se da obscuridade da muralha para se transformar num homem alto de armadura cinza-escura. Sandor Clegane arrancou o elmo com ambas as mãos e deixou-o cair no chão. O aço estava chamuscado e amassado, e a orelha esquerda do cão rosnador tinha sido arrancada. Um golpe por cima de um dos olhos pintara com uma camada de sangue as velhas cicatrizes de queimadura do Cão de Caça, mascarando metade de seu rosto.

– Sim – Tyrion o enfrentou.

A respiração de Clegane era irregular.

– Que se foda a saída. E você.

Um mercenário pôs-se ao seu lado.

– Já estivemos lá fora. Três vezes. Metade dos nossos homens estão mortos ou feridos. Fogovivo explodindo por todo lado, cavalos gritando como homens e homens como cavalos…

– Pensou que o contratamos para lutar num torneio? Devo trazer-lhe um bom copo de leite gelado e uma tigela de framboesas? Não?

Então monte a merda do cavalo. Você também, Cão.

O sangue no rosto de Clegane cintilava, vermelho, mas seus olhos mostravam o branco. Puxou a espada.

Ele tem medo, Tyrion percebeu, chocado. *Cão de Caça está assustado*. Enfim, tentou explicar a situação:

– Eles trouxeram um aríete para o portão, podem ouvi-los, temos de dispersá-los…

– Abra os portões. Quando correrem para dentro, cerquem e matem todos.

Cão de Caça espetou a ponta da espada no chão e apoiou-se no botão, balançando. – Perdi metade de meus homens. Cavalos também. Não vou levar mais para dentro daquele fogo.

Sor Mandon Moore ficou ao lado de Tyrion, imaculado em seu alvo aço esmaltado.

– A Mão do Rei ordena.

– Que se dane a Mão do Rei – onde o rosto do Cão de Caça não estava pegajoso de sangue, mostrava-se pálido como leite. – Que alguém me arranje uma bebida – um oficial de manto dourado entregou-lhe uma taça. Clegane bebeu um gole, cuspiu o líquido, atirou a taça para longe. – Água? Que se foda a sua água. Traga-me vinho.

É um morto em pé. Tyrion agora via isso. *O ferimento, o fogo… está acabado, tenho de encontrar outro, mas quem? Sor Mandon?* Olhou os homens e compreendeu que não serviriam. O medo de Clegane abalara-os. Sem um líder, também recusariam, e Sor Mandon… um homem perigoso, Jaime tinha dito, sim, mas não um homem que outros seguissem.

A distância Tyrion ouviu outro grande estrondo. Por sobre as muralhas, o céu que escurecia estava inundado de camadas de luz laranja e verde. Quanto tempo o portão aguentaria?

Isso é uma loucura, pensou, *mas, mais vale a loucura do que a derrota. A derrota é morte e vergonha.*

– Muito bem, eu liderarei a surtida.

Se achava que isso envergonharia Cão de Caça, levando-o a voltar a uma atitude valorosa, enganou-se. Clegane limitou-se a rir:

– *Você?*

Tyrion via a incredulidade nos rostos deles.

– Eu. Sor Mandon levará o estandarte do rei. Pod, o meu elmo – o rapaz obedeceu correndo. Cão de Caça apoiou-se naquela espada entalhada e manchada de sangue e o encarou com aqueles seus grandes olhos brancos. Sor Mandon ajudou Tyrion a montar de novo. – *Formar!* – Tyrion gritou.

Seu grande garanhão vermelho usava focinheira e testeira. Seda carmesim envolvia seus quartos traseiros, por cima de uma cota de

malha. A sela elevada era dourada. Podrick Payne entregou-lhe o elmo e o escudo, feito de pesado carvalho enfeitado com uma mão dourada sobre fundo vermelho, rodeada por pequenos leões dourados. Levou o cavalo a descrever um círculo, observando a pequena força de homens. Só um punhado tinha respondido à sua ordem, não mais de vinte. Montavam seus cavalos com olhos tão brancos como os do Cão de Caça. Olhou com desprezo para os outros, os cavaleiros e mercenários que tinham acompanhado Clegane.

– Dizem que sou meio homem – Tyrion disse. – O que isso faz de vocês?

Aquilo os envergonhou bastante. Um cavaleiro montou, sem elmo, e veio juntar-se aos outros. Seguiu-se um par de mercenários. Depois mais homens. O Portão do Rei voltou a estremecer. Poucos momentos depois, o tamanho da força de Tyrion havia duplicado. Tinha encurralado os homens. *Se eu lutar, terão de fazer o mesmo, senão são menos do que anões.*

– Não me ouvirão gritar o nome de Joffrey – disse-lhes. – Tampouco me ouvirão gritar por Rochedo Casterly. É a sua cidade que Stannis pretende saquear, e aquele portão que tenta derrubar é o seu. Portanto, venham comigo e matem o filho da puta! – Tyrion desembainhou o machado, fez o garanhão rodar, e trotou na direção da porta de surtida. *Achava* que o seguiam, mas não se atreveu a olhar.

Sansa

Os archotes cintilavam brilhantemente no metal martelado das arandelas das paredes, enchendo o Salão de Baile da Rainha com uma luz prateada. Mas ainda havia escuridão ali. Sansa via-a nos olhos claros de Sor Ilyn Payne, que estava em pé junto à porta dos fundos, imóvel como pedra, sem ingerir nem comida nem bebida. Ouvia-a na torturante tosse de Lorde Gyles e na voz segredada de Osney Kettleblack quando entrava para trazer as notícias a Cersei.

Sansa terminava seu caldo de carne quando ele entrou da primeira vez, pelos fundos. Viu-o de relance conversando com o irmão Osfryd. Então, ele subiu ao estrado e se ajoelhou ao lado do cadeirão, cheirando a cavalo, com quatro longos arranhões na face cobertos por crostas de sangue, e com um cabelo que caía abaixo do colarinho e sobre os olhos. Apesar de todo o segredo, Sansa não pôde evitar ouvir suas palavras.

– As frotas estão travando batalha. Alguns arqueiros chegaram à margem, mas Cão de Caça os destroçou, Vossa Graça. Seu irmão está içando a corrente, ouvi o sinal. Alguns bêbados na Baixada das Pulgas andam arrombando portas e entrando nas casas pelas janelas. Lorde Bywater enviou os mantos dourados para lidar com eles. O Septo de Baelor está apinhado, com todo mundo rezando.

– E o meu filho?

– O rei foi a Baelor para obter a bênção do Alto Septão. Agora patrulha as muralhas com a Mão, dizendo aos homens para terem coragem, levantando o moral, por assim dizer.

Cersei acenou ao pajem por outra taça de vinho, uma safra de ouro da Árvore, frutada e rica. A rainha estava bebendo muito, mas o vinho só parecia torná-la mais bela; tinha as faces coradas, e nos olhos, um calor brilhante e febril ao ver o salão. *Olhos de fogovivo*, Sansa pensou.

Músicos tocaram, malabaristas fizeram malabarismos. O Rapaz Lua cambaleou pelo salão sobre pernas de pau, caçoando de todo mundo, enquanto Sor Dontos perseguia criadas montado em seu cavalo de cabo de vassoura. Os convidados riam, mas eram risos sem alegria, o tipo de riso que pode se transformar em soluços em meio segundo. *Têm os corpos aqui, mas os pensamentos estão nas muralhas da cidade, e os corações também*.

Depois do caldo foi servida uma salada de maçãs, nozes e passas. Em qualquer outra altura, poderia ter sido um prato saboroso, mas naquela noite toda a comida trazia um gosto de medo. Sansa não era a única sem apetite no salão. Lorde Gyles tossia mais do que comia; Lollys Stokeworth estava sentada, encurvada e tremendo; e a jovem

noiva de um dos cavaleiros de Sor Lancel desatou a chorar incontrolavelmente. A rainha ordenou ao Meistre Frenken que a pusesse na cama com uma taça de vinho dos sonhos.

– Lágrimas – Cersei disse a Sansa em tom de escárnio enquanto a mulher era levada do salão. – A senhora minha mãe costumava chamá-las de arma da mulher. A arma do homem é uma espada. E isso diz tudo o que temos de saber, não é verdade?

– Mas os homens têm de ser muito corajosos – Sansa retrucou. – Para sair a cavalo e enfrentar espadas e machados, com todos tentando matá-los…

– Jaime disse-me um dia que só se sentia realmente vivo em batalha e na cama – levantou a taça e bebeu um longo trago. Não tinha tocado na salada. – Preferiria enfrentar qualquer número de espadas a ficar aqui assim, impotente, fingindo desfrutar da companhia desse bando de galinhas assustadas.

– Convidou-os a vir, Vossa Graça.

– Há certas coisas que se esperam de uma rainha. Serão esperadas de você, se vier a se casar com Joffrey. É melhor que aprenda – a rainha estudou as esposas, filhas e mães que enchiam os bancos. – Em si mesmas, as galinhas não são nada, mas seus galos são importantes por um motivo ou por outro, e alguns poderão sobreviver a essa batalha. Portanto, compete-me dar às suas mulheres minha proteção. Se o miserável anão do meu irmão conseguir de algum modo vencer, elas voltarão aos seus maridos e pais cheias de histórias sobre como fui brava, como minha coragem as inspirou e melhorou seus ânimos, como não duvidei de nossa vitória nem sequer por um momento.

– E se o castelo cair?

– Gostaria que isso acontecesse, não é verdade? – Cersei não esperou uma negativa. – Se não for traída por meus próprios guardas, talvez consiga aguentar aqui durante algum tempo. Então poderei ir até as muralhas e oferecer, em pessoa, a rendição a Lorde Stannis. Isso vai nos poupar do pior. Mas se a Fortaleza de Maegor cair antes que Stannis consiga chegar à cidade... diria que, nesse caso, a maior parte de minhas convidadas deve se preparar para uma pitada de estupro. E não se deve excluir a mutilação, a tortura e o assassinato em tempos como este.

Sansa estava horrorizada:

– Mas são mulheres, desarmadas e de alto nascimento.

– Seu nascimento as protege – Cersei admitiu –, embora não tanto quanto possa pensar. Cada uma vale um bom resgate, mas depois da loucura da batalha, os soldados parecem muitas vezes preferir a carne ao dinheiro. Mesmo assim, um escudo dourado é melhor do que nenhum. Lá fora, nas ruas, as mulheres não serão tratadas, nem de perto, com tanta ternura. Nem as nossas criadas. Coisinhas bonitas

como aquela criada da Senhora Tanda podem estar reservadas para uma noite animada, mas não pense que as velhas, as enfermas e as feias serão poupadas. Bebida suficiente pode fazer com que lavadeiras cegas e criadoras de porcos fedorentas pareçam tão agradáveis quanto você, querida.

– *Eu?*

– Tente não soar tanto como um rato, Sansa. Agora é uma mulher, esqueceu-se? E prometida ao meu primogênito – a rainha bebericou de seu vinho. – Se estivesse qualquer outro aos portões, podia ter esperança de seduzi-lo. Mas esse homem é Stannis Baratheon. Teria mais esperança de seduzir seu cavalo – reparou na expressão de Sansa e soltou uma gargalhada. – Choquei-a, senhora? – aproximou-se. – Sua tolinha. As lágrimas não são a *única* arma de uma mulher. Tem outra entre as pernas, e é melhor que aprenda a usá-la. Irá descobrir que os homens usam as espadas com bastante desprendimento. Ambos os tipos de espada.

Sansa foi poupada da necessidade de responder quando os dois Kettleblack reentraram no salão. Sor Osmund e os irmãos tinham se transformado em grandes favoritos no castelo; estavam sempre prontos com um sorriso e um gracejo, e davam-se tão bem com palafreneiros e caçadores como com cavaleiros e escudeiros. Segundo diziam os mexericos, era com as criadas que se davam melhor. Nos últimos tempos, Sor Osmund tinha tomado o lugar de Sandor Clegane ao lado de Joffrey, e Sansa ouvira as mulheres no poço das lavagens dizerem que ele era tão forte como o Cão de Caça, só que mais jovem e mais rápido. Se assim era, perguntava a si mesma por que nunca tinha ouvido falar daqueles Kettleblack antes de Sor Osmund ser nomeado para a Guarda Real.

Osney era todo sorrisos quando se ajoelhou ao lado da rainha.

– Os cascos incendiaram-se, Vossa Graça. Toda a Água Negra está inundada de fogovivo. Há uma centena de navios ardendo, talvez mais.

– E o meu filho?

– Está no Portão da Lama com a Mão e a Guarda Real, Vossa Graça. Já falou com os arqueiros nas paliçadas e deu-lhes alguns conselhos sobre o manuseio de uma besta, deu sim. Todos dizem que é um rapaz reto e bravo.

– É bom que permaneça um rapaz reto e *vivo* – Cersei virou-se para o irmão de Osney, Osfryd, que era mais alto, mais severo, e usava um bigode preto e pendente. – Sim?

Osfryd colocara um meio elmo de aço sobre seu longo cabelo negro, e a expressão em seu rosto era sombria.

– Vossa Graça – disse em voz baixa –, os rapazes apanharam um palafreneiro e duas criadas tentando escapulir por uma porta falsa

com três dos cavalos do rei.

– Os primeiros traidores da noite – a rainha disse –, mas temo que não serão os últimos. Mande Sor Ilyn cuidar deles, e coloque suas cabeças em espigões à porta dos estábulos como aviso – enquanto os irmãos saíam, virou-se para Sansa: – Outra lição que devia aprender, se tem esperança de se sentar no trono ao lado de meu filho. Se for branda numa noite como esta, terá traição estourando por toda a sua volta, como cogumelos depois de uma chuva forte. A única maneira de manter seu povo leal é assegurando-se de que a temem mais do que ao inimigo.

– Vou me lembrar, Vossa Graça – Sansa respondeu, se bem que sempre tivesse ouvido dizer que o amor era um caminho mais seguro para a lealdade do povo do que o medo. *Se chegar a ser uma rainha, farei com que me amem.*

Empadões de pata de siri seguiram-se à salada. Depois veio carneiro assado com alho-poró e cenoura, servido em tabuleiros de casca de pão. Lollys comeu depressa demais, ficou enjoada e vomitou por cima de si e da irmã. Lorde Gyles tossiu, bebeu, tossiu, bebeu e desmaiou. A rainha fitou com repugnância o local onde ele jazia, com o rosto enfiado no tabuleiro e a mão numa poça de vinho.

– Os deuses deviam estar loucos para desperdiçar virilidade em homens como ele; e eu devia estar louca quando exigi sua libertação.

Osfryd Kettleblack regressou, fazendo rodopiar o manto carmim.

– Há povo juntando-se na praça, Vossa Graça, pedindo refúgio no castelo. Não é uma multidão, são comerciantes ricos e gente assim.

– Ordene-lhes que voltem às suas casas – disse a rainha. – Se não forem, ordene que seus besteiros matem alguns. Nada de surtidas; não quero os portões abertos por nenhum motivo.

– Às suas ordens – ele fez uma reverência e saiu.

O rosto da rainha mostrava-se duro e irritado.

– Bem que eu gostaria de levar uma espada aos seus pescoços pessoalmente – a voz de Cersei começava a ficar mole. – Quando pequenos, Jaime e eu éramos tão parecidos que até nosso pai não nos conseguia distinguir. Às vezes, para fazer graça, vestíamos a roupa um do outro e passávamos um dia inteiro como o outro. Mas, mesmo assim, quando deram a Jaime a primeira espada, não havia nenhuma para mim. "O que *eu* ganho?", lembro-me de ter perguntado. Éramos tão parecidos que nunca entendi por que nos tratavam de forma tão *diferente*. Jaime aprendeu a lutar com espadas, lanças e maças, enquanto eu fui ensinada a sorrir, cantar e agradar. Ele era herdeiro de Rochedo Casterly, enquanto eu estava destinada a ser vendida a um estranho qualquer como se fosse um cavalo, para ser montada sempre que meu novo dono quisesse, espancada sempre que ele desejasse, e, com o tempo, posta de lado em favor de uma potra mais nova. O

destino de Jaime seria a glória e o poder, enquanto o meu era o parto e o sangue da lua.

– Mas foi rainha de todos os Sete Reinos – Sansa lhe disse.

– Quando se trata de espadas, uma rainha é só uma mulher, no fim das contas – a taça de vinho de Cersei estava vazia. Um pajem fez tenção de voltar a enchê-la, mas ela se virou e sacudiu a cabeça. – Mais não. Tenho de manter a cabeça limpa.

O último prato foi queijo de cabra servido com maçãs cozidas. O odor da canela encheu o salão no momento em que Osney Kettleblack entrou para ir se ajoelhar mais uma vez entre as duas.

– Vossa Graça – murmurou. – Stannis desembarcou homens no terreiro dos torneios, e há mais atravessando o rio. O Portão da Lama está sob ataque, e trouxeram um aríete até o Portão do Rei. O Duende saiu para repeli-los.

– Isso vai enchê-los de medo – a rainha disse secamente. – Não levou Joff, espero.

– Não, Vossa Graça, o rei está com o meu irmão nas Rameiras, atirando Homens Chifrudos ao rio.

– Com o Portão da Lama sendo assaltado? Loucura. Diga a Sor Osmund que eu o quero aqui imediatamente, é perigoso demais. Traga-o de volta ao castelo.

– O Duende disse…

– É o que *eu* digo que devia lhe interessar – os olhos de Cersei estreitaram-se. – Seu irmão fará o que lhe é dito, caso contrário tratarei de que seja ele a liderar a próxima surtida, e você irá com ele.

Depois de os pratos terem sido levados, muitos dos convidados pediram licença para ir ao septo. Cersei concedeu-lhes o pedido com benevolência. A Senhora Tanda e as filhas estavam entre os que partiram. Para os que ficaram, foi trazido um cantor, a fim de encher o salão com a doce música da harpa vertical. Cantou sobre Jonquil e Florian, sobre o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão e seu amor pela rainha do irmão, sobre os dez mil navios de Nymeria. Eram belas canções, mas terrivelmente tristes. Várias das mulheres começaram a chorar, e Sansa sentiu que seus olhos também se umedeciam.

– Muito bem, querida – a rainha inclinou-se para mais perto. – Vai querer treinar essas lágrimas. Vai precisar delas para o Rei Stannis.

Sansa mexeu-se nervosamente na cadeira.

– Vossa Graça?

– Oh, poupe-me de suas cortesias ocas. As coisas devem ter chegado a uma dificuldade desesperadora lá fora se precisam que um anão os lidere, portanto, pode perfeitamente tirar a máscara. Sei tudo sobre as suas traiçõezinhas no bosque sagrado.

– O bosque sagrado? – *não olhe para Sor Dontos, não olhe, não*

olhe, disse Sansa a si mesma. *Ela não sabe, ninguém sabe, Dontos prometeu, meu Florian nunca me decepcionaria*. – Não cometi nenhuma traição. Só visito o bosque sagrado para rezar.

– Por Stannis. Ou pelo seu irmão, dá na mesma. Por que outro motivo procuraria os deuses de seu pai? Reza pela nossa derrota. Do que chamaria isso se não for traição?

– Rezo por Joffrey – ela insistiu nervosamente.

– Por quê? Por causa da gentileza com que a trata? – a rainha tirou um jarro de vinho doce de ameixa de uma criada que passava e encheu a taça de Sansa. – Beba – ordenou friamente. – Talvez lhe dê coragem para lidar com a verdade, para variar.

Sansa levou a taça aos lábios e bebeu um pequeno gole. O vinho era enjoativamente doce, mas muito forte.

– Pode fazer melhor do que isso – Cersei a desafiou. – Esvazie a taça, Sansa. É a sua rainha que ordena.

Sansa quase quis vomitar, mas esvaziou a taça, emborcando o espesso vinho doce até ficar com a cabeça flutuando.

– Mais? – Cersei perguntou.

– Não. Por favor.

A rainha pareceu aborrecida:

– Quando perguntou há pouco acerca de Sor Ilyn, menti para você. Quer ouvir a verdade, Sansa? Quer saber o motivo real de sua presença aqui?

Sansa não se atreveu a responder, mas não importava. A rainha ergueu uma mão e chamou, sem esperar resposta. Sansa nem sequer tinha visto Sor Ilyn regressar ao salão, mas de repente ali estava, saindo das sombras por trás do estrado, silencioso como um gato. Trazia Gelo desembainhada. Sansa recordou que o pai limpava sempre a lâmina no bosque sagrado depois de cortar a cabeça de um homem, mas Sor Ilyn não era tão exigente. Havia sangue secando no aço ondulado, já com o vermelho transformando-se em marrom.

– Diga à Senhora Sansa por que o mantenho junto a nós – a rainha ordenou.

Sor Ilyn abriu a boca e emitiu um chocalhar sufocado. Seu rosto marcado pelas bexigas não tinha expressão.

– Ele diz que está aqui por nós – disse a rainha. – Stannis pode tomar a cidade e pode capturar o trono, mas eu não tolerarei que me julgue. Não pretendo que nos capture vivas.

– *Nos?*

– Ouviu o que eu disse. Portanto, talvez seja melhor voltar a rezar, Sansa, e por outro resultado. Os Stark não obterão nenhuma alegria da queda da Casa Lannister, prometo – estendeu a mão e tocou o cabelo de Sansa, afastando-o delicadamente de seu pescoço.

Tyrion

A fenda do elmo limitava a visão de Tyrion àquilo que se encontrava na sua frente, mas quando virou a cabeça, viu três galés encalhadas no terreiro dos torneios, e uma quarta, maior do que as outras no meio do rio, ao largo, atirando barris de piche em chamas com uma catapulta.

– Cunha! – ordenou Tyrion enquanto os homens fluíam da porta de surtida. Formaram-se em ponta de seta consigo à frente. Sor Mandon Moore ocupou o lugar à sua direita, com as chamas tremeluzindo no esmalte branco de sua armadura e os olhos mortos brilhando sem paixão de dentro do elmo. Montava um cavalo negro como carvão, todo ajaezado de branco, com o escudo de um branco puro da Guarda Real preso ao braço. À esquerda, Tyrion ficou surpreso por ver Podrick Payne com uma espada na mão: – É novo demais. Volte.

– Sou o seu escudeiro, senhor.

Tyrion não tinha tempo para discussões.

– Nesse caso, venha comigo. Fique por perto – pôs o cavalo em movimento.

Avançaram com os joelhos tocando-se, seguindo a linha das muralhas. O estandarte de Joffrey flutuava, carmim e dourado, da lança transportada por Sor Mandon, com o veado e o leão dançando, de casco dado com a pata. De passo evoluíram para trote, fazendo um largo contorno na base da torre. Flechas dardejaram das muralhas da cidade enquanto pedras rodopiavam e caíam do céu, com estrondo, cegamente, em terra e água, aço e carne. Em frente, surgiu o Portão do Rei e diversos soldados que lutavam com um enorme aríete, uma estaca de carvalho negro com uma cabeça de ferro. Arqueiros vindos dos navios rodeavam-nos, disparando flechas contra quaisquer defensores que surgissem nas muralhas da guarita.

– Lanças – Tyrion ordenou, e passou a meio galope.

O chão estava encharcado e escorregadio, feito em partes iguais de lama e sangue. Seu garanhão tropeçou num cadáver, tentou se equilibrar com os cascos escorregando e batendo a terra, e, por um instante, Tyrion temeu que a investida terminasse consigo caindo da sela antes mesmo de atingir o inimigo. Mas, de algum modo tanto ele como o cavalo lograram manter o equilíbrio. Sob o portão, homens viravam-se, tentando apressadamente se reforçar para o choque. Tyrion ergueu o machado e gritou: "*Porto Real!*". Outras vozes acompanharam seu grito, e agora a ponta da seta voava, um longo grito de aço e seda, cascos revolvendo a terra e lâminas afiadas beijadas pelo fogo.

Sor Mandon baixou a ponta de sua lança no último instante possível, e enfiou o estandarte de Joffrey no peito de um homem com um justilho cheio de rebites, erguendo-o no ar antes de a haste se partir. À frente de Tyrion surgiu um cavaleiro cuja capa mostrava uma raposa espreitando de dentro de um anel de flores. Seu primeiro pensamento foi *Florent*, mas Mandon, agora sem capacete, veio logo atrás. Atingiu o homem no rosto com todo o peso do machado, do braço e do cavalo, arrancando metade de sua cabeça. O choque do impacto adormeceu seu ombro. *Shagga riria de mim*, pensou, continuando a avançar.

Uma lança fez um ruído surdo em seu escudo. Pod galopava ao seu lado, golpeando todos os inimigos por que passavam. Indistintamente, ouviu aclamações vindas dos homens nas muralhas. O aríete caiu com estrondo na lama, esquecido num instante quando os homens que o manejavam fugiram ou se viraram para lutar. Tyrion atropelou um arqueiro, abriu um lanceiro do ombro à axila, desviou de um golpe dado por um elmo com um peixe-espada no topo. Junto ao aríete, seu grande cavalo vermelho empinou-se, mas o garanhão negro saltou suavemente sobre o obstáculo, e Sor Mandon passou rapidamente por ele, morte envolta em seda branca como a neve. A espada do cavaleiro cortava membros, rachava cabeças, quebrava escudos em dois… embora fossem bem poucos os inimigos que tinham conseguido atravessar o rio com os escudos intactos.

Tyrion obrigou a montaria a saltar sobre o aríete. Os inimigos fugiam. Moveu a cabeça da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, mas não viu sinal de Podrick Payne. Uma flecha tilintou de encontro à maçã de seu rosto, não acertando a fenda para os olhos por dois centímetros. O solavanco de medo que deu quase o derrubou do cavalo. *Se é para ficar aqui parado como um cepo, seria melhor pintar um alvo na placa de peito*.

Pôs o cavalo de novo em movimento, trotando por cima e em volta de uma confusão de cadáveres. Próximo à foz, a Água Negra estava obstruída com os cascos de galés incendiadas. Manchas de fogovivo ainda flutuavam na água, lançando plumas de fogo verde, rodopiando a até seis metros de altura. Tinham dispersado os homens do aríete, mas Tyrion viu que se lutava em toda a margem do rio. Os homens de Sor Balon Swann, provavelmente, ou os de Lancel, tentavam empurrar os inimigos de volta para a água, à medida que saltavam para a terra vindos dos navios que ardiam.

– Vamos para o Portão da Lama – ordenou.

Sor Mandon gritou:

– *O Portão da Lama!* – e estouraram de novo em galope.

"*Porto Real!*", gritavam seus homens desencontradamente, e também "*Meio Homem! Meio Homem!*". Perguntou a si mesmo quem

lhes teria ensinado aquilo. Através do aço e do almofadado do elmo conseguia ouvir gritos angustiados, o faminto crepitar das chamas, os estrondos arrepiantes dos cornos de guerra e o sopros metálicos das trombetas. Havia fogo por todo lado. *Que os deuses sejam bons. Não admira que Cão de Caça estivesse assustado. O que ele teme são as chamas…*

Um enorme estrondo ressoou pela Água Negra quando um pedregulho do tamanho de um cavalo acertou em cheio, a meio navio, uma das galés. *Nossa ou deles?* Através dos cordões de fumaça não conseguia distingui-la. Sua cunha tinha desaparecido; cada homem era agora sua própria batalha. *Devia ter voltado*, Tyrion pensou, avançando.

O machado pesava em seu punho. Um punhado de homens ainda o seguia, os outros estavam mortos ou tinham fugido. Teve de lutar com o garanhão para manter a cabeça do animal apontada a leste. O grande cavalo de batalha não gostava mais de fogo do que Sandor Clegane, mas era mais fácil intimidar o animal.

Homens saíam do rio rastejando, queimados e ensanguentados, tossindo água, cambaleando, a maioria morrendo. Levou sua tropa por entre eles, dando mortes mais rápidas e mais limpas aos que ainda tinham forças para se manter em pé. A guerra reduziu-se ao tamanho da fenda para os olhos. Cavaleiros com o dobro de seu tamanho fugiam dele, ou ficavam no mesmo lugar e morriam. Pareciam coisas pequenas e assustadas.

– *Lannister!* – gritou, matando. Seu braço estava vermelho até o cotovelo, cintilando à luz que vinha do rio. Quando o cavalo voltou a se empinar, brandiu o machado para as estrelas e ouviu-as gritar "*Meio Homem! Meio Homem!*". Tyrion sentia-se bêbado.

A febre de batalha. Nunca pensara experimentá-la em pessoa, embora Jaime lhe tivesse falado dela com bastante frequência. Como o tempo parecia desfocar e se tornar mais lento, e até parar, como o passado e o futuro desapareciam até nada haver além do instante, como o medo fugia, e o pensamento fugia, e até o corpo fugia.

– Nessa altura não sente as feridas ou a dor nas costas por causa do peso da armadura, ou o suor que escorre para os seus olhos. Deixa de sentir, deixa de pensar, deixa de ser *você*, só existe a luta, o inimigo, este homem, e logo o seguinte, e o outro, e o outro, e sabe que eles têm medo e estão cansados, mas você não, você está vivo, e a morte está por todo lado a sua volta, mas as espadas deles movem-se tão devagar que pode dançar por entre elas, rindo.

A febre de batalha. Sou meio homem e estou bêbado de morticínio, que me matem se conseguirem!

E tentaram. Outro lanceiro correu para ele. Tyrion cortou a ponta da lança, depois a mão, depois o braço, trotando em círculos à sua

volta. Um arqueiro, sem arco, atirou-se sobre ele com uma flecha na mão, segurando-a como se fosse uma faca. O corcel de batalha escoiceou a coxa do homem, fazendo-o estatelar-se, e Tyrion soltou uma gargalhada roufenha. Passou por um estandarte enfiado na lama, um dos corações em chamas de Stannis, e cortou a haste em duas, com um golpe de machado. Um cavaleiro ergueu-se vindo de lugar nenhum, lançando-lhe estocadas no escudo com a espada longa de duas mãos que brandia, uma e outra vez, até que alguém enfiou uma adaga por baixo do seu braço. Um dos homens de Tyrion, talvez. Não chegou a vê-lo.

– Rendo-me, sor – gritou outro cavaleiro, mais adiante ao longo do rio. – Rendo-me. Sor cavaleiro, rendo-me a você. O meu penhor, tome, tome – o homem estava deitado numa poça de água negra, oferecendo uma manopla articulada em sinal de submissão. Tyrion teve de se inclinar para aceitá-la. Quando o fez, um frasco de fogovivo explodiu por cima de sua cabeça, borrifando chamas verdes. No súbito relâmpago de luz, viu que a poça não era negra, mas vermelha. A manopla ainda tinha a mão do homem lá dentro. Atirou-a de volta. – Rendo-me – soluçou o homem, sem esperança, sem amparo. Tyrion recuou.

Um homem de armas agarrou o freio de seu cavalo e atacou o rosto de Tyrion com um punhal. Este afastou a lâmina e enterrou o machado na nuca do homem. Enquanto libertava a arma, um clarão branco surgiu no limite do seu raio de visão. Tyrion virou-se, pensando encontrar de novo Sor Mandon Moore a seu lado, mas aquele era outro cavaleiro branco. Sor Balon Swann usava a mesma armadura, mas os jaezes de seu cavalo ostentavam os cisnes branco e negro em batalha da sua Casa. *É mais um cavaleiro malhado do que branco*, pensou Tyrion estupidamente. Cada centímetro de Sor Balon estava respingado de sangue e manchado de fumaça. Ergueu a maça para apontar para a foz. Pedaços de osso e cérebro agarravam-se à cabeça da arma.

– Senhor, olhe.

Tyrion virou o cavalo para espreitar ao longo da Água Negra. A corrente ainda fluía, negra e forte, por baixo, mas a superfície estava turva de sangue e chamas. O céu mostrava-se vermelho, laranja e de um verde berrante.

– O que é? – ele perguntou. E então viu.

Homens de armas revestidos de aço saltavam de uma galé quebrada que tinha se esmagado contra um cais. Tantos, de onde vêm? Semicerrando os olhos para a fumaça e o brilho intenso do fogo, Tyrion seguiu o caminho deles até o rio. Estavam ali aglomeradas vinte galés, ou talvez mais, era difícil contar. Tinham os remos cruzados, os cascos presos uns aos outros com cordas de abordagem,

empaladas nos esporões umas das outras, emaranhadas em teias de cordame caído. Um grande casco flutuava, virado ao contrário, entre dois navios menores. Navios naufragados, mas tão apertados uns contra os outros que era possível saltar de um convés para o seguinte e assim atravessar a Água Negra.

Centenas dos mais ousados dos homens de Stannis Baratheon estavam fazendo exatamente isso. Tyrion viu um grande idiota de um cavaleiro tentando atravessar a cavalo, obrigando um animal aterrorizado a saltar sobre amuradas e remos, a atravessar conveses inclinados, escorregadios de sangue e crepitando de fogo verde. *Fizemos-lhes uma maldita ponte*, pensou, consternado. Partes da ponte estavam se afundando, outras encontravam-se em chamas, e toda ela estalava, movia-se e parecia prestes a se esfrangalhar a qualquer momento, mas isso não parecia pará-los.

– Aqueles homens possuem bravura – disse a Sor Balon com admiração. – Vamos matá-los.

Levou-os através dos fogos que pingavam chamas, da fuligem e das cinzas da margem do rio, percorrendo um longo cais de pedra com seus homens e os de Sor Balon atrás de si. Sor Mandon juntou-se a eles com o escudo transformado numa ruína meio estilhaçada. Fumaça e fagulhas rodopiavam no ar, e o inimigo quebrou antes mesmo da investida, atirando-se de volta ao rio, derrubando outros homens que tentavam subir. A base da ponte era uma galé inimiga meio afundada, com *Perdição de Dragão* pintado na proa, e o fundo rasgado por um dos cascos afundados que Tyrion dispusera entre os cais. Um lanceiro ostentando o símbolo do caranguejo vermelho da Casa Celtigar espetou a ponta de sua arma no peito do cavalo de Balon Swann antes de o cavaleiro conseguir desmontar, fazendo-o cair da sela. Tyrion golpeou a cabeça do homem ao passar por ele num instante, e então era tarde demais para puxar as rédeas. Seu garanhão saltou da extremidade do cais por cima de uma amurada despedaçada, caindo com um *chap* e um grito em água na altura dos tornozelos. O machado de Tyrion saltou, rodopiando, seguido pelo próprio Tyrion, e o convés ergueu-se para lhe dar uma pancada úmida.

Seguiu-se uma loucura. Seu cavalo tinha quebrado uma perna e soltava guinchos horríveis. De algum modo, conseguiu desembainhar o punhal e cortar a garganta da pobre criatura. O sangue jorrou numa fonte escarlate, ensopando seus braços e seu peito. Recuperou o uso das pernas e pôs-se em pé, apoiando-se na amurada, e de repente estava lutando, cambaleando e espirrando água ao longo de conveses tortos e inundados. Caíam homens sobre ele. Matou alguns, feriu outros, e alguns fugiram, mas sempre havia mais. Perdeu a faca e ganhou uma lança quebrada, não saberia dizer como. Agarrou-a e lançou estocadas, guinchando pragas. Homens fugiam dele, e ele

corria atrás deles, saltando pelas amuradas para o navio seguinte e depois para o próximo. Suas duas sombras brancas acompanhavam-no sempre; Balon Swann e Mandon Moore, belos em suas armaduras claras. Rodeados por um círculo de lanceiros de Valeryon, lutaram costas contra costas; tornaram a batalha tão graciosa como uma dança.

As mortes de Tyrion eram coisas desajeitadas. Apunhalou um homem no rim quando estava de costas para ele, e agarrou outro pela perna, atirando-o de cabeça ao rio. Flechas passaram silvando por sua cabeça e chocalharam em sua armadura; uma alojou-se entre o ombro e a placa de peito, mas nem a sentiu. Um homem nu caiu do céu e aterrissou no convés, estourando como um melão atirado de uma torre. Salpicos de seu sangue atravessaram a fenda do elmo de Tyrion. Pedras começaram a cair verticalmente, atravessando com estrondo os conveses e esmagando homens, até que a ponte inteira estremeceu e torceu-se violentamente sob seus pés, fazendo-o cair de lado.

De repente, o rio jorrava para dentro de seu elmo. Arrancou-o e rastejou pelo convés adernado até ficar com a água apenas pelo pescoço. Gemidos enchiam o ar, como os gritos de morte de uma enorme fera. *O navio*, teve tempo de pensar, *o navio está prestes a se libertar dos outros*. As galés quebradas estavam se separando, a ponte desconjuntava-se. Assim que compreendeu aquilo, Tyrion ouviu um súbito *crac*, sonoro como um trovão, o convés inclinou-se sob seu corpo e voltou a deslizar para dentro da água.

O adernamento era tão pronunciado que teve de subir, içando-se centímetro a centímetro por uma corda rompida. Pelo canto do olho, viu o casco ao qual estiveram presos derivando ao sabor da corrente, rodando lentamente enquanto homens saltavam por cima de sua amurada. Alguns usavam o coração flamejante de Stannis, outros, o veado e o leão de Joffrey, outros, símbolos diferentes, mas isso parecia não importar. Havia incêndios ardendo para todos os lados. Para um dos lados, desenrolava-se uma furiosa batalha, uma grande confusão de brilhantes estandartes ondulando sobre um mar de homens em luta, muralhas de escudos formando-se e quebrando-se, cavaleiros montados furando pela multidão, poeira, lama, sangue e fumaça. Do outro lado, a Fortaleza Vermelha pairava, alta, sobre a sua colina, cuspindo fogo. Mas estavam nos lugares errados. Por um momento, Tyrion pensou que estivesse enlouquecendo, que Stannis e o castelo tinham trocado de lugar. *Como foi que Stannis conseguiu atravessar para a margem norte?* Tardiamente, compreendeu que o convés girava, e de algum modo tinha se virado ao contrário, de forma que castelo e batalha tinham trocado de lado. *Batalha, que batalha? Se Stannis não fez a travessia, com quem está lutando?* Tyrion estava cansado demais para dar sentido àquilo. Seu ombro doía horrivelmente, e quando

ergueu a mão para esfregá-lo, viu a flecha e lembrou-se. *Tenho de sair desse navio*. A jusante nada havia a não ser uma muralha de fogo, e se o navio naufragado se libertasse, a corrente o levaria bem na direção dela.

Alguém chamou pelo seu nome, um grito que soou fraco por entre o rumor da batalha. Tyrion tentou responder.

– Aqui! Aqui, estou aqui, ajudem-me! – sua voz soava tão débil que quase não conseguia ouvi-la. Puxou-se para cima do convés inclinado e agarrou-se à amurada. O casco bateu na galé seguinte e foi rebatido com tal violência, que Tyrion quase foi atirado à água. Para onde tinham ido todas as suas forças? Tudo o que pôde fazer foi se segurar.

– *SENHOR! PEGUE NA MINHA MÃO! SENHOR TYRION!*

Ali, no convés do navio seguinte, do outro lado de um abismo de água negra que se alargava, estava Sor Mandon Moore, com a mão estendida. Fogos amarelo e verde cintilavam no branco de sua armadura, e sua manopla articulada estava pegajosa de sangue, mas Tyrion tentou alcançá-la mesmo assim, desejando que seus braços fossem mais longos. Foi apenas no último instante, quando os dedos já se roçavam por sobre a água, que uma pequena dúvida se imiscuiu em seu espírito… Sor Mandon estendia sua mão *esquerda*, por que…

Teria sido por isso que recuara, ou teria visto a espada, no fim das contas? Nunca saberia. A ponta deu o golpe logo abaixo de seus olhos, e sentiu seu toque frio e duro, e em seguida uma dor intensa. Sua cabeça virou-se, como se tivesse sido esbofeteado. O choque da água fria foi uma segunda bofetada, mais brusca do que a primeira. Buscou algo a que se agarrar, sabendo que uma vez afundado não era provável que voltasse à superfície. De algum modo, sua mão encontrou a extremidade estilhaçada de um remo quebrado. Agarrando-se com força a ela, como um amante desesperado, subiu centímetro por centímetro. Tinha os olhos cheios de água, a boca cheia de sangue e a cabeça latejava horrivelmente. *Que os deuses me deem forças para chegar ao convés*… Nada mais existia, só o remo, a água e o convés.

Por fim, rolou de lado e deixou-se cair de costas, sem fôlego e exausto. Bolas de chamas verdes e cor de laranja crepitaram por cima de sua cabeça, deixando traços entre as estrelas. Teve um momento para pensar em como aquilo era bonito, até que Sor Mandon bloqueou sua vista. O cavaleiro era uma sombra de aço branco, com um brilho escuro nos olhos dentro do elmo. Tyrion não tinha mais forças do que uma boneca de pano. Sor Mandon encostou a ponta da espada à sua garganta e fechou ambas as mãos em torno da espada.

E, de repente, guinou para a esquerda, caindo sobre a amurada. A madeira quebrou-se, e Sor Mandon Moore desapareceu com um grito e

uma pancada na água. Um instante depois, os cascos voltaram a colidir, com tanta força que o convés pareceu saltar. E então alguém estava de joelhos por cima dele.

– Jaime? – coaxou, quase sufocado pelo sangue que enchia sua boca. Quem, além do irmão, o salvaria?

– Fique quieto senhor, está muito ferido – *uma voz de garoto, isso não faz sentido*, Tyrion pensou. Soava quase como a de Pod.

Sansa

Quando Sor Lancel Lannister disse à rainha que a batalha estava perdida, ela virou a taça de vinho vazia que tinha nas mãos e disse:

– Vá dizer isso ao meu irmão, sor – sua voz soava distante, como se a notícia não lhe interessasse grandemente.

– Seu irmão provavelmente está morto – a capa de Sor Lancel estava empapada com o sangue que fluía por baixo de seu braço. Quando entrou no salão, sua visão levou alguns dos convidados a gritar. – Achamos que ele estava na ponte de barcos quando ela se desfez. Também é provável que Sor Mandon tenha perecido, e ninguém consegue encontrar Cão de Caça. Malditos sejam os deuses, Cersei, *por que* ordenou que trouxessem Joffrey para o castelo? Os homens de manto dourado estão jogando fora as lanças e fugindo, às centenas. Quando viram o rei partir, perderam toda a coragem. A Água Negra inteira está inundada de navios quebrados, fogo e cadáveres, mas podíamos ter aguentado se…

Osney Kettleblack aproximou-se, empurrando-o.

– Batalha-se agora nas duas margens do rio, Vossa Graça. Pode ser que alguns dos senhores de Stannis estejam lutando uns contra os outros, ninguém tem certeza, há uma grande confusão lá fora. Cão de Caça sumiu, ninguém sabe para onde foi, e Sor Balon se retirou para o interior da cidade. A margem do rio é deles. Estão outra vez usando o aríete contra o Portão do Rei, e Sor Lancel tem razão, seus homens estão desertando das muralhas e matando seus próprios oficiais. Há uma multidão junto ao Portão de Ferro e ao Portão dos Deuses, lutando para sair, e a Baixada das Pulgas é um grande tumulto de bêbados.

Que os deuses sejam bons, Sansa pensou, *está acontecendo, Joffrey perdeu a cabeça e eu também*. Olhou em volta à procura de Sor Ilyn, mas o magistrado do rei não foi visto em parte alguma. *Mas consigo senti-lo. Ele está perto. Não escaparei dele, ele vai cortar minha cabeça.*

Estranhamente calma, a rainha virou-se para o irmão de Osney, Osfryd.

– Ice a ponte levadiça e tranque as portas. Ninguém entra ou sai de Maegor sem a minha autorização.

– E as mulheres que saíram para rezar?

– Elas escolheram abandonar minha proteção. Que rezem, talvez os deuses as defendam. Onde está meu filho?

– Na guarita do castelo. Quis comandar os besteiros. Há uma multidão aos gritos lá fora, metade composta por homens de manto dourado que vieram com ele quando abandonamos o Portão da Lama.

– Traga-o para dentro de Maegor. *Já*.

– *Não!* – Lancel estava tão zangado que se esqueceu de manter a voz baixa. Cabeças viraram-se para o grupo enquanto ele gritava: – Voltará a acontecer o mesmo que no Portão da Lama. Deixe-o onde está, ele é o *rei*…

– Ele é meu filho – Cersei Lannister ficou de pé. – Diz ser também um Lannister, primo, então, mostre-o. Osfryd, por que está aqui? *Já* quer dizer hoje.

Osfryd Kettleblack saiu correndo do salão, e o irmão foi com ele. Muitos dos convidados também deixaram o lugar às pressas. Algumas das mulheres choravam, outras rezavam. Outras limitaram-se a permanecer sentadas à mesa, e pediram mais vinho.

– Cersei – Sor Lancel suplicou –, se perdermos o castelo, Joffrey será morto mesmo assim, sabe disso. Deixe-o ficar, eu o mantenho junto a mim, juro…

– Saia da minha frente – Cersei atirou a palma da mão aberta contra a ferida do primo. Sor Lancel gritou de dor, e quase desmaiou no momento em que a rainha saiu apressadamente da sala. A Sansa, não deu sequer um rápido olhar. *Ela se esqueceu de mim. Sor Ilyn vai me matar, e ela nem pensará no assunto.*

– Oh, deuses – lamuriou-se uma velha. – Estamos perdidos, a batalha está perdida, ela fugiu.

Várias crianças choravam. *Eles sentem o cheiro do medo*. Sansa viu-se sozinha no estrado. Deveria ficar ali, ou seria melhor correr atrás da rainha e suplicar pela sua vida?

Não saberia dizer por que motivo se levantou, mas foi o que fez.

– Não tenham medo – disse-lhes em voz alta. – A rainha içou a ponte levadiça. Este é o local mais seguro da cidade. Tem as paredes espessas, o fosso, os espigões…

– O que aconteceu? – quis saber uma mulher que Sansa conhecia vagamente, esposa de um fidalgo menor. – O que foi que Osney disse? O rei está ferido, a cidade caiu?

– *Conte-nos* – alguém gritou. Uma mulher perguntou pelo pai e outra, pelo filho.

Sansa ergueu as mãos, pedindo silêncio.

– Joffrey voltou para o castelo. Não está ferido. Ainda estão lutando, é tudo o que sei, estão lutando com bravura. A rainha retornará em breve – a última parte era mentira, mas tinha de acalmá-los. Reparou nos bobos em pé sob a galeria. – Rapaz Lua, faça-nos rir.

O Rapaz Lua fez uma pirueta e rodopiou para cima de uma mesa. Agarrou quatro taças de vinho e começou a fazer malabarismos com elas. De vez em quando, uma caía e acertava sua cabeça. Algumas risadas nervosas ressoaram no salão. Sansa foi até Sor Lancel e se ajoelhou ao seu lado. O ferimento voltara a sangrar no local em que a rainha tinha acertado.

– Loucura – ele arquejou. – Deuses, o Duende tinha razão, tinha razão…

– Ajudem-no – ordenou Sansa a dois dos criados. Um deles limitou-se a olhá-la e fugiu, com o jarro de vinho e tudo. Outros criados também saíam do salão, mas ela não podia impedi-lo. Juntos, Sansa e um criado puseram o cavaleiro ferido em pé. – Leve-o ao Meistre Frenken – Lancel era um *deles*, mas de algum modo ainda não conseguia desejar que morresse. *Sou branda, fraca e burra, tal como Joffrey diz. Devia estar matando-o, não ajudando*.

A luz dos archotes começou a diminuir de intensidade, e um ou dois se apagaram. Ninguém se preocupou em substituí-los. Cersei não retornou. Sor Dontos subiu ao estrado enquanto todos os olhos estavam postos no outro bobo.

– Volte para o seu quarto, doce Jonquil – sussurrou. – Tranque-se, ficará mais segura lá. Eu irei encontrá-la depois que a batalha terminar.

Alguém irá me encontrar, pensou Sansa, *mas será você, ou Sor Ilyn*? Por um momento de loucura pensou em suplicar a Dontos que a defendesse. Ele também tinha sido cavaleiro, treinado com a espada e com juramento prestado de defender os fracos. *Não. Ele não tem nem a coragem nem a perícia necessárias. Só o estaria matando também*.

Precisou de todas as suas forças para sair lentamente do Salão de Baile da Rainha, quando, na verdade, queria correr. Ao chegar aos degraus, *realmente* correu, para cima e em círculos, até ficar sem fôlego e tonta. Um dos guardas esbarrou nela na escada. Uma taça de vinho cravejada de pedras preciosas e um par de candelabros de prata derramaram-se do manto carmesim em que ele os embrulhara e caíram com estrondo pelos degraus. O homem correu atrás dos objetos, deixando de prestar atenção em Sansa assim que concluiu que ela não tentaria roubar seu saque.

O quarto estava negro como breu. Sansa trancou a porta e dirigiu-se, tateando, até a janela. Quando puxou as cortinas para trás, ficou com a respiração presa na garganta.

O céu meridional estava num turbilhão de cores incandescentes e em constante transformação, reflexo dos grandes incêndios que ardiam embaixo. Sinistras marés verdes moviam-se contra as nuvens mais baixas, e lagoas de luz laranja espalhavam-se pelo céu. Os vermelhos e amarelos das chamas comuns guerreavam contra os esmeraldas e jades do fogovivo, com cada cor relampejando e logo perdendo força, gerando exércitos de sombras de breve existência, que morriam um instante mais tarde. Alvoradas verdes davam lugar a crepúsculos laranjas em meio segundo. O próprio ar cheirava a *queimado*, como uma caldeira de sopa às vezes cheirava quando era deixada tempo demais ao fogo e toda a sopa evaporava. Fagulhas

pairavam no ar noturno como enxames de vaga-lumes.

Sansa afastou-se da janela, retirando-se para a segurança de sua cama. *Vou dormir*, disse a si mesma, *e quando acordar será um novo dia, e o céu estará de novo azul. A batalha estará acabada e alguém me dirá se vou viver ou morrer*.

– Lady – lamuriou-se em voz baixa, perguntando-se se voltaria a encontrar sua loba quando morresse.

Então, algo se agitou atrás dela, e uma mão saiu da escuridão e agarrou seu pulso.

Sansa abriu a boca para gritar, mas outra mão prendeu seu rosto, asfixiando-a. Os dedos eram ásperos e cheios de calos, e estavam pegajosos de sangue.

– Passarinho. Sabia que você viria – a voz era um ruído bêbado.

Lá fora, uma lança rodopiante de luz jade saltou para as estrelas, enchendo o quarto com um clarão verde. Viu-o por um momento, todo negro e verde, com o sangue no rosto escuro como alcatrão, os olhos brilhando como os de um cão no súbito clarão. Então, a luz sumiu e ele se transformou apenas numa sombra pesada com um manto branco manchado.

– Se gritar, mato-a. Acredite – tirou a mão de sua boca. A respiração de Sansa estava entrecortada. Cão de Caça tinha posto um jarro de vinho na mesa de cabeceira. Bebeu um longo trago. – Não quer perguntar quem está vencendo a batalha, passarinho?

– Quem? – ela aquiesceu, demasiado assustada para contrariá-lo.

Cão de Caça soltou uma gargalhada.

– Só sei quem perdeu. Eu.

Está mais bêbado do que jamais o vi. Estava dormindo na minha cama. O que quer aqui?

– Que foi que perdeu?

– Tudo – a metade queimada de seu rosto era uma máscara de sangue seco. – Maldito anão. Devia tê-lo matado. Há anos.

– Dizem que está morto.

– Morto? Não. Que se dane. Não o quero morto – atirou o jarro vazio para o lado. – Quero-o *queimado*. Se os deuses forem bons, hão de queimá-lo, mas não vou estar aqui para ver. Vou embora.

– Embora? – ela tentou se libertar, mas a mão dele era de ferro.

– O passarinho repete tudo o que ouve. *Embora*, sim.

– Para onde vai?

– Para longe daqui. Para longe dos incêndios. Acho que sairei pelo Portão de Ferro. Para algum lugar, qualquer lugar, para o norte.

– Não sairá – Sansa o avisou. – A rainha fechou Maegor e os portões da cidade também estão fechados.

– Para mim, não. Tenho o manto branco. E tenho *isto* – deu pancadinhas no botão da espada. – O homem que tentar me parar é

um homem morto. A menos que esteja ardendo – soltou um riso amargo.

– Por que veio até aqui?

– Prometeu-me uma canção, passarinho. Já se esqueceu?

Sansa não sabia o que ele queria dizer. Não podia cantar para ele naquele momento, ali, com o céu num turbilhão de fogo e homens morrendo às centenas e aos milhares.

– Não posso – ela respondeu. – Largue-me. Está me assustando.

– Tudo a assusta. Olhe para mim. *Olhe* para mim.

O sangue tapava o pior de suas cicatrizes, mas os olhos estavam brancos, dilatados e aterrorizadores. O canto queimado de sua boca torceu-se e voltou a se torcer. Sansa conseguia cheirá-lo; um fedor de suor, vinho amargo e vômito seco, e, por cima de tudo, o cheiro nauseabundo de sangue, sangue, sangue.

– Podia mantê-la a salvo – ele disse com sua voz áspera. – Todos têm medo de mim. Ninguém voltaria a lhe fazer mal, caso contrário, eu os mataria – puxou-a para mais perto, e por um momento ela pensou que pretendesse beijá-la. Era forte demais para resistir. Fechou os olhos, desejando que se apressasse, mas nada aconteceu. – Ainda não suporta olhar, não é? – ouviu-o dizer. Torceu seu braço com força, fazendo-a virar-se e atirando-a na cama. – Eu quero essa canção. Falou de Florian e Jonquil – tinha o punhal desembainhado, apontado à sua garganta. – Cante, passarinho. Cante por sua pequena vida.

Sansa tinha a garganta seca e apertada de medo, e todas as canções que aprendera tinham fugido de sua cabeça. *Por favor, não me mate*, quis gritar, *por favor, não*. Conseguia senti-lo virando a ponta, empurrando-a de encontro à sua garganta, e quase voltou a fechar os olhos, mas então lembrou-se. Não era sobre Florian e Jonquil, mas era uma canção. A voz soou fraca, fina e trêmula aos seus ouvidos.

> Gentil Mãe, de clemência fonte,
> nossos filhos livre da disputa,
> pare espadas, pare flechas,
> deixe-os ver um melhor dia.
> Gentil Mãe, das mulheres força,
> ajude nossas filhas nesta luta,
> acalme a ira, dome a fúria,
> ensine a todos outra via.

Tinha se esquecido dos outros versos. Quando a voz se desvaneceu, temeu que ele pudesse matá-la, mas após um momento Cão de Caça tirou a lâmina de sua garganta, sem uma palavra.

Um instinto qualquer fez Sansa levantar a mão e pousá-la no rosto dele. O quarto estava escuro demais para que o visse, mas sentiu o

sangue pegajoso e uma umidade que não era sangue.

– Passarinho – ele voltou a falar, com a voz dura e áspera como aço riscando pedra. Então, levantou-se da cama. Sansa ouviu pano rasgando-se, seguido pelo som mais suave de passos que se afastavam.

Quando se arrastou para fora da cama, longos momentos mais tarde, estava só. Encontrou o manto dele no chão, muito torcido, com a lã branca manchada de sangue e fogo. A essa altura, o céu lá fora estava mais escuro, apenas com alguns pálidos fantasmas verdes dançando diante das estrelas. Soprava um vento gelado, fazendo as venezianas baterem. Sansa sentiu frio. Sacudiu o manto rasgado e enrolou-se debaixo dele no chão, tremendo.

Não saberia dizer quanto tempo ficou ali, mas, depois de um longo intervalo, ouviu um sino tocar, longe, do outro lado da cidade. O som era um ressoar profundo de bronze, tornando-se mais rápido a cada badalada. Sansa perguntava a si mesma o que aquilo poderia querer dizer, quando um segundo sino se juntou a ele, e um terceiro, vozes que chamavam por sobre as colinas e os vales, os becos e as torres, até chegarem a todos os cantos de Porto Real. Afastou o manto e foi até a janela.

O primeiro tênue sinal da alvorada era visível a leste, e os sinos da Fortaleza Vermelha estavam agora soando, juntando-se ao crescente rio de som que jorrava das sete torres de cristal do Grande Septo de Baelor. Sansa lembrou-se de que tinham feito repicar os sinos quando Rei Robert morrera, mas o toque que ouvia agora era diferente, não um lento e doloroso repique de morte, e sim um trovão de alegria. Conseguia ouvir também homens gritando nas ruas, só podiam ser aclamações.

Foi Sor Dontos quem lhe trouxe a notícia. Entrou cambaleando pela porta aberta, envolveu-a em seus braços flácidos e a rodopiou pelo quarto, gritando com tanta incoerência que Sansa não entendeu uma palavra. Estava tão bêbado como Cão de Caça, mas nele a bebedeira era feliz e dançante. Sansa estava sem fôlego e tonta quando ele a largou.

– O que se passa? – agarrou-se a uma das colunas da cama. – Que aconteceu? Diga-me!

– Acabou! Acabou! Acabou! A cidade está salva. Lorde Stannis morreu, Lorde Stannis fugiu, ninguém sabe, ninguém se importa, sua tropa está desfeita, o perigo passou. Massacrado, desbaratado ou mudado de lado, segundo dizem. Ah, os brilhantes estandartes! Os estandartes, Jonquil, os estandartes! Tem vinho? Devíamos beber a este dia, ah, sim. Quer dizer que está em segurança, entende?

– Diga-me o que aconteceu! – Sansa o sacudiu.

Sor Dontos riu e saltou de uma perna para a outra, por pouco não caindo.

– Chegaram atravessando as cinzas enquanto o rio estava ardendo. O rio. Stannis estava enfiado no rio até o pescoço, e apanharam-no pela retaguarda. Ah, ser de novo um cavaleiro, ter participado! Segundo dizem, seus homens quase não lutaram. Alguns fugiram, mas houve mais que se renderam e mudaram de lado, gritando por Lorde Renly! O que Stannis deve ter pensado quando ouviu aquilo! Eu soube por Osney Kettleblack, que soube por Sor Osmund, mas Sor Balon está agora de volta e seus homens dizem o mesmo, e os mantos dourados também. Estamos salvos, querida! Subiram a estrada das rosas e vieram pela margem do rio, atravessando todos os campos que Stannis tinha queimado, fazendo as cinzas voarem em volta de suas botas e deixando o exército inteiro cinza. Mas, oh!, os estandartes devem ter permanecido brilhantes, a rosa dourada, o leão dourado e todos os outros, as árvores dos Marbrand e dos Rowan, o caçador de Tarly, as uvas dos Redwyne e a folha da Senhora Oakheart. Todos os homens do oeste, todo o poderio de Jardim de Cima e de Rochedo Casterly! O próprio Lorde Tywin comandava a ala direita na margem norte do rio, com Randyll Tarly comandando o centro e Mace Tyrell a ala esquerda, mas foi a vanguarda que venceu a luta. Mergulharam na tropa de Stannis como uma lança numa abóbora, com todos os homens uivando como um demônio vestido de aço. E sabe quem comandava a vanguarda? Sabe? Sabe? *Sabe*?

– Robb? – era esperar muito, mas…

– Foi Lorde Renly! Lorde Renly em sua armadura verde, com os incêndios rebrilhando em seus chifres dourados! Lorde Renly com sua grande lança na mão! Dizem que foi ele próprio quem matou Sor Guyard Morrigen em combate singular, bem como uma dúzia de outros cavaleiros. Foi Renly, foi Renly, foi Renly! Oh!, os estandartes, querida Sansa! Oh, ser um cavaleiro!

Daenerys

Estava tomando o desjejum, uma tigela de sopa fria de camarão e caqui, quando Irri lhe trouxe um vestido qarteno, uma arejada confecção de samito cor de marfim com um padrão de pequenas pérolas.

– Leve isso – Dany falou. – As docas não são lugar para adornos de senhora.

Se os homens de leite a consideravam uma selvagem assim tão grande, iria se vestir de acordo com o papel que lhe cabia. Quando se dirigiu ao estábulo, usava calças desbotadas de sedareia e sandálias de erva trançada. Seus pequenos seios moviam-se livremente sob um colete dothraki pintado, e uma adaga curva pendia de seu cinto de medalhões. Jhiqui tinha entrançado seu cabelo à moda dothraki e prendido uma sineta de prata na ponta da trança.

– Não conquistei nenhuma vitória – tentou dizer à aia quando a sineta tilintou baixinho.

Jhiqui discordou.

– Queimou os *maegi* na sua casa de poeira e enviou suas almas para o inferno.

Essa vitória foi de Drogon, não minha, Dany quis dizer, mas segurou a língua. Os dothraki iriam estimá-la mais com algumas sinetas no cabelo. Tilintou ao montar a égua prateada, e de novo a cada passo, mas nem Sor Jorah nem seus companheiros de sangue mencionaram o fato. Para defender seu povo e os dragões em sua ausência, escolheu Rakharo. Jhogo e Aggo seguiriam com ela até a costa.

Deixaram os palácios de mármore e fragrantes jardins para trás e abriram caminho através de uma parte mais pobre da cidade, onde modestas casas de tijolo viravam paredes cegas para a rua. Havia menos cavalos e camelos à vista, e uma completa ausência de palanquins, mas as ruas estavam apinhadas de crianças, pedintes e cães esquálidos da cor da areia. Homens pálidos com saias poeirentas de linho viam-nos passar sob soleiras arqueadas. *Eles sabem quem eu sou e não gostam de mim*. Dany via isso no modo como a olhavam.

Sor Jorah teria preferido enfiá-la em seu palanquim, escondida em segurança atrás de cortinas de seda, mas Dany recusou. Tinha passado tempo demais reclinada em almofadas de cetim, deixando que bois a transportassem para cá e para lá. Quando montava a cavalo, pelo menos sentia que estava indo para algum lado.

Não era por escolha própria que procurava a costa. Estava de novo em fuga. Toda sua vida tinha sido uma longa fuga, ao que parecia. Começara a fugir ainda no ventre da mãe, e nunca parou. Quantas vezes tinha se esgueirado com Viserys na calada da noite, não

mais do que um passo à frente dos assassinos contratados do Usurpador? Mas era fugir ou morrer. Xaro soube que Pyat Pree andava reunindo os magos sobreviventes para fazer o mal cair sobre ela.

Dany riu quando ele lhe contou isso.

– Não foi você quem me disse que os feiticeiros não eram mais do que velhos soldados, gabando-se vaidosamente de feitos esquecidos e capacidades perdidas?

Xaro fez uma expressão de desconforto:

– E assim era naquele momento. Mas, agora? Não tenho tanta certeza. Dizem que as velas de vidro estão ardendo na casa de Urrathon, o Caminhante da Noite, velas que não ardiam havia cem anos. Erva dos fantasmas cresce no Jardim de Gehane, foram vistas tartarugas fantasmagóricas levando mensagens entre as casas sem janelas na Via dos Magos, e todos os ratos da cidade andam cortando a cauda com os dentes. A esposa de Mathos Mallarawan, que um dia caçoou da pesada toga de um mago roída pelas traças, enlouqueceu e recusa-se a usar qualquer tipo de roupa. Até sedas recém-lavadas fazem-na sentir que um milhar de insetos andam rastejando sobre sua pele. E Sybassion Cego, o Comedor de Olhos, voltou a ver, ou pelo menos é o que os escravos dele juram. Um homem tem de refletir – ele suspirou. – Vivemos tempos estranhos em Qarth. E os tempos estranhos são ruins para o comércio. Magoa-me dizê-lo, mas talvez fosse melhor se abandonasse Qarth por completo, e quanto mais depressa, melhor – Xaro afagara seus dedos tranquilizadoramente. – Mas não tem de ir só. Teve visões sombrias no Palácio de Poeira, mas Xaro sonhou sonhos mais luminosos. Vejo-a deitada, feliz, com um filho ao peito. Navegue comigo em torno do Mar de Jade, e ainda podemos tornar o sonho realidade! Não é tarde demais. Dê-me um filho, minha doce canção de alegria!

O que você quer pedir é que lhe dê um dragão.

– Não casarei com o senhor, Xaro.

A expressão dele tornou-se fria ao ouvir aquilo.

– Então parta.

– Para onde?

– Para algum lugar longe daqui.

Bem, talvez fosse tempo de fazer isso. O povo de seu *khalasar* acolhera bem a possibilidade de se recuperar da devastação do deserto vermelho, mas agora que estava de novo forte e repousado, começava a se tornar indisciplinado. Os dothraki não estavam acostumados a ficar por muito tempo no mesmo lugar. Eram guerreiros, não um povo feito para as cidades. Talvez tivesse permanecido em Qarth tempo demais, seduzida por seus confortos e belezas. Parecia-lhe que era uma cidade que prometia sempre mais do que dava, e sua recepção ali tinha se tornado amarga depois de a Casa dos Imortais ruir numa

grande nuvem de fumaça e chamas. De repente, os qartenos lembraram-se de que os dragões eram *perigosos*. Já não rivalizavam uns com os outros para lhe dar presentes. Em vez disso, a Irmandade Turmalina pedira abertamente sua expulsão, e a Antiga Guilda das Especiarias, sua morte. Xaro não conseguiu mais do que impedir que os Treze se juntassem a eles.

Mas para onde hei de ir? Sor Jorah propusera que viajassem mais para leste, para longe dos inimigos que tinham nos Sete Reinos. Seus companheiros de sangue prefeririam retornar ao seu grande mar de erva, mesmo que isso significasse voltar a enfrentar o deserto vermelho. A própria Dany brincara com a ideia de se instalar em Vaes Tolorro até que seus dragões se tornassem grandes e fortes. Mas tinha o coração cheio de dúvidas. Sentia que cada uma daquelas opções era de algum modo errada… E mesmo quando decidisse o lugar para onde ir, a questão de como chegar lá permaneceria um problema.

Sabia agora que Xaro Xhoan Daxos não lhe prestaria nenhuma ajuda. Apesar de todas as suas declarações de devoção, o mercador jogava seu próprio jogo, à semelhança de Pyat Pree. Na noite em que lhe disse para partir, Dany tinha lhe suplicado um último favor.

– Um exército? É isso? – Xaro perguntou. – Uma caldeira de ouro? Uma galé, talvez?

Dany corou. Odiava pechinchar.

– Sim, um navio.

Os olhos de Xaro cintilaram com um brilho tão intenso como o das joias que trazia no nariz.

– Eu sou um mercador, *Khaleesi*. Portanto, talvez devêssemos não voltar a falar de presentear, e sim de comerciar. Por um de seus dragões, obterá dez dos melhores navios de minha frota. Só tem de proferir uma doce palavra.

– Não – ela disse.

– Infelizmente – soluçou Xaro – não era essa a palavra a que me referia.

– Pediria a uma mãe que vendesse os filhos?

– E por que não? Podem sempre fazer mais. As mães vendem os filhos todos os dias.

– A Mãe de Dragões não.

– Nem mesmo por vinte navios?

– Nem por cem.

A boca dele retorceu-se.

– Não possuo cem. Mas você tem três dragões. Dê-me um, em troca de toda a minha bondade. Ainda ficará com dois, e com trinta navios.

Trinta navios seriam suficientes para desembarcar um pequeno exército na costa de Westeros. *Mas eu não tenho um pequeno exército*.

– Quantos navios possui, Xaro?

– Oitenta e três, sem contar a minha barca do prazer.

– E os seus colegas nos Treze?

– Entre todos, talvez mil.

– E a Guilda das Especiarias e a Irmandade Turmalina?

– Suas insignificantes frotas não têm importância.

– Mesmo assim, conte-me.

– Mil e duzentos ou mil e trezentos da Guilda, não mais de oitocentos da Irmandade.

– E os asshai'i, os bravosianos, os homens das Ilhas do Verão, os ibbeneses e todos os outros povos que navegam pelo grande mar salgado, quantos navios possuem? Todos juntos?

– Muitos e mais ainda – ele respondeu com um ar irritado. – O que importa?

– Estou tentando estabelecer um preço para um dos três dragões vivos que há no mundo – Dany sorriu docemente. – Parece-me que um terço de todos os navios do mundo seria um preço justo.

As lágrimas de Xaro correram por seu rosto, de ambos os lados do nariz incrustado de joias.

– Não a alertei para que não entrasse no Palácio de Poeira? Era precisamente isso que temia. Os sussurros dos magos deixaram-na tão louca quanto a esposa de Mallarawan. Um terço de todos os navios do mundo? Pah. Pah, digo eu. Pah.

Dany não voltou a vê-lo. Seu senescal trazia-lhe mensagens, cada uma mais fria do que a anterior. Que tinha de abandonar a sua casa. Que estava farto de alimentá-la e ao seu povo. Exigia a devolução de seus presentes, os quais Dany teria aceitado de má-fé. Seu único consolo era que pelo menos tivera o grande bom-senso de não se casar com ele.

Os magos segredaram sobre três traições… uma por sangue, uma por ouro e uma por amor. Sem dúvida, a primeira traidora tinha sido Mirri Maz Duur, que assassinara Khal Drogo e seu filho por nascer, para vingar seu povo. Poderiam Pyat Pree e Xaro Xhoan Daxos ser o segundo e o terceiro traidor? Não lhe parecia. O que Pyat fizera não foi por ouro, e Xaro nunca a amara de verdade.

As ruas ficaram mais vazias quando passaram por um bairro dedicado a sombrios armazéns de pedra. Aggo seguiu à frente e Jhogo atrás, deixando Sor Jorah Mormont a seu lado. A sineta retinia baixinho e Dany reparou que seus pensamentos voltavam de quando em quando ao Palácio de Poeira, do mesmo modo que a língua volta ao espaço deixado vago por um dente a menos. *Filha de três*, tinham-na chamado, *filha da morte, matadora de mentiras, noiva do fogo*. Tantos três. Três fogos, três montarias a montar, três traições.

– O dragão tem três cabeças – suspirou. – Sabe o que isso quer

dizer, Jorah?

– Vossa Graça? O símbolo da Casa Targaryen é um dragão de três cabeças, vermelho sobre fundo negro.

– Eu sei. Mas não existem dragões de três cabeças.

– As três cabeças eram Aegon e as irmãs.

– Visenya e Rhaenys – ela recordou. – Descendo de Aegon e Rhaenys através de Aenys, seu filho, e de Jaehaerys, seu neto.

– Lábios azuis só dizem mentiras, não foi o que Xaro disse? Por que se importa com o que os magos sussurraram? Agora sabe que tudo o que queriam era sugar sua vida.

– Talvez – ela disse relutante. – Mas as coisas que vi…

– Um homem morto na proa de um navio, uma rosa azul, um banquete de sangue… O que significam essas coisas, *Khaleesi*? Falou de um dragão de pantomimeiro. O que *é* um dragão de pantomimeiro, diga-me?

– Um dragão de pano montado em varas – Dany explicou. – Os pantomimeiros usam-nos em seus espetáculos, para dar aos heróis algo com que lutar.

Sor Jorah franziu a testa.

Dany não conseguia abandonar o assunto.

– *É sua a canção de gelo e fogo*, disse meu irmão. Tenho certeza de que era meu irmão. Não Viserys, Rhaegar. Tinha uma harpa com cordas de prata.

O franzir de testa de Sor Jorah aprofundou-se tanto que as sobrancelhas se juntaram.

– O Príncipe Rhaegar tocava uma harpa assim – ele anuiu. – Viu-o?

Ela confirmou com a cabeça.

– Havia uma mulher numa cama, com um bebê no peito. Meu irmão disse que o bebê era o príncipe que havia sido profetizado e falou à mulher para chamá-lo Aegon.

– O Príncipe Aegon era herdeiro de Rhaegar, filho de Elia de Dorne – disse Sor Jorah. – Mas se era ele o príncipe da profecia, esta foi quebrada com o seu crânio, quando os Lannister atiraram sua cabeça contra uma parede.

– Eu me lembro – a voz dela soou triste. – Também assassinaram a filha de Rhaegar, a princesinha. Chamava-se Rhaenys, como a irmã de Aegon. Não havia uma Visenya, mas ele disse que o dragão tem três cabeças. O que é a canção de gelo e fogo?

– Não é nenhuma canção que eu tenha ouvido.

– Fui encontrar os magos esperando respostas, mas em vez disso deixaram-me com uma centena de novas perguntas.

Àquela altura já havia de novo pessoas nas ruas.

– Abram alas – gritava Aggo, enquanto Jhogo farejava o ar com

uma expressão de suspeita.

– Estou sentindo o cheiro, *Khaleesi* – ele gritou. – A água venenosa – os dothrakis desconfiavam do mar e de tudo o que se movesse nele. Água que um cavalo não podia beber era água com que não queriam lidar. *Aprenderão*, sentenciou Dany. *Enfrentei o mar deles com Khal Drogo. Agora eles podem enfrentar o meu.*

Qarth era um dos grandes portos do mundo, com longos cais abrigados que eram uma profusão de cores, sons e estranhos cheiros. Tabernas, armazéns e antros de jogo alinhavam-se ao longo das ruas, ao lado de bordéis baratos e aos templos de deuses peculiares. Batedores de carteira, assassinos, vendedores de feitiços e cambistas misturavam-se em todas as multidões. A margem era um grande mercado, onde a compra e a venda prosseguiam de dia e de noite, e bens podiam ser obtidos por uma fração do que custariam na feira, se não se fizesse perguntas sobre sua origem. Velhos encarquilhados, encurvados como corcundas, vendiam águas aromatizadas e leite de cabra, armazenados em cântaros de cerâmica vidrada que traziam presos aos ombros. Marinheiros de meia centena de nações vagueavam por entre as bancas, bebendo licores temperados e trocando piadas em línguas de estranhas sonoridades. O ar cheirava a sal e a peixe frito, a alcatrão quente e a mel, a incenso, óleo e esperma.

Aggo deu a um moleque uma moeda de cobre por um espeto de ratos assados com mel, que foi mordiscando enquanto avançavam. Jhogo comprou uma porção de grandes cerejas brancas. Em outro local, viram belos punhais de bronze à venda, lulas secas e ônix esculpido, um potente elixir mágico feito de leite de virgem e de sombra da tarde, até ovos de dragão que se pareciam, de forma suspeita, com pedras pintadas.

Enquanto passavam pelos longos cais de pedra reservados aos navios dos Treze, Dany viu arcas de açafrão, olíbano e pimenta sendo descarregadas do ornamentado *Beijo Cinábrio* de Xaro. A seu lado, barris de vinho e fardos de folhamarga e de peles listradas eram rolados pela prancha acima até a *Noiva de Blau*, que devia zarpar na maré da noite. Mais à frente, reunira-se uma multidão em volta da galé da Guilda, *Resplendor Solar*, a fim de licitar escravos. Era bem sabido que o lugar mais econômico para comprar um escravo era logo à saída do navio, e as bandeiras que flutuavam em seus mastros proclamavam que o *Resplendor Solar* tinha acabado de chegar de Astapor, na Baía dos Escravos.

Dany não obteria ajuda dos Treze, da Irmandade Turmalina ou da Antiga Guilda das Especiarias. Avançou com a sua prata ao longo de várias milhas dos cais, docas e armazéns das três associações, até a ponta mais distante do porto em forma de ferradura, onde era

permitida a ancoragem dos navios provenientes das Ilhas do Verão, Westeros e das Nove Cidades Livres.

Desmontou junto a uma arena de apostas, onde um basilisco fazia em pedaços um grande cão vermelho, no centro de um ruidoso anel de marinheiros.

– Aggo, Jhogo, guardem os cavalos enquanto Sor Jorah e eu falamos com os capitães.

– Às suas ordens, *Khaleesi*. Vamos vigiá-los daqui.

Era bom voltar a ouvir homens falando valiriano, e até o Idioma Comum, Dany pensou enquanto se aproximavam do primeiro navio. Marinheiros, estivadores e mercadores abriram passagem quando ela se aproximava, sem saber o que pensar daquela menina magra, de cabelos louro-prateados, que se vestia à moda dothraki e caminhava com um cavaleiro ao seu lado. Apesar do calor do dia, Sor Jorah vestia sua capa de lã verde sobre uma cota de malha, com o urso negro de Mormont cosido no peito.

Mas nem a beleza dela nem o tamanho e a força dele teriam utilidade no trato com os homens de cujos navios precisavam.

– Pede passagem para uma centena de homens dothraki, todos os seus cavalos, você, este cavaleiro e três *dragões*? – perguntou o capitão da grande coca *Amigo Ardente*, antes de se afastar, rindo. Quando disse a um liseno, no *Trombeteiro,* que era Daenerys Nascida da Tormenta, Rainha dos Sete Reinos, ele lhe deu um olhar inexpressivo e disse:

– Bem, e eu sou o Lorde Tywin Lannister e cago ouro todas as noites.

O mestre de carga da galé de Myr, *Espírito de Seda,* opinou que os dragões eram perigosos demais no mar, onde qualquer fiapo de chama podia incendiar o cordame. O dono da *Barriga de Lorde Faro* arriscava os dragões, mas não os dothraki.

– Não quero nenhum desses selvagens sem deus na minha *Barriga*, não, não.

Os dois irmãos que capitaneavam os navios gêmeos *Mercúrio* e *Galgo* mostraram-se compreensivos e convidaram-nos a entrar na cabine para tomar um copo de tinto da Árvore. Foram tão corteses que Dany se sentiu esperançosa durante algum tempo, mas, por fim, o preço que pediram estava muito além de suas possibilidades, e talvez estivesse além até das de Xaro. *Petto Beliscão* e *Donzela de Olhos Negros* eram pequenos demais para as suas necessidades; *Bravo* dirigia-se para o Mar de Jade, e *Magíster Manolo* quase não parecia capaz de navegar.

Enquanto se dirigiam ao cais seguinte, Sor Jorah pôs a mão na parte de baixo das costas de Dany.

– Vossa Graça. Está sendo seguida. Não, não se vire – guiou-a com gentileza até a bancada de um vendedor de latões. – Isto é um trabalho notável, minha rainha – proclamou em voz alta, erguendo

uma grande bandeja para que ela a inspecionasse. – Vê como brilha ao sol?

O latão estava muito polido. Dany conseguia ver nele o seu rosto… e quando Sor Jorah o inclinou para a direita, conseguiu ver atrás de si.

– Vejo um homem gordo mulato e outro mais velho com um bastão. Qual deles é?

– Os dois – Sor Jorah respondeu. – Vêm nos seguindo desde que deixamos para trás o *Mercúrio*.

As ondulações no latão esticavam os dois estranhos de forma bizarra, fazendo com que um dos homens parecesse alto e muito magro e o outro imensamente atarracado e gordo.

– Um latão excelente, grande senhora – exclamou o mercador. – Brilhante como o sol! E para a Mãe de Dragões, são só trinta honras.

A bandeja não valia mais do que três.

– Onde estão os meus guardas? – Dany quis saber. – Este homem está tentando me assaltar! – dirigindo-se a Jorah, abaixou a voz e falou no Idioma Comum: – Podem não me querer mal. Os homens olham as mulheres desde o início dos tempos, talvez não seja mais do que isso.

O vendedor de latões ignorou os sussurros.

– Trinta? Eu disse trinta? Que tolo sou. O preço é vinte honras.

– Nem todo o latão desta bancada vale vinte honras – disse-lhe Dany enquanto estudava os reflexos. O velho tinha um aspecto que lembrava Westeros, e o de pele escura devia pesar cento e vinte quilos. *O Usurpador ofereceu uma senhoria ao homem que me matasse, e esses dois estão longe de casa. Ou serão criaturas dos magos, tentando me pegar desprevenida?*

– Dez, *Khaleesi*, por ser tão bela. Use-o como espelho. Só um latão assim tão bom pode captar tamanha beleza.

– Podia servir para levar dejetos. Se a jogasse fora, eu poderia recolhê-la, desde que não tivesse de me dobrar. Mas *pagar* por ela? – Dany colocou a bandeja em suas mãos. – Os vermes rastejaram por seu nariz acima e comeram seu cérebro.

– Oito honras – o homem gritou. – Minhas esposas vão me bater e me chamar de idiota, mas em suas mãos sou uma criança desamparada. Vá, oito, é menos do que o seu valor.

– Para que preciso de latão baço quando Xaro Xhoan Daxos me alimenta de pratos de ouro? – ao virar-se para se afastar, Dany deixou que seu olhar passasse sobre os estranhos. O mulato era quase tão gordo quanto parecera na bandeja, com uma cintilante cabeça calva e o rosto liso de um eunuco. Trazia um longo *arakh* curvo enfiado na seda amarela manchada pelo suor de sua faixa de cintura. Acima da seda, estava nu, à exceção de um colete absurdamente minúsculo com

tachões de ferro. Velhas cicatrizes entrecruzavam-se em seus braços grossos como troncos de árvores, peito e barriga enormes, numa cor mais clara do que a de sua pele cor de avelã.

O outro homem usava um manto de viajante feito de lã crua, com o capuz atirado para trás. Longos cabelos brancos caíam sobre seus ombros, e uma barba branca e sedosa cobria a metade inferior do seu rosto. Apoiava o peso num bastão de madeira dura tão alto quanto ele. *Só tolos me fitariam tão abertamente se me pretendessem algum mal*. Mesmo assim, podia ser prudente voltar para onde estavam Jhogo e Aggo.

– O velho não usa espada – disse a Jorah no Idioma Comum enquanto o afastava da banca.

O vendedor de latão veio aos saltos atrás deles.

– Cinco honras, por cinco é sua, estava destinada à senhora.

Sor Jorah disse:

– Um bastão de madeira rija pode quebrar um crânio tão bem como qualquer maça.

– Quatro! Eu sei que a quer! – o homem dançou na frente deles, dando corridinhas para trás enquanto enfiava a bandeja no rosto deles.

– Seguem-nos?

– Levante isso um pouco mais – disse o cavaleiro ao mercador. – Sim. O velho finge ver a mercadoria da banca de um oleiro, mas o mulato só tem olhos para a senhora.

– Duas honras! Duas! Duas! – o mercador arquejava pesadamente com o esforço de correr para trás.

– Pague-lhe antes que se mate – disse Dany a Sor Jorah, perguntando a si mesma o que ia fazer com uma enorme bandeja de latão. Virou-se para trás enquanto ele procurava as moedas, pretendendo pôr fim àquela farsa. O sangue do dragão não seria pastoreado através da feira por um velho e um eunuco gordo.

Um qarteno entrou em seu caminho:

– Mãe de Dragões, para você – ajoelhou-se e apresentou-lhe uma caixa de joias.

Dany aceitou-a quase por reflexo. A caixa era de madeira entalhada, com tampa de madrepérola embutida de jaspe e calcedônia.

– É muito gentil – abriu-a. Lá dentro encontrava-se um cintilante escaravelho verde esculpido em ônix e esmeralda. *Lindo*, pensou. *Isso ajudará a pagar nossa passagem*. Enquanto estendia a mão para dentro da caixa o homem disse:

– Lamento tanto – mas ela quase não o ouviu.

O escaravelho desenrolou-se com um silvo.

Dany viu de relance uma maligna cara negra, quase humana, e

uma cauda arqueada pingando veneno… E então a caixa voou de suas mãos, feita em pedaços, rodopiando. Uma dor súbita fê-la torcer os dedos. Enquanto gritava e agarrava a mão, o mercador de latão soltou um guincho, uma mulher gritou, e de súbito os qartenos gritavam e empurravam-se uns aos outros. Sor Jorah passou por ela, dando-lhe um encontrão, e Dany caiu sobre um joelho, voltando a ouvir o silvo. O velho espetou o bastão no chão, Aggo chegou a cavalo pelo meio da banca de um vendedor de ovos e saltou da sela, o chicote de Jhogo estalou por cima de sua cabeça, Sor Jorah atingiu o eunuco na cabeça com a bandeja de latão, marinheiros, prostitutas e mercadores estavam fugindo, gritando ou fazendo ambas as coisas…

– Vossa Graça, mil perdões – o velho se ajoelhou. – Está morto. Quebrei sua mão?

Ela fechou os dedos, tremendo:

– Parece que não.

– Tive de atirá-lo para longe – começou o homem, mas os companheiros de sangue de Dany caíram sobre ele antes de poder terminar. Aggo chutou seu bastão para longe e Jhogo agarrou-o pelos ombros, forçou-o a se ajoelhar e picou sua garganta com um punhal.

– *Khaleesi*, vimos que ele a atacou. Quer ver a cor de seu sangue?

– Soltem-no – Dany ficou em pé. – Olhem para a ponta de seu bastão, sangue do meu sangue – Sor Jorah tinha sido atirado ao chão pelo eunuco. Ela pôs-se entre eles quando o *arakh* e a espada longa saltaram relampejando das respectivas bainhas. – Guardem seu aço! Parem com isso!

– Vossa Graça? – Mormont baixou a espada não mais do que dois centímetros. – Estes homens atacaram-na.

– Estavam me defendendo – Dany bateu com a mão para sacudir a dor dos dedos. – Foi o outro, o qarteno – quando olhou em volta, o homem tinha desaparecido. – Era um Homem Pesaroso. Havia uma manticora naquela caixa de joias que ele me deu. Este homem arrancou-a da minha mão – o mercador de latão ainda rolava pelo chão. Dany foi até ele e o ajudou a ficar em pé. – Foi picado?

– Não, minha boa senhora – ele respondeu, tremendo –, caso contrário estaria morto. Mas aquilo tocou-me, *aiiiii*, quando caiu da caixa aterrissou no meu braço – Dany via que o homem tinha se urinado, e não era para menos.

Deu-lhe uma moeda de prata pelos problemas que tinha lhe causado e o mandou embora antes de se voltar para o velho com a barba branca.

– A quem devo eu a minha vida?

– Nada me deve, Vossa Graça. Chamo-me Arstan, embora Belwas tenha me apelidado de Barba Branca na viagem para aqui – apesar de Jhogo tê-lo soltado, permanecia apoiado num joelho. Aggo apanhou o

bastão, virou-o, praguejou em voz baixa em dothraki, limpou os restos da manticora numa pedra, e o entregou ao homem.

– E quem é Belwas? – Dany quis saber.

O enorme eunuco mulato avançou, pavoneando-se, embainhando o *arakh*.

– Belwas sou eu. Chamam-me Belwas, o Forte, nas arenas de luta de Meereen. Nunca perdi – deu uma palmada na barriga, coberta de cicatrizes. – Deixo todos os homens me ferirem uma vez antes de matá-los. Conte os golpes, e saberá quantos homens Belwas, o Forte, matou.

Dany não precisava contar as cicatrizes; com um rápido olhar dava para ver que eram muitas.

– E por que está aqui, Belwas, o Forte?

– De Meereen fui vendido a Qohor, e depois a Pentos, e ao homem gordo com um fedor doce no cabelo. Foi ele quem enviou Belwas, o Forte, de volta por mar, e o velho Barba Branca para servi-lo.

O homem gordo com um fedor doce no cabelo…

– Illyrio? – Dany disse. – Foram enviados pelo Magíster Illyrio?

– Fomos, Vossa Graça – respondeu o velho Barba Branca. – O Magíster suplica a bondade de sua indulgência por nos enviar em seu lugar, mas já não pode montar a cavalo como podia quando jovem, e a viagem por mar perturba sua digestão – antes falava no valiriano das Cidades Livres, mas agora tinha mudado para o Idioma Comum. – Lamento se lhe causamos alarme. Para falar a verdade, não estávamos certos, esperávamos alguém mais… mais…

– Régio? – Dany riu. Não havia trazido nenhum dragão consigo, e seu vestuário dificilmente podia ser considerado próprio de uma rainha. – Fala bem o Idioma Comum, Arstan. Vem de Westeros?

– Venho. Nasci na Marca de Dorne, Vossa Graça. Quando rapaz fui escudeiro de um cavaleiro ao serviço de Lorde Swann – segurava o grande bastão verticalmente a seu lado como uma lança à espera de um estandarte. – Agora sou escudeiro de Belwas.

– É um pouco velho para isso, não? – Sor Jorah avançara através da multidão até tomar posição ao lado de Dany, segurando desajeitadamente a bandeja de latão debaixo do braço. A dura cabeça de Belwas deixara-a bastante amassada.

– Mas não velho demais para servir meu suserano, Lorde Mormont.

– Também me conhece?

– Vi-o lutar uma ou duas vezes. Em Lanisporto, onde quase derrubou o Regicida. E em Pyke, lá também. Não se lembra, Lorde Mormont?

Sor Jorah franziu a sobrancelha.

– Seu rosto parece-me familiar, mas havia centenas de homens em Lanisporto e milhares em Pyke. E eu não sou lorde. A Ilha dos Ursos foi tirada de mim. Não sou mais do que um cavaleiro.

– Um cavaleiro da minha Guarda Real – Dany tomou seu braço. – E meu amigo fiel e bom conselheiro – estudou o rosto de Arstan. Possuía uma grande dignidade, uma força calma que lhe agradava. – Levante-se, Arstan Barba Branca. Seja bem-vindo, Belwas, o Forte. Já conhecem Sor Jorah. Ko Aggo e Ko Jhogo são sangue do meu sangue. Cruzaram comigo o deserto vermelho e viram nascer os meus dragões.

– Rapazes dos cavalos – Belwas deu um sorriso cheio de dentes e de intervalos entre eles. – Belwas matou muitos rapazes dos cavalos nas arenas de luta. Tilintam quando morrem.

O *arakh* de Aggo saltou para sua mão.

– Nunca matei um homem gordo e marrom. Belwas será o primeiro.

– Embainhe o seu aço, sangue do meu sangue – Dany pediu –, este homem vem para me servir. Belwas, irá conceder o máximo respeito ao meu povo, caso contrário, deixará meu serviço mais cedo do que gostaria, e com mais cicatrizes do que quando chegou.

O sorriso cheio de intervalos desvaneceu-se da larga cara escura do gigante, substituído por uma carranca confusa. Ao que parecia, não era frequente que os homens ameaçassem Belwas, e ainda menos meninas com um terço do seu tamanho.

Dany deu um sorriso, para remover um pouco da dureza da reprimenda.

– E agora digam-me, o que Magíster Illyrio quer de mim para enviá-los de Pentos até aqui?

– Quer dragões – disse Belwas rudemente –, e a menina que os faz. Ele a quer.

– Belwas diz a verdade, Vossa Graça – Arstan confirmou. – Foi-nos dito que a encontrássemos e a levássemos de volta a Pentos. Os Sete Reinos precisam da senhora. Robert, o Usurpador, está morto, e o reino sangra. Quando zarpamos de Pentos havia quatro reis no país, e nenhuma justiça em parte alguma.

A alegria floresceu em seu coração, mas Dany manteve-a afastada do rosto.

– Tenho três dragões, e mais de cem pessoas no meu *khalasar*, com todos os seus bens e cavalos.

– Não importa – Belwas trovejou. – Levamos todos. O homem gordo contrata três navios para a sua pequena rainha de cabelo prateado.

– Assim é, Vossa Graça – Arstan Barba Branca confirmou. – A grande coca *Saduleon* está atracada na extremidade do cais, e as galés *Sol de Verão* e *Logro de Joso* estão ancoradas do outro lado do quebra-

mar.

Três cabeças tem o dragão, pensou Dany, curiosa.

– Direi ao meu povo que se prepare para partir de imediato. Mas os navios que me levarem para casa têm de ostentar nomes diferentes.

– Como quiser – Arstan concordou. – Que nomes prefere?

– Vhagar – disse-lhe Daenerys. – Meraxes. E Balerion. Pinte os nomes nos cascos em letras douradas com um metro de altura, Arstan. Quero que todos os homens que os virem saibam que os dragões regressaram.

Arya

As cabeças tinham sido mergulhadas em alcatrão a fim de abrandar o apodrecimento. Todas as manhãs, quando Arya se dirigia ao poço para tirar água fresca para a bacia de Roose Bolton, tinha de passar por baixo delas. Estavam viradas para fora, por isso nunca via os rostos, mas gostava de fingir que uma delas pertencia a Joffrey. Tentava imaginar como sua cara bonita ficaria mergulhada em alcatrão. *Se eu fosse um corvo, podia pousar nela e arrancar à bicada seus estúpidos lábios gordos e mal-humorados.*

Nunca faltava público para as cabeças. As gralhas pretas voavam em círculos por cima da guarita, em roufenha rudeza, e disputavam nas muralhas por cada olho, guinchando e crocitando umas às outras e levantando voo sempre que uma sentinela passava pelas ameias. Às vezes os corvos do meistre também juntavam-se ao festim, descendo da colônia em grandes asas negras. Quando os corvos chegavam, as gralhas afastavam-se, retornando no momento em que as aves maiores partiam.

Será que os corvos se lembram do Meistre Tothmure?, perguntou Arya a si mesma. *Estarão tristes por ele? Quando lhe gritam* quorc*, será que se interrogam por que é que ele não responde?* Talvez os mortos soubessem falar com eles em alguma língua secreta que os vivos não eram capazes de ouvir.

Tothmure tinha sido sentenciado ao machado por enviar aves para Rochedo Casterly e Porto Real na noite em que Harrenhal caíra; o armeiro Lucan por fazer armas para os Lannister; a Governanta Harra por dizer ao pessoal da Senhora Whent para servi-los; o intendente por dar a Lorde Tywin as chaves do cofre do tesouro. O cozinheiro fora poupado (alguns diziam que por ter feito a sopa de doninha), mas tinham sido construídas armações para prender a bonita Pia e as outras mulheres que tinham partilhado os seus préstimos com soldados Lannister. Nuas e raspadas, foram deixadas no pátio intermediário ao lado da arena dos ursos, para o uso de qualquer homem que as quisesse.

Três homens de armas Frey estavam usando-as naquela manhã quando Arya se dirigiu ao poço. Tentou não olhar, mas conseguia ouvir os homens rindo. O balde era muito pesado depois de cheio. Estava se virando para levá-lo para a Pira do Rei quando a Governanta Amabel pegou em seu braço. A água derramou-se sobre as pernas de Amabel.

– Fez isso de propósito – a mulher guinchou.

– O que é que você quer? – Arya torceu-se, tentando se soltar. Amabel andava meio louca desde que tinham cortado a cabeça de

Harra.

– Está vendo aquilo? – apontou para o outro lado do pátio, para Pia. – Quando este nortenho cair, você vai estar onde ela está.

– Largue-me – Arya tentou se libertar puxando, mas Amabel limitou-se a fechar melhor os dedos.

– Ele *também* vai cair, Harrenhal acaba por puxar todos para baixo. Lorde Tywin agora ganhou, vai marchar de volta com todo seu poder, e depois será a vez dele de punir os desleais. E não pense que ele não saberá o que você fez! – a velha soltou uma gargalhada. – Posso até também eu dar uma também, a Harra tinha uma velha vassoura, vou guardá-la para você. O cabo está quebrado e cheio de lascas…

Arya girou o balde. O peso da água fez com que se virasse em suas mãos, e não atingiu Amabel na cabeça como quis, mas a mulher a soltou mesmo assim quando a água a ensopou.

– *Nunca* me toque – Arya gritou –, senão *mato*-a. Vá *embora*.

Encharcada, a Governanta Amabel balançou um dedo fino na direção do homem esfolado no peito da túnica de Arya.

– Acha que está segura com esse homenzinho sangrento em suas tetas, mas não está! Os Lannister vêm aí. Vai ver o que acontece quando chegarem aqui.

Três quartos da água tinham se derramado no chão, e Arya teve de voltar ao poço. *Se contasse a Lorde Bolton o que ela disse, a cabeça dela estaria ao lado da de Harra antes de cair a noite*, pensou enquanto puxava o balde. Mas não o faria.

Uma vez, quando só estavam lá metade das cabeças, Gendry surpreendera Arya olhando para elas.

– Admirando o seu trabalho? – ele perguntara.

Ela sabia que ele estava zangado porque gostava de Lucan, mas mesmo assim não era justo.

– É trabalho de Walton Pernas-d'Aço – ela disse em tom defensivo. – E dos Saltimbancos, e de Lorde Bolton.

– E quem nos trouxe todos eles? Você e a sua sopa de doninha.

Arya esmurrou-lhe o braço.

– Era só caldo quente de carne. Você também odiava Sor Amory.

– Odeio mais esses tipos. Sor Amory lutava por seu senhor, mas os Saltimbancos são mercenários e vira-casacas. Metade nem sequer sabe falar o Idioma Comum. O Septão Utt gosta de garotinhos, Qyburn faz magia negra, e seu amigo Dentadas *come* gente.

O pior era que nem podia dizer que ele não tinha razão. Os Bravos Companheiros cuidavam da maior parte do abastecimento de Harrenhal, e Roose Bolton atribuíra-lhes a tarefa de exterminar homens dos Lannister. Vargo Hoat dividira-os em quatro bandos, para visitar o máximo possível de aldeias. Ele próprio liderava o grupo

maior, e tinha dado os outros aos seus capitães mais confiáveis. Arya ouvira Rorge rindo sobre a maneira que Lorde Vargo tinha de encontrar traidores. Tudo o que fazia era retornar aos locais que visitara antes sob o estandarte de Lorde Tywin e apanhar aqueles que o tinham ajudado. Muitos tinham sido comprados com prata dos Lannister, e era também frequente que os Saltimbancos regressassem com sacos de moedas além dos cestos de cabeças.

– Uma adivinha! – gritava jovialmente Shagwell. – Se a cabra de Lorde Bolton come os homens que alimentaram a cabra de Lorde Lannister, quantas cabras há?

– Uma – tinha dito Arya quando ele lhe perguntara.

– Ora, aí está uma doninha esperta que nem uma cabra! – falou o bobo com um risinho abafado.

Rorge e Dentadas eram tão maus quanto os outros. Sempre que Lorde Bolton fazia uma refeição com a guarnição, Arya via-os lá, entre os soldados. Dentadas exalava um fedor de queijo podre, e os Bravos Companheiros obrigavam-no a se sentar ao fundo da mesa, onde podia grunhir e silvar para si próprio e dilacerar a carne com os dedos e os dentes. Farejava Arya quando ela passava, mas era Rorge quem mais a assustava. Sentava-se junto ao Fiel Ursywck, mas ela sentia seus olhos percorrendo seu corpo enquanto estava cuidando de suas tarefas.

Às vezes desejava ter partido para lá do mar estreito com Jaqen H'ghar. Ainda tinha a estúpida moeda que ele lhe dera, um pedaço de ferro que não era maior do que um centavo, e estava enferrujado na borda. De um lado tinha coisas escritas, estranhas palavras que ela não conseguia ler. O outro mostrava uma cabeça de homem, mas tão desgastada que todos os seus traços tinham desaparecido. *Ele disse que esta moeda era de grande valor, mas isso provavelmente também foi uma mentira, como seu nome e até sua aparência*. Aquele pensamento deixou-a tão zangada que jogou a moeda fora, mas uma hora depois sentiu-se mal e foi à procura dela, mesmo que não valesse nada.

Pensava na moeda enquanto atravessava o Pátio das Lâminas, lutando com o peso da água no balde.

– Nan – chamou uma voz. – Ponha esse balde no chão e venha me ajudar.

Elmar Frey não era mais velho do que ela, e ainda por cima era baixo para a idade. Tinha rolado um barril de areia pela pedra irregular e seu rosto estava vermelho de exaustão. Arya foi ajudá-lo. Juntos, empurraram o barril até a muralha e de novo para trás, e depois puseram-no de pé. Arya ouviu a areia lá dentro movendo-se de um lado para o outro quando Elmar abriu o tampo e tirou para fora um camisão.

– Acha que está suficientemente limpo? – na qualidade de escudeiro de Roose Bolton, era sua responsabilidade manter a cota de

malha do seu senhor tinindo de limpo.

– Tem de sacudir a areia. Ainda há pontos de ferrugem. Está vendo? – ela apontou. – É melhor fazer tudo mais uma vez.

– Faça você – Elmar podia ser amigável quando precisava de ajuda, mas depois lembrava-se sempre de que era um escudeiro e ela apenas uma criada. Gostava de se gabar de ser filho do Senhor da Travessia, não um sobrinho, bastardo ou neto, mas um *filho* legítimo, e de que, por causa disso, ia se casar com uma princesa.

Arya não se interessava por sua preciosa princesa, e não gostava que lhe desse ordens.

– Tenho de levar água ao senhor para a bacia. Ele está no quarto sendo sangrado. Não com as sanguessugas normais, pretas, mas com as grandes e claras.

Os olhos de Elmar ficaram do tamanho de ovos cozidos. As sanguessugas aterrorizavam-no, especialmente as grandes e claras que pareciam geleia até se encherem de sangue.

– Tinha me esquecido, você é magricela demais para empurrar um barril tão pesado.

– Tinha me esquecido, você é burro – Arya pegou o balde. – Talvez também devesse ser sangrado. No Gargalo há sanguessugas do tamanho de porcos – e deixou-o lá com seu barril.

O quarto do senhor estava cheio de gente quando entrou. Qyburn encontrava-se presente, bem como o severo Walton com seu camisão e grevas, além de uma dúzia de Frey, todos eles irmãos, meios-irmãos e primos. Roose Bolton estava na cama, nu. Sanguessugas aderiam à parte de dentro de seus braços e pernas e espalhavam-se por seu peito pálido, longas coisas translúcidas que se tornavam de um cor-de-rosa cintilante quando se alimentavam. Bolton não prestava mais atenção nelas do que em Arya.

– Não podemos permitir que Lorde Tywin nos encurrale aqui em Harrenhal – Sor Aenys Frey estava dizendo enquanto Arya enchia a bacia de banho. Um homem grisalho, gigantesco e curvado para a frente, com olhos aguados e avermelhados e enormes mãos nodosas, Sor Aenys trouxera mil e quinhentas espadas Frey para Harrenhal, mas parecia frequentemente incapaz de comandar até os próprios irmãos. – O castelo é tão grande que precisa de um exército para defendê-lo, e uma vez cercados não podemos *alimentar* um exército. Nem podemos ter esperança de armazenar suprimentos suficientes. O campo está transformado em cinzas, as aldeias foram entregues aos lobos, a colheita foi queimada ou roubada. O Outono está aí, mas não há comida em armazém e nada a ser plantado. Vivemos da pilhagem, e se os Lannister nos negarem isso, ficaremos reduzidos a ratazanas e couro de sapatos em uma volta de lua.

– Não pretendo ser cercado aqui – a voz de Roose Bolton era tão

baixa que os homens tinham de se esforçar para ouvi-lo, por isso seus aposentos estavam sempre estranhamente silenciosos.

– Então, qual é o plano? – quis saber Sor Jared Frey, que era magro, estava perdendo cabelo e tinha o rosto marcado pelas espinhas. – Estará Edmure Tully tão ébrio com sua vitória que pensa em dar batalha a Lorde Tywin em campo aberto?

Se fizer isso, ganhará, pensou Arya. *Ganhará como no Ramo Vermelho, vocês vão ver*. Sem que reparassem nela, foi até junto a Qyburn.

– Lorde Tywin está a muitas léguas daqui – Bolton disse calmamente. – Ainda tem muitos assuntos a resolver em Porto Real. Não marchará sobre Harrenhal tão depressa.

Sor Aenys sacudiu teimosamente a cabeça:

– Não conhece os Lannister tão bem como nós, senhor. Rei Stannis também pensou que Lorde Tywin estivesse a mil léguas de distância, e isso acabou com ele.

O homem pálido na cama deu um tênue sorriso enquanto as sanguessugas se alimentavam de seu sangue.

– Eu não sou homem para ser acabado, sor.

– Mesmo se Correrrio reunir todas as suas forças e o Jovem Lobo regressar do oeste, como podemos esperar igualar os números que Lorde Tywin pode enviar contra nós? Quando vier, chegará com muito mais poder do que o que comandava no Ramo Verde. Recordo-lhe que Jardim de Cima se juntou à causa de Joffrey!

– Não me esqueci disso.

– Já fui prisioneiro de Lorde Tywin – disse Sor Hosteen, um homem rude com rosto quadrado, do qual se dizia que era o mais forte dos Frey. – Não tenho qualquer desejo de voltar a desfrutar da hospitalidade dos Lannister.

Sor Harys Haigh, que era Frey pelo lado da mãe, concordou vigorosamente com a cabeça.

– Se Lorde Tywin conseguiu derrotar um homem experiente como Stannis Baratheon, que chance tem nosso rei rapaz contra ele? – olhou para os irmãos e primos à sua volta, em busca de apoio, e vários dentre eles resmungaram em concordância.

– Alguém precisa ter a coragem de dizer isso – disse Sor Hosteen. – A guerra está perdida. Alguém tem de fazer com que o Rei Robb compreenda.

Roose Bolton estudou-o com olhos claros.

– Sua Graça derrotou os Lannister todas as vezes que os enfrentou em batalha.

– Ele perdeu o norte – insistiu Hosteen Frey. – Ele perdeu *Winterfell*! Seus irmãos estão mortos…

Por um momento, Arya esqueceu-se de respirar. *Mortos? Bran e*

Rickon, mortos? O que ele quer dizer? O que ele quer dizer sobre Winterfell? Joffrey nunca poderia ter tomado Winterfell, nunca, Robb nunca permitiria. Então lembrou-se de que Robb não estava em Winterfell. Estava longe, no oeste, e Bran era aleijado e Rickon tinha só quatro anos. Precisou de todas as suas forças para permanecer imóvel e silenciosa, como Syrio Forel lhe ensinara, para ficar ali como uma parte da mobília. Sentiu lágrimas juntando-se em seus olhos, e afastou-as à força. *Não é verdade, não pode ser verdade, é só uma mentira dos Lannister.*

– Se Stannis tivesse ganhado, tudo poderia ter sido diferente – disse melancolicamente Ronel Rivers. Era um dos bastardos de Lorde Walder.

– Stannis perdeu – disse sem meias-palavras Sor Hosteen. – Desejar que tivesse sido de outro modo não fará com que tenha sido. Rei Robb tem de fazer a paz com os Lannister. Precisa pôr a coroa de lado e dobrar o joelho, por menos que goste da ideia.

– E quem lhe dirá tal coisa? – Roose Bolton sorriu. – É ótimo ter tantos irmãos valentes nestes tempos conturbados. Refletirei sobre tudo o que disseram.

Seu sorriso era uma despedida. Os Frey fizeram suas cortesias e saíram, arrastando os pés, deixando apenas Qyburn, Walton Pernas-d'Aço e Arya. Lorde Bolton a chamou.

– Já sangrei o suficiente. Nan, pode remover as sanguessugas.

– Imediatamente, senhor – era melhor nunca obrigar Roose Bolton a pedir duas vezes. Arya queria lhe perguntar o que Sor Hosteen quisera dizer a respeito de Winterfell, mas não se atrevia. *Perguntarei a Elmar*, pensou. *Elmar vai me contar*. As sanguessugas contorceram-se suavemente entre seus dedos enquanto as arrancava com cuidado da pele do senhor, com os corpos pálidos úmidos ao toque e dilatados devido ao sangue. *São só sanguessugas*, lembrou a si mesma. *Se fechasse a mão, as esmagaria entre os dedos*.

– Há uma carta da senhora sua esposa – Qyburn tirou um rolo de pergaminho da manga. Embora usasse vestes de meistre, não havia corrente em volta de seu pescoço; segredava-se que a teria perdido por envolver-se com necromancia.

– Pode lê-la – Bolton respondeu.

A Senhora Walda escrevia das Gêmeas quase todos os dias, mas as cartas eram sempre iguais: "Rezo por você de manhã, à tarde e à noite, meu querido senhor... e conto os dias até que volte a dividir a minha cama. Regresse para mim em breve, e darei muitos filhos legítimos para tomar o lugar de seu querido Domeric e governar o Forte do Pavor depois do senhor". Arya imaginava um bebê cor-de-rosa e rechonchudo num berço, coberto de sanguessugas rosadas e rechonchudas.

Levou a Lorde Bolton um pano úmido para limpar seu corpo mole e sem pelos.

– Enviarei uma carta – disse ele ao homem que antes fora meistre.

– À Senhora Walda?

– A Sor Helman Tallhart.

Um mensageiro de Sor Helman chegara havia dois dias. Os homens de Tallhart tinham tomado o castelo dos Darry, aceitando a rendição de sua guarnição Lannister após um breve cerco.

– Diga-lhe para passar a espada nos cativos e as tochas no castelo, por ordem do rei. Depois deverá juntar forças com Robett Glover e avançar para leste em direção a Valdocaso. As terras lá são ricas, e quase não foram tocadas pela guerra. É tempo de saborearem um pouco dela. Glover perdeu um castelo, e Tallhart, um filho. Que levem a sua vingança até Valdocaso.

– Prepararei a mensagem para o seu selo, senhor.

Arya ficou contente por ouvir dizer que o castelo dos Darry seria incendiado. Foi para lá que a tinham levado quando a apanharam após sua luta com Joffrey, e foi lá que a rainha obrigara o pai a matar o lobo de Sansa. *Merece arder*. Mas desejava que Robett Glover e Sor Helman Tallhart voltassem a Harrenhal; tinham-se posto em marcha depressa demais, antes de ela conseguir decidir se poderia lhes confiar seu segredo ou não.

– Hoje irei à caça – anunciou Roose Bolton enquanto Qyburn o ajudava a vestir um justilho acolchoado.

– Será seguro, senhor? – Qyburn perguntou. – Há apenas três dias, os homens do Septão Utt foram atacados por lobos. Entraram bem no acampamento, a menos de cinco metros da fogueira, e mataram dois cavalos.

– São lobos que pretendo caçar. Quase não consigo dormir à noite com os uivos – Bolton afivelou o cinto, ajustando a posição da espada e do punhal. – Dizem que antigamente os lobos gigantes vagueavam pelo norte em grandes matilhas de cem ou mais animais, e não temiam nem homens nem mamutes, mas isso foi há muito tempo e em outras terras. É estranho ver os lobos comuns do sul tão ousados.

– Tempos terríveis geram coisas terríveis, senhor.

Bolton mostrou os dentes em algo que poderia ter sido um sorriso.

– Serão estes tempos tão terríveis assim, meistre?

– O verão acabou, e há quatro reis no reino.

– Um rei pode ser terrível, mas quatro? – encolheu os ombros. – Nan, meu manto de peles – Arya trouxe-lhe. – Meus aposentos estarão limpos e arrumados quando voltar – disse a ela enquanto o prendia. – E trate da carta da Senhora Walda.

– Será como diz, senhor.

O lorde e o meistre saíram do quarto sem sequer lhe dar uma

olhada por cima do ombro. Depois de saírem, Arya pegou a carta e a levou para a lareira, mexendo as toras com um atiçador, para voltar a despertar as chamas. Observou o pergaminho torcer-se, enegrecer e incendiar-se. *Se os Lannister fizeram mal a Bran e a Rickon, Robb vai matá-los todos. Nunca dobrará o joelho, nunca, nunca, nunca. Não tem medo de nenhum deles*. Anéis de cinzas flutuaram pela chaminé acima. Arya agachou-se junto ao fogo, vendo-os subir através de um véu de lágrimas quentes. *Se Winterfell está mesmo perdido, será esta a minha casa agora? Ainda serei Arya, ou só Nan, a criada, para todo o sempre?*

Passou as horas seguintes cuidando dos aposentos do senhor. Varreu para fora as antigas esteiras e espalhou pelo chão novas e bem cheirosas, acendeu um novo fogo na lareira, trocou os lençóis e amaciou o colchão de penas, esvaziou os penicos pelo alçapão da latrina e esfregou-os, levou uma braçada de roupa suja às lavadeiras e trouxe da cozinha uma tigela de peras frescas de Outono. Quando acabou de limpar o quarto de dormir, desceu meio lance de escadas para fazer o mesmo com o grande aposento privado, uma frugal sala cheia de correntes de ar, tão grande quanto os salões de muitos dos castelos menores. As velas estavam reduzidas a tocos, então Arya as substituiu. Sob as janelas havia uma enorme mesa de carvalho onde o senhor escrevia suas cartas. Arrumou os livros, e ordenou as penas, tintas e cera para os selos.

Uma grande e esfarrapada pele de ovelha estava atirada sobre os papéis. Arya tinha começado a enrolá-la quando as cores chamaram sua atenção: o azul de lagos e rios, os pontos vermelhos onde se encontravam castelos e cidades, o verde dos bosques. Em vez de enrolá-la, abriu-a. AS TERRAS DO TRIDENTE, dizia a ornamentada inscrição por baixo do mapa. O desenho mostrava tudo, desde o Gargalo à Torrente da Água Negra. *Ali está Harrenhal no topo do grande lago*, compreendeu, *mas onde fica Correrrio?* Então viu. *Não é tão longe assim…*

A tarde ainda ia curta quando terminou, e Arya dirigiu-se ao bosque sagrado. Seus deveres eram mais leves como copeira de Lorde Bolton do que tinham sido com Weese ou até com Olho Vermelho, embora exigissem que se vestisse como um pajem e lavasse mais do que gostaria. Os caçadores ainda levariam horas para retornar, então, tinha um pouco de tempo para seu trabalho com a Agulha.

Golpeou folhas de bétula até que a ponta lascada do pau de vassoura quebrado ficou verde e pegajosa.

– Sor Gregor – murmurava. – Dunsen, Polliver, Raff, o Querido – rodopiou, saltou e se equilibrou nas pontas dos pés, precipitando-se para cá e para lá, fazendo voar pinhas. – Cócegas – proferiu de uma vez –, Cão de Caça – disse da vez seguinte. – Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei – o tronco de um carvalho ergueu-se na sua frente, e ela

atirou-lhe estocadas, atingindo-o com a ponta, rosnando: – Joffrey, Joffrey, Joffrey – tinha os braços e as pernas salpicados pela luz do sol e pelas sombras das folhas. Uma película de suor cobria sua pele quando finalmente fez uma pausa. O calcanhar do pé direito estava ensanguentado onde o esfolara, por isso apoiou-se num pé só em frente à árvore-coração e ergueu a espada numa saudação. – *Valar morghulis* – disse aos velhos deuses do norte. Gostava do som que as palavras tinham quando as dizia.

Enquanto Arya atravessava o pátio até a casa de banhos, viu um corvo que descia aos círculos para a colônia, e perguntou-se de onde ele tinha vindo e que mensagem transportava. *De repente é de Robb, e chegou para dizer que não é verdade o que dizem de Bran e Rickon*. Mordeu o lábio, esperando que assim fosse. *Se eu tivesse asas, poderia voar para Winterfell e ver com meus olhos. E se fosse verdade, voaria para longe, voaria para lá da lua e das estrelas brilhantes, e veria todas as coisas das histórias da Velha Ama, dragões e monstros marinhos e o Titã de Bravos, e talvez nunca mais voltasse, a não ser que quisesse.*

O grupo dos caçadores regressou perto do cair da noite com nove lobos mortos. Sete eram adultos, grandes animais cinza-acastanhados, selvagens e poderosos, com os beiços arreganhados sobre longos dentes amarelos, por causa dos rosnidos de morte. Mas os outros dois eram apenas filhotes. Lorde Bolton ordenou que as peles fossem costuradas para fazer uma manta para sua cama.

– As crias ainda têm aquela pele suave, senhor – destacou um de seus homens. – Podem dar um bom par de luvas para sua senhoria.

Bolton olhou de relance as bandeiras que flutuavam por cima das torres da guarita.

– Como os Stark costumam nos lembrar, o Inverno está chegando. Mande fazê-las – quando viu Arya olhando, disse: – Nan, quero um jarro de vinho quente condimentado, resfriei-me na floresta. Trate de que não esfrie. Desejo jantar sozinho. Pão de cevada, manteiga e javali.

– Imediatamente, senhor – aquilo era sempre a melhor coisa a dizer.

Torta Quente estava fazendo bolinhos de aveia quando ela entrou na cozinha. Três outros cozinheiros tiravam as espinhas de peixes, enquanto um assador virava um javali sobre as chamas.

– O senhor quer o jantar, e vinho quente condimentado para empurrá-lo para baixo – Arya anunciou –, e não o quer frio – um dos cozinheiros lavou as mãos, pegou uma chaleira e encheu-a com um tinto denso e doce. Torta Quente recebeu ordens de esmagar as especiarias lá dentro enquanto o vinho aquecia. Arya foi ajudar.

– Eu sei fazer isso – ele disse, carrancudo. – Não preciso que me mostre como condimentar vinho.

Também me odeia, ou então tem medo de mim. Afastou-se, mais triste do que zangada. Quando a comida ficou pronta, os cozinheiros cobriram-na com uma tampa de prata e envolveram o jarro numa toalha espessa para mantê-lo quente. Lá fora caía o crepúsculo. Nas muralhas, os corvos resmungavam em volta das cabeças como cortesãos em torno de um rei. Um dos guardas vigiava a porta para a Pira do Rei.

– Espero que isso não seja sopa de doninha – ele gracejou.

Roose Bolton estava sentado perto da lareira, lendo um grande livro encadernado em couro, quando ela entrou.

– Acenda umas velas – ordenou-lhe enquanto virava uma página. – Está ficando escuro aqui.

Arya apoiou a comida perto dele e fez o que lhe era pedido, enchendo a sala de luz tremeluzente e cheiro de cravos. Bolton virou mais algumas páginas com o dedo, fechou o livro e o colocou cuidadosamente no fogo. Ficou vendo as chamas consumindo-o, olhos claros brilhando com a luz refletida. O velho couro seco incendiou-se com um *uuch*, e as páginas amarelas agitaram-se enquanto ardiam, como se algum fantasma as estivesse lendo.

– Não terei mais necessidade de você esta noite – disse, sem nunca olhá-la.

Ela devia ter ido embora, silenciosa como um rato, mas algo a segurou.

– Senhor, leva-me junto quando abandonar Harrenhal?

Ele virou-se para encará-la, e a expressão que seu rosto tomou foi como se o jantar tivesse acabado de lhe dirigir a palavra.

– Dei-lhe licença para me interrogar, Nan?

– Não, senhor – Arya abaixou os olhos.

– Então não devia ter falado. Devia?

– Não, senhor.

Por um momento ele pareceu divertido.

– Vou responder, só dessa vez. Pretendo deixar Harrenhal para Lorde Vargo quando regressar ao norte. Você ficará aqui com ele.

– Mas eu não… – ela começou.

Bolton a interrompeu.

– Não estou habituado a ser interrogado por criados, Nan. Terei de mandar cortar sua língua?

Arya sabia que ele podia fazer aquilo com a mesma facilidade com que outro homem bateria num cão.

– Não, senhor.

– Então não ouvirei nem mais uma palavra vinda de você?

– Não, senhor.

– Então vá embora. Esquecerei essa insolência.

Arya foi, mas não para a cama. Quando saiu para a escuridão do

pátio, o guarda à porta acenou para ela e disse:

– Vem aí uma tempestade. Sente o cheiro no ar? – o vento soprava em rajadas, as chamas saíam rodopiando dos archotes montados no topo das muralhas ao lado das fileiras de cabeças.

A caminho do bosque sagrado, passou pela Torre dos Lamentos, onde outrora tinha vivido aterrorizada por Weese. Os Frey tinham-na tomado para si desde a queda de Harrenhal. Conseguia ouvir as vozes iradas que saíam por uma janela, muitos homens falando e discutindo ao mesmo tempo. Elmar estava sentado nos degraus lá fora, sozinho.

– O que houve? – perguntou-lhe Arya quando viu as lágrimas brilhando em seu rosto.

– A minha princesa – ele soluçou. – Aenys diz que fomos desonrados. Chegou uma ave das Gêmeas. O senhor meu pai diz que terei de me casar com outra pessoa ou tornar-me septão.

Uma estúpida princesa, Arya pensou, *isso não é nada por que valha a pena chorar*.

– Meus irmãos podem estar mortos – ela confidenciou.

Elmar deu-lhe um olhar de desprezo.

– Ninguém se importa com os irmãos de uma criada.

Foi difícil não bater nele quando disse aquilo.

– Espero que sua princesa morra – ela devolveu, e fugiu antes que ele conseguisse agarrá-la.

No bosque sagrado, encontrou a espada de cabo de vassoura onde a deixara e levou-a para junto da árvore-coração. Então, ajoelhou-se. Folhas vermelhas restolharam. Olhos vermelhos espreitaram seu íntimo. *Os olhos dos deuses*.

– Digam-me o que fazer, deuses – rezou.

Por um longo momento não se ouviu nenhum som além do vento, da água e do ranger de folhas e galhos. E então, de muito, muito longe, para lá do bosque sagrado e das torres assombradas e das imensas muralhas de pedra de Harrenhal, de algum lugar no mundo, veio o longo uivo solitário de um lobo. A pele de Arya arrepiou-se, e por um instante sentiu-se tonta. Então, muito tenuamente, pareceu que ouvia a voz do pai.

– Quando as neves caem e os ventos brancos sopram, o lobo solitário morre, mas a matilha sobrevive – ele disse.

– Mas não há matilha – ela sussurrou ao represeiro. Bran e Rickon estavam mortos, os Lannister tinham Sansa, Jon tinha ido para a Muralha. – Já nem sequer sou eu, sou Nan.

– Você é Arya de Winterfell, filha do Norte. Disse-me que podia ser forte. Tem o sangue do lobo.

– O sangue do lobo – Arya agora lembrava-se. – Serei tão forte como Robb, foi o que disse que seria – inspirou profundamente, depois ergueu o cabo de vassoura com ambas as mãos e abaixou-o contra o

joelho. Quebrou-se com um sonoro *crac* e ela atirou os pedaços fora. *Sou um lobo gigante, e acabaram-se os dentes de madeira*.

Naquela noite ficou na cama estreita sobre a palha, que lhe dava comichão, escutando as vozes dos vivos e dos mortos que sussurravam e discutiam enquanto esperava que a lua nascesse. Já não confiava em outras vozes. Conseguia ouvir o som de sua respiração, e também os lobos, agora uma grande matilha. *Estão mais perto do que aquele que ouvi no bosque sagrado*, pensou. *Estão chamando por mim*.

Por fim, saiu de debaixo da manta, enfiou-se numa túnica e desceu as escadas, devagar e descalça. Roose Bolton era um homem cauteloso, e a entrada da Pira do Rei era guardada dia e noite, por isso teve de se esgueirar por uma estreita janela da cave. O pátio encontrava-se silencioso, e o grande castelo estava perdido em sonhos assombrados. Por cima, o vento entoava hinos fúnebres na Torre dos Lamentos.

Na forja encontrou os fogos apagados e as portas fechadas e trancadas. Entrou por uma janela, como já havia feito uma vez. Gendry dividia um colchão com outros dois aprendizes de ferreiro. Ficou acocorada no sótão durante bastante tempo até que os olhos se ajustassem à escuridão o suficiente para ter certeza de que ele era o da ponta. Então pôs uma mão em sua boca e o beliscou. Os olhos dele se abriram. Não podia ter estado profundamente adormecido.

– *Por favor* – sussurrou. Tirou a mão de sua boca e apontou.

Por um momento não lhe pareceu que ele tivesse entendido, mas depois Gendry saiu de debaixo das mantas. Nu, atravessou a sala em silêncio, enfiou-se numa larga túnica de tecido grosseiro e desceu do sótão atrás dela. Os outros rapazes não se moveram.

– O que você quer agora? – Gendry perguntou numa voz baixa e zangada.

– Uma espada.

– O Polegar Preto mantém todas as lâminas trancadas, já lhe disse mais de cem vezes. É para o Senhor Sanguessuga?

– Para mim. Quebre o cadeado com o martelo.

– Se fizer isso, quebram-me a mão – ele resmungou. – Ou pior.

– Não se fugir comigo.

– Se fugir, eles vão apanhá-la e matá-la.

– Com você farão pior. Lorde Bolton vai dar Harrenhal aos Saltimbancos Sangrentos, foi ele que me disse.

Gendry afastou os cabelos dos olhos.

– E então?

Ela o olhou nos olhos, destemida.

– E então que, quando Vargo Hoat for o senhor, vai cortar os pés de todos os criados para evitar que fujam. Dos ferreiros também.

– Isso é só uma história – ele disse em tom de escárnio.

– Não, é verdade, ouvi Lorde Vargo dizê-lo – Arya mentiu. – Vai cortar um pé de todo mundo. O esquerdo. Vá às cozinhas e acorde Torta Quente, ele fará o que você disser. Vamos precisar de pão, bolinhos de aveia ou qualquer coisa dessas. Arranje as espadas, eu cuido dos cavalos. Encontramo-nos perto da porta falsa na muralha oriental, atrás da Torre dos Fantasmas. Nunca ninguém lá vai.

– Conheço esse portão. Está guardado, como todos os outros.

– E daí? Não se esquece das espadas?

– Não disse que ia.

– Não. Mas se for, não se esquece das espadas?

Ele franziu o cenho:

– Não – respondeu, por fim –, acho que não vou me esquecer.

Arya voltou à Pira do Rei da mesma maneira que tinha saído, e esgueirou-se pela escada em caracol acima com os ouvidos à escuta de passos. Em sua cela, despiu-se por completo e vestiu-se com cuidado, duas camadas de roupa de baixo, meias quentes e a sua túnica mais limpa. Era uma farda de Lorde Bolton. Tinha seu símbolo cosido ao peito, o homem esfolado do Forte do Pavor. Amarrou os sapatos, envolveu os ombros magros num manto de lã e o atou por baixo da garganta. Silenciosa como uma sombra, voltou a descer a escada. Junto ao aposento privado do senhor, fez uma pausa para escutar à porta, abrindo-a lentamente quando só ouviu silêncio.

O mapa de pele de ovelha estava sobre a mesa, ao lado dos restos do jantar de Lorde Bolton. Enrolou-o bem e o enfiou no cinto. Ele tinha deixado o punhal sobre a mesa, e ela também o pegou, para o caso de Gendry perder a coragem.

Um cavalo relinchou baixinho quando Arya entrou silenciosamente nos estábulos escurecidos. Todos os palafreneiros dormiam. Cutucou um deles com a ponta do pé até que se sentou, grogue, e disse:

– Ahn? Quê?

– Lorde Bolton quer três cavalos selados e ajaezados.

O rapaz pôs-se em pé, sacudindo palha dos cabelos:

– Hã? A essa hora? Cavalos, você diz? – piscou os olhos ao ver o símbolo na túnica dela. – Pra que é que ele quer cavalos no escuro?

– Lorde Bolton não tem o hábito de ser interrogado por criados – e cruzou os braços.

O cavalariço ainda olhava para o homem esfolado. Sabia o que queria dizer.

– Falou em três?

– Um, dois, três. Cavalos de caça. Rápidos e de patas seguras – Arya o ajudou com os freios e as selas, para que o rapaz não precisasse acordar nenhum dos outros. Esperava que não o machucassem depois, mas sabia que era provável que o fizessem.

Levar os cavalos através do castelo era a pior parte. Permaneceu na sombra da muralha exterior sempre que pôde, para que as sentinelas em suas rondas nas ameias, lá em cima, tivessem de olhar quase diretamente para baixo a fim de vê-la. *E se virem, qual o problema? Sou a copeira do senhor*. Estava uma noite gelada de Outono. Nuvens vinham do leste, sopradas pelo vento, escondendo as estrelas, e a Torre dos Lamentos gritava lugubremente a cada rajada. *Cheira a chuva*. Arya não sabia se isso seria bom ou ruim para a fuga.

Ninguém a viu, e ela não viu ninguém, só um gato cinza e branco que caminhava ao longo do topo do muro do bosque sagrado. Parou e bufou para ela, despertando memórias da Fortaleza Vermelha, do pai e de Syrio Forel.

– Podia pegá-lo se quisesse – disse-lhe em voz baixa –, mas tenho de ir, gato – o bicho voltou a silvar e fugiu.

A Torre dos Fantasmas era a mais arruinada das cinco imensas torres de Harrenhal. Erguia-se, escura e desolada, atrás dos restos de um septo em ruínas onde apenas ratazanas vinham rezar havia quase trezentos anos. Foi ali que esperou para ver se Gendry e Torta Quente viriam. Pareceu que tinha esperado muito tempo. Os cavalos mordiscaram o mato que crescia entre as pedras rachadas enquanto as nuvens engoliam as últimas estrelas. Arya tirou o punhal e o afiou, para manter as mãos ocupadas. Longos movimentos suaves, como Syrio lhe ensinara. O som a acalmou.

Ouviu-os chegando muito antes de vê-los. Torta Quente respirava pesadamente, e uma vez tropeçou no escuro, esfolou a canela e praguejou suficientemente alto para acordar metade de Harrenhal. Gendry era mais silencioso, mas as espadas que trazia tilintavam umas nas outras com seus movimentos.

– Estou aqui – ficou em pé. – Fiquem quietos, senão vão ouvi-los.

Os rapazes abriram caminho por cima de pedras caídas até onde ela estava. Arya viu que Gendry vestia uma cota de malha oleada sob o manto, e tinha seu martelo de ferreiro a tiracolo. O rosto vermelho e redondo do Torta Quente espreitava por debaixo de um capuz. Trazia um saco de pão pendurado na mão direita e um grande queijo debaixo do braço esquerdo.

– Há um guarda naquela saída – Gendry disse em voz baixa. – Eu disse que haveria.

– Fiquem aqui com os cavalos – Arya avisou. – Eu me livro dele. Venham depressa quando eu chamar.

Gendry concordou. Torta Quente disse:

– Pie como uma coruja quando quiser que a gente vá.

– Não sou uma coruja – Arya protestou. – Sou um lobo. Uivarei.

Sozinha, deslizou pela sombra da Torre dos Fantasmas. Caminhou depressa, para se manter à frente de seu medo, e foi como se Syrio

Forel caminhasse a seu lado, e também Yoren, Jaqen H'ghar e Jon Snow. Não tinha levado a espada que Gendry lhe trouxera, ainda não. Para aquilo o punhal seria melhor. Era bom e afiado. Aquela pequena porta era o menor dos portões de Harrenhal, uma porta estreita de robusto carvalho, cravejada de tachões de ferro e colocada num ângulo da muralha por baixo de uma torre defensiva. Só um homem estava destacado para guardá-la, mas sabia que também haveria sentinelas na torre, e outras por perto, patrulhando as muralhas. Acontecesse o que acontecesse, tinha de ser silenciosa como uma sombra. *Ele não pode gritar*. Algumas gotas de chuva tinham começado a cair. Sentiu uma atingi-la na testa e escorrer lentamente pelo nariz.

Não fez nenhum esforço para se esconder; em vez disso, aproximou-se do guarda abertamente, como se tivesse sido o próprio Lorde Bolton a enviá-la. O homem a viu chegando, curioso sobre o que poderia trazer um pajem ali naquela hora escura. Quando se aproximou, viu que era um nortenho, muito alto e magro, aconchegado num esfarrapado manto de peles. Isso era ruim. Podia ter sido capaz de enganar um Frey ou um dos Bravos Companheiros, mas os homens do Forte do Pavor tinham servido Roose Bolton a vida inteira e conheciam-no melhor do que ela. *Se lhe disser que sou Arya Stark e lhe ordenar que se afaste*… Não, não se atrevia. Ele era nortenho, mas não um homem de Winterfell. Pertencia a Roose Bolton.

Quando chegou até ele, puxou o manto para trás de modo que ele pudesse ver o homem esfolado em seu peito.

– Lorde Bolton mandou-me aqui.

– A essa hora? Para quê?

Conseguia ver o brilho do aço sob as peles, e não sabia se era suficientemente forte para enfiar a ponta do punhal através da cota de malha. *A garganta, tem que ser na garganta, mas ele é alto demais, nunca a alcançarei*. Por um momento, não soube o que dizer. Por um momento, voltou a ser uma garotinha, assustada, e a chuva que caía em seu rosto teve gosto de lágrimas.

– Disse-me para dar a todos os seus guardas uma moeda de prata, pelos seus bons serviços – as palavras pareceram sair de parte alguma.

– Prata, você diz? – não acreditava nela, mas *queria* acreditar; afinal de contas, prata era prata. – Então me dê.

Os dedos de Arya enterraram-se na túnica e saíram agarrando a moeda que Jaqen lhe dera. No escuro, o ferro podia passar por prata sem brilho. Estendeu a mão… e deixou a moeda cair de seus dedos.

Amaldiçoando-a em voz baixa, o homem pôs-se de joelhos para procurar a moeda na terra, tateando, e ali estava seu pescoço, bem à frente dela. Arya puxou o punhal e passou-o por sua garganta, suavemente como a seda do verão. O sangue cobriu suas mãos num

jorro quente, e ele tentou gritar, mas também tinha sangue na boca.

– *Valar morghulis* – Arya sussurrou enquanto o homem morria.

Quando ele parou de se mexer, pegou a moeda. Fora das muralhas de Harrenhal, um lobo soltou um longo e sonoro uivo. Ela ergueu a tranca, colocou-a de lado, e abriu a pesada porta de carvalho. Quando Torta Quente e Gendry chegaram com os cavalos, a chuva estava caindo com força.

– *Matou?* – Torta Quente arquejou.

– O que você achava que eu ia fazer? – tinha os dedos pegajosos de sangue, e o cheiro estava deixando a égua espantadiça. *Não importa*, pensou, saltando para a sela. *A chuva voltará a deixá-las limpas*.

Sansa

A sala do trono era um mar de joias, peles e tecidos brilhantes. Senhores e senhoras enchiam o fundo da sala e aglomeravam-se por baixo das grandes janelas, empurrando-se como vendedores de peixe numa doca.

Aqueles que habitavam a corte de Joffrey tinham procurado superar uns aos outros naquele dia. Jalabhar Xho estava coberto de penas; uma plumagem tão fantástica e extravagante que parecia prestes a levantar voo. A coroa de cristal do Alto Septão disparava arcos-íris pelo ar a cada movimento de sua cabeça. À mesa do conselho, a Rainha Cersei cintilava num vestido de fios de ouro, com cortes de veludo bordô, enquanto, ao seu lado, Varys se agitava e sorria afetadamente dentro de brocado lilás. O Rapaz Lua e Sor Dontos usavam novos trajes multicolores, limpos como uma manhã de primavera. Até a Senhora Tanda e as filhas pareciam bonitas em vestidos de seda que combinavam turquesa e penas, e Lorde Gyles tossia para dentro de um quadrado de seda escarlate debruado de renda dourada. Rei Joffrey sentava-se acima de todos eles, entre as lâminas e farpas do Trono de Ferro. Vestia samito carmim, com o manto negro incrustado de rubis, e, na cabeça, trazia sua pesada coroa de ouro.

Abrindo caminho através de uma multidão de cavaleiros, escudeiros e ricos cidadãos, Sansa chegou à frente da galeria precisamente quando o estrondo das trombetas anunciou a entrada de Lorde Tywin Lannister.

Ele atravessou o salão montado no cavalo de guerra e desmontou perante o Trono de Ferro. Sansa nunca tinha visto uma armadura assim; toda de lustroso aço vermelho com arabescos e ornamentos de ouro nele embutidos. Os medalhões eram resplendores, o leão rugindo que coroava seu elmo tinha olhos de rubi, e uma leoa em cada ombro prendia um manto de fios de ouro tão longo e pesado que envolvia os quartos traseiros de seu cavalo. Até a armadura do cavalo era dourada, e os jaezes, de brilhante seda carmesim brasonada com o leão de Lannister.

O Senhor de Rochedo Casterly fazia uma figura tão impressionante que foi um choque quando seu corcel despejou um monte de esterco bem na base do trono. Joffrey teve de rodeá-lo com cuidado quando desceu para abraçar o avô e proclamá-lo Salvador da Cidade. Sansa cobriu a boca para esconder um sorriso nervoso.

Joff fez do pedido do avô para assumir o governo do reino um grande espetáculo e Lorde Tywin aceitou solenemente a responsabilidade, “até que Vossa Graça seja maior de idade”. Então,

escudeiros tiraram sua armadura e Joff prendeu em torno de seu pescoço o colar da Mão. Lorde Tywin ocupou um lugar ao lado da rainha, na mesa do conselho. Depois de o corcel ter sido levado e sua "homenagem" removida, Cersei fez sinal para que as cerimônias prosseguissem.

Uma fanfarra de trombetas de bronze saudou cada um dos heróis no momento em que atravessavam as grandes portas de carvalho. Arautos gritavam seus nomes e feitos para que todos ouvissem, e os nobres senhores e as bem-nascidas senhoras aplaudiam tão vigorosamente como assassinos numa rinha de galos. Um lugar de honra foi dado a Mace Tyrell, o Senhor de Jardim de Cima, um homem outrora forte que havia engordado, mas que ainda era bonito. Os filhos entraram atrás dele; Sor Loras e o irmão mais velho, Sor Garlan, o Galante. Os três vestiam-se de forma semelhante, de veludo verde forrado de zibelina.

O rei desceu do trono uma vez mais para saudá-los, uma grande honra. Prendeu, em volta do pescoço de cada um, uma corrente de rosas trabalhadas em ouro mole e amarelo, da qual pendia um disco de ouro com o leão dos Lannister realçado com rubis.

– As rosas apoiam o leão, assim como o poder de Jardim de Cima apoia o reino – proclamou Joffrey. – Se houver alguma mercê que me queira pedir, peça-a, e será sua.

É agora, Sansa pensou.

– Vossa Graça – disse Sor Loras –, peço a honra de servir em sua Guarda Real, a fim de defendê-lo de seus inimigos.

Joffrey pôs o Cavaleiro das Flores em pé e lhe deu um beijo no rosto.

– Dito e feito, irmão.

Lorde Tyrell inclinou a cabeça:

– Não há maior prazer do que servir à Graça Real. Se fosse considerado digno de integrar seu real conselho, não encontraria ninguém mais leal ou fiel.

Joff pousou uma mão no ombro de Lorde Tyrell e o beijou quando se pôs em pé.

– Seu desejo é concedido.

Sor Garlan Tyrell, cinco anos mais velho do que Sor Loras, era uma versão mais alta e barbuda do irmão mais novo e famoso. Era mais largo de peito e ombros, e embora seu rosto fosse bastante agradável, faltava-lhe a surpreendente beleza de Sor Loras.

– Vossa Graça – disse Garlan, quando o rei se aproximou dele –, tenho uma irmã donzela, Margaery, o encanto de nossa Casa. Era casada com Renly Baratheon, como sabe, mas Lorde Renly partiu para a guerra antes de o casamento poder ser consumado, e portanto continua inocente. Margaery tem ouvido histórias sobre a sua

sabedoria, coragem e cavalheirismo, e tem amado o senhor a distância. Suplico-lhe que mande chamá-la, a fim de tomar sua mão em casamento e ligar sua Casa à minha para toda a eternidade.

Rei Joffrey fingiu surpresa:

– Sor Garlan, a beleza de sua irmã é famosa por todos os Sete Reinos, mas estou prometido a outra. Um rei deve manter a sua palavra.

A Rainha Cersei levantou-se num farfalhar de saias:

– Vossa Graça, na opinião de seu pequeno conselho, não seria nem próprio nem sensato que se casasse com a filha de um homem decapitado por traição, uma garota cujo irmão se encontra em rebelião aberta contra o trono neste exato momento. Senhor, seus conselheiros suplicam-lhe, para o bem de nosso reino, que ponha Sansa Stark de lado. A Senhora Margaery será para o senhor uma rainha muito mais adequada.

Como uma matilha de cães treinados, os senhores e as senhoras no salão começaram a gritar seu júbilo. "*Margaery*", gritavam; "*Dê-nos Margaery!*" e "*Nada de rainhas traidoras! Tyrell! Tyrell!*".

Joffrey levantou uma mão.

– Gostaria de ceder aos desejos de meu povo, mãe, mas fiz um voto sagrado.

O Alto Septão deu um passo à frente.

– Vossa Graça, os deuses consideram a promessa de casamento um ato solene, mas seu pai, o Rei Robert, de abençoada memória, fez esse pacto antes de os Stark de Winterfell revelarem sua falsidade. Os crimes deles contra o reino libertaram-no de quaisquer promessas que possa ter feito. No que diz respeito à Fé, não existe nenhum contrato de casamento válido entre o senhor e Sansa Stark.

Um tumulto de aclamações encheu a sala do trono, e gritos de "*Margaery, Margaery*" irromperam por todos os lados. Sansa inclinou-se para a frente, agarrando com força o parapeito de madeira da galeria. Sabia o que se seguiria, mas ainda temia o que Joffrey pudesse dizer, temia que ele recusasse libertá-la mesmo agora, quando todo o seu reino dependia disso. Sentia-se como se estivesse de volta aos degraus de mármore na frente do Grande Septo de Baelor, à espera de que o príncipe concedesse misericórdia a seu pai, e em vez disso o ouviu ordenar a Ilyn Payne que cortasse sua cabeça. *Por favor*, rezou com fervor, *façam com que ele o diga, façam com que ele o diga*.

Lorde Tywin fitava o neto. Joff deu-lhe um olhar mal-humorado, arrastou os pés, e ajudou Sor Garlan Tyrell a se levantar.

– Os deuses são bons. Estou livre para seguir o meu coração. Casarei com a sua querida irmã, e com alegria, sor – beijou o rosto barbudo de Sor Garlan, enquanto vivas se erguiam em torno deles.

Sansa sentiu a cabeça curiosamente leve. *Estou livre*. Sentia olhos

postos nela. *Não devo sorrir*, lembrou a si mesma. A rainha prevenira-a; sentisse o que sentisse, a expressão que mostrasse ao mundo devia parecer perturbada.

– Não aceitarei que meu filho seja humilhado – Cersei dissera. – Está me ouvindo?

– Sim. Mas se não vou ser rainha, o que será de mim?

– Isso terá de ser decidido. Por enquanto, ficará aqui na corte, como nossa protegida.

– Quero ir para casa.

Aquilo irritou a rainha.

– A essa altura já devia ter aprendido que nenhum de nós consegue o que quer.

Mas eu consegui, pensou Sansa. *Estou livre de Joffrey. Não terei de beijá-lo, nem de lhe entregar minha virgindade, nem de lhe dar filhos. Que Margaery Tyrell fique com tudo isso, pobre garota.*

Quando a explosão de júbilo se atenuou, o Senhor de Jardim de Cima já ocupara um lugar à mesa do conselho, e os filhos tinham se juntado aos outros cavaleiros e fidalgos debaixo das janelas. Sansa tentou parecer desamparada e abandonada enquanto outros heróis da Batalha da Água Negra eram chamados a fim de receber as suas recompensas.

Paxter Redwyne, Senhor da Árvore, marchou ao longo do salão flanqueado pelos dois filhos, Horror e Babeiro, com o primeiro coxeando de um ferimento recebido na batalha. Depois, veio Lorde Mathis Rowan vestindo um gibão branco como a neve, com uma grande árvore bordada em fios de ouro no peito; Lorde Randyll Tarly, magro e perdendo os cabelos, com uma grande espada amarrada às costas numa bainha incrustada de joias; Sor Kevan Lannister, um homem atarracado com pouco cabelo e uma barba bem aparada; Sor Addam Marbrand, de cabelos acobreados que caíam sobre seus ombros; os grandes senhores do ocidente Lydden, Crakehall e Brax.

A seguir, vieram quatro homens de nascimento inferior que tinham se distinguido na luta: o cavaleiro zarolho Sor Philip Foote, que matara Lorde Bryce Caron em combate singular; o cavaleiro livre Lothor Brune, que abrira caminho através de meia centena de homens de armas Fossoway para capturar Sor Jon da maçã verde e matar Sor Bryan e Sor Edwyd da vermelha, ganhando assim o apelido de Lothor Papa-Maçãs; Willit, um homem de armas grisalho a serviço de Sor Harys Swyft, que puxara seu senhor de debaixo do cavalo moribundo e o defendera contra uma dúzia de inimigos; e um escudeiro de rosto liso chamado Josmyn Peckledon, que matara dois cavaleiros, ferira um terceiro e capturara mais dois, embora não pudesse ter mais do que catorze anos. Willit foi trazido numa liteira, devido à gravidade de seus ferimentos.

Sor Kevan tinha se sentado ao lado do irmão, Lorde Tywin. Quando os arautos terminaram de anunciar os feitos dos heróis, levantou-se:

– É desejo de Sua Graça que esses bons homens sejam recompensados por seu valor. Por seu decreto, Sor Philip será de hoje em diante Lorde Philip da Casa Foote, e para ele irão todas as terras, direitos e rendimentos da Casa Caron. Lothor Brune será elevado ao estatuto de cavaleiro e lhe serão atribuídas terras e fortaleza nas terras fluviais, após o fim da guerra. Para Josmyn Peckledon irá uma espada e uma armadura, o direito de escolher qualquer cavalo de guerra dos estábulos reais e um grau de cavaleiro quando se tornar maior de idade. E, por fim, para Morgado Willit, uma lança com haste reforçada em prata, um camisão de cota de malha recém-forjada e um elmo completo com viseira. Além disso, seus filhos serão recebidos ao serviço da Casa Lannister em Rochedo Casterly, o mais velho como escudeiro e o mais novo como pajem, com a hipótese de avançarem para cavaleiros se servirem bem e com lealdade. A Mão do Rei e o pequeno conselho consentem com tudo isso.

Os capitães dos navios de guerra reais *Vento Vivo*, *Príncipe Aemon* e *Seta do Rio* foram honrados em seguida, em conjunto com alguns oficiais inferiores do *Graça dos Deuses*, *Lança*, *Senhora de Seda* e *Cabeça de Carneiro*. Até onde Sansa sabia, seu feito principal tinha sido sobreviver à batalha no rio, um feito de que bem poucos podiam se gabar. Hallyne, o Piromante, e os mestres da Guilda dos Alquimistas também receberam os agradecimentos do rei, e Hallyne foi elevado ao título de lorde, embora Sansa notasse que nem terras nem castelo acompanhavam o título, o que fazia com que o alquimista não fosse um lorde mais verdadeiro do que Varys. Sem dúvida, a mais significativa senhoria foi atribuída a Sor Lancel Lannister. Joffrey premiou-o com as terras, castelo e direitos da Casa Darry, cujo último jovem senhor perecera durante a luta nas terras fluviais, "sem deixar herdeiros legítimos de sangue Darry legal, mas apenas um primo bastardo".

Sor Lancel não apareceu para aceitar o título; dizia-se que seus ferimentos podiam lhe custar o braço ou até a vida. Dizia-se também que o Duende estava à beira da morte, por conta de um terrível golpe na cabeça.

Quando o arauto chamou "*Lorde Petyr Baelish*", ele avançou, vestido em tons de rosa e ameixa, com um padrão de tejos no manto. Sansa conseguiu vê-lo sorrir ao se ajoelhar perante o Trono de Ferro. *Parece tão satisfeito*. Não ouvira dizer que Mindinho tivesse feito alguma coisa especialmente heroica durante a batalha, mas parecia que seria recompensado mesmo assim.

Sor Kevan voltou a se levantar:

– É desejo da Graça Real que seu leal conselheiro Petyr Baelish seja recompensado pelos fiéis serviços prestados à coroa e ao reino. Que se saiba que a Lorde Baelish é atribuído o castelo de Harrenhal com todas as suas terras e rendimentos, para dele fazer sua sede e governar de hoje em diante como Senhor Supremo do Tridente. Petyr Baelish e seus filhos e netos deterão e usufruirão dessas honrarias até o fim dos tempos, e todos os senhores do Tridente vão lhe prestar homenagem como seu suserano de direito. A Mão do Rei e o pequeno conselho consentem.

De joelhos, Mindinho ergueu os olhos para o Rei Joffrey:

– Agradeço-lhe humildemente, Vossa Graça. Suponho que isso queira dizer que terei de tratar de arranjar alguns filhos e netos.

Joffrey riu, e a corte o acompanhou. *Senhor Supremo do Tridente,* pensou Sansa*, e também Senhor de Harrenhal*. Não compreendia por que motivo estaria tão feliz com aquilo; as honrarias eram tão ocas quanto o título dado a Hallyne, o Piromante. Harrenhal estava amaldiçoado, todos sabiam disso, e os Lannister nem sequer controlavam o castelo no momento. Além disso, os senhores do Tridente estavam juramentados a Correrrio, à Casa Tully e ao Rei no Norte; nunca aceitariam Mindinho como suserano. *A menos que sejam obrigados. A menos que meu irmão, meu tio e meu avô sejam todos derrubados e mortos*. A ideia a deixou ansiosa, mas disse a si mesma que estava sendo tola. *Robb ganhou deles sempre. Também ganhará de Lorde Baelish, se for preciso*.

Naquele dia foram armados mais de seiscentos novos cavaleiros. Tinham mantido vigília no Grande Septo de Baelor ao longo de toda a noite, e de manhã atravessaram a cidade descalços, a fim de demonstrar que tinham corações humildes. Agora avançavam vestidos com camisões de lã crua, a fim de serem nomeados pela Guarda Real. Levou muito tempo, pois apenas três dos Irmãos da Espada Branca se encontravam disponíveis para armá-los. Mandon Moore tinha perecido na batalha, Cão de Caça desaparecera, Aerys Oakheart encontrava-se em Dorne com a Princesa Myrcella, e Jaime Lannister era cativo de Robb, de modo que a Guarda Real ficara reduzida a Balon Swann, Meryn Trant e Osmund Kettleblack. Depois de armado cavaleiro, cada um dos homens se levantava, afivelava o cinto da espada e ia se colocar sob as janelas. Alguns tinham os pés ensanguentados da caminhada pela cidade, mas a Sansa pareciam, mesmo assim, altivos e orgulhosos.

Quando por fim todos os novos cavaleiros receberam os seus títulos, a multidão no salão já estava impaciente; e ninguém mais do que Joffrey. Alguns dos que ocupavam a galeria tinham começado a sair discretamente, mas os notáveis lá embaixo estavam encurralados, impossibilitados de sair sem a licença do rei. Julgando pelo modo

como se agitava no Trono de Ferro, Joff a teria dado de boa vontade, mas o trabalho do dia estava longe de terminar. Pois agora a moeda virava-se ao contrário, e os cativos foram introduzidos no salão.

Também havia grandes senhores e nobres cavaleiros naquele grupo: o velho e azedo Lorde Celtigar, o Caranguejo Vermelho; Sor Bonifer, o Bom; Lorde Estermont, ainda mais velho do que Celtigar; Lorde Varner, que claudicou ao longo do salão sobre um joelho estilhaçado, mas recusou qualquer ajuda; Sor Mark Mullendore, com o rosto cinzento e o braço esquerdo desaparecido até o cotovelo; o feroz Ronnet Vermelho do Poleiro do Grifo; Sor Dermont da Mata de Chuva; Lorde Willum e os filhos Josua e Elyas; Sor Jon Fossoway; Sor Timon, a Espada Raspada; Aurane, o bastardo de Derivamarca; Lorde Staedmon, chamado de Amigo das Moedas; e centenas de outros.

Aqueles que tinham mudado de campo durante a batalha só precisavam jurar lealdade a Joffrey, mas os que lutaram por Stannis até o amargo fim eram obrigados a falar. As palavras que dissessem decidiam seus destinos. Se suplicassem perdão por suas traições e prometessem servir lealmente daí em diante, Joffrey os acolhia de volta à paz do rei e restituía-lhes todas as terras e direitos. Mas um punhado permaneceu desafiador.

– Não pense que isso acabou, garoto – alertou um deles, filho bastardo de algum Florent. – O Senhor da Luz protege o Rei Stannis, hoje e sempre. Nem todas as suas espadas e artimanhas vão salvá-lo quando sua hora chegar.

– A *sua* hora chegou agora mesmo – Joffrey chamou com um gesto Sor Ilyn Payne para levar o homem lá para fora e cortar sua cabeça. Mas, assim que foi arrastado para fora do salão, um cavaleiro de porte solene, com um coração flamejante na capa, gritou:

– Stannis é o legítimo rei! É um monstro que se senta no Trono de Ferro, uma abominação nascida do incesto!

– Silêncio – Sor Kevan Lannister bradou.

Em vez de se calar, o cavaleiro levantou a voz ainda mais.

– Joffrey é o verme negro que corrói o coração do reino! Seu pai foi o negrume e a mãe foi a morte! Destruam-no antes que os corrompa a todos! Destruam-nos a todos, a rainha rameira e o rei verme, o anão vil e a aranha dos segredos, as falsas flores. Salvem-se! – um dos homens de manto dourado atirou o homem ao chão, mas ele continuou a gritar. – O fogo purificador virá! Rei Stannis regressará!

Joffrey pôs-se em pé:

– O rei sou *eu*! Matem-no! Matem-no já! Ordeno-o – fez um movimento brusco com a mão, num gesto furioso… e guinchou de dor quando o braço roçou num dos afiados dentes de metal que o rodeavam. O brilhante samito carmesim de sua manga tomou um tom mais escuro de vermelho quando o sangue o empapou. – *Mãe!* – o

menino gemeu.

Com todos os olhos postos no rei, de algum modo o homem no chão conseguiu arrancar uma lança de um dos homens de manto dourado e usou-a para se pôr de novo em pé.

– O trono renega-o! – gritou. – *Ele não é rei coisa nenhuma!*

Cersei correu para o trono, mas Lorde Tywin permaneceu imóvel como pedra. Teve apenas de erguer um dedo, e Sor Meryn Trant avançou com a espada desembainhada. O fim foi rápido e mortal. Os homens de manto dourado seguraram o cavaleiro pelos braços.

– *Rei coisa nenhuma!* – ele voltou a gritar quando Sor Meryn espetou a ponta da espada em seu peito.

Joff caiu nos braços da mãe. Três meistres aproximaram-se correndo para levá-lo pela porta do rei. Então, todo mundo começou a falar ao mesmo tempo. Quando os homens de manto dourado arrastaram o morto para fora do salão, deixaram um rastro brilhante de sangue no chão de pedra. Lorde Baelish afagou a barba enquanto Varys lhe segredava ao ouvido. *Será que vão nos mandar embora agora?*, perguntou Sansa a si mesma. Ainda havia vinte cativos à espera, mas quem poderia dizer se seria para jurar lealdade ou gritar xingamentos?

Lorde Tywin ficou em pé:

– Prosseguimos – disse numa voz clara e forte que silenciou os murmúrios. – Aqueles que desejarem pedir perdão por suas traições podem fazê-lo. Não teremos mais loucuras – deslocou-se até o Trono de Ferro e sentou-se num degrau, a um mero metro do chão.

A luz do lado de fora das janelas já desaparecia quando a sessão chegou ao fim. Sansa sentiu-se exausta ao descer da galeria. Gostaria de saber qual a gravidade do corte de Joffrey. *Dizem que o Trono de Ferro pode ser perigosamente cruel para aqueles que não estão destinados a se sentar nele.*

De volta à segurança de seus aposentos, abraçou uma almofada contra o rosto e abafou um guincho de alegria. *Oh, pela bondade dos deuses, ele fez isso, ele pôs-me de lado na frente de todos.* Quando uma criada lhe trouxe o jantar, quase a beijou. Havia pão quente e manteiga recém-batida, uma espessa sopa de carne de vaca, capão e cenouras, e pêssegos mergulhados em mel. *Até a comida tem gosto melhor*, pensou.

Ao chegar a noite, pôs um manto e dirigiu-se ao bosque sagrado. Sor Osmund Kettleblack guardava a ponte levadiça em sua armadura branca. Sansa fez seu melhor para parecer infeliz quando lhe deu boa-noite. Pela maneira como ele a olhou, não ficou certa de ter sido totalmente convincente.

Dontos a esperava ao luar folhoso.

– Por que essa cara tão triste? – perguntou-lhe Sansa alegremente.

– Você estava lá, ouviu. Joff pôs-me de lado, acabou comigo, ele…

Dontos pegou em sua mão.

– Oh, Jonquil, minha pobre Jonquil, não compreende. Acabou com você? Mal começou.

Sansa sentiu seu coração apertado.

– O que quer dizer?

– A rainha nunca a deixará partir, nunca. É uma refém demasiado valiosa. E Joffrey… Querida, ele ainda é o rei. Se a quiser em sua cama, vai tê-la, só que agora serão bastardos que plantará em seu ventre, e não filhos legítimos.

– *Não* – Sansa deu um arquejo, chocada. – Ele deixou-me ir, ele…

Sor Dontos deu-lhe um beijo baboso na orelha.

– Seja brava. Jurei levá-la para casa, e agora posso fazer isso. O dia foi escolhido.

– Quando? – Sansa quis saber. – Quando partimos?

– Na noite do casamento de Joffrey. Depois do banquete. Tudo o que é necessário já foi combinado. A Fortaleza Vermelha estará cheia de desconhecidos. Metade da corte estará bêbada e a outra metade estará ajudando Joffrey a se deitar com sua noiva. Durante um pequeno momento, você será esquecida, e a confusão será nossa amiga.

– O casamento não acontecerá antes de uma volta de lua. Margaery Tyrell está em Jardim de Cima, só agora mandaram buscá-la.

– Esperamos tanto tempo, tenha um pouco mais de paciência. Tenho aqui algo para você – Sor Dontos apalpou a bolsa e tirou de lá uma teia de aranha prateada, suspendendo-a com seus dedos grossos.

Era uma rede para os cabelos feita de prata fina, com cordões tão finos e delicados que a rede pareceu não pesar mais do que um sopro quando Sansa a pegou. Pequenas pedras preciosas estavam embutidas nos locais em que dois cordões se cruzavam, tão escuras que bebiam o luar.

– Que pedras são estas?

– Ametistas negras de Asshai. Do tipo mais raro, um profundo púrpura verdadeiro à luz do dia.

– É muito lindo – disse Sansa, e pensou: *É de um navio que preciso, não de uma rede para o cabelo*.

– Mais lindo do que julga, querida menina. É que essa rede é mágica. O que a segura é a justiça. Vingança pelo seu pai – Dontos inclinou-se e voltou a beijá-la. – É a sua *casa* que está aí.

Theon

Meistre Luwin veio até ele quando os primeiros batedores foram vistos perto das muralhas:

– Senhor príncipe, tem de se render.

Theon fitou a travessa de bolos de aveia, mel e morcela que tinham lhe trazido para o desjejum. Outra noite sem dormir havia deixado seus nervos à flor da pele, e bastava olhar a comida para se sentir nauseado.

– Não houve resposta de meu tio?

– Nenhuma – o meistre respondeu. – Nem de seu pai em Pyke.

– Envie mais aves.

– De nada servirá. Quando as aves chegarem…

– *Envie-as!* – Theon atirou a travessa de comida para longe com um movimento do braço, puxou as mantas e saiu da cama de Ned Stark, nu e zangado. – Ou será que quer me ver morto? É isso, Luwin? Quero a verdade.

O pequeno homem cinzento não mostrou medo:

– A minha ordem serve.

– Sim, mas quem?

– O reino, e Winterfell. Theon, um dia ensinei-lhe as somas e as letras, história e a arte da guerra. E poderia ter-lhe ensinado mais, se tivesse vontade de ouvir. Não direi que tenho um grande apreço por você, não, mas também não posso odiá-lo. Mesmo se odiasse, enquanto for senhor de Winterfell estou obrigado pelo juramento que prestei a lhe dar conselhos. Por isso, agora aconselho-o a *se render*.

Theon abaixou-se para apanhar um manto que estava amontoado no chão, sacudiu-lhe a palha e o colocou sobre os ombros. *Um fogo, quero um fogo, e roupa limpa. Onde está Wex? Não irei para a tumba com a roupa suja.*

– Não tem esperança de aguentar aqui – prosseguiu o meistre. – Se o senhor seu pai pretendesse enviar ajuda, a essa altura já o teria feito. É o Gargalo que lhe interessa. A batalha pelo Norte será travada entre as ruínas de Fosso Cailin.

– Talvez seja assim – Theon respondeu. – E enquanto eu controlar Winterfell, Sor Rodrik e os senhores dos Stark não podem marchar para o sul a fim de surpreender meu tio pela retaguarda – *não sou tão inocente nas artes da guerra como você pensa, velho*. – Tenho alimentos suficientes para aguentar um ano de cerco, se necessário.

– Não haverá cerco. Eles talvez passem um dia ou dois construindo escadas e atando ganchos na ponta de cordas. Mas em breve saltarão por cima de suas muralhas por cem lugares ao mesmo tempo. Poderá ser capaz de defender a fortaleza interna durante

algum tempo, mas uma hora o castelo cairá. Faria melhor se abrisse os portões e pedisse…

– … *misericórdia*? Eu sei que tipo de misericórdia têm para mim.

– Há uma maneira.

– Eu sou um homem de ferro – lembrou-lhe Theon. – Tenho as minhas próprias maneiras. Que escolha me deixaram? Não, não responda, já ouvi o bastante de seus *conselhos*. Vá enviar essas aves como ordenei, e diga a Lorren que quero falar com ele. E chame também Wex. Quero minha cota de malha areada e a guarnição reunida no pátio.

Por um momento pensou que o meistre o desobedeceria, mas, por fim, Luwin fez uma reverência rígida:

– Às suas ordens.

Compunham um grupo pateticamente pequeno; os homens de ferro eram poucos, o pátio, grande.

– Os nortenhos estarão aqui antes do cair da noite – Theon lhes disse. – Sor Rodrik Cassel e todos os senhores que atenderam ao seu chamado. Não fugirei deles. Tomei este castelo e pretendo mantê-lo, viver ou morrer como Príncipe de Winterfell. Mas não ordenarei a nenhum homem que morra por mim. Se partirem agora, antes que a força principal de Sor Rodrik chegue, ainda têm uma chance de ganhar a liberdade – desembainhou a espada e desenhou uma linha na terra. – Aqueles que quiserem ficar e lutar, deem um passo à frente.

Ninguém falou. Os homens ficaram parados, dentro de suas cotas de malha, peles e couro fervido, imóveis como se fossem feitos de pedra. Alguns trocaram olhares. Urzen arrastou os pés. Dykk Harlaw puxou um escarro e cuspiu. Um dedo de vento passou pelos longos cabelos claros de Endehar.

Theon sentiu-se como se estivesse se afogando. *Por que estou surpreso?*, pensou tristemente. O pai abandonara-o, bem como os tios, a irmã, e até aquela maldita criatura do Fedor. Por que seus homens iriam se mostrar mais leais? Nada havia a dizer, nada a fazer. Só podia ficar ali sob as grandes muralhas cinzentas e o céu duro e branco, de espada na mão, à espera, à espera…

Wex foi o primeiro a atravessar a linha. Três passos rápidos e ficou ao lado de Theon, de ombros caídos. Envergonhado pelo rapaz, Lorren Negro o seguiu, todo carrancudo.

– Quem mais? – Theon perguntou.

Rolfe Vermelho avançou. Kromm. Werlag. Tymor e os irmãos. Ulf, o Doente. Harrag Ladrão de Ovelhas. Quatro Harlaw e dois Botley. Kenned, a Baleia, foi o último. Ao todo dezessete.

Urzen estava entre os que não se moveram, e também Stygg, e todos os dez homens que Asha trouxera de Bosque Profundo.

– Então partam – disse-lhes Theon. – Corram para junto de minha

irmã. Não tenho dúvida de que ela dará boas-vindas a todos.

Stygg teve pelo menos a delicadeza de parecer envergonhado. Os outros foram embora sem uma palavra. Theon virou-se para os dezessete que ficaram.

– De volta às muralhas. Se os deuses nos pouparem, vou me lembrar de cada um de vocês.

Lorren Negro ficou depois de os outros irem para os seus postos.

– O povo do castelo vai se voltar contra nós assim que a luta começar.

– Eu sei. O que quer que eu faça?

– Abata-os – Lorren respondeu. – A todos.

Theon balançou a cabeça.

– O laço está pronto?

– Está. Planeja usá-lo?

– Conhece maneira melhor?

– Sim. Pego meu machado, fico naquela ponte levadiça e deixo-os vir contra mim. Um de cada vez, dois, três, não importa. Ninguém atravessará o fosso enquanto eu continuar respirando.

Ele quer morrer, Theon pensou. *Não é a vitória que pretende, é um fim que mereça uma canção.*

– Usaremos o laço.

– Às suas ordens – Lorren respondeu, com desprezo nos olhos.

Wex ajudou-o a se vestir para a batalha. Sob a túnica negra e a capa dourada tinha um camisão de cota de malha bem oleada, e, por baixo de tudo, levava uma camada de rígido couro fervido. Depois de armado e couraçado, Theon subiu a torre de vigia que se erguia no ângulo onde as muralhas leste e sul se juntavam, a fim de dar uma olhada em seu destino. Os nortenhos estavam se espalhando para cercar o castelo. Era difícil avaliar seu número. Pelo menos mil; talvez o dobro desse valor. *Contra dezessete*. Tinham trazido catapultas e balistas. Não viu torres de cerco trovejando na estrada do rei, mas havia madeira suficiente na mata de lobos para construir tantas quantas quisessem.

Theon estudou os estandartes dos atacantes pelo tubo de lentes de Myr de Meistre Luwin. O machado de batalha dos Cerwyn ondulava corajosamente onde quer que seus olhos caíssem, e também havia árvores Tallhart, e tritões do Porto Branco. Menos comuns eram os símbolos de Flint e Karstark. Aqui e ali até viu o alce dos Hornwood. *Mas nenhum Glover. Asha tratou deles, nenhum Bolton do Forte do Pavor, nenhum Umber viajou desde a sombra da Muralha*. Não que fossem necessários. Não demorou muito até que o rapaz Cley Cerwyn aparecesse nos portões com uma bandeira de paz numa grande haste, para anunciar que Sor Rodrik Cassel desejava negociar com Theon Vira-Casaca.

Vira-casaca. O nome era amargo como bílis. Lembrou-se de que fora a Pyke a fim de liderar os dracares do pai contra Lanisporto.

– Sairei em breve – gritou para baixo. – Sozinho.

Lorren Negro desaprovou.

– Só o sangue pode lavar o sangue – declarou. – Os cavaleiros podem cumprir as tréguas com outros cavaleiros, mas não são tão cautelosos com a sua honra quando lidam com aqueles a quem consideram foras da lei.

Theon irritou-se.

– Eu sou o Príncipe de Winterfell e herdeiro das Ilhas de Ferro. Trate de ir buscar a garota e fazer o que lhe disse.

Lorren Negro deu-lhe um olhar assassino.

– Sim, Príncipe.

Também se virou contra mim, Theon compreendeu. Nos últimos tempos parecia-lhe que as próprias pedras de Winterfell tinham se virado contra ele. *Se morrer, morrerei sem amigos e abandonado*. Assim, o que lhe restava além de sobreviver?

Dirigiu-se a cavalo até a guarita, com a coroa na cabeça. Uma mulher estava tirando água de um poço, e Gage, o cozinheiro, observava da porta da cozinha. Eles escondiam o ódio por trás de olhares carrancudos e caras vazias como ardósia, mas conseguia sentilo mesmo assim.

Quando a ponte levadiça foi descida, um vento gelado suspirou pelo fosso. O toque do vento fez Theon estremecer. *É o frio, nada mais*, disse a si mesmo, *um estremecimento, não um tremor. Até os bravos estremecem.* E avançou para os dentes desse vento, sob a porta levadiça, sobre a ponte levadiça. O portão exterior abriu-se para deixá-lo passar. Ao emergir sob as muralhas, podia sentir os garotos observando, com as órbitas vazias onde antes tinham tido os olhos.

Sor Rodrik esperava no mercado, montado em seu cavalo castrado malhado. Ao seu lado, o lobo gigante de Stark ondulava, preso a um pau transportado pelo jovem Cley Cerwyn. Estavam sós na praça, embora Theon visse arqueiros nos telhados das casas que os rodeavam, lanceiros à direita e à esquerda, uma fileira de cavaleiros montados sob o tritão e o tridente da Casa Manderly. *Todos eles querem me ver morto*. Alguns eram rapazes com os quais tinha bebido, jogado dados e até procurado prostitutas, mas isso não o salvaria se caísse nas mãos deles.

– Sor Rodrik – Theon parou a montaria. – Entristece-me que nos encontremos como inimigos.

– Minha tristeza é ter de esperar algum tempo para enforcá-lo – o velho cavaleiro cuspiu no terreno lamacento. – Theon Vira-Casaca.

– Sou um Greyjoy de Pyke. O manto com que meu pai me envolveu quando bebê mostrava uma lula gigante, não um lobo.

– Foi protegido dos Stark durante dez anos.

– Eu chamo isso de refém e prisioneiro.

– Então talvez Lorde Eddard devesse tê-lo mantido acorrentado a uma parede de masmorra. Em vez disso, criou-o juntamente com seus próprios filhos, os garotinhos meigos que você massacrou, e eu, para minha eterna vergonha, treinei-o nas artes da guerra. Bem gostaria de ter enfiado uma espada em sua barriga em vez de tê-la posto em suas mãos.

– Saí para negociar, não para suportar os seus insultos. Diga o que tem a dizer, velho. O que quer de mim?

– Duas coisas. Winterfell e a sua vida. Ordene aos seus homens que abram os portões e deponham as armas. Aqueles que não assassinaram crianças ficarão livres para ir embora, mas você ficará preso, à espera da justiça do Rei Robb. Que os deuses se apiedem de você quando ele regressar.

– Robb não voltará a ver Winterfell – Theon garantiu. – Vai se quebrar contra Fosso Cailin, como aconteceu com todos os exércitos do sul nos últimos dez mil anos. Nós possuímos o norte agora, sor.

– Você possui três castelos – Sor Rodrik replicou. – E pretendo retomar este, Vira-Casaca.

Theon ignorou aquilo.

– Eis os *meus* termos. Têm até o cair da noite para dispersar. Àqueles que jurarem lealdade a Balon Greyjoy como seu rei e a mim como Príncipe de Winterfell terão confirmados os direitos e propriedades, e não sofrerão nenhum mal. Aqueles que nos desafiarem serão destruídos.

O jovem Cerwyn estava incrédulo:

– Está louco, Greyjoy?

Sor Rodrik sacudiu a cabeça:

– Só vaidoso, moço. Temo que Theon Greyjoy sempre tenha tido uma imagem muito grandiosa de si mesmo – o velho brandiu um dedo em seu rosto. – Que não passe por sua cabeça que eu preciso esperar que Robb abra caminho até o Gargalo para lidar com gente como você. Tenho comigo quase dois mil homens… E se o que se diz é verdade, você não tem mais do que cinquenta.

Na verdade, são dezessete. Theon forçou-se a sorrir.

– Tenho algo melhor do que homens – e ergueu um punho sobre a cabeça, o sinal que dissera a Lorren Negro para esperar.

Tinha as muralhas de Winterfell às suas costas, mas Sor Rodrik estava exatamente de frente para elas, e não podia deixar de ver. Theon observou seu rosto. Quando o queixo tremeu sob aquelas rígidas suíças brancas, soube precisamente o que o velho estava vendo. *Ele não está surpreso*, pensou com tristeza, *mas o medo está lá*.

– Isso é uma covardia – Sor Rodrik exclamou. – Usar uma criança

assim… isso é desprezível.

– Ah, eu sei – Theon respondeu. – É um prato que eu próprio provei, ou será que se esqueceu? Tinha dez anos quando fui levado da casa de meu pai, para assegurar que ele não voltaria a se rebelar.

– *Não é a mesma coisa!*

O rosto de Theon permaneceu impassível.

– O laço que eu usava não era feito de corda de cânhamo, isso é verdade, mas senti-o mesmo assim. E esfolou-me, Sor Rodrik, esfolou-me até me deixar em carne viva – nunca tinha chegado a compreender isso por completo até aquele momento, mas quando as palavras se derramaram de sua boca, viu a verdade que continham.

– Nenhum mal jamais foi feito a você.

– E nenhum mal será feito a Beth, desde que o sor…

Sor Rodrik não lhe deu oportunidade de terminar.

– *Víbora* – declarou o cavaleiro, com o rosto vermelho de raiva sob aquelas suíças brancas. – Dei-lhe a chance de salvar seus homens e morrer com um pequeno fiapo de honra, Vira-Casaca. Devia saber que era pedir demais a um assassino de crianças – a mão caiu sobre o punho da espada. – Devia abatê-lo aqui e agora, e pôr fim às suas mentiras e falsidades. Pelos deuses, devia fazê-lo.

Theon não temia um velho trêmulo, mas aqueles arqueiros que o observavam e aquela fileira de cavaleiros eram outra coisa. Se as espadas saíssem das bainhas, suas chances de voltar vivo ao castelo eram poucas, ou nenhuma.

– Se repudiar seu juramento e me matar, verá sua pequena Beth morrer estrangulada na ponta de uma corda.

Os nós dos dedos de Sor Rodrik estavam brancos, mas, após um momento tirou a mão do punho da espada.

– Vivi realmente tempo demais.

– Não irei discordar, sor. Aceitará meus termos?

– Tenho um dever a cumprir para com a Senhora Catelyn e a Casa Stark.

– E a sua Casa? Beth é a última de seu sangue.

O velho cavaleiro endireitou-se:

– Ofereço-me para o lugar de minha filha. Liberte-a e me tome como refém. Certamente o castelão de Winterfell vale mais do que uma criança.

– Para mim, não – *um gesto valente, velho, mas não sou tão tolo assim.* – E aposto que nem para Lorde Manderly ou Leobald Tallhart – *sua velha pele não tem mais valor para eles do que a de qualquer outro homem.* – Não, vou manter a garota… e a salvo, desde que faça o que lhe ordenei. A vida dela está em suas mãos.

– Pela bondade dos deuses, Theon, como pode fazer isto? Sabe que tenho de atacar, *jurei*…

– Se essa tropa ainda estiver em armas perante meu portão quando o sol se puser, Beth será enforcada – Theon afirmou. – Outro refém vai segui-la para o túmulo à primeira luz da aurora, e outro ao pôr do sol. Cada alvorada e cada ocaso significarão uma morte, até que vá embora. Não me faltam reféns – não esperou por uma resposta; em vez disso, deu a volta com Sorridente e voltou ao castelo. A princípio seguiu lentamente, mas a ideia de ter aqueles arqueiros nas costas rapidamente o levou a um meio galope. As pequenas cabeças viram-no chegar, do alto de seus espigões, com rostos alcatroados e esfolados que ficavam maiores a cada metro; entre elas estava Beth Cassel, com uma corda em volta do pescoço, chorando. Theon esporeou Sorridente e rompeu a um galope duro. Os cascos do cavalo tamborilaram na ponte levadiça como batidas de tambor.

Desmontou no pátio e entregou as rédeas a Wex:

– Talvez os detenha – disse a Lorren Negro. – Vamos saber ao pôr do sol. Leva a menina para dentro até então, e mantenha-a em algum lugar seguro – sob as camadas de couro, aço e lã, estava coberto de suor. – Preciso de uma taça de vinho. Uma tina de vinho seria ainda melhor.

Um fogo fora aceso no quarto de Ned Stark. Theon sentou-se a seu lado e encheu uma taça com um tinto encorpado das caves do castelo, um vinho tão amargo quanto seu estado de espírito. *Eles vão atacar*, pensou sombriamente, fitando as chamas. *Sor Rodrik ama a filha, mas não é por isso que deixa de ser o castelão, e acima de tudo um cavaleiro*. Se fosse Theon quem estivesse com um laço em volta do pescoço e Lorde Balon comandando o exército lá fora, os cornos de guerra já teriam soado para o ataque, não tinha dúvida. Devia agradecer aos deuses por Sor Rodrik não ser um homem de ferro. Os homens das terras verdes eram feitos de material mais mole, embora não estivesse certo de que se revelaria suficientemente mole.

Se não, se apesar de tudo o velho desse a ordem para assaltar o castelo, Winterfell cairia. Theon não tinha ilusões a esse respeito. Os seus dezessete podiam matar três, quatro, cinco vezes esse número de homens, mas no fim seriam derrotados.

Theon fitou as chamas por cima da borda de sua taça de vinho, matutando sobre a injustiça de tudo aquilo.

– Cavalguei ao lado de Robb Stark no Bosque dos Murmúrios – resmungou. Naquela noite estivera assustado, mas não como agora. Uma coisa era partir para a batalha rodeado de amigos, outra era perecer-se só e desprezado. *Misericórdia*, pensou, infeliz.

Quando o vinho não lhe trouxe alívio, Theon mandou que Wex fosse lhe buscar o arco e dirigiu-se até o velho pátio interior. Ficou ali, disparando flecha atrás de flecha contra os alvos até ficar com os ombros doendo e os dedos ensanguentados, fazendo apenas as pausas

necessárias para arrancar as flechas dos alvos para outra série. *Salvei a vida de Bran com este arco*, lembrou a si mesmo. *Bem que gostaria de poder salvar a minha*. Mulheres vinham até o poço, mas não ficavam; fosse o que fosse que viam no rosto de Theon, aquilo mandava-as rapidamente embora.

Atrás dele erguia-se a torre quebrada, com o topo tão irregular como uma coroa, no local onde, havia muito tempo, o incêndio derrubara os andares superiores. À medida que o sol se movia, a sombra da torre movia-se também, alongando-se gradualmente, um braço negro que se estendia para Theon Greyjoy. Quando o sol tocou o poço, já tinha sido agarrado. *Se enforcar a garota, os nortenhos atacarão de imediato*, pensou no momento em que disparava uma flecha. *Se não a enforcar, saberão que minhas ameaças são vazias*. Colocou outra flecha no arco. *Não há nenhuma saída, nenhuma*.

– Se tivesse cem arqueiros tão bons como você, poderia ter uma chance de defender o castelo – disse uma voz suave atrás dele.

Quando se virou, Meistre Luwin estava ali.

– Vá embora – Theon o enxotou. – Já estou farto de seus conselhos.

– E da vida? Também está farto dela, senhor meu príncipe?

Theon ergueu o arco.

– Mais uma palavra e enfio esta flecha em seu coração.

– Não faria isso.

Theon retesou o arco, puxando as penas cinzentas de ganso até a face.

– Quer fazer uma aposta?

– Sou sua última esperança, Theon.

Não tenho esperança, pensou. Mas abaixou o arco um centímetro e disse:

– Não fugirei.

– Não falo em fugir. Vista o negro.

– A Patrulha da Noite? – Theon deixou o arco relaxar-se lentamente e apontou a flecha para o chão.

– Sor Rodrik serviu a Casa Stark a vida inteira, e a Casa Stark sempre foi amiga da Patrulha. Ele não lhe negará isso. Abra os portões, deponha as armas, aceite as condições dele, e ele *terá* de deixá-lo vestir o negro.

Um irmão da Patrulha da Noite. Significava um não a uma coroa, a filhos, a uma esposa… mas significava vida, e vida com honra. O irmão do próprio Ned Stark tinha escolhido a Patrulha, e Jon Snow também.

Não me faltam roupas pretas, uma vez arrancadas as lulas gigantes. Até meu cavalo é preto. Podia subir bastante na patrulha… chefe dos patrulheiros, provavelmente até Senhor Comandante. Que Asha fique com

as malditas ilhas, são tão monótonas quanto ela. Se servisse em Atalaialeste, poderia comandar meu próprio navio, e há boa caça para lá da Muralha. Quanto a mulheres, que mulher selvagem não quereria um príncipe em sua cama? Um sorriso lento perpassou-lhe pelo rosto. *Um manto negro não pode ser virado. Seria tão bom como qualquer homem…*

– *PRÍNCIPE THEON!* – o súbito grito estilhaçou seu sonho acordado. Kromm atravessava o pátio a trote. – Os nortenhos…

Sentiu uma súbita e doentia sensação de terror.

– É o ataque?

Meistre Luwin pegou em seu braço.

– Ainda há tempo. Levante uma bandeira de paz…

– Eles estão lutando – disse Kromm com urgência. – Chegaram mais homens, centenas deles, e a princípio pareceram ir se juntar aos outros. Mas agora caíram sobre eles!

– É Asha? – teria ela vindo salvá-lo, afinal?

Mas Kromm sacudiu a cabeça.

– Não, estou dizendo que estes são *nortenhos*. Com um homem sangrento nas bandeiras.

O homem esfolado do Forte do Pavor. Theon lembrou-se de que Fedor tinha pertencido ao Bastardo de Bolton antes de sua captura. Era difícil acreditar que uma vil criatura como ele conseguiria fazer com que os Bolton mudassem de lealdade, mas nada mais fazia sentido.

– Quero ver isso com meus próprios olhos – Theon disse e correu.

Meistre Luwin seguiu-o. Quando chegaram às ameias, havia homens mortos e cavalos moribundos espalhados pela praça do mercado junto aos portões do castelo. Não viu linhas de batalha, apenas um caos rodopiante de estandartes e lâminas. Gritos e berros ressoavam no ar frio de Outono. Sor Rodrik parecia ter a vantagem do número, mas os homens do Forte do Pavor eram mais bem dirigidos, e tinham pegado os outros desprevenidos. Theon observou-os investir, dar meia-volta e investir novamente, fazendo em pedaços sangrentos a força mais numerosa, a cada vez que esta tentava formar entre as casas. Conseguia ouvir o estrondo que as cabeças de machado de ferro faziam ao cair sobre escudos de carvalho, por cima dos aterrorizados brados de um cavalo estropiado. Viu que a estalagem estava ardendo.

Lorren Negro surgiu ao seu lado e permaneceu em silêncio durante algum tempo. O sol estava baixo, a oeste, pintando os campos e as casas com um clarão vermelho. Um grito fraco e vacilante de dor pairou sobre as muralhas, e um berrante soou para lá das casas em chamas. Theon viu um homem ferido arrastar-se dolorosamente pelo chão, manchando a terra com o sangue de sua vida enquanto lutava para atingir o poço que ficava no centro da praça do mercado. Morreu antes de chegar lá. Usava um justilho de couro e um meio elmo

cônico, mas não ostentava nenhum símbolo que mostrasse de que lado tinha lutado.

Os corvos chegaram na penumbra azul, com as primeiras estrelas da noite.

– Os dothrakis acreditam que as estrelas são espíritos dos mortos com valor – disse Theon. Meistre Luwin havia lhe contado isso muito tempo antes.

– Dothrakis?

– Os senhores dos cavalos do outro lado do mar estreito.

– Ah. Esses – Lorren Negro fez uma expressão carrancuda por baixo da barba. – Os selvagens acreditam em todo tipo de bobagens.

À medida que a noite ficava mais escura e a fumaça se espalhava, tornava-se difícil distinguir o que estava acontecendo lá embaixo, mas o clamor do aço foi gradualmente diminuindo até se silenciar, e os gritos e berrantes deram lugar a gemidos e choros de partir o coração. Por fim, uma coluna de homens a cavalo apareceu, saída da fumaça que pairava no ar. À cabeça vinha um cavaleiro com uma armadura escura. Seu elmo arredondado brilhava num vermelho lúgubre, e um manto rosa-claro caía de seus ombros. Parou o cavalo junto ao portão principal, e um de seus homens gritou para que o castelo se abrisse.

– São amigos ou inimigos? – berrou-lhes Lorren Negro.

– Traria um inimigo tão bons presentes? – O Elmo Vermelho fez um sinal com a mão, e três cadáveres foram despejados à frente dos portões. Um archote foi brandido por cima dos corpos, para que os defensores no topo das muralhas pudessem ver o rosto dos mortos.

– O velho castelão – disse Lorren Negro.

– Com Leobald Tallhart e Cley Cerwyn – o jovem senhor fora atingido no olho por uma flecha, e Sor Rodrik perdera o braço esquerdo, do cotovelo para baixo. Meistre Luwin soltou um grito inarticulado de consternação, virou as costas às ameias e caiu de joelhos, vomitando.

– O grande porco Manderly foi covarde demais para sair de Porto Branco, caso contrário também o teríamos trazido – gritou o Elmo Vermelho.

Estou salvo, Theon pensou. Então por que se sentia tão vazio? Aquilo era uma vitória, uma doce vitória, o salvamento por que tinha rezado. Olhou de relance para Meistre Luwin. *E pensar como estive perto de me render e de vestir o negro…*

– Abram os portões aos nossos amigos – talvez naquela noite Theon dormisse sem temer o que os sonhos pudessem trazer.

Os homens do Forte do Pavor ultrapassaram o fosso e os portões interiores. Theon desceu com Lorren Negro e Meistre Luwin para recebê-los no pátio. Flâmulas vermelho-claras flutuavam nas extremidades de algumas lanças, mas eram muitos mais os que

traziam machados de batalha, espadas longas e escudos meio cortados em lascas.

– Quantos homens perdeu? – perguntou Theon ao Elmo Vermelho enquanto ele desmontava.

– Vinte ou trinta – a luz dos archotes cintilou no esmalte rachado de sua viseira. O elmo e o gorjal tinham sido concebidos para tomar a forma do rosto e dos ombros de um homem, sem pele e ensanguentado, com a boca aberta num silencioso uivo de angústia.

– Sor Rodrik tinha uma vantagem de cinco contra um.

– Sim, mas julgava-nos amigos. Um erro comum. Quando o velho tolo me deu a mão, em vez de pegá-la, cortei metade de seu braço. Depois deixei que visse minha cara – o homem pôs ambas as mãos no elmo e levantou-o de sua cabeça, segurando-o debaixo do braço.

– Fedor – Theon o reconheceu, inquieto. *Onde um criado foi arranjar uma armadura tão boa?*

O homem riu:

– O desgraçado está morto – aproximou-se. – Culpa da moça. Se ela não tivesse fugido para tão longe, o cavalo dele não teria se aleijado e podíamos ter conseguido fugir. Dei-lhe a minha quando vi os cavaleiros do topo da colina. A essa altura já tinha acabado com ela, e ele gostava de ter a sua vez quando ainda estavam quentes. Tive de puxá-lo de cima dela e de meter a minha roupa nas mãos dele… Botas de pele de vitelo e gibão de veludo, cinto de espada gravado em prata, até o meu manto de zibelina. Corra para o Forte do Pavor, eu disse, traga toda a ajuda que conseguir. Leve o meu cavalo, é mais rápido, e tome, use o anel que meu pai me deu, para que eles saibam que vai de minha parte. Ele bem sabia que não era boa ideia questionar-me. Quando espetaram aquela flecha nas costas dele, eu já tinha me besuntado com a porcaria da moça e vestido os farrapos dele. Podiam ter me enforcado mesmo assim, mas foi a única chance que vi – esfregou a boca com as costas da mão. – E agora, meu querido príncipe, houve uma mulher que me foi prometida se lhe trouxesse duzentos homens. Bem, trouxe três vezes mais homens do que isso, e nada de garotos inexperientes ou camponeses, mas sim a própria guarnição de meu pai.

Theon tinha dado sua palavra. Aquela não era hora de vacilar. *Pague a sua recompensa de carne e lide com ele mais tarde.*

– Harrag – disse –, vá aos canis e traga Palla para o…?

– Ramsay – havia um sorriso em seus lábios gordos, mas nenhum naqueles olhos claros. – Minha esposa chamava-me Snow antes de comer os dedos, mas eu digo Bolton – o sorriso coalhou. – Então, oferece-me uma garota dos canis por meus bons serviços, é assim que as coisas são?

Havia um tom na voz dele que não agradou mais a Theon do que

o modo insolente como os homens do Forte do Pavor o olhavam.

– Foi ela a prometida.

– Cheira a bosta de cão. Acontece que já tive maus cheiros bastantes. Acho que em vez dela vou ficar com a sua aquecedora de cama. Como se chama? Kyra?

– Está louco? – Theon rebateu, irritado. – Mando…

O tabefe do Bastardo acertou-lhe em cheio, e o malar estilhaçou-se com um nauseante som de trituração sob o aço articulado. O mundo desapareceu num bramido vermelho de dor.

Algum tempo depois, Theon deu por si no chão. Rolou sobre o estômago e engoliu uma golfada de sangue. *Fechem os portões!*, tentou gritar, mas era tarde demais. Os homens do Forte do Pavor tinham abatido Rolfe Vermelho e Kenned, e entravam mais, um rio de cotas de malha e espadas afiadas. Seus ouvidos ressoavam, e estava rodeado de horror. Lorren Negro tinha a espada na mão, mas já havia quatro homens atacando-o. Viu Ulf cair com um dardo de besta espetado na barriga enquanto corria para o Grande Salão. Meistre Luwin estava tentando alcançá-lo quando um cavaleiro montado num cavalo de guerra enfiou uma lança entre os seus ombros, e depois deu a volta para atropelá-lo. Outro homem girou um archote por cima da cabeça e depois atirou-o para cima do telhado de sapé dos estábulos.

– *Poupem os Frey* – estava gritando o Bastardo enquanto as chamas se erguiam com um rugido –, *e queimem o resto. Queimem, queimem tudo.*

A última coisa que Theon Greyjoy viu foi Sorridente saindo aos coices dos estábulos que ardiam, com a crina em chamas, relinchando, empinando-se…

Tyrion

Sonhou com um teto de pedra rachada e com cheiro de sangue, de merda e de carne queimada. O ar estava cheio de fumaça acre. Em toda a volta, os homens gemiam ou choramingavam, e de tempos em tempos um grito trespassava o ar, espesso de dor. Quando tentou se mover, descobriu que tinha emporcalhado a roupa de cama. A fumaça que havia no ar trazia-lhe lágrimas aos olhos. *Estou chorando?* Não podia deixar que o pai visse. Era um Lannister de Rochedo Casterly. *Um leão, tenho de ser um leão, viver como leão, morrer como leão*. Mas doía tanto... Fraco demais para gemer, deixou-se ficar no meio de seus próprios excrementos e fechou os olhos. Ali perto alguém amaldiçoava os deuses numa voz pesada e monótona. Escutou as blasfêmias e perguntou a si mesmo se estaria morrendo. Passado algum tempo, a sala desvaneceu-se.

Deu por si fora da cidade, caminhando por um mundo sem cor. Corvos atravessavam um céu cinzento apoiados em grandes asas negras, enquanto gralhas pretas saltavam de cima de seus banquetes em nuvens furiosas onde quer que seus passos o levassem. Larvas brancas escavavam túneis em putrefação negra. Os lobos eram cinzentos, e as irmãs silenciosas também e, juntos, arrancavam a carne dos mortos em batalha. Havia cadáveres espalhados por todo o terreno dos torneios. O sol era uma moeda quente e branca, brilhando sobre o rio cinzento que corria em torno dos ossos carbonizados de navios afundados. Das piras dos mortos subiam colunas negras de fumaça e cinzas incandescentes e brancas. *Obra minha*, pensou Tyrion Lannister. *Morreram às minhas ordens*.

A princípio não havia qualquer som no mundo, mas após algum tempo começou a ouvir as vozes dos mortos, baixas e terríveis. Choravam e gemiam, suplicavam um fim para a dor, gritavam por ajuda e pelas mães. Tyrion nunca conhecera a sua. Queria Shae, mas ela não estava lá. Caminhou sozinho por entre sombras cinzentas, tentando recordar…

As irmãs silenciosas estavam despindo as armaduras e as roupas dos mortos. Todas as tintas brilhantes tinham desbotado nos mantos dos caídos; estavam vestidos em tons de branco e cinza, e seu sangue negro formava crostas. Observou seus corpos nus serem içados pelos braços e pelas pernas, e transportados, balançando, até as piras, para se juntarem aos companheiros. Metal e tecido eram atirados em uma carroça de madeira branca, puxada por dois grandes cavalos pretos.

Tantos mortos, tantos, tantos mortos. Seus cadáveres pendiam, flácidos, seus rostos estavam frouxos, ou rígidos, ou inchados de gás, irreconhecíveis, só vagamente humanos. As vestes que as irmãs

tiravam deles eram decoradas com corações negros, leões cinzentos, flores mortas e veados claros e fantasmagóricos. As armaduras estavam todas amassadas e rachadas, as cotas de malhas, despedaçadas, quebradas, fendidas. *Por que matei todos?* Antes soubera-o, mas de algum modo tinha esquecido.

Podia ter perguntado a uma das irmãs silenciosas, mas, quando tentou falar, descobriu que não tinha boca. Uma pele lisa e contínua cobria seus dentes. A descoberta o aterrorizou. Como poderia viver sem boca? Desatou a correr. A cidade não estava longe. Estaria seguro dentro da cidade, longe de todos aqueles mortos. Seu lugar não era com eles. Não tinha boca, mas ainda era um homem vivo. *Não, um leão, um leão, e vivo*. Mas quando chegou às muralhas da cidade, os portões lhe tinham sido cerrados.

Estava escuro quando voltou a acordar. A princípio não viu nada, mas após algum tempo a vaga silhueta de uma cama surgiu à sua volta. As cortinas encontravam-se fechadas, mas via as formas de colunas esculpidas e o côncavo do dossel de veludo por cima da cabeça. Por baixo de seu corpo estendia-se a suavidade complacente de um colchão de penas, e o travesseiro que tinha sob a cabeça era de penugem de ganso. *A minha cama, estou na minha cama, no meu quarto.*

Com as cortinas fechadas, fazia calor sob a grande pilha de peles e cobertores que o cobria. Estava suando. *Febre*, pensou hesitantemente. Sentia-se muito fraco, e a dor foi como uma punhalada quando lutou para levantar a mão. Desistiu do esforço. A cabeça parecia-lhe enorme, do tamanho da cama, pesada demais para erguê-la do travesseiro. Quase não sentia o corpo. *Como vim parar aqui?* Tentou se lembrar. A batalha voltou à sua memória aos pedaços. A luta ao longo do rio, o cavaleiro que tinha oferecido a manopla, a ponte de navios…

Sor Mandon. Viu os olhos mortos e vazios, a mão estendida, o fogo verde que brilhava no aço esmaltado de branco. O medo varreu-o numa corrente fria; sob os lençóis, sentiu a bexiga esvaziando-se. Teria gritado, se tivesse boca. *Não, isso foi no sonho*, pensou, com a cabeça a latejar. *Socorro, alguém me ajude. Jaime, Shae, mãe, alguém… Tysha…*

Ninguém ouviu. Ninguém veio. Sozinho no escuro, caiu num sono com cheiro de urina. Sonhou que a irmã estava em pé junto à cama, com o senhor seu pai ao lado, de sobrancelhas franzidas. Tinha de ser um sonho, pois Lorde Tywin estava a mil léguas de distância, lutando com Robb Stark no ocidente. Outros também iam e vinham. Varys olhou-o e suspirou, mas Mindinho proferiu uma frase de efeito. *Maldito bastardo traiçoeiro*, pensou venenosamente Tyrion, *nós o mandamos para Ponteamarga e ele nunca voltou*. Às vezes ouvia-os conversando uns com os outros, mas não compreendia o que diziam. As vozes zumbiam em seus ouvidos como vespas abafadas por feltro

espesso.

Queria perguntar se tinham ganhado a batalha. *Devemos ter ganhado, caso contrário eu seria uma cabeça espetada em algum lugar num espigão. Se estou vivo, ganhamos*. Não sabia o que mais o satisfazia: a vitória, ou o fato de ter sido capaz de deduzi-la. A inteligência retornava-lhe, por mais lentamente que fosse. Isso era bom. A inteligência era tudo o que possuía.

Da vez seguinte que acordou, as cortinas tinham sido puxadas e Podrick Payne estava junto a ele com uma vela. Quando viu Tyrion abrir os olhos, foi embora correndo. *Não, não vá, ajude-me, ajude*, tentou gritar, mas o melhor que conseguiu foi um gemido abafado. *Não tenho boca*. Levou uma mão ao rosto, com dor e hesitação em cada movimento. Os dedos acharam um pano rijo onde deviam ter encontrado pele, lábios, dentes. *Linho*. A parte inferior de seu rosto estava coberta por uma atadura apertada, a máscara de um emplastro endurecido com buracos para respirar e se alimentar.

Pouco depois, Pod reapareceu. Dessa vez trazia um estranho consigo, um meistre de corrente e toga.

– Senhor, deve ficar imóvel – murmurou o homem. – Está gravemente ferido. Fará grande mal a si mesmo caso se mova. Tem sede?

Conseguiu fazer um aceno desajeitado com a cabeça. O meistre inseriu um funil curvo de cobre no buraco de alimentação por cima de sua boca e despejou-lhe um fiozinho lento de líquido garganta abaixo. Tyrion engoliu, quase sem saborear. Tarde demais, compreendeu que o líquido era leite da papoula. Quando o meistre tirou o funil de sua boca, já percorria a espiral de volta ao sono.

Daquela vez sonhou que estava num banquete, um banquete de vitória num grande salão qualquer. Tinha um lugar elevado no estrado, e os homens levantavam as taças e saudavam-no como herói. Marillion estava lá, o cantor que tinha atravessado com ele as Montanhas da Lua. Tocava a harpa e cantava sobre os ousados feitos do Duende. Até o pai sorria com aprovação. Quando a canção terminou, Jaime levantou-se da cadeira, ordenou que Tyrion se ajoelhasse, e tocou-lhe, primeiro num ombro e depois no outro, com a sua espada dourada, e voltou a ficar de pé como cavaleiro. Shae estava à espera para abraçá-lo. Pegou-o pela mão, rindo e brincando, chamando-o de seu gigante de Lannister.

Acordou na escuridão de um quarto frio e vazio. As cortinas tinham sido de novo cerradas. Sentia que algo estava errado, revirado, embora não soubesse dizer o quê. Estava de novo só. Afastando as mantas, tentou se sentar, mas a dor era excessiva e rapidamente cedeu, com a respiração irregular. O rosto era o de menos. Seu lado direito era uma única dor enorme, e uma punhalada de dor

trespassava seu peito sempre que erguia o braço. *O que me aconteceu?* Até a batalha parecia quase um sonho quando tentava recordá-la. *Fui ferido com mais gravidade do que pensava. Sor Mandon…*

A memória o assustou, mas Tyrion obrigou-se a suportá-la, a revirá-la na cabeça, a olhar bem para ela. *Ele tentou me matar, não há dúvida. Essa parte não foi um sonho. Ele teria me cortado em dois se Pod não tivesse… Pod, onde está Pod?*

Rangendo os dentes, agarrou as cortinas da cama e as puxou. Estas soltaram-se do dossel e caíram, metade sobre as esteiras e metade sobre ele. Mesmo aquele pequeno esforço o deixou tonto. O quarto rodopiou ao seu redor, todo ele paredes nuas e sombras escuras, com uma única janela estreita. Viu uma arca que lhe pertencia, uma pilha desarrumada de suas roupas, e sua armadura desgastada. *Este não é o meu quarto*, compreendeu. *Nem sequer é a Torre da Mão*. Alguém o mudara. Seu grito de raiva soou como um gemido abafado. *Mudaram-me para cá para morrer*, pensou enquanto desistia da luta e voltava a fechar os olhos. O quarto estava úmido e frio, e ele ardia.

Sonhou com um lugar melhor, uma pequena e aconchegante casa perto do mar do poente. As paredes eram tortas e rachadas e o chão era feito de terra batida, mas ali sentia-se sempre quente, mesmo quando deixavam o fogo da lareira extinguir-se. *Ela costumava caçoar de mim por causa disso*, recordou. *Eu nunca me lembrava de alimentar o fogo, isso sempre tinha sido tarefa de um criado*. "Não temos criados", lembrava-me ela, e eu dizia: "Tem a mim, eu sou seu criado", e ela dizia: "Um criado preguiçoso. O que fazem com os criados preguiçosos em Rochedo Casterly, senhor?", e eu lhe dizia: "Beijam-nos". Isso sempre a fazia rir. "Não fazem nada disso. Aposto que os espancam", ela dizia, mas eu insistia: "Não, beijam-nos, exatamente assim", e mostrava-lhe como. "Beijam seus dedos primeiro, um a um, e beijam seus pulsos, sim, e na parte de dentro dos cotovelos. Depois beijam suas orelhas engraçadas, todos os nossos criados têm orelhas engraçadas. Pare de rir! E beijam suas bochechas e beijam seus narizes com o altinho que eles têm, aí, assim, assim mesmo, e beijam suas lindas testas e os cabelos e os lábios, e as… mmmm… bocas… assim…".

Passavam horas beijando-se, e dias inteiros sem fazer mais nada do que ficar refestelados na cama, escutando as ondas, e tocando-se. O corpo dela era para ele uma maravilha, e ela parecia encontrar prazer no dele. E às vezes cantava para ele. *Amei uma donzela linda como o verão, com luz do sol nos cabelos*.

– Amo você, Tyrion – sussurrava antes de irem dormir, à noite. – Amo seus lábios. Amo sua voz, e as palavras que me diz, e o modo gentil como me trata. Amo seu rosto.

– *Meu* rosto?

– Sim. Sim. Amo as suas mãos, e a maneira como me toca. O seu pau, amo seu pau, amo senti-lo dentro de mim.

– Ele também a ama, senhora.

– Adoro dizer seu nome. Tyrion Lannister. Combina com o meu. O Lannister não, a outra parte. Tyrion e Tysha. Tysha e Tyrion. Tyrion. Senhor Tyrion…

Mentiras, pensou, *tudo fingido, tudo por ouro, ela era uma puta, a puta de Jaime, o presente de Jaime, a minha senhora de mentira*. O rosto dela pareceu se desvanecer, dissolvendo-se por trás de um véu de lágrimas, mas mesmo depois de ter sumido, ainda conseguia ouvir o tênue e longínquo som de sua voz, chamando seu nome.

– … Senhor, consegue me ouvir? Senhor? Tyrion? Senhor? Senhor?

Através de uma névoa de sono de papoula, viu um rosto liso e cor-de-rosa inclinado sobre ele. Encontrava-se de volta ao quarto úmido com os reposteiros de cama rasgados, e o rosto não estava certo, não era o dela, era redondo demais, rodeado por uma barba castanha.

– Sente sede, senhor? Tenho o seu leite, o seu bom leite. Não deve lutar, não, não tente se mover, precisa de seu descanso – tinha o funil de cobre numa mão úmida e cor-de-rosa e um frasco na outra.

Quando o homem se inclinou para mais perto, os dedos de Tyrion enfiaram-se sob a sua corrente de muitos metais, agarraram-na, e puxaram. O meistre deixou o frasco cair, derramando leite de papoula por toda a manta. Tyrion torceu até ver os elos enterrarem-se na pele do gordo pescoço do homem.

– *Mais. Não* – coaxou, com uma voz tão rouca que nem teve certeza de ter falado. Mas parecia que sim, pois o meistre respondeu com uma voz estrangulada.

– Largue-me, por favor, senhor… precisa do seu leite, a dor… a corrente, não, largue, não…

O rosto cor-de-rosa estava começando a ficar roxo quando Tyrion largou o homem. O meistre recuou, sugando ar. Sua garganta enrubescida ostentava profundas estrias brancas nos locais que os elos tinham pressionado. Os olhos dele também estavam brancos. Tyrion levou uma mão até o rosto e fez um gesto de rasgar sobre a máscara endurecida. E outra vez. E outra.

– O senhor… quer as ataduras tiradas, é isso? – o meistre disse por fim. – Mas eu não devo… isso seria… seria muito insensato, senhor. Ainda não está curado, a rainha ficaria…

A menção à irmã fez Tyrion rosnar. *Então é um dos seus?* Apontou um dedo ao meistre e depois enrolou a mão num punho, esmagando, sufocando, uma promessa, a menos que o palerma fizesse o que lhe

pedia.

Felizmente, ele compreendeu.

– Eu… farei o que o senhor ordena, com certeza, mas… isso é insensato, os seus ferimentos…

– *Faça. Isso* – daquela vez sua voz soou mais alto.

Com uma reverência, o homem saiu do quarto, retornando poucos momentos depois com uma longa faca com uma esguia lâmina serrilhada, uma bacia de água, uma pilha de panos macios, e vários frascos. A essa altura Tyrion já conseguira puxar-se para trás alguns centímetros, e estava meio sentado, apoiado no travesseiro. O meistre pediu-lhe para ficar muito quieto enquanto enfiava a ponta da faca sob seu queixo, por baixo da máscara. *Um deslize de mão aqui, e Cersei vai se ver livre de mim*, pensou. Sentia a lâmina cortando o linho endurecido, centímetros acima de sua garganta.

Felizmente aquele homem mole e cor-de-rosa não era uma das mais corajosas criaturas da irmã. Um momento mais tarde, sentiu o ar frio no rosto. Também havia dor, mas fez o melhor que pôde para ignorá-la. O meistre jogou as ataduras fora, ainda endurecidas pela poção.

– Fique quieto agora, tenho de lavar o ferimento – o toque dele era suave, a água, morna e calmante. *O ferimento*, pensou Tyrion, relembrando um súbito relâmpago de prata brilhante que tinha parecido passar bem por baixo dos olhos. – É provável que isso arda um pouco – preveniu o meistre enquanto umedecia um pano com vinho que cheirava a ervas esmagadas. Fez mais do que arder. Traçou uma linha de fogo ao longo de todo o rosto de Tyrion, e retorceu um atiçador em brasa por seu nariz acima. Seus dedos engalfinharam-se nos lençóis e prendeu a respiração, mas de algum modo conseguiu não gritar. O meistre cacarejava como uma galinha velha. – Teria sido mais sensato deixar a máscara no lugar até a pele estar unida, senhor. Mesmo assim, o ferimento parece limpo, ótimo, ótimo. Quando o encontramos no porão, entre os mortos e os moribundos, estava com os ferimentos imundos. Uma das costelas quebrada, sem dúvida pode senti-la, talvez por causa do golpe de alguma maça, ou de uma queda, é difícil dizer. E tinha uma flecha espetada no braço, aí onde se une ao ombro. Esse ferimento mostrava sinais de gangrena, e durante algum tempo temi que pudesse perder o braço, mas nós o tratamos com vinho fervente e larvas, e agora parece estar sarando bem…

– Nome – Tyrion disse num sopro. – *Nome*.

O meistre pestanejou:

– Ora, é Tyrion Lannister, senhor. Irmão da rainha. Lembra-se da batalha? Às vezes, por causa de ferimentos na cabeça…

– *Seu* nome – sentia a garganta arranhada, e a língua esquecera-se de como dar forma às palavras.

– Eu sou o Meistre Ballabar.

– Ballabar – repetiu Tyrion. – Traga. Espelho.

– Senhor – o meistre hesitou –, eu não o aconselho… isso poderia ser, ah, insensato, por assim dizer… o seu ferimento…

– *Traga-o* – teve de repetir. Sentia a boca presa e dolorida, como se um murro tivesse cortado seu lábio. – E bebida. *Vinho*. Papoula não.

O meistre levantou-se, corado, e correu para fora. Regressou com um jarro de vinho ambarino e um pequeno espelho prateado com uma ornamentada moldura dourada. Sentando-se à beira da cama, colocou vinho na taça até a metade e encostou-a aos lábios inchados de Tyrion. O fio de líquido desceu fresco, embora Tyrion quase não conseguisse saboreá-lo.

– Mais – disse quando a taça ficou vazia. Meistre Ballabar voltou a enchê-la. Quando terminou de beber a segunda taça, Tyrion Lannister sentiu-se suficientemente forte para encarar seu rosto.

Virou o espelho e ficou sem saber se ria ou chorava. O golpe era longo e retorcido, começando logo abaixo do olho esquerdo e terminando no lado direito do maxilar. Três quartos do seu nariz tinham desaparecido, bem como um pedaço do lábio. Alguém havia costurado a carne rasgada com tripa de gato, e os pontos desajeitados ainda estavam postos por cima da linha de carne viva, vermelha e parcialmente sarada.

– *Lindo* – coaxou, atirando o espelho para o lado.

Agora lembrava-se. A ponte de barcos, Sor Mandon Moore, uma mão, uma espada que vinha contra seu rosto. *Se eu não tivesse recuado, aquele golpe teria arrancado o topo da minha cabeça*. Jaime sempre dissera que Sor Mandon era o mais perigoso dos homens da Guarda Real, porque seus olhos mortos e vazios não davam nenhuma pista de suas intenções. *Nunca devia ter confiado em nenhum deles*. Sabia que Sor Meryn e Sor Boros pertenciam à irmã, e mais tarde Sor Osmund, mas permitira-se acreditar que os outros não tinham sido completamente perdidos pela honra. *Cersei deve lhe ter pago para se assegurar de que eu nunca voltaria da batalha. Por que outro motivo teria feito aquilo? Nunca fiz a Sor Mandon nenhum mal, que eu saiba*. Tyrion tocou o rosto, puxando a carne esponjosa com dedos grossos e desastrados. *Outro presente de minha querida irmã*.

O meistre estava em pé ao lado da cama, como um ganso prestes a levantar voo.

– Senhor, aí, aí ficará provavelmente uma cicatriz.

– *Provavelmente?* – sua fungadela de riso transformou-se numa crispação de dor. Haveria uma cicatriz, com toda certeza. E também não era provável que seu nariz voltasse a crescer em tempo algum. Não que seu rosto alguma vez tivesse sido digno de ser olhado. – Ensine-me... a não... brincar com... machados – sentiu o sorriso

apertado. – Onde... estamos? Que... que lugar? – doía-lhe falar, mas Tyrion tinha estado demasiado tempo em silêncio.

– Ah, está na Fortaleza de Maegor, senhor. Um aposento acima do Salão de Baile da Rainha. Sua Graça queria tê-lo por perto, para que pudesse vigiá-lo pessoalmente.

Aposto que sim.

– Leve-me de volta – ordenou Tyrion. – Minha cama. Meus aposentos – *onde terei os meus homens à minha volta, e também meu meistre, se conseguir encontrar algum em quem possa confiar.*

– Os seus… senhor, isso não será possível. A Mão do Rei instalou-se em seus antigos aposentos.

– Eu... *Sou...* Mão do Rei – estava ficando exausto do esforço para falar, e confuso pelo que estava ouvindo.

Meistre Ballabar pareceu desolado.

– Não, senhor, eu… você foi ferido, esteve perto da morte. O senhor seu pai assume agora esses deveres. Lorde Tywin, ele…

– *Aqui?*

– Desde a noite da batalha. Lorde Tywin salvou-nos a todos. O povo diz que foi o fantasma do Rei Renly, mas homens mais sensatos sabem quem foi. Foi seu pai e Lorde Tyrell, com o Cavaleiro das Flores e Lorde Mindinho. Avançaram através das cinzas e apanharam o usurpador Stannis pela retaguarda. Foi uma grande vitória, e agora Lorde Tywin instalou-se na Torre da Mão a fim de ajudar Sua Graça a colocar o reino nos eixos, graças aos deuses.

– Graças aos deuses – Tyrion repetiu em voz surda. O maldito do pai *e* o maldito do Mindinho e o *fantasma de Renly*? – Quero… – o que eu quero? Não podia dizer ao rosado Ballabar para ir lhe buscar Shae. Quem podia mandar buscar, em quem podia confiar? Varys? Bronn? Sor Jacelyn? Meu escudeiro, concluiu. – Pod Payne – *era Pod quem estava na ponte de barcos, o rapaz salvou minha vida.*

– O garoto? O garoto estranho?

– Garoto estranho. Podrick. Payne. Vá. *Traga-o*.

– Às suas ordens, senhor – Meistre Ballabar inclinou a cabeça e apressou-se a sair. Tyrion conseguia sentir as forças desaparecendo enquanto esperava. Perguntou a si mesmo quanto tempo teria passado ali, dormindo. *Cersei gostaria de me ver dormindo para sempre, mas não serei assim tão prestativo.*

Podrick Payne entrou no quarto tão tímido como um rato.

– Senhor? – arrastou-se para perto da cama. *Como é possível que um garoto tão ousado em batalha se mostre tão assustado num quarto de doente?*, perguntou-se Tyrion. – Pretendia ficar com o senhor, mas o meistre mandou-me embora.

– *Mande-o* embora. Escute-me. Falar é difícil. Preciso de vinho dos sonhos. *Vinho dos sonhos*, não leite da papoula. Vá até Frenken.

Frenken, não Ballabar. Observe-o fazendo o vinho. Traga-o aqui – Pod lançou um olhar furtivo ao rosto de Tyrion, e no mesmo instante desviou os olhos. *Bem, não posso culpá-lo por isso*. – Quero – prosseguiu Tyrion – os meus. Guardas. Bronn. Onde está Bronn?

– Fizeram dele um cavaleiro.

Até franzir a testa doía.

– Procure-o. Traga-o aqui.

– Às suas ordens Senhor. Bronn.

Tyrion pegou no pulso do rapaz:

– Sor Mandon?

Podrick estremeceu:

– Eu n-não queria m-m-m-m…

– Morto? Tem certeza? *Morto?*

Ele mexeu os pés, acanhado:

– Afogado.

– Ótimo. Nada diga. Dele. De mim. Nada de nada. *Nada*.

Quando o escudeiro saiu, as últimas forças de Tyrion tinham também desaparecido. Deixou-se cair e fechou os olhos. Talvez voltasse a sonhar com Tysha. *Pergunto-me o que ela acharia do meu rosto agora*, pensou amargamente.

Jon

Quando Qhorin Meia-Mão lhe disse para ir à procura de vegetação rasteira para uma fogueira, Jon soube que o fim estava próximo.

Será bom voltar a me sentir quente, mesmo que seja por pouco tempo, disse a si mesmo enquanto cortava galhos nus do tronco de uma árvore morta. Fantasma sentou-se sobre os quartos traseiros, observando, silencioso como sempre. *Será que ele uivará por mim quando eu morrer, como o lobo de Bran uivou quando ele caiu?*, interrogou-se Jon. *Cão Felpudo uivará, lá longe em Winterfell, e Vento Cinzento, e Nymeria, onde quer que estejam?*

A lua subia por trás de uma montanha e o sol baixava por trás de outra quando Jon fez saltar centelhas da pederneira e do punhal, até, por fim, conseguir um fiapo de fumaça. Qhorin aproximou-se e parou em pé ao lado dele quando a primeira chama se ergueu, tremeluzente, das aparas de casca de árvore e agulhas de pinheiro mortas e secas que reunira.

– Tímida como uma donzela em sua noite de núpcias – disse o grande patrulheiro numa voz suave –, e quase tão bela. Às vezes, um homem se esquece de como uma chama pode ser bonita.

Ele não era um homem de quem se esperasse que falasse de donzelas e noites de núpcias. Até onde Jon sabia, Qhorin tinha passado toda sua vida na Patrulha. *Terá ele alguma vez amado uma donzela ou se casado?* Não podia perguntar. Em vez disso, atiçou o fogo. Quando a fogueira começou a crepitar, descalçou as luvas rígidas para aquecer as mãos, e suspirou, perguntando a si mesmo se um beijo alguma vez tinha tido um sabor tão bom. O calor espalhou-se por seus dedos como manteiga derretendo.

Meia-Mão largou-se no chão e se instalou de pernas cruzadas junto à fogueira, com a luz tremeluzente brincando nos planos duros de seu rosto. Dos cinco patrulheiros que tinham fugido do Passo dos Guinchos só restavam eles, os dois na vastidão selvagem azul-acinzentada das Presas de Gelo.

A princípio, Jon acalentara a esperança de que o Escudeiro Dalbridge conseguisse manter os selvagens engarrafados no passo. Mas quando ouviram o chamado de um berrante distante, todos souberam que o escudeiro tinha caído. Mais tarde viram a águia voando ao fim da tarde, apoiada em grandes asas azuis-acinzentadas, e Cobra das Pedras pegou o arco, mas a ave voou para fora de seu alcance antes mesmo que conseguisse prender a corda. Ebben escarrou e resmungou sombriamente acerca de *wargs* e troca-peles.

Vislumbraram a águia outras duas vezes no dia seguinte, e

ouviram o berrante atrás deles ecoando nas montanhas. A cada vez que soava parecia um pouco mais sonoro, um pouco mais próximo. Quando a noite caiu, Meia-Mão disse a Ebben para levar o garrano do escudeiro e o seu e cavalgar a toda pressa para leste em busca de Mormont, pelo caminho por onde tinham vindo. Os outros despistariam os perseguidores.

– Envie Jon – sugerira Ebben. – Ele cavalga tão depressa como eu.

– Jon tem um papel diferente a desempenhar.

– Ele ainda é meio criança.

– Não – Qhorin dissera –, ele é um homem da Patrulha da Noite.

Quando a lua nasceu, Ebben separou-se deles. Cobra das Pedras seguiu para leste com ele durante algum tempo, e depois voltou pelo mesmo caminho para apagar o rastro, e os três que restaram partiram para sudoeste.

Depois disso, os dias e as noites tornaram-se indistintos. Dormiam nas selas e paravam apenas o tempo suficiente para alimentar e dar de beber aos garranos, após o que voltavam a montar. Avançavam sobre rocha nua, através de sombrias florestas de pinho e acumulações de neve antiga, sobre cumeadas geladas e cruzando rios rasos que não tinham nome. Às vezes, Qhorin ou Cobra das Pedras voltavam para obscurecer os rastros, mas era um gesto fútil. Eram vigiados. A cada alvorada e a cada ocaso viam a águia pairando entre os picos, não mais do que um ponto na vastidão do céu.

Escalavam uma pequena cumeada entre dois picos cobertos de neve quando um gato-das-sombras saltou rosnando de sua toca, a menos de dez metros deles. A fera estava esquálida e meio morta de fome, mas vê-la deixou a égua do Cobra das Pedras em pânico; empinou-se e fugiu, e antes que o patrulheiro conseguisse voltar a controlá-la, ela tinha tropeçado na íngreme encosta e quebrado uma perna.

Fantasma alimentou-se bem naquele dia, e Qhorin insistiu que os patrulheiros misturassem um pouco do sangue do garrano em seus mingaus de aveia para lhes dar forças. O sabor daquele horrível mingau quase sufocou Jon, mas forçou-se a engoli-lo. Cortaram uma dúzia de fatias de carne crua e fibrosa cada um, para irem mascando pelo caminho, e deixaram o resto para os gatos-das-sombras.

Não era uma possibilidade dois homens montarem num só cavalo. Cobra das Pedras ofereceu-se para ficar à espera dos perseguidores e surpreendê-los quando chegassem. Talvez conseguisse levar alguns consigo para o inferno. Qhorin recusou.

– Se algum homem na Patrulha da Noite consegue atravessar as Presas de Gelo sozinho e a pé é você, irmão. Pode subir montanhas que um cavalo tem de rodear. Dirija-se ao Punho. Diga a Mormont o que Jon viu, e como. Diga-lhe que os antigos poderes estão

despertando, que enfrenta gigantes, *wargs* e coisas piores. Diga-lhe que as árvores têm de novo olhos.

Ele não tem nenhuma chance, pensou Jon enquanto observava Cobra das Pedras desaparecer sobre uma cumeada coberta de neve, um minúsculo bicho preto rastejando por uma vastidão enrugada e branca.

Depois disso, cada noite pareceu mais fria do que a anterior, e também mais solitária. Fantasma nem sempre seguia com eles, mas também nunca estava longe. Mesmo quando separados, Jon sentia sua proximidade. Estava contente por isso. Meia-Mão não era o mais sociável dos homens. A longa trança grisalha de Qhorin balançava lentamente com os movimentos do cavalo. Era frequente avançarem durante horas sem que uma palavra fosse proferida, ouvindo-se apenas o suave raspar de ferraduras em pedra e o lamento fúnebre do vento, que soprava continuamente pelas alturas. Quando dormia, não sonhava; nem com lobos, nem com os irmãos, nem com nada. *Nem os sonhos conseguem viver aqui*, dizia a si mesmo.

– Sua espada está afiada, Jon Snow? – perguntou Qhorin Meia-Mão por sobre o fogo tremeluzente.

– Minha espada é de aço valiriano. Foi o Velho Urso quem me deu.

– Lembra-se das palavras do seu juramento?

– Sim – não eram palavras de que um homem se esquecesse facilmente. Uma vez proferidas, nunca poderiam ser desditas. Mudava-lhes a vida para sempre.

– Volte a dizê-las comigo, Jon Snow.

– Se é isso o que quer – suas vozes juntaram-se numa só, sob a lua nascente, enquanto Fantasma escutava e as próprias montanhas serviam de testemunha.

– A noite chega, e agora começa a minha vigia. Não terminará até a minha morte. Não tomarei esposa, não possuirei terras, não gerarei filhos. Não usarei coroas e não conquistarei glórias. Viverei e morrerei no meu posto. Sou a espada na escuridão. Sou o vigilante nas muralhas. Sou o fogo que arde contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem, o escudo que defende os reinos dos homens. Dou a minha vida e a minha honra à Patrulha da Noite, por esta noite e por todas as noites que estão para vir.

Quando terminaram, não se ouviu nenhum som além do tênue crepitar das chamas e de um distante suspiro de vento. Jon abriu e fechou seus dedos queimados, agarrando-se bem às palavras em sua mente, rezando para que os deuses do pai lhe dessem forças para morrer com bravura quando sua hora chegasse. Agora não faltaria muito tempo. Os garranos estavam perto do fim de suas forças. Jon

suspeitava que a montaria de Qhorin não duraria mais um dia.

As chamas já ardiam pouco a essa altura, o calor atenuava-se.

– A fogueira irá se apagar em breve – Qhorin disse –, mas se a Muralha alguma vez cair, todas as fogueiras se apagarão.

Nada havia que Jon pudesse responder àquilo. Apenas anuiu com a cabeça.

– Ainda poderemos escapar deles – disse o patrulheiro. – Ou não.

– Não tenho medo de morrer – era só meia mentira.

– Pode não ser tão fácil assim, Jon.

Não compreendeu.

– O que você quer dizer?

– Se formos capturados, tem de se render.

– Render-me? – Jon pestanejou, incrédulo. Os selvagens não faziam prisioneiros entre os homens que chamavam de corvos. Matavam-nos, a menos que… – Eles só poupam perjuros àqueles que se juntam a eles, como Mance Rayder.

– E como você.

– Não – sacudiu a cabeça. – Nunca. Não farei isso.

– Fará. Eu ordeno que faça isso.

– *Ordena*? Mas…

– Nossa honra não tem mais significado do que nossa vida, desde que o reino fique em segurança. É um homem da Patrulha da Noite?

– Sim, mas…

– Não há *mas* nem *meio mas*, Jon Snow. Ou é ou não é.

Jon endireitou as costas.

– Sou.

– Então, escute-me. Se formos capturados, passará para o lado deles, como a garota selvagem que capturou aquela vez sugeriu. Podem exigir que faça o manto em tiras, que lhes preste um juramento sobre a tumba do seu pai, que amaldiçoe os irmãos e o Senhor Comandante. Não pode se recusar, seja o que for que lhe seja solicitado. Faça o que lhe pedirem… Mas, no seu âmago, lembre-se sempre de quem e do que é. Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles, durante o tempo que for preciso. E *observe*.

– O quê? – Jon quis saber.

– Bem que gostaria de saber – Qhorin respondeu. – Seu lobo viu aquelas escavações no vale do Guadeleite. O que procuravam eles, num lugar tão ermo e distante? Terão encontrado? É isso que tem de investigar, antes de voltar para junto de Lorde Mormont e de seus irmãos. É este o dever que deposito em você, Jon Snow.

– Farei como diz – disse Jon com relutância. – Mas… você vai lhes dizer, não é verdade? Pelo menos ao Velho Urso? Vai lhe dizer que nunca quebrei meus votos.

Qhorin Meia-Mão fitou-o por sobre o fogo, com os olhos perdidos

em lagoas de sombras.

– Quando voltar a vê-lo. Juro – indicou a fogueira com um gesto. – Mais madeira. Quero-a luminosa e quente.

Jon foi cortar mais galhos, partindo cada um em dois antes de atirá-lo às chamas. A árvore estava morta havia muito tempo, mas parecia voltar à vida no fogo, despertando dançarinas ardentes em cada bocado de madeira que rodopiava e volteava em seus brilhantes vestidos em tons de amarelo, vermelho e laranja.

– Basta – Qhorin disse abruptamente. – Agora cavalgamos.

– Cavalgamos? – estava escuro para lá do fogo, e a noite estava fria. – Cavalgamos para onde?

– Para trás – Qhorin montou uma vez mais seu fatigado garrano. – A fogueira vai fazê-los passar por nós, espero eu. Venha, irmão.

Jon voltou a calçar as luvas e subiu o capuz. Até os cavalos pareciam relutantes em abandonar a fogueira. O sol tinha desaparecido havia muito, e só restava o frio brilho prateado da meia-lua para iluminar o caminho pelo terreno traiçoeiro que se estendia atrás deles. Não sabia o que Qhorin tinha em mente, mas talvez fosse uma chance. Esperava que sim. *Não quero fazer papel de perjuro, mesmo que tenha bons motivos*.

Avançaram com cautela, deslocando-se tão silenciosamente como homens e cavalos eram capazes, voltando a seguir seus passos até chegarem à desembocadura de um estreito desfiladeiro onde um pequeno riacho gelado emergia entre duas montanhas. Jon lembrou-se do lugar. Tinham dado água aos cavalos ali antes de o sol se pôr.

– A água está congelando – Qhorin observou enquanto virava para o lado. – Se não fosse isso, seguiríamos pelo leito do riacho. Mas se quebrarmos o gelo, eles devem reparar. Mantenha-se perto dos penhascos. Meia milha adiante há uma curva que nos esconderá – o homem disse e entrou no desfiladeiro. Jon lançou um último olhar melancólico à fogueira distante e o seguiu.

Quanto mais avançavam, mais as escarpas se apertavam de ambos os lados. Seguiram o fio de água iluminado pelo luar na direção da nascente. Pingentes cobriam as margens pedregosas, mas Jon ainda ouvia o som da água corrente sob a fina crosta sólida.

Uma grande confusão de rochas caídas bloqueou o caminho deles a meia subida, onde uma seção do penhasco tinha tombado, mas os pequenos garranos de patas seguras foram capazes de escolher um percurso através dela. Adiante, as faces dos penhascos apertavam-se vivamente e o riacho os levou à base de uma alta e tortuosa queda d'água. O ar estava cheio de névoa, como se fosse o hálito de um imenso animal frio. As águas que caíam brilhavam, prateadas, ao luar. Jon olhou em volta, consternado. *Não há saída*. Ele e Qhorin talvez conseguissem subir os penhascos, mas não com os cavalos. Não lhe

parecia que durassem muito tempo apeados.

– Agora, depressa – ordenou Meia-Mão. O grande homem montado no pequeno cavalo avançou por cima das pedras escorregadias de gelo, em direção à cortina de água, e desapareceu. Quando não reapareceu, Jon esporeou o cavalo e foi atrás dele. Seu garrano fez o possível para não avançar. A água que caía esbofeteou-os com punhos gelados, e o choque do frio pareceu interromper a respiração de Jon.

E então viu-se do outro lado; ensopado e tremendo, mas do outro lado.

A fenda na rocha quase não era suficiente para que homem e cavalo passassem, mas adiante as paredes abriam-se e o solo tornava-se arenoso. Jon sentiu a água congelando em sua barba. Fantasma irrompeu através da queda d'água numa pressa feroz, sacudiu gotículas do pelo, farejou desconfiadamente a escuridão, e depois ergueu uma pata contra uma parede de rocha. Qhorin já tinha desmontado. Jon fez o mesmo.

– Sabia que este lugar estava aqui?

– Quando não era mais velho do que você, ouvi um irmão contar como tinha seguido um gato-das-sombras através desta cascata – tirou a sela do cavalo, depois o freio e os arreios, e passou os dedos pela crina hirsuta. – Há um caminho através do coração da montanha. Quando chegar a alvorada, se eles não tiverem nos encontrado, avançamos. O primeiro turno é meu, irmão – Qhorin sentou-se na areia, de costas apoiadas na parede, não mais do que uma vaga forma negra na escuridão da gruta. Sobre o estrondo da água caindo, Jon ouviu o som suave do aço roçando em couro, que só podia querer dizer que Meia-Mão tinha desembainhado a espada.

Jon tirou o manto molhado, mas o ar ali estava demasiado úmido e frio para se despir mais. Fantasma espreguiçou-se a seu lado e lambeu sua luva antes de se enrolar para dormir. Jon sentiu-se contente pelo calor do animal. Perguntou a si mesmo se a fogueira ainda arderia lá fora, ou se já teria se apagado. *Se a Muralha alguma vez cair, todas as fogueiras se apagarão*. A luz brilhava através da cortina de água que caía e criava uma faixa pálida e tremeluzente na areia, mas algum tempo depois também isso se desvaneceu e escureceu.

O sono chegou, por fim, e com ele vieram pesadelos. Sonhou com castelos ardendo e mortos erguendo-se, desassossegados, das sepulturas. Ainda estava escuro quando Qhorin o acordou. Enquanto Meia-Mão dormia, Jon ficou sentado com as costas apoiadas na parede da caverna, escutando a água e esperando a alvorada.

Ao romper do dia, roeram um pedaço meio congelado de carne de cavalo cada um, após o que voltaram a selar os garranos, e prenderam

os mantos negros em volta dos ombros. Durante seu turno, Meia-Mão tinha feito meia dúzia de tochas, empapando fardos de musgo seco com o óleo que transportava no alforje. Agora, acendia o primeiro e indicava o caminho pela escuridão, segurando a pálida chama à sua frente. Jon seguiu-o com os cavalos. O caminho pedregoso torcia-se em curvas, primeiro descia, depois subia, e depois voltava a descer com maior inclinação. Em certos lugares estreitava-se tanto, que era difícil convencer os garranos de que conseguiriam se espremer através da abertura. *Quando sairmos, teremos despistado os selvagens*, Jon disse a si mesmo à medida que avançavam. *Nem uma águia consegue ver através de rocha sólida. Vamos tê-los despistado, cavalgaremos duramente na direção do Punho, e contaremos ao Velho Urso tudo o que sabemos*.

Mas, quando voltaram a emergir à luz, horas mais tarde, a águia estava à espera deles, empoleirada numa árvore morta, trinta metros acima. Fantasma subiu os rochedos aos saltos atrás dela, mas a ave bateu as asas e levantou voo.

A boca de Qhorin apertou-se ao seguir o voo com os olhos.

– Este é um lugar tão bom quanto outro qualquer para enfrentar o inimigo – declarou. – A saída da caverna defende-nos de cima, e não podem ficar atrás de nós sem atravessarem a montanha. Sua espada está afiada, Jon Snow?

– Sim – ele respondeu.

– Vamos alimentar os cavalos. Serviram-nos com bravura, pobres animais.

Jon deu ao garrano o resto da aveia e afagou sua crina hirsuta, enquanto Fantasma passeava inquieto por entre as rochas. Calçou melhor as luvas e exercitou os dedos queimados. *Sou o escudo que defende os reinos dos homens.*

Um berrante ecoou pelas montanhas, e, um momento mais tarde, Jon ouviu os latidos de cães.

– Estarão aqui em breve – anunciou Qhorin. – Mantenha o lobo sob controle.

– Fantasma, aqui – Jon chamou. O lobo gigante voltou relutantemente para junto dele, com a cauda erguida rigidamente atrás de si.

Os selvagens surgiram por sobre uma crista a menos de um quilômetro dali. Os cães de caça corriam à sua frente, animais cinza-amarronzados que não paravam de rosnar, com mais do que um pouco de lobo no sangue.

– Quieto – Jon murmurou. – Fica – por cima de sua cabeça, ouviu o rumor de asas. A águia pousou num afloramento rochoso e soltou um grito de triunfo.

Os caçadores aproximaram-se cuidadosamente, talvez por temerem flechas. Jon contou catorze, com oito cães. Seus grandes

escudos redondos eram feitos de peles esticadas por cima de vime trançado e pintadas com crânios. Cerca da metade escondia os rostos atrás de elmos grosseiros de madeira e couro fervido. Em ambas as alas, arqueiros encaixaram flechas nas cordas de pequenos arcos de madeira e chifre, mas não dispararam. Os outros pareciam estar armados com lanças e marretas. Um deles trazia um machado de pedra lascada. Usavam apenas os pedaços de armadura que tinham pilhado de patrulheiros mortos ou roubado durante ataques. Os selvagens não mineravam nem fundiam minério, e havia poucos ferreiros e ainda menos forjas a norte da Muralha.

Qhorin desembainhou a espada. A história sobre como tinha treinado para lutar com a mão esquerda depois de perder metade da direita fazia parte de sua lenda; dizia-se que, agora, manejava melhor uma lâmina do que alguma vez manejara antes de ficar mutilado. Jon colocou-se ao lado do grande patrulheiro, ombro com ombro, e tirou Garralonga da bainha. Apesar do frio do ar, suor caía sobre seus olhos.

Os caçadores pararam dez metros abaixo da abertura da caverna. O chefe aproximou-se sozinho, montando um animal que se parecia mais com uma cabra do que com um cavalo pela maneira segura como escalava a encosta irregular. Enquanto homem e montaria se aproximavam, Jon ouvia-os chocalhar; ambos traziam armaduras feitas de ossos. Ossos de corvos, ovelhas, cabras, auroques e alces, os grandes ossos dos mamutes peludos… e também ossos humanos.

– Camisa de Chocalho – chamou Qhorin para baixo, gelidamente educado.

– Para corvos, sou o Senhor dos Ossos – o elmo do cavaleiro tinha sido feito do crânio quebrado de um gigante, e garras de urso tinham sido costuradas ao couro fervido ao longo dos braços.

Qhorin fungou:

– Não vejo senhor nenhum. Só um cão vestido de ossos de galinha, que chocalha quando monta a cavalo.

O selvagem silvou de fúria, e a montaria empinou-se. Ele *realmente* chocalhava, Jon ouvia-o; os ossos estavam unidos de forma folgada, e batiam uns nos outros ruidosamente quando se movia.

– São seus ossos que vão chocalhar em breve, Meia-Mão. Vou arrancar a carne de seus ossos com uma fervura e fazer uma camisa de suas costelas. Vou esculpir seus dentes para lançar runas, e comer mingau de aveia no seu crânio.

– Se quer meus ossos, venha buscá-los.

Mas, isso, o Camisa de Chocalho parecia relutante em fazer. A vantagem numérica pouco queria dizer no confinamento dos rochedos em que os irmãos negros tinham se posicionado; para arrancá-los de dentro da gruta, os selvagens teriam de atacar dois a dois. Mas outro membro da companhia de selvagens veio a cavalo até junto do Camisa

de Chocalho, uma das guerreiras que chamavam de *esposas de lanças*.

– Somos catorze contra dois, corvos, e oito cães para o seu lobo – gritou. – Lutando ou fugindo, serão nossos.

– Mostre-lhes – ordenou Camisa de Chocalho.

A mulher enfiou a mão num saco manchado de sangue e tirou de lá um troféu. Ebben era calvo como um ovo, por isso ela segurou a cabeça por uma orelha.

– Morreu bravamente – ela disse.

– Mas morreu – disse o Camisa de Chocalho –, tal como vocês – libertou o machado de guerra, brandindo-o por cima da cabeça. Era de bom aço, com uma cintilação maligna em ambas as lâminas; Ebben nunca fora homem de negligenciar suas armas. Os outros selvagens avançaram a seu lado, gritando provocações. Alguns escolheram Jon como alvo de sua troça.

– Esse lobo é seu, rapaz? – gritou uma jovem magricela, preparando um malho de pedra. – Vai ser o meu manto antes do pôr do sol – do outro lado da fileira, outra esposa de lanças abriu suas peles esfarrapadas para mostrar a Jon os seios pesados e brancos.

– O bebê quer a mamãe? Anda, chupa isto aqui, rapaz – os cães também ladravam.

– Eles querem nos envergonhar até cometermos uma loucura – Qhorin deu a Jon um olhar forte. – Lembre-se de suas ordens.

– Talvez tenhamos de tirar os corvos da toca – berrou Camisa de Chocalho por sobre o clamor. – Depene-os!

– Não! – a palavra jorrou dos lábios de Jon antes que os arqueiros pudessem disparar. Deu dois rápidos passos em frente: – Rendemo-nos!

– Preveniram-me de que o sangue de bastardo era covarde – ouviu Qhorin Meia-Mão dizer friamente atrás dele. – Vejo que é verdade. Corre para os seus novos mestres, covarde.

Corando, Jon desceu a vertente até onde Camisa de Chocalho se encontrava montado. O selvagem fitou-o através dos buracos para os olhos que tinha no elmo e disse:

– O povo livre não tem préstimo para covardes.

– Ele não é nenhum covarde – uma das arqueiras tirou seu elmo de pele de ovelha cosida e sacudiu uma cabeça cheia de hirsutos cabelos ruivos. – Este é o bastardo de Winterfell que me poupou. Deixe-o viver.

Jon olhou Ygritte nos olhos e ficou sem palavras.

– Que morra – insistiu o Senhor dos Ossos. – A gralha preta é um pássaro cheio de truques. Não confio nele.

Num rochedo acima deles, a águia bateu as asas e fendeu o ar com um grito de fúria.

– A ave odeia você, Jon Snow – Ygritte disse. – E com boas

razões. Era um homem antes de tê-lo matado.

– Eu não sabia – Jon respondeu com sinceridade, tentando se lembrar do rosto do homem que tinha matado no passo. – Disse-me que Mance me acolheria.

– E vai acolher – Ygritte assentiu.

– Mance não está aqui – rugiu Camisa de Chocalho. – Ragwyle, estripe-o.

A grande esposa das lanças estreitou os olhos e disse:

– Se o corvo quiser se juntar ao povo livre, que mostre sua perícia e prove que é sincero.

– Farei o que quer que me peçam – as palavras custaram a vir, mas Jon as proferiu.

A armadura de ossos do Camisa de Chocalho ruidosamente chocalhou enquanto ele ria:

– Então, mate o Meia-Mão, bastardo.

– Como se fosse capaz – Qhorin parecia desafiá-lo. – *Vire-se*, Snow, e morra.

Então, a espada de Qhorin caía sobre ele e de algum modo Garralonga saltou para pará-la. A força do impacto quase arrancou a espada bastarda da mão de Jon, e fê-lo cambalear para trás. *Não pode se recusar, seja o que for que lhe seja solicitado*. Segurou a espada com as duas mãos, com rapidez suficiente para dar um golpe, mas o grande patrulheiro o desviou com uma desdenhosa facilidade. Andaram para trás e para a frente, com os mantos negros rodopiando, a rapidez do jovem contra a força selvagem dos golpes da mão esquerda de Qhorin. A espada do Meia-Mão parecia estar em todos os lados ao mesmo tempo, chovendo sobre ele vinda de um lado e logo do outro, empurrando-o para onde queria, mantendo-o desequilibrado. Jon já sentia os braços ficando dormentes.

Mesmo quando os dentes do Fantasma se fecharam com selvageria em volta da barriga da perna do patrulheiro, de algum modo Qhorin manteve-se de pé. Mas, nesse instante, ao virar-se, surgiu a abertura. Jon firmou-se e girou. O patrulheiro inclinava-se para fora do seu alcance, e por um instante pareceu que o golpe de Jon não o tinha tocado. Então surgiu uma cadeia de lágrimas vermelhas na garganta do grande homem, brilhantes como um colar de rubis, o sangue jorrou, e Qhorin Meia-Mão tombou.

O focinho do Fantasma pingava sangue, mas só a ponta da lâmina bastarda se encontrava manchada, no último centímetro. Jon puxou o lobo gigante para longe do cadáver e ajoelhou com um braço em volta dele. A luz já se desvanecia nos olhos de Qhorin.

– … afiada – ele disse, erguendo os dedos estropiados. Então sua mão caiu, e ele partiu.

Ele sabia, Jon pensou, entorpecido. *Ele sabia o que me pediriam*.

Pensou então em Samwell Tarly, em Grenn e no Edd Doloroso, em Pyp e no Sapo, lá longe, em Castelo Negro. Teria perdido todos, teria perdido Bran, Rickon e Robb? Quem era agora? O que era?

– Ponha-o em pé – mãos rudes puxaram-no. Jon não resistiu. – Tem nome?

Ygritte respondeu por ele.

– Chama-se Jon Snow. É do sangue de Eddard Stark, de Winterfell.

Ragwyle soltou uma gargalhada.

– Quem teria imaginado? Qhorin Meia-Mão morto por um filho torto de um fidalguinho qualquer.

– Estripe-o – ordenou Camisa de Chocalho, ainda montado. A águia voou até ele e empoleirou-se em cima do seu elmo ossudo, guinchando.

– Ele se rendeu – Ygritte lembrou-lhes.

– Sim, e matou o irmão – disse um homem baixo e modesto com um meio elmo de ferro carcomido pela ferrugem.

Camisa de Chocalho aproximou-se, com os ossos chocalhando.

– O lobo fez o trabalho por ele. Foi feito porcamente. A morte do Meia-Mão devia ter sido minha.

– Todos vimos como estava se coçando para tratar dela – zombou Ragwyle.

– Ele é um troca-peles – disse o Senhor dos Ossos –, e um corvo. Não gosto dele.

– Pode ser que seja um troca-peles – Ygritte rebateu –, mas isso nunca nos assustou – outros gritaram, concordando. Por trás dos orifícios para os olhos de seu crânio amarelecido, o olhar de Camisa de Chocalho era maligno, mas cedeu de má vontade. *Esta é mesmo uma gente livre*, pensou Jon.

Queimaram Qhorin Meia-Mão onde tinha caído, numa pira feita de agulhas de pinheiro, vegetação rasteira e galhos quebrados. Parte da madeira ainda estava verde, e queimou de forma lenta e fumacenta, fazendo subir uma pluma negra até o brilhante azul profundo do céu. Mais tarde, Camisa de Chocalho reclamou alguns ossos carbonizados, enquanto os outros jogavam dados pelo equipamento do patrulheiro. Ygritte ganhou seu manto.

– Vamos voltar pelo Passo dos Guinchos? – perguntou-lhe Jon. Não sabia se seria capaz de voltar a enfrentar essas altitudes, ou se o garrano sobreviveria a uma segunda travessia.

– Não – ela respondeu. – Não há nada atrás de nós – o olhar que ela lhe lançou era triste. – A essa altura Mance já desceu bastante do curso do Guadeleite, e marcha sobre a sua Muralha.

Bran

As cinzas caíam como uma suave neve cinzenta.

Caminhou por agulhas secas e folhas marrons, até o limite da floresta onde os pinheiros cresciam esparsos. Para lá dos campos abertos, via as grandes pilhas de pedra na forma de homens, hirtas contra o turbilhão das chamas. O vento soprava quente e enriquecido pelo cheiro de sangue e carne queimada, tão forte que começou a salivar.

Mas, ao mesmo tempo que um cheiro os puxava, outros os mantinham afastados. Farejou a fumaça que pairava no ar. *Homens, muitos homens, muitos cavalos, e fogo, fogo, fogo*. Não havia cheiro mais perigoso, nem mesmo o cheiro duro e frio do ferro, o material das garras do homem e da pele-dura. A fumaça e as cinzas enevoavam seus olhos, e no céu viu uma grande serpente alada cujo rugido era um rio de chamas. Descobriu os dentes, mas a serpente desapareceu. Por trás das colinas, grandes incêndios comiam as estrelas.

Os incêndios crepitaram ao longo de toda a noite, e a dada altura ouviu-se um grande rugido e um estrondo que fez a terra saltar sob suas patas. Cães ladraram e ganiram, e cavalos relincharam de terror. Uivos trementes perfuraram a noite; os uivos da matilha humana, gemidos de medo e gritos selvagens, risos e berros. Não havia animal mais barulhento do que o homem. Levantou as orelhas e escutou, e seu irmão rosnou a cada som que ouvia. Caminharam sob as árvores enquanto um vento cheirando a pinheiro soprava cinzas e fagulhas pelo céu. Com o tempo, as chamas começaram a se atenuar, e depois desapareceram. O sol nasceu cinzento e fumacento naquela manhã.

Só então deixou as árvores, atravessando lentamente os campos. O irmão o seguia, atraído pelo cheiro do sangue e da morte. Caminharam em silêncio pelas tocas que os homens tinham construído de madeira, mato e lama. Muitas estavam queimadas, e tinham ruído, outras estavam como antes. Mas não viram ou cheiraram um homem vivo em parte alguma. Corvos cobriam os cadáveres como mantas e saltavam para o ar, gritando, quando ele e o irmão se aproximavam. Os cães selvagens escapuliam para fora de seu caminho.

À sombra das grandes colinas cinzentas, um cavalo morria ruidosamente, lutando para se pôr em pé sobre uma pata quebrada e gritando quando caía. O irmão o rodeou, e então rasgou sua garganta enquanto o cavalo escoiceava debilmente e revirava os olhos. Quando se aproximou da carcaça, o irmão tentou mordê-lo e achatou as orelhas sobre o crânio, ele desferiu uma patada e mordeu sua perna. Lutaram sobre a relva, a terra e as cinzas que caíam do céu, ao lado do cavalo morto, até que o irmão rolou sobre as costas em submissão,

com a cauda entre as pernas. Mais uma mordida na garganta virada para cima; e então comeu, e deixou que o irmão comesse e limpasse com a língua o sangue que manchara seus pelos negros.

A essa altura, já se sentia atraído pelo lugar escuro, a casa dos sussurros onde todos os homens eram cegos. Conseguia sentir os dedos frios dessa casa em seu corpo. Seu cheiro de pedra era um sussurro que entrava por seu focinho. Lutou contra a atração. Não gostava da escuridão. Era lobo. Era caçador e matador, e seu lugar era junto dos irmãos e irmãs no âmago da floresta, correndo, livre, sob um céu estrelado. Sentou-se sobre os quartos traseiros, ergueu a cabeça e uivou. *Não irei*, gritou. *Sou lobo, não irei*. Mas, apesar disso, a escuridão aprofundou-se até cobrir seus olhos, encher seu focinho e tapar suas orelhas, e ele deixou de enxergar, cheirar, ouvir ou correr, e as colinas cinzentas desapareceram, o cavalo morto desapareceu, o irmão desapareceu, e tudo ficou preto e parado, e preto e frio, e preto e morto, e preto…

– *Bran* – sussurrava suavemente uma voz. – *Bran, volta. Volta agora, Bran. Bran…*

Fechou o terceiro olho e abriu os outros dois, os dois olhos antigos, os dois olhos cegos. No lugar escuro, todos os homens eram cegos. Mas alguém o segurava. Sentia braços à sua volta, o calor de um corpo aconchegado ao dele. Ouvia Hodor cantando "Hodor, hodor, hodor" em voz baixa, para si mesmo.

– Bran? – era a voz de Meera. – Estava se debatendo, fazendo ruídos terríveis. O que viu?

– Winterfell – sentia a língua estranha e grossa dentro da boca. *Um dia, quando regressar, já não saberei falar*. – Era Winterfell. O castelo estava coberto de chamas. Havia cheiros de cavalo e de aço e de sangue. Mataram todo mundo, Meera.

Sentiu a mão dela no rosto, afagando seu cabelo para trás.

– Está todo suado – a menina disse. – Precisa de uma bebida?

– Uma bebida – ele concordou. Ela levou-lhe um odre aos lábios, e Bran engoliu tão depressa que a água escorreu pelo canto da sua boca. Estava sempre fraco e sedento quando voltava. E também com fome. Lembrou-se do cavalo moribundo, do sabor do sangue na boca, do cheiro da carne queimada no ar da manhã. – Quanto tempo?

– Três dias – Jojen respondeu. O rapaz tinha se aproximado em pés silenciosos, ou talvez tivesse estado sempre ali; naquele mundo cego e negro, Bran não saberia dizer. – Tivemos medo por você.

– Estava com Verão – Bran lembrou.

– Tempo demais. Vai se matar de fome. Meera pôs um pouco de água em sua garganta, e besuntamos sua boca com mel, mas não é o suficiente.

– Eu comi – Bran respondeu. – Caçamos um alce e tivemos de

afastar um gato-das-árvores que tentou roubá-lo – o gato era marrom e amarelado, só com metade do tamanho dos lobos gigantes, mas feroz. Recordou-se do seu cheiro almiscarado e do modo como lhes rugira do galho do carvalho.

– O lobo comeu – Jojen o corrigiu. – Você não. Tenha cuidado, Bran. Lembre-se de quem é.

Lembrava-se bem demais de quem era; Bran, o garoto, Bran, o aleijado. *É melhor ser Bran, o lobisomem*. Seria de admirar que preferisse sonhar seus sonhos de Verão, seus sonhos de lobo? Ali, na escuridão frígida e úmida da tumba, seu terceiro olho finalmente abrira-se. Conseguia alcançar Verão sempre que quisesse, e uma vez tinha até mesmo tocado Fantasma e falado com Jon. Embora talvez tivesse apenas sonhado que o fizera. Não era capaz de compreender por que motivo Jojen estava agora sempre tentando puxá-lo para trás. Bran usou a força dos braços para se sentar.

– Tenho de dizer a Osha o que vi. Ela está aqui? Onde foi?

A própria selvagem respondeu:

– A lugar nenhum, senhor. Já me fartei de tropeçar no escuro – Bran ouviu o raspar de um calcanhar na pedra, virou a cabeça para o som, mas não viu nada. Achou que conseguia cheirá-la, mas não tinha certeza. Todos fediam igual, e não tinha o nariz do Verão para distingui-los uns dos outros. – Ontem à noite mijei no pé de um rei – Osha continuou. – Ou de repente foi esta manhã, quem sabe? Estava dormindo, mas agora não estou – todos eles dormiam muito, não só Bran. Nada mais havia a fazer. Dormir, comer e voltar a dormir, e às vezes conversar um pouco… mas não demais, e só em murmúrios, por uma questão de segurança. Osha teria gostado mais se não falassem, mas não havia maneira de aquietar Rickon ou de impedir Hodor de murmurar incansavelmente "Hodor, hodor, hodor" para si mesmo.

– Osha – Bran voltou a falar. – Vi Winterfell ardendo – à esquerda, ouvia o tênue som da respiração de Rickon.

– Um sonho – Osha respondeu.

– Um sonho de lobo. Também o *cheirei*. Nada cheira como o fogo, ou o sangue.

– O sangue de quem?

– De homens, cavalos, cães, todo mundo. Temos de ir *ver*.

– Esta minha pele magricela aqui é a única que tenho – Osha retrucou. – Se aquele príncipe das lulas me apanha, arrancam-na de minhas costas com um chicote.

A mão de Meera encontrou a de Bran na escuridão e apertou seus dedos.

– Eu vou, se tiver medo.

Bran ouviu dedos apalpando couro, seguido de som de aço batendo em pederneira. E mais uma vez. Voou uma fagulha, pegou.

Osha soprou suavemente. Uma longa chama pálida despertou, esticando-se como uma menina nas pontas dos pés. O rosto de Osha flutuou por cima dela. Tocou a chama com a ponta de um archote. Bran teve de semicerrar os olhos quando o piche começou a arder, enchendo o mundo com um clarão laranja. A luz acordou Rickon, que se sentou, bocejando.

Quando as sombras se moveram, pareceu por um instante que os mortos também estavam se levantando. Lyanna e Brandon, Lorde Rickard Stark, seu pai, Lorde Edwyle, pai deste, Lor-de Willam e o irmão Artos, o Implacável, Lorde Donnor, Lorde Beron e Lorde Rodwell, Lorde Jonnel, com um olho só, Lorde Barth, Lorde Brandon e Lorde Cregan, que tinha lutado contra o Cavaleiro do Dragão. Sentavam-se em cadeirões de pedra com lobos de pedra aos pés. Era para lá que iam quando o calor se escoava de seu corpo; aquele era o escuro salão dos mortos, onde os vivos temiam entrar.

E, junto à abertura da tumba vazia que esperava por Lorde Eddard Stark, sob seu majestoso retrato de granito, os seis fugitivos aninhavam-se em volta de seu pequeno montinho de pão, água e carne-seca.

– Agora pouco resta – resmungou Osha enquanto olhava pestanejando as reservas do grupo. – Seja como for, não tarda que tenha de subir, senão ficamos reduzidos a comer o Hodor.

– Hodor – disse Hodor, sorrindo para ela.

– É dia ou noite lá em cima? – Osha quis saber. – Perdi a conta dessas coisas.

– É dia – disse-lhe Bran –, mas está escuro por causa de toda aquela fumaça.

– O senhor tem certeza?

Sem mover seu corpo aleijado, projetou-se mesmo assim, e por um instante viu duas imagens. Ali estava Osha, segurando o archote, e Meera, Jojen e Hodor, e a dupla fileira de grandes pilares de granito e senhores havia muito mortos atrás deles, que se prolongavam pela escuridão adentro… Mas também lá estava Winterfell, cinza da fumaça que pairava no ar, com os enormes portões de carvalho e ferro calcinados e torcidos, a ponte levadiça caída num novelo de correntes quebradas e pranchas de madeira desaparecidas. Cadáveres boiavam no fosso, ilhas para os corvos.

– Com certeza – ele declarou.

Osha pensou no assunto por um momento.

– Então vou arriscar uma olhadela. Quero todos logo atrás de mim. Meera, traga o cesto de Bran.

– Vamos para casa? – Rickon perguntou em voz excitada. – Quero o meu cavalo. E quero bolos de maçã, manteiga e mel, e o Felpudo. Vamos para onde está o Felpudo?

– Sim – Bran prometeu –, mas tem de ficar quieto.

Meera atou o cesto de vime às costas de Hodor e ajudou a pôr Bran lá dentro, enfiando as pernas inúteis nos buracos. Sentia um estranho frio na barriga. Sabia o que os esperava lá em cima, mas isso não fazia o medo desaparecer. Ao partirem, Bran virou-se para dar um último olhar ao pai, e pareceu-lhe que havia uma tristeza nos olhos de Lorde Eddard, como se não quisesse que eles partissem. *Temos de partir*, pensou. *Já é tempo*.

Osha levava sua longa lança de carvalho numa mão e o archote na outra. Uma espada nua pendia de suas costas, uma das últimas a ostentar a marca de Mikken. Forjara-a para a sepultura do Lorde Eddard, para deixar seu fantasma em descanso. Mas com Mikken morto e os homens de ferro de guarda no arsenal, era difícil resistir a bom aço, mesmo se implicasse assaltar uma tumba. Meera tinha ficado com a lâmina de Lorde Rickard, apesar de se queixar de seu peso. Bran ficou com a do seu homônimo, a espada feita para o tio que nunca conhecera. Sabia que não seria muito útil numa luta, mas mesmo assim sentia-se bem com a arma na mão.

Mas era só um jogo, e Bran bem o sabia.

Seus passos ecoaram pelas cavernosas criptas. As sombras atrás deles engoliram o pai, enquanto as que estavam à frente se retiravam para revelar outras estátuas; aqueles já não eram lordes, mas sim os antigos Reis do Norte. Na testa, ostentavam coroas de pedra. Torrhen Stark, o Rei que Ajoelhou; Edwyn, o Rei da Primavera; Theon Stark, o Lobo Faminto; Brandon, o Incendiário; e Brandon, o Construtor Naval. Jorah e Jonos; Brandon, o Mau; Walton, o Rei da Lua; Edderion, o Noivo; Eyron; Benjen, o Doce; e Benjen, o Amargo; Rei Edrick Barba de Neve. Seus rostos eram severos e fortes, e alguns deles tinham feito coisas terríveis, mas todos eram Stark, e Bran conhecia todas as suas histórias. Nunca temera as criptas; eram parte do seu lar e de quem era, e sempre soube que um dia também jazeria ali.

Mas agora não tinha tanta certeza. *Se subir, será que algum dia voltarei a descer? Para onde irei quando morrer?*

– Esperem – Osha os alertou, quando chegaram à escada espiral feita em pedra, que subia até a superfície e descia para os níveis inferiores, onde reis ainda mais antigos se sentavam em seus tronos escuros. Ela entregou o archote a Meera. – Eu subo tateando – durante algum tempo ouviram o som de seus passos, que foram se tornando cada vez menos audíveis, até desaparecerem por completo.

– Hodor – o gigante disse nervosamente.

Bran tinha dito a si mesmo uma centena de vezes como detestava esconder-se lá embaixo, no escuro, como queria voltar a ver o sol, atravessar a cavalo o vento e a chuva. Mas agora que o momento se aproximava, tinha medo. Sentira-se seguro na escuridão; quando

sequer se conseguia encontrar a própria mão na frente do rosto, era fácil acreditar que nenhum inimigo seria alguma vez capaz de encontrá-los. E os senhores de pedra tinham lhe dado coragem. Mesmo quando não podia vê-los, sabia que estavam ali.

Pareceu demorar muito tempo até voltarem a ouvir alguma coisa. Bran começava a temer que algo tivesse acontecido a Osha. O irmão não parava quieto.

– Quero ir para *casa*! – Rickon disse em voz alta. Hodor inclinou a cabeça e disse:

– Hodor – e então ouviram de novo o som de passos, aumentando de volume, e alguns minutos depois Osha emergiu para a luz, com uma expressão sombria.

– Alguma coisa está bloqueando a porta. Não consigo movê-la.

– Hodor consegue mover qualquer coisa – Bran lembrou.

Osha deu ao enorme cavalariço um olhar avaliador:

– Talvez consiga. Então venham daí.

Os degraus eram estreitos, e tinham de subir em fila única. Osha ia à frente. Atrás vinha Hodor, com Bran bem agachado às suas costas, para não bater a cabeça no teto. Meera seguia-os com o archote, e Jojen fechava a retaguarda, levando Rickon pela mão. Subiram, dando voltas e mais voltas. Bran achou que agora conseguia cheirar a fumaça, mas talvez fosse apenas o archote.

A porta das criptas era feita de pau-ferro. Era velha e pesada, e fazia certo ângulo com o chão. Só uma pessoa tinha acesso a ela de cada vez. Osha tentou uma vez mais ao chegar lá, mas Bran viu que a porta não se movia.

– Deixe Hodor tentar.

Tiveram primeiro de tirar Bran do cesto, para não ser esmagado. Meera agachou-se ao seu lado nos degraus, com um braço protetor sobre seus ombros, enquanto Osha e Hodor trocavam de lugar.

– Abra a porta, Hodor – Bran pediu.

O enorme cavalariço pôs ambas as mãos na porta, empurrou e soltou um grunhido.

– Hodor? – deu um murro na madeira, ela nem sequer balançou. – Hodor.

– Use as costas – Bran sugeriu. – E as pernas.

Virando-se, Hodor posicionou as costas na madeira e empurrou. De novo. De novo.

– Hodor! – o gigante encostou um pé em um degrau mais elevado para ficar dobrado sob a inclinação da porta e tentou erguer-se. Daquela vez a madeira gemeu e estalou. – *Hodor!* – o outro pé subiu um degrau, e Hodor abriu as pernas, firmou-se bem, e endireitou-se. Ficou com o rosto vermelho, e Bran viu os tendões de seu pescoço retesando-se enquanto ele fazia força contra o peso que tinha em

cima. – *Hodor hodor hodor hodor hodor HODOR!* – de cima veio um estrondo surdo. E então, subitamente, a porta saltou e uma réstia de luz do dia caiu sobre o rosto de Bran, cegando-o por um momento. Outro empurrão trouxe o som de pedra movendo-se, e então o caminho ficou aberto. Osha empurrou a lança através da porta e deslizou para fora atrás dela, e Rickon esgueirou-se por entre as pernas de Meera para segui-la. Hodor abriu completamente a porta e saiu para a superfície. Os Reed tiveram de carregar Bran nos últimos degraus.

O céu apresentava-se cinza-claro, e fumaça redemoinhava por todo lado. Estavam à sombra da Primeira Fortaleza, ou do que dela restava. Um dos lados do edifício tinha se desligado do resto e ruíra. Pedras e gárgulas estilhaçadas estavam espalhadas pelo pátio. *Caíram bem onde eu caí*, Bran pensou quando as viu. Algumas das gárgulas tinham se quebrado em tantos pedaços que perguntou a si mesmo como teria sobrevivido. Ali perto, um punhado de corvos bicava um cadáver esmagado sob as pedras caídas, mas o homem jazia de barriga para baixo, e Bran não conseguiu identificá-lo.

A Primeira Fortaleza não era usada havia muitas centenas de anos, mas agora era uma casca mais vazia do que nunca. Os pisos tinham ardido no interior, bem como todas as vigas. Onde a parede caíra, era possível ver o interior de todos os quartos, e até a latrina. Mas, por trás, a torre quebrada ainda se erguia, tão queimada como antes. Jojen Reed tossiu por causa da fumaça.

– Leve-me para casa! – Rickon insistiu. – Eu quero ir para *casa*! – Hodor descreveu um círculo, batendo com os pés no chão.

– Hodor – lamuriou-se em voz baixa. Os seis juntavam-se uns aos outros, com ruína e morte por toda volta.

– Fizemos barulho suficiente para acordar um dragão – Osha disse –, mas ninguém veio. O castelo está morto e queimado, bem como Bran sonhou, mas era melhor… – interrompeu-se de súbito ao ouvir um som atrás deles, e girou sobre si mesma, com a lança preparada.

Duas esguias formas escuras emergiram por detrás da torre quebrada, caminhando lentamente através dos detritos. Rickon soltou um grito feliz de "*Felpudo!*", e o gigante lobo negro aproximou-se dele aos saltos. Verão avançou mais devagar, esfregou a cabeça no braço de Bran, e lambeu-lhe o rosto.

– Devíamos partir – Jojen os interrompeu. – Tanta morte atrairá outros lobos, além de Verão e Cão Felpudo, e nem todos terão quatro patas.

– Sim, e depressa – Osha concordou. – Mas precisamos de comida, e alguém pode ter sobrevivido a isto. Fiquem juntos. Meera, continue com o escudo levantado e guarde nossas costas.

Levaram o resto da manhã fazendo um lento circuito pelo castelo.

As grandes muralhas de granito resistiam, enegrecidas aqui e ali pelo fogo, mas, fora isso, intocadas. Dentro delas tudo era morte e destruição. As portas do Grande Salão estavam carbonizadas e em brasa, e, lá dentro, as traves tinham cedido e o teto inteiro despedaçara-se no chão. As vidraças verdes e amarelas dos jardins de vidro estavam em cacos, com árvores, frutos e flores arrancados ou deixados expostos para morrer. Dos estábulos, feitos de madeira e sapé, nada restava além de cinzas, brasas e cavalos mortos. Bran pensou em sua Dançarina e teve vontade de chorar. Havia um lago fumegante e raso sob a Torre da Biblioteca, e água quente jorrava de uma rachadura numa das paredes. A ponte entre a Torre Sineira e a colônia de corvos tinha ruído sobre o pátio, embaixo, e o torreão do Meistre Luwin desaparecera. Viram um clarão vermelho brilhar através das estreitas janelas do porão sob a Grande Fortaleza, e um segundo incêndio ainda ardendo num dos armazéns.

À medida que avançavam, Osha foi chamando em voz baixa através da fumaça que era soprada pelo vento, mas ninguém respondeu. Viram um cão atacando um cadáver, mas o animal fugiu quando sentiu o cheiro dos lobos gigantes; os outros cães tinham sido mortos nos canis. Os corvos do meistre mostravam-se atenciosos para com alguns dos cadáveres, enquanto os da torre quebrada tratavam de outros. Bran reconheceu Poxy Tym, apesar de alguém ter cortado seu rosto com uma machadada. Um cadáver carbonizado, caído à porta do esqueleto em cinzas do septo da mãe, estava sentado com os braços erguidos e as mãos cerradas em punhos duros e negros, como se pretendesse esmurrar quem quer que se atrevesse a se aproximar dele.

– Se os deuses forem bons – disse Osha numa voz baixa e zangada –, os Outros vão levar quem fez este trabalho.

– Foi Theon – Bran falou num tom escuro.

– Não. Veja – a selvagem apontou com a lança para o outro lado do pátio. – Aquele é um de seus homens de ferro. E ali está outro. E aquele é o cavalo de guerra do Greyjoy, está vendo? O preto com as flechas espetadas nele – avançou por entre os mortos, franzindo o cenho. – E ali está Lorren Negro – tinha sido golpeado de tal maneira que a barba parecia agora ter uma cor marrom-avermelhada. – Levou uns tantos com ele – Com o pé, Osha virou um dos outros cadáveres. – Aqui está um símbolo. Um homenzinho, todo encarnado.

– O homem esfolado do Forte do Pavor – Bran confirmou.

Verão uivou e afastou-se correndo.

– O bosque sagrado – Meera Reed correu atrás do lobo gigante, com o escudo e o tridente na mão. Os outros seguiram-na, abrindo caminho por entre fumaça e pedras caídas. O ar estava mais limpo sob as árvores. Alguns pinheiros nos limites do bosque tinham ficado chamuscados, mas, mais para o interior, o solo úmido e a madeira

verde tinham derrotado as chamas.

– Há poder num bosque vivo – Jojen Reed disse, quase como se soubesse o que Bran estava pensando –, um poder tão forte quanto o fogo.

Na margem da lagoa negra, sob o abrigo da árvore-coração, Meistre Luwin jazia de bruços na terra. Um rastro de sangue serpenteava pelas folhas úmidas sobre as quais se arrastara. Verão encontrava-se a seu lado, e, a princípio, Bran pensou que o meistre estava morto, mas quando Meera lhe tocou na garganta, ele gemeu.

– Hodor? – disse Hodor em tom fúnebre. – Hodor?

Com delicadeza, viraram Luwin de costas. Tinha olhos e cabelos cinzentos, e um dia suas vestes também tinham sido cinzentas, mas agora estavam mais escuras onde o sangue as ensopara.

– Bran – ele disse em voz baixa quando o viu sentado bem alto nas costas de Hodor. – E Rickon também – sorriu. – Os deuses são bons. Eu sabia…

– Sabia? – Bran perguntou, com voz incerta.

– As pernas, conseguia-se ver… a roupa servia-lhe, mas os músculos nas pernas… pobre moço… – tossiu, e sangue veio de seu interior. – Desapareceram… na floresta… mas como?

– Não chegamos a ir – Bran respondeu. – Bem, fomos só até o limite da floresta, e depois voltamos. Mandei os lobos em frente para deixar um rastro, mas nos escondemos na sepultura do meu pai.

– As criptas – Luwin soltou um risinho, com uma espuma ensanguentada nos lábios. Quando o meistre tentou se mover, soltou um vivo arquejo de dor.

Lágrimas encheram os olhos de Bran. Quando um homem estava ferido, era levado a um meistre, mas o que se podia fazer quando era o meistre quem estava ferido?

– Vamos ter de fazer uma liteira para levá-lo – Osha disse.

– Não vale a pena – Luwin respondeu. – Estou morrendo, mulher.

– Não *pode* – Rickon quase gritou, zangado. – Não, não pode – ao seu lado, Cão Felpudo mostrou os dentes e rosnou.

O meistre sorriu.

– Caladinho, filho, eu sou muito mais velho do que você. Posso… morrer se quiser.

– Hodor, para baixo – Bran pediu. Hodor se ajoelhou ao lado do meistre.

– Escute – Luwin se dirigiu a Osha –, os príncipes… herdeiros de Robb. Não… juntos, não… está ouvindo?

A selvagem apoiou-se na lança.

– Sim. É mais seguro separados. Mas levá-los para onde? Tinha pensado que talvez aqueles Cerwyn…

Meistre Luwin balançou a cabeça, embora fosse fácil ver que o

esforço lhe era penoso.

– O rapaz Cerwyn está morto. Sor Rodrik, Leobald Tallhart, a Senhora Hornwood… todos mortos. Bosque Profundo caiu, Fosso Cailin, em breve a Praça de Torrhen. Homens de ferro na Costa Pedregosa. E a leste o Bastardo de Bolton.

– Então, para onde? – Osha perguntou.

– Porto Branco… os Umber… não sei… guerra por todo lado… cada homem contra o vizinho, e o Inverno chegando… que loucura, que negra loucura… – Meistre Luwin ergueu uma mão e agarrou o braço de Bran, fechando os dedos com uma força desesperada. – Tem de ser forte agora. *Forte.*

– Serei – Bran prometeu, embora fosse difícil. *Sor Rodrik morto, e também Meistre Luwin, todos, todos…*

– Ótimo – o meistre respondeu. – Um bom rapaz. O filho… o filho do seu pai, Bran. Agora *vá.*

Osha fitou o represeiro, a face vermelha esculpida no tronco branco.

– E deixá-lo para os deuses?

– Peço… – o meistre engoliu em seco, arfando. – … um… um pouco de água, e… outro favor. Se pudesse…

– Sim – ela se virou para Meera. – Leve os garotos.

Jojen e Meera levaram Rickon entre os dois. Hodor os seguiu. Ramos baixos chicoteavam o rosto de Bran enquanto avançavam por entre as árvores, e as folhas limpavam as lágrimas. Osha juntou-se a eles no pátio alguns momentos mais tarde. Não disse uma palavra sobre Meistre Luwin.

– Hodor tem de ficar com Bran, para ser as suas pernas – disse a selvagem com vivacidade. – Eu levo Rickon comigo.

– Nós vamos com Bran – Jojen Reed falou.

– Bem, achei que fossem – Osha respondeu. – Acho que vou experimentar o Portão Leste e seguir a estrada do rei a maior parte do tempo.

– Nós vamos pelo Portão do Caçador – Meera avisou.

– Hodor – Hodor concordou.

Pararam primeiro nas cozinhas. Osha encontrou alguns pães queimados que ainda podiam ser comidos, e até um frango assado frio, que partiu ao meio. Meera desenterrou um jarro de mel e uma grande saca de maçãs. Já na parte de fora, despediram-se. Rickon começou a soluçar e agarrou-se à perna de Hodor, até que Osha lhe deu uma pancada com a extremidade romba da lança. Ele, então, seguiu-a com bastante rapidez. Cão Felpudo foi atrás deles. A última coisa que Bran viu dos três foi a cauda do lobo gigante que desaparecia atrás da torre quebrada.

A porta levadiça de ferro, que fechava o Portão do Caçador, fora

torcida pelo fogo de tal modo que não podia ser elevada mais do que trinta centímetros. Tiveram de se espremer por baixo dos espigões, um por um.

– Vamos encontrar o senhor seu pai? – Bran perguntou enquanto atravessavam a ponte levadiça entre as muralhas – Para a Atalaia da Água Cinzenta?

Meera olhou para o irmão em busca de uma resposta.

– Nosso caminho é para o norte – Jojen respondeu.

No limite da mata de lobos, Bran virou-se no cesto para um último vislumbre do castelo que tinha sido sua vida. Farrapos de fumaça ainda se erguiam para o céu cinzento, mas não mais do que poderia ter saído das chaminés de Winterfell numa tarde fria de Outono. Manchas de fuligem marcavam alguns dos lançadores de flechas, e aqui e ali via-se uma fenda ou um merlão faltando na muralha exterior, mas parecia muito pouco aquela distância. Para lá da muralha, os topos das fortalezas e torres ainda se erguiam como tinham se erguido ao longo de centenas de anos, e era difícil reconhecer que o castelo tivesse sido saqueado, queimado e tudo o mais. *A pedra é forte*, disse Bran a si mesmo, *as raízes das árvores são profundas, e debaixo do solo os Reis do Inverno ocupam seus tronos*. Desde que essas coisas permanecessem, Winterfell permaneceria. Não estava morto, apenas quebrado. *Como eu*, pensou. *Também não estou morto*.

Apêndice

Os reis e suas cortes

O Rei no Trono de Ferro

JOFFREY BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome, um rapaz de treze anos, filho mais velho do Rei Robert I Baratheon e da Rainha Cersei, da Casa Lannister,

– sua mãe, RAINHA CERSEI, Rainha Regente e Protetora do Reino,

– sua irmã, PRINCESA MYRCELLA, uma menina de nove anos,

– seu irmão, PRÍNCIPE TOMMEN, um garoto de oito anos, herdeiro do Trono de Ferro,

– seus tios paternos:

– STANNIS BARATHEON, Senhor de Pedra do Dragão, autoproclamado Rei Stannis Primeiro,

– {RENLY BARATHEON}, Senhor de Ponta Tempestade, autoproclamado Rei Renly Primeiro,

– seus tios maternos:

– SOR JAIME LANNISTER, chamado REGICIDA, Senhor Comandante da Guarda Real, cativo em Correrrio,

– TYRION LANNISTER, chamado DUENDE, Mão do Rei interino,

– o escudeiro de Tyrion, PODRICK PAYNE,

– os guardas e espadas ao serviço de Tyrion:

– BRONN, um mercenário, de cabelos e coração negros,

– SHAGGA, FILHO DE DOLF, dos Corvos de Pedra,

– TIMETT, FILHO DE TIMETT, dos Homens Queimados,

– CHELLA, FILHA DE CHEYK, dos Orelhas Negras,

– CRAWN, FILHO DE CALOR, dos Irmãos da Lua,

– a concubina de Tyrion, SHAE, uma seguidora de acampamentos de dezoito anos,

– seu pequeno conselho:

– GRANDE MEISTRE PYCELLE,

– LORDE PETYR BAELISH, chamado MINDINHO, mestre da moeda,

– LORDE JANOS SLYNT, comandante da Patrulha da Cidade de

Porto Real (os “homens de manto dourado”),
– VARYS, um eunuco, chamado ARANHA, mestre dos segredos,
– sua Guarda Real:
– SOR JAIME LANNISTER, chamado REGICIDA, Senhor Comandante, cativo em Correrrio,
– SANDOR CLEGANE, chamado CÃO DE CAÇA,
– SOR BOROS BLOUNT,
– SOR MERYN TRANT,
– SOR ARYS OAKHEART,
– SOR PRESTON GREENFIELD,
– SOR MANDON MOORE,
– sua corte e servidores:
– SOR ILYN PAYNE, o Magistrado do Rei, um carrasco,
– VYLARR, capitão dos guardas Lannister em Porto Real (os “homens de manto ver-
– melho”),
– SOR LANCEL LANNISTER, ex-escudeiro do Rei Robert, recentemente armado cavaleiro,
– TYREK LANNISTER, ex-escudeiro do Rei Robert,
– SOR ARON SANTAGAR, mestre de armas,
– SOR BALON SWANN, segundo filho do Lorde Guilan Swann de Pedrelmo,
– SENHORA ERMESANDE HAYFORD, um bebê de peito,
– SOR DONTOS HOLLARD, chamado o VERMELHO, um bêbado,
– JALABHAR XHO, um príncipe exilado das Ilhas do Verão,
– RAPAZ LUA, um bobo,
– SENHORA TANDA STOKEWORTH,
– PALYSE, sua filha mais velha,
– LOLLYS, sua filha mais nova, uma donzela de trinta e três anos,
– LORDE GYLES ROSBY,
– SOR HORAS REDWYNE e seu irmão gêmeo, SOR HOBBER REDWYNE, filhos do Senho da Árvore, o povo de Porto Real:
– a Patrulha da Cidade (os “homens de manto dourado”):
– JANOS SLYNT, Senhor de Harrenhal, Senhor Comandante,
– MORROS, seu filho mais velho e herdeiro,
– ALLAR DEEM, sargento-chefe de Slynt,
– SOR JACELYN BYWATER, chamado MÃO DE FERRO, capitão do Portão do Rio,
– HALLYNE, O PIROMANTE, um sábio da Guilda dos Alquimistas,
– CHATAYA, dona de um bordel de luxo,
– ALAYAYA, DANCY, MAREI, algumas de suas moças,
– TOBHO MOTT, mestre armeiro,
– SALLOREON, mestre armeiro,
– PANÇA DE FERRO, ferreiro,

– LOTHAR BRUNE, cavaleiro livre,

– SOR OSMUND KETTLEBLACK, cavaleiro menor de má reputação,

– OSFRYD e OSNEY KETTLEBLACK, seus irmãos,

– SYMON LÍNGUA DE PRATA, cantor.

A bandeira do Rei Joffrey ostenta o veado coroado dos Baratheon, negro sobre dourado, e o leão dos Lannister, dourado sobre carmesim, combatente.

O Rei no Mar Estreito

STANNIS BARATHEON, o Primeiro de Seu Nome, o mais velho dos irmãos do {Rei Robert}, anteriormente Senhor de Pedra do Dragão, segundo filho do Lorde Steffon Baratheon e da Senhora Cassana da Casa Estermont,

– sua esposa, SENHORA SELYSE, da Casa Florent,

– SHIREEN, sua única filha, uma menina de dez anos,

– seu tio e primos:

– SOR LOMAS ESTERMONT, tio,

– seu filho, SOR ANDREW ESTERMONT, primo,

– sua corte e servidores:

– MEISTRE CRESSEN, curandeiro e tutor, um velho,

– MEISTRE PYLOS, seu jovem sucessor,

– SEPTÃO BARRE,

– SOR AXELL FLORENT, castelão de Pedra do Dragão e tio da Rainha Selyse,

– CARA-MALHADA, um bobo louco,

– SENHORA MELISANDRE DE ASSHAI, chamada a MULHER VERMELHA, sacerdotisa de R'hllor, o Coração de Fogo,

– SOR DAVOS SEAWORTH, chamado o CAVALEIRO DAS CEBOLAS e às vezes MÃO-CURTA, antigo contrabandista, capitão do *Betha Negra*,

– sua esposa MARYA, filha de um carpinteiro,

– seus sete filhos:

– DALE, capitão do *Espectro*,

– ALLARD, capitão do *Senhora Marya*,

– MATTHOS, imediato do *Betha Negra*,
– MARIC, mestre dos remadores do *Fúria*,
– DEVAN, escudeiro do Rei Stannis,
– STANNIS, um garoto de nove anos,
– STEFFON, um garoto de seis anos,
– BRYEN FARRING, escudeiro do Rei Stannis,
– os senhores seus vassalos e espadas juramentadas,
– ARDRIAN CELTIGAR, Senhor da Ilha da Garra, um velho,
– MONFORD VELARYON, Senhor das Marés e Mestre de Derivamarca,
– DURAM BAR EMMON, Senhor de Ponta Afiada, um rapaz de catorze anos,
– GUNCER SUNGLASS, Senhor do Canal de Portodoce,
– SOR HUBARD RAMBTON,
– SALLADHOR SAAN, da Cidade Livre de Lys, chamado PRÍNCIPE DO MAR ESTREITO,
– MOROSH DE MYR, um almirante mercenário.

Rei Stannis escolheu como símbolo o coração em chamas do Senhor da Luz, um coração vermelho rodeado por chamas cor de laranja sobre um fundo amarelo-vivo. No interior do coração encontra-se retratado o veado coroado da Casa Baratheon, de negro.

O Rei em Jardim de Cima

{RENLY BARATHEON}, o Primeiro de Seu Nome, o mais novo dos irmãos do Rei Robert, anteriormente Senhor de Ponta Tempestade, terceiro filho de Lorde Steffon Baratheon e da Senhora Cassana, da Casa Estermont,
– sua nova noiva, SENHORA MARGAERY, da Casa Tyrell, uma donzela de quinze anos,
– seu tio e primos:
– SOR ELDON ESTERMONT, tio
– o filho de Sor Eldon, SOR AEMON ESTERMONT, um primo,
– o filho de Sor Aemon, SOR ALYN ESTERMONT,
– os senhores seus vassalos:
– MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima e Mão do Rei,
– RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre,

– MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,
– BRYCE CARON, Senhor da Marca,
– SHYRA ERROL, Senhora de Solar de Montefeno,
– ARWYN OAKHEART, Senhor da Fortaleza de Águas Claras,
– LORDE SELWYN DE TARTH, chamado estrela da tarde,
– LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto,
– LORDE STEFFON VARNER,
– sua Guarda Arco-Íris:
– SOR LORAS TYRELL, o Cavaleiro das Flores, Senhor Comandante,
– LORDE BRYCE CARON, o Laranja,
– SOR GUYARD MORRIGEN, o Verde,
– SOR PARMEN CRANE, o Roxo,
– SOR ROBAR ROYCE, o Vermelho,
– SOR EMMON CUY, o Amarelo,
– BRIENNE DE TARTH, a Azul, também chamada BRIENNE, A BELEZA, filha de Lorde Selwyn, a Estrela da Tarde,
– seus cavaleiros e espadas juramentadas:
– SOR CORTNAY PENROSE, castelão de Ponta Tempestade,
– o protegido de Sor Cortnay, EDRIC STORM, um filho bastardo do Rei Robert e da Senhora Delena, da Casa Florent,
– SOR DONNEL SWANN, herdeiro de Pedrelmo,
– SOR JON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã verde,
– SOR BRYAN FOSSOWAY, SOR TANTON FOSSOWAY e SOR EDWYD FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã vermelha,
– SOR COLEN DE LAGOAS VERDES,
– SOR MARK MULLENDORE,
– RONNET VERMELHO, o Cavaleiro de Poleiro do Grifo,
– o pessoal de sua casa,
– MEISTRE JURNE, conselheiro, curandeiro e tutor.

A bandeira do Rei Renly é o veado coroado da Casa Baratheon de Ponta Tempestade, negro sobre fundo dourado, a mesma usada pelo irmão, o Rei Robert.

O Rei no Norte

ROBB STARK, Senhor de Winterfell e Rei no Norte, filho mais

velho de {Ned Stark}, Senhor de Winterfell, e da Senhora Catelyn, da Casa Tully, um rapaz de quinze anos,

– seu lobo gigante, VENTO CINZENTO,

– sua mãe, SENHORA CATELYN, da Casa Tully,

– seus irmãos:

– PRINCESA SANSA, uma donzela de doze anos,

– a loba gigante de Sansa {LADY}, morta no Castelo de Darry,

– PRINCESA ARYA, uma menina de dez anos,

– a loba gigante de Arya, NYMERIA, afastada um ano antes,

– PRÍNCIPE BRANDON, chamado Bran, herdeiro de Winterfell e do Norte, um garoto de oito anos,

– o lobo gigante de Bran, VERÃO,

– PRÍNCIPE RICKON, um garoto de quatro anos,

– o lobo gigante de Rickon, CÃO FELPUDO,

– seu meio-irmão, JON SNOW, um bastardo de quinze anos, membro da Patrulha da Noite,

– o lobo gigante de Jon, FANTASMA,

– seus tios e tias:

– {BRANDON STARK}, o irmão mais velho de Lorde Eddard, assassinado por ordem de Aerys II Targaryen,

– BENJEN STARK, o irmão mais novo de Lorde Eddard, um homem da Patrulha da Noite, perdido para lá da Muralha,

– LYSA ARRYN, a irmã mais nova da Senhora Catelyn, viúva de {Lorde Jon Arryn},

– senhora do Ninho da Águia,

– SOR EDMURE TULLY, irmão mais novo da Senhora Catelyn, herdeiro de Correrrio,

– SOR BRYNDEN TULLY, chamado PEIXE NEGRO, tio da Senhora Catelyn,

– as espadas a ele juramentadas e os companheiros de batalha:

– THEON GREYJOY, protegido de Lorde Eddard, herdeiro de Pyke e das Ilhas de Ferro,

– HALLIS MOLLEN, capitão dos guardas de Winterfell,

– JACKS, QUENT, SHADD, guardas sob o comando de Mollen,

– PATREK MALLISTER, herdeiro de Guardamar,

– DACEY MORMONT, filha mais velha da Senhora Maege e herdeira da Ilha dos Ursos,

– JON UMBER, chamado PEQUENO-JON,

– ROBIN FLINT, SOR PERWYN FREY, LUCAS BLACKWOOD

– seu escudeiro, OLYVAR FREY, de dezoito anos,

– seu pessoal em Correrrio:

– MEISTRE VYMAN, conselheiro, curandeiro e tutor,

– SOR DESMOND GRELL, mestre de armas,

– SOR ROBIN RYGER, capitão da guarda,

– UTHERYDES WAYN, intendente de Correrrio,
– RYMUND, O RIMADOR, cantor,
– seu pessoal em Winterfell:
– MEISTRE LUWIN, conselheiro, curandeiro e tutor,
– SOR RODRIK CASSEL, mestre de armas,
– BETH, sua jovem filha,
– WALDER FREY, chamado GRANDE WALDER, protegido da Senhora Catelyn, com oito anos,
– WALDER FREY, chamado PEQUENO WALDER, protegido da Senhora Catelyn, também com oito anos,
– SEPTÃO CHAYLE, guardião do septo e da biblioteca do castelo,
– JOSETH, mestre dos cavalos,
– BANDY e SHYRA, suas filhas gêmeas,
– FARLEN, mestre do canil,
– PALLA, aprendiz do canil,
– VELHA AMA, contadora de histórias, antiga ama de leite,
– HODOR, seu bisneto, um cavalariço simplório,
– GAGE, o cozinheiro,
– NABO, uma latrineira e ajudante de cozinha,
– OSHA, uma selvagem, aprisionada no bosque de lobos, trabalhando como servente de cozinha,
– MIKKEN, ferreiro e armeiro,
– HAYHEAD, SKITTRICK, POXY TYM e ALEBELLY, guardas,
– CALON, TOM, filhos de guardas,
– os senhores seus vassalos e comandantes:
(com Robb em Correrrio)
– JON UMBER, chamado o GRANDE-JON,
– RICKARD KARSTARK, Senhor de Karhold,
– GALBART GLOVER, de Bosque Profundo,
– MAEGE MORMONT, Senhora da Ilha dos Ursos,
– SOR STEVRON FREY, filho mais velho do Lorde Walder Frey e herdeiro das Gêmeas,
– o filho mais velho de Sor Stevron, SOR RYMAN FREY,
– o filho de Sor Ryman, WALDER NEGRO FREY,
– MARTYN RIVERS, filho bastardo de Lorde Walder Frey,
(com a tropa de Roose Bolton, nas Gêmeas)
– ROOSE BOLTON, Senhor do Forte do Pavor, comandando a maior parte da tropa do Norte,
– ROBETT GLOVER, de Bosque Profundo,
– WALDER FREY, Senhor da Travessia,
– SOR HELMAN TALLHART, de Praça de Torrhen,
– SOR AENYS FREY,
(prisioneiros de Lorde Tywin Lannister)
– LORDE MEDGER CERWYN,

– HARRION KARSTARK, único filho sobrevivente de Lorde Rickard,

– SOR WYLIS MANDERLY, herdeiro de Porto Branco,

– SOR JARED FREY, SOR HOSTEEN FREY, SOR DANWELL FREY e seu meio-irmão bastardo, RONEL RIVERS,

(em campo, ou em seus castelos)

– LYMAN DARRY, um garoto de oito anos,

– SHELLA WHENT, Senhora de Harrenhal, despojada de seu castelo por Lorde Tywin Lannister,

– JASON MALLISTER, Senhor de Guardamar,

– JONOS BRACKEN, Senhor de Barreira de Pedra,

– TYTOS BLACKWOOD, Senhor de Corvarbor

– SOR KARYL VANCE,

– SOR MARQ PIPER,

– SOR HALMON PAEGE,

- os senhores seus vassalos e castelões no norte:

– WYMAN MANDERLY, Senhor de Porto Branco,

– HOWLAND REED, da Atalaia da Água Cinzenta, um cranogmano,

– a filha de Howland, MEERA, uma donzela de quinze anos,

– o filho de Howland, JOJEN, um rapaz de treze anos,

– SENHORA DONELLA HORNWOOD, uma viúva e mãe de luto,

– CLEY CERWYN, herdeiro de Lorde Medger, um rapaz de catorze anos,

– LEOBALD TALLHART, irmão mais novo de Sor Helman, castelão em Praça de Torrhen,

– a esposa de Leobald, BERENA, da Casa Hornwood,

– o filho de Leobald, BRANDON, um rapaz de catorze anos,

– o filho de Leobald, BEREN, um garoto de dez anos,

– o filho de Sor Helman, BENFRED, herdeiro de Praça de Torrhen,

– a filha de Sor Helman, EDDARA, uma donzela de nove anos,

– SENHORA SYBELLE, esposa de Robett Glover, governando Bosque Profundo em sua ausência,

– o filho de Robett, GAWEN, de três anos, herdeiro do Bosque Profundo,

– a filha de Robett, ERENA, um bebê de um ano,

– LARENCE SNOW, um filho bastardo de Lorde Hornwood, com doze anos, protegido de Galbart Glover,

– MORS CROWFOOD e HOTHER TERROR-DAS-RAMEIRAS, da Casa Umber, tios do Grande-Jon,

– SENHORA LYESSA FLINT, mãe de Robin,

– ONDREW LOCKE, Senhor de Castelovelho, um velho.

A bandeira do Rei no Norte permanece igual à que foi durante milhares de anos: o lobo gigante cinza dos Stark de Winterfell

correndo por um campo branco de gelo.

A Rainha no Outro Lado do Mar

DAENERYS TARGARYEN, chamada Daenerys Filha da Tormenta, a Não Queimada, Mãe de Dragões, *Khaleesi* dos Dothraki e Primeira do Seu Nome, única filha sobrevivente do Rei Aerys II Targaryen e de sua irmã/esposa, a Rainha Rhaella, uma viúva com catorze anos,

– seus dragões recém-nascidos, DROGON, VISERION, RHAEGAL,

– seus irmãos:

– {RHAEGAR}, Príncipe de Pedra do Dragão e herdeiro do Trono de Ferro, morto pelo Rei Robert no Tridente,

– {RHAENYS}, filha de Rhaegar e de Elia de Dorne, assassinada durante o Saque de Porto Real,

– {AEGON}, filho de Rhaegar e de Elia de Dorne, assassinado durante o Saque de Porto Real,

– {VISERYS}, autoproclamado Rei Viserys, o Terceiro do Seu Nome, chamado o REI PEDINTE, morto em Vaes Dothrak pelas mãos de Khal Drogo,

– seu esposo {DROGO}, um *khal* dos dothraki, morto por ferimentos não curados,

– {RHAEGO}, filho natimorto de Daenerys e Khal Drogo, morto no ventre por Mirri Maz Duur,

– sua Guarda Real:

– SOR JORAH MORMONT, um cavaleiro exilado, antes Senhor da Ilha dos Ursos,

– JHOGO, *ko* e companheiro de sangue, o chicote,

– AGGO, *ko* e companheiro de sangue, o arco,

– RAKHARO, *ko* e companheiro de sangue, o *arakh*,

– suas aias:

– IRRI, uma moça dothraki,

– JHIQUI, uma moça dothraki,

– DOREAH, uma escrava lisena, ex-prostituta,
– os três investigadores:
– XARO XHOAN DAXOS, um príncipe mercador de Qarth,
– PYAT PREE, um mago de Qarth,
– QUAITHE, uma umbromante mascarada de Asshai,
– ILLYRIO MOPATIS, um magíster da Cidade Livre de Pentos, que arranjou o casamento de Daenerys com Khal Drogo e conspirou para que Viserys recuperasse o Trono de Ferro.

A bandeira dos Targaryen é a de Aegon, o Conquistador, que conquistou seis dos Sete Reinos, fundou a dinastia e fez o Trono de Ferro com as espadas dos inimigos conquistados: um dragão de três cabeças, vermelho sobre fundo negro.

Outras Casas, grandes e pequenas

Casa Arryn

A Casa Arryn não declarou apoio a nenhum dos pretendentes rivais no início da guerra, e reteve suas forças a fim de proteger o Ninho da Águia e o Vale de Arryn. O selo dos Arryn é a lua e o falcão, em branco, sobre fundo azul-celeste. O lema dos Arryn é: *Tão Alto Como a Honra*.

ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho da Águia, Defensor do Vale, protetor do Leste, um garoto de saúde frágil de oito anos,

– sua mãe, SENHORA LYSA, da Casa Tully, terceira esposa e viúva de {Lorde Jon Arryn}, falecido Mão do Rei, e irmã de Catelyn Stark,

– o pessoal de sua casa:

– MEISTRE COLEMON, conselheiro, curandeiro e tutor,

– SOR MARWYN BELMORE, capitão da guarda,

– MORD, um carcereiro brutal,

– MARILLION, um jovem cantor,

– os senhores seus vassalos, pretendentes e servidores:

– LORDE YOHN ROYCE, chamado BRONZE YOHN,

– o filho mais velho de Yohn, SOR ANDAR,

– o segundo filho de Lorde Yohn, SOR ROBAR, a serviço do Rei Renly, chamado Robar, o Vermelho, da Guarda Arco-Íris,

– o filho mais novo de Lorde Yohn {SOR WAYMAN}, um homem da Patrulha da Noite, perdido para lá da Muralha,

– LORDE NESTOR ROYCE, primo de Lorde Yohn, Supremo Intendente do Vale,

– o filho e herdeiro de Lorde Nestor, SOR ALBAR,

– a filha de Lorde Nestor, MYRANDA,

– MYA STONE, uma moça bastarda ao seu serviço, filha do Rei Robert,

– SOR LYN CORBRAY, pretendente da Senhora Lysa,

– MYCHEL REDFORT, seu escudeiro,

– SENHORA ANYA WAYNWOOD,

– o filho mais velho e herdeiro da Senhora Anya, SOR MORTON, pretendente da Senhora Lysa,

– o segundo filho da Senhora Anya, SOR DONNEL, Cavaleiro do Portão,

– LORDE EON HUNTER, Senhor de Solar de Longarco, um velho, pretendente da Senhora Lysa.

Casa Florent

Os Florent da Fortaleza de Águas Claras são vassalos de Jardim de Cima e seguiram os Tyrell na proclamação do Rei Renly. No entanto, mantiveram também um pé no outro campo, uma vez que a rainha de Stannis é uma Florent, e o tio dela é castelão de Pedra do Dragão. O selo da Casa Florent exibe uma cabeça de raposa rodeada por um círculo de flores.

ALESTER FLORENT, Senhor de Águas Claras,

– sua esposa, SENHORA MELARA, da Casa Crane,

– seus filhos:

– ALEKYNE, herdeiro de Águas Claras,

– MELESSA, casada com Lorde Randyll Tarly,

– RHEA, casada com Lorde Leyton Hightower,

– os irmãos:

– SOR AXELL, castelão em Pedra do Dragão,

– {SOR RYAM}, morto ao cair de um cavalo,

– a filha de Sor Ryam, RAINHA SELYSE, casada com o Rei Stannis,

– o filho mais velho e herdeiro de Sor Ryam, SOR IMRY,

– o segundo filho de Sor Ryam, SOR ERREN,

– SOR COLIN,

– a filha de Sor Colin, DELENA, casada com SOR HOSMAN NORCROSS,

– o filho de Delena, EDRIC STORM, um bastardo do Rei Robert,

– o filho de Delena, ALESTER NORCROSS,

– o filho de Delena, RENLY NORCROSS,

– o filho de Colin, MEISTRE OMER, a serviço em Carvalho Velho,

– o filho de Colin, MERRELL, um escudeiro na Árvore,
– sua irmã, RYLENE, casada com Sor Rycherd Crane.

Casa Frey

Poderosos, ricos e numerosos, os Frey são vassalos da Casa Tully, com as espadas juramentadas a serviço de Correrrio, mas nem sempre foram diligentes em desempenhar seu dever. Quando Robert Baratheon enfrentou Rhaegar Targaryen no Tridente, os Frey só chegaram depois da batalha terminada, e daí em diante Lorde Hoster Tully chamava sempre Lorde Walder de "o Atrasado Lorde Frey". Lorde Frey só concordou em apoiar a causa do Rei no Norte depois de Robb Stark concordar com um noivado, prometendo desposar uma de suas filhas ou netas após o fim da guerra. Lorde Walder conheceu noventa e um dias do seu nome, mas foi recentemente que tomou sua oitava esposa, uma moça setenta anos mais jovem que ele. Diz-se dele que é o único senhor dos Sete Reinos que poderia tirar um exército dos calções.

WALDER FREY, Senhor da Travessia,
– da sua primeira esposa {SENHORA PERRA}, da Casa Royce:
– SOR STEVRON, herdeiro das Gêmeas,
– c. {Corenna Swann, morta de uma doença debilitante},
– o filho mais velho de Stevron, SOR RYMAN,
– o filho de Ryman, EDWYN, casado com Janyce Hunter,
– a filha de Edwyn, WALDA, uma menina de oito anos,
– o filho de Ryman, WALDER, chamado WALDER NEGRO,
– o filho de Ryman, PETYR, chamado PETYR ESPINHA,
– c. Mylenda Caron,
– a filha de Petyr, PERRA, uma menina de cinco anos,
– c. {Jeyne Lydden, morta numa queda de cavalo},
– o filho de Stevron, AEGON, um idiota chamado GUIZO,
– a filha de Stevron {MAEGELLE}, morta após o parto,
– c. Sor Dafyn Vance,
– a filha de Maegelle, MARIANNE, uma donzela,
– o filho de Maegelle, WALDER VANCE, um escudeiro,

– o filho de Maegelle, PATREK VANCE,
– c. {Marsella Waynwood}, morta após o parto
– o filho de Stevron, WALTON, com Deana Hardyng,
– o filho de Walton, STEFFON, chamado O DOCE,
– a filha de Walton, WALDA, chamada BELA WALDA,
– o filho de Walton, BRYAN, um escudeiro,
– SOR EMMON, c. Genna, da Casa Lannister,
– o filho de Emmon, SOR CLEOS, c. Jeyne Darry,
– o filho de Cleos, TYWIN, um escudeiro de onze anos,
– o filho de Cleos, WILLEM, um pajem em Cinzamarca,
– o filho de Emmon, SOR LYONEL, c. Melesa Crakehall,
– o filho de Emmon, TION, um escudeiro cativo em Correrrio,
– o filho de Emmon, WALDER, chamado WALDER VERMELHO, um pajem em Rochedo Casterly,
– SOR AENYS, c. {Tyana Wylde}, morta após o parto,
– o filho de Aenys, AEGON NASCIDO-EM-SANGUE, um fora da lei,
– o filho de Aenys, RHAEGAR, c. Jeyne Beesbury,
– o filho de Rhaegar, ROBERT, um rapaz de treze anos,
– a filha de Rhaegar, WALDA, uma menina de dez anos, chamada WALDA BRANCA,
– o filho de Rhaegar, JONOS, um garoto de oito anos,
– PERRIANE, c. Sor Laslyn Haigh,
– o filho de Perriane, SOR HARYS HAIGH,
– o filho de Harys, WALDER HAIGH, um garoto de quatro anos,
– o filho de Perriane, SOR DONNEL HAIGH,
– o filho de Perriane, ALYN HAIGH, um escudeiro,
– de sua segunda esposa {SENHORA CYRENNA}, da Casa Swann:
– SOR JARED, seu filho mais velho, c. {Alys Frey},
– o filho de Jared, SOR TYTOS, c. Zhoe Blanetree,
– a filha de Tytos, ZIA, uma donzela de catorze anos,
– o filho de Tytos, ZACHERY, um rapaz de doze anos, em treino no Septo de Vilavelha,
– a filha de Jared, KYRA, c. Sor Garse Goodbrook,
– o filho de Kyra, WALDER GOODBROOK, um garoto de nove anos,
– a filha de Kyra, JEYNE GOODBROOK, com seis anos,
– SEPTÃO LUCEON, a serviço no Grande Septo de Baelor em Porto Real,
– da sua terceira esposa {SENHORA AMAREI}, da Casa Crakehall:
– SOR HOSTEEN, seu filho mais velho, c. Bellena Hawick,
– o filho de Hosteen, SOR ARWOOD, c. Ryella Royce,
– a filha de Arwood, RYELLA, uma menina de cinco anos,
– os filhos gêmeos de Arwood, ANDROW e ALYN, com três anos,

– SENHORA LYTHENE, c. Lorde Lucias Vypren,
– a filha de Lythene, ELIANA, c. Sor Jon Wylde,
– o filho de Elyana, RICKARD WYLDE, de quatro anos,
– o filho de Lythene, SOR DAMON VYPREN,
– SYMOND, c. Betharios de Bravos,
– o filho de Symond, ALESANDER, um cantor,
– a filha de Symond, ALYX, uma donzela de dezessete anos,
– o filho de Symond, BRADAMAR, um rapaz de dez anos, criado em Bravos como protegido de Oro Tendyris, um mercador dessa cidade,
– SOR DANWELL, c. Wynafrei Whent,
– {muitos natimortos e abortos}
– MERRETT, c. Mariya Darry,
– a filha de Merrett, AMEREI, chamada AMI, uma viúva de dezesseis anos, c. {Sor
– Pate do Ramo Azul},
– a filha de Merrett, WALDA, chamada WALDA GORDA, uma donzela de quinze anos,
– a filha de Merrett, MARISSA, uma donzela de treze anos,
– o filho de Merrett, WALDER, chamado PEQUENO WALDER, um garoto de oito anos, criado em Winterfell como protegido da Senhora Catelyn Stark,
– {SOR GEREMY}, morto afogado, c. Carolei Waynwood,
– o filho de Geremy, SANDOR, um rapaz de doze anos, escudeiro de Sor Donnel Waynwood,
– a filha de Geremy, CYNTHEA, uma menina de nove anos, protegida da Senhora Anya Waynwood,
– SOR RAYMUND, c. Beony Beesbury,
– o filho de Raymund, ROBERT, de dezesseis anos, em treino na Cidadela em Vilavelha,
– o filho de Raymund, MALWYN, de quinze anos, aprendiz de um alquimista em Lys,
– as filhas gêmeas de Raymund, SERRA e SARRA, donzelas de catorze anos,
– a filha de Raymund, CERSEI, de seis anos, chamada PEQUENA ABELHA,
– de sua quarta esposa {SENHORA ALYSSA}, da Casa Blackwood:
– LOTHAR, seu filho mais velho, chamado LOTHAR COXO, c. Leonella Lefford,
– a filha de Lothar, TYSANE, uma menina de sete anos,
– a filha de Lothar, WALDA, uma menina de quatro anos,
– a filha de Lothar, EMBERLEI, uma menina de dois anos,
– SOR JAMMOS, c. Sallei Paege,
– o filho de Jammos, WALDER, chamado GRANDE WALDER, um

garoto de oito anos

– criado em Winterfell como protegido da Senhora Catelyn Stark,

– os filhos gêmeos de Jammos, DICKON e MATHIS, com cinco anos,

– SOR WHALEN, c. Sylwa Paege,

– o filho de Whalen, HOSTER, um rapaz de doze anos, escudeiro de Sor Damon

– Paege,

– a filha de Whalen, MERIANNE, chamada MERRY, uma moça de onze anos,

– SENHORA MORYA, c. Flement Brax,

– o filho de Morya, ROBERT BRAX, de nove anos, criado em Rochedo Casterly como pajem,

– o filho de Morya, WALDER BRAX, um garoto de seis anos,

– o filho de Morya, JON BRAX, um bebê de três anos,

– TYTA, chamada TYTA, A DONZELA, uma donzela de vinte e nove anos,

– de sua quinta esposa {SENHORA SARYA}, da Casa Whent:

– nenhuma prole,

– de sua sexta esposa {SENHORA BETHANY}, da Casa Rosby:

– SOR PERWYN, seu filho mais velho,

– SOR BENFREY, c. Jyanna Frey, uma prima,

– a filha de Benfrey, DELLA, chamada DELLA SURDA, uma menina de três anos,

– o filho de Benfrey, OSMUND, um garoto de dois anos,

– MEISTRE WILLAMEN, a serviço em Solar de Longarco,

– OLYVAR, um escudeiro a serviço de Robb Stark,

– ROSLIN, uma donzela de dezesseis anos,

– de sua sétima esposa {SENHORA ANNARA}, da Casa Farring:

– ARWYN, uma donzela de catorze anos,

– WENDEL, o filho mais velho, um rapaz de treze anos, criado em Guardamar como pajem,

– COLMAR, prometido à Fé, com onze anos,

– WALTYR, chamado TYR, um garoto de dez anos,

– ELMAR, prometido a Arya Stark, um garoto de nove anos,

– SHIREI, uma menina de seis anos,

– sua oitava esposa, SENHORA JOYEUSE, da Casa Erenford, ainda sem prole,

– filhos naturais de Lorde Walder, de mães diversas,

– WALDER RIVERS, chamado WALDER BASTARDO,

– o filho de Walder Bastardo, SOR AEMON RIVERS,

– a filha de Walder Bastardo, WALDA RIVERS,

– MEISTRE MELWYS, a serviço em Rosby,

– JEYNE RIVERS, MARTYN RIVERS, RYGER RIVERS, RONEL

RIVERS, MELLARA RIVERS e outros.

Casa Greyjoy

Balon Greyjoy, Senhor das Ilhas de Ferro, liderou no passado uma rebelião contra o Trono de Ferro, subjugada pelo Rei Robert e por Lorde Eddard Stark. Embora seu filho Theon, criado em Winterfell, fosse um dos apoiadores e mais próximos companheiros de Robb Stark, Lorde Balon não se juntou aos homens do norte quando marcharam para as terras fluviais.

O selo dos Greyjoy é uma gigante lula dourada em fundo negro. Seu lema é *Nós Não Semeamos*.

BALON GREYJOY, Senhor das Ilhas de Ferro, Rei do Sal e da Rocha, Filho do Vento Marinho,

Senhor Ceifeiro de Pyke, capitão da *Grande Lula Gigante*,

– sua esposa, SENHORA ALANNYS, da Casa Harlaw,

– seus filhos:

– {RODRIK}, morto em Guardamar durante a Rebelião Greyjoy,

– {MARON}, morto em Pyke durante a Rebelião Greyjoy,

– ASHA, capitã do *Vento Negro*,

– THEON, protegido de Lorde Eddard Stark em Winterfell,

– seus irmãos:

– EURON, chamado OLHO DE CORVO, capitão do *Silêncio*, um fora da lei, pirata e corsário,

– VICTARION, Senhor Capitão da Frota de Ferro, mestre do *Vitória de Ferro*,

– AERON, chamado CABELO MOLHADO, um sacerdote do Deus Afogado,

– seu pessoal em Pyke:

– DAGMER, chamado BOCA RACHADA, mestre de armas, capitão do *Bebedor de Espuma*,

– MEISTRE WENDAMYR, curandeiro e conselheiro,

– HELYA, governanta do castelo,

– pessoas de Fidalporto:

– SIGRIN, um carpinteiro naval,

– os senhores seus vassalos:

– LORDE BOTLEY, de Fidalporto,
– LORDE WYNCH, de Bosque de Ferro,
– LORDE HARLAW, de Harlaw,
– STONEHOUSE, de Velha Wyk,
– DRUMM, de Velha Wyk,
– GOODBROTHER, de Velha Wyk,
– GOODBROTHER, de Grande Wyk,
– LORDE MERLYN, de Grande Wyk,
– SPARR, de Grande Wyk,
– LORDE BLACKTYDE, de Pretamare,
– LORDE SALTCLIFFE, de Salésia,
– LORDE SUNDERLY, de Salésia.

Casa Lannister

Os Lannister de Rochedo Casterly permanecem como o principal apoio da pretensão do Rei Joffrey ao Trono de Ferro. Seu selo é um leão dourado em fundo carmim. O lema Lannister é *Ouça-me Rugir!*

TYWIN LANNISTER, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste, Escudo de Lanisporto e Mão do Rei, no comando da tropa Lannister em Harrenhal,

– sua esposa, {SENHORA JOANNA}, uma prima, morta durante o parto,

– seus filhos:

– SOR JAIME, chamado REGICIDA, Protetor do Leste e Senhor Comandante da Guarda Real, irmão gêmeo da Rainha Cersei,

– RAINHA CERSEI, viúva do Rei Robert, gêmea de Jaime, Rainha Regente e Protetora do Território,

– TYRION, chamado DUENDE, um anão,

– seus irmãos:

– SOR KEVAN, seu irmão mais velho,

– a esposa de Sor Kevan, DORNA, da Casa Swyft,

– o pai da Senhora Dorna, SOR HARYS SWYFT,

– seus filhos:

– SOR LANCEL, antigo escudeiro do Rei Robert, feito cavaleiro após a morte do soberano,

– WILLEM, gêmeo de Martyn, um escudeiro, feito cativo no

Bosque dos Murmúrios,

– MARTYN, gêmeo de Willem, um escudeiro,

– JANEI, uma menina de dois anos,

– GENNA, sua irmã, casada com Sor Emmon Frey,

– o filho de Genna, SOR CLEOS FREY, feito cativo no Bosque dos Murmúrios,

– o filho de Genna, TION FREY, um escudeiro, feito cativo no Bosque dos Murmúrios,

– {SOR TYGETT}, seu segundo irmão, morto de varíola,

– a viúva de Tygett, DARLESSA, da Casa Marbrand,

– o filho de Tygett, TYREK, escudeiro do rei,

– {GERION}, seu irmão mais novo, perdido no mar,

– a filha bastarda de Gerion, JOY, com onze anos,

– seu primo, SOR STAFFORD LANNISTER, irmão da falecida Senhora Joanna,

– as filhas de Sor Stafford, CERENNA e MYRIELLE,

– o filho de Sor Stafford, SOR DAVEN,

– os senhores seus vassalos, capitães e comandantes:

– SOR ADDAM MARBRAND, herdeiro de Cinzamarca, comandante dos batedores de Lorde Tywin,

– SOR GREGOR CLEGANE, a Montanha Que Cavalga,

– POLLIVER, CHISWYCK, RAFF, O QUERIDO, DUNSEN e CÓCEGAS, soldados ao seu serviço,

– LORDE LEO LEFFORD,

– SOR AMORY LORCH, um capitão dos destacamentos logísticos,

– LEWIS LYDDEN, Senhor de Toca Funda,

– GAWEN WESTERLING, Senhor do Despenhadeiro, feito cativo no Bosque dos Murmúrios e mantido em Guardamar,

– SOR ROBERT BRAX e o irmão, SOR FLEMENT BRAX,

– SOR FORLEY PRESTER, do Dente Dourado,

– VARGO HOAT, da Cidade Livre de Qohor, capitão da companhia de mercenários chamada Bravos Companheiros,

– MEISTRE CREYLEN, seu conselheiro.

Casa Martell

DORNE foi o último dos Sete Reinos a jurar lealdade ao Trono de

Ferro. Tanto o sangue como os costumes e a história distinguem os homens de Dorne dos outros reinos. Quando estourou a guerra de sucessão, o Príncipe de Dorne manteve o silêncio e não participou.

O estandarte Martell é um sol vermelho trespassado por uma lança dourada. Seu lema é *Insubmissos, Não Curvados, Não Quebrados*.

DORAN NYMEROS MARTELL, Senhor de Lançassolar, Príncipe de Dorne,

– sua esposa, MELLARIO, da Cidade Livre de Norvos,

– seus filhos:

– PRINCESA ARIANNE, a filha mais velha, herdeira de Lançassolar,

– PRÍNCIPE QUENTYN, o filho mais velho,

– PRÍNCIPE TRYSTANE, o filho mais novo,

– seus irmãos:

– sua irmã, {PRINCESA ELIA}, casada com o Príncipe Rhaegar Targaryen, morta durante o Saque de Porto Real,

– a filha de Elia {PRINCESA RHAENYS}, uma menininha assassinada durante o Saque de Porto Real,

– o filho de Elia {PRÍNCIPE AEGON}, um bebê, morto durante o Saque de Porto Real,

– seu irmão, PRÍNCIPE OBERYN, o Víbora Negra,

– o pessoal de sua casa:

– AREO HOTAH, um mercenário norvoshi, capitão dos guardas,

– MEISTRE CALEOTTE, conselheiro, curandeiro e tutor,

– os senhores seus vassalos:

– EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela.

As principais casas vassalas de Lançassolar incluem: Jordayne, Santagar, Allyrion, Toland, Yronwood, Wyl, Fowler e Dayne.

Casa Tyrell

Lorde Tyrell de Jardim de Cima declarou seu apoio ao Rei Renly após o casamento dele com a filha Margaery, e trouxe a maior parte de seus principais vassalos para a causa de Renly. O símbolo dos Tyrell é uma rosa dourada em campo verde-relva. Seu lema é: *Crescendo Fortes*.

MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, Protetor do Sul, Defensor das Marcas, Supremo Marechal da Campina e Mão do Rei,

– sua esposa, SENHORA ALERIE, da Casa Hightower de Vilavelha,

– seus filhos:

– WILLAS, o mais velho, herdeiro de Jardim de Cima,

– SOR GARLAN, chamado GALANTE, o segundo,

– SOR LORAS, o CAVALEIRO DAS FLORES, o mais novo, Senhor Comandante da Guarda Arco-Íris,

– MARGAERY, sua filha, uma donzela de quinze anos, recentemente casada com Renly Baratheon,

– sua mãe viúva, a SENHORA OLENNA, da Casa Redwyne, chamada RAINHA DOS ESPINHOS,

– suas irmãs:

– MINA, casada com Lorde Paxter Redwyne, Senhor da Árvore,

– seus filhos:

– SOR HORAS REDWYNE, gêmeo de Hobber, escarnecido como Horror,

– SOR HOBBER REDWYNE, gêmeo de Horas, escarnecido como Babeiro,

– DESMERA REDWYNE, uma donzela de dezesseis anos,

– JANNA, casada com Sor Jon Fossoway,

– seus tios:

– GARTH, chamado o GROSSO, Senhor Senescal de Jardim de Cima,

– seus filhos bastardos, GARSE e GARRETT FLOWERS,

– SOR MORYN, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha,

– MEISTRE GORMON, um erudito da Cidadela,

– o pessoal de sua casa:

– MEISTRE LOMYS, conselheiro, curandeiro e tutor,

– IGON VYRWELL, capitão da guarda,

– SOR VORTIMER CRANE, mestre de armas,

– BOSSAS-DE-MANTEIGA, bobo, enormemente gordo.

Os Homens da Patrulha da Noite

A Patrulha da Noite protege o reino, e jurou não tomar parte em guerras civis e competições pelo trono. Tradicionalmente, em épocas de rebelião, honram todos os reis e não obedecem a nenhum.

Em Castelo Negro

JEOR MORMONT, Senhor Comandante da Patrulha da Noite, chamado VELHO URSO,

– seu intendente e escudeiro, JON SNOW, bastardo de Winterfell, chamado LORDE SNOW,

– o gigante lobo branco de Jon, FANTASMA,

– MEISTRE AEMON (TARGARYEN), conselheiro e curandeiro,

– SAMWELL TARLY e CLYDAS, seus intendentes,

– BENJEN STARK, Primeiro Patrulheiro, desaparecido para lá da Muralha,

– THOREN SMALLWOOD, patrulheiro chefe,

– JARMEN BUCKWELL, patrulheiro chefe,

– SOR OTTYN WYTHERS, SOR ALADALE WYNCH, GRENN, PYPAR, MATTHAR, ELRON, LARK, chamado HOMEM DAS IRMÃS, patrulheiros,

– OTHELL YARWYCK, Primeiro Construtor,

– HALDER, ALBETT, construtores,

– BOWEN MARSH, Senhor Intendente,

– CHETT, intendente e tratador de cães,

– EDDISON TOLETT, chamado EDD DOLOROSO, um escudeiro severo,

– SEPTÃO CELLADAR, um devoto ébrio,

– SOR ENDREW TARTH, mestre de armas,

– irmãos de Castelo Negro:

– DONAL NOYE, armeiro e ferreiro, sem um braço,

– HOBB TRÊS DEDOS, cozinheiro,

– JEREN, RAST, CUGEN, recrutas ainda em treinamento,

– CONWY, GUEREN, “corvos errantes”, recrutadores que recolhem rapazes órfãos e criminosos para a Muralha,

– YOREN, chefe dos “corvos errantes”,

– PRAED, CUTJACK, WOTH, REYSEN, QYLE, recrutas a caminho da Muralha,

– KOSS, GERREN, DOBBER, KURZ, DENTADAS, RORGE, JAQEN H’GHAR, criminosos a caminho da Muralha,

– LOMMY MÃOS-VERDES, GENDRY, TARBER, TORTA QUENTE,

ARRY, rapazes órfãos a caminho da Muralha.

Em Atalaialeste do Mar

COTTER PYKE, Comandante, Atalaialeste,
– SOR ALLISER THORNE, mestre de armas,
– irmãos de Atalaialeste:
– DAREON, intendente e cantor.

Na Torre Sombria

SOR DENYS MALLISTER, Comandante, Torre Sombria,
– QHORIN, chamado MEIA-MÃO, patrulheiro-chefe,
– EBBEN, cobra das pedras, patrulheiros.

Agradecimentos

Mais detalhes, mais diabos.

Dessa vez, os anjos que me ajudaram a enterrá-los incluíram Walter Jon Williams, Sage Walker, Melinda Snodgrass e Carl Keim.

Agradeço também aos meus pacientes editores, Anne Groell, Nita Taublib, Joy Chamberlain, Jane Johnson e Malcolm Edwards.

E, por fim, tiro meu grande elmo a Parris, por seu Café Mágico, o combustível que construiu os Sete Reinos.

O NORTE
A COSTA GELADA
BAÍA DE GELO
Ilha dos Ursos
A MURALHA
Floresta Assombrada
Skane
Torre Sombria
Castelo Negro
Atalaia leste do Mar
BAÍA DAS FOCAS
Lago Longo
Colinas Solitárias
Rio Ultimo
Karhold
Forte do Pavor
Águas Cinzentas
N
Winterfell
Atalaia do Lobo
Estrada do Rei
Faca Branca
Praça de Torrhen
TERRAS ACIDENTADAS
Vila Acidentada
Rama Pedida
Ariele
Porto Branco
Atalaia da Viúva
Fosso Caitlin
Castelo Velho
O GARGALO
DENTADA
Vilirmãs
Três Irmãs
Os Dedos
Atalaia da Água Cinzenta
As Gêmeas
Ilhas de Ferro
Pedamare
Montrasgo
Guardamar
Rama Verde
Rama Azul
Ninho da Águia
VALE DE ARRYN
Passo Sangrento
Salt ea
Pyke
Mapa por James Sinclair
Correrrio
Rama Vermelha

O Sul
N
Três Irmãs
Os Dedos
Aguafria
Bosque Afundado
As Gêmeas
Ilhas de Ferro
Prelamare
Montrasgo
Guardamar
Rama Verde
Castelforte
Ninho da Águia
VALE DE ARRYN
Rama Azul
Âncora Velha
Pyke
Salesta
Forte Desgraça
Feteajusta
Tridente
Passo Sangrento
Ferrobles
Vila Gatholas
Palharruna
Rama Vermelha
Forte Vermelho
Pedregosa
Correrrio
Baía dos Caranguejos
Harrenhal
Ilha Quieta
Olho de Deus
Estrada do Rei
Donselarrosa
Dente Dourado
Hades
Pouso de Gralhas
Valecorno
Campos Sagrados
Rochedo Caderly
Tipca Funda
Pedra do Dragão
Lannisporto
Ponta Afiada
Estrada do Ouro
Porto Real
Bosquedouro
Bailepedra
Campodemilho
CAMPINA
Lago Vermelho
Malaterres
Solardeprata
Solar de Montefeno
Tarth
Estrada do Mar
Carvalho Velho
Estrada do Rosa
Vale d'Erva
Arrotaval
Vyre
Mesalonga
Ponta Tempestade
Poleiro do Grifo
BAÍA DOS NAUFRÁGIOS
Jardim de Cima
Casais de Chuva
Ninho de Corvo
MARCA DE DORNE
Morte Chifre
Pedrelmo
Malabruma
Poleiro do Abutre
Cabo da Furia
Bandallon
Estermonte
MAR DE DORNE
Tumbarreal
Vilavelha
Terralas
Ghaston Grey
Monprelo
Corsonegra
Três Torres
Alto Ermitério
Tor
Colina Fantasma
Torrbadella
DORNE
Braço Partido
Graça dos Deuses
Casasolar
Arendo
Lançasolar
Vath
Vath
Costa do Sal
Limoeiros
Árvore
Mapa por James Sinclair